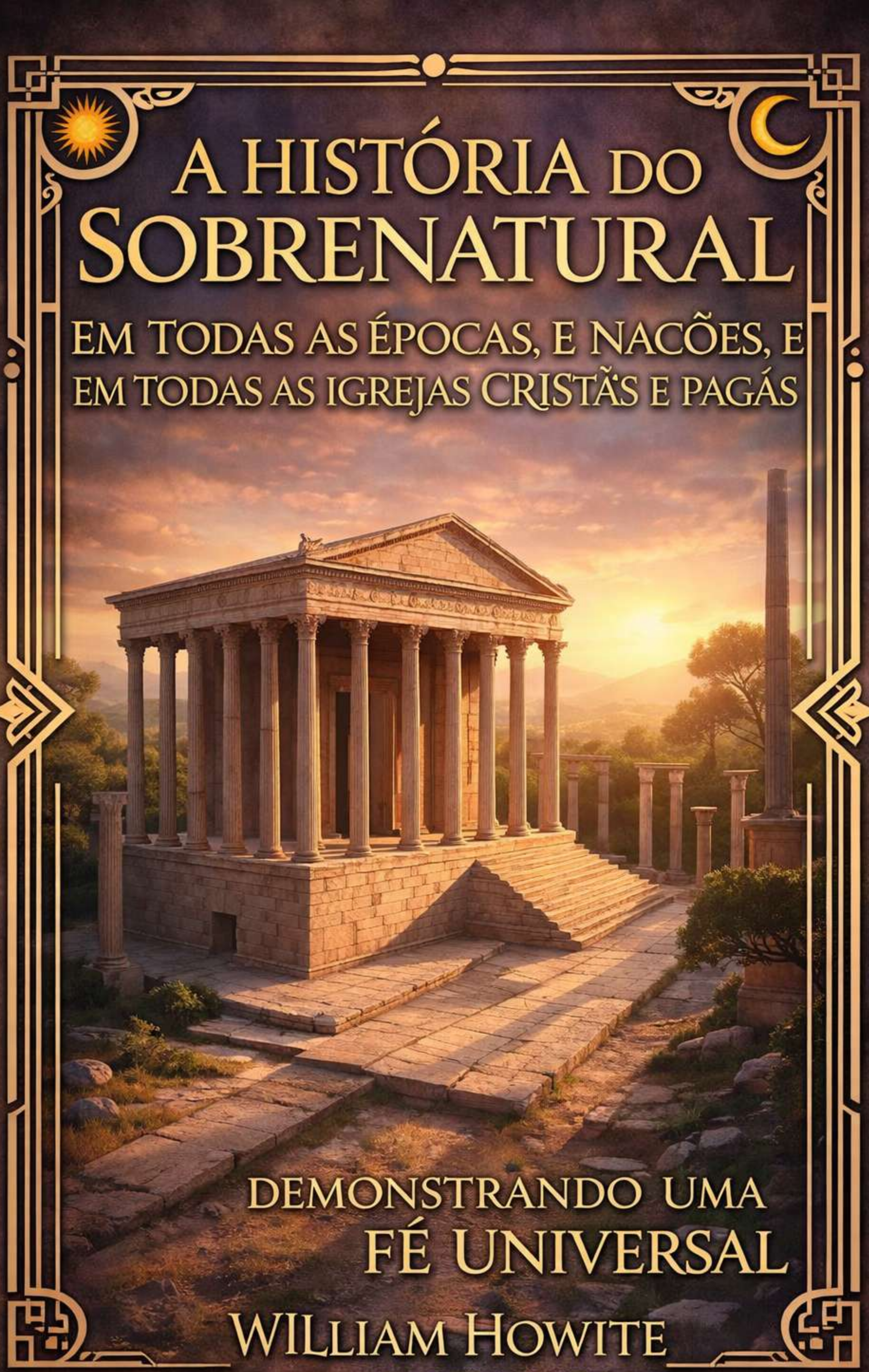
A HISTÓRIA DO SOBRENATURAL

EM TODAS AS ÉPOCAS, E NACÕES, E EM TODAS AS IGREJAS CRISTÃS E PAGÁS



DEMONSTRANDO UMA FÉ UNIVERSAL

WILLIAM HOWITE

TRAĎÚGAO: AMADEU ANTÔNIO

«A história dos espíritos não está fechada, o teu sentido está fechado, o teu coração está morto.»

GOETHE: Faust.

«Há dois cursos da Natureza – o ordinário e o extraordinário.»

Analogia de BUTLER.

«Não podes chamar de loucura aquilo de que foste provado saber nada.»

TERTULIANO, Apologia I.

EM DOIS VOLUMES

LONDRES: LONGMAN, GREEN, LONGMAN, ROBERTS, & GREEN. 1863

PREFÁCIO

O Autor desta obra entende por Sobrenatural a operação daquelas leis mais altas e mais recônditas de Deus com as quais, estando ainda mas imperfeitamente familiarizados, denominamos os seus efeitos milagrosos, ou, fechando firmemente os olhos, negamos a sua existência por completo.

Longe de considerar que o que são chamados milagres são interrupções, ou violações, do curso da natureza, ele os considera apenas como os resultados de leis espirituais, que na sua ação ocasional subjugam, suspendem ou neutralizam as leis físicas menos poderosas, assim como uma afinidade química mais forte subjuga uma mais fraca, produzindo novas combinações, mas combinações estritamente de acordo com as leis coletivas do universo, quer compreendidas quer ainda não compreendidas por nós.

Numa época em que tantas objeções são levantadas a porções da narrativa das Escrituras, que perturbam as mentes dos homens e os assombram com miseráveis presságios, o Autor pensou ser da mais alta importância trazer para uma visão abrangente as declarações dos historiadores e filósofos mais eminentes de todas as épocas e nações sobre as manifestações dessas agências espirituais entre eles, que nós, por falta de conhecimento adicional, denominamos sobrenaturais.

Ver-se-á que ele reuniu uma massa de evidências de todas as épocas e povos, mesmo até aos nossos próprios tempos, como registado pelos seus autores maiores e mais acreditados, tão avassaladora, que somos assim

reduzidos a este dilema; – ou rejeitar esta evidência universal, pela qual inevitavelmente reduzimos toda a história a uma ficção gigantesca, e destruímos todo o apelo à sua decisão em qualquer questão que seja; ou aceitá-la, caso em que nos encontramos face a face com um princípio do caráter mais autoritário para a solução de enigmas espirituais e o estancamento do progresso fatal da infidelidade.

O que é mais; à história do passado total, o autor traz a evidência de um grande corpo de pessoas inteligentes em quase todos os países da Europa, bem como na América, onde contam por milhões, que confirmam o veredicto de toda a história neste ponto pela sua própria experiência familiar.

O Autor adiciona as suas próprias conclusões de um exame prático destes fenómenos mais altos ao longo de um curso de sete anos.

Assim, toda a história passada sendo apoiada por uma vasta experiência presente, o Autor considera a consideração cândida deste agregado de evidência histórica como o dever mais alto do dia para todos os que consideram as esperanças mais sagradas e o progresso moral da humanidade.

Se esta evidência for encontrada conclusiva – e não pode ser encontrada de outra forma exceto ao custo de toda a veracidade histórica – então apresenta uma barreira intransponível ao objetivo último e sombrio do ceticismo, e torna fácil a aceitação dos eventos maravilhosos das Sagradas Escrituras.

Uma vez admitida como verdade histórica e presente, fornece necessariamente o único antídoto concebível à grande doença psicológica do tempo; pois nada pode jamais deter eficazmente o conflito de palavras e opiniões que dura há séculos, senão o término brusco e intransponível do facto.

Os críticos teológicos em Inglaterra, quando afirmam que tudo está sujeito à lei, pensam que explodiram todo o milagre, como se o milagre não fosse ele próprio uma lei.

Estes senhores presumem que conhecem todas as leis de Deus, ou da Natureza, como preferem chamar o Poder infinito, quando veem todos os dias novas leis descobertas.

Um miraculum, ou coisa para ser admirada, é apenas tal devido à nossa ignorância; e qual deve ser a ignorância da teologia sã em Inglaterra quando vemos os nossos professores de divindade, que foram disciplinados e educados nas escolas nacionais mais altas, reduzidos à necessidade de

regatear os restos dos estudos dos professores alemães e apanhar como prémios valiosos os seus velhos cachimbos partidos e botas descartadas.

Não é desprimor para os 'Ensaios e Críticas' ou para o livro do Bispo Colenso dizer que não há um único argumento ou descoberta novos neles, porque é impossível produzir tais.

Os alemães têm vagões cheios deste tipo de crítica, que deixam todos esses folhetos como os lugares-comuns mais gastos.

Tenhamos crítica bíblica livre por todos os meios, mas tenhamos pelo menos algo novo.

Os nossos teólogos só agora ouviram o alarme desta guerra bíblica que começou com Ludovicus Capellus há quase 250 anos?

São eles ignorantes de que não há uma dificuldade na cronologia, nas estatísticas, na paleologia, na metafísica, ou nas declarações históricas da Bíblia, que não tenha sido apreendida, caçada, virada de todos os lados, e virada do avesso, sondada, analisada e testada de todas as maneiras imagináveis, por uma longa linha dos matemáticos, lógicos, linguistas, orientalistas e críticos de presas afiadas mais agudos desde Capellus até Schleiermacher e Bunsen; desde os nossos próprios Hobbes e Tindal até ao Hume que despreza milagres, desde Spinoza até ao que os alemães chamam o seu grande generalíssimo da incredulidade – Strauss.

Para não falar dos nossos próprios críticos bíblicos desde Kennicott até Hartwell Horne, nem de Michaelis, Griesbach, Semler, Bengel, Tholuck, Neander, Kurtz, Hengstenberg, Havernick, Ewald, De Wette, Bleek, Kuenen, mais ou menos favoráveis à revelação; os metafísicos alemães, Kant, Fichte, Hegel, e o resto, entraram em auxílio da longa linha de combatentes céticos, e pisotearam a arena do combate bíblico num lamaçal de destruição para toda a novidade neste departamento.

E qual é o resultado?

Ninguém duvida que há lugares fracos na narrativa antiga da Bíblia: ninguém supõe que possa ser de outra forma com o livro mais antigo do mundo, cuja história ascende muitos milhares de anos além de toda a história escrita.

Ninguém pode ser ignorante depois de tão longa e cuidadosa comparação de declaração e contradeclaração, que o tecido da história das Escrituras se ergue como algum palácio antigo, desgastado pelo tempo mas sólido na substância.

Os seus remates podem estar batidos pelo tempo; as suas esculturas, aqui e ali, podem ter perdido a sua nitidez; mãos ignorantes podem ter interpolado alguns barbarismos de escultura, algumas luzes de janelas discordantes, mas ergue-se grandioso e harmonioso como um todo; sólido e profundo nas suas fundações, e inabalável na sua força.

E quanto ao milagroso na Bíblia – o Autor na sua obra sobre a Alemanha em 1842 escreveu esta passagem: – 'Retirem a porção milagrosa da história judaica, e retiram o todo, pois está construída inteiramente sobre uma fundação milagrosa.

Retirem isso e conectam os seus grandes atores – sim, o próprio Cristo – com loucos e impostores.

Não há casa a meio caminho neste percurso; e portanto os Católicos têm ocasião suficiente para dizer que "o Protestantismo é apenas uma autoestrada escorregadia para o Deísmo." Os filósofos alemães estão tão conscientes disto que nos dizem que os ingleses se tornarão tão céticos quando se tornarem "tão filosóficos."'

Levou-nos então vinte anos para nos tornarmos, não filosóficos, mas meramente para chegarmos à capacidade de vasculhar os montes de lixo dos racionalistas alemães.

A tal condição havia este espírito de negação reduzido aqueles professores naquela época que Schelling estava a lecionar contra isso, e disse – 'Vem agora deste lado, perigo para a própria filosofia.

Já estão preparados aqueles que professam apenas visar uma filosofia particular, mas no fundo querem dizer toda a filosofia, e nos seus corações dizem, não haverá mais filosofia alguma.'

E agora quanto ao Sobrenatural?

A resposta está nestes volumes.

Se pudessem esmagá-lo na Bíblia, resta ainda uma pequena tarefa para vós – deveis esmagá-lo no universo inteiro, e para fazer isso deveis esmagar o universo com ele, pois existe em todo o lado, e as suas raízes estão na fundação de todas as coisas.

CAPÍTULO I

UMA APOLOGIA PELA FÉ NO SÉCULO XIX

"Tous pensent, personne n'ose dire. Pourquoi? Le courage manque done? Oui; mais pourquoi manque-t-il? Parceque la vérité trouvée n'est pas assez nette encore; il faut qu'elle brille en sa lumière, pour qu'on se dévoue pour elle. Elle éclate enfin, lumineuse, dans un génie, et elle le rend héroïque, elle l'embrase de dévouement d'amour et de sacrifice. Elle le place sur son cœur, et va à travers les lions."

"Todos pensam, ninguém ousa dizer. Porquê? Faltará coragem? Sim; mas porquê falta ela? Porque a verdade encontrada ainda não é suficientemente clara; é preciso que brilhe na sua luz, para que alguém se dedique a ela. Ela irrompe finalmente, luminosa, num génio, e torna-o heroico, incendeia-o de dedicação, de amor e de sacrifício. Coloca-o no seu coração, e ele segue em frente entre os leões."

MICHELET

Nas minhas artigos no 'Spiritual Telegraph' sobre a história maravilhosa dos Profetas dos Cevennes, esforcei-me por demonstrar que, embora possa haver, de tempos a tempos, manifestações mais extraordinárias da influência do mundo espiritual operando no mundo encarnado, o princípio é universal e pertence a todos os tempos e nações; como parte essencial da economia de Deus na Sua educação da raça humana, tal como o nascer e o pôr do sol.

Desde que escrevi isso, cada dia me convenceu ainda mais do grande facto assim afirmado. Não há parte da história humana, ou da literatura humana, que não abunde nas demonstrações mais claras desta influência. Encontramo-la em quase todos os livros que abrimos; temo-la nas Escrituras da primeira página à última, desde a Criação até Cristo, um período de 4000 anos.

Temo-la em toda a literatura contemporânea; na grega, na romana, na egípcia, na persa, na indiana e na árabe. Brilha no Zend-Avesta; ergue-se como uma montanha nos Vedas; Buda vive nela em devaneio divino; Brama proclama-a nos seus Avataras; é o próprio sangue vital dos Eddas escandinavos. Ali -

tudo sucede à vontade,
porque os Odreijer
agora desceram
à velha, santa terra.

Se formos para nações que nunca tiveram literatura, esta verdade eterna caminha lá em toda a sua força. Os índios americanos do Norte e do Sul tinham-na séculos antes da chegada do homem branco. Os Homens Vermelhos sentiam as inspirações do Grande Espírito nas suas florestas, e falavam inspirados por ele nos seus conselhos. Declaravam que os anjos do Grande Espírito caminhavam como amigos entre os seus antepassados.

Os mexicanos profetizavam um povo vindo num navio do Oriente para lhes tirar a soberania há muito possuída. Os nativos australianos recusam-se a sair à noite porque pensam que então os poderes das trevas estão em ascendente. O Obi dos africanos fala a mesma linguagem. A convicção da contiguidade permanente do espiritual pressiona as paredes terrestres da humanidade onde quer que o espírito viva.

Passando da Bíblia para o livro que contém os escritos mais finos a seguir à Bíblia, o Apócrifo, encontramos o mesmo grande princípio tomando a sua posição fácil e natural, como um agente perpétuo na história humana. Josefo retoma-o com a mesma certeza sóbria com que pega na sua pena. Temos os feitos milagrosos dos Macabeus; temos a grande aparição do cavalo e cavaleiro de fogo, e dos jovens radiantes que puniram a intrusão de Heliodoro no Templo de Jerusalém.

Temos o arauto inspirado de desgraça, e as aparições e prodígios temíveis do cerco da cidade sagrada. Os pais da Igreja receberam o milagroso como parte da sua herança evangélica. A Igreja Cristã, romana, grega e valdense, nunca, por um momento, duvidou das demonstrações sobre-humanas da sua religião. Cada página das suas várias histórias está carregada com o milagroso. Que alguém leia a história da Igreja Grega, e da antiga e nunca secularizada Igreja dos Valdenses.

Que alguém leia os dois volumes massivos do Rev. Alban Butler, da 'História dos Santos', e os quatro volumes da 'História dos Santos Ingleses' de Newman, e adicione-lhes as 'Lendas dos Santos' de Mrs. Jameson. Nestes, o fluxo perpétuo de milagre corre sem uma ruga de dúvida. Temos homens piedosos e mulheres piedosas em todas as épocas curando doenças, extinguindo a violência de fogos, caminhando sobre águas, ressuscitando os mortos, como assuntos pertencentes à vida e ao negócio do Cristianismo.

Roma, para fins seculares, inventou ou falsificou algumas destas coisas? Sem dúvida. Mas e então os Valdenses, que não tinham propósito mundano? E devemos acreditar que os homens mais santos de todas as épocas – homens que não buscavam vantagens ou glória terrenas, e não evitavam sofrimento ou vergonha – estão combinados numa mentira

monstruosa que cada época poderia refutar? A esse respeito, Roma apenas vai com todas as outras Igrejas, e todos os outros registos.

E, finalmente, temos esta doutrina de protrusão espiritual mantida pelos grandes líderes do Protestantismo; por Lutero, Melâncton, Calvino, Martin Bucer, Erasmo, Knox; por alguns dos grandes bispos da Igreja Anglicana; pela própria Igreja na Coleta de São Miguel e Todos os Anjos, e em várias outras porções do Livro de Oração Comum; pelos fundadores de cada escola de dissidência; por professores e filósofos estrangeiros; Oberlin, Böhme, Swedenborg, Zschokke, Lavater, Stilling, Kerner, &c.; e pelos mais eminentes dos grandes poetas e filósofos modernos, Milton, Bacon, Boyle, Dante, Wordsworth, Byron, Shelley, &c.

Assim, todos os tempos e regiões, e homens grandemente dotados e inspirados, mantiveram firmemente, nas suas várias épocas e lugares, pela cadeia dourada do sobrenatural, que nós agora também agarramos.

É a Lex Magna, o grande dogma do universo; é aquela –

> voz de Deus, sussurrando perto dentro de nós,
> 'Miserável, isto é vilania, e isto é pecado',

de Homero, que se rebela impacientemente contra o sofisma que baniria a companhia etérea desta esfera material. É verdade, houve em muitas épocas uma pitada de saduceus, um pequeno nó de homens espiritualmente aleijados, como houve corporalmente aleijados; mas o grande total do mundo saudável sentiu o aperto sempre não relaxado da vida do invisível que nos rodeia.

Só desde Hobbes, e Tindal, e Hume, e os seus discípulos continentais, os Iluminados da Alemanha, e os Enciclopedistas de França, cuja fé na não-fé culminou na Revolução Francesa, é que o toque de torpedo do saduceísmo pôde entrar na educação, e paralisar a ciência, a teologia e a literatura de uma época.

Pode isto perdurar? Impossível! O poder de toda a natureza, o ímpeto de toda a história do homem, está contra isso. Tão bem poderíamos esperar que um eclipse se tornasse permanente; que a cólera ou a peste grassassem para sempre. A condição natural da humanidade é aliança com o espiritual; o anti-espiritual é apenas uma epidemia – uma doença. Venham então, vejamos a verdade na face da natureza e confirmemos as nossas almas na sua universalidade.

Passeemos pelos vastos campos de milho do sobrenatural, ou, na frase moderna, do Espiritualismo. Ergamos os olhos e vejamos que estão

brancos para a colheita. Há imensidades de grão armazenado nesses celeiros, as bibliotecas, que aqueles que quiserem podem debulhar. Há também colheitas de pé – algumas verdes, algumas ainda leitosas na espiga, algumas douradas para a foice – entre as quais podemos vaguear; e enquanto puxamos as espigas com aristas pelas nossas mãos, podemos ouvir as cotovias, os poetas de todas as épocas, gorjeando acima das nossas cabeças.

Ouvir Hesíodo cantar –

> espíritos aéreos, por grande Júpiter designados
> para serem na terra os guardiães da humanidade.

Ouvir Homero dizer-nos que,

> em similitude de estranhos, muitas vezes
> os deuses, que podem com facilidade assumir todas as formas,
> reparam para cidades populosas.

Sentar-nos-emos junto a riachos de canaviais ao sol, enquanto o trigo embatalhado sussurra nos nossos ouvidos, e Sócrates nos dirá, como disse a Fédon, 'não ser inferiores aos cisnes no que respeita à adivinhação, que, quando devem morrer, embora tenham sido usados para cantar antes, cantam então mais do que nunca, regozijando-se por estarem prestes a partir para aquela divindade cujos servos são. Mas os homens, pelo seu próprio medo da morte, caluniam também os cisnes, e dizem que eles, lamentando a sua morte, cantam a sua última canção por tristeza; e não consideram que nenhum pássaro canta quando tem fome, ou frio, ou está aflito com qualquer outra dor, nem mesmo o rouxinol ou a andorinha, ou as poupas, que, dizem, cantam lamentando por tristeza.

Mas nem estes pássaros me parecem cantar por tristeza, nem os cisnes; mas, na minha opinião, pertencendo a Apolo, são proféticos, e, percebendo as bênçãos do Hades, cantam e regozijam-se nesse dia mais excelentemente do que em qualquer outro tempo. Eu também me considero um companheiro de serviço dos cisnes, e sagrado ao mesmo deus, e recebi o poder de adivinhação do nosso mestre comum não menos do que eles, e não parto desta vida com menos espírito do que eles.'

Ouvir-nos-emos Platão, no seu 'Eutífron', falando dos anti-espiritualistas do seu dia: – Eu também, quando digo algo na assembleia pública concernente a coisas divinas, e predigo-lhes o que vai acontecer, eles ridicularizam como louco; e embora nada do que predisse tenha deixado de se tornar verdade, ainda assim invejam todos os homens como nós. No entanto, não devemos prestar-lhes atenção, mas prosseguir o nosso próprio curso.'

Estaremos com 'Ruth no meio do milho alheio' de outras terras, e o bom Boaz do campo, o espírito-mestre do mundo, ordenará aos seus jovens que nos deixem cair punhados enquanto ceifam.

Nestes campos alheios mas aparentados, Dante dar-nos-á passagens maravilhosas da sua 'Vita Nuova'; Ariosto encantar-nos-á com milagres em florestas e desertos; e Boccaccio misturará o maravilhoso com histórias de vida cavaleiresca e citadina.

Schiller, e até o homem-mundo Goethe, abrir-nos-ão vislumbres para as regiões fervilhantes daqueles que não estão mortos, mas foram antes. Teremos um dia com Fénelon e Pascal nos clareiras monásticas, e entre os claustros da velha França.

Por agora, no entanto, digamos algumas palavras sobre as dificuldades da Fé para homens construídos, como cavaleiros e freiras encerrados de outrora, nas paredes ocas de uma educação de um só olho.

Na obra menor de Townshend sobre 'Mesmerismo', encontramos a seguinte anedota: – Um médico de Antuérpia foi permitido numa sessão impor os seus próprios testes; o objeto da sessão sendo demonstrar visão por meios anormais. Ele disse de antemão, "Se a sonâmbula me disser o que está no meu bolso, acreditarei."

A paciente tendo entrado em sonambulismo, foi-lhe perguntado por ele a questão, "O que está no meu bolso?" ela imediatamente respondeu, "Uma caixa de lancetas."

"É verdade," disse o médico, algo surpreendente; "mas a jovem pode saber que sou da profissão médica, e que é provável que carregue lancetas, e isto pode ser um palpite; mas se ela me disser o número das lancetas na caixa, acreditarei." O número de lancetas foi dito. O cético ainda disse, "Ainda não posso acreditar; mas se a forma da caixa for descrita com precisão, devo render-me à convicção." A forma da caixa foi descrita com precisão.

"Isto certamente é muito singular," disse o médico, muito, de facto; mas ainda não posso acreditar; mas se a jovem me puder dizer a cor do veludo que forra a caixa que contém as lancetas, realmente devo acreditar." A questão sendo posta, a jovem disse diretamente, "A cor é azul escuro."

O médico admitiu que ela estava certa; no entanto, foi-se embora repetindo, "Muito curioso, no entanto ainda não posso acreditar." Nem o médico poderia ter acreditado se tivesse recebido uma quantidade de evidência tão grande como a Catedral de Antuérpia. Como pode uma pedra mover-se? Como pode um homem petrificado acreditar?

E os cientistas, como classe, estão petrificados pela sua educação nos princípios não espirituais da última geração. Estes princípios são o resíduo da escola ateísta e materialista da Revolução Francesa.

O ateísmo é renegado, mas o fermento descrente permanece, e permanecerá por muito tempo.

Apegar-se-á aos científicos como um sudário de morte, e desqualificá-los-á totalmente para pesquisa independente na natureza interna do homem, e das suas propriedades e perspetivas como ser imortal.

Esta educação selou o seu olho espiritual, e deixou-lhes apenas o físico. Estão tão totalmente desqualificados para pesquisa psicológica como um cego para pesquisa física. São grandemente de lamentar, pois estão numa condição miseravelmente mutilada e deplorável. Não é deles que temos de esperar grandes descobertas na mente; cuidemos apenas que não atirem as suas cargas de barro profissional, os seus refugos de dissecações humanas, sobre os sujeitos de inquérito, por naturezas mais perfeitas e não petrificadas. Tais naturezas, como afirmei, existiram em todos os tempos, até à paralisia que caiu sobre os homens na última época.

Como é diferente o tom, como mostrarei daqui em diante, em quase todos os grandes escritores do período imediatamente precedente! Que credo diferente é promulgado por Sir Thomas Browne, que viveu no século XVII!

Na sua 'Religio Medici' diz, 'Devemos certamente a descoberta de muitos segredos à descoberta de bons e maus anjos. Nunca posso passar aquela sentença de Paracelso sem um asterisco de admiração: "Os nossos bons anjos revelam muitas coisas àqueles que buscam nas obras da natureza!" Penso que muitos mistérios atribuídos às nossas próprias invenções foram as revelações corteses de espíritos; pois aquelas nobres essências no céu têm um olhar amigável para as suas naturezas companheiras na terra; e eu, portanto, acredito que aqueles muitos prodígios e prognósticos ominosos que precedem a ruína de estados, príncipes e pessoas privadas, são as premonições caritativas de bons anjos, que inquiridores mais descuidados chamam apenas efeitos do acaso e da natureza.'

E aludindo à escola de Hobbes, que começava a lançar o seu nevoeiro escuro sobre a fé até então brilhante dos homens, adiciona: 'A escola severa nunca me rirá para fora da filosofia de Hermes, que este mundo visível é apenas um quadro do invisível, no qual, como num retrato, as coisas não são verdadeiramente, mas em formas equívocas, e como contrafeitas alguma substância real naquela fábrica invisível.'

Como diferente dos homens espertos do nosso tempo! e no entanto Sir Thomas era considerado um dos intelectos mais agudos da sua era.

Os nossos homens de ciências e de letras aderem ao credo de morte de Hobbes, Diderot e Companhia, e no entanto, não o sabendo, não podem acreditar em qualquer grande facto espiritual novo em qualquer quantidade de evidência. A mesma classe petrificada de pessoas no tempo de Cristo só ficava mais enfurecida por evidência acumulada. Quando por fim não podiam mais descrer de Cristo, determinaram matá-lo. Embora vissem que os Seus milagres eram todos beneficiações, mesmo até à ressurreição dos mortos, só ficavam mais irritados por isso.

Em vez de derreter a sua petrificação, o brilho da evidência fazia-os sentir a sua escravidão pétrea, sem serem capazes de quebrá-la; e ficavam mais apertados e constrangidos pelos seus preconceitos educacionais.

Nas suas dores, a natureza expandindo as suas perceções, mas não os seus corações, e o hábito e o orgulho ainda comprimindo-os com um aperto mortal, ficavam furiosos, e já não gritavam que Cristo era um impostor e enganador, mas que Ele fazia coisas boas, e que se O deixassem continuar, o mundo inteiro iria atrás Dele. Portanto, prenderam-No e mataram-No! Esta é uma imagem terrível da natureza eterna do orgulho profissional e da educação materialista, e é a imagem precisa dos científicos e profissionais de hoje como era da mesma classe no tempo de Cristo.

'Não muitos sábios, não muitos eruditos, não muitos grandes deste mundo' acreditaram Nele. Os fariseus e sumos sacerdotes perguntaram, 'Qual dos governantes e fariseus acreditou nestas coisas?' Assim agora, como então, é dos não preconceituosos, e muitas vezes dos não educados, que a capacidade para receber novas verdades, em evidência simples e palpável, é de esperar.

Os recetores gerais de factos frescos são homens e mulheres acostumados a usar os seus próprios olhos, e não os óculos de supostos homens eruditos e teorias eruditas. Na Califórnia e na Austrália não foram os geólogos que puderam encontrar o ouro, mas os homens simples e comuns que o procuraram não por conversa de estratos, e primários, e terciários, idades Paleozóicas e Silúricas, mas simplesmente escavando atrás dele.

Muito antes de Sir Roderick Murchison ter predito ouro na Austrália, ou o Conde Strzelecki e o Rev. W. B. Clarke o terem encontrado lá, os condenados cortando a estrada de Sydney através das Montanhas Azuis tinham-no reunido em quantidades (ver o meu 'Dois Anos em Victoria, vol. ii. p. 254).

Há muito os pastores de Victoria recolhiam e traziam pepitas para vender em Melbourne, onde ninguém acreditava na sua história, mas insistia que essas pepitas tinham sido introduzidas de algum outro país.

Mas, o mais estranho de tudo é o facto afirmado por Mr. Davison na sua obra elaborada, 'Descoberta e Geognosia de Depósitos de Ouro na Austrália', que Mr. Stutchbury – que, por recomendação de Sir Roderick Murchison, foi enviado pelo nosso Governo para a Austrália como o geólogo mais adequado para encontrar ouro, se houvesse algum – não pôde encontrar um traço.

E em 1851, quando o Secretário Colonial anunciou a Mr. Stutchbury que Hargraves, um escavador não educado, tinha encontrado um campo de ouro na vizinhança de Bathurst, esse senhor respondeu oficialmente que tinha estado a explorar esse mesmo quarto há algum tempo, e 'não via evidência alguma de um metal precioso nos distritos ocidentais.'

Tais foram os resultados da ciência; mas os homens não teorizados conheciam uma pá e uma picareta, e conheciam ouro quando o viam, e assim ensacaram o metal, enquanto os eruditos ensacavam apenas uma quantidade de conversa vaporosa sobre xisto clorítico, e rochas talcosas, e depósitos permianos. O paralelo mantém-se bom na escavação de ouro psicológico. Devem ser homens com todos os sentidos não queimados, com todos os membros perfeitos e saudáveis, e os olhos e mentes livres como Deus e a Natureza os fizeram, para buscar e encontrar a verdade.

Nenhum homem pela metade, nenhum paralítico, que perdeu o uso de um lado, e esse o melhor lado, das suas estruturas intelectuais, através dos hábitos viciosos de um processo educacional, se tornará alguma vez os pioneiros do conhecimento das regiões ainda não descobertas da natureza humana.

Tão bem poderíeis colocar uma senhora chinesa, com todos os dedos dos pés amassados, a correr contra um árabe de sangue puro pelo Derby. Esperemos por uma educação mais racional dos homens profissionais, quando a natureza e a observação tomarem o lugar da teoria e do orgulho da teoria.

Até então devemos prosseguir sem eles; não podemos esperar por homens que, como diz Wordsworth,

> foram amamentados num credo pagão gasto.

O grande poeta diz-nos que os gregos sentiam

> uma presença espiritual, por vezes mal concebida,
> mas ainda uma alta dependência, uma bênção divina

e governo que lhes enchiam os corações
de alegria e gratidão e paz e amor.

E pergunta:

Deverão os homens para quem a nossa época
preparou poderes de visão não frustrados,
para explorar o mundo exterior e o mundo interior,
ser sem alegria como os cegos? Almas ambiciosas,
a quem a terra nesta estação tardia produziu
para regular as esferas em movimento, e pesar
os planetas na concavidade da sua mão;
e aqueles que preferem mergulhar do que voar, cujas dores
resolveram os elementos, ou analisaram
o princípio pensante, deverão eles, de facto,
provar uma raça degenerada? E de que vale
o renome, se a sua presunção os torna tais?
Oh, há riso no céu pelo seu trabalho!
Inquiri da sabedoria antiga; ide demandar
da poderosa Natureza se alguma vez foi pretendido
que sondássemos, ainda assim não elevados,
que observássemos, enquanto espertamos?

Estes que se debruçam e se esvaem, que pensam –

o nosso quadro vital tão temivelmente concebido,
e a alma temível dentro dele, deveriam existir
apenas para ser examinados, ponderados, pesquisados,
somente para serem sondados, vexados e criticados;

Estes homens microscópicos, que não terão evidência de coisas que não possam pegar com o polegar e os dedos, átomos que possam esculpir e espreitar entre eles, estão continuamente a acusar-nos de credulidade, como de algo mesquinho e imbecil.

Mas o que é esta credulidade? Uma credulidade baseada em evidência dificilmente é credulidade. Mas qual é a credulidade em que os espiritualistas se indulgem? Alguém nos dirá em que difere da credulidade daqueles que viram os milagres de Cristo – esses milagres que tanto ofenderam os Escribas e Fariseus? Em que difere da credulidade de Paulo, que acreditou ter visto uma luz milagrosa no seu caminho para Damasco, e ouvido comandos do céu? Estes homens muito sábios sabem que é a esta espécie de credulidade que tanto Cristo como Paulo atribuem as

propriedades mais altas e nobres? 'Ó vós de pouca fé!' era o grito contínuo do Salvador. Fé Ele pronunciou ser a qualidade mais sublime e meritória da alma. À fé em mensagens do mundo interior, Ele concedeu salvação! 'Quem quer que creia em mim terá vida eterna.' 'Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta montanha,' &c.

Paulo exaltava continuamente a natureza e caráter da fé. 'Por Ele todos os que creem são justificados de todas as coisas das quais não podiam ser justificados pelas obras da lei.' – Atos xiii. 'Crede, e sereis salvos.' – Atos xvi. 'Pois nisso é revelada a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito, o justo viverá pela fé.' – Romanos i.

A glória e grandeza de Abraão, pela qual Deus o fez o pai dos fiéis, e o antepassado de Cristo, foi esta fé, ou credulidade: e ele teve esta credulidade tão enormemente, que quando lhe foi prometido por um mensageiro espiritual aos cem anos, e a sua mulher muito além da idade de ter filhos, que teria um filho, não vacilou; e acreditou não de acordo com a natureza, mas ousadamente contrário à natureza, e deu glória a Deus.

Mais ainda, teve tal grau de credulidade que estava pronto, a um comando espiritual, a matar o seu próprio filho; uma credulidade que, nesta época, o teria tornado motivo de riso, e o teria posto em risco da forca.

No entanto, Deus considerou esta vasta credulidade não apenas sensata e prudente, mas tão sensata, tão prudente, tão nobre, que foi registada no livro de registo de Deus como a mais alta e substancial justiça.

Tão longe de a credulidade – isto é, a qualidade da mente denominada, pelos nossos homens eruditos, credulidade – ser considerada imbecil pelo Autor de todas as mentes, Ele pôs nela o Seu selo de aprovação mais divina.

Na Sua visão, é a ação mais sublime da alma; a filosofia mais profunda.

Se alguém quiser compreender a grandeza e estima da fé, ou, como os filósofos a chamam, credulidade, leia o décimo primeiro capítulo da Epístola de São Paulo aos Hebreus, no qual ele revê a história do mundo desde Adão até à vinda de Cristo, e atribui diretamente todos os maravilhas dos anais dos patriarcas e profetas, até ao cumprimento do Messianismo, à fé.

Fé que subjugou reinos, operou justiça, obteve promessas, tapou as bocas de leões, extinguiu a violência do fogo, tornou a fraqueza forte e ressuscitou os próprios mortos. Fé, diz São Paulo, pela qual apenas podemos entender que o mundo foi enquadrado pela palavra de Deus. Essa é a qualidade desprezada da fé, ou crença em evidência de coisas sobre-humanas. Mais ainda, somos informados pelo nosso Salvador em si, no caso de Tomé, que

bem-aventurados os que não viram e ainda assim acreditaram. E essa também era a opinião de Sir Thomas Browne, já citado.

'Alguns acreditam melhor por verem o sepulcro de Cristo; e quando viram o Mar Vermelho, não duvidam do milagre. Agora, contrariamente, bendigo-me por não ter vivido no dia dos milagres; por nunca ter visto Cristo ou os Seus discípulos. Não teria sido um dos israelitas que passou o Mar Vermelho, nem um dos pacientes de Cristo em quem Ele operou os Seus milagres, então a minha fé teria sido imposta sobre mim; nem desfrutaria as maiores bênçãos pronunciadas a todos os que não viram e ainda assim acreditaram.' Religio Medici.

Aqueles, então, que estão prontos a aceitar o testemunho único dos seus próprios sentidos, ou dos seus vizinhos sãos e honestos, de coisas por mais extraordinárias, não são, na opinião de Cristo, nem na de Sir Thomas Browne, tolos e enganados, mas bem-aventurados.

Talvez aqueles que se julgam muito sábios em desprezar toda a evidência que não lhes convém, possam ficar um pouco surpreendidos com o valor espantoso posto nesta mesma credulidade, pela autoridade mais alta, como uma qualidade que requer certa solidez de coração, e honestidade de propósito, e coragem de intelecto; uma qualidade que não pode ser obtida exceto pelo exercício dos elementos mais altos da natureza humana.

E igual deve ser a sua surpresa com a estima muito diferente no Evangelho de outra classe de homens, 'nos quais Deus tornou tola a sabedoria deste mundo, porque a buscaram não pela fé, mas, como se fosse, pelas obras da lei, pois tropeçaram naquela pedra de tropeço.' – Romanos ix.

Faria bem a algumas pessoas ler aquele admirável livrinho, de apenas 89 páginas, chamado 'Superstição e Ciência', pelo Rev. R. S. Maitland, D.D. e F.S.A., no qual, com uma rara mistura de lógica aguda e fina ironia, ele lida com certos filósofos, os Faradays, Brewsters e semelhantes.

Falando de superstição, diz: 'Poucas pessoas, suponho, são realmente muito piores em mente, corpo ou estado por serem consideradas supersticiosas pelos seus vizinhos. Quanto ao facto, todo o homem – exceto aqueles, se houver tais, que renunciaram toda a crença em tudo – está colocado algures na escala da credulidade: e é olhado para cima como demasiado alto, e para baixo como demasiado baixo, por aqueles que estão abaixo ou acima dele na fé, tal como está no assunto de aprendizado e dinheiro. Se ouvirmos que um homem é erudito, não podemos negá-lo, pois quem não aprendeu algo? Mas faz uma grande diferença se o testemunho vem da sua universidade, ou de uma casa de cerveja de aldeia. Se ele for

rico, se os seus vizinhos e competidores habitam a Finlândia ou Grosvenor Square.

E, no que diz respeito à superstição, pode-se comumente julgar quanto ao significado da palavra em qualquer caso particular, pelo estilo geral e caráter daquele que a usa. Se um filósofo se excita e levanta um grito sobre a solução de uma dificuldade, ou a deteção de uma fraude, e a glorifica como um triunfo sobre a superstição, podemos suspeitar – não devemos considerar certo, mas podemos, digo, suspeitar que ele não só está contente por se livrar de algo que não desejava acreditar, mas que pretende diretamente impugnar algo mais, que não consegue descrer.

A pressa pânica em que um medo vulgar de ser considerado supersticioso, ou de ser levado a acreditar em algo desagradável, chama a ciência e a filosofia para o resgate – a prostração em que a ignorância assustada espera receber a lição que vai transformar em disparate por repetição de papagaio – o assombro silencioso com que ouve balbucios profanos e vãos, e oposições de ciência, falsamente assim chamada – tudo isto é miseravelmente ridículo. É algo que não pode ser estimado ou mesmo imaginado por aqueles que, sem se darem ao trabalho de olhar para os factos, e de usar o senso comum que Deus lhes deu, se contentam em sentar-se, calmos e silenciosos, sob a convicção vergonhosa de que não são científicos, e não devem pretender ter uma opinião, mas devem engolir o que quer que pretensos em filosofia condescendam em lhes dizer.'

Igualmente excelente é o que Dr. Maitland diz da credulidade; nomeadamente, que acreditar em testemunho humano é tanto parte da nossa natureza como requerer comida; e que os mesmos homens que afetam acreditar o menos possível continuam por setenta anos, acreditando de hora em hora, e de ano em ano, o que as pessoas lhes dizem em testemunho que não puderam testar, e que, se tivessem um motivo para isso, rejeitariam em mero ouvir dizer.

Espero que esta obra faça muito para endireitar o mundo nestas questões.

Que ensinará as pessoas que todos os ataques à fé sob o pseudónimo de credulidade não indicam uma mente filosófica mas superficial, incapaz ou relutante em determinar os verdadeiros limites da evidência, e em dar uma concessão racional aos poderes do intelecto humano não sofisticado.

Que, longe de considerar os ditados de meros homens científicos ou literários em questões de natureza mais alta do que mera física como decisivos, os erros e fraquezas em relação ao sobrenatural, de homens como Faraday, Brewster, Dickens, Dr. Elliotson – o mártir do Mesmerismo

tornado perseguidor do Espiritualismo – farão muito para curar a confiança implícita em homens vagueando fora das suas províncias próprias.

Que virão a considerar tais homens com toda a honra e respeito, na medida em que se confinam ao que realmente estudaram; mas, ao mesmo tempo, a considerá-los como homens sofrendo da paralisia crónica da fé deixada na Europa pela Revolução Francesa.

Que, de facto, toda aquela parte das suas mentes que diz respeito à ciência da pneumatologia está morta, e incapaz de qualquer processo vital.

Que, na medida em que lhes diz respeito, todas as descobertas adicionais na região da nossa vida e essência mais subtil estão no fim.

Devem ser sofridos a morrer, como os caules secos e restolho de uma estação passada, e as energias de uma nova e mais igualmente desenvolvida ordem de mentes devem ser confiadas para a prossecução do conhecimento mais importante do que mesmo caminhos-de-ferro e telégrafos, porque abrangendo as eternidades da natureza e destino.

Em vez de permitir que a fé seja pisada sob os pés, sob o apelido de credulidade, os homens tornar-se-ão conscientes do seu caráter verdadeiramente augusto, da sua grandeza evangélica.

Ao mesmo tempo que são cuidadosos, enquanto fixam os olhos nas belas montanhas da especulação à distância, serão também cuidadosos em seguir as estradas principais da evidência enquanto prosseguem.

Em tais mentes, os apelidos deixarão de possuir qualquer influência.

Nas inquirições espirituais, o termo batucar de espíritos não será considerado como engenho, muito menos como argumento, tanto quanto seria considerado esperto chamar cristãos mergulhadores de água porque praticam o batismo.

No entanto, há uma grande classe do vulgar que, quando pronunciaram a palavra batucar de espíritos, pensam que explodiram a evidência espiritual.

Estes são da terra, terrenos! existências animais, nas palavras de John Keats –

pastam os topos das montanhas com faces prostradas.

Entretanto, digamos com Jung Stilling, no seu Scenen aus dem Geister-Reiche: 'Ob uns für Narren und Obscuranten erklärt, oder für verrückte Schwärmer hält, das ist ganz einerley: dafür wurde unser Herr und Meister selber gehalten. Lass't uns zu Ihm hinaus gehen, und seine Schmach tragen.'

Isto é, 'Quer nos considerem tolos e ignorantes, ou nos tenham por fanáticos loucos, é tudo o mesmo: o nosso Senhor e Mestre Ele próprio foi pronunciado tal. Saiamos para Ele, e carreguemos a Sua vergonha.'

CAPÍTULO II

ESPIRITUALISTAS ANTES DO DESENVOLVIMENTO AMERICANO

Não há nada de novo debaixo do sol.

SALOMÃO.

Um homem, por falta de um termo melhor, é designado tolo quando pelas suas opiniões se encontra sozinho no meio da sua nação ou da sua época; e se encontrar partidários, reais ou fingidos, enquanto o seu número for pequeno, partilham com ele o mesmo título e a mesma desgraça.

VINET'S Vital Christianity, p. 64.

Tão profunda é a ignorância do grande tema do Espiritualismo, que é apenas outro termo para a crença no Sobrenatural, nesta época – uma influência que permeia todas as épocas e todas as nações, ampla como o espalhar da luz do sol, repetindo as suas operações tão incessantemente como o regresso da manhã – tão completamente o oceano de meros assuntos e afetos mundanos nos submergiu nas suas ondas que se apresentados com uma nova fase de um poder muito antigo e indestrutível, ficamos atónitos perante ele, como algo até então inaudito.

Se o nosso conhecimento chega a ontem, está absolutamente em falha no dia anterior. Isto nunca foi mais conspícuo do que na estima do Espiritualismo americano neste país. Porque assumiu uma forma nova, a de mover objetos físicos, e introduziu espíritos falando através dos meios de um alfabeto, batendo, desenhando e escrevendo, quer através da mão de médiuns, quer independentemente deles, foi quase universalmente neste país considerado como um fenómeno inteiramente novo.

Ainda ouvimos continuamente do Espiritualismo como originando na América nos últimos dez anos. A evidência produzida neste volume mostrará que nenhuma visão do assunto pode ser mais desprestigiante para o nosso conhecimento de psicologia. Nada pode ser mais autoevidente do que o Espiritualismo americano ser apenas a última nova flor de uma árvore muito antiga, colorida pela atmosfera em que brotou, e algo modificada na sua forma pela pressão das circunstâncias sobre ela. Por outras palavras, irrompeu do velho tronco todo-prolífico, para responder às necessidades do tempo.

Como o materialismo fez um grande avanço, este grande velho Proteu da Verdade assumiu uma forma expressamente adaptada para lhe barrar o caminho.

Como o materialismo tingiu toda a filosofia, o Espiritualismo falou mais claramente em resistência a ele.

O mundo-espírito veio, por assim dizer, um passo mais perto das nossas lareiras, e pelo que pareceu o feliz acidente da expressão de uma criança, mas que, sem dúvida, foram os habituais impulsos da Providência em todos os tempos de necessidade, a América aprendeu a falar com espíritos e a receber respostas, embora apenas, como Tisbe, através da parede ainda robusta da matéria carnal, explicando o mistério de todos aqueles batidos e assombrações, aqueles suspiros e sussurros, aquelas excitações através dos nossos nervos, e sombras de awe das mentes dos homens, através de muitas longas épocas.

A sensação que isto criou foi em proporção ao valor instintivamente percebido desta nova chave para o grande velho armazém de tesouros espirituais. Mostrou o quanto o saduceísmo moderno, ao erguer novas obstruções entre nós e a nossa Pátria invisível, tornou tal instrumento adicional necessário. Devemos limpar a parede da morte da dúvida e negação, ou pereceremos.

A América, pela simples descoberta da telegrafia do bater, e os desenvolvimentos adicionais da mediunidade, tornados inteligíveis por esta descoberta, inaugurou, na verdade, uma nova era do Espiritualismo; mas de modo nenhum criou ou teve criado dentro dela o poder do Espiritualismo em si. Esse poder é a herança de todos os tempos da raça humana. Por cerca de cem anos antes, a Alemanha e a Suíça tiveram os seus espiritualistas, desenvolvendo, ou acreditando em fenómenos, quase em todos os particulares idênticos aos da América.

Se não descobriram o modo de conversar com espíritos por meio de bater e do alfabeto, foram capazes de conversar com eles por outros meios.

Tinham visão espiritual, escrita espiritual, conhecimento de eventos vindouros do mundo espiritual, e intercâmbio diário direto com os seus habitantes.

Proeminentes entre estes espiritualistas estavam Jung-Stilling, Kerner, Lavater, Eschenmayer, Zschokke, Schubert, Werner, Kant; a porção alemã de França tinha Oberlin, &c.

A Inglaterra, num período um pouco anterior, tinha o seu John Wesley e os seus discípulos, que tinham plena fé nestes fenómenos, e a Suécia o seu

Swedenborg, talvez o maior médium espiritual que alguma vez apareceu, passando para dentro e fora do mundo espiritual e mantendo conversa com os seus habitantes quase ao seu prazer.

Mas deixando Wesley e Swedenborg para outro aviso, dedicarei agora a minha atenção aos espiritualistas da Alemanha e Suíça que floresceram desde meados do século XVIII, até menos de vinte anos do surto espiritual na América, e um dos seus membros mais distintos, Dr. Kerner, estava, de facto, ainda vivo no momento de começar esta obra.

Notarei este grupo de espiritualistas aqui, de outra forma fora do seu curso, simplesmente porque eles privarão de imediato a dispensação americana de muito da sua novidade, e limparão assim o erro grosseiro de fazer da América nos últimos dez anos a mãe original do Espiritualismo.

JOHANN JUNG-STILLING

A vida e caráter deste eminente espiritualista foram tornados familiares ao leitor inglês através da tradução de Mr. Samuel Jackson, que também nos introduziu à sua 'Pneumatologia' e algumas outras porções dos seus escritos.

A história da sua vida inicial como escrita por ele mesmo, sob o título de Infância, Anos Juvenis e Andanças de Heinrich Stilling, é um dos espécimes mais encantadores de biografia embelezada em qualquer língua.

É o que Goethe nomeou no seu próprio caso 'Wahrheit und Dichtung', ou verdade e ficção.

Os eventos da vida, diz-nos ele, são reais, com alguns embelezamentos poéticos destinados a fazer uma realidade parecer uma obra de imaginação. O cenário e as personagens que figuram nela são deliciosos. Somos conduzidos a uma aldeia da Vestfália, onde o velho Eberhard Stilling, um queimador de carvão, vive com a sua mulher Margaret, e a sua família.

Esta aldeia, que ele chama Tiefenbach, ou Deepbrook, situa-se em cada lado de tal riacho, aos pés de colinas cobertas de florestas de faias; e o velho Eberhard passa toda a semana nas colinas vizinhas, queimando carvão, e vai para casa todos os sábados, para regressar aos bosques na manhã de segunda-feira.

Eberhard é um velho patriarca piedoso; tem dois filhos, um dos quais é de uma inclinação matemática, e torna-se o mordomo de um cavalheiro vizinho: o outro, Wilhelm, é coxo dos pés, e é tutor.

Wilhelm é o pai de Heinrich, cuja mãe é a delicada filha de um velho pregador expulso de nome Moritz. A mãe morre cedo, e deixa Heinrich um temperamento poético. O rapaz é muito dado a ir com o avô para os bosques, e ficar com ele na sua cabana de lenhador coberta de relva, vendo os labores do velho, e ouvindo a sua conversa.

Numa ocasião o rapaz pede-lhe para lhe contar sobre os seus antepassados, pois ouviu falar de heróis, e todos eles tinham os seus antepassados, e eram muitas vezes descendentes de algum grande príncipe.

O pai Stilling sorriu, e respondeu, 'Seria difícil provar que descendemos de um príncipe; mas isso é tudo o mesmo para mim, nem deves desejá-lo. Os teus antepassados foram todos pessoas honestas e piedosas; há poucos príncipes que possam dizer isso.

Que esta seja a tua maior honra no mundo, que o teu avô, bisavô, e os seus pais, foram todos homens que, embora não tivessem nada sob o seu comando fora da sua casa, foram, no entanto, amados e honrados por todos os homens. Nenhum deles casou de forma desonrosa, ou transgrediu com qualquer fêmea; nenhum deles alguma vez cobiçou o que não era seu, e todos morreram honrosamente numa idade muito avançada.'

Heinrich regozijou-se, e disse, 'Então encontrarei todos os meus antepassados no céu.' 'Sim,' respondeu o avô, 'isso encontrarás; a nossa família lá florescerá e florescerá.

Heinrich, lembra-te desta noite enquanto viveres. No mundo vindouro, seremos de alta nobreza; não percas este privilégio. A nossa bênção repousará sobre ti enquanto fores piedoso; mas se te tornares mau, e desprezares os teus pais, não te conheceremos no próximo mundo.' Heinrich começou a chorar, e disse, 'Não temas isso, avô! Serei religioso, e regozijar-me-ei que o meu nome seja Stilling.'

E tais exemplos e conversas parecem ter penetrado fundo no coração do rapaz, e Stilling tornou-se um campeão firme pelo Cristianismo, e um crente firme na orientação espiritual, e não só numa Providência geral mas particular.

Lutou o seu caminho desde a banca de alfaiate, e a obscuridade da vida aldeã, através dos vários graus de professor de escola, empregado de comerciante, tutor de família, para a universidade, onde foi com apenas um dólar no bolso, e sem quaisquer meios visíveis adicionais de passar uma carreira académica, e tirar o seu grau médico.

Mas,' diz Goethe, que foi o seu colega de estudos em Estrasburgo, e se tornou fortemente ligado a ele, o elemento da sua energia era uma fé inexpugnável em Deus, e numa assistência imediatamente procedente dele, que obviamente se justificava numa provisão ininterrupta, e numa libertação infalível de toda a angústia e todo o mal.

Jung experimentara várias instâncias deste tipo na sua vida, e elas tinham sido recentemente repetidas com frequência; de modo que embora levasse uma vida frugal, era sem cuidado, e com a maior alegria: e aplicava-se mais diligentemente aos seus estudos, embora não pudesse contar com qualquer subsistência certa de um quarto de ano para outro. Insisti com ele para escrever a sua vida, e ele prometeu fazê-lo.' – Wahrheit und Dichtung.

Ao insistir com Jung-Stilling para escrever a sua vida, Goethe prestou um grande serviço à causa do cristianismo vital genuíno.

Não o de mera teoria, que não tem senão uma fé metafísica vaga, mas o que aceita o Evangelho em toda a sua simplicidade e poder; aceita-o como baseado nas promessas que contém, que o seu autor estará com os Seus discípulos até ao fim do mundo, e que, se confiarem inteiramente Nele, não só receberão tudo o que pedirem corretamente e razoavelmente, mas será preparado para eles mesmo antes de pedirem, porque o seu Pai Celestial sabe do que precisam.

Stilling aceitara o Evangelho nesta moda substancial de boa-fé.

Não disse exatamente, como Lutero costumava dizer a Deus de forma ousada, 'Isto, ó Deus, prometeste mais positivamente, e se não o cumprires, não acreditarei mais em Ti;' mas tinha uma certeza interior inabalável de que Deus o estava a levar para o trabalho que pretendia que ele fizesse no mundo, e devia deixar todos os meios de executar os seus planos a Si mesmo. Mas não era exatamente o que Goethe imaginava; não estava sem cuidado, e a sua alegria não era sem um substrato de ansiedade mental.

Pelo contrário, a sua fé foi muitas vezes provada ao máximo; foi muitas vezes deixado até ao último momento sem o menor sinal de resgate da mais profunda perplexidade, e medo de desgraça por quebra de compromissos de dinheiro. Durante anos foi deixado a lutar através de uma pobreza assustadora, e a ser desprezado, e maltratado, e perseguido pelos que o rodeavam. Sem isto a sua fé teria sido de pouco valor, a sua confiança nas promessas de Deus teria sido comprada demasiado barata.

Foi na profundidade de provações excruciantes que foi ensinado a sentir o braço eterno debaixo dele; foi quando estava prestes a afundar-se, e as águas da aflição estavam até aos seus lábios, que foi salvo uma e outra

vez, e feito entender que os seus medos eram vãos; a sua fé, e não o seu ajudante, tinha sido fraca.

Nunca foi abandonado uma vez, e a sua vida é um dos exemplos mais notáveis e triunfantes de 'viver pela fé.'

De filho pobre de alfaiate alçou-se até se tornar não só professor das Universidades de Marburg e Heidelberg, mas um operador de maior sucesso para a cura de cataratas, e um escritor muito popular em defesa do Cristianismo.

O Grão-Duque de Baden tornou-se pessoalmente ligado a ele, deliciado em tê-lo perto dele, e deu-lhe um belo estipêndio para se dedicar a esta classe de literatura, e à cura de cataratas gratuitamente.

Por estes meios Stilling não só restaurou a visão a muitas centenas de cegos, mas espalhou por toda a Alemanha, e em muitas terras estrangeiras, o brilho e alegria da sua própria fé.

Mr. Jackson, tradutor de Stilling, diz, 'Não educado na divindade académica, que se provou insuficiente para estancar a torrente da infidelidade crescente, a sua mente expandida, depois de bem estabelecida na verdade fundamental, foi levada à contemplação de assuntos que ainda estavam muito envolvidos em obscuridade, e que o habilitaram a apresentar as realidades do mundo invisível de uma maneira nova e impressionante ao olho do leitor.'

Tornou-se, na verdade, um espiritualista numa escala ampla e variada.

Não só viveu perto do Espírito Divino, e foi assim um espiritualista no sentido mais alto, mas ele, como Swedenborg, foi levado ao mundo invisível, e nas suas 'Scenen aus der Geister Welt', fez revelações lá, e deu imagens lá, que todo o espiritualista real reconhece de imediato como genuínas.

Neste respeito herdou evidentemente esta faculdade de visão aberta do seu avô, o venerável velho Eberhard Stilling. Descreve uma cena em que o velho avô, a sua filha Maria, e ele mesmo foram para a floresta recolher lenha.

Chegados lá, sentaram-se um pouco junto a uma bela nascente, e depois de um tempo o velho Eberhard mandou-o ficar lá, e ele iria recolher madeira caída.

Depois de um tempo regressou, parecia alegre e agradável, como se tivesse encontrado algo, sorria também ocasionalmente, parava, abanava a

cabeça, olhava fixamente para um ponto particular, cruzava as mãos e sorria novamente.

Maria e Heinrich olharam para ele com espanto, no entanto não se atreveram a perguntar-lhe sobre isso, pois muitas vezes fazia como se risse para si mesmo.

O coração de Stilling estava, no entanto, demasiado cheio; sentou-se ao lado deles e relatou o seguinte, com os olhos cheios de lágrimas.

Maria e Heinrich viram-no, e as suas lágrimas já transbordavam: Ao deixar-vos para ir para o bosque, vi à distância à minha frente uma luz, exatamente como quando o sol nasce pela manhã.

Fiquei muito surpreendido.

O que é isso? pensei eu; o sol já está nos céus, – é um novo sol? Deve ser algo estranho; irei vê-lo. Fui na sua direção; ao aproximar-me, havia à minha frente uma grande planície, cuja extensão não conseguia vislumbrar.

Nunca vi nada tão glorioso em toda a minha vida! Tal perfume fino e tal ar fresco procedia dela como não posso expressar. Toda a região era branca com a luz, o dia com o sol é noite comparado a ela. Havia muitos milhares de castelos, um perto do outro. Castelos! Não os posso descrever a vós; eram como se feitos de prata.

Havia também jardins, arbustos, riachos. Ó Deus, que belo! Não longe de mim erguia-se uma grande e gloriosa mansão.

Aqui as lágrimas fluíram abundantemente pelas faces do bom Stilling, bem como as de Maria e Heinrich. Alguém veio na minha direção da porta desta mansão, como uma virgem. Ah! um anjo glorioso!

Quando esteve perto de mim, ó Deus! Vi que era a nossa querida Dora falecida! Todos os três agora soluçavam, nenhum deles conseguia falar, exceto Heinrich, que chorava e exclamava, 'Ó minha mãe! minha querida mãe!'

'Ela disse-me,' continuou Stilling, 'com tal maneira amigável, com o olhar mesmo que outrora tantas vezes roubou o meu coração, "Pai, ali é a nossa habitação eterna, em breve virás para nós." Olhei, mas tudo era floresta à minha frente; a visão gloriosa tinha partido. Filhos, morrerei em breve; como estou contente com o pensamento!'

Heinrich não conseguia parar de perguntar como a mãe tinha parecido, o que tinha vestido, e assim por diante.

Todos os três prosseguiram o seu labor durante o dia, e falaram continuamente deste acontecimento. Mas o velho Stilling era desde então como alguém que está numa terra estranha, e não em casa. O velho tinha razão. A visão foi seguida pouco depois pela sua morte. Este evento foi também indicado a uma vizinha por um sinal, e ela avisou-os disso.

Quando cresceu, Stilling, enquanto caminhava num domingo, sentiu-se subitamente tomado por um poder desconhecido, que penetrou toda a sua alma; sentiu-se interiormente feliz, mas todo o seu corpo tremia, e mal conseguia evitar afundar-se no chão.

Desde esse tempo sentiu uma inclinação invencível para viver e morrer inteiramente para a glória de Deus e o bem dos seus semelhantes. O seu amor a Deus e ao homem era intenso; e no local fez um pacto firme e irrevogável com Deus para se resignar doravante à Sua orientação.

Isto é o que tem sido tantas vezes ridicularizado como conversão súbita; mas Stilling simplesmente adiciona, 'Esta circunstância é uma verdade real. Deixo aos homens de génio, filósofos e psicólogos fazerem o que quiserem dela; estou bem ciente do que é que converte um homem e o muda tão inteiramente.'

Como dissemos, Stilling sentiu-se interiormente atraído para se tornar médico. Através do mesmo impulso interior tinha-se noivado com uma jovem piedosa mas consumptiva, que poderia encontrar morta no seu regresso da Universidade. Mas como chegar lá! Para o seu curso de estudo eram necessários mil rix-dólares, e não sabia onde no mundo inteiro angariar cem. Nem os seus próprios amigos nem os da sua noiva podiam ajudá-lo. Os prudentes mundanos teriam pronunciado o esquema insano, e mandado-o ater-se à agulha e tesouras.

Mas Stilling tinha uma firme persuasão de que era divinamente guiado, e partiu para Estrasburgo com um cirurgião chamado Troost, que ia refrescar o seu conhecimento com um novo curso de estudo.

Quando tinham chegado e estavam prestes a deixar Frankfurt, tinha apenas um único rix-dólar sobrado; mas aí encontrou um conhecido, a quem chama Leibmann, que lhe perguntou onde arranjava o dinheiro para os seus estudos. Respondeu, de Deus; ao que Leibmann disse, 'Sou um dos mordomos de Deus,' e entregou-lhe trinta e três rix-dólares.

Quando estes foram gastos em Estrasburgo, Mr. Troost, que viajara com ele, disse-lhe um dia, 'Stilling, creio que não tens dinheiro. Emprestar-te-ei seis carolinas – cerca de cinco libras – até chegar a tua remessa.' Mal isso se foi, e ele se perguntava de onde viria o próximo, quando Leibmann lhe enviou trezentos rix-dólares, com os quais pagou a Troost e passou o

inverno. No Abril seguinte, enquanto se sentava a estudar no seu quarto, foi subitamente tomado por um pânico terrível e uma inclinação desesperada para partir de imediato.

Lutou contra o sentimento, como um acesso de hipocondria, mas não conseguiu livrar-se dele; a urgência para se apressar para casa permaneceu violentamente.

Enquanto nesta condição, recebeu uma carta informando-o da doença e aparentemente aproximando-se o fim da sua noiva. Isto explicava o seu pressentimento terrível, e partiu instantaneamente. Encontrou a sua noiva, ao que parecia, no ponto da morte; mas ela recuperou maravilhosamente, e, fornecido com uma nova soma de dinheiro pelo seu futuro sogro, regressou a Estrasburgo.

Por esta altura este cavalheiro foi capaz de ajudá-lo, e assim terminou o seu curso de estudos, obteve o seu diploma, regressou, casou, e estabeleceu-se em Elberfeld. Começou a sua vida casada e profissional com apenas cinco rix-dólares! Teve uma luta dura por isso.

Não era muito estimado nessa cidade manufatureira; mas em Estrasburgo fizera o conhecimento de Goethe, Herder, e outros das luzes crescentes da Alemanha.

Num dos seus momentos mais difíceis, Goethe vendeu a sua primeira parte da Vida de Jung-Stilling por cento e quinze seis-dólares, o que o tirou de um aperto agudo, e de imediato o tornou famoso.

Foi nomeado Professor de Agricultura, Tecnologia, etc., em Rittersburg, mas devia em Elberfeld oitocentos seis-dólares, e não sabia como se iria embora; mas ao despedir-se de alguns dos principais mercadores, vários deles fizeram-lhe presentes de despedida, e ao contá-los, tanto ele como a mulher ficaram atónitos ao encontrá-los no montante exato dos oitocentos seis-dólares necessários, nem mais nem menos! Depois disto foi nomeado professor, em Marburg, das Ciências Económicas, Financeiras, com um salário fixo de 1.200 seis-dólares não 200l. – mas com uma provisão para a sua mulher em caso da sua morte.

As suas dívidas, incorridas através de deficiência de salário na sua carreira inicial como professor, pesavam-lhe pesadamente, pois tinha uma família considerável; mas foi mandado chamar para realizar operações de cataratas na Suíça, e recebeu lá exatamente o montante de todas as suas dívidas, nomeadamente, precisamente mil seiscentos e cinquenta florins – 1371.10s. Mas as despesas da viagem não foram providas por este montante. Estas foram seiscentos florins; e exatamente este montante foi-lhe pago antes de chegar a casa.

Estas instâncias podem bastar; toda a vida de Stilling abundava nelas. De facto, pagou numa altura ou outra dívidas no montante de muitos milhares de florins pelos 'fundos da Providência', as suas provisões oportunas e infalíveis, como observou Goethe, justificando plenamente a sua confiança nessa Providência.

Bem poderia Uz, poeta lírico de Anspach, chamá-lo 'o homem que a Providência tão notavelmente guia, e que tão ousadamente confessa e corajosamente defende a religião de Jesus.'

Vejamos agora algumas das fases do desenvolvimento espiritual de Stilling.

Tornou-se o que agora é denominado um grande médium de escrita.

Não só escreveu ousadamente em defesa do Cristianismo, quando o infidelismo de França inundou a Alemanha, mas escreveu sob uma influência que o espantou a si mesmo.

Como George Fox diria, foi 'levado e guiado' na sua escrita.

Duas das obras mais notáveis de Stilling são as suas 'Cenas no Mundo Invisível', e a sua 'Nostalgia'.

Estava meramente a propor a si mesmo escrever cenas imaginárias no mundo invisível, como Luciano tinha feito no Olimpo mitológico, e na 'Nostalgia' escrever em imitação de 'Tristram Shandy;' mas a sua pena foi guiada para escrever o que espantou a si mesmo e ao público.

Escreveu as Cenas no Mundo Invisível inteiramente como se fosse uma obra de imaginação; nem as representa nessa obra ou na 'Nostalgia' como qualquer outra coisa; mas quando li as 'Cenas' fiquei instantaneamente certo de que estas não eram o produto da imaginação, mas de ditado espiritual.

Ninguém que soubesse o que isso é poderia duvidar disto por um momento.

Estas composições trazem todas as marcas e provas de tal escrita.

Um médico não pode mais enganar-se no caráter de uma doença pelo seu diagnóstico do que um espiritualista pode enganar-se nas características de tal escrita.

Virando então para o 'Lebensgeschischte' de Stilling, não fiquei de modo nenhum surpreendido ao ler as seguintes declarações:

'O estado de espírito que Stilling experimentou enquanto trabalhava nesta obra, que consiste em quatro grandes volumes octavo, é totalmente indescritível. O seu espírito era como se elevado para regiões etéreas; um

sentimento de serenidade e paz o permeava, e desfrutava de uma felicidade que as palavras não podem expressar.

Quando começava a trabalhar, ideias reluziam pela sua alma, que o animavam tanto que mal conseguia escrever tão rapidamente como o fluxo do pensamento requeria. Esta foi também a razão pela qual toda a obra tomou uma forma bastante outra, e a composição uma tendência bastante outra, àquela que propusera no início.'

Na sua conta de escrever a 'Nostalgia' temos a explicação do cenário extraordinário tanto dessa como das 'Scenen:' – 'Havia, além disso, outro fenómeno singular. No estado entre dormir e acordar, as imagens mais belas, e, por assim dizer, celestiais, apresentavam-se ao seu sentido interior. Tentou delineá-las, mas achou impossível; com as imagens havia sempre um sentimento ligado, comparado ao qual todas as alegrias do sentido não são nada; foi uma estação bem-aventurada!

Este estado de espírito durou exatamente enquanto Stilling esteve empenhado em escrever a 'Nostalgia;' isto é, de Agosto de 1793 a Dezembro de 1794 – consequentemente um ano inteiro e um quarto.' O livro foi recebido com entusiasmo pelos piedosos tanto em casa como no estrangeiro.

De todas as partes e classes na Alemanha trouxe cartas e fez amigos; converteu muitos céticos, e foi bem-vindo na América, Ásia, Dinamarca, Suécia, e Rússia, até Astracan. Mas a aprovação ampla destas obras não foi a coisa mais extraordinária.

Stilling descobriu que quando supusera que estava a escrever ficção, mesmo no que respeitava a este mundo, tinha estado a escrever factos reais. Uma manhã, um jovem bonito, evidentemente de distinção, e a quem, diz, era o notável, mas não nomeia, entrou no seu apartamento. Este cavalheiro saudou-o como o seu superior secreto, beijando-lhe a mão e chorando; mas Stilling respondeu que não era superior secreto de ninguém, nem estava em qualquer ligação secreta. O estranho ficou espantado, e não podia acreditar nisto, dizendo, 'Pensei que já me conhecias.'

Mas como Stilling negou positivamente qualquer conhecimento do que queria dizer, perguntou-lhe então como tinha descrito tão precisamente 'a grande e venerável ligação no Oriente, e tinha apontado tão minuciosamente os seus pontos de encontro no Egito, no Monte Sinai, no Mosteiro de Canobin, e sob o Templo em Jerusalém?' Stilling assegurou-lhe que era tudo fábula e ficção, que meramente escrevera como se apresentava à sua imaginação.

'Perdoe-me,' respondeu o estranho, 'o assunto é na verdade e realidade como o descreveste; não pode ter vindo por acaso;' e relatou, para igual espanto de Stilling, os particulares reais da associação.

Em breve ouviu de certo grande príncipe, perguntando-lhe como aprendera os particulares reais da associação como os descrevera na 'Nostalgia.' Stilling tinha sido um médium espiritual sem o saber. Noutras ocasiões tornou-se realmente profético. A instância mais notável disso foi o seu anúncio do destino trágico de Lavater dez semanas e alguns dias antes de ocorrer.

Escrevendo a Antistes Hess de Zurique, em 13 de Julho de 1799, disse-lhe que, enquanto escrevia, sentia uma impressão súbita e profunda de que Lavater morreria uma morte sangrenta, a de um mártir.

Pediu a Hess para comunicar isto a Lavater, o que entendeu ter sido feito.

Em 14 de Outubro, o seu genro, Schwarz, veio a correr para o informar de que Lavater tinha sido baleado e gravemente ferido.

Stilling gritou em horror, e em espanto pelo cumprimento da predição.

A maneira da morte de Lavater foi esta. Os franceses revolucionários sob Massena tinham assaltado Zurique, e Lavater ouviu dois dos seus soldados fazendo uma perturbação numa casa perto da sua casa paroquial, habitada por duas fêmeas apenas.

Estavam a exigir pão e vinho, e como não o obtinham, Lavater levou-lhes uma garrafa de vinho e algum pão. Um deles, um granadeiro, um suíço de nascimento, do Cantão de Vaud, ficou particularmente grato, e chamou-o 'Bruder Herz' – um caro companheiro, em alemão.

Lavater regressou à sua casa, mas à sua própria porta foi ferozmente assaltado por outro soldado, e chamou para pedir ao soldado amigável proteção contra ele. Mas agora estava totalmente mudado, respondeu-lhe com raiva, e baleou-o. Provavelmente aprendera de algumas pessoas de Zurique que era o célebre Lavater, que ousadamente se opunha aos princípios franceses, no governo, e ainda mais na religião, e que endereçara cartas de protesto tanto ao Diretor francês Reubel, como ao próprio Diretório, objetando contra a conduta infame dos franceses na Suíça.

Portanto, esqueceu instantaneamente a sua bondade, e baleou-o como inimigo dos princípios revolucionários e infiéis de França. Assim Lavater morreu não só uma morte sangrenta mas de mártir, como Stilling predissera. Não morreu, no entanto, de imediato, mas demorou-se em muita agonia até 2 de Janeiro de 1801, algo mais de um ano.

No segundo volume de Stilling das 'Cenas no Mundo Invisível' introduziu inconscientemente factos como operações meramente da imaginação – factos que ainda não tinham chegado ao seu conhecimento. Entre eles estavam estes.

Na 'Glorificação de Lavater', um poema anexado ao volume, fez Felix Hess e Pfenninger, dois amigos de Lavater, na forma de anjos, irem buscar o espírito de Lavater após a sua morte à Nova Jerusalém.

Cerca de meio ano após a publicação deste poema, Breidenstein, o pregador reformado em Marburg, veio visitar Stilling, e em conversa disse, 'É surpreendente como belamente usaste a promessa do falecido Felix Hess.'

'Como assim?' inquiriu Stilling; 'que promessa?'

Breidenstein respondeu, 'Há mais de vinte anos Lavater esteve ao lado do leito de morte de Felix Hess, chorou, e disse, "Agora não estarás ao lado do meu leito quando eu morrer!" Hess respondeu, "Mas virei buscar-te."'

Stilling replicou, 'Realmente, nunca ouvi uma palavra disso; é, no entanto, algo estranho. Onde está? Devo lê-lo eu mesmo!'

'Isso farás,' disse Breidenstein; 'é de facto muito estranho!' No dia seguinte enviou as Obras Miscelâneas de Lavater, nas quais há uma curta biografia de Felix Hess, e esta conversa aparece exatamente como Breidenstein a relatou.

Stilling também introduziu um amigo ainda mais querido de Lavater, Heinrich Hess, como trazendo Lavater à Virgem Maria, e Maria relata-lhe o caráter do Senhor, como exemplificado na Sua vida terrena.

Muito depois, Stilling, lendo o 'Jesus Messias' de Lavater, que nunca vira antes, encontrou, para o seu espanto, que Lavater se consolava com a esperança de que, na sua entrada no céu, a Virgem Maria lhe relataria o caráter que o seu filho ostentava na Sua vida terrena.

Estas instâncias seriam facilmente explicadas se pudéssemos supor que Stilling lera estas coisas, e esquecera a circunstância, embora retendo os eventos; mas podemos confiar na asserção de Stilling, de que nunca vira aquelas obras ou lera aquelas passagens. Os pressentimentos de mal de Stilling eram por vezes muito fortes, e tão infalíveis como fortes.

Enquanto numa viagem a Göttingen, Cassell, e outros lugares, em 1801, foi tomado por um medo e melancolia estranhos, que eventualmente se tornaram tão violentos, que disse à mulher, 'Se o tormento dos danados no inferno não é maior do que o meu, ainda é suficientemente grande.'

Por fim a carruagem em que viajavam foi levada a toda a velocidade por quatro cavalos espirituosos, foi despedaçada, e Stilling deixado esmagado e gravemente ferido no local, uma costela fraturada e a coxa ferida.

Deste acidente sofreu muito em anos posteriores; mas no momento em que ocorreu o seu terror e agonia mental desapareceram. O mal tinha vindo, e ele estava em paz. Além do hábito de Stilling de viver em comunicação direta com o Espírito Divino, acreditava na operação ativa de numerosos espíritos subordinados nos assuntos dos homens. Afirma isto distintamente na sua 'Retrospetiva da sua Vida.'

Os primeiros homens foram criados por Deus num estado de perfeição; mas pecaram pela desobediência contra Deus, e por este meio perderam o equilíbrio entre os impulsos sensuais e morais. O sensual tornou-se cada vez mais predominante, e portanto, no que respeita a toda a sua posteridade, os pensamentos e imaginações do coração do homem são maus desde a sua juventude, e isso continuamente.

'Anteriormente a isto uma classe de seres mais elevados e mais espirituais tinha caído de Deus, e tornado má; o príncipe destes seres seduzira o primeiro homem à desobediência. Esses espíritos maus podem então trabalhar sobre o coração espiritual do homem quando ele lhes dá a oportunidade de o fazer.Mas há também bons espíritos que estão à volta de um homem, e igualmente o influenciam quando as circunstâncias o requerem.' Esta é precisamente a teoria de Swedenborg.

Stilling era de opinião que homens ou mulheres não estão num estado normal, ou, de facto, num estado saudável, quando se tornam cognizantes pela visão ou som destes seres espirituais, e sustentava que não era ordenado ou inócuo encorajar tal intercâmbio. Sem dúvida, esse intercâmbio que Stilling e todos os homens santos cultivaram com o Espírito Divino, o Criador e Senhor de todos os Espíritos, é o mais alto e santo; e aqueles que desfrutam disso podem bem dispensar todos os outros. Mas todos os homens não estão tão altamente desenvolvidos como Stilling, e embora pela oração possam desfrutar da influência do Espírito Divino, há muitas almas para as quais o ministério de espíritos subordinados é útil e benéfico.

As suas ministrações estão mais adaptadas à condição de tais almas, e a sua presença descoberta pode fortalecer grandemente a sua fé, e elevá-las acima do abismo escuro da descrença total. Os espíritos de Deus são todos 'espíritos ministradores' enviados a homens de muitos diferentes graus de mente e graus de desenvolvimento; – e as suas ministrações são, sem dúvida, tão variadas como as condições dos homens. Comunhão com espíritos maus, claro, é feitiçaria, perniciosa, proibida, e não abençoada.

No seu 'Pneumatologia' Stilling recolheu um grande número de tais manifestações: e deu as narrativas de algumas aparições notáveis derivadas de pessoas bem conhecidas dele, e na sua estima completamente dignas de confiança.

Entre estas uma das mais curiosas é a história do Portador de Saco. Stilling recebeu o relato de uma testemunha ocular, e alguém que, estando na casa assombrada, tomou meios mais ativos e corajosos para aprender tudo sobre o fantasma dele mesmo. Stilling diz que averiguou de outras fontes que o relato era bastante verdadeiro. Não nos diz o nome da cidade onde ocorreu, uma questão a lamentar, mas uma deficiência tantas vezes ocorrendo da hipersensibilidade das partes envolvidas. O narrador diz que foi trabalhar como jornaleiro com um comerciante que vivia na parte superior de uma velha casa que tinha sido um mosteiro de Capuchinhos: no rés-do-chão vivia um padeiro.

Na altura em que Stilling recebeu este relato, diz que o narrador se tornara um 'cidadão piedoso e inteligente.' Foi em 1800 quando foi viver com o mestre tecelão no velho mosteiro. Ouvindo ruídos extraordinários no sótão, inquiriu a causa, e foi-lhe dito que era o Portador de Saco; isto é, uma aparição com esse nome, do facto de que continuamente parecia deixar cair algo nos andares superiores como um saco pesadamente cheio; e fazia gemidos e ruídos estranhos como se tentasse erguê-lo novamente.

Numa ocasião fora encontrado no seu vestido de Capuchinho pelo padeiro abaixo, carregando tal saco ao longo do átrio, antes do amanhecer, o que horrorizou tanto o padeiro que fugiu e deixou todo o seu pão queimar. O proprietário, o tecelão, também o vira a carregar o seu saco, e informou o narrador de que era por causa desta assombração que o seu avô comprara a casa muito barata.

Ao apurar isso, e ao ser muitas vezes acordado à noite pelo som do saco caindo, que parecia abalar toda a história da casa em que jazia, deu-se a grandes esforços para ter uma visão da aparição, e subiu ao quarto superior repetidamente quando o espírito deixava cair o saco uma vez após outra com as maiores concussões, mas foi apenas numa ocasião que apanhou um vislumbre dele recuando para um canto. Correu para esse canto, mas não encontrou nada. Por ocasião de uma pessoa morrer na casa, os seus ruídos eram quase incessantes.

Stilling escreveu a um amigo seu nesta altura, um médico, que aprendeu do proprietário que o Portador de Saco ainda fazia as suas visitas, e predizia aos habitantes da casa eventos prestes a ocorrer. Pela inteligência mais recente que obteve, parecia que o espírito aprendera a fazer-se entender, e era capaz de conversar com as pessoas, que tinham deixado de temê-lo.

Supunha-se de algumas circunstâncias que o monge cometera alguma fraude em grão ou outra mercadoria com a qual fora confiado, e esta era a sua penitência.

Outro caso muito notável de aparição é relatado por ele, que introduz com esta observação de aplicação tão extensa: – 'Este assunto é geralmente tratado como algo supersticioso e degradante. Pertence à boa educação e refinamento sorrir para histórias de fantasmas, e negar a verdade delas; e no entanto é curioso que as pessoas sejam tão dadas a ouvi-las contar, e que além disso, o narrador incrédulo comumente procure torná-las o mais provável possível.'

Toda a gente deve ter sido impressionada por este facto. As pessoas contar-vos-ão uma história de fantasma, premissa, 'Não acredito numa palavra disso, entendam, e no entanto os incidentes todos ocorreram.' E se prosseguirdes para lançar descrédito na narrativa, descobrireis que estas pessoas incrédulas ficarão indignadas com a dúvida lançada sobre a sua declaração.

Tão divertido é este característica popular, e tão comum, que um homem de muita reputação escrevendo-me o outro dia, disse, 'Podes condenar o mundo de crença no Espiritualismo por uma massa esmagadora de evidência, mas o mundo nem mesmo então admitirá que está convencido: o facto sendo que toda a alma humana acredita nisso na sua alma, e simplesmente porque é uma alma, em relação inseparável com o mundo das almas, que não deixará o espírito, por mais encarnado, deixar de sentir o mundo espiritual em que vive.'

Em Marburg um dos estudantes que frequentava a aula de Stilling, e a quem continuou a conhecer na vida posterior como um homem mais excelente, trouxe-lhe um relato impresso de um estranho acontecimento que ocorreu ao seu pai quando jovem, e ao seu avô. Este último escrevera toda a narração, e imprimira-a para circulação apenas entre os seus amigos. É muito grande, sendo dada em detalhe completo, com a conversa entre o avô e o espírito. O espírito descreveu-se como tendo sido um dos seus antepassados cento e vinte anos antes, e identificou-se pela sua tabela genealógica. Aparecia por vezes três ou quatro vezes por dia como um homem pequeno, vestido com um casaco azul e colete castanho, com um chicote pendurado no cinto, e batia audivelmente à porta antes de entrar.

Era extremamente importuno para que o filho fosse a uma certa árvore num certo prado, sob a qual cavando encontraria um depósito de dinheiro. Este dinheiro parecia tê-lo acorrentado ao local todos estes anos, durante os quais não encontrara um médium na família a quem se pudesse tornar

aparente. Mas parecia também ter um ato de sangue na alma, pois tirou a Bíblia do filho de uma prateleira, à qual estava anexado um pequeno livro de hinos, e apontou com o dedo o hino começando "Tem misericórdia, Deus gracioso," e o terceiro verso do qual tinha as palavras "Do crime de sangue livra-me," &c.

O espírito continuou as suas importunidades de 1 de Janeiro a 30 de Abril de 1755.

Nem pai nem filho o ouviriam, considerando-o um tentador; mas isto o espírito negou, e para os convencer, juntou-se a eles no canto de hinos, chamando pelo nome de Jesus, e declarou que estava contente sempre em ouvir a Palavra de Deus.

Juntou-se a eles na leitura das Escrituras, e ao chegar às palavras no 8º capítulo da Epístola aos Romanos, 'Somos salvos pela esperança,' &c., bateu as palmas, e exclamou, 'Ó sim, sim, salvos pela esperança!'

Declarou que estava a passar por um curso de purificação enviado de Deus. No entanto havia circunstâncias que faziam o pai e o filho acreditar que ele estava longe desta purificação, pois fogo jorrava de cada dedo quando ficava zangado com a sua resistência aos seus desejos. Ainda mais, quando tocava na Bíblia fumegava, e as marcas do seu polegar e dedo encolhiam o couro da encadernação onde a segurava, e também o papel onde apontava o lugar no hino, Do crime de sangue livra-me, estava preto e chamuscado. A Bíblia com estas marcas 'é preservada na família, e muitas pessoas credíveis a viram, e ainda podem vê-la.'

Ainda mais, numa ocasião desejando que o filho apertasse a mão com ele, recomendou-lhe primeiro colocar o seu lenço sobre a mão. Isto foi feito, e o lenço foi encontrado com os cinco dedos de uma mão queimados, de modo que o primeiro e o médio estavam, em parte, queimados inteiramente; mas o polegar e dois outros dedos estavam queimados pretos e chamuscados. Este lenço foi enviado por entre amigos e conhecidos, que asseguraram a Stilling a verdade de tudo, e então estas relíquias singulares foram guardadas para a inspeção de todos os visitantes respeitáveis, e para a posteridade.

Toda a conta foi assinada e atestada pelo pai e filho, e o escrivão da paz, o Comissário Imperial de Liquidação, e o professor da escola do lugar, em 16 de Maio de 1755.

O toque ardente do espírito que induziu o pai e o filho a acreditar que era mau, os espiritualistas modernos podem testemunhar pertencer a muitos espíritos. Quantas vezes vimos fogo jorrar mesmo do dedo de um médium? Quantas vezes espíritos, antes de apertar a mão convosco, desejaram que,

em casa de Mr. Home, colocásseis o vosso lenço sobre a mão primeiro? Quantas vezes sentistes o toque de dedos espirituais picar como das faíscas de eletricidade? E Stilling em breve veio a entender isto.

Diz, 'Luz, eletricidade, magnetismo, matéria galvânica, e éter, parecem ser todos um e o mesmo corpo sob diferentes modificações. Esta luz ou éter é o elemento que conecta alma e corpo, e o mundo espiritual e material juntos.' Nestes palavras Stilling, acima de meio século antes das experiências de Reichenbach sobre a força Odyle, anunciou essa força como modificação de eletricidade, magnetismo, &c.; que Reichenbach confirma.

O espírito eventualmente, apesar do seu fogo, foi acompanhado por outro pequeno espírito radiante, e finalmente apareceu branco e radiante ele mesmo, cheio de alegria, anunciando a sua libertação do estado probatório; ajoelhou com o filho, e proferiu uma bela oração e ação de graças a Deus, que Stilling dá; e então despediu-se, dizendo que não o veriam mais, o que se provou verdadeiro.

No que diz respeito ao toque de espíritos, ainda parece verdadeiro, que de acordo com o seu estado, a sensação que ocasionam é mais ou menos agradável. Stilling diz: – Quando um espírito falecido está tranquilo na sua mente, o seu toque é sentido como a suavidade de um ar fresco, exatamente como quando o fluido elétrico é derramado sobre qualquer parte do corpo.' E quão plenamente pode isto ser confirmado por espiritualistas. Quão frequentemente é a abordagem de espíritos em sessões percebida pela atmosfera fresca que os precede. De facto, há escassamente uma característica de espírito com a qual Stilling não se mostre familiar.

Nota o maravilhoso poder criativo e representativo que todos os espíritos possuem, de modo que não só podem aparecer-nos na semelhança exata e no traje exato da vida terrena, mas podem projetar as cenas mais variadas à sua vontade, como vemos um poder similar exercido em sonhos.

'Conheci de espírito,' diz Stilling, 'em quem as pequenas fivelas de latão eram perfeitamente cognoscíveis.' E no caso acabado de declarar o espírito não esqueceu o seu chicote de cavalo.

'As almas falecidas,' diz ele, 'têm um poder criativo, que, durante o estado presente, e neste mundo rude e material, só pode ser exercido com esforço e despesa, e de uma maneira muito imperfeita; mas após a morte a vontade da alma é realmente capaz de produzir aquilo que a imaginação concebe.'

Stilling sabia, também, a verdade de o espírito estar presente onde deseja estar. Quando a alma está separada do corpo, está onde quer que pense estar; pois como o espaço é apenas o seu modo de pensar, isso não existe

exceto na sua ideia.' Toda a doutrina que Swedenborg afirma dos espíritos, é afirmada por Stilling. A alma acorda da morte imediatamente no Hades, e é atraída para bons ou maus espíritos de acordo com a sua própria condição moral. Se for da terra, terrena, ainda paira à volta da terra.

Os espíritos não precisam de linguagem, os seus pensamentos são todos visíveis uns aos outros: e daí os maus evitarem os bons espíritos porque todo o seu mal é visível para eles. Afirma a doutrina de anjos da guarda.

'Todo o homem tem um ou mais espíritos da guarda à sua volta; estes são bons anjos, e talvez as almas falecidas de homens piedosos. As crianças são atendidas unicamente por bons espíritos, mas à medida que o indivíduo gradualmente inclina para o mal, espíritos maus aproximam-se dele.' Por outro lado, à medida que se vira do mal para o bem, os bons anjos aproximam-se novamente; e quanto mais se inclina de um modo ou de outro, mais os espíritos maus o escravizam, ou os bons o fortalecem. Os bons anjos nunca, no entanto, o abandonam, até se tornar completamente endurecido no pecado.

'Materialistas,' diz Stilling, 'viram positivamente espíritos, de modo que ficaram convencidos de que eram as almas dos seus conhecidos falecidos, e no entanto continuaram a duvidar da sua própria imortalidade e autoconsciência.

Meu Deus! que incredulidade!' Os fenómenos de bater e bater ele nota frequentemente como modos de espíritos se anunciarem. Estava convencido de que a alma possui um corpo espiritual, uma verdade sempre afirmada pelos swedenborgianos, e agora universalmente admitida por espiritualistas.

'O magnetismo animal,' diz ele, 'e uma extensa experiência médica ensinaram-me e convenceram-me inegavelmente de que o espírito animado, a centelha divina no homem, está inseparavelmente unido a um corpo etéreo ou luminoso; que esta alma humana, que está destinada a ser cidadã do mundo dos espíritos, está, por assim dizer, exilada nesta vida terrena e corpo animal, ao qual está acorrentada por meio dos nervos, e deve estar assim acorrentada a ele para os propósitos do seu enobrecimento e perfeição.'

Era um defensor da sanidade sóbria e veracidade de Swedenborg, embora pensasse que ele estava em erro ao supor que entrava no mundo espiritual por quaisquer outros meios que não os mesmos pelos quais clarividentes e médiuns em geral entram nele. Sustentava que era por uma espécie de magnetismo que Swedenborg se tornava consciente do mundo espiritual, e sustentava que este fenómeno resultava de algo anormal na constituição da

pessoa assim afetada, chegando por vezes a uma espécie de doença. Sustentava que as pessoas não deviam buscar tal intercâmbio, e que era prejudicial à saúde das pessoas que o buscavam.

Agora nisto jaz uma certa verdade. O que quer que em qualquer grau solte o espírito dos laços do corpo, no mesmo grau o admite à consciência do mundo espiritual; e, portanto, muitas pessoas, especialmente mulheres de constituições fracas ou de temperamento peculiarmente nervoso, são encontradas ser médiuns, ou, como Reichenbach os chama, sensíveis.

Agora, não há dúvida, mas que muita prática de mediunidade é para tais pessoas debilitante. Os espíritos que se manifestam através delas necessariamente apoderam-se da sua atmosfera espiritual, como os seus meios de entrar em contacto palpável com espíritos encarnados, e assim retiram delas uma porção do seu poder vital. Mas isto nem sempre é o caso, nem é errado derivar informação desta maneira. A prova disto encontra-se no resultado, que é bom, e portanto justificado pela lei Divina – Pelos seus frutos os conhecereis. Qualquer pessoa que se torne inteligente de coisas interiores e de eventos vindouros é um médium, embora muitas vezes não o saiba.

Stilling viveu num estado perpétuo de mediunidade, e teve os seus pressentimentos, os seus avisos, as suas visões e revelações, como da morte de Lavater, e no entanto viveu até uma boa velhice. A forma mais alta de agência espiritual é a direta do Espírito Divino. Mas Deus rodeou-nos dos Seus espíritos ministradores, e age grandemente através deles. Embora nos seja dito no Antigo Testamento que o Senhor desceu ao Monte Sinai e entregou a lei a Moisés escrita pelo Seu próprio dedo; somos informados no Novo Testamento que mesmo aí foi por um anjo que lhe falou no Monte Sinai,' Atos vii. 38.

E mais uma vez, em palavras dirigidas aos Judeus no mesmo capítulo, verso 53, 'que recebestes a lei pela disposição de anjos, e não a guardastes.' De modo que é difícil para nós dizer onde Deus nos fala mediatamente ou imediatamente. Stilling, tendo-nos dito que tal intercâmbio é errado, prossegue para nos dar instâncias abundantes dos bons efeitos de tal mediunidade.

De facto, cada caso que aduz de aparência ou aviso preternatural é para o bem e não para o mal. Introduz Swedenborg satisfazendo as dúvidas espirituais da Rainha da Suécia, ou um mercador de Elberfeld, um amigo de Stilling, e prevenindo uma viúva de pagar uma soma duas vezes, trazendo a informação do seu marido no mundo espiritual de onde o recibo seria encontrado.

O Professor Boehm de Giesen é misteriosamente atraído de um círculo social para os seus próprios aposentos, onde é levado a arrastar a sua cama de um lado do quarto para o outro, e depois regressar à sua companhia, perguntando-se à coisa tola que fizera; mas à meia-noite a viga no teto cai sobre o lugar onde a cama estivera, e o Professor vê então a mão de Deus, através dos seus bons anjos provavelmente.

Cita o caso do pai de Madame de Beaumont, que ia numa festa de prazer no rio em Rouen, e foi impedido pela angústia de uma tia surda e muda, e assim salvo de afogamento, o destino da maioria da festa. A mulher de um mecânico comum, diz-nos ele, tinha este dom espiritual, a quem espíritos vinham suplicar pelas suas orações, e recebiam muito benefício delas. Podia chamar um amigo distante ao seu leito de doente quando estava doente por este poder; consolava pessoas em angústia assegurando-lhes da segurança dos seus amigos ausentes; predisse os horrores da Revolução Francesa; e viu o Almirante Coligny numa camisa sangrenta.

Viu Cagliostro, e percebeu que tinha poder espiritual, mas usava-o como necromante. No entanto Stilling assegura-nos que esta Mrs. W- - era uma cristã piedosa e benevolente, e viveu até à idade de sessenta e três anos. E como aconteceu que ela podia ser tudo isto e no entanto praticar o que era errado? Fazia-o, diz-nos ele, por 'vigília e oração incessantes.' Precisamente assim! É o espírito em que o intercâmbio espiritual é mantido que o torna bom ou mau. O Espiritualismo é ordenado ou desordenado; por outras palavras, bom ou mau. É um dom Divino que pode, infelizmente, como todos os nossos outros dons, ser pela oração santificado, pela negligência dela – profanado e demonizado.

Há uma passagem notável em 'O Pastor de Hermas', um livro escrito no primeiro século, e então lido nas igrejas cristãs como canónico, que concorda tão exatamente com a experiência de mim mesmo e da minha família, que aqui a recomendo à atenção especial dos espiritualistas: Há um profeta mentiroso que destrói as mentes dos servos de Deus; isto é, daqueles que são duvidosos, não daqueles que confiam plenamente no Senhor.

Agora essas pessoas duvidosas vêm a ele como a um espírito Divino, e inquirem dele o que lhes acontecerá. E este profeta mentiroso, não tendo nele poder do espírito Divino, responde-lhes de acordo com as suas demandas, e enche as suas almas com promessas de acordo com o seu desejo. No entanto esse profeta é vão, e responde coisas vãs àqueles que são eles mesmos vãos. E o que quer que seja perguntado dele por homens vãos, responde-lhes vãmente. No entanto, fala algo verdadeiramente. Quem

quer que, portanto, sejam fortes na fé do Senhor, e tenham vestido a verdade, não estão unidos a tais espíritos, mas afastam-se deles.

Mas aqueles que são duvidosos e muitas vezes arrependidos, como os pagãos, consultam-nos, e amontoam para si mesmos grande pecado, servindo ídolos.

Pois todo o espírito que é dado de Deus não precisa de ser perguntado, mas tendo o poder da divindade, fala todas as coisas de si mesmo, porque vem de cima, do poder do Espírito de Deus. Mas aquele que sendo perguntado, fala de acordo com os desejos do homem, e concernente a muitos dos assuntos deste mundo presente, não entende as coisas que se relacionam com Deus.

Pois estes espíritos estão escurecidos através de tais assuntos, e corrompidos e quebrados. Mas aqueles que têm o temor do Senhor, e buscam a verdade concernente a Deus, tendo todos os seus pensamentos para o Senhor, apreendem o que quer que lhes seja dito, e de imediato entendem-no, porque têm o temor do Senhor neles. Pois onde o Espírito do Senhor habita, aí também é adicionado muito entendimento.

Portanto une-te ao Senhor, e entenderás todas as coisas. Há uma provação dos espíritos.

"Mostrou-me certos homens sentados sobre bancos, e um homem sentado numa cadeira; e disse-me, 'Vês aqueles que se sentam sobre os bancos? São os fiéis, e aquele que se senta na cadeira é um espírito terreno. Pois não vem à assembleia dos fiéis, mas evita-a, e une-se aos duvidosos e vazios; e profetiza-lhes em cantos e lugares escondidos, e agrada-lhes falando-lhes de acordo com todos os desejos dos seus corações. Prova o homem que tem o Espírito de Deus; porque o espírito que é de cima é humilde e quieto; e afasta-se de toda a maldade e dos desejos vãos do mundo presente.

Torna-se mais humilde do que todos os homens, e não responde a ninguém quando é perguntado, pois o Espírito de Deus não fala a um homem quando ele quer, mas quando Deus agrada.'" Esta tem sido a nossa experiência.

Façam perguntas em sessões, e tereis muitos espíritos ociosos a correr para vos responder de acordo com os vossos desejos: esperai em oração pelo que vos possa ser dado do espírito da verdade, e tereis verdade. Pois o Espiritualismo é para a verdade espiritual, não para assuntos mundanos, que são o negócio das nossas faculdades naturais. O Pastor de Hermas, portanto, diz da pregação: – 'Quando, portanto, um homem que tem o Espírito de Deus vier à igreja dos justos, que têm a fé de Deus, e orem ao

Senhor, então o santo anjo de Deus enche esse homem com o espírito abençoado, e ele fala na congregação como é movido de Deus.'

Mostramos agora o suficiente de Jung Stilling, e referimos o leitor à 'Pneumatologia' para muitos outros casos extraordinários de intervenção espiritual.

Houve poucos espiritualistas em qualquer época que mais claramente entendessem os mistérios da economia espiritual, ou que mais fiel e conspicuamente obedecessem às suas monições mais altas – aquelas vindas do próprio Espírito Divino.

CAPÍTULO III

MANIFESTAÇÕES DO SOBRENATURAL NA ALEMANHA (continuação)

Justinus Kerner e a Vidente de Prevorst.

Mas a figura mais proeminente no círculo espiritual de médico de Würtemberg, que partiu desta vida em Weinsberg, perto de Heilbronn, que fora muitos anos o seu lugar de residência, tão tarde como o 22 de Fevereiro do presente ano de 1862, aos setenta e seis anos. Há muito estava cego. Foi educado em Tübingen, onde se familiarizou com Uhland, e uniu-se a ele na coleção da Poesia para o Povo. Estabeleceu-se em Weinsberg como o médico do governo do distrito.

Aí, aos pés do célebre Weibertreue, um castelo de Weinsberg, dedicou-se à poesia bem como à medicina, e adquiriu uma reputação distinta como poeta lírico e um dos fundadores da nova escola de poetas suábios. Publicou sucessivamente o 'Deutschen Dichterwald', que contém algumas das suas produções mais finas; 'Poemas Românticos;' e uma edição recolhida dos seus poemas.

Publicou também 'Reiseschatten', ou 'Sombras de Viagem', uma obra estranha, selvagem, fantástica de poesia e prosa misturadas, e os 'Sem-Abrigo', uma história muito intelectual e patética. Distinguiu-se em seguida pelas suas pesquisas químicas nas causas frequentes de envenenamento por comer salsichas, uma coisa muito frequente há algum tempo na Alemanha, mas escassamente alguma vez ouvida em Inglaterra pelo uso de carne mais saudável. Atribui isto à acidificação da gordura, que assim adquiria uma propriedade venenosa.

Mas quando Dr. Kerner assim atingira uma alta reputação como homem médico e científico, bem como poeta, espantou toda a Alemanha, no meio do seu saduceísmo filosófico, anunciando o caso de uma paciente sua,

como um exemplo de clarividência pouco aquém do de Swedenborg, e como dando as provas mais indubitáveis da realidade de espíritos e de um mundo espiritual.

Podemos imaginar a sensação criada supondo o que tal anúncio teria sido em Inglaterra se tivéssemos tal fenómeno como um médico com a reputação de Forbes Winslow e um poeta com a de Campbell enrolados num só; e que nos assegurasse sobriamente que a sua paciente via para o mundo espiritual a todas as horas e em todos os momentos; via o que estava distante bem como perto; o que estava no futuro bem como no presente; e dava as provas mais inegáveis de que via tudo isto.

A excitação, o clamor, a confusão eram indescritíveis.

Os filósofos racionalistas, claro, sorriam; os eruditos na moda trovejavam, e escreviam grandes livros para refutar tudo antes de terem eles mesmos visto e examinado os fenómenos; os ignorantes e mundanos sorriam na sua suposta sabedoria, ou riam na sua tolice natural.

Havia, no entanto, um número de eruditos, e aqueles possuindo algumas das cabeças mais profundas na Alemanha, que sensatamente tomaram o seu caminho para Weinsberg, viram, testaram, e regressaram perfeitamente satisfeitos da verdade do assunto e de todos os seus detalhes. Entre estes estavam Kant, Schubert, Eschenmayer, Görres, Werner, &c., &c. Dos chefes destes eruditos metafísicos e historiadores citarei presentemente os veredictos.

Em 1829, Kerner publicou toda a narrativa sob o título de A Vidente de Prevorst, Madame Hauffe, a paciente, tendo morrido em Agosto desse ano. A obra entrou em três edições nos dez anos seguintes, a terceira, publicada em 1838, jazendo agora perante mim.

Os conflitos no mundo literário durante esse período assemelhavam-se aos que grassaram por tantos anos nos Estados Unidos após o desenvolvimento das Senhoritas Fox; e eram muito maiores do que a segunda edição daqueles que o espalhar da nova fase do Espiritualismo para Inglaterra ocasionou.

Através de tudo, Kerner, um homem de caráter genial e realizado, manteve o máximo bom-humor, rindo dos ridentes, sorrindo dos tempestuosos, lamentando os abusivos, confiante na estabilidade dos seus factos; e simplesmente dizendo no seu prefácio da terceira edição da Vidente: – Verdadeiramente é duro – e quem não deve senti-lo? – que uma mulher tola e fraca derrube sistemas eruditos, e traga novamente uma fé que a elevada sabedoria dos homens imaginava estar no ato de desenraizar completamente.

Mas para isto não conheço outro conforto senão o de Paulo, 1 Cor. i. 27, 28, "Mas Deus escolheu as coisas tolas do mundo para confundir os sábios; e Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as coisas que são poderosas," &c.

E tu,' adiciona, 'livro muito perseguido, vai agora ousadamente para o meio da multidão, ensinando e avisando, e possam os espinhos com que buscam sufocar-te tornar-se guirlandas de vida!'

Kerner preparara algo o mundo erudito para este choque, por 'Um Relato de Duas Sonâmbulas', publicado em 1824; e seguiu a Vidente por uma 'História de Casos de Possessão em Tempos Modernos;' por 'Aparição da Região Noturna da Natureza' em 1836, e outra obra sobre 'Possessão', e o modo antigo de a curar por ação magnética.

Mas embora Kerner tivesse começado a estudar este grande e negligenciado domínio da Psicologia, denominado por Eschenmayer, 'A Região Noturna, ou Lado Noturno da Natureza', antes de a vidente se tornar a sua paciente, é claro que até esse período obtivera apenas um conhecimento muito superficial dos seus fenómenos maravilhosos; pois quando Madame Hauffe foi trazida a ele para Weinsberg, determinou severamente tratá-la pelas velhas regras da medicina, e quase a matou.

Foi provavelmente através de ter publicado a sua obra sobre as duas sonâmbulas que foi chamado a esta senhora: mas em breve descobriu que em vez de ditar a ela, a sua sabedoria era sentar-se e ser ditado por ela das regiões interiores da vida.

O seu espanto, à medida que as provas de um mundo invisível e de um poder e agência invisíveis se erguiam perante ele nesta pobre inválida, e de dia para dia demonstravam a sua própria realidade, era além de tudo da sua vida passada inteira; e é afortunado para o mundo que o caso caiu nas mãos de um homem cuja mente não estava demasiado petrificada pela sua ciência, para lhe permitir ver que havia impérios de ciência jazendo ainda perante e atrás dele.

Como foi a vidente e uma vigília diária de quase seis anos do seu caso, que não só fez Kerner, mas muitos das mentes mais célebres da Alemanha, espiritualistas completos e declarados, trarei a vidente em vez de Kerner para o primeiro plano, apenas observando que mudança impressionante a observação e reflexão séria sobre estes casos produziu no espírito de Kerner.

Nas Reiseschatten, tudo é selvagem, fantástico, e pertencente exclusivamente à vida exterior e humor; na Vidente, o tom é o de uma

sabedoria castigada pelas visões mais profundas do ser; e adorável na sua benevolência cristã.

O seu tom é como o de Wordsworth nos seus últimos anos, que, dirigindo-se ao espírito de Coleridge, diz dos seus leitores:

> Profetas da Natureza, falaremos a eles
> uma inspiração duradoura, santificada
> pela razão, abençoada pela fé: o que amámos
> outros amarão, e ensiná-los-emos como:
> Instruí-los como a mente do homem se torna
> mil vezes mais bela do que a terra
> em que habita, acima deste quadro de coisas
> em beleza exaltada, como é ele mesmo
> de qualidade e tecido mais divino.

'Amado,' diz Kerner, como as relações da nossa vida exterior agora são esta vida quotidiana – o homem é como uma crisálida, que tem a sorte infeliz de se desenvolver no meio de uma multidão de rapazes. Vê, amado! como um sopra para ela, e outro bate nela, e um terceiro a transfixa com uma agulha; e assim perturbada no seu desdobramento, morre lentamente, ainda meia crisálida. E isso, amado! é a imagem de uma vida magnética infeliz, cujos fenómenos são o sujeito mais especial destas páginas.'

Madame Hauffe nasceu no país montanhoso de Würtemberg em Prevorst, uma aldeia perto da cidade de Löwenstein. Esta região, cujo ponto mais alto das colinas é apenas 1.879 pés acima do nível do mar, está, no entanto, cheia de influências magnéticas, e produz efeitos similares aos da segunda-visão nas Terras Altas da Escócia, na Dinamarca, e na Suíça, como em breve encontraremos evidenciado em Zschokke, um habitante do último país.

Os pais de Madame Hauffe estavam em circunstâncias respeitáveis. O seu pai era o Jäger, ou guarda-florestal da vizinhança, e a ocupação do irmão dela parece ter sido do mesmo tipo. O seu avô materno vivera sob orientação espiritual desde a juventude, como os Amigos diriam, 'fora levado e guiado;' na linguagem dos espiritualistas, era um médium decidido, aberto à influência espiritual, e quando, pelos seus próprios planos para o seu progresso na vida, deixara a sua situação, fora virado para trás no seu caminho pela aparência de um espírito, e fortes impressões na sua mente, retomara o seu posto, e tivera grande sucesso nele, tornando-se o chefe da preocupação, e uma bênção para toda a vizinhança.

Frederica Hauffe nasceu em 1801. Era uma criança viva, mas em breve mostrou que era uma médium. Foi, portanto, enviada ao avô na mais

arejada Löwenstein, para que não fosse demasiado exposta à influência espiritual na solidão de Prevorst.

Mas o avô dela em breve viu que era extremamente sensível às impressões de lugares particulares. Em alguns era toda alegria, em outros tornava-se imóvel com um tremor de assombro. Como Caspar Hauser, sentia a proximidade de sepulturas, e na igreja não podia permanecer abaixo, mas ia sempre para o sótão. Era sensivelmente afetada por diferentes metais, e tornava-se percetiva de espíritos.

Casou-se aos vinte anos de idade, e foi viver para Kurnbach, um lugar jazendo baixo e sombriamente entre as montanhas, muito diferente na sua atmosfera das situações arejadas de Prevorst e Oburstenfeld, onde passara a maior parte da juventude. A sua tendência para desenvolvimento espiritual aqui cresceu rapidamente, e caiu em doença séria através do seu esforço para ocultar a sua condição. Nesse estado sofreu muitas coisas de muitos médicos, que não entendiam de todo a sua doença.

Foi atacada por cãibras, especialmente no peito; sentia ter uma pedra na cabeça; começava a ver figuras em cristal, ou espelhos; quando olhava para um copo de água podia ver formas e equipagens, e descrevê-las meia hora antes de virem à vista. Tinha sonhos proféticos; possuía a segunda-visão, e anunciava mortes vendo caixões e funerais em casas onde todos estavam com saúde, mas onde o prognóstico era sempre em breve realizado. A aparência de espíritos tornava-se mais frequente, e mais distinta. Falava muitas vezes em verso por dias seguidos.

Teve uma longa doença após o nascimento do seu primeiro filho; muitos remédios foram tentados, mas pareciam apenas aumentar a sua doença.

Na sua estado clarividente descrevia um instrumento que chamava um NERVENSTIMMER, um ajustador ou regulador dos nervos, cujo desenho é dado no volume; mas não se tomou nota dele, embora, quando num período muito posterior se referiu a isto em Weinsberg, Kerner mandou fazer um, e do seu efeito salutar, imaginou que se usado na altura em que o nomeou pela primeira vez, poderia tê-la restaurado.

Como era, caiu na condição mais extrema de debilidade; perdeu os dentes; teve hemorragias exaustivas, e cada medicamento que devia dar força, apenas produzia fraqueza adicional.

Os amigos dela então procuraram um homem, que lhe forneceu um amuleto, e professava curar por simpatia, mas o tratamento dele agravou grandemente a doença dela, e Kerner foi chamado. A singularidade do caso dela, e o tratamento recorrido, enchera todo o país ao redor com os rumores mais extraordinários.

Os próprios parentes dela tinham atribuído muito da doença dela à imaginação, e trataram-na com muita dureza. Numa ou mais ocasiões repreenderam-na por fingir doença, e compeliram-na a sair da cama, mas ela caíra no chão em convulsões ou em tal prostração que a vida dela fora quase terminada por isso.

O próprio Kerner fora grandemente preconceituoso contra ela pelos relatos dela, circulando pelo país; e, embora nunca a tivesse visto, determinara pôr todas as fantasias e queixas dela em fuga por um tratamento vigoroso regular pelas regras ordinárias da medicina. Mas descobriu que cada remédio produzia nela exatamente um efeito oposto ao que esperava. O marido e parentes dela estavam em desespero; era como uma morta, no entanto não morria; e como último esforço e contrário aos desejos de Kerner, levaram-na para Weinsberg, e deixaram-na ao cuidado dele.

Chegou aí a 25 de Novembro de 1826, mais morta do que viva. Era necessário dar-lhe a cada poucos minutos uma colher de sopa, ou desmaiava, e era atormentada por cãibras. Todas as noites às sete horas caía num sono magnético, tornava-se clarividente, e falava o que via. No seu primeiro sono neste estado, na noite da sua chegada, mandou chamar Kerner.

Ele não foi até ela estar acordada, quando lhe disse severamente que nunca a veria, ou a ouviria no seu sono; que não pensava nada do que ela dizia nele; que o seu hábito sonâmbulo tornara os seus parentes miseráveis, e agora devia cessar. Disse isso com ênfase grave, pois a sua determinação era tratá-la estritamente numa base física.

As palavras e tom dele nesta ocasião atiraram-na para um estado da mais profunda prostração e angústia.

Kerner continuou, no entanto, o seu plano de tratamento por algumas semanas; mas descobriu que só lhe fazia mal. As doses mais pequenas de medicamento produziam efeitos muito opostos aos que esperava; e era evidente que um curto tempo de persistência neste curso terminaria a existência dela.

Kerner foi portanto compelido a permitir que ela se prescrevesse a si mesma no sono magnético, o que há muito ansiosamente suplicara para ser permitido fazer quando nesse estado; e confessa que o médico exterior se envergonhou de ver que remédios muito melhores o médico interior dela prescrevia.

Quando lhe pediu para se prescrever a si mesma, respondeu que não podia fazer isso até estar no estado de sonambulismo na noite seguinte.

Kerner ordenou que sete passes mesméricos fossem feitos sobre ela quando dormisse; e ela no sono disse que um curso gentil de magnetismo continuado sobre ela por sete dias seria o melhor para ela.

No momento em que saiu do sono, sentiu-se muito melhor dos sete passes, embora ninguém lhe dissesse que os recebera, que pôde sentar-se na cama, e sob o curso de manipulação que prescrevera no sono, continuou a melhorar. Era agora demasiado tarde para a sua recuperação completa, mas durante a sua estada em Weinsberg, mais de dois anos e meio, continuou a prescrever para si mesma, e Kerner dedicou-se a vigiar e registar as manifestações extraordinárias.

Na pessoa Madame Hauffe era pequena, as suas feições de um molde oriental, com longas pestanas escuras; e o seu corpo era tão leve e frágil quase como uma sombra. Recebera nada além da educação mais mesquinha; não conhecia linguagem senão a sua; nada sabia de geografia, história, nem história natural; a sua Bíblia e Livro de Orações sendo os seus únicos estudos.

O seu caráter moral é descrito tanto por Kerner como por Eschenmayer, nos seus Mistérios, como irrepreensível; a sua piedade profunda, e sem hipocrisia; e embora extremamente caluniada e denunciada como impostora, não nutria má-vontade para com ninguém. Dissemos que no seu sono magnético falava em verso frequentemente, uma vez por três dias inteiros seguidos.

Uma destas pequenas, simples efusões expressava a sua confiança em Deus sob tais acusações:

> “Du, Vater, bist gerecht,
> Kennst mich alleine,
> Weisst ob ich gut, ob schlecht,
> Weisst wie ich's meine.
> Ob ich betrüge,
> Mich selbst belüge,
> Ob dieses Schauen ächt,
> Ob unrein oder reine:
> Und ob diess Schauen gleich
> Von dir gekommen;
> Wär' ich freudenreich
> Wird's mir genommen:
> Ja, wollest mir diess innre Aug' verhüllen!
> Doch willst du nicht-trag' ich's nach deinem Willen.”

“Tu, Pai, és justo,
Apenas Tu me conheces,
Sabes se sou bom, se sou mau,
Sabes o que realmente sinto.
Se eu engano,
Se minto a mim próprio,
Se este olhar é verdadeiro,
Se é impuro ou puro:
E ainda que esse olhar
Terá vindo de Ti;
Se eu tivesse alegria,
Ela me seria tirada:
Sim, se quiseres, veda-me este olho interior!
Mas se não quiseres, eu o suportarei conforme a tua vontade.”

A expressão é simplesmente que Deus é justo, e sabe se ela é má, engana os outros, ou mente a si mesma; sabe se a sua visão interior é genuína, e vinda Dele.

Acredita que se fosse rica em alegrias isto lhe seria tirado, mas sabe que não o será, pois o suporta pela Sua vontade.

Kerner agora testemunhava diariamente na sua paciente toda a espécie de manifestação espiritual que desde então se tornou tão comum na América e em Inglaterra, exceto o modo de conversar com espíritos através de batidas e do alfabeto – pois disto não tinha necessidade, conversava com eles diretamente. Era, de facto, de acordo com Kerner, Eschenmayer, Schubert, Görres, e outros, que a observaram longa e cuidadosamente, mais no mundo espiritual do que no físico. A dela era realmente um daqueles casos que Stilling diz surgirem de doença, ou melhor era fortalecido por ela, pois vimos que era uma médium desde criança.

A vida dela pendurava no corpo, por assim dizer, apenas por um único fio. Um único nervo parecia acorrentá-la a ele. Era mais do que meia espírito,' diz Kerner, 'e pertencia a um mundo de espíritos; pertencia a um mundo após a morte, e era mais do que meia morta. No sono apenas estava verdadeiramente acordada. Mais ainda, tão solta era a conexão entre alma e corpo que, como Swedenborg, muitas vezes saía do corpo, e podia contemplá-lo separadamente.'

'Neste estado,' adiciona Kerner, 'não tinha força orgânica, mas dependia totalmente da de outras pessoas, que recebia principalmente através dos olhos e das pontas dos dedos.' Ela disse isto ela mesma, e outros sentiam-

no, sentiam que ela retirava força deles, como espíritos invisíveis muitas vezes fazem de médiuns. Pessoas fracas sentiam-se mais fracas perto dela. Retirava alimento do ar, e no tempo mais frio não podia viver sem a janela aberta. Via e conversava diariamente com espíritos, tanto dentro como fora do seu sono magnético. Dizia que a presença deles era desagradável para ela no estado exterior acordado, mas deliciava-se na sociedade deles no estado interior acordado.

Aqui estava numa condição de homogeneidade com eles – inteiramente espírito com espírito. Não era dada a falar das aparições que via, e se não tivesse sido questionada, pouco das visitas deles teria sido conhecido. No entanto vinham continuamente a ela, para orar por eles. Vinham muitas vezes muito pretos ou cinzentos, pois pureza ou impureza moral não é uma qualidade metafísica, mas real, e tão conspícua em espíritos como uma compleição suja ou clara em seres humanos. Concedia os pedidos deles, orava com eles, cantava hinos com eles, e crescendo mais claros, mais brancos, e mais brilhantes, eventualmente despediam-se, com agradecimentos, para uma esfera mais alta.

Que estes não eram meras imaginações provas continuais foram dadas, para as quais devo referir o leitor ao volume em si; mas esta uma pode ser tomada como a primeira instância que ocorreu.

Madame Hauffe chegou a Weinsberg a 25 de Novembro de 1826. Era uma completa estranha no lugar, e não conhecia alma nele exceto Kerner. No entanto na própria noite desse primeiro dia, quando caiu no sono magnético, disse-lhe que um homem estava perto dela que desejava dizer algo a ela; mas não podia dizer o quê. Que ele piscava terrivelmente os olhos, e que a aparência dele a perturbava; desejava que ele se fosse embora.

A 24 de Dezembro disse que o homem estava lá novamente, e na noite seguinte que ele trouxera uma folha de papel com figuras nela, e que ele subia de uma abóbada abaixo. Agora Madame Hauffe jazia num pequeno quarto de uma casa no rés-do-chão, mas na verdade sobre as adegas de um mercador de vinho chamado F que ocupava a casa adjacente, de cuja circunstância nada sabia. Kerner reconheceu o espírito do homem pelo piscar, e por um relato de que na sua morte, seis anos antes, deixara algo errado nos seus assuntos com Mr. F-, no emprego de quem estivera.

O espírito veio uma e outra vez, implorando-lhe para se esforçar por endireitar este assunto, e que o documento ou conta necessário estava numa casa a sessenta passos da cama dela. Dizia que via um cavalheiro alto escrevendo num pequeno quarto com um maior além, no qual estavam alguns baús, um deles aberto; e numa secretária uma pilha de papéis, entre

os quais estava o papel que atormentava este espírito. Kerner mandou Mr. F- testemunhar estas declarações no sono da Vidente, e imediatamente reconheceram o edifício descrito como o escritório do alto oficial de justiça.

Kerner foi ao alto oficial de justiça, e procuraram o papel, mas em vão, e concluíram que a visão dela era falsa, e que não havia tal coisa. Regressou e disse-lhe isso, mas ela insistiu calmamente que o papel estava lá, e devia e podia ser encontrado.

Madame Hauffe dissera que vira o número 80 no fundo do papel, e portanto Kerner deu-lhe um papel quando estava no sono à noite, no qual havia filas de figuras, e no fundo 80. Disse-lhe que era o que queria; mas ela disse, 'Não, o papel ainda está onde estava; e o homem estava lá novamente importunando.

Que este papel jazia na alma dele, prendia-o à terra; mas se fosse encontrado poderia, pela oração, obter salvação.' Tanto no sono como após acordar mostrava grande inquietação a respeito do papel. Kerner foi, pois, novamente ao alto oficial de justiça, e encontrou o papel exatamente como ela o descrevera. Kerner pediu ao alto oficial de justiça para trazer o papel consigo, e assistir ao sono da Vidente. Veio, e no sono dela exclamou, Os papéis já não estão lá! Mas ah! – isso é surpreendente! o que o homem sempre tem na mão, jaz aí aberto.

Agora posso ler mais, "Para ser levado para o meu livro privado;" ah! essa é a linha a que ele sempre aponta; deseja dirigir a atenção para esse livro.' O oficial de justiça ficou espantado, pois em vez de ter o papel no bolso, como Kerner supusera, colocara-o como a adormecida agora descrevia. Este livro privado, parecia, estava em falta, e a mulher estava em perigo de ser posta ao seu juramento sobre ele; e como não sabia dele, era provável que se perjurasse jurando que não havia tal livro. Madame Hauffe desejava que a viúva fosse avisada para não jurar que não havia tal livro. Como Kerner não gostava de escrever à viúva, Madame Hauffe escreveu-lhe ela mesma, e teve uma entrevista com ela.

O alto oficial de justiça, Heyd, elaborou uma declaração e assinou-a, dizendo, que o homem cujo espírito aparecera, conduzira o negócio de mercador de vinho F, e na sua morte havia uma deficiência de 1.000 florins, e o livro privado do gerente estava em falta. Que procedimentos tinham sido tomados contra a viúva dele por esta conta, quando tudo foi esclarecido pela descoberta deste papel através da aparência do espírito a Madame Hauffe.

Mr. F-, o mercador de vinho, também deu uma atestação escrita da verdade destas relações, dizendo, que anteriormente não tinha crença em aparições,

nem em sonâmbulos, mas que os seus olhos e ouvidos neste caso o convenceram de que não havia engano. Que o assunto, que ocorrera seis anos antes, deixara de ser falado; que não mencionara o sujeito do papel a ninguém senão ao magistrado, e quando agora lhe foi falado, teve dificuldade em recordar os particulares do caso. Mas este era apenas um caso entre muitos igualmente extraordinários, estendendo-se através de todo o tempo que Madame Hauffe esteve em Weinsberg.

Mencionava muitas vezes as visitas de espíritos, dos quais ninguém na vizinhança alguma vez ouvira; sabia tudo dos lugares distantes de onde vinham, e na inquirição toda a circunstância foi descoberta ser correta. Tal foi o caso do Burgomestre de Lenach, que, de acordo com a declaração do seu espírito à Vidente, defraudara dois órfãos.

Kerner, ao falar das provas repetidas da realidade destas aparições faz algumas observações, cuja verdade deve impressionar todos os que tiveram de lidar com os argumentadores contra fenómenos espirituais: – Quando a Vidente estava viva, e estas coisas eram faladas, algum daqueles que agora escrevem volumes de refutação, alguma vez se deu ao trabalho de vir e vê-la, e examiná-la por si mesmos?

Não; sentavam-se quietos nas suas secretárias, e no entanto consideravam-se melhor capazes de pronunciar sobre estes factos do que o calmo, sério, e profundo psicólogo, Eschenmayer, que examinou tudo no local, e em pessoa, e não pensou nada de fazer uma viagem no fundo do inverno, para o propósito. Assim apenas, em tais assuntos pode a verdade ser elicitada. Aprendizagem e especulação não podem suprir o lugar de investigação pessoal.'

Madame Hauffe, como a maioria dos clarividentes, podia ler no seu estado magnético, qualquer coisa colocada no fundo do estômago, e encerrada entre outras folhas de papel em branco.

Sem mesmo tentar olhar para o papel, declarava sempre o seu conteúdo, e quando Kerner colocava dois tais papéis no peito dela, um dizendo que havia um Deus, e o outro negando isto, dizia que um papel a fazia sentir feliz, o outro dava-lhe o sentimento de um vazio. Via continuamente coisas à distância; sabia o que se passava em casa; escrevia, e avisava os pais dela de um perigo para o filho dela, que assim evitaram; e, noutra altura, de um perigo para o irmão dela da espingarda dele.

Ele examinou-a, e descobriu que fora maliciosamente carregada por alguém, de tal maneira, que provavelmente teria rebentado na mão dele ao ser disparada. Previa a morte do pai e avô dela, e muitas tais coisas. Reconhecia a avó materna como o seu anjo da guarda constante, mas

faltando-lhe por uma semana, outro anjo da guarda disse-lhe que estava estreitamente ocupada no do avô dela. Estava, de facto, atendendo o marido dela, o avô da Vidente, nas suas últimas horas.

Madame Hauffe tinha um poder terapêutico maravilhoso, embora ela mesma tão desesperada inválida. A prova mais notável disto foi a restauração da Condessa de Maldegham orando com ela. Esta senhora caíra num estado da mais estranha alucinação após o nascimento do seu segundo filho. Imaginava-se não mais realmente viva. Não reconhecia a identidade do marido ou dos filhos dela. Acreditava que tinham perdido a propriedade deles, e quando levada a ela, não a podia reconhecer. O conde, na mais profunda ansiedade sobre a condição dela, consultara todos os médicos mais famosos tanto na Alemanha como noutros países, mas tudo em vão.

A condessa, nos seus intervalos lúcidos, dizia sempre que a cura dela não procederia de médico nenhum, mas do marido dela. O conde ao ouvir das curas por Madame Hauffe, foi a Weinsberg com a condessa. Introduziu-a à Vidente através de Kerner; orou com a condessa, e prescreveu por clarividência para ela, e foi subitamente e completamente curada. Eschenmayer diz, 'Ouvi o relato dos lábios da própria condessa, e testemunhei a convicção inteira dela de que fora curada pela Vidente.

Esta história dá-nos um vislumbre para a região das simpatias espirituais, que dispersa, como bolhas de sabão, todas as nossas miseráveis objeções tiradas das leis da natureza. O meu amigo Kerner chama a humanidade a reconhecer o poder da fé e oração; mas, ai! não o conhecem.

Pensam abrir o universo pela força da sua razão vaidosa, e acham-no apenas uma concha vazia.'

Kerner, em 1838, relatou que a condessa ainda, dez anos após, permanecia perfeitamente bem; e Mrs. Crowe, na altura da sua tradução de 'A Seherin von Prevorst', foi informada por um cavalheiro recentemente da Alemanha, que permanecia assim nesse período. Madame Hauffe encontrou desenvolvido nela uma linguagem espiritual interior, que tanto falava como escrevia.

Dizia que estava não desenvolvida em toda a alma humana, e que no momento em que saem da carne, falam-na instintivamente. A linguagem era sonora, e tinha uma semelhança oriental. Dizia que estava ligada a números, e portanto possuía uma expressão infinitamente maior do que qualquer linguagem exterior. Quando estava acordada, nada sabia dela. Dizia que nas palavras desta linguagem jazia essencialmente o valor e propriedades das coisas que expressavam.

Dava a si mesma um nome, EMELACHEN, que dizia expressar inteiramente o caráter dela, e nomes semelhantes aos amigos dela. Isto, observei, é a prática de todos os espíritos, e também vos dão e a todos em comunicação com eles, nomes expressivos dos caracteres deles. Muitas das palavras assemelhavam-se ao hebraico e árabe. Espécimes delas são dados no volume, bem como espécimes da escrita, tendo uma impressionante semelhança com outra escrita espiritual que vi. Outros desenvolvimentos extraordinários nela, eram os seus Sonnenkreise e Lebenskreise, círculos solares e círculos vitais.

Após um tempo de grande sofrimento em Outubro de 1827, disse que sentia um anel circundando-a, e preso ao lado esquerdo dela. Que não era um anel imaginário mas real, jazendo pesado sobre ela, e jazia nos nervos, e consistia de espírito nervoso. Sob este anel sentia seis outros anéis. Dentro deste anel maior, percebia um anel interior de três círculos. Este anel interior chamava o seu círculo vital, a alma residindo no centro, e olhando para fora para o grande círculo exterior, que chamava o seu círculo solar. Há alguma pequena confusão na descrição dela, pois os seis círculos menores sob o círculo grande, e que eventualmente se tornaram sete, também chama círculos solares.

O significado parece ser que o círculo interior ou vital é a esfera da vida espiritual, o círculo exterior com os seus círculos menores é o círculo da vida exterior, os círculos menores tantos anos. Estes representavam as experiências exteriores dela desde que caíra no estado magnético, e o último foi cortado em dois numa direção particular, tornando certo número de meses bastante em branco. Durante este tempo não tinha consciência do que se passava exteriormente. Este período era um branco na memória dela.

O círculo exterior ou solar, era dividido em doze seções – meses; o interior em treze e meio. Estes círculos, dizia, estavam sempre em movimento, e a cada sete anos os sete círculos solares caíam e sete mais apareciam. Toda a pessoa dizia ter dois números ligados às vidas delas. Os números dela eram sete e dez, e dentro destes números os eventos vinham em ciclos. Mas a coisa mais notável ligada a estes círculos, é, que o equilíbrio do bem e mal de cada dia é somado e expresso num cifrão, e levado para o dia seguinte; o da semana, do mês, e do ano o mesmo.

No fim de cada dia, semana, mês e ano, este cifrão, expressando o equilíbrio exato a favor ou contra o indivíduo, fica registado; e assim, no fim da vida dele, fica um cifrão expressando a conta moral exata do indivíduo. Portanto, no momento em que a alma sai do corpo, leva consigo, escrito no

peito, a soma exata do bem ou mal de toda a existência dela. Esta é uma ideia espantosa.

Que temos nas nossas próprias almas um princípio que se auto-inscreve, prosseguindo nas suas operações independente do nosso controlo, e apresentando a condição espiritual exata no momento da nossa entrada no mundo espiritual.

A compreensão plena deste sistema de círculos só pode ser obtida por um estudo cuidadoso das explicações dadas pela Vidente, e que estão em grande no volume de Kerner, mas das quais Mrs. Crowe dá apenas um resumo na sua tradução. Temos também no original sete placas litográficas, representando estes círculos. Estas, a Madame Hauffe desenhou sob influência espiritual: e a maneira do desenho dela merece atenção especial, pois todo o espiritualista verá, do que experimentou ele mesmo, ou viu nos amigos dele, quão genuíno é.

Kerner diz: – Atirou fora todo o desenho (Placa I.) num tempo incrivelmente curto, e empregou em marcar os mais de cem pontos, em que este círculo estava dividido, nem compasso nem instrumento algum. Fez o todo apenas com a mão, e não falhou num único ponto. Parecia trabalhar como uma aranha trabalha os seus diagramas geométricos, sem qualquer instrumento visível. Recomendei-lhe usar um par de compassos para traçar os círculos; tentou, e fez gafes imediatas.'

Tendo eu mesmo, que nunca tive uma única lição de desenho, e nunca pude desenhar numa condição normal, tido um grande número de círculos traçados através da minha mão sob influência espiritual, e estes preenchidos por traçado de invenção sempre nova, sem um pensamento meu, reconheço de imediato a verdade da declaração de Kerner. Os desenhos feitos pela minha mão foram vistos por grandes números de pessoas, artistas, bem como outros, e permanecem para ser vistos, embora o poder se tenha ido novamente de mim.

Giotto, ou qualquer par de compassos, não podia traçar círculos mais perfeitos do que eu podia sob esta influência, com nada senão um pedaço de papel e um lápis.

Nenhum inventor de traçado ou padrões podia inventar originais tais como eram atirados para o papel dia após dia, com velocidade quase de relâmpago, exceto com labor longo e estudioso, e por auxílio instrumental.

Ao mesmo tempo os esboços dados através de mim não são para ser nomeados com os desenhos, tanto a lápis como a cores, produzidos desta maneira através de outros que são bem conhecidos. Outra coisa notável ligada à linguagem espiritual e estes círculos, era um sistema de números e

cálculo espirituais, que representava, como a linguagem, de capacidade maravilhosa. Tanto a escrita como os números corriam, à moda oriental, da direita para a esquerda, embora ela seguramente nada soubesse de modos orientais.

Tinha dois sistemas de cálculo, um para o mundo exterior e o outro para o interior; e tão rápido e intuitivo era o conhecimento dela desta linguagem e deste sistema de cálculo, que a qualquer distância de tempo depois podia detalhar num instante qualquer variação, por mais ligeira, em qualquer cópia da escrita ou desenho dela. Numa cópia do seu Sonnenkreis sendo trazida a ela um ano após ter feito o original, detetou imediatamente a omissão de um único ponto! Algumas palavras mais preencherão toda a extensão de espaço que posso dar a esta narrativa notável de desenvolvimento espiritual.

Recomendo aos meus leitores estudar o original; e recomendaria também a Mrs. Crowe para aperfeiçoar o seu bom trabalho ao leitor inglês dando uma tradução completa, não encurtada, ilustrada pelas sete placas de desenhos que acompanham o original. Vejamos agora como extraordinariamente a Vidente, de visão espiritual direta, confirmou a sabedoria de muitas grandes mentes das quais nunca ouviu.

O Dr. Kerner fez estas referências, eu apenas o cito. 'O círculo solar,' diz a Vidente, 'é o nosso círculo solar, e todo o homem carrega isto em si mesmo sobre o círculo vital, a alma. O círculo vital, que é a alma, jaz sob o círculo solar, e assim torna-se um espelho para ele.' Isto é precisamente o que Leibnitz e van Helmont disseram: 'A alma é um espelho do Universo.'

'Enquanto,' diz a Vidente, 'a alma continua no centro, vê tudo à sua volta, para o passado, o futuro, e o infinito. Vê o mundo em todas as suas leis, relações e propriedades, que estão implantadas nele através do tempo e espaço. Vê tudo isto sem véu, ou parede divisória interpondo. Mas na proporção em que a alma é atraída do centro pelas atrações do mundo exterior, avança para a escuridão, e perde esta visão abrangente, e conhecimento da natureza e propriedades de tudo o que a rodeia. Esta visão é agora dada a nós apenas no sono magnético, quando somos retirados da influência dos sentidos.'

Isto é precisamente o que Schubert diz, Aquilo que connosco agora é ciência, era, nos tempos mais antigos, antes uma revelação de um espírito mais alto ao homem.'

'Os números dos quais a Vidente fala, são' diz Passavant, 'continuamente falados e usados por clarividentes, e lembram-nos da importância ligada a

certos números nos livros de Moisés, como três, sete, e quarenta; com os dos profetas, e especialmente de Daniel.

As obras astronómicas mais antigas exibem os mesmos cálculos, tirados da visão mais profunda nas relações naturais das coisas, como são afirmados no sono magnético. As tabelas astronómicas da Índia, que reclamam uma antiguidade de 6.000 anos, não nos deixam nada para descobrir a respeito da variação da eclíptica. Os poemas indianos mais antigos falam dos poderes naturais das plantas, do significado das suas formas e cores, das propriedades de pedras e metais. As raças mais antigas tinham as mesmas teorias de linguagem e número como a nossa Vidente foi ensinada de dentro. Certamente o sistema dos filósofos antigos procedia de tal visão natural, e acima de tudo, o de Platão.

Quão grande é a semelhança do sistema de cálculo de Pitágoras, tanto quanto o conhecemos, ao do sonâmbulo, e especialmente da Vidente. Quão vividamente somos lembrados destes círculos e os números místicos interiores quando lemos em Platão – A alma é imortal e tem um começo aritmético, como o corpo tem um geométrico.

É a imagem de um espírito universalmente difundido; tem um movimento próprio, e penetra do centro através de todo o corpo ao redor. Está, no entanto, difundida através de espaços intermediários correspondentes, e forma ao mesmo tempo dois círculos ligados um ao outro.' O um chama o movimento da alma – o círculo vital da nossa Vidente; o outro o movimento do universo e dos cometas, o círculo solar da Vidente. Desta maneira,' diz Platão, 'está a alma colocada em conexão com aquilo que está fora; sabe o que é e constitui harmonia; enquanto tem em si mesma os elementos de uma harmonia fixa.' Este cálculo natural,' diz Platão, 'serve para a inquirição no bom e no belo.

Se um homem perde este dom de Deus não entende mais a natureza humana, as nossas partes moral e imortal, nem os fundamentos da religião. Quando perde o seu número, perde a conexão com o bom, e torna-se a presa inevitável do mal.' Isso é o mesmo que a asserção da Vidente, que se um homem perder este cálculo fundamental, é colocado em rapport imediato com o mal e as suas consequências, e com o consentimento da sua própria vontade.

Outros videntes modernos conceberam de um número místico especial na natureza. San Martin diz: 'Números não são outro senão uma interpretação de verdades e leis, o texto base das quais jaz em Deus, no homem, e na natureza.' Novalis também diz: 'É muito provável que haja na natureza uma maravilhosa ciência mística de números. Não está tudo cheio de significado, simetria, alusão, e uma conexão singular?'

Swedenborg, de quem a Vidente nada sabia, alude exatamente a tais círculos.

O base e falso têm o seu assento na mente natural, donde vem que esta mente é um mundo em pequeno ou em forma; e a mente espiritual um céu em pequeno ou em forma, e para o céu nada mau pode vir. Ambas as mentes são curvadas para fora em círculos.'

A Vidente, nada sabendo de Swedenborg, afirmava a mesma doutrina que o vidente sueco, que há um sol espiritual bem como um sol natural – o sol espiritual chamava o sol da graça. Há um sol mais alto do que aquele visível a nós,' diz Swedenborg. 'Acima do céu angélico há um sol, amor puro. Brilha tão fervorosamente como o sol do mundo. O calor deste sol dá vontade e amor a anjos e a homens. Luz, sabedoria, entendimento, fluindo dele são chamados espirituais. Aquilo que irradia do sol do mundo é natural, e contém a vida da natureza.'

Eschenmayer escreveu a Kerner ao ler as comunicações da Vidente: – Há dois sóis; o que vemos ilumina o nosso dia, e traz tudo à luz, mas é, pois, restrito ao nosso sistema planetário, e é apenas como uma gota no oceano.

Há também um sol central, que não vemos, que nos deixa escuros, mas mesmo nesta escuridão abre-nos primeiro a infinitude do mundo estrelado; um sol do qual todas as estrelas, incluindo o nosso sol em si, recebem a sua luz, e que é tão certo como é o nosso sol.'

Ennemoser, na sua 'História do Magnetismo', diz, 'O homem está no mundo num círculo, fundado indisputavelmente na natureza; no qual não há nem começo nem fim; é sem limites, e o passado e futuro estão compreendidos nele. O mundo inteiro é claramente irradiado com luz, e o homem em si é o espelho da imagem divina.' Estas são quase as próprias palavras da Vidente.

Na infância da raça, a humanidade vivia mais neste círculo; tinha, portanto, pouco ou nenhum véu ou parede divisória entre si e o espiritual. No mesmo círculo vivia o poeta, o profeta, e o verdadeiro Salvador. Mas o tempo e as suas corrupções crescentes atraíram a alma humana cada vez mais longe do centro puro; atraíram-na para escuridão mundana espessa e engrossamentos, e as paredes divisórias entre o terreno e o divino, cresceram mais espessas e densas; o véu da carne mais opaco, e é apenas através do transe clarividente ou o ato direto de Deus e os Seus anjos, que obtemos intimações transitórias do grande mundo espiritual ao nosso redor e dentro de nós.

Há muitas coisas ligadas a esta narrativa maravilhosa da Vidente, que o leitor deve buscar na conta em grande. A veracidade dela fora atestada por números dos seus visitantes mais inquiridores e científicos.

O próprio Kerner diz que visitou Madame Hauffe pelo menos 3.000 vezes, mas nunca pôde discernir engano.

Afirma que longe de se orgulhar dos poderes dela de visão espiritual, o sujeito era doloroso para ela; teria ficado contente em estar livre dele, e nunca falava dele, exceto quando tirada.

O facto de que a vida dela e círculos solares eram realidades para ela, foi mostrado por ela colocar os desenhos deles no coração sempre de uma maneira particular no sono magnético dela; e se fossem propositadamente alterados, mais habilidosamente o sentia, e reajustava-os exatamente como tinham sido colocados por ela antes, e sem uma vez olhar para eles.

A perceção dela de diferentes sensações de plantas, pedras preciosas, e outros minerais foram repetidamente tentadas colocando-os nas mãos dela quando no sono, quando sempre atribuía a mesma propriedade à mesma coisa (Schubert's Geschichte der Seele, vol. ii. p. 619-626).

De facto, a infalibilidade das perceções dela era uma das características mais espantosas do caso dela. A visão espiritual dela, por inspeção de cristais, espelhos, ou bolhas de sabão, dava uma curiosa confirmação a fenómenos similares testemunhados comumente no Oriente, e antigamente na Europa por Cornelius Agrippa e Dr. Dee.

Regressando da Vidente para o próprio Kerner, tenho de observar, que não só nesta obra, mas nas suas outras sobre sujeitos afins, recolheu um número de narrativas de aparições e várias outras manifestações espirituais, todas elas apoiadas pela evidência mais forte, tanto pessoas como lugares muitas vezes plenamente nomeados, em várias instâncias certificados como verdadeiros por autoridades públicas.

Algumas destas foram incluídas por Mrs. Crowe no seu 'Lado Noturno da Natureza.' Detalham tantos fenómenos que desde então foram repetidos entre tanto americanos como ingleses espiritualistas que são do máximo valor como provas da natureza permanente destas coisas.

O que ocorreu na Alemanha muito antes de se ouvir falar no Espiritualismo Americano; e o que ocorreu na América entre dezenas de milhares que nunca ouviram destes ocorridos Alemães, e desde em Inglaterra, todos quantos possuíam as mesmas características específicas, proclamam a própria realidade além da possibilidade de negação.

Mobília era movida de lugar para lugar, carregada pelo ar; cascalho e cinzas atirados ao redor, onde nenhum ser humano podia atirá-lo.

Nos estranhos ocorridos que aconteceram ao Conselheiro Hahnn e Charles Kern de Künzelsau, no Castelo de Slawensick, na Silésia, (que são dados por Mrs. Crowe e também por Mr. Owen, no seu 'Pegadas,') estes cavalheiros foram depois unidos por dois oficiais bávaros, Capitão Cornet e Tenente Magerle, bem como pelo Conselheiro Klenk, todos ansiosos por descobrir a causa dos fenómenos; e eram frequentemente atendidos por Knittel, o vigia do castelo, Dörfell, o guarda-livros, e Radezensky, o mestre florestal.

Hahnn fora um estudante de filosofia Alemã e era materialista.

No entanto estes cavalheiros Hahnn e Kern, por dois meses, e os outros quando presentes, foram perseguidos pelo atirar de cal a eles, quando as portas estavam fechadas, e não só isso mas pelo atirar a eles e ao redor, facas, garfos, colheres, navalhas, castiçais, e semelhantes; tesouras, chinelos, cadeados, o que quer que fosse móvel, eram vistos a voar ao redor, enquanto luzes dardejavam de canto para canto.

As facas e garfos erguiam-se da mesa perante eles, e caíam novamente. Os batidos e ruídos mais inexplicáveis atendiam estas migrações de artigos insensíveis. Um copo foi atirado e quebrado em pedaços.

O Capitão Cornet cortava ao redor com uma espada à forma invisível que atirava artigos ao redor, mas em vão. O que era mais estranho de tudo viam uma jarra de cerveja erguer-se, verter cerveja num copo, e a cerveja bebida; vendo o qual John, o criado, exclamou, Senhor Jesus! engole!'

Kern, olhando para um copo, viu uma fêmea em branco, o que o aterrorizou grandemente, e assemelhava-se à aparência relatada da Senhora Branca muitas vezes vista em palácios alemães. Após dois meses os aborrecimentos cessaram, e nunca regressaram. Nenhum pista natural para a solução deles foi alguma vez obtido.

O que ocorreu na prisão em Weinsberg, foi tornado sujeito de uma investigação estrita por um comité durante o proceder dos eventos, mas apenas para confirmar o caráter anormal deles. O Dr. Kerner, que era o médico da prisão, recebeu ordens para assistir a uma mulher confinada aí que se queixava de ser perturbada por um fantasma que a assombrava e importunava para orar pela salvação dele.

Os magistrados ordenaram-lhe que reportasse o caso.

Após ter observado de perto por onze semanas, Kerner reportou que não havia dúvida sobre o caso; a mulher era assombrada por um fantasma

quase todas as noites, que professava ter sido um católico de Wimmenthal, e que estivera nesta condição miserável desde 1414, em consequência de ter, entre outros crimes, unido com o pai dele em defraudar os irmãos dele.

Outros foram nomeados com Kerner para vigiar o caso, e entre estes estavam o Justice Heyd, Drs. Seyffer e Sicherer, Baron von Hugel, Kapff, professor de matemática de Heilbronn, Fraas, um barrister, Wagner, um artista, Duttenhofer, um gravador, etc.

Todos foram compelidos a confessar a realidade do fenómeno.

Um Mr. Dorr de Heilbronn, entre outros, riu muito do relato destas coisas; mas foi em breve suficientemente cândido para escrever, 'Quando ouvi estas coisas faladas, sempre ri delas, e fui pensado muito sensato por assim fazer; agora serei rido por minha vez, sem dúvida.

As características principais deste caso eram estas: O fantasma vinha noturnamente, e por vezes entrava por uma porta, e por vezes por uma janela, colocada alta e fortemente guardada por barras de ferro.

Muitas vezes anunciava a vinda abalando violentamente esta janela.

Para saber se esta janela podia ser facilmente abalada, os examinadores ordenaram a homens para tentar abalá-la; e descobriu-se que requeria seis para a abalar de todo, enquanto o espírito a abalava violentamente.

O espírito era sempre precedido por um ar fresco, e atendido pelo mesmo ruído crepitante mencionado antes, e familiar aos leitores do caso americano reportado por Mr. Coleman.

Era também acompanhado por um cheiro cadavérico, sufocante, que fazia um número de prisioneiros, que sempre o percebiam, doentes.

Era também atendido por luzes fosforescentes, irradiando à volta da cabeça dele.

Quando tocava pessoas, as partes tornavam-se dolorosas e inchadas.

Abria portas e fechava-as ao prazer, embora trancadas e aferrolhadas.

Falava bastante audivelmente, e podia ser ouvido não só pela mulher Esslingen, mas muitos outros.

Quando a mulher foi libertada, foi com alguns dos amigos dela, de acordo com a promessa dela a ele, orar na sepultura dele em Wimmenthal, e ele veio visivelmente e agradeceu-lhe.

Ao ir embora pediu para apertar a mão com ela, e ao ela enrolar o lenço dela à volta da mão primeiro, uma pequena chama ergueu-se dele, e as

marcas queimadas do polegar e dedo dele permaneceram, como no caso da família Hamersham na 'Pneumatologia' de Stilling.

Após isto nunca reapareceu na prisão, nem nas casas de muitos dos cavalheiros examinadores, como fizera.

Enquanto Madame Hauffe passava algum tempo na casa de Kerner, cascalho e cinzas eram atirados ao redor onde nenhuma criatura visível estava para os atirar.

Um banco ergueu-se gradualmente para o teto, e depois desceu novamente.

Passos eram ouvidos seguindo membros da família de quarto para quarto.

Noutro caso, um pedaço quadrado de papel flutuava pelo quarto, e uma figura aparecia, atendida por um ruído crepitante e uma luz azulada.

Tais aparências e sons foram abundantes na Alemanha, mas fecharei esta enumeração deles notando uma circunstância que corrobora as narrativas de feitiçaria.

Era um facto que, quando Madame Hauffe estava num estado particularmente magnético, não podia afundar-se no banho dela, mas subia à superfície, e só podia ser mantida em baixo por mãos.

Era também por vezes erguida no ar, como é o caso com Mr. Home, e foi com muitos santos e devotos de todos os países e tempos.

Fui a maior comprimento nas contas de Stilling, Kerner, e Madame Hauffe, do que posso permitir no curso geral desta história, na qual massas enormes de factos pressionam para enunciar; mas fiz isto no início para dissipar de imediato, como disse, a assunção ignorante de que o Espiritualismo moderno originou na América, e ainda mais para demonstrar que escassamente houve uma única variedade de manifestação nos Estados Unidos, ou desde na Inglaterra, Suíça, e França, que não foram já exibidas aqui; e que, de facto, não foram exibidas, como esta história mostrará, em quase toda a época e país do mundo.

Estas reaparições a intervalos distantes, e em países remotos, dos mesmos fenómenos idênticos, provam absolutamente que resultam de uma grande lei da Providência, ou, como os filósofos preferem chamar – Natureza.

A Vidente e Stilling confirmam tudo o que ocorreu entre nós e os nossos irmãos transatlânticos; e as nossas manifestações novamente confirmam as de Stilling e da Vidente.

Mais ainda, os fenómenos atendendo a Vidente confirmam os de Platão e Pitágoras.

Uma mulher Alemã, praticamente sem educação, após um lapso de mais de dois mil anos, profere algumas das verdades psicológicas mais profundas dos grandes sábios gregos, persas, indianos, e egípcios eles que deram o acabamento mais alto e o significado mais profundo às mitologias e revelações religiosas das nações pagãs da antiguidade.

Estas são cuidadosamente escrutinadas e aceites como verdades pelos psicólogos mais profundos da Alemanha, que se satisfazem com espanto de que esta simples mulher camponesa não tinha conhecimento algum daqueles sábios antigos, nem mesmo de Swedenborg, que partira da terra quase meio século antes.

Estes factos, testemunhando a existência permanente de tais fenómenos, os produtos de lei permanente, e livres de qualquer caráter fantástico, acidental, ou visionário, livres de qualquer parentesco com Bedlam ou caos, não podem ser demasiado ponderados por aqueles que se orgulham da sequência da lógica deles ou da agudeza da faculdade deles para análise metafísica.

Dos outros chefes figuras deste grupo ilustre de espiritualistas alemães, só posso dar o aviso mais breve.

As obras deles forneceriam volumes inteiros de evidência do tipo mais interessante, e o departamento de aparições sozinho, de fontes da mais alta autoridade, encheria uma biblioteca.

CAPÍTULO IV

MANIFESTAÇÕES DO SOBRENATURAL NA ALEMANHA (continuação)

Eschenmayer, Schubert, Görres, Ennemoser, Meyer, Kant, etc.

O observador calmo, cuidadoso e imparcial, como Eschenmayer é denominado por Kerner, com uma nobre superioridade à generalidade dos homens que se devotaram à medicina e à filosofia natural e prática, após ter vigiado de perto os fenómenos manifestados em e pela Vidente de Prevorst, tornou-se um dos proclamadores mais ousados e firmes das verdades do Espiritualismo.

Foi originalmente professor de filosofia prática na Universidade de Tübingen, mas vivia há alguns anos independentemente em Kircheim-sob-Teck.

Era discípulo de Kant e Schelling, sem aceitar a teoria de identidade absoluta do último.

Era o autor de obras célebres – 'Filosofia na sua Transição para Não-Filosofia;' 'Uma Tentativa de explicar a aparente Magia do Magnetismo Animal por Leis Físicas e Fisiológicas.'

Seguiu estas com obras sobre Filosofia Moral, Direito Normal e Leis Canónicas; mas a sua 'Psicologia;' a sua 'Filosofia da Religião,' e 'Dogmática tirada da Razão, História e Religião,' exibiam a tendência da mente dele para os mistérios mais profundos da nossa natureza. O caso da Vidente de Prevorst, portanto, era um dos interesses mais profundos para ele; e não só publicou as observações dele sobre isso, mas uniu-se a Kerner numa série de artigos sobre sujeitos espirituais, depois recolhidos sob o nome de 'Blätter aus Prevorst,' 'Folhas de Prevorst.'

Também, fortalecido pela fundação de factos positivos tirados desta visão prática na psicologia, atacou a filosofia infiel de Hegel, sob o título de 'A Filosofia de Hegel comparada com o Cristianismo;' e dissecou o 'Leben Jesu' de Strauss no seu 'Iscariotismo do nosso Tempo,' como um suplemento a essa obra.

Mas são os seus 'Mistérios' que contêm as evidências mais ricas do Espiritualismo de Eschenmayer. Já o citei mais do que uma vez; e, portanto, com uma única passagem desta obra última nomeada, passarei adiante. 'Quem quer que,' diz ele, 'livremente percorrer estas histórias verá rapidamente que não é meramente com fenómenos matemáticos, mas com o grande facto demonstrativo de COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS que temos de lidar. A questão aqui é ensino e testemunho que têm o maior interesse e significado para a humanidade.'

VON ECKARTSHAUSEN

O Barão von Eckartshausen, que estudara profundamente leis psicológicas, residia em Munique. Uma noite permaneceu até às doze horas meditando sobre os poderes da magia, quando subitamente ouviu uma canção fúnebre. Olhou pela janela, e viu padres católicos romanos indo à frente de um caixão com velas de cera acesas nas mãos, e recitando orações. Principais enlutados iam à frente do caixão.

Eckartshausen abriu a janela, e perguntou, 'A quem levam aqui?' Uma voz respondeu, Eckartshausen.

'Então,' disse ele, 'devo preparar-me.' Acordou a mulher; contou-lhe o que acontecera, e dentro de uma hora após estava morto. Dr. Wolff ouviu este relato da própria família de Eckartshausen. Wolff relata, também, que quando residia na família do Conde Stolberg, o Conde por vezes proferia anúncios proféticos que sempre se tornavam verdadeiros.

Na notícia de Napoleão ter escapado de Elba chegando, Stolberg ergueu-se e disse, 'Mas esta será a última tentativa dele.' O mesmo dia, enquanto Wolff caminhava com ele, parou subitamente, e, como se absorvido em pensamento, exclamou, 'Er fallt! Ihn stürzt Gott der Almächtige. So hat es beschlossen der Alte der Tage!' 'Ele cai! Deus Todo-Poderoso o atira abaixo. Assim foi decretado pelo Antigo dos Dias!'

SCHUBERT

O autor da admirável 'História da Alma' era nesta período, também, um dos observadores mais capazes e mais intrépidos dos espiritualistas alemães. O leitor encontrará evidência abundante disto na sua grande obra, a 'Geschichte der Seele.'

Era um dos defensores mais firmes da verdade dos fenómenos da Vidente de Prevorst. Schubert acreditava na influência de pedras tanto no corpo como no espírito. Diz na sua 'História Natural,' 'Em muitos respeitos o reino mineral aparece um mundo cheio de profundas indicações do espiritual; e de relações mágicas com a natureza do homem.

Pois não só uma antiguidade algo poética atribuiu certas qualidades e forças a pedras, tais como as de nos manter interiormente acordados e sóbrios, de procurar sonhos proféticos, e de inspirar heróis com coragem em meio a perigos olhando repetidamente para elas; mas há também

relações modernas de clarividência magnética e toque de metais que mostram que o contacto ou mesmo a proximidade de metais age no corpo humano de uma maneira muito mais profunda do que o meramente mecânico.'

Schubert diz-nos que Dr. Kerner escreveu a história da Vidente sem o medo dos juízos tolos dos assim chamados sábios, e com uma seriedade conscienciosa; e ele mesmo nos dá um relato detalhado e muito interessante dos efeitos em Madame Hauffe das diferentes pedras preciosas, de outras pedras e cristais, vidro, cristais, metais, plantas (especialmente venenosas), frutos, diferentes tipos de comida; dos diferentes imponderáveis, os raios do sol e da lua, eletricidade, eletricidade galvânica; de sons e imponderáveis no ar, 'Geschichte der Seele,' vol. ii. 619-626.

Para evidências adicionais do Espiritualismo de Schubert, veja esta obra erudita, especialmente o segundo volume, o primeiro sendo antes a história do corpo – a casa da alma.

GÖRRES

E Görres, também, era um desta constelação notável de espiritualistas – Görres, aquela alma fogosa e cortante e multifacetada; Görres na juventude arengando em clubes e assembleias populares, toda chama e eloquência no amanhecer maravilhoso da liberdade em França; Görres escrevendo o seu 'Rothes Blatt,' e encabeçando deputações a Paris; Görres na idade madura como campeão robusto pela fé católica; Görres com o seu talento pronto e agudo e universal, o historiador, o fisiologista, o teólogo, agora na prisão pela sua fala livre de reis e príncipes, agora à cabeça de Tugenbunds patrióticos, e novamente deleitando-se com Arnim e Brentano na poesia e lendas da Idade Média, e editando Livros do Povo.

Görres em todo o lado e de todo o modo, agudo, sarcástico, impetuoso e no entanto verídico, por fim atirou todas as energias brilhantes da alma dele para a causa da filosofia mais alta.

Esposou a causa do Espiritualismo no seu 'Emanuel Swedenborg, as suas Visões, e a sua Relação com a Igreja,' no seu 'Misticismo Cristão,' e na sua 'Vida e Escritos de Suso.' Na introdução a esta última obra, as observações dele sobre os círculos da Vidente são tão excelentes que darei um sumário delas.

'Para o clarividente, o mundo interior jazendo atrás do Mundo dos Sonhos é aberto. Vagueia nele em plena luz do dia. Colocado na periferia do ser dele, olha para diante para o centro encoberto dele. Todos os raios de influência que caem de trás para o centro e fluem através do interior dele, batem

contra ele, que se coloca no meio do fluir deles com o rosto dirigido para a fonte deles.

O interior dele é para ele objetivo, e olha para ele até à profundidade dele, e olha daí para esse mundo espiritual de onde vieram.

Mas nesta relação, como na intuitiva e outra atividade, enquanto a alma, descendo do centro mais alto, entra no círculo da vida inferior, e no que diz respeito ao mundo espiritual e aos deveres e significado dele, abateu-se a si mesma, transferiu-se para o centro mais alto de todas as coisas naturais, que repousam no abraço da vida humana; centrou-se a si mesma nisso, e assim subiu a um valor mais alto na região da natureza, recebeu este valor em si mesma.

Para o clarividente, então, está o mundo não mais circunstancialmente oposto, mas antes subjetivamente entrou nele. Já não se esforça do exterior para penetrar visualmente no interior da natureza dela, mas antes olha do centro dela para fora, no entanto apenas para o espiritual. Ao descer do centro espiritual, subiu mais perto do centro do mundo; pois o olho dele, virado para o espiritual, as costas dele estão ao mesmo tempo viradas para o natural, e recebe as influências dele como se fluíssem de trás e de dentro para ele.

O mundo da natureza, visto de dentro sob esta condição, muda-se assim para um espiritual; pois, tendo passado atrás do véu, o espectador contempla imediatamente todos os poderes e atividades da natureza que operam no corpo da natureza sob uma variedade de aparências, e com o espírito da natureza une-se todo o intercâmbio dos sentidos exaltados.

Mas todos os poderes da natureza operam através de antagonismos; portanto, com a atividade aumentada deles começa o jogo da polaridade, do qual o clarividente se torna ciente. Apodera-se dos metais de acordo com a posição que ocupam severamente em consequência das forças inatas deles, na ordem graduada de sucessão na espécie deles; os terrosos arranjam-se de modo semelhante, de acordo com as forças deles, de modo que aqueles que em si mesmos são rígidos operam por rigidez e atando; aqueles que são em si mesmos laxos, relaxam o feitiço de cãibras naqueles que sofrem delas.

Os raios coloridos de luz seguem a ordem na ação deles em que jazem num corpo colorido; de modo que o raio vermelho liga e desperta, o violeta solta e passa mais fundo para o sono e o mundo noturno; e mesmo assim sons, sons suaves respondendo a cores escuras, e sons duros a vermelho.

Da mesma maneira as plantas arranjam-se, de modo que o loureiro aponta para o mundo interior, e a aveleira para o exterior; e assim, finalmente, os

homens ordenam-se nos arredores deles; o maior número para o mundo exterior, mas outros, porque estão em rapport mais próximo com ele, pertencem ao interior.

Todas estas operações de metais, plantas, e homens foram manifestadas de modo impressionante na Vidente.

E todas estas relações são percebidas através de uma espécie de senso comum, que todo o outro senso estando partido, está mais ligado ao espiritual, está menos ligado ao tempo e espaço, e desde que não olha para as coisas de fora, mas de dentro para fora, olha para os rostos vivos delas, e para o espelho do mundo espiritual, e aparece menos obstruído pela impenetrabilidade da matéria. Assim um novo mundo espiritual é aberto ao sentido da visão, e jaz perante ele na mesma clareza que o mundo exterior no estado acordado.

E como na visão exterior do corpo divide-se em esferas vitais distintas, e o mundo solar dissolve-se em círculos regulados, e estes círculos estão num intercâmbio determinado com essas esferas; assim esta observação interior também divide a alma em esferas, e o mundo espiritual em círculos, que da mesma maneira se unem em relações reguladas e alternadas.

Tais são os círculos com que a Vidente circunscreveu o eu interior dela; e que Justinus Kerner compreendeu tão plenamente, e descreveu tão verídica e graficamente esse círculo solar em que o mundo visível jaz; o círculo vital, que, pertencente à alma, fala de um mais alto espiritual; entre ambos o círculo dos sonhos com o mundo médio e no interior do círculo vital da alma, os três outros que pertencem ao espírito.

Para ela o mais interior destes três círculos é brilhante como o sol, o centro dele muito mais brilhante do que o sol. Neste, via um abismo não para ser olhado através; quanto mais profundo mais brilhante, que chama o Sol da Graça, e do qual lhe parecia que todas as coisas que vivem procedem como faíscas.

Daí brotavam os números radicais da existência dela, pelos quais conduzia os cálculos da condição dela; daí e dos círculos seguintes vinham todas as instruções para a cura dela; daí se construía a linguagem interior própria, na qual pensava e agia interiormente. O que agora foi dito estabelece a relação que existe entre estas intenções e as dos santos na luz mais clara.

Este olhar para o círculo espiritual interior é o dos santos apenas, e a eles sozinhos foi permitido declarar o que viram. Nesse rapport com Deus a alma ascende passo a passo, e presentemente é exaltada acima de si mesma e de todo o círculo da clarividência.

Aquilo que aparece ao mero clarividente o centro mais profundo, incluído e brilhando nessa região, agora mostra-se meramente como um único ponto na periferia de um arranjo mais alto, que, na parte mais interior dele, pertenece a um centro ainda mais alto, cuja profundidade, pelas operações continuadas de Deus, mais uma vez se abre, e uma visão para um centro ainda mais alto é permitida; até, finalmente, a alma, no intercâmbio mais próximo do qual é capaz, conhece Deus sozinho, e Ele habitando nela, e pensando os pensamentos Dele nela, e sendo obediente à vontade inteira Dele, que quer na vontade dela, após Ele a ter libertado de todo o toque de uma compulsão má.

Aqui, então, abre-se primeiro esse céu mais profundo, que o céu natural inclui em si mesmo. Aqueles três círculos da alma, que uma visão para essa condição mais profunda descobre, agora mostram-se como as indicações simbólicas dessas três condições mais altas que a vida interior dos santos nos abriu. Tudo é agora sagrado o que antes era profano, e recebe da igreja consagração e sanção.

Outra cura do que a do corpo torna-se o objeto de cuidado; um cálculo mais alto começa, desde que o número radical da vida encontrou o expoente dele em Deus; e para expressar o todo numa palavra, é o princípio místico esotérico que se estabeleceu em oposição ao exotérico, que é a fundação da clarividência.

Estas visões Görres ilustrou praticamente no seu 'Christliche Mystik,' e aqueles que quiserem ter uma ideia adequada da extensão de milagre reclamado pela Igreja Católica, devem ler os dois volumes volumosos dessa obra.

Nesta vasculhou bibliotecas extensas das vidas e obras de santos em todos os países do mundo. Aí encontra-se toda a história dos extáticos e os estigmas deles, chefe entre eles, S. Francisco de Assis. Em alguns, a ferida no lado penetrava até ao coração, de modo que devia ter sido mortal sem um milagre permanente.

Outros tinham o poder, na devoção deles, de se tornarem invisíveis, de subirem no ar, de serem carregados de lugar para lugar, como S. José de Copertina; de passarem através de portas fechadas; da abertura e fecho de portas perante os santos; de poderes milagrosos de pregar, cantar, tocar em instrumentos sagrados, curar doença.

Muitas vezes os lugares onde estavam eram tão cheios de luz que as pessoas pensavam que estavam em fogo; e tudo isto relata da maneira mais fresca, e alguns dos casos de data tão recente que dá evidência copiosa e positiva.

DR. ENNEMOSER

Mal é necessário apontar este eminente psicólogo como um do grande bando de espiritualistas alemães do fim do século XVIII e começo do século XIX.

As três grandes obras dele, as Histórias dele da Magia e do Magnetismo, e o seu 'Geist der Menschen in der Natur,' tornaram-no universalmente conhecido.

Ao público inglês a tradução da 'História da Magia,' feita por mim mesmo e pelo meu filho Alfred, na nossa viagem para a Austrália em 1852, quando o Espiritualismo americano era pouco ouvido em Inglaterra, e não sonhado por nós, tornou o nome e opiniões de Dr. Ennemoser familiares.

Nesta obra, que é uma grande coleção de factos históricos ligados à magia, e com o Espiritualismo nas relações dele a esses mistérios da natureza chamados mágicos, Dr. Ennemoser mostrou quão longe os antigos, as idades médias, e tempos modernos todos concordam na asserção e na experiência de um mundo e poder espiritual, erguendo-se da natureza física do homem e mostrando-se acima dela.

Ennemoser não é sonhador, e não credor aceitador de factos não provados. Enquanto fisiologista e médico o conhecimento dele destes sujeitos foi o resultado de anos de experiência extensa. Separou cuidadosamente os inferiores dos fenómenos mais altos, o puramente espiritual do espiritual ainda encoberto no físico. Clarividência e ação magnética não ascendem com ele a nada anormal, ou o que é chamado preternatural, mas são estritamente poderes da natureza, e pertencentes à região da ciência física. Não admite extáticos com os estigmas deles a mais alto do que uma esfera magnética.

No seu 'Magnetismus,' dá detalhes longos e cuidadosos dos casos deles, e não vê milagres neles. Mas não menos percebe, e mantém, a existência e projeção para a esfera da vida humana da região mais alta de manifestações que, como diz Görres, começa onde a clarividência acaba.

Vê provas palpáveis de agência espiritual em todas as várias relações da mitologia clássica, da feitiçaria da idade média e a realidade da demonologia, nos anais da igreja, e nos desenvolvimentos mais modernos; põe o selo dele às revelações de Böhme, Swedenborg, o poder terapêutico baseado na inspiração cristã de Gassner, e Greatrakes, e de verdades psicológicas similares, embora sob influência deformante e remota.

Enquanto não admite os extáticos a mais do que influência magnética, embora claramente a condição deles está ligada a uma mais alta, admite plenamente inspiração espiritual de muitos dos santos, e especifica os casos de S. Teresa, S. Catarina de Siena, e outros.

Considerar a clarividência como uma doença com Stilling e outros, diz ser confundir causas e efeitos. Fraqueza do corpo pode permitir a força da alma manifestar-se mais, mas a alma não tem mais a ver com a fraqueza do corpo do que o sol tem com as nuvens através das quais por vezes os raios dele não podem penetrar, e então, novamente, penetram porque as nuvens se tornam fracas e finas.

O sol está sempre lá de dia; a alma está sempre no corpo; e um e o outro manifesta-se mais ou menos de acordo com as obstruções intervenientes. A fraqueza do corpo físico pode portanto permitir a exibição de clarividência, mas não a cria.

Clarividência é uma condição positiva da vida interior, independente na organização física quanto à existência dela, mas não independente quanto às manifestações dela exteriormente. Portanto, diz Ennemoser, 'Manter que a clarividência é uma doença, é confundi-la com o sujeito doente; ou melhor, é disparate.

Clarividência é agora conhecida ser uma condição consciente, livremente agindo da vida interior, e aquele que a pronuncia frenesi e loucura é apoderado por uma loucura ele mesmo.' – Magnetismus, p. 225.

Algumas páginas adiante diz: – 'Nos passos mais altos da clarividência e de êxtase genuína voa o espírito alado inteiramente na região supersensível; olha com a perceção mais clara para os objetos ao redor dele; distingue delírio da verdade, e entende perfeitamente a linguagem de naturezas aparentadas.

Forte em força inata e fogo, elevado acima de todas as obstruções terrenas, em plena sociedade e acordo com poderes espirituais, e não perturbado pelo reflexo da vida diária, o espírito criativo move-se na condição mais alta de inspiração, de puro entusiasmo, e felicidade genuína.

Quando assim conhecemos esta condição mais alta e supersensível do espírito, e quando não podemos mais negar um influxo mais alto do que um mero natural, um espiritual e Divino, e quando se descobre praticamente existir uma clarividência mais alta, e um verdadeiro estado de êxtase, então a asserção de Wirth na sua 'Teoria do Sonambulismo,' que clarividência é um frenesi, ou a de Strauss que é falta de mente de todo, pode ser tomada pelo que vale.' P. 229.

FRIEDRICH VON MEYER

Aqueles que se convenceriam até que ponto este metafísico capaz era um espiritualista, têm apenas de ler a obra magistral dele, 'Hades, uma contribuição para a Teoria do Conhecimento Espiritual,' e o seu 'Blätter für höhere Wahrheit,' 'Folhas para uma Verdade mais alta.'

No seu 'Hades' põe sob requisição, não só a crença fixa do mundo pagão da Grécia, Roma, e todos os países onde qualquer fé e letras prevaleciam, mas também as asserções da Bíblia.

Quanto mais longe,' diz no seu 'Blätter,' 'a admissão dos fenómenos mais altos da Natureza teria sido, se não tivéssemos tido a infantilidade de nos aterrorizarmos com o bastão da opinião quotidiana.

Isto é mostrado pela confissão de um grande fisiologista e homem muito espirituoso (Kant?), que, assombrado pelo medo da superstição, como todos os homens eruditos, no entanto tratado com respeito o que não entendia.'

Meyer maneja com grande habilidade a noção errada de que espíritos uma vez despojados dos corpos deles devem chegar a uma expansão quase instantânea das faculdades deles, extensão do conhecimento deles, e exaltação dos desejos deles.

Nada espantou tanto os espiritualistas modernos como a ignorância e infantilidade, para não dizer a falsidade e depravação, de espíritos que anunciaram a presença deles após idades de partida desta vida. Nada trouxe tanto ridículo sobre o Espiritualismo de oponentes.

Mas como Swedenborg mostrou, nada é mais comum do que espíritos desencarnados permanecerem por grandes comprimentos de tempo sem qualquer avanço intelectual ou espiritual; assim verificando a asserção das Escrituras, que como a árvore cai, assim jaz.'

Meyer mostrou em muito comprimento dos escritos dos antigos, que era uma fé profundamente enraizada deles, que o morto levava todas as paixões, peculiaridades, e predileções dele consigo. Isto é manifestado em toda a parte na ansiedade deles de ter os restos dos mortos sepultados com todas as honras costumeiras. Temos em Homero, e os grandes dramaturgos, espíritos vindo do Hades para se queixarem de que os corpos deles foram negligenciados, e esses ritos não descarregados que acalmam o espírito mesmo no Elísio.

Meyer diz-nos que tal é a verdade ensinada pelas aberturas mais recentes com o mundo-espírito, e podemos daí ver o que temos de esperar, se entrarmos aí sem esse novo-nascimento que Cristo ensinou a necessidade absoluta de.

Se não entrarmos aí como uma criança pequena, mas levarmos connosco as manchas, as distorções e desejos rastejantes da terra, ainda mais duro será a nossa fuga deles aí do que aqui. Mantém vigorosamente como verdades de natureza espiritual, corroboradas por tanto antigos como modernos filósofos, as revelações da Vidente de Prevorst, que declarou de si mesmo é o teste de um espiritualista alemão completo daquela era.

IMMANUEL KANT

Tenho de fechar as minhas notas deste grupo brilhante de filósofos alemães, que, numa época mais cética e trocista, ousaram nobremente manter a verdade espiritual. Que contraste esplêndido apresentam à maioria dos filósofos e teólogos de Inglaterra no dia presente!

Estes grandes homens ousaram olhar factos impopulares na face, como o primeiro passo num processo indutivo; e tendo ousado isso e encontrado factos, tiveram a coragem moral de os proclamar. Toda a honra a Kant.

Há números ainda que deviam ser incluídos nesta nota, mas o espaço não permite. Há o dramaturgo popular e teólogo, Heinrich Ludwig Werner; há Novalis, que é de opinião não só que espíritos reaparecem, mas que no momento de aparecerem magnetizam-nos espiritualmente, de modo que nos tornamos percetivos deles.

Há Schiller, que, ao escrever, pergunta-se de onde vinham os pensamentos dele; pois fluíam através dele independentemente da ação da mente dele própria. Há Goethe, que viu o duplo dele enquanto cavalgava ao longo, que acreditava no Espiritualismo de Stilling, e nas intimações espirituais do pai dele próprio.

Mas se entrasse entre os poetas e escritores distintos de diferentes tipos, poderia correr através desta vasta literatura. Mas há um indivíduo, e esse um muito distinto, que ocupa uma posição peculiar Immanuel Kant.

Kant não é só o fundador da escola transcendental de filosofia, mas o verdadeiro originador desse sistema desolador de racionalismo, que, abrindo da infidelidade inglesa, moldou-se numa forma mais insidiosa na Alemanha. Houve uma tentativa de isentá-lo desta acusação, e atribuir o mal aos discípulos dele, Fichte e Hegel, que, alega-se, levaram os princípios dele mais longe do que pretendia, ou tinha qualquer ideia de.

O que quer que pretendesse, os resultados desenvolvidos em Fichte e Hegel jazem nos teoremas dele próprios. Abandonou, no esquema dele para a demonstração da existência de Divindade, todas as provas tiradas de ontologia, cosmogonia, e físico-teologia; e baseou a fé dele em Deus numa necessidade prática e moral!

Isto elaborou elaboradamente no seu 'Einzig möglichen Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseins Gottes,' 'O único Fundamento de Evidência possível na Demonstração da Existência de Deus.'

Kant não era cético; pelo contrário, era um crente firme em Deus e Cristianismo, embora descubra muito pouco da última grande verdade na filosofia argumentativa dele; tem de a buscar nas cartas familiares dele. Mas ao despojar toda a prova histórica da existência de Deus, reduziu o Todo-Poderoso a uma mera ideia abstrata, uma conceção subjetiva de razão pura. Mas há um Deus na história bem como na metafísica.

Essa ideia profunda e universal na mente humana assim se desenvolve em majestade perpétua, e veste a ideia abstrata, a fé radical e inata da raça, como um corpo veste o espírito.

A consciência e a experiência do homem reconhecem o grande Movedor de mundos e eventos, como ele ao mesmo tempo fala da alma dentro, e na evolução progressiva de um drama poderoso da história mundial fora.

Toda esta prova corroborativa e colateral, Kant e os sucessores dele sacrificaram à orgulhosa ambição de plantar e estabelecer Deus, não no trono do magnífico universo dele próprio, mas no de uma lógica aristotélica. Que esta não é acusação vazia contra Kant poderia ser abundantemente mostrado, se isso fosse o objeto desta obra.

Vejamos simplesmente como tratou a faculdade de profecia.

No seu 'Kleine Anthropologische-Practische Schriften,' Theil 7, Artigo Von der Wahrsagergabe," p. 90, diz que profetizar do destino inevitável de um povo é inútil, porque, de acordo com tal profecia, esse destino não pode ser evitado, e é absurdo porque uma teoria de livre-arbítrio está constantemente ligada a ele, que é uma contradição.

Que loucos foram geralmente tidos por profetas, o que torna a absurdidade maior. Não é aqui o negócio examinar estas proposições mais longe do que dizer, que isto corta a profecia pelas raízes.É, por outras palavras, entrar na velha questão de 'destino e livre-arbítrio,' que como uma Providência omnisciente deve prever, assim deve predeterminar: um desses nós lógicos nos quais os homens pensam que ataram as mãos de um Deus omnipotente quando apenas ataram os seus próprios.

Este tratamento de profecia é precisamente o modo em que os discípulos de Hobbes e Hume, de Paulus e Strauss, o nascimento débil prematuro de Racionalistas em Inglaterra, trataram tanto profecia como história.

Suam histórias como judeus suam moedas de ouro, e tendo destruído a 'imagem e rubrica delas, e tornado leves e planas, esperam que as tomemos como ainda possuindo todo o peso, substância, e distinção de relevo originais delas. Por essas razões é impossível isentar Kant de ser um dos originadores mais influentes do saduceísmo moderno. Mas, apesar de si mesmo, tornou-se e permanece um dos atestadores mais distintos da verdade do Espiritualismo na pessoa de Swedenborg.

Vejamos como.

Em 1758, quando tinha trinta e cinco anos e no vigor das faculdades dele, uma Fraülein von Knobloch pedira a opinião dele das coisas maravilhosas ditas de Swedenborg que justamente então excitavam uma grande sensação na Alemanha.

Kant respondeu numa carta, na qual diz que sempre se esforçara por evitar tais sujeitos para que não se tornasse assustado ao cruzar um cemitério ou estar no escuro.

Mas em consequência do desejo dele de conhecer a verdade, diz-lhe, que fez inquirição cuidadosa nas circunstâncias; e traduzirei toda a declaração dele a respeito das inquirições dele.

'Tive esta narrativa através de um oficial dinamarquês, e antigamente um frequentador das minhas palestras, que à mesa do embaixador austríaco, Dietrichen em Copenhaga, ouviu uma carta que o Barão Lützow, o embaixador de Mecklenberg em Estocolmo, endereçara ao Barão Dietrichen lida na presença dele mesmo e outros convidados.

Nesta carta o Barão Lützow declarava que, na companhia do embaixador holandês à Rainha da Suécia, ouvira a história extraordinária, a respeito do Barão Swedenborg, que já é conhecida de vós, graciosa Fraülein.

A credibilidade de tal narrativa espantou-me; pois é difícil conceber que um embaixador a outro envie uma narrativa para uso público, que comunique algo a respeito da rainha da corte à qual estava acreditado, que era falso, e na qual ele, com uma companhia distinta, era dito estar presente.

Para não rejeitar cegamente um preconceito contra aparições e semelhantes por um novo preconceito, pensei ser apenas razoável fazer alguma inquirição nesta matéria.

Escrevi ao oficial já mencionado em Copenhaga, e forneci-lhe com uma variedade de questões a respeito dela. Respondeu, que falara novamente sobre o assunto ao Conde von Dietrichen, e descobrira que o assunto era exatamente como declarara; que o Professor Schlegel também lhe assegurara que não podia haver dúvida alguma sobre isso. Aconselhou-me, como ele mesmo estava justamente então partindo para o exército sob o General St. Germain, a escrever ao próprio Swedenborg para obter informação mais exata.

Escrevi em conformidade a este homem extraordinário, e a minha carta foi entregue a ele por um mercador inglês em Estocolmo. Informou-me que Herr von Swedenborg recebera a carta polidamente, e prometera responder-lhe; mas esta resposta nunca veio. Entretanto fiz o conhecimento de um homem superior, um inglês, que passou o último verão aqui, e a quem envolvi, na força da amizade que mutuamente contraíramos, para fazer, na viagem dele para Estocolmo, inquirição particular a respeito do dom maravilhoso do Barão Swedenborg.

De acordo com a primeira comunicação dele, a história já relatada, na certeza das pessoas mais distintas em Estocolmo, era exatamente como já a declarara a vós. Não falara então ao próprio Barão Swedenborg, mas esperava em breve fazê-lo, desde que era difícil a ele persuadir-se de que tudo o que as pessoas mais inteligentes dessa cidade lhe diziam do intercâmbio secreto dele com o mundo-espírito invisível podia ser verdadeiro.

Mas as cartas subsequentes dele falavam muito diferentemente.

Não só falara com o Barão Swedenborg, mas visitara-o na casa dele própria, e está no estado mais alto de espanto a respeito destas coisas tão inteiramente extraordinárias.

Swedenborg é um homem sensato, cortês, e de coração aberto: é um homem erudito; e o meu amigo prometeu-me em breve enviar-me alguns dos escritos dele. Swedenborg disse-lhe, sem qualquer reserva, que Deus o dotara com o poder singular de manter intercâmbio com as almas falecidas ao prazer dele. Referiu-o a provas históricas reais disto. Ao ser lembrado da minha carta, respondeu que de facto a recebera, e devia tê-la respondido antes agora, se não tivesse determinado pôr estas matérias extraordinárias perante o olho público. Que ia a Londres em Maio deste ano, para publicar o livro dele, no qual seria encontrada uma resposta completa a cada uma das minhas questões.

'A fim de, mais graciosa Fräulein, dar-vos algumas evidências do que toda a pública viva é testemunha, e que o cavalheiro que as envia a mim verificou

cuidadosamente no local, permiti-me pôr perante vós os dois incidentes seguintes:

'Madame Harteville, a viúva do enviado holandês em Estocolmo, algum tempo após a morte do marido dela, recebeu uma demanda do ourives Croon, pelo pagamento por um serviço de prata que o marido dela encomendara dele.

A viúva estava confiantemente persuadida de que o marido dela fora muito ordeiro para permitir que esta dívida permanecesse não paga; mas não podia descobrir recibo. Nesta angústia, e desde que o montante era considerável, pediu ao Barão Swedenborg para lhe dar uma chamada.

Após algumas apologias, aventurou-se a dizer-lhe, que se tivesse o dom extraordinário, como todos os homens afirmavam, de conversar com as almas falecidas, esperava que tivesse a bondade de inquirir do marido dela como estava com a demanda pelo serviço de prata. Swedenborg não fez dificuldade em atender os desejos dela.

Três dias após isto, a senhora tinha uma companhia de amigos tomando café com ela; o Barão Swedenborg entrou na companhia, e informou-a, no seu modo prático, que falara com o marido dela; que a dívida fora descarregada alguns meses antes da morte dele, e que o recibo estava num certo armário que ela podia encontrar num quarto superior.

A senhora respondeu que este armário fora completamente esvaziado, e entre a totalidade dos papéis este recibo não pudera ser encontrado. Swedenborg disse que o marido dela descrevera a ele que, se tirassem uma gaveta do lado esquerdo, veriam uma tábua, que sendo empurrada para o lado, encontrariam uma gaveta oculta na qual era mantida a correspondência secreta dele com a Holanda, e aí este recibo seria encontrado. Nesta representação, a senhora levou-se, com toda a companhia, ao quarto superior. O armário foi aberto, encontraram a gaveta secreta descrita, da qual ela até então nada soubera, e nela o papel requerido, para o maior espanto de todos os presentes.

'A circunstância seguinte, no entanto, aparece-me possuir a força de evidência mais grande de todos estes casos, e na verdade tira toda a saída concebível de dúvida.

'No ano de 1756, como o Barão Swedenborg, para o fim do mês de Setembro, às quatro horas numa noite de sábado, desembarcou em Gotemburgo da Inglaterra, Mr. William Castel convidou-o para a companhia com quinze outras pessoas.

Cerca das seis horas da noite o Barão Swedenborg saiu, e regressou à companhia, pálido e perturbado. Disse que nesse momento havia uma conflagração terrível grassando em Estocolmo no Südermalm; e que o fogo estava a aumentar.

– Gotemburgo jaz a 300 milhas de Estocolmo. Estava inquieto e ia frequentemente para fora. Disse que a casa de um dos amigos dele, que nomeou, já estava reduzida a cinzas; e a casa dele própria estava em perigo. Às oito horas, após ter saído novamente, disse alegremente, "Louvado seja Deus, o fogo está extinto, a terceira porta da minha própria casa!" Esta informação ocasionou a maior excitação na companhia e por toda a cidade, e a declaração foi levada ao Governador na mesma noite. Na manhã de domingo o Governador mandou chamar Swedenborg, e perguntou-lhe sobre o assunto.

Swedenborg descreveu exatamente a conflagração, como começara, e o tempo da continuação dela. O mesmo dia a história correu por toda a cidade, onde, como o Governador dera atenção a ela, ocasionara ainda maior comoção, pois muitos estavam em grande preocupação por causa dos amigos deles e da propriedade deles. Na noite de segunda-feira chegou a Gotemburgo um correio que fora despachado pelos mercadores de Estocolmo durante o fogo.

Nas cartas trazidas por ele a conflagração foi descrita exatamente como Swedenborg a declarara.

Na manhã de terça-feira um correio real veio ao Governador com o relato do fogo, da perda que ocasionara, e das casas que atacara; não diferindo no mínimo da declaração feita por Swedenborg no momento da ocorrência dele; pois o fogo fora extinto às oito horas.

Agora, o que pode alguém opor à credibilidade destes ocorridos? O amigo que escreve estas coisas a mim não só examinou neles em Estocolmo, mas há cerca de dois meses em Gotemburgo, onde era bem conhecido das famílias mais distintas, e onde podia informar-se completamente de uma cidade inteira, na qual o curto intervalo desde 1756 deixara a maior parte das testemunhas oculares ainda vivas.

Deu-me ao mesmo tempo um relato do modo em que, de acordo com a asserção do Barão Swedenborg, o intercâmbio ordinário dele com outros espíritos ocorre, bem como a ideia que dá da condição de almas falecidas.' Zur Anthropologie. Ueber Swedenborg, s. ii.

Agora é claro que neste momento Kant estava firmemente convencido da verdade de tudo isto. Nenhuma dúvida possível podia, de acordo com ele, existir. Pensar-se-ia, portanto, que filósofos teriam encontrado em tal

abertura para o mundo-espírito a fonte mais profundamente interessante de conhecimento atual e prático de psicologia.

No entanto apenas seis anos depois encontramo-lo escrevendo o seu 'Ensaio sobre as Desordens da Cabeça,' no qual, sem nomear Swedenborg, o todo é visado a ele; e frenesi, sonhar, agir como um bobo (Einfaltspinsel), loucura, entusiasmo, caráter visionário, fanatismo, disparate, e loucura são amontoados juntos para explicar o que tão recentemente fora demonstrado além de dúvida possível. Dois anos depois, em 1766, saiu ousadamente com o seu 'Sonhos de um Vidente de Fantasmas,' no qual ataca Swedenborg diretamente pelo nome, e em muito comprimento.

Agora (pp. 81-83) relata novamente os incidentes que comunicara na carta dele a Fraülein von Knobloch, mas de uma maneira muito mais ligeira e vaga, e adiciona-lhes, mas ainda mais vagamente, uma menção do que ocorreu à Rainha da Suécia, mas a quem apenas vagamente chama uma princesa.

Agora lera a grande obra de Swedenborg, 'Arcana Cœlestia,' que denomina 'oito volumes quarto cheios de disparate.' Sem dúvida.

Para um metafísico determinado a arrancar todas as evidências da história e experiência, e construir sistemas de Deus e homem nas abstrações de razão pura, tais factos como Swedenborg aí enuncia devem ser disparate muito grande. São, diz ele, contrários a toda a experiência, esquecendo que antes admitira que Swedenborg dera provas inatacáveis de que as asserções dele eram experiências; e Kant, embora negando as evidências da experiência, está, no entanto, muito pronto a chamar em auxílio delas quando servem o turno dele.

Ele próprio não tinha tais experiências, e, portanto, não podia permitir que qualquer outro homem as tivesse. No entanto é cuidadoso em não negar diretamente a verdade do que antes declarara ser tão invencivelmente verdadeiro. As revelações de Swedenborg eram disparate para ele, e os escritos dele deviam ter sido disparate ainda maior para Swedenborg.

Deve, de facto, ter sido um espetáculo lastimável ver o grande metafísico assim, de acordo com a confissão própria dele, falando do que não entendia. Nesta confiança cega, Kant empreende dizer (p. 77), que inquirições na natureza visível são inexauríveis. Uma gota de água ou um grão de areia, tal é a composição variada delas, oferece âmbito para pesquisa infinita; mas com a nossa natureza espiritual é bastante o contrário. Aí nada mais pode ser conhecido do que já é conhecido. Do espírito nada podemos saber positivo, só podemos imaginar.

Isto era, de facto, negar de um modo o que tão positivamente afirmara noutro – a verdade das revelações de Swedenborg. Tal era a condição lastimável a que mera escavação metafísica trouxera a mente deste pensador gabado.

Esse disparate de Swedenborg foi aceite, está a ser aceite por milhões como a verdade mais alta e convincente, enquanto o transcendentalista contraditório em si mesmo é forçado a confessar (p. 59), 'Sei tão pouco como o espírito do homem sai deste mundo – isto é, qual a condição após a morte pode ser – como como veio. De facto, nem mesmo sei como estou presente neste mundo; isto é, como uma natureza imaterial pode estar num corpo e agir através dele. E esta mesma ignorância avisa-me para não rejeitar inteiramente toda a verdade nas numerosas narrativas de aparições, no entanto com a usual mas ridícula reserva de duvidar delas em cada caso, e acreditar nelas todas no todo.'

Assim este buscador e afirmador de verdade psicológica acreditava e não acreditava; e nos escritos mais tardios dele quarenta anos depois ('Ueber Erkenntnissvermögen,' p. 91), esforça-se por estabelecer uma distinção entre a veracidade de um vidente, e a verdade do ensino dele; esquecendo novamente que Swedenborg, a quem ainda está a visar, uma vez o convenceu tanto da veracidade do caráter dele, como da verdade das revelações dele.

A solução de todo o assunto jazia no facto de que Swedenborg sabia de demonstração positiva o que Kant não sabia, e tivesse ele sido verdadeiramente sábio não teria, portanto, tentado discutir.

Foi, no entanto, cândido o suficiente para nos dar uma descrição muito curiosa da mente assim chamada filosófica no que diz respeito a assombrações:

'Filosofia, cuja escuridão interior a expõe a toda a sorte de perguntas vãs, coloca-se numa perplexidade miserável na introdução de certas narrativas, quando nem pode duvidar delas sem censura justa, nem ousar acreditar nelas por medo de incorrer ridículo. Encontra-se, até certo grau, em ambas estas dificuldades em histórias de aparições. Na primeira, escutando-as, e na segunda, em consequência de matérias pelas quais os homens a atraem para algo mais longe.

De facto, não há repreensão mais amarga aos filósofos do que a de credulidade fácil, e de cair na ilusão comum; e como aqueles que são hábeis nestas matérias compram a aparência de sabedoria barata lançando o riso trocista deles sobre tudo o que reduz o ignorante e o sábio a um nível, e que é igualmente incompreensível a ambos, não é maravilha que as

histórias tão frequentemente trazidas adiante encontrem tal grande aceitação, ao mesmo tempo que são abertamente repudiadas, ou secretamente mantidas.

Pode-se, portanto, afirmar com segurança, que nenhuma academia de ciência oferecerá alguma vez um prémio para a solução desta questão; não porque os membros de tal corpo estejam livres de toda tendência para tal crença, mas porque a regra de prudência propriamente estabelece limites às questões que são atiradas para fora tanto pela vaidade como pela curiosidade ociosa. E assim relações deste tipo provavelmente terão cada vez crentes secretos, mas serão exteriormente rejeitadas através da moda prevalecente da descrença.' – Zur Anthropologie, p. 79.

Tal é Immanuel Kant.

Argumentando contra as convicções dele, mas compelido pelas atestações dele à verdade das revelações de Swedenborg em certos casos, fica, como os Judeus no que diz respeito ao Cristianismo, uma testemunha perpétua para o Espiritualismo.

Aceitando as admissões dele, não lhe pedimos para tirar conclusões por nós; todos somos capazes de as tirar nós mesmos com honestidade simples das premissas delas.

CAPÍTULO V
O SOBRENATURAL NA SUÍÇA E EM FRANÇA

Lavater, Füssli, Zschokke, Gassner, Oberlin, etc.

Devemos alargar um pouco a nossa demonstração presente da Alemanha para os países fronteiriços, pois estes apresentam simultaneamente provas semelhantes em homens intimamente ligados à Alemanha.

LAVATER

O grande pai da ciência da fisionomia era um grande espiritualista. As provas disso abundam nas suas *Visões da Eternidade*, nos seus *Escritos Mistos* e na *Biografia e Escritos Póstumos de Lavater*, do seu genro Gesner. Estas evidências surgem ao leitor em quase todas as entradas enciclopédicas sobre ele. A *Conversations Lexikon* afirma: “A sua inclinação para o maravilhoso e misterioso levou-o, mais de uma vez, a expressar abertamente a sua expectativa de milagres e revelações.”

Chegou mesmo a testemunhar a sua crença nas curas de Gassner, que os seus vizinhos declaravam provirem de pactos com o diabo — como se o diabo alguma vez estivesse inclinado a curar doenças ou aliviar o

sofrimento da humanidade. A *Penny Cyclopædia* adota o mesmo tom em relação a Lavater: “Aderiu sempre firmemente às suas peculiares visões religiosas, que eram uma mistura de nova interpretação com antiga ortodoxia, de esclarecimento filosófico com superstição extrema. Um dos artigos principais da sua fé era a crença na manifestação sensível de poderes sobrenaturais.” A sua disposição para acreditar no miraculoso levava-o a admitir as estranhas pretensões de muitos indivíduos, como o poder de exorcizar demónios e de realizar curas por magnetismo animal, etc.

Mas quais eram afinal as doutrinas que levaram o chamado mundo cristão a classificar Lavater como um “excêntrico supersticioso”, apenas porque acreditava que o Cristianismo ainda era aquilo que Cristo promulgou e deixou? Porque acreditava na eficácia da oração e no dom do que se chama milagroso como uma herança eterna da Igreja. Ele acreditava apenas naquilo em que a Igreja Católica sempre acreditou. Via continuamente que a oração era tão eficaz como sempre, que a fé não era uma mera crença mas um poder positivo, pelo qual, segundo São Paulo, todos os grandes acontecimentos da história judaica e cristã foram realizados (Romanos, capítulo II). Que tal homem fosse, por tais opiniões, rotulado de visionário e crédulo mostra que o protestantismo não é senão outro nome para uma infidelidade institucionalizada. Lavater disse com razão: “Se os factos relatados por Kant sobre Swedenborg forem verdadeiros, então a revelação e o milagre estão tão ativos agora como sempre.”

Embora estivesse longe de partilhar as visões de Swedenborg — provavelmente por não ter tido suficiente oportunidade de as estudar — aceitava ideias semelhantes quanto a um estado intermédio para as almas e quanto ao corpo espiritual da alma, o qual, juntamente com Aristóteles, chamava de “veículo” da alma. E acreditava em aparições, tanto com base nesses princípios como com base na autoridade das Escrituras, nos casos de Elias e Moisés.

Em 1769, Lavater elaborou “Três Perguntas”, que enviou impressas a vários clérigos que conhecia, bem como a outros, acompanhadas de muitas citações e observações. Nelas, afirmava estar a investigar o que os escritores das Escrituras realmente ensinavam — não o que é agora a nossa experiência quotidiana, nem se esta concorda com aquelas representações — mas sim o que eles realmente ensinavam como a verdadeira fé da Igreja de Cristo.

Diz ele que encontra, sem exceção, todos esses escritores de acordo em que há uma revelação imediata e direta de Deus às almas dos homens,

mais evidente e distinta do que as operações ordinárias da natureza; que encontra aparições e atos da Divindade que manifestamente se afastam de toda a nossa experiência conhecida da natureza.

Apresentam a Divindade como um ser a quem o homem pode falar e que lhe responde. Lavater encontra operações atribuídas ao Espírito de Deus — operações sensíveis que não podem ser atribuídas à natureza, mas ao Espírito Santo. Conclui que estes autores consideram que o grande e inestimável valor da mediação de Cristo é abrir de novo esse contacto, perdido pela ignorância e incredulidade, e que o confirmam com os factos que registam.

Dizem expressamente que trazer o homem, por meio de Cristo, a uma comunhão imediata com o seu Espírito era um desígnio eterno, e que as promessas do seu dom estendem-se a todos os que creem em Jesus; e que esses dons são plenamente descritos pelos Apóstolos com a linguagem mais clara, ilustrando-os com factos completamente fora do alcance da natureza comum e em perfeita conformidade com a natureza e os atos de Cristo.

Lavater conclui que o poder é atribuído à oração, que Deus ouve e responde às orações; que dá promessas positivas de tal resposta, e que não limita esse poder a pessoas, circunstâncias ou tempos específicos. Com base nisso, estabelece a seguinte proposição: os escritores das Escrituras ensinam, como verdade positiva, que não só é possível, mas é o destino do homem manter uma comunhão peculiar e imediata com a Divindade.

A sua própria convicção nestas verdades era tal que estabeleceu as seguintes regras de vida: nunca se deitar ou levantar sem oração; nunca iniciar qualquer transação ou negócio sem pedir a orientação e bênção de Deus; nunca fazer algo que não fizesse se Jesus Cristo estivesse visivelmente presente; fazer diariamente uma obra de amor; promover o bem da sua própria família; não cometer pecado, fazer o bem, praticar a temperança em todas as coisas, e examinar-se diariamente quanto ao cumprimento destas regras.

Tais são as opiniões e doutrinas que levaram todos os biógrafos e redatores de enciclopédias a classificar Lavater como um “excêntrico crédulo”. Mas são precisamente as doutrinas de toda a Escritura e de todos os homens eminentes que em todas as épocas procuraram compreender e praticar o verdadeiro Cristianismo. Onde estão então esses biógrafos e enciclopedistas? Onde está o protestantismo moderno? Lavater diz-nos que, em vez de respostas precisas às suas perguntas, encontra “apenas

exclamações e declamações, escárnio e ridículo, ou suspiros e lamentações pelas consequências que tal doutrina poderia vir a produzir.”

Em vez de se deter nestas provas lamentáveis do desaparecimento do Cristianismo substancial, emitiu uma circular solicitando aos amigos da verdade que lhe enviassem qualquer evidência bem comprovada de ocorrências fora do curso ordinário da natureza, ou daquelas que tivessem ocorrido após oração, ou de manifestações positivas de fé; para averiguar, se possível, se, depois da morte dos Apóstolos e dos seus sucessores imediatos, o mesmo tipo de acontecimentos continuou a ocorrer, como damos crédito a que tenha acontecido com eles e no seu tempo; e especialmente se existiam provas certas de tais acontecimentos — geralmente chamados milagrosos — após a Reforma.

Declarou ser muito importante saber se ainda existia algum homem piedoso e consciencioso que, perante o Deus omnisciente, declarasse ter orado com expectativa firme de ser ouvido, e não o foi. Declarou ser esse o seu objetivo: saber se o cristão do século XVIII, tal como o do primeiro século, podia alcançar comunhão imediata e sensível com Deus, e se aquele cujos sofrimentos nenhum poder ou sabedoria humana podia aliviar podia ter confiança no poder omnipotente de Cristo.

“Poderá haver”, diz ele, “investigação mais importante para o amigo da humanidade, que vê à sua volta tanto sofrimento atroz; ou para o cristão, que vê por toda a parte infidelidade, e o nome vazio, impotente e sem espírito do Cristianismo triunfar?” Advertiu os seus correspondentes a observar a mais rigorosa verdade nas suas comunicações, declarando que nenhum crime poderia ser mais ímpio e detestável do que a mentira num caso destes.

Em consequência desta circular, Lavater recebeu uma grande quantidade de relatos extraordinários, que leu e examinou com incansável paciência e cuidado. Considerou muitos deles plenamente comprovados, outros nem por isso; e, longe de demonstrar uma credulidade fraca, chegou mesmo a ser severamente censurado por rejeitar testemunhos que muitos homens de mérito aceitavam.

Tal foi o caso de Catherine Kinderknecht, perto de Zurique, que tinha grande reputação por realizar curas notáveis em resposta à oração, e em quem o seu amigo Füssli, o célebre pintor mais tarde bem conhecido em Inglaterra, depositava grande fé, mas que Lavater levou a abandonar essa crença. Também não acreditou em Gassner sem antes o visitar, e, após a visita, não avaliou os seus poderes tão altamente como muitos outros — inclusive médicos — o faziam.

Durante a sua vida, encontramos alguns episódios que lhe aconteceram a si ou a amigos seus, que qualquer conhecedor destes assuntos reconhecerá como acréscimos às provas divinas. Em 1773, durante uma viagem ao encontro do seu amigo Dr. Hotze, em Richtersweil, a sua esposa, embora tivesse recebido no dia anterior uma carta dele assegurando a sua perfeita saúde e segurança, caiu repentinamente numa angústia profunda, com um forte pressentimento de que ele corria grande perigo, e orou por ele com intensidade, apesar de o seu pai considerar esse alarme infundado, dada a informação imediata da sua segurança. Naquele preciso momento, Lavater encontrava-se no lago de Zurique, envolvido numa tempestade terrível que arrancou mastros e velas da embarcação, levando os marinheiros a desesperar quanto à salvação do barco.

O seu amigo, o Professor Sulzer, contou-lhe que, aos vinte e dois anos, foi subitamente acometido por uma violenta crise de melancolia e terror, durante a qual se lhe impôs a ideia de que a sua futura esposa sofria nesse momento um grave acidente. Não pensava então em casar, nem fazia ideia de quem viria a ser sua esposa. Dez anos mais tarde, já casado e quase esquecido do episódio, soube pela própria mulher que, precisamente nessa época (quando tinha apenas dez anos), quase morreu na sequência de uma queda violenta, cujas sequelas nunca ultrapassou totalmente.

Noutra ocasião, um cavalheiro visitou Lavater e, no momento em que o viu, este sentiu-se dominado pela convicção de que estava perante um assassino. Contudo, o homem revelava-se, à vista de todos, muito interessante e intelectual, tendo sido bem acolhido em Zurique. Lavater jantou com ele no dia seguinte em casa de um amigo, onde o visitante se mostrou muito agradável. Mas, pouco depois, chegou a notícia de que ele era um dos assassinos do Rei da Suécia — e desapareceu.

Tal era o empenho de Lavater em apurar a verdade, que chegou a escrever ao Dr. Semler — um infiel declarado e opositor firme de todas as pretensões milagrosas — para que este examinasse os procedimentos de Gassner, confiando que, por amor à verdade, poderia admitir os factos, se fossem comprovados, mesmo que os atribuísse a outra causa. Semler visitou Gassner e, após observar cuidadosamente os seus métodos, declarou que as curas eram reais, embora explicáveis por causas naturais — opinião condizente com o seu estado de espírito.

Também Lavater teve encontros com o célebre Cagliostro, em Estrasburgo, mas, em vez de se deixar enganar com facilidade, formou sobre ele uma opinião semelhante à dos observadores mais cuidadosos e competentes: que era um homem de talentos extraordinários, dotado de certos poderes mediúnicos, mas desonesto e ardiloso. “Enquanto Cagliostro conservar a

sua testa e eu a minha", diz Lavater, "nunca seremos, neste mundo, amigos íntimos — por mais que os mais crédulos dos crédulos nos pintem como estreitamente ligados."

E acrescenta: "Creio que a natureza só produz uma forma como a dele uma vez por século, e quase choro sangue ao pensar que tão rara criação da natureza seja, pelas muitas suspeitas que fez recair sobre si, em parte tão mal compreendida, e em parte, por tantas asperezas e excentricidades, tenha dado justas razões de escândalo."

Todos os que conheceram Lavater, de todas as convicções e credos, testemunharam unanimemente o seu espírito e carácter verdadeiramente cristãos. Nos momentos de prolongadas dores causadas pela ferida que o matou, orava fervorosamente pelo homem que o atingiu. De facto, está longe de ter sido um excêntrico crédulo: foi um dos homens mais sinceros, imparciais, perspicazes e nobres que a Igreja de Cristo conheceu. Que condição será a da Igreja atual, quando um homem como ele é tido por excêntrico e crédulo apenas por ter mantido viva a prática da oração, a ação do Espírito Santo e a verdade das promessas de Cristo aos seus seguidores?

ZSCHOKKE

Este cidadão ativo e popular era de nascimento alemão, mas suíço por adoção. Nasceu em Magdeburgo, mas, como relata na sua interessantíssima *Selbstschau* (Autobiografia), mudou-se cedo para a Suíça, onde foi amigo do valente Aloys Reding e passou grande parte da vida envolvido nos assuntos públicos da república suíça. Zschokke não era um sonhador.

Era um homem de ação — patriótico e sábio — cuja influência foi amplamente reconhecida pelos seus compatriotas. Como autor de contos, gozava de grande popularidade, muitos deles dotados de intenso dramatismo, o que levou alguns a serem com sucesso dramatizados por terceiros. Não era um místico ou espiritualista assumido; mas possuía faculdades peculiares, sendo um médium prático. Aquele mundo interior a que o clarividente normalmente acede por via do magnetismo, Zschokke penetrava nele em estado normal. Talvez o ar das suas montanhas lhe abrisse esse canal, como acontece com os habitantes das Highlands, das ilhas ocidentais e do País de Gales.

A sua visão, porém, não se estendia à perceção de espíritos, mas sim ao conhecimento do estado interior e da vida de certas pessoas que vinham ao seu encontro. Como tantos outros, na juventude, ao perder o pai, foi dominado por um desejo ardente de ver o seu espírito. De joelhos e em

lágrimas, suplicava-lhe que aparecesse — e, perante o silêncio, exclamava: “E tu também, melhor dos pais, já não te importas comigo!” Ao fugir do lar desolado, vozes de doce profecia ecoavam ao seu redor no ar. Não era supersticioso; mas há momentos em que até homens mais sábios do que ele sonharam com comunhão com o futuro e com forças invisíveis.

Escreveu *Anseios pelo Invisível*, e acreditava no invisível. “Essas visões”, afirma, “deram-me nova força para a causa do bem. Descobri, na verdade, que a grande maioria da população mundial atual está atolada no lodaçal do animalismo; e que as nações que mais se orgulham da sua cultura — com todas as suas artes, ciências, ordem social e maneiras refinadas — estão, de facto, muito aquém da verdadeira humanidade, em harmonia com a natureza e a razão.

Cabe, pois, aos verdadeiros sacerdotes de Deus — sejam eles reis, estadistas, pregadores, professores ou simples escritores — tornar a humanidade mais genuinamente humana. Quer os espinhos cresçam para eles na Terra, ou palmas no Céu, isso não os deve preocupar. Quanto a mim, deixei de me inquietar com o que poderá ser o meu destino depois da morte. Tenho uma certeza viva da providência de Deus — e isso tranquiliza-me quanto a todo o resto.”

Zschokke era suficientemente “supersticioso” para acreditar na rabdomancia. Diz ele: “O meu envolvimento em explorações mineiras levou-me a conhecer muitas pessoas pelas quais nutri grande interesse. Embora as minas do Jura fossem pobres em metais, uma pedreira de alabastro que descobri levou-me a estabelecer correspondência com o venerável príncipe primaz Karl von Dalberg, e a busca por sal e carvão levou-me a conhecer um jovem rabdomante de vinte anos, enviado por Ebel, o conhecido geólogo de Zurique.

Quase todos os cantões da Suíça têm pessoas dotadas do misterioso dom natural de descobrir, por uma sensação peculiar, a existência de águas subterrâneas, metais ou fósseis. Conheci muitos desses indivíduos e testei com frequência esse seu talento maravilhoso. Um deles era o abade do convento de St. Urban, no cantão de Lucerna, homem de ciência e saber; outra, uma jovem que superava todos os que jamais conheci. Levei-a, com uma acompanhante, por várias regiões completamente desconhecidas para ela, mas cuja formação geológica e reservas de águas doces e salgadas me eram bem conhecidas — e nunca a vi errar uma única vez. Os resultados das observações mais rigorosas levaram-me, por fim, a abandonar a resistência e incredulidade obstinadas com que inicialmente encarei o assunto, revelando-me uma nova faceta da natureza — ainda que envolta numa obscuridade enigmática.”

Chegamos, agora, à sua peculiaridade mais singular: o dom que chamava de “visão interior”. “É bem sabido”, escreve, “que o juízo que formamos, por vezes ao primeiro olhar, sobre pessoas que não conhecemos, é mais certeiro do que aquele que resulta de longa convivência. A primeira impressão — que, por um certo instinto da alma, nos atrai ou repele em relação a estranhos — é depois enfraquecida ou anulada pelo hábito ou por novas aparências. Falamos, nesses casos, de simpatia ou antipatia, e observamos frequentemente esses efeitos em crianças, que não têm qualquer experiência no caráter humano. Mas agora, passemos ao meu caso…”

A VISÃO INTERIOR DE ZSCHOKKE

“Aconteceu-me por vezes, ao encontrar-me pela primeira vez com estranhos, enquanto escutava em silêncio a sua conversa, que a vida passada dessas pessoas — com muitos pormenores triviais a ela associados, ou, frequentemente, com alguma cena concreta dessa vida — se me apresentasse de forma totalmente involuntária e como num sonho, mas perfeitamente nítida diante de mim. Durante esse tempo, costumo ficar tão completamente absorvido na contemplação da vida do outro que, a certa altura, deixo de ver nitidamente o rosto da pessoa a quem olho sem intenção, e já não ouço com clareza as vozes dos que falam, que antes serviam como uma espécie de comentário ao texto das suas feições.

Durante muito tempo considerei essas visões meras ilusões da imaginação, tanto mais que me mostravam até o vestuário e os gestos dos intervenientes, os compartimentos, o mobiliário e outros pormenores. Como teste, uma vez, num círculo familiar em Kirchberg, contei a história secreta de uma costureira que acabara de sair da sala e da casa. Nunca a tinha visto na vida.

As pessoas ficaram espantadas e riram-se, mas não se deixaram convencer de que eu não conhecia previamente os factos de que falava, pois o que eu dissera era literalmente verdade. Por meu lado, fiquei igualmente surpreendido ao ver que as minhas imagens oníricas se confirmavam na realidade. Tornei-me mais atento ao fenómeno e, sempre que o decoro o permitia, contava às pessoas cuja vida se me apresentava em visão aquilo que vira, de modo a obter confirmação ou refutação. Era sempre confirmado, não sem consternação da parte delas.

‘Que demónio te inspira? Terei de acreditar de novo em possessões?’, exclamou o espiritual Johann von Riga, quando, na primeira hora do nosso conhecimento, lhe relatei a sua vida passada. Refletimos longamente sobre o enigma, mas nem a sua perspicácia conseguiu resolvê-lo.

Eu próprio era o mais incrédulo quanto a esse malabarismo mental. Sempre que partilhava esse dom visionário com alguém novo, esperava invariavelmente ouvir: ‘Isso não é verdade.’ Sentia um estremecimento interior quando os ouvintes respondiam que sim, que era verdade — ou quando o espanto deles traía a precisão do que eu dizia, mesmo antes de falar. Em vez de muitos casos, mencionarei apenas um que me deixou profundamente impressionado.

Num belo dia, na cidade de Waldshut, entrei na estalagem da Vinha na companhia de dois jovens estudantes de silvicultura. Estávamos cansados de deambular pelos bosques. Jantámos com uma companhia numerosa à mesa comum, onde os presentes se divertiam a troçar das particularidades e excentricidades dos suíços, do magnetismo de Mesmer, da fisionomia de Lavater, etc. Um dos meus companheiros, ofendido no orgulho nacional, pediu-me que respondesse, especialmente a um jovem bonito que se sentava à minha frente e que se permitia grandes liberdades.

Nesse momento, a vida passada daquele homem surgiu-me clara na mente. Voltei-me para ele e perguntei se estaria disposto a responder com sinceridade, caso eu lhe relatasse alguns dos episódios mais secretos da sua vida, sendo que eu o conhecia tão pouco quanto ele a mim. Pensei que isso iria um pouco mais longe do que Lavater fazia com a fisionomia. Ele prometeu que, se eu acertasse, o admitiria abertamente. Então relatei o que a minha visão me mostrara, e toda a companhia ficou a conhecer a história privada daquele jovem comerciante — os seus anos escolares, os seus erros de juventude e, por fim, uma falta que cometera em relação ao cofre do seu patrão.

Descrevi-lhe o quarto desabitado de paredes brancas, onde, à direita da porta castanha, sobre uma mesa, se encontrava uma caixa preta de dinheiro, etc. Durante toda a narrativa reinou um silêncio absoluto, que eu próprio interrompia de vez em quando para perguntar: ‘Isto é verdade?’ O jovem, atónito, confirmou cada detalhe, até mesmo o último — o que eu mal esperava. Comovido pela sua franqueza, apertei-lhe a mão sobre a mesa e não disse mais nada. Ele perguntou o meu nome, que lhe dei, e continuámos a conversar até depois da meia-noite. É provável que ainda esteja vivo!

Posso facilmente compreender como uma pessoa de imaginação viva possa formar, como num romance, um retrato exato das ações e paixões de outra, de determinado carácter, em certas circunstâncias. Mas donde vinham aqueles pormenores triviais, que em nada me diziam respeito, e em relação a pessoas que me eram na sua maioria indiferentes, com quem nunca tinha tido nem desejava ter qualquer relação? Ou seria tudo um

acidente recorrente? Ou terá o ouvinte, talvez, tido intenções diferentes ao ouvir os episódios da sua vida, confundindo-os na surpresa com memórias semelhantes? E, no entanto, impelido por essa dúvida, esforçava-me sempre por mencionar as coisas mais insignificantes que o meu sonho desperto me revelava.

Não direi mais nada sobre este dom singular de visão, do qual não posso dizer que me tenha sido útil alguma vez. Manifestava-se raramente, de forma totalmente independente da minha vontade, e várias vezes a favor de pessoas que eu pouco me importava em perscrutar. Nem sou o único com esta capacidade. Numa excursão que fiz com dois dos meus filhos, encontrámos num albergue, em Hanenstein Inferior, num dos desfiladeiros do Jura, um velho tirolês que vendia laranjas e limões pela região.

Fitou-me durante algum tempo, depois meteu-se na conversa e disse que me conhecia, embora nunca me tivesse visto — e começou a relatar o que eu tinha feito e tentado fazer noutros tempos, para consternação dos camponeses presentes e grande admiração dos meus filhos, que se divertiram por encontrar alguém com o mesmo dom do pai. Como o velho vendedor de limões obtivera tal conhecimento, não sabia explicar — nem a mim, nem a si próprio; mas parecia dar algum valor à sua misteriosa sabedoria."

Assim, parece que cada ser humano transporta consigo a sua história completa, escrita em caracteres espirituais na sua própria mente, onde pode ser lida claramente por outra mente em sintonia. A vidente de Prevorst dizia que o balanço moral da nossa alma é atualizado diariamente e representado num símbolo admirável. Permanecerão esses símbolos significativos sucessivamente gravados nas tábuas da alma, tornando-nos crónicas inconscientes da nossa própria existência? Aparentemente, ainda estamos apenas nos átrios exteriores da psicologia.

GASSNER

Este célebre terapeuta, que provocou uma excitação intensa e extensa na segunda metade do século XVIII na Suíça, realizava as suas curas exatamente como Valentine Greatrakes no reinado de Carlos II neste país, como Madame Saint Amour em França nos nossos dias, como Herr Richter na Silésia há alguns anos, e como outros a quem, numa fase posterior desta narrativa, dirigirei atenção. De facto, realizava-as de forma muito semelhante à dos apóstolos, e pela mesma fé e poder em Jesus Cristo. Aqueles que duvidarem dessa fé e poder, têm aqui plena liberdade para o fazer. Limito-me a relatar o que o Dr. Ennemoser resumiu a partir da narrativa do Dr. Schlisel, uma testemunha ocular:

Gassner, um clérigo oriundo da região de Bludenz, no Vorarlberg, curava muitas doenças através de exorcismos.

No ano de 1758, era o pároco de Klösterle e, pelos seus exorcismos, tornou-se tão célebre que atraiu a si uma enorme multidão. Diz-se que o afluxo de doentes provenientes da Suíça, do Tirol e da Suábia era tal que o número de inválidos ultrapassava frequentemente o milhar, sendo muitos obrigados a viver em tendas.

O governo austríaco prestou-lhe apoio, e Gassner passou então a atuar sob o patrocínio do Bispo de Ratisbona, onde continuou a operar maravilhas até que, finalmente, Mesmer, a pedido do Eleitor da Baviera, declarou que as curas e crises que Gassner produzia de forma tão rápida e completamente surpreendente para os espetadores não eram mais do que excitações magnético-espirituais, algo que demonstrou de forma convincente perante o próprio Eleitor. Eschenmayer, nos "Arquivos de Keiser", trata extensivamente dos métodos de cura de Gassner.

O método de Gassner era o seguinte: usava uma capa escarlate e, ao pescoço, uma corrente de prata. Habitualmente, tinha na sala uma janela à sua esquerda e um crucifixo à direita. Com o rosto voltado para o paciente, tocava na parte afetada e ordenava que a doença se manifestasse — o que, em geral, acontecia. Fazia-a então cessar e desaparecer com uma única ordem. Invocando o nome de Jesus e através da fé do paciente, expulsava o demónio e a doença.

Mas qualquer um que desejasse ser curado teria de acreditar, pois através da fé qualquer clérigo pode curar doenças demoníacas, espasmos, desmaios, loucura, etc., ou libertar os possuídos. Gassner utilizava por vezes manipulações magnéticas: tocava na parte afetada, cobria-a com a mão e esfregava vigorosamente tanto a cabeça como o pescoço. Gassner falava sobretudo em latim durante as suas operações, e dizia-se que o diabo o compreendia perfeitamente. Suscetibilidade física, aliada a fé voluntária e atividade física positiva, mediante o comando da Palavra — era este o seu método mágico de cura.

No ano de 1770, existiam inúmeros escritos tanto a favor como contra as operações de Gassner. Estes apareceram sobretudo em Augsburgo, e pouco depois surgiram dois particularmente dignos de nota: o primeiro, com o título *Pensamentos Imparciais, ou Algo para os Médicos sobre o Método de Cura do Senhor Gassner em Elwangen*, publicado pelo Dr. Schlisel e impresso em Sulzbach, 1775; o segundo, *Observações de um Médico Imparcial sobre os Fundamentos da Investigação de Herr Lavater sobre as Curas de Gassner, com um Apêndice sobre Convulsões*, também de 1775, provavelmente do mesmo autor.

O Dr. Schlisel relata que, acompanhado de uma companhia altamente respeitável, viajou até Elwangen, onde testemunhou pessoalmente as curas maravilhosas cuja fama se tinha espalhado por tantas narrativas, tanto em jornais como em publicações avulsas. “Uns,” diz ele, “descrevem Gassner como um homem santo e profético; outros acusam-no de ser um excêntrico, um charlatão e impostor. Uns exaltam-no como um grande matemático; outros condenam-no como praticante de artes negras. Uns atribuem-lhe as curas ao magnetismo ou ao poder elétrico; outros, à simpatia e ao poder da imaginação. Por outro lado, um grupo respeitável, vencido pela força da fé, atribuía tudo ao poder omnipotente do nome de Jesus.”

Schlisel escreve ainda que fez todos os possíveis para observar tudo o que, mesmo remotamente, pudesse influenciar os procedimentos do célebre Herr Gassner. Schlisel parece, de facto, ter sido o homem certo para tal: a sua capacidade tranquila de observação, o seu juízo imparcial e a sua sólida formação médica — qualidades todas evidentes na sua obra — permitiram-lhe dar um relato fiel das curas de Gassner, ao mesmo tempo que registava todas as circunstâncias, objeções e opiniões que tinham sido apresentadas ou que se manifestaram no local.

Relata que Elwangen deve ter enriquecido enormemente com a multidão de pessoas que acorria à cidade, embora Gassner nada cobrasse pelos seus esforços, e que o Eleitor, por essa razão, tolerava a longa permanência daquela multidão. Em março de 1753, chegavam diariamente centenas de pacientes; o boticário ganhava num único dia mais do que normalmente em três meses, com óleos, colírios, um pó universal de cardo-santo (*carduus benedictus*), incensos, etc., prescritos por Gassner.

Os tipógrafos trabalhavam dia e noite com todos os seus operários nas prensas, para produzir panfletos, orações e imagens suficientes para a horda de admiradores. Os ourives e vidraceiros não descansavam a fabricar todos os tipos de *Agni Dei*, cruzes, corações e anéis; até os mendigos colhiam a sua parte, e quanto a padeiros e estalajadeiros, é fácil imaginar os seus lucros.

Segue-se uma descrição da sala de Herr Gassner, do seu traje e do modo como procedia com os doentes: “Sobre uma mesa estava um crucifixo, e à mesa sentava-se Herr Gassner num banco, com o lado direito voltado para o crucifixo e o rosto virado para o paciente e também para os espetadores. Sobre os ombros tinha uma capa azul com flores vermelhas; o resto do traje era limpo, simples e modesto. Um fragmento da cruz do Redentor pendia-lhe ao peito, preso a uma corrente de prata; um cinto meio sedoso cingia-lhe os rins.

Tinha quarenta e oito anos, um rosto muito vivo, era alegre na conversa, sério ao comandar, paciente no ensino, amável para com todos, zeloso pela glória de Deus, compassivo com os oprimidos, jubiloso com os que tinham fé firme, agudo na observação, profético nos sintomas e nos sinais subtis; um excelente teólogo, um fino filósofo, um admirável fisionomista, e eu desejei que tivesse tão bom conhecimento da fisiologia médica como mostrava ter discriminação nos casos cirúrgicos. Não era de modo algum um político; era inimigo da melancolia, perdoava aos inimigos e era completamente indiferente às lisonjas humanas. Durante vinte anos combateu heroicamente contra os poderes do inferno, treze dos quais em silêncio, mas sete de forma pública, dos quais os últimos seis meses passou vitoriosamente em Elwangen."

Assim armado, Gassner conduzia todos os seus atos públicos nesta sala, que mantinha em funcionamento diariamente, desde cedo pela manhã até tarde da noite — muitas vezes até à uma ou duas da madrugada. Quanto mais médicos se encontravam à sua volta, mais audaz ele se mostrava ao provocar a manifestação das diferentes doenças; com efeito, chamava até médicos desconhecidos para testemunharem. Mal os que procuravam ajuda se ajoelhavam diante dele, interrogava-os sobre a sua terra natal e os seus males; em seguida, iniciava uma breve instrução sobre a firmeza da fé e o poder omnipotente do nome de Jesus.

Depois agarrava ambas as mãos do paciente ajoelhado e ordenava, com voz alta e confiante, que a suposta doença se manifestasse. Seguidamente, tocava na parte afetada — no caso da gota, o pé; na paralisia, o membro ou articulação afetada; nas dores de cabeça, a cabeça e o pescoço; nos afetados por flatulência, colocava a mão e a capa sobre o estômago; nos de peito apertado, sobre o coração; em casos de hemorroidas, sobre a espinha; nos reumáticos e epiléticos, segurava ambos os braços e, alternadamente, colocava as mãos — ou mãos e capa juntas — sobre toda a cabeça.

Em muitos casos, a doença manifestava-se imediatamente ao comando, mas noutros era necessário repetir a ordem várias vezes — por vezes até dez — antes que o ataque surgisse. Em alguns, embora poucos, o comando e a imposição das mãos não surtiam qualquer efeito.

A primeira classe de pacientes era a dos "de fé boa e forte"; a segunda, os de "fé vacilante e fraca"; e a última, aqueles com doenças naturais ou que as fingiam, e sem fé. Todos estes ataques recuavam progressivamente, conforme a resistência de cada um, por vezes muito rapidamente ao seu comando, outras vezes só à décima ou vigésima tentativa, de membro em membro. Em alguns casos os ataques pareciam reprimidos, mas não

extintos; noutros, iniciava-se uma doença debilitante, com febre e hemoptise; noutros ainda, um inchaço até à sufocação, acompanhado de dores violentas; outros tinham crises de gota e convulsões.

Quando o espetador estava convencido e o próprio paciente suficientemente fortalecido na fé e confiança, este devia repelir o ataque por si mesmo com o simples pensamento: “Afasta-te de mim, em nome de Jesus Cristo!” Nisto consistia todo o método de cura e confirmação que Gassner empregava em todos os tipos de doenças que chamamos “não naturais”.

Por este meio, ele despertava todas as paixões humanas: agora a ira, depois a paciência; ora a alegria, ora a tristeza; ora o ódio, ora o amor; ora a confusão, ora a razão — todas levadas ao extremo. Agora este estava cego, agora via, e logo depois tornava a ficar privado da visão, etc.

Todos se despediam dele cheios de auxílio e consolação, assim que recebiam a sua bênção, que era administrada da seguinte forma: colocava a capa sobre a cabeça do paciente, segurava-lhe a testa e o pescoço com ambas as mãos, rezava em silêncio com grande fervor, fazia o sinal da cruz na testa, boca e coração do convalescente, e estendia aos católicos o fragmento da cruz para que o beijassem. Prescrevia, conforme a doença, os medicamentos adequados na botica: óleo, água, pós e ervas, que consagrava todos os dias. Exortava todos à firmeza na fé e não permitia que ninguém partisse — salvo aqueles com defeitos congénitos — sem mãos limpas e rostos cheios de alegria.

Não excluía nenhuma doença, nenhuma febre, nem sequer epidemias. Não seria de esperar, portanto, que a ciência médica começasse a temer ser suplantada por esta teoria moral?

Podemos agora perguntar o que Gassner considerava doenças naturais e não naturais. Por exemplo, um osso partido, um membro aleijado ou uma hérnia eram queixas com causas naturais; mas todas aquelas originadas por deficiência ou excesso nas condições naturais do corpo eram consideradas curáveis — como a catarata, que ele curava com espanto geral.

Outro exemplo: apresentavam-se dois coxos. Um tinha o tendão de Aquiles ou um nervo lesionado. Era curado, sim, mas o pé mantinha-se torto. Esta era uma coxeadura natural. Um homem piedoso com esta limitação não podia esperar auxílio de Herr Gassner. O segundo tinha semelhante encurtamento do pé, mas devido à gota, desgaste do membro ou paralisia. Esta era uma coxeadura não natural, e Herr Gassner curá-la-ia tão rapidamente como se escreve o seu nome.

Eis aqui, portanto, o retrato deste novo médico-milagreiro, o nosso grande Herr Gassner. Sic oculos, sic ille manus, sic ora ferebat. Então, agrada-vos? Têm alguma objeção ao original, ou ao retrato?

O autor dirige agora uma pergunta aos médicos e às academias: Gassner curava de facto estas doenças, como é relatado? Existiria no seu método algum poder oculto — magnético, simpático ou mágico? Como curava ele, e em que circunstâncias se davam essas curas? Isto compete aos médicos. Ao clero cabe julgar se se tratava de feitiçaria, ou se o diabo pode realmente prejudicar o homem de tantas formas. A questão de saber se os acusadores de Herr Gassner merecem punição por difamação, ou se ele deve ser considerado culpado de engano, é para os juristas e juízes criminais.

Segue-se a resposta a estas perguntas, com a admissão de que ele próprio, como muitos dos seus colegas eruditos, era algo incrédulo e, muitas vezes, bastante teimoso. Pois, como diz, "não seria digno de crédito aceitar algo sem causa, investigação ou convicção."

À primeira pergunta, se todas estas doenças foram curadas, responde: "Sim, vi-o, com muitas pessoas de diferentes religiões, e em especial com dois médicos experientes e íntegros — um católico, outro protestante. Com eles estive presente em quase todas as ocasiões públicas e privadas, como testemunha ocular e com plena convicção."

"Como?! Um médico?! Que vergonha!" — dirão alguns. Sim, eu, um médico — e logo um que escreveu um tratado inteiro sobre a gota — procurei em Herr Gassner ajuda contra esse tormento infernal. Mas não julgueis por isso que deixei de ser médico por um instante. Confesso abertamente que o meu objetivo era mais testar Gassner do que procurar cura. Mas quem não vê não pode negar que é dia quando o sol lhe queima o pescoço; e um médico corajoso acredita que está doente quando sente dor. Todos os presentes, e os médicos acima referidos, testemunham plenamente o que vimos, e eu próprio, para minha surpresa, o experimentei."

"Quem não acreditar que Herr Gassner cura todos os tipos de doenças — quem rejeita provas tão imparciais e esmagadoras — esse ou está perigosamente doente e deve ir para as águas termais; se isso não resultar, para o manicómio; ou, se o seu sofrimento for 'não natural', para o poder curativo de Herr Gassner. Mas ele exige pacientes que creiam."

Prossegue então no tom dos médicos céticos: que, de facto, cada médico afirma já ter curado todo o tipo de doenças — uns por eletricidade, outros por diversos meios; por simpatia ou imaginação. Muitos questionaram se o crucifixo de Gassner, a corrente ao pescoço ou o cinto semi-sedoso não

seriam elétricos. Se não esconderia um íman na capa, se as mãos não teriam sido friccionadas com um íman ou untadas com unguento simpático.

Depois de demonstrar detalhadamente que nenhuma dessas acusações tem fundamento, conclui que “Herr Gassner realizava todas as suas curas apenas pelo nome glorificado de Jesus Cristo, pela imposição das mãos e da sua capa. Dava às pessoas óleo, colírio e afins, aconselhando-as a usá-los apenas depois de curadas. Mas, para fazer ver os cegos, não tinha colírio; nem óleo para pôr em movimento um membro paralisado; muito menos pó ou incenso para expulsar o diabo.

Limitava-se a tocar nas articulações dos coxos; esfregava os ouvidos e glândulas dos surdos; tocava com os dedos nas pálpebras dos cegos. Extraía as dores com a força da sua voz comandatória. Ordenava-lhes, com voz firme e autoritária, que saíssem e se afastassem — e assim acontecia. Então, onde está a simpatia? Onde está a eletricidade, o íman, e toda a subtileza filosófica?”

“Sim, mas então por que razão não cura ele todos do mesmo modo?” Perguntai às vossas próprias consciências; investigai o modo de vida e de pensamento dos vossos amigos não curados, e vede se eles se enquadram nas condições exigidas por Herr Gassner, se possuem os três tipos de fé que mencionámos no início deste relato — e vós mesmos podereis responder à pergunta. Estais em silêncio? Só então abrireis os vossos pensamentos para mim, quando tiverdes experimentado o que é a permanência da cura segundo o método de Gassner. Herr Gassner exige, como segurança contra a recaída na doença, tal como São Pedro, um combate constante e perpétuo. Porquê? Porque os ataques de um inimigo invisível nunca cessam.

Prescreve a cada um a forma de manter a saúde sem a sua ajuda; e asseguro-vos, com toda a sinceridade e honra, que conheci muitos — muitos mesmo — que se curaram de doenças violentas sem nunca terem ido ver Gassner, apenas seguindo, por meu conselho, o seu livro, e que ainda hoje retiram benefícios disso. E nunca conheci uma só pessoa que tivesse recaído na antiga doença “não natural” sem antes se ter desviado das regras prescritas por Herr Gassner, ou tê-las completamente abandonado. Quem, então, teve culpa?

Estas são as palavras do Dr. Schlisel, depois de longa familiaridade com o sistema de Gassner; e com elas encerro este capítulo sobre os espiritualistas da Alemanha e da Suíça — quase um século antes do aparecimento do fenómeno nos Estados Unidos. Contudo, o espiritualismo não existia apenas na Alemanha e Suíça. Estava também presente em França, com Oberlin.

Este nobre cristão — cujo nome é venerado em todo o mundo pelo seu labor apostólico durante mais de meio século entre o povo de Ban-de-la-Roche, ou Steinthal, na Alsácia — encontrou, ao chegar, os seus paroquianos a falar de aparições de entes queridos falecidos como se fossem factos corriqueiros. Considerando isso uma superstição vazia e perniciosa, repreendeu-os e passou a condenar o fenómeno do púlpito, tentando dissuadi-los através da razão. Mas, longe disso, foi ele próprio compelido a acreditar, pela aparição da sua própria esposa.

Depois da sua morte, ela passou a visitá-lo quase diariamente, sentando-se e conversando com ele. Alega-se nas suas memórias que ela era visível não só a ele, mas também aos restantes membros da casa. Durante nove anos, manteve essa prática, informando-o não apenas sobre a natureza e a vida do outro mundo, mas continuando a ser a sua melhor conselheira nos assuntos desta vida. Ela contou-lhe que, antes de falecer, recebera uma visita da sua irmã falecida — esposa do Professor Oberlin de Estrasburgo — anunciando-lhe a aproximação da sua morte. Imediatamente, começou a preparar roupas extra para os filhos e a armazenar mantimentos para o banquete fúnebre. Concluído isso, despediu-se do marido e da família e foi calmamente deitar-se, convicta de que o fim estava próximo — como de facto estava. Mas não contara nada disto a Oberlin antes da morte.

Todos estes acontecimentos foram registados por Oberlin em narrativa própria. Em 1859, Mr. Dale Owen encontrou-se em Paris com M. Matter, que, com permissão de Oberlin, examinara estes documentos. Matter observou que Oberlin estava plenamente convencido de que os habitantes do mundo invisível podem aparecer-nos — e nós a eles — quando Deus o permite; e que **somos para eles aparições**, como eles o são para nós.

Em 1824, o Dr. Barthe e o Sr. Smithson visitaram Oberlin e conversaram com ele sobre estes temas. Perguntaram-lhe como distinguia a aparição da esposa de um simples sonho; e ele respondeu-lhes perguntando como distinguiam uma cor de outra. Disse-lhes que poderiam tão bem tentar convencê-lo de que não era uma mesa aquilo onde estavam sentados, como de que não recebera aquelas visitas. Ao mesmo tempo, afirmou-se completamente livre de qualquer traço de devaneio ou fanatismo.

Declarou que deve haver uma aptidão para ver espíritos. Pegando em vários pedaços de sílex, observou que todos pareciam iguais, mas que alguns tinham ferro suficiente para serem magnéticos, e outros não. Assim era com a capacidade de ver fantasmas. Podiam rir, mas o facto mantinha-se.

Tal como Swedenborg, Oberlin afirmou que a esposa lhe dizia que tudo o que existe na Terra não passa de uma cópia das coisas do outro mundo.

Por fim, a esposa enviou-lhe uma mensagem por intermédio de outra pessoa falecida, dizendo que havia sido elevada a um estado mais alto e que já não podia mais visitar a Terra. E nunca mais apareceu. Todos estes pormenores são confirmados pelo seu amigo e biógrafo, Herr Stöber.

Poderíamos agora passar para Inglaterra, onde encontramos a mesma fé entre os Wesleys, os Fletchers de Madeley e os seus seguidores; e depois subir, como por uma escada de Jacob, passando por Fox e os Quacres, Böhme, os “Amigos de Deus”, as igrejas Romana e Grega, atravessando as histórias da Grécia, de Roma e dos Judeus, até à origem dos tempos, estendendo as nossas investigações a todas as nações vizinhas com o mesmo resultado.

Mas, tendo agora dissipado o erro vulgar de que o espiritualismo teve origem há poucos anos na América, avançarei diretamente para o mundo antigo e seguirei uma ordem cronológica apropriada, certo de encontrar naquilo que hoje se chama “delírio moderno” uma grande lei da humanidade — uma verdade substancial e universal.

Os racionalistas que agora se ocupam em minar as evidências bíblicas são apenas como térmitas ou carunchos, que devoram o âmago da madeira e dos móveis das nossas casas, deixando-nos apenas uma massa carcomida e a esfarelar-se. Exaltam a ética do Cristianismo enquanto destroem a sua força histórica.

Quanto a mim, quero um Salvador, não um mero filósofo. Filósofos há tantos, que não agradeço o acréscimo. Quero um Salvador — e quando um surge e apresenta as suas credenciais com milagres acompanhados de profecias que o precederam, e depois surge uma multidão a desacreditar essas credenciais, a tentar convencer-me de que a sua genealogia foi forjada e falsificada — rebaixam-no de Salvador a impostor. E então é inútil tentar recomendá-lo como filósofo. A sua ética pode ser bela, mas não é isso que procuro. Quero salvação — e esta não se obtém nem de impostores nem de filósofos.

Devemos aceitar Cristo por inteiro tal como está nas Escrituras — ou rejeitá-lo por completo.

CAPÍTULO VI

O SOBRENATURAL NA BÍBLIA

Feliz és tu, ó Israel! Quem é como tu, povo salvo pelo Senhor, escudo do teu auxílio, e espada da tua glória! Os teus inimigos mentirão diante de ti, e tu pisarás as suas alturas.

Deuteronómio 33:29

Qual é, pois, a vantagem do judeu? Muita, em todos os sentidos; mas principalmente porque lhe foram confiados os oráculos de Deus.

Epístola de Paulo aos Romanos 3:1-2

A Bíblia transporta-nos imediatamente ao dia da criação, e, incluindo o Novo Testamento, conduz-nos até ao tempo da promulgação do sistema cristão — o grande objetivo para o qual os hebreus foram erguidos como nação, educados no monoteísmo, e designados como proclamadores da mais extensa, clara e coerente, amplamente cumprida e precisamente articulada série de profecias que o mundo alguma vez conheceu. A elaboração da sua fé e o desenvolvimento constante da sua história são, abertamente e de forma visível, dirigidos ao propósito de suportarem o grande fardo da profecia cristã.

Cristo aceitou esta cadeia de profecia, com quatro mil anos de extensão, como completada n'Ele. "Começando por Moisés e todos os profetas, expôs-lhes, em todas as Escrituras, o que a seu respeito constava" (Lucas 24:27). "Então disse: Eis aqui venho (no rolo do livro está escrito de mim) para fazer a tua vontade, ó Deus" (Hebreus 10:7). "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam" (João 5:39).

Durante quatro mil anos, desde a criação até Cristo, esta preparação para a vinda de Deus em forma humana sobre a Terra foi processada sem interrupção na história dos judeus. Assim, poderíamos supor que bastaria referirmo-nos a esse grande facto como autoridade suficiente para aquilo que temos a dizer sobre as manifestações espirituais — ou ditas milagrosas — dessa história.

Mas, por mais surpreendente que pareça, somos detidos logo no limiar desta história pelo cumprimento da sua própria profecia, na boca de Moisés: "Os teus inimigos mentirão diante de ti"; e pela profecia de Cristo, milhares de anos depois: "Os teus inimigos serão os da tua própria casa."

Depois de quatro mil anos de história judaica decorridos sem que ninguém tenha posto em causa a sua veracidade, e após quase dois mil anos em

que a sua sequência — o Cristianismo — continua a existir com ampla e sincera aceitação, surge uma seita de saduceus que questiona a veracidade de ambas as histórias.

Deste país (Inglaterra) saíram as obras de Hobbes, Toland, Tindal, e sobretudo Hume, que, após percorrerem o continente europeu, regressaram sob a forma do sistema racionalista de Paulus e Strauss. O ensaio sobre milagres de David Hume não apenas influenciou homens já anti-cristãos, como afetou, em maior ou menor grau, quase todas as classes de cristãos.

Este ensaio destruiu a fé na ordem superior da natureza — o miraculoso — mencionada por Bishop Butler. Em muitos, destruiu-a completamente; noutros, parcialmente; e até em muitos que se julgam cristãos convictos e se consideram pregadores e autoridades espirituais. Mesmo aqueles que, com relutância, admitem os milagres até Cristo e os seus sucessores imediatos, param por aí e recusam crer que qualquer fenómeno semelhante possa ocorrer hoje.

E porquê? Por que razão supõem que a Providência Divina, depois de quatro mil anos ininterruptos, subitamente cessou? Por que rasgam com tal violência as analogias de toda a natureza, nas quais Deus atua continuamente, e presumem que hoje necessitamos menos dessas manifestações do que o mundo antigo ou os primeiros cristãos?

Por que não compreendem que a “evidência”, como tudo o mais, envelhece, e que hoje precisamos tanto da repetição dos milagres como eles há dois mil anos? Por que razão não veem que milhões estão a abandonar a fé cristã e a aceitar o desolador materialismo, precisamente com o argumento de que carecem de provas das manifestações miraculosas — manifestações que existiam outrora mas que agora desapareceram?

“Os milagres do tempo presente”, diz o Professor Hare, “são muito mais convincentes do que os de tempos longínquos.”

Por que razão veem tanta apatia e indiferença, uma fé formal e uma profissão de fé sem vida nas igrejas sem milagres, e ainda assim se opõem à existência do miraculoso na Igreja de Cristo, apesar da promessa clara de que Ele continuaria com os seus discípulos até ao fim do mundo, e de que fariam até maiores obras do que as que Ele realizou?

Simplesmente porque foram educados nesse estado mental.
O clérigo, o sectário, o professor, o pregador, o homem de letras e o homem de ciência — todos são educados dentro de um certo pirronismo moderno, entorpecedor, que surgiu com o Protestantismo e só existe no Protestantismo, como produto direto da oposição aos milagres na Igreja de Roma.

No afã de arrancar o joio dos falsos milagres romanos, fizeram exatamente aquilo que Cristo advertiu os seus discípulos a não fazer — arrancaram também a raiz da fé no milagre, e com ela o património espiritual da Igreja.

Antes de nos espantarmos com esse ato fatal da reação protestante, devemos refletir um pouco sobre o poder quase omnipotente da educação. Que nação, povo ou indivíduo alguma vez escapou plenamente à teia da educação — tecida com fibras mais finas que as do fio de aranha, mas mais resistentes que o aço mais temperado?

Olhai em redor, para as centenas de milhões de seres humanos no globo. De geração em geração, avançam tenazmente — como se pelas suas vidas — agarrando-se aos dogmas da sua educação.

A ciência avança, a arte avança, a filosofia progride de experiência em experiência; antigas peles caem, novas descobertas são feitas; mas na religião, tudo permanece estagnado, cristalizado, cego às diversidades de fé que nos rodeiam, e desafiando o facto manifesto de que não podem todos estar certos.

O judeu, o brâmane, o persa, o budista, o yezidi, o muçulmano, o cristão em todas as suas formas — o romano, o grego, o protestante, o anglicano, o dissidente em suas múltiplas formas — todos seguem o seu caminho, abraçando o seu dogma como a verdade, sem estarem dispostos a admitir que nem todos podem estar certos, mas certos de que ele está.

E porquê? Pelo imenso e, em noventa por cento dos casos, invencível poder da educação.

No que toca à religião, a educação ergue em nós muros mais fortes do que pedra, e cobre-nos com máscaras mais opacas à luz espiritual do que qualquer armadura de aço. Só os heróis da humanidade conseguem romper essas correntes e sair para o ar livre, para o sol universal da investigação imparcial.

Quem já viajou pelo continente terá tido oportunidade de ver os restos de cavaleiros que, séculos atrás, foram emparedados dentro dos castelos próprios ou inimigos, e que só foram encontrados nos últimos tempos. Lá estão os esqueletos, de pé, encerrados não só em paredes com vários metros de espessura, mas também dentro da própria armadura — representações eloquentes dos atuais cavaleiros teológicos, encerrados nas muralhas adamantinas do escolasticismo.

Mas alguns respondem que os racionalistas romperam, pelo contrário, os grilhões da sua educação ao se afastarem do Cristianismo e rejeitarem o milagre.

De forma alguma. Todos esses homens foram educados no dogma protestante da cessação de todos os milagres após a promulgação do Cristianismo. A raiz da fé foi-lhes cortada — e sem raiz, ao mais leve sopro do ceticismo, caem inevitavelmente por terra, no solo do materialismo.

Assim, tanto pelos atos e razões de Lutero, de Cranmer, de Ridley e dos primeiros bispos da Igreja Anglicana, como pelos argumentos de Middleton, Douglas, Marsh e até dos próprios dissidentes, como Farmer e Priestly — como também pela sofística de Hume e Strauss — os seguidores destes homens em Inglaterra (os Baden Powell, Froude, os *Essayists and Reviewers*, etc.) foram levados a tentar destruir as evidências históricas da Bíblia e do Novo Testamento.

Esses senhores dizem-nos que se tornaram tão sábios no conhecimento da constituição física do universo, que já não conseguem conceber como Deus, tendo fixado essa ordem, possa nela introduzir qualquer variação. Amarraram as suas próprias faculdades num nó de silogismos lógicos e convencem-se de que com isso amarraram também as mãos omnipotentes de Deus.

Professam uma certa crença filosófica em Cristo, mas não creem Nele quando Ele afirma repetidamente: *"Para Deus, todas as coisas são possíveis."* Julgam saber, à distância de dois mil anos, mais sobre a história dos judeus do que os próprios judeus sabiam ao longo de quatro mil.

Querem expurgar a Bíblia, suprimir todo o milagre e pedir-nos que tenhamos fé no esqueleto morto que restaria. Querem arrancar-lhe a vida e a alma, remover-lhe músculo e nervo, e entregar-nos o osso seco como se fosse equivalente justo.

Querem roubar a Cristo de toda a longa cadeia de testemunhos proféticos e históricos sobre a sua identidade, de todos os seus milagres, e depois pedem-nos que o aceitemos como outro Platão. Oferecem-nos a sua filosofia moral como algo inegavelmente belo — mas primeiro privam-na de toda a autoridade.

Ora, que é Cristo para nós, mais do que Platão ou Sócrates, se não tiver maior autoridade? Se todas as predições a Seu respeito, cada uma das quais sendo uma profecia é um milagre, forem eliminadas; se os milagres que Ele realizou — e que disse realizar "para que cressem" — forem reduzidos a mitos, ou seja, a mentiras, de que serve Ele dizer: *"Eu sou a ressurreição e a vida"?*

Sem credenciais nem autoridade, por mais belas que sejam as suas palavras, para nós são apenas letras mortas. Não têm fundamento numa revelação divina acompanhada de sinais e maravilhas; não possuem

verdade intrínseca, pois o mesmo processo que destruiu os milagres também destruiu a verdade de Cristo.

Ele remete-nos para os testemunhos de Jonas, Isaías e Daniel — mas estes críticos negam a autenticidade desses livros, e por conseguinte, segundo a lógica deles, Jesus ou não estava iluminado divinamente, ou era mentiroso.

É a esta condição blasfema que nos reduzem. Mas a sua absurda pretensão vai ainda além da sua traição. Se os seus raciocínios forem verdadeiros, a Bíblia, que abrange quatro mil anos, não é uma história verídica, mas uma concatenação de falsidades — pois é isso que são os mitos e as lendas.

Somos então convidados a acreditar numa monstruosa absurdidade: que uma sucessão de cronistas, ao longo de séculos, relatando a história da sua nação, persistiram uniformemente numa trajetória de ficção, em vez de se aterem à verdade simples.

Que esses muitos historiadores, separados por séculos e nunca tendo se encontrado, teriam misteriosamente acordado em legar à posteridade uma série de mentiras vazias e desavergonhadas como se fosse a história sóbria do seu povo. E com que objetivo?

Que um ou dois homens surgissem num povo e falsificassem a sua história é possível; mas que essa história fosse aceite pela nação inteira como verdadeira — isso é absolutamente inverosímil. Especialmente quando se trata de uma história não redigida para lisonjear, mas para humilhar a nação diante do mundo.

E qual é o caráter da história judaica? É uma autocelebração? Pelo contrário. Destaca-se, entre todas as histórias do mundo, por retratar sem piedade os vícios e falhas dos seus reis, príncipes, sacerdotes e povo.

Abram-na em qualquer ponto — pois é toda uniforme — e verão a nação judaica pintada nas cores mais sombrias: corrupção, teimosia, ingratidão a Deus, inclinação para todos os vícios e idolatria abjeta.

Mesmo quando Deus os conduz com Moisés à Terra Prometida, são tão sensuais, rebeldes e idólatras, que o próprio Deus jura destruí-los e fazer de Moisés uma nova nação. É o mesmo com os juízes, com os reis, até ao fim. Tornaram-se tão obstinadamente entregues à iniquidade que Deus os expulsa repetidamente diante dos inimigos, devasta as suas cidades e mergulha-os em cativeiro miserável.

O seu rei mais piedoso comete adultério e homicídio; o mais magnífico é um sensualista e idólatra grosseiro. Abram os profetas — em qualquer parte —

e leiam as suas descrições e denúncias. Nunca uma nação, nem os seus governantes, foi tão duramente retratada.

"Como se tornou prostituta a cidade fiel! Ela estava cheia de juízo; justiça habitava nela, mas agora são assassinos. Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um ama o suborno, e corre atrás de recompensas; não fazem justiça ao órfão, nem chega a causa da viúva perante eles." — Isaías

"Os filhos de Israel e os filhos de Judá não têm feito senão o mal diante de mim, desde a sua juventude... Esta cidade tem sido uma provocação à minha ira e ao meu furor desde o dia em que a edificaram até hoje, para que eu a removesse da minha presença. Por causa de toda a maldade dos filhos de Israel e de Judá — seus reis, príncipes, sacerdotes, profetas, homens de Judá e habitantes de Jerusalém." — Jeremias

Cada detalhe desta história é relatado com a mesma severidade implacável.

E o mesmo se passa com os escritores dos Evangelhos. De que modo aterrador são descritas as ações e o estado moral dos judeus da época. Com que palavras terríveis Cristo denuncia a sua hipocrisia, opressão e crueldade. E completam essa sombria crónica crucificando o Salvador misericordioso e bondoso.

Nem os apóstolos escapam: os seus erros e fraquezas são tão expostos quanto os crimes dos seus antepassados.

E, ainda assim, somos convidados pelos supostos sábios de hoje a crer que este povo severo e autoacusador, estes cronistas de tantas gerações, teriam todos conspirado numa fraude pueril, para disfarçar a sua história com mitos e ficções?

Se tivessem tendência à ficção, teriam certamente inventado algo para enaltecer o seu orgulho nacional e apresentar ao mundo uma imagem agradável de si mesmos. Nunca houve um povo que se retratasse com tamanha repulsa.

E se olharmos para a sua literatura, essa sede de verdade — apesar de todos os seus defeitos — torna-se ainda mais evidente. Foram, de facto, os guardiões designados da verdade.

Há na Bíblia uma inspiração sublime, uma elevação moral, uma conceção da virtude e da santidade como não se vê em nenhuma outra nação.

Que contraste entre a moralidade da Bíblia e a de Platão e Sócrates! Imaginem Platão, ao representar Sócrates — o mais nobre porta-voz da moral grega — a recomendar que todas as mulheres e crianças fossem

comuns, que os pais não reconhecessem os próprios filhos, nem os filhos os seus pais; que os jovens que se destacassem em guerra tivessem acesso livre entre as mulheres da república ideal, e que estas competissem nuas nos jogos públicos.

Depois virem-se para a Bíblia. O contraste é da escuridão para a luz.

Lá, encontramos um Deus que exige pureza absoluta de pensamento e de vida, que afirma querer "verdade no íntimo do ser". Que integra na própria lei nacional:

"Não levantarás falso testemunho; não estenderás a mão com o ímpio para seres testemunha injusta." — Êxodo 23:1

Que incute amor e misericórdia para com o estrangeiro e o oprimido; e que declara ser de olhos puros demais para contemplar o mal.

E que notável contraste existe também na conceção do Divino:
— Não um panteão de deuses de caráter duvidoso, mas um único Deus — grande, glorioso, paternal.

Que profunda e íntima relação também se apresenta entre Deus e o seu povo.
Em todos os outros sistemas religiosos, vemos os deuses, por assim dizer, distantes, mantendo pouco ou nenhum contacto com os homens. Mas aqui, Deus cuida e guia o seu povo como um pai. Liberta-os dos seus opressores com o seu próprio braço estendido, e eles derramam sobre Ele as suas alegrias e dores com uma intimidade maravilhosa, mesmo no meio de todo o respeito e reverência que lhe devotam.

Leiam os Hinos de Orfeu ou de Homero, e depois virem-se para os Salmos de David. Nos primeiros, há apenas louvor distante e glorificação formal; nos segundos, encontram-se amor, confiança, vida espiritual e consolação.

Onde, em toda a devoção pagã — mesmo entre os povos mais filosóficos — encontramos um sentimento que exprima tal confiança filial na perfeita justiça de Deus, tal clareza na esperança das recompensas eternas, como aquela expressa no final do Salmo 17 (equivalente ao Salmo 15 na Septuaginta)?

"Mas eu, na justiça, contemplarei a tua face; quando despertar, me satisfarei com a tua semelhança."

E este é o povo cuja história — sobre a qual assenta a nossa fé mais preciosa — somos instados a considerar como uma série de mitos e prodígios vazios, e não apenas por infiéis estrangeiros, mas por homens

educados, pagos e nomeados vitaliciamente pelo próprio Governo desta nação para ensinarem ao povo as verdades do Cristianismo!

Certamente jamais foi feito um pedido tão monstruoso à credulidade humana como este — justamente por homens que tratam a crença em milagres como credulidade.

Segundo a teoria desses senhores, teríamos de considerar a Bíblia não como o grande tesouro da verdade divina, mas como a mais baixa e mentirosa das histórias, escrita por um povo atrozmente corrupto e mendaz.

Ser-nos-ia exigido acreditar numa tal soma de impossibilidades numa única proposição como nunca antes se viu. Que um povo deturpasse intencionalmente a sua história ao longo de quatro mil anos, sem qualquer propósito compreensível, já seria difícil de aceitar. Mas que essa falsificação persistisse, de geração em geração, com o mesmo método e objetivo, é infinitamente mais inacreditável.

E que esse povo — entre todos os povos — fosse escolhido para manter a verdade de Deus e de Cristo, é uma proposição tão absurda que implica insanidade moral em quem a defende e algo ainda mais insano em quem a aceita.

Duvidar de um milagre, ou de uma série deles, pode, em certos casos, ser prova de sensatez. Mas aceitar tudo o que esta teoria exige — é personificar uma ingenuidade tão extrema que beira a idiotia.

Concluamos então estas observações preliminares com uma passagem do Abade Barruel, defensor da revelação, que soube virar as armas dos céticos contra eles próprios com efeito notável. Numa espécie de balanço entre débitos e créditos, expõe as contradições não só entre os racionalistas, mas também as contradições internas de cada um, derramando sobre eles o ridículo que tentaram lançar sobre o Antigo e o Novo Testamento:

“Ide! A vossa filosofia não será a minha. O meu coração diz-me, com toda a certeza, que o autor do meu ser é o primeiro objeto dos meus deveres. Deixo a vossa escola para aprender a cumpri-los. Moisés, Cristo e os seus apóstolos repetem — toda a revelação repete — ‘Adorarás o Senhor teu Deus, e só a Ele servirás.’ Amarás o Senhor com toda a tua alma e com todas as tuas forças; e eu digo com eles: ‘Eis o primeiro dos deveres! O clamor da própria natureza! Que a filosofia que procura suprimir esse clamor seja ela própria aniquilada! Eu adoro a Deus, e a minha razão curva-se diante Dele. Sinto que ela me chama ao pé do Seu altar. O falso sábio desprezou-o, mas o Evangelho voltou a ergue-lo. A minha alma, fatigada pela impiedade, para lá volta. Amarei a Deus; ao vazio horrível que os vossos sofistas deixaram na minha alma, sucederá o único objeto capaz de

o preencher; e o primeiro preceito da REVELAÇÃO fará eco aos de toda a natureza.'"

(*Lettres Provinciales*, vol. IV, p. 365)

É à luz da revelação — e não sob os conselhos traiçoeiros dos racionalistas — que devemos ler a narrativa clara das Escrituras.

O sistema de minagem promovido pelos céticos da Igreja exige de nós uma credulidade desmesurada. Podemos, sim, crer em milagres — **mas não em tais** impossibilidades: historiadores conspiradores separados por séculos, mentindo com unidade de propósito durante quatro mil anos sem causa racional; os autores e guardiões da verdade revelando-se os maiores propagadores de falsidade; Moisés e Cristo cúmplices de um embuste monumental.

Aceitando então a Bíblia com o espírito do senso comum, percebemos que ela é inteiramente construída sobre uma base milagrosa.
O milagre está entrelaçado nela do princípio ao fim — é a sua urdidura e trama; mais ainda, é a própria substância do seu tecido.

É tudo milagre — ou não é nada.

Ou seja, é essa ordem superior da natureza que Deus, sem violar ou interromper a ordem inferior e física, interfunde nela à Sua vontade, tão naturalmente como infunde o seu sol na atmosfera, ou — quando quer — lança os seus relâmpagos através do brilho solar; como envia os seus cometas misteriosos entre as estrelas fixas e planetas em órbitas regulares, e como faz correr o sangue de princípios imponderáveis pelos pulsos inconscientes da natureza.

Estamos convencidos de imediato de que os judeus e os seus cronistas conheciam os seus próprios assuntos — e sabiam como os registrar — muito melhor do que os pretensos "profundos" da nossa época. Quanto mais afastados estão da cena real dos acontecimentos, mais presunçosos se mostram, achando que a veem melhor do que os que nela viveram.

Em vão tentam convencer-nos de que esta grande história é redigida com exageros e hipérboles orientais; encontramos, na verdade, nas suas partes históricas, a linguagem mais simples da natureza e com o selo mais autêntico da verdade.

O que mais nos impressiona é a franqueza e a confiança com que os acontecimentos mais espantosos são relatados — sem qualquer esforço para convencer o leitor, apenas a simples enunciação da verdade. Não há declarações enfáticas ou justificações. Os escritores falam como homens

que sabiam bem o que diziam — e diziam-no a uma nação tão acostumada a tais factos quanto eles próprios.

Nós, a partir da nossa atmosfera inferior e mais carregada de morte, ficamos maravilhados — mas para eles, esses eventos não eram maravilhas.
Viviam numa condição mais aberta ao céu, menos caída da pureza original da humanidade — quando Deus e os seus anjos andavam entre os homens — uma condição de maior recetividade e visão desobstruída.

Eram testemunhas dessa ordem superior da natureza, que perdurou até e para além de Cristo — e que ainda perduraria, se continuássemos dignos dela e ligados a ela.

Não abordo aqui a questão da cronologia judaica.
O mundo pode ter tido uma origem anterior àquela que uma leitura literal de Moisés sugere — ou não. Não é esse o ponto. Tomo a história judaica tal como a encontro, porque a percebo, no todo, mais plausível do que qualquer das teorias apresentadas pelos seus inimigos.

Seja qual for o valor exato da porção dessa história vinda diretamente por inspiração ou indiretamente por tradição, vejo que as suas partes históricas, com exceções que se podem atribuir a erros de copistas, estão em perfeita consonância com a história contemporânea e com a natureza humana.

E essa história, do princípio ao fim, é uma história espiritualista.

E quando falo de espiritualismo, refiro-me às manifestações e operações de naturezas espirituais — desde o Espírito supremo, Deus, até ao espírito mais inferior: anjos, homens desencarnados ou demónios.

Todos estes seres espirituais têm atuado sobre, ao redor e através do homem desde a hora da sua criação.

A inclinação desesperada do homem para o mal, em todas as épocas, revela algo que vai muito além das suas paixões e interesses egoístas.

“O coração do homem é mais enganoso que todas as coisas, e desesperadamente perverso.”

A maldade, a malícia, o caráter demoníaco do ser humano — tal como registado na história universal — é algo aterrador de contemplar.

Se tivéssemos vindo de algum planeta puro, com plena consciência, e observássemos a Terra, julgaríamos certamente ter sido introduzidos no próprio inferno.

Nenhum inferno poderia produzir registos piores do que esta Terra: assassinatos, guerras, torturas, extermínios, heresias, perseguições, envenenamentos, mortes de familiares próximos, parricídios, fratricídios, matricídios, infanticídios, fraudes, egoísmo monstruoso, impiedade e ateísmo mortal.

Que esse estado de coisas tenha sido instigado e incendiado pelo inferno é uma das doutrinas mais constantes da história bíblica.
O próprio Salvador disse que “o diabo foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque nele não há verdade.”

Todas as religiões e mitologias — da Pérsia no Oriente à Escandinávia no Norte, dos índios americanos no Ocidente — concordam neste testemunho.

Em todos os cantos mais escuros da humanidade, em toda a sua experiência, reside enraizada essa terrível consciência de que o homem vive num conflito espiritual.

Ou ele sairá deste combate purificado, pela vitória conquistada com o poder e a graça de Deus e com o auxílio dos seus anjos;

Ou tombará em perversidade profunda e deformidade moral, pela ação triunfante do diabo e dos seus anjos.

A mais extraordinária manifestação do poder espiritual foi a primeira: a criação do mundo e do homem, seu habitante.

O chamamento do universo à existência — com os corpos celestes e a morada terrena, tal como o homem os veria do seu novo ponto de observação — sem o auxílio das longas e difíceis operações da ciência; as luzes no firmamento, a atmosfera respirável ao redor, as maravilhas e belezas da superfície terrestre, tudo isto, aos olhos e mente humanos, devia parecer um milagre tão grandioso que faria todos os outros parecerem insignificantes.

A aparição milagrosa das flores, com as suas inúmeras tonalidades e fragrâncias; as árvores altas e graciosamente folhadas; os frutos pendendo dos ramos ou repousando sobre o chão relvado do mundo; a vida animal a proliferar em infinita variedade — as feras majestosas, as aves aladas, os seres rastejantes e serpenteantes, com as suas cores, instintos, paixões, comportamentos e sons; as águas a fluir, cheias de habitantes que não poderiam viver fora delas, onde o homem pereceria — tudo isso, tão comum para nós hoje, seria para o primeiro homem um espetáculo incomparável de espanto.

A luz dos relâmpagos, o estrondo dos trovões, os princípios internos de crescimento e de forma simétrica, e aquela grande e maravilhosa lei que

determina o tamanho relativo de todas as coisas — que impede um gato de crescer até virar um tigre ou um escaravelho de se tornar do tamanho de um urso — tudo isso, hoje "normalizado" pela nossa perceção, deve ter parecido aos primeiros homens, criados com inteligência e espírito plenos, mais extraordinário do que a visão de um espírito ou a audição de uma voz sem falante visível.

A harmonia e a sublimidade colossais da nova criação deviam tocar profundamente a alma humana — muito mais do que qualquer desvio isolado da ordem aparente do cosmos. Depois de testemunhar o universo inteiro como milagre, o homem já não se surpreendia com maravilhas menores.

Assim, nada parece ter sido mais natural aos sentidos frescos do homem recém-criado do que as visitas de Deus e o contacto com os espíritos. Quando Deus chamou Adão no Jardim do Éden, ele ouviu a voz divina de forma natural — sem necessidade de visões, transe biológico ou condição extraordinária.

Deus falava com o homem como com um ser criado para ouvir a voz espiritual e ver a forma espiritual, e o homem respondia-lhe com a mesma naturalidade com que falaria a outro ser em carne.

Swedenborg escreve:

"O homem foi criado de modo a que, vivendo na Terra entre os homens, pudesse simultaneamente viver no Céu entre os anjos; e que, quando vivesse no Céu, pudesse ao mesmo tempo viver na Terra — de tal forma que Céu e Terra fossem um só, os homens conhecendo o que está no Céu, e os anjos o que está na Terra; e que, ao morrer, o homem passasse do Reino do Senhor na Terra para o Reino do Senhor nos Céus, não como se entrasse num novo mundo, mas num mesmo mundo no qual já estivera presente."

(*Arcana Cœlestia*, §1880)

No seu *Diário Espiritual*, Swedenborg acrescenta:

"Foi assim ordenado pelo Senhor desde toda a eternidade, que houvesse tal comunicação entre homens e anjos, e que o homem, ao atingir maturidade, não soubesse, ao viver tal comunhão, se ainda vivia no corpo, e assim, ao rejeitar o corpo, entrasse imediatamente no Céu." (§2541, 2542)

Toda a história inicial da humanidade confirma esta afirmação.
Deus falou diretamente com o primeiro casal humano — com advertências (Génesis 2:16) e com juízo (Génesis 3:9–22). Fez-lhes túnicas de peles e vestiu-os (v. 21). Revelou-lhes os querubins no momento de os expulsar do

Jardim (v. 24). Falou face a face com Caim, argumentou com ele (Génesis 4:6) e pôs-lhe um sinal (v. 15).

No capítulo 5 de Génesis, encontramos o mistério do desaparecimento de Enoque:

"Enoque andou com Deus, e já não foi encontrado, pois Deus o tomou para si." (v. 24)

Judeus, apóstolos e padres da Igreja geralmente interpretaram isto como uma assunção visível ao Céu, tal como a de Elias. São Paulo escreve:

"Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte." (Hebreus 11:5)

O próprio *Livro de Enoque* diz que Deus o retirou do conhecimento dos homens. Podemos supor que o seu corpo tenha sofrido uma transformação semelhante à de Cristo: embora Cristo tenha declarado que o seu corpo "não era espírito", mas tinha carne e ossos (Lucas 24:39), ele atravessava portas fechadas e tornava-se invisível.

(João 20:19, 26; Lucas 24:31)

Estas três traduções — Enoque, Elias e Cristo — são, talvez, os milagres mais incompreensíveis de toda a Bíblia.

À medida que a humanidade se tornou mais depravada e "terrena", Deus retirou-se — ou, mais propriamente, ficou obscurecido pela sua grosseria.

Contudo, mesmo no tempo de Noé — mais de 1600 anos após a criação — Deus ainda se revelava aos justos, falando com Noé diretamente, instruindo-o sobre o Dilúvio, como construir a arca, e encerrando-o dentro dela quando tudo estava pronto (Génesis 6–8).

Em seguida, continuou a falar com Noé de forma direta.
Depois, quando desceu em Babel para confundir as línguas, Deus continuou a comunicar com Abraão sem qualquer necessidade de sonhos ou visões (Génesis 12:1, 7; 13:14).

Só em Génesis 15 encontramos pela primeira vez Deus a falar com Abraão por meio de uma visão, mas esta é afirmada como uma comunicação tão real quanto qualquer outra — pois nela Deus promete-lhe um herdeiro milagroso e cumpre literalmente a promessa. Nesse mesmo capítulo, a visão inclui rituais sacrificiais e um fogo sobrenatural a passar entre os pedaços da oferta (v. 9–17).

A partir daí, as aparições divinas alternam: ora diretas, ora por sonhos e visões, ora por anjos em forma humana.

Swedenborg observa que as visões da Bíblia, no início, são notáveis pela sua simplicidade e clareza, mas tornam-se progressivamente mais simbólicas e complexas, até chegarem às visões de Ezequiel e de São João, que desafiam toda a crítica erudita.

Logo após as visões de Abraão, temos a primeira aparição de “um anjo do Senhor” — prenúncio de toda uma longa sucessão de mensageiros celestiais.

O anjo do Senhor apareceu a Agar no deserto (Génesis 16:7), prometendo-lhe que seria mãe de uma grande multidão. Depois, em momento de desespero, outro anjo apareceu-lhe novamente (Génesis 21:17), prometendo que o seu filho se tornaria uma grande nação.

No capítulo 17, Deus volta a falar diretamente com Abraão. Ouve os seus pedidos, e, terminado o diálogo, “Deus se retirou de Abraão” (v. 22).

E no capítulo seguinte (Génesis 18) encontramos uma das mais misteriosas passagens do espiritualismo bíblico:

Abraão está sentado à entrada da tenda, ao calor do dia, e é dito que “o Senhor lhe apareceu”. E, levantando os olhos, vê três homens de pé junto a si.

Dirige-se a eles no singular: *“Meu Senhor”*, suplica que fiquem e tomem alimento, prepara um vitelo para eles e serve-os, depois de se prostrar por terra.

Eles falam com ele — mas dizem: *“Eu farei tal coisa...”*

Durante essa conversa, Deus promete a Abraão um filho e revela-lhe a destruição iminente de Sodoma e Gomorra.

Os homens levantam-se e vão para Sodoma — mas Abraão permanece ainda diante do Senhor.

Segue-se então o famoso diálogo em que Abraão intercede por Sodoma e Gomorra.
Quando os anjos chegam a Sodoma ao entardecer, são apenas dois — um dos três desapareceu.

Pareceria que o terceiro anjo representava mais especialmente o Senhor, e que ficara com Abraão; e é-nos dito que «o Senhor seguiu o seu caminho assim que terminou a sua comunhão com Abraão, e Abraão regressou à sua tenda». Nesta narrativa extraordinária, embora o Senhor tenha aparecido ao patriarca, e embora este reconhecesse que se tratava de uma aparição do Senhor, essa aparição deu-se sob a forma de um homem. Tal episódio tem desafiado os intelectos dos homens ao longo de todas as eras,

dando origem a milhares de conjeturas, explicações e teorias. A mais simples de todas parece ser esta: que Deus apareceu por meio do seu anjo, fazendo sentir sensivelmente a sua presença nesse anjo.

Assim, ainda que nos seja dito que o Senhor apareceu a Moisés numa sarça ardente, é-nos primeiramente dito que era o anjo do Senhor (Êxodo 3:2), e depois que era o Senhor (v. 4), e que «Deus o chamou do meio da sarça» e ordenou-lhe que tirasse os sapatos, pois o solo era sagrado devido à presença de Deus. Mais explicitamente ainda, é-nos dito que Deus desceu sobre o Monte Sinai e deu a Lei a Moisés, escrevendo-a com o seu próprio dedo nas tábuas de pedra.

É-nos dito que Moisés, Aarão, Nadabe, Abiú e setenta anciãos de Israel subiram ao monte, e «viram o Deus de Israel, e debaixo dos seus pés havia como que uma pavimentação de safira, clara como o próprio céu» (Êxodo 24:9-10), e também: «viram a Deus, e comeram e beberam» (v. 11). E no entanto, quando Moisés (Êxodo 33:18) pede ao Senhor que lhe mostre a Sua glória, Ele responde: «Não poderás ver a minha face, pois homem nenhum pode ver-me e viver» (v. 20).

Portanto, em todos estes lugares onde nos é dito que o Senhor apareceu e que certos servos favorecidos «O viram», e que «Moisés conversou com Ele face a face, como um amigo», nenhum desses homens santos viu a Divindade pura e desnuda, mas sim a presença de Deus velada sob a forma de algum poder angélico. A carne e o sangue não poderiam suportar a chama viva do grande Espírito incriado de toda a vida, Aquele cujas mãos manejam o relâmpago e cuja ponta do dedo acende sóis para arderem por eternidades.

Esta grande verdade é plenamente confirmada por Estêvão, no momento da sua visão extática antes da morte, quando, embora o Antigo Testamento diga que Deus entregou a Lei a Moisés no Monte Sinai, ele afirma que os seus pais «receberam a Lei por disposição de anjos» (Atos 7:53). Em todos esses casos, pois, em que se diz que Deus apareceu sob forma visível, podemos ter a certeza de que foi por mediação angélica. Contudo, nos múltiplos modos de comunicação com os judeus, Deus parece falar-lhes frequentemente por uma voz direta, exterior ou interior, bem como por visões, sonhos, sinais miraculosos, ou por meio do Urim e Tumim.

No meio das revelações mais condescendentes de Deus a Abraão, nomeadamente aquela em que promete a ele e a Sara um filho, vemos uma prova de como a natureza física começava já a dominar o espírito humano. Quando Sara, recém-renomeada de Sarai para Sara (isto é, Princesa), foi prometida um filho na sua velhice, ela riu-se; e até o próprio Abraão — o

homem que, mais do que qualquer outro, acreditou em Deus e foi por isso considerado justo — risse perante essa promessa sobrenatural.

«Então Abraão caiu com o rosto em terra e riu-se, dizendo consigo: “A um homem de cem anos nascerá um filho? E Sara, com noventa anos, dará à luz?”» (Génesis 17:17)

Assim, logo numa fase muito precoce do mundo, e no meio da quase diária realização de milagres, o pai e a mãe dos fiéis, Abraão e Sara, já tinham interiorizado tanto da “filosofia” dos Baden Powell e seus confrades racionalistas, que não conseguiam conceber que as leis da natureza pudessem ser quebradas ou suspensas pelo próprio Criador. Esqueceram-se, com este novo “conhecimento físico”, de que Deus passara a vida inteira deles a perturbar essas leis, ou a introduzir novas leis sem interferir com as antigas.

Este é um episódio curioso e deveria remover de nós qualquer surpresa perante a paralisia filosófica desta era materialista moderna. Aquilo que agora é um estado mental permanente, foi para Abraão apenas um momento passageiro. Logo de seguida, vemo-lo preparar-se para imolar esse mesmo filho milagrosamente concedido, obedecendo à ordem divina.

Poderíamos prosseguir por toda a Bíblia: cada passo, cada capítulo, é uma manifestação de espiritualismo da mais elevada ordem. Entre os exemplos mais marcantes da aparição do Senhor de forma geral está Génesis 26, onde Deus ordena a Isaque que não desça ao Egito, e lhe declara: «Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra» — uma profecia que se verifica de forma notável hoje, mais de 3600 anos depois, com a expansão do Cristianismo.

A partir desta altura, já raramente encontramos o simples anúncio de que «o Senhor apareceu» — antes nos é dito que apareceu por meio de um anjo, ou em sonhos e visões. Já os tempos de simplicidade patriarcal de coração e de vida estavam a desaparecer, tempos esses em que Deus podia falar diretamente com o homem. Os homens multiplicavam-se rapidamente, e com eles a corrupção e a mundanidade, e assim Deus afastava-Se pessoalmente, por assim dizer, da humanidade.

Entre as aparições de Deus por meio de anjos, destacam-se estas:

Quando Jacob regressava de Padã-Aram, após a sua longa e lucrativa servidão junto de Labão, «os anjos de Deus encontraram-se com ele; e ao vê-los, Jacob disse: “Este é o exército de Deus”, e chamou àquele lugar Maanaim, isto é, “dois acampamentos” (Génesis 32:1).

Logo depois, em Peniel, dá-se um dos episódios mais estranhos da vida de Jacob. Quando fica sozinho à noite, «um homem lutou com ele até ao amanhecer». Este homem realiza um milagre ao tocar na articulação da coxa de Jacob e deslocá-la, encolhendo o nervo, de modo que Jacob coxeou para sempre dessa perna. Foi ali que lhe foi dado o nome Israel — Príncipe de Deus.

O homem recusou dizer o seu nome, mas pelas suas palavras — *«como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste»* — entendemos que era Deus no seu anjo quem lutara com ele (Génesis 32:24-32).

O Senhor apareceu a Moisés no Monte Horeb quando se preparava para enviá-lo ao Egito a fim de libertar Israel — mas somente através de um anjo:

«O anjo do Senhor apareceu-lhe numa chama de fogo do meio de uma sarça»; mas logo a seguir se lê que «Deus chamou-o do meio da sarça», e indicou a sua presença ordenando-lhe que tirasse os sapatos porque o solo era sagrado.

Deus dirigiu-se diretamente a Moisés através do anjo:

«Eu sou o Deus de teu pai», etc.

A partir deste ponto, Deus falou continuamente com Moisés, mas se o fez por voz audível ou interior, quase nunca é especificado.

A verdade parece ser que Moisés estava espiritualmente aberto à vida espiritual, ou, para usar uma linguagem moderna, era um médium plenamente desenvolvido. A voz espiritual de Deus era-lhe tão audível como qualquer voz humana, ou até mais.

Em todas as obras poderosas que realizou dali em diante, já não é dito que “o Senhor lhe apareceu”, mas que lhe falava continuamente, como se de uma presença permanente se tratasse.

Mesmo na ocasião solene da entrega da Lei no Sinai, lê-se apenas: «Deus chamou-o do monte, dizendo…» (Êxodo 19:3).

Deus apareceu por meio do Seu anjo a Balaão (Números 22:23).

Segue-se uma sequência contínua deste tipo de comunicações divinas com o homem, demonstrando que a Bíblia, de ponta a ponta, está intrinsecamente tecida de espiritualidade e da presença do sobrenatural.

No versículo 9 lê-se: «Deus veio a Balaão», mas parece que foi de noite, e em sonho. No dia seguinte, apareceu-lhe um anjo, e, de forma curiosa, a jumenta do profeta viu o anjo antes do próprio profeta o conseguir ver, o que

mostra que existe uma perceção espiritual nos animais — como frequentemente se observa em cães e cavalos — e, por consequência, que as criaturas inferiores também possuem espírito. No versículo 4 do capítulo seguinte diz-se que «Deus encontrou Balaão», mas o modo como o encontrou é depois explicado: foi por visão espiritual, pois o próprio Balaão declara que «viu a visão do Todo-Poderoso, caindo em êxtase, mas com os olhos abertos» (Números 24:4).

Um anjo apareceu a Gideão, ordenando-lhe que assumisse o comando de Israel. O anjo é representado de forma pitoresca como estando sentado sob um carvalho em Ofra (Juízes 6:11). Outro anjo apareceu à mulher de Manoá, e depois ao próprio Manoá (Juízes 13), anunciando o nascimento de Sansão. Nessa ocasião, o anjo recusou revelar o seu nome, e quando Manoá apresentou uma oferta, ordenou-lhe que a oferecesse não a ele, mas ao Senhor (v. 16); e, tendo-lhe ordenado que colocasse a oferta sobre uma rocha, tocou-a com a sua vara, e esta ardeu em chamas — o anjo subiu na chama da oferta queimada e desapareceu.

O Senhor enviou um anjo de peste para castigar David por ter contado o povo por orgulho, e é-nos dito que David viu este anjo (2 Samuel 24:16-17). Esta aparição é relatada com mais detalhe em 1 Crónicas 21. Um anjo apareceu a Elias no deserto, quando este fugia da ira de Jezabel; acordou-o tocando-lhe e mostrou-lhe alimento (1 Reis 19:5). Um anjo voltou a aparecer-lhe (2 Reis 1:3). Um anjo do Senhor saiu e feriu o exército dos assírios (2 Reis 19:35). Um anjo apareceu para resgatar os três homens — Sadraque, Mesaque e Abed-Nego — da fornalha ardente (Daniel 3:24); e penso que a última aparição de um anjo no Antigo Testamento foi a Daniel, quando este disse ao rei Dario: «O meu Deus enviou o seu anjo e fechou a boca dos leões» (Daniel 6:22).

Desta análise, parece claro que a dispensação dos anjos cessou, em grande medida, após o tempo dos Juízes. Durante o período dos reis, os profetas tomaram o seu lugar como arautos de Deus, e podem ser divididos em duas classes: profetas mensageiros e profetas escritores. Os da primeira classe eram enviados aos reis com anúncios diretos de ordens ou juízos; os da segunda escreveram, ou ditaram a outros, profecias relativas não só aos hebreus, mas também a todas as nações vizinhas. Voltarei a estes mais adiante.

Passemos agora à dispensação por sonhos e visões. Esta estendeu-se por toda a história judaica, desde os tempos mais antigos até aos mais recentes — cerca de 400 anos antes de Cristo — ou, segundo Josefo, que reivindica revelações mais tardias deste tipo, por meio do Urim, até cerca de 200 anos antes de Cristo.

Há uma diferença entre sonhos e visões. Os sonhos eram comunicados durante o sono; as visões eram apresentadas aos olhos espirituais — não necessariamente durante o sono, mas também em estado de vigília. Contudo, por vezes a linha divisória entre ambos não é claramente traçada, e a visão assemelha-se muito ao sonho, e o sonho à visão. Os sonhos, por sua vez, dividem-se entre sonhos comuns e sonhos inspirados. Só os inspirados são proféticos, e tais sonhos têm sido dados não só hoje, mas em todas as eras e nações, sendo reconhecidos como tais e confirmados pelo seu fiel cumprimento.

Naquela belíssima passagem de Jó 4:13-16, onde a perceção da presença espiritual é mais visivelmente descrita do que em qualquer outro lugar da literatura mundial, isto é declarado de forma explícita:

«Nos pensamentos surgidos das visões da noite, quando um sono profundo cai sobre os homens, o medo sobreveio a mim, e o tremor, que fez tremer todos os meus ossos. Então um espírito passou diante do meu rosto; os cabelos da minha carne se eriçaram. Parou, mas eu não conseguia discernir a sua forma; uma imagem estava diante dos meus olhos, houve silêncio, e ouvi uma voz que dizia…»

O primeiro sonho notável foi dado a Abraão, quando Deus lançou sobre ele um profundo terror e lhe mostrou uma visão de um forno fumegante e uma lâmpada ardente passando entre as porções da sua oferta, e lhe anunciou o cativeiro dos seus descendentes no Egito e, posteriormente, a dádiva da terra desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates.

A grande visão noturna seguinte foi a de Jacob, em Betel, da escada de anjos que subia da terra ao céu, ocasião em que Deus renovou a promessa feita a Isaac de que, na sua descendência, todas as famílias da terra seriam abençoadas — promessa esta que, apesar de dada em sonho, como tantas outras grandes promessas, foi maravilhosamente cumprida, demonstrando o valor real e substancial da mediação onírica (Génesis 28:12).

Seguiram-se os sonhos de José, que tanto ofenderam o pai e os irmãos (Génesis 37:5, 9, 10), mas que se cumpriram integralmente no Egito. Depois vêm os sonhos, no Egito, do chefe dos copeiros e do chefe dos padeiros do faraó, e os próprios sonhos do faraó, que José interpretou, influenciando a preservação de todo o povo daquele país (Génesis 40 e 41).

No capítulo 13 de Deuteronómio, a realidade dos sonhos inspirados é reconhecida, e os «sonhadores de sonhos» que conduzem o povo para longe do verdadeiro Deus devem ser punidos com a morte. Gideão, no capítulo 7 de Juízes, ouve um homem no acampamento dos midianitas contar um sonho a outro soldado, o qual ele imediatamente reconhece

como sendo verdadeiro. Deus deixou de responder a Saul por sonhos (1 Samuel 28:6). Já vimos que Deus comunicou com Salomão num sonho (2 Crónicas 1:7).

As visões dos profetas aparecem por toda a parte nos seus escritos, e contêm representações extraordinárias de coisas e pessoas. Jeremias foi mostrado uma vara de amendoeira e um caldeirão a ferver como sinais (Jeremias 1:11, 13); cestos de figos (cap. 24). Veja-se as criaturas e rodas maravilhosas descritas em Ezequiel 1; no capítulo 8, os setenta anciãos cometendo idolatria; no capítulo 9, uma visão de homens com espadas desembainhadas e um escriba com tinteiro para registar os que deviam ser mortos; no capítulo 11, uma visão de vinte e cinco homens a tramar o mal; no capítulo 37, a célebre visão do vale de ossos secos que voltam à vida.

As visões de Daniel foram igualmente maravilhosas e importantes. A da estátua de ouro, prata e bronze, com pernas de ferro e pés de barro, que foi despedaçada por uma pedra cortada da montanha sem intervenção de mãos humanas, e que cresceu até encher toda a terra, é a visão não só da ascensão e queda sucessiva de impérios, mas do reino eterno e crescente de Cristo.

A maneira como Daniel recebeu essas visões é descrita no capítulo 10. Após três semanas de penitência e jejum, estando junto ao rio Hidéquel, levantou os olhos e viu um homem de aparência deslumbrante; mas os seus acompanhantes, por não estarem purificados nem com os sentidos espirituais aguçados, não viram nada — mas um grande tremor caiu sobre eles, e fugiram. Então Daniel ouviu-o falar, mas ao ouvir a sua voz, caiu em sono profundo com o rosto em terra. O anjo da visão ergueu-o e pô-lo de joelhos e mãos; depois de mais algumas palavras, Daniel pôs-se de pé, mas tremia. O anjo mostrou-lhe então os acontecimentos sucessivos das dinastias persa, grega e romana, e como estas afectariam Israel, até à vinda de Cristo.

Para a explicação completa destas profecias, o leitor pode consultar Newton e Faber, os ‘Select Discourses’ de Smith, Sherlock sobre o propósito das profecias, entre outros.

Além desta referência geral, cito apenas os seguintes exemplos da *Penny Cyclopædia* — fonte geralmente bastante cética: «Algumas destas profecias registadas na Bíblia estavam presentes em livros escritos muito antes dos acontecimentos a que se referem; como as profecias sobre a descendência de Abraão, e o seu crescimento extraordinário, os seus sofrimentos no Egito durante 400 anos, a sua peregrinação no deserto e, finalmente, a conquista da terra de Canaã. A profecia relativa a Josias (1 Reis 13:2), cujo nome é mencionado expressamente 361 anos antes dos eventos em que foi o

agente principal (2 Reis 23:15-16). A profecia sobre Ciro, igualmente nomeado (Isaías 44–45), 176 anos antes do seu nascimento e da sua ascensão ao trono; as suas conquistas, a libertação dos judeus do exílio, e a reconstrução de Jerusalém. A profecia de Jeremias sobre o cativeiro e a sua duração de setenta anos.»

A profecia de Daniel (capítulo viii) sobre a profanação do Templo por Antíoco Epifânio, com uma descrição do carácter, fisionomia, etc., deste homem, foi feita 408 anos antes da concretização do evento. Estas profecias dizem respeito ao povo judeu em particular; mas há outras relativas a Tiro, ao Egipto, a Nínive e à Babilónia, que, de forma não menos impressionante, apresentam, em todas as suas circunstâncias de enunciação e cumprimento, um contraste perfeito com as supostas previsões dos antigos pagãos.

As inúmeras profecias do Antigo Testamento relativas ao Messias, com o seu cumprimento registado no Novo Testamento, bem como as profecias de Jesus e dos Seus Apóstolos, são tão familiares para todos que nem carecem de ser enumeradas. As profecias do Antigo e do Novo Testamento, há muito cumpridas, constituem, no seu conjunto, uma quantidade de evidência que, se realmente compreendida, parece impossível de ser rejeitada como prova de que a Bíblia é uma revelação de Deus.

A notável precisão das profecias contidas nestas visões tem atraído contra o livro de Daniel a força concentrada dos céticos, e os nossos clérigos ingleses ousaram agora lançar dúvidas sobre a sua autenticidade, o que equivale a tornar Cristo um impostor, e autentificador de um embuste — pois Cristo disse aos seus discípulos que, quando “virem a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, estabelecida no lugar santo, saberão que chegou o fim de Jerusalém” (Mateus 24:15; Marcos 13:14).

Lançam a mesma acusação de falsidade contra Ezequiel, que faz Deus pronunciar duas vezes a veracidade de Daniel e colocá-lo na mesma categoria de profetas com Noé e Job: “Ainda que estivessem nela estes três homens, Noé, Daniel e Job, eles livrariam apenas a sua própria alma” (Ez. 14:14). “Ainda que Noé, Daniel e Job estivessem nela, vivo eu, diz o Senhor...” (v. 20).

Devo deixar à consideração dos escritores já mencionados, e de outros que, com trabalhos cuidadosos, demonstraram como foram literalmente cumpridas, todas as profecias maravilhosas que percorrem o Antigo Testamento — em todas as nações nelas referidas, e ainda mais nas que dizem respeito a Cristo. A destruição da Assíria, cujos restos de palácios e templos vimos desenterrar nos nossos dias, mais de dois mil anos após a sua queda; a destruição da Babilónia, do Egipto, de Tiro e de Sídon, etc.

Mas há uma profecia tão notável que merece ser especialmente destacada. Quando Moisés conduziu os filhos de Israel até às fronteiras da Terra Prometida, na qual ele próprio não teve permissão de entrar, nos solenes e impressionantes capítulos do Deuteronómio, especialmente o vigésimo oitavo, em que recapitula os feitos de Deus em favor de Israel e profetiza os seus futuros infortúnios, Moisés, antes mesmo de serem uma nação propriamente dita — pois ainda não tinham uma sede legítima — revelou-lhes toda a sua história até ao seu último ato: a destruição da sua capital e a sua dispersão entre os povos da Terra. Detalhou as calamidades resultantes da desobediência ao grande Poder que os tinha conduzido até ali com tantos sinais e maravilhas.

Mas o resultado, na sua mente, não era condicional; pois o Senhor declarou por seu intermédio que o povo desobedeceria e incorreria nessa ruína. “E o Senhor disse a Moisés: Eis que tu vais descansar com os teus pais; e este povo se levantará, e se prostituirá com os deuses estranhos da terra para onde vai, e me deixará, e quebrará a aliança que fiz com ele. E nesse dia esconderei totalmente o meu rosto por causa de todo o mal que fizeram. E, quando sobrevierem muitos males e angústias, então este cântico responderá diante dele como testemunha, pois não será esquecido da boca da sua descendência; porque conheço a sua imaginação, que forma já hoje, antes que os tenha introduzido na terra que jurei” (Deut. 31:16-21).

Prevendo claramente tal conduta por parte dos judeus, Moisés descreveu-lhes com igual clareza os horrores que marcariam o desfecho da sua história na Terra Prometida. Mil quatrocentos e cinquenta anos antes de ocorrerem, ele descreveu todos os terríveis eventos que o seu último historiador, Josefo, relataria com igual detalhe aquando da destruição de Jerusalém por Tito. Seriam assolados por gafanhotos, fome, nudez, carência de tudo. O estrangeiro que habitasse entre eles elevar-se-ia muito acima, enquanto eles seriam humilhados (Deut. 28:43). Teriam um jugo de ferro sobre o pescoço até serem destruídos. Deus disse que traria contra eles uma nação feroz de longe para os destruir, e aos seus cereais, vinhos, azeite e gado, e cercá-los dentro das suas muralhas; e então viriam aqueles horrores que todos os que conhecem a terrível história da destruição de Jerusalém pelos Romanos conhecem bem.

“E comerás o fruto do teu ventre, a carne dos teus filhos e das tuas filhas, que o Senhor teu Deus te deu, no cerco e na angústia com que os teus inimigos te apertarão. O homem mais terno entre vós, e o mais delicado, será cruel para com seu irmão, para com a mulher do seu seio, e para com o restante dos seus filhos que ainda lhe restarem. De modo que não lhes dará da carne dos seus filhos, que ele comerá, por não lhe restar nada no cerco e na angústia com que os teus inimigos te apertarão em todas as tuas

cidades. E a mulher mais terna e delicada entre vós, que nem sequer ousaria pôr o pé no chão, por delicadeza e ternura, será cruel para com o marido do seu seio, e para com o seu filho, e para com a sua filha, e para com o seu recém-nascido saído de entre os seus pés, e para com os seus filhos que tiver, pois os comerá às escondidas, por falta de tudo, durante o cerco e a angústia com que os teus inimigos te apertarão em todas as tuas cidades" (Deut. 28:53-57). "E será que, assim como o Senhor se deleitou em vos fazer bem e em vos multiplicar, assim o Senhor se deleitará em vos destruir e em vos arruinar; e sereis arrancados da terra para onde ides a possuí-la. E o Senhor vos espalhará entre todos os povos, de uma extremidade da Terra à outra" (v. 63, 64).

Cada pormenor destas profecias concretizou-se. Moisés disse-lhes (Deut. 28:68) "que seriam vendidos aos seus inimigos como escravos e escravas, mas que não haveria quem os comprasse." Esta aparente contradição cumpriu-se de forma tão literal que Josefo nos conta (Livro VI, cap. VIII de *A Guerra dos Judeus*) que os soldados de Tito, cansados de matar judeus — tendo já destruído um milhão e cem mil e levado noventa mil cativos — começaram a vendê-los como escravos, com as suas mulheres e filhos, até encherem completamente o mercado, sem conseguirem compradores.

Todos estes factos são relatados por Josefo sem sequer referir as profecias de Moisés, como se não lhe ocorressem. Reland, em *De Spoliis Templi*, também assegura que Terêncio Rufo cumpriu a profecia de Miqueias (3:12), feita muito antes, ao passar "um arado sobre Sião como um campo, tornando Jerusalém em montes de ruínas, e o monte do templo em lugares altos de um bosque."

Imaginemos agora os nossos estudiosos clássicos encontrarem em Heródoto, ou na declaração de um antigo oráculo, uma profecia com igual nitidez sobre a subjugação da Grécia e a destruição de Atenas ou de Esparta, prometida mil quatrocentos e cinquenta anos antes do acontecimento e que coincida ao mais ínfimo pormenor com os relatos históricos, sendo o estado dos Gregos dispersos hoje tal como o profeta o previu, mesmo passados mil oitocentos e cinquenta e nove anos — ou três mil e trezentos no total — qual seria o seu entusiasmo perante tão maravilhosa demonstração do poder profético dos seus admirados pagãos!

Mas, quando tal se verifica na história hebraica, à letra, e os Hebreus continuam diante dos nossos olhos como testemunhos vivos dessa presciência sem igual, não só não se comovem, como muitos deles — até clérigos — trabalham afincadamente para representar estas verdades magníficas, que se erguem imponentes sobre o texto da própria História,

como meros mitos e fábulas. Tal é a perversidade da razão humana e da filosofia, falsamente assim chamada!

A quantidade de milagres apresentada em toda a história hebraica é tão vasta que não tentarei abordá-la em detalhe. Toda a narrativa, como já disse, é um composto deles. Há, contudo, alguns pontos que merecem, por parte de um espiritualista, breve menção. Os milagres realizados por Moisés no Egipto têm uma relevância especial para o Espiritualismo moderno. Diz-se que os feitos dos magos não foram milagres, mas apenas ilusões engenhosas. Esta é a doutrina de Bispo Middleton na sua *Livre Investigação*, e de Farmer. Ambos defendem que só Deus pode realizar milagres e que é impensável que Ele permita ao diabo fazê-los, pois os milagres são o único fundamento sobre o qual se pode estabelecer uma religião — e, assim, o diabo poderia a qualquer momento colocar uma falsa religião ao mesmo nível da verdadeira, quanto ao testemunho milagroso. Contudo, tem sido demonstrado, por muitos e convincentes argumentos, que isto é totalmente infundado. O próprio facto de Moisés realizar milagres prova que Deus, pelo menos, delega esse poder; e quão longe Ele pode ter dotado os espíritos com essa capacidade como parte da sua natureza — sejam bons ou maus — não temos forma de saber.

Não há, em toda a revelação, qualquer negação desse poder, mas, pelo contrário, muitos exemplos do seu exercício por poderes malignos. O simples facto de o diabo ter levado Cristo ao pináculo do Templo já é prova suficiente, e a afirmação de Cristo de que viriam falsos profetas armados de sinais e prodígios enganadores — capazes, não fosse a intervenção de Deus, de enganar até os eleitos — é ainda mais clara. A liberdade que Deus concedeu ao diabo, ao longo de toda a história, é um dos maiores enigmas da criação.

No relato dos milagres no Egipto, não há uma única sílaba que permita supor que as ações dos magos foram meras ilusões. Pelo contrário, é claramente declarado que, quando Moisés realizou os seus milagres, “os magos fizeram também o mesmo com os seus encantamentos; lançaram cada um a sua vara, e estas tornaram-se serpentes”, não meras aparências de serpentes (Êxodo 7:11-12). Fizeram-no ao criar serpentes, ao transformar a água em sangue e ao produzir rãs. Mas Deus apenas lhes permitiu exercer este poder através do diabo, para os confundir e envergonhar. Impôs-lhes um limite, e derrotou-os quando tentaram produzir as criaturas mais insignificantes de todas — piolhos! Justamente essas coisas, insignificantes e repugnantes, em que se poderia esperar que o diabo tivesse êxito, falhou, foi envergonhado, e os magos exclamaram: “Isto é o dedo de Deus.”

Reconheceram, com essas poucas palavras, que o poder com que haviam atuado não era o de Deus; que o Seu poder estava muito acima do do seu mestre, e desistiram da disputa. Nada mais se ouve deles. Moisés e Aarão prosseguiram com a realização de milagres ainda maiores e mais terríveis — enxames de moscas, destruição das colheitas, dos frutos e do gado por saraiva misturada com fogo, por peste; trouxeram gafanhotos, trevas, e chagas sobre homens e animais, e mataram todos os primogénitos de homens e animais, dando sempre luz e segurança aos israelitas em Gósen.

Mas Deus já havia limitado o poder infernal antes mesmo dos piolhos. Os magos conseguiram produzir serpentes, mas não as puderam fazer desaparecer; puderam converter água em sangue, mas não reconvertê-la em água, ou os egípcios não teriam sido obrigados a cavar para encontrá-la. Não conseguiam livrar o faraó destas pragas, nem das rãs que invadiram o seu palácio e até as amassadeiras. Assim, Deus permitiu ao diabo atuar até certo ponto, para que a Sua fama e glória se tornassem mais evidentes.

O milagre da divisão do Mar Vermelho por Deus diante do seu povo tem sido um grande incómodo para os céticos, que tentam desesperadamente livrar-se dele. Diz-se que, depois de Moisés, por ordem de Deus, ter estendido o seu bordão sobre o mar, “um forte vento oriental soprou toda a noite, tornando o mar em terra seca, e as águas se dividiram.” Estes incrédulos agarraram-se com ansiedade a esse vento oriental. Nunca ninguém amou tanto um vento de leste — um vento que nem homem nem animal jamais amou. Dizem: “Ah! foi o vento de leste que dividiu a água — uma causa perfeitamente natural.” Estão prontos a aceitar o vento como causa, mas não Deus, a causa de todas as causas.

Da forma como relatam, dir-se-ia que nada é tão comum como um vento de leste a dividir mares ao meio, e ainda mais espantosamente, a empilhá-los como “um muro à direita e outro à esquerda” de quem, como os israelitas, por acaso chega no momento certo. Quão dispostos estão os homens a acreditar em qualquer coisa, por mais contrária à natureza que seja, quando lhes convém; e quão obstinadamente recusam a Deus a soberania sobre o seu próprio reino, quando não lhes convém.

Aposto que esses críticos não teriam metade das dificuldades em acreditar no relato de Josefo, Calístenes, Estrabão, Ariano e Apiano, que todos afirmam — com Calístenes presente — que o Mar Pamfílio se dividiu diante do exército de Alexandre, o Grande, quando Deus decidiu destruir o império persa por meio dele (Josefo, *Antiguidades*, Livro II, cap. 16; Ariano, Livro I, p. 72; Estrabão, *Geografia*, Livro XIV; Apiano, *Guerras Civis*, Livro II).

Mas e quanto à travessia do Jordão? Quarenta anos depois, após centenas de milhares de israelitas terem sido alimentados sobrenaturalmente num

deserto árido, onde as suas roupas e calçado nunca se desgastaram, e onde a rocha ferida por Moisés jorrou torrentes de água, chegaram ao Jordão. E não havia vento de leste para os ajudar; estava calor e serenidade de verão, e o rio transbordava de margens. Mas a ordem de Josué fendeu novamente as águas, que se ergueram à direita e à esquerda, permanecendo assim não apenas até todo o povo ter atravessado, mas até ser erguido um monumento de pedras no leito do rio.

Entre os fenómenos mais espantosos relatados nesta história, estão as descidas de fogo do céu para destruir os rebeldes — como no caso de Nadabe e Abiú, que ofereceram fogo estranho no altar, e no caso de Corá e seus cúmplices, onde a terra também se abriu e os engoliu, e uma praga terrível matou catorze mil e setecentos deles; como apareceu na glória do Senhor no Monte Sinai, “como fogo consumidor no cimo do monte”; quando serpentes abrasadoras invadiram o acampamento e mataram muitos; quando o fogo desceu e consumiu os sacrifícios de Salomão na dedicação do Templo; e de Elias, no seu grande confronto com os sacerdotes de Baal, na destruição dos capitães e companhias enviados a Elias por Azarias (2 Reis 1); e em muitos outros episódios semelhantes.

Há muitos milagres terapêuticos no Antigo Testamento que se tornam perfeitamente credíveis por fenómenos semelhantes nos tempos modernos. Nas leis de Moisés há normas específicas para a cura milagrosa da lepra (Levítico 14) e de outras doenças (Levítico 15). A instituição muito singular chamada “prova do ciúme”, para detetar a infidelidade da esposa, que, caso fosse culpada, faria com que a maldição penetrasse nela, se tornasse amarga, fizesse inchar o ventre e apodrecer a coxa, tornando a mulher uma maldição entre o seu povo (Números 5). Ora, uma lei assim, instituída permanentemente para uma nação inteira, teria de ser uma prova constante a favor ou contra a veracidade da sua história.

Se nenhum poder milagroso acompanhasse o rito, o resultado seria o descrédito total da lei. Mas, longe disso, nenhum povo é ou continua a ser mais apegado à lei mosaica. Muitos dos casos de cura miraculosa no Antigo Testamento são de natureza semelhante aos do Novo. Os profetas anteciparam o Salvador em algumas das suas manifestações mais poderosas e benéficas. A paralisia e posterior cura da mão do rei Jeroboão por um profeta (1 Reis 13). A multiplicação milagrosa do azeite e da farinha da viúva por Elias (1 Reis 17), e por Eliseu (2 Reis 4). A alimentação milagrosa de cem homens por Eliseu (2 Reis 4:43). A ressurreição do filho da viúva em ambos os casos. A divisão do Jordão por Elias e Eliseu repete os milagres de Moisés e Josué.

A neutralização do veneno no guisado por Eliseu, simplesmente ao lançar farinha, e a cura das águas más em Jericó (2 Reis 2, 4), como a cura da água amarga por Moisés ao lançar um ramo na fonte — exemplo de meios naturalmente insuficientes para o efeito produzido. A cura de Naamã, o capitão sírio, por Eliseu, apenas com a ordem de se lavar no Jordão, é do mesmo género de alguns milagres de Cristo. A ressurreição de um homem que, lançado apressadamente no túmulo de Eliseu, tocou nos seus ossos e reviveu, é um milagre extraordinário, equivalente a muitos do Novo Testamento. Por outro lado, a destruição de todo um exército de assírios, cento e oitenta e quatro mil, por um anjo vingador, como prometido por Isaías ao rei Ezequias (2 Reis 19), e executado numa única noite, é um facto tão assombroso na sua magnitude que marcaria como infame qualquer história que o registasse sem fundamento.

Quanto aos dois milagres mais desconcertantes — a ordem de Josué para o sol e a lua pararem (Josué 10:12), o que se diz ter durado cerca de um dia inteiro; e o retrocesso da sombra no relógio de sol de Acaz (2 Reis 20:10-11) — dizem-nos os filósofos naturais que, se verdadeiros, teriam causado, pelo súbito travão da Terra no seu movimento (e no caso de Ezequias, até o seu retrocesso), a destruição de tudo sobre ela e a desordem de todo o sistema planetário. Muitos comentadores crentes têm feito engenhosas tentativas para contornar essas dificuldades. Mas ainda temos de aprender se, em qualquer desses casos, a Terra parou literalmente. Essa ideia assume que Deus, o Criador e Ordenador de toda a natureza, não teria outro meio de produzir tais efeitos. No caso do relógio de sol de Acaz, o fenómeno parece ter-se limitado àquele relógio, podendo ter sido causado por um simples ato local de refração ou desvio da luz — algo infinitamente menos extraordinário que a divisão de um oceano.

Quanto ao maior de todos esses fenómenos, a alegada paragem do sol e da lua por quase um dia inteiro, os meios usados para que parecessem permanecer imóveis podem não ser fáceis de explicar, mas podem ter sido perfeitamente acessíveis ao poder divino. E, após o comprovado cumprimento do restante desta grandiosa história de milagres, podemos aceitá-lo com segurança, por mais inexplicável que seja. Só temos de assumir a omnipotência de Deus para nos convencermos de que Ele podia, no tempo de Josué — e pode ainda hoje, se quiser — fazer o sol e a lua parecerem permanecer nos seus lugares durante um dia inteiro, sem perturbar minimamente o sistema planetário.

A taça adivinhatória de José (Génesis 44:15) — “Porventura não é esta em que bebe o meu senhor, e na qual costuma adivinhar?” — parece mostrar que José e os egípcios daquela época olhavam para o líquido da taça, como ainda se faz no Oriente, e como foi feito por muitos praticantes de

magia na Europa, para revelações através do aparecimento de figuras e símbolos espirituais. As declarações oraculares pelo Urim e Tumim, embora sejam um ato direto da Divindade e, portanto, da mais elevada e sagrada espécie, parecem ter uma analogia com a cristalomancia, tal como a taça com a hidromancia.

Há muitos casos de abertura dos sentidos interiores através dos sentidos exteriores, de modo que os afetados podiam ver objetos espirituais e ouvir sons espirituais. Moisés estava normalmente nesse estado. Num caso, foi-lhe dirigida uma voz descrita como mais audível e impressionante que o habitual: “E quando Moisés entrava na tenda da congregação para falar com o Senhor, então ouvia a voz de alguém que falava com ele de cima do propiciatório, que estava sobre a arca do testemunho, entre os dois querubins” (Números 7:89).

O Senhor também chamou Samuel por uma voz aparentemente exterior (1 Samuel 3). Em 2 Reis 7, o Senhor fez com que o exército sírio, que cercava Samaria, ouvisse “o ruído de carros, e o ruído de cavalos”, e fugiram. Deus abriu a visão espiritual do povo a todo o tipo de objetos. Mas talvez o caso mais notável e claramente assumido de abertura da visão interior seja o de 2 Reis 6:15-17, quando os sírios vieram prender Eliseu: “E o servo do homem de Deus se levantou muito cedo, e saiu; e eis que um exército tinha cercado a cidade com cavalos e carros. E o seu servo disse-lhe: Ai, meu senhor! que faremos? E ele respondeu: Não temas, porque mais são os que estão connosco do que os que estão com eles. E Eliseu orou, e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo em redor de Eliseu.”

Isto está em perfeita consonância com toda a revelação espiritual dos nossos dias: que estamos constantemente rodeados pelas almas do mundo espiritual, e que as veríamos, se os nossos olhos espirituais não estivessem encerrados pelas obstruções da carne e do mundo. O profeta imediatamente invocou o Senhor para exercer o efeito oposto — o da cegueira — sobre as tropas sírias, e o profeta que elas tinham vindo prender, por ele “dizer ao rei de Israel as palavras que o rei da Síria proferia na sua câmara de dormir”, conduziu os soldados para o meio da cidade, e mostrou-lhes, para sua estupefação, onde se encontravam.

Houve vários casos, tal como nos tempos modernos, de pessoas elevadas ao ar. Os profetas falam de serem arrebatados em espírito; e esse foi o caso de Ezequiel, quando o Espírito o levou e, em visão, o transportou pelo Espírito de Deus para a Caldeia. Mas a translação de Enoque, e ainda mais a de Elias, foi o auge de um evento de carácter físico real.

Que tais transportes de profetas de um lugar para outro eram factos reconhecidos, mostra-se pelo receio de Obadias, o administrador da casa de Acab, de que o Senhor arrebatasse Elias e o deixasse em apuros com o rei, por ter anunciado a sua presença (1 Reis 18). Eliseu também realizou um desses contrafactos à gravidade específica dos corpos inanimados — algo que tanto ofende a filosofia moderna no que toca a mesas e outros objetos — ao fazer flutuar o ferro da cabeça de um machado num rio, apenas lançando um ramo de árvore (2 Reis 6:5-6).

Outro paralelo com fenómenos modernos foi a aparição de escrita espiritual, como no célebre caso do banquete de Belsazar, em Daniel 5:5, e em Ezequiel 2:9-10: “E olhei, e eis que uma mão se estendia para mim, e nela havia um rolo de livro... estava escrito por dentro e por fora”, etc. Temos também escrita e desenho por inspiração, dos quais um exemplo notável é o de David.

Apesar de o Senhor lhe ter proibido de construir-lhe uma casa por ter sido homem de guerra e derramado sangue, comunicou-lhe por inspiração todos os planos e modelos dessa casa — o seu pórtico, os átrios, os tesouros, os aposentos interiores, os turnos dos sacerdotes e levitas, o serviço do templo, e todos os seus utensílios. Pela mesma inspiração, entregou-lhe o ouro e a prata para os castiçais e as lâmpadas, para as mesas dos pães da proposição, para os ganchos, taças e bacias do altar do incenso, para os querubins e o carro dos querubins. “Tudo isto”, disse David, “foi-me dado a conhecer por escrito, pela mão do Senhor sobre mim, com todos os detalhes deste modelo” (1 Crónicas 28:19).

É uma descrição vívida da forma como a escrita e os avisos espirituais são dados pela imposição de mãos espirituais. Os casos da escrita na parede no palácio de Belsazar e da lei nas tábuas de pedra são exemplos de escrita espiritual direta, sem intervenção de mão humana — com numerosos exemplos modernos aos quais se deverá mais tarde fazer referência. Os judeus esclarecidos e divinamente instruídos também reconheciam a inspiração do mundo espiritual nas artes, e não eram tão ingratos como o mundo moderno, que se apropria de toda a excelência nas artes do design e da literatura para si próprio.

Deus disse a Moisés que tinha “chamado pelo nome Bezalel, filho de Uri”, e que o tinha “enchido do Espírito de Deus, em sabedoria, entendimento e ciência, e em todo o tipo de habilidade”, para conceber trabalhos engenhosos com ouro, prata e bronze, cortar e montar pedras, esculpir madeira, e realizar toda a obra designada. E ainda: “E eis que lhe dei como ajudante Aoliabe, filho de Aisamaque, da tribo de Dã; e no coração de todos

os sábios de coração pus sabedoria, para fazerem tudo o que te ordenei" (Êxodo 31:1–6).

Do mesmo modo, toda a sabedoria de Salomão, na qual foi declarado superar todos os reis da terra, foi abertamente inspirada por Deus, que lhe apareceu em Gibeão em sonho; e mais tarde, após a construção do templo, quando Deus lhe perguntou o que desejava, e ele pediu sabedoria e entendimento, Deus concedeu-lhos acima de todos os homens, juntamente com maior glória e riqueza do que qualquer outro rei de Israel, antes ou depois.

Nos tempos modernos, egocêntricos e sem espiritualidade, toda essa sabedoria e entendimento seriam atribuídos a Salomão como sendo apenas dele próprio; ele seria considerado um grande génio e um monarca muito capaz, e os eruditos idolatrariam o seu intelecto sem pensarem no Dador desse intelecto. Mas Salomão foi declarado pelo historiador judeu como tendo sido divinamente instruído em tudo isto. Tal é o contraste entre o espírito das duas épocas.

Até agora, limitei-me ao lado sagrado do espiritualismo na Bíblia; mas na Judeia, como em todas as outras nações, a vida espiritual tinha também o seu lado profano, sombrio e diabólico. Mesmo no meio deste povo escolhido — escolhido e guiado pelo próprio Deus para preservar a ideia da verdadeira religião e destinado a trazer ao mundo o Salvador da humanidade — o diabo ousadamente ergueu o seu tabernáculo ao lado do do Senhor.

O espírito do mal era constantemente e violentamente visível em oposição a Deus e aos líderes por Ele designados. Com o anjo de Deus a precedê-los numa coluna de nuvem de dia e numa coluna de fogo de noite, com a glória do Senhor em fogo e nuvem constantemente a emanar das portas do tabernáculo, com os fogos, pragas e serpentes da retribuição a seguir de perto os seus pecados — ainda assim rebelavam-se continuamente contra Deus e contra Moisés, perguntando se os tinham tirado do Egito para morrerem no deserto. Perguntavam se seria pouca coisa Moisés os ter trazido para ali apenas para matá-los e fazer-se príncipe sobre eles? Bem poderia Moisés dizer-lhes que tinham sido um povo rebelde desde o início. E assim continuaram até ao fim, até matarem o Messias e trazerem sobre si o sangue de todos os profetas, desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias, morto entre o altar e o templo.

Mas não foi apenas por rebeldia e sensualidade que os judeus ofenderam; o seu grande crime foi que, depois de terem tido provas do ser e da paternidade de Deus como nenhuma outra nação na Terra, caíram em toda

a espécie de idolatria e culto demoníaco, em feitiçaria, necromancia e bruxaria — o lado sombrio do espiritualismo.

Que tudo isto provinha da incansável ação de espíritos malignos, Moisés, os profetas e o próprio Deus, através deles, o afirmaram com veemência e em todas as épocas. Os ídolos, diziam eles, nada são — como São Paulo diria mais tarde: “Sabemos que o ídolo nada é no mundo” (1 Coríntios 8:4). As mesmas palavras são usadas por Isaías: “Eis que sois menos que nada, e a vossa obra é coisa nenhuma” (Isaías 41:24), e todos os profetas ridicularizam ao máximo os ídolos, como coisas sem vida, imóveis e vazias.

Isaías desafia-os, no mesmo capítulo, a mostrarem o que há de vir, a fazerem o bem ou o mal, para que se fique admirado e se acredite. No capítulo 44, descreve em detalhe o artífice a usar compassos e a moldar o ídolo em metal; ou a cozinhar o alimento e cozer o pão com parte da madeira de uma árvore, e depois fazer um deus com o resto e adorá-lo — algo que não pode ajudar nem a si mesmo, quanto mais ao adorador.

No capítulo 46, retoma o tema e descreve o fabricante de ídolos a carregá-lo aos ombros porque ele não pode andar. Jeremias (capítulo 10) é igualmente contundente quanto aos ídolos, que, sendo feitos, têm de ser pregados à parede com pregos para não caírem. São direitos como a palmeira, mas não falam; precisam de ser transportados porque não andam. Todos os profetas, bem como os escritores dos livros apócrifos, são igualmente sarcásticos quanto aos ídolos — como sendo absolutamente nada.

Mas, embora os ídolos sejam declarados como sendo nada, a idolatria não deixa de ser considerada algo — e particularmente odiosa a Deus, por ser uma traição contra Ele, o verdadeiro Criador e Sustentador dos homens. E enquanto os ídolos são nada, as forças das trevas e todas as formas de culto que lhes são dirigidas são afirmadas como sendo realidades, e os seus adoradores são considerados dignos de morte. Moisés (Êxodo 22:18) diz: “Não deixarás viver a feiticeira”; e o mesmo se repete em Deuteronómio 18:10-11, em Levítico 19:31, e em 1 Samuel 28:3, 9 — onde se fazem as mais estritas proibições contra médiuns e mulheres com espíritos familiares. Todos estes legisladores e profetas, sob inspiração divina, afirmaram que a bruxaria era um poder real e demoníaco. Não legislaram contra uma fantasia. Todo o culto demoníaco era declarado como sendo prestado a entidades espirituais reais (ver Levítico 17:7).

Em Levítico 20:2-6, decreta-se a pena de morte contra os que sacrificam os seus filhos a Moloque ou consultam adivinhos e médiuns. Assim, longe de a doutrina de Middleton e Farmer — de que só Deus pode realizar milagres — ser a doutrina da Bíblia, somos advertidos contra sonhadores e fazedores

de sinais e prodígios que se concretizam, quando ensinam algo contrário à verdade das Escrituras, precisamente porque esses sinais são verdadeiros, mas malignos (ver Deuteronómio 13:1-5). Esse profeta ou sonhador deveria ser morto.

Deus permite a operação de tais espíritos para testar a fé do seu povo e ver se se deixarão desviar dele. Aliás, Ele envia tais espíritos àqueles que desobedeceram e se afastaram dele: “Mas o Espírito do Senhor se retirou de Saul, e um espírito mau, vindo da parte do Senhor, o atormentava” (1 Samuel 16:14). No tempo dos reis, encontramos abundância de falsos profetas, aos quais o espírito maligno se tinha introduzido entre os verdadeiros.

Quando Josafá se preparava para se unir a Acabe numa guerra contra a Síria, reuniram-se nada menos que quatrocentos profetas para os incitarem, perante um único profeta verdadeiro, Micaías (1 Reis 22). E no mesmo capítulo, o Senhor é representado a convocar um “espírito de mentira” e a enviá-lo para enganar Acabe. Temos também o falso profeta Hananias, que profetizou falsamente contra Jeremias, e Jeremias proferiu o seu juízo — que se cumpriu rapidamente (Jeremias 28:1-17).

Jeremias pronuncia o juízo contra outro falso profeta no capítulo trinta. Em Ezequiel 14:9, o Senhor declara que, quando um profeta engana, foi Ele, o Senhor, quem enganou esse profeta, e que o destruirá. Isaías tem uma passagem notável (8:19), que descreve a demonologia dos judeus: “E quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram: porventura não consultará um povo o seu Deus? a favor dos vivos, consultar-se-á aos mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva.”

A obscuridade nesta expressão — “a favor dos vivos, consultar-se-á aos mortos?” — é esclarecida pelo Salmo 106:28: “Também se juntaram a Baal-Peor, e comeram os sacrifícios dos mortos.” Trata-se de procurar os deuses dos pagãos — as almas dos seus antepassados divinizados — pois sobre os espíritos ancestrais se baseiam todas as mitologias. O “chilrear e murmurar” torna-se mais claro com Isaías 29:4, onde os que têm espírito familiar são descritos como falando “desde o chão”, com “voz baixa do pó”, “sussurrando do pó”. Isto assemelha-se de forma notável ao episódio em que Saul consulta a feiticeira de En-Dor, pois embora se dissesse ser o profeta Samuel quem apareceu, ele parece ter subido da terra, como qualquer outro espírito dos mortos.

Todos estes assuntos são tratados como realidades positivas, e eram tão obviamente perversos na sua natureza, que a prática de tais ritos foi, com

razão, proibida sob as mais severas penas. Estes são os lados sombrios do espiritualismo — quando os homens buscam deliberadamente os espíritos malignos e para fins malignos. Os judeus não tinham qualquer desculpa para tal demonologia, pois durante séculos haviam tido as mais magníficas manifestações do Espírito de Deus, disponíveis para responder a todas as questões espirituais legítimas — por meio de profetas, sonhos e visões inspiradas, e pelo Urim e Tumim.

Sabiam que a demonologia das nações vizinhas lhes fora apresentada como completamente má e degradante, um insulto a Deus, que estava no meio deles, acessível e verdadeiro, e uma corrupção das suas próprias almas. Tinham sido advertidos por Deus com fogo e trovões, por anjos e profetas, de geração em geração, de que estas eram as armadilhas pelas quais Satanás procurava afastá-los do Deus vivo para os conduzir às práticas impuras e antinaturais dos gentios. Saul só recorreu a esse santuário proibido quando o próprio Deus se recusou a responder-lhe “nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas”.

Dadas estas circunstâncias, no que dizia respeito aos judeus, tem-se perguntado nos últimos anos como podem os espiritualistas reconciliar com a virtude a sua prática de comunicação com espíritos — e com os espíritos dos mortos. A resposta a essa questão realmente importante será dada no próximo capítulo, sobre o espiritualismo do Novo Testamento. Pode bastar, por agora, afirmar que todo o espiritualista ordeiro e piedoso crê que a lei mosaica, no que se refere aos espíritos malignos, está tão plenamente em vigor hoje como sempre esteve. E assim deve ser, pelo simples motivo de que a comunicação voluntária com espíritos malignos, esteja o comunicador vivo ou morto, é maligna, e sempre o será.

Aqueles que procuram hoje essas comunicações, tal como os que o fizeram antigamente, cometem claramente feitiçaria e necromancia, e estão sob a mesma condenação da lei — a pena de morte. Nenhuma mudança de leis, sistemas éticos, tempos ou povos pode alterar a natureza imutável do mal, nem a contaminação resultante do seu contacto. Mas, no momento oportuno, mostrarei que, na nova liberdade do evangelho, o próprio Cristo — tendo-se tornado Ele mesmo um “espírito dos mortos” — aboliu aquela parte da lei que diz respeito aos bons espíritos, e Ele próprio inaugurou a prática dessa comunicação para o bem.

Muitas partes da lei mosaica, instituídas especialmente para os judeus e as suas tentações particulares, bem como por necessidades sanitárias, caíram em desuso pelo simples contacto com a liberdade e força espiritual do evangelho de Cristo. Não nos obrigamos, hoje, a tornar-nos patriarcas com várias esposas, nem à prática da circuncisão, nem à observância do sábado

judaico, nem às luas novas e festas solenes, nem à rejeição da carne de porco ou de lebre, nem de muitos outros alimentos. Contudo, a violação de muitas destas instituições também implicava, segundo o ritual judaico, a pena de morte.

Os judeus, apesar das manifestações inigualáveis do poder e da bondade divinos entre eles, e apesar do amor e paciência de Deus tão belamente descritos por Cristo em Lucas 13:34 — "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e não o quiseste!" — ainda assim buscaram os demónios; e foi declarado em Amós que o oráculo de Deus se encerraria: "Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor.

E andarão errantes de um mar a outro mar, e do norte até ao oriente; correrão por toda a parte, buscando a palavra do Senhor, e não a acharão" (Amós 8:11-12). A mesma fome de revelação, o mesmo encerramento do oráculo que estivera aberto por mais de três mil anos, foi anunciado por Miqueias, expressamente por terem incentivado os falsos profetas (3:6-7): "Portanto, a noite vos será por visão, e as trevas por adivinhação; o sol se porá sobre os profetas, e o dia se entenebrecerá sobre eles. Então os videntes se envergonharão, e os adivinhos se confundirão; e todos cobrirão os seus lábios, porque não há resposta de Deus."

Essa terrível privação — essa noite da ausência divina — abateu-se, pois, sobre eles; e, se considerarmos Malaquias como o último dos profetas, essa ausência durou 397 anos, até à vinda de Cristo. O que é notável é que a última profecia da Bíblia — a última palavra da antiga aliança — foi a prolação de uma "maldição", que só foi removida com o advento da nova aliança, com a proclamação do Messias e a mensagem de "Paz na Terra e boa vontade para com os homens".

Expus assim os factos principais do espiritualismo do Antigo Testamento — um volume que, como já referi, se estende por mais de quatro mil anos, e está completamente construído sobre uma base sobrenatural. Foram muitos os esforços, tanto de inimigos como de falsos amigos, para destruir a veracidade das narrativas nele contidas. Permanecem inabaláveis, e assim devem continuar — a menos que possamos imaginar uma nação de loucos, e uma sucessão de historiadores alucinados, a preferir lendas falsas à verdade histórica — uma suposição demasiado absurda para ser aceite.

Os anais desta nação eram, tal como a sua teologia, totalmente distintos dos de qualquer outro povo do mundo. Os judeus sabiam que eram um povo divinamente escolhido para um grande propósito, e os seus anais não

foram deixados ao arbítrio de quem quisesse escrevê-los, mas foram redigidos por autoridade pública, e preservados como registos sagrados com todo o cuidado, por uma classe de homens também criteriosamente escolhida, registada e vivendo sob o escrutínio público.

Moisés, ao recapitular-lhes a história do seu tempo, recordava repetidamente o carácter único da sua nação e dos seus acontecimentos nacionais: “Pois que nação há tão grande, que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que nação há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje ponho perante vós?” (Deuteronómio 4:7-8). “Porque pergunta agora aos tempos passados, que foram antes de ti, desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, e desde uma extremidade do céu até à outra, se sucedeu jamais coisa tão grande como esta, ou se se ouviu coisa como esta?

Ouvindo algum povo a voz de Deus, falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficou vivo? Ou tentou Deus vir tomar para si uma nação do meio de outra, com provas, sinais, maravilhas e guerra, e com mão forte e braço estendido, e com grandes terrores, conforme tudo quanto o Senhor vosso Deus fez por vós no Egipto, diante dos vossos olhos? A ti te foi mostrado para que soubesses que o Senhor é Deus; nenhum outro há senão Ele” (Deut. 4:32–35). “Quem há de toda a carne que tenha ouvido a voz do Deus vivo, falando do meio do fogo, como nós, e tenha vivido?” (Deut. 5:33).

Estas foram as notáveis palavras de Moisés, dirigidas a toda a nação reunida antes de se despedir para sempre. Não eram palavras de um homem, por mais culto que fosse, que tivesse sido popular entre eles e depois esquecido — mas do homem, acima de todos os outros, que é representado como o intermediário das maravilhas espantosas pelas quais Deus separou os judeus dos egípcios, os libertou do seu domínio e os conduziu até à entrada da Terra Prometida. Um homem que continuou, ao longo de todas as gerações, a ser honrado e invocado como o seu grande líder e legislador — e que ainda hoje é assim recordado e venerado pelo mesmo povo, embora espalhado entre todas as nações há mais de três mil anos, conforme a sua própria profecia, sofrendo as consequências dos crimes que predisse que cometeriam.

Nunca, nem por um momento, esse povo — ainda que Moisés, com franqueza, lhes tenha dito que foram rebeldes durante toda a sua vida (Deut. 31:27) — se rebelou contra a sua memória, nem duvidou de uma única palavra dos prodígios por ele registados. Passemos do início desta história até ao seu desfecho e vejamos qual o testemunho que aí se encontra.

Josefo é o historiador dos judeus na sua queda, como Moisés o foi na sua ascensão. Era sacerdote de alta linhagem, um dos guardiões hereditários dos registos nacionais, bem como distinto estadista e líder militar. Não era apenas instruído na tradição judaica, mas também na das nações orientais, e na cultura da Grécia e de Roma. Estava presente no cerco de Jerusalém, como cativo de Vespasiano, e viu a sua destruição e a dispersão do seu povo — viu e registou o cumprimento literal das profecias de Moisés que aqui citei, bem como das de Daniel, de outros profetas e do próprio Jesus Cristo.

Todos os primeiros Padres e historiadores cristãos dos primeiros séculos testemunham, de forma unânime, a fidelidade de Josefo como historiador. Entre eles contam-se Justino Mártir, Orígenes (contra Celso), Eusébio, Ambrósio, Jerónimo, Isidoro, Cassiodoro, Sozómeno, etc. E o erudito Joseph Scaliger, no *Prolegomena* (p. 7) da sua grande obra *De Emendatione Temporum*, presta-lhe o seguinte testemunho: “Josefo foi o mais diligente e o maior amante da verdade de todos os escritores; e é mais seguro acreditar nele, não só no que respeita aos assuntos dos judeus, mas também aos que lhes são exteriores, do que a todos os escritores gregos e latinos; e isto porque a sua fidelidade e extensão de conhecimentos são evidentes por toda a parte.”

O bispo Porteus corrobora esta afirmação de Scaliger, dizendo: “A fidelidade, a veracidade e a probidade de Josefo são universalmente reconhecidas. Ele possuía as qualidades mais essenciais para um historiador: um conhecimento perfeito e exato de todos os acontecimentos que relata; não tinha preconceitos que o levassem a representá-los de forma errada e, sobretudo, não pretendia favorecer a causa cristã” (*Lectures*, vol. ii, p. 234).

Ora, Josefo, por uma circunstância notável e, sem dúvida, providencial, tornou-se possuidor dos anais sagrados dos judeus, os quais haviam sido preservados no templo durante séculos. Tito, quando o templo estava prestes a ser destruído, permitiu-lhe tomar posse desses livros e preservá-los. Ele utilizou-os para compor a sua obra *Antiguidades dos Judeus*, uma história da nação na qual confirma cada um dos eventos milagrosos da Bíblia, e confirma plenamente o seu carácter espiritual e miraculoso.

Nos seus célebres dois livros contra Ápion, Josefo estabelece um contraste marcante entre os escritos pouco confiáveis dos historiadores gregos e a necessária fidelidade dos relatos do seu próprio povo. Ele demonstra o surgimento relativamente recente dos gregos: “Tudo o que diz respeito aos gregos, podemos afirmar, é de ontem apenas.” Os gregos, reconhece ele, admitiam que não foram eles, mas os egípcios, caldeus e fenícios — para

não mencionar os judeus — que conservaram os registos e as artes mais antigos da humanidade, e que foi do Egito que os próprios gregos os importaram. Aqueles que primeiro introduziram a filosofia e a investigação sobre as coisas celestiais e divinas — como Ferécides o Sírio, Pitágoras e Tales —, todos concordam em dizer que aprenderam com os egípcios e caldeus, e escreveram muito pouco por si mesmos.

No terceiro parágrafo do seu primeiro livro, Josefo denuncia a origem tardia e a pouca fiabilidade dos autores gregos, da seguinte forma: “Como pode então deixar de ser absurdo que os gregos sejam tão orgulhosos, e se vangloriem de serem o único povo conhecedor da antiguidade, e de serem os que deram os relatos mais fiéis desses tempos antigos! Ora, quem não pode facilmente concluir, pelos próprios escritores gregos, que pouco sabem com fundamento real quando se dedicam à escrita, mas antes escrevem as suas histórias baseando-se em conjecturas? Com efeito, eles contradizem-se uns aos outros nas próprias obras, e não se envergonham de apresentar relatos dos mesmos acontecimentos que se anulam mutuamente.

E seria inútil da minha parte pretender ensinar aos gregos — que sabem isso melhor do que eu — quão grande é o desacordo entre Helânico e Acusilau nas genealogias; em quantas ocasiões Acusilau corrige Hesíodo; ou de que modo Éforo demonstra que Helânico mentiu na maior parte da sua história, tal como Timeu o faz em relação a Éforo, e os escritores subsequentes em relação a Timeu, e todos os mais recentes em relação a Heródoto. Nem mesmo Timeu concorda com Antíoco, Filístio ou Cálias sobre a história da Sicília, do mesmo modo que os diferentes escritores da *Atthidæ* se contradizem quanto aos assuntos atenienses; nem os historiadores dos *Argólicos* concordam entre si sobre os eventos em Argos.

E para que continuar a citar cidades e regiões menores, se até entre os mais consagrados autores que escreveram sobre a expedição persa e os feitos nela realizados, há diferenças tão grandes! Até mesmo Tucídides é acusado por alguns de ter escrito inverdades, embora pareça ter-nos dado a mais precisa história do seu tempo.”

Josefo assinala que, quando Homero recitou os seus poemas, os gregos ainda não tinham literatura escrita, e que, segundo eles mesmos, esses poemas só foram fixados por escrito muito tempo depois. Afirma que os atenienses, que se pretendiam autóctones, reconheciam como os seus escritos mais antigos as leis de Drácon, que são apenas ligeiramente

anteriores a Pisístrato, o tirano — ou da era de Ciro e de Daniel —, ou seja, não mais de seiscentos anos antes do próprio tempo de Josefo, quando a guerra judaica terminara. Quanto aos arcádios, que tanto se vangloriam da sua antiguidade, ele comenta: “Que necessidade tenho de falar deles em particular, se só ainda mais tarde aprenderam a escrever — e com dificuldade?”

Aponta depois a distinta família e classe dos sacerdotes hebreus, guardiões dos seus anais e escritos sagrados. Diz que a sua genealogia foi cuidadosamente mantida durante dois mil anos, sendo tudo feito para que permanecesse intacta de pai para filho. Que, em caso de cativeiro de um membro da família sacerdotal, os seus nomes e nascimentos eram enviados a Jerusalém para registo; e, se o registo fosse interrompido por guerra ou invasão, era recomposto com base em testemunhos de pessoas ainda vivas. Estes homens, guardiões dos registos, eram também os profetas e escritores, inspirados por Deus, ou provavelmente escreviam nas escolas dos profetas, sob sua direção.

Ninguém podia, por iniciativa própria, tornar-se escritor. E não há qualquer discrepância entre os autores destes registos, mesmo sendo de épocas e lugares distintos. De facto, a oposição geral entre profetas e sacerdotes — pois os sacerdotes frequentemente perseguiam os profetas — servia como travão contra falsificações ou interpolações de parte a parte, caso houvesse essa inclinação, o que nunca se manifesta.

Depois de expor estes factos, a seguinte afirmação de Josefo torna-se extremamente importante:

“Não temos entre nós um número inumerável de livros, discordantes e contraditórios entre si, como acontece entre os gregos, mas apenas vinte e dois livros que contêm os registos de todos os tempos passados, os quais são justamente tidos como divinos. Destes, cinco pertencem a Moisés, e contêm as leis e tradições desde a origem da humanidade até à sua morte. Esse intervalo de tempo foi pouco inferior a três mil anos; quanto ao período desde a morte de Moisés até ao reinado de Artaxerxes (que reinou depois de Xerxes), os profetas que vieram depois de Moisés registaram os acontecimentos em treze livros.

Os quatro restantes são livros de hinos a Deus e de preceitos para a conduta da vida humana. É verdade que se escreveram histórias após Artaxerxes, de forma muito particular, mas os nossos antepassados não lhes atribuíram a mesma autoridade que aos anteriores, pois desde então não houve uma sucessão exata de profetas. E quão firmemente cremos nesses livros da nossa nação é evidente pelas nossas ações; pois, ao longo de tantos séculos, ninguém ousou acrescentar-lhes, retirar-lhes ou alterar-

lhes nada. Desde o nascimento, todos os judeus aprendem a considerar esses livros como contendo doutrinas divinas, e a viver por eles — e, se necessário, a morrer por eles.

Não é coisa nova ver prisioneiros nossos, muitos e em várias ocasiões, suportarem torturas e mortes de toda a espécie em teatros públicos, para não serem forçados a dizer uma só palavra contra as nossas leis e os registos que as contêm. Ao passo que entre os gregos não há ninguém disposto a sofrer o mínimo dano por tal razão, nem mesmo se todos os seus escritos fossem destruídos; pois encaram-nos como discursos moldados ao gosto de quem os escreve. E têm justa razão para assim pensar, pois veem que até autores da geração presente escrevem sobre assuntos dos quais não foram testemunhas, nem procuraram informar-se com quem o foi — exemplos disso abundam nesta nossa recente guerra, onde alguns escreveram e publicaram histórias sem terem estado presentes, ou sequer perto dos acontecimentos; juntando uns poucos relatos ouvidos e abusando descaradamente do mundo, chamando a essas obras histórias." (*Tradução de Whiston*)

Algumas dessas últimas observações são dirigidas a Tácito, de quem Josefo afirma que, ao escrever sobre as guerras dos romanos contra os judeus, plagiou liberalmente o seu trabalho sem lhe dar crédito, como fazia também com outros autores, e ainda acrescentou falsidades vindas de terceiros.

Josefo prossegue citando fontes fenícias, caldeias, egípcias e gregas como prova da antiguidade dos judeus: cita amplamente Manetão, o egípcio, que escreveu em grego; Dius, o historiador fenício; Menandro de Éfeso, que escreveu sobre a história de Tiro; Beroso, o historiador caldeu e introdutor da astronomia e filosofia caldeias entre os gregos; e numerosos autores gregos, como Hermipo, que escreveu sobre Pitágoras; Teofrasto; Heródoto de Halicarnasso; Querilo, antigo poeta e escritor; Clearco, discípulo de Aristóteles (citando o próprio Aristóteles); Hecateu de Abdera; Agatárquides, Teófilo, Teodoto, Mnaseas, Aristófanes, Hermógenes, Evêmero, Conon, Zopírio, Demétrio de Falero, o velho Filon, Eupolemo, etc.

Pesando bem todos estes factos, é muito claro que, longe de a história hebraica, por mais impressionante que seja, ser duvidosa, é a única história nacional existente que pode ser considerada plena e incontestavelmente autenticada. Em nenhuma outra nação foram tomadas medidas tão rigorosas para assegurar tanto a correção da redação como a preservação segura dos registos públicos.

A sua composição não foi deixada ao capricho, gosto ou inépcia de qualquer um que desejasse ser historiador; essa tarefa era confiada a uma

ordem pública de homens, aprovados por sinais e anúncios manifestos como porta-vozes de Deus — homens de vida santa, de carácter elevado e inflexível, que desprezavam os luxos e honras do mundo, e que, de tempos a tempos, surgiam para chamar à razão os mais poderosos monarcas perante o tribunal dos céus, e para pronunciar juízos terríveis sobre as nações; homens que não temiam nem o homem nem o diabo, mas apenas a Deus.

Estes homens escreveram; e outra linhagem — toda de uma só família, e obrigada a manter a pureza do seu sangue evitando casamentos com estrangeiros — preservou esses registos. E não apenas esses escritores e guardiões, mas a nação inteira, até ao último homem, estava disposta a morrer em vez de negar uma só palavra da verdade de toda essa história.

Agatárquides, historiador grego, observa como insensatez essa sua inflexível adesão aos costumes:

“Há um povo chamado judeus, que habita numa cidade mais forte que todas as outras, e tem por hábito descansar a cada sétimo dia; nesses dias, não usam armas, nem cultivam a terra, nem se ocupam com qualquer negócio da vida, mas estendem as mãos nos seus lugares sagrados e oram até ao anoitecer. Ora, aconteceu que quando Ptolemeu, filho de Lagos, entrou nessa cidade com o seu exército, esses homens, mantendo o seu costume habitual, em vez de defenderem a cidade, deixaram-na submeter-se a um senhor cruel; e a sua lei foi claramente demonstrada como prescrevendo uma prática insensata. Este episódio ensinou a todos os demais, exceto aos judeus, a não dar crédito a tais devaneios e a não seguir semelhantes fantasias apresentadas como lei.”

É com base nesta verdade — e de uma verdade proclamada com ousada simplicidade, resguardada por instituições públicas de autoridade sagrada, e atravessando os séculos — uma verdade testemunhada por sucessivas gerações dispostas ao martírio em seu nome, de um povo que chega até aos nossos dias e permanece como uma coluna antiga de granito em meio ao cenário mutável do mundo moderno — é com base nisto que a Bíblia tem desafiado todos os que odeiam a sua ética e temem a sua lei de retribuição futura.

Em vão tem sido atacada por todos os lados e com todos os artifícios concebíveis — por zombadores, filósofos, homens espirituosos e pretensiosos. Tem sido dito, com toda a seriedade, que esses livros sagrados foram todos queimados na destruição do templo por Nabucodonosor, e que, por isso, o elo da sua evidência está quebrado. Que Esdras foi divinamente inspirado a reescrever toda a lei, e que o fez — isso fundamenta-se no capítulo catorze do segundo livro de Esdras, versículo

21, onde ele diz: “A tua lei está queimada”, e nos versículos seguintes, onde afirma ter sido inspirado pelo Espírito Santo para reescrever tudo o que fora feito desde o início do mundo — e que de facto o fez.

Isto, e as fábulas do Talmude, são os alicerces sobre os quais o Dr. Prideaux construiu a sua teoria da destruição dos livros sagrados dos hebreus — uma teoria totalmente contrária às mais evidentes provas das Escrituras e de Josefo. A lei nas duas tábuas de pedra, que foi provavelmente consumida juntamente com a arca em que estava guardada, aquando do incêndio do templo por Nabucodonosor, consistia apenas no Decálogo, uma pequena secção das leis de Moisés, as quais estão disseminadas por Levítico, Deuteronómio e Números.

Mas as leis de Moisés em geral, os Salmos, os livros históricos, os Provérbios, o Cântico dos Cânticos, Job, os Profetas, etc., eram livros lidos por todo o povo, e existiam, sem dúvida, em muitas cópias nas mãos do público. No último capítulo do segundo livro das Crónicas, versículos 17, 18 e 19, e no último capítulo do segundo livro dos Reis, encontram-se os relatos completos do incêndio do templo, e da retirada da prata e do ouro, de todos os utensílios e objetos preciosos para Babilónia, mas nem uma palavra sobre a queima dos livros sagrados.

Após o regresso do cativeiro e a reconstrução do templo por autoridade de Ciro, Dario e Artaxerxes (Neemias viii. 1-8), lê-se: “Todo o povo se juntou como um só homem na praça diante da porta das águas, e pediram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da lei de Moisés que o Senhor tinha dado a Israel. E Esdras trouxe a lei diante da congregação, tanto homens como mulheres, e todos os que podiam ouvir com entendimento, no primeiro dia do sétimo mês. E leu nela diante da praça que está diante da porta das águas, desde a alva até ao meio-dia,” etc.

Ora, aqui não há qualquer menção de um facto tão importante como teria sido a destruição da lei de Moisés, nem que esta fosse uma lei reescrita. Também não se pode supor que se precisasse desde a manhã até ao meio-dia para ler apenas o Decálogo — a única parte da lei efetivamente destruída, mas que continuava incluída nos livros da lei no seu todo. A própria afirmação, no segundo livro apócrifo de Esdras, de que ele teria reescrito a lei, é desmentida pelo nono capítulo do primeiro livro, que concorda totalmente com a passagem agora citada do oitavo capítulo de Neemias. Esdras ix. 39: “E disseram a Esdras, o sacerdote e escriba, que trouxesse a lei de Moisés, a qual o Senhor Deus de Israel tinha dado,” etc.

E Esdras traz a lei e lê-a (versículos 40 e 41) exatamente da mesma forma e com a mesma duração. Quem escreveu esta passagem do segundo livro de Esdras não estava suficientemente familiarizado com o primeiro. Fala da

reescrita de uma lei que o primeiro livro, e todos os outros livros, demonstram já existir. Esta afirmação sem fundamento mostra-se, assim, falsa e absurda.

De tempos a tempos, surgem tentativas de apresentar a literatura de alguma antiga nação para desacreditar a cronologia da Bíblia ou as suas teorias sobre o homem e a sua origem. Contudo, esses discursos pomposos, anunciados com grande aparato e erudição, inevitavelmente dissipam-se como sonhos e fumo. A Caldeia, o Egipto, a Índia e a China já foram todas "intimadas" — em vão; e a Bíblia, essa fortaleza invencível da vida e da imortalidade, esse tesouro inesgotável de factos espirituais, permanece firme, jovem, intacta, inquebrável como sempre: o livro mais antigo e o mais novo do mundo.

A mais recente tentativa deste tipo ainda não foi completamente abandonada. Certos filólogos russos, alemães e franceses têm estado, nos últimos anos, profundamente envolvidos numa descoberta que julgam ter feito. Um tal M. Chwolson, um russo, anunciou a descoberta de uma obra caldeia intitulada *A Agricultura dos Nabateus*, da autoria de um certo Kuthami antigo. Esse Kuthami é declarado como sendo nabateu (isto é, segundo Chwolson, um autor caldeu), que dá vislumbres de acontecimentos de data muito anterior à cronologia de Moisés.

Adami é mesmo reconhecido como sendo Adão, mas posicionado bem abaixo na lista cronológica dos nabateus. Um M. Quatremère, francês, e vários eruditos alemães aplicaram-se com profundidade ao estudo desta obra prodigiosa — até que um francês, M. Renan, acabou por abalar essa erudita hipótese ao demonstrar que o livro é da segunda era da era cristã, e que quaisquer alusões a uma vasta antiguidade são frágeis e infundadas, como neblina ligeira de primavera.

Na verdade, se M. Renan tivesse simplesmente consultado uma passagem das *Antiguidades dos Judeus* de Josefo (Livro I, cap. xii, 4), teria desde logo demonstrado que todos esses ilustres eruditos poderiam ter poupado os seus esforços. Falando de Ismael, Josefo diz: "Quando o rapaz cresceu, casou-se com uma mulher egípcia, da mesma origem que a sua mãe. Desta mulher nasceram-lhe doze filhos: Nabaiote, Quedar, Abdeel, Mabsam, Idumas, Masmaos, Masaos, Chodad, Temã, Jetur, Nafesus e Cadmas. Estes habitaram toda a região desde o Eufrates até ao Mar Vermelho, e chamaram-lhe Nabatene.

São uma nação árabe, e nomearam as suas tribos com os nomes deles, tanto pela sua própria virtude como pela divindade do seu pai Abraão." Assim, os nabateus são simplesmente os árabes, como também demonstra Diodoro Sículo no seu livro XIX, capítulo VI, e a obra de Kuthami é

simplesmente, e de boa-fé, um original árabe, e não uma tradução do caldeu. Assim, foi com base numa obra árabe do segundo século da era cristã que estes eruditos construíram — tal como os caldeus a torre da confusão — uma teoria cujo topo pretendia, senão atingir o céu, ao menos superar Moisés e a sua antropologia.

CAPÍTULO VII
O SOBRENATURAL DOS LIVROS APÓCRIFOS

Se alguém considerar estas coisas inacreditáveis, que guarde a sua opinião para si e não contradiga os que, por tais acontecimentos, se sentem incitados ao estudo da virtude.

— JOSEFO

Se não podemos atribuir aos livros apócrifos a mesma autoridade que concedemos aos livros canónicos do Antigo Testamento, o mesmo espírito de fé no sobrenatural percorre as suas páginas, e muitos dos acontecimentos milagrosos ali relatados são corroborados por outros autores, como Josefo e Fílon de Alexandria. Muitas passagens encontram-se autenticadas pelas citações que delas faz o próprio Salvador. Assim acontece com as passagens do primeiro capítulo do segundo livro de Esdras, citadas de forma quase literal por Cristo em Mateus 23: “Juntei-vos como a galinha junta os seus pintainhos debaixo das asas” (v. 30). “Enviei-vos os meus servos, os profetas, a quem tomastes, matastes e despedaçastes os corpos, cujo sangue Eu requererei das vossas mãos, diz o Senhor” (v. 32). “Assim diz o Todo-Poderoso: A vossa casa ficará desolada” (v. 33). Compare-se com Mateus 23:34, 37, 38.

A seguir à Bíblia, alguns dos mais belos textos do mundo encontram-se nos livros apócrifos, o que constitui uma prova suficiente da inspiração divina de grande parte dessas obras. É notável que, num livro que tantos procuram desvalorizar quanto à sua autoridade divina, encontremos a poesia mais solene e magnífica, a ética mais nobre, as imagens mais sublimes, os mais profundos ensinamentos de sabedoria e regras de vida, e as narrações mais claras e corretas de factos antigos. Muito do mesmo carácter repousa nas páginas dos Apócrifos.

Que cena dramática esplêndida é aquela com que se inicia o terceiro capítulo de Esdras, quando Dario oferece um grande banquete a todos os seus governadores, capitães e tenentes desde a Índia até à Etiópia, num total de cento e vinte e sete províncias, e, retirando-se para o leito, não consegue dormir. Chama então três jovens da sua guarda pessoal para o

entreterem, e estes propõem-lhe três questões sobre o poder comparativo do vinho, dos reis e das mulheres.

Dario reúne os seus príncipes e governadores da Média e da Pérsia, e os três postulados são discutidos pelos três jovens. A vitória é atribuída a Zorobabel, que declara que a mulher é superior — e acima dela, a verdade. Que cena magnífica quando o povo aclama, e o jovem reclama como recompensa a promessa do rei de reconstruir Jerusalém! E "Dario levantou-se, beijou-o e escreveu cartas a todos os tesoureiros, tenentes, capitães e governadores para que conduzissem com segurança, tanto ele como todos os que com ele fossem, para reconstruir Jerusalém". Nada há de mais belo em toda a história, e Josefo, que confirma o acontecimento como fatual, dele se deleita nas suas "Antiguidades".

Muitas das visões e passagens proféticas são dignas de figurar em qualquer livro canónico. Assim é a do Filho de Deus (Esdras II, 42-47): "Eu, Esdras, vi sobre o Monte Sião um grande povo, que não pude contar, e todos louvavam o Senhor com cânticos. E no meio deles havia um jovem de elevada estatura, mais alto que todos os outros, e ele colocava coroas sobre as cabeças de cada um deles, sendo mais exaltado, o que me maravilhou grandemente. Então perguntei ao anjo: 'Senhor, quem são estes?' E ele respondeu: 'Estes são os que deixaram a veste mortal e revestiram-se da imortal, e confessaram o nome de Deus; agora estão coroados e recebem palmas.' Então disse eu ao anjo: 'Quem é este jovem que os coroa e lhes dá palmas nas mãos?' E ele respondeu: 'É o Filho de Deus, a quem eles confessaram no mundo.'"

A imagem de uma mulher num campo a lamentar-se pelo filho e a recusar ser consolada, tal como lhe foi mostrada por Uriel, e que subitamente se transforma numa cidade — Jerusalém — que, na verdade, chorava pelo seu Filho que viria a ser morto, é extremamente comovente.

No Antigo Testamento há passagens de crítica refinada contra os ídolos, mas nada é mais admirável do que a descrição da origem da idolatria nos capítulos treze e catorze do Livro da Sabedoria de Salomão. Mostra-se como os elementos seduziram alguns a esquecer Deus nas obras das Suas mãos; outros, ainda mais ignorantes, pegaram em restos inúteis — um pedaço torto de madeira cheio de nós — e esculpiram-no num deus. Outros, chorando um filho morto ou desejando bajular um rei, contrataram os mais hábeis escultores, e assim o povo, atraído pela beleza da obra, tomou por deus aquele que há pouco era apenas honrado como homem. Parece haver aqui uma referência subtil à proeminência da arte grega.

Em Baruc, os ídolos são novamente alvo de sátira: "Estes deuses não se podem salvar da ferrugem nem das traças, apesar de estarem cobertos de

púrpura. Os homens limpam-lhes os rostos por causa do pó dos templos, pois acumula-se bastante sobre eles; e aquele que não pode condenar à morte um infrator, empunha um cetro como se fosse juiz da terra. Traz também na mão direita uma adaga e um machado, mas não se pode livrar da guerra nem dos ladrões" (vi. 12-15).

O Livro de Tobias é uma das mais interessantes obras da Antiguidade. Nele encontramos famílias de judeus exilados a viver em Nínive — a mesma cidade que, nos nossos dias, foi desenterrada das suas ruínas, onde havia sido soterrada pouco depois por Nabucodonosor. Nínive, Babilónia, e a revelação dos registos do Egipto — como confirmaram nos últimos anos a veracidade histórica das Escrituras, tal como as viagens de Bruce à Abissínia outrora confirmaram a visita da rainha de Sabá a Salomão. Uma a uma, as cidades e nações mortas ressurgem para desmentir as teorias dos céticos.

No Livro de Jonas vemos os ninivitas arrependerem-se perante o anúncio do profeta, e concluímos que a destruição da cidade foi revogada. Mas em Tobias percebemos que tal destruição foi apenas adiada. Jonas proclamara que Nínive seria destruída em quarenta dias, e ficou irritado por tal não acontecer. Mas os judeus compreendiam melhor a profecia. Tobias, antes de morrer, chama o filho e o neto ao leito de morte e diz-lhes que, após a sua morte, devem abandonar Nínive e ir viver para a Média, pois — diz ele — "creio firmemente nas palavras que o profeta Jonas pronunciou sobre Nínive, que será destruída". Os quarenta dias (Jonas 3:4) foram entendidos como quarenta anos, e Tobias partiu então para Ecbátana, tendo vivido o suficiente para ver Nínive destruída, segundo a profecia de Jonas.

Em suma, vemos um anjo descer em forma humana para restituir a visão ao piedoso e generoso Tobias, e para trazer fortuna e felicidade ao seu filho. Temos um caso de possessão demoníaca, com o diabo expulso pela mediação do anjo. Temos orações atendidas simultaneamente, por pessoas cujas vidas viriam a cruzar-se, no mesmo dia, em Nínive e Ecbátana. Os toques de verdadeira humanidade em Tobias — como a menção do cão que acompanha Tobias e o anjo na viagem, ou a repreensão cortante de Ana, esposa de Tobias, ao marido — sempre tornaram este livro um favorito. O espiritualismo nele é tão notável quanto natural.

No segundo livro dos Macabeus encontramos a maravilhosa aparição a Heliodoro no templo de Jerusalém. Seleuco, rei da Ásia, ouvindo dizer que havia muito dinheiro guardado no templo, envia Heliodoro para o ir buscar. Onias, o sumo sacerdote, informa-o de que se trata do dinheiro de viúvas e órfãos, e que é, portanto, duplamente sagrado. Mas Heliodoro insiste.

Quando aparece no templo com uma forte guarda militar para forçar a entrada no tesouro, “surgiu diante deles um cavalo com um terrível cavaleiro sobre ele, adornado com uma riquíssima cobertura, e que correu furiosamente contra Heliodoro, golpeando-o com as patas dianteiras. Parecia que o que montava o cavalo estava armado de ouro da cabeça aos pés. Além disso, apareceram dois outros jovens de grande força, beleza notável e trajes esplêndidos, que se colocaram um de cada lado dele e o chicotearam sem cessar, infligindo-lhe muitas feridas. E Heliodoro caiu de repente por terra, envolto em grande escuridão; os seus acompanhantes levantaram-no e colocaram-no numa liteira” (II Mac. 3:25-27).

O sumo sacerdote orou pela sua recuperação, que lhe foi concedida. Diz-se que, ao regressar a Seleuco, o rei queria enviá-lo de novo, mas Heliodoro respondeu que, se o rei tivesse um inimigo ou traidor que merecesse castigo, tal missão seria apropriada para ele — mas para mais ninguém. Alguns argumentam que esta aparição não é autêntica por não ser mencionada por Josefo, sem saberem que este segundo livro dos Macabeus é atribuído ao próprio Josefo, sendo considerado a sua obra *De Maccabæis*.

No segundo livro (i, 19), é-nos contado que os sacerdotes retiraram o fogo sagrado do altar e o esconderam num poço quando foram levados cativos para a Pérsia. Quando regressaram, Neemias procurou-o, mas encontrou apenas água — a qual, contudo, ao ser derramada sobre os sacrifícios no altar, irrompeu em chamas. No capítulo quinto do mesmo livro, aquando da aproximação de Antíoco Epifânio, o terrível perseguidor dos judeus, "durante o espaço de quarenta dias, viram-se cavaleiros a correr pelo ar, vestidos de ouro e armados com lanças, como um exército de soldados.

E esquadrões de cavaleiros formados em ordem, encontrando-se e investindo uns contra os outros, com escudos a tilintar, multidão de lanças, espadas desembainhadas e ornamentos dourados e arreios de toda a espécie." No capítulo onze aparece a aparição de um único cavaleiro, em vestes brancas e armadura de ouro, para salvar o povo das mãos de Lísias, o capitão de Antíoco Eupátor. Alguns destes milagres são confirmados por Josefo e Fílon de Alexandria. Em *Bel e o Dragão*, encontramos um caso assombroso de transporte de corpos humanos pelo ar: diz-se que Habacuc foi levado pelos cabelos até Babilónia para levar comida a Daniel na cova dos leões.

Tal é o espiritualismo dos Apócrifos. Independentemente do grau de crédito que se dê aos seus milagres, é evidente que a fé nos milagres permaneceu firme entre os judeus, mesmo nestes seus dias sombrios, quando sobre eles caíra uma fome de profetas e, segundo as palavras de Esdras (ii, 5), “o

caminho da verdade estava escondido, e a terra deserta de fé." Se tal era a esterilidade da sua época, o que dizer da esterilidade do nosso tempo? No pior, mais corrompido e mais abandonado estado dos judeus, ainda possuíam uma fé na sua história, no seu Deus e no seu destino que envergonha o chamado esclarecimento moderno.

CAPÍTULO VIII
O SOBRENATURAL DO NOVO TESTAMENTO

Sócrates: É necessário esperar até que alguém nos ensine como devemos comportar-nos para com os deuses e para com os homens.
Alcibíades: Mas quando chegará esse tempo, ó Sócrates? E quem será esse mestre? Pois muito me agradaria ver tal homem, quem quer que ele seja.
Sócrates: É aquele que cuida de ti. E, de facto, admirável é o zelo que ele demonstra por ti.

Diálogos de Platão, Segundo Alcibíades,

edição seleta de Cambridge, p. 255–256

As coisas estranhas que esse homem estranho dizia — e que outros repetem depois dele — acabarão por ser acreditadas, cedo ou tarde, e tornar-se-ão opinião universal. Porquê? Porque a verdade é verdade: porque corresponde a tudo, satisfaz tudo; porque, tanto no geral como no particular, está mais bem adaptada a nós do que o erro; porque, entrelaçada nas mais íntimas relações com toda a ordem do universo, ela encontra nos nossos interesses e carências mil defensores involuntários; porque tudo a exige, tudo a clama; porque a mentira, que à partida parecia beneficiar todos, terminou por prejudicar todos. Combinações de que é impossível dar conta, e cujo segredo só Deus conhece, asseguram a vitória. É assim que verdades das mais combatidas, sustentadas a princípio pelos instrumentos mais desprezados, acabam por se tornar convicções populares.

— Vinet, O Cristianismo Vital, p. 68

O eloquente teólogo suíço que acabo de citar diz também: "Há pouco mais de 1800 anos, apareceu um homem num obscuro canto do mundo. Ele pregou uma religião — não uma religião natural — pois as doutrinas da existência de Deus e da imortalidade da alma são tomadas como garantidas nas suas palavras, mas nunca demonstradas. Não se tratam de ideias deduzidas de princípios racionais primitivos. O que ele ensina, o que constitui o fundamento e a essência do seu sistema, são coisas que

confundem a razão, coisas a que a razão não tem acesso. Proclama um Deus sobre a terra, um Deus-homem, um Deus pobre, um Deus crucificado. Proclama uma vingança que cai sobre o inocente, um perdão que ergue o culpado da mais profunda condenação; Deus a ser vítima do homem, e o homem a tornar-se uma só pessoa com Deus. Proclama a soberania da graça divina e o perdão total do homem."

"Não suavizo os seus ensinamentos. Apresento-os na sua força crua. Não procuro justificá-los. Não — se quiserdes, podeis ficar estupefactos e alarmados com estes dogmas estranhos; não vos poupeis neste ponto. Mas, quando tiverdes admirado suficientemente a sua estranheza, apresentar-vos-ei outra coisa ainda mais digna de assombro: estas doutrinas estranhas conquistaram o mundo. Mal dadas a conhecer na pobre Judeia, apoderaram-se da erudita Atenas, da opulenta Corinto e da orgulhosa Roma. Encontraram confessores em lojas, prisões e escolas; nos tribunais e nos tronos. Vencedoras da civilização, triunfaram sobre a barbárie. Fizeram passar sob o mesmo jugo o romano degradado e o escandinavo selvagem.

As formas da vida social mudaram, a sociedade dissolveu-se e renovou-se — mas estas doutrinas permaneceram. Mais ainda, a igreja que as professava tentou diminuir o seu poder começando a corromper a sua pureza. Senhora de tradições e depositária do saber, usou das suas vantagens contra as doutrinas que devia defender — mas elas subsistiram. Em toda parte, em todos os tempos, em cabanas e em palácios, encontraram almas para quem um Redentor era precioso e a regeneração, necessária.

Nenhum outro sistema, filosófico ou religioso, resistiu ao tempo; mas este nunca envelhece. Os que o abraçam nunca se sentem ultrapassados; compreendem-no, são compreendidos por ele e ajudam o seu progresso. A religião da cruz nunca é desproporcionada à civilização. Pelo contrário, a civilização, por mais que avance, encontra sempre o Cristianismo adiante dela" (pp. 83–84).

Esta grande verdade, esta revelação suprema do espiritualismo, que assim espantou o homem quando chegou, já tinha sido anunciada desde a criação do mundo, e era aguardada como fruto dos séculos, como objeto de toda a profecia pelos mesmos que ela viria surpreender. Na própria hora em que o homem caiu pela tentação da antiga serpente, foi anunciado que a semente da mulher pisaria a cabeça desta natureza serpentina. O antídoto foi apontado no mesmo momento da incidência do grande mal humano.

Tanto israelitas como pagãos a esperavam. Segundo as palavras de São Paulo, "toda a criação gemeu conjuntamente pela manifestação dos filhos

de Deus.” Toda a natureza, doente, ansiava pelo Divino e único Médico capaz de curá-la. O homem, caído e demonizado, tendo rompido a ligação com o Céu e estabelecido parentesco com o Inferno, tornou-se tirânico, sensual, sanguinário, cruel e vingativo. Tornou-se tirano de si mesmo, dos seus semelhantes e de todas as criaturas inferiores e dependentes.

A história dos seus atos é, por isso, em todos os tempos e lugares, a história de um inferno. Carnificina, crueldade — tanto em paz como em guerra —, crueldade nos palácios, nas escolas, nos tribunais e nas prisões; crueldade no anfiteatro, nos jogos e passatempos, no lar doméstico e no laço conjugal; crueldade no carácter de senhor, de rei e magistrado; sobre filhos, servos e escravos, bem como nos campos de batalha, nos cercos, nas cidades violadas, nos acampamentos surpreendidos, nas matanças furiosas e nas vinganças a sangue-frio; crueldade por todo o lado, engano por todo o lado, roubo por todo o lado, idolatria estúpida e blasfémia descarada por todo o lado; por toda a parte, tudo o que é abominável, impuro, odioso de espírito e vingativo na opinião — eis a história do homem, a história de um demónio, durante quase seis mil anos.

A única luz que rompeu esta escuridão, que tornou este pandemónio de torpeza e maldade tão hediondo ao ponto de aterrorizar os homens para fora dele; a única misericórdia que desceu para suavizar esta selvajaria e curar esta chaga pútrida da humanidade, foi o Cristianismo. No quarto milénio da desolação da infeliz terra, ele veio — luminoso como o Céu, bondoso e paciente como o próprio Deus — e, ainda assim, continua apenas como luz a brilhar nas trevas, e as trevas não a compreendem.

Deus, em Cristo, veio para os seus, e os seus não o receberam. Contudo, os profetas tinham anunciado este advento em todas as épocas, e a nação ensinada por Deus professava pelo menos acreditar nos profetas. No estranho claro-escuro da erudita Grécia e Roma, nessa maravilhosa mescla de luz e trevas, Sócrates, como vimos na citação de Platão, esperava por Aquele que nos ensinaria como devemos comportar-nos para com os deuses e os homens. Esse espírito que o acompanhava sussurrava-lhe esta boa nova celestial; e a sua grande alma, nas suas profundezas tristes mas pacientes, sentia a necessidade e a certeza dessa mensagem.

As Sibilas — essas mulheres prodigiosas que emergiram em mistério da penumbra dos tempos antigos, mantendo uma sucessão perpétua até perto do advento de Cristo, nunca envelhecendo, renascendo como fénix —, desprezadas como toda a ordem profética, mas demasiado tarde, desperdiçando folhas preciosas perante reis desatentos, proclamaram com uma só voz o Salvador vindouro entre as nações pagãs. Fosse profetizando aos gregos a queda de Troia e o épico de Homero, fosse vindo da Pérsia ou

da Caldeia, chamada de Canaã ou da Macedónia, de Eritreia, Amalteia, Líbia ou Demófila — todas proclamaram, com voz unânime e contínua, um só Deus e um só Cristo.

Se pudéssemos aceitar como autênticas todas as vaticinações sibilinas registadas pelos escritores cristãos, os próprios profetas hebreus não teriam deixado previsões mais claras sobre a história e o destino do Messias. Eles apresentam-nos os milagres do nascimento do Salvador, a multiplicação dos pães e dos peixes, a cura dos surdos, mudos, coxos e mortos; o julgamento de Cristo, a coroa de espinhos, os insultos contra Ele e a crucificação. Tudo isto Lactâncio cita como genuíno. Afirma que retirou essas informações dos mesmos livros que Virgílio e Cícero consultaram; e o que extraímos de Virgílio e Cícero, sabemos ser verdadeiro, pois antecede o Cristianismo. A esses profetas pagãos voltaremos na devida altura; mas podemos lembrar ao leitor o uso declarado que Virgílio faz dos anúncios sibilinos na sua Égloga de Pólio, vigorosamente vertida por Dryden. Todo o poema parece um capítulo de Isaías. Aqui bastará citar estas linhas:

“Cresce e apressa-te às honras, ó filho celeste,
Ó filho adotivo de Júpiter!
Vê, a Natureza em trabalho clama por ti,
Que sustentes o céu, a terra e o mar vacilantes!
Eis que terra, mar e ar são restaurados à sua base;
E idades jubilosas avançam, em filas cerradas, desde o passado.”

Assim, anunciado por videntes hebreus e pagãos, Cristo veio. Prefigurado durante tantos séculos, descrito por tantos profetas inspirados, prometido a Abraão, Isaac e Jacob, reconhecido por Job, cantado pelo salmista real — o seu nome, funções e atributos repetidamente expostos nos livros sagrados, estudado com ansiosa solenidade por um povo que esperava colher glórias e bênçãos permanentes com a sua vinda — tudo parecia indicar que a sua identificação seria a coisa mais certa do mundo, e, no entanto, veio e foi ignorado!

Os judeus eruditos, que julgavam conhecer cada traço do seu carácter, cada sinal da sua identidade, foram os mais equivocados de todos. Tinham construído tão completamente uma imagem ideal do Messias, que já não conseguiam reconhecer o real através do ideal. Esperavam um grande monarca a descer do céu, a aniquilar todos os seus inimigos com o fogo destruidor da sua divindade, a consumir o jugo romano como escória numa fornalha, a consolidar o coração do povo na luz eterna do favor e da felicidade celestial.

Anteviam esse Rei celeste, esse Deus-homem da sua própria raça, a liderar exércitos triunfantes pelo mundo inteiro, com o Todo-Poderoso, nas

palavras de David, “fazendo dos seus inimigos escabelo de seus pés” (Salmo 110:1). Já se antecipavam, exclamando com o rei-poeta: “Cinge a tua espada à tua coxa, ó Poderoso, com a tua glória e majestade. E cavalga prosperamente na tua majestade, pela causa da verdade, da mansidão e da justiça; e a tua destra te ensinará coisas tremendas. As tuas flechas são agudas no coração dos inimigos do rei; e por elas os povos caem debaixo de ti. O teu trono, ó Deus, é eterno; o cetro do teu reino é cetro de equidade” (Salmo 45:3–6).

E certamente estas declarações, dirigidas a um povo orgulhoso, que sentia toda a distinção de uma genealogia direta até Adão e de ser o povo eleito de Deus, cujos anais relatavam feitos tão esplendorosos como os dos grandes milagres realizados no Egipto, no deserto e na Palestina — um povo perante cujos passos mares e rios haviam sido divididos, montanhas incendiadas, a escuridão do deserto iluminada por colunas de fogo, muralhas de cidades derrubadas, e cujo líder, segundo os próprios anais, fora autorizado a deter o sol e a lua no meio do seu curso — a tais homens, nada pareceria mais natural do que esperar um fim tão glorioso quanto o seu princípio.

Os seus profetas pareciam garantir-lhes as mais vastas e audaciosas esperanças. Isaías (9:6–7) dissera: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento do seu governo e da paz não haverá fim, sobre o trono de David e no seu reino, para o estabelecer e o firmar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.”

Ainda Isaías (11:10–16) profetiza que o remanescente de Israel será reunido de Assíria, Egipto, Patros, Cuxe, Elão, Sinear, Hamate e das ilhas do mar. O Senhor levantará um estandarte, e o seu povo acorrerá a ele desde os quatro cantos da terra. Os filisteus — seus antigos e amargos inimigos — levá-los-ão nos ombros; Moabe, Amom e o Egipto serão subjugados; cessarão as invejas e rivalidades entre as tribos de Israel, que reinarão sobre o mundo inteiro, felizes e triunfantes sobre todos os outros povos.

Os gentios virão à sua luz, e os reis ao resplendor do seu amanhecer. Multidões de camelos e dromedários, carregados de ouro e incenso, chegarão em procissões intermináveis desde Midiã, Efá e Sabá; os rebanhos de Quedar e os carneiros de Nebaiote estarão ao seu dispor. As ilhas e os navios de Társis trarão prata e ouro; os filhos de estrangeiros reconstruirão os seus muros; reis estrangeiros os servirão; toda nação e reino que não os servir será destruído; os que os desprezaram dobrar-se-ão

aos seus pés; como foram abandonados e odiados, serão feitos uma excelência eterna; mamarão o leite dos gentios e os seios dos reis, e saberão que o Senhor é o seu Salvador e Redentor, o Santo de Israel (Isaías 60).

Jeremias, embora condenando severamente a maldade do seu tempo, recorda a promessa feita a David de que jamais lhe faltaria um homem para se sentar no trono da casa de Israel, para reinar sobre um povo tão numeroso como os exércitos do céu e tão incontável como as areias do mar (Jeremias 33:17–22). Daniel viu o domínio entregue ao Filho do Homem: "uma glória e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio seria eterno e o seu reino jamais seria destruído" (Daniel 7:14). Miqueias fez promessas igualmente grandiosas: a lei sairia de Sião; o Messias julgaria entre muitos povos e repreenderia nações poderosas; seria grande até aos confins da terra, destruiria os reinos vizinhos, e a sua mão seria levantada contra os seus inimigos, que seriam todos exterminados (Miqueias 4–5). Zacarias diz o mesmo. A magnificência destas promessas era tal que não podia deixar de envaidecer um povo naturalmente orgulhoso e dominador.

Contudo, entre estes clarões de glória divina sobre o futuro, estas pinturas magníficas do império do vindouro Rei de Israel, surgiam também notas muito diferentes — e que deveriam ter feito qualquer povo, exceto um enredado e iludido pelo brilho das visões proféticas, parar para refletir. Esse grande Monarca triunfante, que desceria do céu para submeter toda a Terra, que seria o próprio Deus instruindo os homens, deveria aparecer humilde, pobre, rejeitado, sem beleza, sem prestígio, desprezado por aqueles a quem vinha conferir um domínio inédito. Como podia esse Conquistador — diante de quem os gentios desapareceriam como fumo — ser também o "pedra que os edificadores rejeitaram"?

Iria dar as costas aos açoites, e as faces àqueles que arrancavam os cabelos? Não esconderia o rosto da vergonha e do escárnio? Poderia Ele ser ao mesmo tempo o Senhor supremo e esse descrito por Isaías (53:2–10)? "Não tinha aparência nem formosura; e quando o vimos, nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e rejeitado pelos homens; homem de dores e experimentado no sofrimento; como alguém de quem os homens escondem o rosto, foi desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas dores; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados… o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós…"

Poderiam tais contrastes extremos reunir-se numa só pessoa? Poderia o Conquistador invencível, o Rei que feria os reis, ser o mesmo homem manso, ferido e rejeitado? E, no entanto, era. O Salvador prometido era tão claramente um como o outro. Este Rei resplandecente viria “humilde e montado num jumento.” O seu rosto seria desfigurado mais do que o de qualquer homem, e a sua aparência mais do que a dos filhos dos homens; os reis calariam a boca diante dele (Isaías 52:14–15). Seria um homem desprezado, abominado pela nação, servo de governantes (Isaías 49:7). Seria vendido por trinta moedas de prata (Zacarias 11:12); levado até ao pó da morte; olhariam para ele como um leão que ruge; traspassariam as suas mãos e os seus pés; contariam todos os seus ossos e lançariam sortes sobre as suas vestes (Salmo 22).

Dado que todas estas coisas tão opostas haviam de acontecer ao mesmo Libertador prometido, parece claro agora que os judeus poderiam ter compreendido que esta ignomínia devia preceder o reinado de domínio universal — mesmo que não fossem espirituais o suficiente para perceber que muito desse reinado seria espiritual, como os cristãos hoje compreendem. Mas o orgulho e a sede de glória mundana cegaram-nos para os sinais de humildade e sofrimento do seu Redentor — procuravam um rei e encontraram apenas um carpinteiro! “Não é este o carpinteiro?”, perguntavam com desdém (Marcos 6:3). Para eles, era impossível conceber que o Salvador prometido, o Maravilhoso, o Deus Forte, o Pai da Eternidade, o Criador do Universo, fosse aquele bebé fraco e choroso deitado numa manjedoura, e que, ao crescer, fosse apenas o filho do carpinteiro, obediente às ordens do velho José, seu pai putativo.

Tanto quanto é hoje para os sábios modernos acreditarem que esse mesmo Deus e Salvador possa condescender em despertar e convencer mentes embrutecidas e materializadas por meio do movimento de mesas e outros fenómenos adaptados ao seu estado mental degradado. A pequena sabedoria humana presume sempre saber melhor dos assuntos de Deus do que a sabedoria infinita do próprio Deus.

Mas havia outras circunstâncias previstas acerca de Cristo que, se alguma coisa poderia, deviam ter despertado a atenção dos judeus eruditos e posto esses estudiosos no encalço da descoberta da Divindade já chegada e que, dia após dia, cumpria as palavras dos profetas a seu respeito. Ele devia curar todas as doenças e todos os males; abrir os olhos aos cegos, os ouvidos aos surdos; restituir a força aos coxos e paralíticos; purificar os leprosos, expulsar demónios e ressuscitar os mortos. Ora, todos esses factos identificadores eles viam diariamente: as multidões acorriam a ele de todos os lados, e ele curava a todos. Ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, e por toda a parte o seu caminho era atravessado por todas as

formas de sofrimento e calamidade humanas; impunha as mãos, e as doenças fugiam; falava à distância, e os males desapareciam.

Um dos factos mais notáveis da história do nosso Salvador é a incredulidade invencível dos judeus. Mas ao apresentar esse facto de forma generalizada, cometemos grande injustiça a uma larga parte dos judeus. Foram os eruditos, os chamados sábios, os que mostraram incredulidade incurável; o povo, na sua maioria, acreditou — e beneficiou da sua fé. Tiveram os seus doentes curados, os seus surdos, cegos e coxos restaurados. Enquanto "o povo se enchia de assombro e louvava a Deus" pelos milagres que via, dizendo: "Nunca tal se viu em Israel", os escribas, fariseus e sumos-sacerdotes apenas se enchiam de escárnio e fúria.

"Porventura algum dos fariseus ou dos principais acreditou nele?" — era a sua pergunta. Longe de as provas razoáveis produzirem algum efeito de convicção naquelas almas cristalizadas, a acumulação das provas apenas as enfurecia ainda mais. Endureciam o coração contra elas, como o fez o Faraó. O seu orgulho era ferido, mas o coração não era tocado — exceto pela mágoa e pela raiva. Tornaram-se assassinos quando deviam ter-se tornado gratos. Quando viram, por fim, que não podiam negar os milagres de Cristo, os seus corações ainda assim recusaram crer, embora os seus entendimentos fossem forçados a reconhecer. E disseram: "Que faremos? Porque este homem faz muitos sinais. Se o deixarmos assim, todos crerão nele" (João 11:47–48).

A sua conclusão, depois de confessarem "Este homem faz muitos milagres", não foi "Pois bem, acreditemos nele" (como ditaria o bom senso), mas sim "Se o deixarmos, todos crerão nele" — e decidiram que, mesmo que todo o mundo viesse a crer nele, eles não o fariam. O mesmo evangelista diz noutro lugar: "Os principais sacerdotes e os escribas e os chefes do povo procuravam matá-lo"; mas no versículo seguinte acrescenta: "E não encontravam o modo de o fazer, porque todo o povo estava atento a ouvi-lo."

Este é um trecho profundamente instrutivo. Por que queriam os sacerdotes e escribas destruí-lo? Eram más as suas palavras? Não — eram, acima de todas as doutrinas, sábias, sublimes e boas. Realizava milagres autênticos e poderosos? Eles próprios o confessavam. E esses milagres eram da mais pura caridade e do mais elevado carácter filantrópico. Contrariavam os seus profetas? Não — confirmavam-nos. Então por que queriam matá-lo?

Apenas porque os seus ensinamentos destruíam as suas teorias — judiciais e morais. Tinham transformado o estudo da Lei mosaica num sistema de observâncias exteriores, pueris mas opressivas. As vidas, liberdades e conforto dos homens eram esmagados por costumes baseados numa

interpretação falsa da lei. O seu prestígio, como sábios e conhecedores da teologia, assentava inteiramente nesse sistema. Era a partir dele que julgavam e eram julgados pelo povo.

Ora, os ensinamentos de Cristo rasgavam esses véus de sofismas legais e restituíam ao homem a liberdade, que era a alma da própria Lei. Ao falar do sábado, afirmou que a Lei fora feita para o homem — e não o homem para a Lei. Reconhecia os direitos da humanidade; sentia e simpatizava com os anseios do grande coração humano e colocava o homem acima do sistema, que devia existir para o seu benefício, não para a sua escravização. Isso era vida para o povo, mas morte para os mestres carnais e egoístas.

Cristo rasgou as suas máscaras e fingimentos, a santidade simulada, o orgulho disfarçado de humildade, o egoísmo e a pretensão moldados à imagem da decência oficial. “Escribas e fariseus, hipócritas!” — bradou o grande Reformador com voz de trovão, numa denúncia mais terrível do que qualquer outra jamais pronunciada por um homem.

Nessa fala tremenda e abrasadora foi pronunciada a sentença de morte do farisaísmo, do escribismo e do sumo-sacerdócio. E nessas palavras ousadas, o grande Orador pronunciou também a sua própria condenação. Foi uma declaração de guerra até à morte, que não admitia reconciliação. Ou eles ou Ele tinham de morrer. Ou o sistema deles ou o dele teria de perecer. Tudo quanto possuíam na Terra — cargos, rendimentos, autoridade, respeito público, prestígio — estava em jogo. Depois daquele juízo implacável, eles teriam de cair, a menos que conseguissem derrubá-lo. E quanto ao Céu? Isso não fazia parte do seu sistema, dos seus corações, nem dos seus pensamentos. Se tivessem sido capazes de sacrificar todas as honras e bens terrenos pelas honras e bênçãos que Cristo lhes oferecia — a eles e ao mundo inteiro — a troca teria sido gloriosa. Mas eram “da terra, terrenos”; não tinham coração sobre o qual o Redentor pudesse acumular a eternidade das suas bênçãos.

Tinham de ir — e a sua única ideia era destruí-lo primeiro. Porque as suas doutrinas e obras eram para o bem da humanidade, por isso as odiavam, pois neles não havia bem algum. E Cristo sabia disso. Sabia da consequência das suas palavras e, num espírito divino de sacrifício pessoal, subiu a Jerusalém, dizendo aos discípulos pelo caminho que ia morrer às mãos dos homens para a salvação dos homens. “Vós sois do vosso pai, o diabo, que foi homicida desde o princípio” — disse ele. E os judeus eruditos apressaram-se a provar essa paternidade… matando-o. E fizeram-no.

Esta é uma história profundamente terrível. Nada, em todos os anais da humanidade, revela de forma tão clara a enormidade da profundidade e da extensão da perversidade do coração humano e a natureza endurecedora

do orgulho teórico. Não podia ser vencido; aquilo que devia abrandá-lo apenas o instigava ao homicídio. E estes têm sido, em todas as épocas, os efeitos da insolência intelectual. Nada é tão destruidor da liberdade do raciocínio. Tal como levou as classes instruídas dos judeus a rejeitar, leva as classes instruídas, especialmente as profissionais, ainda hoje, a descrer apesar da evidência.

A inteligência moderna continua, como então, a fechar o coração, mesmo quando o entendimento é aberto pela força esmagadora das provas. De facto, a nossa época encontra-se exatamente no mesmo estado espiritual que a época em que Cristo veio — uma é o reflexo exato da outra. As classes profissionais vivem a escarnecer da credulidade dos fracos e dos simples. “Este povo é maldito” — diziam os judeus doutos — e dizem os doutos ingleses. Mas quem são, em todas as épocas, os primeiros a aceitar a evidência? Os chamados crédulos. É facto que as mulheres estão sempre entre as primeiras a acolher novas ideias.

Estiveram entre as mais destacadas e devotas discípulas de Cristo. Nas refeições sociais, estavam lá — não para comer, mas para lavar os seus pés com lágrimas, enxugá-los com os cabelos, ungi-lo de antemão com os mais preciosos perfumes para o seu sepultamento. Estiveram na crucificação e na ressurreição. E hoje continuam a ser as primeiras a desafiar a opinião estabelecida e a confiar nas novas “ologias” e “ismos”. E raramente se enganam. Falam a partir do oráculo de um coração muito mais próximo do Céu do que o nosso, e aberto ao toque elétrico do Divino. Não se trata tanto de credulidade, mas de recetividade e sinceridade, que lhes dá vantagem sobre nós. Têm amor inato pelo verdadeiro, tanto quanto pelo novo; têm tato instintivo, e reconheceriam e confirmariam um pedaço de ouro, onde um erudito pedante hesitaria e duvidaria, quase contra os testes mais seguros, julgando tratar-se de simples pirite.

É aos chamados crédulos que o mundo deve a aceitação oportuna das bênçãos dos factos nascituros, sem ter de esperar até que os doutos os reconheçam sob a ferrugem dos séculos, quando gerações inteiras já perderam os seus benefícios. Em que nos poderiam compensar os eruditos, se tivéssemos acreditado neles — e não no povo — a respeito de Cristo? E nos nossos dias, se tivéssemos deixado passar ao lado a vacinação, o magnetismo, a frenologia, a homeopatia, o espiritualismo, o vapor, o telégrafo elétrico? Felizmente, o mundo nunca foi tão submisso ou tolo ao ponto de se sujeitar a esse martírio da ignorância douta, nem de pagar tão alto tributo pela tolice e brutalidade do pedantismo.

Passemos agora a considerar brevemente as diversas formas do espiritualismo no Novo Testamento.

O poder espiritual de Cristo, tal como o de Deus no Antigo Testamento, era exercido tanto sobre o espírito como sobre a matéria. O primeiro registo disso é a conversão da água em vinho, nas bodas de Caná (João 2:6). Este é quase o único milagre que parece ter sido realizado mais por cortesia do que por misericórdia direta. Mas o seguinte, segundo os evangelistas — e, de facto, o primeiro mencionado por dois deles — é a sua tentação no deserto pelo diabo.

De facto, houve milagres que precederam e acompanharam o nascimento de Cristo — como a anunciação por um anjo à sua mãe; a aparição do anjo a Zacarias no templo, anunciando o nascimento de seu filho, João Baptista; a privação da fala de Zacarias pela ação do anjo Gabriel até ao nascimento de João; os anjos que proclamaram o nascimento de Cristo aos pastores de Belém, entre outros.

Mas o primeiro grande milagre na vida de Cristo — à parte a transformação da água em vinho — é particularmente notável, pois foi realizado mais pelo diabo do que por Cristo, e constitui uma resposta direta ao Dr. Conyers Middleton, na sua *Free Enquiry*, a Mr. Farmer e a muitos bispos ingleses, que sustentaram que nenhum milagre pode ser realizado senão por Deus; que Deus não permite aos demónios realizar milagres, porque assim teriam o poder de enganar a humanidade e de propagar outro evangelho. Com base nesse argumento, negaram que os milagres realizados pelos magos do Egipto fossem verdadeiros, classificando-os como meras ilusões.

Tem sido frequentemente considerado que a melhor resposta a isso está nas palavras do próprio Cristo, ao dizer que depois dele viriam falsos profetas e falsos cristos, mostrando sinais e prodígios, para enganar, se possível, até os eleitos (Marcos 13:22).

Mas nem precisamos recorrer ao futuro ou a qualquer previsão: logo no início da vida pública de Cristo, vemos o próprio diabo realizar milagres extraordinários relacionados com a pessoa do Salvador. Assim que Cristo foi batizado por João, foi “levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo” (Mateus 4). Marcos acrescenta que foi “impelido pelo Espírito” — literalmente, o Espírito “expulsou-o” (ἐκβάλλει) para o deserto. Esta tentação foi, portanto, por designação divina direta — um passo necessário no processo da vida do Salvador, que tinha de ser provado em tudo, como nós, a quem veio representar e salvar.

Sendo assim um ato ordenado por Deus na vida do nosso grande Exemplo e Guia, segue-se logicamente que constitui também uma regra fixada na vida de cada um de nós. Após recebermos o primeiro batismo do Espírito, ao tomarmos consciência da vida espiritual e do nosso destino e responsabilidades espirituais, somos de imediato expostos, por essa

mesma condição, aos ataques dos demónios. Iniciamo-nos no mundo espiritual e tornamo-nos vulneráveis à influência tanto de espíritos bons como maus.

Isto deve ser devidamente recordado, pois nenhum argumento é tão frequentemente usado contra o espiritualismo como o de que este abre a porta a espíritos malignos e nocivos. Sem dúvida que sim — mas, se há verdade e ensino neste episódio da vida de Cristo, o próprio facto é uma chancela da sua origem divina. O cristão, seja ele assumidamente espiritualista ou não, se for verdadeiramente cristão, não está isento das visitas e tentações de Satanás. Pelo contrário: é precisamente por sê-lo que atrai o tentador, pois este, segundo determinação de Deus, há de prová-lo — para que se veja se é ou não um verdadeiro soldado de Cristo.

Os demónios são, na verdade, a polícia de Deus. E podemos estar certos de que o diabo exercerá contra nós poderes milagrosos — poderes dos quais só o Espírito Divino nos pode proteger ou amparar. Se o diabo teve a audácia de se apresentar diante do Deus encarnado e de o tentar pelo seu lado humano, podemos estar certos de que não poupará nenhum de nós. Esta permanência no deserto, durante os típicos quarenta dias de tentação, é o noviciado do cristão que inicia a sua campanha espiritual, e Cristo é o seu exemplo até à vitória. Cristo esteve ali quarenta dias entre feras; e qualquer cristão — espiritualista ou não — encontrará, desde o princípio, naturezas selvagens e bestiais a rodeá-lo. Mas lembre-se: os anjos também o servirão.

Todo espiritualista deve recordar-se de que espíritos bestiais, demónios, espíritos tolos, vazios e terrenos infestam as sessões, dizendo mentiras e frivolidades — perturbando a escrita, os desenhos, os sonhos — durante um tempo, até ao ponto de quase o levar a renunciar à comunicação espiritual. E muitos o teriam feito, ou teriam sucumbido à convivência com espíritos vis, mentirosos e anticristãos, se os anjos, e o Deus dos anjos, não tivessem vindo em seu auxílio — tal como vieram em auxílio de Cristo, até que o diabo se afastasse dele por algum tempo (Lucas 4:13).

O diabo então mostrou a sua impressionante força a Cristo: “Levou-o a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles” (Mateus 4:8). Lucas acrescenta: “num instante”. Este é um milagre do mais alto grau em termos de poder exercido — embora inferior aos de Cristo, por carecer do carácter benéfico, atributo que o diabo não possui. Esse monte não era natural — pois não existe, nem perto de Jerusalém nem em qualquer parte do mundo, um monte de onde se vejam todos os reinos da terra, muito menos “num instante”. Era um monte espiritual, e todo o milagre deu-se no espírito.

Só o espiritualismo moderno pode tornar inteligíveis tais afirmações. Com o que hoje sabemos, podemos acreditar plenamente nesse relato. Quanto à extraordinária rapidez com que ocorrem os fenómenos espirituais, os inúmeros casos de aparições que surgem no momento da morte, frequentemente do outro lado do globo, tornam essa celeridade compreensível; e as pinturas em aguarela feitas por espíritos, na presença de Mr. Coleman, nos EUA, em dez ou doze segundos, reforçam essa noção.

Depois, o diabo levou Cristo a Jerusalém e colocou-o sobre o pináculo do templo. Em ambos os casos, é o diabo quem exerce o poder demonstrativo; é Cristo quem exerce a resistência. Cristo triunfa — e então vêm os anjos para o servir. Vale a pena que os opositores do espiritualismo meditem um pouco neste episódio extraordinário da vida divina na terra. Por que acusam os espiritualistas de se relacionarem com demónios, mesmo quando evitam cuidadosamente tal contacto?

O nosso Salvador esteve quarenta dias no deserto na companhia do diabo; foi levado por mãos demoníacas a um monte e ao pináculo do templo — factos que bastariam para arruinar a reputação de todo o espiritualismo. Mas só são culpáveis os que voluntariamente se associam com demónios e praticam feitiçaria; os demónios estarão entre nós, quer os vejamos quer não. O verdadeiro espiritualista afugentá-los-á pela oração e pela fé na cruz, porque ele é — e deve ser — ao mesmo tempo, um verdadeiro cristão. Esse poder de expulsar espíritos malignos foi precisamente a ação seguinte de Cristo. Tendo vencido o líder, saiu para derrotar as legiões.

No mesmo capítulo de Lucas, encontramos Cristo a expulsar um espírito imundo, que clamava em alta voz e declarava conhecê-lo como “o Santo de Deus” (versículos 33–34). Com poder e autoridade — diz o texto — ele ordenou ao espírito impuro, e este saiu. A filosofia moderna tem tentado reduzir estes espíritos a meras doenças — epilepsia, loucura, ou outros males; mas o texto claro e inflexível do Evangelho não pode ser assim manipulado. Eles são declarados como sendo, de facto, demónios que haviam tomado posse destas pessoas. Seria tão absurdo chamar-lhes doenças como chamar água ao ar, ou terra à água — ainda que, por vezes, se manifestassem sob a forma de doenças.

Ao longo de toda a Bíblia, os espíritos malignos são descritos como entrando em pessoas; e todo o Oriente, desde sempre, partilha com os judeus essa crença. Saul foi dito estar possuído por um espírito mau enviado por Deus (1 Samuel 16:15). Os profetas falam de Deus enviando espíritos malignos e mentirosos aos falsos profetas. Em 1 Reis 22:19–23 e em 2 Crónicas 18:18, temos um exemplo notável disso. Quando Josafá, rei

de Judá, se preparava para se juntar a Acab numa guerra contra a Síria, e duvidava dos profetas, foi buscar Micaías, o profeta, à prisão.

E este disse: “Vi o Senhor sentado no seu trono, e todo o exército do céu estava à sua direita e à sua esquerda. E o Senhor disse: ‘Quem enganará Acab, rei de Israel, para que suba e caia em Ramote de Gileade?’ Uns diziam de uma maneira, outros de outra. Então saiu um espírito, apresentou-se diante do Senhor e disse: ‘Eu o enganarei.’ E o Senhor perguntou: ‘Com quê?’ E ele disse: ‘Sairei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas.’ E o Senhor disse: ‘Tu o enganarás, e prevalecerás; vai e faze-o.’ Agora, eis que o Senhor pôs um espírito mentiroso na boca de todos os teus profetas.”

Isto é conclusivo quanto ao assunto, e explica-nos por que somos ensinados por Cristo a orar: “Não nos deixes cair em tentação.” A maneira como os espíritos são descritos é inequívoca. Cristo nunca os confunde com doenças: cura estas como doenças — lepra, paralisia, cegueira, surdez, mudez, febres, etc. —, mas dirige-se aos demónios como demónios, e eles respondem como tais. A legião de demónios suplica para não ser enviada ao abismo, mas sim para entrar nos porcos — e assim foi feito, e foi descrito o efeito. Os comentadores modernos dizem que Cristo se adaptou à linguagem da época; mas pergunta-se, com razão: “Aquele que veio dar testemunho da verdade acomodou-se a uma mentira? Foi a doença dos gadarenos que lançou os porcos ao mar?”

Alguns demónios causavam doenças; pareciam estabelecer-se nelas como num lar adequado à sua impureza. Fala-se de um demónio mudo, que, ao ser expulso, fez o mudo falar; e de uma mulher com um espírito de enfermidade havia dezoito anos que, ao ser liberta, se endireitou imediatamente. Cristo não deixou margem para dúvidas de que era um espírito, e não apenas uma doença — pois declarou: “Satanás a prendeu” (Lucas 13:16). A terrível perversão de mente e coração causada pela adesão judaica à letra da Lei, que mata, foi demonstrada de forma chocante pela indignação do chefe da sinagoga ao ver o Salvador realizar tal milagre de misericórdia num sábado.

De facto, há seis dias em que os homens devem trabalhar; nesses, portanto, vinde e sede curados — e não no sábado.” Para aquele chefe da sinagoga, o provérbio “melhor dia, melhor ação” não era um axioma aceite. A observância formal do sábado era para ele mais preciosa do que o bem-estar dos seus semelhantes. Que privilégio inefável é sabermos que não seremos julgados por homens de sistemas, nem por ortodoxias, mas por Deus!

Todas estas afirmações sobre possessão e exorcismo nos Evangelhos são tão claras, tão diretas e tratadas com tal solenidade por Cristo e pelos evangelistas, que nenhum processo racionalista poderá jamais reduzi-las a outra coisa. Em todo o Oriente, a crença na possessão demoníaca foi sempre ininterrupta e universal. O Rev. Dr. Wolff, que trabalhou durante anos na Ásia, afirma nas suas *Memórias e Viagens* que a possessão continua comum no Oriente até hoje, e apresenta casos que presenciou pessoalmente. Todas as Igrejas, mesmo a Igreja Protestante dita "negativa", reconheceram o facto como certo.

E, na verdade, terá a possessão demoníaca desaparecido dos nossos dias? Que são, senão casos de possessão, nove em cada dez — ou talvez dez em cada dez — dos casos de loucura? Que outra teoria, senão a da influência de espíritos desordeiros, pode explicar a maioria das perturbações mentais? É notório que os médicos não encontram outra explicação racional. Já há muitos anos, o Dr. Garth Wilkinson, num opúsculo sobre este tema, apelou aos médicos para que reconhecessem no espiritualismo o verdadeiro e único remédio para esse grande, doloroso e crescente mal.

Antes de encerrar esta parte do tema, chamo a atenção para a prática extraordinária da Igreja Anglicana no que toca ao exorcismo. Pelo 72.º cânone da Igreja de Inglaterra, todos os seus ministros são proibidos, sem licença escrita e selada do bispo da diocese, de tentarem, sob qualquer pretexto, expulsar um ou mais demónios por meio de jejum e oração, sob pena de serem acusados de impostura ou destituídos do ministério. Que queda em relação à prática de Cristo!

No Evangelho segundo São Marcos (9:38–39), lemos: "E João lhe respondeu, dizendo: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava demónios, o qual não nos segue, e nós lho proibimos, porque não nos seguia. Mas Jesus disse: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa, logo a seguir, falar mal de mim. Porque quem não é contra nós, é por nós."

A Igreja de Inglaterra desafiou claramente esta injunção do Salvador. Que procedimento extraordinário para uma Igreja que afirma ser transmissora do Espírito Santo, mas que não permite que este opere através do ministro sem licença episcopal! Por que suporíamos que o Espírito Santo seria mais sábio ou prudente no bispo do que no ministro? Se o ministro possui o Espírito, tem nele um guia superior a qualquer bispo.

E se a Igreja duvida que o ministro realmente tenha o Espírito, com que base pode afirmar que o bispo o tem? É profundamente lamentável que uma Igreja tão grande e influente — que produziu homens verdadeiramente

nobres e evangélicos — permita que os seus ministros estejam sujeitos a tão indigno vínculo de prudência mundana; a uma política tão contrária à de Cristo, que não só enviou os seus apóstolos a expulsar demónios onde quer que os encontrassem, como também proibiu que se impedisse qualquer um que o fizesse — mesmo sem licença episcopal, ou sequer sua própria.

Declarou claramente que quem com ele trabalha, não é contra ele. A Igreja de Cristo é uma igreja de sábia liberdade; mas é desgraça das igrejas nacionais sujeitarem-se a cânones e proibições deste tipo, esquecendo que a Igreja de Cristo está em comunhão imediata e perpétua com a sua Cabeça, através de todos os seus membros, e não deve ser acorrentada pela estéril servidão das “doutrinas e tradições dos homens”.

Este ramo do sobrenatural do Novo Testamento apresenta ainda várias características que identificam com ele o espiritualismo moderno. O facto de os judeus se verem forçados a admitir a realidade da expulsão de demónios por parte de Cristo, e de então alegarem que Ele os expulsava por Beelzebu, o príncipe dos demónios, tem paralelo direto na atitude dos opositores do espiritualismo moderno. No instante em que se veem refutados na teoria da impostura ou da ilusão, atribuem os fenómenos do espiritualismo ao diabo. Nenhum o faz com tanta prontidão quanto os católicos romanos modernos — que, paradoxalmente, sempre creram em milagres.

Outro tema é o das aparições. Em nenhuma forma o sobrenatural se manifestou, em todos os tempos e lugares, tão frequentemente quanto por aparições. Quase todas as famílias têm a sua história bem documentada de uma aparição. Estas são igualmente atestadas pelo Novo Testamento e pelos espiritualistas atuais. Que os judeus estavam familiarizados com a teoria e a realidade das aparições vê-se pela exclamação dos discípulos, quando viram Jesus a andar sobre o mar durante a quarta vigília da noite (Mateus 14:25–26; Marcos 6:49). Em ambas as passagens, os nossos tradutores escreveram: “pensaram que era um espírito”; mas a palavra usada não é *pneuma* (espírito), mas *phantasma* (espectro).

No capítulo 27 de São Mateus, lemos que, após a crucificação de Cristo, “abriram-se os sepulcros, e muitos corpos dos santos que dormiam ressuscitaram. E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa e apareceram a muitos” (vv. 52–53). É difícil conciliar esta passagem com as palavras de Cristo, que representa os mortos como vivos, e com as de Paulo, que afirma que David, embora vivo, ainda não subiu ao céu — referindo-se claramente a um estado intermédio. Só podemos então imaginar que esses corpos foram animados por espíritos e eram aparições, sinal de que as almas dos justos aparecerão com corpos

espiritualizados como aquele que Cristo claramente possuía após a ressurreição — corpo esse que atravessava portas fechadas, aparecia e desaparecia à vontade.

Os corpos de Enoque, Elias e Cristo parecem ter sido espiritualizados; pois de outro modo não poderiam subir ao céu, nem entrar no Céu, que — como o próprio Cristo afirma — carne e sangue não podem herdar. E, no entanto, o corpo de Cristo era palpável: Ele mandou Tomé tocar nas feridas nas suas mãos e no seu lado. Isto esclarece o facto de que, em sessões modernas, espíritos não só se manifestam visivelmente, como fazem com que as suas mãos pareçam sólidas e quentes ao toque, como as de um humano vivo.

Quando Pedro foi libertado milagrosamente da prisão e bateu à porta da casa de Maria, mãe de Marcos, onde muitos discípulos oravam por ele, e a criada anunciou que Pedro estava ali, eles exclamaram: “É o seu anjo.” Provavelmente pensaram que ele tinha sido morto, e que aquela era a sua aparição.

As aparições de anjos, como mensageiros divinos — distintos dos espíritos dos mortos —, são relatadas no Novo como no Antigo Testamento. Anjos anunciaram os nascimentos de Cristo e João Baptista; serviram a Cristo na tentação e na agonia do Getsémani; libertaram duas vezes os Apóstolos da prisão, soltaram-lhes as correntes, e abriram as portas da prisão em Filipos quando Paulo e Silas estavam presos, etc.

Em todos os tempos e países, a feitiçaria, ou o comércio com espíritos malignos, tem sido afirmada. A filosofia moderna, que se move apenas à superfície da natureza humana e de todas as coisas, despreza o tema com um esgar de desprezo — considerando que o escárnio é um remédio homeopático para todas as superstições. Mas a experiência moderna confirma perfeitamente a da Antiguidade, de todo o Oriente e de todas as épocas.

A feitiçaria é o lado maligno da grande realidade do espiritualismo. Assim como a encontramos no Antigo Testamento, também a vemos no Novo. Nos *Atos dos Apóstolos* há vários casos. Simão, o mago da Samaria, tinha usado feitiçaria e iludido o povo; ao ver os poderes sobrenaturais do Cristianismo, quis comprá-los (cap. 8). Havia Elimas, o mago de Pafos, a quem Paulo chamou “filho do diabo” e feriu de cegueira. Havia os sete filhos de Ceva, em Éfeso, que tentaram expulsar demónios usando o nome de Jesus, mas um deles disse: “A Jesus conheço, e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois?” E o possesso lançou-se sobre eles, venceu-os e fê-los fugir nus e feridos (cap. 19). Em Filipos, Paulo e Silas libertaram uma

jovem possuída por “espírito de adivinhação”, que dava grande lucro aos seus senhores por meio de vaticínios.

Na sua primeira epístola, João adverte que havia tanto espíritos bons como maus a operar, e que estes últimos inevitavelmente levariam à feitiçaria; exortando: “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus.” Um princípio tão seguro hoje como era então. Quem quiser comprovar a disseminação da feitiçaria no Oriente, nada tem de fazer senão consultar Wolff e quase todos os viajantes por aquelas terras.

E aqui devo cumprir a promessa feita na minha análise do espiritualismo do Antigo Testamento: demonstrar que Cristo violou a lei de Moisés relativamente à consulta dos mortos — pelo menos no que toca a espíritos bons. E fê-lo de modo enfático. Que o leitor repare especialmente nisto, pois é o caso mais extraordinário da história sagrada, e sem dúvida foi planeado pelo próprio Salvador para demonstrar a revogação expressa da lei mosaica sobre os mortos.

Cristo ab-rogou essa lei ao procurar Ele mesmo o espírito de Moisés — o próprio legislador dessa proibição — e conduzir os seus discípulos a fazer o mesmo. Levou Pedro, Tiago e João ao monte da Transfiguração e apresentou-lhes Moisés e Elias. Quanto a Elias, não nos detenhamos, pois tendo sido trasladado, poderá não ser considerado “espírito de um morto”; mas Moisés, sabemos, morreu no monte Nebo, e o Senhor o sepultou ali, num vale. Ainda assim, Cristo foi buscar esse espírito — como se o caso tivesse sido premeditadamente literal.

Ele poderia ter ordenado que Moisés aparecesse diante Dele no seu próprio aposento; mas não, como a lei contra consultar os mortos estava prestes a ser abolida, Ele foi até ao espírito do grande morto — Moisés, o próprio homem que proibira tal ato pela lei em questão — e, ali no monte, violou a lei perante o seu rosto; e, pelo seu exemplo, ensinou aos seus discípulos, os futuros proclamadores da sua nova lei ao mundo, a fazer o mesmo. Deve-se confessar que não existe, em nenhuma história, sagrada ou profana, uma revogação de uma lei tão completa, direta e marcante.

O Senhor da vida, que estava prestes a tornar-se o Príncipe dos espíritos dos mortos, quebrou a lei que proibia o contacto com os espíritos dos mortos, e não noutra presença senão na do promulgador dessa lei, que há muito era um espírito dos mortos, e ao mesmo tempo na presença daqueles que Cristo escolheu para ensinar este grande ato à posteridade. E os discípulos, admitidos a uma reunião que teria trazido a pena de morte sobre os seus antepassados, acharam-na tão boa que quiseram construir tendas e permanecer com esses ilustres mortos. Cabe-nos a nós encarar este facto

de frente e confessar, com verdadeiro espírito viril e cristão, que isto é uma pedra de testemunho enraizada no terreno eterno do evangelho.

Os maiores milagres de Cristo, talvez, foram a sua restauração dos mortos à vida. Mesmo aqueles que, como o Conde de Gasparin, tentam reduzir todos os fenómenos miraculosos à operação de certas leis físicas, embora subtis, declaram que estes são atos de Deus, e só de Deus, verdadeiros milagres. No entanto, como vimos no Antigo Testamento, os profetas também exerceram a mesma energia divina delegada em vários casos. Jesus exerceu-a em três: o do filho da viúva de Naim (Lucas vii, 11-16), no qual o povo, temeroso e admirado, declarou que um grande profeta se levantara e que Deus visitara o seu povo — uma expressão significativa, referindo-se à longa cessação, antes de Cristo, de milagres e do poder profético, essa carência da Palavra de que falámos, e que tinha sido há muito prevista.

O seguinte foi a ressurreição da filha de Jairo (Lucas viii, 49; Marcos v, 41); e o terceiro, a ressurreição de Lázaro. Se o caso de Lázaro tivesse ocorrido em Inglaterra, podemos afirmar com segurança que teria sido representado pelos racionalistas como mera combinação entre Lázaro, as suas irmãs e Jesus. Diriam que Lázaro foi colocado no túmulo vivo; as irmãs forneceram-lhe alimento, e Cristo chegou para completar o milagre fictício.

Os judeus nunca chegaram a esse estado de incrédula esperteza. Sabiam demasiado bem o modo de sepultura no seu país, o lenço envolto na cabeça, que podia impedir completamente a respiração, e o carácter público das cerimónias fúnebres, para negar o milagre, e os seus descendentes ainda hoje mantêm essa crença, como irei demonstrar.

O poder de ressuscitar os mortos, em comum com os outros poderes miraculosos, foi confiado aos seus discípulos por Cristo, e exercido por eles nos casos de Tabita (Dorcas) por Pedro (Atos ix, 41) e do jovem que morreu ao cair de uma janela do terceiro andar, por Paulo (Atos xx, 10-12). Este poder de ressuscitar os mortos foi reivindicado pela Igreja primitiva até ao século III, pelo menos; pois Ireneu afirma expressamente:

"Os mortos foram ressuscitados e viveram muitos anos entre nós"; e a Igreja Católica Romana ainda reclama este poder como residindo na Igreja, e apresenta vários exemplos do seu exercício nas vidas dos seus santos. São Domingos é declarado como tendo ressuscitado o Senhor Napoleão, morto por uma queda do cavalo; como tendo ressuscitado uma criança; São Francisco é dito ter ressuscitado várias pessoas; São Malaquias, ter ressuscitado uma senhora. Cito estes casos apenas para mostrar quanto tempo um grande ramo da Igreja cristã manteve esta fé.

Talvez logo a seguir à ressurreição dos mortos esteja o milagre de alimentar multidões com alguns pães e peixes, e ainda assim restarem numerosos cestos de fragmentos. Talvez estes milagres, registados como tendo ocorrido duas vezes pelas mãos de Cristo, sejam tão grandes como ressuscitar mortos, pois são atos de criação absoluta.

Há uma classe de fenómenos no Novo Testamento, assim como no Antigo, que reapareceram em fenómenos espirituais modernos, embora em grau proporcional ao carácter muito menos espiritual e cristão da época — aqueles em que corpos materiais foram levantados do chão em aparente desafio à lei da gravidade específica.

Tal foi o facto de Cristo andar sobre as águas (Mateus xiv, etc.), em que, embora não tenha sido elevado no ar, foi sustentado à superfície de um fluido, em oposição direta às propriedades normais da natureza. A sua ascensão ao céu no seu corpo, que, no entanto, sem dúvida, sofreu uma grande e gloriosa transformação; e a pessoa de Filipe, que foi arrebatado após batizar o eunuco etíope no caminho de Gaza para Azoto; pois é-nos dito que o Espírito do Senhor o arrebatou, e ele foi encontrado junto de Azoto (Atos viii, 39-40).

Por muito inferiores que sejam em grau, comparados com estes grandes milagres, os modernos de mesas, cadeiras e outros corpos materiais a serem levantados no ar, e pessoas vivas a serem transportadas pelo ar sobre tais objetos, ou a flutuar sozinhas, como foi testemunhado tanto neste país como na América por diversas pessoas ainda vivas, ainda assim suscitaram uma tempestade de negação, ridículo e escárnio entre os chamados filosóficos, contrários a toda a crença, porque se diz que violam as leis fixas do universo.

Aqueles que negam estes prodígios modernos devem, no seu íntimo, negar o relato de coisas semelhantes mas maiores na Bíblia, e o Rev. Sr. Beecher lembrou-lhes que tais negações varrem completamente os registos sagrados. Para aqueles, no entanto, que viram e portanto acreditam nestes casos modernos, a crença nos milagres da Bíblia torna-se natural, e assim o cristianismo recebe uma nova confirmação; e uma, entre muitas respostas, é dada à questão: cui bono?

Aqui, de novo, o católico romano recorda-nos até onde o protestantismo regrediu na fé vital desde a sua separação daquela Igreja. O catolicismo sempre manteve a continuação deste poder milagroso. Seria fácil citar, das vidas dos seus santos, numerosos casos em que, durante as suas devoções, foram levantados do chão; entre eles estão Domingos e Inácio de Loyola. Várias das santas, como Santa Teresa.

Os católicos dizem que tais casos ainda ocorrem, não raramente. Uma senhora de reputação literária dessa Igreja afirma ser frequentemente levantada do chão durante as suas orações; e conhecemos uma jovem protestante que deixou de frequentar certa igreja por se sentir repetidamente levantada, receando tornar-se um espetáculo.

Há muitos incidentes e expressões no Novo Testamento sobre os quais os fenómenos modernos lançam uma luz nova e curiosa. As pancadas dos espíritos têm sido alvo de excessivo ridículo entre os chamados espirituosos desta época, sem considerar o facto de que a Majestade do céu deitada numa manjedoura na Terra é, para uma mente puramente natural, uma ideia infinitamente mais ridícula. Mas Cristo, o Príncipe dos espíritos, usa esta expressão repetidamente, de que estará à porta e baterá.

Adverte os seus seguidores para estarem atentos a tais batidas, dizendo-lhes que certamente virão, e numa hora em que não esperam. "Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas lâmpadas; e sede semelhantes a homens que esperam pelo seu senhor quando ele há de voltar do casamento, para que, quando vier e bater, lhes abram imediatamente. Bem-aventurados aqueles servos a quem o senhor, quando vier, encontrar vigilantes", etc. Pode parecer quase irreverente para muitos mencionar o nosso Salvador em ligação com pancadas de espíritos; mas Ele diz-nos claramente que não só virá e baterá, mas, no Apocalipse, que está a bater; e aqui acrescenta que não só baterá, mas cingir-se-á e fará os seus discípulos sentarem-se à mesa, e os servirá como um servo (Lucas xii, 35-37).

Ele não é demasiado humilde para bater e ficar a bater, mas agirá como servo dos seus seguidores mais humildes. Diz-nos não só que baterá, mas que devemos bater, e que nos será aberto. Promete ainda mais: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo. Ao que vencer, conceder-lhe-ei que se sente comigo no meu trono, assim como eu venci, e me sentei com meu Pai no seu trono" (Apocalipse iii, 20-21). Ora, se Cristo não se envergonha de bater à porta dos nossos corações, de entrar quando a abrimos e servir-nos à mesa, será condescendente para os seus espíritos ministrantes baterem nas nossas paredes, portas ou mesas, bem como nos nossos corações, para nos despertar do letárgico transe do materialismo?

Se bater aos nossos corações e consciências não resultar, será de todo improvável ou ridículo que prossigam a bater de modo ainda mais insistente e palpável em substâncias materiais, como único meio de atingir os nossos sentidos adormecidos e materializados? Ao fazê-lo, apenas imitam o seu Divino Mestre, e num capítulo futuro referir-me-ei a muitas ocasiões em que

fizeram isto a eminentes servos de Deus. Mas que o leitor esteja certo de uma coisa: se bons espíritos batem, maus espíritos também virão e baterão, e já o fizeram suficientemente. Que todos estejam atentos; é nesta altura que se deve provar os espíritos, para ver se são de Deus ou não.

Por isso Cristo diz que a sua segunda vinda será "como um laço" e "como um ladrão de noite." É porque o mal inevitavelmente seguirá o bem e procurará impedi-lo. Por isso, nas palavras citadas, Cristo diz que recompensa os que vencem, como Ele venceu. Vimos o seu combate com o diabo e a sua vitória; e se nada tivéssemos a vencer, Cristo não precisaria ter descido para nos salvar. Se nada tivéssemos a vencer, não haveria "cruz, nem coroa." Mas temos de vencer exatamente o que Cristo venceu, nem mais, nem menos. São Paulo (Efésios vi, 12) diz-nos claramente que "não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, contra as potestades, contra os dominadores das trevas deste mundo, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais."

Outra classe de fenómenos, de anos recentes, na Igreja Católica, são os estigmas exibidos na presença dos chamados extáticos. O Lorde Shrewsbury escreveu um volume do seu conhecimento pessoal de tais extáticos, que tinham todas as marcas dos pregos nas mãos e pés, a ferida no lado e a coroa de espinhos do nosso Salvador. A célebre Catarina Emmerich, freira da Vestefália, há poucos anos causou uma grande sensação nos círculos literários da Alemanha. Entre os que manifestaram vivo interesse neste caso estavam Windischmann, Kauné e o Conde Stolberg.

Foi submetida a exames rigorosos e repetidos por Garnier, o diretor de polícia, e pelos principais médicos. Todos eles declararam as suas marcas e feridas sobrenaturais, e os médicos afirmaram que tais feridas não podiam ser feitas e mantidas abertas por arte sem ficarem inflamadas, o que não estavam de modo algum. O Dr. Wolff, íntimo do Conde Stolberg, residente na sua família, chama aqui a nossa atenção para as palavras de São Paulo, dando claramente a entender que ele próprio tinha as mesmas marcas do Senhor. "Daqui em diante ninguém me moleste, porque trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus" (Gálatas vi, 17).

Os comentadores geralmente supuseram que estas marcas significavam as marcas das flagelações que ele tinha recebido, mas essas eram antes as marcas dos perseguidores de Cristo; e em 2 Coríntios iv, 10, ele diz-nos que são as marcas da morte do Senhor Jesus: "Trazendo sempre no corpo o morrer de Jesus." Uma descrição sumamente expressiva e exata dos estigmas.

Enquanto falamos de testemunhos na carne, vale a pena notar quão violentamente Cristo contrariou os mais religiosos preconceitos dos judeus, que se tinham fixado tão completamente em formas e num espírito exotérico. Ele chocava continuamente as suas ideias sobre a santidade do sábado, porque tinham perdido por completo a verdadeira filosofia do sábado, que é simultaneamente para a honra de Deus e para o bem do homem.

Ele curou num sábado, o que os judeus consideravam trabalho; vagueou com os seus discípulos pelas montanhas e campos nesse dia, e até lhes permitiu colher e comer do milho do vizinho. Mas, muito para além disto, disse-lhes que tinham de comer a sua carne e beber o seu sangue. De facto, que a menos que o fizessem, não teriam vida em si próprios. "Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós" (João vi, 53). E, pelo contrário, que aqueles que comessem a sua carne e bebessem o seu sangue, Ele os ressuscitaria no último dia (vers. 54). Ora, de todas as coisas, a lei de Moisés proibira-lhes comer sangue. Tal como consultar os mortos, isso era punido com a morte. Deus declarou que rejeitaria qualquer alma que comesse sangue (Levítico xvii, 10-13).

O sangue deveria ser oferecido no altar, como expiação pelo pecado. "É o sangue que faz expiação pela alma" (vers. 11). Podemos imaginar quão horrível teria sido este mandamento, em completa oposição à lei de Moisés, de comer sangue. Não eram espirituais o suficiente para o compreender. Não se lembraram de que o Messias deveria abolir a lei cerimonial; e diz-nos que, depois disto, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e já não andaram mais com Ele (vers. 66).

Este é precisamente o processo até aos dias de hoje sempre que uma nova verdade é anunciada. Derruba todas as ideias feitas dos homens superficiais; ficam espantados, e, se não gritam canibalismo (como, provavelmente, os judeus fizeram), gritam loucura e absurdo. Para estes, novas verdades serão sempre absurdidades.

E aqui devemos observar como os opositores daquela época eram exatamente os protótipos dos opositores de hoje. Como reagiram e se contorceram do mesmo modo. Quando Cristo alimentou as multidões (cinco mil de cada vez) com cinco pães e dois peixinhos, e ainda sobraram doze cestos de pedaços, os que comeram não consideraram aquilo um milagre, mas imediatamente perguntaram a Jesus: "Que sinal mostras tu para que creiamos em ti? Que fazes tu?" (João vi, 30; Marcos viii, 11; Mateus xvi, 1).

Quando João Batista veio sem comer pão nem beber vinho, disseram que tinha um demónio; quando Cristo veio fazendo ambas as coisas,

chamaram-lhe comilão e beberrão. Este tipo de pessoas encontrará sempre a nova verdade errada. Como os opositores ao Espiritualismo de hoje, não conseguiam ver, nem ouvir, nem compreender os milagres que então eram realizados; e isso aconteceu-lhes, diz-se expressamente, porque "endureceram o seu coração" (Mateus xiii, 15).

Tinham os ouvidos pesados e os olhos fechados a tudo o que era espiritual; por isso, foi decretado, e há muito anunciado pelos profetas, que "ouvindo ouvireis, e não entendereis, e vendo vereis, mas não percebereis" (vers. 14). Esta é precisamente a condição de muitos nos dias de hoje, e especialmente dos "escribas", que, enquanto milhões veem, andam a vangloriar-se de que não conseguem ver. Como se fosse um grande mérito ser cego; orgulhando-se das suas lamentáveis deficiências, e rindo-se de pessoas muito melhor dotadas.

Os cegos e surdos de hoje acham que os que veem e ouvem são loucos. Era o mesmo então. Quando o profeta foi ter com Jeú para anunciar a sua ascensão ao trono, os seus alegres companheiros à mesa disseram: "O que quer este louco contigo?" Os amigos e familiares de Cristo, quando Ele começou a afirmar a sua messianidade, saíram para o prender, pois diziam: "Ele está fora de si" (Marcos iii, 21). Os judeus, quando o Espírito Santo desceu sobre os discípulos no Pentecostes, pensaram que estavam bêbedos de vinho novo; e Festo, quando Paulo lhe pregou a nova religião, declarou-o louco. É um facto notável que Paulo não tentou fazer milagres em Atenas, conhecendo a extrema erudição dos atenienses, e sabendo que não veriam o milagre mais evidente, "embora em tudo os achasse excessivamente supersticiosos."

Alguns judeus, compelidos a acreditar nos milagres de Cristo, atribuíram-nos imediatamente à mesma agência que se faz agora — ao diabo. Os modos vulgares de esquivar são os mesmos em todas as épocas. É uma bela cena aquela em que o homem cego de nascença vê os seus olhos abertos, e os judeus doutos não querem acreditar. Embora ele lhes tenha contado toda a história, e tivessem chamado o testemunho dos que o conheciam desde nascença, começaram novamente a perguntar-lhe como tinha sido feito.

Mas o valente homem exclamou: "Já vos disse, e não ouvistes; porque quereis ouvir de novo? Quereis, porventura, tornar-vos seus discípulos?" Com isto insultaram-no, dizendo que conheciam Moisés, mas quanto a este, não sabiam de onde era. Ao que o homem respondeu de forma arrasadora: "Nisto, pois, está a maravilha: não sabeis de onde ele é, e contudo me abriu os olhos! Ora, sabemos que Deus não ouve pecadores; mas, se alguém é temente a Deus e faz a sua vontade, a esse ouve" (João ix, 27-31). Alguém

duvida por um momento de qual destas partes tinha os olhos e os sentidos mais abertos? Ou qual era mais capaz de receber e dar testemunho de um milagre?

O poder de operar milagres foi conferido por Cristo, como herança eterna, à sua Igreja. Disse aos seus discípulos que lhes dava poder contra os espíritos impuros para os expulsarem, e para curarem toda a enfermidade e todo o mal (Mateus x, 1). O clero tem-se esforçado por provar que este poder foi apenas dado aos Apóstolos; mas pouco depois Jesus enviou setenta discípulos com os mesmos plenos poderes (Lucas x, 19). Que estas promessas eram para todos os que cressem n'Ele em todas as épocas, é claríssimo pela declaração de Cristo (João xiv, 12): "Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para o meu Pai."

Isto é dito genericamente de qualquer um que acredita, e o nosso Salvador torna-o ainda mais claro em Marcos xvi, 17-18: "E estes sinais seguirão aos que crerem: em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes, e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; imporão as mãos sobre os enfermos, e eles ficarão curados." Estes são privilégios concedidos a todos os homens que têm plena fé em Cristo, até ao fim dos tempos; pois Ele diz: "Eis que estou convosco todos os dias, até à consumação do século" (Mateus xxviii, 20). Se estas coisas não são verdade, o cristianismo não é verdade; se ele e elas são verdade, a culpa é nossa; não temos fé vital verdadeira, somos apenas cristãos pela metade. Novas línguas foram imediatamente faladas; foram faladas, como vemos nas Epístolas de Paulo, largamente na Igreja.

Têm sido faladas em tempos modernos pelos seguidores de Irving, pela Vidente de Prevost, escritas por ela e por muitos outros, como vi num caso de uma pessoa na Índia. Paulo confirmou a promessa relativa às serpentes venenosas em Malta. Os poderes de cura e exorcismo foram amplamente exercidos durante vários séculos na Igreja, e sempre reclamados pela Igreja Católica. Terei de apresentar casos notáveis de poder terapêutico em tempos modernos, e em situações de grande notoriedade tanto em católicos como protestantes.

Estes poderes não estavam confinados nem a apóstolos, nem a bispos, nem ao clero, nem aos judeus há tanto favorecidos, mas foram estendidos aos gentios por todo o lado; pois Cristo enviou os seus discípulos a todo o mundo. "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura; e quem crer", etc., deveria usufruir de todos os poderes miraculosos acima referidos. Esta extensão dos privilégios do evangelho aos gentios foi uma das coisas mais difíceis de os judeus verem e aceitarem. Fora anunciada

sucessivamente a Abraão, Isaac e Jacob: "Na tua descendência serão benditas todas as nações da terra."

Fora proclamada repetidas vezes pelos profetas (Isaías xlii, 1): "Porei o meu espírito sobre Ele; Ele trará justiça às nações." Também Isaías lv, 5, e lx, 3, e o resto desse magnífico capítulo da vinda dos gentios até ao versículo 16. Também em Daniel vii: "Todos os povos, nações e línguas servirão a Cristo." Miqueias v, 4: "Cristo será grande até aos confins da terra." Também Zacarias vi, 15 e ix, 10. No entanto, apesar destas promessas claríssimas, nada espantou mais os Apóstolos do que a sua verificação na extensão do evangelho aos gentios.

Cristo declarou por algum tempo que tinha sido "enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel", e, dizendo isto, inicialmente recusou-se a curar a filha da mulher siro-fenícia, embora desse uma indicação dizendo: "Que primeiro se saciem os filhos", sugerindo que a vez dos gentios viria. Proibiu inicialmente os seus discípulos de irem a Samaria ou a qualquer cidade dos gentios. Era necessário que, segundo a profecia, fosse primeiro rejeitado pelo seu próprio povo.

Quando estes o fizeram, clamando "Fora com Ele; este não merece viver", e o mataram, só então disse Ele aos discípulos: "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda a criatura." São Paulo agiu exatamente da mesma forma. Só depois de os judeus em Antioquia terem rejeitado violentamente o evangelho é que ele e Barnabé disseram: "Era necessário que a palavra de Deus vos fosse pregada primeiro, mas, visto que a rejeitais e não vos julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios. Porque assim nos mandou o Senhor, dizendo: Eu te pus por luz dos gentios, para que sejas para salvação até aos confins da terra." E quando os gentios ouviram isto, alegraram-se e glorificaram o Senhor (Atos xiii, 46-48).

Pedro foi avisado numa visão para não chamar nada de comum ou impuro, e assim foi enviado aos gentios; e enquanto lhes pregava, o Espírito Santo desceu sobre eles, e os da circuncisão ficaram admirados por também sobre os gentios ter sido derramado o Espírito Santo, pois ouviam-nos falar em línguas e engrandecer a Deus (Atos x).

Estas são algumas das características mais marcantes do sobrenatural no Novo Testamento. Nos Apóstolos, como em Cristo, o espírito de profecia foi renovado. Ágabo profetizou a prisão de Paulo (Atos xxi, 11), Paulo profetizou o destino do navio e dos passageiros na sua viagem para Roma. João, no Apocalipse, profetizou todos os grandes acontecimentos do mundo até à segunda vinda de Cristo.

Os Apóstolos não só ressuscitaram mortos, mas, pelo poder de Deus, anunciaram o destino dos vivos, e este cumpriu-se de forma terrível, como no caso de Ananias e Safira — um caso que, em Inglaterra, teria exigido um inquérito do legista e teria causado grandes problemas a Pedro. Um notável exercício de poder milagroso foi aquele em que "lenços e aventais eram levados do corpo de Paulo para os doentes, e estes eram curados, e os espíritos malignos saíam deles" (Atos xix, 12); pois veremos o mesmo poder exercido, através de objetos semelhantes, em tempos modernos, no túmulo do Abbé Paris, e em Port Royal com a sobrinha do célebre Pascal.

São Paulo enumera especialmente os dons milagrosos à Igreja no capítulo 12 da Epístola aos Coríntios, onde, no início do capítulo, recorda-lhes que tinham sido gentios, mais uma prova de que este estatuto de milagre foi conferido ao mundo inteiro. Vale a pena, para aqueles que pensam que os milagres são apenas para um tempo, notarem bem as palavras deste capítulo. Diz-nos que há diversidades de dons, mas o mesmo Espírito; diferenças de ministérios, mas o mesmo Senhor; diversidades de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

Que a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil; e depois a epístola enumera estas manifestações: a palavra da sabedoria, a palavra da ciência, a fé, os dons de curar, a operação de milagres, a profecia, o discernimento de espíritos, várias espécies de línguas, interpretação de línguas. Alguns dons são dados a uns, outros a outros. "Mas todas estas coisas opera um e o mesmo Espírito, repartindo particularmente a cada um como quer."

São Paulo ilustra depois isto com o corpo e os seus vários membros. O corpo, diz ele, não é um só membro, mas muitos, e se o pé dissesse que não era mão, ainda assim pertenceria ao corpo. Se o corpo fosse todo olho, onde estaria a audição, etc.? E se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Mas agora são muitos membros, contudo um só corpo." Acrescenta ainda: "Ora vós sois o corpo de Cristo, e membros em particular. E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas."

Como é possível que aqueles que defendem a cessação dos milagres não vejam o argumento e não sintam a lógica de São Paulo? Se a sua ilustração tem algum valor, então uma igreja que não possui, entre os seus membros, pessoas dotadas de todos estes variados dons, não é mais uma igreja de Cristo do que um corpo é um corpo humano sem os seus membros. Uma igreja cristã viva deve ter membros qualificados e dotados, pelo espírito, de todos estes dons, ou está desprovida dos seus membros.

Eles não são mais membros vivos e reais do que uma perna de madeira, ou uma mão artificial, ou um olho de vidro é um verdadeiro membro do corpo humano. Uma igreja deve ter os seus membros espirituais, vivos e completos, ou não é o corpo de Cristo. Pode chamar-se ao que quiser, mas isso não a tornará mais igreja. É algo morto, tal como um corpo deve ser algo morto se estiver privado dos seus membros, com todos os seus poderes individuais e consentâneos.

Que as igrejas protestantes reflitam sobre isto, pois abandonaram voluntariamente toda a pretensão a milagres, línguas, dons de cura e discernimento de espíritos, pois, com toda a certeza, enquanto estiverem sem estas coisas, não passam de figueiras secas, acerca das quais Cristo deixou instruções claras. Não são mais igrejas vivas do que uma estátua, por mais bela que seja por fora, é um homem vivo. A grande distinção da igreja cristã foi o derramamento do espírito divino sem medida nem restrição.

Era derramado sobre milhares de pessoas de cada vez (Atos ii, 41), e nesse estado estavam cheios de alegria, "louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo"; e é de notar que, em todos os grandes reavivamentos da igreja, isto sempre foi assim; e os grandes reformadores de todas as épocas foram sempre aqueles que proclamaram a continuação dos milagres e das manifestações do espírito, como irei demonstrar. Esta foi a grande distinção da Igreja de Cristo.

Tal como Cristo foi reconhecido pelos seus milagres, também os seus seguidores o devem ser; pois Ele está connosco sempre, até ao fim do mundo, e se Ele está connosco, está com o seu poder eterno e inalterado. "O céu e a terra passarão, mas a minha palavra não passará."

Resta-me apenas mostrar que, assim como as profecias do Antigo Testamento se cumpriram em Cristo, e sobre os judeus pela sua rejeição d'Ele, também as profecias de Cristo, sobre a destruição de Jerusalém, se cumpriram em todos os seus pormenores. Mas talvez seja conveniente, aqui, dizer uma palavra sobre as evidências da verdade do próprio cristianismo. Contudo, este não é propriamente o meu tema; as provas a este respeito foram diligentemente reunidas por Paley e outros, e para esses autores remeto o leitor para provas abundantes sobre o assunto.

Quero apenas afirmar, de modo geral, que o facto de toda a história e doutrina de Cristo ter sido, dentro do primeiro século, difundida por todo o mundo civilizado, e aceite por centenas de milhares de pessoas plenamente capazes de saber em que acreditavam, seria, em qualquer outro caso, considerado prova mais do que suficiente do facto histórico. Os Apóstolos

estavam vivos e viajavam em todas as direções durante a primeira metade deste período.

Os evangelhos estavam nas mãos de todos e traduzidos para todas as línguas importantes. Eusébio diz-nos que Barnabé foi apedrejado até à morte em Salamina, pelos judeus de Chipre, e somos assegurados por historiadores posteriores que o seu corpo foi descoberto nessa ilha, no reinado do imperador Zenão, cerca de 488 d.C., com o evangelho de São Mateus sobre o peito, escrito em grego pela sua própria mão. Eusébio refere-nos que Filipe, o apóstolo, viveu até idade avançada em Hierápolis, com as suas filhas, na época do bispo Pápias, e as suas filhas seriam capazes de dar testemunho direto, através do pai, da vida e atos de Cristo.

Ninguém jamais negou que Paulo tenha residido durante anos em Roma, em consequência dos acontecimentos tão vividamente relatados nos Atos dos Apóstolos, uma narrativa tão verosímil que teria sido considerada suficiente por si só, mesmo que todos os outros registos da realidade histórica de Cristo tivessem desaparecido. A firmeza inabalável dos cristãos dos primeiros tempos, em preferirem a morte a renegar Cristo, mostra que, tão próximo da época de Cristo, conheciam perfeitamente a veracidade dos relatos evangélicos.

A célebre carta de Plínio a Trajano, acerca dos cristãos, quando era procônsul da Bitínia, já no primeiro século, é uma prova incontestável da veracidade da história cristã; pois Plínio não era um simpatizante, mas um perseguidor dos cristãos, ainda que moderado.

Também Luciano, em "De Morte Peregrini" (t. 1, p. 565), no reinado de Trajano, quando o facto da verdade ou falsidade destas coisas era já suficientemente notório, faz um belo elogio às virtudes dos cristãos, em contradição com Tácito: "É inacreditável a rapidez com que eles agem quando sabem que algum dos seus amigos está em apuros. Em suma, nada poupam numa tal ocasião, pois estes infelizes não têm dúvida de que serão imortais; por isso desprezam a morte, e muitos entregam-se voluntariamente ao sofrimento.

Além disso, o seu primeiro legislador ensinou-lhes que são todos irmãos, uma vez que se convertem e renunciam aos deuses dos gregos, e adoram este seu mestre, que foi crucificado, e se comprometem a viver segundo a sua lei. Têm ainda um desprezo absoluto por todas as coisas deste mundo, considerando-as comuns a todos."

Um grande argumento dos críticos do cristianismo é que este não teve mais impacto entre os eruditos da Grécia e de Roma dessa era, e não é mencionado com maior frequência nas histórias da época. Quem levanta

esta objeção demonstra ignorância quanto à pouca atenção que a história judaica em qualquer época despertou fora do seu próprio país. Eram um povo tão diametralmente oposto a todas as nações pagãs, nas doutrinas e costumes, que o seu sábado, como vimos, era considerado uma tolice grosseira.

Esta lei impedia-os tanto de se misturarem com as nações pagãs, que eram tidos como um povo orgulhoso, sombrio, fanático e exclusivista. No entanto, não faltam provas contemporâneas ou imediatas do conhecimento da história de Cristo entre gregos e romanos. Entre os romanos, senhores da Judeia e, por isso, os mais prováveis de conhecerem estes factos, já mostrei que eram bem conhecidos por Plínio, o Moço, que diz que os cristãos adoravam Cristo como Deus.

Entre os gregos temos também o testemunho de Luciano. Suetónio, contemporâneo de Plínio, mostra logo o seu conhecimento e o seu ódio pelos cristãos: "Afecti suppliciis Christiani, genus hominum superstitionis novae et maleficae." — Os cristãos foram castigados: uma espécie de gente de uma superstição nova e maléfica. Justino Mártir, a meio do século II, nos seus Diálogos com Trifão, diz que os actos e milagres de Jesus não eram negados, mas atribuídos à magia, tanto pelos gregos e romanos, como pelos próprios judeus. Mas o testemunho de Tácito, o maior dos historiadores romanos, é decisivo. Escreveu os seus Anais por volta do ano 110 d.C.

Ainda poderia obter informações diretas do que acontecera a respeito de Cristo, através de antigos oficiais e soldados que estiveram envolvidos nas guerras judaicas sob Vespasiano. Odiava os judeus e os cristãos, mas que diz ele (Anais, liv. xv, cap. 44)? — que o autor deste nome era Cristo, que no reinado de Tibério foi condenado por Pôncio Pilatos, o procurador. E acrescenta que "Nero, para sufocar o rumor de ter sido ele próprio a incendiar Roma, atribuiu-o a esse povo odiado pelas suas práticas malignas, chamados pelo vulgo de cristãos.

Estes foram castigados de forma requintada." Acrescenta ainda: "Por agora, esta superstição perniciosa foi em parte suprimida; mas voltou a surgir, não só na Judeia, de onde este mal tinha surgido, mas também na cidade de Roma, onde convergiam de toda a parte e davam azo a toda a espécie de enormidades. No início, pois, foram presos aqueles que confessaram; depois, uma vasta multidão foi denunciada por estes, e foram condenados, não tanto por serem realmente culpados do incêndio da cidade, mas por odiarem todo o género humano.

De facto, fizeram troça deles enquanto morriam, lançando-os nas jaulas das feras, ou lançando cães sobre eles para os despedaçarem. Alguns foram

pregados em cruzes, outros queimados vivos: e foram ainda usados, à noite, em vez de tochas, para iluminação. Nero ofereceu os seus próprios jardins para esse espetáculo.

Deu-lhes ainda jogos circenses, e disfarçava-se como condutor de bigas, aparecendo por vezes entre o povo, por vezes no próprio círculo; donde surgiu uma certa comoção — embora os castigos fossem dirigidos a pessoas tidas como culpadas e como os mais flagrantes exemplos, como se fossem destruídos não pelo interesse público, mas para satisfazer o humor bárbaro de um só homem."

Isto certamente seria prova suficiente para satisfazer o mais duro dos céticos, se fosse contra a realidade da origem do cristianismo; e poderá inspirar aos opositores do Espiritualismo uma breve reflexão, que, se em vez de lançarem agora sarcasmos a partir do conforto de uma religião aceite, poderiam, caso existissem no tempo de Nero, ter servido de tochas para os eruditos romanos enquanto assistiam às torturas desses cristãos odiados, mas que agora, por sua vez, detestam os outros!

Mas, afinal, o grande testemunho histórico da verdade do cristianismo é o dado pelos próprios judeus. Estes que odiavam Cristo, cuja pretensão à messianidade procurou substituir o Messias esperado por eles, teriam sido os primeiros a proclamar o facto de que a crença dos cristãos era uma ilusão, que tal pessoa nunca existira, nem tais milagres alguma vez tinham sido realizados. Mas, pelo contrário, os judeus nem então nem desde então alguma vez negaram a existência ou os milagres de Cristo.

Temos o Toldath Jeschu, ou Toledath Jesu, ou "Geração de Jesus", o seu próprio antigo relato da vida de Jesus, da sua perspetiva. Nele, não negam os seus milagres, mas atribuem-nos ao facto de ele ter roubado o nome sagrado do Templo, ter feito um corte na sua coxa e aí encerrado esse nome omnipotente, pelo qual possuía o poder de realizar qualquer milagre. Negam, de facto, a sua ressurreição, dizendo, como o Evangelista também nos diz, que os discípulos o roubaram. Ainda assim, um antigo autor judeu finge que os próprios judeus arrastaram um corpo pelas ruas de Jerusalém, como se fosse o corpo de Cristo.

Mesmo isso já é testemunho suficiente de que Ele viveu. Mas de todo o testemunho judaico, o de Josefo é o mais forte, e o mais próximo da época de Cristo, e por isso tem sido violentamente atacado como espúrio, embora Josefo confirme muitos outros factos do evangelho, como a morte singular de Herodes, o casamento de Herodes com Herodias, etc. Tem-se argumentado que Orígenes, nos seus comentários sobre Mateus e na sua defesa do cristianismo contra Celso, não mencionou o testemunho de

Josefo sobre Cristo, e que, portanto, não poderia estar na sua cópia. Mas quais são os factos?

Orígenes cita especialmente o testemunho de Josefo sobre João Batista, chamado o batista (Antiguidades, Livro xviii, 51); e sobre Tiago, o Justo, de quem Josefo diz: "era irmão de Jesus, que era chamado Cristo" (Antiguidades, Livro xx, 9). E acrescenta: "Estas desgraças caíram sobre os judeus como vingança por Tiago, o Justo, que era irmão de Jesus chamado Cristo, porque o mataram sendo ele homem justíssimo." Ora, se Josefo não tivesse feito outra menção a Cristo, estes factos bastariam para provar o seu conhecimento sobre Ele e a sua história.

Mas o que Orígenes diz é que Josefo não admitia que Jesus fosse o Cristo. Se tal é verdade, também é verdade que Josefo o mencionava de alguma forma, e em todas as cópias atualmente existentes, a sua menção é a seguinte: "Ora, havia por esse tempo Jesus, um homem sábio, se é lícito chamá-lo homem, pois foi autor de feitos maravilhosos, mestre de homens que recebem a verdade com prazer. Atraiu a si muitos judeus e muitos gentios. Ele era o Cristo, e, quando Pilatos, por sugestão dos principais entre nós, o condenou à cruz, aqueles que o amaram desde o início não o abandonaram, pois apareceu-lhes vivo ao terceiro dia, como os profetas divinos tinham predito estas e dez mil outras coisas acerca dele, e a tribo dos cristãos, assim chamada por ele, não está extinta até hoje" (Antiguidades, Livro xviii, c. 111).

Assim tem Josefo sido citado por todos os grandes escritores eclesiásticos, desde Justino Mártir no século II, Orígenes, Eusébio, Santo Ambrósio, São Jerónimo, Isidoro Pelusiota, Sozomeno, Cassiodoro, Anastácio Abade, Gergius Sycellus, João Malela, Fócio, Macário, Suídas, Cedreno, Teofilacto, Zonaras, Glycus nos seus Anais, Godofredo de Viterbo, Nicéforo Calisto, Hardmannus Platina nas suas "Vidas dos Papas", escritores que atravessam quase todas as épocas até Trithemius Abade, autor eclesiástico do século XV. Isto deve ser considerado prova bastante sólida da autenticidade da passagem em Josefo.

Whiston, de facto, defende que Josefo era secretamente cristão ebionita, ou nazareno, crendo que Cristo era o Messias, mas apenas um homem. Isto é suficientemente provado pela seguinte passagem no "Ensaio sobre o Hades" de Josefo, dirigido aos gregos: "Pois todos os homens, tanto justos como injustos, serão levados perante Deus, o Verbo; pois a ele o Pai confiou todo o julgamento; e ele, para cumprir a vontade do seu Pai, virá como Juiz, a quem nós chamamos Cristo.

Pois Minos e Radamanto não são juízes, como vós gregos pensais, mas sim aquele a quem Deus, o próprio Pai, glorificou; acerca de quem demos

noutra ocasião uma descrição mais pormenorizada, para aqueles que procuram a verdade."

Eusébio, considerado por todos os críticos competentes como um dos mais fiáveis historiadores eclesiásticos existentes, que escreveu no final do século III e início do século IV, quando todos os factos da origem do cristianismo ainda estavam recentes, não só confirma inteiramente Josefo e Filão, como nos diz que Pôncio Pilatos relatou os acontecimentos relativos à crucificação de Cristo ao imperador Tibério. Mas falarei mais sobre isto quando chegarmos a Eusébio e aos primeiros Padres da Igreja.

Justino Mártir, dirigindo-se a Trifão, o Judeu, diz, em meados do século II: "Vós, judeus, sabíeis que Cristo ressuscitou dos mortos e subiu ao céu, como os profetas predisseram"; e Orígenes, dirigindo-se a Celso, que ele diz ter personificado um judeu, lembra-lhe, com a mesma confiança, o pleno conhecimento e a admissão destes factos pelos judeus. Assim foi sempre ao longo dos séculos com os judeus. Negando Jesus como Messias, admitem plenamente a sua existência e as suas pretensões na época indicada pelos evangelhos.

O Dr. Wolff, ele próprio um judeu convertido, diz: "Não pude deixar de considerar os judeus de Jerusalém como representantes, de certa forma, dos homens que crucificaram o nosso Salvador. Supondo que assim fosse, achei que seria interessante saber como os eventos da história do evangelho eram vistos pelos israelitas da Jerusalém moderna. O resultado da minha investigação a este respeito foi, até onde foi, inteiramente favorável à veracidade do cristianismo. Compreendi que a realização dos milagres não era posta em dúvida por nenhum dos judeus do local.

Todos concordavam em atribuir as obras do nosso Senhor à influência da magia, mas dividiam-se quanto ao tipo de encantamento de que provinha esse poder. A grande maioria do povo judeu, creio eu, imagina que os milagres foram realizados com a ajuda dos poderes das trevas; mas muitos, e eram os mais esclarecidos, chamavam Jesus de "o bom mágico". Com a rejeição europeia da noção de toda a magia, boa ou má, a opinião dos judeus sobre a agência através da qual os milagres foram realizados é irrelevante, mas o facto de admitirem que os milagres foram realmente realizados é certamente curioso, e talvez não seja de todo irrelevante."

Afinal, as evidências internas de uma religião, a divindade dos seus sentimentos, a sua adaptação às necessidades e a correspondência com as aspirações instintivas da humanidade, estão entre as provas mais elevadas da sua verdade. Quando a isto — que é perfeito no cristianismo — acrescentamos que cada acontecimento da vida de Cristo, cada traço do seu carácter, foi profetizado acerca d'Ele séculos antes, e que cada profecia

que Ele próprio fez sobre o destino da sua nação foi igualmente cumprida e de imediato — como evidenciado pelo maior historiador dos últimos dias dessa nação — devemos reconhecer que nenhuma verdade foi ainda tão completamente comprovada como a do cristianismo. Vejamos agora o cumprimento notável das denúncias de Cristo sobre Jerusalém, mostrado por Josefo e outros autores.

Moisés, como vimos, previu as mais terríveis calamidades para acompanhar a destruição de Jerusalém, e Cristo anunciou que esses horrores ocorreriam antes que a geração então existente passasse. O acontecimento ocorreu 74 anos após a sua crucificação. Josefo, que esteve presente no cerco, diz: “Parece-me que as desgraças de todos os homens, desde o início do mundo, se comparadas às dos judeus, não são tão consideráveis como foram estas.”

Em Mateus xxiv, Jesus diz: “Quando virdes a abominação da desolação, de que falou Daniel, no lugar santo, então fujam para os montes os que estiverem na Judeia! etc. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá.” O mesmo é dito por Marcos e por Lucas xxi. Este último evangelista acrescenta: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei que está próxima a sua desolação.

Porque estes são os dias da vingança, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que se cumpram os tempos dos gentios. E haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas, e sobre a terra angústia das nações”, etc. Cristo já antes declarara que sobre aquela geração viria todo o sangue justo que havia sido derramado, desde o de Abel até ao de Zacarias, que foi morto entre o templo e o altar.

O povo de Jerusalém viu-a cercada pelos exércitos romanos sob Tito. Os judeus tinham acorrido de todas as partes, e a cidade estava apinhada de bandos desesperados, liderados por chefes igualmente desesperados, especialmente Simão e João, que fizeram uma resistência final. Mas Tito conquistou muralha após muralha e encurralou-os em miséria e fome. Quando Tito tomou a segunda muralha, enviou Josefo, que era seu prisioneiro, para tentar persuadir os judeus a renderem-se, mas estes recusaram furiosamente e tentaram matar Josefo.

Os soldados, irritados pela obstinação dos judeus, atormentavam e crucificavam todos os que capturavam à vista da cidade. Foram tantos os crucificados que tanto Josefo (“Guerras”, Livro V, cap. xi) como Reland

dizem que faltava madeira para fazer mais cruzes. Uma notável retribuição pela crucificação de Cristo. Tito então cercou a cidade com uma muralha própria, para impedir a fuga de qualquer pessoa e reduzi-los pela fome. O sofrimento tornou-se tão terrível que muitos tentaram desertar para os romanos, mas, tendo engolido o ouro para evitar serem roubados, os romanos, ao descobrirem isto, rasgavam-lhes os ventres para o recuperar. Então, cumpriu-se neles a profecia de Moisés.

Levados ao desespero pela fome, comeram toda a espécie de imundícies, e as mulheres mataram e comeram os próprios filhos. Alguns dos desesperados, famintos, sentindo o cheiro de assado, invadiram a casa de uma mulher de classe, e encontraram-na a cozinhar o único filho, uma criança. No ataque ao templo, um soldado romano, subindo aos ombros de outro, lançou uma tocha por uma janela e pôs-lhe fogo.

Os soldados romanos, tomados quase por frenesi, avançaram, atirando mais fogo por todo o lado. Em vão Tito ordenava que parassem e mandava afastá-los com a guarda: o templo estava destinado por Deus à destruição e nada o poderia salvar. Foi totalmente queimado. “O dia fatal”, diz Josefo, “chegou, segundo a rotação dos séculos; era o décimo dia do mês Lous, no qual fora anteriormente queimado pelo rei da Babilónia.”

Surgiram então os sinais e prodígios que Cristo disse que acompanhariam a destruição da cidade. Um falso profeta, como Ele predissera, apareceu; um cometa fúnebre, ou estrela em forma de espada, brilhou sobre a cidade durante um ano; carros e tropas de soldados com armaduras foram vistos a correr pelas nuvens e pelas aldeias vizinhas. Quando os sacerdotes iam ao templo, antes da sua destruição, para os seus ofícios, sentiram o chão a tremer, como num terramoto, e um grande ruído, como o som de multidões a dizer:

“Saiamos daqui!” Durante quatro anos antes do cerco, esse profeta de desgraça, Jesus, filho de Ananus, percorria as ruas da cidade gritando: “Ai, ai de Jerusalém!” Em vão lhe proibiam esse grito; em vão foi açoitado até aos ossos; continuou-o durante todo o cerco, até que, dizendo: “Ai da cidade, do povo e da Santa Casa”, acrescentou: “Ai também de mim”, e foi morto por uma pedra lançada por uma máquina romana (Josefo, “Guerras”, Livro VI, cap. v).

Quando o templo foi destruído pelo fogo, os soldados romanos, que adoravam os seus estandartes mais do que qualquer deus, levaram-nos para lá, colocaram-nos diante do portão oriental, e ali ofereceram-lhes sacrifícios, proclamando Tito imperador com as maiores aclamações de alegria. E assim se estabeleceu a abominação da desolação no lugar santo; e ali cessaram o sacrifício e a oblação, como deveria acontecer aquando ou

pouco depois da vinda do Messias. E no entanto os judeus, apesar dos seus próprios profetas, após mil oitocentos e sessenta anos, ainda esperam por ele.

Já mencionei o relato de Josefo sobre os muitos milhares de judeus levados e vendidos para a escravidão, ao ponto de, como Moisés predissera, ninguém os querer comprar; que 97.000 foram assim levados, os maiores de dezassete anos para trabalhar nas minas do Egito; e que 1.100.000 pereceram no cerco, correspondendo de facto à população de toda a região circundante. Os cristãos, avisados pelas palavras de Cristo, escaparam antes do cerco. E assim cumpriram-se, de modo absolutamente literal, todos os horrores e destruição anunciados por Moisés há séculos, e por Cristo apenas setenta e quatro anos antes.

Uma das mais marcantes advertências de Cristo, quando as mulheres se lamentavam por Ele a caminho da crucificação, foi, voltando-se para elas: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, mas chorai por vós e por vossos filhos” (Lucas xxiii, 28). E ao longo dos séculos, as mulheres têm afluído ao antigo local do templo, lamentando a sua destruição.

Os nossos viajantes ainda as encontram prostradas ali, “chorando por si e pelos seus filhos”. Miss Bremer, na sua recente visita a Jerusalém, diz que as viu a reunir-se todas as sextas-feiras junto à grande mesquita, El Saharab, no local do templo de Salomão. Junto ao grande muro ocidental, cujos alicerces se diz terem sido postos por Salomão, viu grupos de mulheres envoltas em longas faixas de linho branco, que lhes serviam de mantos e véus, inclinadas sobre as grandes pedras, cujos cantos se projetavam aqui e ali do muro, beijando-as e encostando-lhes as testas, enquanto entoavam um lamento baixo.

Também havia homens entre os grupos, lendo em livros que tinham nas mãos e lamentando-se em voz alta. Estes livros continham, provavelmente, o hino de lamentação e de desejo pela restauração do templo e da nação, que o Dr. Wolff diz ter cantado com elas:

O Poderoso edificará a Cidade de Sião
E dar-lha-á a Ti;
Então Ele levantará do pó o necessitado
E do monturo o pobre;
O Bendito edificará a Cidade de Sião
E dar-lha-á a Ti, etc.

Outro hino exprime, intensamente, a impaciência de uma expectativa que já dura há mais de dezoito séculos:

Tu és poderoso para edificar o Teu templo rapidamente,
Senhor, edifica, edifica o Teu templo rapidamente,
Depressa, depressa, depressa, depressa,
Mesmo nos nossos dias!
Edifica o Teu templo rapidamente.

Este notável hino pertence também à liturgia dos judeus em Jerusalém:

Rabino. Por causa do palácio que foi destruído,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa do templo que está destruído,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa dos muros que foram derrubados,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa da nossa majestade, que se foi,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa dos nossos grandes homens que foram abatidos,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa das pedras preciosas que foram queimadas,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa dos sacerdotes que tropeçaram,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.
Rabino. Por causa dos nossos reis que O desprezaram,
Povo. Sentamo-nos sozinhos e choramos.

Por fim, há um testemunho verdadeiramente notável acerca da veracidade das profecias das Escrituras sobre Cristo e da destruição do templo segundo a sua previsão, dado por um autor pagão. Juliano, o Apóstata, concebeu o plano de contrariar a profecia de Cristo, segundo a qual o templo seria destruído e assim permaneceria até que se cumprisse a plenitude dos gentios. Para esse efeito, propôs aos judeus reconstruí-lo, prometendo-lhes o apoio da sua fortuna e autoridade. Eles acorreram de todas as partes do mundo e fizeram imensos preparativos, mas o ardor dos judeus e o poder e tesouro do imperador foram inúteis. O próprio Deus obrigou-os a abandonar a tentativa.

Amiano Marcelino, que relata este episódio de Juliano, era grego de nascimento, mas foi oficial do exército do Apóstata na guerra persa. Escreveu o relato do reinado de Juliano na sua História, da qual os primeiros treze livros se perderam. No entanto, o reinado de Juliano vai do décimo quarto ao vigésimo quinto livro. O facto de Amiano não ser cristão torna o seu testemunho ainda mais forte, e Gibbon diz dele: “É com pesar

que agora me despeço de um guia preciso e fiel, que compôs a história do seu tempo sem ceder aos preconceitos e paixões que normalmente influenciam a mente de um contemporâneo.” Tal é também a opinião de outros historiadores acerca dele. Vejamos o próprio texto de Amiano sobre o assunto, para que não reste qualquer dúvida sobre a sua exatidão:

“Juliano, desejando perpetuar a memória do seu império pela grandeza das suas obras, pensou em restaurar, a grande despesa, o outrora ambicioso templo de Jerusalém, e encarregou dessa tarefa Alypius de Antioquia, que já tinha governado a Britânia como prefeito. Assim que Alypius se aplicou diligentemente a esta obra, com o apoio do governador da província, globos de fogo temíveis irrompiam junto dos alicerces com frequentes explosões, tornando o local inacessível e queimando várias vezes os operários, de tal modo que esse elemento, repelindo-os de forma decidida, fez cessar o empreendimento.” (Livro xxiv).

O mesmo relato é dado por Gregório Nazianzeno, Crisóstomo, Rufino, Filostórgio, Sócrates Escolástico, Sozomeno, Teodoreto e outros, acrescentando ainda muitos pormenores, como terramotos que deitavam abaixo as construções levantadas pelos judeus e seus operários, soterrando muitos debaixo delas; cruzes luminosas vistas no ar, e que os judeus encontravam nas suas roupas, sem conseguirem livrar-se delas, etc.

Assim, examinámos as manifestações espirituais entre os hebreus desde o início da sua história até à destruição da sua capital e à dispersão da sua nação, uma narrativa que é simultaneamente a mais importante para nós como criaturas imortais, a mais extraordinária nos seus pormenores, e a mais completa e lúcida na sua exposição. Sendo ao mesmo tempo a mais rica fonte de civilização e de religião, é também a mais simples e destemida na exposição da verdade espiritual.

Em nenhum outro lugar esperamos encontrar um relato tão luminoso e persistente de acontecimentos e fenómenos espirituais, nenhum tão serenamente confiante nas suas afirmações ou tão indiferente às críticas dos homens; no entanto, prossigo agora na busca das mesmas grandes linhas de revelação que fluem da fonte primordial de toda a luz e verdade, através das outras nações antigas. Estas, ainda que progressivamente mais obscurecidas pela ignorância, distorcidas pela superstição e reduzidas à fraqueza pelo peso das fantasias e paixões humanas, continuam, no entanto, percetíveis e indestrutíveis.

CAPÍTULO IX
O SOBRENATURAL NAS NAÇÕES ANTIGAS

Enquanto isso, harpas proféticas
Soavam em todos os bosques.

WORDSWORTH

Ein alter Stamm mit tausend Ästen,
Die Wurzeln in der Ewigkeit,
Neigt sich von Osten hin nach Westen
In mancher Bildung weit und breit.
Kein Baum kann blüthenreicher werden
Und keine Frucht kann edler sein,
Doch auch das 'Dunkelste' auf Erden
Es reift auf seinem Zweig allein.

Um velho tronco com mil galhos,
Com raízes na eternidade,
Inclina-se do leste ao oeste
Em muitas formas, longe e largo.
Nenhuma árvore pode ter flores mais ricas
E nenhum fruto pode ser mais nobre,
Mas até o “mais escuro” da Terra
Só amadurece em seu próprio ramo.

KERNER

O que é o Espiritualismo? É simplesmente o renascimento da fé universal de todos os tempos e nações passados na comunhão de Deus e dos seus anjos com o espírito do homem. Este é o princípio essencial, a substância do Espiritualismo, que me proponho agora demonstrar, com base histórica, ser tão antigo como as colinas e tão ubíquo como o oceano. Tem os seus muitos modos e fases, que Deus parece fazer surgir conforme as necessidades dos diferentes períodos e condições da mente e sociedade humanas. Tem a sua adaptação ao santo, ao selvagem e ao sábio, à civilização e à incivilização.

Numa época manifesta-se por mensageiros celestiais que aparecem sob a forma de homens entre os homens, anunciando grandes acontecimentos, realizando feitos prodigiosos; noutra, falando através dos profetas; noutra ainda, exibindo manifestações físicas por meio deles, fazendo flutuar um machado sobre a água, tornando um velo sobrenaturalmente húmido ou seco, mantendo cheia uma botija de azeite ou um barril de farinha apesar

de serem esvaziados; fazendo chover ou deixar de chover, fazendo ver homens cegos ou subitamente cegando outros.

Outras vezes, chega na voz suave mas audível de Deus aos seus servos; outras vezes, quebrando as cadeias dos prisioneiros e transportando homens pelo ar, como Filipe foi transportado. Em todos os tempos, pela inspiração interior. E, assim como entre o povo escolhido, também em todas as outras nações, a não ser que toda a história seja mentira, através de oráculos, sinais, curas milagrosas, profecias e ensinamentos espirituais.

Estes modos podem variar; podem até assumir poderes que nunca tiveram, porque a natureza humana venha a ter condições até aqui desconhecidas. Mas o espiritualismo é independente de todos os tempos, todos os povos, e mesmo dos seus próprios fenómenos variáveis. É, em si, especificamente e permanentemente, a infusão de influência angélica divina na alma humana. Dizer que, nos nossos dias, o movimento de mesas e a fala dos espíritos através de mesas e alfabetos é algo novo e, por isso, falso e degradante, não é dizer nada contra o espiritualismo ou as próprias manifestações. Nada diz contra o espiritualismo, pois, como mostrei e voltarei a mostrar, ele existe permanentemente, independentemente das manifestações, tal como a serpente existe independentemente da sua pele ou o homem das suas várias modas. Nada diz contra as manifestações porque, como vemos, estas variam constantemente, conforme as condições da humanidade.

Quando as pessoas, começando a acreditar no facto, nos perguntam para que serve, fazem uma pergunta trivial; pois um facto tem sempre o seu uso, mesmo que não o consigamos descobrir. Quem descobriu já a utilidade de uma pulga, de um mosquito, de um leão ou de uma serpente venenosa? No entanto, todos têm certamente o seu papel na ordem divina das coisas. Bastar-nos-á estar certos de que algo é um facto, para podermos estar seguros de que tem o seu uso preordenado.

Chamar indiscriminadamente ao espiritualismo “feitiçaria” é igualmente pouco filosófico; pois muitas manifestações na Bíblia têm mais ou menos esse mesmo carácter. É verdade que a feitiçaria existiu em todos os tempos a par do verdadeiro, divino e angélico contacto. Existe como existe a sombra, acompanhando o sol. Existe como existe um antagonismo em toda a vida. Existe porque o diabo e os seus anjos existem, sempre a trabalhar neste antagonismo a Deus e aos seus anjos — um facto, como veremos, perfeitamente compreendido por muitos dos povos antigos.

Existe como a terra existe com dia e noite, com um lado claro e outro escuro. Mas o espiritualismo verdadeiro e o demoníaco distinguem-se facilmente. Como? Pela regra divina, pelos frutos que produzem. Esse é o critério celeste que guiará todos os que lhe prestarem atenção, tão

infalivelmente como a agulha conduz o navio através dos mares tempestuosos e noturnos, ou o viajante pelo deserto sem caminho.

Muitos dos profetas judeus fizeram coisas, por direção do Espírito Divino, muito mais aparentemente ridículas, indignas e até imorais do que qualquer coisa feita pelo espiritualismo moderno; mas, como os espiritualistas modernos, devem ser julgados pelos frutos e não pelas aparências dos seus feitos. Enquanto o espiritualismo moderno produzir vida nova e mais pura, fé mais firme, amor mais ardente a Deus e ao próximo, podemos estar certos da sua paternidade divina; quando produzir o mal, essa parte é certamente do maligno.

Vamos agora abrir perspetivas sobre as nações pagãs que, apesar de toda a sua escuridão e corrupção, mostram esta grande lei a operar no coração do paganismo, tão realmente, embora não tão puramente, como entre o próprio povo judeu. Encontraremos, no meio das degradações do paganismo, em todas as nações antigas, traços luminosos de verdades primordiais e inextinguíveis.

Na grande obra de Horst sobre a Magia, é dito com mestria: “Toda a fé, toda a superstição, toda a verdade e todo o erro na representação humana do sobrenatural, do mistério, do prodígio, do poder mágico e da influência supramundana, baseiam-se, a partir de qualquer ponto que se examine, no mesmo princípio comum, embora supremo — a fé numa natureza superior, boa ou má, com que os homens povoam a terra, todos os elementos, as estrelas, o universo inteiro, tanto quanto o seu entendimento o permite.”

Encontramos esta fé, sem exceção, tanto no Velho como no Novo Mundo. Aquilo que está na sua base entre todos os povos, tanto os de maior como os de menor grau de civilização, é a ideia, ora obscuramente pressentida, ora claramente reconhecida — uma ideia que separa especificamente a humanidade do animal — de que o mundo visível e físico está unido a um mundo invisível de espíritos, bons ou maus, e que está tão relacionado com este que o nosso mundo lhe está sujeito.

Assim como os bons espíritos — sejam eles nomeados e localizados nas diferentes mitologias populares conforme se quiser —, assim também os maus espíritos — sejam eles chamados e situados como for — podem vir à terra. Tanto uns como outros exercem a sua influência sobre os homens, agindo em e através deles, para seu benefício ou destruição.

Este facto admitido, que nós, do ponto de vista da nossa cultura intelectual, ou rejeitamos como superstição ou aceitamos no nosso sistema intelectual como dogma — este axioma encontramos em todas as nações, em todas as épocas, em todos os climas, não importando como os vários povos

nomeiem os poderes bons e maus; e não importa quais as diferenças de opinião acerca das suas atividades particulares, ou das suas relações com os homens, que possam ser mantidas. A fé nisto está lá, e em todo o lado é a mesma fé, embora se manifeste num lugar como fé verdadeira e noutro se revele apenas como superstição sombria.

Poderia ser de outro modo? Como normalmente acontece, não basta dizer, para o explicar, que a fé em existências desconhecidas e mais poderosas, numa força secreta da natureza, nasce da propensão do espírito humano rude a aceitar algo de sobrenatural sempre que as causas e os seus efeitos ainda não foram descobertos na sua dependência natural. Pois de onde vem esta ideia universal e primeira, esta primeira projeção do sobrenatural, que sempre precede a sua aceitação e a estabelece como princípio primordial?

Ah! Às asas do espírito dificilmente
Se juntam asas corpóreas.
Mas é inato a cada um
Que o seu sentir se eleve e avance.

GOETHE

Muito bem, inato! — Isso diz tudo. Esta fé popular testemunha que o homem, em nenhum degrau da sua descida, pode negar que a sua vida e o seu ser interior têm as raízes, não no material, mas no espiritual, e que a sua fé, e mesmo esta superstição, surgem nele a cada passo do seu progresso; pois está nele, e impele-o a procurar algo e a crer em algo que, embora esteja fora e acima da sua visão física, como sente, é indispensável à sua vida interior. Por isso, o selvagem atribui a todo o fenómeno natural inexplicável para si uma influência espiritual imediata. Isto é-lhe tão natural, e vai tão longe, que todo o selvagem, como o Friday de Campe, ao meter a mão numa panela a ferver, antes imagina haver aí espírito ou poder mágico do que procura a causa nas explicações naturais. Esta fé popular universal em existências superiores, tanto boas como más, é a base de toda a verdade, de toda a superstição, e, especialmente, da fé na magia.

Pois bem, esta fé universal e indestrutível na vida e comunhão espirituais afirma-se como uma lex magna, uma lei universal da natureza. Nenhuma profundidade de selvajaria a consegue extinguir; nenhuma luz da filosofia a consegue erradicar da mente humana. Sendo eterna e indestrutível, é verdadeira. Já foi bem observado que as mesmas ideias religiosas subjacentes às mitologias de todos os povos, por mais separados que estejam pelo tempo, pela distância ou pelos costumes, apontam com certeza para uma época em que todos os homens estavam juntos num só

lugar e detinham um conhecimento comum derivado de uma fonte primordial e sobre-humana.

Essa época foi imediatamente após o Dilúvio, e antes da dispersão das nações na construção de Babel. Aqueles que queiram ver todo o desenvolvimento do transporte deste conhecimento comum, e a gradual fundação das diferentes mitologias antigas a partir dele, podem encontrá-lo nas obras extensas de Bryant, Cudworth, Faber, Cory e outros. Faremos apenas uma visão sumária desta dispersão das nações e das idolatrias que elas transportaram consigo. Depois do Dilúvio, as mentes dos homens tornando-se rapidamente materialistas, perderam a visão espiritual clara e começaram a adorar aquilo que podiam perceber pelos sentidos exteriores, os poderes da natureza.

Estes tentaram depois simbolizar e representar sob múltiplas formas de homens, animais e aves, com distorções e disfarces degradados que evidenciavam o estado degradado da sua natureza interior. Os demónios, aproveitando-se disso, como todas as Escrituras Sagradas atestam, assumiram a personalidade destes deuses fabulosos e respondiam por eles nos seus oráculos. Não só isso, mas animaram todo o paganismo com o seu Espírito Demoníaco e inundaram-no, como irei mostrar, de licenciosidade, orgulho do mais altivo, e sangue, até sangue humano derramado em torrentes nos seus altares por todo o mundo!

Cada sistema de mitologia pagã teve origem na corrupção do culto patriarcal antes da dispersão em Babel. Ali estava reunida toda a família humana, descendente dos três filhos de Noé, Sem, Cam e Jafé, e dali, naquele momento, foram dispersos pela mão de Deus por todo o mundo. Jafé colonizou toda a Europa, todas as regiões setentrionais chamadas Tartária e Sibéria e, com o tempo, pelo fácil acesso do Estreito de Behring, todo o continente americano. O seu filho Gomer parece ter sido claramente o antepassado dos que originalmente foram chamados Gomérios, e por pequenas variações foram depois denominados Comarianos, Cimerianos, Cymbri, Cumbri, Cumri, Cambri e Umbri; e, mais tarde, Celtas, Gauleses, Gael e Cambrenses. Estes espalharam-se pelas regiões a norte da América e da Báctria; depois por quase toda a Europa, e foram os primeiros a povoar a Grã-Bretanha e a Irlanda.

Magogue, Tubal e Meseque, como aprendemos com Ezequiel, habitaram muito ao norte da Judeia, tornando-se antepassados das grandes famílias eslavas ou sármatas; o nome Magogue subsiste ainda nas designações de Mogli, Mongóis e Mongolianos; os de Tubal e Meseque em Tobolski, Mosquici, Moscovo e Moscovitas. Madai foi pai dos medos, e Javã dos

habitantes originais da Grécia, onde se pode traçar o nome dos seus filhos Elishá, Társis, Quitim e Dodanim em Elis, Tarso, Cítio e Dodona.

A descendência de Sem ficou confinada ao sul da Ásia, onde agora predominam as línguas semíticas; fundando, pelos seus filhos, Elão ou Pérsia, Assur ou Assíria, uma província do Irão, um grande império assírio de Nimrod, cujo filho Cuxe parece ter subjugado estes descendentes de Sem. Arfaxade tornou-se o antepassado dos hebreus e de outros povos aparentados; o seu descendente Peleg fundou a Babilónia, e Joctã, estendendo-se para o Oriente, terá sido provavelmente o pai dos hindus.

Ofir, um dos filhos de Joctã, é muitas vezes mencionado na Escritura como habitando uma terra de ouro, para onde se faziam viagens por navios que saíam do Mar Vermelho e navegavam para ocidente; mas Elão e Cuxe ocuparam toda a costa da Pérsia até ao Indo. Isto leva-nos, portanto, à grande península do Hindustão como o local de Ofir. Lude, o quarto filho de Sem, presume-se que tenha fundado a Lídia; e Arã, o quinto, a Mesopotâmia e a Síria.

Cam, ao princípio, estava misturado com Sem em toda a Ásia meridional e tornou-se depois o único ocupante de África. Dos seus filhos, Cuxe tornou-se o fundador do Irão, ou Ásia Central, o grande império assírio, e o progenitor de todos os chamados Cuchitas, Cuchas, Cutas, Godos, Citas, Escitas, Scuths ou Escoceses. Mizraim povoou o Egito e, dali, expandiu-se para o oeste e sul, ocupando a maior parte de África; e Canaã, como é bem sabido, povoou a parte depois habitada pelos israelitas.

Assim se diz que foi povoado o mundo, e é assim que aprendemos não só com Moisés mas também com escritores profanos, e ambas as narrativas são confirmadas por provas abundantes nos costumes, tradições, línguas e ocupação das diferentes raças até hoje. Sir William Jones pensou ter encontrado apenas três grandes línguas originais, a saber: árabe, eslava e sânscrita. Investigações profundas sobre os princípios radicais da linguagem confirmam em grande parte a sua teoria, embora o eslavo seja agora reconhecido como um ramo da família de línguas aparentadas com o sânscrito e denominada indo-europeia; e as principais línguas semíticas, ou línguas dos descendentes de Sem, são o aramaico (da Mesopotâmia, Síria e Babilónia), o hebraico, o fenício e o árabe. Todas, no entanto, se espalham claramente de um ponto: a Ásia Central, de onde, por consenso dos registos e tradições das grandes nações primordiais, os seus antepassados originais partiram.

Os fragmentos dos antigos autores caldeus e fenícios que chegaram até nós confirmam plenamente a história bíblica desta dispersão. Beroso, o historiador da Babilónia, Sancuniaton, historiador da Fenícia, e Epifânio, que

os cita, todos afirmam que Babel foi a primeira cidade construída após o dilúvio. Ninrode, chamado Belus, foi sem dúvida o Órion dos gregos, pois esta guerra de Ninrode e dos filhos de Cam contra o céu é a guerra dos Titãs, de Titanis, a fonte da luz, ou o sol; o culto a este astro foi o primeiro culto idólatra na Terra, começando na Caldeia. O Órion de Homero é precisamente o Ninrode da Escritura:

> Logo vejo a imponente sombra de Órion,
> Perseguindo a raça selvagem, que, tomada de medo,
> Ele abatera
> Fugindo em bandos.
> Sobre os penhascos e colinas solitárias,
> Armado com um tacape de bronze, maciço e forte,
> Que força alguma poderia quebrar.
> Odisseia, L. A. v. 751

As sibilas foram originalmente sacerdotisas caldeias, e um dos mais antigos hinos sibilinos descreve a luta dos gigantes na torre de Babel:

> Mas quando os juízos do Deus Todo-Poderoso
> Estavam maduros para execução; quando a torre
> Se ergueu até aos céus nas planícies da Assíria,
> E toda a humanidade só conhecia uma língua,
> Foi dado, de cima, um terrível tumulto
> Aos furiosos vendavais, que, com terrível alarme,
> Abalaram a torre até à sua base mais profunda,
> Convulsionando-a. E agora toda a comunicação,
> Por algum poder oculto e soberano,
> Cessou entre os homens: pela fala esforçavam-se,
> Aflitos e ansiosos, por comunicar o que sentiam;

A Sibila fala de Cronos, Titã e Jápeto, entre a horda dos gigantes que conquistaram grande nome e domínio sobre a Terra; e como Hesíodo transmitiu isto aos gregos:

> Já Júpiter não podia conter a sua ira;
> Mas ergueu-se com dez vezes mais vingança. Lançou
> O seu raio, instrumento terrível da cólera,
> Que fulgurava incessantemente, e à sua frente seguia
> O seu pavoroso trovão com estrondo formidável.
> Entretanto as tempestades rugiam; e negríssimos vendavais surgiam,
> A luz cintilava com brilho constante,
> O clarão feriu as cabeças dos Titãs, cujos olhos

Foram fulminados, enquanto olhavam; e não puderam resistir
Ao calor, e tombaram exaustos no chão.

A única diferença entre Hesíodo e a Sibila é que, segundo Hesíodo, os Titãs não foram dispersos pelo mundo, mas banidos para o Tártaro. O excerto foi certamente admirado por Milton, pois traz vestígios da guerra no céu e da queda dos anjos rebeldes, e, no final de contas, embora se diga que os gigantes foram lançados no Tártaro, os versos finais parecem sugerir que ficaram algures na Terra, com os limites sombrios da terra, do mar e do ar em volta, o céu acima e o Tártaro abaixo. Na mente do poeta grego, as tradições da dispersão parecem sobrepor-se, inconscientemente, à ideia da queda titânica:

Os deuses, vitoriosos, prenderam a horda rebelde
E enviaram-nos, acorrentados com correntes de diamante,
Para as profundezas da terra e as sombras da noite.
Aqui habita a confraria apóstata, condenada
A castigo eterno. Aqui permanecem
Era após era, num estado melancólico,
Murchando em eterna escuridão, e perdidos
De todo o consolo. Ao redor deles ainda se estendem
Os limites lúgubres da terra, do mar e do ar,
Do céu acima e do Tártaro abaixo.
Teogonia, v. 676

Entre os seus Titãs caídos, tão profundamente lançados que uma bigorna de ferro, atirada no abismo, só chegaria ao fundo ao fim de dez dias, Hesíodo nomeia Cronos e Jápeto, assim como Crio, Fórcis, Hiperião e Cotus, que foram tidos como dos primeiros povoadores da Grécia. Na sua obra “Os Trabalhos e os Dias”, o mesmo poeta diz que, quando os habitantes da idade do ouro morreram,

Júpiter fê-los demónios do ar,
Espíritos benignos e guardiães da humanidade,
Que mantêm com severidade a justiça e castigam o erro.

E Atenágoras supunha que as almas dos gigantes eram demónios errantes, que vagueiam constantemente pelo mundo; uma ideia claramente derivada de Hesíodo.

O Rev. Isaac Preston Cory, do Caius College, Cambridge, na sua obra *Ancient Fragments*, onde traduziu os restos de Beroso, Sancuniaton, Manetão, etc., mostra que não só confirmam plenamente estes factos, mas também evidenciam que identificam a origem de todas as antigas mitologias como provenientes deste ponto e baseadas nos mesmos princípios. Diz ele:

“Tem-se observado que as teogonias e cosmogonias dos pagãos eram as mesmas.

Comparando as versões Hermética, Órfica e Pitagórica da célebre colecção de Dâmascio com as de Sancuniaton, Beroso e os restantes, verifica-se que o Éter e o Caos dos filósofos, ou Mente e Matéria, eram tidos como os dois princípios universais, eternos e independentes do universo; um, princípio vivificante e intelectual, o outro, caos aquoso, ilimitado e sem forma, até ser posto em movimento e forma pela mente e tirado das trevas. Da união destes surge a Tríade, Phanes ou Eros, uma divindade tríplice; a alma e luz do mundo, a tríade inteligível tão insistentemente referida pelos platónicos. Havia uma tríade física de Luz, Ar e Terra, e uma espiritual de Amor, Intelecto e Vontade.

Mas veremos que uma tríade perpassa toda a mitologia. No século III, Amónio Saccas, universalmente reconhecido como um homem de notável capacidade, ensinou que todas as seitas, cristãs, heréticas ou pagãs, tinham recebido a verdade e a conservaram nas suas lendas diversas. Empreendeu extraí-la de todas elas; e dos seus esforços nasceu a célebre Escola Eclética dos últimos platónicos.

A Amónio, na cátedra platónica de Alexandria, sucederam Plotino, Amélio, Olímpio, Jâmblico, Siriano e Proclo. Esta escola foi encerrada por Justiniano, e os seus últimos professores, Diógenes, Hermeias, Eulálio, Prisciano, Dâmascio, Isidoro e Simplício, retiraram-se para a Pérsia sob Cosroes.” Dos escritos destes filósofos colige-se a maior parte dos oráculos de Zaratustra. Os mesmos autores contêm também muitas respostas dadas por espíritos aos teurgos.

SANCONIATO

Nos restos da Cosmogonia deste historiador dos Fenícios, encontramos a mitologia desse povo, apresentando o mais claro testemunho da derivação da mitologia grega a partir dela. Os Fenícios, grandes comerciantes com a Europa ocidental, levando as suas ideias bem como as suas mercadorias a toda a parte, implantaram-nas à volta de todo o Mediterrâneo, e bem mais além. Diz-se que Dánao e Orfeu transportaram muito saber mitológico do Egipto para a Grécia; mas a mitologia fenícia assemelha-se ainda mais à teogonia grega. Ele diz que os Ventos ou Éter, unindo-se ao Caos, produziram Môt, ou matéria plástica, e desta matéria aquosa, ou lama, brota toda a semente da criação. Então, a luz irrompe através do Caos, e animais, machos e fêmeas, são produzidos. A raça humana começa e começa a adorar os elementos, como as forças visíveis, entre eles os ventos, Noto, Bóreas, etc. Os dois primeiros homens foram Éon e Protogonos.

O seu filho e filha foram Genus e Genea, que se estabeleceram na Fenícia — de facto, em todas as mitologias, diz-se que os primeiros habitantes se fixaram no país dessa mitologia. De Genus e Genea nasceram três filhos: Phos, Pur e Phlox — Luz, Fogo e Chama; e destes surgiram os gigantes. De Misor descende Taautus, o Toth dos egípcios, e o Hermes dos gregos. Ele ensinou-lhes as letras. Outro deus mencionado é Elioun, chamado Hypsistus, ou o Altíssimo, claramente o Elohim dos hebreus. O filho de Elioun era Urano, ou Céu, que casou com Gé, a terra, e teve três filhos, Cronos, Betylus e Dagom, evidentemente os três filhos de Noé.

Cronos depôs Urano e teve como filhos Perséfone e Atena, sendo esta última quem ensinou Cronos, ou Saturno, a fazer uma lança. Cronos casou com as filhas do banido Urano, Astarte, Reia e Dione (ou seja, as suas irmãs), e teve de Astarte Eros e Pothos, o Eros e Anteros dos gregos, assim como sete filhas, chamadas Titanides, ou Artemides. Dagom, irmão de Cronos, é evidentemente Noé, pois veio das águas. Cronos teve ainda três filhos, Zeus, Belus e Apolo.

Tifão também viveu nesses tempos — Tifão, a serpente tão destacada na mitologia egípcia. Melecarto, o Hércules original ou Melech-Athor, ou Senhor Éter, teve o seu primeiro templo em Tiro, para onde Heródoto viajou para o ver, encontrando a imagem de Hércules apenas um bloco de ferro magnético. Poseidon era também desse tempo, o Neptuno dos gregos.

Astarte é declarada por Sanconiato como sendo Afrodite, ou Vénus. Atena, filha de Cronos, fundou a Ática na Grécia. Após Cronos ter morto, desmembrado e sacrificado Urano, teve um filho chamado Muth ou Morte, o Plutão grego. Os Cabiros, diz ele, habitavam na Fenícia, sendo os Cabiros os Dii Potentes da Grécia, cujo chefe era Júpiter, Juno e Palas. Cronos deu todo o Egipto a Taautus. Taautus introduziu primeiro a serpente no culto egípcio. Na cosmogonia fenícia vemos não só a grega, mas também Sansão, o Hércules original, vindo do país vizinho da Judeia.

BEROSO

Nos fragmentos de Beroso, o historiador da Caldeia, conservados por Alexandre Polistor, Apolodoro, Abideno, Josefo e outros, temos as confirmações mais claras da criação mosaica, do dilúvio e da construção da Torre de Babel. Ele conta-nos que houve um tempo em que nada existia senão trevas e um abismo de água, onde residiam criaturas monstruosas. Eram seres em que se combinavam membros de todas as espécies de animais. Além destes havia peixes, répteis, serpentes que assumiam as formas uns dos outros, e imagens destes seres eram conservadas no templo de Belus em Babilónia até ao seu tempo. Quando Belus dividiu as trevas e separou o céu da terra, estes monstros não puderam suportar a luz

e morreram. Que viva representação dos saurianos e outros monstros das eras pré-adâmicas!

Diz que um ser estranho, meio homem meio peixe, saiu das águas e ensinou aos homens as artes — uma noção obscura de Noé, embora Noé surja mais distintamente como Xisuthrus ou Sisithrus, que, avisado por Cronos de um dilúvio iminente, construiu uma embarcação e levou nela a família e todos os seres. Tendo perguntado à Divindade para onde devia navegar, foi-lhe dito: “Para os deuses”.

Quando a embarcação encalhou nas montanhas da Arménia, soltou aves, que regressaram com os pés sujos de lama, e, na segunda vez, não mais voltaram. Ao sair da arca, Xisuthrus sacrificou aos deuses, depois desapareceu, mas a sua voz podia ser ouvida no ar, aconselhando os filhos a adorarem os deuses e informando-os de que ele, a esposa e o piloto da embarcação tinham sido transladados para junto dos deuses pela sua piedade — uma ténue lembrança de Enoque. Beroso diz que, no seu tempo, os restos da arca permaneciam nas montanhas Córcires da Arménia, e as pessoas raspavam o betume dela como se tivesse propriedades medicinais inestimáveis.

Beroso dá uma sucessão de dez reis da Caldeia até Xisuthrus. Conta que os ventos ajudaram os deuses a destruir a Torre de Babel, que então os deuses introduziram a diversidade de línguas, e que surgiu uma guerra entre deuses e titãs: outro paralelo grego. Josefo dá-nos muitos pormenores da história posterior da Babilónia, de Beroso até à sua tomada por Ciro.

Num fragmento de Megastenes, preservado por Abideno na sua história da Assíria, é-nos dito que Nabucodonosor exclamou: “Oh! Babilónios! Eu, Nabucodonosor, profetizo-vos uma calamidade que em breve acontecerá, a qual nem Belus meu antepassado, nem Beltis sua rainha, têm poder para afastar dos Fados; uma mula persa virá, e com a ajuda dos vossos deuses impor-vos-á o jugo da escravidão.” Provavelmente, Nabucodonosor teve esta profecia comunicada por Daniel.

Encontramos o mesmo relato dos ventos ajudando na destruição de Babel em Alexandre Polistor e na Sibilina de Cumas. Eupolemo, num fragmento da história caldaica, diz que Babilónia foi edificada pelos gigantes que escaparam à destruição de Babel; e Epifânio e a Crónica Pascal, que o período de barbarismo se estendeu de Adão até Noé; o de Escitismo e os costumes dos citas até à era de Thera, que iniciou o período de Helenismo ou idolatria.

Thera é Tera, o pai de Abraão. O helenismo, levado para a Grécia pelos fenícios ou egípcios, deu o nome de Helenos aos gregos. Cedreno, da tribo

de Jafé, tinha introduzido o helenismo. Eupolemo e Nicolau Damasceno confirmam a história hebraica de Abraão. Damasceno diz que Abrão foi rei de Damasco, e que no seu tempo ainda era mostrado um povoado onde teria vivido. Talo diz que Belus, com os titãs, fez guerra a Zeus e aos seus companheiros, chamados deuses; Castor diz que os ciclopes ajudaram Júpiter contra os titãs com relâmpagos, e que Hércules e Dioniso, também descendentes dos titãs, ajudaram a derrotá-los. Assim, estes antigos autores, de quem só nos restam fragmentos, comprovam ao mesmo tempo a história bíblica e a origem do mito grego.

FACTOS NA HISTÓRIA DO EGIPTO

Artapano diz que a filha de Chenephres, rei do Egito, não tendo filhos, criou uma criança dos judeus, chamando-lhe Moyses; mas entre os gregos era chamado Musaeus e foi o instrutor de Orfeu.

O erudito Jacob Bryant diz: “Toda a teologia da Grécia foi derivada do Oriente. Não podemos, portanto, senão com razão supor que Clemente de Alexandria, Eusébio de Cesareia, Taciano da Assíria, Luciano de Samosata, Cirilo de Jerusalém, Porfírio da Síria, Proclo da Lídia, Filão de Bíblos, Estrabão de Amasa, Pausânias da Capadócia, Eratóstenes de Cirene, devem saber mais sobre este assunto do que qualquer nativo helénico.

O mesmo se pode dizer de Diodoro, Josefo, Cedreno, Sincelo, Zonaras, Eustácio, e inúmeros outros. Estes tinham acesso aos arquivos dos antigos templos, e tradições mais genuínas do que alguma vez chegaram à Grécia. E embora posteriores a si próprios, recorrem a autores muito anteriores a quaisquer helénicos; e os seus escritos estão cheios de extratos das histórias mais curiosas e antigas.

Tais são as obras de Sancuniaton, Beroso, Nicolau Damasceno, Moco, Mnaseas, Hieronymus, Egyptiacus, Apion, Manetão, de quem Abideno, Apolodoro, Asclepíades, Artapano, Filástrio, muito retiraram. Devemos a Clemente e Eusébio muitas provas de escritores há muito desaparecidos: até Eustácio e Tzetzes dispuseram de fontes que já não existem” (vol. i, p. 148).

Heródoto atribui a teogonia da Grécia a Hesíodo e Homero. Antes do seu tempo, diz ele (mais de quatrocentos anos antes do seu tempo), nada se sabia na Grécia sobre a origem e geração dos deuses. Na verdade, acrescenta, foi porque Pitágoras ainda não trouxera esse conhecimento do Egipto, e todas as ideias da mitologia grega, assegura-nos, foram dali derivadas.

Assim, vemos, a partir da Ásia Central, os mesmos deuses sob nomes diferentes espalharem-se por todas as regiões da Terra, e o que é ainda

mais notável: as mesmas doutrinas primordiais de um Deus trino e uno sobrevivendo por todo o lado sob os disfarces mais variados. Provavelmente estas verdades ficaram tanto mais gravadas na mente antiga por Noé, que deificaram, ter três filhos, que passaram a considerar como uma reencarnação de Adão e dos seus três filhos, Caim, Abel e Set. O Dr. Cudworth, no seu *Intellectual System of the Universe*, empregou um enorme labor para demonstrar que os gregos tinham a ideia de três deuses superiores, mas que, no fundo, era apenas um Deus supremo. Todos os filósofos, diz ele, acreditavam num só Deus supremo, acima dos outros deuses que adoravam, exceto os estóicos, democritanos e epicuristas. À exceção destes, todos acreditavam na imortalidade da alma; em três hipóstases ou essências — literalmente entendimentos — no Ser Supremo, e na queda dos anjos e sua existência como espíritos infelizes.

No meio da sua multidão de deuses e deusas, ninfas e nereidas, representando apenas formas da natureza, distinguem-se claramente estas verdades originais. Empédocles, grande discípulo de Pitágoras, sustentava as noções de espíritos caídos, como vemos em Plutarco, *De Exilio*, tomo ii, p. 607. Esses demónios empedocleanos caíram do céu e eram perseguidos pela vingança divina, sendo a sua condição inquieta ali descrita em vários versos seus.

Mas é Platão quem desenvolveu de forma mais clara entre os Gregos a natureza tríplice de Deus. A formulação desta doutrina encontra-se na sua segunda epístola a Dionísio. Aí, ele afirma que existem três essências, ou hipóstases, no Ser Supremo. Ο τοῦτε ἡγεμόνος καὶ αἰτίον πάντων πατήρ: O Pai do Príncipe e causa de todas as coisas. Em segundo lugar, este Príncipe, o Noûs, ou, como noutras passagens é por ele chamado, o Λόγος, a mente ou intelecto pelo qual todas as coisas são feitas, ou a Palavra, tal como o Evangelho também o refere. E, em terceiro lugar, a Psyche universal e eterna, ou alma. O Noûs é declarado como o Demiurgo, ou arquitecto do universo, sob o Ὑπερούσιον, ou princípio superessencial, e a Psyche eterna, como existente em ambos — noutras palavras, o Espírito Santo do Cristianismo.

Cudworth confessa-se grandemente impressionado com a correspondência destes princípios em Deus com os da revelação; e só podem ser explicados admitindo que são restos de uma verdade primordial que terá chegado a Platão mais de quatrocentos anos antes da era cristã, ou que se tratou de uma revelação direta para ele.

Os dois princípios introduzidos por Zaratustra na religião persa foram uma reforma direta das antigas mitologias, pretendendo varrer todo o politeísmo elementar, mas não o conseguiu completamente, deixando o sol para ser

adorado como o emblema visível da Divindade. De Zaratustra falarei mais adiante, mas basta aqui dizer que os seus dois princípios incluíam realmente três.

Cudworth considera que os Magos, seguindo Zaratustra, não consideravam o princípio do mal como existente em si mesmo e de igual poder ao princípio do bem, como faziam Plutarco e os maniqueus; pelo contrário, o próprio Plutarco confessa que anunciaram um tempo fatal próximo para Ahriman, e que este deveria ser destruído. Os Magos consideravam Ahriman como os cristãos consideram Satanás, e, de facto, Teodoro chama ao Sathanas persa o chefe dos poderes do mal. Como os professantes de todas as religiões antigas, Zaratustra tinha a sua tríade: Ormuzd ou o Supremo, Mithras como o segundo ou Demiurgo, e a Psyche mundana como o terceiro.

Mas uma doutrina muito notável do mundo antigo, de que Deus incluía em si, como tudo o resto, ambos os sexos, ressurgiu continuamente no ensinamento espiritual atual. Surgiu nos escritos de Swedenborg, e em desenhos e comunicações espirituais em várias ocasiões. Nada era mais comummente aceite, tanto entre os escritores cristãos como pagãos da antiguidade. Nos Fragmentos Órficos encontramos este verso:

> Θῆλυς καὶ γενέτωρ κρατερός Θεὸς Ἠρικαπαῖος.
> Fêmea e Pai é o poderoso deus Ericapêus.

E novamente, no trigésimo primeiro Hino Órfico:

> Ἄρσην μὲν καὶ Θῆλυς ἔφυς, πολυώνυμε Μῆτι.
> Os deuses eram representados de todas as idades. Ulpiano diz que Dioniso era
> καὶ γὰρ παῖδα, καὶ πρεσβύτην, καὶ ἄνδρα
> descrito como criança, velho e homem.

Mas quanto aos sexos, a variação era por vezes extraordinária. Apolo raramente tinha barba, mas Vénus, diz Servius, era em Chipre representada como Afrodito com barba, mas em trajes de mulher. Calvus fala dela como masculina, “Pollentem Deum Venerem”; e Valério Sorano faz de Júpiter a mãe dos deuses:

> Jupiter omnipotens, Regum Rex ipse, Deûmque
> Progenitor, Genetrixque Deûm; Deus unus et idem.

Na verdade, Porfírio, mais do que ninguém, investigou profundamente a história e os caracteres dos deuses, declarando-os, masculinos ou femininos, todos um e o mesmo. “Alguns”, diz Diodoro, “pensam que Osíris é Serápis; outros que é Dioniso; outros ainda que é Plutão; muitos tomam-

no por Zeus ou Júpiter, e não poucos por Pan.” Isto, diz Bryant, era um embaraço desnecessário, pois eram todos um só. Igual confusão prevalece nos relatos daqueles deuses misteriosos, os Cabiros.

Alguns dizem que Zeus era o seu chefe, outros que era Prometeu; outros que eram filhos de Hefesto, que é o Vulcano dos gregos, mas no Egipto era tido como sendo o mesmo que Hélios. Um dos mais antigos templos destes deuses era em Mênfis, e tido por tão sagrado que só os sacerdotes podiam entrar. Cambises entrou, viu as suas estátuas, bem como a do seu pai Vulcano, e destruiu-as, bem como ao templo. Do Egipto, o seu culto passou para Canaã e, de lá, pelos Fenícios, chegou à Grécia.

Foram também confundidos com os Dióscuros e os Coribantes. Diz-se que os Cabiros foram levados para Itália pelos Troianos, que os tinham recebido de Dárdano, da ilha de Samotrácia. Em Roma ocupavam o Templo Capitolino, como Júpiter, Minerva e Juno; θεοὶ δυνατοί, Dii potentes. Aqui, novamente, havia uma alteração de sexos, dos filhos de Vulcano.

Mas a formulação mais completa desta doutrina do que Swedenborg chama o princípio feminino ou de amor na Divindade, tal como expresso pelos pagãos, encontra-se nos Fragmentos Órficos, na célebre passagem que começa:

> Ζεὺς πρῶτος γένετο· Ζεὺς ὕστατος ἀρχικέραυνος.
> Zeus foi o primeiro: Zeus, o portador do trovão, é o último.
> Zeus é a cabeça: Zeus, o meio, e por Zeus todas as coisas foram fabricadas.
> Zeus é macho: Zeus imortal é fêmea.
> Zeus é o fundamento da terra e do céu estrelado.
> Zeus é o sopro de todas as coisas: Zeus é o ímpeto do fogo independente.
> Zeus é a raiz do mar: ele é o sol e a lua.
> Zeus é o rei: ele é o autor da vida universal:
> Uma só força e um só demónio, o poderoso príncipe de todas as coisas.
> Um corpo real em que este universo gira,
> Fogo e água, terra e éter, noite e dia,
> E Metis (Conselho), o pai primordial, e todo o deleitável Eros (Amor).
> Todas as coisas estão unidas no vasto corpo de Zeus.

Como já disse, esta ideia não estava só no paganismo, mas também na igreja primitiva; pois Sinésio, bispo do século V, num dos seus hinos a Deus, diz:

Σὺ πατὴρ, Σὺ δ᾽ ἐσσὶ μάτηρ,
Σὺ δ᾽ ἄῤῥην, Σὺ δὲ θήλυς.
Tu Pai, Tu és Mãe,
Tu Masculino, Tu Feminino.

Mas se a ideia dos princípios masculino e feminino na Divindade era comum, a de uma tríade de princípios nela era universal. Íon diz: “Todas as coisas estão lá, e nada mais nem menos; e a virtude de cada uma é uma tríade composta de Intelecto, Poder e Acaso.” Cory assim resume as tríades da mitologia antiga. Na Índia, os três grandes deuses eram Brama, Vishnu e Shiva — o Criador, o Conservador e o Destruidor, que era também o reprodutor, pois a morte é a reintrodução à vida.

Brama era a suprema divindade unida, incluindo os três; e a sua essência era expressa na palavra misteriosa O'm ou Aum, pela qual, segundo a Cabala judaica, Deus criou o mundo. A tríade grega era Zeus, Poseidon e Plutão, ou, como mais comummente usada, Júpiter, Neptuno e Plutão; em outras palavras, Espírito, Água e Fogo. Na Cosmogonia Órfica, temos Métis, Eros, Ericapêus, ou Vontade, Amor e Vida ou Vivificante. Em outros lugares, Phanes representa Eros, sendo a mesma pessoa, Amor e Luz. No Egipto, são Ammon, Ptha e Osíris; ou Serápis, Dionísio e Osíris. Em outros locais, Cneph e Emeph figuram na tríade, mas podem ser resolvidos nos mesmos deuses. Em Heródoto, os três são Osíris, Hórus e Tifão, sendo este último o princípio destruidor mas reprodutor, tal como Shiva na Índia. Na mitologia síria, os três eram Cronos, Pothos e Omicles; Cronos sendo também o seu deus Bel.

Na caldaica encontramos Tauthe, Apason e Moímis, significando Pai, Poder e Intelecto; ou Ar, Fogo e Sol. Na persa são Ormazdes, Mithras e Ahriman, sendo este último o Shiva da Índia e o Tifão do Egipto. Na escandinava são Odin, Thor e Loke, este último também Fogo ou o Destruidor. Os druidas da Inglaterra tinham tríades semelhantes, mas apresentavam-nas de forma mais intelectual, como Deus consistindo necessariamente em três magos — o Maior da Vida, o Maior do Conhecimento, e o Maior do Poder. Um Deus, uma Verdade, um ponto de Liberdade, onde todos os opostos se equilibram.

Expressavam os caracteres do Infinito nas letras OIW, como os judeus em JA O, e os indianos em Aum. Os persas chamavam à Divindade Suprema Viracocha, mas nele estavam os três: o Senhor Sol, o Filho Sol e o Irmão Sol. Também adoravam Tanga-Tanga, que, diziam, era três em um.

Em todas as mitologias havia uma divisão posterior em quase inumeráveis deuses e deusas, meros poderes e propriedades da natureza, que se tornaram muitíssimo confusos entre si, mas na maior parte resolúveis, com algum trabalho, em um deus, ou dois no máximo, o sol e a lua. As mentes

mais elevadas reconheciam apenas um Supremo. O Rev. Isaac Cory diz: “Uma Trindade na unidade foi, desde o princípio, o dogma fundamental de todas as nações da terra.”

No entanto, há uma exceção notável: os judeus, até ao advento de Cristo. Creio que se procurará em vão pela mais ténue sombra de tal doutrina no Antigo Testamento, e a razão disso parece-me bastante evidente, devido à necessidade de evitar que os judeus caíssem no politeísmo das nações vizinhas. Se tivessem compreendido estes princípios em Deus, é claro pela sua determinada tendência para a idolatria, que em breve teriam trinta ou mais.

Este conhecimento não lhes foi revelado até que estivessem plenamente enraizados no monoteísmo. Ainda assim, deve ter sido uma verdade primordial, pois espalhou-se com os povos desde a planície de Shinar para todas as regiões da terra; e o seu aparecimento e manutenção entre todas as nações não se explica senão por ter sido implantada em algum momento e lugar, quando todos estavam juntos e falavam uma só língua.

Para além das tríades mencionadas por Cory, os mexicanos tinham uma, composta por Mexitle, ou Vitzliputzli, Tlaloc e Tezcallipuca. Eles, como todos os índios americanos, tinham uma arca e as tradições do dilúvio. A arca dos mexicanos era a mesma máquina em que Ammon ou Osíris do Egipto eram levados em procissão; a mesma que a arca de Baco, o navio de Ísis e a Argha de Iswara. A sua tez escura era a de Vishnu da tríade indiana e Cneph da tríade egípcia. Era oracular, como o navio Argo dos gregos, o Bous de Ammon; os principais deuses arcaicos de todas as nações gentias. Ele liga a sua cidade a um lago, como os Cabiros, como a de Buto no lago Chemmis no Egipto, e tem evidente ligação com o lago e ilhas flutuantes de todas as mitologias pagãs.

Mais algumas palavras podem demonstrar que, no meio desta tradição generalizada do paganismo, a doutrina da unidade da Divindade ainda e igualmente prevalecia, pelo menos entre sacerdotes, mestres, filósofos e iniciados; pois todas as antigas mitologias, caldaica, egípcia, síria, grega, tinham o seu ensino exotérico e esotérico. Plutarco diz-nos que foi essa a razão de se colocarem esfinges à entrada de todos os templos egípcios. Clemente Alexandrino, Orígenes, Hermes Trismegisto e o diálogo Asclepiano, todos afirmam o mesmo. Neste último diálogo, temos novamente os dois sexos da Divindade afirmados, e ao mesmo tempo a unidade e supremacia de um só Deus.

Jâmblico diz que sobre o portal do templo em Sais estava inscrito: “Eu sou tudo o que foi, é e será; e o meu peplo, ou véu, nenhum mortal ainda levantou.” A cada uma das grandes divindades do Egipto era igualmente

atribuída a supremacia, assim insinuando que havia realmente apenas um Deus. A teoria persa tinha não só o princípio feminino na Divindade, como “mader” ou “mether”, a mãe, mas afirmava a unidade e supremacia do Criador original. Platão e os padres cristãos acusam os poetas gregos de degradarem os deuses ao descrevê-los como sensuais e conflituosos; contudo, admitem que afirmaram um Ser Supremo, e uma eternidade passada e futura.

Mas, não obstante as grandes verdades primordiais que sobrevivem em todos os paganismos, estes sistemas exibiam por toda a parte as marcas evidentes do demónio. Isto manifestava-se nas práticas licenciosas em todos os templos, enquanto instituição, de uma ponta à outra do mundo — em Roma, Grécia, Egipto, Babilónia e Índia. Via-se também no espírito de orgulho e vingança que era ensinado, e tido pelos mais cultos pagãos como tendo nobreza, e ainda mais na sede de sangue humano que todos os deuses dos gentios demonstravam. Com um olhar sumário sobre estes horrores, concluirei este capítulo.

Em Salamina, anteriormente chamada Coroneia, sacrificava-se anualmente, em Março, um homem a Argaula, filha de Cécrope e nora de Argaulis. Isto continuou até à época de Diomedes, a quem depois passou a ser feito o sacrifício. Este costume perdurou até ao tempo de Diphilus, que mudou a vítima para um touro. Em Heliópolis, cidade do Egipto, sacrificavam-se homens até ao tempo de Amósis. Também eram sacrificados homens a Juno, até nove num só dia; mas Amósis mudou as vítimas para estátuas de cera com forma humana. Um homem era sacrificado ao Baco Omadiano em Quios, e também em Ténedos. Os espartanos, segundo Apolodoro, sacrificavam homens a Marte. Os fenícios e egípcios, cretenses e persas tinham sacrifícios semelhantes. Fílon de Biblos relata que os fenícios tiveram um rei chamado Israel, que sacrificou o seu filho único Jeust, o que deu origem ao costume.

É fácil perceber que a origem desta tradição está na Bíblia, e que Abraão é posto de parte em favor de Israel. Os Curetes sacrificavam rapazes, e Pallas diz que os sacrifícios humanos não cessaram por todo o lado até aos tempos do imperador Adriano. Em Laodiceia, uma virgem era anualmente sacrificada a Minerva, sendo depois substituída por uma corça. Os cartagineses mantiveram sacrifícios semelhantes até Iphicrates os abolir. Os Dumatianos da Arábia sacrificavam anualmente um rapaz. Os gregos, segundo Filarcho, geralmente sacrificavam homens antes de saírem para a guerra.

Os trácios e citas faziam o mesmo. Todo o leitor clássico recordar-se-á do sacrifício tentado de Ifigénia pelo seu pai, e do sacrifício consumado da filha

de Erecteu e Praxítia pelos atenienses. Nesta altura, diz Eusébio, um homem era sacrificado em Megalópolis durante a festa de Júpiter Latiaris. O mesmo ocorria com Júpiter na Arcádia e com Saturno em Cartago. Na Lídia, Diodoro afirma que 200 filhos de nobres e 300 do povo em geral tinham sido sacrificados. Dionísio de Halicarnasso diz que Apolo e Júpiter, a dada altura, exigiram tantos sacrifícios humanos dos aborígenes da Itália que estes se dizimaram a si próprios e, para escaparem a tal flagelo, emigraram para regiões distantes.

Diz-se que isto aconteceu aos pelasgos em Itália; que foi a ruína do país, e que, apesar da emigração dos jovens, os oráculos continuavam a exigir e os magistrados a impor estes sacrifícios, até que Hércules lhes pôs termo. Sabemos que terríveis sacrifícios do mesmo género foram feitos na Índia durante séculos e até aos nossos dias. Provas terríveis da influência demoníaca, e da afirmação de São Paulo e de Milton de que os deuses dos gentios eram demónios.

Os persas enterravam pessoas vivas. Os cipriotas, rodienses, fócios, jónicos, habitantes de Quios, Lesbos, Ténedos, todos praticavam sacrifícios humanos. Os nativos da Táurica, Quersoneso, ofereciam a Diana todos os estrangeiros que o acaso lançava à sua costa. Aristómenes, o messénio, matou 300 nobres lacedemónios de uma vez, entre os quais Teopompo, rei de Esparta, no altar de Júpiter em Ithome.

Os espartanos, em retaliação, sacrificavam os seus prisioneiros a Marte. Os rapazes espartanos, no festival da Diamastigose, eram chicoteados diante dos pais perante o altar de Diana com tal severidade que frequentemente morriam. Fitárquio e Porfírio afirmam que todos os estados gregos, antes de marcharem contra um inimigo, sacrificavam vítimas humanas. Os romanos faziam o mesmo. Lívius diz que no consulado de Emílio Paulo e Terêncio Varrão, dois gauleses, um homem e uma mulher, e dois gregos foram enterrados vivos em Roma, no mercado do gado, num lugar murado feito para esse fim. Plutarco dá outro exemplo, alguns anos antes, no consulado de Flamínio e Fúrio.

Afirma-se que os principais prisioneiros levados em triunfo pelos romanos eram, durante muito tempo, executados depois no altar de Júpiter Capitolino. Mário sacrificou a própria filha aos Dii Averrunci para obter sucesso contra os cimbros; Clemente, Doroteu e Plutarco, todos o afirmam. Plínio e Cícero dizem que, no seu tempo, o costume fora descontinuado: mas foi depois reavivado. Augusto César, quando tomou Perúsia, sacrificou 300 homens das ordens equestre e senatorial aos manes do seu tio Júlio. Porfírio diz que, no seu tempo, um homem era sacrificado todos os anos no santuário de Júpiter Latiaris.

Heliogábalo ofereceu vítimas humanas à divindade síria que introduziu. O mesmo se diz de Aureliano; os gauleses e germânicos eram tão devotos dos sacrifícios humanos que nenhum negócio importante era realizado sem ser precedido por sangue humano. Segundo a Farsália de Lucano (livro I, verso 444), os deuses a quem eram feitos estes sacrifícios eram Thautates, Hesus e Taranis, e que tudo ocorria no meio de bosques sombrios para aumentar o horror. Tácito, nos seus Anais (livro XIII), diz que os Hermandúrios sacrificavam todos os seus prisioneiros a Marte.

As florestas Arduenna e Hircínia eram terríveis por estas imolações às mãos dos druidas. (Ver Claudiano em Laudes Stilichonis, livro I). Os Massagetas, citas, getas, sármatas, suevos e todos os escandinavos acreditavam que nenhuma bênção ou segurança podia ser obtida senão por tais sacrifícios a Odin e Thor. A ilha de Rügen, mas sobretudo Upsala, era famosa por estes horrores. Para detalhes abundantes destes ritos sangrentos, em que muitas vezes os reis eram imolados, ver Germania Media de Hackberg, Snorro Sturleson na Ynglinga Saga; Saxo Grammaticus, livro 10; Olaus Wormius, p. 28; Adão de Bremen, Scheiffer de Upsal, Crónica da Noruega, Johannes Magnus e muitos outros autores nórdicos.

O mesmo se passava na Irlanda; ver a Crymogea de Arngrim Jonas. Dithmar relata os mesmos sacrifícios ao deus Swantowite em Zelândia. Na verdade, toda a Europa, incluindo as nossas ilhas em tempos druidas, estava manchada de sangue sacrificial humano.

O mesmo acontecia entre mexicanos e peruanos, e o rei de Daomé, em África, ainda mantém a antiga prática africana. Sabemos pelas Escrituras que o povo de Canaã sacrificava crianças a Moloque; os tírios e cartagineses ofereciam homens e crianças a Cronos. (Ver exemplos disto em Diodoro Sículo e Sílio Itálico.) Amílcar, derrotado na Sicília, não só sacrificou um rapaz a Cronos no local, como afogou alguns sacerdotes para apaziguar o deus. “Diz-me agora”, pergunta Plutarco, “se os monstros de antigamente, Tifão e os gigantes, expulsassem os deuses e passassem a governar o mundo em seu lugar, poderiam exigir um serviço mais horrível do que estes ritos e sacrifícios infernais?”

Aos exemplos anteriores pode acrescentar-se que os druidas queimavam homens em estruturas de vime para os deuses. Os índios Natchez e o povo de Bogotá praticavam sacrifícios semelhantes. Dois oficiais de Cortés, que contaram os crânios dos nativos assim sacrificados no México, disseram a Gómara que ascendiam a 120.000, e os monges franciscanos que foram para a Nova Espanha depois dos espanhóis tomarem posse, relatam que estes sacrifícios humanos ascendiam anualmente a 2.500.

Não é preciso mais prova da afirmação dos Apóstolos de que aqueles que comem coisas oferecidas aos ídolos comem os sacrifícios dos demónios. Todo o paganismo, em todo o mundo, não só entre os mais ignorantes e bárbaros, mas também entre as nações mais civilizadas e filosóficas, ostentava as marcas mais claras do demonismo na imoralidade e no sangue.

Contudo, em todas as nações, por mais científicas ou mergulhadas na ignorância que fossem, o espiritualismo mantinha a sua fé. Podiam ser demónios aqueles a quem adoravam como deuses, mas pensavam neles como deuses: e deles recebiam oráculos e sonhos que, pela sua concordância com acontecimentos posteriores, lhes garantiam que existia um mundo espiritual a governar este mundo. Nenhuma nação pode tornar-se uma nação de ateus, o ateísmo é apenas doença de mentes excecionais. Nenhuma nação jamais renunciou à crença na existência de espíritos que agem com e por eles. A proximidade do mundo espiritual mantinha-se deforma imperecível consciente na alma humana.

Os inúmeros oráculos em todo o mundo pagão não teriam mantido o seu crédito sem uma grande infusão de conhecimento sobrenatural nas suas respostas. A confiança nos oráculos, e a sua fiabilidade como razão disso, parece uma consequência direta do seu uso universal. Cícero tinha uma noção muito semelhante à dos Apóstolos: que todos os espíritos são espíritos ministrantes dos homens. “Deus distribuindo deuses a todas as partes do mundo, como que semeou alguns deuses na terra, outros na lua,” etc. (Sobre o Timeu de Platão, c. xiii.)

E diz ele na sua “De Natura Deorum”, livro I, que Cúrio e Fabrício nunca teriam sido tais homens se não fosse pela cooperação de Deus; e em “De Divinatione”, I. 1: “Alguma vez a Grécia enviou colónias para Etólia, Jónia, Ásia, Sicília ou Itália sem antes consultar sobre todos os detalhes nas questões relativas a elas, ou em Delfos, ou Dodona, ou no oráculo de Ammon?” Luciano, Astrolog. v. I, p. 993, diz o mesmo. As pessoas não se atreviam a construir cidades, nem sequer a erguer muralhas, sem antes fazerem a devida consulta junto daqueles dotados de espírito profético sobre o sucesso das suas operações. Assim também Calímaco, no seu hino a Apolo:

> “É por meio da ajuda tutelar de Apolo
> que os homens partem para regiões longínquas
> e fundam cidades. Apolo alegra-se sempre
> em fundar cidades.”

Nem bênção nem segurança podiam ser obtidas senão através de tais sacrifícios a Odin e Thor. A ilha de Rügen, mas sobretudo Upsala, era famosa por estes horrores. Para detalhes abundantes destes rituais sangrentos, em que frequentemente os reis eram imolados, veja-se *Germania Media* de Hackberg, Snorro Sturleson na *Ynglinga Saga*, Saxo-Grammaticus, livro 10, Olaus Wormius, p. 28, Adam de Bremen, Scheiffer de Upsal, Crónica da Noruega, Johannes Magnus e muitos outros escritores do norte. O mesmo acontecia na Irlanda; veja-se a *Crymogea* de Arngrim Jonas. Dithmar relata sacrifícios semelhantes ao deus Swantowite na Zelândia. Na verdade, toda a Europa, incluindo as nossas próprias ilhas em tempos druidas, corria com sangue de sacrifícios humanos.

O mesmo se passava entre os mexicanos e peruanos, e o Rei de Daomé em África ainda mantém a antiga prática africana. Sabemos pelas Escrituras que o povo de Canaã sacrificava crianças a Moloque, os tírios e cartagineses ofereciam homens e crianças a Cronos (veja-se exemplos disto em Diodoro Sículo e Sílio Itálico). Amílcar, ao ser derrotado na Sicília, não só sacrificou um rapaz a Cronos no próprio local, como afogou alguns sacerdotes para apaziguar o deus. “Diz-me agora”, pergunta Plutarco, “se os monstros antigos, Tifão e os gigantes, expulsassem os deuses e passassem a governar o mundo em seu lugar, poderiam exigir um serviço mais horrível do que estes ritos e sacrifícios infernais?”

Aos exemplos anteriores acrescente-se que os druidas queimavam homens em estruturas de vime para os deuses. Os índios Natchez e o povo de Bogotá tinham práticas semelhantes. Dois dos oficiais de Cortés, que contaram os crânios dos nativos sacrificados no México, disseram a Gómara que ascendiam a 120.000, e os monges franciscanos que foram para a Nova Espanha depois da conquista espanhola relatam que esses sacrifícios humanos ascendiam anualmente a 2.500.

Não é necessário mais prova para a afirmação dos Apóstolos de que quem come coisas oferecidas aos ídolos come sacrifícios dos demónios. Todo o paganismo, em todo o mundo, não só entre os mais ignorantes e bárbaros, mas também nas nações mais civilizadas e filosóficas, ostentava as marcas mais claras do demonismo na imoralidade e no sangue.

Contudo, em todas as nações, por mais científicas que fossem ou mergulhadas na ignorância, o espiritualismo mantinha a sua fé. Podiam ser demónios aqueles que adoravam como deuses, mas viam-nos como deuses: e deles recebiam oráculos e sonhos, que, pela concordância com acontecimentos posteriores, os convenciam de que existia um mundo espiritual a governar este mundo. Nenhuma nação pode tornar-se uma nação de ateus, o ateísmo é apenas a doença de mentes excecionais.

Nenhuma nação alguma vez abandonou a crença na existência de espíritos que atuam com e por eles. A proximidade do mundo espiritual mantinha-se, de forma indestrutível, consciente na alma humana. Os inúmeros oráculos do mundo pagão não poderiam ter mantido o seu crédito sem uma grande infusão de conhecimento sobrenatural nas suas respostas. A confiança nos oráculos, e a sua fiabilidade como causa disso, parece resultar diretamente do seu uso universal.

Cícero tinha uma noção muito semelhante à dos Apóstolos: que todos os espíritos são espíritos ministrantes dos homens. “Deus, distribuindo deuses por todas as partes do mundo, como que semeou alguns deuses na terra, outros na lua”, etc. (Sobre o Timeu de Platão, c. xiii.) E diz ele na sua “De Natura Deorum”, livro I, que Cúrio e Fabrício nunca teriam sido homens como foram sem a cooperação de Deus; e em “De Divinatione”, I.1: “Alguma vez a Grécia enviou colónias para Etólia, Jónia, Ásia, Sicília ou Itália sem antes consultar, sobre todas as circunstâncias relativas a isso, em Delfos, Dodona ou no oráculo de Ammon?”

Luciano, Astrolog. v. I, p. 993, diz o mesmo. As pessoas não ousavam construir cidades, nem sequer erguer muralhas, sem antes consultar devidamente aqueles dotados de dons proféticos quanto ao sucesso das suas operações. Assim também Calímaco, no seu hino a Apolo:

> “É com o auxílio tutelar de Apolo
> Que os homens partem para terras distantes
> E fundam cidades. Apolo alegra-se sempre
> Em fundar cidades.”

Pausânias, I, 7, diz: “em Patras, na Acaia, há um templo e, em frente ao templo, a fonte de Deméter e, no templo, um oráculo que nunca falha — μαντεῖον δὲ ἐνταῦθά ἐστιν ἀψευδές.”

Mas perguntar-se-á: os demónios diziam sempre a verdade através destes oráculos? Talvez o fizessem por boa política, pois a sua influência e culto dependiam disso, e, como nos é ensinado a crer, os demónios são muito astutos. Mas, provavelmente, Deus, que diz nunca ter deixado os homens sem testemunho de Si, condescendeu em ouvir e responder às suas orações bem-intencionadas, ainda que mal dirigidas. Em todo o caso, a verdade chegou ao mundo pagão através de oráculos, sonhos, aparições e outros meios sobrenaturais — ou então toda a história antiga é mentira.

Assim, tratei aqui com mais detalhe do que o espaço permite a origem, natureza, principais características, princípios e sistema da mitologia pagã em geral, para a esclarecer totalmente e poder apresentar livremente os

factos do sobrenatural entre todas estas nações, sem necessidade de referência constante às suas noções individuais.

CAPÍTULO X
O SOBRENATURAL NA ASSÍRIA, CALDEIA E PÉRSIA

Quando encontrava alguém que não se satisfazia com o conhecimento ao alcance da sabedoria humana, Sócrates aconselhava-o a dedicar-se diligentemente ao estudo da adivinhação; afirmando que quem estivesse familiarizado com os meios de que os deuses se serviam ao comunicar algo ao homem, nunca ficaria desprovido de conselho divino. — XENOFONTE, *Memórias de Sócrates*, IV.

Da Assíria, muito pouco se sabe, exceto como surge na Bíblia e pelas breves referências em fragmentos de Beroso e Sanconíato. Diz-nos a tradição que Nimrod, filho de Cush, filho de Cam, fundou o reino de Babel, depois Babilónia. Estes Cutitas ou Cuchitas, Jacob Bryant considera-os como antepassados dos godos ou cutos; e, se assim for, nós, europeus, temos uma forte ascendência de Cam.

Os godos, que sucederam, na sua vaga migratória, aos filhos de Gomer, filho de Jafé, os gomerianos, cimerianos ou cambri, cumbrianos ou cambrianos, nos escandinavos e normandos, apresentavam-se como a raça dominante que constitui a classe dirigente ou aristocrática onde quer que se tenham fixado. Segundo esta teoria, a nossa aristocracia, bem como os negros, descenderiam de Cam.

Parece, porém, que os filhos de Sem e de Cam viviam juntos nos tempos primordiais; pois, embora Nimrod tenha fundado Babel, diz-nos o capítulo 10 do Génesis que “daquela terra saiu Assur, que edificou Nínive, e a cidade de Reobote, e Calá, e Resém, entre Nínive e Calá: esta é uma grande cidade”. Assim, o império da Assíria foi fundado por eles, embora pareça que mais tarde tenha sido absorvido pelo reino cutita da Babilónia.

Nino, segundo Heródoto, fundou o império assírio — isto é, alargou-o e fez dele um reino mais marcial do que sob os descendentes de Assur. Segundo a sua afirmação, durou 520 anos. A Bíblia não menciona nenhum da sua dinastia, exceto Pul, que terá sido provavelmente pai de Sardanapalo. Este monarca, célebre pela sua efeminização, tornou-se conhecido por se ter incendiado no seu palácio em vez de se render ao invasor. Foi o último da dinastia de Nino ou de Belo, antepassado de Nino.

No ano A.M. 3257, Arbaces, o Medo, visitou Sardanapalo e, desprezando-o pelo vício e corrupção luxuosa, conspirou com Belesis, governador da

Babilónia, para conquistar Nínive. Diodoro Sículo diz que Sardanapalo se riu deles, assegurado por uma antiga profecia de que Nínive nunca poderia ser tomada pela força, a não ser que o rio se tornasse inimigo da cidade. Assim, fica claro que os assírios eram espiritualistas convictos nessa época e depositavam plena fé em comunicações e oráculos sobrenaturais.

Na verdade, os poucos vestígios históricos que temos deles mostram-nos, tal como aos babilónios, devotos da astronomia, astrologia e adivinhação. Tornaram-se idólatras, mas mantinham uma fé inabalável na presença e comunicação dos espíritos do mundo superior. Confiando na profecia, Sardanapalo manteve o cerco durante mais de dois anos e, no terceiro, a profecia cumpriu-se de modo completamente inesperado, como tantas outras.

Devido a chuvas excessivas, o Eufrates transbordou as margens e derrubou vinte estádios da muralha da cidade, por onde entrou o inimigo. Belesis teve grandes dificuldades em manter Arbaces dedicado ao cerco, mas sendo ele próprio sacerdote e adivinho, bem como general, passava as noites ao relento a observar as estrelas e, através delas, receber comunicação divina, anunciando então confiantemente que receberiam socorro suficiente para lhes garantir a vitória. O socorro veio sob a forma de uma inundação e a profecia confirmou-se. Sardanapalo, ao ver a profecia assim cumprida, incendiou o palácio e queimou-se a si, às esposas, concubinas e eunucos, com todos os seus tesouros.

A queda de Sardanapalo, contudo, não extinguiu o império assírio. Arbaces reinou na Média e Belesis na Babilónia, e encontramos uma sucessão de reis babilónios a reinar em Nínive, de Tiglate-Pileser a Senaqueribe e Esar-Hadom. Estes monarcas, à medida que os israelitas se tornavam maus e idólatras, começaram a persegui-los. Encontramos Tiglate-Pileser, rei da Assíria, a invadir Israel nos dias de Pecá, rei de Israel, cerca de 770 anos antes de Cristo, levando cativos os habitantes de várias cidades. Acaz, rei de Judá, receando que os israelitas e sírios se unissem contra si, enviou a Tiglate-Pileser e subornou-o com o saque da casa do Senhor, para conseguir uma aliança com ele.

Shalmaneser voltou a atacar e tomou Samaria, a capital das Dez Tribos, levando-as cativas para Halah e Habor, e para as cidades dos Medos, e trouxe homens da Babilónia (pois parece que a Assíria dominava então também a Babilónia), de Cuta e de muitos outros lugares, povoando com eles as terras das Dez Tribos. Nos dias de Ezequias, rei de Judá, o rei da Assíria enviou três generais, Tartan, Rabsaris e Rabsaqué, contra Jerusalém, e fizeram exigências muito violentas a Ezequias, mas Deus enviou-lhes “um rumor e um sopro”, e eles fugiram de volta para a Assíria.

Depois disso, Senaqueribe, o próprio rei, subiu para sitiar Jerusalém; mas Deus deu-lhe uma prova extraordinária do poder do espírito, pois enviou o seu anjo e feriu, no acampamento dos assírios, cento e oitenta mil deles, e, ao amanhecer, eis que todos eram cadáveres.

Esar-Hadom, filho deste Senaqueribe, conquistou Babilónia, e os assírios reinaram ali durante três reinados, até que Nabopolassar, governador da Babilónia, se aliou a Astíages, da Média, e destruiu o império da Assíria, dividindo as suas terras entre ambos. Assim, o grande e orgulhoso império assírio foi absorvido pela Babilónia, ou Caldeia e Média, para que depois a Caldeia caísse perante a Média e a Pérsia, e se fundisse no vasto império persa.

Um dos acontecimentos mais interessantes dos tempos modernos foi a descoberta da antiga capital da Assíria, Nínive, e a escavação dos seus vestígios por Layard. Assim, o modo de vida dos assírios, após um sepultamento de quase 2.500 anos, foi-nos subitamente revelado, com todos os seus guerreiros orgulhosos nos seus carros de guerra e nos seus altivos cavalos, com crinas e caudas elaboradamente encaracoladas; os próprios homens tão encaracolados quanto os seus cavalos.

Aqui temos a semelhança viva dos próprios homens que levaram cativas as Dez Tribos, e cujos companheiros foram mortos, cento e oitenta mil de uma só vez, por manifestação espiritual. Mas não sofreram apenas pelo poder do espírito. Sentiam a sua presença e buscavam-na através de oráculos, interpretações dos astros e com o auxílio misterioso dos adivinhos. Podem ser considerados dos mais antigos espiritualistas do mundo; mas aquilo que eram vê-se ainda mais claramente nos seus sucessores, que mantiveram a mesma fé e se distinguiram pelas mesmas artes.

Os sábios caldeus eram os sacerdotes, professores de ciência e filosofia em Babilónia. Eram os primeiros detentores de todos os segredos da sua teologia, a que juntavam a magia, ou arte de invocar espíritos ministrantes.

Os caldeus, sendo os mais antigos babilónios, ocupavam a mesma posição e dignidade na comunidade que os sacerdotes egípcios no Egipto; pois, sendo incumbidos das funções divinas, passavam todo o seu tempo no estudo da filosofia e eram especialmente famosos pela arte da astrologia. Dedicavam-se profundamente à adivinhação, predizendo acontecimentos futuros, e empregavam-se, por meio de purificações, sacrifícios ou outros encantamentos, a afastar males, ou a procurar boa sorte ou sucesso.

Eram também hábeis na arte de adivinhar pelo voo das aves e na interpretação de sonhos e prodígios; e eram tidos como verdadeiros oráculos ao declararem o que viria a acontecer, pela sua observação exata

e diligente das entranhas dos sacrifícios. Mas não adquiriam este conhecimento da mesma forma que os gregos; pois os caldeus aprendiam-no por tradição dos seus antepassados, de pai para filho, estando todos, nesse período, livres de quaisquer outras funções ou cargos públicos; e, como os pais eram também os seus tutores, aprendiam tudo sem inveja e confiavam mais na verdade do que lhes era ensinado; e, sendo instruídos desde a infância nesta ciência, tornavam-se filósofos de grande fama. — Diodoro Sículo, livro ii, cap. 3.

Assim como previram acontecimentos para outros reis, também o fizeram para Alexandre, que conquistou Dario, e para os seus sucessores Antígono e Seleuco Nicanor; e, de acordo com o que declararam, assim se cumpriram as coisas, como relataremos mais adiante. Dizem igualmente a homens privados a sua sorte com tal certeza, que aqueles que comprovaram a verdade dessas previsões consideraram-no um milagre, acima do que o homem pode realizar. — Idem, livro ii, cap. 3.

Heródoto diz que, na Torre de Belo, em Babilónia, havia uma sala no cimo, onde uma mulher dormia para receber comunicações do deus. Junto à cama havia uma mesa de ouro. Diz que existia um costume semelhante no templo de Júpiter em Tebas, no Egipto, e em Patras, na Lícia. Estas mulheres não tinham contacto com homens, e, antes de proferirem um oráculo, deviam dormir na noite anterior no templo.

No império babilónico, no seu auge sob Nabucodonosor, temos a visão mais completa do espiritualismo desse povo: os magos, adivinhos e intérpretes instituídos para interpretar os sinais do céu. Eram, como dizem Diodoro e Heródoto, um corpo distinto, de alta consideração, com um sistema pelo qual conduziam todas as explicações de oráculos, sonhos e prodígios.

Não só as Dez Tribos tinham sido levadas da Palestina pelos assírios, mas também as duas tribos de Judá e Benjamim tinham sido levadas de Judá e plantadas na Babilónia; o seu templo fora queimado por Nabucodonosor, todos os vasos e tesouros do templo levados e depositados no templo de Baal em Babilónia. Tal como temos um relato distinto dos magos do Egipto na Bíblia, temos também dos magos da Babilónia no mesmo livro.

Daniel foi chamado à presença de Nabucodonosor para lhe contar um sonho que este tivera, assim como a sua interpretação. Ele chamara todos os magos, astrólogos e caldeus para lhe dizerem essas coisas, e eles estavam prontos a interpretar o sonho, se o rei lhes dissesse o que tinha sonhado. Mas o sonho tinha-se-lhe apagado da memória, e Deus apagara-lhe a lembrança para lhe mostrar que existia um Deus acima do deus dos caldeus, e um poder para além do que lhes permitia exercer.

Foi isso que Deus fez com os magos egípcios. “A magia dos caldeus”, diz Brucker, “não deve ser confundida com feitiçaria ou suposto contacto com espíritos malignos; consistia na realização de certas cerimónias religiosas ou encantamentos, que se supunha, por intermédio de bons demónios, produzirem efeitos sobrenaturais.” Era o que depois se passou a chamar Magia Branca ou Sagrada. Mas os seus informadores espirituais, que tantas vezes os haviam ajudado em casos extraordinários, foram aqui dominados pelo Omnipotente, e só Daniel, profeta do verdadeiro Deus, pôde revelar o futuro ao monarca. O mesmo se passou com a inscrição na parede no festim de Belsazar, sucessor de Nabucodonosor.

Os caldeus e astrólogos não a puderam ler, e Daniel foi chamado e leu-a. No entanto, esta superioridade da adivinhação hebraica não fez com que por muito tempo a fama dos caldeus como adivinhos fosse ofuscada. A sua reputação por todo o mundo levou outros povos a adotar os seus mistérios; e entre os romanos havia uma classe chamada caldeus ou matemáticos, segundo Valério Máximo, livro I, cap. 3, que se tornaram tão descarados na sua presunção que, por decreto imperial, foram banidos de Itália.

O império babilónico foi absorvido pelo da Pérsia por Ciro; e é notável que este grande conquistador tenha sido profetizado pelo nome pelos profetas de Israel, mais de um século antes do seu nascimento. Isaías (xliv, v. 28) diz: “Ciro é o meu pastor, e cumprirá toda a minha vontade, dizendo a Jerusalém: serás edificada; e ao templo: o teu fundamento será posto!” E o capítulo seguinte começa assim: “Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, cuja mão direita Eu sustenho, para subjugar nações diante dele; e descingir os lombos dos reis, para abrir diante dele as portas duplas, e as portas não se fecharão.

Eu irei adiante de ti e tornarei planos os caminhos tortuosos; quebrarei as portas de bronze e cortarei os ferrolhos de ferro. E dar-te-ei os tesouros das trevas, e riquezas escondidas de lugares secretos, para que saibas que Eu, o Senhor, que te chamo pelo teu nome, sou o Deus de Israel. Por amor do meu servo Jacob, e de Israel, meu eleito, chamei-te pelo teu nome, ainda que não me conheças.”

Tanto em Isaías (xliv) como em Jeremias (xliv), a tomada de Babilónia por Ciro é profetizada com detalhes muito descritivos. As portas que encerravam a cidade de cada lado do rio seriam forçadas, e o rio secaria, como de facto sucedeu quando Ciro desviou o curso do rio. Em Jeremias (l., li.), Babilónia seria tomada por uma armadilha ou estratagema; uma seca cairia sobre as águas e estas secariam; os seus valentes ficariam paralisados e tornados como mulheres no seu interior, como aconteceu pela

surpresa, segundo Heródoto e Xenofonte. Em Daniel (viii), Ciro é prefigurado como o carneiro com dois chifres.

Josefo, no segundo livro e segundo capítulo das suas *Antiguidades*, diz que os judeus da Babilónia mostraram a profecia de Isaías a Ciro, onde era nomeado, e que, no édito que concedeu para o regresso deles, Ciro reconheceu ter recebido o império do mundo do Deus de Israel. Que Deus o tinha designado pelo nome nos escritos dos profetas, e predito que ele deveria edificar-lhe um templo em Jerusalém. Mas não é menos notável o facto registado por Heródoto (liv. I, cap. 107), de que ele e o seu destino foram também profetizados pelos adivinhos da Média. Diz que Astíages, rei da Média, sonhou que da sua filha Mandane nasceria um poder que dominaria toda a Ásia. Alarmado, o velho rei ciumento chamou os adivinhos, que interpretaram o sonho dizendo que a filha teria um filho que conquistaria toda a Ásia.

Como isto parecia incluir o seu próprio domínio, Astíages, homem de temperamento tirânico, decidiu casar a filha não com um príncipe meda, mas com um simples fidalgo de uma província sujeita da Pérsia. Casou-a assim com Cambises, um persa de carácter pouco ambicioso e de estatuto comum. Mas, após o casamento, voltou a sonhar que uma vinha brotava da filha e cobria toda a Ásia.

Chamou de novo os adivinhos, que confirmaram que o sonho tinha o mesmo significado. Astíages mandou então chamar a filha para casa, onde ela deu à luz Ciro, e o avô entregou a criança a Harpago, seu principal capitão, para que fosse morta. Ciro, no entanto, foi salvo, sendo criado como filho de um camponês nas montanhas da Pérsia, e viveu para destronar o avô e, literalmente, conquistar toda a Ásia.

Diz-se que Astíages reconheceu Ciro, por volta dos dez anos, ao ser levado à sua presença por um nobre, por ter batido no seu filho durante um jogo em que os rapazes tinham feito de Ciro rei. Astíages apressou-se a chamar os adivinhos e perguntou o que deveria fazer. Responderam-lhe que agora já não havia perigo, pois o sonho se tinha cumprido, ainda que em brincadeira, e que as profecias se realizam frequentemente de formas curiosas. Permitiu então que Ciro vivesse e cumprisse a profecia de facto.

Quando Ciro destronou o avô e começou a cumprir as profecias hebraicas, de que “subjugará nações diante de si e descingirá os lombos dos reis”, Creso, o rei da Lídia, famoso pela sua imensa riqueza, propôs-se atacá-lo antes que se tornasse demasiado poderoso. Para esse efeito quis consultar os oráculos, mas antes elaborou um plano para testar a fiabilidade destes. Enviou mensageiros especiais a diversos oráculos da Grécia e ao de Júpiter Ammon na Líbia, ordenando a esses enviados que, num determinado dia,

perguntassem o que o rei da Lídia estava a fazer nesse momento. Não se conhece a resposta dos outros oráculos, mas a de Delfos foi:

> Vêde! Eu conto os grãos de areia: eu meço a profundidade do oceano;
> Ouço até mesmo o mudo: compreendo também os pensamentos dos silenciosos.
> Agora percebo um cheiro, um cheiro que parece ser de carne de cordeiro,
> Enquanto ferve em ebulição, misturada com carne de tartaruga,
> Há bronze por baixo, e com bronze está coberta por cima.

Quando os emissários regressaram, Creso, que guardara o seu propósito apenas para si, constatou que só o oráculo de Delfos o tinha lido no seu íntimo; pois determinara, para esse dia, fazer algo que achava impossível ao oráculo descobrir. Assim, cortara um cordeiro e uma tartaruga em pedaços e cozera-os juntos numa caldeira de cobre.

Convencido de que o oráculo tinha conhecimento sobre-humano, resolveu conquistar-lhe o favor com uma oferenda magnífica. Esta consistia em três mil bois, cento e setenta telhas de ouro, um leão de ouro, muitos vasos de ouro e prata, uma estátua feminina de ouro com três côvados de altura, adornada com o colar e o cinto da própria rainha, de enorme valor. Com este suborno ao oráculo, Creso mandou o seu embaixador perguntar se deveria marchar contra os persas. O oráculo respondeu:

> Κροῖσος, "Αλυν διαβὰς, μεγαλὴν ἀρχὴν διαλύσει.
> Se Creso atravessar o Hális, destruirá um grande império.

Recebendo esta resposta, Creso ficou perfeitamente satisfeito, sem duvidar por um momento de que o grande império a ser destruído era o da Pérsia. Enviou, em gratidão, um presente a cada habitante de Delfos, e colocou outra questão: se o seu governo duraria muito tempo. O oráculo respondeu: “Se algum dia uma mula se tornar rei dos persas, então tu, lídio de pés delicados, foge para as rochosas margens do Hermos, não te detenhas, e não tenhas vergonha da tua cobardia.”

Certo de que nunca uma mula poderia tornar-se rei da Pérsia, Creso marchou contra Ciro, foi derrotado e capturado, e o seu reino incorporado no império persa. Depois censurou duramente o oráculo de Delfos, mas este respondeu-lhe que só tinha a culpar-se a si mesmo, por não ter perguntado qual o império que seria destruído; e quanto à mula, Ciro era essa mula, pois era filho de uma meda e de um persa, de uma princesa e de um homem de condição humilde.

Outra questão que pusera ao oráculo era se o seu filho, que era mudo, alguma vez seria capaz de falar. A este filho, provavelmente, o oráculo se referia quando disse que podia ler os pensamentos dos mudos. A resposta a esta pergunta foi:

> Lídio, tolo de coração, embora poderoso,
> Não anseies ouvir a voz de um filho no teu palácio:
> Não te trará bem algum, pois sabe que a sua boca se abrirá
> No dia mais infeliz de todos.

No dia em que Sardes foi tomada, um persa avançou sobre Creso para o matar, quando o filho, rompendo o silêncio de uma vida inteira, gritou: "Homem, não mates Creso!"

Creso tinha outro filho, Atys, um jovem distinto acima de todos os seus contemporâneos. Creso foi avisado numa visão de que ele seria morto por uma ponta afiada de ferro. Por isso, afastou-o de todas as atividades guerreiras e até da caça, mas, por fim, convencido por um amigo a deixar Atys acompanhá-lo numa caçada, confiou o filho à especial proteção desse amigo; e, na luta com um javali, a lança desse mesmo amigo, falhando o alvo, matou Atys. Adrasto, este infeliz amigo, suicidou-se de remorso pelo acidente. Heródoto conta que, quando Creso foi colocado numa pira para ser queimado vivo, rezou veementemente a Apolo, que enviou uma tempestade violenta que apagou o fogo.

Ciro, ao saber que Creso invocara repetidamente o nome de Sólon enquanto estava amarrado à pira, e ao saber que Sólon recusara chamá-lo feliz antes de conhecer o seu fim, libertou-o e manteve-o como amigo.

O fim da carreira de Ciro foi tão claramente prognosticado quanto o seu início, pelo menos pelas divindades pagãs. Na sua expedição contra os Massagetas, Ciro sonhou que via Dario, filho de Histaspes, com asas nos ombros, uma das quais cobria a Europa e a outra a Ásia. Mandou logo chamar Histaspes, contou-lhe o sonho e disse estar certo de que Dario, que estava em casa na Pérsia, conspirava contra ele, e que os deuses assim o tinham avisado.

Mandou, portanto, Histaspes regressar para guardar o filho até ao seu regresso. Mas, diz Heródoto, não era que Dario, jovem de apenas vinte anos, conspirasse contra ele, mas sim que os deuses lhe haviam prefigurado que seria morto durante essa campanha, como veio a ser, por Tomíris, rainha dos Massagetas, e que Dario estava destinado a suceder-lhe (Clio, 210).

Muitos acontecimentos sobrenaturais, segundo Heródoto, acompanharam a louca carreira de Cambises, filho de Ciro. Na sua expedição ao Egipto,

decidiu desenterrar o corpo do rei Amasis, insultá-lo e queimá-lo, uma abominação para os egípcios; mas, segundo o historiador, os egípcios afirmam que Amasis, antes de morrer, fora avisado disso pelo oráculo e mandara sepultar o seu corpo num local secreto, colocando outro corpo no seu túmulo, que Cambises tratou como ameaçara.

Cambises, para além de destruir as imagens dos deuses egípcios, feriu Apis, o touro sagrado, na coxa, matando-o, e, por consequência, Cambises enlouqueceu e acabou por morrer da própria ferida, furando a coxa no exato sítio ao montar a cavalo. Cambises sonhou que Esmérdis usurpara o seu trono na sua ausência, e, furioso, quis voltar à Pérsia, quando encontrou a morte.

Enviou ordens à frente para matarem o irmão Esmérdis, o que foi feito, mas afinal o usurpador não era o seu irmão, mas Esmérdis, um dos Magos, que fingiu ser o verdadeiro Esmérdis e se apoderou do trono. O oráculo há muito declarara que Cambises morreria em Ecbátana, e, ao ser ferido, perguntou o nome do lugar e, ao ouvir que era Ecbátana, soube que chegara o seu fim.

Dario foi encorajado por vários presságios a vingar o país de Esmérdis e a assumir o trono, como fez. Quando Dario sitiava Babilónia, um babilónico zombou dizendo que, quando as mulas tivessem filhos, então os medos poderiam tomar Babilónia, mas não antes. No vigésimo mês do cerco, diz Heródoto, uma mula pariu um potro, e o presságio foi visto como sinal certo da tomada da cidade, que logo ocorreu.

As doutrinas caldeias eram frequentemente citadas pelos filósofos gregos, como por Proclo sobre o Timeu e outros, chamando-lhes (λόγια) ou oráculos; os de Hierocles sendo tidos como meras traduções deles. Pensa-se que Pitágoras também tirou muito deles. Juliano, caldeu e teurgo, verteu esses oráculos em verso grego, tendo seu pai Juliano escrito antes sobre demónios e telegurgia. Isso aconteceu no reinado de Marco Antonino. Neles são evidentes traços de magia teúrgica, especialmente na referência ao círculo de Hécate e às instruções sobre o mesmo.

A mitologia da Pérsia sofreu uma profunda reforma com Zaratustra. Todos os deuses da génese caldeia foram varridos como simples moscas de Belzebu, e o Supremo foi restaurado ao seu trono, ainda que não em posse indivisa. Duas grandes potências que ele era admitido ter criado, Ormuzd e Arimã, com os seus exércitos de espíritos subordinados, bons e maus, ascenderam a um destaque tal que ofuscou a divindade real. Zaratustra, contrariamente ao que tem sido dito, não erradicou o culto das forças elementares da natureza, nem colocou o fogo como o único grande princípio ativo simbolizando o Omnipotente.

Zaratustra reconheceu o único Deus não criado e supremo, como todos os outros sistemas antes dele o tinham feito, e introduziu uma raça essencialmente espiritual de seres, que governavam o universo, ou perturbavam esse governo, mas deixou a antiga raiz do culto dos elementos; na verdade, de tudo o que é visível, no seu sistema; e veremos que aperfeiçoou ainda mais o ritual do seu culto no grande livro das suas leis, teológicas e civis, e o deixou em pleno vigor.

O que Zaratustra fez foi derrubar e destruir as divindades mais sensuais do mundo pagão e colocar acima do culto das coisas visíveis o das essências espirituais e boas; e, sob este culto, introduziu uma doutrina de vida mais pura e moral, uma noção mais elevada e justa da natureza divina e da nossa relação com ela. A sensualidade, o grande e monstruoso vício de todos os outros sistemas pagãos, foi severamente condenada e tornou-se rigorosamente punível, e a doutrina de uma retribuição futura e ardente foi enunciada de forma inequívoca.

O defeito do seu sistema foi colocar o grande Pai de toda a vida demasiado em segundo plano, entregando o mundo em excesso ao domínio dos dois grandes princípios antagónicos, Ormuzd e Arimã, os poderes do bem e do mal, de tal modo que a Divindade acabou por ser esquecida, e o culto devido a ela foi derramado sobre Ormuzd e, assim, descendo até todas as coisas visíveis e todas as leis ativas da vida, de um modo que, embora deixasse o seu sistema muito acima dos restantes do mundo pagão, o colocava infinitamente abaixo do verdadeiro revelador da vontade divina. Isto, de facto, era inevitável, pois só Deus no homem, manifestando-se ao homem, poderia revelar ao mundo a pureza sublime, a glória e a bondade do Omnisciente e do Todo-bondoso no seu reino celestial.

Mas Zaratustra deu um passo notável no progresso do desenvolvimento religioso e psíquico. Demoliu a idolatria meramente exterior das nações, como Cambises demoliu as imagens egípcias de cabeça de falcão, forma de touro ou de cão. Extinguiu a lascívia infernal e a sede de sangue humano que marcavam todas as outras hierarquias pagãs com o selo do demónio; e fez de uma dinastia de Espíritos o objeto direto da mente pública, assim ligando essa mente ao mundo espiritual em vez do físico, e preparando-a não só para este mundo, mero vestíbulo da vida, mas para a própria eternidade da vida.

Que tudo isto foi resultado do espiritualismo, isto é, de uma ação espiritual direta através dele, é evidente por si mesmo. Só tal ação pode produzir tais efeitos. Dizer que um homem é um grande inovador religioso é simplesmente dizer que é um grande médium de poder espiritual, cuja pureza relativa se vê imediatamente no sistema que produz.

Quer se trate de Cristo, o mais elevado e puro de todos os promulgadores da religião, o próprio Deus assumindo esse ofício para dar ao homem a posse da verdade eterna e indivisa, quer se trate de Zaratustra, Confúcio, Buda, Maomé ou Joseph Smith, cada um envolvendo parte da verdade primordial no barro e lama, nos trapos e ornamentos do mundo e do demónio, só uma energia espiritual, vinda do mundo espiritual, pode dar vida e força a tal apostolado. Na forma mais baixa de todas essas manifestações, o Mormonismo, que muitos superficialmente atribuem ao poder da impostura, há um poder demoníaco a operar na mente humana degradada que, só por si, poderia dar atratividade a tais ensinamentos absurdos.

Como na bebida, assim nestas pseudo-religiões, há um demónio por trás. Nenhum simples gosto pelo ato de beber líquidos poderia gerar a loucura colossal da embriaguez que amaldiçoa esta era, levando homens a sacrificar vida, saúde, tudo, ao vício. É o fogo demoníaco que entra no peito humano, queimando, secando e exigindo freneticamente mais chamas líquidas que possa receber, que assim pode iludir e destruir a humanidade. Zaratustra foi um médium de primeira ordem quanto ao poder, e muito superior em qualidade a tudo o que o rodeava na sua época.

A verdadeira história de Zaratustra, como a de todos os heróis e fundadores de religiões dos tempos muito antigos, está envolta em mitos. Diz-se que existiu um Zaratustra caldeu, mas isso pode ter surgido por Zaratustra ter viajado para a Caldeia e estudado a teologia caldeia. Huetius afirma que Clemente de Alexandria representa Zaratustra, ora como persa, ora como medo. Suidas chama-lhe perso-medo; muitos chamam-lhe beócio, outros etíope, isto é, da Etiópia asiática e, em suma, diz Bryant, encontraram um Zaratustra onde quer que houvesse magos. O próprio Bryant reduz o nome a sacerdote de Ápis, Zor ou Zor-Aster, pertencente ao touro, que era representado com uma lua crescente de um lado e uma estrela entre os cornos.

O reformador religioso que agora traz o nome de Zaratustra era, de facto, um persa do reinado de Dario Histaspes, ou, como é chamado, Gustasp no Zend-Avesta, cerca de 550 anos antes de Cristo. O seu verdadeiro nome era Zeréthoschtrô, ou a estrela dourada. Foi gradualmente suavizado para Zaratustra. M. Anquetil Du Perron, na sua tradução do Zend-Avesta, recolheu os diversos relatos que os seus seguidores deram acerca dele. Estes têm claramente o carácter de fábula, que os devotos de um profeta nacional sempre tecem à volta da sua história. Diz-se que ele descendia dos reis da Pérsia, tanto pelo pai Poroschasp como pela mãe Dogdo.

Poroschasp era rico, especialmente em cavalos, e orgulhava-se de ser descendente de Djemschid, o quinto descendente de Noé, e, segundo as tradições persas, dotado de poderes criativos por Ormuzd; e também de Feridoun, o décimo primeiro descendente de Djemschid, e o primeiro dos Poériodékéschans, ou administradores das leis de Djemschid, que libertaram o Irão dos árabes e afastaram os males físicos da terra. Foi concedido ao seu pai como consequência de oração, e o seu nascimento foi anunciado à mãe, não por um anjo externamente, mas em sonhos.

Ela viu um ser brilhante como Djemschid, lançando um livro contra os Dews, ou espíritos malignos, diante dos quais fugiam. Ela consultou um mago para interpretar esses sonhos, que se repetiram três vezes, e soube que daria à luz um filho a quem Ormuzd entregaria a sua lei, e que abençoaria o mundo com ela. Que os poderes malignos se levantariam todos contra ele.

Que ela própria sofreria muito por causa do filho, mas que ele triunfaria sobre todos os seus inimigos e surgiria um rei que receberia a sua lei e a tornaria lei do seu reino; que ela prevaleceria por todo o lado; Zaratustra subiria ao céu e todos os seus inimigos desceriam ao inferno.

Estas e muitas outras circunstâncias parecem ter sido enxertadas na sua história pelos seus seguidores depois da era cristã. Diz-se que Zaratustra riu no momento em que nasceu e que a sua cabeça pulsava tão violentamente que levantava as mãos que lhe pousavam em cima. Os magos, alarmados com o presságio, conspiraram para o destruir.

Os Dews, Devs, ou demónios, juntaram-se no esforço. O rei reinante, como Herodes, mas mais rápido, partiu para matar o profeta ainda embrião, mas, quando tentou cortá-lo ao meio ao seio da mãe com a espada, o seu braço secou e fugiu com toda a corte. Os magos então fizeram uma fogueira e, afastando Zaratustra da mãe, lançaram-no ao fogo; mas a criança não sofreu qualquer dano com o fogo, que lhe pareceu água macia. A mãe encontrou-o assim e levou-o para casa. Foram feitas inúmeras outras tentativas para o matar, conduzindo bois e cavalos ferozes sobre ele, lançando-o a lobos e dando-lhe veneno; tudo em vão; Deus protegeu-o.

Quando tinha trinta anos, a idade de Cristo, iniciou a sua carreira pública. Dirigiu-se ao Irão, à corte de Gastasph. Ia acompanhado por muitos parentes e, ao chegar às margens do Araxes, como não havia barco, ordenou aos seus acompanhantes que o seguissem, caminhou sobre as águas, e os amigos, vendo isto, seguiram-no, caminhando também sem molhar as roupas.

O Irão então estendia-se do Eufrates ao Indo. Zaratustra, avisado em sonho de um ataque combinado dos Dews e Magos, desviou-se e subiu sozinho

às montanhas de Albordi. Nestas montanhas orou para poder ver a glória de Deus e Bahman, o segundo dos Amschaspands, os seis mais elevados espíritos celestiais. Ormuzd apareceu e mandou-o fechar os olhos e segui-lo. Quando os abriu, encontrou-se no meio do céu, na presença de Ormuzd, no esplendor da sua glória, e rodeado por hostes de anjos.

Aqui Zaratustra conversou com Ormuzd e pediu-lhe a imortalidade, mas Ormuzd recusou, dizendo que, se o homem fosse imortal, não poderia haver ressurreição. Ormuzd deu-lhe algo para comer semelhante ao mel, o que lhe permitiu ver tudo no céu e na terra. Relatou-lhe tudo o que tinha acontecido desde a criação do homem e tudo o que deveria acontecer até à ressurreição. Ormuzd ensinou-lhe tudo o que lhe dizia respeito, a revolução dos céus, as boas e más influências das estrelas, os segredos da natureza, a grandeza dos Amschaspands e a felicidade igual de todos os seres no céu.

Zaratustra viu, no inferno, o terrível rosto de Ahriman e libertou do seu poder uma alma que na terra fizera tanto o bem como o mal. Ahriman viu Ormuzd entregar a lei divina a Zaratustra e, furioso, tentou arrancá-la das suas mãos, em vão. Ormuzd então mandou-o regressar à terra e ensinar ao povo toda essa lei, dizendo-lhes: “A minha luz está oculta sob tudo o que brilha”; uma bela expressão, insinuando que a glória deste mundo parece apagar a glória do mundo superior, mas esta permanece irradiante e indestrutível, ainda que escondida aos olhos ofuscados pelo brilho mundano. A verdade brilha eternamente e a bondade divina não cessa, embora as nuvens da terra a escondam dos homens.

Depois de receber o livro da lei, Zaratustra foi sucessivamente abordado pelos outros Amschaspands, que lhe deram os seus respectivos poderes sobre todas as criaturas, elementos e estações da terra. Ardibescht deu-lhe o fogo que deveria ser aceso em cada cidade destinada a ele, em honra de Deus, pois a glória do fogo vem da glória de Deus, e nem água nem lama poderiam apagá-lo. Foram nomeados Mobeds, Destours e Herbeds, sacerdotes e oficiais para cuidar do fogo e exercer as funções religiosas. Diz-se que Zaratustra, ao regressar às montanhas de Albordi ou dos Balcãs, fez numa caverna o primeiro templo a Mitra, o Criador, que foi aberto na Pérsia, mas depois imitado em todo o território.

Os Dews e os Magos voltaram a atacar furiosamente Zaratustra para capturar e destruir o Zend-Avesta, mas ele recitou um capítulo e pô-los em fuga. Partiu então para Balkh, a capital de Gustasp, para anunciar o seu encontro com Ormuzd e mostrar o livro da lei. Como não conseguiu acesso ao rei, abriu milagrosamente o tecto do palácio e desceu por ali até à presença real. Os cortesãos e magos fugiram espavoridos.

Gustasp reuniu-os de novo, e Zaratustra, sentado num tapete no centro da assembleia, respondeu a todas as questões sobre todas as ciências antigas ou qualquer outra dificuldade que lhe pudessem propor. Gustasp ficou perfeitamente satisfeito, mas os cortesãos, ministros, magos e generais ficaram furiosos por verem os seus costumes e leis ancestrais postos de parte por um só homem, e a narrativa das tentativas para destruir o seu prestígio e dos milagres que Zaratustra realizou para os confundir é demasiado longa e oriental para ser contada em detalhe. Em suma, Zaratustra triunfou; a sua lei e a nova religião foram estabelecidas.

Esta lei era tanto teológica como civil. Zaratustra quis ser para a Pérsia o que Moisés foi para os judeus. Zend-Avesta significa a Palavra Viva, e dela só nos resta a vigésima secção, que está dividida em três grandes partes: a Izeschné, a Visfered e a Vendidad. Estas, por sua vez, dividem-se em Nosks, Fargards, Cardés, Has, etc. Incluem uma Ladainha, uma Liturgia e um código geral de leis. Há muita confusão entre elas, partes de uma misturam-se estranhamente com partes de outra, e as orações, quase intermináveis, são extremamente prolixas e longas; são, de facto, o perfeito exemplo da afirmação de Cristo sobre os homens que pensam que serão ouvidos por muito falarem.

Estas orações existem para todas as ocasiões possíveis: quando se cortam as unhas ou o cabelo, quando se vê um rebanho, um leproso, montanhas, um cemitério, uma cidade, um país, água, antes de dormir, quando se espirra, quando se fazem bolos e doces, quando se veem poças, rios, o mar, grandes reservatórios, quando se matam gado ou vermes, e em mil outras situações. E não só existem orações, mas também cerimónias para todas estas ocasiões. Ao cortar a unha do dedo da mão direita ao lado do mindinho, pronunciam-se palavras próprias enquanto se corta com uma faca feita especialmente para esse fim.

Depois o dedo indicador, e assim por diante, numa ordem prescrita. Cada fragmento de unha cortada é dividido com a faca, dizendo: “É vontade de Ormuzd, etc.” Os recortes são então reunidos num papel, o papel colocado numa pedra, três círculos desenhados à volta da pedra, com cerimónias apropriadas em cada etapa, sempre voltado para o sol e acompanhado de orações. Em seguida, coloca-se terra sobre o papel três vezes, com orações próprias.

No meio de tanta trivialidade e disparate, há contudo leis boas e sensatas estabelecidas. Como a Pérsia é muito quente, há muitos rituais de lavagem e purificação prescritos, embora haja um costume repugnante, tornado geral e sagrado, o de lavar-se nos líquidos segregados pelo gado. Os sacerdotes

praticam-no no culto público, as senhoras no culto privado; os recém-nascidos são primeiro lavados nesse líquido.

Isto porque o touro é sagrado; a tradição diz que não só os homens, mas todos os outros animais, saíram do corpo de um grande touro criado por Ormuzd, certamente originado da ideia de homens e animais saírem da arca, que era puxada com proa e popa pontiagudas erguendo-se como cornos, e que pela imaginação acabou exaltada num animal, um touro de cornos expandidos. Este touro era adorado pelos persas.

Na sua teologia, Zaratustra foi mais tolerante do que muitos cristãos. É uma das crenças mais caras a uma grande parte do mundo cristão que os seus vizinhos ímpios sejam eternamente atormentados no fogo. Esta esperança é-lhes tão preciosa que pareceria impossível poderem gozar do céu sem a firme convicção de que esse horror eterno está a decorrer.

Ao contrário, Zaratustra ensinou que o Tempo sem Limites, ou o Eterno, criou Ormuzd e Ahriman, o princípio do bem e do mal, para lutarem entre si, apoiados pelos seus respectivos exércitos de Amschaspands, Izeds, Ferouërs, etc., ou bons espíritos, e Dews ou Devs, os nossos demónios ou maus espíritos, os mirmídones de Ahriman. Ormuzd criou homens puros, animais puros, árvores com bons frutos e flores de fragrância pura, tudo para benefício e prazer do homem.

Ahriman corrompeu o homem e, portanto, criou homens impuros e maus, opressores, tiranos, ladrões, assassinos, assassinos de reputação, advogados infames, juízes corruptos, vice-chanceleres de madeira. Criou toda a espécie de vermes e destruiu ou corrompeu os frutos com eles; instilou veneno nas plantas e flores; lançou serpentes venenosas e escorpiões entre eles. Os seus Dews andavam por todo o lado a espalhar pragas, provocar tempestades, causar naufrágios, espalhar febres malignas, pragas e doenças.

Inflamavam desejos demoníacos e lançavam o mau-olhado para secar e murchar tudo o que era feliz e bom. Este estado de coisas deveria durar doze mil anos. Os primeiros três mil anos seriam quase exclusivamente de Ormuzd; os seis seguintes seriam ocupados conjuntamente por Ormuzd e Ahriman; os últimos três seriam entregues a Ahriman e, no final, Ormuzd pronunciaria a palavra omnipotente Honover, com a qual Ahriman e os seus exércitos seriam vencidos.

Depois arrepender-se-ia; Ormuzd faria um contrato solene com ele perante o Eterno, e ele e todos os seus Dews seriam perdoados e restaurados. O próprio inferno seria reformado, e toda a criação purgada do mal e do sofrimento. Quanto aos homens, todos, por mais santos que se considerem,

teriam de passar por ele durante algum tempo, mas nenhum seria punido além do merecido, nem para sempre.

No entanto, ao contrário do que se poderia pensar, os seguidores de Zaratustra não adoravam apenas Deus; pouco se ouve falar do Supremo no seu sistema. Ormuzd é o grande objeto de adoração e, a partir dele, todos os bons poderes e espíritos, e todos os elementos da criação. Existem numerosas orações em que estrelas, ventos, águas, florestas, animais, frutos, cereais, homens e tudo o imaginável recebem homenagem, sob o pretexto de que Ormuzd os criou bons.

Há dois poderes no seu sistema, cuja posição não é clara: a Palavra criadora viva e Mitra. Como referi, algumas pessoas pensam que a tríade persa era constituída por Ormuzd, Mitra e a grande Psique do mundo, mas parece antes consistir no Eterno, na Palavra Criadora e em Ormuzd. Mas, então, quem e onde está Mitra? Sem dúvida, o sol era geralmente considerado como Mitra, mas Heródoto (Clio. I. 132) afirma que era a deusa assíria Myletta, ou Vénus, chamada pelos árabes Alitta e pelos persas Mitra.

Se for esse o caso, temos aqui novamente o princípio feminino na Divindade. No geral, o sistema de Zaratustra era um sistema puro e sublime para pagãos. Como todos os outros sistemas, acabou corrompido e sensualizado. O Maometismo expulsou-o da Pérsia no século VII e tomou-lhe o lugar. Muitos dos Guebers, ou adoradores do fogo, como os maometanos lhes chamavam, fugiram para a Índia, onde ainda hoje existem, e para os desertos de Kerman sob o nome de Parsees.

Nenhum sistema foi mais espiritual. Foi introduzido por revelações e milagres supostos; introduziu um mundo de bons e maus espíritos, e estabeleceu uma firme fé neles. Em outras palavras, sob outros nomes, introduziu Deus, Cristo, o diabo e todos os anjos, arcanjos, tronos, principados e potestades, anjos da guarda e espíritos familiares. Estas mesmas realidades estão na base de todos os sistemas, por mais trabalhados que sejam para parecerem novidades. Maomé copiou muitas coisas do Zend-Avesta, como a sua viagem ao céu, as suas orações voltadas para o Oriente, a rejeição de imagens, etc.

O fim do grande reino persa, que se estendia da Grécia à Índia, foi acompanhado de acontecimentos milagrosos, e até ao último momento os Magos demonstraram a sua perspicácia espiritual. Alexandre, que destruiu este grande império, foi anunciado pelas profecias de Daniel; e como vimos pela autoridade de Josefo, tendo sido avisado em sonho para não causar nenhum mal em Jerusalém, obedeceu ao aviso, e assim foi acompanhado, como Ciro, pelos avisos espirituais dos Magos.

Quando Alexandre da Macedónia fez a sua segunda visita à Babilónia, quando estava a trezentos estádios da cidade, os caldeus enviaram uma delegação dos seus mais famosos e experientes Magos para o avisar de que, em caso algum, deveria entrar na cidade, pois, segundo a sua arte, se o fizesse, morreria certamente ali.

Asseguraram-lhe que, se passasse ao largo da cidade e mandasse reconstruir o sepulcro de Belus, que os persas tinham destruído, o perigo seria evitado. Ficou tão impressionado com o aviso que enviou muitos dos seus amigos à cidade, mas ele próprio acampou a duzentos estádios dela. Porém, os filósofos, seguidores de Anaxágoras, e outros, ridicularizaram tanto a ideia de que os Magos pudessem prever acontecimentos, que Alexandre rapidamente desprezou todas as adivinhações, especialmente as dos caldeus, tão famosas em todo o mundo.

Depois de enterrar o seu favorito, Heféstion, aconteceu algo que o surpreendeu bastante. Enquanto se ungia e tinha posto as vestes reais e a coroa no trono, um dos habitantes, que estava preso, viu as suas correntes caírem de repente e, sem ser notado pelos guardas, entrou diretamente no palácio, pôs a coroa e as vestes e sentou-se no trono. Alexandre, espantado com a estranheza da cena, aproximou-se dele e perguntou-lhe quem era e quem o aconselhara a fazer tal coisa.

O homem respondeu simplesmente que nada sabia. O adivinho, chamado a explicar o caso, recomendou que o homem fosse morto, e assim foi feito. Mas o acontecimento ficou gravado na mente de Alexandre, que, recordando-se da profecia dos caldeus, amaldiçoou os filósofos que tinham ridicularizado o presságio, sentindo um respeito renovado pela sabedoria dos caldeus.

Um segundo presságio aumentou a sua inquietação. Saiu acompanhado de vários barcos para ver o porto da Babilónia, mas a sua embarcação separou-se das restantes e andou à deriva durante alguns dias, temendo-se pela sua vida. Por fim, o barco foi levado para uma enseada estreita coberta de árvores e arbustos, onde o seu turbante ou diadema foi arrancado por um ramo e caiu à água. Um marinheiro saltou do barco e nadou para recuperar o diadema, pondo-o na cabeça para mais facilmente regressar ao navio. O acontecimento foi considerado por ele próprio e pelos caldeus como um mau presságio, e aconselharam-no a sacrificar aos deuses.

Quando Calano, o filósofo indiano, subiu à sua pira funerária, como já referi, anunciou a Alexandre que o seguiria em dois dias. No banquete das oferendas, Alexandre bebeu de um só trago uma grande taça de vinho, chamada a taça de Hércules, deu um grande suspiro, pareceu fulminado, e foi levado para o leito de morte. Suspeitou-se que a taça tinha sido

envenenada por Cassandro, filho de Antípatro. Assim morreu o grande conquistador, vítima da superficial sabedoria dos filósofos materialistas do seu tempo.

Mais tarde, quando Antígono foi à Babilónia e se desentendeu com Seleuco, o governador, este, temendo o destino de Píton, fugiu com um grupo de cavaleiros, tencionando juntar-se a Ptolemeu no Egipto. Os caldeus informaram Antígono que estava decretado que, se Seleuco escapasse, viria a tornar-se senhor de toda a Ásia e mataria Antígono numa batalha. Por isso, Antígono mandou atrás de Seleuco para o intercetar, mas em vão, e todos os pormenores da profecia cumpriram-se.

Tal era a antiga fé destes grandes impérios primitivos. Terei de mostrar que, por toda a região que ocuparam, apesar das mudanças de sistemas teológicos, a população atual, como de resto em todo o Oriente, mantém uma convicção fixa nas influências espirituais sobre a humanidade.

CAPÍTULO XI
O SOBRENATURAL NO EGIPTO ANTIGO

Muitas naturezas das coisas superam o nosso conhecimento e enganam-nos.
AGOSTINHO, De Civitate Dei, livro XXI, c. 4.

Hoje em dia, o passado glorioso do Egipto, da Assíria, da Grécia e de Roma não passa de letra morta para os sábios; os museus, cheios de obras-primas, só atraem artistas e amantes das belas formas; mas há ali mais do que formas vãs; uma realidade viva desenrola-se diante dos nossos olhos surpreendidos, quando vemos essas obras-primas animadas pelo sopro poderoso do espírito que outrora vivificou os seus modelos corpóreos.

LE BARON GULDENSTUBBE,

Pneumatologie Positive, p. 50.

Já expliquei bastante a mitologia dos egípcios no meu capítulo sobre a religião original das nações antigas, pelo que podemos aqui dispensar essa parte do tema. Podemos considerar o Egipto, logo a seguir à Caldeia, como a grande escola e mãe do espiritualismo mitológico. O sistema egípcio foi levado para a Grécia por Dânao, Cadmo e Orfeu. Alguns fazem de Orfeu um trácio, outros um tebano, mas as maiores autoridades dizem que ele era egípcio. Teria viajado por várias regiões antes de chegar à Grécia.

A história da sua descida ao Hades para recuperar a esposa Eurídice é referida como a descida de Hórus ao submundo. Alguns dizem que viveu

onze gerações antes do cerco de Troia. Bryant transformá-lo-ia numa cidade da Pieria ou Paeonia. Outros pensam que Orfeu era um nome geral de um dos Magos; outros que Orfeu e Cadmo representam apenas colónias egípcias a instalar-se na Grécia, trazendo consigo cânticos misteriosos e oraculares. Essas colónias, diz-se, espalharam-se por vários países como um dilúvio. Entre eles iam cananeus e caftoritas da Palestina.

Estabeleceram-se na Cólquida, Trácia, Frígia, Sicília, Etrúria. Ístrus e Diodoro Sículo falam amplamente deles. Estes factos eram tão conhecidos no Egipto, e a civilização recente dos gregos era de tal forma derivada deles, que Sólon ficou mortificado por ouvir os sacerdotes egípcios dizerem que os gregos eram apenas crianças, e que tudo tinham deles herdado, como o testemunham os nomes da maioria dos seus deuses, deusas, homens e mulheres: Cecrops, Íon, Ione, Codro, Helena e semelhantes. Os pelágios eram egípcios e, como diz Zonaras, “todas essas coisas vieram da Caldeia para o Egipto, e dali passaram para os gregos”.

Há algo de notável no Egipto em ligação com a história espiritual do homem. É descrito na Bíblia como terra de trevas e de escravidão, e, no entanto, como terra célebre pela sua sabedoria. Os patriarcas, um após outro, tiveram de descer ao Egipto e ser de lá retirados. Assim aconteceu sucessivamente com Abraão, Isaac e Jacob. José foi vendido para o Egipto e os seus ossos foram, mais tarde, levados para a Terra Prometida. Os israelitas foram levados como nação para o Egipto e retirados de lá em triunfo. Cristo foi levado para o Egipto segundo a profecia: “Do Egipto chamei o meu Filho.” E foi de lá tirado para cumprir a sua missão e libertar a humanidade da escravidão e trevas espirituais.

Os franceses, sob Bonaparte, tiveram de descer ao Egipto e os ingleses foram atrás deles. Todos nós somos espiritualmente enviados ao Egipto, às trevas, à escravidão da alma, à dúvida sombria e ao desespero, até sermos chamados de lá, seguindo os passos de Cristo, o Redentor, de quem Moisés foi o tipo. E, contudo, é uma terra de profunda sabedoria; Moisés foi nela instruído, e essa sabedoria foi espalhada pela escrita e pelas colónias por todo o Ocidente através da Grécia, cuja filosofia, baseada no Egipto, ainda hoje estudamos cuidadosamente. O dia da redenção do Egipto ainda não chegou às nossas escolas, onde reina triunfante sobre o cristianismo nos estudos clássicos.

Não admira, pois, que o Egipto tenha sido a grande mestra das artes e filosofias, manifestas e ocultas, no mundo antigo! Não há dúvida de que o poder do Egipto residia em ter retido uma parte mais ampla do que outros povos da mesma época do conhecimento original e das capacidades da natureza humana, desse período primordial em que o homem ainda possuía

grande parte daquela clarividência e simpatia espiritual com o mundo dos espíritos que detinha antes da Queda.

“A antiga sabedoria dos egípcios”, diz o Dr. Ennemoser, “não é uma criação da história, um desenvolvimento gradual, como acontece com os objetos naturais; pois o homem não é uma produção da natureza, mas uma criação imediata e imagem de Deus, semelhante a Ele, perfeito em alma e corpo. Aquela antiga sabedoria natural dos primeiros povos era apenas fragmentária, pois a perfeição original tinha-se perdido antes dos tempos registados. Esses templos selados eram apenas iluminados por um fraco raio desse espírito puro original, um pequeno e confuso consolo para o homem caído; aqui e ali apareciam algumas flores de profecia no caule árido.”

E Schubert diz do mesmo modo: “Uma velha tradição, uma profecia da Völuspá, parece anunciar que a natureza só se tornou consciente através da palavra viva, através da alma humana. Contudo, a palavra surge como uma revelação mais elevada. Sabemos que entre os persas se atribui à palavra viva um espírito criador e um poder sobre a natureza e o ser das coisas. A linguagem, tal como as profecias do poeta e do vidente, foi criada por uma inspiração superior. Ao orador da palavra viva eram revelados o futuro e o passado, porque o espírito eterno, no qual o futuro e o passado estão contidos, falava nele.

Nos primeiros tempos do mundo, a fala era um resultado imediato da inspiração; e certamente a teoria de que as necessidades sociais a criaram gradualmente, a partir de vários sons simples, só pode ser moderna. Esta visão das idades primitivas, que deriva a linguagem da inspiração, só pode ser devidamente apreciada através da mais antiga filosofia natural. Segundo esta, todos os seres existem em e pelo alto influxo que lhes é comum. Isto é a chama na luz, o espírito na linguagem, o amor no matrimónio. Esta crença num espírito único e comum a todas as coisas é percetível nas doutrinas religiosas dos persas, dos indianos e dos egípcios.

Por estas teorias era claro por que meios o homem tomava conhecimento dos segredos da natureza, do futuro e do passado: por inspiração e profecia. Esse espírito superior, universal e comum, no qual as leis da mudança do tempo, a causa de tudo, futuro e presente, se tornam o meio de ligação pelo qual as almas daqueles separados pelo tempo e espaço se aproximam; e a mente, quando, nos momentos de inspiração, se aprofunda nos abismos do espírito da natureza, é colocada em comunicação espiritual com todas as coisas e recebe o poder de as influenciar.

As partes do conhecimento que entre nós só foram conquistadas isoladamente, após longas e árduas investigações, são apenas uma

pequena parte desse conhecimento abrangente que a Antiguidade preservou."

Este era o conhecimento que estava na base da sabedoria do Egipto e que era guardado com tanto segredo nos recantos dos seus templos. De onde veio a filosofia mais elevada e espiritual da Grécia? Aquela filosofia que em Platão foi motivo de admiração, e que chegou a ser considerada próxima das doutrinas sublimes do cristianismo?

Veio do Egipto, trazida pelos sucessivos sábios da Grécia, que desceram ao Egipto, como os patriarcas, para regressarem carregados com os despojos dos egípcios: Orfeu, Tales (que se diz ter sido o primeiro a proclamar a imortalidade da alma na Grécia), Pitágoras e Sólon. Foi no Egipto que o grande legislador da Grécia foi ensinado de que os gregos, em filosofia, ainda eram apenas crianças. E tão cuidadosamente era este saber primordial guardado pelos egípcios que, segundo Jâmblico, Pitágoras terá passado vinte e dois anos até conseguir penetrar no núcleo dos seus mistérios.

Nem todo o poder de Amásis, o rei egípcio, conseguiu convencer os sacerdotes a revelarem este conhecimento sagrado a um estrangeiro, até que ele tivesse sido enviado de templo em templo e submetido a rigorosa disciplina. Pitágoras regressou apenas para ser mártir das grandes verdades psicológicas que primeiro derramou sobre a mente atónita da Grécia. Vagueou por toda a Grécia, por Delos, Creta, Esparta e Élis; por toda a parte negligenciado ou tido como louco, até ser expulso de Samos e ter passado para a Itália.

Ali ensinou e, diz-se, realizou milagres nas várias colónias da Magna Grécia, Crotona, Metaponto, Régio e Agrigento. Mas o martírio da nova verdade perseguiu-o. Em Crotona, os seus opositores incendiaram a sua escola, destruindo nas chamas quarenta dos seus principais discípulos. Fugindo para Metaponto, ele próprio teve de refugiar-se no templo das Musas, onde acabou por morrer à fome. Esta foi a pena de Pitágoras por introduzir o espiritualismo na Grécia. Depois de ter aberto o caminho, uma longa série de homens de mérito procurou no Egipto as fontes da antiga verdade, que vestiram de novas formas: Dédalo, Homero, Demócrito de Abdera, Ênopis, Eurípides, Eudoxo, Heródoto, Sólon, entre outros.

Mas os sacerdotes transmitiam os seus segredos e ciências divinas com parcimónia; e Homero representa os seus feiticeiros como egípcios, tal como Xenofonte e Platão apresentam os seus ideais como persas. O segredo dos sons musicais emitidos pela estátua de Memnon ao nascer do sol nunca foi desvendado. No entanto, todos os autores antigos atestam o

facto, e que continuou mesmo depois de Cambises a ter aberto para ver se o fenómeno era causado por maquinaria (Scholiastes Juvenalis).

Tão profundamente guardavam os sacerdotes egípcios o seu saber, que o povo era deixado adorar todo o tipo de animais: gatos, macacos, touros, crocodilos (que tinham águas sagradas) e até ventos e ervas. Diodoro Sículo, falando da grosseira superstição do povo egípcio, diz que tal era o culto dos gatos, que quem matasse um era condenado à morte, e que no tempo de Ptolemeu, tendo um romano matado um gato, o povo acorreu à sua casa e nem o temor aos romanos, que estavam a fazer uma aliança com Ptolemeu, nem a influência dos príncipes enviados para os acalmar, conseguiram salvar o homem da fúria popular. Diodoro afirma que foi testemunha ocular deste facto (livro I, cap. 6).

Os sacerdotes pareciam considerar o seu conhecimento esotérico demasiado sagrado para além da sua própria casta, e ao serviço do Estado. No entanto, entre estes saberes, as pinturas nas paredes dos templos, copiadas por Denon, Montfaucon e outros, mostram que o magnetismo e a clarividência eram-lhes bem conhecidos, e que, através destes e de outros saberes antigos, obtinham comunicações espirituais e praticavam largamente a arte de curar nos templos.

Tal como nos templos gregos, depois, estas práticas, herdadas do Egipto, eram de uso geral. Entre as pinturas nos seus templos encontram-se figuras de sacerdotes na atitude de fazer passes magnéticos, e outras de pacientes sob manipulação ou lançados no sono magnético. Não só foram encontradas mãos de bronze nos templos, com os dedos na posição de manipulação (ver Montfaucon), como estas eram transportadas em procissões de Ísis. Anúbis é visto, nas imagens sagradas, inclinado sobre o leito do doente e colocando-lhe a mão sobre o corpo. O paciente aparece, por sua vez, a dormir, a despertar e a levantar-se.

Um autor francês nos ‘Annalen der Magnetisme Animal’ mostrou plenamente o carácter magnético destas representações egípcias. “O magnetismo”, diz ele, “era praticado diariamente nos templos de Ísis, Osíris e Serápis!” E isto é corroborado por todos os historiadores antigos que visitaram o Egipto. Diodoro Sículo diz: “Os egípcios declaram que Ísis lhes prestou bons serviços nas artes de curar, através dos métodos que lhes revelou; que agora, tendo-se tornado imortal, tem especial prazer nos serviços religiosos dos homens e ocupa-se particularmente da sua saúde; e que os assiste em sonhos, revelando assim a sua benevolência.

Isto é provado, não por fábula, como entre os gregos, mas por factos autênticos. Na verdade, todas as nações do mundo testemunham o poder desta deusa na cura de doenças pela sua influência. Em sonhos, revela aos

sofredores os remédios mais adequados às suas enfermidades; e seguindo exatamente as suas ordens, as pessoas recuperam contra toda a esperança, depois de terem sido abandonadas por todos os médicos."

Isto corresponde exatamente à prática da clarividência magnética moderna; e é curioso que Heródoto nos diga que Ramessés, o rei egípcio, desceu à mansão da morte e, depois de algum tempo, voltou à luz. O aniversário do seu regresso era celebrado como festival pelos egípcios. Não há dúvida de que essa descida de Ramessés se deveu a um transe magnético. Os mesmos processos tinham lugar em quase todos os templos do Egipto.

No templo de Serápis em Canopo, segundo Estrabão, "realiza-se grande culto; operam-se muitos milagres, em que acreditam e praticam os homens mais célebres, enquanto outros se dedicam ao sono sagrado". Em Canopo, Serápis era visitado pelas mais altas personagens com grande veneração e, no interior, segundo as mesmas fontes (historiadores gregos que ali estiveram e relataram o que viram), havia todo o tipo de quadros sagrados, representando curas milagrosas. Ainda mais célebre era o templo de Alexandria, onde o sono sagrado ou do templo era praticado continuamente, curando-se aí totalmente os doentes. Devo referir mais tarde os milagres de Vespasiano ali realizados, segundo o relato de Tácito, quando tratar do espiritualismo romano.

Como disse, não só a mitologia do Egipto, mas também os seus mistérios e oráculos foram implantados na Grécia. Como voltarei ao tema mais à frente, é desnecessário deter-me mais aqui, sobretudo porque a Bíblia, nos livros de Moisés, já demonstrou plenamente o poder espiritual dos sacerdotes do Egipto. Por isso, encerro esta secção do meu tema com algumas observações sobre a doutrina da metempsicose e um ou outro exemplo de prognóstico oracular.

A veneração supersticiosa do povo comum provinha desta doutrina da transmigração, ensinada nos livros sagrados de Hermes Trismegisto. Os egípcios acreditavam que as almas dos homens, ao morrerem, passavam para outros corpos, humanos ou animais. Que, conforme o grau de pureza ou impureza da vida aqui, passavam para animais puros ou impuros. Que eram necessários três mil anos para que uma alma humana percorresse todas as espécies de aves e animais.

No fim desse tempo, se a alma estivesse plenamente purificada, passava ao céu e ficava livre da lei da migração, vivendo com os deuses. Caso não estivesse ainda suficientemente purificada, passava de novo a corpos materiais. Segundo Heródoto e Clemente Alexandrino, a seguinte oração era recitada nos funerais egípcios: "Dignai-vos, deuses que dais vida aos

homens, dar um juízo favorável à alma do defunto, para que ela possa passar para os deuses eternos."

Como veremos entre os gregos, lavagens, banhos, fricções e fumigações acompanhavam as curas nos templos do Egipto. O incenso utilizado, segundo Plutarco no seu tratado sobre Ísis e Osíris, chamava-se Kyphi e era composto por seis ingredientes diferentes. Para obter o sono profético, recorria-se também à música da lira, que os pitagóricos igualmente usavam para o mesmo fim. Todos estes meios eram necessários para reduzir a ação do corpo e colocar a alma livre dele e acima dele, em contacto ininterrupto com o mundo dos espíritos. Os sacerdotes egípcios descreveram a Heródoto a descida do rei Rhampsinitus a essa existência puramente espiritual, na qual conversou com os deuses.

Entre os anúncios mais notáveis dos oráculos, além dos célebres oráculos de Júpiter Ammon, como no caso de Creso e outros, podemos destacar os seguintes, tal como relatados pelos historiadores gregos. Um oráculo declarou que Mycerinus, filho de Quéops, só tinha seis anos de vida e, apesar das suas súplicas, não conseguiu reverter esse destino. Sethon, que fora sacerdote de Vulcano e depois ascendeu ao trono, ficou alarmado com a aproximação de Senaqueribe, rei da Assíria, e vendo-se abandonado pela classe guerreira, entrou no templo de Vulcano e implorou o seu auxílio. O deus enviou-lhe uma visão enquanto estava diante da sua imagem, dizendo-lhe para não temer, pois ele próprio lutaria por ele. Assim, Sethon marchou contra Senaqueribe com uma multidão de artífices e comerciantes; e, na véspera da batalha, uma legião de ratos do campo invadiu o acampamento assírio e devorou as aljavas e cordas dos arcos dos inimigos, permitindo que Sethon conseguisse uma fácil vitória.

Após a morte de Sethon, doze reis governaram o Egipto, dividindo-o, segundo Heródoto, em tantas províncias; mas o oráculo anunciou que quem fizesse uma libação com uma taça de bronze no templo de Vulcano seria o único rei. Numa ocasião, Psamético, encontrando-se sem a habitual taça de ouro quando os doze deveriam fazer as libações, arrancou o capacete, estendeu-o para receber o vinho e fez a sua libação.

Os outros reis, vendo o oráculo cumprir-se, em vez de o aclamarem rei, baniram-no para os pântanos do litoral. Daí enviou consultar o oráculo sobre como se poderia vingar dessa injustiça. O oráculo respondeu que a vingança viria quando homens de bronze saíssem do mar. Para Psamético, isto parecia impossível, mas pouco depois chegaram alguns piratas jónicos e carianos, em armaduras de bronze (algo nunca visto no Egipto), e ele percebeu o significado do oráculo, contratou esses estrangeiros e, com a sua ajuda, conquistou o trono.

O mesmo historiador foi informado no Egipto de que, quando o rei Amásis era jovem, fazia parte de um grupo de foliões e ladrões. Os lesados por ele levavam-no frequentemente perante os oráculos, alguns dos quais o declaravam culpado, outros não.

Quando chegou ao trono, desprezou os templos de todos os deuses que o tinham absolvido e recusou contribuir para a reparação desses templos, convencido de que eram oráculos falsos; mas aqueles que o tinham condenado passou a frequentar com o maior cuidado, considerando-os deuses verdadeiros e justos nos seus juízos (Euterpe, 174). Foi ainda informado de que uma delegação de egípcios enviada à Líbia ao templo de Júpiter Ammon, foi informada pelo rei amoniano, Thearchus, da existência de uma nação vizinha, os Nasamónios, que eram todos necromantes.

CAPÍTULO XII
O SOBRENATURAL NA ÍNDIA E CHINA ANTIGAS

> Ταράσσει τοὺς ἀνθρώπους οὐ τὰ πράγματα, ἀλλὰ τὰ περὶ τῶν πραγμάτων δόγματα.
>
> EPICTETO
>
> Não são os factos que perturbam os homens, mas as opiniões sobre esses factos.

> Oh, então, peçamos diariamente a Deus que forme à nossa volta um imenso vazio, no qual nada vejamos senão a Ele, um silêncio profundo em que nada ouçamos senão Ele. Supliquemos-Lhe que eleve as nossas almas a uma altura onde o temor dos juízos do mundo não nos atinja; onde o próprio mundo desapareça e se afunde debaixo de nós! Supliquemos-Lhe que nos envolva na Sua luz, e nos inspire a santa loucura do Seu evangelho, e sobretudo que penetre as nossas almas com um amor por Ele que nos amou com amor tão intenso e dominante, que nos custasse tanto descer desse patamar ao mundo como nos custou subir do mundo para lá.
>
> VINET, O Cristianismo Vital, 76.

Excetuando o facto de os evangelhos bramânicos e budistas não serem literalmente o nosso evangelho, podemos tomar esta aspiração do eloquente teólogo suíço como expressão do objetivo fundamental e doutrina da teologia indiana nas suas duas grandes escolas. O objetivo da religião

de Brama era elevar o homem do cativeiro dos sentidos e introduzi-lo na pura liberdade de Deus.

Os Vedas, que juntamente com as leis de Manu constituem os mais antigos livros sagrados dos hindus, sendo por eles considerados completamente inspirados, ensinam a mesma doutrina que os platónicos: que a alma está envolvida num veículo de éter puro, sûkshonas-arîra, um corpo mais subtil. É assim dotada de autoconsciência e excitada por uma série de sensações, que é tarefa do buddhi, ou razão, controlar.

Depois é introduzida no corpo físico e passa por uma sucessão de tais corpos, como um actor que assume diferentes trajes e personagens. Quando completa este ciclo de transmigrações, apresenta-se diante do juiz dos mortos, Yamas, e, de acordo com a sua condição moral, é condenada a atravessar diferentes infernos purificadores, ou é transportada para o paraíso de Indra.

Quando se torna perfeitamente pura, é absorvida na natureza divina e fica em unidade com Deus, sem contudo perder a sua individualidade. Isto é, de facto, a ressurreição geral para o mundo da luz vindouro, doutrina igualmente afirmada por Zaratustra (ver Colebrooke's Transactions 32 e Asiatic Researches ix. 290). Para atingir este estado de domínio sobre os sentidos e de unidade com a Divindade, os vários devotos da Índia, desde os tempos mais antigos até ao presente, submeteram-se a sofrimentos incríveis.

Os fakires e iogues, bem conhecidos dos gregos e romanos (ver Estrabão em vários locais, Lucano, Plutarco, Cícero nas Tusculanas, Plínio VII.2, etc.), sob o nome de gimnosofistas, em todas as épocas, desde a mais remota antiguidade (ver cartas de Papi, Sir William Jones e todos os autores sobre a Antiguidade Indiana), tal como os anacoretas egípcios, dedicaram-se a exposições durante anos ou uma vida inteira para alcançar esse fim supremo da existência.

As leis de Manu prescrevem detalhadamente tais penitências: “Que o devoto se arraste para trás e para a frente no chão, ou fique todo o dia em bicos de pés, ou se sente e levante continuamente; que vá à água ao nascer do sol, ao meio-dia e ao pôr-do-sol e se banhe; na estação mais quente do ano, rodeie-se de cinco fogueiras e, no inverno, permaneça constantemente de roupa molhada, aumentando sempre a severidade das penitências” (Manu, 6, 22).

Assim, no Ramayana, são representados sentados entre fogueiras, deitados no inverno em água fria, de pé nas pontas dos pés, alimentando-se apenas de folhas secas e água, vestidos com casca de árvore, ou, como em

Sakuntala, enterrados em formigueiros, com o pescoço envolto em plantas espinhosas e ninhos de pássaros construídos nos ombros. Outros deitam-se em camas de pregos afiados, e uma penitência comum dos devotos de Shiva era terem um gancho atravessado nas costas e serem assim suspensos no ar.

Estas terríveis penitências, já existentes no tempo de Alexandre da Macedónia, como sabemos por Megástenes, continuam até aos nossos dias. Alexandre von Humboldt, em Astrachan, viu um iogue indiano que durante quinze anos permaneceu nu no pórtico do templo, suportando os invernos mais rigorosos, mais parecido com um animal selvagem do que com um homem, com o cabelo transformado numa massa e o corpo encarquilhado, rígido e quase cadavérico.

Embora os Vedas condenem fortemente o suicídio, sabemos até onde chegou a autoimolação, em mortes por afogamento no Ganges sagrado, entre os seguidores de Vishnu, por fogo entre os seguidores de Shiva, atirando-se sob as rodas do carro de Jagannath, e as viúvas queimando-se nas piras funerárias dos maridos, até que os britânicos puseram fim a muitos destes horrores.

Mas, se as seitas bramânicas sustentavam essa grande noção de ascensão à união com Deus por meio de sofrimentos severos e dominação da carne e de todos os desejos carnais, esta doutrina surge ainda mais claramente assumida como fundamento do Budismo, mas despojada da sua selvageria. Não é necessário aqui entrar no vasto caos da literatura religiosa da Índia, na qual até os estudantes mais práticos se perdem em tantos e tão intermináveis labirintos quanto os disputantes cristãos sobre o livre-arbítrio.

Já referi os pontos comuns das mitologias da Índia, Egipto e Pérsia, assim como o parentesco visível entre os deuses gregos e indianos. Demonstrações completas deste facto podem ver-se nos ‘Miscellaneous Essays’ de Colebrooke, e em ‘Origin of the Hindu Religion’ de Paterson; no oitavo volume das ‘Asiatic Researches’, na tradução de Stevenson da Sanhita do Sama Veda, etc.

Um facto curioso na mitologia romana mostra como os deuses indianos viajaram para Ocidente. A Anna Perenna dos romanos, celebrada por Ovídio, a quem se faziam festas nas margens do Numicius e do Tibre, e que era considerada irmã de Dido, transformada em ninfa, foi identificada por Mr. Paterson, no seu tratado sobre a religião hindu, como ninguém menos que Anna Púrna Dévi, a deusa hindu da abundância. Amónio, o fundador da escola neoplatónica de Alexandria, confessadamente retirou a sua ideia do Yoga, ou modo de ascender à Divindade pela contemplação e mortificação do corpo, dos brâmanes.

De facto, tanto o Egipto como a Pérsia têm as suas três principais divindades, que se resumem nos atributos de um único Criador supremo; todos veneram especialmente a vaca; as suas teorias cosmogónicas apresentam as mesmas características que vemos nos Puranas: todas se degradaram entre o povo numa legião de deuses; o Panteão indiano contém, diz-se, nada menos que trezentos e trinta milhões de divindades.

Tal como as mitologias egípcia e grega, a indiana tem os dois sexos na Divindade (ver prefácio da tradução de Wilson do Vishnu Purána, p. lxi), tem os seus deuses menores e espíritos em forma humana, honrados entre os deuses ancestrais (ver Abul Fazl, Ayeen Akbery, i.4). Existem nada menos que sete classes de Pitris, ou filhos dos deuses e filhos dos homens. Assegura-se, no décimo quinto capítulo do segundo livro do Vishnu Purána, que os antepassados, se devidamente venerados, concederão todos os desejos. E, no capítulo seguinte, que o sésamo lançado ao chão afasta os espíritos malignos. Os brâmanes acendem uma lâmpada específica para o mesmo fim.

Tanto brâmanes como budistas acreditam nas repetidas descidas da Divindade à forma humana para renovar o mundo e corrigir os males com que o homem o encheu. A Vishnu são atribuídas principalmente estas encarnações como o grande auxiliador e reformador. Os brâmanes, porém, descrevem a encarnação de Buda como um engano enviado para iludir os homens que prestavam honra aos Daityas, ou demónios, em vez de aos deuses.

Diz-se, nos capítulos dezasseis e dezoito do terceiro livro do Vishnu Purána, que Vishnu emanou do seu corpo uma forma ilusória, Buda, que desceu à terra e ensinou tanto aos Daityas como aos homens a condenar os Vedas, ou livros sagrados dos brâmanes. Nisto se denuncia a destruição de todos esses hereges e todos são avisados para os evitarem. Foi precisamente isto que Buda fez e, daí, a inimizade mortal dos brâmanes aos seus seguidores.

Não só Vishnu, mas também os seguidores de Buda, a sétima encarnação de Vishnu, homens deificados, tornaram-se, segundo os livros budistas, repetidamente encarnados para os mesmos fins e são chamados Bodhisattvas. Mas não só assim descem os espíritos, de acordo com as crenças indianas antigas, a associar-se aos homens; apareciam e aparecem ainda de várias formas. São enviados em milhares como agentes dos Trimurtis, ou três grandes deuses.

Alguns são anjos da guarda de indivíduos, de cidades (Kshetrapâla), de aldeias (Gramadevata); outros são espíritos que assombram a noite, os bosques, cavernas e vales solitários. Estes, após a queda dos gigantes, os Asuras, que se rebelaram contra os deuses, descobriram pela primeira vez

que eram mortais e tornaram-se ansiosos por preparar o Amrita, ou licor da imortalidade, que, se provassem, viveriam para sempre.

Os semideuses, tal como os da Grécia, eram mortais. À medida que os espíritos de diferentes graus vão e vêm entre os homens, envolvem-se num véu etéreo, como Maya e as ninfas, tornando-se assim invisíveis aos mortais. Os seus olhos brilham como estrelas e nunca pestanejam, como se dizia dos deuses egípcios. Usam grinaldas que nunca murcham e os deuses astrais irradiam círculos de luz.

As deusas vestem-se de tecidos impregnados dos perfumes mais deliciosos; todos os deuses têm algum Vahan, ou animal acompanhante: alguns são benévolos, outros terríveis e vingativos; movem-se rapidamente e viajam em carros e barcos. Cada um traz uma arma ou flor na mão e todos têm uma árvore ou flor sagrada. Além disso, tudo na natureza é animado com uma porção do Espírito Divino.

Na oitava avatara, Vishnu parece ter incorporado em si os outros dois deuses; pois, no Bhagavadgita, é dito que, nesta ocasião, apareceu como Krishna, o não-nascido, o Senhor da vida, o Criador do mundo, seu sustentador e destruidor. Maior do que Brama, era Vishnu, o Sol, Shiva, Indra, Jagannátha, em suma, o ἓν καὶ πᾶν, que, através da palavra mística Om, exige toda a reverência. Diz-se que, apenas franzindo as sobrancelhas, podia criar milhões de deuses e deusas, de todas as formas, graus e caracteres.

A nona avatara de Vishnu ocorreu na pessoa de Buda. Não é necessário aqui entrar no enorme labirinto da literatura e controvérsia budistas. Interessa-nos o Budismo apenas enquanto sistema plenamente espiritual. Parece ter havido numerosos Budas. M. Burnouf, na sua ‘Introduction à l’Histoire du Buddhisme Indien’, diz que o último Buda foi o sétimo; mas, a julgar pelas várias datas atribuídas ao aparecimento dos Budas, terão existido mais: e, de facto, quase todos os que, pelo total abandono dos prazeres e domínio dos sentidos, atingiam a união com Deus, se tornavam Buda. Na obra de Bohlen, ‘Alte Indien’, constam trinta datas para os adventos de Buda, que vão de 2420 anos antes de Cristo até 543 a.C. Estas são datas fornecidas pelos nativos do Tibete, Ceilão, Japão, China, Birmânia, Caxemira, etc. O último Buda chamava-se, antes de o ser, Gautama. Era filho de Sudhodanas, rei de Kikata ou Magadha, a atual Behar. A mãe chamava-se Maya.

Alguns dos seus seguidores afirmam que era então um simples mortal, tornado Buda pela sua santidade e união com Deus. Outros sustentam que era Vishnu encarnado no filho desse rei e rainha. Que Maya significa ilusão, e era apenas a ideia divina em que Buda estava imerso. Todos estes

detalhes deixo para os conhecedores do Budismo. Basta-nos saber que Buda é referido por Alexandre Cornélio Polistor oitenta anos antes de Cristo, conforme citado por Clemente de Alexandria.

Clemente diz, noutro local, que os seus seguidores consideravam 'Butta' como Deus. Na narrativa de Heródoto sobre a expedição de Alexandre à Índia, referem-se as duas grandes seitas da Índia como brâmanes e garmanos. Estes últimos, chamados por eles próprios nas eras primitivas de Samanaer, ou Sempre-Iguais, eram sem dúvida os budistas, também designados de Abstinentes. Arriano menciona um Buda, ou Βουδύας, como filho do rei Spatembas aquando da invasão da Índia por Alexandre.

As doutrinas de Buda eram das mais puras e humanas. Condenou imediatamente as castas do bramanismo como contrárias à liberdade e ao progresso da humanidade: protestou contra todos os sacrifícios de seres vivos, fosse de homens ou animais; contra a autoimolação; contra comer ou ferir animais de qualquer espécie, mesmo os mais pequenos. Algumas seitas levaram esta doutrina ao ponto de usarem um pedaço de musselina sobre a boca, para que insetos não fossem inalados e mortos, e levarem uma escova suave para afastar insetos do solo antes de se sentarem.

Buda rejeitou os Vedas e os Puránas, negando-lhes qualquer autoridade, ou por sancionarem a prática impura dos sacrifícios vivos. Isto, e o elevado estatuto dos seus seguidores – pois nos Sûtras é apresentado a proclamar as suas doutrinas na presença de deuses e homens – trouxe sobre os budistas a fúria dos brâmanes, que os perseguiram até os expulsarem do Hindustão propriamente dito, só para eles se espalharem por todo o território além do Ganges, por Nepal, Birmânia, Afeganistão, Tibete, Mongólia, China, Ceilão, Japão e outros países. Hassel calcula que os seguidores relativos das várias religiões do mundo são:

Assim, das duas seitas indianas, há 426 milhões – uma vasta família de espiritualistas! Mas há ainda outros milhões de seguidores de outras seitas religiosas só na Índia, como os Jainas e outros, igualmente crentes em encarnações e processos espirituais. Os brâmanes e outros devotos acreditam que, ao atingirem a unidade divina, se tornam senhores dos elementos e capazes de operar milagres.

Apolónio de Tiana viajou para a Índia para ser iniciado na filosofia e teurgia indianas. Mal foi apresentado ao principal brâmane, foi assim saudado: "É costume dos outros perguntar aos que os visitam quem são e ao que vêm; mas connosco, o primeiro sinal de sabedoria é não ignorarmos quem nos visita."

E imediatamente informou Apolónio de quem ele era, de ambas as famílias, paterna e materna; do que fizera em Aegae; de como Damis o acompanhou na grande viagem, de tudo o que tinha acontecido pelo caminho, do que haviam conversado e ouvido. Narrou tudo com tanta fluência e precisão como se tivesse sido seu companheiro em toda a jornada. Apolónio foi devidamente iniciado e, no regresso, espantou toda a Grécia com o seu poder teúrgico. Relata-nos que os sábios da Índia tinham o poder de entender e falar as línguas daqueles que os procuravam vindos dos pontos mais distantes.

"Vi", disse Apolónio, "os brâmanes da Índia a viver na terra e não na terra; vivendo fortificados sem fortificações, não possuindo nada e contudo possuindo tudo." Damis, que o acompanhava, explicou assim: os brâmanes dormem no chão, mas a terra oferece-lhes um leito de ervas de qualquer planta que desejem. Diz ele que os viu elevados dois côvados acima do solo, a caminhar no ar – não para exibição, o que era-lhes totalmente alheio, mas porque tudo o que faziam, elevado em comum com o sol acima da terra, seria mais aceitável a essa divindade.

Depois de se banharem, formavam um círculo coral, tendo Iarchus como corifeu, e ao baterem na terra com as suas varas adivinatórias, ela erguia-se, tal como o mar sob o vento, fazendo-os ascender no ar. Enquanto isso, continuavam a entoar um hino, não muito diferente de um peã de Sófocles, cantado em Atenas em honra de Esculápio. – Filóstrato, Vida de Apolónio de Tiana, l. iii, c. 15, 17. Diodoro Sículo afirma que os brâmanes do seu tempo previam acontecimentos futuros e, caso estes não se verificassem, eram desde então tratados com desprezo (liv. ii, c. iii).

Aqui estão, pois, maravilhas que, até há poucos anos, todos teríamos tomado por meras fábulas. Mas tudo isto – o conhecimento intuitivo por médiuns dos teus pensamentos secretos e da tua própria história (ver 'Vida de Zschokke'), o poder de entender outras línguas (ver as 'Cartas do Juiz Edmonds'), e o facto de se elevarem no ar (ver os relatos do Sr. Home e de toda a Igreja Católica, corroborados por inúmeras testemunhas vivas e de plena credibilidade) – encontra pleno apoio nos fenómenos recentes.

Colquhoun, na sua 'História da Magia, Feitiçaria, etc.', diz com razão que todas aquelas coisas que o mundo moderno considerava fábulas místicas vazias foram demonstradas pela fisiologia e pela comparação cuidadosa com fenómenos recentes como estando em perfeita concordância com a realidade; que as visões e êxtases nos templos gregos, egípcios, indianos e outros estão em estrita analogia com a clarividência moderna; que os paralelos mais notáveis a estes fenómenos recentes foram apontados por Bernier, Colebrooke, Passavant, Schlegel, Windischmann e outros

estudiosos do conhecimento, hábitos e literatura dos hindus; que as revelações obtidas pelos videntes indianos, quando se julgavam em comunhão imediata com a própria Divindade, diziam respeito à origem, natureza, ligação e destino de todas as coisas, bem como ao estatuto e condição dos espíritos e almas dos homens, tanto neste mundo como no vindouro.

Segundo Colebrooke, o espírito, enquanto as portas ou sentidos do corpo estão abertos, não tem personalidade essencial, pois os sentidos estão divididos e actuam separadamente; mas assim que estes se fecham, a alma recolhe-se à região cardíaca, aí desperta, e as suas faculdades tornam-se um sentido comum, que percebe e conversa com a Divindade. Neste estado, o corpo fica totalmente insensível à dor.

Para atingir este estado, os indianos utilizavam o chamado “Soma”, bebida preparada em parte a partir de Asclepias acida ou Cyanchum viminale, que se dizia promover a clarividência, unindo assim a alma a Brama. Antigamente, era tomada como ato sagrado, espécie de sacramento; e as vítimas dos sacrifícios humanos recebiam-na em cerimónias e encantamentos mágicos. Todas as seitas – bramanistas, budistas, jainistas – acreditam e procuram a libertação da alma da tirania dos sentidos.

Buscam, através do ascetismo e abstração, alcançar esse estado celeste de Nirvana ou Anandâ, no qual, segundo o sexto livro das leis de Manu, gozam felicidade neste mundo e beatitude eterna no outro. Libertando-se de todas as afeições mundanas e insensíveis a todas as condições opostas, como honra e desonra, são absorvidos para sempre em Brama.

Não é propósito desta obra defender o bramanismo ou o budismo das acusações habituais de que esta absorção final da alma na Divindade é ateísmo ou aniquilação. Nenhum sistema proclama mais positiva e persistentemente o teísmo do que estes e, como já referi, isto não implica mais do que a doutrina de Cristo ao dizer que Ele vive no Pai e o Pai n’Ele, e que os verdadeiros discípulos viverão tanto no Pai como n’Ele.

E do apóstolo, que, quando Cristo tiver colocado todas as coisas sob os seus pés, entregará o reino ao Pai, e Deus será tudo em todos. Mesmo neste estado baixo e embrionário, diz-se que em Deus “vivemos, nos movemos e existimos”; quanto mais, então, num estado livre de todo o pecado e morte, e elevado à harmonia com aquela natureza divina que preenche todo o espaço e toda a eternidade, feito “perfeito como Ele é perfeito”.

Para muitas provas admiráveis do sobrenatural no Budismo do Tibete, o leitor pode consultar M. Huc. O Grande Lama é lá considerado uma

encarnação perpétua; o espírito do Bodhisattva de Sakyamuni, ao sair de um corpo pela chamada morte, entra noutro pelo nascimento, facto do qual os sacerdotes recebem intimação espiritual, indo buscar o Lama reencarnado, por vezes, a locais distantes e obscuros. Talvez nenhuma religião pagã se tenha aproximado tanto do cristianismo no seu espírito benévolo e doutrinas como a de Buda; certamente nenhuma outra igreja se aproximou tanto da Igreja Católica no ritual e cerimonial.

Tem uma esplêndida hierarquia e constituição eclesiástica. Possui torres com anéis de sinos e sinos nas cerimónias de culto. Tem a tonsura dos sacerdotes e mosteiros populosos no Tibete, a ponto de se dizer que os monges e sacerdotes formam quase metade da população. Na Birmânia e no Japão há conventos budistas para mulheres. Os sacerdotes usam esplêndidas vestes amarelas e toucados pontiagudos arménios. Transportam em procissões – pois também têm procissões religiosas como os católicos – uma espécie de báculo, sendo o crook esculpido com as armas da nação, como no Ceilão e Birmânia, ou pintado com cores vivas.

Os budistas têm terços e rezam com eles com tanto zelo quanto os católicos. Mas os budistas foram ainda mais longe do que os católicos no sistema de orações. Na Índia, ensinavam papagaios a recitar orações para poupar esforço às pessoas; mas em muitos países budistas inscrevem orações em cata-ventos, de modo a estarem sempre em movimento. Também têm máquinas para rodar orações em estilo de rosário, colocadas nos vestíbulos dos templos, com sinos, para que quem entra ou sai possa logo despachar uma ou duas preces.

M. Huc diz que os tibetanos aperfeiçoaram isto, e as pessoas transportam pequenas rodas de oração, mantendo-as sempre em movimento e, assim, ao andar, recitam muitas preces; e, ainda mais engenhoso, colocam essas pequenas rodas em ribeiros, para que estejam constantemente a trabalhar orações pelos seus donos. Quantas preces entre nós, que não passam dos lábios, poderiam ser muito mais facilmente entregues à maquinaria!

Os sacerdotes budistas, tal como os católicos, estão obrigados ao celibato, mas com igual facilidade, como entre os católicos em muitos países, têm amas de casa à volta das quais, inexplicavelmente, surgem famílias, chamadas de sobrinhos e sobrinhas. Os budistas têm penitências e abstinências, peregrinações e tarefas de esmola. Na Birmânia, os monges pedintes percorrem as ruas discretamente, com um bastão numa mão e, na outra, uma vasilha de barro pintada com Buda.

As donas de casa piedosas enchem a vasilha de alimentos, que são levados para os mosteiros, onde, depois de alimentados os monges, os restos são distribuídos pelos pobres. Nas suas peregrinações religiosas,

cantam hinos, tal como os católicos. Os seus dias festivos são quatro vezes por mês, além de muitos outros dias sagrados, nos quais desfilam com bandeiras e música retumbante, especialmente trompetes enormes, os sacerdotes com as suas túnicas amarelas ou púrpura e ouro, os seus terços e incensários, rumo aos templos, com o povo prostrado no pó de ambos os lados do caminho.

Quanto a batismos e aspersões de água benta, têm-nos em abundância; e se não têm exatamente uma ceia sacramental, os sacerdotes atiram punhados de moedas ao povo, acompanhados de hinos sagrados. Têm relíquias dos seus santos e, de facto, tantas práticas paralelas às do catolicismo que, quando tudo isto foi descoberto no Tibete, os padres Grüber e Maffie comunicaram à Europa que o diabo tinha criado uma cópia vergonhosa do ritual e dos paramentos da verdadeira igreja.

Não é preciso alongarmo-nos sobre o espiritualismo antigo dos chineses. Pelo que se pode apurar, passaram pela rotina habitual de passarem do conhecimento de um Deus supremo ao culto dos elementos e, assim, a um politeísmo multifacetado. Os antigos imperadores, diz Gutzlaff, “sacrificavam nos altos montes, com várias cerimónias hoje obsoletas, e frequentemente invocavam Shang-ti, ou o Ser Supremo, ato de devoção hoje raramente praticado.” Vendo a frivolidade do povo e a necessidade de algum reconhecimento público da religião, os legisladores chineses instituíram uma religião de Estado, e os governantes assumiram o cargo de sacerdotes. Nesta religião introduziu-se o culto de inúmeros espíritos, demónios, deuses e poderes invisíveis.

Os espíritos, presidindo a cada parte da natureza, tinham o seu reconhecimento, e construíam-se templos para eles. O povo também erguia altares aos pais, colocando-os junto aos túmulos dos antepassados. Os objetos de culto tornaram-se inumeráveis; céu, terra e tudo o imaginável tinham seus espíritos. Os antepassados da família reinante eram regularmente deificados, e os espíritos ancestrais, adorados em todas as nações antigas, não tinham tanta honra como na China. Instituíram-se grandes festas nacionais e anuais, nas quais o Imperador e todos os altos funcionários surgiam em trajo de gala, sendo os sacrifícios oferecidos pelo próprio Imperador ou pelos seus delegados.

Assim parece ter sido a condição espiritual da China até cerca do ano 604 antes de Cristo, quando surgiu um grande reformador religioso, Lao-Tsé. Encontrou os chineses profundamente corrompidos e mundanos, preocupados apenas com os seus negócios terrenos. No entanto, restava ainda um esboço de fé espiritual, e havia sábios solitários que procuravam em vão manter vivas as suas doutrinas. Ensinavam que as almas dos

homens ilustres presidiam no mundo invisível como senhores e governadores, sob o nome de Heën, ou sábios. Que espíritos não perfeitamente puros ocupavam a região entre o céu e a terra – o mesmo domínio intermédio do Sheol hebraico e do Hades grego – e estes apareciam como génios, duendes, elfos, etc., sob o nome de Seën, pairando sobre sepulturas, montanhas e recantos escuros – a ideia de Platão. Que as almas dos maus se tornavam kwei, ou demónios, e desciam ao inferno, ou vagavam pela terra fazendo o mal.

Lao-Tsé colocou-se à frente desses mestres solitários e, professando ter ascendido ao mundo invisível e vivido entre os Seën, regressou para lhes ensinar uma fé mais pura e verdadeira. Encontrou impossível atrair para si as massas materialistas chinesas, foi perseguido por elas e retirou-se para a solidão dos sábios, onde passou a vida em contemplação religiosa. No entanto, as suas opiniões prevaleceram pouco a pouco e deram origem ao culto do Tao, o Tao assemelhando-se ao Logos dos platónicos.

Lao-Tsé deixou uma obra chamada Tao-Te-King, contendo a sua filosofia religiosa. Pelo que podemos perceber do sistema de Lao-Tsé, assemelha-se muito ao de Buda, afirmando um poder, pela oração e negação pessoal, de elevar a alma da sua servidão carnal até à unidade divina. Reconhece claramente uma queda a partir de um estado melhor, mas, apesar dessa queda, Deus nunca abandonou o homem, buscando sempre restaurá-lo. Lao-Tsé ensina que as verdades morais e religiosas foram trazidas aos homens por mensageiros divinos. Que isto ocorrera mais frequentemente antigamente do que no seu tempo, quando apenas restavam ténues vestígios da antiga iluminação. Ensinava que as coisas visíveis foram feitas das invisíveis, doutrina precisamente igual à de São Paulo na sua Epístola aos Hebreus.

A escola dos Taoístas, fundada na doutrina de Lao-Tsé ou Lao-Tseu, manteve a realidade das aparições, e os artigos 296 e 297 relatam o castigo de um materialista. Este homem, chamado Tcheu, vangloriando-se do seu ceticismo em relação ao mundo dos espíritos, viu-se confrontado com um demónio que o chamou de ímpio por negar aquilo que todos os grandes homens da Antiguidade tinham afirmado, e mostrou-se de tal forma aterradora que Tcheu morreu no ato.

Ensina-se que espíritos bons e maus estão sempre a agir nos assuntos humanos, para os promover ou contrariar. Os Taoístas ensinavam que existiam espíritos guardiões; que os materialistas são os tolos e imbecis da criação. A grande doutrina de Lao-Tsé é a de Buda: que pela concentração e purificação espiritual, o homem, juntamente com todos os outros espíritos, ascenderá finalmente à natureza divina.

Lao-Tsé pode ser considerado o mais profundo pensador da Antiguidade chinesa. Foi rapidamente seguido por Kong-Fu-Tsé, ou Confúcio, que apareceu em 552 a.C., quando Lao-Tsé já era idoso. Era da casa real de Schang. O seu sistema era muito diferente do de Lao-Tsé: era mais um sistema moral do que metafísico. Lamentava a decadência e desmoralização dos seus compatriotas, procurando chamá-los de volta à antiga simplicidade sem os afastar da vida ativa. Ensinava que era necessário cumprir os deveres sociais e naturais, honrar os pais, ser verdadeiro no quotidiano, leal aos amigos e, acima de tudo, obedecer ao governo e pagar os impostos. O seu sistema era de obediência quase servil. Contudo, também ensinava que restava no coração uma semente da natureza celeste, uma luz interior que devia ser seguida, e que ensinaria os homens a dominar as suas paixões e a alcançar um temperamento de paz e alegria. Estas doutrinas ficaram no seu livro, os Kings, compostos de discursos, provérbios, canções e uma história posteriormente continuada.

Os seus escritos parecem ser a essência das tradições antigas; de facto, diz no Lun-Yu, livro I, cap. 7, §19: “Sou um homem que amou os antigos e que fez todo o esforço para adquirir os seus saberes.” Entre essas tradições está a da queda do homem e dos anjos. O primeiro dos rebeldes angélicos, segundo ele, foi Tschi-Yeu; e as bandeiras ainda hoje usadas pelos chineses para afugentar maus espíritos chamam-se “bandeiras de Tschi-Yeu”.

Outra tradição é a da pré-existência da alma. Todo o universo, segundo estas tradições, constitui apenas uma família: o céu, a terra, o mundo dos espíritos puros, os espíritos dos mortos e toda a ordem da natureza formam um só império, governado pela razão eterna de Schang-Ti. Ensinavam que o mundo visível está em constante ligação com o invisível: espíritos bons e maus rodeiam-nos, ou melhor, habitam em nós. Observam as nossas tendências, e, se cedermos ao mal, os espíritos malignos entram, afastam os bons e dominam-nos pela afinidade com o nosso estado.

Da mesma forma, os maus fogem dos bons, e os bons tomam o seu lugar. Têm conhecimento dos nossos mais íntimos pensamentos e relatam-nos no céu. Os espíritos domésticos, ou penates, registam todas as nossas ações e fazem o seu relatório ao céu no último dia de cada mês lunar. Segundo a tradição, as aparições eram extremamente frequentes nos tempos antigos, e os homens bons e grandes eram ensinados por Deus em sonhos. Confúcio queixa-se, num ponto do Lun-Yu, de não ter, há muito, visto Deus em sonho.

Tais eram as doutrinas da Antiguidade, que Confúcio procurou reavivar, e que mostram sinais inequívocos do saber primordial. Os seus seguidores,

segundo Hang, formaram uma seita que faz lembrar os profetas hebreus. Lutaram contra o espírito da época com energia ardente, mas não contra a passividade do povo chinês. Para eliminar essa passividade seria preciso ainda mais do que a inspiração dos hebreus. Contudo, todos os escritos de Lao-Tsé e Confúcio retratam a antiga fé da China como profundamente espiritualista.

Como vimos, acreditavam estar não só rodeados por legiões de espíritos bons e maus, mas, de acordo com a fé judaica, possuídos por eles. Não só eram influenciados, como também os viam aparecer visivelmente. Kircher e outros missionários primitivos relatam que, embora essa fé tenha degenerado em algo mais parecido com demonologia do que com o divino, subsistia ainda com toda a sua força. Que desde os tempos mais remotos as doenças eram curadas pela imposição das mãos, pela respiração sobre a parte afetada, e outros meios semelhantes.

Osbeck e Torceno, na sua viagem às Índias Orientais e à China em 1765, declaram que sempre foi hábito entre os chineses fortalecer os fracos, doentes e exaustos por meio de suave pressão das mãos em várias partes do corpo. Assim, os antigos chineses, como os hindus, egípcios, persas, caldeus, gregos e romanos, não só estavam familiarizados com fenómenos espirituais, mas também com aqueles fenómenos magnéticos que, ligados a estes, ocupam, por assim dizer, o vestíbulo do mundo espiritual.

Gutzlaff e outros viajantes asseguram-nos que todas as antigas noções sobre a vida dos espíritos chegaram até ao presente entre os chineses. Apesar de nenhum povo ter uma visão menos sublime da religião, acreditam confiantemente num mundo espiritual populoso à sua volta, e mantêm quotidianamente contacto com ele, seja entre taoístas, budistas ou outras numerosas e populosas seitas da China.

Como veremos adiante, colocam tábuas nos seus templos onde inscrevem mensagens aos antepassados, dando-lhes conta de tudo o que lhes sucede. Em cada templo, o aparato de adivinhação está sempre pronto, e apesar da lei proibir severamente a feitiçaria e magia, e interditar a publicação de livros ímpios e corruptores, o Dr. Macgowan informa que essas práticas continuam diariamente e a toda a hora. Assim era a Antiguidade, em todo o lado, Oriente e Ocidente, Norte e Sul; pois, nas palavras de Sófocles, citadas noutro lugar:

> Isto não é coisa de hoje,
> Nem de ontem, mas existe desde sempre;
> E ninguém nos disse de onde veio, nem como.

O “como” e o “de onde” não chegaram, de facto, a Sófocles nem aos gregos, mas vieram no Evangelho. Nas palavras de Dean Trench, nas suas ‘Profecias Inconscientes do Paganismo’, “Dizemos que as ideias divinas, que vaguearam pelo mundo até quase se esquecerem de si mesmas e da sua origem, acabaram por se revestir de carne e sangue. Tornaram-se incarnadas com a encarnação do Filho de Deus. Na sua vida e pessoa, a ideia e o facto encontraram-se finalmente e ficaram para sempre unidos.”

CAPÍTULO XIII
O SOBRENATURAL NA ESCANDINÁVIA ANTIGA

Oss mano Æsir bioda
Er’at sytandi daudi.
Todos devem os Asar chamar,
E sem dor eu vou.

CANTO DA MORTE DE RAGNAR LODBROK

Embora a Escandinávia antiga estivesse na Europa do Norte, a sua mitologia e fé eram orientais. Eles eram, como os próprios escandinavos, apenas uma secção daquele Oriente primordial por onde temos andado e cujas tribos seguimos para ocidente. A fé da velha Caldeia, do Egipto, da Índia e da Grécia era também a fé da Escandinávia. Os seus deuses – Odin, Thor, Loke – não eram senão Vishnu e Shiva, Hórus, Osíris e Tífon, Júpiter, Plutão e Marte, sob outros nomes. Quem estuda as velhas Eddas da Escandinávia encontra a prova direta e permanente da origem oriental daquele povo, da sua religião e da sua psicologia.

Citando a nossa própria **História da Literatura Escandinava**: “Seria inútil tentar fixar um limite para a antiguidade destes cantos. Eles apresentam todos os traços da mais remota idade. Levam-nos de volta ao Oriente, a região original da raça gótica. Dão-nos vislumbres do Gudahem, ou casa dos deuses, e das águas cintilantes da eterna fonte da tradição. Conduzem-nos nessa direção ao período primordial de uma só língua e uma só religião, e, nas palavras da Edda, àquele Deus ainda maior, cujo nome ninguém ousava pronunciar” (p. 29).

Os nossos povos do Norte são de origem oriental. Odin e os seus Asar declaravam-se vindos do grande Svithiod, região que parece corresponder à atual Circássia, entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. Trouxeram consigo costumes orientais – como cremar os mortos e sepultá-los sob túmulos, tal como ainda se vê nas planícies da Pérsia e da Tartária. Praticavam a

poligamia e recordavam sempre com afeição patriótica o grande Svithiod, o distrito primitivo de Asgård, e a cidade de Gudahem, o lar dos deuses.

Mas, acima de tudo, transferiram, na sua crença religiosa, a fé da Pérsia, da Índia e da Grécia para as montanhas geladas da Escandinávia, modificando-a de tal forma que lhe deram um carácter de originalidade sem destruir aqueles traços primordiais que assinalam o seu parentesco com o Oriente. Os Asar e os gigantes estavam em constante hostilidade, como os deuses gregos e os Titãs. Tinham três deuses principais: Odin, Thor e Loke, este último o princípio do mal, o Plutão dos gregos, o Ahriman dos persas, o Shiva dos hindus. Tinham deuses do trovão, da guerra, da eloquência e do mar. Tinham a própria Vénus do Tanais, a grande divindade dos persas, sendo o nome Vanadis uma sugestão direta da Vénus helénica. Em Balder, encontravam-se o Vishnu ou o Krishna da Índia, e um Pã mais belo. Os deuses da Escandinávia são descritos como sentados em Idavalla, ou Monte Ida; e Odin, Thor e Loke, tal como Júpiter, Mercúrio e Marte da Grécia, fazem excursões entre os mortais, entregam-se a singulares aventuras amorosas e colocam-se frequentemente em situações nada compatíveis com a dignidade de grandes divindades.

Temos a luta entre luz e trevas em Balder e Höder, como em Ormuzd e Ahriman; temos a divindade tripla, o Júpiter, Neptuno e Plutão da Grécia, o Brama, Vishnu e Shiva da Índia, em Odin, Thor e Loke. Em vez do touro Ápis ou do boi Abudad, temos a vaca Audumbla; em vez de génios, ninfas, dríades e nereidas, temos elfos, anões e trollquinna. Todos os poderes da natureza estão projetados nas diversas divindades dos diferentes sistemas; e há uma grande e sublime divindade, acima de todas as divindades semi-humanas, que está mais próxima do homem, seguindo-se então um fogo final, o Regnarök, como o dos persas, e a grande catástrofe mundana do credo cristão.

Em tudo isto, de facto, seguimos as mais antigas tradições do mundo primitivo; o Adão e Eva em Ask e Embla, os Meshia e Meshiane da Pérsia; as próprias Parcas estão lá nas Nornor; o Cão do Inferno e a Árvore da Vida. Essa árvore, na mitologia escandinava, assumiu, pela grande imaginação dos poetas-sacerdotes de eras desconhecidas, uma magnificência sem paralelo; e com o seu Asgård, o seu Midgård, o seu Nifelhem, a região rochosa dos Rimthursur, ou gigantes do gelo, todos os elfos de luz, elfos das trevas, os seus gigantes poderosos em magia, os anões mestres da metalurgia, as Valquírias e os heróis descendentes dos deuses, armados com runas omnipotentes, possui uma originalidade e um sabor imaginativo maravilhosamente refrescantes" (p. 38).

Sendo assim, podemos poupar-nos aos detalhes da fé escandinava antiga. Ao expor a de qualquer grande povo da antiguidade, expusemo-la a todas. A citação anterior mostra como este sistema era inteiramente espiritualista. Só precisamos referir algumas das suas feições mais peculiares: a sua identidade com a de todos os outros povos antigos é indiscutível. Se quiséssemos prova de que até as palavras do Oriente central viajaram com o seu credo, basta ver as seguintes passagens:

Nos hinos órficos encontramos:

> "Primeiro foi o Caos e a Noite, e o negro Érebo, e o vasto Tártaro;
> E não havia nem Terra, nem Ar, nem Céu;
> apenas no seio ilimitado do Érebo.
> A Noite, com as suas asas negras..."

No primeiro livro do Vishnu Purána, falando de Brama antes da criação: "Não havia dia, nem noite, nem céu, nem terra, nem trevas, nem luz, nem qualquer outra coisa, salvo só o que é incompreensível ao intelecto, ou seja, Brama e Puman (espírito) e Pradhana (matéria)" (p. 12).

Na abertura do livro da Edda chamado 'Völuspá':

> "Era a manhã do tempo,
> Quando Ymer vivia,
> Não havia areia, nem mar,
> Nem ondas frescas;
> Terra não havia,
> Nem céu elevado;
> Só o abismo de Ginunga,
> Mas não havia relva."

Assim, na Grécia, Índia e Escandinávia, temos os bardos e sábios antigos a entoar quase nas mesmas palavras o período anterior à criação.

Entre os traços peculiares da mitologia escandinava estão as Valor, ou profetisas. A 'Völuspá' é a profecia da Vala, uma das maiores dessas mulheres misteriosas. Elas são os paralelos das pitonisas da Grécia, das Alrunes dos germanos, mas não surgem perante nós de modo tão distinto como qualquer destas. Eram as sibilas do Norte, mas ainda mais misteriosas e indefinidas. No meio do sol radioso de tempos remotos, envoltas nas sombras densas de idades esquecidas, estas Valor, sentadas algures nesse céu maravilhoso, entoam um terrível canto sobre o nascimento dos deuses e o destino dos homens.

Como Ulisses e Eneias desceram ao Além para buscar conselho de Tirésias ou de outro vidente do passado, assim Odin desceu para consultar a Vala.

A cena, ainda que completamente des-escandinavizada, é familiar ao leitor inglês pelo ‘Descent of Odin’ de Gray. Odin chama a profetisa do túmulo, não do grupo dos espíritos; e o tempo em que ela lá estava pode ser imaginado pelas suas palavras:

> “Fui coberta por neves,
> E batida por chuvas;
> E encharcada pelos orvalhos;
> Há muito estou morta.”

Outra classe de mulheres dotadas na mitologia escandinava são as Valquírias, que tinham o poder de voar e eram nomeadas por Odin para escolher os que deveriam morrer em batalha. Eram uma espécie de Parcas guerreiras; mas eram mortais, embora dotadas de grandes poderes mágicos, que exerciam através de runas ou feitiços, escritos nos caracteres rúnicos do Norte. Brynhilda explica no ‘Brynhilda Quida’, ou canção, todas as diversas runas a Sigurd; runas de bebida para conservar o amor; runas de liberdade para libertar outros; runas de tempestade para levantar temporais; runas de carne para curar feridas ou doenças; runas de fala para inspirar eloquência; runas de mente para conferir supremacia espiritual.

Os escandinavos acreditavam em todo o tipo de magia. Como Circe, podiam transformar homens noutras formas, deter lanças voadoras em batalha, apagar fogos, prender magos mesmo no ar por meio de feitiços superiores, e quem a possuísse podia, cantando atrás dos escudos no campo de batalha, garantir a vitória aos companheiros. Völund, o ferreiro, de onde deriva o lendário Wayland Smith, significando simplesmente o ferreiro voador, tinha poderes mágicos extraordinários. Encontramos fantasmas e suas procissões nas antigas sagas da Escandinávia.

No canto de Helge, vê-se o herói a cavalgar à frente dos seus guerreiros para dentro do seu túmulo numa noite de verão. Mas nas sagas islandesas mais tardias, que pretendem narrar factos reais, encontramos relatos extraordinários de fantasmas. Na Eyrbyggja Saga, um grupo de fantasmas, depois de todas as tentativas para os afastar terem falhado, foi legalmente expulso da casa onde habitavam – talvez o único caso registado desse tipo. A aparição desses fantasmas deveu-se ao facto de alguém não ter queimado as roupas e outros bens deixados por uma mulher de posição chamada Thorgunna, como ela pedira e ele prometera. Não tendo cumprido, a casa foi assombrada por Thorgunna, os seus criados morreram de peste, todas as noites aparecia uma luz a circular pela grande sala onde a família se sentava, até todos fugirem.

Depois Thorodd, o próprio homem, teve de partir para o mar e, logo após, as refeições, ao serem postas na mesa, eram atiradas ao chão, o peixe

seco pendurado no tecto era lançado de um lado para o outro. Depois, Thorodd e os seus marinheiros apareceram, todos encharcados, tendo-se afogado numa tempestade, e vinham todas as noites sentar-se junto ao fogo.

Como o clero não conseguiu expulsar os fantasmas, foram citados em tribunal, responderam à chamada, aceitaram a sentença de expulsão e retiraram-se, Thorodd dizendo aos seus seguidores: “Já não temos aqui morada pacífica, por isso vamos partir.” E nunca mais se ouviu falar deles.

Numa dessas Sagas, a história de Njal, o Queimado, recentemente traduzida por Dr. Dasent, o leitor inglês pode encontrar abundantes provas da fé dos islandeses no sobrenatural. São retratados como tendo os mais claros pressentimentos de acontecimentos futuros, e em todas as Sagas vemos um verdadeiro sentimento da proximidade do futuro. Na *Eyrbyggja Saga*, já citada, Geirrida, uma vidente, diz a Gunlaugar: “Não partirás esta noite, maus espíritos andam à solta”; mas ele ignorou o aviso e pagou com a vida pela sua teimosia.

A classe dos *Berserkir* na Escandinávia era verdadeiramente extraordinária. Eram guerreiros a quem, periodicamente, acometiam acessos de inspiração, sob cujo efeito manifestavam uma força sobrenatural. Nos seus paroxismos, despiam-se — daí o nome *bare-sarks*, homens em camisa — e apresentavam-se em estado de frenesi, realizando feitos de bravura espantosos. Com a introdução do Cristianismo, começou a falar-se de milagres, e vários exemplos destes foram atribuídos a Olaf Haraldsson, o Santo, rei da Noruega.

E isto basta para o espiritualismo da antiga Escandinávia. O período pertence, na sua maioria, a um tempo para lá da prova histórica, mas podemos aceitá-lo como evidência do exercício vigoroso da fé universal da Antiguidade — uma fé que não poderia ter subsistido por eras sem factos substanciais que a alimentassem.

Poder-se-iam recolher volumosas provas do mesmo sobrenaturalismo noutras nações europeias da mesma época antiga. O druidismo era essencialmente espiritualista. Em Pomponius, Plínio, Vopisco, Tácito e na *Mitologia Germânica* de Grimm, é-nos dito que os druidas na Gália e na Bretanha, assim como as Alrunes, as suas profetisas, previam acontecimentos futuros e curavam doenças. Pomponius refere que, na costa da Bretanha, na ilha de Sena, havia um oráculo presidido por nove sacerdotisas virgens, chamadas Gallicenas, que possuíam tais poderes sobrenaturais.

Os druidas tinham tão firme convicção da realidade do outro mundo que emprestavam dinheiro com a condição de este ser reembolsado nesse outro mundo — caso não fosse em moeda corrente, então em algo de valor equivalente.

CAPÍTULO XIV
O SOBRENATURAL NA GRÉCIA ANTIGA

"Há dois tipos de homens. Um deles, por aptidão, receberá as iluminações da divindade; o outro, por inaptidão, submeter-se-á ao poder dos demónios vingadores."

PLATÃO, República, livro X

"Uma Providência Suprema governa o mundo; e os génios partilham com ela a sua administração. A esses génios, diferentes povos deram diferentes nomes e diferentes honras."

PLUTARCO, em Ísis e Osíris

"As forças espirituais movem o mundo visível."

EMPÉDOCLES, Carmina, v. 11-15:

"As almas são as forças motrizes do universo, segundo Tales."

DIOG. LAERT. i. 14:

"Todos esses seres invisíveis são tão substanciais quanto os seres materiais."

ARISTÓTELES, Física, iv. 2, 3:

"Os espíritos anunciam ao homem coisas secretas e predizem o futuro."

PITÁGORAS em DIOG. LAERT. viii. 32

"Os demónios dirigem o homem muitas vezes, na qualidade de espíritos tutelares, em todas as suas ações, como prova o demónio de Sócrates."

PLATÃO, Apologia, p. 31, 40

"As nossas descobertas no domínio das ciências ocultas são muito imperfeitas, pois são feitas apenas à porta dos nossos sentidos; mas, por

pouco que delas conheçamos, mais valor têm, pois essas investigações dizem respeito às coisas divinas."

ARISTÓTELES, De Coelo, ii. 12

Povo algum teve maior aptidão para a recetividade espiritual, segundo Platão, do que os próprios gregos. Não tinham as magníficas oportunidades de vislumbre do mundo invisível que tiveram os hebreus, mas souberam fazer uso honesto e corajoso dos primitivos raios de conhecimento que lhes restaram, e dos ensinamentos dos filósofos sagrados do Egipto.

Não se deixando deter pelo ceticismo de uma minoria, "amaldiçoada com a inaptidão" de que fala Platão, as grandes figuras da Grécia — heróis, estadistas, filósofos, poetas, artistas, historiadores — aceitaram as realidades invisíveis da natureza tão plenamente quanto as visíveis. Sabiam que deuses e espíritos tutelares existiam, porque viam uma providência grandiosa e universal a atuar no mundo, e porque, abrindo as suas almas à vida espiritual, viam e ouviam nos seus templos as mais inequívocas evidências de seres invisíveis, que conheciam não só o que era, mas o que estava para vir.

Foi esse reconhecimento heroico do espiritual que lhes deu tais ideias sublimes da arte, que lhes apresentou beleza, graça e verdade vindas de uma esfera interior e superior; que encheu os seus templos de formas escultóricas com tal divindade de presença que o mundo ainda hoje as venera esteticamente, e que, na filosofia, guiou Sócrates, Platão e Aristóteles, por diferentes caminhos, a verdades psicológicas que surpreendem até os filhos de revelações mais abertas. As investigações dos seus filósofos sobre a natureza da alma e a essência dos seres superiores são particularmente interessantes, pois embora envoltas em dificuldades, são acompanhadas de fulgores de radiância suprema.

Empédocles, como o seu mestre Pitágoras, afirmou que as almas eram imortais e preexistentes, entidades reais distintas do corpo que por um tempo habitam. Assim também diz Eurípides, em *Crisipo*, que nada morre ou perece completamente, mas as coisas vitais apenas mudam de veste.

E assim Platão, no *Fédon*: "os vivos provêm dos mortos, como os mortos provêm dos vivos"; ou seja, os que chamamos mortos, esses do mundo invisível, são as verdadeiras almas viventes. Já Aristóteles, embora nalgumas partes pareça acreditar apenas numa mente passiva algo material, afirma que a mente ativa ou intelecto é incorpórea e imortal:

οὐδὲ γὰρ αὐτοῦ τῇ ἐνεργείᾳ κοινωνεῖ σωματικὴ ἐνέργεια (*De Generat. et Corrupt. lib. ii*).

Os estoicos viam o universo como matéria, um grande animal que vivia porque nada havia para o impedir; e os ateus atomistas diziam que tudo era um conjunto de átomos, porque a matéria podia ser decomposta em partículas, não havendo, pois, ser incorpóreo indivisível. Alguns gregos dizem que Tales foi o primeiro entre eles a declarar a imortalidade da alma; Aristóteles, porém, considera-o fundador do ateísmo por ter afirmado que tudo provinha da água, esquecendo-se de que Tales também admitiu uma mente primordial agindo sobre as águas — quase como o Espírito a pairar sobre as águas no Génesis mosaico.

Ao enfrentar estes velhos ateus ou materialistas — os hylopathians, crentes em ὕλη e nos πάθη τῆς ὕλης, isto é, a matéria e as suas qualidades, como Anaximandro e os seus discípulos iónicos até Anaxágoras, depois os atomistas Demócrito e Leucipo, os hylozoístas ou stratonistas, para quem todas as partículas de matéria tinham vida em si e moldavam-se em esferas e formas animais, teoria retomada hoje como teoria do desenvolvimento de Darwin e outros — Platão apresentou ideias que nos surpreendem pela proximidade com a revelação. Anaxágoras pôs fim à filosofia jónica ao introduzir a mente como princípio supremo do universo; Platão apresenta esta mente de forma tríplice, que, sem coincidir em tudo com a Trindade cristã, se aproxima de modo impressionante.

Outro facto curioso é que Anaximandro dizia que os homens foram gerados inicialmente nas entranhas de peixes ou outros animais — provavelmente eco de alguma tradição da permanência de Jonas no ventre do peixe. Aristóteles ridiculariza os hylozoístas por acharem que algum princípio inato da matéria poderia, sozinho, formar um mundo tão extraordinário, dizendo que seria como um carpinteiro ou escultor alegar que o machado, o formão e a plaina, ao cair desta ou daquela forma, teriam dado origem à casa. (*de Part. An. lib. i. c. 1*)

Epicteto mostra que estes velhos ateus e materialistas são exatamente o mesmo género de homens que abundam hoje. Diz ele que, se alguém quiser opor-se ou contradizer as verdades mais evidentes, não será fácil encontrar argumentos para convencê-lo. E isto não por incapacidade do mestre, nem por astúcia do negador, mas por uma doença ou insensibilidade interior.

Tal pessoa, diz, tem uma dupla ἀπονέκρωσις, ou απωλιθωσις, mortificação ou petrificação da alma. Não se deve discutir com alguém assim, mais do que com um cadáver. E pergunta: ποῖον αὐτῷ πῦρ ἢ ποῖον σίδηρον προσάγω; Que fogo ou ferro pode cortar tamanha couraça para atingir alguma vida lá dentro? E se está vivo e não o reconhece, então está pior do

que morto, castrado quanto à honestidade e consciência que faz o verdadeiro homem (*Epicteto apud Arrian. lib. i. c. v*).

Isto podia ser dito pelo Rev. Mr. Le Bas dos nossos dias, chamando a este estado de espírito uma doença. É precisamente a afirmação de Goethe na epígrafe deste volume: “O mundo dos espíritos não está fechado; o teu sentido é que está fechado, o teu coração está morto.” Mas o que mais nos interessa na filosofia da Grécia é a evidência que ela oferece de que o sentido dos gregos estava aberto — eles acreditavam na comunicação sensível dos deuses e espíritos com os homens. Até o filósofo atomista Demócrito admitia aparições.

Os ateus de então, tal como hoje, assim como muitos que professam crer em espíritos, recusavam admitir aparições, procurando explicá-las como confusões de sonhos ou devaneios com realidades, insistindo que o sentido é o único fundamento da certeza.

Sobre isto, o Dr. Cudworth observa pertinentemente que, se pessoas prudentes e inteligentes podem ser tão frequentemente enganadas ao confundir os seus próprios sonhos e fantasias com sensações, como pode então haver qualquer certeza de conhecimento advindo dos sentidos? Contudo, eles aqui desvalorizam tanto os sentidos como os testemunhos humanos, que se o mesmo fosse feito noutros casos, isso destruiria claramente toda a vida humana. (Vol. ii. p. 114.)

Outros ateus, reconhecendo a insensatez de negar completamente os inúmeros testemunhos do mais completo género de aparições, optaram por explicá-los como obra da imaginação, como se a imaginação, diz Cudworth, pudesse criar não só fantasias, mas realidades. Temiam que, ao admitir as aparições, teriam também de admitir Deus: e não há nada demasiado absurdo, observa ele, que não estejam dispostos a supor para negar a existência de Deus. Mas Demócrito, para escapar a ambas as dificuldades, afirmou que eram uma espécie de seres permanentes, independentes da imaginação e superiores aos homens, aos quais chamou εἰδωλά ou imagens, mas sem alma.

Sexto, o filósofo, disse que Demócrito pensava que alguns deles eram de natureza má e outros de boa natureza, de grande longevidade, capazes de prever acontecimentos futuros, mas não imortais. Assim, argumentava que não se podia deduzir a existência de um Deus a partir da existência destas entidades, embora tenha sido muito criticado pelos ateus por admitir sequer que existissem.

A existência de aparições, no entanto, levou tanto os gregos como, mais tarde, os Padres da Igreja a especularem bastante sobre a natureza dos espíritos dos mortos; e a maioria chegou à conclusão de que a alma era uma essência espiritual pura, mas que, durante a sua permanência no corpo, possuía também um corpo interior e mais refinado, mas não puramente espiritual. Desde Platão, tinham dificuldade em imaginar o espírito como uma substância perfeitamente percetível para outros espíritos, mas impercetível para os sentidos físicos.

Não conseguiam alcançar o entendimento a que São Paulo chegou imediatamente por revelação, de que há um corpo natural e há um corpo espiritual; por isso, imaginavam o veículo da alma, como lhe chamava Platão, ainda composto de matéria, mas de uma natureza subtil e permanente. Platão dizia que o Demiurgo colocava a alma num carro, ou veículo móvel, e, por uma expressão na sua Epinomis, acreditava que, após a morte, não teríamos a variedade de sentidos que agora possuímos, mas sim um corpo uniforme, vivendo uma vida feliz.

Aristóteles também, na sua Metafísica, diz que, propriamente, há apenas um sentido e sensorium, referindo-se a este corpo uniforme, subtil, aéreo, que Proclo, ao comentar o Timeu de Platão, parece considerar lúcido, esplêndido e suficiente para todas as coisas. Os alexandrinos ou neoplatónicos defendiam este corpo interior subtil, e alguns deles adotaram a ideia caldaica de que havia dois corpos interiores, um mais pesado e grosseiro do que o outro, e que o mais grosseiro era deixado para trás no Hades, à medida que a alma purificada se aproximava da Divindade.

Plotino, Porfírio, Filopono, Hierocles e outros, todos defendiam esta ideia do corpo pneumatical, ou espiritual, mas não espiritual no sentido escriturístico; embora divergissem entre si quanto à conceção deste corpo. Defendiam que as almas, após a sua partida, se encontravam num corpo mais fino ou mais pesado e corrupto, consoante as suas vidas e gostos em vida. Para este corpo espiritual, afirmavam, eram absorvidas certas matérias, como uma esponja absorve água.

Este corpo ficava assim saturado e carregado, caso a vida tivesse sido grosseira, terrena e imoral; e por isso, tais almas permaneciam junto dos seus antigos lugares e túmulos, receptáculos dos seus corpos físicos, sendo, por causa desta grosseria, capazes de serem vistas pelos homens. Também tinham plena consciência do extraordinário poder que os espíritos possuem de assumir qualquer forma ou indumentária necessária para se identificarem — um facto que continua a intrigar as pessoas até hoje.

Filopono afirma que o corpo interior, ou corpo lúcido, luciforme e estrelado (σῶμα αὐγοειδὲς, οὐράνιον, καὶ αἰθέριον), quando limpo de partículas

terrestres e afectos ou desejos, é transportado para regiões mais puras. As almas de natureza demoníaca, pelo contrário, tornam-se escuras, opacas e descem para regiões de carácter semelhante.

Suidas, Isidoro, Pleto, sobre os oráculos caldaicos, e muitos outros, defendiam esta doutrina; mas Orígenes contestava fortemente que no estado futuro houvesse qualquer coisa para além da pura incorporeidade; e os monges de Alexandria foram veementes com o bispo Teófilo para denunciar os escritos de Orígenes por esta razão; e o famoso Maimónides entre os judeus, como Orígenes, acreditava que não haveria corpo de espécie alguma no mundo futuro.

Para responder aos que o acusavam de ensinar o aniquilamento, escreveu a sua obra chamada Iggereth Teman. Mas Orígenes não queria dizer que não pudesse haver um corpo espiritual após a morte, mas que tal corpo só poderia estender-se até ao Hades, devendo ser purificado, restando apenas a forma estrelada e etérea. Nisso, a maioria dos Padres antigos partilhava da mesma fé.

Tertuliano (de An. p. 300) imaginava almas impuras carregadas com um corpo muito impuro e espirituoso; e Irineu, no capítulo quadragésimo segundo do seu segundo livro, defende, com Tertuliano, que as nossas almas possuirão a mesma forma, cor e estatura dos corpos que habitaram.

A maioria dos Padres sustentava que os demónios não só habitavam corpos escuros e imundos, mas que estes eram capazes de absorver todos os tipos de odores e sabores, deleitando-se, por isso, com o fumo e os vapores gordurosos dos sacrifícios. Justino Mártir, Atenágoras, Taciano, Tertuliano, São Basílio, Santo Agostinho e muitos outros acreditavam nisto.

Marcos, o monge trácio, não só acreditava nisto, mas também que tais seres grosseiros podiam ser cortados e sentiam uma dor excruciante com isso; e esta é a opinião de povos do Oriente, que acreditam que os demónios podem ser atingidos por projéteis, deixando, nesses casos, um sedimento ou caput mortuum de matéria atrás de si (ver o relato de Mrs. Poole sobre o abatimento de um efrit no Egipto). Os corpos angélicos, defendiam os Padres, eram tão puros que podiam atravessar qualquer matéria, por mais sólida que fosse.

Estas opiniões, embora não coincidam exatamente com as de São Paulo, concordam, em grande medida, com elas. Sugerem um corpo ainda mais intenso e mais espiritual, e estão em grande consonância com os fenómenos dos tempos modernos e com as naturezas dos espíritos, como demonstrado na história da Vidente de Prevorst e em manifestações ainda

mais recentes. Advertiam-nos a viver de forma pura aqui, se quisermos alcançar uma sociedade pura no mundo após a morte.

Sócrates, segundo as memórias de Xenofonte sobre ele (livro i, p. 2), detinha ideias verdadeiramente distintivas sobre estes assuntos. Não desejava, como os jornais e outras autoridades atuais, que recorrêssemos ao Espiritualismo para aprender o que podemos conhecer pelos nossos sentidos, mas sim que usássemos as nossas faculdades para os assuntos do mundo exterior e o poder espiritual para os assuntos espirituais.

Teria sido considerado, diz Xenofonte, um entusiasta ou um fanfarrão se tivesse declarado abertamente que lhe tinham sido dadas revelações sobre o futuro pela divindade. Contudo, considerava todos esses nada mais do que loucos, que, excluindo a divindade, atribuíam o sucesso dos seus projetos a nada mais do que à prudência humana. Também não tinha grande consideração por aqueles que recorriam à adivinhação em todas as ocasiões, como se um homem devesse consultar o oráculo para saber se devia entregar as rédeas do seu carro a alguém ignorante ou experiente na arte de conduzir, ou confiar o leme do seu navio a um piloto hábil ou inábil.

Considerava igualmente uma espécie de impiedade incomodar os deuses com perguntas acerca de coisas que se podem conhecer por número, peso e medida, cabendo, a seu ver, ao homem informar-se sobre tudo aquilo que os deuses colocaram ao seu alcance; mas no que respeita ao que lhe é incompreensível, para isso deve sempre recorrer ao oráculo, estando os deuses sempre prontos a comunicar conhecimento àqueles que se esforçaram por os tornar propícios.

Estas eram as opiniões dos mais eminentes filósofos da Grécia e dos que, nas épocas seguintes, foram influenciados por eles; e, se abrirmos os seus poetas, vemo-los impregnados do princípio ao fim da essência espiritual. Pode dizer-se que os poetas, por toda a parte, lidam com a ficção e empregam uma maquinaria em que não depositam fé real. Mas não é essa a questão aqui; a questão é: qual era a fé popular de um povo? e não há melhores intérpretes disso do que os poetas.

Constroem sobre o coração e a alma do povo, porque são estas as fontes da necessária simpatia. Um poeta pode ser um completo incrédulo, mas ao assumir a linguagem do povo, assume um facto. Nos dois grandes poetas Hesíodo e Homero, temos mais do que simples poetas, temos os reconhecidos fundadores da teogonia grega. Apresentam-se como vates e mestres da teosofia da sua nação. Quanto à origem de cada um dos deuses, diz Heródoto (Euterpe 53), se todos existiram desde a eternidade, o que eram em forma — tais coisas só se souberam ontem ou anteontem, para usar uma expressão trivial. Considero Homero e Hesíodo mais antigos

do que eu por quatrocentos anos, certamente não mais; e foram eles os poetas que criaram a teogonia helénica, deram nomes distintos aos deuses, distribuíram entre eles honras e profissões, e assinalaram as suas formas respetivas.

Diodoro Sículo, no seu primeiro livro, capítulo sétimo, afirma o mesmo; ou seja, estes historiadores querem dizer que estes poetas não inventaram, mas organizaram e detalharam o conhecimento dos deuses trazido da Síria e do Egipto por Dânao, Cadmo, Orfeu, os Cabiros e os Pelasgos. Todo o seu sistema é de supervisão divina e intervenção nos assuntos humanos. Os deuses não só dirigem os acontecimentos humanos pelos seus conselhos, mas aparecem pessoalmente aos homens e cooperam nos seus objetivos e conquistas.

Citar tudo o que se relaciona diretamente com este tema nestes dois poetas seria incorporar a Ilíada, a Odisseia, a Teogonia e os Trabalhos e os Dias nesta obra. Já mostrei como Hesíodo, na sua batalha dos Titãs, descreveu completamente a cena da Torre de Babel. Tanto Homero como Hesíodo proclamam o olhar sempre presente e retributivo de Deus. “Quem quer que,” diz Hesíodo, “cometa atos maus e cruéis, Júpiter vingar-se-á disso.”

Igualmente é considerado homem de pecado
Aquele que despreza o suplicante e aquele que prejudica o hóspede.

Homero tem exatamente o mesmo sentimento:

Ilustre senhor! Respeita os deuses e a nós
Teus suplicantes; os suplicantes são cuidados de Júpiter.
Ele zela pelos seus direitos, e onde o estrangeiro permanece, lá está ele.

Mas não só em relação ao “pobre e ao errante”; Hesíodo declara que quem prejudica alguém de qualquer forma:

Sobre ele olhará Júpiter, irado, do alto
E retribuirá profundamente a obscura iniquidade.

Hesíodo declarou-se profeticamente inspirado pelas Musas. Diz que as filhas de Júpiter –

Puseram na minha mão
Uma vara de maravilhoso crescimento; um ramo de loureiro
De viçosa verdura; e dentro de mim insuflaram
Uma voz celeste, para que eu pudesse proclamar
Todas as coisas passadas e futuras, e me ordenaram louvar
A raça bem-aventurada dos deuses sempre vivos.

TEOGONIA, p. 103.

Hesíodo declara repetidamente a sua firme crença em espíritos protetores, bem como em espíritos que registam e vingam o crime:

Invisíveis, os deuses estão sempre próximos,
Passam pelo meio e inclinam o olho que tudo vê;
Os homens que esmagam o pobre, que torcem o direito,
Sem temor da vingança do céu, estão nus perante o seu olhar.
Pois três vezes dez mil demónios sagrados vagueiam
Por este mundo respirante, delegados de Júpiter,
Guardiões do homem, o seu olhar observa igualmente
Os justos julgamentos e os caminhos injustos.

OBRAS, tradução de Elton, p. 32.

Noutra passagem, diz-nos que os habitantes da idade de ouro foram feitos espíritos deste tipo tutelar:

Quando o escuro ventre da terra fechou esta raça,
O grande Júpiter elevou-os do chão como demónios.
Como espíritos errantes da terra começaram o seu encargo,
Ministros do bem, e guardiães do homem.
Envoltos numa névoa de ar sombrio deslizam,
E circundam a terra, e passam por todo o lado;
E vigiam atentamente com olhos vigilantes
Onde vivem atos justos, ou surgem torpezas.
Real é o seu estado, e delegado do céu,
Pelas suas mãos vicárias é dada a prosperidade.

Ibid. p. 19.

O leitor da Ilíada e da Odisseia não precisa que lhe digam que os deuses e deusas de todos os graus estão em ação constante, reunindo conselhos no céu sobre os assuntos humanos: descendo à terra, invisíveis ou visíveis, nas suas próprias formas ou assumidas: tomando parte ativa nas batalhas, acompanhando heróis favoritos nas suas viagens e errâncias, e, em suma, ocupando-se incessantemente das preocupações da humanidade.

Por vezes exercem vinganças severas, como no massacre dos filhos de Níobe na Teogonia de Hesíodo, ou ao enviar os espíritos da destruição para varrer a raça maligna. Todo o sistema poético da Grécia era um sistema espiritual. Assim, quando Minerva privou Tirésias da visão, concedeu-lhe o dom da profecia, uma grande verdade espiritual: o olho interior é aberto quando o exterior é fechado.

Os grandes trágicos são tão espirituais quanto os poetas heroicos. Todos os seus temas são retirados da mitologia nacional ou dos tempos míticos, e são tratados com a força da realidade. Os prognósticos dos oráculos são cumpridos, os juízos dos deuses cuidadosamente desenvolvidos, e os acontecimentos mais aparentemente improváveis são concretizados de acordo com a profecia.

Sófocles, tanto no Édipo Rei como no Édipo em Colono, cumpre os destinos misteriosos que lhe foram profetizados pelos oráculos. Orestes, em Electra, agindo por conselho do oráculo, vinga o assassinato do pai. Em Antígona, o velho profeta cego Tirésias aparece e prediz horrores que rapidamente se concretizam. Em Ajax e Filoctetes toda a história avança graças à agência de solenes oráculos.

Nas Bacantes de Eurípides temos um deus como personagem principal da peça; em Júpiter, toda a máquina é sobrenatural, e Minerva aparece em pessoa; Apolo faz o mesmo em Alceste; em Medeia temos não só espiritualismo mas magia, tal como Homero já nos tinha mostrado um exemplo em Circe, tia de Medeia. Ovídio faz Medeia voar de Ática até à Cólquida — um voo ousado! Em Hipólito, tanto Vénus como Diana aparecem em cena; e tal é a base sobrenatural de todas as tragédias tanto de Eurípides como de Ésquilo.

Estes grandes autores, sem dúvida, acreditavam que aquilo que descreviam tinha acontecido em tempos antigos. Viam à sua volta grandes famílias a manterem seriamente a sua descendência dos deuses; viam os oráculos em funcionamento ativo e testemunhavam diariamente a realização das suas declarações. Se recorrermos aos poetas líricos ou pastorais, o caso é o mesmo; Píndaro está repleto da honra dos deuses e das afirmações da sua interferência pessoal nos assuntos humanos. Destes, bastarão alguns excertos:

“Então chegaram à rocha íngreme de Cronos; aí o deus deu-lhe um duplo tesouro de adivinhação; primeiro, ouvir a voz que não conhece falsidade,” etc. (Olimpíada vi.) “Ó Olímpia, mãe dos jogos de coroa dourada, rainha da verdade! Onde homens proféticos, adivinhando por sacrifícios, exploram a vontade de Zeus, se ele tiver algo a dizer sobre os homens, e há um cumprimento concedido às preces em troca da piedade dos homens.” (Olimpíada viii.) Teócrito está repleto de passagens espiritualistas. Teócrito introduz os factos e sentimentos mais espirituais nos retiros silvestres em que se deleita. Todos os géneros de poetas gregos expressavam simultaneamente a sua própria fé e a fé da sua nação.

Passemos agora aos historiadores, os homens dos factos. Aqui o caso é precisamente o mesmo que com os poetas e filósofos. Os acontecimentos

sobrenaturais, a comunicação aberta com o mundo espiritual por meio de oráculos, profetas, profetisas, adivinhos e intérpretes de sonhos, são tidos como coisas amplamente aceites e praticadas. Como disse Cícero dos Gregos — e nós também o devemos dizer —, esse povo sábio, sobre cuja literatura se construiu cuidadosamente a de todas as nações modernas, nada fazia sem primeiro consultar esses oráculos, ou pessoas consideradas qualificadas para falar a partir de intuições espirituais, ou, em linguagem moderna, médiuns. E essas fontes de inteligência sobrenatural eram, pela experiência, consideradas tão fiáveis que contavam com elas como com qualquer resultado do processo mais comum. Se acreditarmos em Heródoto assim como em Cícero, tinham boa razão para tal; pois se examinarmos qualquer das suas histórias, encontraremos os acontecimentos a acontecer tal como preditos pelos oráculos, com espantosa exatidão.

Houve ocasiões em que falaram com ambiguidade deliberada; mas mesmo nessas ocasiões o acontecimento tornou a profecia perfeitamente clara, e ninguém precisa de ser informado que há muito poucas profecias completamente compreendidas até depois do acontecimento. Também houve ocasiões em que o oráculo foi subornado ou influenciado de outras formas; mas estes casos eram raros, e os corruptores, assim como as pitonisas corrompidas, eram geralmente punidos com infortúnios notórios, e as últimas eram dispensadas.

Foi o caso quando os atenienses subornaram a Pítia de Delfos para dar ordens contínuas aos lacedemónios para enviarem ajuda a Atenas contra os Pisistrátidas (Heródoto, Terps. 65). Os lacedemónios, que eles próprios já tinham corrompido os oráculos, foram rapidamente punidos pelo mesmo método, agora devolvido pelos atenienses; e vemo-nos a confessar isso com pesar.

Ajudaram os atenienses a expulsar os Pisistrátidas apenas para tornar os atenienses poderosos, e para os encontrar agressivos e ingratos. “Amigos,” dizem aos aliados, “reconhecemos que agimos injustamente, pois, induzidos por oráculos mentirosos, expulsámos da sua terra homens ligados a nós pela hospitalidade, e entregámos o Estado a um povo ingrato,” etc. (Terps. 91.)

Novamente em Heródoto (Erato 66), Cleómenes, tendo subornado a Pítia em Delfos através de Cobon, um delfiano, para declarar o seu colega Demarato ilegítimo e assim depô-lo, enlouqueceu e acabou ele próprio deposto e confinado, depois de ter sido enganado pelo próprio oráculo. Por ter sido informado de que deveria tomar Argos, fez uma expedição contra ela, mas apenas tomou e queimou um bosque chamado Argos. Os espartanos atribuíram a sua loucura ao facto de ter corrompido o oráculo, e

morreu de forma miserável, esquartejando-se com uma faca. Descoberta a corrupção, Cobon, seu agente em Delfos, fugiu, e Perialla, a principal profetisa, foi destituída do cargo. (Erato, 66, 75, 76, etc.)

Quem quiser convencer-se do quão institucionalizados e usados diariamente durante séculos foram os oráculos entre os gregos, e do quão legítima era a confiança que neles depositavam, só precisa de consultar os seus historiadores. Em Heródoto, sozinho, encontramos as provas mais marcantes disto em quase todas as páginas; e quanto à veracidade de Heródoto, vejamos o que diz o seu tradutor, o Rev. Thomas Gaisford, Deão de Christchurch e Professor Régio de Grego em Oxford, sobre este ponto: “Dificilmente se pode duvidar de que quem se esforçou tanto para apurar a verdade fosse igualmente escrupuloso em nada apresentar ao leitor senão a verdade; e, na verdade, por mais estranho que pareça àqueles que estão habituados a ouvir Heródoto ser apelidado de mentiroso por pessoas que deveriam saber melhor, provavelmente não há autor, antigo ou moderno, excetuando os escritores inspirados, que mereça ser colocado acima dele na escala de verdade e exatidão.” (Introdução, p. xxxi.)

No próprio Heródoto ocorrem mais de setenta exemplos de respostas oraculares, sonhos, presságios, prodígios, etc., todos relatados pelo historiador como factos e como tendo sido singularmente confirmados pelos acontecimentos. A sua própria firme crença na fiabilidade dos oráculos fica provada por isto. Os oráculos disseram claramente aos gregos que Xerxes devastaria a Ática e incendiaria Atenas; mas depois, numa nova consulta, deram a certeza da vitória final dos gregos.

Sobre isto, Heródoto diz: “Não posso censurar os oráculos por falsidade, nem sinto inclinação para destruir os que falam claramente, quando considero o seguinte: ‘Mas quando, após saquearem com esperança insana a cintilante Atenas, cobrirem com navios a costa sagrada de Diana, cingida da espada dourada, e a Cynosura cercada pelo mar, então a Vingança Divina extinguirá a Presunção, filha da Insolência, lançada furiosamente ao ataque, decidida a derrubar tudo.

Pois ferro com ferro se chocará, e Marte tingirá o mar de sangue. Então o filho trovejante de Cronos e a Vitória divina trarão o dia da liberdade à Hélade.’ Considerando, pois, estes factos, e refletindo que Báquis (um oráculo assim chamado em homenagem a um famoso adivinho da Beócia) falou de forma tão clara, não ouso contradizer os oráculos, nem o aprovo nos outros.” (Urania 77.)

Alguns dos oráculos mais notáveis e outros acontecimentos sobrenaturais relatados por Heródoto merecem a nossa particular atenção. Um número considerável destes diz respeito ao Egipto, à Pérsia, etc., e já foram

referidos nas secções dedicadas a essas nações. O primeiro, relativo a Candaules, rei da Lídia, é particularmente notável. Candaules, tendo insultado grosseiramente a sua rainha, levou-a a induzir Giges, um dos guarda-costas, a matar o rei; ela casou-se então com Giges, que se tornou rei.

O oráculo de Delfos reconheceu Giges (pois o seu ato fora de certa forma provocado), mas declarou que a vingança também recairia sobre os Heráclidas, a família de Candaules, na quinta geração de Giges. Isto cumpriu-se na pessoa do célebre Creso, quando este caiu sob o domínio de Ciro; e quando esse monarca enviou uma mensagem a Delfos para protestar junto do deus pelo tratamento severo de que fora alvo, a resposta foi: “Está além do poder de um deus evitar o destino fatal.

Creso fez reparação pela ação maligna do seu quinto antepassado, que, sendo apenas guarda-costas dos Heráclidas, auxiliando a fraude de uma mulher, assassinou o seu senhor soberano e usurpou uma dignidade que de forma alguma lhe pertencia.” (Clio 12, 91).

Em Clio 63, temos Pisístrato a marchar para tomar Atenas, e ao acampar no recinto sagrado de Minerva Pallena, Anfílito, um vidente profético, tornando-se subitamente inspirado, proferiu uns versos que mostraram a Pisístrato como teria sucesso. No mesmo livro, os lacedemónios são instruídos pelo oráculo de Delfos a procurar e descobrir os ossos de Orestes em Tegea. Estes ossos, ao serem levados para Esparta, deram aos espartanos vitória constante sobre os tegeus.

Em Thalia 124, 125, vemos que Orates, vice-rei persa de Sardes, montou uma armadilha para capturar Polícrates, tirano de Samos, atraindo-o ao seu palácio com a promessa de lhe entregar os seus tesouros, alegando não os sentir seguros de Cambises. A filha de Polícrates avisou-o para não ir, dizendo que o tinha visto numa visão, elevado ao alto, lavado pelas chuvas e ungido pelo sol. Apesar do aviso, a sua avareza falou mais alto; foi, e Orates matou-o, pendurando-o depois num patíbulo.

Os citas, diz Heródoto, tinham os seus adivinhos que prediziam acontecimentos através de feixes de varetas de salgueiro. Relata um estranho episódio acerca de Aristeias, poeta; menciona que viajou muito entre os citas, inspirado por Apolo. Que entrou numa loja de um lavadeiro em Proconeso e ali morreu. O lavadeiro correu a pedir ajuda, mas, ao voltar, não encontrou corpo algum.

Sete anos depois, Aristeias reapareceu e escreveu o seu poema, o Arimaspeu, desaparecendo de novo. Trezentos e quarenta anos depois, os habitantes de Proconeso disseram que ele regressou e ordenou-lhes que

erguessem um altar a Apolo, e depois desapareceu. Ao consultarem o oráculo de Delfos, este mandou obedecer ao fantasma, e a cidade prosperaria. Hiparco, filho de Pisístrato, foi avisado do seu destino por Aristógiton e Harmódio através de uma visão.

A história de Etíon e do seu neto Periandro, tirano de Corinto, é plena de sobrenatural. Etíon casou com uma esposa coxa, e o oráculo de Delfos anunciou que ela daria à luz um rochedo que cairia sobre os Bacquidas, que estavam no poder. Para evitar tal, os Bacquidas, ao saberem do nascimento do filho de Etíon, tentaram matá-lo, mas foram impedidos pela mãe, que escondeu o bebé numa caixa de cereais, donde recebeu o nome de Cípselo. Ao atingir a idade adulta, Cípselo cumpriu o oráculo, e outro oráculo declarou que ele manteria o governo de Corinto, tal como os seus filhos, mas não os filhos dos seus filhos. Isto cumpriu-se literalmente.

Periandro, filho de Cípselo, um tirano sanguinário, entre outros crimes, assassinou a sua mulher Melissa. Após a sua morte, percebeu que só ela sabia de uma quantia de dinheiro depositada por um estrangeiro, e enviou emissários aos Tresprotes do Aqueronte, ao oráculo dos mortos, para chamar a sua esposa e interrogá-la sobre o assunto. Melissa foi evocada, apareceu, mas declarou que não mostraria nem revelaria o local do depósito, pois sentia frio e estava nua, uma vez que as roupas que lhe tinham sido enterradas não tinham sido queimadas: e, como prova a Periandro da veracidade do que dizia, acrescentou que ele colocara os pães num forno frio.

Quando tal lhe foi comunicado, Periandro ficou convencido, pois comunicara com Melissa após a sua morte, e, imediatamente após o regresso do mensageiro, mandou proclamar que todas as mulheres de Corinto se reunissem no templo de Juno. Pensando tratar-se de um convite para uma festa, todas compareceram com as suas melhores vestes; Periandro, tendo colocado guardas de propósito, despiu-as todas, livres e servas, e, recolhendo as roupas numa fossa, invocou Melissa e queimou-as. Tendo feito isto e enviado nova mensagem, o fantasma de Melissa apareceu então e revelou o local onde estava o depósito do estrangeiro (Terps. 92; Thalia 50-53).

O oráculo de Delfos anunciou aos habitantes de Mileto que as mulheres deveriam lavar os pés dos estrangeiros de cabelo comprido, e que deveriam destruir o templo de Dídimo, o que se cumpriu rigorosamente; as mulheres e crianças foram levadas para a Pérsia (Erato 19).

Os Doloncos, habitantes da Quersoneso Helespôntica, sendo molestados pelos Apsíntios, enviaram os seus reis a Delfos para perguntar como se deviam defender, e foram instruídos a levar consigo a primeira pessoa que

os convidasse à sua mesa. Ao passarem por Atenas, Milcíades, filho de Cípselo e irmão de Periandro, viu esses estrangeiros com trajes diferentes e lanças e mandou perguntar quem eram.

Ao saber, convidou-os a pernoitar em sua casa. Eles contaram-lhe então as palavras do oráculo, e ele concordou imediatamente em ir com eles, desejando fugir de Pisístrato; defendeu-os eficazmente, construindo um muro através do istmo e contando com a amizade de Creso, que disse aos Apsíntios que, se o incomodassem, cortá-los-ia como a um pinheiro.

Ao perceberem que o pinheiro era a única árvore que, sendo cortada, não brota de novo, compreenderam que ele queria dizer extermínio total, e mantiveram-se em paz. Mas Milcíades, ao morrer, de acordo com o oráculo relativo ao seu avô Etíon, não deixou descendência (Erato 34-37).

Cleómenes, um dos reis de Esparta, quis depor o seu colega Demarato, e para tal afirmou que ele era ilegítimo. Ora, o pai de Demarato era Ariston, que obrigou um amigo seu a entregar-lhe uma bela esposa e casou-se com ela. Esta mulher, em criança, era de uma fealdade monstruosa, e a ama levava-a todos os dias, bem embrulhada, ao templo de Helena para rezar pela sua libertação da deformidade. Um dia, uma mulher pediu para ver a criança, mas, proibida pelos pais, a ama recusou. No entanto, a mulher insistiu e, por fim, a ama acedeu. Então a mulher pôs o dedo na cabeça da menina e disse que ela excederia em beleza todas as mulheres de Esparta.

Assim aconteceu; mas como Demarato nasceu de sete meses, surgiram dúvidas quanto a ser filho de Ariston. A mãe afirmou que sim, e o caso foi submetido ao oráculo de Delfos. Foi nessa ocasião, como já referido, que Cleómenes subornou a sacerdotisa para mentir, e Demarato foi deposto, tendo Cleómenes morrido louco e pelas suas próprias mãos.

Feidípedes, um mensageiro ateniense, a caminho de Esparta para pedir ajuda contra os persas, declarou que perto do Monte Parthénion, junto a Tegea, encontrou Pan, que o chamou pelo nome e lhe ordenou que perguntasse aos atenienses por que não lhe prestavam honras, tendo ele já prestado e tencionando prestar-lhes serviços. Após o relato de Feidípedes, os atenienses ergueram o templo de Pan sob a Acrópole.

Na batalha de Maratona, um ateniense chamado Epizelo perdeu subitamente a visão, permanecendo cego até à morte, sem ter recebido qualquer ferida. Disse que um guerreiro gigantesco se lhe colocou diante, com a barba a cobrir todo o escudo; passou por ele e matou o soldado ao lado, e ele nada mais viu depois (Erato 117). A mãe de Péricles sonhou que dava à luz um leão.

Xerxes foi levado a invadir a Grécia por um falso fantasma em sonhos que se repetiam; pois tinha chegado a tal grau de arrogância que o Céu pune, e, como nas Escrituras, também aqui foi enviado um espírito de mentira, tanto a ele como ao tio Artabano, que inicialmente se opunha à expedição (ver Polymnia, 13, 17, 18, 19). Segundo Heródoto, vários presságios acompanharam-no na sua marcha. Na viagem de Sardes a Abidos, subitamente escureceu como noite sem causa aparente. Assim que cruzou o Helesponto, uma égua deu à luz uma lebre, o que Heródoto interpreta como sinal de que, embora partisse com pompa sem igual, fugiria de regresso como uma lebre.

Assim, parece claro que os gregos estavam familiarizados com todos os modos de intimação espiritual conhecidos entre os hebreus: comunicações diretas por oráculo, por sonhos, por aparição de espíritos, tendo também os seus prodígios, os seus intérpretes de sonhos, os seus médiuns individuais e não só templos para consulta dos deuses, mas também outros para consulta dos mortos, como o da Tresprótida, ao qual Periandro recorreu. Em toda a grande luta entre gregos e persas, os oráculos foram extremamente explícitos e sempre correctos; e, como Heródoto então vivia, pôde recolher a sua informação destas fontes absolutamente inquestionáveis.

Os atenienses, alarmados com a aproximação dos persas, enviaram uma delegação para consultar o oráculo de Delfos. Aristonica, a Pítia, respondeu:
“Infelizes! Porque estais sentados? Fugi até ao confim da terra: abandonai as vossas casas e os altos rochedos da vossa cidade de forma circular. Pois nem a cabeça se mantém firme, nem o corpo, nem os pés mais baixos, nem, por conseguinte, as mãos, nem nada do meio permanece — tudo está perdido.

O fogo e o devastador Marte, conduzindo o carro sírio, derrubam-na, e ele destrói muitas outras cidades elevadas, não só a vossa; e ao fogo devorador entrega muitos templos dos imortais, que, mesmo agora, estão a escorrer suor, abalados de medo. Desde o telhado mais alto escorre sangue negro, sinal de desgraça inevitável. Então, saí do templo e derramai o bálsamo da coragem sobre a ferida da calamidade.”

Os atenienses ficaram desesperados com esta mensagem e enviaram novamente um grupo mais humilde e suplicante. Mas a sacerdotisa afirmou que Júpiter não podia ceder, o seu discurso devia ser firme como diamante; acrescentou, porém:
“Quando tudo o que a colina de Cécrope encerra em si mesma for tomado, e as fortalezas do sagrado Citerão, Júpiter omnisciente dá à deusa nascida

de Tritão uma muralha de madeira, a única a permanecer inexpugnável: isto salvará a vós e aos vossos filhos. Não espereis calmamente a multidão de cavalaria e infantaria que invade a vossa terra, mas voltai as costas e retirai: chegará o tempo em que também vós vos erguereis contra o inimigo. Salamina sagrada! Verás cair os filhos das mulheres, quer Ceres esteja dispersa ou reunida!"

O oráculo cumpriu-se à letra: Atenas foi queimada e devastada; a Ática foi saqueada e destruída. Em vão o povo defendeu desesperadamente a Acrópole, porque fora outrora rodeada por uma sebe, que, embora há muito substituída por um muro, julgavam ser a "muralha de madeira" a que o oráculo se referia. Mas a muralha de madeira consistia nas naus gregas, e foi em Salamina que enfrentaram e venceram os persas à vista de Xerxes (Polymnia 140, 141).

Os argivos, que tinham sido recentemente derrotados severamente pelos espartanos, foram convidados a unir-se a eles, mas consultaram os oráculos, que lhes aconselharam a permanecer quietos e estariam seguros; e assim aconteceu. Os delfienses consultaram o seu oráculo e foram instruídos a oferecer as suas devoções aos Ventos, pois estes seriam poderosos aliados da Hélade; e assim se confirmou, pois os Ventos atacaram e dispersaram a frota persa, causando mais estragos do que os próprios gregos. Pelos serviços dos Ventos nesta ocasião, diz Heródoto, os delfienses continuaram, no seu tempo, a oferecer-lhes sacrifícios. Os magos persas, por sua vez, também ofereciam sacrifícios de apaziguamento aos Ventos e recorriam a eles com cânticos mágicos.

Logo no início da guerra, a Pítia em Delfos anunciou aos espartanos que a cidade de Esparta teria de ser destruída, ou um dos seus reis teria de perecer. Leônidas caiu em Termópilas, e Megístias, o adivinho, que também morreu em Termópilas, no dia anterior ao ataque, inspecionando as vítimas sacrificadas, declarou que a morte os aguardava no dia seguinte. Nessa noite, os persas encontraram um caminho sobre as montanhas, cercaram-nos no desfiladeiro na manhã seguinte, e todos, até ao último homem, foram massacrados.

O oráculo de Báquis tinha dito aos eubeus, antes da invasão persa: "Cuidado com aquele que fala língua bárbara; quando lançar um jugo de byblus sobre o mar, afasta de Eubeia os rebanhos balidores" (Urania 20). Xerxes construiu uma ponte de cordas de byblus sobre o Helesponto, mas os eubeus não deram importância e os seus rebanhos foram destruídos tanto por gregos como por persas.

Depois de os invasores saquearem as cidades vizinhas, contornaram o Parnaso e prepararam-se para pilhar o templo de Delfos e oferecer os seus imensos tesouros, incluindo a magnífica oferenda de Creso, a Xerxes. Os delfienses, em consternação, consultaram o oráculo sobre se deviam transportar os tesouros ou escondê-los em segurança; mas a divindade proibiu qualquer movimento, dizendo "que ele próprio era suficiente para guardar os seus bens".

Os delfienses, ao receber esta resposta, deixaram todo o cuidado do templo e procuraram a sua própria segurança e a dos seus bens nas montanhas. Apenas sessenta homens e o profeta permaneceram na cidade, e, para seu espanto, viram então as armas sagradas, que não era lícito a qualquer homem tocar, retiradas do templo e colocadas diante do santuário. Quando os bárbaros se apressaram para saquear o templo, rebentaram trovões e relâmpagos, e dois penhascos, desprendendo-se dos flancos do Parnaso, caíram terrivelmente no meio dos invasores, esmagando muitos deles, enquanto do próprio templo se ouviam grandes brados de guerra.

Os persas fugiram, e os habitantes locais, vendo-os em fuga a partir dos seus esconderijos nas rochas, desceram e fizeram grande mortandade ao persegui-los. Os persas declararam que dois guerreiros gigantescos, maiores e mais terríveis do que qualquer homem, os perseguiam na fuga e mataram muitos deles. Segundo Heródoto, os dois penhascos ainda se encontravam, no seu tempo, junto ao recinto de Minerva Pronaia (Urania 37, 38).

Os atenienses, ao verem que a serpente sagrada no templo da Acrópole recusara a sua habitual oferenda mensal de bolo de mel, concluíram imediatamente que era sinal de que o génio tutelar do local o tinha abandonado e saíram imediatamente da cidade. Heródoto refere que a oliveira sagrada do santuário de Erecteu na Acrópole, no dia seguinte ao incêndio em que foi consumida, brotou um rebento de um côvado de comprimento, como sinal de restauração da cidade e da prosperidade ateniense.

Antes da batalha de Salamina, Demarato, o lacedemónio, que se juntara a Xerxes, estando com Diceu, filho de Trocídes, um ateniense exilado, não longe de Eleusis, avistaram uma nuvem de pó a erguer-se de Eleusis, como se fosse uma marcha de trinta mil pessoas, acompanhada de gritos de "Iacche! Iacche!" Demarato perguntou a Diceu, que tinha sido iniciado nos Mistérios de Eleusis, o que aquilo significava; e este respondeu que só podia significar mau presságio para o rei persa, pois o som ouvido era o hino chamado "Místico Iacchos", cujo refrão era "Iacche!"

Que este hino era cantado no festival anual de Ceres e Prosérpina e, se o som seguisse para Salamina, a frota de Xerxes seria certamente destruída. O som tomou esse rumo e, assim, Demarato e Diceu souberam antecipadamente da catástrofe. Mais tarde, afirmavam sempre a veracidade disto, recorrendo a outras testemunhas (Urania 65). Durante a batalha de Salamina, o fantasma de uma mulher apareceu e gritou aos gregos, tão alto que foi ouvido por toda a frota: “Cobardes! Até quando continuarão a remar para trás?”

Diz Heródoto que, sempre que alguma desgraça estava prestes a atingir os pedasseus, que viviam junto a Halicarnasso, a sacerdotisa do templo de Minerva daquela terra tinha uma longa barba (Urania 104).

Os lacedemónios adotaram Tisâmeno, um élio, como cidadão. Este consultou o oráculo de Delfos quanto ao seu destino e foi-lhe dito que venceria cinco grandes combates. Pensando tratar-se de provas nos Jogos Olímpicos, dedicou-se aos exercícios, mas foi derrotado; e veio a perceber que eram cinco grandes batalhas a vencer — e assim foi: Plateias, em que teve papel principal; Tegea; uma no território de Dipeia; outra junto a Ítome; e a última perto de Tanagra.

Tisâmeno oficiou como adivinho nos sacrifícios em Plateias; e Mardónio mandou oferecer sacrifícios pelos persas do outro lado. Em ambos os lados a vitória foi prometida a quem se mantivesse na defensiva; e assim, durante dez dias, nenhum dos exércitos atravessou o Asopo para atacar o outro. Por fim, os persas, julgando que os gregos recuavam, atravessaram o rio, atacaram e foram derrotados em Plateias.

Estes são alguns dos principais oráculos e o seu cumprimento, segundo Heródoto, justificando plenamente a certeza de Cícero quanto à sua fiabilidade e, consequentemente, à fé e uso diário que lhes era dado em todo o mundo pagão.
Há uma passagem no Hino a Apolo de Homero v. 156 que é notável, parecendo confirmar que as sacerdotisas, sob influência da divindade, possuíam o dom de falar línguas a elas desconhecidas, tal como os primeiros cristãos e como os médiuns dos nossos dias têm mostrado em muitos exemplos. Também entre os irvingitas, e veja-se as Cartas do Juiz Edwards para numerosos exemplos bem atestados.

> “Multidões de todas as regiões, de todas as línguas,
> Estão em muda admiração, encantadas pelo cântico agradável.
> Versados em toda a arte e em todo o poder de fala,
> Os delianos imitam todos os que aqui chegam;
> Todas as línguas lhes são familiares; dir-se-ia
> Que são nativos de todas as terras.”

A célebre Helena seria deste género; e essas mulheres assistentes do oráculo parecem nunca ter encontrado dificuldade em comunicar-se com pessoas das mais diversas línguas.

Pausânias diz (VI. xvii. 494) que Anfiarau, bisneto de Melampo, não suspeitava que fosse profeta, quando, certo dia, entrando numa casa em Flíunte e tendo aí passado a noite, ficou imediatamente inspirado. A casa foi logo fechada.

Nada é mais comum hoje em dia do que esta influência se manifestar em quem visita médiuns ou participa em sessões. Um cavalheiro assegurou-me que, depois de ter assistido a extraordinárias manifestações em Knebworth, as pancadas o seguiram até casa, continuando nas paredes, portas e cama durante muito tempo. O mesmo se passou na nossa casa, após um médium notável lá ter passado alguns dias. Pessoas que tentaram ridicularizar sessões por incredulidade viram-se, de repente, como o aprendiz de feiticeiro, a evocar um poder que não conseguiam facilmente afastar de novo. Poderia citar casos muito conhecidos.

Os oropianos ergueram um templo a Anfiarau, segundo Pausânias, e aqueles que procuravam comunicação através de sonhos nesse templo deitavam-se sobre a pele da vítima. Encontramos Mardónio, o adivinho persa, a enviar um tal Mis, natural de Europo, para consultar vários oráculos, entre eles o de Anfiarau. Algo curioso também aconteceu a Mis no oráculo de Apolo em Acréfia. A resposta foi dada numa língua que o sacerdote não compreendia, mas Mis, ao lê-la na tábua, percebeu imediatamente e declarou tratar-se de cariano (ver Heródoto, Urania 135).

O filho de Anfiarau, Anfiloco, também era profeta, e Tito Lívio (XLV. xxvii.) menciona o seu templo em Oropos. Plutarco, em “Sobre o Declínio dos Oráculos” (412), diz que o oráculo de Anfiarau advertiu Mardónio de que seria derrotado não por um rei, mas por um servo de um rei, e por um golpe de pedra, ambas circunstâncias que se concretizaram. Melampo, pai de Anfiarau, foi um célebre profeta e igualmente reconhecido como terapeuta. Parecia ser especialmente bem-sucedido a curar a loucura, tendo curado a filha de Preto de Argos, assim como muitas outras mulheres argivas que tinham contraído a loucura por contágio.

Telmisus, da Cária, era um grande intérprete de sonhos, e Clemente de Alexandria diz que ali exercia a adivinhação. Timerias de Clazômenas, segundo Eliano, consultou o oráculo de Delfos relativamente a uma colónia que pretendia fundar. A resposta foi: “Estás prestes a conduzir um enxame de abelhas, que logo será seguido por vespas.” Tanto Plutarco como Heródoto mostram que isto se confirmou; pois fundou a cidade de Abdera, mas foi logo expulso dela pelos trácios.

Plutarco relata inúmeros casos semelhantes, mesmo enquanto critica os oráculos. Hiparco, filho de Pisístrato, que foi morto por Harmódio e Aristógiton, viu Vénus a aspergir sangue sobre o seu rosto com uma taça. Hiparco fingiu desprezar o sonho, mas fez expiações para o evitar. O sonho cumpriu-se literalmente, pois foi assassinado por uma ofensa à irmã de Harmódio.

Pausânias (II. xx. 157) e Plutarco ("Sobre as Virtudes das Mulheres", II. 245) relatam o cumprimento singular de um oráculo. Cleómenes de Esparta consultou o oráculo para saber se devia tomar Argos, e recebeu esta resposta: que o feminino venceria o masculino. Atacou Argos, mas Telesila, a célebre poetisa lírica, armou as mulheres e colocou os escravos e os que não podiam pegar em armas nas muralhas. Cleómenes foi assim repelido.

Sobre as consequências devastadoras quando um profeta falhava numa previsão, Cónon dá este exemplo. Cáucas, o adivinho, após se retirar de Troia, em Colofão, previu que, se Anfimaco, rei da Lícia, fosse à guerra, sairia vitorioso. Mopsos previu o contrário; mas Anfimaco seguiu as previsões de Cáucas e foi derrotado. Cáucas, em desespero e vergonha, suicidou-se. E note-se a persistência dos oráculos: tendo os deuses ordenado aos aqueus que fundassem Crotona, Miscelo, ao chegar ao local preparado para conquistar Síbaris, junto a um rio com esse nome, consultou novamente o oráculo sobre se Síbaris não seria melhor local para a sua colónia. A resposta foi: "Parte daqui, corcunda, e em vez de procurares apropriar-te do que não é teu, sê grato pelo que te é dado."

Casos como este, quase inumeráveis, Cooley, nas suas notas sobre Larcher, descarta levianamente, dizendo que os gregos eram muito supersticiosos; como um cego, a pensar que os outros não veem. Estes homens não percebem que falam de um povo de constituição psíquica muito mais refinada do que eles próprios.

Diodoro Sículo, ao mesmo tempo que condena superstições e meros contos mentirosos, relata o seguinte e muitos outros casos de intervenção espiritual.

Laio, rei de Tebas, foi avisado pelo oráculo de Delfos para não ter filhos; pois, se tivesse um filho, este o mataria. Apesar disso, casou com Jocasta, filha de Creonte, e teve Édipo, que foi exposto às feras, mas, tendo sido salvo e criado sem que o pai o soubesse, cumpriu o oráculo matando-o sem saber quem era.

Adraste, rei de Argos, ao fazer guerra a Tebas, foi inicialmente derrotado e os seus sete generais mortos. O oráculo de Delfos, consultado, prometeu-lhes vitória se Anfiarau, filho de Alcméon, fosse feito general. Assim foi feito,

e Tebas foi tomada e arrasada. Entre os cativos estava Dafne, filha do célebre adivinho cego Tirésias, que os argivos levaram e fizeram sacerdotisa de Delfos, onde se tornou muito famosa, pronunciando notáveis profecias em verso, razão pela qual foi considerada uma das primeiras sibilas, e diz-se que Homero citou alguns dos seus poemas proféticos nas suas obras.

Althêmenes, filho do rei de Creta, consultando o oráculo, foi avisado de que, como Édipo, mataria o próprio pai, Catreu. Para evitar isso, abandonou voluntariamente o seu país e estabeleceu-se em Camiros, metrópole de Rodes; mas o pai, com saudades do filho, foi a Rodes e, desembarcando de noite, houve uma altercação entre os habitantes e os seus acompanhantes, e Althêmenes, correndo para acalmar a confusão, matou o pai antes de o reconhecer (V. iii.). Diodoro afirma que poucas pessoas escaparam à vingança divina pelo perjúrio cometido nos templos oraculares, e que muitos eram cegados ao saírem desses templos, especialmente do de Palicon, na Sicília.

Os atenienses, tendo sido assegurados pelo oráculo de que a peste na ilha de Delos se devia ao número de cadáveres ali enterrados, purificaram a ilha removendo os ossos para a ilha vizinha de Rena e proibindo futuros funerais em Delos. Apolo, assim, antecipou-se muito aos nossos comissários de saúde pública. Na batalha naval de Arginusas, entre espartanos e atenienses, previu-se pela catástrofe no sacrifício de um lado e pelo sonho do general do outro, que Calicrátidas, general espartano, seria morto, assim como sete generais atenienses; mas que estes últimos venceriam — tudo isto se verificou (XIII. xiv.).

Lísandro, general espartano, algum tempo depois, enviou mensagens aos oráculos de Delfos, Dodona e até a Júpiter Ammon na Líbia, tentando suborná-los para conseguir destruir os Heráclidas, mas todos recusaram, e o oráculo da Lícia enviou uma delegação a Esparta para denunciar a tentativa de Lísandro.

Quando Filomelo, o fócio, tomou de assalto o oráculo de Delfos e obrigou a sacerdotisa a dizer o que ele queria, julgou ter conseguido o seu propósito. Um presságio também o encorajou, pois uma águia desceu e perseguiu as pombas sagradas que eram mantidas e alimentadas no templo, apanhando algumas no altar.

Na sua cegueira, não percebeu que ele era a águia e as sacerdotisas as pombas, sujeitas à sua violência; mas não durou muito nessa ilusão, pois os beócios atacaram-no, derrotaram-no e forçaram-no a lançar-se de um rochedo — a devida punição, diz Diodoro, pelo seu sacrilégio. Onomarco, seu colega, encorajado por um sonho, persistiu na conduta de Filomelo em

relação ao oráculo. Sonhou que o colosso de bronze dedicado a Apolo pelos Anfictiões e colocado no templo de Delfos era engrandecido pelas suas próprias mãos. Pensou que isto significava que se tornaria muito poderoso; mas, na realidade, significava que os Anfictiões iriam impor pesadas multas em bronze aos fócios pelo seu sacrilégio, o que se verificou, e pouco depois Filipe da Macedónia derrotou Onomarco, enforcando-o e atirando ao mar os companheiros no sacrilégio.

A vingança divina parecia ainda perseguir os fócios, pois, tendo sido encurralados pelos beócios no templo de Apolo em Abas, um incêndio pegou-se às camas de palha que tinham posto à volta do templo, consumindo-os a eles e ao templo. Mais tarde, Arquídamo, rei de Esparta, tendo ajudado os fócios sacrílegos, foi morto em combate em Itália; e muitos dos mercenários que lutaram sob seu comando e estiveram envolvidos no roubo do oráculo foram mortos pelos lucanos.

Faleco, um deles, tendo escapado, foi morto por um raio no cerco de Sídon, e outros, combatendo contra os eléus, foram capturados e passados ao fio da espada pelos eléus por esse crime. Assim, diz Diodoro, todos os ladrões sacrílegos e quem com eles colaborou tiveram o castigo merecido pela sua impiedade. As cidades mais famosas que com eles partilharam a impiedade foram subjugadas por Antípatro e privadas da sua liberdade.

Nem as esposas dos ladrões escaparam; adornadas com as jóias roubadas do templo, tiveram fins terríveis que Diodoro relata. Pelo contrário, Filipe, que se colocou em defesa do oráculo, prosperou continuamente desde então pela sua piedade, e acabou declarado supremo governador de toda a Grécia, conquistando o maior reino da Europa (XVI. x).

Mas o próprio Filipe, tornando-se demasiado orgulhoso, planeou invadir a Pérsia, e ao consultar o oráculo foi-lhe dito que o boi era coroado quando o fim se aproximava, e que um homem estava pronto para o sacrificar. Como Creso antes dele, o desejo levou-o a interpretar que seria ele a tomar o rei coroado da Pérsia e sacrificá-lo; mas o sentido era o oposto: que ele próprio seria abatido como um boi no momento do triunfo despreocupado.

Isto cumpriu-se rapidamente: tendo casado a filha Cleópatra, ofereceu uma grande festa em Egeia, na Macedónia, convidando personalidades de toda a Grécia. Estes chegaram com coroas de ouro festivas. Ao entrar no teatro, onde se iam realizar os jogos, com vestes reais e imagens dos doze deuses em procissão, sendo a sua própria imagem a décima terceira, também vestida como um deus, foi subitamente apunhalado por Pausânias, um dos seus escudeiros (XVI. xv.).

Diodoro relata muitos oráculos e presságios impressionantes na carreira de Alexandre, o Grande, filho de Filipe. Quando decidiu exterminar Tebas, uma teia de aranha ominosa, do tamanho de um manto e com todas as cores do arco-íris, estendeu-se no templo de Ceres; as estátuas suaram gotas de água por todo o corpo; e as águas de Dirce pareceram sangue, tudo isto declarado pelo oráculo como prenúncio de resultados fatais.

Na Índia, quando Alexandre estava prestes a atacar a cidade dos Oxydracas, Demofonte, um adivinho, tentou dissuadi-lo do seu propósito, pois fora-lhe revelado que, se o fizesse, receberia uma ferida grave. Alexandre insistiu, e foi efetivamente ferido, escapando por pouco com vida (XVII. x.).

Na Índia, Ptolemeu, que viria a ser rei do Egipto, foi ferido por uma seta envenenada, o veneno sendo de serpentes. Alexandre sonhou que lhe aparecia uma serpente com uma certa erva na boca, dizendo-lhe que seria a cura para a ferida envenenada. O rei procurou a erva, encontrou-a e fez um emplastro com ela, que rapidamente aliviou Ptolemeu, ajudado ainda por uma infusão do seu sumo.

Mas o facto mais notável é o dos magos da Babilónia, que, quando Alexandre se aproximava dessa cidade, enviaram-lhe o aviso para que, de modo algum, entrasse nela, sob pena de ali morrer. Após inicialmente seguir o conselho, acampando fora da cidade, foi persuadido pelos filósofos gregos de que tal prognóstico não passava de superstição. Entrou e morreu. Já relatei os pormenores deste episódio no capítulo sobre a Assíria e a Caldeia.

A história de Agátocles, tirano da Sicília, tal como a dá Diodoro, apresenta um caso marcante da veracidade de um oráculo. O seu pai, Carsino, era um grego da Sicília. Enviou, por intermédio de alguns cartagineses que iam a Delfos, uma consulta sobre o futuro do filho ainda por nascer. Os cartagineses trouxeram fielmente a resposta, ainda que fosse que o filho, um rapaz, traria calamidades terríveis tanto aos cartagineses como a toda a Itália.

O pai, então, expôs o menino, mas este foi salvo pela mãe, e mais tarde reconhecido pelo pai e posto como aprendiz de oleiro. Contudo, por sucessivos golpes de sorte, veio a tornar-se general dos sicilianos, apoderou-se do governo e cumpriu o oráculo, tornando-se um dos mais sanguinários e cruéis flagelos que Cartago ou a Sicília jamais conheceram (XIX. i.).

Diodoro, com base em Aristóbulo, relata que uma mulher da Síria, declarando-se divinamente inspirada, seguia Alexandre de lugar em lugar,

sendo inicialmente ridicularizada por ele e pelos seus cortesãos; mas, vendo que tudo quanto ela previa se cumpria, passou a ser admitida à presença do rei a qualquer hora do dia ou da noite.

Sendo tramada uma conspiração por Hermolau, Antípatro e outros para o matar durante o sono, estando alguns conspiradores entre a sua guarda pessoal, a mulher apareceu, avisou Alexandre do perigo iminente e aconselhou-o a não ir para a cama nessa noite e a permanecer entre os amigos. Julgando que o aviso podia ser divino, Alexandre seguiu o conselho, e no dia seguinte a conspiração foi denunciada e os conspiradores punidos.

Alguns exemplos de previsões por sortes são muito notáveis. Pouco antes da batalha de Leuctra, os lacedemónios receberam um aviso significativo. No templo de Hércules, as armas entrechocaram por si mesmas e a estátua de Hércules cobriu-se de suor. Ao mesmo tempo, segundo Calístenes, os ferrolhos e trancas do templo de Hércules em Tebas abriram-se sozinhos, e as armas penduradas nas paredes foram encontradas no chão.

Os adivinhos beócios anunciaram a vitória aos tebanos. A derrota em Leuctra foi também predita aos lacedemónios por vários sinais: as estátuas de Lisandro, o mais ilustre lacedemónio, que estavam em Delfos, ficaram cobertas de plantas, e as estrelas douradas, colocadas nessas estátuas após a vitória naval de Lisandro, caíram pouco antes da batalha de Leuctra. Mas o sinal mais significativo aconteceu em Dodona, quando os espartanos consultaram Júpiter acerca do combate iminente. O saco contendo as sortes foi colocado no chão, e um macaco, mantido para diversão pelo rei dos molossos, espalhou-as ao vento. Os sacerdotes responderam de imediato que os lacedemónios deviam preocupar-se mais com a sua segurança do que com a batalha.

PAN ESTÁ MORTO!

Esta é a versão de Plutarco deste notável acontecimento, no seu “Declínio dos Oráculos”. No tempo de Tibério, algumas pessoas que embarcavam na Ásia para Itália, ao entardecer, ao passarem pelas ‘Echinades’, tendo ficado sem vento, ouviram dali uma voz forte a chamar um certo Tamus, um marinheiro egípcio entre eles, e, após a terceira vez, ordenando-lhe que, ao chegar a Palodes, declarasse que o grande Pan estava morto.

Com o conselho da tripulação, decidiu que, se apanhassem vento, passaria silenciosamente por Palodes, mas se continuassem sem vento, cumpriria a ordem da voz; chegando ali, não havia vento nem agitação do mar, pelo que Tamus, olhando da popa para Palodes, pronunciou em voz alta as palavras Ὁ μέγας Πὰν τέθνηκε — o grande Pan está morto!

Mal o fez, foi respondido por um coro de muitas vozes, lançando grandes uivos e lamentações, não sem uma certa admiração. Plutarco acrescenta que Tibério se interessou vivamente em verificar a veracidade do relato, fez grandes investigações e ficou plenamente convencido da realidade do sucedido. O facto de isto ter ocorrido na altura da morte do nosso Salvador identifica suficientemente Pan como o grande τὸ Πάν, o artífice e habitante de todas as coisas.

Poderia passar com o mesmo detalhe pelo grande historiador Tucídides, mas já o fiz, pois a história de Diodoro Sículo é, até onde vai Tucídides, a mesma história — ou seja, através das guerras do Peloponeso — Diodoro baseando-se assumidamente nele para a narrativa desse período, e as porções milagrosas são comuns a ambos.

Luciano, em “De Syria Dea”, afirma que no templo da deusa na Líbano, a estátua suava, movia-se e dava oráculos, e muitas vezes, quando o templo estava fechado, ouvia-se um grito no interior (βοὴ ἐγένετο). Damáscio, na vida de Isidoro, conta que conheceu uma mulher consagrada (γυναικὶ ἱερᾷ) que possuía uma faculdade sobrenatural de forma extraordinária: via, olhando para um copo de água, os fantasmas (φάσματα) de acontecimentos futuros com a máxima certeza. Damáscio diz ter ele próprio visto o mesmo fenómeno. É um fenómeno bem conhecido nos dias de hoje, e pertence à mesma categoria do “crystal-seeing” (adivinhação por cristais), e da observação de líquidos negros praticada atualmente por magos egípcios.

Qual é então o resultado real de toda esta evidência grega, de filósofos, poetas e historiadores — desses homens cujos escritos o mundo civilizado ainda hoje coloca acima de qualquer outro saber humano, e nos quais toda a juventude abastada é diligentemente educada, como os exemplos mais nobres da inteligência e sagacidade humanas?

Deve ser precisamente aquilo que Cícero defende; “À adivinhação natural”, diz ele, “pertence o que não acontece por suposição, observações ou sinais conhecidos, mas que surge de um estado interior e de uma atividade do espírito, na qual o homem, por um avanço livre da alma, é capaz de prever o futuro. Isto ocorre em sonhos — per furorem vaticinantis — e em mentes de grande pureza constitucional. Deste tipo são os oráculos, não os que se baseiam em sinais adquiridos, mas os que provêm de uma fonte interior e divina. Se ridicularizamos as previsões tiradas do sacrifício de animais como loucura; se fazemos troça dos babilónios e caucasianos que acreditam em sinais celestes e observam o número e o curso das estrelas; se, como já disse, condenamos tudo isto como superstição e loucura, que, segundo afirmam, se fundamenta na experiência de cinquenta séculos e meio; então,

também chamemos impostura à crença de séculos — queimemos os nossos registos e digamos que tudo não passou de imaginação.

Mas será mentira a história da Grécia, quando Apolo previu o futuro através dos oráculos dos lacedemónios e coríntios? Deixo todo o resto como está, mas isto devo defender: que os deuses influenciam e cuidam dos assuntos humanos. O oráculo de Delfos nunca se teria tornado tão célebre nem teria sido sobrecarregado de presentes de todos os reis e nações se todas as épocas não tivessem experimentado a verdade das suas previsões. Ou terá desaparecido a sua fama? O poder da terra que movia a alma da Pítia com o seu sopro divino pode ter-se esgotado com a idade, como rios se secam ou mudam de curso; mas o facto está lá e sempre estará, a não ser que viremos a história do avesso."

A opinião de Cícero é a opinião de todas as grandes mentes da Antiguidade. "Nenhuma nação da Antiguidade", diz o Dr. Ennemoser, "estava tão universalmente convencida da veracidade da adivinhação como os gregos, nem sequer os judeus. Um povo tão esclarecido deve ter dedicado grande atenção a algo que não podia surgir apenas da astúcia sacerdotal e do sistema de oráculos.

Sendo-lhes o talento poético tão desenvolvido, era natural que dessem devida atenção à voz interior do espírito, não só em sonhos, mas também em pressentimentos; e atribuíam justamente as suas revelações aos deuses, pois estes conhecem tudo o passado e o futuro, e comunicam-no ao homem, por afeto, quer sem serem solicitados quer em resposta às suas preces, e dão-lhe sinais (σημεία) pelos quais se pode orientar."

Poderíamos escrever um volumoso tratado apenas com exemplos retirados de quase todos os escritores da Antiguidade a confirmar esta opinião; poderíamos recolhê-los de autores que nem sequer temos espaço para citar. Areteu, Ariano, Hipócrates, Galeno, Xenofonte, Dionísio de Halicarnasso e muitos outros. Dizem eles que o homem nunca pode perder totalmente o poder profético; pois, segundo a natureza, é indestrutível. Sócrates e Platão atestam o poder profético dos moribundos. Nos sonhos do mais alto grau, os antigos tinham a fé mais firme.

"As almas dos homens", diz Xenofonte na Ciropédia, viii. 7, 21, "parecem ser mais livres e divinas durante o sono, e nesse estado lançam olhares sobre o futuro." "Durante o sono", diz Josefo, "a alma, sem ser perturbada pelo corpo, mantém conferências com Deus, a quem está ligada, e vagueia sobre coisas passadas e futuras." Quando Calano subiu à pira funerária, Alexandre perguntou-lhe se precisava de algo e ele respondeu: "Nada! Depois de amanhã ver-te-ei." E as suas palavras cumpriram-se.

Cícero, noutro lugar, afirma: “A profecia divina está escondida e encerrada nos recantos interiores da mente, e a alma, sem referência ao corpo, pode ser movida por um impulso divino.” Os gregos e romanos posteriores lamentavam amargamente o desaparecimento dos oráculos. Lucano, na sua Farsália, onde descreve a inspiração da sacerdotisa de Delfos quando Ápio procurava informações sobre a guerra entre Pompeu e César, lamenta a perda dos oráculos: “A maior infelicidade da nossa época é ter perdido esse admirável dom do Céu. O oráculo de Delfos tornou-se silencioso desde que os reis começaram a temer o futuro e deixaram de querer ouvir o veredicto dos deuses.”

“Os gregos”, diz um grande autor, “possuíam uma vitalidade de génio; o que chamamos de ideais brota de uma mente criadora. O grego era um vidente e um poeta, que vivia num mundo espiritual tanto quanto físico, e por isso as criações do seu espírito provinham de uma harmonia universal. É fácil ver de onde vinha a sua preeminência na poesia e nas artes. Como os pintores e poetas da Idade Média católica, mantiveram a cidadania do mundo interior e foram coroados com os seus dons como legítima herança.

O divino manifestava-se para eles sob a forma de ideais vivos, por detrás dos quais pressentiam, se não vislumbravam, o eterno Criador, como um Ser miraculoso e incompreensível. Nos oráculos, a voz da Divindade oculta revelava conselhos e verdades desconhecidas; e os sacerdotes ofereciam preces, realizavam cerimónias sagradas e sacrifícios nos seus magníficos templos em nome do povo, para manterem uma comunhão digna com os poderes sobrenaturais. Deus mostrava-se-lhes gracioso, como a todos os Seus filhos na Terra; permitia-lhes encontrá-Lo à sua maneira e até Se dava a conhecer por milagres, que, de facto, não eram raros entre os pagãos.

Mas nestes templos não só se davam oráculos: procurava-se a saúde e realizavam-se curas. Os templos da Grécia eram os grandes salões terapêuticos da nação. Tal como os deuses lhes davam conhecimento dos acontecimentos futuros, acreditavam que exerciam também o seu poder divino para curar as doenças e aliviar os sofrimentos dos homens. Aqueles que, como Esculápio, se tornaram célebres pelos seus poderes curativos, foram elevados ao estatuto de deuses e tinham templos erigidos em sua honra, para onde os doentes acorriam em busca de alívio. Este sistema, tal como a mitologia da Grécia, veio do Egipto, onde os sacerdotes eram os médicos e, como agora parece, praticavam a ciência mesmérica e magnética para curar doenças.

Os templos mais célebres da Grécia para curas eram os de Ísis em Pitorea, na Fócida, de Serápis em Messene e também em Atenas, deuses expressamente egípcios. Os que se tornaram mais nacionalizados, como

Apolo, deus da medicina, da música e da poesia, Júpiter, Juno, Hércules, eram todos deuses curadores. Apolo era expressamente chamado Παῖαν, o médico. Depois, o templo de Melampo em Argos, os de Esculápio em Epidauro e Pérgamo, em Atenas e em Cizico, o de Anfiarau em Oropos na Beócia, e templos em muitos outros lugares eram os grandes refúgios dos que sofriam de qualquer maleita.

Neles recebiam banhos, fricções, jejuns, além de medicamentos; mas a principal confiança era nas preces dos sacerdotes e nos sonhos obtidos durante o sono sagrado. Para esse sono havia celas construídas nos templos, e os doentes deitavam-se sobre peles consagradas, sendo embalados por música e hinos corais. Na verdade, esse sono era, evidentemente, o sono magnético dos nossos dias, induzindo a clarividência, estado em que os próprios pacientes prescreviam para as suas doenças e para as de outros.

O consumo de água, assim como os banhos, era recomendado; de modo que a hidroterapia é apenas um ressurgimento das antigas práticas dos templos clássicos. Massagens e manipulações acompanhavam o banho. Aristides, o orador, que viveu no tempo de Marco Aurélio, deixou-nos, nas suas Orações Sagradas, um relato completo do seu tratamento nos templos de Esculápio, que parece ter visitado várias vezes, quando os médicos nada podiam fazer por ele. Numa ocasião esteve doente durante dez anos, mas foi plenamente restabelecido e sentiu-se notavelmente forte e ativo. Nos sonhos em que era lançado, relatava coisas que realmente aconteciam à distância, e outros faziam o mesmo.

Quem os ouvia ficava maravilhado. Nos seus sonhos, Apolo e Esculápio ordenaram-lhe que compusesse versos e os cantasse, coisa que nunca conseguia fazer em estado normal. Descrevia as sensações neste estado como as mais agradáveis e que Platão, Demóstenes e Sófocles frequentemente apareciam à beira da sua cama e conversavam com ele. Durante o sono, uma voz anunciou-lhe que estava perfeitamente curado; acordou, e assim se encontrou. (Ver as obras de Aristides, publicadas por Jebb em Oxford, 1772, e em edições anteriores por Canter, em 1604.)

Estes templos estavam repletos de ofertas e dádivas trazidas em agradecimento por curas que nenhum médico comum conseguira realizar. Estas são as práticas do passado distante e da atualidade, encontrando-se nas páginas da História para garantirem a sua veracidade contra os terræ filii, por mais versados que sejam em saberes académicos mas ignorantes de História.

Entre os factos registados na literatura grega que mostram que aquilo que os cientistas de hoje, de forma ridícula, declararam serem ilusões vazias,

eram verdades bem conhecidas da ciência antiga, não agora descobertas pela primeira vez, mas apenas redescobertas após se perderem nas trevas dos séculos, há um caso muito singular com que encerrarei este capítulo: é que a Grécia possuía um Swedenborg há 2.400 anos.

Epiménides, poeta contemporâneo de Sólon, tinha precisamente o mesmo poder que Swedenborg afirmou possuir, e de que apresentou provas tais que Kant e Schlegel se viram forçados a reconhecê-las — isto é, o poder de abandonar o corpo e conversar, como espírito, com outros espíritos. Quando caía em transe, permanecia assim por tanto tempo que deu origem à lenda de que teria dormido quarenta, ou, segundo Plínio, cinquenta e sete anos — origem da história de Rip Van Winkle.

Frequentemente, porém, caía em êxtase, ficando como morto, mas ao acordar relatava aos amigos o que tinha visto e ouvido no mundo dos espíritos. Os atenienses tinham-no em grande honra, pois graças ao seu saber espiritual ensinou-os a livrar-se da peste que assolava a cidade, e depois da sua morte foi adorado como um deus.

Hermótimo, ou, como Plutarco lhe chama, Hermodoro de Clazômenas, diz-se que possuía o mesmo poder de abandonar o corpo que Epiménides, pelo tempo que quisesse e tantas vezes quantas desejasse. Mas tinha inimigos, como todos os dotados de capacidades não aceites pelos contemporâneos, e estes persuadiram a mulher de Hermótimo de que ele estava realmente morto.

Ela mandou então que o colocassem na pira funerária e o queimassem, cortando-lhe assim o regresso ao corpo. Talvez tenha sido feliz para Swedenborg não ter sido casado; poderia ter visto o regresso ao corpo barrado não por uma pira, mas pela tampa de um caixão. Mas que dizem os sábios de hoje a estes fenómenos naturais idênticos, ocorrendo com mais de dois mil anos de intervalo?

CAPÍTULO XV
O SOBRENATURAL NA ANTIGA ROMA

"Existem muitos milagres da natureza cuja razão permanece desconhecida e estão profundamente ocultos na majestade da natureza."

PLÍNIO, Hist. N. xxx. 1

"Neste estado de corrupção, quem mais adequado do que um bom cristão-pagão honesto para moderador entre cristãos-pagãos?"

SIR ROGER L'ESTRANGE

Tendo-me debruçado tão demoradamente sobre o sobrenaturalismo da antiga Grécia, não é necessário alongar-me sobre o da antiga Roma, pois são idênticos. A poesia, a filosofia e a teologia de Roma foram todas importadas da Grécia, tal como a Grécia as importara do Egipto. As próprias leis de Atenas foram introduzidas no ano 301 de Roma. A poesia de Roma, os dramas de Terêncio, Séneca e até de Plauto, não passam de reflexos dos gregos.

O mesmo acontece com os departamentos épico e lírico da poesia latina. O "maquinismo" de Virgílio na Eneida é o maquinismo reproduzido de Homero, com os mesmos deuses, a mesma crença e, em parte, os mesmos heróis. Eneias vence monstros como Hércules e desce ao Hades como Ulisses. Lucano afirma o miraculoso na Farsália, e Horácio dá-nos tanto o espiritualismo nas descrições da vida romana como a sua magia, o seu lado negro em Hécate e Cánidia. Horácio acreditava que Pan interveio para lhe salvar a vida numa ocasião:

"Uma árvore, caindo sobre a minha cabeça,
Ter-me-ia certamente esmagado até à morte;
Mas Pan, guardião dos poetas, impediu
Com mão salvadora, o golpe fatal."

— B. II. Ode xviii. 2.

Ele volta a referir a árvore que cai noutra ode a Calíope, e acrescenta que os poderes superiores o salvaram de serpentes enquanto dormia na floresta, e também na batalha de Filipos, embora, nesta última ocasião, tenha sido mais graças a um bom par de pernas. Lucano, na Farsália, pinta um quadro impressionante dos poderes da feitiçaria na figura de Ericto. Mas passemos sobre os poetas, pela razão já referida, pois poderíamos citar

toda a “Metamorfoses” de Ovídio, construída inteiramente sobre a antiga teoria de que os deuses podiam não só apresentar-se sob qualquer forma que quisessem, mas também transformar homens e mulheres em qualquer forma animal, vegetal ou mineral.

A mesma ideia que foi transmitida para a magia. Ovídio assegura-nos seriamente que, durante uma doença fatal em Roma, Quintus Apulino foi enviado a Epidauro para consultar o oráculo de Esculápio sobre o remédio. O embaixador foi assegurado em sonho de que o deus, sob a forma de serpente, regressaria com ele, e acrescenta que, ao apresentar-se no santuário, uma serpente saiu do templo, dirigiu-se ao navio, enrolou-se na cabina durante a viagem e, ao chegar, estabeleceu-se numa ilha do Tibre, como sinal de que ali deveria ser erguido um templo a Esculápio, o que foi feito.

De facto, diz Wachsmuth, entre os gregos e também entre os romanos, “tudo era explicado por presença e poder divinos, e qualquer fenómeno inexplicável era visto como um τέρας enviado pelos deuses; não era, por isso, milagroso, mas algo de invulgar; era prova da ira divina, e assim por diante. Sobre isto assentava o culto dos deuses, bem como a oração, o agradecimento e a penitência.

E se um homem sabia mais e podia fazer mais do que os outros, era considerado um dom divino: e nesta classe estava incluído o conhecimento dos supostos poderes miraculosos da natureza” (p. 214). Sendo assim, não precisamos de nos deter mais sobre os factos senão para indicar um saber diferente. Nem é preciso repetir as cerimónias das terapêuticas dos templos; pois eram exatamente as mesmas que as do Egipto e da Grécia. O sono era obtido nos templos pelos mesmos meios, e respostas curativas obtidas.

“Chamam-se incubar propriamente aqueles que dormem para receber respostas; daí aquele que incuba a Júpiter, isto é, dorme no Capitólio, para poder receber respostas.” (Servius sobre Virgílio.) Segundo Tito Lívio, Higia, Ísis, Minerva, Mercúrio e Hércules, além de Júpiter e Esculápio, eram adorados como deuses curadores. O que agora se chama mesmerismo era prática quotidiana nesses templos. “Sem dúvida”, diz Kluge, “a manipulação com forte contacto, fricção e passagem das mãos era a mais antiga e geral de todas as manipulações.”

Séneca, na sua sexagésima sexta epístola, diz: “Devo considerar Múcio feliz por manipular o fogo, como se tivesse emprestado a mão aos mágicos?” Os jactos de fogo frequentemente vistos hoje a sair dos dedos dos magnetizadores eram, pois, bem conhecidos do público romano. Marcial diz (lib. iii. epig. 82):

"Percorre o corpo com arte ágil a massagista,
E espalha a mão sabida por todos os membros."

E Plauto, em Anfitrião: "E se o afagar devagar com a mão, para que durma?"
Estes meios magnéticos de cura não só eram praticados, como estavam inscritos em tábuas e pilares sagrados, e a sua aplicação explicada em imagens nas paredes dos templos, para que todos compreendessem. Pausânias diz que no seu tempo havia seis dessas inscrições no templo de Epidauro, na Grécia, e em tempos modernos, foi encontrada uma tábua de mármore com quatro inscrições diferentes do templo de Esculápio, na ilha do Tibre, todas relativas a métodos magnéticos de tratamento.

Estas foram publicadas por Mercurialis em "De Arte Gymnastica" e copiadas por Fabret, Tomasius, Hundertmark, Sprengel e Wolff. Monumentos idênticos foram dedicados a Serápis, e Marco Aurélio agradece aos deuses pelos meios de cura revelados nesse sono. Apuleio fornece evidências semelhantes da prática comum dos romanos de manipulações magnéticas para induzir clarividência e assim obter revelações espirituais de cura.

Os romanos, contudo, sendo meros imitadores dos gregos em teologia médica como em tudo o mais, não eram tão profundos. Todas as tribos de Itália em redor da Roma primitiva partilhavam desse conhecimento mesmo antes de Roma. Os etruscos, de origem egípcia, foram de facto os mestres dos romanos tanto nas terapêuticas dos templos como na magia. Orgulhavam-se de todos os velhos encantamentos dos seus ancestrais egípcios. Os marsos e daunianos, tribos italianas (estes últimos descendentes de Troia), tinham templos dedicados aos mesmos ritos curativos dos gregos, e os mesmos fenómenos sonâmbulos eram considerados milagrosos.

Os romanos, até à era do cristianismo, continuaram a consultar os oráculos da Grécia e, segundo Suidas e Nicéforo, Augusto enviou a consultar o oráculo sobre quem seria seu sucessor, tendo recebido como resposta: "O menino hebreu, a quem todos os deuses obedecem, expulsa-me daqui." No entanto, durante algum tempo após o advento do cristianismo, alguns oráculos continuaram a falar, como se pode ver em Plutarco e Suetónio. Nero e Juliano, o Apóstata, consultaram os oráculos gregos depois da vinda de Cristo e receberam respostas.

Mas, no tempo dos romanos, as sibilas assumiram uma importância superior à dos oráculos. Estas mulheres proféticas são por vezes referidas na história da Grécia; mas na de Roma surgem com destaque notável, e os seus livros tornaram-se uma instituição, mantidos sob custódia de oficiais públicos e consultados em todas as ocasiões de dificuldade nacional.

A forma como os Livros Sibilinos ganharam importância foi esta: uma velha pequena e desconhecida apareceu perante Tarquínio, o Soberbo (rei durante cujo reinado a realeza foi abolida em Roma), trazendo vários livros. Segundo alguns, tinha nove; segundo Plínio, apenas três. Aqueles que dizem que eram nove, contam que ela pediu um preço elevado por eles, que Tarquínio recusou, e então ela lançou três ao fogo, exigindo o mesmo preço pelos seis restantes.

O rei, continuando a recusar e pensando que ela era louca, viu-a queimar mais três, e pedir o mesmo preço pelos três que restavam, perguntando se agora os compraria. Tarquínio, surpreendido com a atitude da mulher, pagou o preço, após o que ela desapareceu e nunca mais foi vista. Ao examinar os livros, as profecias sobre Roma eram tão extraordinárias que Tarquínio confiou a sua guarda a dois responsáveis. Estes aumentaram para dez e depois, por Sila, para quinze. Estes decênviros ou quindecênviros só davam respostas dos livros por ordem do senado, em crises de dificuldade.

Tito Lívio, Suetónio e Tácito afirmam que estes livros eram guardados no Capitólio e depois no templo de Apolo Palatino. Ambos os templos foram destruídos por incêndios, mas os Livros Sibilinos, guardados numa abóbada de pedra, não arderam. Os livros da Sibila de Cumas eram os mais estimados, seguidos dos da Eritreia. Dionísio de Halicarnasso afirma que estes livros permaneceram intactos numa abóbada subterrânea do Capitólio até à guerra dos Marsos. Parece que, apesar do cuidado, circularam muitas cópias. Augusto enviou emissários por toda a Itália, recolheu todos os que pôde encontrar, separou os apócrifos dos antigos e queimou-os. Os antigos preservados mandou transcrever para o latim corrente, pois de outro modo dificilmente podiam ser lidos.

Tácito e Suetónio afirmam que muitos milhares de cópias falsas circulavam, e o exemplar oficial foi queimado, segundo Crasset, no reinado de Constantino, no ano 339 d.C., por um tal Stilikon, que trouxe os godos para o país e destruiu os livros sibilinos de antemão, para que deles não se pudesse obter auxílio. Existem edições dos Livros Sibilinos tanto em grego como em latim, e uma tradução inglesa por Sir John Floyer, mas não se deve supor que metade delas sejam genuínas. Ainda assim, eram em grande número, e aquelas que continham as mais diretas e explícitas profecias de Cristo eram vigorosamente defendidas, tanto por cristãos como por pagãos, nos primeiros tempos do cristianismo como autênticas. Tanto assim, que estes livros foram proibidos de leitura pelos imperadores nos primeiros tempos do cristianismo. Justino Mártir queixou-se amargamente dessa proibição na sua apologia, porque confundiam os incrédulos e os cristãos persistiam em lê-los; eram chamados Sibilinos, como aprendemos

com Orígenes contra Celso. Com efeito, foi afirmado que não há tema sobre o qual o testemunho de todos os historiadores, poetas e filósofos seja tão unânime quanto sobre a veracidade dos Livros Sibilinos, como existiam no tempo de Augusto.

Entre os maiores defensores da autenticidade e do carácter extraordinário das profecias das Sibilas contam-se Platão, Aristóteles, Estrabão, Eliano, Pausânias, Apolodoro, Luciano, Homero, Aristides, Plutarco, Varrão, Cícero, Diodoro, Tácito, Suetónio, Tito Lívio, Floro, Valério, Dionísio de Halicarnasso, Plínio, Virgílio, Ovídio e Juvenal. Entre os padres da Igreja, os mais fervorosos defensores da autenticidade dos Livros Sibilinos são Justino Mártir, Orígenes, Atenágoras, Teófilo de Antioquia, Eusébio, Lactâncio, Clemente de Alexandria, Santo Ambrósio, Jerónimo, Agostinho e Isidoro de Sevilha. Constantino, o Grande, possuía os livros das Sibilas, e o seu discurso sobre eles, atribuindo-lhes plena autenticidade, foi lido no primeiro concílio da igreja em Niceia, no ano 325 d.C.

As palavras de Tácito são muito contundentes: “Muitos estavam convencidos de que nas antigas escrituras dos sacerdotes estava contido que, precisamente naquela época, se fortaleceria o Oriente e sairia da Judeia quem dominaria o mundo.” (Hist. liv. v.) Suetónio e Tito Lívio, ambos inimigos dos cristãos, também declararam que estes livros afirmavam que alguém nascido na Judeia se tornaria senhor do mundo. O imperador Aureliano, um dos mais ferozes perseguidores dos cristãos, proibiu que os livros das Sibilas fossem lidos publicamente; no entanto, quando se encontrou em apuros, durante a guerra com os Marcomanos, ordenou ao senado que os consultasse, não permitindo que pertencem somente aos cristãos.

O que os cristãos acreditavam sobre eles pode resumir-se nas palavras de Santo Agostinho, em De Veritate xviii. 23, onde, citando a Sibila Eritreia acerca de Cristo, diz: “Ele cairá nas mãos dos ímpios; com saliva venenosa cuspirão sobre ele; nas sagradas costas o golpearão; coroá-lo-ão com uma coroa de espinhos; dar-lhe-ão fel por alimento e vinagre por bebida. O véu do templo será rasgado, e ao meio-dia haverá trevas durante três horas. E ele morrerá; repousará três dias no sono; e então, na luz jubilosa, voltará novamente como da primeira vez.”

Agora, sejam autênticos ou não os atuais livros chamados Sibilinos, o facto é claro, pelo consenso geral de pessoas da mais alta reputação e capacidade de saber, que viveram na época ou perto da época das Sibilas, tanto pagãos como cristãos, que as Sibilas anunciaram importantes profecias. Elas são para os pagãos o que os profetas foram para os judeus. Constituem, portanto, um elemento grande e substancial do espiritualismo

da Antiguidade, e preeminentemente da antiguidade romana. Varrão e Lactâncio enumeram as mais célebres das Sibilas. Existiram dez, mas é certo que, ao longo das eras, terão sido muitas mais. As mais célebres foram a Sibila de Cumas, a Sibila da região de Tróia, a Eritreia da Caldeia, e a Délfica, uma das sacerdotisas délficas, a quem são atribuídas algumas das mais famosas respostas oraculares. Antes de a Sibila de Cumas ter vindo para Itália, Carmenta, mãe de Evandro, era, segundo Plínio, famosa pelas suas vaticinações. É a Sibila de Cumas que Virgílio descreve no sexto livro da Eneida:

> "No fundo de uma gruta habita a Sibila,
> De onde regressa cheia de destino, e do deus."

Na entrega do oráculo a Eneias, é descrita como convulsa e

> "Debatendo-se em vão, impaciente do fardo,
> E lutando sob o peso do deus poderoso;
> Quanto mais tenta afastá-lo do peito,
> Com maior e mais superior força ele a oprime.
> Impõe a sua entrada, e sem controlo
> Usurpa-lhe os órgãos e inspira-lhe a alma."

A violência do paroxismo geralmente acompanhando a adivinhação das sacerdotisas pagãs faz lembrar cenas de certos avivamentos religiosos. A profecia da Sibila de Cumas, introduzida por Virgílio na quarta Égloga, é notável, sendo citada por ele quarenta anos antes do nascimento de Cristo, e provavelmente escrita séculos antes:

> "Ultima Cumæi venit jam carminis ætas;
> Magnus ab integro sæclorum nascitur ordo.
> Jam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna:
> Jam nova progenies cœlo demittitur alto.
> Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum
> Desinet ac toto surget gens aurea mundo,
> Casta, fave, Lucina,"

> "Já chega a última idade do cântico de Cumas;
> Começa de novo a grande ordem das eras.
> Já retorna a Virgem, retornam os reinos de Saturno:
> Já uma nova geração é enviada do alto do céu.
> Sê favorável, ó casta Lucina, ao menino que agora nasce,
> Com quem terminará a idade de ferro e surgirá, no mundo inteiro,
> A raça de ouro."

Isto é: “Uma nova geração é-nos enviada do céu; chega a última das idades cantada pela Sibila de Cumas, etc. Portanto, casta Lucina, sê propícia a este menino que há-de nascer, por quem cessará a idade do ferro e será trazida ao mundo a idade de ouro.” Virgílio, apesar do oráculo, aplicou a profecia a outro fim nesta égloga. O nome Sibila compunha-se de σιὸς, em dialecto eólico, por θεὸς, Deus, e βουλή, conselho — conselho de Deus. Da profunda impressão que estas profecias causaram nos primeiros cristãos, temos uma prova marcante no facto de o nome da Sibila ser introduzido na missa dos mortos:

“Dies iræ, dies illa,
Solvet seclum in favilla,
Teste David cum Sibylla.”

“Dia de ira, aquele dia,
há de dissolver o mundo em cinzas,
como testemunham Davi e a Sibila.”

Tendo estes factos presentes, não nos devemos admirar da posição proeminente que tanto os oráculos como as Sibilas ocupam na história de Roma.

Quanto à filosofia romana, não nos devemos preocupar. Era essencialmente grega; professores gregos a ensinavam, e dificilmente algum romano pode reclamar o título de filósofo, exceto talvez Séneca e Cícero, e estes não criaram novos sistemas. Citarei uma passagem de Séneca, enquanto moralista, que o mostra essencialmente como espiritualista, e acrescentarei algumas citações do “De Divinatione” e “De Natura Deorum” de Cícero, mais como evidência histórica da mesma fé do que por outra razão.

Séneca diz: “Há grande diferença entre a filosofia e as outras artes; e maior ainda entre essa própria filosofia, que é de contemplação divina, e aquela que tem por objeto as coisas terrenas. A primeira é mais elevada e ousada; abarca mais; e, não se satisfazendo com o que vê, aspira ao conhecimento de algo que é maior e mais belo, e que a natureza colocou para lá do nosso alcance. Uma ensina-nos o que se passa na terra; a outra revela-nos o que se faz no céu. Uma discute os nossos erros, e ilumina-nos para distinguirmos as ambiguidades da vida; a outra vence as trevas em que estamos envolvidos, e eleva-nos até à fonte da própria vida.

E é então que devemos reconhecer especialmente a infinita graça e generosidade da natureza das coisas; ao vê-la não só onde é pública e comum, mas nos seus próprios segredos, como se fôssemos admitidos ao gabinete da própria Divindade.” (Morais de Séneca). E continua a mostrar o

que faz uma filosofia espiritual. Diz que ela põe fim àquela negação da liberdade de Deus no seu próprio universo, na qual uma miserável sofística, ou as lugubres metafísicas de hoje se enredam tão tristemente:

“É aí que somos ensinados a compreender qual é a matéria do mundo, quem é o seu autor e conservador. O que é Deus; e se está inteiramente voltado para si, ou se, por vezes, se debruça sobre nós. Se fez a sua obra de uma vez por todas, ou se ainda está em ação. Se é parte do mundo, ou o próprio mundo. Se tem liberdade, ou não, para decidir algo de novo hoje, e para controlar ou derrogar a lei do Destino.

Se será alguma diminuição da sua sabedoria, ou uma confissão de erro, fazer e desfazer; ou ter feito coisas que depois seriam alteradas. Pois o mesmo deve, por necessidade, agradar-lhe sempre, a quem nunca pode agradar senão o que é melhor. Ora, isto não diminui nem a sua liberdade nem o seu poder; pois ele é a sua própria necessidade. Sem o benefício e o conforto destes pensamentos, teria sido melhor nunca termos nascido.”

Quanto a Cícero, deve ser visto mais como sofista e advogado do que como filósofo. As duas obras em que trata mais particularmente de temas espirituais, “De Natura Deorum” e “De Divinatione”, são habilmente escritas em diálogo, para que pudesse escapar à responsabilidade de atacar a opinião popular. No Deorum ataca a crença na multidão de deuses aceites e, pela minúcia com que o faz, poder-se-ia supor que essa é a sua verdadeira opinião; mas põe os argumentos contrários na boca de Balbo; argumenta veementemente contra um cuidado providencial dos homens, com base histórica, mas fá-lo através de Cota, e fá-lo dizer que assim argumentou apenas para provocar uma defesa da Providência Divina, e não por convicção pessoal.

Assim, também, no “De Divinatione”, embora tome a posição contra os oráculos e a adivinhação, fá-lo tão evidentemente como disputante, e põe na boca do irmão, Quinto, tal quantidade de provas históricas a favor deles, que o leitor sente que a verdade do argumento está daquele lado. Mas, em todos estes casos, o que realmente pensa Cícero fica duvidoso. Há uma insídia nesta forma de tratar tais assuntos, que suscitou comentários severos de escritores antigos, e Lactâncio especialmente o acusa de cobardia moral.

Sob a crítica do padre cristão, surge-nos como um Faraday e um David Brewster reunidos numa só pessoa. Ainda assim, depois de todos os seus argumentos contra previsões e sonhos, há um ponto em que parece esquecer-se e expressa os seus verdadeiros sentimentos, declarando aprovar a doutrina dos peripatéticos, dos antigos Dicearco e Cratipo, de que no espírito do homem habita um oráculo pelo qual o futuro pode ser

pressentido, quer quando a alma é excitada pela inspiração divina, quer quando, pelo sono, a alma se expande livremente.

Tomando, contudo, os factos de Cícero sem as suas sofísticas, são notáveis. No primeiro livro da “Divinação”, conta-nos que Sófocles, o poeta, quando foi roubada uma taça de ouro do templo de Hércules em Atenas, teve-lhe revelado em sonho quem a roubara. Descurou o sonho, mas, repetindo-se várias vezes, expôs o assunto ao areópago; o ladrão foi preso e condenado, e a taça devolvida. O templo ficou, desde então, conhecido como o de Hércules, o Indicador. Acrescenta um caso semelhante da história romana. É ele quem nos dá o conhecido episódio dos dois amigos da Arcádia, que, ao chegarem a Mégara, viveram o seguinte: um ficou a dormir em casa de um amigo, o outro numa estalagem. O que ficou em casa particular sonhou que o outro, no albergue, lhe aparecia e pedia auxílio, pois o estalajadeiro ia assassiná-lo.

O sonhador acordou aterrorizado, mas, julgando tratar-se de um simples sonho, voltou a deitar-se; mas o amigo voltou a aparecer, dizendo que, já que não o socorreu, esperava ao menos que se vingasse do assassino. Que o estalajadeiro lhe lançara o corpo numa carroça, coberto de estrume, e que pela manhã o transportaria para o campo. Que deveria ir ao portão da cidade intercetá-lo. Assim fez o amigo, deteve a carroça, encontrou o corpo como descrito, e fez prender e condenar o estalajadeiro.

Assegura-nos que os sonhos são enviados divinamente, mas são muitas vezes distorcidos por excesso de comida e bebida. Mantendo o corpo com temperança, as comunicações divinas em sonhos são puras e claramente transmitidas, e isso é verdadeira adivinhação; e confirma-o com palavras de Sócrates. Informa-nos que Simónides escapou de um naufrágio por ter atendido a um sonho. Afirma que, quando Breno e os gauleses atacaram o templo de Delfos, o oráculo declarou que Apolo providenciaria os seus próprios meios de defesa, e virgens vestidas de branco, o que aconteceu, pois os gauleses foram repelidos com a ajuda de jovens mulheres.

Diz que Crisipo, Diógenes e Antípatro perguntavam que mais provas se exigiriam da veracidade das manifestações divinas, quando factos, povos, nações, gregos, bárbaros, os maiores homens, poetas, filósofos, os mais sábios legisladores, construtores de cidades e fundadores de estados, todos estavam de acordo nesse ponto? Quereríamos que até os próprios animais viessem dar o seu consentimento ao dos homens? Ele refere os augúrios dos caldeus, persas, fenícios, frígios, árabes, gauleses e druidas britânicos, bem como dos gregos e dos seus próprios.

Afirma que Cástor e Pólux apareceram na batalha de Régilo, lutando a cavalo pelos romanos contra os latinos, e que apareceu um jovem chamado

Vatieno, que anunciou que Perseu, o rei da Macedónia, fora capturado. O senado pôs Vatieno na prisão, mas chegaram cartas de Paulo, o general, declarando a captura de Perseu no dia exato mencionado, e Vatieno foi libertado com honras e uma doação de terras.

Como estes são, porém, testemunhos históricos, podemos passar logo aos historiadores; e aqui a massa de provas é tão grande que poderíamos citar um volume inteiro de Tito Lívio, Salústio, César, Tácito, Suetónio, etc.

Em Tito Lívio apenas, marquei mais de cinquenta exemplos em que regista o cumprimento literal de sonhos, oráculos, prognósticos por adivinhos e astrólogos, bem como pela inspeção augural dos animais sacrificados. Os romanos enviavam frequentemente emissários para consultar os oráculos mais célebres da Grécia. Todos os anos havia um relato oficial de todos os prodígios e presságios enviado de todas as partes do império, e as expiações eram feitas pelo pontífice, imediatamente após a eleição dos cônsules, antes de qualquer outro negócio, para afastar o desagrado divino que poderia ser indicado por eles.

Ainda não tinham chegado àquela época em que, como diz Livio, os homens deixariam de reverenciar os deuses, atribuindo todos os acontecimentos a causas secundárias, como se uma Primeira Causa não governasse o mundo e não decidisse o destino das nações. Os relatos de prodígios enviados, muitas vezes, e especialmente antes e durante a invasão de Itália por Aníbal, eram extraordinários. Para além de estranhos nascimentos de homens e animais, as chuvas de pedras e de terra, a destruição de templos por relâmpagos e rios a parecerem sangue eram extremamente frequentes.

Remeto o leitor para o próprio Livio quanto ao grosso dos seus relatos de acontecimentos sobrenaturais, pois são demasiado extensos para estas páginas. Bastará dizer que as previsões eram, na maioria dos casos, proferidas diante de toda a Roma e cumpridas muitas vezes em clara oposição a todas as perspetivas imediatas. Posso citar um ou dois exemplos. Accius Nævius, um augur célebre, deu um conselho muito contrário aos desejos de Tarquínio, o Soberbo, que então, para mostrar a vacuidade das pretensões do augur, disse:

“Vamos lá, ó divino, descobre por meio do teu augúrio se aquilo em que estou a pensar pode ser realizado.” O augur, após consultar os seus sinais, respondeu que sim. “Ora bem”, disse Tarquínio, “o que eu pensava era se conseguirias cortar uma pedra de amolar ao meio com uma navalha. Toma então, e realiza aquilo que os teus pássaros pretendem ser praticável.” Diz-se então que Accius, sem qualquer dificuldade, cortou a pedra de amolar em dois com a navalha.

Junius Brutus, indo com os filhos de Tarquínio a Delfos consultar o oráculo, foi-lhes dito que aquele dos três que, no regresso, primeiro beijasse a mãe, tornar-se-ia senhor de Roma. Ao desembarcar, Brutus, percebendo o verdadeiro significado do oráculo, fingiu tropeçar e beijou a terra. O oráculo cumpriu-se. No ano de Roma 364, um plebeu, Marcus Cædicius, informou os tribunos de que, em plena noite, uma voz mais alta que a de qualquer homem anunciara uma invasão dos gauleses.

Os gauleses eram quase desconhecidos de nome em Roma nessa altura, e a condição humilde deste homem fez com que a informação fosse desprezada. No entanto, os gauleses vieram e devastaram Roma. Durante a invasão gaulesa, num combate singular entre Marcus Valerius e um gaulês gigantesco, um corvo poisou no elmo do romano e permaneceu ali durante o conflito, voando ocasionalmente aos olhos do gaulês. Depois de o gaulês ser morto, o corvo levantou voo e desapareceu, e o jovem romano ficou com Corvus acrescentado ao nome, que passou para a sua família em memória da intervenção divina. Marcus Valerius Corvus tornou-se o maior general da sua época e inter-rex da nação. No ano de Roma 452, o augur, tendo sido considerado culpado de falsificar as respostas, foi colocado na frente da batalha contra os Samnitas e ali caiu ao primeiro lançar de lanças.

Aníbal teve um sonho em que Júpiter o chamava a invadir a Itália; pensou que obedecia, mas ao olhar para trás viu uma grande serpente e tudo atrás disso escuro, tempestuoso e cheio de trovões – um sonho profético por excelência. No ano de Roma 540, houve uma ordem para apreender todos os livros de adivinhação entre o povo, e num deles, pertencente a Marcius, um adivinho célebre, foi encontrada uma profecia distinta da batalha de Canas, tão fatal para os romanos, e anunciando todos os seus horrores.

No ano de Roma 544, antes de os dois cônsules marcharem para enfrentar Aníbal, perto de Bruttium, os arúspices prognosticaram a perda dos chefes do exército; e um cônsul, Marcelo, foi morto numa emboscada, e o outro, Crispino, ficou mortalmente ferido. No ano 569 de Roma, o povo viu subitamente, com surpresa, cumprir-se a profecia dos adivinhos – a de que inevitavelmente se levantariam tendas no fórum. Isto era considerado presságio de uma invasão, mas ficaram aliviados ao ver o povo montar tendas ali para se protegerem da chuva durante os jogos públicos. Em todas as ocasiões públicas perplexas, os livros das Sibilas eram cuidadosamente examinados.

A história de Livio estende-se por quase 600 anos, desde a fundação da cidade até aos dias da preeminência da república. Niebuhr, o historiador racionalista alemão, escolheu todos os relatos sobrenaturais dele como mitos – um modo de depenar a história que conduz a resultados dignos de

nota. O mesmo sistema pode ser aplicado à Bíblia, e então? Provavelmente era isto que ele pretendia. Mas o que diremos de Tácito? Tácito, cujos anais e história dizem respeito aos tempos da mais alta civilização e conhecimento de Roma? – de Tácito, o chamado racionalista romano, cujo ceticismo alguns afirmam chegar quase ao ateísmo?

Encontramos este homem do mundo, homem de alta posição, genro de Agrícola, este historiador filosófico que, pela sua sagacidade, razão forte e estilo lúcido, foi colocado no pináculo da fama histórica, a começar por uma confissão ousada de que toda manifestação preternatural é mera superstição.

Quando Tibério se retirou de Roma para Capri, os adivinhos declararam que, pela posição dos planetas, o imperador nunca mais regressaria à capital. Sobre isto, Tácito observa que a arte dos que fingem ver o futuro foi dada como vã e frívola. Viu-se quão próximos estão a verdade e a mentira, e quanto os factos, que por acaso são previstos, estão envoltos em obscuridade. Que Tibério não regressaria mais foi, como profetizado, confirmado pelo acontecimento; o resto era totalmente visionário, pois verificamos que, muito depois disso, apareceu nas vizinhanças de Roma, por vezes na margem oposta, outras vezes nos subúrbios, e morreu já muito velho' (Anais iv. 58).

Ora, tudo o que os astrólogos previram foi que Tibério nunca mais poderia regressar à capital, e o acontecimento, como diz Tácito, foi exatamente cumprido. Aproximou-se da cidade, entrou nos subúrbios, apareceu na margem oposta do Tibre, mas nunca entrou na cidade. Tudo quanto os adivinhos disseram era verdade; o que era visionário eram as expectativas do povo, de que ele morreria em breve; mas tal não sucedeu, tornando o prodígio ainda maior pelo facto de ter vivido mais onze anos sem nunca mais entrar na capital.

O raciocínio do historiador é aqui extremamente débil, mas não tarda que os acontecimentos o forcem a abandonar o seu ceticismo e a confessar a verdade da profecia. No sexto livro, secção vinte e um dos Anais, relata que Tibério, nos seus dias de juventude na ilha de Rodes, estudou astrologia judicial sob a instrução de um certo Trásilo. Adotara um modo sumário de testar a presciência dos astrólogos que consultava.

Depois de um deles prognosticar eventos futuros, mandava um servo forte levá-lo a passear pela beira do precipício onde ficava a sua casa, e aí o servo empurrava o astrólogo ao mar. Que este não previsse o seu próprio destino iminente era, para Tibério, prova da sua ignorância do futuro. Mas Trásilo não só viu pelas estrelas o que dizia respeito a Tibério, como o seu

próprio perigo iminente, e a partir daí Tibério teve nele a mais perfeita confiança.

Relatando este caso, Tácito, inicialmente, fica tão abalado que diz não poder decidir se há verdade nessas coisas ou não; mas passa em revista os diferentes sistemas filosóficos quanto ao futuro do homem, e à questão de os deuses se preocuparem com ele ou não, e finalmente admite que "embora o que é profetizado e os acontecimentos que se seguem possam muitas vezes divergir, a falha não deve ser imputada à arte em si, mas à vaidade dos que fingem uma ciência respeitada pela Antiguidade, e nos tempos modernos comprovada por provas indubitáveis.

De facto, o reinado de Nero foi profetizado pelo próprio filho deste Trásilo." Tácito mostra-nos até que Tibério tinha uma veia profética em si próprio. Predisse a Galba que este teria um gosto de soberania, o que, muito depois, se cumpriu exatamente – pois chegou à dignidade imperial, apenas para ser assassinado após um reinado de oito anos, e enquanto era avisado pelo augur, a partir do sacrifício, de que a traição o ameaçava. Tibério também predisse a Calígula que este mataria o mais novo dos seus netos – um menino – e que ele próprio também seria assassinado, ambas as predições sendo cumpridas.

Tácito relata prodígios durante os reinados desses demónios encarnados, Tibério, Calígula e Nero, tão espantosos como os relatados por Livio, e tudo isto a acontecer perante toda Roma, havendo expiações decretadas pelo senado. Diz que Nero enviou a Delfos para consultar o oráculo, que o avisou de que se acautelasse com setenta e três anos. Pensando que isso significava que viveria até essa idade, ficou muito satisfeito; mas a profecia referia-se a Galba, perante quem sucumbiu, e que tinha setenta e três anos ao suceder-lhe.

Mas podemos passar todos os outros acontecimentos preternaturais para notar os milagres por Vespasiano, atestados tanto por Tácito como por Plínio. As fortunas de Vespasiano e do seu filho Tito tinham sido cedo prognosticadas. "Respostas oraculares", diz Tácito, "profetizaram a grandeza da família", e Suetónio confirma-o, dizendo, em Tito, s. 2, que "Narciso, o liberto favorito, consultou um adivinho quanto ao destino de Britânico, filho do imperador Cláudio, que deu uma resposta desfavorável, mas acrescentou que Tito se tornaria imperador.

Britânico foi envenenado por Agripina para abrir caminho ao seu filho Nero. Tito atingiu o trono imperial. Tito, a caminho da Síria, consultou o oráculo de Vénus em Chipre, e teve a anterior resposta confirmada." Mas as manifestações espirituais mais notáveis vieram para o seu pai Vespasiano. Estas, que cito agora textualmente da tradução de Murphy de Tácito

(História, iv.), provaram ser das mais difíceis de digerir para todo o mundo literário. Tentaram livrar-se destes incómodos milagres alegando que eram encenados para lisonjear o imperador.

Mas, em primeiro lugar, Vespasiano era dos menos acessíveis à lisonja entre todos os imperadores romanos. Detestava tudo quanto se assemelhasse a fingimento ou delicadeza exagerada; dizia aos seus cortesãos, quando cheiravam a perfumes, que preferia que cheirassem a alho, e agradou-lhe quando Arsaces, rei da Pártia, o saudou por carta: “Arsaces, rei dos reis, a Flávio Vespasiano”. Em segundo lugar, Tácito escreveu o seu relato destes milagres com base em testemunhos de quem presenciou, depois de a família de Vespasiano já não reinar, numa época em que as pessoas só desejavam recordar os excessos ou pretensões do imperador.

Hume, no seu Ensaio sobre os Milagres (192, 193), declara estes milagres os mais bem atestados de toda a história. A gravidade, solidez, idade e probidade de um grande imperador, que ao longo da vida nunca afetou aqueles ares extraordinários de divindade assumidos por Alexandre e Demétrio. O historiador, um escritor contemporâneo, notável pela sinceridade e veracidade, talvez o maior e mais penetrante génio de toda a Antiguidade, e tão livre de qualquer tendência para a superstição e credulidade que até sobre ele pesa a acusação contrária de ateísmo e irreligião.

As pessoas de cujo testemunho ele relatou os milagres, de carácter estabelecido quanto a julgamento e veracidade, como podemos supor, testemunhas oculares dos factos, e confirmando o seu veredicto depois de a família Flaviana ter sido despojada do império e já não poder dar recompensa alguma como preço de uma mentira. Na verdade, não se pode imaginar prova mais forte.

Vespasiano passou alguns meses em Alexandria. Durante a sua estadia naquela cidade, vários incidentes fora do curso ordinário da natureza pareceram marcá-lo como o favorito particular dos deuses. Um homem de condição humilde, nascido em Alexandria, perdera a visão devido a um fluxo sobre o olho. Apresentou-se diante de Vespasiano e, prostrando-se no chão, implorou ao imperador que administrasse uma cura para a sua cegueira.

Disse ter vindo por advertência de Serápis, o deus que a superstição dos egípcios mais venerava. O pedido era que o imperador, com a sua saliva, se dignasse a humedecer o rosto do pobre homem e as pupilas dos seus olhos. Outro, que perdera o uso da mão, inspirado pelo mesmo deus, rogou

que ele pisasse a parte afetada. Vespasiano sorriu perante um pedido tão absurdo e extravagante.

Os infelizes persistiram em implorar-lhe auxílio. Temia o ridículo de uma tentativa vã; mas a importunação dos homens e a multidão de bajuladores prevaleceram sobre o príncipe, que acabou por não desconsiderar inteiramente a petição.

Ordenou então aos médicos que considerassem se a cegueira de um e a paralisia do outro estavam dentro do alcance da ajuda humana. O resultado da consulta foi que os órgãos da visão não estavam tão lesados que, removendo-se a película ou catarata, o paciente não pudesse recuperar. Quanto ao membro inerte, com aplicações adequadas e medicamentos estimulantes, não era impossível restaurá-lo ao seu vigor anterior.

Os deuses, talvez, pretendessem um remédio especial e escolhiam Vespasiano como instrumento das suas vontades. Se se desse a cura, a glória acrescentaria novo lustre ao nome de César; se não, os pobres homens suportariam as graças e chacotas do povo. Vespasiano, no auge dos seus assuntos, começou a pensar que não havia nada tão grande e maravilhoso, nada tão improvável ou mesmo incrível, que a sua boa fortuna não pudesse realizar.

Na presença de uma multidão prodigiosa, toda ela erguida de expectativa, avançou com ar severo e arriscou a experiência. A mão paralisada recuperou as suas funções, e o cego viu a luz do sol. Por testemunhas vivas, que realmente estavam presentes, ambos os eventos são confirmados ainda hoje, quando o engano e a lisonja já não podem esperar recompensa alguma.

Estrabão e Suetónio, em Vesp. s. 7, confirmam este relato e o seguinte. Tácito prossegue:
Vespasiano estava agora decidido a visitar o santuário de Serápis, a fim de consultar o deus acerca do futuro do império. Tendo ordenado que todos os intrusos fossem removidos, entrou no templo. Enquanto adorava a divindade do local, percebeu, no meio da sua devoção, um homem de grande relevo entre os egípcios a avançar por detrás dele.

O nome deste homem era Basilides, que naquele momento era dado como estando doente a muitos quilómetros de distância. Vespasiano perguntou aos sacerdotes se tinham visto Basilides naquele dia no templo. Perguntou a vários outros se o tinham encontrado nalguma parte da cidade. Por fim, de mensageiros que enviou a cavalo, recebeu informação segura de que Basilides estava nada menos que catorze milhas distante de Alexandria. Concluiu, portanto, que os deuses lhe tinham concedido uma visão

preternatural, e do significado do nome Basilides (real) inferiu uma interpretação dos decretos do céu favoráveis ao seu futuro reinado.

Este último é um exemplo daquele fenómeno tão curioso, a aparição de uma pessoa viva, de que tantos casos têm ocorrido nos nossos dias. Posso acrescentar aqui que não só Vespasiano, entre os imperadores romanos, mas também Constantino e Adriano possuíam o dom de curar impondo as mãos, e Pirro, rei do Épiro, podia curar afeções do baço passando o pé sobre os doentes deitados.

O último autor romano que citarei será Plínio, o Jovem. Tinha fé plena em sonhos e aparições, e dá as seguintes provas do seu real significado, de alguns sonhos em particular e da realidade das últimas. Diz que o seu tio Plínio escreveu vinte livros sobre as guerras da Germânia, sendo uma visão completa delas; e fez isto por sugestão de Druso Nero num sonho, que lhe implorou que resgatasse a sua memória do esquecimento, o que fez, Druso tendo sido muito vitorioso nessas guerras.

No livro v, epístola v, diz que Caio Fânio tinha escrito três admiráveis livros sobre o reinado e as crueldades de Nero, mas que Nero lhe apareceu num sonho; sentou-se na cama; pegou no primeiro livro que ele publicara dos seus crimes, folheou-o do princípio ao fim e retirou-se. Esse sonho repetiu-se três noites, e Fânio considerou-o um prognóstico de que não acabaria aquela história; pois, tal como acontecera a todos os que ofenderam Nero em vida, também ele seria em breve afastado. E assim sucedeu: pouco depois morreu, e deixou a obra inacabada.

Numa carta notável sobre aparições, livro vii, carta xxvi, relata os seguintes casos. Cúrcio Rufo, na mais baixa condição da sua fortuna e reputação, acompanhou um governador a África. No declínio do dia, enquanto passeava sob um pórtico, surgiu-lhe a figura de uma mulher maior e mais bela que qualquer ser humano. Disse-lhe, trémulo como estava, que era África; que iria a Roma, seria promovido, regressaria como governador daquela província e ali morreria. Tudo isto se cumpriu exatamente. A mesma figura apareceu-lhe ao desembarcar em Cartago, anunciando a sua morte, que não tardou.

Plínio conta que Atenodoro, o filósofo, ao chegar a Atenas, notou uma grande e bela casa fechada e abandonada, com um aviso a dizer que estava à venda. O preço pedido era tão baixo que Atenodoro suspeitou que haveria ali mistério; informou-se e descobriu que um espectro, arrastando uma corrente, expulsara todos os que ali tinham vivido.

Comprou-a e ficou à espera de ver a aparição. À meia-noite, o fantasma apareceu, arrastando as correntes, e fez-lhe sinal para o seguir; ele fez sinal

para que esperasse e continuou a escrever. Isto repetiu-se várias vezes, até que por fim Atenodoro se levantou e seguiu-o até a um pátio interior, onde o espectro desapareceu. Colocou umas folhas e ervas no local, foi dormir e, no dia seguinte, procurou as autoridades e pediu-lhes que mandassem homens escavar o local. Assim se fez, e foi encontrado um esqueleto enleado em correntes, que foi devidamente sepultado; e a casa ficou livre da aparição para sempre.

Plínio relata que dois dos seus criados, um após o outro, viram figuras entrar no quarto durante a noite e cortar-lhes o cabelo, retirando-se depois, tal como tinham entrado, pela janela. De manhã, em ambos os casos, verificou-se que o cabelo fora realmente cortado. Plínio considerou isto um sinal de que escapara a uma acusação fatal por parte de Domiciano, pois os acusados capitais deixavam crescer o cabelo. Domiciano morreu nessa altura, e no seu escritório foi encontrada uma denúncia contra Plínio feita por Carus, que teria levado à sua execução se Domiciano tivesse vivido mais alguns dias.

Sonhos e aparições de carácter mais notável ocorreram entre os romanos. Toda a gente sabe que Calpúrnia, mulher de Júlio César, teve clara presciência do seu assassinato em sonho. Na noite anterior ao assassinato, estando ambos deitados, portas e janelas do quarto abriram-se subitamente. César encontrou a mulher, pouco depois, a murmurar e gemer durante o sono. Sonhava que ele jazia morto nos seus braços. Por isso, suplicou-lhe vivamente que não fosse ao senado no dia seguinte; ou, se não se comovia com os seus receios, que procurasse alguma adivinhação mais segura.

Ofereceu, então, sacrifícios, e o augur encontrou sinais funestos. Resolveu não sair; mas Décimo Bruto, que entrou e que, tal como o outro Bruto e Cássio, era dos conspiradores, convenceu-o a ir. Ao sair de casa, viu um certo adivinho que antes o avisara para ter cuidado com os idos de março, e disse-lhe a rir: “Os idos de março chegaram”, ao que o adivinho respondeu, em voz baixa: “Sim, mas ainda não passaram.” César seguiu, e foi assassinado.

O próprio Bruto, segundo Plutarco, foi visitado pelo fantasma de César, que lhe disse: “Encontrar-te-ei em Filipos”; e em Filipos Bruto caiu. Mário sonhou que o arco de Átila se quebrava, e nessa noite Átila morreu. Caracala, segundo Dion Cassius, foi avisado do seu próprio assassinato em sonho; e Sila foi avisado da sua morte da mesma forma, na noite anterior ao acontecimento.

Plínio e Estrabão dizem que, no tempo de Augusto, os sacerdotes da deusa Ferónia, no sopé do Monte Soracte, caminhavam descalços sobre grande

quantidade de carvões e cinzas em brasa (Estrabão, livro v). Estrabão refere também (livro i, 12, p. 811) que as sacerdotisas da deusa Asta Bala, na Capadócia, faziam o mesmo. A mesma prova de fogo era usada entre os brâmanes da Índia desde tempos antiquíssimos.

Macróbio (Saturnal, l. i., c. 23) diz que o imperador Trajano, prestes a invadir a Pártia a partir da Síria, foi aconselhado pelos amigos a consultar o oráculo do deus Heliopolitano, o qual era consultado por meio de pacotes selados. Não tendo muita fé neste método, enviou um pacote selado e pediu uma resposta selada. Ao abrir a resposta, ficou surpreendido por conter apenas uma folha em branco, que era a resposta verdadeira, pois o seu pacote só continha uma folha em branco.

Pode imaginar-se que os sacerdotes tivessem rompido o selo para ver o conteúdo, pelo que a experiência não parece tão notável à primeira vista, embora a mera clarividência bastasse para a ocasião; mas a segunda mensagem foi ainda mais notável. Trajano, impressionado com a primeira resposta, mandou perguntar se deveria regressar a Roma depois da guerra; e recebeu uma videira cortada em pedaços e embrulhada em linho, dando a entender que assim os seus ossos seriam levados de volta a Roma, o que veio a suceder.

Mas o que é muito curioso é que os romanos, numa época posterior (ou melhor, os gregos entre eles), tinham descoberto o modo de conversar com os espíritos pelo alfabeto, suposto, como tantas outras coisas, ser uma invenção dos nossos dias. Eis o relato de Amiano Marcelino:

Nos dias do imperador Valente, ano 371 d.C., alguns gregos praticantes de teurgia, que então usurpavam o nome de filósofos, foram julgados por terem tentado descobrir o sucessor do trono por artes mágicas. A pequena mesa ou tripé que usaram para tal fim foi apresentada em tribunal e, submetidos a interrogatório, deram o seguinte relato dos seus procedimentos: “Construímos, venerandos juízes, esta pequena e funesta mesa que vedes, à semelhança do tripé de Delfos, com madeira de loureiro e com solenes auspícios.

Depois de devidamente consagrada por murmúrios de encantamentos secretos e múltiplas manipulações prolongadas, conseguimos finalmente fazê-la mover-se. Agora, sempre que a consultávamos acerca de segredos, o processo para a fazer mover era o seguinte: era colocada no centro de uma casa previamente purificada com incenso árabe em todos os lados; um prato redondo, composto de várias substâncias metálicas, era, com as necessárias purificações, colocado sobre ela.

Na borda circular deste prato estavam gravados com grande arte os vinte e quatro caracteres do alfabeto, dispostos a intervalos iguais, que haviam sido medidos com perfeita precisão.

Uma pessoa vestida com roupas de linho, também de chinelos de linho, com um turbante leve enrolado na cabeça e trazendo nas mãos ramos de louro sagrado, tendo propiciado a divindade que dá as respostas em certas formas prescritas de invocação, de acordo com as regras da ciência cerimonial, coloca este prato sobre o tripé, equilibrando sobre ele um anel suspenso preso à extremidade de um fio de linho muito fino, que também já teria passado por uma iniciação mística.

Este anel, lançando-se e tocando a intervalos distantes as letras específicas que o atraem, forma versos heroicos, de acordo com as perguntas feitas, tão completos em forma e medida como os proferidos pela Pítia ou pelos oráculos dos Bránquidas.

Enquanto estávamos, naquele momento e local, a perguntar quem sucederia ao atual imperador, visto que se declarava que ele seria uma personagem terminada em todos os aspetos, o anel, lançando-se, tocou nas sílabas ΘΕΟ, com a adição final da letra A (formando Theod). Alguém presente exclamou que Theodorus fora anunciado como designado pelo destino. E não prosseguimos mais com as nossas indagações, pois todos ficámos convencidos de que Theodorus era a pessoa por quem perguntávamos.

Theodorus era um homem muito popular pelas suas virtudes e talentos e, com base nisto, Valente, no seu receio ciumento, mandou-o executar. Mas a pessoa que realmente sucedeu foi Teodósio, cujas letras do nome eram as mesmas, tanto quanto os espiritualistas as tinham lido pelo anel, como observa Gibbon ao referir este caso. Esta ocorrência é confirmada pelos primeiros historiadores da igreja, como Sócrates Escolástico, Sozómeno, etc., que acrescentam que Valente mandou matar muitos homens ilustres cujos nomes começavam por Theod, e ainda os filósofos pagãos por acréscimo.

É claro, portanto, que os nossos amigos americanos de hoje devem ceder a descoberta da conversação com espíritos através do alfabeto aos engenhosos gregos do século IV. Muitas vezes, os tripés nos templos oraculares tinham sido vistos a dançar sem ajuda aparente; mas creio que este é o primeiro caso da introdução do alfabeto em sessões espíritas, e prova que este método era bem conhecido entre os romanos mais tardios.

Não deveríamos fechar este capítulo sem mencionar a crença universal dos romanos de que cada casa e cada cidade — até cada nação — tinha o seu

Lar, ou Penate — no plural Penates —, o seu Lémure, ou espírito guardião. Também possuíam Lares Marinhos, que presidiam ao mar e aos que nele navegavam. Plauto representa o Lar como hereditário:

CAPÍTULO XVI

A MOSTRAR QUE EM TODAS ESTAS NAÇÕES A MESMA FÉ E OS MESMOS FENÓMENOS SUBSISTEM ATÉ HOJE

O capricho e a efervescência são as características da opinião humana; a estabilidade e a eternidade são as das leis de Deus. Como Ele próprio, são as mesmas ontem, hoje e para sempre.

IRENÉU

Percorremos agora todas as grandes nações da antiguidade, e em todo o lado encontrámos a mais profunda crença na ação dos espíritos invisíveis, guiando o destino do homem e revelando, por videntes, por oráculos, por Pítias, por Sibilas, por sonhos e diagnósticos augurais, vislumbres dos acontecimentos que o aguardavam. Em todo o lado, a alma humana reconheceu o impacto da alma em vida desencarnada e, como Tisbe, escutou através da parede quebrada da carne os sussurros do próximo mas invisível Píramo.

É verdade que, em todas as terras e eras, houve uma pequena parcela da raça carente de visão e audição espirituais, tal como houve outros deficientes nos órgãos correspondentes exteriores. Houve os cegos e os surdos, física e espiritualmente. Mas a cegueira e a surdez, sejam psíquicas ou orgânicas, foram condição não da raça, mas dos deficientes da raça; no dizer popular, ‘não estavam bem’. Quer estes infelizes tenham sido chamados Saduceus, Pirronistas, céticos, ateus ou racionalistas, sempre foram poucos até ao nosso tempo, quando

O protestantismo, que Goethe representou na figura de Mefistófeles, o princípio da negação, produziu estes filhos surdos, mudos e paralíticos em alarmante prole:

> Mefistófeles:
> Ich bin der Geist der stets verneint.
> Sou o espírito que sempre nega.

Tal não foi o caso antigamente. Mas, diz o Dr. Ennemoser, ‘Agora há falsos críticos que, como falsos profetas, preferem acusar todo o mundo antigo de loucura e fraude, do que confessar que não sabem lidar com factos inegáveis, e que, com os seus próprios estatutos e fantasias tolas, ficam

muito aquém da prudente simplicidade antiga, que ensinava a harmonia e uma correspondência regular entre o mundo visível e invisível; que é, de facto, pouco reconhecida porque, além do brilho claro do olhar exterior, exige certa unção do olhar interior, enquanto o mero στοιχεῖα τοῦ κόσμου não contém a substância e a origem das coisas.' Acrescenta ainda: 'há assim chamados filósofos que não admitem milagres e que passam a vida sem acreditar em nada — nem mesmo no que veem, sobretudo se não o compreendem. O mais espantoso é que o próprio cérebro deles não lhes é um milagre.'

Mas toda a história mostra que estes homens são os abortos da humanidade. Cada época e cada nação é, no geral, fiel aos instintos da eternidade. Poderia ter prolongado as provas deste facto na Antiguidade por numerosos e volumosos tomos. Poderia ter-me estendido a nações de menor relevo, mas o resultado seria o mesmo. Tácito encontrou crença espiritual em Velleda, e noutras Alrunes ou profetisas entre os Germanos; o mesmo sucedia com os druidas da Gália e da Britânia, entre os citas segundo Suidas; e, se agora olharmos para os descendentes destas grandes nações, vemos que ainda mantêm firmemente a grande verdade da comunhão espiritual, apesar das filosofias mefistofélicas dos nossos dias.

Durante quase dois mil anos, sãos de coração e intelecto, mantiveram esta fé. Ela subsiste ainda, em força e fraqueza, no bem e no mal, nas suas formas mais elevadas e mais baixas, exaltada como culto, degradada como feitiçaria. Ainda o Espiritualismo, embora em muitos casos seja atuado por espíritos de ordem indiferente ou terrena, permanece. Em muitos sítios mudou os objetos da fé, mas a fé na vida e motricidade invisíveis, em principados, potestades e poderes espirituais, colaboradores e instrutores, é a mesma.

Grécia e Roma abandonaram os seus deuses antigos, mas, através das vastas regiões do seu domínio, mantêm firme a crença na herança miraculosa da cristandade. No imenso Oriente, seja Maomé, Brama, Buda ou Zoroastro a ditar o credo, a crença no fundamento miraculoso da sua religião é inabalável, e os homens procuram, por profunda devoção e severa ascese, uma união espiritual com Deus, que os eleva ao invisível e os torna proprietários das suas maravilhosas atividades. Em todas estas regiões, o Espiritualismo, na sua forma menos exaltada — a magia — é tão universal como a luz.

Pode dizer-se até que ali a magia corrompeu por completo a mente humana, pois tudo o que se baseia em influências baixas torna-se erva daninha e contagia onde devia elevar. Onde o maometismo prevalece, os seus seguidores imaginam a magia ilimitada nos seus poderes, e os

missionários contam que este é o obstáculo quase intransponível ao seu trabalho de conversão cristã.

Os milagres de Cristo são aceites de imediato como resultados de magia, e por isso, nada de extraordinário, não servindo como motivo para atribuir qualquer superioridade à sua fé sobre a própria. Não abrimos um livro de viagens a qualquer parte do Oriente sem encontrar evidências da magia omnipresente. Alguns dos exemplos mais marcantes foram reunidos pelo habilíssimo e industrioso autor que assina 'T. S.' na revista Spiritual Magazine (vol. ii., p. 107). Podem ali ser lidos, e mais extensamente nas obras ali referidas.

Contento-me aqui com uma breve narrativa dos mesmos. Os primeiros referem-se ao Egipto e já são familiares a muitos leitores pela obra de Joseph Wolff, 'Travels and Adventures', e na de Mr. Lane, 'Modern Egyptians'. Tenho diante de mim o próprio relato de Wolff, bem como o artigo de 'T. S.'.

Acrescentarei alguns detalhes. Wolff foi interrogado, no Egipto, se acreditava em magia. Respondeu que acreditava em tudo o que se encontra na Bíblia: magia, bruxas, feiticeiros, espíritos do ar, instigações do diabo e que este ainda pode entrar no céu para caluniar o homem, pois tudo isto está declarado como verdade na Bíblia.

Conta que jantava com o Sr. Salt no Cairo. Presentes estavam Bokhti, o cônsul-geral sueco, ateu e infiel; o Sr. Ross, de Rosstrevor, Irlanda, um cavalheiro de elevada reputação; Spurrier, um simpático cavalheiro inglês; e Carviglia, capitão de um navio mercante genovês — o único crente em magia ali, além de Wolff. Salt queixou-se de ter sido roubado de algumas colheres, facas e garfos de prata. Carviglia disse que era preciso chamar o mágico.

Salt e os outros riram-se, mas mandaram-no vir. Ele apareceu, prometendo voltar no dia seguinte ao meio-dia, pedindo que estivessem prontos uma mulher grávida ou um rapaz de sete anos. Bokhti, o infiel trocista, declarou que desmascararia o impostor e trouxe um rapaz que viera apenas há uma semana de Livorno, que nunca saíra de casa, não conhecia ninguém e só falava italiano. O mágico, aparecendo com uma grande taça na mão, deitou nela um líquido negro e mandou o rapaz estender as mãos. O rapaz, não sabendo árabe, não se mexeu, mas Wolff traduziu-lhe em italiano o que o mágico dizia, e o rapaz estendeu as mãos.

O mago pôs um pouco do líquido negro na palma, e perguntou-lhe se via alguma coisa. Depois de traduzido, o rapaz encolheu os ombros e respondeu, "Vedo niente!" — Não vejo nada. Isto repetiu-se duas vezes sem

efeito, mas à terceira o rapaz exclamou subitamente, “Io vedo un uomo!” — Vejo um homem! — perante o que todos se sobressaltaram e, diz Wolff, tremeram. Mais líquido negro foi deitado na mão, e ele gritou: “Io vedo un uomo con un capello!” — Vejo um homem com um chapéu! — e, após perguntas repetidas, descreveu de tal modo um criado de Salt que todos exclamaram, “Santini é o ladrão!”

O quarto de Santini foi revistado e os objetos roubados foram encontrados. Wolff diz que ninguém, a não ser o rapaz, via fosse o que fosse.

Mr. Lane, ouvindo falar deste episódio pelo Sr. Salt, quis testá-lo ele próprio e foi apresentado ao mágico, um xeque egípcio, que afirmava realizar prodígios pela mediação de espíritos. Todos conhecem o que se passou: um rapaz, escolhido de repente na rua de entre vários que brincavam, ao ser-lhe deitado o líquido preto na mão e o mágico murmurando palavras e queimando sucessivamente tiras de papel num braseiro, onde estavam inscritas figuras árabes, viu primeiro um homem a varrer, depois várias bandeiras trazidas, uma tenda armada, uma tropa de soldados chegando e acampando em torno da tenda do sultão; depois um touro trazido, morto e cozinhado; depois o sultão a chegar a cavalo, descrevendo a sua roupa, desmontando e tomando café, etc. Mais tarde, Mr. Lane pediu que chamassem Lord Nelson e o rapaz descreveu o grande almirante tanto pela sua aparência, como pelo traje e pelo braço único, a manga vazia presa à frente do casaco.

O rapaz, naturalmente, nada sabia sobre o Lord Nelson. Mais tarde descreveu um cavalheiro egípcio residente em Inglaterra, que tinha adoptado o traje inglês. Esta pessoa era há muito tempo inválida. O rapaz descreveu-o deitado num sofá, envolto em cobertores, pálido e em todos os aspetos com precisão. Mr. Lane dá outros exemplos igualmente notáveis. Kinglake, no seu ‘Eothen’, relata que não teve sucesso em obter tais resultados. Mas, o que é curioso, ofereceu uma quantia em dinheiro ao mágico para invocar o diabo, e este comprometeu-se a fazê-lo num determinado dia; o dia chegou, mas o mágico não — tinha morrido de cólera! Era considerado o principal mágico do Cairo.

Mrs. Poole, irmã de Mr. Lane, no seu livro ‘Englishwoman in Egypt’, escrito mais de dois anos depois, diz que o irmão julgava então ser capaz de explicar o mistério destas coisas, mas as suas explicações resumem-se a dizer que há perguntas sugestivas, bons palpites, e que o intérprete ajuda no processo. Toda a gente percebe que estas explicações nada esclarecem, pois, no caso das colheres de Mr. Salt, o rapaz tinha apenas Mr. Wolff como intérprete, e nada sabia de Santini, o ladrão que descreveu.

Mas M. Léon Delaborde comprou o segredo a Achmed, um mágico, e descobriu que estava ligado à física e ao magnetismo. Diz que conseguia produzir os mesmos resultados com rapazes que nada podiam saber sobre as pessoas e coisas que viam; e, apesar de conseguir produzi-los, não compreendia como. Os fenómenos eram obtidos por ele tanto no seu próprio quarto, ao ar livre, como numa barca no Nilo. “A exatidão e detalhe das descrições de pessoas, lugares e coisas não podiam ser fingidas.”

O Barão Dupont obteve os mesmos resultados em Paris através de pessoas escolhidas no momento da sua audiência: mas estas, ao contrário dos rapazes do Egipto, não se lembravam do que tinham visto depois de terminado o transe. Um cavalheiro inglês, citado na ‘Quarterly Review’ na sua recensão ao livro de Mr. Lane, testemunha a ausência de qualquer conluio entre os mágicos e os rapazes escolhidos como médiuns. Diz que só quem pouco ou nada sabe destas coisas pensa que podem ser facilmente explicadas. Distingue estes mágicos da multidão de habilidosos ilusionistas que abundam no Egipto, e diz que eles não atuam por dinheiro, e o que empregou era médico ligado ao tribunal do Cadhi. Acrescenta que, numa ocasião, M. Delaborde pediu pelo ‘Duc de la Riviére’.

O rapaz disse que um cavass tinha ido buscá-lo, e ele apareceu em uniforme, com galão de prata no colarinho, punhos e chapéu. M. Delaborde disse ser extraordinário, pois M. de la Riviére era o único oficial em França cujo uniforme era decorado com galão de prata. Era o uniforme do grande veneur. Perguntaram ao rapaz como sabia que o sultão — pois assim era representado — tinha mandado chamar M. de la Riviére, e ele respondeu que viu os lábios do sultão mexerem-se e ouviu as palavras no ouvido.

Trouxeram um rapaz núbio e alguém do grupo pediu por Shakespeare. O rapaz desatou a rir-se e disse: “Aqui está um homem que tem barba no lábio e não no queixo; e usa na cabeça um candeel (um candeeiro de vidro em forma de copo com o fundo estreito) virado ao contrário.” Outro perguntou: “Onde vivia ele?” E respondeu: “Numa ilha.”

Mr. Salt, Dr. Wolff, Lord Prudhoe, Major Felix e outros submeteram o Xeque a longos e rigorosos exames, concluindo todos que o que ocorria na sua presença era realizado por poder sobrenatural. Miss Martineau, tal como outros — como sucede frequentemente em sessões clarividentes e espiritualistas —, fracassou; mas tomou o lugar do rapaz e logo sentiu tais influências a actuarem sobre si, e tais figuras a passarem diante dos seus olhos, que interrompeu a operação, concluindo tratar-se de mesmerismo, sobre o qual não pode haver dúvida, pois em todos os desenvolvimentos espirituais o mesmerismo tem o seu papel.

Mr. Lane refere que a magia, no Egipto, divide-se em dois tipos — ‘il’wee ou alta, soof’lee ou baixa; a primeira crê-se depender da ação de Deus e de bons espíritos, a segunda do diabo e de maus espíritos, ou génios descrentes. Mr. Lane dá este exemplo do poder de Abóo Roo-oo’s, um mágico de grande renome do tipo santo: Um dos meus amigos muçulmanos mais sensatos no Cairo contou-me que certa vez visitou Abóo Roo-oo’s em Desook, acompanhado pelo Xeque El-Emeér, filho do Xeque El-Emeér El-Kebeer, Xeque da seita dos Malekitas.

O companheiro pediu ao anfitrião uma prova da sua habilidade mágica; e este acedeu. “Que nos sirvam café,” disse o Xeque El-Emeér, “no conjunto de chávenas e copos do meu pai, que estão no Cairo.” Esperaram alguns minutos e o café foi servido; e o Xeque El-Emeér olhou para as chávenas e copos, dizendo serem certamente do seu pai. Depois serviram-lhe xarope nas que ele próprio reconheceu como sendo as jarras do seu pai.

Escreveu então uma carta ao pai e entregou-a a Abóo Roo-oo’s, pedindo-lhe que conseguisse uma resposta. O mágico pegou na carta, colocou-a atrás de uma almofada do divã, e passados poucos minutos, ao tirar a almofada, mostrou que a carta tinha desaparecido e que outra estava no seu lugar. O Xeque El-Emeér pegou na carta, abriu-a e leu-a; e encontrou nela, numa caligrafia que, disse, podia jurar ser a do pai, uma resposta completa ao que escrevera, e um relato do estado da família, que comprovou, ao regressar ao Cairo dias depois, ser totalmente verdadeiro.

Temos garantido, por quem conhece bem os árabes, que a sua crença nos génios, bons e maus, e no seu contacto com os homens, é fielmente descrita nas ‘Mil e Uma Noites’. Não mudaram absolutamente nada de opinião sobre isto. Quanto aos éfreets, ou espíritos terrenais, parecem abundar tanto no Oriente como cá. Mrs. Poole, na sua ‘Woman in Egypt’, relata-nos um caso extraordinário que ocorreu consigo e com o irmão, Mr. Lane.

Diz não acreditar em fantasmas; mas se devemos acreditar no seu próprio relato — e ela diz que podemos inteiramente —, então em que crê ela? Alugaram uma casa aprazível no Cairo, mas ao fim de poucos dias ficaram muito perturbados por constantes batidas; e os criados começaram a abandoná-los. Duas criadas partiram quase de imediato. Diziam que a casa era assombrada por éfreets.

Eles próprios ficaram muito perturbados por essas batidas; e uma manhã, ouvindo uma discussão ruidosa entre os criados, exigiram saber o motivo e foram informados de que havia um diabo no banho; que ninguém conseguia viver naquela casa há muito tempo por causa daquele diabo; apenas uma

pessoa, que tinha soldados e escravos, conseguiu aguentar nove meses — para o resto, um mês era o máximo.

Esta era uma notícia animadora, e souberam então que um antigo inquilino da casa tinha assassinado um pobre comerciante que entrara no pátio, e dois escravos, sendo uma rapariga negra, no banho. O éfreet continuava a incomodá-los, marchando à volta da galeria que dava para os diferentes quartos como se estivesse de tamancos, batendo nas portas à medida que passava, como se fosse com um tijolo. Procuraram-no, mas não encontraram ninguém. Uma noite, um criado disparou sobre o éfreet e, durante algum tempo, houve sossego; mas recomeçou.

As batidas altas continuaram; pesados objetos pareciam cair sob a janela do quarto onde estavam sentados; ouviam-se pisadelas, como de tamancos, e pancadas nas portas e nas bilhas de água colocadas nas alcovas da galeria. Estes ruídos continuaram durante grande parte da noite, e os criados foram saindo uns após outros. Por fim, também eles foram obrigados a sair, e Mrs. Poole, ao escrever, referia que outras seis famílias entraram na casa e foram igualmente obrigadas a sair, tendo as janelas e loiça sido destruídas até de dia. Mrs. Poole, embora não dizendo acreditar em fantasmas, é obrigada a admitir que “é deveras estranho.” O mais estranho é que as pessoas possam testemunhar tais coisas e ainda assim duvidar da causa.

Por toda a Síria, outrora terra de maravilhosas manifestações divinas e de profetas inspirados, prevalece a mesma crença na agência espiritual e as provas extraordinárias dela, tal como no Egipto. Não preciso fazer mais do que remeter o leitor para um artigo na ‘Once a Week’ de Setembro de 1860. O autor é um inglês que passou seis meses entre os drusos do Monte Líbano. Informa-nos que este povo notável se divide em ‘Akkals’, ou iniciados, e ‘Djahils’, ou não iniciados.

Os Akkals, contudo, não vivem separados dos restantes, mas de resto vivem como os outros. Entre os Akkals mais famosos estava o Xeque Bechir, que mais tarde morreu na terrível revolta entre drusos e maronitas. O autor relata que um cavalheiro inglês, há muito residente no Líbano e cuja palavra merece plena confiança, lhe contou o seguinte:

Que vira o Xeque fazer com que um pau atravessasse sozinho a sala, e uma bilha vazia se deslocasse pela sala até uma cheia, e que a cheia avançasse ao seu encontro e lhe vertesse o conteúdo, regressando depois cada bilha ao seu lugar. A pedido desse cavalheiro, fez uma bilha cheia de água girar no chão sem que ninguém lhe tocasse, até a água dentro emitir um som de cantarolar como se estivesse a ferver. Podia fazer a bilha

mover-se ou parar à vontade, por certos movimentos das mãos e certas recitações.

Fê-lo, contudo, contrariado, porque tinha por regra não recorrer a poderes invisíveis senão para curar doenças. Garantiu a esse cavalheiro, quando questionado, que o seu poder dependia de agência espiritual. As suas curas, afirma o mesmo cavalheiro por experiência própria, eram notáveis, especialmente de epilepsia e loucura confirmada. Fazia-as apenas com passes mesméricos e repetindo encantamentos; ou, se à distância, enviava um cordel para o doente atar ao pulso, e a febre ou doença desaparecia.

A esposa de um parente do Xeque sofria de um tumor há três anos. Os médicos europeus em Beirute tudo tentaram sem sucesso, até que o Xeque foi consultado. Encerrou-se no quarto durante trinta dias, vivendo só de pão e água, antes de tentar a cura. Que médico europeu faria tal por um doente? Depois assumiu o caso e, fazendo vários passes sobre o corpo da mulher, esta ficou perfeitamente curada em cinco minutos. O inglês ouviu o relato do próprio marido da mulher.

Mas o que mais me surpreendeu acerca do Xeque foi a descrição singularmente exata que deu de países, cidades e até partes de cidades que nunca poderia ter visto — nunca tendo saído da Síria — e até de algumas sobre as quais mal podia ter lido.

Ele só sabe ler árabe, língua em que as obras de informação são muito limitadas, e o número de europeus com quem teve qualquer contacto pode contar-se pelos dedos das duas mãos. Além disso, nunca foi mais longe das suas montanhas natais do que Damasco ou Beirute, e mesmo assim só por curtos períodos e em longos intervalos. Pediu-me que indicasse algumas cidades onde tivesse vivido e que quisesse que ele me descrevesse.

Mencionei, entre outras, Londres, Edimburgo, Calcutá, Bombaim, Cabul, Candaar e Constantinopla, cada uma das quais ele literalmente pintou em palavras, dando vida a cada uma, mencionando os vários tipos de veículos, o vestuário das diferentes pessoas, a variedade dos edifícios e as particularidades das ruas, com uma fidelidade que já seria um talento em quem as tivesse visitado, mas num homem que nunca as viu, era verdadeiramente maravilhoso.

Se passarmos para a Índia, o caso é idêntico. No país de Calano, o filósofo que, na sua pira funerária, disse a Alexandre da Macedónia que ao terceiro dia estaria com ele no mundo dos espíritos, a mesma clarividência espiritual, os mesmos poderes proféticos, subsistem ainda. Sejam seguidores de Brama, Buda ou Maomé, todos prestam homenagem ao

invisível e acreditam que está presente e ativo à nossa volta. A Índia, na crença religiosa, continua hoje a ser o que era há milhares de anos.

Os faquires, djogues e outros devotos procuram a mesma iluminação interior, gozam da mesma visão divina e relatam as mesmas maravilhas espirituais que os seus antecessores há séculos. Segundo Colebrooke, as condições filosóficas dos brâmanes são transmitidas de geração em geração, mantendo esta contemplação em plena atividade. Procuram aproximar-se da luz central de Brama e rezam para que aquele que ilumina os sete universos una as suas almas à sua.

Têm formas prescritas para fechar os sentidos exteriores e descer à grande cavidade do coração, onde arde a pequena chama de Atma — a alma. Por essa luz chegam a ver o próprio Brama, tornando-se assim Brama-Atma. Atma revela a forma de Brama numa luz cem vezes maior do que a do sol. Neste estado sublime tudo se lhes torna visível — o passado, o presente, o futuro. Não há dia nem noite, há apenas Atma: e Brama é tudo.

O mesmo é o ensinamento de Buda, que foi a nona encarnação de Vishnu; pela contemplação e rejeição do exterior o homem deve, por fim, ser absorvido na divindade, tornando-se um com ela. Como diz o Evangelho, o próprio Cristo deve, no fim, entregar tudo ao Pai, e Deus será tudo em todos.

Mesmo nas formas mais baixas de espiritualismo indiano, os hindus acreditam na ação direta dos espíritos. “Videntes de fantasmas e astrólogos”, diz Forbes, “são incontáveis na Índia, e milhões acreditam nos seus poderes sobrenaturais; muitos vagueiam como ciganos, mas alguns brâmanes usam os poderes proféticos com certa dignidade e modéstia.” Até os mágicos indianos são tidos como mantendo contacto com demónios; e embora muitos dos seus feitos sejam ilusionismo, noutros eles próprios afirmam precisar da ajuda dos espíritos, e depois de milhares de anos ninguém conseguiu ainda explicar alguns desses feitos por qualquer outro princípio.

Na ‘All the Year Round’, de 19 de Abril de 1862, um desses escritores que engolem camelos e coam mosquitos, que fazem os maiores esforços para evitar um facto simples de que não gostam, alude a estes mágicos indianos como prova de que tudo no mundo que o seu pobre cérebro não consegue compreender é ilusionismo. Admite que nunca se descobriu o modo de realizar tal ilusionismo. Se é descobrível, já era tempo; pois estas coisas realizam-se na Índia, perante o público, há milhares de anos. Limita-se a dizer, com satisfação, “É tudo truque! Puro truque!” Mas não o explica.

O único espanto é que não tenha incluído também os milagres de Cristo como truques engenhosos. Os maometanos dizem que eram simples magia, e é tão fácil para este falador afirmar que eram truques. Dizer é fácil, mas esperamos pela prova, e este escritor admite que teremos de esperar em vão. Pois bem, um mágico indiano aparece numa praça pública. Está tão nu como Adão, salvo um pano justo em volta dos rins. Tem na mão um cesto leve e alto. Olhamos para dentro — está completamente vazio.

À volta da praça está um regimento de soldados alinhados. O mágico aponta para o chão, onde não há nada senão terra. Pode examiná-la quanto quiser; cavar, se desejar. Ele coloca o cesto sobre o solo e, com alguns gestos e uns “wuff! wuff!” ou sons parecidos, levanta o cesto e, eis que algo está a brotar da terra. Pode ser um feijão, uma manga ou um ananás. De vez em quando volta a pôr o cesto, repete os gestos e as palavras, e cada vez que o levanta a planta cresceu rapidamente. Assim, em muito pouco tempo, cresce, floresce, frutifica, o fruto amadurece e come-se. Falo do que milhares já testemunharam; e do que amigos em quem confio viram e provaram.

O tal escritor dos camelos e mosquitos diz que é só ilusionismo; mas nunca foi explicado e não pode ser explicado! Com que base, então, diz que é só truque? Os próprios mágicos afirmam precisar de auxílio dos espíritos. O feito de Houdin em Saint Cloud, que cita, ou foi feito por grande preparação prévia e conluio dos membros do palácio, ou não foi apenas ilusionismo. Enviar vários lenços para fora de uma sala, na presença de testemunhas, para o jardim do palácio, introduzi-los na tina de uma laranjeira guardada por funcionários, numa velha arca de ferro, e debaixo da raiz da árvore, exige algo mais do que o mais hábil ilusionismo.

O escritor dos camelos e mosquitos poderia bem dizer-nos que o faquir enterrado em Lahore em 1837 durante seis semanas, numa arca fechada, suspensa numa cripta para as térmitas não o comerem, e assim sepultado, e desenterrado depois, na presença de oficiais britânicos, manteve-se vivo graças ao ilusionismo. O capitão Osborne, que, com outros oficiais, viu o homem ser fechado e o selo e fechadura de Runjeet Singh serem postos na tumba; e Sir Claude Wade, que assistiu à abertura, em que o selo estava intacto, a fechadura forçada, nem a argamassa até à fechadura mexida; que viu o caixão aberto e o corpo rígido e magro do homem ser ressuscitado por cuidadoso processo, relataram todo o caso, que se pode encontrar no livro do capitão Osborne e no de Dr. Braid sobre o transe.

Casos assim de sepultamento ocorreram frequentemente na Índia; a tumba, enterrada no solo, era coberta de terra, semeada de cevada, a cevada

crescia e era colhida antes de a tumba ser reaberta. Para este escritor facilmente satisfeito, quando lhe convém, bastaria dizer: “mero truque!”

Mas ele, como outros pensadores do género, que se sentam sempre com ar trocista num dos cornos do dilema, esquece as dezenas de milhares de casos em que ocorreram — e ainda ocorrem — os mais maravilhosos fenómenos espirituais em famílias privadas e entre amigos que não são ilusionistas nem prestidigitadores; que não saberiam explicar ou executar nem o menor dos truques de Houdin, Robin ou Frikell, mas que diariamente testemunham coisas bem mais surpreendentes e moralmente satisfatórias.

Ter truques diários em milhares de famílias honestas e pouco artísticas, sem ilusionistas, é um feito para lá de Houdin — ou deste escritor astuto, que rejeita o Espiritualismo, mas acredita em velhas baladas, como o Carvalho de Ashwell Thorpe no tempo de Sir Thomas Knevet, ou Jack-o-Matador-de-Gigantes, como factos.

Todos nós já vimos mais ilusionismo do que conseguimos explicar; mas quando fenómenos ocorrem sem qualquer ilusionista e espíritos que se anunciam, e por vezes se mostram, trazem notícias do mundo invisível e de amigos há muito lá idos, que a nossa consciência secreta atesta que só podem ser verdade, que assentam em factos conhecidos apenas por nós, e que produzem grandes e bons efeitos que ilusionismo algum, por perfeito que seja, nunca realiza — não é preciso mágico algum para perceber a enorme diferença entre as duas coisas. Voltemos aos indianos.

Tão notáveis quanto os casos referidos são as profecias que os brâmanes mais respeitáveis às vezes fazem. O espaço não me permite citar mais do que uma destas profecias, e escolho a seguinte das ‘Oriental Memoirs’ de Forbes, Londres, 1813.

Quando Forbes chegou a Bombaim, em 1766, havia três partidos no governo. À frente de um estava Spencer, de outro Crommelin; o terceiro era liderado por Mr. Hodges, de quem se dizia ter sido injustamente afastado do governo. Por isso, Hodges escreveu uma carta violenta ao governador e ao conselho, e, recusando-se a retratar-se, foi afastado do cargo em Surat, chamado a Bombaim e demitido do serviço da Companhia. O governo de Bombaim enviou um relatório desses factos para Inglaterra. Mr. Forbes continua assim:

“Um brâmane, em jovem, tinha travado conhecimento com Hodges. Era pouco conhecido dos ingleses, mas muito célebre entre os hindus, pelo menos na costa oeste da Índia. Creio que Hodges se tornou seu amigo quando era residente inglês em Bombaim. Ambos se tornaram tão íntimos quanto a diferença de religião e casta permitia.

O brâmane, homem íntegro, aconselhava muitas vezes o amigo a nunca se afastar do caminho da virtude, que o levaria ao sucesso, à honra e à felicidade eterna. Para reforçar o conselho, assegurou-lhe que subiria do posto que ocupava em Bombaim para funções mais elevadas no serviço da Companhia; depois disso, seria coletor em Tellicherry e Surat, e por fim, governador de Bombaim.

“Mr. Hodges mencionou estas profecias aos amigos, mas não lhes deu grande atenção. Só quando foi gradualmente ascendendo a esses postos de honra começou a confiar mais no brâmane, sobretudo quando foi nomeado coletor de Surat. Mas, com o tempo, Spencer foi nomeado governador e Hodges demitido do serviço da Companhia. Enviou então ao profeta, que nessa altura vivia em Bulpara, uma aldeia sagrada nas margens do Tapti. O brâmane foi ter com Hodges e escutou o desfecho desagradável das suas esperanças e esforços.”

Hodges terminou dizendo que iria partir para a Europa e, por isso, não esperava o brilhante cumprimento das promessas do brâmane. Diz-se até que deixou escapar algumas críticas durante a conversa, por causa dessas profecias enganadoras. O brâmane ouviu tudo com a maior serenidade, sem mover um músculo, e disse: “Vê esta antecâmara e aquele quarto a que ela conduz. O Sr. Spencer chegou ao pórtico, mas não entrará no palácio — colocou o pé no limiar, mas não entrará em casa. Apesar de todas as aparências em contrário, serás tu a alcançar as honras e a ocupar o alto cargo que te predisse, e para o qual ele foi nomeado. Uma nuvem negra paira sobre ele.”

Esta surpreendente profecia foi rapidamente conhecida em Surat e Bombaim; foi tema de conversa em toda a sociedade. No entanto, Hodges tinha tão pouca confiança nela que se preparava para iniciar a viagem de regresso. Entretanto, porém, as comunicações de Bombaim chegaram e foi recebida uma resposta com invulgar rapidez. O Conselho de Diretores condenou os atos de Spencer como Governador de Bengala, revogou a sua nomeação para o governo de Bombaim, demitiu-o do serviço da Companhia e Hodges tornou-se Governador.

A partir desse momento, o brâmane ganhou enorme influência sobre ele, e Hodges não empreendia nada importante sem antes consultar o amigo. Curiosamente, o brâmane nunca fez profecias para além do governo de Bombaim, e referia-se apenas ao regresso de Hodges a casa; mas era sabido que mantinha um misterioso silêncio sobre o tempo depois do ano de 1771. Hodges morreu subitamente na noite de 22 de Fevereiro de 1771.

Forbes relata um segundo caso das profecias deste brâmane a uma viúva que chorava a morte do filho. A profecia cumpriu-se literalmente. O terceiro

exemplo é o seguinte: poucos meses antes do meu regresso da Índia, chegou a Bombaim um cavalheiro, que viria a ocupar um alto cargo na Índia, acompanhado da esposa. Ambos eram jovens e tinham um filho. Ele deixou a mulher com um amigo e foi para Surat preparar a casa; ela devia juntar-se a ele pouco depois. Na véspera da partida para Surat, o amigo que os acolhia reuniu uma grande companhia, entre os quais o brâmane.

Este foi apresentado à companhia e, em tom de brincadeira, pediram-lhe que previsse o futuro do jovem casal recém-chegado da Europa. Para espanto de todos, especialmente da jovem senhora, o brâmane lançou-lhe um olhar de piedade e disse, após uma pausa impressionante, ao dono da casa, em hindustani: “A sua taça de felicidade está cheia, mas esvazia-se rapidamente. Resta um trago amargo, para o qual deve estar preparada.”

O marido escrevera que estaria em Surat com uma barca. Não estava, contudo, lá; em vez dele, apareceu um dos meus amigos com a notícia de que o marido estava gravemente doente. Quando ela chegou, ele sofria de um violento ataque de febre e morreu-lhe nos braços. Voltei no mesmo navio com a viúva. Durante a viagem teve lugar o aniversário da morte do marido.

Os Karens, uma vasta tribo que habita as montanhas do sul e leste da Birmânia propriamente dita, e as províncias de Tenasserim, estendendo-se até às regiões ocidentais do Sião e, para norte, aos Shyans, foram alvo de missionários baptistas americanos. O Reverendo Howard Malcolm e o Dr. Francis Mason, dois dos missionários que aí viveram tempo suficiente para os conhecerem bem, afirmam que o Espiritualismo é universal entre eles. Os únicos mestres religiosos que têm são uma espécie de profetas chamados Bokhoos, que predizem acontecimentos e são altamente venerados pelo povo.

Para além destes, há um grupo mais numeroso de feiticeiros chamados Wees, que afirmam curar doenças, conhecer os pensamentos dos homens e conversar com os espíritos. O Rev. Howard Malcolm elogia muito a honestidade e sinceridade deste povo. O Dr. Mason era muito contrário ao seu Espiritualismo, que, segundo ele, existe entre eles desde tempos imemoriais. Os Karens, diz ele, acreditam que os espíritos dos mortos vagueiam sempre pela terra. “Filhos e netos,” diziam os mais velhos, “os mortos estão entre nós. Nada nos separa deles senão um véu branco. Eles estão aqui, mas nós não os vemos.” Outros géneros de seres espirituais são também supostos habitar a terra, e alguns dotados (médiums, no linguajar moderno) têm olhos para ver o mundo espiritual e poder para comunicar com certos espíritos. Estes relatos são confirmados por outras fontes.

Entre os sábios residentes em Ghizni, durante o reinado de Mahmoud, estava Abu Rihan, enviado por Almanor de Bagdade, onde era quase tão venerado como Avicena. Além da metafísica e dialéctica, estudou profundamente o que agora se chamam artes mágicas. D'Herbelot relata um caso notável: um dia, Mahmoud mandou chamá-lo e ordenou-lhe que, perante uma terceira pessoa, deixasse escrito o modo exato como o monarca sairia da sala onde estava.

O papel foi depositado e o rei, em vez de sair por uma das muitas portas, mandou abrir uma brecha na parede por onde saiu; mas, para sua surpresa e humilhação, quando o papel foi examinado, lá estava descrito precisamente o local por onde o rei passaria. O príncipe, horrorizado, acusou então Rihan de feiticeiro e mandou atirá-lo imediatamente pela janela. A bárbara sentença foi logo executada, mas Rihan, que previra o acontecimento, tinha feito pôr uma almofada no local, caindo assim sem dano. Chamado novamente perante Mahmoud, foi-lhe pedido que dissesse se, com a sua arte, tinha previsto o sucedido naquele dia. O sábio pediu então os seus apontamentos, onde estavam rigorosamente preditos todos aqueles factos singulares.

Passando à China, encontramos ali igualmente ativo o antigo espiritualismo. Como os chineses sempre foram mais dados aos afazeres práticos do que à religião, apesar dos esforços e doutrinas de Lao-Tsé, Confúcio e Buda, cuja fé veio da Índia, o seu espiritualismo raramente é de ordem elevada. Desde as idades mais remotas, segundo Kircher e outros missionários, curam doenças pela imposição de mãos, pelo sopro sobre a zona afetada e, segundo Osbeck e Torceno, fortalecem os débeis por pressão suave de várias partes do corpo com as mãos.

São operações mesméricas, mas juntam-lhes consultas aos espíritos dos antepassados e recebem deles receitas e prescrições. Faz parte do dever do imperador observar os sonhos, os fenómenos naturais, eclipses e posições das estrelas, e então tornar-se oráculo público. Em todos os casos difíceis deve consultar o oráculo da Tartaruga ou a planta Tsche e agir em conformidade. Não tendo sacerdócio regular, estão mais dispostos a procurar informação junto dos espíritos dos antepassados.

M. Huc diz que os seguidores de Confúcio têm templos, capelas e oratórios dedicados aos espíritos dos seus antepassados e a Confúcio, com grandes tábuas de castanheiro inscritas com grandes caracteres, indicando que aquelas tábuas são os tronos ou assentos dos espíritos a quem são dedicadas. Dirigem-se ao espírito a quem pertence a tábua e assim informam os antepassados de tudo o que sucede aos descendentes. Os taoístas da China, Catay e outros países do Oriente têm sacerdotes e

sacerdotisas, que mantêm o celibato e praticam magia, astrologia e necromancia. Mr. Medwin confirma isto, dizendo que os seguidores do Tao acreditam em possessão demoníaca e dizem realizar maravilhas pela magia. Afirmam ter contacto e poder sobre os demónios do mundo invisível; outro autor refere que há um tipo de espírito chamado Wu-tung, que produz batidas nas casas e pode fazer aparecer chamas.

Mr. Newton, escritor americano no 'New England Spiritualist', diz que há alguns anos o espírito de um chinês se apresentou repetidamente num círculo espiritual em Boston, felicitando-os por poderem prosseguir os seus estudos do mundo dos espíritos em segurança, o que não era possível no seu país de origem. Disse que as investigações espirituais eram ali antiquíssimas, mas que, ultimamente, espíritos mais elevados tinham vindo para iluminar os seus compatriotas, dar-lhes uma religião mais pura e um governo mais livre.

Isso provocou a oposição das classes dominantes, que mataram os investigadores, ele incluído. Anunciou uma rebelião como tendo eclodido, e isto duas semanas antes de a notícia da rebelião chegar à América. Mas talvez o Dr. Macgowan, através do 'North China Herald' e por palestras neste país, tenha lançado mais luz sobre o espiritualismo chinês atual. Segundo ele, a rotação de mesas era frequente entre eles, com a mesa virada ao contrário e rapazes pousando as mãos sobre as pernas.

Para permitir que a mesa se movesse livremente, era colocada sobre dois pauzinhos cruzados em cima de uma argamassa ou tigela. Obtinha-se escrita através de uma espécie de planchette rudimentar feita de um cesto virado para baixo, com um junco ou estilete atravessado, de modo a escrever quando a planchette se movia, sobre areia, pó ou farinha espalhada numa mesa. Invocava-se então o espírito, e quase sempre com sucesso: o cesto movia-se rapidamente, descansando nas pontas dos dedos de dois rapazes, e escrevia comunicações perfeitamente compreensíveis.

O Dr. Macgowan diz que este costume era amplamente praticado quando chegou a Ningpo em 1843, e era o ressurgimento de uma velha tradição. Um clube de licenciados reunia-se no Pau-teh-kwan, um templo taoísta perto do templo de Confúcio, para praticar o Ki, como era chamado o ritual, e eram muitas e maravilhosas as revelações que diziam obter.

Foram obrigados a suspender a prática por ordem de um intendente, sob o pretexto de que estas comunicações com os Kwei, ou espíritos, podiam trazer males. A razão disso logo se tornou evidente. Um tal Sr. Li, da aldeia de Manthan, perto de Ningpo, era muito consultado. Dava prescrições recebidas dos Kwei, que, segundo Dr. Macgowan, eram tidas por bastante

adequadas; mas também anunciou, por meio dos espíritos, um novo pretendente ao trono. Três dos participantes da invocação foram presos e decapitados; Li conseguiu fugir, mas foi obrigado a esconder-se. Isto confirma plenamente o que o espírito chinês anunciara na América, antecipando as notícias vindas pelo correio. Inicialmente, as comunicações desse espírito foram recebidas com incredulidade, mas, segundo Mr. Newton, verificou-se com o tempo que estavam perfeitamente de acordo com os acontecimentos depois relatados nos jornais sobre uma revolução na China, bem como as torturas e mortes infligidas aos envolvidos.

M. Huc refere também que, no século XIII, Rubruk, o embaixador francês junto do Cã da Tartária, testemunhou magia feita com pancadas numa mesa. Isto era realizado pelo adivinho, chamado devido à doença da mãe do Cã. Ele relata que as pancadas e as mesas giratórias eram então familiares aos mongóis nas estepes da Tartária, e que os adivinhos frequentemente consultavam os espíritos através do som do tamborim.

Dr. Brownson diz que, na Cochinchina, é costume convidar os génios tutelares das cidades e aldeias para participarem em jogos nas festas públicas, dando estes provas visíveis da sua presença e força. Conta que viu uma longa barca pesada com oito bancos de remos ser empurrada pelos espíritos pelo chão de um grande salão, sem qualquer água.

Poderíamos seguir manifestações semelhantes por todo o Extremo Oriente. Viajantes encontraram-nas na Cochinchina; no Tibete, M. Huc apresenta exemplos marcantes de espiritualismo entre os povos locais. Diz-se que o grande Lama reencarna sempre que um morre, sendo descoberto pelos sacerdotes por direção espiritual. Dá ainda outros exemplos de práticas espiritualistas. Já vimos também isso entre os xamãs siberianos, que usam substâncias narcóticas para obter clarividência, estado no qual relatam coisas notáveis, até de países distantes.

Isto faz lembrar a bebida Soma que os hindus usam para o mesmo fim. O mesmo se passa entre os Jakutes do Oriente e Ocidente, Samoiedas, Tunguzes, Búriatas, Katchinzes e outros povos do norte da Ásia (ver as ‘Viagens de Pallas’). Os lapões vaticinam do mesmo modo, passando, dizem, segundo Högström, para fora do corpo, entrando nos domínios dos mortos e conversando com eles. São tão facilmente excitáveis que muitas vezes entram em transe na igreja quando o pregador fala demasiado alto ou gesticula em excesso.

Os dervixes turcos veem visões após as suas danças giratórias. Da Europa e da Ásia poderíamos passar para África, pois a raça africana é especialmente sensível às influências espiritualistas, tendo levado consigo para a América e Índias Ocidentais a sua fé Obi. Amigos meus que

conviveram muito com os negros nos Estados do Sul encontraram-nos profundamente influenciados pelos espíritos, sendo muitas mulheres adivinhas das senhoras brancas.

Aqueles que os conhecem afirmam que os negros estão mais abertos a tais influências, tanto para o bem como para o mal, do que a raça branca; por isso se entregam com tanto ardor aos exercícios e entusiasmos religiosos. Quem quiser saber quais as práticas e crenças dos abissínios pode consultar as 'Viagens de Bruce' nesse país. No próximo capítulo darei um relato separado do espiritualismo antigo e moderno dos Índios Americanos, de norte a sul desse grande continente. Quem quiser ver o relato completo do espiritualismo dos lapões, antigo e moderno, pode consultar a tradução da 'História da Lapónia' de Scheffer, publicada em Londres em 1704.

A este volume juntam-se as viagens do Dr. Alof Rudbeck à Lapónia. Destes autores aprendemos que os lapões, desde tempos imemoriais, mantêm contacto familiar com espíritos. Olaus Magnus, Olaus Petri, Tornæus e outros antigos autores são citados. Os lapões consultam os seus espíritos através de um tambor mágico, coberto de peles com figuras hieroglíficas desenhadas. Possuem um anel ou pedaço de latão em forma de rã, que colocam na pele do tambor, batendo-lhe com um pequeno martelo. À medida que o latão dança sobre o tambor, observam as figuras que atravessa, interpretando assim as respostas. Depois da percussão, o mago cai, deita-se de bruços, põe o tambor nas costas da cabeça e adormece, dando nesse sono mensagens espirituais.

Por vezes, não usa tambor, mas salta e gira exatamente como os xamãs da Sibéria, caindo então em convulsões, tornando-se clarividente. Nesse estado, os lapões relatam acontecimentos distantes, veem aparições e visões, ditam curas e predizem acontecimentos futuros com surpreendente precisão. Tal como os chineses chamam Kwei aos seus espíritos, os lapões chamam-lhes Sveis. Nenhuma mulher pode tocar ou aproximar-se do tambor. Tal como Epiménides e Hermótino entre os gregos, ou Swedenborg, têm pessoas que dizem que o espírito abandona o corpo, ficando este como morto durante esse tempo e o rosto negro. Ficam por vezes assim vinte e quatro horas, ou mesmo dias.

Dizem possuir poder sobre os ventos, e os oficiais enviados numa expedição ao norte por Frederico III da Dinamarca em 1647 deixaram um relato extraordinário da compra de um vento aos lapões. Onde, afinal, não encontramos vestígios desta grande lei da humanidade? Vive entre os esquimós do norte; está por toda a parte entre os aborígenes australianos. O australiano nativo não sai à noite porque o Dibble-Dibble anda à solta. Como os seus irmãos humanos mais elevados ou mais humildes, sente a

proximidade do mundo dos espíritos; e não é filósofo ao ponto de negar o instinto universal da natureza.

Com o seu espírito, toca o espírito dos mortos e, receando encontrá-lo de forma súbita nas suas travessias solitárias pela floresta, nunca mais pronuncia o nome do morto; e, se esse nome for homónimo de qualquer palavra da língua — como Fox, Wolf ou Smith entre nós — elimina essa palavra da língua, inventando outra nova.

Em muitos destes países o espiritualismo desceu ao mais baixo nível, reduzindo-se a mera magia e necromancia, mas mesmo estas são espiritualismo, embora desacreditado.

Movem-se por um poder espiritual tão real, ainda que não tão puro e elevado, como nas suas formas mais altas e sagradas. Tal como o poder da vida se manifesta tanto na saúde como na doença — continua a ser vida, seja normal ou anormal. Nas manifestações mais baixas, como entre australianos e negros, a lei eterna continua a operar, mesmo sob montanhas de detritos.

Ó, força sagrada da verdade eterna e inextinguível na simplicidade da natureza, que vive por todo o universo, como vive o fogo elétrico, ainda que pareça adormecer à nossa volta, ora despertando numa faísca, ora numa trovoada; ainda que nos seus movimentos mais ténues seja reconhecida por todos os homens, todas as idades, todos os credos — negada apenas pelo filósofo que, além dos instintos que todos perdemos, perdeu também este — uma cegueira causada por excesso de luz, a oftalmia das escolas.

Despedindo-nos aqui do mundo pagão, com toda a sua confusão de deuses, ora a fundirem-se uns nos outros, ora a ramificarem-se interminavelmente, podemos, na passagem seguinte do Vishnu Purána, mostrar — como tantas vezes vimos afirmado pelos filósofos pagãos — que toda a raça desses deuses não passava de diversas forças da natureza divinizadas:

“Adoro-o, o primeiro dos deuses, Purushottama, que não tem fim nem princípio, sem crescimento nem decadência, sem morte; que é substância sem mudança. Adoro esse espírito inesgotável que assumiu qualidades sensíveis; que, sendo um, se fez muitos; que, sendo puro, se tornou como impuro, aparecendo em tantas formas; que é dotado de sabedoria divina e é o autor da preservação de todas as criaturas.

Adoro-o, que é a essência conjunta e objeto tanto da sabedoria meditativa como da virtude ativa. Adoro constantemente aquele que é chamado céu, ar, fogo, água, terra e éter; que concede todos os objetos que dão satisfação aos sentidos; que beneficia a humanidade com os instrumentos

da fruição; que é percetível, subtil, impercetível. Que esse Hari não nascido e eterno, de forma múltipla e essência feita de natureza e espírito, conceda a toda a humanidade o estado bendito que não conhece nascimento nem decadência.” (p. 665)

Isto é uma exposição impressionante da mais elevada ideia do paganismo. Como diz Dean Trench, embora o Paraíso se tivesse perdido, o homem guardou na alma a memória do que foi, e com a memória a confiança e esperança de que voltaria a ser; que, talvez, embora os olhos não o vissem em lado nenhum, não se tivesse perdido totalmente da terra. Se nenhum Paraíso florescia no presente, ao menos havia um no passado e outro no futuro. Se não estava próximo, ao menos estava à distância — no feliz Irão, entre os remotos Hiperbóreos, na terra dos bem-aventurados Etíopes.

No entanto, nas palavras do mesmo autor, “cada uma das grandes divisões do mundo gentio possuía apenas um fragmento, mesmo em pensamento, da verdade; o mundo grego, a exaltação da humanidade; o oriental, as gloriosas humilhações da divindade; e assim cada um deles, mesmo enquanto especulação, estava mutilado e imperfeito.” (Unconscious Prophecies of Heathendom, 58)

Só no Evangelho se encontra o perfeito todo, e, no capítulo seguinte, chegaremos à época do Evangelho. No próximo capítulo devemos observar mais particularmente o espiritualismo que permaneceu entre os aborígenes da América até ao presente; pois exige um capítulo próprio.

CAPÍTULO XVII
O SOBRENATURAL ENTRE OS ÍNDIOS AMERICANOS

«Se recuares à época natural primordial, em que ainda não havia a chamada cultura a encobrir a vida interior, à história do Antigo Testamento, ou mesmo se fores agora até onde foi o berço da humanidade, como ao Oriente, verás aí ainda vestígios que testemunham o mesmo tipo de vida interior em povos inteiros, que aqui julgamos observar apenas como doença em alguns indivíduos.» — DR. JUSTINUS KERNER

Vejamos agora um vislumbre do sobrenatural entre os aborígenes do Novo Mundo; pois é e tem sido, há séculos, aí predominante. Todas as tradições dos índios americanos descrevem os seus antepassados como vindos do noroeste. Vieram da Ásia, atravessando as suas regiões nordeste e descendo até à América algures perto do Estreito de Bering.

Trouxeram consigo características orientais, tanto físicas como mentais. Muitos ficaram tão impressionados com a semelhança aos judeus, não só

nos traços, mas também nos costumes e tradições, que supuseram tratar-se das Dez Tribos Perdidas. William Penn ficou tão impressionado com essa semelhança que dizia lembrar-lhe constantemente rostos da Monmouth Street. Elias Boudinot escreveu uma obra volumosa para provar a hipótese de que as Dez Tribos Perdidas foram encontradas na América.

Mostrou que os índios norte-americanos tinham tradições sobre a criação de um primeiro casal humano; sobre Deus andar com eles no seu estado de inocência; sobre a queda; sobre o dilúvio; sobre a lei dada do céu em meio a trovões e relâmpagos. Em algumas tribos, tinham uma arca que transportavam consigo; celebravam as festas das luas novas e outros costumes; e possuíam tão clara noção da espiritualidade de Deus que, enquanto outros povos pagãos tinham ídolos, eles não permitiam que se fizesse qualquer imagem Dele.

Tudo isto são coincidências curiosas, pelo menos; mas como se tem imaginado encontrar as Dez Tribos em tantos lugares, especialmente na Índia — como Mr. George Moore e o Dr. Thorne tentam agora, com muita erudição, provar que nós, as tribos saxónicas, também somos as Dez Tribos Perdidas e, por isso, o nosso grande destino — deixo essa questão e limito-me a afirmar o que parece inquestionável: os aborígenes americanos são um povo do Oriente que trouxe consigo as mais antigas tradições orientais.

A sua tendência hereditária é tão forte que continuam a situar o seu céu a Oeste. Dizem que os espíritos seguem o sol. Trouxeram toda a espiritualidade antiga consigo e ainda a conservam, embora esbatida e corrompida, mas ainda forte e extraordinária. Têm os seus profetas, ou homens-medicina; os seus sonhos e sessões; a sua firme convicção nas visitas de bons e maus espíritos.

Se esta descrição dos nativos americanos, do norte e do sul, parece demasiado lisonjeira àqueles que só conheceram as tribos já diminuídas e degradadas pelo contacto com os vícios e a sensualidade dos invasores brancos, basta recorrer aos relatos daqueles que os viram ainda no seu esplendor, quando os espanhóis ali chegaram — Colombo, Herrera, Oviedo, Gomara, e até Cortez e seus companheiros; ou às palavras de Peter Martyr:

Dryades formosissimas, aut nativas fontium nymphas, de quibus fabulatur antiquitas, se vidisse arbitrati sunt.

“As suas formas”, continua o mesmo autor, “eram leves e graciosas, embora morenas pelo calor do sol; os seus cabelos, pendendo em longas tranças negras pelos ombros, ao contrário da lã crespa dos africanos, eram artisticamente entrançados. Alguns estavam pintados e armados com um

arco leve ou uma lança de pesca; mas os rostos eram de uma gentileza e bondade transbordantes."

Tal era a opinião do índio norte-americano segundo West, o pintor, que via nele a imagem do Apolo de Belvedere. O mesmo diz o Capitão, depois Sir George Head, sobre os nativos do Brasil e do Chile. Nos seus 'Rough Notes' diz: "São dos homens mais robustos que existem, considerando as circunstâncias em que vivem. Quanto à força, que nos ensinaram ser deficiente, vi-os nas minas a usar ferramentas que os nossos mineiros declaravam não ter força para manejar, e a transportar cargas que nenhum homem em Inglaterra conseguiria suportar."

Estas são as raças que os europeus procuraram exterminar tanto quanto possível, como se fossem inferiores. Sobre as suas qualidades morais, todas as descobertas testemunham serem muito mais honrados, hospitaleiros e bondosos do que os chamados opressores cristãos. O próprio Colombo exclama: "Este país supera todos os outros tanto quanto o dia supera a noite em esplendor. Quanto ao povo, amam o próximo como a si mesmos; a sua conversa é a mais doce que se possa imaginar; os seus rostos estão sempre a sorrir, e são tão gentis e afetuosos que juro a Vossa Alteza não haver no mundo povo melhor."

Uma vez, ao contemplar a costa sul-americana, quente nos seus tons tropicais, com as palmeiras plumosas a acenarem-nos das colinas, não pude deixar de pensar, com profunda tristeza, nesse grande mistério da Providência que manteve esta raça simples escondida durante séculos do resto do mundo, para de repente ser exposta às hordas da Europa, ávidas de ouro.

Muito falaram do Mar do Sul
E da gloriosa cidade conquistada,
Perto do pôr do sol;
Envolta num lago de prata;
De sete reis em cadeias de ouro,
E feitos de morte nunca contados em voz alta:
Feitos que ali se sussurravam em segredo
Fazendo tremer o confessor no seu lugar.

ROGERS

Ao vaguear pelos seus montes e plantações, deslumbrantes com as flores mais belas, sobre as quais voavam as magníficas borboletas azuis, grandes como a mão de um homem, entre as quais o camaleão verde-pálido se movia discretamente; ao atravessar os seus pomares de palmeiras e laranjeiras, os campos doces com ananás maduro, os matagais de bananas

a derreter, por cima dos quais se erguiam as imponentes árvores de coco e pão, a manga e a ata, e ver as crianças negras de África arrancadas ao seu país para substituir o trabalho de uma raça meio extinta, não pude deixar de me lembrar das palavras de Jeremias: “Ai de mim, minha mãe, que me deste à luz homem de contenda, homem de discórdia para toda a terra.”

Contudo, a terrível catástrofe da invasão e devastação já tinha sido, há séculos, revelada aos mexicanos por via espiritual. Pairava sobre eles, como uma enorme tristeza, há gerações. Entre os nativos da América, prevaleciam antigas profecias de que viria uma nova raça tomar o poder; e perante ela os povos americanos tremeriam e cederiam lugar.

Nas ilhas, no México e no Peru — por todo o lado — esta misteriosa tradição existia. Em todo o lado se esperava que esses terríveis vindos do nascente viriam completamente vestidos e devastariam tudo à sua passagem: circunstâncias inteiramente cumpridas pelos espanhóis, a ponto de o espírito dos americanos morrer ao simples rumor da sua aproximação, tal como sucedeu aos cananeus perante os israelitas, que vinham com o poder irresistível e os milagres terríveis de Deus. Durante séculos essas profecias pairaram sobre o espírito público, sendo cantadas em lamentos nas festas.

Cassiva, grande Cacique, declarou, após muito jejum e vigília, que um dos Zemi lhe tinha revelado esse acontecimento terrível. Estes Zemi eram espíritos que acreditavam serem mensageiros de Deus, e de quem, ao contrário dos índios norte-americanos, faziam pequenas imagens. Montezuma, apesar de naturalmente altivo e guerreiro, ao ver cumprir-se essa antiga profecia, perdeu toda a força de ânimo e mostrou apenas vacilação e fraqueza, enquanto Cortez, desafiando as suas ordens, avançava sobre a capital.

Quando ele e os seus companheiros apareceram às portas do México, os jovens exclamaram: “São deuses!” Mas os velhos abanaram a cabeça, dizendo: “São aqueles que estavam destinados a vir e reinar sobre nós.”

Clavigero relata os seguintes factos sobre Paranzin, irmã de Montezuma. Ela, aparentemente, morreu e foi sepultada, mas saiu do túmulo e regressou ao mundo. Disse: “No meu estado de morte encontrei-me no centro de uma grande planície, que se estendia mais do que conseguia ver. No meio, vi um caminho que, à distância, se dividia em vários trilhos. De um lado, um rio corria com um ruído terrível. Preparava-me para atravessá-lo a nado quando vi um belo jovem, vestido com uma túnica branca brilhante, que me pegou na mão e disse: ‘Espera! Ainda não chegou o tempo.

Deus ama-te, embora tu não saibas.' Levou-me então pela margem, onde vi muitos crânios e ossos humanos e ouvi lamentos. No rio, vi grandes navios cheios de homens de uma colónia estrangeira, vestidos de forma diferente. Eram belos e tinham barbas, elmos e bandeiras. 'É vontade de Deus', disse o jovem, 'que vivas e sejas testemunha das grandes mudanças que virão a este reino. Os lamentos vêm dos teus antepassados, que estão a expiar os seus pecados.

Os das naus, pelas armas, tornar-se-ão senhores deste reino; e com eles virá o conhecimento do único Deus verdadeiro. No fim da guerra, quando essa fé, que limpa de todo o pecado, for conhecida, tu serás a primeira a recebê-la e, pelo teu exemplo, incitarás outros a fazer o mesmo.'"

"Após estas palavras o jovem desapareceu e eu voltei à vida. Empurrei a pedra do sepulcro onde tinha sido colocada e voltei a estar entre os vivos." Diz-se que a princesa viveu muitos anos em retiro. Foi a primeira a ser batizada em Tlatlalolco, em 1524.

Quando os espanhóis precisaram de escravos para as minas de Hispaniola, aproveitaram-se da crença num paraíso para onde iam após a morte, para enganar os nativos das ilhas Lucayas. Diziam-lhes que tinham descoberto o paraíso dos seus amigos e antepassados e que vinham levá-los até lá nos seus navios. Que história é a das injustiças cometidas contra esta infeliz raça às mãos de pretensos cristãos! Mas passemos da história sombria para a tarefa mais agradável de notar como, apesar de tudo, se mantiveram fiéis aos dons e à natureza espiritual dos seus antepassados e, mesmo após uma experiência que teria bastado para obscurecer todos os céus e apagar-lhes toda a visão, continuam, mesmo entre muita escuridão e superstição, a guardar o seu parentesco com o invisível.

Kohl, o viajante alemão, ofereceu-nos um quadro completo da vida espiritual dos índios Ojibbeway na sua obra *Kitchi Gami; Wanderings round Lake Superior*. Ele descreve o modo de vida deles e entra em todos os seus sentimentos com uma simpatia honesta, que acredita em muito e, sem comentários, tolera ainda mais. Descreve os seus amuletos e sacos-medicina sem os ridicularizar, deixando-nos na dúvida se têm realmente os poderes que os seus donos lhes atribuem.

Aos seus sacos-medicina, que contêm uma variedade de coisas que nos parecem ninharias, atribuem eles grandes poderes espirituais. Têm sinais e amuletos escritos em casca de bétula, que acreditam — devidamente preparados pelo homem-medicina — possuir uma eficácia maravilhosa para garantir sucesso na caça, e considerariam pouco valiosas as suas armas e munições sem eles. Depositam toda a fé dos antigos hebreus nos sonhos,

buscando neles revelações em ocasiões importantes, mas através de rigoroso jejum e oração. O

s jovens, ao atingir certa idade, procuram, jejuando e vigiando, o “sonho da sua vida” — ou seja, descobrir num sonho o rumo e o carácter futuro da sua existência, acreditando firmemente na sua realização. Conforme o carácter desse sonho, assumem geralmente um novo nome. Existem vários relatos destes sonhos de vida em Kohl, mas são demasiado longos para aqui citar. Selecciono o método de obtenção desses sonhos, como ilustrativo do costume geral.

«Agabe-gijik», ou “a Nuvem”, disse: «Kitchi Manitou, o bom espírito, enviou-nos os nossos Midés do Oriente, e os seus profetas instituíram como lei que levássemos os nossos filhos para a floresta assim que se aproximassem da idade adulta, e lhes ensinássemos a jejuar, orientando o pensamento para coisas mais elevadas; em troca, é-nos prometido que lhes será enviado um sonho, como revelação do destino — uma confirmação da vocação — uma consagração e devoção à divindade, e um sinal de bom presságio para a vida.

Lembro-me que o meu avô, quando eu era um rapazito, dizia frequentemente ao meu pai durante o inverno: “Na próxima primavera será tempo de levarmos o rapaz à floresta para jejuar.” Mas naquela primavera não se fez nada; mas quando chegou a primavera seguinte, o meu avô levou-me à parte e disse-me: “Agora chegou a altura de te levar à floresta para jejuar, para que o teu espírito se fortaleça; que algo seja feito pela tua saúde e que aprendas o teu futuro e a tua vocação.”

O meu avô então pegou-me na mão e levou-me para o fundo da floresta. Ali escolheu uma árvore alta, um pinheiro vermelho, e preparou-me um leito nos ramos, onde deveria deitar-me para jejuar. Cortámos arbustos, que entrelaçámos pelos ramos do pinheiro. Depois colhi musgo, com o qual cobri o entrançado, coloquei por cima a esteira que a minha mãe fizera para a ocasião, e deitei-me sobre ela. Foi-me também permitido atar alguns ramos por cima da cabeça, como proteção contra o vento e a chuva.

Então o meu avô disse-me que, em caso algum, deveria alimentar-me: não comer nem beber, não colher bagas, nem sequer engolir a água da chuva. Não devia levantar-me do leito, mas ficar absolutamente quieto, noite e dia, em completo isolamento, aguardando pacientemente o que viesse a acontecer.

Prometi ao meu avô isso, mas, infelizmente, não cumpri a promessa. Durante três dias suportei deitado a fome e a sede, mas quando desci da árvore para a relva ao quarto dia, vi as folhas ácidas e refrescantes de uma

pequena planta a crescer junto à árvore. Não resisti, colhi-as e comi-as. E, depois de as comer, o apetite aumentou tanto que andei pela floresta a procurar e a comer todos os rebentos, plantas, musgos e ervas que encontrei. Depois voltei para casa e confessei tudo ao meu pai e ao meu avô.»

Não foste severamente castigado? — perguntei.

Não mais do que terem-me repreendido e dito que fiz mal, o que me envergonhou; e como quebrei o jejum, o meu sonho ficou perdido e teria de tentar de novo na primavera seguinte; podia já ter-me tornado homem, mas teria de permanecer mais um ano como inútil, o que era uma vergonha para a minha idade.

Neste ponto da conversa, “a Nuvem” explicou que colocavam o leito dos sonhadores numa árvore por causa do Matchi-Manitou, ou espírito mau, que imaginam ter mais influência no chão, mostrando-se em sapos, cobras e outros répteis venenosos. Disse que avisavam os rapazes de que, assim que um pesadelo ou mau sonho os atormentasse, deviam voltar para casa, tentando outra vez até chegar o sonho certo.

A tentativa seguinte que a Nuvem fez foi indo sozinho para a floresta, fazendo o leito numa pequena ilha num lago. Descreveu o local aos amigos, para o caso de ser necessário encontrá-lo. Tinha também um amigo a passar pelo mesmo processo, dois ou três quilómetros dali. Não podia ser um abrigo muito quente, pois o gelo do lago era tão forte que o atravessou a pé e fez o leito num pinheiro vermelho, à altura habitual de cerca de seis metros do chão.

E prossegue: «Os três ou quatro primeiros dias foram tão terríveis como da primeira vez, não consegui dormir à noite devido à fome e à sede. Mas superei e, ao quinto dia, já não senti desconforto. Entrei num estado sonhador e meio paralisado, e adormeci. Mas só o corpo dormia, o espírito estava livre e desperto.

Nas primeiras noites nada me apareceu; tudo estava quieto; mas na nona noite ouvi ruídos e agitações nos ramos. Era como um grande urso ou alce a atravessar a floresta cerrada. Fiquei muito assustado. Achei até que eram muitos, e preparei-me para fugir. Mas o homem que se aproximava de mim, fosse quem fosse, leu os meus pensamentos e viu o meu medo à distância; por isso veio em direção a mim cada vez mais suavemente, e pousou silenciosamente nos ramos sobre a minha cabeça.

Depois começou a falar comigo, e perguntou-me: “Tens medo, meu filho?” “Não,” respondi, “já não tenho medo.” “Porque estás aqui nesta árvore?” “Para jejuar.” “Porque jejuas?” “Para ganhar força e conhecer a minha vida.”

“Isso é bom, pois está em perfeita concordância com o que está a ser feito por ti noutro lugar, e com a mensagem que te trago. Esta noite realizou-se uma consulta acerca de ti e do teu bem-estar; e vim dizer-te que a decisão foi das mais favoráveis. Fui incumbido de te convidar a ver e ouvir isto por ti mesmo. Segue-me.”»

— O espírito disse isso em voz alta?

A Nuvem respondeu: «Não, não foi uma conversa comum. Nem creio ter falado em voz alta. Olhámos um para o outro dentro do coração, e adivinhámos e sentimos os pensamentos e sensações mútuas. Quando me ordenou que o seguisse, levantei-me do leito facilmente, de livre vontade, como um espírito que se ergue da sepultura, e segui-o pelo ar. O espírito flutuava à minha frente para o leste, e embora nos deslocássemos pelo ar, pisava com firmeza como se estivesse no chão, e parecia-me que subíamos uma alta montanha, sempre mais a leste.»

Nas regiões para onde foi conduzido, foi apresentado a quatro anciãos de cabelos brancos, sentados sob um esplêndido dossel, que o aprovaram e, devido às suas elevadas tendências espirituais, lhe concederam poderes para ser um caçador bem-sucedido e viver até idade avançada e honrosa — tudo o que se veio a cumprir. Quando regressou ao corpo, estava há dez dias sem comer, e o esgotamento era tal que não se podia mexer; mas o avô chegou a tempo de o salvar. Foi levado para casa e restabelecido com alimentos nutritivos.

Neste relato há vários aspetos dignos de nota. Tal como em todos os modos de obter sonhos puros, o corpo é reduzido até que a mente se liberte do seu domínio, tornando-se clarividente. No estado espiritual em que entrou no transe, descreve ver todo o céu num só olhar; e conta-nos que ele e os espíritos com quem esteve não precisavam de palavras: liam os pensamentos e sensações uns dos outros.

Ora, este pobre índio nunca leu Swedenborg nem os escritos dos espiritualistas; contudo, em todos estes pontos, concorda perfeitamente com eles. A libertação do espírito do despotismo da carne pela abstinência e vigília, o vasto horizonte do olho espiritual e a leitura do pensamento entre espíritos são factos afirmados por Swedenborg, pelos espiritualistas e por estes índios, sem qualquer comunicação entre eles — uma prova recíproca de que são factos. Mas segue-se outro excerto curioso.

Os índios têm, há muito tempo, sido grandes espiritualistas, videntes, fazedores de mesas falantes e, talvez, também magnetizadores — o que nós, europeus instruídos, apenas recentemente nos tornámos, ou voltámos a ser. A cabana que os seus jossakids ou profetas — ou, como os

canadianos lhes chamam, jongleurs — constroem para as suas invocações é feita de postes robustos, ligados por uma estrutura de vime e cobertos de casca de bétula. É alta e estreita, parecendo uma chaminé; é tão firme que dois homens, mesmo com toda a força, não a conseguiriam mover, abanar ou dobrar; é tão estreita que um homem que rasteje para dentro mal tem espaço para se mexer.

“Há trinta anos”, contou-me um cavalheiro que viveu entre os índios e era até parente deles pela esposa, “assisti à invocação e performance de um jossakid numa dessas cabanas. Vi o homem entrar na cabana de dez pés de altura, depois de engolir uma poção misteriosa feita de uma raiz. Começou imediatamente a cantar e a bater no tambor dentro da chaminé de vime. Toda a estrutura começou gradualmente a tremer, a abanar, oscilando lentamente com grande ruído.

Quanto mais o necromante cantava e tamborilava, mais violentas se tornavam as oscilações da cabana, dobrando-se para trás e para a frente, para cima e para baixo, como o mastro de um navio apanhado por uma tempestade. Eu não conseguia perceber como estes movimentos podiam ser causados por um homem lá dentro, já que nós não conseguiríamos provocá-los do exterior.

O tambor parou, e o jossakid gritou que ‘os espíritos o estavam a possuir’. Então ouvimos, no meio do barulho e dos estalidos e oscilações da cabana, duas vozes a falar lá dentro — uma vinda de cima, outra de baixo. A inferior fazia perguntas, que a superior respondia. Ambas as vozes pareciam completamente diferentes, e achei que isso poderia ser explicado por ventriloquismo muito hábil. Alguns espiritualistas entre nós, porém, explicaram-no pelo espiritualismo moderno e afirmaram que os jossakids índios tinham meios de comunicação além dos nossos, capazes de bater, escrever e desenhar.

Trinta anos depois, o índio tinha-se tornado cristão e estava no leito de morte. ‘Tio’, disse-lhe eu, recordando aquele episódio, ‘tio, lembras-te de nos teres profetizado na tua cabana há trinta anos e de nos teres espantado, não só pelo teu discurso, mas pelos movimentos da tua cabana de profeta? Agora és velho, tornaste-te cristão, estás doente e não tens muito tempo de vida; diz-me então como e por que meios nos enganaste?’

O meu índio doente respondeu: ‘Tornei-me cristão, estou velho, estou doente, não vou viver muito mais, e não posso senão dizer a verdade. Acredita, não vos enganei; não movi a cabana; ela foi abalada pelo poder dos espíritos. Nem falei com língua dupla; apenas repeti o que os espíritos me diziam. Ouvi as suas vozes. O topo da cabana estava cheio deles, e

diante de mim o céu e as vastas terras estendiam-se; podia ver muito ao longe e julguei reconhecer os objetos mais distantes.'»

O velho jossakid disse isto com uma expressão de simples verdade e firme convicção tal que, pelo menos para mim, parecia realmente não se considerar um impostor, mas ter plena fé na eficácia das suas artes mágicas e na realidade das suas visões.

Aqui está outro caso notável de clarividência. Um índio chamado Peter Jones descendia de uma família que vivia no Lago Superior muito antes de chegarem os homens brancos. «Perguntei-lhe», diz Kohl, «quem trouxera a primeira notícia acerca dos brancos». «Ninguém», respondeu, «trouxe a notícia, nem alguém descreveu esses estranhos aos Ojibbeways; mas quando os homens brancos — os franceses — subiram o Baixo São Lourenço, um dos seus antepassados, que era um grande jossakid, teve imediatamente um sonho em que viu algo verdadeiramente espantoso: a chegada dos homens brancos.

O vidente ocupou-se dias seguidos, e com grande seriedade, do seu sonho. Jejuou, tomou banhos de vapor, isolou-se dos demais na cabana do profeta, e fez penitência de forma tão invulgar que provocou grande agitação na tribo, perguntando-se todos qual seria o desfecho.

Seria uma guerra universal com os Sioux, uma grande fome, uma época de caça excecionalmente produtiva, ou outra coisa igualmente grandiosa? Finalmente, quando o velho profeta examinou cuidadosamente tudo e tinha a história toda organizada, convocou os outros jossakids e Midés, e os Ogimas (chefes) da tribo, e revelou-lhes que tinha ocorrido algo absolutamente extraordinário.

Homens de uma raça completamente estranha tinham atravessado a grande água até à sua ilha — América. As suas peles eram brancas como a neve e os rostos rodeados de longas barbas espessas. Descreveu-lhes também com exatidão as grandes canoas em que tinham atravessado o mar, as velas e mastros dos navios, as couraças de ferro, as facas longas, os mosquetes e canhões, cujo fogo e explosão tremenda o aterrorizaram até nos sonhos e convulsões. A sua clarividência ia até aos mínimos detalhes, descrevendo, por exemplo, como o fumo do tabaco subia dos seus longos tubos para o ar, tal como acontecia com os cachimbos indígenas.

Esta história do velho jossakid, que levou meio dia a contar, foi ouvida pelos outros em silêncio absoluto; e decidiram imediatamente preparar uma expedição de várias canoas e enviar uma delegação pelos lagos e grandes rios para leste, que pudesse verificar tudo no local e informar a tribo. Assim

foi feito. Os deputados viajaram semanas e meses, por terras de várias tribos amigas, que nada sabiam ainda da chegada dos brancos, provavelmente por não terem entre eles profetas e sonhadores tão clarividentes como o homem dotado da Anse.

Quando os deputados da Anse chegaram finalmente às regiões mais baixas do rio, encontraram, certa noite, uma clareira na floresta onde até as maiores árvores tinham sido cortadas de forma muito lisa. Acamparam ali e observaram mais de perto as maravilhas. Examinaram os tocos, que pareciam ter sido cortados pelos dentes de um castor colossal.

Nunca tinham visto tal coisa, e o seu jossakid explicou que aquele deveria ser um local de acampamento dos homens brancos e que as árvores tinham provavelmente sido cortadas pelas longas facas vistas em sonho. Este facto — as árvores cortadas com tanta facilidade e em tão grande número — encheu os pobres selvagens de terror e de imenso respeito pelos homens brancos, dando-lhes a primeira impressão palpável da sua superioridade. Com os seus machados de pedra nunca conseguiriam tais feitos.

Encontraram também longas aparas enroladas, cuja origem nenhum deles conseguia explicar; meteram-nas, como coisa prodigiosa, nos ouvidos e no cabelo. Examinaram ainda cuidadosamente os pedaços de chita colorida e restos de lã deixados pelos franceses no acampamento e ataram-nos à cabeça, como se fossem produções mágicas. Assim enfeitados, acabaram por encontrar os franceses, entre os quais viram tudo — os grandes navios, as facas compridas, as barbas espessas e os rostos pálidos — exatamente como o profeta os tinha visto nos sonhos e descrito. Foram recebidos com muita cordialidade e despedidos com ricos presentes de panos coloridos e chitas.

Isto foi uma esplêndida revelação espiritual. Existem outras indicações de antigas tradições no relato de Kohl que evocam singularmente a história bíblica. Não têm cidades de refúgio como os hebreus, mas possuem vários locais de refúgio. Kohl ouviu falar de um desses asilos no Lago Leech, onde assassinos podiam refugiar-se e estavam a salvo de qualquer perseguição. Ouviu dizer que o assassino de um governador da Hudson’s Bay Company, oriundo do Red River, vivia em segurança num desses lugares. Também é evidente que têm tradições sobre o Salvador: «O Paraíso», dizem, «foi criado por Menaboju.

Ele ajudou o Grande Espírito na criação do mundo, e a princípio nenhum deles pensou num Paraíso. Os homens, assim foi decidido, deveriam ser felizes na terra e encontrar satisfação nesta vida; mas como o espírito maligno interferiu e trouxe a maldade, doença, morte e todo o tipo de desgraças, as pobres almas vaguearam desoladas e sem esperança. Ao

ver isto, o Grande Espírito compadeceu-se deles e ordenou a Menaboju que preparasse um Paraíso para eles no Ocidente, onde se pudessem reunir. Menaboju tornou-o muito belo e foi ele próprio nomeado para os receber lá» (p. 216). Pode pensar-se que foram os missionários cristãos que introduziram estas ideias, mas a singularidade está em que os próprios missionários as encontraram já estabelecidas aquando da sua chegada.

É igualmente curioso que tenham, desde os tempos mais antigos, vários feitiços de bruxaria. Quando querem provocar desgraça, doença ou morte a um vizinho, fazem uma pequena imagem de madeira que representa o inimigo ou a vítima; pegam numa agulha e fazem furos na cabeça da figura, ou na zona do coração, ou onde desejam que o outro sofra. Se quiserem que ele morra, enterram a imagem com certos feitiços e colocam quatro estacas vermelhas sobre a sepultura. Por vezes queimam a figura em efígie. Se o inimigo realmente morrer, vangloriam-se disso como prova do seu poder sobrenatural.

Tratam doenças do mesmo modo que pretendem destruir. Fazem uma figura humana — um fantasma de roupas recheadas de palha — para representar a doença ou o espírito maligno que a provoca, levam-na à cabana-medicina e disparam flechas contra ela, na presença do doente, até a reduzirem a átomos. Tais práticas, diz Kohl, abundam entre os Pillagers e outros Ojibbeways remotos no Alto Mississippi, bem como no Lago Superior.

Assim, estes filhos primitivos da floresta têm entre si o espiritualismo, descendente dos mais remotos tempos, que ainda preserva alguns dos seus elementos mais puros, embora noutros aspetos tenha degenerado no impuro. Em certos casos eleva-se à religião, noutros desce à pura feitiçaria. Mas o espiritualista moderno não deixará de notar quão genuínas são as suas manifestações e características.

A leitura dos pensamentos pelo espírito, o vasto horizonte da clarividência e a necessidade de libertar o espírito da carne através da abstinência e da oração, são diagnósticos deste poder, reconhecidos por todos os iniciados como verdades genuínas e permanentes. Longfellow, no seu poema «Hiawatha», baseou deliberadamente toda a sua construção nos relatos de Schoolcraft nos seus *Algic Researches* e *History, Conditions, and Prospects of the Indian Tribes of North America*.

Estes concordam completamente com as descrições de Kohl. Encontramos os mesmos fenómenos espirituais, as mesmas visões, sonhos, lendas antigas e profecias; «Hiawatha», de facto, é apenas outro nome para Menaboju, a figura divina que, como Cristo, assume forma humana para beneficiar os índios. Tem o seu jejum na floresta na juventude e as mesmas

mensagens do céu para lhe revelar o futuro. Ao quarto dia do jejum, o mensageiro celeste aparece e diz:

Como em Kohl, assim também em “Hiawatha”, encontramos abundância de magia e dos seus efeitos.

> Do Mestre da Vida descendo,
> Eu, o amigo do Homem, Mondamin,
> Venho avisar-te e instruir-te
> Como, pela luta e pelo trabalho,
> Alcançarás o que pediste.
>
> Hiawatha também, na sua sabedoria, ensinou ao povo
> todos os mistérios da pintura,
> toda a arte da escrita pictográfica
> sobre a lisa casca de bétula,
> sobre a pele branca do veado,
> sobre os postes funerários da aldeia.

Assim, como muitos dos mais eminentes homens da Europa, acreditam que as artes e ciências resultam, em muitos casos, de revelação. Hiawatha, como Cristo, é assaltado por demónios. Durante uma grande fome, aparecem fantasmas junto ao fogo do serão; e, antes de partirem, dão a Hiawatha um conselho muito semelhante ao que os espíritos têm dado repetidamente aos espiritualistas entre nós:

> Gritos de dor e lamentação
> Chegam até nós nas Ilhas Abençoadas;
> Gritos de angústia dos vivos,
> A chamar de volta os amigos que partiram,
> Entristecem-nos com uma dor inútil.
> Por isso viemos pôr-vos à prova
> Ninguém nos conhece, ninguém nos ouve;
> Somos apenas um peso para vós,
> E vemos que os defuntos
> Não têm lugar entre os vivos.
> Pensa nisto, ó Hiawatha!
> Fala disto a todo o povo,
> Para que, doravante e para sempre,
> Não mais com lamentos
> Entristeçam as almas dos defuntos
> Nas Ilhas Abençoadas.

Estes excertos bastam de um livro tão conhecido como «Hiawatha». O poema está repleto de matéria espiritual, que o poeta apenas retirou do

historiador fatual. São um testemunho notável da existência dessa vida espiritual entre os aborígenes do vasto mundo ocidental, que todas as épocas, todas as nações e todas as classes de homens têm reclamado, à exceção dos protestantes modernos.

Podemos fechar este capítulo com um excerto do diário de David Brainerd, o conhecido missionário entre os índios da Pensilvânia e Nova Jérsia, há pouco mais de cem anos, um homem de carácter profundamente piedoso e verídico.

Em agosto de 1745, batizei", diz Brainerd, "um feiticeiro e também um homem que tinha sido assassino". Este veio ouvir Brainerd no entroncamento do Delaware, e sendo ele próprio um grande Pauwau ou feiticeiro, quando ouviu falar de Cristo a curar doentes e a fazer muitos milagres, disse aos índios que Cristo era, sem dúvida, um grande Pauwau, e que fazia as suas curas e milagres por magia, o que teve um efeito bastante pernicioso sobre os índios, que não podiam supor Cristo mais divino do que os seus próprios homens-medicina, como lhes chamam. Mas o homem encontrou certo fascínio na pregação de Brainerd, e não conseguia manter-se afastado.

Acabou por se convencer da verdade do Cristianismo, e depressa se convenceu também de que era algo mais do que magia; pois dizia que, assim que a palavra de Deus entrou no seu coração, todo o seu poder mágico desapareceu. Foi em vão que tentou exercer a sua antiga potência sobrenatural; tinha-se ido; não conseguia fazer nada. Continuava muito atormentado por causa dos seus antigos crimes e, embora acreditasse, também acreditava que nunca poderia ser perdoado; mas, finalmente, sentiu-se perdoado e ficou cheio de alegria e assombro.

Na primavera seguinte, um velho índio ouviu a pregação de Brainerd e ameaçou em voz alta que iria enfeitiçá-lo a ele e a toda a sua congregação; mas este Pauwau convertido disse ao feiticeiro, cara a cara, que podia fazer o pior que quisesse, pois ele tinha sido um feiticeiro ainda maior, mas a palavra de Deus tinha-lhe tirado o poder mágico, e que nenhum feitiço tinha qualquer poder sobre os cristãos.

À medida que prosseguimos o nosso caminho — através de sistemas, filosofias, — o maravilhoso ainda sobrevive e acompanha-nos. Babilónia e Assíria caíram perante a Pérsia, a Pérsia perante a Grécia, a Grécia está em declínio, e até Roma já mostra sintomas inequívocos disso; a Judeia, erguida e abatida por Deus, foi por Deus abandonada e destruída. Jerusalém caiu, como Cristo e os profetas previram, e os seus habitantes, através de um batismo de horrores sem paralelo, foram dispersos por todas as terras.

Nem mesmo a Igreja de Cristo, cuja promessa é abranger e abençoar todas as nações da Terra, já está dilacerada por ferozes disputas, sobre mistérios que o intelecto humano nunca irá decifrar neste mundo, e possivelmente, em nenhum outro — nomeadamente, a natureza e modo da existência Divina. Trinitários e arianos, gnósticos e sabelianos, pelagianos e montanistas, homoousianos e homoiousianos, substancialistas e consubstancialistas, lançam anátemas uns aos outros com uma fúria tão maligna que mais parece coisa de demónios do que o espírito tolerante e manso de Cristo.

Nessas circunstâncias, poder-se-ia supor que o Salvador tinha retirado à sua Igreja os gloriosos dons de manifestações sobrenaturais que lhe tinha concedido antes de se despedir visivelmente dela. Mas prometera estar com ela até ao fim dos tempos. Embora grandes corrupções de vários tipos tivessem entrado nela antes do século IV, Ele continuava a manifestar-se através de muitos sinais dentro do seu seio, conferindo-lhe, mesmo na sua rápida decadência, um distintivo de realeza aos olhos do mundo pagão.

Alguns dos seus líderes do século V, como os Crisóstomos e os Agostinhos, queixavam-se do declínio dos milagres, pelo menos quanto ao esplendor inicial das manifestações, embora, noutros textos, atestem a sua presença ainda persistente. Chegaram mesmo a aceitar o falacioso axioma, linguagem de fé em declínio, de que já não eram necessários, pois a verdade do Cristianismo estava plenamente comprovada — doutrina que os protestantes viriam depois a ecoar em defesa do seu credo racionalista. Contudo, embora este fosse o estado da Igreja Cristã em tão cedo período, e embora o declínio da fé viva e a propagação da mundanidade pudessem explicar uma cessação total dos milagres, o milagre continuou a abundar. Não manteve, de facto, a grandeza sublime e uniforme que exibiu em Cristo e nos seus apóstolos imediatos, pois o espírito cristão e apostólico, em grande parte, desaparecera.

A sua concretude, a sua natureza homousiana, foi invadida, fragmentada e debilitada pelo espírito do mundo e pelas ambições terrenas; mas ainda assim existia, em grau infinitamente superior ao que se poderia esperar. Apesar da degeneração da igreja, havia nela grandes e bons homens, sobre quem recaía o manto da profecia e da teurgia. Os padres dos primeiros tempos, como mostrou o Rev. John Henry Newman no seu ensaio sobre "Os Milagres na História Eclesiástica dos Primeiros Tempos", admitiram a realidade dos milagres realizados pelos pagãos.

Vivendo entre pagãos, viram-nos e foram obrigados a reconhecê-los; mas atribuíram-nos ao diabo, como fizeram com os que ocorriam entre cristãos

que consideravam hereges, e como fazem agora os católicos em relação às manifestações entre os espiritualistas.

Todos os padres dos primeiros seis séculos declaram, mais ou menos, a existência de milagres na Igreja. Mesmo Crisóstomo fala enfaticamente daquele grande milagre, a aparição divina por fogo e terramoto na reconstrução do Templo de Jerusalém por ordem de Juliano, o Apóstata, a meio do século IV, no tempo do próprio Crisóstomo.

Justino Mártir, nascido perto do fim do século I e falecido mais tarde do que meados do século II — nomeadamente, em 161 — ao debater com judeus incrédulos, diz que a Encarnação aconteceu em benefício dos incrédulos e para o derrube dos espíritos malignos; e acrescenta: "Podeis saber disto agora pelo que se passa diante dos vossos olhos; pois muitos possessos em todo o mundo, e até na vossa própria metrópole, que nem outros exorcistas, feiticeiros ou mágicos conseguiram curar, muitos dos nossos cristãos têm curado, conjurando em nome de Cristo, e continuam a curar."

E ainda: "Connosco, mesmo até agora, há dons proféticos, pelos quais vós, judeus, devíeis entender que o que antes pertencia à vossa raça nos foi transferido." Noutro lugar diz: "Entre nós podem ser vistos homens e mulheres, com dons do Espírito de Deus."

Ireneu, que viveu no final do século II e sofreu martírio em 202, fala de forma muito clara, como citado por Eusébio: "Estão longe de nós — as igrejas — de ressuscitar mortos da mesma maneira que o Senhor e os seus apóstolos faziam, pela oração; mas mesmo assim, entre os irmãos, frequentemente, em casos de necessidade, quando toda a igreja se une em muito jejum e oração, o espírito tem voltado ao corpo sem vida, e o homem foi concedido à oração dos santos." E ainda: "Alguns, de certeza e verdade, expulsam demónios, de modo que frequentemente as pessoas libertadas dos espíritos malignos acreditam e são recebidas na Igreja. Outros têm conhecimento de coisas futuras, visões e comunicações proféticas. Outros curam doentes pela imposição das mãos e restauram-nos à saúde.

Além disso, como já dissemos, até mortos foram ressuscitados e permaneceram connosco muitos anos. E porquê dizer mais? É impossível contar o número de dons que a Igreja em todo o mundo recebeu de Deus e os feitos realizados em nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, e isto todos os dias para benefício dos pagãos, sem receber nem exigir qualquer dinheiro. Pois assim como recebeu de graça, também de graça ministra." Noutra passagem, Ireneu diz: "Ouvimos falar de muitos irmãos na Igreja que têm dons proféticos, e que falam em todas as línguas pelo Espírito, e que também revelam coisas secretas para benefício dos homens e explicam os mistérios de Deus."

Estas são as passagens que o Bispo Douglas tentou fazer passar como se apenas se referissem aos tempos apostólicos. A tentativa é absurda; nenhuma linguagem poderia aplicar-se mais forçosamente aos tempos do próprio Ireneu, no fim do século II. Ele diz-nos que eram dons de Deus à Igreja, não só aos Apóstolos; e Eusébio acrescenta a razão pela qual estes dons tinham diminuído na sua época — não porque a herança do milagre tivesse cessado, mas porque as igrejas eram "indignas" deles.

Contudo, mesmo no seu tempo, início do século IV, ele diz na sua "Theophaneia": "Quem não sabe como é agradável para nós que, através do nome do nosso Salvador, aliado a orações puras, expulsamos todos os tipos de demónios? E assim a palavra do nosso Salvador, e a doutrina que dele provém, fizeram de nós muito superiores ao poder invisível e impenetrável." E ainda: "Quem não se admira imediatamente das coisas que habitualmente acontecem em tempos como estes?"

Ireneu também admite que Marcos, o fundador da seita dos Marcositas, conferia o dom da profecia por ordem em nome de Cristo, e que havia várias profetisas nesse grupo, de poder inquestionável. No século II, por volta de 171, apareceu na Frígia Montano, considerado herege, principalmente porque afirmava que o evangelho não estava totalmente desenvolvido; que receberia esse desenvolvimento pelo Paracleto ou Consolador, e dizia que o Paracleto frequentemente falava por ele. Era frequentemente tomado por êxtase ou inspiração, durante a qual afirmava que o que dizia era, de facto, dito pelo Paracleto.

Por isso, foi denunciado pelos ortodoxos como se afirmasse ser ele próprio o Paracleto, e levantou-se um grande clamor contra ele e os seus seguidores. Foram-lhe feitas várias acusações de heresia, uma das principais era que os seus pregadores recebiam dinheiro pelos serviços — uma heresia sobre a qual nenhuma igreja dos nossos dias, exceto a Sociedade dos Amigos, pode dizer muito, pois todas caíram nela. No entanto, por mais excessos que Montano e os seus seguidores possam ter cometido ou dito, parece que tinham o verdadeiro espírito de inspiração entre eles, o que surpreendeu os seus opositores.

Montano também pregava moral estrita e ascetismo invulgar. Sempre que surgia uma sociedade de montanistas, aparecia nela um número de energúmenos, ou médiuns. Estes entravam em êxtase ou transe clarividente mesmo nas assembleias religiosas, e tudo o que diziam nessas circunstâncias era cuidadosamente registado. Entre eles estavam duas senhoras de estatuto e fortuna, Maximila e Priscila, tidas em grande consideração como videntes espirituais e profetisas; de tal modo que os

Papas Zeferino e Vítor lhes concederam cartas de paz, ou seja, proteção papal.

Tertuliano, o mais célebre padre daquela época pela sua eloquência, na sua obra "De Anima", diz: "Tínhamos o direito, depois do que foi dito por São João, de esperar profecias; e não só reconhecemos estes dons espirituais, como também temos o privilégio de usufruir os dons de uma profetisa. Há uma irmã entre nós que possui a faculdade da revelação. Ela, normalmente, durante o nosso culto religioso ao sábado, entra em crise ou transe. Tem então comunicação com os anjos, vê por vezes o próprio

Senhor, vê e ouve mistérios divinos e descobre os segredos do coração de certas pessoas; e administra remédios a quem os pede; e quando as Escrituras são lidas, ou salmos cantados, ou orações feitas, temas dali retirados são-lhe ministrados nas visões. Uma vez, falávamos sobre a alma enquanto a nossa irmã estava em espírito — já não recordo bem sobre o quê. Depois do serviço, deixou as pessoas saírem, como sempre fazia nessas ocasiões, e comunicou-nos o que tinha visto no seu êxtase, que era então cuidadosamente inquirido e testado. Disse-nos que tinha visto uma alma em forma corpórea — ostensa est mihi anima corporaliter; parecia ser um espírito — spiritus videbatur; mas não vazia ou sem forma — inanis — e desprovida de constituição viva — et vacua qualitatis; mas a sua forma parecia tão substancial que se podia tocar ou segurar nela — teneri. Era terna, brilhante, da cor do ar, mas em tudo semelhante à forma humana — tenera, lucida, et aeris coloris."

Assim, a igreja primitiva tinha os seus clarividentes tal como nós temos, que viam regiões espirituais e presenciavam seres espirituais como os nossos. Esta novidade é, portanto, como tantas outras, provada como antiga, e os críticos de hoje só demonstram a sua espantosa ignorância da história ao tratar como fantasias modernas aquilo que era facto bem conhecido há mais de mil anos.

Neste, como em tantos outros casos, a lei existe na natureza, e, no entanto, homens que se dizem filósofos, ao deparar com elas, tratam-nas como algo novo, como os monges acharam o grego, quando reintroduzido, uma língua bárbara enviada pelo diabo. Todos os grandes escritores sobre magia asseguraram aos seus leitores que quase tudo o que inicialmente os espantava se descobriria, com pesquisa paciente, como sendo perfeitamente natural.

Tal é a doutrina de Cardano, de Pomponazzi, de Bento Pererius (liv. i, cap. 1), de Campanella (liv. iv, cap. 1); e Paracelso diz que a fé e a pesquisa encontrariam todas as maravilhas da magia natural nas leis naturais existentes e nas promessas de Deus; de tal modo que declarou não serem

necessárias conjurações. Na sua "Philosophia Occulta", no livro Azoth, defende que devemos procurar o domínio sobre a natureza pelos mesmos meios que os Apóstolos: pela fé e pela oração; e que, na boa magia (onde hoje podemos ler espiritualismo), todas as adjurações e cerimónias ímpias são proibidas.

É bastante notável que o corpo espiritual, substancial ao toque dos espíritos, visto pela clarividente montanista, concorda perfeitamente com as doutrinas tanto dos tempos antigos como dos modernos. É o veículo de Platão e Aristóteles; o corpo espiritual de São Paulo; o espírito nervoso da Vidente de Prevorst; o homem espiritual de Swedenborg; a corporeidade espiritual de Isaac Taylor; o ser interior de Davis; e é precisamente a experiência de todos os clarividentes modernos.

Tertuliano dá-nos uma prova ousada da sua confiança no poder espiritual dos cristãos. Se um homem, diz ele, se afirma cristão e não consegue expulsar um demónio, que seja morto no local. Que se traga aqui, ao pé do vosso tribunal, alguém que, por acordo, seja reconhecido como possuído por um demónio. Quando for ordenado por qualquer cristão que fale, esse espírito deverá confessar-se demónio tão verdadeiramente como noutros lugares falsamente se diz deus.

Do mesmo modo, que se traga alguém considerado possuído por um deus, que, ao inspirar sobre o altar, absorve a divindade pelo seu odor, que é aliviado ao vomitar vento e inicia as suas preces com soluços — essa mesma virgem Cœlestis, que promete chuvas, esse mesmo Esculápio, que descobre medicamentos e devolveu a vida a Socordius e Thanatius Esclepiadotus, condenados a morrer noutra ocasião; a menos que confessem ser demónios, não ousando mentir a um cristão, então, que se derrame ali mesmo o sangue desse cristão tão impudente." (Apol. 23.)

Ele acrescenta que tudo isto é feito em nome de Cristo; que os demónios são submetidos de medo por Deus em Cristo e Cristo em Deus, e gritam, e são queimados só pelo toque de um cristão, aparecendo diante dele. Diz, porém, que os demónios tentam imitar este poder; que, quando os profetas falam, por vezes arrebatam fragmentos de conhecimento do futuro, roubando assim, por assim dizer, os oráculos de Deus.

Mas por si só, nunca podem predizer o bem. Diz ainda que os exorcistas invocam o poder de anjos e demónios, que profetizam através de cabras e mesas. O que significa a profecia através de cabras não é claro, mas as mesas modernas ilustram a outra prática. Isto tem sido usado como prova de que as comunicações modernas através de mesas são malignas; mas estes críticos esquecem que, antigamente, segundo Tertuliano, tanto anjos

como demónios eram invocados, e que ele dá como teste que as comunicações dos demónios nunca são boas.

São Cipriano, que foi discípulo de Tertuliano e sofreu martírio no ano 258, dá o mesmo testemunho. Afirma que a palavra do exorcista cristão queimava os espíritos malignos. "Não há medida", diz ele, "nem regra na concessão dos dons do céu, como acontece com os dons da terra. O espírito é derramado generosamente, sem limites nem barreiras. Flui sem parar, transborda sem restrição." Com isto, diz, purificavam almas imprudentes e impuras, restauravam homens à saúde espiritual e física, e expulsavam demónios que tinham feito morada violenta nos homens, atingindo-os pelo espírito e queimando-os com o seu fogo.

Convidou Demétrio, procônsul de África, a testemunhar tal exorcismo de demónios. "Podeis vê-los, pela nossa voz e pela operação da majestade invisível, chicoteados, queimados pelo fogo, estendidos sob o aumento da sua pena, gritando, gemendo, suplicando, confessando de onde vieram, mesmo perante os seus próprios adoradores, e saltando de repente ou desaparecendo gradualmente, conforme a fé do paciente ajuda, ou a graça do curador intervém" (Vida por Pôncio, diácono de Cipriano, 17). Bem pode ele exclamar: "Que domínio é este — que poder da mente."

Esta tortura ardente dos demónios ao serem expulsos é também atestada por Teófilo, Orígenes, Atanásio, Lactâncio, Minúcio Félix e outros. Minúcio diz: "São expulsos dos corpos dos homens pela tortura das nossas palavras e pelo fogo do nosso discurso." Lactâncio diz: "Eles gritam, depois de muito uivar, são açoitados e amarrados." São Hilário diz que "Eles gemem junto aos ossos dos mártires, e são queimados sem fogo." Esta queima espiritual pela palavra divina é curiosamente corroborada por J. F. Emmett, B.A., nos "Diálogos Espíritas" de Cahagnet, traduzidos do francês. Um espírito, sendo estritamente interrogado sobre quem e o que era, queixou-se de que o interrogador persistente o queimava. Eis aqui mais uma de tantas confirmações atuais do conhecimento familiar dos antigos que a surpreendente ignorância histórica dos eruditos e literatos de hoje converteu em novidades.

São Cipriano relata que teve uma visão, completamente acordado, de um jovem de estatura mais do que mortal, que lhe mostrou a si mesmo levado perante o procônsul e condenado a ser decapitado como mártir do Cristianismo; de modo que, quando aconteceu, sabia exatamente quando e como seria.

Orígenes, contemporâneo de Cipriano, diz: "Já não há profetas nem milagres entre os judeus, dos quais há amplos vestígios entre os cristãos." No meio do século III, Gregório, discípulo de Orígenes e bispo de Nova

Cesareia no Ponto, era tão famoso pelos seus milagres que era chamado Taumaturgo ou Fazedor de Maravilhas. São Gregório de Nissa escreveu a sua vida cento e vinte anos depois do seu tempo, mas baseia as suas declarações nos escritos dos contemporâneos e nos testemunhos da igreja que ele fundou, cujos membros preservaram todas as suas instituições, e não permitiam que nenhuma outra as substituísse, tal era a profunda veneração pela sua memória.

São Basílio, cuja sé era ali perto, fala da grande admiração que ainda lhe era prestada, e que nenhum uso, palavra ou rito místico de qualquer espécie era permitido acrescentar ao que ele deixara. Um milagre é-lhe atribuído tão espantoso como o de ressuscitar mortos. Numa das suas viagens, dois judeus tentaram enganá-lo — um deitou-se fingindo-se morto, e o outro fingiu lamentá-lo, implorando a Gregório dinheiro para o sudário.

São Gregório lançou o seu manto sobre ele e seguiu caminho; o companheiro então disse-lhe que tinha simulado bem a morte e mandou-o levantar-se, mas ele não se moveu, e, para seu horror, verificou que estava realmente morto. Orígenes, argumentando contra Celso, diz: "Só pelo uso do nome de Deus e de Jesus, também nós já vimos muitos serem libertados de graves males, de loucura, de demência e de inúmeros outros males semelhantes, que nem homens nem demónios tinham conseguido curar."

Para o testemunho de Atanásio sobre os milagres do seu tempo, basta consultar a sua vida de Santo Antão, a quem conheceu pessoalmente, onde são relatados todos os tipos de milagres. Santo Ambrósio, que viveu até ao final do século IV, diz-se que adormeceu enquanto rezava no altar num domingo em Milão, permanecendo assim durante duas ou três horas, enquanto o povo esperava, admirado. Ao acordar, relatou que São Martinho de Tours morrera, e que ele tinha assistido ao seu funeral, celebrando o serviço fúnebre, que quase terminara quando o despertaram — tendo-se registado o dia e a hora, verificou-se que São Martinho tinha falecido nesse preciso momento.

Na descoberta dos ossos de São Gervásio e São Protásio, Ambrósio narra como os descobriu e como um cego recuperou a visão ao tocá-los, além de muitos outros milagres. Na sua quarta epístola, diz: "Vós sabeis, vós próprios vistes que muitos foram libertos de espíritos malignos, muitos, ao tocar as vestes dos santos, foram libertados das enfermidades que os oprimiam. Os milagres dos tempos antigos regressaram, pois com a vinda do Senhor Jesus, uma graça mais plena foi derramada sobre a terra."

Santo Agostinho, que viveu até perto de meados do século V (430), dá amplo testemunho da continuação do poder milagroso na Igreja naquela época. Em particular, relata o caso de Innocentia, uma mulher religiosa que,

em sonho, foi ordenada a ir até à pia onde tinha sido batizada e aí marcar com uma cruz o peito, afetado por um cancro considerado incurável pelos médicos, e que foi imediatamente curado. Relata vinte milagres, incluindo a restituição à vida de uma criança, ocorridos em dois anos, junto ao túmulo de Santo Estêvão.

São Jerónimo, também do século V, relata inúmeros milagres, como a restituição da visão a uma mulher cega há dez anos, a cura instantânea de mordeduras de serpente, de pessoas paralíticas, a expulsão de demónios, etc. Sulpício, nos seus diálogos e na vida de São Martinho, no mesmo século, conta vários milagres que afirma ter presenciado ele próprio.

Poderíamos continuar por todos os padres dos primeiros cinco séculos; as afirmações são exatamente as mesmas. A afirmação de aparições é universal. Orígenes diz que os anjos, embora muitos os considerassem ἀσώματος (sem corpo), podiam tornar os seus corpos visíveis ao homem. Agostinho, em "De Cura pro Mortuis", imaginava que os demónios apareciam sob a semelhança dos mortos; mas também afirma a aparição do mártir Félix em Nota.

São Jerónimo combate vigorosamente Vigilâncio sobre as almas dos santos estarem por todo o lado a fazer a obra do Salvador. "Que queres tu dizer?" pergunta-lhe. "Vais tu prescrever leis a Deus? Estarão os Apóstolos presos em cadeias até ao dia do juízo? Não está escrito deles que seguirão o Cordeiro para onde quer que ele vá? Está então o Cordeiro em todo o lado? Então eles também estão em todo o lado, e onde quiserem."

Temos inúmeros exemplos de aparições nos Padres e também nos primeiros historiadores. Sozómeno, na sua História da Igreja (liv. vi, cap. 28), descreve-nos uma cena muito semelhante à de São Dunstano, ocorrida ao ferreiro Apeles, grande teurgista, que feriu na cara com um ferro em brasa o demónio tentador, em forma de bela mulher, e o pôs em fuga entre gritos terríveis. Dá-nos outra aparição no livro seguinte. São Ambrósio, no seu quadragésimo sermão, diz-nos que Inês, a mártir, foi vista uma noite na sua sepultura rodeada de um coro de donzelas brilhantes. Eusébio relata que Potamiæna, martirizada sob Severo, prometeu aparecer a Basilides, oficial que lhe tinha mostrado bondade, e assim o fez, convencendo-o do cristianismo, pelo que também ele viria a sofrer martírio.

São Gregório conta-nos muitos relatos de aparições de santos e mártires, assim como de demónios. Orígenes defende que as almas dos ímpios eram muitas vezes transformadas em formas de animais, de acordo com as suas naturezas, e apareciam assim depois da morte. Defende que essas almas, depois da morte, ficam presas à terra pelos seus desejos vis e terrenos, e

frequentemente aparecem e perturbam os homens (ver Contra Celso, VII, e noutros escritos).

Ele e Ireneu afirmam que as portas do Paraíso, algures no estado intermédio, estão abertas aos justos desde a ressurreição de Cristo, mas os maus e vis não podem entrar. Frequentemente aparecem aos homens, e também pessoas vivas podem aparecer em lugares onde não estão fisicamente (Adv. Hæres, livros segundo e quinto de Ireneu). Este é um fenómeno extraordinário, mas confirmado por muitos exemplos desses tempos (ver também Tertuliano, De Anima, cap. VII, De Resur. Carnis XVII). Clemente diz o mesmo quanto à ascensão dos bons espíritos ao Paraíso e à atração dos terrenos para a terra.

Serem mudados em formas de animais ou lançados nos corpos de outros homens; mas Valentim acreditava que todos os maus eram aniquilados (ver Walch, História das Heresias, liv. I, sec. 367). Em épocas posteriores, a crença em aparições de demónios foi incentivada pela Igreja Romana, pois dava grande poder e lucro aos padres como exorcistas, e conduziu a uma tal prevalência de diableria, que levou a Igreja Protestante a rejeitar totalmente a ideia de aparições, movendo o pêndulo reativo tão longe neste sentido como no caso dos milagres; arrancando o trigo com o joio, o facto natural com a abundante colheita de mentiras.

Aqui convém mostrar que alguns dos mais rigorosos e lógicos escritores estavam perfeitamente convencidos da autenticidade histórica dos milagres registados pelos Padres. Entre eles estão Grotius, o grande jurista, e John Locke, o grande filósofo moral. Grotius declara a sua crença na continuidade de uma agência milagrosa até aos nossos dias (ver seus comentários sobre Marcos XVI, 17).

Ilustra esse texto com São Jerónimo, Ireneu, Orígenes, Tertuliano, Minúcio Félix e Lactâncio, quanto ao poder de exorcismo, e refere-se aos atos de Victor da Cilícia no Martirológio de Ado, e à história de Sabino, Bispo de Canúsio, em Gregório de Tours, como exemplos de proteção miraculosa contra o veneno. Quanto às missões, afirma que a presença de agência milagrosa é sempre um teste para saber se a doutrina pregada é de Cristo. "Se alguém ainda hoje anunciar Cristo aos gentios ignorantes dele (para os quais propriamente os milagres servem — 1 Coríntios XIV, 22), tal como Ele quis ser anunciado, creio que o poder da promessa continua. Porque os dons de Deus são irrevogáveis. Mas, se a culpa é nossa, por indolência ou falta de confiança, costumamos lançar isso sobre Deus." Noutro ponto professa a sua crença nos milagres realizados sobre os confessores sob Hunerico, que falavam mesmo depois de lhes terem cortado a língua; e nas provas do ferro em brasa na Idade Média (De Verit. I, 17); e nos milagres

realizados nos túmulos dos mártires (Ibid. III, 7. Ver também de Antichrist. II, 502, como citado por Mr. Newman).

Locke, na sua terceira Carta sobre a Tolerância, admite plenamente os muitos milagres realizados pelos Padres. Refere-se aos numerosos milagres registados de Ammon por Santo Atanásio, na Vida de Santo Antão. Que Ammon foi transportado por anjos sobre o rio Lico, e que Santo Antão viu a alma de Ammon deixar o corpo, sendo depois levada ao céu por anjos. Os feitos miraculosos de Santo Atanásio, também confirmados por Crisóstomo.

Diz que São Jerónimo, nas suas vidas de Hilarion e Paulo, bem como em "De Vero Perfecto", afirma numerosos milagres de autenticidade inquestionável, e refere-se também aos muitos milagres nas Vidas dos Padres de Rosweydus, aos registados por Rufino, Santo Agostinho, Crisóstomo, Basílio, Hilário, Teodoreto e outros. Em suma, diz, ou se destrói a autoridade e honestidade comum de todos os Padres, ou se admitem os milagres.

Precisamente as mesmas são as opiniões de Dr. Ralph Cudworth sobre este tema. No seu "Sistema Intelectual do Universo", que Dr. Henry More designa como um esforço de mente gigante, e que Mr. Wise, na introdução do resumo da obra, diz ser "o maior repositório de raciocínio e saber já escrito contra o ateísmo", ele, ao contrário de Middleton, Farmer, Douglas e essa escola, afirma a realidade dos milagres, até mesmo realizados por espíritos malignos.

Cita as palavras do nosso Salvador, que advertiu os discípulos que viriam falsos profetas e falsos Cristos com sinais e prodígios, e τέρατα ψεύδους não seriam meros truques, mas "a obra de Satanás com todo o poder". E também as de João no Apocalipse, onde diz que a besta fará grandes prodígios e enganará os habitantes da terra pelos milagres que tem poder de fazer. Também dos espíritos imundos que haviam de sair para os reis da terra. Estes, diz Cudworth, não são falsos milagres fingidos, mas verdadeiros e reais, que Deus permite que sejam feitos; pois Ele declara positivamente que lhes deu esse poder.

Estes testemunhos, e outros que poderiam ser citados de Milton, Bacon, Sir Thomas Browne, e muitos outros grandes homens do tempo de Cudworth, ou anteriores, mostram quanta mais fé em milagres existia tanto entre clérigos como leigos antes que os princípios de Hobbes, Toland e Tindal culminassem na incredulidade de Hume e na escola zombeteira de Voltaire. Nada é mais claro do que esta incredulidade ter infetado insensivelmente, não apenas os céticos declarados, mas todo o corpo da Igreja, quer estabelecida, quer dissidente, e que este vírus é agora respirado de todos

os púlpitos, bem como quase todos os livros, sob o disfarce de esclarecimento, abandono da superstição e pura razão.

Na verdade, não é o Cristianismo que agora se prega — forte, saudável, com todo o seu vigor — mas sim humismo, voltairismo, volneyismo e strausismo, que, como as lianas mortais dos trópicos, se enrolaram à volta do tronco da fé cristã, deixando-o apenas um caule podre e sem seiva, sufocado nas cordas e emaranhados de um credo demoníaco.

Não é a fé e o âmago do Cristianismo que agora temos, mas o parasitismo doentio da teosofia de escola. Raramente há um homem entre os professores religiosos de hoje que não prefira enfrentar a boca de um canhão carregado do que arriscar o mais leve sussurro de superstição — isto é, a afirmação honesta da simples verdade bíblica.

Cudworth rejeita com desdém o receio de que milagres por poderes malignos possam alguma vez estabelecer qualquer credo mau; pois tudo o que é mau ou imoral é, em si, uma prova constante contra si mesmo, ainda que venha acompanhado de todo o poder de milagres; e a história do mundo mostrou que Deus só permite tais poderes malignos até certo ponto, e acompanha-os de sinais de origem tão inconfundíveis quanto o guizo de uma cascavel ou a aba de uma cobra-capelo. "A conclusão", diz o generoso Cudworth, "é que, embora todos os milagres indistintamente não provem imediatamente a existência de Deus, nem confirmem um profeta, nem qualquer doutrina, todos eles evidenciam que existe uma ordem de seres invisíveis e inteligentes, superiores ao homem, o que o ateu não pode negar.

E lemos de alguns milagres que não poderiam ser realizados senão por um poder perfeitamente sobrenatural, ou pelo próprio Deus Todo-Poderoso. Mas negar e não acreditar em todos os milagres é ou negar toda a certeza dos sentidos (o que, de facto, tornaria a própria sensação um milagre), ou então, monstruosamente e sem razão, desvalorizar os testemunhos humanos e a história. Os judeus nunca poderiam ter aderido com tanta firmeza à lei cerimonial de Moisés, se não acreditassem que tinha sido inequivocamente afirmada por milagres; e o facto de os gentios terem aceitado a fé em Cristo sem milagres seria, por si só, o maior dos milagres." (II, 125, 6)

Pelo mesmo princípio, Cudworth afirma que havia matéria verdadeiramente profética nos livros das Sibilas, relativamente a um novo reino que se havia de estabelecer. Foi isto que fez com que Cícero fosse tão avesso a esses livros, receando que se referissem a uma monarquia em Roma; e Virgílio, por outro lado, terá desviado o assunto nesse sentido. Embora cristãos apenas de nome, ou professos, tenham sem dúvida introduzido matéria

espúria nesses livros, tudo o que se possa provar que lá estava antes do tempo de Cristo pode ser considerado genuíno.

Tanto quanto aos Padres da Igreja; mas não é apenas nos Padres que se encontra a defesa dos milagres dos primeiros seis séculos do cristianismo. Se recorrermos a toda a série de historiadores da igreja ao longo dessas épocas, a afirmação é a mesma. Como em todo o mundo pagão de todos os tempos, assim também em toda a Igreja Cristã há apenas uma voz sobre este tema. Temos uma série de cinco historiadores da igreja, desde os tempos apostólicos até ao final do século VI: Eusébio, Sócrates Escolástico, Sozómeno, Teodoreto e Evágrio.

Eusébio cita Hegésipo e Papias, que o precederam; Sócrates, Sozómeno e Teodoreto tratam praticamente do mesmo período, de cerca de 300 d.C. a 445; Evágrio avança de 431 até 594 d.C.; e todos mantêm a mesma grande doutrina da existência abundante e do livre exercício do poder milagroso na igreja durante esses seis séculos. Expor, ainda que brevemente, todos esses milagres, encheria um grande volume; para o meu propósito, basta apenas tocá-los de leve. Quem quiser conhecer estas narrativas em detalhe pode consultar essas histórias, que estão traduzidas e perfeitamente acessíveis.

Eusébio, o mais antigo deles, relata muitos factos não miraculosos, mas que são fortes provas da veracidade da história cristã. Ele afirma a verdade da afirmação de que Agbaro, príncipe de Edessa, escreveu ao nosso Salvador, pedindo-lhe que viesse curá-lo dos seus sofrimentos, considerados incuráveis, e oferecendo-lhe metade do seu pequeno reino. Mas o nosso Salvador enviou-lhe a mensagem de que a sua missão na Judeia não lhe permitia ir a Edessa, mas que depois da ressurreição enviaria um discípulo para o curar.

Assim, Tadeu, depois da morte de Cristo, foi enviado pelo Espírito, não só curou Agbaro, como converteu toda a população do lugar. Todo este relato, diz Eusébio, foi copiado dos registos públicos dos arquivos de Edessa, e acrescenta que toda a população dessa cidade, no seu tempo, era cristã. É impossível que haja prova histórica mais forte.

Conta-nos que Pilatos escreveu a Tibério um relato do julgamento e crucifixão de Cristo, bem como da sua alegada ressurreição. Que Tibério, segundo o costume romano, quis incluir Cristo entre os deuses de Roma, mas o senado recusou, segundo Eusébio por desígnio divino, porque Cristo não devia ser associado aos deuses pagãos, mas sim expulsá-los do mundo.

Tibério, contudo, ficou tão impressionado com o relato, que se recusou a perseguir os cristãos; e, quanto a Pilatos, ficou tão miserável que acabou por se suicidar. Os historiadores gregos confirmam isto, e diz-se que Pilatos foi exilado para a Suíça, onde se suicidou no monte que daí tomou o nome de Monte Pilatus.

Eusébio diz — e aqui é apoiado por Clemente no seu sexto livro das Instituições e por Papias, bispo de Hierápolis — que São Marcos escreveu o seu Evangelho em Roma, a pedido dos cristãos dessa cidade. Que São Pedro, com quem estava, ditou esse Evangelho sob inspiração e, com admirável franqueza, mencionou todos os seus próprios erros. Pedro, na sua primeira epístola, refere que Marcos estava com ele em Roma e identifica Roma como a Babilónia do Evangelho no versículo treze.

Eusébio acrescenta que São Marcos foi o primeiro a pregar o evangelho no Egipto; e que Filão, ao falar dos cristãos egípcios, diz que foram os primeiros a demonstrar o sentido oculto das Escrituras; assim, temos aqui mais uma prova do que foi considerado uma doutrina nova por Swedenborg, mas que é, afinal, das antigas e familiares. "A lei acima", diz Filão, "parece a estas pessoas — os Terapeutas — como um animal, cujas expressões literais são o corpo, mas o sentido invisível, que está envolvido nas expressões, é a alma."

Eusébio conta-nos que Paulo e Pedro foram mortos por Nero; Paulo decapitado e Pedro crucificado, e os seus túmulos, diz, permaneciam no cemitério no seu tempo. Acrescenta que Caio, no tempo de Zeferino, bispo de Roma, ao discutir com Prócuro, disse: "Posso mostrar-vos os túmulos e troféus dos Apóstolos, se forem ao Vaticano ou à estrada Ostiana. Lá encontrareis os troféus dos que lançaram os alicerces desta igreja e que sofreram o martírio na mesma época." O mesmo, diz ele, é confirmado por Dionísio, bispo de Corinto (105).

Eusébio afirma ainda que Domiciano, que perseguiu os cristãos, ao saber, segundo Hegésipo, que os netos de Judas, irmão de Cristo, eram descendentes de David, mandou-os prender, tencionando matá-los, mas, desprezando a sua humilde condição, deixou-os ir. Acrescenta que Trajano também procurou todos os descendentes de David, temendo-os.

Que o apóstolo João escreveu o seu Evangelho depois dos outros três, porque estes tinham omitido muito sobre o nascimento e a juventude de Cristo. Que Simão Mago foi a Roma e se fez passar por Cristo, assim como Menandro depois dele, ambos com grandes poderes de adivinhação. Mas talvez as declarações mais interessantes de Eusébio sejam as seguintes:

No seu tempo (século IV), viu em Cesareia, de que era bispo, uma estátua de Cristo e uma mulher ajoelhada a tocar a orla do seu manto. O Salvador estava vestido com um manto — διπλοίδα — e estendia a mão. A mulher era daquela cidade, donde vinha a comemoração. Aos seus pés estava esculpida uma planta famosa por curar todas as doenças. Acrescenta que também havia retratos de Cristo, Pedro e Paulo, que chegaram ao seu tempo. Sendo bispo e residente no local, não poderia haver autoridade mais forte quanto à veracidade destes factos. Igualmente interessante e importante é a informação relativa a Filipe apóstolo e suas filhas.

Filipe, ao que parece, viveu até idade avançada. Nos Atos é dito que tinha quatro filhas profetisas. Duas delas viveram em Hierápolis, chegaram a idosas e aí foram sepultadas, tal como o pai; outra filha, provavelmente casada, morreu em Éfeso, onde também João Evangelista, que viveu até idade avançada, foi sepultado. Simeão, filho de Cléofas, viveu até aos cento e vinte anos, alcançando assim o século II, sendo morto sob Trajano.

Por meio destes indivíduos muito idosos, apóstolos ou contemporâneos deles, as provas da história do Evangelho chegaram a uma época em que pessoas idosas quase, senão totalmente, do século III, poderiam dizer que os tinham visto. De facto, Papias, bispo de Hierápolis e primeiro historiador da igreja, foi ouvinte de São João, segundo Ireneu, que diz ter recolhido os seus relatos dos companheiros dos Apóstolos (150).

Ele afirma ter recebido muitas informações das filhas de Filipe. Relata que Barnabé, o apóstolo, certa vez bebeu veneno mortal, mas nada lhe aconteceu; e Papias diz também que, no seu tempo, houve uma pessoa ressuscitada dos mortos. Quadrato, que viveu no reinado de Adriano e dirigiu uma apologia a esse monarca em defesa dos cristãos (ou seja, no século II), diz:

"Os feitos do nosso Salvador estavam sempre diante de vós, pois eram verdadeiros milagres. Aqueles que foram curados, aqueles que foram ressuscitados dos mortos, eram vistos não só quando curados e ressuscitados, mas permaneciam vivos por muito tempo, não só enquanto o nosso Senhor estava na terra, mas também depois de Ele ter partido: de modo que alguns deles viveram até ao nosso tempo" (155).

Estas afirmações de Eusébio e dos outros primeiros historiadores da igreja, ainda que nem sempre miraculosas, são das mais importantes, pois reforçam os relatos miraculosos que as acompanham. Entre estes, Eusébio conta a aparição de Potamiæna, já referida. Relata circunstâncias miraculosas sobre o martírio de Policarpo. Este venerável santo, aos oitenta e seis anos, enquanto orava na cama, viu a sua almofada como se

estivesse em chamas e completamente consumida. Sentiu isto como indicação do seu martírio pelo fogo.

Quando estava a ser conduzido à cidade, uma voz espiritual falou-lhe em voz alta, de modo a ser ouvida pelos irmãos que o acompanhavam: "Sê forte, Policarpo, e combate corajosamente." Quando o executor acendeu a fogueira, as chamas rodearam-no como um forno e não o tocaram: e ele permaneceu dentro como uma figura de ouro e prata, e um aroma fragrante espalhou-se da pira, como das mais aromáticas especiarias. Como o fogo não o tocava, o executor trespassou-o com a espada.

Natalius, no século III, conta Eusébio, tendo aceite o bispado de uma igreja herética a troco de salário, foi chicoteado por anjos durante a noite de tal forma que renunciou ao cargo na manhã seguinte. Narciso, décimo terceiro bispo de Jerusalém, apenas cerca de cinquenta ou sessenta anos antes do próprio Eusébio, durante a vigília da Páscoa, tendo sido informado pelos diáconos que guardavam vigília que o azeite tinha acabado, ordenou-lhes que enchessem as lâmpadas com água, e tendo orado, estas acenderam-se e não só arderam brilhantemente, como alguma dessa água convertida em azeite se guardou até ao seu tempo.

Narciso, tendo sido falsamente acusado de grande crime por três homens, um deles rezou para que, se a acusação fosse falsa, morresse queimado; o segundo, para que o corpo fosse consumido por doença; e o terceiro, para que ficasse cego: e todos tiveram a sua oração cumprida.

Entre muitos outros milagres, durante as terríveis perseguições aos cristãos no Egipto por Domiciano e Maximiano, as feras selvagens, embora atacassem os guardas, muitas vezes não tocavam nos mártires, sendo estes obrigados a ser mortos à espada; isto no século III e IV. Muitos milagres ocorreram durante as perseguições na Palestina, no tempo de Maximino, contemporâneo de Constantino.

O destino deste tirano foi um milagre. Foi consumido por violentos e dolorosos fogos internos. Caiu por terra e foi reduzido a um verdadeiro esqueleto; o seu coração batia violentamente, a medula ardia nos ossos e os olhos saltaram-lhe das órbitas. Assim morreu, confessando o juízo pelos seus crimes contra os cristãos.

Um dos milagres mais bem atestados em Eusébio é o da chuva concedida em resposta à oração. Diz que Marco Aurélio, prestes a entrar em batalha com os Germanos e Sármatas, estava com todo o exército em enorme aflição por sede, devido a uma longa seca. Os cristãos da legião Militina ajoelharam e rezaram por auxílio. Isto foi um espetáculo estranho para o inimigo, mas o efeito foi ainda mais extraordinário: uma tempestade com

trovões caiu sobre o inimigo, confundindo-os, e a chuva refrescou copiosamente os romanos, permitindo-lhes derrotar o adversário (211).

Eusébio cita este relato a partir de uma Apologia do Cristianismo dirigida a este mesmo imperador por Cláudio Apolinar, por volta do ano 176. O acontecimento tinha-se passado com o imperador apenas um ou dois anos antes e, se não fosse real, teria sido imediatamente desmentido.

Apolinário diz que, por causa deste episódio, o imperador chamou à legião o nome de "Legião Trovão". Tem sido contestado por Moyle, Scaliger e outros, dizendo que já havia uma "legião trovejante" no tempo de Trajano e até no de Augusto. Isso pode ser verdade, e ainda assim, tendo o nome caído em desuso, é possível que Aurélio o tenha renovado nesta mesma legião por ocasião deste acontecimento. Seja como for, tanto cristãos como pagãos admitiram o milagre, sendo que os pagãos do regimento quiseram atribuí-lo aos seus deuses. Tertuliano, referindo-se ao episódio, atribui a este milagre o favor demonstrado por Aurélio aos cristãos, decretando uma pena contra quem os denunciasse às autoridades. Seja ou não este o motivo do decreto do imperador, é certo que a memória deste evento foi preservada pela escultura na célebre coluna Antonina em Roma e por uma medalha de Antonino.

A intercessão é ali atribuída a Júpiter Plúvio e Mercúrio, segundo a visão pagã transmitida por Dion Cassius, Júlio Capitolino e Temístio; mas os cristãos reivindicaram o milagre com razão, pois oraram diretamente por ele.

Os últimos milagres registados por Eusébio, que irei referir, são os da aparição da cruz a Constantino e a descoberta do sepulcro e da cruz de Cristo por Helena, mãe do imperador. No primeiro caso, Eusébio afirma ter ouvido o próprio Constantino declarar, e confirmá-lo com juramento, que quando se preparava para atacar o tirano Maxêncio, cheio de dúvidas, ao repousar a meio do dia, ele e todos os soldados à sua volta viram uma cruz luminosa no céu, acompanhada por uma multidão de anjos, que diziam: "Ó Constantino! Por este sinal vencerás!" Perguntou aos soldados se tinham visto e ouvido o mesmo, e como responderam afirmativamente, percebeu que era real.

À noite, Cristo apareceu-lhe em sonho com a mesma cruz, ordenando-lhe que a colocasse nos seus estandartes com as palavras "Εν τούτῳ νίκα" – "Por este sinal vence". Constantino mandou então marcar nos escudos dos soldados a primeira letra do nome de Cristo, X, e assim, ao atacar o inimigo, derrotou-o junto à Ponte Mílvia, às portas de Roma, Maxêncio acabando afogado no rio. Ao entrar triunfalmente na cidade, mandou os estandartes do exército serem feitos segundo a forma da visão, com as mesmas

palavras inscritas. Esse estandarte passou a chamar-se o Labarum, ou Estandarte da Cruz.

A apoiar este relato encontramos Constantino não só a renovar o estandarte, mas também, cerca de três anos depois, a erguer um arco triunfal em Roma em honra da vitória, e a inscrever nele que a vitória foi alcançada "instinctu divinitatis". Temos Nazário, um orador pagão, que numa oração em 321 d.C., embora omitindo a cruz por ser pagão, reconhece que guerreiros celestes apareceram no ar, armados de luz celestial, descendo dos céus para combater por Constantino.

Temos Lactâncio, antes de 314 d.C., a afirmar na sua obra "De Mortibus Persecutorum" que Constantino mandou inscrever a letra X nos escudos dos soldados por ordem de um sonho, e que assim venceu Maxêncio. Sócrates, Filostórgio, Gelásio, Nicéforo e Sozómeno afirmam todos a veracidade da aparição da cruz no céu; sendo que o último, porém, cita Eusébio como fonte.

Quanto à descoberta do sepulcro e da cruz de Cristo, Eusébio é algo lacónico, e não dá conta do episódio na sua "História", mas sim na "Vida de Constantino". Ficamos a saber que a sua mãe, a imperatriz Helena, fez uma peregrinação a Jerusalém em 326 d.C., já com quase oitenta anos, para descobrir essas relíquias sagradas. Com base no facto de os judeus enterrarem os instrumentos de execução com os corpos dos condenados, confiavam poder encontrar as cruzes onde Jesus e os ladrões foram suspensos.

Descobriram o local exato com a ajuda de judeus e cristãos cujos antepassados viviam em Jerusalém. Souberam que Adriano tentara disfarçar o sítio construindo sobre ele um templo a Vénus. Por ordem de Constantino, esse templo foi demolido, a terra removida, e a gruta do sepulcro descoberta. Eusébio nada diz sobre a descoberta da cruz, mas inclui uma carta de Constantino a Macário, bispo de Jerusalém, referindo-se à descoberta do "sinal da santíssima paixão do Salvador", encontrado enterrado e identificado por "milagre".

Este relato foi confirmado, embora sem muitos detalhes, por São Cirilo, um dos clérigos da Igreja do Santo Sepulcro, que Constantino mandou construir sobre o local. Já em 361 d.C., vinte e cinco anos depois, Cirilo fala do Santo Sepulcro, da Igreja construída sobre ele, bem como da Santa Cruz numa carta ao imperador. Santo Ambrósio e Crisóstomo falam das três cruzes encontradas por Helena.

Os historiadores Teodoreto, Sócrates e Sozómeno relatam que a inscrição feita por Pilatos foi encontrada separada da verdadeira cruz, e que a cruz de

Cristo foi identificada por milagre: uma mulher (Sozómeno diz uma senhora de estatuto em Jerusalém), doente há anos com doença incurável e já moribunda segundo Sócrates, foi levada até às cruzes. Tendo tocado em duas delas sem efeito, ao tocar na terceira foi instantaneamente curada e recuperou toda a sua força.

Sozómeno acrescenta que também se dizia que um morto ressuscitou pela mesma aplicação. Paulino e Sulpício, baseados nesta versão, acrescentam este último detalhe. Rufino concorda no essencial com os outros historiadores; Sócrates, Sozómeno e Teodoreto dizem que Helena enviou os pregos da cruz ao filho, que mandou soldar um ou mais ao seu capacete para proteger a cabeça nas batalhas, e transformar o resto num freio, cumprindo assim a profecia de Zacarias XIV:

"Aquilo que estiver no freio do cavalo será santo para o Senhor". Paulino acrescenta que, como a botija de azeite da viúva, a verdadeira cruz tinha a propriedade de fornecer fragmentos para relíquias sem diminuir de tamanho.

Sobre os muitos volumes de polémica acesa acerca destes dois milagres, da negação da sua veracidade total por autores protestantes, da afirmação de que nem sequer o verdadeiro local do sepulcro e da crucificação foi encontrado por Helena, etc., não é necessário falar aqui. O que me importa é a evidência histórica da época e imediatamente posterior aos acontecimentos; o facto de as mais altas autoridades da igreja desses tempos atestarem os factos e a igreja primitiva os aceitar como verdadeiros. Estes exemplos podem servir para os primeiros seis séculos. Só posso referir brevemente mais alguns dos inúmeros milagres narrados nas histórias desta época.

Sozómeno, um dos historiadores da igreja desse período, conta que o seu avô e toda a família se converteram ao cristianismo em Gaza ao verem Hilarion expulsar um demónio apenas com o nome de Cristo, depois de todas as tentativas de judeus e pagãos falharem. Teodoreto diz que Tiago, bispo de Antioquia no século IV, tinha poder para ressuscitar mortos e realizar muitos outros milagres. A morte de Ário é relatada por todos estes historiadores como um julgamento súbito e notório, no preciso momento em que o imperador Constantino o ia impor à igreja ortodoxa.

Sozómeno e Sócrates relatam ambos acerca de Spiridion, bispo de Trimithonte em Chipre, que quando ainda era lavrador, teve de noite ladrões no redil, que de manhã encontrou lá presos, imobilizados por espíritos protetores. Relatam ainda um caso muito semelhante às manifestações espirituais dos dias de hoje: um homem confiou um depósito à sua filha Irene. Ela, para o proteger, enterrou-o e logo depois morreu.

O dono pediu o dinheiro a Spiridion, que nada sabia e procurou em vão pela casa. O homem desesperou-se, arrancou os cabelos e chorou. Spiridion mandou-o acalmar-se, foi ao túmulo da filha, chamou-a para lhe dizer onde o depósito estava escondido, recebeu a informação e restituiu o dinheiro ao dono. O leitor lembrará o caso semelhante no capítulo sobre espiritualismo grego, onde Periandro, tirano de Corinto, obteve a mesma informação de um depósito junto à esposa falecida, consultando o oráculo dos mortos; e mais tarde, na história da igreja, há um episódio semelhante com Sinésio, bispo de Cirene, ainda mais notável pois, desde o caso de Baltazar em Daniel, talvez seja o mais antigo caso de escrita direta de um espírito registado.

Evágrio, filósofo, foi convertido ao cristianismo pelo bispo, depois de muita insistência, e levou-lhe um saco com trezentas libras em ouro para os pobres, dizendo que Sinésio deveria passar-lhe um recibo garantindo que Cristo lho pagaria no outro mundo. Sinésio deu o recibo e, três dias depois do funeral de Evágrio, este apareceu-lhe de noite, dizendo-lhe para ir ao seu túmulo buscar o recibo, pois Cristo já tinha pago a dívida.

Ao contar isto aos filhos de Evágrio, estes acharam curioso, pois o pai insistira que o recibo fosse enterrado consigo e assim foi feito. Foram então juntos ao túmulo, abriram-no e encontraram o recibo na mão do morto, assim assinado pela inconfundível letra do filósofo falecido: "Eu, Evágrio, o filósofo, a ti, Santíssimo Senhor, Bispo Sinésio, saúdo. Recebi a dívida que neste papel está escrita com tua mão e estou satisfeito; não tenho ação contra ti pelo ouro que te dei, e por ti, a Cristo nosso Deus e Salvador."

Sócrates e Sozomeno confirmam ambos o relato de Amiano Marcelino, sobre os filósofos que tentaram descobrir o sucessor do imperador Valente através de uma mesa e alfabeto, e sobre o seu sucesso. Sozomeno diz que Eutiquiano, um monge da Bitínia, em graça com Constantino, tendo pedido aos carcereiros que removessem as algemas de um prisioneiro que era gravemente torturado por elas, e sendo recusado, dirigiu-se à prisão acompanhado por Auscanão, um venerável presbítero da igreja; as portas da prisão abriram-se à sua aproximação, e as correntes caíram dos membros do prisioneiro.

Em seguida, foram ao imperador e obtiveram a sua libertação, pois ele foi considerado inocente. Todos estes historiadores afirmam que os iberos asiáticos, uma nação ao norte da Arménia, foram convertidos ao cristianismo por intermédio de uma mulher cristã cativa, que curou o filho do rei, quando todos os outros meios falharam, impondo-lhe a mão em nome de Cristo.

Acrescentam que o rei, ao construir depois uma igreja cristã, uma das colunas não pôde ser erguida por qualquer força humana, mas a mesma cativa, permanecendo no templo em oração durante toda a noite, na manhã seguinte a coluna foi encontrada de pé, mas suspensa no ar a alguma distância acima da sua base. Enquanto o rei e os operários olhavam espantados para o fenómeno, a coluna desceu lentamente até à base e fixou-se.

A suspensão e descida de mesas nos dias de hoje não é nada comparado com isto, e sem as mesas ninguém acreditaria na suspensão da coluna no ano 331 da era comum. Martinho de Tours é declarado por Sozomeno como tendo restaurado um homem morto à vida, além de realizar muitos outros milagres. Sócrates e Teodoreto relatam que Juliano, o apóstata, desejoso de receber uma mensagem oracular do templo do Apolo Dafneano em Antioquia, a resposta foi que o oráculo não podia falar enquanto o corpo de Babílas, o mártir, e os de outros cristãos, permanecessem sepultados perto do templo, e Juliano foi obrigado a permitir que os cristãos de Antioquia removessem esses restos para a cidade em procissão pública.

Acrescentam que Juliano, o tio do imperador, tendo cometido profanações indecentes na igreja de Antioquia, foi, com os seus assistentes, atingido por uma doença repugnante, e que morreu devorado por vermes. A sua esposa, uma cristã, implorou-lhe que se arrependesse da sua conduta ímpia, e ele tentou desfazer o seu ato quando já era tarde demais. Todos estes historiadores relatam a tentativa de Juliano de reconstruir o templo de Jerusalém, de forma muito semelhante à de Amiano Marcelino, o pagão, como já relatado por mim no capítulo do Espiritualismo do Novo Testamento.

O próprio Juliano alude a isso numa carta citada pelo bispo Warburton, que o trata como um dos factos mais perfeitamente provados da história. Os mesmos três historiadores relatam que Juliano, tendo mandado matar um jovem cristão de Antioquia chamado Teodoro, fogo caiu do céu e destruiu o templo de Apolo lá que Juliano estava a construir. Que Juliano, tendo em Cesareia de Filipe derrubado a estátua de Cristo curando a mulher com fluxo de sangue, mencionada por Eusébio, e erigido a sua própria no lugar dela, esta foi imediatamente atingida por um trovão e prostrada no chão, de rosto para baixo.

Que os pagãos arrastaram a estátua de Cristo pela cidade e a mutilaram, mas os cristãos recolheram os fragmentos e os preservaram na igreja, onde Sozomeno diz que estavam no seu tempo. Sozomeno diz que quando Juliano foi morto na Pérsia, a sua morte foi vista na Ásia por um dos seus

próprios oficiais a caminho de se juntar a ele, mas a vinte dias de distância de viagem; e por Dídimo, o cristão cego, em Alexandria no Egito.

Teodoreto diz que a sua morte também foi vista pelo seu homónimo Juliano, um monge, no seu mosteiro a muitos dias de distância. Estes historiadores relatam que nada era mais comum entre os ascetas no deserto da Tebaida do que curar doenças pela imposição de mãos e unção com óleo. Sozomeno diz que João, o apóstolo, ressuscitou um homem dos mortos em Hierápolis, e que as filhas de Filipe que viviam lá fizeram o mesmo. Nestes relatos há muitos exemplos de profecias notáveis e de intervenções visíveis de anjos armados em defesa dos cristãos, como no caso de Gainas, o godo, que tentou tomar Constantinopla contra Arcádio, em apoio do imperador Teodósio.

O último milagre nas histórias da igreja cristã dos primeiros seis séculos ao qual me referirei é o dos sessenta e seis professores cristãos em Cartago, cujas línguas Hunerico, o vândalo, mandou cortar no ano 484. Ele também lhes cortou as mãos direitas, além de submeter números de outros a mortes bárbaras. Afirma-se, e isso por numerosas testemunhas oculares e contemporâneos de carácter irrepreensível, que estes confessores, embora as suas línguas tivessem sido cortadas até às raízes, continuaram a falar durante as suas vidas tão perfeitamente como antes.

Vítor, bispo de Vita, que publicou o seu relato apenas dois anos após o evento, diz que viu um desses homens em Constantinopla, chamado Reparato, que se tornara subdiácono lá, e em grande graça com o imperador Zenão, e que a sua fala era perfeita. Eneias de Gaza diz que viu vários desses homens em Constantinopla, achou a sua articulação admirável e examinou as suas bocas para se certificar de que não tinham vestígio de língua.

Procópio, o historiador bem conhecido, dá o mesmo testemunho de alguns deles que viviam no seu tempo, e acrescenta que dois deles, ao se tornarem dissolutos, imediatamente perderam o uso dessa fala milagrosa. O imperador Justiniano, num édito, afirma que viu alguns desses homens maravilhosos; e Marcelino, o chanceler do imperador, acrescenta o seu conhecimento pessoal também. Além destes que viram mais ou menos desses homens, os escritores próximos do tempo aceitaram o relato como inquestionável, como Vítor, bispo de Tormo, o papa Gregório I, etc. Um dos casos mais notáveis entre estes foi o de um jovem que era mudo até ao momento em que a sua língua foi extraída, e que falou imediatamente, e para sempre depois.

O reverendo J. H. Newman, ao resumir esta evidência irresistível no seu 'Ensaio sobre Milagres', indigna-se com Middleton e Douglas, quando eles,

não podendo negar a completude da evidência, tentaram provar que não era milagre, afirmando que houve outros casos de pessoas que falavam sem línguas. O senhor Newman não precisa de se espantar. Estes homens eram, na realidade, descrentes em todo o milagre, mas não ousavam admiti-lo quanto aos milagres das Escrituras.

Estando resolvidos a negar todos os milagres fora da Bíblia, se tivessem ouvido falar de mártires que falavam milagrosamente quando as suas cabeças eram cortadas, se não pudessem negar a excisão das cabeças, teriam calmamente afirmado que nada era mais comum do que as pessoas falarem quando as suas cabeças estavam cortadas.

O espírito do senhor Newman no seu Ensaio é muito de admirar pela sua imparcialidade. Ele não faz nenhuma tentativa para atribuir peso a evidências duvidosas; não faz nenhuma para negar o facto notório da corrupção da igreja nos séculos quarto e quinto, e da fabricação imprudente de milagres nas eras da Igreja Romana anteriores à Reforma. Ele diz com franqueza: «Houve em todos os tempos milagres verdadeiros (p. xiii.) e falsos; alguns dos milagres foram milagres verdadeiros; alguns certamente não foram verdadeiros; nestas circunstâncias, a decisão em casos particulares é deixada a cada indivíduo de acordo com as suas oportunidades de julgar.» (Introdução.)

Na verdade, quando examinamos a história, os seus milagres em todas as eras e países devem ser julgados pela mesma evidência que o resto das narrativas destes historiadores. De toda a história que, como o lorde Byron bem diz, Mente como a verdade, e no entanto mente mais verdadeiramente, devemos fazer uma dedução liberal de falsidade; mas quando isso é feito, deve restar um resíduo substancial de verdade, do qual o milagre reivindica o seu dividendo legítimo.

Dizer que todos os milagres da igreja cristã primitiva foram pura ficção seria carimbar essa igreja, em vez de ser, com todos os seus defeitos, indubitavelmente a melhor igreja que o mundo tinha visto, como a mais infame, não só de todas as igrejas, judaicas, pagãs ou outras, mas a mais infame de todas as instituições humanas. Os caracteres de muitos dos homens santos e grandes que atestaram muitos desses milagres, e a evidência histórica primeiramente produzida, repelem tal acusação.

Em comum com todas as eras e povos, a igreja cristã primitiva deve reivindicar a sua parte de milagre como o seu direito hereditário humano, se não reivindicasse mais. Devemos admitir evidência histórica apropriada em todos os assuntos, milagrosos ou ordinários, ou, nas palavras de Cícero e John Locke, destruímos a história por completo.

CAPÍTULO XIX

O SOBRENATURAL DOS NEO-PLATÓNICOS

A adivinhação não é uma obra humana, mas é divina e sobrenatural, e é sobrenaturalmente enviada do céu.

JÂMBLICO, De Mysteriis Ægyptorum.

É Apolónio, o sábio, o meu guia fiel E bom instrutor.

Lamia de KEATS.

Coincidente com o Cristianismo surgiu a escola alexandrina da Grécia. Baseava-se nos sistemas psicológicos de Pitágoras e de Platão, mas não apenas neles. Abrangia as fontes originais donde esses filósofos tinham extraído as suas ideias mais potentes e espirituais, os profundos e primevos ensinamentos dos sábios do Egito e da Índia, que fundiu e amalgamou com a nova vida do Cristianismo. Em Alexandria, diz Ennemoser, "o ponto de união entre o Oriente e o Ocidente da vida espiritual e temporal e do comércio do tempo, pouco depois da era cristã, originou-se aquela notável escola que de imediato combinou todas as tendências da filosofia grega com as doutrinas dos orientais, da Cabala judaica com as reflexões e especulações dos ocidentalistas. Os neoplatónicos procuravam apresentar os elementos da teosofia e da filosofia segundo as doutrinas primevas dos profetas orientais em combinação com o platonismo poético e a filosofia aristotélica, sob a forma da dialética grega. A doutrina oriental da emanação, o número pitagórico da harmonia, as ideias platónicas da criação e da separação do mundo sensível constituem o verdadeiro tecido da chamada escola neoplatónica."

Nesta filosofia, a alma do homem era representada, como no Egito e na Índia e como em Platão e Pitágoras no credo que destes beberam, como descendo da Divindade à terra num percurso de prova e purificação. Esta purificação julgava-se grandemente promovida pela vitória sobre os sentidos, e esta vitória seria alcançada de imediato pela oração, pela temperança e pela pureza do corpo. Por estes meios, os homens tornavam-se dotados de poder, não só vindo do alto mas também da natureza circundante, que entrava em união com esse poder por certas influências secretas, residentes na própria natureza mas tendendo para cima, para uma natureza mais elevada. Estavam, de facto, plenamente conscientes daquilo a que agora se chamam os princípios mesméricos e magnéticos que abrem as portas da clarividência e, por esse mesmo caminho, permitem às

naturezas espirituais desencarnadas aproximarem-se sensivelmente da nossa. Esta escola ensinava assim todas as sublimes teorias do bramanismo e do budismo: a ascensão por meio da abstração espiritual e do êxtase até à unidade com o divino, ainda em vida corporal; e neste ponto encontraram-se com a luz mais clara e a chama do Cristianismo, sendo por ele elevados a uma esfera espiritual mais nobre do que o paganismo não assistido até então alcançara.

Porfírio, um dos maiores mestres desta fé, afirma que Apolónio de Tiana, que pode ser chamado o seu principal demonstrador prático, foi quatro vezes unido à Divindade pela vida interior; e que, seguindo o plano delineado no *Banquete* de Platão, a Divindade se lhe manifestou, embora Ela não tenha forma nem ideias, mas esteja estabelecida acima do intelecto e de tudo o que é inteligível; e acrescenta que ele próprio, quando tinha sessenta anos de idade, também assim foi unido à Divindade.

Poder-se-ia supor que homens com tais ideias teriam sido os primeiros a receber o Cristianismo, vendo os seus milagres e ouvindo as suas doutrinas afins no seu poder original. Mas, como os homens eruditos de hoje que não conseguem aceitar o espiritualismo, já estavam moldados noutro feitio intelectual, do qual não conseguiam sair. Viram o Cristianismo desde a porta do templo da sua própria filosofia e acharam-no tão *ὁμοούσιον* (*da mesma substância*) que pensaram que ele deveria entrar, não eles sair ao seu encontro. O orgulho da filosofia grega não se podia inclinar perante a revelação hebraica, antes procurava extrair dela força em vez de nela se absorver. É por isso que os neoplatónicos foram considerados rivais e antagonistas do Cristianismo, como encarnando o último esforço do paganismo para se manter contra a nova e mais poderosa fé. Mas isto é um erro total da parte de Lloyd, Küster, Mosheim, Brucker e outros, que representaram os neoplatónicos como tendo erguido Apolónio de Tiana como uma espécie de rival de Cristo. Meiners, na sua *História da Origem, Progresso e Decadência das Ciências na Grécia e em Roma*, expôs plenamente o absurdo desta ideia. Diz ele que tais escritores não só esqueceram toda a cronologia, como lançaram as mais vis acusações contra Pitágoras, Porfírio e Jâmblico. Que os milagres que dizem Porfírio e Jâmblico terem inventado e atribuído a Pitágoras são relatados pelos mais antigos biógrafos de Pitágoras. Que Apolónio de Tiana nasceu aproximadamente na época de Cristo e começou os seus ensinos públicos tão cedo quanto Ele, e que até Filóstrato escreveu a *Vida de Apolónio* antes de Amónio Sacas, o primeiro dos neoplatónicos, começar a ensinar. Que atribuir a invenção dos milagres de Pitágoras a Filóstrato, Porfírio e Jâmblico é uma demonstração de tal ignorância que ele não conseguia compreender como a mais moderada erudição poderia ter caído nela. Que,

longe de os neoplatónicos mostrarem antagonismo ao Cristianismo, confessam o maior respeito por Moisés e por Jesus Cristo; nunca pensaram em pôr em dúvida os seus milagres; que nem Porfírio nem Jâmblico jamais foram convictos de uma única ficção; e finalmente, que nos seus escritos não existe um único vestígio de comparação ou assimilação dos milagres de Pitágoras com os do nosso Salvador.

Isto é bem verdade, e como precursor desta célebre escola de espiritualistas, vejamos uma breve visão de Apolónio de Tiana:

Este grande teurgo, tão celebrado pelos neoplatónicos, nasceu em Tiana, na Ásia Menor, aproximadamente na mesma época que Jesus Cristo. Era um homem de fortuna e devotou-se à filosofia de Pitágoras. Abstinha-se de alimento animal, andava descalço e vestia apenas peles de animais — coisa algo inconsistente, deixar de comer carne mas apoiar quem a come comprando as peles das bestas abatidas. Impôs a si mesmo cinco anos de silêncio. Entrou também por algum tempo num templo de Esculápio em Egas. Dividiu o seu património com o irmão, e, tendo este gasto a sua parte, voltou a dividir a metade restante com ele. Viajou a Babilónia, Susa e até à Índia para adquirir a filosofia espiritual dessas regiões. Era um homem de presença notavelmente bela e impressionante. Tornou-se não apenas profundamente instruído na filosofia oriental, mas, pelo regime alimentar e hábitos ascéticos, e pela oração fervorosa, desenvolveu-se num grande médium. Viajou, não só aos lugares já mencionados, mas também a quase todos os grandes oráculos, ao de Anfiarau, a Delfos e Dodona; visitou o Egito, a Etiópia, Creta, a Sicília e Roma, conversando por toda a parte não só com filósofos, mas com o povo de todas as classes, aprendendo as suas experiências reais. Onde quer que fosse, incitava à pureza, à oração e à moralidade; curava as doenças mais perigosas e predisse acontecimentos futuros. Durante uma terrível peste em Éfeso, foi chamado, e aí, segundo se afirma, descobrindo um demónio encarnado num corpo humano, ordenou que fosse apedrejado, e a peste terminou.

Em Corinto afeiçoou-se muito a um jovem chamado Menipo que, contra o conselho do filósofo, casou com uma mulher rica e bela. No dia do casamento, Apolónio entrou na casa sem ser convidado e ordenou ao demónio que animava o corpo dessa mulher que saísse dela. Depois de resistência vã, saiu, confessando que era uma *empusa* (um tipo de vampiro), que pretendia seduzir e destruir o jovem.

Este grande teurgo, tão celebrado pelos neoplatónicos, nasceu em Tiana, na Ásia Menor, aproximadamente na mesma época de Jesus Cristo. Era um homem abastado e devotou-se à filosofia de Pitágoras. Abstinha-se de alimento animal, andava descalço e vestia apenas peles de animais — algo

um tanto inconsistente, não comer carne mas encorajar quem a comia comprando as peles das bestas abatidas. Impôs a si mesmo cinco anos de silêncio. Entrou também por algum tempo num templo de Esculápio em Egas. Dividiu o seu património com o irmão e, tendo este dissipado a sua parte, voltou a dividir com ele a metade restante.

Viajou a Babilónia, a Susa e até à Índia, para adquirir a filosofia espiritual dessas regiões. Era um homem de presença notavelmente bela e impressionante. Tornou-se não apenas profundamente instruído na filosofia oriental, mas, pelos seus hábitos dietéticos e ascéticos e pela oração fervorosa, desenvolveu-se como um grande médium.

Viajou, não apenas para os lugares já mencionados, mas também para quase todos os grandes oráculos: o de Anfiarau, o de Delfos e o de Dodona. Visitou o Egito, a Etiópia, Creta, a Sicília e Roma, conversando em toda a parte não só com filósofos, mas também com pessoas de todas as classes, aprendendo das suas experiências reais. Onde quer que fosse, incitava à pureza, à oração e à moralidade; curava as doenças mais perigosas e predisse acontecimentos futuros.

Durante uma terrível peste que assolava Éfeso, foi chamado, e aí, segundo se afirma, descobrindo um demónio encarnado num corpo humano, ordenou que fosse apedrejado — e a peste chegou ao fim.

Em Corinto, afeiçoou-se a um jovem chamado Ménipo que, contra o conselho do filósofo, casou com uma mulher rica e bela. No dia do casamento, Apolónio entrou na casa sem ser convidado e ordenou ao demónio que animava o corpo dessa mulher que saísse dela. Após uma resistência vã, ela saiu, confessando que era uma *empusa* (um tipo de vampiro) que pretendia seduzir e arruinar o jovem.

A formação intelectual destes homens impedia-os de sair do molde em que haviam sido educados. Viram o Cristianismo a partir da porta do templo da sua própria filosofia e consideraram-no tão *ὁμοούσιον* (*da mesma substância*) que pensaram que ele deveria entrar no seu sistema, em vez de eles saírem ao seu encontro. O orgulho da filosofia grega não se podia inclinar perante a revelação hebraica; antes procurava extrair dela força, em vez de se deixar absorver por ela. É por isso que os neoplatónicos foram considerados rivais e antagonistas do Cristianismo e como encarnando o último esforço do paganismo para se manter contra a nova e mais poderosa fé.

Mas isto é um erro total por parte do bispo Lloyd, de Küster, Mosheim, Brucker e outros, que representaram os neoplatónicos como tendo erguido Apolónio de Tiana como uma espécie de rival de Cristo. Meiners, na sua

História da Origem, Progresso e Decadência das Ciências na Grécia e em Roma, expôs plenamente o absurdo dessa ideia. Ele afirma que esses escritores não só esqueceram toda a cronologia, como lançaram as mais vis acusações contra Pitágoras, Porfírio e Jâmblico. Que os milagres que dizem Porfírio e Jâmblico terem inventado e atribuído a Pitágoras são relatados pelos mais antigos biógrafos de Pitágoras. Que Apolónio de Tiana nasceu aproximadamente na época de Cristo e começou os seus ensinos públicos tão cedo quanto Ele; e que até Filóstrato escreveu a *Vida de Apolónio* antes de Amónio Sacas, o primeiro dos neoplatónicos, começar a ensinar.

Atribuir a invenção dos milagres de Pitágoras a Filóstrato, Porfírio e Jâmblico é, segundo Meiners, uma demonstração de ignorância tal que ele não conseguia compreender como mesmo a erudição mais moderada poderia ter caído nela. E acrescenta: longe de os neoplatónicos mostrarem qualquer antagonismo ao Cristianismo, confessam o maior respeito por Moisés e por Jesus Cristo; nunca pensaram em pôr em causa os seus milagres; nem Porfírio nem Jâmblico jamais foram convictos de uma única falsificação; e finalmente, que nos seus escritos não existe um único vestígio de comparação ou assimilação entre os milagres de Pitágoras e os do nosso Salvador.

Isto é bem verdade e, como precursor desta célebre escola de espiritualistas, façamos uma breve visão de Apolónio de Tiana:

Este grande teurgo, tão celebrado pelos neoplatónicos, nasceu em Tiana, na Ásia Menor, aproximadamente na mesma época de Jesus Cristo. Era um homem de fortuna e devotou-se à filosofia de Pitágoras. Abstinha-se de alimento animal, andava descalço e vestia apenas peles de animais — um tanto inconsistente, não comer carne mas, ao mesmo tempo, apoiar os que o faziam comprando as peles das bestas mortas. Impôs a si mesmo cinco anos de silêncio. Entrou também por algum tempo num templo de Esculápio em Egas. Dividiu o seu património com o irmão e, tendo este dissipado a sua parte, voltou a dividir com ele a metade restante.

Viajou a Babilónia, a Susa e até à Índia para adquirir a filosofia espiritual dessas regiões. Era um homem de presença notavelmente bela e impressionante. Tornou-se não apenas profundamente instruído na filosofia oriental, mas, pelos seus hábitos dietéticos e ascéticos e pela oração fervorosa, desenvolveu-se como um grande médium.

Viajou, não apenas para os lugares já mencionados, mas também para quase todos os grandes oráculos: o de Anfiarau, o de Delfos e o de Dodona. Visitou o Egito, a Etiópia, Creta, a Sicília e Roma, conversando em toda a parte não só com filósofos, mas também com pessoas de todas as classes, aprendendo das suas experiências reais. Onde quer que fosse, incitava à

pureza, à oração e à moralidade; curava as doenças mais perigosas e predisse acontecimentos futuros.

Durante uma terrível peste que assolava Éfeso, foi chamado, e aí, segundo se afirma, descobrindo um demónio encarnado num corpo humano, ordenou que fosse apedrejado — e a peste terminou.

Em Corinto, afeiçoou-se muito a um jovem chamado Ménipo, que, contra o conselho do filósofo, casou com uma mulher rica e bela. No dia do casamento, Apolónio entrou na casa sem ser convidado e ordenou ao demónio que animava o corpo dessa mulher que saísse dela. Após uma resistência vã, ela saiu, confessando que era uma *empusa* (um tipo de vampiro) que pretendia seduzir e arruinar o jovem.

Em Corinto, afeiçoou-se muito a um jovem chamado Ménipo que, contra o conselho do filósofo, casou com uma mulher rica e bela. No dia do casamento, Apolónio entrou na casa sem ser convidado e ordenou ao demónio que animava o corpo dessa mulher que saísse dela. Após uma resistência vã, saiu, confessando que era uma *empusa* (uma espécie de vampiro) que pretendia sugar a vida de Ménipo. Foi desta história que Keats compôs o seu belo poema *Lamia*.

Noutra ocasião, conta-se que Apolónio encontrou um noivo em profundo desespero, seguindo o féretro da sua noiva. Ordenou então que o cortejo parasse e restituiu a jovem à vida. Provavelmente estes relatos foram bastante embelezados, mas não há razão para duvidar, dado o imenso renome de Apolónio, que o seu poder teúrgico era enorme. Curava todos os tipos de doenças por meios precisamente mesméricos. Era um grande magnetista além de espiritualista, tendo estudado todas as artes científicas e psicológicas do tempo nas escolas e templos dos países mais renomados. Como o Emir Bechir do nosso tempo, enviava os seus remédios magnéticos a qualquer distância, e estes expulsavam a doença.

Fazia sempre uma distinção clara entre magia e feitiçaria. Considerava a magia no seu sentido original, como um poder conferido pela ciência e pela Divindade para promover a saúde e a virtude; a feitiçaria, como o abuso desse poder, praticada com o auxílio de demónios para fins vis. As suas próprias palavras, em cartas preservadas pelo imperador Adriano, merecem toda a atenção ainda hoje: “Não sou feiticeiro, mas um homem melhor, sustentado por Deus em todas as minhas ações. Não necessito de sacrifícios, pois Deus está sempre presente para mim e cumpre os meus desejos, de modo que deixo bem atrás de mim todos esses impostores e malfeitores.” E, depois de denunciar os feiticeiros, cujas almas sórdidas, dizia, só estão voltadas para juntar riquezas, acrescentava: “Creio, por firme convicção, que os jovens não devem sequer falar com tais pessoas.”

A filosofia de Apolónio era puramente platónica e pitagórica. Platão, no *Timeu*, afirma que entre Deus e os homens existem os *daimones* (espíritos), "que estão sempre perto de nós, ainda que geralmente invisíveis, e conhecem todos os nossos pensamentos. São intermediários entre os deuses e os homens, e a sua função é interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens e aos homens o que vem dos deuses." Quão de acordo está isto com a doutrina cristã dos anjos e dos espíritos ministradores! Tanto Platão como Pitágoras recomendavam regime puro e hábitos regrados para alcançar clareza espiritual pura.

"O meu modo de vida", dizia Apolónio, "é muito diferente do das outras pessoas. Tomo pouquíssimo alimento e este, como um remédio secreto, mantém os meus sentidos frescos e intactos, pois afasta deles tudo o que é obscuro, de modo que posso ver o presente e o futuro como que num espelho límpido. O sábio não precisa de esperar pelos vapores da terra e pela corrupção do ar para prever pestes e febres; deve conhecê-las depois de Deus, mas antes do povo. Os deuses veem o futuro, os homens o presente, os sábios aquilo que está para vir. Este modo de vida produz tal acuidade dos sentidos, ou algum outro poder, que as maiores e mais notáveis coisas podem ser realizadas. Estou, portanto, plenamente convencido de que Deus revela as Suas intenções aos homens santos e sábios." (vii. 2, 9).

Na parte final da sua vida, Apolónio foi acusado por Domiciano de conspirar com Nerva para o eliminar; mas o filósofo provou a sua inocência e, em palavras ousadas, enfrentou o tirano. Retirou-se depois para a Grécia, onde expunha as suas doutrinas perante as audiências mais ilustres. No meio de uma dessas lições em Éfeso, interrompeu-se subitamente, olhando fixamente como se contemplasse uma cena prodigiosa, e exclamou: "Golpeiem o tirano! Golpeiem-no!" No meio da estupefação dos ouvintes, acrescentou: "Domiciano já não existe! O mundo está livre do seu mais amargo opressor!" O correio seguinte vindo de Roma trouxe a notícia de que o imperador fora morto exatamente no dia e na hora em que Apolónio tinha visto o acontecimento em Éfeso.

Nerva, que sucedeu a Domiciano, manteve a maior amizade por Apolónio. Após a sua morte, ocorrida quando tinha quase cem anos, os habitantes de Tiana erigiram-lhe um templo em sua honra. Adriano recolheu as suas cartas e os documentos originais que a ele se referiam, preservando-os como de máximo valor. Estes foram entregues pela imperatriz Júlia, mãe de Severo, a Filóstrato, para que escrevesse a vida do filósofo — o que fez. O bispo Douglas, no seu livro contra os milagres, procurou destruir o crédito da biografia de Filóstrato, alegando que uma vida de Apolónio escrita pouco depois da sua morte não continha muitos dos prodígios que lhe eram

atribuídos, e que estes só apareceram na vida redigida anos mais tarde por Filóstrato. Mas toma o cuidado de não dizer que Filóstrato escreveu essa vida a partir dos dados privados e autênticos preservados por Adriano, o que explica todo o mistério e acrescenta precisamente essa autenticidade à biografia posterior que ele queria insidiosamente aniquilar. Quantos livros vemos hoje publicados, sem base em documentos autênticos, e que têm de ceder quando aparece um trabalho assim legitimamente fundamentado!

Apolónio nunca se apresentou como Messias, mas apenas como profeta e teurgo inspirado por Deus.

Embora Apolónio fosse o arauto da nova escola, não foi o seu fundador, apenas a sua grande pedra fundamental. Amónio Sacas é considerado o organizador da escola ou seita por volta de 220 d.C., e os seus discípulos mais ilustres foram Plotino, Porfírio, Proclo e Jâmblico. Amónio declarou ter retirado a origem da sua filosofia espiritual abertamente do Oriente. Dizia que a filosofia aí originada fora trazida por Hermes ao Egito e que, obscurecida e perturbada pelas disputas dos gregos, foi restituída à sua pureza por Platão. Sabia bem de onde vinha o seu sistema, pois a identidade de Deus e do universo que ensinava é a dos Vedas e Purāṇas indianos; e as práticas que recomendava — isto é, mortificar o corpo por abstinência exterior e contemplação interior para alcançar a união com o Ser Supremo — são as do *Yoga*, descritas em vários dos Purāṇas. É de crer que foi desta fonte que se enxertaram no Cristianismo o monaquismo e o ascetismo dos devotos do deserto tebaico, os yogues da Igreja.

Com efeito, Amónio, que nascera de pais cristãos, dizia que a religião de ambos os povos era, no fundo, sinónima desta, e só necessitava ser purificada dos seus erros — o que Jesus Cristo, sobretudo, um homem excelente e amigo de Deus, tinha feito. Que possuía a arte de purificar a alma, de modo que esta pudesse perceber os espíritos, e, com a sua ajuda, realizar milagres.

Plotino, um dos primeiros discípulos de Amónio, apresentava todo o carácter de um yogue indiano, de um devoto budista ou de um asceta cristão. Vivia na mais profunda abstração, jejuava frequentemente e caía em êxtase ou clarividência, estado em que parecia ver através de tudo à sua volta, percebia a condição moral de cada homem e penetrava nos mais ocultos mistérios. Uma viúva humilde, que vivia com os filhos em sua casa, certa vez viu um colar valioso roubado. Fez com que todos os residentes passassem diante de Plotino, que os examinou atentamente e apontou um deles, dizendo: “Este é o ladrão”; e o homem, depois de alguma negação, confessou. Porfírio, seu discípulo e biógrafo, também relata que Plotino se lhe dirigiu subitamente e disse: “A tua intuição, Porfírio, não tem fundamento

no espírito, mas procede de uma enfermidade corporal"; e aconselhou-o, por isso, a viajar até Roma, onde de facto recuperou.

Estes episódios podem parecer antes exemplos de sagacidade natural do que de clarividência espiritual; mas a mesma visão penetrante é representada por Porfírio como tão habitual que equivalia a mais do que sagacidade: a uma intuição infalível. Era, além disso, acompanhada de grande poder teúrgico. Um tal Olímpio, que detinha o primeiro lugar na filosofia, desafiou-o a uma prova de artes mágicas. Plotino soltou sobre ele todo o seu poder espiritual e disse aos discípulos: "Agora Olímpio contrai-se como uma bolsa"; o que Olímpio experimentou, e tão dolorosamente, que cessou a hostilidade e reconheceu que Plotino possuía o mais alto poder espiritual.

Os ensinamentos de Plotino, como Porfírio os detalha, são precisamente os dos brâmanes e budistas indianos. Trata-se da unidade com Deus alcançável por abstração espiritual e sujeição do corpo. Que Deus não está apenas fora, mas dentro de nós, não num lugar, mas no espírito. Deus está presente a todos, mas os homens fogem d'Ele e saem para fora d'Ele, ou antes, para fora de si próprios. As coisas desencarnadas não estão separadas pelo espaço, mas pela diferença de qualidades; se essa diferença cessa, estão imediatamente próximas umas das outras. Na união perfeita com Deus — que só pode ocorrer por semelhança de qualidade e disposição — a alma contempla-se a si mesma e a Deus, glorificada e cheia de luz divina, sem qualquer peso terreno, que apenas mostra de novo o seu poder ao obscurecer. Da eterna fonte luminosa de Deus emanam imagens crescentes, potências, formas ou espíritos, como os *εἴδωλα* (ídolos) de Heraclito; de modo que podemos considerar o universo cheio de espíritos e animado por eles. A esta comunidade de espíritos que nos rodeia em múltiplas formas, o homem só pode chegar retirando-se das atrações sensuais externas. Assim se alcança essa comunhão no êxtase, que geralmente é obra dos espíritos. Plotino possuía esta comunhão, e dela tirava todo o seu poder: por ela curava doenças perigosas, adquiria reputação extraordinária ao predizer acontecimentos futuros e realizava atos sobre-humanos. Declarava, como Sócrates, ter um demónio assistente e mantinha com ele conversas familiares. Quando Emílio o convidou a assistir aos serviços da Igreja, respondeu: "Os espíritos é que devem vir a mim, não eu aos espíritos."

As doutrinas de Porfírio são, naturalmente, as do seu mestre. Encontramo-las não só na sua *Vida de Plotino*, mas também na sua obra *De Abstinentia* e numa carta a Anebo, sacerdote egípcio, transmitida por Jâmblico nas suas *Mysteria*. Porfírio pensava que nem sequer a presença de espíritos era absolutamente necessária para a profecia. Quando a alma é posta em

harmonia com a natureza, sustentava ele, toda a natureza se abre diante dela como num espelho, pois a natureza é una, e o homem em harmonia é parte desse todo. Julgava isto um atributo natural do homem, mas apenas revelado em certas circunstâncias.

Jâmblico, que entre os neoplatónicos talvez mais se aproximou do Cristianismo e que era tão célebre pela sua erudição e poderes de cura pela influência espiritual, que Cunápio o chamou *θαυμάσιον* ("digno de admiração") e Proclo *θεῖον* ("divino"), não partilhava da opinião de Porfírio de que recebemos as nossas intimações simplesmente da harmonia com a natureza, mas antes dessa harmonia com Deus que Plotino inculcava, e com a cadeia de espíritos que d'Ele desce em sucessão ininterrupta. A ideia de Deus, ensinava, está impressa nas nossas almas, assim como a dos espíritos, que não são percebidos pela razão, nem pelos processos da razão, mas por uma conceção pura e simples, que é eterna e contemporânea da alma.

Estes espíritos são mediadores entre Deus e o homem, e sucedem-se em ordens regulares; os mais próximos de Deus são etéreos, a seguir os daemons do ar, e por último as almas mais terrenas. Ensina que estes espíritos confirmam os nossos sonhos sobre o futuro; que a sua presciência se estende a tudo e enche tudo o que é capaz de a receber, como o sol faz com a sua luz. Também nos dão avisos durante a vigília. Aqueles que não merecem tais avisos, ou que os desprezam, não acreditam neles precisamente porque não os têm. Nos sonhos comuns dormimos, mas nos extraordinários, ou divinos, estamos num estado mais do que desperto. A alma que se une às naturezas espirituais puras recebe delas poder para uma perceção mais vasta das coisas: poderes de cura e de restauração, de descobrir artes e novas verdades. Mas há diferentes graus dessa inspiração: por vezes a alma possui o mais elevado, por vezes o intermédio, por vezes apenas o mais baixo grau.

Assim, Jâmblico conhecia perfeitamente a clarividência em todos os seus estágios. Na sua obra sobre os *Mistérios*, dá uma descrição exata da condição cataléptica de uma pessoa em transe mesmérico. "Muitos, pela inspiração divina, não se queimam quando o fogo lhes é aplicado. Muitos também, ainda que queimados, não percebem que o são, porque então não vivem uma vida animal. Alguns, embora trespassados com espetos, não o percebem; outros, que são golpeados nos ombros com machados, e outros que têm os braços cortados com facas, de modo algum se dão conta do que lhes é feito."

De facto, o autor da engenhosa obra americana *The Apocatastasis, or Progress Backwards* afirma, com razão, que os antigos tiveram todos os

seguintes tipos de manifestações, como nós os temos hoje — físicas, psicológicas ou mistas:

- Luzes, fixas e móveis.
- Halo em torno do médium.
- Espectros luminosos ou visíveis de outro modo; espíritos autovisíveis.
- Sons, gritos, vozes no ar, trombetas, espectros falantes, entoações musicais, instrumentos tocados.
- Corpos inertes movidos e suspensos no ar.
- Médiuns suspensos e movendo-se no ar.
- Transe, sono magnético — insensibilidade magnética.
- Fala espiritual, escrita espiritual.
- Falar línguas desconhecidas.
- Responder a perguntas mentais.
- Clarividência, tanto em relação ao tempo como ao espaço.
- Magnetização pelo olhar, pela mão, pela música e pela água.
- Espíritos respondendo a perguntas através de médiuns e sem médiuns.

Jâmblico explica o que Porfírio disse, que alguns caem imediatamente em transe ao ouvir música; e mostra que conhecia casos de pessoas que ouviram música espiritual da mais divina — tal como tantas vezes acontece a pessoas em agonia de morte, e como ainda hoje temos exemplos notáveis de pessoas em plena saúde que ouvem música espiritual magnífica, havendo mesmo, num caso, grande parte disso transcrita. Jâmblico afirma que, sendo a alma originariamente procedente da harmonia divina, quando, no corpo, capta tons dessa harmonia, é tão profundamente afetada que se deixa levar por eles e absorve tanto quanto pode conter.

Sustenta que o poder de adivinhação não está confinado a nenhum lugar e, nas almas plenamente harmonizadas, não depende de meios externos, como a água de Colofão, os vapores subterrâneos de Delfos ou a corrente de água em Branchis, mas lança-se na alma livre de todos os sentidos, penetrando-a inteiramente, estando em toda a parte e sempre presente (cap. 12). Nega que a doença, a saúde enfraquecida ou as paixões possam

ser a fonte da adivinhação; não passam de fendas pelas quais escapa a luz espiritual.

Não podemos dar ideia mais adequada da pureza da filosofia de Jâmblico do que transcrevendo as suas observações sobre a oração, que são dignas de um cristão:

Jâmblico sobre a Oração

“A oração constitui parte do serviço sagrado e confere uma vantagem universal à religião, ao criar uma ligação infalível entre os sacerdotes e Deus. Isto, em si, é louvável e conveniente, mas conduz-nos ainda a um conhecimento perfeito das coisas celestes. Assim, a oração proporciona-nos este conhecimento das coisas divinas, a união de um vínculo indestrutível entre os sacerdotes e Deus; e, em terceiro lugar — e o mais importante — aquela devoção inefável que coloca toda a sua força em Deus no alto, e assim comunica às nossas almas um repouso bem-aventurado.

Nenhum ato prospera no serviço de Deus quando a oração é omitida. A oração quotidianamente repetida nutre o entendimento e prepara os nossos corações para as coisas sagradas; abre ao homem o divino e acostuma-o, pouco a pouco, à glória da luz divina. Permite-nos suportar os sofrimentos e as nossas fraquezas humanas; eleva gradualmente os nossos sentimentos e une-os ao divino; produz uma convicção firme e uma amizade inextinguível; aquece o amor santo nas nossas almas e inflama tudo o que é divino.

Purga toda a inconstância da mente; gera esperança e verdadeira fé na luz. Numa palavra, conduz a uma íntima conversação com os deuses aqueles que a praticam diligente e frequentemente. Dela dimana a força conciliadora, realizadora e satisfatória da oração. Quão eficaz é! Como mantém a união com os deuses! Como oração e sacrifício se fortalecem mutuamente, comunicam o poder sagrado da religião e a tornam perfeita! Não nos compete, portanto, desprezar a oração ou apenas empregar um pouco dela e rejeitar o resto. Não, devemos usá-la por inteiro, e sobretudo praticá-la aqueles que desejam unir-se sinceramente a Deus.” (Livro V, cap. 26)

É claro que esta notável escola de espiritualistas em toda a sua extensão se aproximava tanto do Cristianismo que é espantoso não se terem integrado

por completo nele. Mas talvez tanto os cristãos como o espírito da época fossem tão culpados disso quanto eles próprios.

“Com a introdução e difusão precoce das doutrinas cristãs,” diz Colquhoun na sua História da Magia, “tudo quanto dizia respeito à filosofia, assim como à religião do mundo pagão, foi rejeitado pelos novos convertidos com violenta aversão, como impiedade gentílica, e supunha-se estar diametralmente oposto aos dogmas mais puros da nova fé. Especialmente aqueles fenómenos que se alegava terem-se manifestado nos antigos templos do paganismo, e que eram geralmente considerados como fruto de agência sobrenatural, foram então tidos por particularmente nocivos e, por consequência, zelosamente anatematizados e proscritos pelos cristãos ortodoxos como obras impuras e infames do diabo. Esses fenómenos, na verdade, eram universalmente reconhecidos como não só autênticos, mas miraculosos; mas esses mesmos milagres, produzidos fora do seio da Igreja cristã, eram considerados satânicos ou demoníacos” (p. 209).

Mas estes princípios aproximavam-se de tal modo do Cristianismo que, a pouco e pouco, produziram uma poderosa influência sobre os próprios professadores dessa religião, e as conceções dos neoplatónicos passaram afinal, através de Dionísio Areopagita, para os místicos da Idade Média. Aquele muro de separação sobre o qual os Padres da Igreja olhavam para os oráculos pagãos e os pagãos para os milagres cristãos, considerando-os bruxaria, foi então derrubado. Já não se entendia a bruxaria como milagre ilegal, nem os milagres como bruxaria legítima. As naturezas da feitiçaria e da ação espiritual pura foram devidamente separadas e colocadas nos seus lugares próprios.

“O feiticeiro,” diz M. Bodin Angevin no seu antigo francês (1593), “est celuy qui par moyens diaboliques sciements s’efforce de paruenir à quelque chose” (“é aquele que por meios diabólicos se esforça conscientemente por alcançar algo”). A bruxaria é, de facto, o abuso da lei da ação espiritual para fins vis e por agência diabólica. É a sombra infernal que persegue a luz divina. Uma vez reconhecido isto pelos cristãos, as doutrinas dos neoplatónicos fundiram-se com as suas próprias.

Os místicos adotaram-nas — e por místicos não entendo sonhadores vãos, mas místicos no sentido de Dr. Ennemoser, que diz:

“O misticismo é propriedade comum. Todos os homens são místicos; mas o verdadeiro misticismo consiste na relação direta da mente humana com Deus: na ideia do absoluto, em que, no entanto, a revelação objetiva não contém mais do que corresponde às faculdades subjetivas do homem. O verdadeiro misticismo deve incluir a ideia da verdade e da bondade, da beleza e da virtude, como raios de perfeição espiritual e de autoconsciência

religiosa; e, como centro universalmente iluminador, deve penetrar todo o organismo espiritual."

Neste sentido, o misticismo e o neoplatonismo encontraram adeptos e defensores em todas as idades seguintes. Entre os mais distintos podemos enumerar Tauler e os restantes "Amigos de Deus", Fénelon, Madame Guyon, Gall, Cudworth, Glanville e, sobretudo, Henry More. Tais foram também os teosofistas dos séculos XVI e XVII, que uniam a busca dos segredos da natureza à dos segredos da alma. Entre estes contam-se Teofrasto, Paracelso, Adam von Boden, Oswald Croll, e, mais tarde, sob novas modificações, Valentin Weigel, Robert Fludd, Jacob Böhme, Pierre Poiret, etc.

O misticismo, que não é senão outro nome para uma clara e plena consciência espiritual, remonta ao neoplatonismo e ao ascetismo cristão; estes, por sua vez, remontam ao Egito e à Índia; e o Egito e a Índia traçam a sua filosofia psicológica à iluminação primordial da humanidade. Bem, portanto, podia Jâmblico afirmar que a admissibilidade ao poder espiritual "é eterna e contemporânea da alma".

CAPÍTULO XX

O SOBRENATURAL DA IGREJA CATÓLICA ROMANA

Da crença infundada, da grosseira superstição, pela qual a verdadeira religião não é pouco infetada e adulterada, procedeu; mas do contrário, o ateísmo puro e simples. MERIC CASAUBON Sobre a Credulidade e a Incredulidade em Coisas Naturais, Civis e Divinas, 1668.

Aqueles que odeiam o próprio nome de milagre supõem na realidade o maior de todos os milagres; o amarrar das mãos do Todo-Poderoso para dispor dos eventos de acordo com a Sua vontade.

História dos Seus Próprios Tempos do BISPO BURNET, Livro ii.

A Igreja de Roma manteve em todos os tempos tão firmemente e abertamente a doutrina da herança do milagroso nela de Cristo, que parece quase desnecessário fazer mais, no que lhe diz respeito, do que declarar o facto. Na verdade, a Igreja Romana exagerou tanto nesta crença que é a ela que devemos a revulsão total do protestantismo desta doutrina.

A corrupção total da igreja anterior à era protestante e os atos terríveis bem como degradantes que perpetrou nessa corrupção, creio que nenhum católico verdadeiramente piedoso de hoje se encontrará a negar. Tem sido

o destino de toda a igreja, cristã ou pagã, que foi tornada política ou colocada na posse de poder absoluto, tornar-se tirânica e desmoralizada.

Como nenhuma igreja desfrutou durante um longo período de um domínio absoluto tão absoluto, espiritual e temporal - domínio sobre as bolsas, a propriedade e as opiniões da humanidade - como a Igreja Católica Romana; assim, nenhuma chegou a um grau tão elevado de mera secularização, de imoralidade, do ensino e prática de ilusões, como esta igreja.

O terrível relato das suas perseguições, dos seus martírios em massa, do seu esmagamento de todo pensamento e princípio opostos no coração do homem, da sua transformação dos usos sagrados da religião num comércio por dinheiro e da sua supressão do uso da Bíblia pelos leigos são todos assuntos de história inquestionável e notória. Os professos esclarecidos desta fé não tentam negar estas coisas, mas, como os protestantes esclarecidos, atribuem-nas aos abusos naturais da verdade que acompanham o poder mundano e as suas inevitáveis corrupções.

Os grandes princípios da religião católica romana são, na maior parte, princípios verdadeiros e evangélicos, que foram abusados pelo sacerdócio para fins egoístas. As doutrinas dos milagres e de um estado intermédio, que o protestantismo abandonou, estão fundadas de forma inerradicável tanto no Antigo como no Novo Testamento; mas foram tão abusadas pela Igreja Católica em épocas posteriores, quando tinha o mundo cristão inteiramente para si, que o protestantismo, na sua indignação, renunciou-lhes, e renunciou-lhes com prejuízo.

O abuso das doutrinas do purgatório e do milagre, e da possessão demoníaca, nas épocas posteriores do catolicismo foram, na verdade, tão enormes que, operando sobre a ignorância produzida pela exclusão da Bíblia e pelo desencorajamento do saber, e que a igreja considerava favorável ao poder absoluto, o mundo cristão nos séculos quinze e dezasseis foi invadido por lendas absurdas de diabolismo e milagres mentirosos.

Ordens rivais de monges e frades fabricavam milagres e expulsavam pretensos demónios para obter popularidade e preferência uns sobre os outros, até que toda a mente pública foi corrompida por estes atos, e o povo ignorante via demónios e fantasmas, e eventos milagrosos por todo o lado. Era altura de uma reforma ocorrer, mas os protestantes, no seu zelo impetuoso, não se contentaram com a reforma, exigiram uma revolução, na qual alguns grandes e imperecíveis princípios foram, por um tempo, varridos para longe entre o entulho da superstição e do sacerdócio.

A verdade estava a meio caminho entre a credulidade e a incredulidade; mas os reformadores não estavam dispostos a tomar qualquer caminho intermédio; para destruir um extremo, precipitaram-se para outro. Nos reinados dos Tudores e dos Estuardos, até, abusaram do mesmo poder político que os católicos haviam feito, e queimaram, destruíram, prenderam e baniram aqueles que diferiam deles em crença religiosa. Teremos mais a dizer sobre estes assuntos quando chegarmos ao protestantismo.

Por enquanto, basta observar que, embora os católicos romanos tenham recebido um severo castigo pelo abuso dos grandes princípios do cristianismo durante o gozo de um poder tornado licencioso, nunca abandonaram por um momento a sua fé nas verdades eternas da comunhão espiritual sensível com a humanidade; noutras palavras, na «comunhão dos santos»; na existência de um estado intermédio, o scheol do Antigo e o hades do Novo Testamento; nem no poder da igreja e dos seus dignos servos para operar milagres.

Contemplam com uma certa satisfação as consequências para o protestantismo do abandono destas verdades, consequências que sempre previram - nomeadamente, uma esterilidade morta de fé, uma incapacidade para a recetividade espiritual superior da evidência, uma infidelidade generalizada e sempre em expansão, disfarçada de racionalismo; um materialismo que envolve rapidamente o mundo, e na sua retaguarda o inevitável gelo da alma do ateísmo.

Punidos pelo grande assalto e pela gigantesca brecha do protestantismo, os católicos romanos, no entanto, mantêm a sua fé nestas verdades, embora de forma algo discreta, perante o mundo. Profundamente sensíveis de que a sua fingida agência diabólica abundante foi um crime que trouxe a sua severa penalidade, os seus sacerdotes estão agora afetados por uma demonofobia que é igualmente prejudicial.

Tudo o que não surge no seio desta igreja, por mais santo na sua natureza e salutar nos seus efeitos, é calmamente atribuído ao diabolismo. Quando o Espiritualismo levanta novamente a cabeça para esmagar a hidra inchada do materialismo, o seu único antagonista competente, juntam-se ao cético protestante em denunciá-lo. Mas no seio da sua própria igreja, o milagre ainda prossegue a sua carreira, embora silenciosa, e isso reconhecem, embora não o proclamem.

Os poderes milagrosos de cura e outras características de um Espiritualismo vivo aparecem continuamente entre eles, a alguns exemplos dos quais me referirei em breve. Passaremos agora de forma cursorial pela face da história espiritualista do romanismo. No capítulo sobre a Igreja Primitiva, levei a minha menção do seu Espiritualismo até ao século sétimo.

Pode dizer-se que a Igreja Romana adquiriu o título de Romana no ano 323 da era comum, quando Constantino a tornou a religião do império. Quando Bonifácio III, no ano 606 da era comum, assumiu o título de Bispo Universal, o seu carácter de Igreja Católica Romana pode dizer-se que se tornou completo. É até este ponto que levei a minha menção do seu Espiritualismo, e a partir deste ponto poderia continuar citando volumes inteiros do milagroso dos seus anais. Mas nem a prova do assunto requer isso, nem o meu espaço o permite.

O leitor pode recorrer a Mosheim, Döllinger, Milner e outros historiadores da igreja, à «História dos Papas» de Ranke e, acima de tudo, aos dois volumes maciços de Alban Butler sobre as «Vidas dos Santos», às «Vidas dos Santos Britânicos» de Newman e à «Mística Cristã» de Görres. Cada página destas últimas obras transborda do milagroso. As narrativas são de um carácter que surpreenderia uma fé não perfeitamente romana.

Que haja muito de verdadeiro nelas, os caracteres nobres e sagrados de muitos dos atores e afirmadores proíbe-nos negar; que haja muito que é exagerado, se não absolutamente falso, a própria natureza de toda a história nos obriga a acreditar. Mas estamos obrigados a aceitar o todo como aceitamos toda a outra história, como verdadeiro com exceções e embelezamentos, e como tendo nele uma massa substancial de realidade.

Como toquei em muitos factos incluídos no primeiro volume de Alban Butler, abriremos o segundo, e aí encontramos o seguinte, entre uma hoste de afirmações semelhantes. São Domingos, quando o senhor Napoleão foi morto por uma queda do seu cavalo e foi levado para uma igreja vizinha, restaurou-o à vida pelas suas orações. Restaurou também uma criança falecida. São Francisco de Assis teve as cinco chagas de Cristo nas mãos, pés e lados. Estes estigmas são ditos terem sido impressos em muitos santos, homens e mulheres, até aos dias de hoje.

São Taraco, quando repreendido pela sua tolice em não evitar a morte sacrificando aos ídolos, disse: «Esta tolice é conveniente para nós que esperamos em Jesus Cristo. A sabedoria terrena leva à morte eterna.» Operou milagres. São Vinifrido teve a sua vida prolongada pelas orações dos seus amigos por quatro anos. Seis cegos recuperaram a visão rezando no túmulo de Eduardo, o Confessor, além de outros milagres assim realizados.

O seu corpo estava bastante fresco quase quarenta anos após a sua morte. São Malaquias restaurou uma senhora à vida. São Huberto e muitos outros expulsaram espíritos malignos. Milagres maravilhosos de cura são registados de Santa Vinifrida no seu poço, no Norte do País de Gales. São Carlos Borromeu foi alvejado enquanto celebrava a missa, mas a bala

apenas atingiu a sua roquete e caiu no chão. Curou o duque de Saboia apenas mostrando-se-lhe quando dado por perdido pelos médicos.

São Martinho de Tours restaurou, em diferentes ocasiões, três ou quatro pessoas mortas à vida; fez com que uma árvore que caía sobre ele caísse para outro lado, fazendo o sinal da cruz, etc. São Gregório Taumaturgo deteve uma terrível inundação que arrastava casas, pessoas e gado, cravando o seu bastão, que também criou raiz e tornou-se uma grande árvore, conhecida por todo o país durante muitos anos como a árvore do bastão; e quando caiu pela idade, um monumento foi construído no local, que alguns dos historiadores primitivos, já citados, dizem terem visto.

Também transformou um lago em terra seca pelas suas orações. Numerosos milagres foram realizados no túmulo de Santa Isabel; os cegos recuperando a visão, os mortos recuperando a vida, etc. São Columbano, na verdade um santo da antiga igreja britânica, predisse a Clotário que toda a monarquia francesa viria para as suas mãos em menos de três anos, o que assim foi. Também soprou sobre uma imagem do deus Woden e assim a reduziu a estilhaços. São Francisco Xavier ressuscitou várias pessoas dos mortos. Quando um navio em que ele estava encalhou nas areias, pegou na linha e no prumo, e lançando-os ao mar, clamou a Deus, e o navio estava em águas profundas, e prosseguiram a viagem.

Quando ladrões vieram roubar as ovelhas de São Espiridião, ficaram fixados no local até à manhã, e só foram libertados pelas suas orações. São Domingos não só restaurou uma criança à vida, como já dito, mas predisse a sua própria morte, dizendo: «Agora vedes-me com saúde, mas antes da gloriosa Assunção da Virgem partirei para o Senhor», o que ocorreu.

Muitos santos predisseram as suas próprias mortes. São Jacinto, nascido na Silésia e chamado o apóstolo do Norte, diz-se ter atravessado o Vístula numa inundação quando o barco não ousava aventurar-se, fazendo o sinal da cruz e caminhando sobre a água à vista de quatrocentas pessoas, sendo esperado para pregar em Wetgrade.

São Bernardo diz-se ter restaurado à vida um certo senhor, Josberto de la Ferté, e ter curado instantaneamente um cónego em Toulouse pela oração. Poderia continuar estas afirmações na história dos santos ingleses, mas o meu espaço proíbe; o leitor pode encontrar abundância delas recorrendo à História de Newman, aos nossos antigos cronistas e aos mais famosos escritores britânicos antigos, como Rogério de Wendover, Guilherme de Malmesbury, o Venerável Beda, as Vidas de São Cutberto, etc.

O falecido doutor Arnold nas suas palestras sobre História Moderna pensa, como regra geral, que o estudante deve descrer destes relatos; mas ainda

assim observa que há alguns milagres contra os quais não há forte improbabilidade à priori, mas sim o contrário, como nos casos dos primeiros missionários em países bárbaros, onde os seus trabalhos são ditos terem sido grandemente promovidos pelas manifestações do poder divino, e que se ele achar a evidência suficiente pode ceder o seu assentimento.

Ao fazer isso, acrescenta, terá o apoio de um grande homem, Edmund Burke, que, no seu fragmento de História Inglesa, concedeu o mesmo ponto. O doutor Arnold poderia ter acrescentado, e muitos outros grandes homens também. Há uma espécie particular de milagre que todos os escritores católicos romanos afirmam terem sido muito comuns na igreja em todas as épocas - nomeadamente,

ELEVAR-SE NO AR.

Temos, na história, diz Calmet, vários exemplos de pessoas cheias de religião e piedade que, no fervor das suas orações, foram levadas para o ar e aí permaneceram por algum tempo. Conhecemos um bom monge que por vezes se eleva do chão e permanece suspenso sem o desejar, sem o procurar fazer, especialmente ao ver alguma imagem devocional ou ao ouvir alguma oração devota, como «Glória in excelsis Deo».

Conheço uma freira a quem isso aconteceu, apesar dela, vendo-se assim elevada no ar a uma certa distância da terra; não foi por escolha, nem por qualquer desejo de se distinguir, pois ficou verdadeiramente confundida com isso. Menciona a mesma coisa como ocorrendo a São Filipe de Neri, a Santa Catarina Colombina e a Loiola, que «foi elevado do chão à altura de dois pés, enquanto o seu corpo brilhava como luz».

Mais notável ainda, talvez, foi o caso de Cristina, uma virgem de Tron, que se diz ter sido levada para a igreja para sepultamento, quando o seu corpo ascendeu do caixão, e sendo recuperada do seu transe, relatou as suas visões, e depois disso era tão leve que podia ultrapassar os cães mais rápidos na corrida e elevar-se nos ramos das árvores ou nos topos dos edifícios.

Menciona-se também uma freira que, nos seus êxtases, se elevava do chão com tanta impetuosidade que cinco ou seis das irmãs mal conseguiam segurá-la. Um dos exemplos mais antigos de pessoas assim elevadas do chão por poder invisível é o de São Dunstano, Arcebispo de Cantuária, que morreu em 988, e que, pouco tempo antes da sua morte, ao subir as escadas para o seu apartamento, acompanhado por várias pessoas, foi observado elevar-se do chão; e como todos os presentes ficaram atónitos com a circunstância, aproveitou a ocasião para falar da sua morte iminente.

Em 1036, Ricardo, Abade de São Vanne de Verdun, «apareceu elevado do chão enquanto dizia missa na presença do duque Galizano e dos seus filhos, e de um grande número de senhores e senhoras». São Roberto de Palentino elevou-se também do chão, por vezes à altura de um pé e meio, para grande espanto dos seus discípulos e assistentes.

Vemos elevações semelhantes na vida de São Bernardo Ptolomeu, mestre da congregação de Nossa Senhora do Monte das Oliveiras; de São Filipe Benitas, da ordem dos Servitas; de São Caetano, fundador dos Teatinos; de São Alberto da Sicília, confessor, que, durante as suas orações, se elevava três cúbitos do chão; e de São Francisco de Assis, e por último de São Domingos, fundador da ordem dos irmãos pregadores.

A estes podemos acrescentar Savonarola, que foi visto, quando absorvido em devoção, antes da sua morte trágica na fogueira, permanecer suspenso a uma altura considerável do chão da sua masmorra. A evidência histórica deste facto, diz Elihu Rich na Enciclopédia Metropolitana, é admitida pelo seu biógrafo recente, e sentimos não pouca satisfação em citá-lo, porque o mesmo sacerdócio que usa estes fenómenos como argumento para a veneração dos seus santos foram os mesmos homens que cometeram Savonarola às chamas como herege.

A parte mais instrutiva destes fenómenos em tempos recentes, de facto, é a luz que lançam sobre a história eclesiástica e as provas que fornecem de que um e o mesmo santuário da natureza está aberto a todos. O autor de «Ísis Revelada» arrancou claramente estes poderes das mãos dos materialistas e dos céticos e usou-os para provar que a natureza espiritual no homem é uma força real.

A mesma verdade é religiosamente e filosoficamente reforçada pelo doutor George Moore no seu «Poema da Alma e do Corpo». O mesmo é relatado de São Edmundo, Arcebispo de Cantuária, por Trivet. Butler diz que Dom Camlet, um autor ainda vivo e um crítico severo e erudito, dá casos do seu próprio conhecimento pessoal de homens santos assim elevados durante as suas devoções. Santa Teresa relata o mesmo de si mesma na sua própria autobiografia.

Católicos vivos afirmam que tais casos ocorrem frequentemente agora. Conhecemos uma senhora de alta eminência literária que pertence a esta igreja e que diz ser frequentemente elevada do chão enquanto se ajoelha em oração. Nem o caso se confina aos católicos. Vi uma senhora repetidamente elevada dos pés e isso contra a sua vontade, e outra do meu conhecimento foi obrigada a ausentar-se de uma igreja protestante por causa de isso lhe acontecer mais de uma vez durante o serviço.

A célebre Anna Maria Fleischer durante a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha, que foi notada por muitas manifestações maravilhosas, como testemunhado pelo superintendente Möller de Freiburg, onde vivia, foi frequentemente durante paroxismos convulsivos elevada na cama, com todo o corpo, cabeça e pés, à altura de nove côvados e meio, de modo que parecia como se fosse voar pelas janelas. O conde de Shrewsbury na sua obra sobre a «Estatica» relata fenómenos semelhantes.

Este foi também o caso da Vidente de Prevorst. Em tempos antigos, São Filipe foi levado ao alto e transportado a grande distância. Relata-se de Jâmblico que, durante as suas devoções, era elevado dez pés acima da terra, e o seu corpo e roupas nessas ocasiões assumiam a cor do ouro. Numerosos casos assim na era presente são registados pelos Espiritualistas da América, e há algumas dezenas de pessoas de veracidade indubitável agora em Inglaterra que testemunharam o flutuar do senhor Home no ar; e num caso de uma sala para a próxima.

Assim, os tempos mais antigos e os presentes unem-se para confirmar as afirmações dos católicos neste ponto. Mas, talvez, não haja pessoas que reivindicassem os dons milagrosos do evangelho na igreja católica, e para quem eles são reivindicados por todos os historiadores da igreja, mais notáveis do que um certo número das suas santas mulheres, especialmente Santas Catarina de Siena, Lidvina de Schiedam, Hildegarda, Teresa e essa maior de todas as santas não canonizadas, Joana de Arc.

A vida de Santa Catarina de Siena, diz o historiador, foi curta, trinta e três anos; mas as suas ações foram grandes e numerosas. Com um corpo muito fraco e frágil, por vezes estava afundada em meditação religiosa na sua cela; noutras, levava as suas palavras de fogo através de cidades e países, quando o povo que se aglomerava à sua volta era ensinado e instruído. Entrava em hospitais para visitar os atingidos pela peste e purificar as suas almas; acompanhava criminosos ao local de execução e excitava o arrependimento nos seus corações obstinados.

Penetrava mesmo nos tumultos ferozes da batalha, como um anjo do Senhor, e refreava os combatentes pela sua própria voz; visitava o Papa em Avinhão e reconciliava a igreja. Mudava a descrença dos céticos em espanto; e onde o seu corpo não podia ir, aí a sua mente operava pela sua eloquência fogosa em centenas de cartas ao Papa, a príncipes, a povos. Diz-se que mostrou uma pureza e inspiração nos seus poemas que a poderiam colocar ao lado de Dante e Petrarca.

Aqui está inspiração divina, poder santo e milagroso! O «Atena de Londres», como já notei, um jornal acostumado a desdenhar tópicos espirituais, observa sobre a história de Santa Catarina, em 26 de março de

1859, que tais pessoas se uniram a uma força não sua própria e transcendendo todos os obstáculos humanos. Uma força não sujeita a quaisquer «leis da razão correta», mas apelando ao instinto religioso mais profundo, que é o sentimento mais forte da natureza humana e subjaz a todas as diferenças de clima e raça, e faz de um sangue todas as nações da terra.

Catarina tinha este entusiasmo religioso; tinha essa fé que podia operar milagres e mover montanhas. Passando por Santa Brígida, descendente dos reis góticos, cujas ações e escritos foram tão notáveis que o Concílio de Basileia no século catorze os fez circular por autoridade, vejamos o que Tomás de Kempis diz de Santa Lidvina. Ela foi afligida com várias doenças corporais de um tipo mais grave e com cegueira de um olho; no entanto, «realizou tais milagres, radiante com a sua própria santidade, que do nascer ao pôr do sol o nome do Senhor era louvado nessas duas donzelas, Lidvina e a Donzela de Orleães».

Tal foi também Santa Hildegarda, uma mulher de visão maravilhosa, que foi ordenada por uma voz interior a comunicar, e poderes de cura igualmente maravilhosos. Durante a maior parte da sua vida, que foi no século doze, esteve confinada à cama e sofreu dores incríveis, no entanto tornou-se o oráculo de príncipes e bispos pela sua visão espiritual, equivalendo a profecia real. Tinha mesmo predito o momento exato da sua própria morte, embora tenha vivido até à velhice.

Possuía a mesma faculdade que Zschokke em tempos recentes, de ler os pensamentos mais íntimos - sim, a própria vida, passada e futura, daqueles com quem estava em companhia, o que, no entanto, revelava apenas ao seu confessor. A lista das suas curas é extensa e compreende uma variedade de doenças, algumas das quais curou à distância enviando aos pacientes água benta.

Tinha também a faculdade de aparecer a pessoas à distância, um fenómeno que, em tempos modernos, talvez tenha surpreendido os psicólogos mais do que qualquer outro. No seu estado clarividente, dizia que a sua visão espiritual não conhecia limites; estendia-se sobre várias nações, por mais distantes.

Estas coisas, no entanto, dizia, «não percebo com os meus olhos exteriores, nem ouço com os meus ouvidos externos, nem através dos pensamentos do meu coração, nem por meio de qualquer comparação dos meus cinco sentidos; mas na minha alma sozinha, com olhos abertos, sem cair em êxtase; pois vejo-as no meu estado de vigília, de dia e de noite».

Eu e muitos outros estamos familiarmente familiarizada com duas senhoras que sempre desfrutaram desta condição psicológica e dão diariamente as provas mais verdadeiras e indisputáveis dela. Santa Teresa deixou-nos o registo da sua própria vida e, entre as circunstâncias extraordinárias que lhe ocorreram, descreve o facto de ser frequentemente elevada da terra nas suas devoções. Diz que, quando se esforçava para resistir a estas elevações, parecia-lhe uma força tão poderosa debaixo dos pés que não sabia a que compará-la.

Que no início produzia nela grande medo, embora o milagre fosse feito com a maior doçura; pois a ideia de um corpo tão pesado ser completamente elevado da terra tinha algo de terrível. Estas elevações ocorriam por vezes em público na missa, e o Bispo de Ypres e outros testemunham tê-las presenciado. Como estas demonstrações públicas eram dolorosas para o seu sentido de humildade, orou pela sua descontinuação, e nos últimos quinze anos da sua vida esteve livre delas. Mas de todos os grandes médiuns espirituais que apareceram na história católica romana, não há nenhum que supere, ou talvez possa igualar, a camponesa donzela de Domremy, a heróica e caluniada Joana de Arc.

Nenhuma história de eventos é melhor conhecida ou melhor autenticada do que a dos realizados pela agência de Joana; nenhum herói ou heroína foi tão infamemente tratado por historiadores e pela opinião pública. Foi queimada como bruxa pelos ingleses, que derrotara, e quase todos os historiadores subsequentes tentaram explicar os prodígios que realizou pelo mero mecanismo do entusiasmo. Southey e Schiller trataram-na melhor - escreveram poemas em sua honra; mas como é permitido aos poetas honrar pessoas em princípios que repudiam na vida comum, tal honra vale pouco.

Na «História de Inglaterra» de Cassell, cujo texto foi escrito por mim, tomei ousadamente o único terreno viável e honesto e tratei o seu caso de acordo com as leis estabelecidas da evidência. Se uma pessoa se adianta e oferece perante uma nação inteira realizar algum ato estupendo e o faz, essa pessoa tem certamente direito a crença. Quanto maior o feito comparado com os meios visíveis, maior deve ser a credulidade depositada no executor.

Ora, ao examinar o caso de Joana, encontramo-la professando ser dirigida por mensageiros celestiais, aparecendo-lhe visivelmente e repetidamente para esse fim, para salvar o seu país dos invasores, quando todos os outros meios haviam falhado; quando todos os poderes da coroa e do governo, toda a sabedoria dos diplomatas, as orações dos bispos e sacerdotes, a

habilidade dos generais e a bravura dos soldados haviam sido exercidos em vão.

Uma simples rapariga do campo anunciou então a sua missão ao rei e cumpriu essa missão, maravilhosa como era. Fez tudo o que se comprometeu a fazer e nem tentou nada mais. Não havia traço de selvajaria, insanidade ou fanatismo nela; cumpriu a sua tarefa pelos meios mais simples; marchando à frente do exército e inspirando-o com uma coragem que fluía da mesma fonte divina que a sua própria fé. Expulsou os ingleses de Orleães e coroou o rei em Reims. Essa era a sua missão prometida; foi feita e desejou regressar ao seu pastoreio em Domremy.

Mas a sabedoria humana da corte, que não fora capaz de se salvar sem a sabedoria divina operando através de Joana, e que a salvara, pensou agora fazer mais capital político de um instrumento tão valioso. Joana protestou que a sua missão terminara; que agora não era mais do que qualquer outra pessoa. Recusaram ouvir; ordenaram-lhe que fizesse isto e aquilo, e ela respondeu que era impossível, pois cumprira aquilo para que fora enviada e já não ouvia as suas vozes.

Forçaram-na a cursos que ela declarava com veemência serem não autorizados, não empoderados, e falhou, foi capturada e queimada. Ora, é, na minha opinião, impossível encontrar qualquer facto em toda a história que flua mais claramente e mais naturalmente da sua própria fonte declarada. Não há na história sagrada qualquer caso em que as provas de veracidade e ordenança divina sejam mais claras, palpáveis e incontrovertíveis.

Não há missão das Escrituras que seja mais claramente a obra de Deus, mais demonstrativa da sua genuinidade, pelo seu cumprimento perfeito em todas as suas partes. O que falhou em fazer é igualmente convincente com o que fez, porque foi igualmente afirmado por ela previamente como o resultado certo. Não se encontrou meio de forçar o que não fora predito.

A raça ortodoxa de historiadores e filósofos que acreditaria no anúncio de um eclipse ou de um cometa como resultado de cálculo científico, mas que não acreditaria no anúncio da salvação de uma nação mesmo após o facto, como os motivos claros oferecidos pelo executor, pensa ser suficiente explicar o sucesso de Joana pelo argumento de que as suas reivindicações sobrenaturais eram suficientes para mover o entusiasmo de um exército supersticioso e infundir terror nos ingleses igualmente supersticiosos.

Mas isto é simplesmente mendigar a questão e recusar conceder às asserções proféticas de Joana as suas consequências legítimas, e falha completamente em explicar o fracasso de Joana quando instigada para

além dos limites do seu próprio compromisso. Ainda marchava à frente do exército na sua carreira, a mesma heroína enviada pelo céu e até então vitoriosa, mas o poder inspirador de vitória desaparecera. Como? Porquê?

Joana sabia porquê e disse porquê, e a simples questão é: devemos acreditar em historiadores que não ousavam afirmar que ela era enviada pelo céu, se secretamente o acreditavam, em preferência a uma mulher nobre, de coração simples, que, em cada ato e estágio da sua vida, exibiu o carácter mais inabalável de verdade, de piedade e clarividência; que fez todos os prodígios que prometeu e não pretendeu fazer mais?

Deve conceder-se que nenhum caso pode ser mais completo em todas as suas partes, e o que não é o menos notável nele é que, embora Joana soubesse e declarasse exatamente quando devia parar, ainda predisse que o que fizera terminaria na expulsão dos ingleses do seu país. Embora os ingleses a capturassem e queimassem como bruxa (pois a história da sua fuga não merece atenção), isso não impediu o cumprimento da sua profecia.

A partir da hora em que Joana avançou o seu estandarte contra os invasores, eles afundaram-se e continuaram a afundar-se. De acordo com o raciocínio humano, quando destruíram a bruxa, a bruxaria terminara - o espírito dos seus soldados devia reviver; mas nunca reviveu; pois as palavras de Joana eram palavras verdadeiras e o fiat do Senhor saíra contra o inimigo. Porque não canonizou a igreja esta a sua filha mais ilustre? Foi porque Joana não se atirara a um convento e se fizera santa no padrão ortodoxo? Acreditava o povo daquela época que as bruxas podiam operar a salvação de nações?

Não estavam as credenciais divinas escritas na sua bela fronte de donzela, faladas nas suas puras palavras de donzela e destinadas a brilhar para sempre através das eras, palpáveis aos olhos infalíveis? Agora, mais de quatro séculos após o evento, fala-se de canonização. Ai! meus senhores! é tarde demais! Deus canonizou-a há 431 anos; a história, apesar de si mesma e dos seus mil preconceitos de chumbo, coroou-a como a imperatriz das heroínas; a poesia, não o miserável ouropel na Pucela de Voltaire, teceu a sua coroa de louros, e o coração do homem, lento a superar os toques de torpor da educação, começa a reconhecê-la como a grande missionária de Deus, como a glória eterna da feminilidade.

A nobre e talentosa princesa de França, Maria Cristiana Carolina, filha de Luís Filipe e depois duquesa de Wurtemberg, foi a primeira a prestar homenagem de mulher à imortal pastora e esculpiu essa forma dela que foi inaugurada em Orleães, a 13 de setembro de 1851, e que se tornou familiar a todos os olhos em cópias e moldes por toda a Europa. Nos Campos

Elísios, em Paris, há uma estátua dela com esta inscrição: - Estátua destinada à aldeia de Domremy (Vosges).

Quando via as minhas santas, desejava segui-las no Paraíso.

Palavras de Joana de Arc.

> Sim! ouço esta voz que me grita,
> Ó! Joana segura a espada e combate pela tua fé;
> Vai! salva a tua pátria. Palavras
> Vai! vai! filha dos campos; o céu marcha contigo!
> ROBERT VICTOR, Presidente da união dos Poetas. 1855. E. PAUL.

Devemos aqui notar uma das Espiritualistas mais puras da Igreja Católica, Madame Guyon, mas proponho falar mais expressamente dela e do seu nobre amigo e patrono Espiritualista Fénelon.

Um dos homens mais notáveis que foram ao mesmo tempo a glória e a desgraça da Igreja Romana foi Jerónimo Savonarola. Este grande homem nasceu em Ferrara em 1452 e tornou-se frade dominicano em Bolonha. Opos-se ousadamente ao despotismo de Lourenço de Médicis e de Alexandre VI e tornou-se um dos mais influentes arautos da Reforma.

> Lutero como Fósforo liderou o dia conquistador,
> Os seus mansos precursores murcharam e passaram.

No entanto, Savonarola não era de modo algum um dos muito mansos. Tinha muito do próprio espírito intrépido de Lutero, e Lutero admirava grandemente o seu carácter. Savonarola era, como Lutero, um grande médium e, como ele, tinha combates contínuos com o diabo. Predisse a libertação de Itália por Carlos VIII de França e que isso ocorreria em 1498.

Avisou o povo de Bréscia de que as suas muralhas seriam banhadas em sangue, e isso ocorreu quando o duque de Nemours a tomou e a entregou a um massacre terrível. Chamou o povo ao arrependimento das suas corrupções e predisse ainda novas calamidades no caso da sua luxúria e maldade continuadas. Tornando-se residente no convento de São Marcos em Florença, os seus combates espirituais cresceram de forma temível.

Os demónios proferiam ameaças terrificantes para o assustar, mas expulsava-os fazendo procissões com os irmãos pelo mosteiro, cantando hinos em coro e aspergindo água benta. Por vezes, enquanto assim ocupado, os demónios arrestavam subitamente os seus passos e tornavam o ar tão espesso diante dele que não podia avançar.

Quando Carlos VIII de França se aproximou de Florença, Savonarola foi deputado pelos cidadãos para o abordar, e fê-lo com toda a autoridade de um apóstolo, chamando-o a poupar os habitantes, a refrear a licenciosidade dos seus soldados e a respeitar a santidade e castidade dos conventos. Assegurou-lhe que, se fizesse isso, as suas guerras seriam vitoriosas por todo o lado. Quando o rei não refreou os distúrbios dos seus soldados, anunciou que Deus o puniria severamente, e a morte do Delfim logo depois cumpriu a predição.

Carlos VIII afastou-se de Florença e dirigiu a sua marcha sobre Pisa. Em todas as suas ações, Savonarola exibiu a mesma elevada integridade. Recusou a Lourenço de Médicis o último sacramento até que renunciasse ao seu poder absoluto. A sua oposição continuada aos vícios do papa e dos sacerdotes provou ser mais perigosa para ele do que os assaltos dos demónios.

Foi preso pela conveniente acusação de feitiçaria - uma confissão dos seus dons milagrosos - e foi queimado vivo no ano de 1498, sob esta falsa acusação, com os seus dois discípulos Domingos Bonvichini e Silvestre Maruffi. (Sismondi Hist. das Repúblicas Italianas.)

Outro martírio, igualmente desonroso para a Igreja Romana, foi o de Urbano Grandier, um pároco de Loudun na diocese de Poitiers, em 1634, sob a mesma acusação de feitiçaria. Grandier era um homem muito diferente de Savonarola. Não fazia pretensões a poder espiritual sobrenatural. Era um jovem bonito e culto de boa família e um pregador muito eloquente.

Ao mesmo tempo que era um homem ascendente e popular, era frouxo nos seus costumes e um corruptor de mulheres. Isto provavelmente não lhe traria problemas; mas o ciúme do outro clero e a sua altivez intransigente para com aqueles que o ofendiam fizeram com que Mignon, outro sacerdote da cidade, e Trinquant, o Procurador do Rei, tio de Mignon, tramassem um complô contra ele, que terminou na sua destruição.

Na inimizade de Trinquant surgiu do facto de Grandier ser dito ter seduzido a sua filha. Introduziram outro sacerdote, Barré, o cura de São Jacques em Chinon, no seu complô, que se tornou um coadjutor muito zeloso. Em Loudun havia um convento de freiras ursulinas que era extremamente pobre, e estes sacerdotes induziram-nas a fingirem-se possuídas por demónios e a acusarem Grandier de ter causado a possessão por feitiçaria.

Foram levadas a esperar que isso lhes traria notoriedade, que o seu caso excitaria a compaixão dos ricos e lhes traria certa afluência. Algumas destas freiras eram de famílias nobres; a madre superiora era Jeane Belsiel, chamada no convento Irmã das Ineses, filha do falecido barão Cose de

Xaintonge. Caíram no esquema e foram instruídas a atuar como possuídas à perfeição.

O bispo de Poitiers foi trazido para a conspiração contra Grandier; ele foi acusado perante ele de causar a possessão destas freiras apresentando-lhes rosas demonizadas. Grandier, nas acusações destas freiras, ou assumidamente dos demónios falando nelas, foi suspenso e lançado na prisão.

O arcebispo de Bordéus, no entanto, ao ser apelado por Grandier, fez uma investigação do caso e absolveu-o de todas as acusações. Aconselhou-o vivamente a renunciar aos seus benefícios em Loudun e a mudar-se para outra parte do país fora da esfera dos seus inimigos implacáveis. Grandier, que nunca cedia um momento a quaisquer oponentes, recusou e caiu vítima deles. Encontraram uma das damas da rainha-mãe chamada Hammon, que tinha um rancor contra o todo-poderoso cardeal Richelieu, o ministro de Luís XIV e, na verdade, o verdadeiro governante do país.

A senhora Hammon circulou uma sátira sobre Richelieu; Grandier fora outrora cura desta senhora e também tivera alguma contenda com Richelieu quando ele era meramente prior de Coussay, e através do senhor Loubardment, que fora enviado a Loudun para supervisionar o assunto das freiras e outros negócios, Mignon e Barré transmitiram a Richelieu a sugestão de que Grandier era o autor da sátira. A partir desse momento, a sua destruição total foi resolvida. A malícia infernal de Richelieu, esse demónio encarnado, libertou sobre Grandier todo o poder do reino nas mãos das ferramentas mais desesperadas.

Grandier teve um julgamento simulado, foi condenado contrariamente a qualquer evidência direta, ou melhor, na evidência professada de demónios, e após ser torturado de forma horrível, foi espremido entre duas tábuas e cunhas foram cravadas entre as tábuas e as suas pernas até os ossos serem esmagados e a medula jorrar dos seus pés!

Nesta condição mutilada foi queimado vivo, ainda protestando a sua inocência de qualquer feitiçaria ou envolvimento com as freiras. Do meio da sua pira ardente, Grandier convocou o padre Lactâncio, um dos seus perseguidores mais ativos, para o encontrar no tribunal de Deus dentro de um mês, e, embora perfeitamente bem então, morreu no final do mês. Tais eram as coisas que podiam ser feitas em França naquela época pelos sacerdotes católicos e pelo demónio Richelieu.

Mas a morte de Grandier foi a menor parte dos escândalos exibidos em Loudun nesta ocasião. Os sacerdotes realizavam de tempos a tempos exorcismos públicos dos demónios, que, no entanto, não tinham pressa em

expulsar das freiras, pois o assunto tornou-se notório não só em toda a França, mas em toda a Europa, e trouxe vastos números de visitantes, ingleses entre outros. Estas cenas prolongaram-se de 1629 a 1638, ou nove anos, e um ano mais pelos sacerdotes na cidade vizinha de Chinon. Tornaram-se o tema de vários volumes, alguns defendendo a genuinidade das possessões, outros tratando-as como imposturas.

Do último tipo é um volume chamado «As Fraudes e Ilusões dos Sacerdotes e Exorcistas Romanos Descobertas na História dos Demónios de Loudun», traduzido para inglês em 1703. Quase todas as pessoas, no entanto, que leram ambos os lados chegaram à conclusão de que as manifestações foram em muitos casos mais do que assumidas.

Os magnetistas explicam o todo para a sua satisfação pela teoria de que as freiras se tornaram completamente magnetizadas ou mesmerizadas sob as operações dos exorcistas; os Espiritualistas, por sua vez (e penso que com boa razão), acreditam que os demónios, inicialmente invocados para um fim delusório e infame, ficaram apenas felizes em aparecer a sério. É difícil noutra base imaginar que mulheres, algumas delas de posição, todas anteriormente de caracteres honrosos, pudessem ao mesmo tempo fingir que estavam possuídas por demónios e atuar como demónios.

A prioresa declarou-se possuída por sete demónios, despiu-se por vezes completamente nua perante os sacerdotes e espectadores e usou linguagem do tipo mais horrivelmente blasfemo. As contorções que ela e algumas das outras freiras passavam pareciam além da força da natureza, e a fúria e ferocidade demoníacas das suas fisionomias, assumindo ora o rosto de um demónio, ora de outro, parecem ter tido algo mais do que magnetismo nelas.

Os católicos afirmavam que a prioresa das ursulinas era frequentemente elevada no ar durante os exorcismos; os protestantes negavam isso. Os católicos também afirmavam que os nomes de São José e da Virgem surgiam nas suas mãos e aí permaneciam; os protestantes atribuíam isso a meios artificiais, mas sem qualquer prova; e, por outro lado, um senhor Thomas Killigrew, um inglês presente, registou o seguinte: «Vi a sua mão branca como a minha mão e num instante mudar de cor ao longo da veia e tornar-se vermelha, e, de repente, uma palavra apareceu distintamente, e a palavra era JOSÉ».

Isto é muito curioso; esta aparição súbita de letras vermelhas surgindo na mão, braço ou outra parte do corpo de um médium sendo comum na América e tendo sido recentemente testemunhada aqui. Aqui também foi acusado de ser artificial e, na verdade, nada é mais fácil de produzir artificialmente quando pode ser feito sem ser visto.

Números, no entanto, viram palavras surgirem subitamente no braço de um médium, o braço tendo sido despido e exposto antes de qualquer palavra particular ter sido chamada, caso em que não é tão fácil imaginar uma ilusão. Estes nomes continuaram nas mãos da prioresa durante anos, mas para o final da sua vida desvaneceram-se. Ao avaliar a evidência neste caso, deve ter-se em mente que se os católicos, por um lado, tinham o objetivo de ganhar riqueza e prestígio, por outro, os protestantes, além da sua tendência habitual a desacreditar qualquer coisa sobrenatural, haviam sido roubados por estas ursulinas e pelos seus sacerdotes de uma bela mansão antiga e dos seus jardins, que os obrigaram por autoridade real a evacuar e tomaram posse como o seu convento.

O fim de tudo, no entanto, foi que o convento tornou-se muito rico e elevou os seus edifícios e domínios a um nível principesco. O caso é apenas um de muitos em que os sacerdotes nessas e em épocas anteriores praticaram imposturas infames e em que os demónios provavelmente intervieram alegremente e tornaram os seus exorcismos reais. O Espiritualismo desordenado, incluindo a feitiçaria, uma espécie flagrante dele, abundava em tempos passados na igreja católica bem como nas igrejas reformadas.

Os milagres dos jansenistas no túmulo do abade Paris, também no tempo de Luís XIV, que terei ocasião de notar mais particularmente, foram seguidos de muito Espiritualismo desordenado entre os convulsionistas. Os flagelantes, que surpreenderam toda a Europa em 1260 e, apesar da autoridade magistral e das excomunhões papais, continuaram durante cem anos - milhares vagueando por quase todos os países da Europa, chicoteando-se e dilacerando-se - apresentam outro caso notável de inspiração desordenada.

Tais foram os estranhos distúrbios que irromperam entre as crianças da Casa dos Órfãos em Amesterdão em 1566, segundo P. C. Hooft, chamado o Tácito da Holanda. Estas crianças subiam pelas paredes e pelos telhados como gatos; faziam as caretas mais horríveis, falavam línguas estrangeiras e relatavam coisas a acontecer no mesmo momento noutros lugares, mesmo nos tribunais de justiça. Semelhantes a estes foram os distúrbios entre as crianças, rapazes e raparigas, na Casa dos Órfãos em Horn, na Holanda, como relatado por Franz Kneiper.

Por vezes tornavam-se cataléticas, ficavam rígidas como troncos de árvores e podiam ser transportadas da mesma maneira. Voltemos, no entanto, a fenómenos mais agradáveis. A Igreja Católica Romana pode enumerar um grande número de pessoas dotadas de poderes de cura. Entre os mais notáveis de tais terapeutas podem mencionar-se os seguintes: - São

Patrício, o apóstolo irlandês (reclamado, no entanto, pela antiga Igreja Britânica) curou os cegos pela imposição das mãos.

São Bernardo diz-se ter restaurado a visão a onze cegos e o uso dos membros a dezoito coxos num só dia em Constança. Em Colónia ter curado doze coxos, feito falar três mudos, ouvir dez surdos; e quando ele próprio estava doente, São Lourenço e São Bento diz-se terem aparecido e curado tocando na parte afetada. Mesmo os seus pratos e talheres diz-se terem curado doenças após a sua morte! Santas Margarida, Catarina, Isabel, Hildegarda e especialmente os santos mártires Cosme e Damião pertencem a esta classe.

Entre outros, libertaram o imperador Justiniano de uma doença incurável. Santa Odília abraçou um leproso que era evitado por todos os homens, aqueceu-o e restaurou-lhe a saúde. Tais também foram os santos da antiga Igreja Britânica, São Columbano, São Columbano, Aidano, Escoto Erígena, Cláudio Clemente e outros, possuíam o mesmo poder divino. Faziam tudo através da fé em Cristo e, portanto, eram capazes de realizar tais milagres. Aqueles, no entanto, diz Ennemoser, que faltam no poder do espírito e na fé não podem realizar estes atos como os santos sobre os quais lançam dúvida porque não os podem imitar.

Os antigos escandinavos reivindicavam o poder. O rei Olavo curou Egil no local meramente impondo as mãos sobre ele e cantando provérbios sobre ele (Eda, 216). Voltando, no entanto, à Igreja Católica, o piedoso Eduardo, o Confessor, curava doenças pelo toque e daí a prática transmitida até tempos recentes dos reis de Inglaterra tocarem para o mal do rei. Em França, a mesma prática foi herdada de Filipe I e continuou até à Revolução.

Entre os príncipes alemães, este poder era atribuído aos da casa de Habsburgo e diz-se que curavam a gaguez com um beijo. Os Salmadores e Ensalmadores de Espanha eram celebrados por curar quase todos os tipos de doenças pela oração e pelo sopro. Miguel Medina e a criança de Salamanca realizaram numerosas curas assim; e o estalajadeiro Richter, em Royen na Silésia, curou no ano 1817-18 muitos milhares de doentes no campo aberto pela imposição das mãos.

Sob os papas, a imposição das mãos era chamada quirotesia. Diepenbroek escreveu dois tratados sobre isso e, segundo Lampe, trinta e quatro quirotesistas foram declarados santos. Mas de todas as curas maravilhosas na Igreja Católica, nenhuma é talvez tão plena e irrefutavelmente autenticada como a da senhora Perrier, sobrinha do célebre Pascal, em Port Royal, em 1656.

Esta cura milagrosa foi relatada por muitas autoridades; entre outras pelo próprio Pascal, tio da jovem senhora; pelo senhor Nicole numa nota às «Cartas Provinciais» de Pascal (iv. 321-6); pela abadessa de Maubisson na sua Vida (parte ii. 497); por Besogne, «História da Abadia de Port Royal» (i. 364-9); nas Memórias de Nicolau Fontaine (tom. ii., artigo Pascal, Perrier, etc.); e recentemente pela senhora Schimmelpennick.

Entre as pupilas em Port Royal estava a filha do senhor Perrier, conselheiro do Tribunal de Auxílios em Clermont na Auvergne. Tinha então entre dez e onze anos. Desde os três anos e meio, o seu olho esquerdo estava consumido por uma fístula lacrimal; o humor maligno e purulento do qual corroera o osso do nariz e o do palato e caía na boca. O humor era tão fétido e ofensivo que foram obrigados a separá-la das restantes internas. Era, na verdade, um caso exatamente semelhante ao da senhora Carteri, que foi curada no túmulo do abade Paris em 1731. Foi resolvido tentar o efeito do cautério real e o seu pai viera a Port Royal para o propósito alguns dias antes.

Entretanto, a senhora Perrier fora induzida a ter o seu olho tocado com um espinho santo, professado ser um genuíno da coroa do nosso Salvador, e, para espanto de todos os presentes, ficou completamente curada e os ossos corroídos perfeitamente restaurados. O cirurgião que viera realizar a operação e o médico também, ambos intimamente acquainted com o caso aparentemente desesperado, ficaram atónitos além da medida. O pai ficou transportado de alegria. Seis médicos afirmaram o milagre - um deles o senhor Bonvard, médico do rei. Cinco cirurgiões de eminência fizeram o mesmo.

O milagre teve de ser admitido pela Corte, pelos cardeais de Retz e Mazarino, que eles próprios ordenaram a destruição de Port Royal pela heresia do jansenismo, e o grande vigário do cardeal Mazarino, que recebera ordens para fazer a visitação do mosteiro, foi obrigado a autenticá-lo também. Os pais da jovem instituíram para sempre, na catedral de Clermont, uma missa em música, a ser celebrada aí todos os anos no dia 24 de março, aniversário da ocorrência do milagre.

O arcebispo de Paris e os doutores da Sorbonne fizeram uma investigação severa de todas as circunstâncias e foram obrigados a admitir, pela sua sentença de 22 de outubro de 1656, que esta cura era sobrenatural e um milagre da omnipotência de Deus. O papa Bento XIII autenticou-o citando-o nas suas Homilias impressas como uma de muitas provas de que os milagres não cessaram. O quadro da cura ainda pode ser visto na igreja de Port Royal, em Paris. A senhora Perrier viveu vinte e cinco anos após este evento sem qualquer retorno da doença e o poeta Racine elaborou uma

narrativa da circunstância, que não só foi atestada por Pascal, mas por Arnauld, Felix e outros.

Nada pode exceder a completude da autenticação deste milagre. Homens como Pascal, Nicole, Arnauld e semelhantes não eram homens para dar os seus nomes a quaisquer declarações fraudulentas ou falsas; muito menos os jesuítas, que eram os inimigos mortais dos jansenistas e agora tomavam medidas para a sua destruição, eram suscetíveis de admitir um milagre tão sinal entre eles se pudessem, por qualquer meio, evitá-lo. Tal era a sua malícia que mesmo esta prova clara de que a mão de Deus estava com os jansenistas não os impediu de levar a cabo a sua vingança e destruir Port Royal.

O cardeal de Noailles, que fora instigado pelos jesuítas a assinar a ordem para a demolição de Port Royal dos Campos, assim chamada para a distinguir de Port Royal de Paris, foi seriamente avisado pelo seu procurador senhor Thomasin de que era um esquema dos jesuítas para denegrir o seu carácter e, em vez de assinar o decreto, o senhor Thomasin renunciou ao cargo.

O decreto foi assinado pelo cardeal e a 29 de outubro de 1709 foi executado. Assim caiu esse famoso mosteiro e essas escolas de Port Royal, de onde a imprensa enviara tantos trabalhos famosos de saber e piedade por toda a cristandade e que fora o lar e cena dos labores de uma constelação mais ilustre de homens - Pascal, Arnauld, Nicole, Quesnel, Racine o dramaturgo, Racine o historiador, Rollin o historiador e muitos outros.

As freiras foram levadas à força e dispersas em conventos separados e distantes. No ano seguinte, a igreja foi destruída e os corpos dos mortos arrancados das suas sepulturas e levados em carros entre circunstâncias de horror sem exemplo na história. Todos estes detalhes terríveis são dados pela senhora Schimmelpennick na sua história da destruição de Port Royal. Nem os juízos de Deus sobre estas atrocidades ímpias pareceram menos marcados do que o próprio milagre da senhora Perrier. Os principais perpetradores chegaram a fins miseráveis. Tempestades terríveis grassaram durante o trabalho de destruição, de modo que teve de ser parado por algum tempo.

Em Port Royal e Versalhes especialmente, grassaram tão furiosamente que todas as árvores de fruto foram destruídas. A senhora de Chateau Rénard, que se apoderou dos despojos de Port Royal, foi atingida por morte súbita. Os juízos de Deus caíram concentrados sobre a cabeça do coroado instrumento jesuíta, o ímpio Luís XIV, o destruidor dos huguenotes e dos

cevenenses, o homem que preferiu para o seu neto e sucessor um tutor que era um ateu declarado.

Quando este tutor lhe foi recomendado, objetou que era jansenista, mas sendo informado de que, longe de ser jansenista, não acreditava em Deus, respondeu: «Oh, isso é outra coisa; não tenho a menor objeção!» rei monstro recebeu em breve a sua recompensa.

O grande delfim, o duque e a duquesa de Borgonha, o duque da Bretanha, os três sucessivos herdeiros da coroa foram atingidos por morte, terrível e inexplicável, e a França foi deixada com um homem velho e decrépito à sua cabeça, rodeado por inimigos triunfantes. As vitórias de Hochstet, Ramilies e Malplaquet sucederam-se rapidamente. Tournai, Lisle, Mons e Douai abriram as suas portas ao inimigo.

O homem que assinara a revogação do Édito de Nantes, que desolara os cevenenses protestantes, que banira Fénelon e destruíra Port Royal foi deixado entre mil terrores e humilhações e uma pobreza tão esmagadora que foi obrigado a arrancar os ornamentos de ouro do seu trono; morreu miseravelmente e deixou aos seus herdeiros a retribuição da Revolução Francesa e todos os seus horrores.

O cardeal Noailles, que assinou o decreto para a destruição de Port Royal, viveu para se arrepender amargamente do ato e para reconhecer a justiça do aviso do senhor Thomasin. Mas o que, dirá alguém, do espinho santo por meio do qual a senhora Perrier foi curada? A resposta é que ela não foi necessariamente curada pelo assim chamado espinho santo, mas pelo poder de Deus e da sua fé nele.

Não é de modo algum provável que o espinho fosse um espinho real da cruz de Cristo, mas para a criança que sinceramente acreditava que sim era tudo o mesmo e assim um instrumento real da graça divina. O senhor Colquhoun, que considera este milagre de um ponto de vista magnético, diz que nos inclinamos a tratar o espinho como inteiramente apócrifo; mas pergunta: «Como podemos livrar-nos dos factos e da evidência?» Exatamente assim!

O caso é apenas um de milhares. Eu por mim não acredito no espinho nem na astrologia, mas sou compelido a acreditar em muitas predições astrológicas; por exemplo, a de Dryden sobre o seu filho Carlos, que, após Dryden estar na sepultura, se verificou em todos os pormenores. Porque deveriam oráculos verdadeiros proceder de templos pagãos? No entanto, vimos que assim foi e Plutarco, que viveu nesses tempos, diz que nada era mais certo do que a sua verdade geral. Schelling, o grande filósofo e teólogo alemão, ficou tão impressionado com isso que pergunta:

«Como, se na mitologia grega, as ruínas de uma inteligência superior e mesmo um sistema perfeito fossem encontrados que se estenderiam muito para além do horizonte que os registos escritos mais antigos nos apresentam.» Um sujeito muito esperto, quando os tratores metálicos de Perkins estavam em voga para manifestações mesméricas, fez alguns tratores de madeira e coloriu-os como os metálicos e, ao provarem igualmente eficazes, fez uma grande jubiloso na sua imaginada descoberta de que tudo era ilusão e fantasia. Pobre homem, não sabia que o poder não estava nos tratores, metálicos ou de madeira, mas no manipulador ele próprio.

A solução de todos estes mistérios deve ser encontrada na condescendência de Deus para com os buscadores honestos e de coração de auxílio, por mais erróneos no seu modo de buscar, mas com uma fé genuína e prevalecente. Cristo, quando visivelmente na terra, costumava perguntar aos que buscavam curas: «Acreditas?» E quando o suplicante respondia afirmativamente, o milagre ocorria. Cristo ainda está na terra e mostra-se muitas vezes pronto a responder à mesma pergunta da mesma maneira.

Os casos das estáticas na Igreja Católica Romana estão entre os mais notáveis e interessantes dos factos maravilhosos desta igreja. O falecido conde de Shrewsbury publicou um volume contendo as suas visitas pessoais a diferentes estáticas e uma massa de factos impossíveis de serem postos de lado. Muitas destas senhoras não só tinham as marcas palpáveis nos seus corpos das cinco chagas de Cristo, mas os testemunhos mais inquestionáveis afirmavam que estas foram produzidas por nenhum meio natural; e embora sangrassem ocasionalmente, os médicos declaravam que não podiam ser produzidas por nenhum meio natural, pois não exibiam qualquer dor.

Além disso, muitas destas pessoas possuíam o poder mais extraordinário de clarividência. Várias das antigas Pais tinham estes estigmas, como eram chamados. O doutor Ennemoser reuniu a maioria dos casos deste tipo conhecidos na história na sua «História do Magnetismo». Entre estes refere os ferimentos sangrentos e estigmas de São Francisco de Assis e de Santas Catarina de Siena, Hildegarda, Brígida da Suécia, Pasiteia de Croyis, etc.

Os recentes aos quais dedica investigação especial são os de Catarina Emmerich de Dülmen, Maria von Mörl e Dominica Lazari. Catarina Emmerich, uma freira no convento de Dülmen, teve a marca da coroa de espinhos em 1802 e em 1815 o seu médico assistente publicou os pormenores do seu caso. Era altamente clarividente e conhecia

imediatamente a diferença entre plantas nocivas e inofensivas, embora nunca as tivesse visto ou ouvido falar delas antes.

Tinha também revelações superiores sobre pessoas e eventos, que sempre se realizavam. Maria von Mörl tinha os estigmas, mas as suas condições superiores não eram tão puras e distintas como as de Catarina Emmerich. Quando Ennemoser escreveu, ela estava num convento em Kaltern. Dominica Lazari também vivia e as suas marcas eram muito proeminentes e sangravam todas as quintas e sextas-feiras.

De 1834 a 1844, diz Ennemoser, foi bem constatado que não tomara nem comida nem bebida, e refere as obras de Görres e a sua Vida de Suso para numerosos outros casos de jejum de anos, como os de Nicolau de la Flüe, Lidvina de Schiedam, Catarina de Siena, Angela de Fuligno e muitos outros. Ennemoser cita também numerosos outros casos de estáticas, com alguns notáveis relatados por Clemente Brentano, nos quais previam mortes, casamentos e movimentos militares de visões.

Rolewink relata também o caso de uma rapariga em Ham em 1414, que veracíssima stigmata dominicæ passionis habuit in manibus, pedibus, ac latere. Mas talvez os exemplos mais extraordinários dos poderes proféticos de mulheres católicas, embora não possuindo os estigmas, seja o registado pelo abade Proyaid na sua «Luís XVI Destronado Antes de Ser Rei» e plenamente confirmado pelo cardeal Maury em 1804, numa indagação feita pelo senhor Bouys, em que uma simples camponesa de Valentano, na diocese de Montefiascone, predisse a morte do papa Ganganelli, o perseguidor inveterado dos jesuítas.

Ganganelli, ao ouvir falar disso, mandou prender a rapariga e lançá-la na prisão. Ela não manifestou qualquer preocupação com isso, dizendo calmamente: «Braschi libertar-me-á». O cura de Valentano, o confessor da rapariga, foi preso ao mesmo tempo; mas mostrou igual indiferença, dizendo ao oficial que o prendeu: «O que acabaste de fazer foi-me anunciado três vezes pela minha paroquiana;» e entregou-lhe alguns papéis nos quais não só a profecia sobre a morte do papa e o seu momento exato, mas a sua própria prisão, encarceramento e libertação estavam declarados.

O dia fixado pela camponesa para a morte do papa era 22 de setembro de 1774; mas a sua santidade declarou-se bastante bem e parecia resolvido a não morrer. Não obstante, Bernardina Renzi, a camponesa, prisioneira no convento de Montefiascone, nesse dia foi à superiora e disse-lhe: «Podeis ordenar à vossa comunidade que ofereça orações pelo santo padre. Ele morreu!» Isto foi antes das dez horas da manhã de 22 de setembro e a notícia foi trazida pelo primeiro correio à tarde de que o papa morrera às oito horas dessa manhã.

O que era mais extraordinário era que o cardeal Braschi, embora ninguém, ao entrar no conclave, sonhasse elegê-lo papa, foi assim eleito. Ainda mais extraordinário era o facto de que Braschi, tendo sido ridicularizado por se tornar papa através das profecias de uma camponesa, determinou derrotar a sua predição de ser libertada por ele.

Nomeou, pois, pessoas para a julgar que tinham mais razão para a condenar; mas essas pessoas não puderam negar a verdade das profecias e absolveram tanto ela como o seu confessor com o fundamento de que eram inocentes de qualquer desígnio maligno e eram apenas dupes dos poderes das trevas. Foram libertados e as profecias assim totalmente cumpridas; pois mesmo papas haviam sido acusados de serem influenciados pelos poderes das trevas - na verdade, sendo feiticeiros reais - mas ainda assim permaneceram papas.

Naudi na sua Apologia pelos grandes homens acusados de magia inclui vários papas. Entre eles estava Gerberto, Silvestre II. Diz-se que, como o frade Bacon, fez uma cabeça oracular de bronze. O cardeal Benno acusa-o de ser atendido por demónios; que pela sua ajuda foi feito papa e que eles prometeram que viveria até realizar missa solene em Jerusalém. Isto cumpriu-se apenas no som, pois morreu pouco após realizar missa na igreja da Santa Cruz em Jerusalém, que é um dos sete distritos da cidade de Roma. Morreu em 1003.

Na mesma categoria, Benno coloca Bento IX, João XX e Gregórios VI e VII. O último era o notório Hildebrando, que, diz Benno, tinha um livro mágico no qual alguns dos seus servos começavam a ler quando subitamente vários demónios apareceram perante eles, exigindo por que os haviam chamado e que só impediram que destruíssem a casa em ira por serem chamados para nada, pondo-os a derrubar uma parede, após o que se retiraram calmamente. Diz que Gregório podia sacudir raios da sua manga. É esta a origem do célebre trovão do Vaticano?

Mas aqui fomos levados para longe pelas Estaticas e pelas profetisas da terapêutica da Igreja Católica. Um dos mais notáveis terapeutas católicos dos tempos modernos foi o célebre padre Gassner no Tirol, de quem dei uma conta no capítulo sobre o Espiritualismo na Alemanha. O Príncipe Hohenlohe, há cerca de quarenta anos, dizia-se que fazia curas maravilhosas por oração e imposição de mãos. Um caso muito recente foi o do Cura de Ars, perto de Lyon. Uma vida muito interessante do cura foi publicada, pela qual aparece que, como Lutero, Savonarola e um número de outros homens santos, teve terríveis conflitos com Satanás; e que as suas curas eram tão maravilhosas que foram estabelecidos omnibus para correr regularmente de Lyon para a sua casa.

O Cura de Ars morreu no início de 1859. Tinha por mais de trinta anos espantado toda a França pela série continuada de milagres ocorrendo através dele na sua paróquia de Ars, não longe de Lyon. A sua vida, em dois volumes, pelo Abade Alfred Monnin, já correu para três edições. Representa o cura como um homem de nenhum talento extraordinário, e de pouca erudição, mas como um homem da mais sublime e auto-negadora piedade, totalmente indiferente ao auto-prazer ou auto-engrandecimento - passando toda a sua vida em esforços infatigáveis para o benefício temporal e eterno do seu rebanho.

Foi o primeiro a estabelecer em Ars o que chamou Providências, isto é, lares para órfãos e jovens mulheres em destituição, mantidos por fé direta na Providência. Tiveram um sucesso maravilhoso, e desde então espalharam-se por toda a França. O estabelecimento do Senhor Müller, perto de Bristol, em parte deste tipo, não é mais maravilhoso na sua manutenção pela fé do que o do Cura de Ars. O cura foi duramente oposto e caluniado por muito tempo, mesmo pelos seus colegas clérigos.

Os eventos miraculosos continuamente ocorrendo em Ars foram representados como imposturas impudentes, e ele foi assaltado como um hipócrita, um trapaceiro, um fanático; em suma, passou pelo calvário habitual em tais ocasiões. Contudo, os inimigos mais amargos foram compelidos a confessar-se enganados após exame adequado, e os factos relatados na sua história eram familiares a centenas de milhares, e tornados plenamente conhecidos perante toda a França. Por trinta anos, 20.000 pessoas anualmente, de todas as classes e de todos os países da Europa, acorriam a Ars. A sua igreja estava densamente lotada dia e noite, e o cura, afirma-se, permitia-se apenas quatro horas de sono cada noite; a sua resistência sendo o maior milagre. Estes não são factos do passado, mas da idade presente, capazes de ser testados.

Um jornal francês de 5 de Outubro de 1859 disse: A morte do Cura de Ars, em Lyon, causou que toda a população devota do resto do império se apressasse em multidões ao seu túmulo. O Abade Lacordaire, que permaneceu com ele por vários meses, esteve com ele na sua hora de morte, e promete as revelações mais maravilhosas concernentes à passagem da vida para a morte do santo, cuja canonização já ocupa as autoridades da igreja. Os milagres já operados no túmulo do Cura de Ars excedem, se se pode acreditar no relato, tanto em qualidade como em quantidade aqueles outrora encenados no túmulo do Diácono Paris. Os cegos são feitos ver, os coxos andar, e toda a doença humana é posta a nada por uma oração na pedra que cobre os restos do Cura de Ars.

A Imperatriz, que publicamente declarou o nascimento do Príncipe Imperial como devido à intercessão deste homem santo, diz-se que esteve em estreita correspondência com ele durante toda a guerra italiana. Para mostrar o entusiasmo inspirado pelo evento da sua morte, o serviço de omnibus de Lyon para a aldeia onde ele viveu, e que foi iniciado para conduzir diretamente à sua porta, foi duplicado desde a sua morte, e agora não conduz a lado nenhum senão ao cemitério onde o seu cadáver repousa. Uma vigília de nove dias é estabelecida para os diferentes confrades por toda a França, a fim de facilitar a transmissão de milagres para a conveniência daqueles que não podem fazer a viagem a Lyon.

Por último, creio que ainda vive em Roma a Irmã Collette, uma freira cartuxa, cujos milagres, diz um jornal francês, "tornaram o seu nome tão renomado por todos os estados romanos." Esta freira, pela mesma autoridade, citada na altura no Jornal da Corte, foi dita pelo Papa para acalmar o cérebro excitado do Imperador dos Franceses após a campanha italiana, que, após a batalha de Solferino, não lhe permitia sono, mas trazia continuamente perante ele as cenas de carnificina terrível testemunhadas nesse conflito.

A sua visita disse-se que produziu o efeito desejado, e o mesmo jornal acrescentou esta informação a respeito desta grande médium católica: A Irmã Collette, embora francesa de nascimento, tem estado por anos na inteira confiança de Sua Santidade. Ela foi primeiro a Roma, impelida por uma revelação concernente ao direito de nascimento de Luís Dezassete. Pouco após a sua chegada à cidade santa, o Barão de Richemont foi mandado chamar pelo Papa, e permaneceu por algum tempo o hóspede honrado de Sua Santidade.

Foi durante o período do exílio do Papa em Mola di Gaëta, e o espanto dos estranhos reunidos nesse lugar pode ser concebido quando, vendo todos os personagens reais e nobres agrupando-se em reverência ao Chefe da Igreja - entre os quais a Família Real de Nápoles, os Arcebispos da Áustria, e os Príncipes da Baviera, não eram os menos conspícuos - o Papa foi observado abandonar todos à abordagem de um indivíduo de aparência humilde, que se sabia viver pobremente e com pequenos meios, numa das mais humildes estalagens do lugar, e tomando o braço do indivíduo obscuro, caminhar à parte com ele, mantendo conversa secreta com ele, passar e repassar perante os grandes personagens sem mais atenção. Desde esse tempo, a Irmã Collette tem reinado triunfante nos conselhos privados do Papa, e nenhum assunto de importância é iniciado sem consultá-la. A sua chegada é portanto considerada como tendo a maior significação.

Isto pode bastar para os volumes de milagres que poderiam ser tomados dos anais da Igreja de Roma. A qualquer quantidade destes que acordemos veracidade (e sem dúvida um número considerável são reais), uma coisa está para além de toda a controvérsia, que a Igreja de Roma defende ousada e persistentemente a autenticidade de milagres, tanto cristãos como demoníacos.

ANJOS DA GUARDA

A fé do Catolicismo nos anjos guardiães é tão plena e bela, comparada com a crença vaga e mítica do Protestantismo neles, que pode formar um breve pendente a este capítulo. Os Protestantes não negam "espíritos ministradores, porque ao fazerem isso negariam a letra" do Evangelho; mas tratam-nos sob o nome de anjos guardiães tal como tratam Hércules, ou os Lares e Lemures; introduzem-nos na poesia, mas não na vida atual. É a sua educação, e não se podem ajudar a si mesmos, mais do que os dedos dos pés da senhora chinesa educados num amontoado, se podem estender na liberdade de um pé feminino europeu.

O segundo de Outubro na Igreja Católica é a Festa dos Anjos Guardiães. Alban Butler diz: "Entre as adoráveis dispensações da misericórdia divina em favor dos homens, não é a menor, que Ele se dignou estabelecer uma comunhão de comércio espiritual entre nós na terra e os Seus santos anjos, cujos companheiros esperamos um dia ser no reino da Sua glória."

Acrescenta que o nome de anjos dado a eles é indicativo do seu ofício, o de serem mensageiros para nós, e executores da vontade de Deus para connosco no nosso favor e defesa. Aqui, novamente, temos outra prova da verdade, pelas declarações de diferentes partidos concordando; pois todos os espíritos anunciando-se a espiritualistas como espíritos guardiães, dão nomes, não de pessoas que viveram na terra (embora provavelmente o tenham feito), mas nomes indicando as suas qualidades e ofício.

Os Padres abundam nas suas expressões de alegria nos seus anjos guardiães. Santo Agostinho tem algumas belas observações sobre eles. Eles velam e guardam-nos com grande cuidado e diligência em todos os lugares, e a todas as horas assistindo, providenciando para as nossas necessidades com solicitude: intervêm entre nós e Ti, ó Senhor, transmitindo a Ti os nossos suspiros e gemidos, e trazendo-nos as mais caras bênçãos da Tua graça. Andam connosco em todos os nossos caminhos; entram e saem connosco, observando atentamente como conversamos com piedade no meio de uma geração perversa; com que ardor buscamos o Teu reino e a sua justiça, e com que medo e reverência Te servimos. Assistem-nos nos nossos labores; protegem-nos no nosso repouso; encorajam-nos na batalha; coroam-nos nas vitórias; regozijam-se

connosco quando nos regozijamos em Ti; e compassivamente nos atendem quando sofremos ou somos afligidos por Ti. Grande é o seu cuidado por nós, e grande é o efeito da sua caridade por nós. Amam aquele a quem Tu amas; guardam aquele a quem Tu contemplas com ternura; abandonam aqueles de quem Tu Te retiras; e odeiam os que praticam a iniquidade, porque são odiosos a Ti.

São Bernardo diz: "Devemos aos nossos anjos guardiães grande reverência, devoção e confiança. Penetrados de reverência," diz ele, "caminhai sempre com circunspecção, lembrando a presença de anjos, aos quais sois dados em guarda, em todos os vossos caminhos. Em cada apartamento, em cada armário, em cada canto, pagai respeito ao vosso anjo. Atrever-vos-íeis fazer perante ele o que não ousaríeis cometer se eu vos visse?" Noutro lugar diz: "Considerai com que grande respeito, reverência e modéstia devemos comportar-nos à vista dos anjos, para não ofender os seus olhos, e tornarmo-nos indignos da sua companhia. Ai de nós se eles que poderiam afugentar o nosso inimigo, forem ofendidos pela nossa negligência, e nos privem das suas visitas." São Basílio dá as mesmas razões para a pureza de conduta.

Nós infelizes protestantes modernos, "amamentados numa crença pagã desolada," devemos sentir muito, ao ler tais sentimentos como estes, como Hood quando escreveu aquela estrofe esquisita:

Na fé há pouca alegria,
Saber que estou mais longe do céu,
Do que quando era um rapaz.

O ofício do anjo guardião é finamente pintado em Êxodo xxiii. 20, onde Deus diz aos filhos de Israel: "Eis que Eu enviarei o meu anjo, que irá adiante de ti, e te guardará no teu caminho, e te trará ao lugar que preparei. Observa-o respeitosamente, e ouve a sua voz, e não o consideres um a ser desprezado; pois ele não perdoará quando tiveres pecado, e o meu nome está nele. Mas se ouvires a sua voz, e fizeres tudo o que Eu falar, serei inimigo dos teus inimigos, e afligirei os que te afligirem; e o meu anjo irá adiante de ti, e te trará ao lugar que preparei." Isto aplica-se tanto à jornada da vida como à jornada de Israel pelo deserto. O nosso anjo guardião, se o obedecermos, não só nos atenderá e defenderá aqui, mas nos trará ao lugar que está preparado para nós.

Não há nada tanto como as revelações do espiritualismo que nos mostram praticamente quão completamente os espíritos à nossa volta veem e ouvem tudo o que fazemos. Quando um médium está presente, atestam a sua presença batendo na mesa à qual nos sentamos; muitas vezes movem-na;

por vezes levantam-na; e noutras fazem tudo vibrar sobre ela. Enquanto conversamos, batem continuamente assentimento ou dissentimento ao que é dito; e quando algo particularmente lhes agrada, testemunham-no pela vivacidade e intensidade das suas batidas. Todos os que entram no espiritualismo muito em breve se tornam cientes de quão perpetuamente estão sob a observação de olhos invisíveis e ouvidos, e ouvi diferentes pessoas dizerem que nunca realizaram isto em qualquer grau antes.

Que a asserção de que tínhamos anjos e espíritos à nossa volta era uma espécie de ideia indiferente ou poética na mente, mas não era uma verdade viva. O espiritualismo imediatamente torna-a palpável e terrivelmente real, e as pessoas começam a dizer: "Já não posso dizer e fazer coisas como podia antes. Todo o meu ser está aberto a estas realidades espirituais. Uma aparência justa já não serve, vejo que devo ser genuíno e puro por completo."

VOLUME II

CAPÍTULO I

A MAGIA NA SUA RELAÇÃO COM O SOBRENATURAL

A sombra terrível de algum Poder invisível
Paira, embora invisível, entre nós; visitando
Este mundo variado com asa tão inconstante
Como os ventos de verão que rastejam de flor em flor.
Como raios de lua que atrás de alguma montanha de pinheiros se derramam,
Visita com olhar inconstante
Cada coração e rosto humano;
Como matizes e harmonias do entardecer.
Como nuvens amplamente espalhadas à luz das estrelas,
Como memória de música fugida, Como algo que pela sua graça pode ser
Querido, e ainda mais querido pelo seu mistério.

SHELLEY

Como a crença no sobrenatural, ou espiritualismo, tem, desde as eras mais antigas, tido uma tendência constante a degenerar em magia, porque a natureza humana tem esse viés descendente, é muito desejável ter uma noção clara do que é a magia, para que possamos guardar mais sagradamente o grande dom da vida espiritual, que, mais ou menos, nos é conferido, de tudo exceto os seus próprios usos e objetos sagrados. Para

este propósito, tomo aqui uma visão sumária da magia, para que também me poupe a necessidade de referências mais extensas a ela no curso desta história.

MAGIA EM GERAL

A magia, no sentido mais elevado da palavra, e na sua construção em uma arte, é claramente rastreável até à Ásia alta, e às suas regiões sudeste. As contas mais antigas dela, se excetuarmos o Egito, que quase pode ser dito pertencer a esse quarto do globo, são inteiramente da Ásia. Os livros de Moisés familiarizam-nos com vários tipos distintos, artísticos e altamente aperfeiçoados de conjuração, e certas leis positivas contra ela. O mesmo se dá com o Livro de Leis Indiano de Menu, que, segundo Sir William Jones, viveu cerca de 300 anos antes de Cristo. Nada dizemos dos Persas e dos seus Magos. Encontramos os mesmos traços de magia como uma arte entre os Chineses mais antigos. Entre os Caldeus e Babilónios, a astrologia mágica e a adivinhação são tão antigas como a história desses povos, e o mesmo se dá com os Fenícios.

Se nos voltarmos da Ásia oriental, central e setentrional para a Ásia alta, encontramos Prometeu pagando no Cáucaso a penalidade de tentar tornar o homem independente dos deuses. Prometeu e Sísifo são, no que concerne ao poder mágico, os Faustos do mundo antigo. É na vizinhança do Cáucaso, também, que encontramos a notória família mágica, que surge perante nós tão frequentemente em Homero e nos escritores posteriores da Grécia e Roma - Éetes, Pasífae, Circe e Medeia. Homero mostra distintamente que a magia não é de crescimento europeu, expressamente não de crescimento grego. Wachsmuth pensa que toda a família, por um sincretismo visível nas eras iniciais da Grécia, foi deduzida de Hélio a fim de os aproximar da esfera nacional e mitológica, e daí introduzir os seus mistérios mágicos na literatura grega.

A própria Circe era uma deusa, irmã de Éetes, ambos filhos de Hélio e de Perseis, a filha de Oceano. A sua arte mágica não é grega, mas aponta para a Ásia; pois, para efetuar as suas metamorfoses, eram obrigados a misturar φάρμακα λυγρὰ (Odisseia x. 236; Píndaro, Pit. iv. 415), e tocar nos Gregos com uma varinha mágica. Mesmo o termo mágico posterior e muito característico θέλγειν não aparece na primeira conjuração de Circe, e ela não usa as fórmulas mágicas. Para derrotar a sua feitiçaria, a ciência humana não é suficiente, mas Hermes, um deus, é enviado para encontrar o μώλυ, Moly. Os homens não podem facilmente arrancá-lo – θεοὶ δέ τε πάντα δύνανται! Os deuses podem fazer todas as coisas; e daí vemos a razão para a sua invocação constante em todos esses processos mágicos.

Que o leitor compreenda claramente isto. Não obstante este desenvolvimento posterior da magia na Grécia, esta arte estrangeira trazida da Ásia, que se esforçava para se tornar independente dos deuses superiores do país, a mais antiga fé popular da Grécia, como mostra Hesíodo, tinha o seu mundo inferior, e os seus deuses e demónios subterrâneos bons e maus, e juntamente com isso, como em todas as outras nações, uma crença original em poder mágico; mas esta expandiu-se e aperfeiçoou-se, através da influência posterior do Oriente, num sistema artístico. O antigo mundo inferior nacional foi arrastado para a esfera da nova magia; a maquinaria e operações das artes de feitiçaria foram ligadas a ele, e os homens buscavam através dos poderes sombrios e prenhes de destruição do destino, o que não podia ser realizado pelos deuses do país.

O melhor comentário sobre isto está em Virgílio:-

Flectere si nequeo Superos, Acheronta movebo.

O mundo inferior, antes da importação das novas doutrinas asiáticas de magia entre os Gregos, era detestado, como em todo o lado, tanto pelos deuses como pelos homens (Hesíodo, Teog. 743; Homero ii. 4, 157). Monstros terrificantes o assombravam; as raças hostis de gigantes e Titãs eram banidas para lá; aí estagnava o misterioso fluxo Estígio. Daí em Lucano vi. 432, 'Ille supernis detestanda Deis noverat:' daí Erechtô, a célebre feiticeira tessálica, 'grata Diis Erebi arcana Ditis operti,' &c.

Daí, nas eras mágicas gregas e romanas posteriores, os poderes originais do mundo inferior, Plutão, Proserpina, &c., não serem os mestres e protetores da nova arte estrangeira, mas sim Hécate. Este poder, que em Hesíodo tinha sido colocado sobre os elementos, nesta mitologia posterior é transferido para o mundo inferior com Selene - sem dúvida, porque as adjurações, artes mágicas e oferendas eram feitas de noite - Ártemis, Perséfone, &c., e toda uma corte infernal e ambiente de espetros, fantasmas, cães, serpentes, &c., sendo tornados obedientes à grande rainha da feitiçaria. Isto inclui um esboço completo da origem da magia na Grécia e Roma, e das suas principais características até ao período mais recente.

Podemos agora dar uma olhadela rápida a ela em outras regiões. Voltemo-nos novamente para o Oriente. A crença em espíritos bons e maus prevalecia universalmente entre os Caldeus, Persas, Egípcios, Fenícios, Indianos, Cartagineses, Cananeus, &c.; e por toda a parte a ideia de magia estava associada a ela. Entre a maior parte dos Asiáticos e Africanos não podia haver conflito entre a sua mitologia e esta arte; pois os seus deuses eram da classe de poderes invocados.

Quanto aos Citas, Germanos, Eslavos, Celtas, Gauleses, &c., pelo conhecimento escasso que temos das suas mitologias, as mesmas ideias pareciam prevalecer como entre todos os outros povos no mesmo grau de cultivo. Plínio (H. N.) diz-nos, 'Britannia hodieque attonita Magiam celebrat tantis ceremoniis, ut dedisse Persis videri possit.'

Helmont mostra-nos que os Eslavos tinham o seu Zerne-Bog, o seu deus negro e mau; e o próprio nome revela um dualismo, pois Bog ainda é em polaco Deus, e Zerne negro. Assim, entre todos estes povos, e ainda mais distintamente entre os Escandinavos - veja-se as Eddas - a fé na magia era universal. A religião da maioria destas nações consistia principalmente num culto corrompido das estrelas e do fogo. Apenas os Persas parecem ter preservado isto em algum grau de pureza. Sobre todo o Oriente estendia-se o sistema intelectual, mas sob as formas mais variadas, e por toda a parte conectado com o dualismo. Onde quer que os Gregos e Romanos plantassem colónias, a sua mitologia recebia em breve a inoculação oriental dos poderes sombrios e hostis.

Assim, a magia dos Romanos e Gregos, levada de volta para essas regiões, coalescia naturalmente com as ideias asiáticas e tornava-se duplamente forte. Na Pérsia, Egito e Cartago, este era o caso. Mas foi no sistema de Zoroastro que o dualismo assumiu a forma mais positiva. Ormuzd e Ahrimane surgem como os representantes dos dois princípios em conflito perpétuo. Em grau menos distante, o mesmo se dá nos ensinamentos sobre Osíris, Ísis e Tifão. Nas mitologias de ambos estes povos, prevalece o sistema demoníaco, o princípio bom e o mau, e cada um tem os seus poderes subordinados.

O dualismo dos Caldeus é menos conhecido, mas Plutarco diz que eles tinham dois deuses bons e dois maus, e numerosos neutros. O dualismo jaz igualmente na base das mitologias indianas. Eles têm tropas inteiras de demónios contendores ou Dews, que não se confinam à teologia, mas espalham-se por toda a sua poesia, dramas e contos, como em Sacontala, &c. Sir William Jones, nas Asiatic Researches (ii. 49), aponta a relação da língua do Zend Avesta com a do Sânscrito; e Amiano Marcelino diz-nos que Zoroastro travou conhecimento com os Brâmanes; e Arriano na expedição indiana de Alexandre, e Estrabão, também nos contam abundância de coisas sobre magia indiana, e sobre os homenzinhos de três palmos de altura, que proclamam o seu parentesco com as nossas fadas.

Os Judeus trouxeram de volta do cativeiro babilónico todas as ideias do dualismo persa, e acusaram o nosso Salvador e os Apóstolos de realizar todos os seus milagres por magia, e o grande mestre da feitiçaria, o diabo. Horst, na sua 'Zauber Bibliothek', ao citar uma longa lista de instâncias das

narrativas do Evangelho, diz, 'É em vão tentar limpar destas narrativas do Evangelho o diabo e os seus demónios. Tal exegese opõe-se à fé inteira do mundo naquela época. Se formos fazer com que estas declarações signifiquem agora exatamente o que nos apraz, porque é que nenhum homem no mundo antigo as compreendeu assim?

Tornámo-nos mais sábios? Então congratulemo-nos pela nossa boa fortuna: mas não podemos, por isso, compelir esses veneráveis escritores a dizer o que eles, no seu próprio tempo, nem podiam nem queriam dizer' (vol. ii. 31). A Cabala contém uma conta mais compreensiva da magia dos Judeus. Do Kischuph ou magia superior; o Monen, o astrológico; e o Nischusch, ou departamento profético. 'Segundo a Cabala, há, além dos anjos, uma raça intermédia de seres, que os homens geralmente chamam os espíritos elementares, mas conhecidos dos Judeus sob o nome geral de Schedim (o macho sendo chamado Ruchin, a fêmea Lilin), e descritos como os sedimentos ou os mais baixos das ordens espirituais. Estes espíritos dos elementos, cujo chefe é o melhor Asmodeu, dividem-se em quatro classes principais.

A primeira, que consiste no elemento do fogo, e portanto não pode ser vista com o olho, é bem disposta para o bem. Eles ajudam e apoiam os homens de boa vontade. São brancos, e compreendem a Thorah ou lei, uma vez que estão em conexão com o mundo dos anjos. Possuem muitos segredos da natureza. Salomão fez uso deles, e dirigiu-se ao seu rei. A segunda classe, formada de fogo e ar, é inferior, mas ainda boa e sábia, mas invisível aos olhos humanos.

Ambas as classes habitam as regiões superiores. A terceira classe consiste em fogo, ar e água, e por vezes é aparente aos sentidos. A sua alma, segundo Loriah, é de natureza vegetal. A quarta classe, além dos elementos anteriores, tem um componente de terra fina, e a sua alma é de natureza mineral, e pode ser plenamente percebida pelos sentidos. Todos estes espíritos dos elementos comem e bebem, propagam-se e estão sujeitos à dissolução.

A maior parte das duas últimas classes é de disposição maligna, zombam e enganam os homens, e alegram-se em fazer-lhes mal. Portanto, estão sob a autoridade do mau Asmodeu, que está do lado de Smaël, o diabo. Daí serem chamados, como os espíritos satânicos escuros, Masikim e M'chablim. Há entre eles alguns indivíduos de natureza mais amigável, que querem bem aos homens, e empregam-se em todo o tipo de serviços domésticos. Estas duas classes dividem-se em diferentes sortes; alguns vivem entre os homens, outros nas águas, um terceiro tipo em lugares

imundos, e um quarto em montanhas e desertos; cada um ama o elemento do qual teve origem.

Alguns chamados Jemim são de aspeto hediondo, e aparecem corporalmente em pleno dia, entre as montanhas. 'Os dois ordens superiores destes espíritos elementares, que formam o elo de transição entre o visível e o invisível, estão corporalmente próximos do homem, e são muito perigosos, sendo dotados de vários poderes extraordinários, e tendo grande insight nos reinos ocultos da natureza inferior; e, através da sua conexão com o mundo espiritual, têm algum conhecimento do futuro, mas chiefly em coisas naturais.

Daí os homens terem começado tão cedo a adorá-los, e a fazer-lhes oferendas. 'Alguns destes correspondem aos nossos Hobthrushes e Brownies, outros aos deuses dos pagãos e aos oráculos. Quanto mais elevados estes espíritos, diz a Cabala, embora possam predizer algo do futuro, não são muito de fiar, porque estão mais conectados com o mundo natural do que com o espiritual, e veem apenas através de tais media.

Os inferiores destas naturezas são ainda menos dignos de confiança; pois, da sua posição inferior, a sua visão é mais obscura, e muitas vezes procuram enganar os homens com mentiras. Estes espíritos dos elementos vivem nas aves tanto do ar superior como do inferior, em bestas, e na terra e nos seus minerais. Daí os áugures obterem instruções deles através de aves de rapina, e os magos através de pedras, metais e cristais. Maimónides diz que não só era permitido aos Judeus pelas suas tradições, mas ordenado que mantivessem uma conexão íntima com os seus amigos falecidos, não por curiosidade ou propósitos egoístas, mas por comunhão em e através de Deus. Portanto, o Israelita era obrigado a orar pelo seu irmão que ainda estava na região de purificação; mas só em casos de necessidade suprema, e para o bem daqueles deixados para trás, era permitido inquirir dos mortos. Tinham uma festa de sangue em tais ocasiões.

Cavava-se um buraco, derramava-se sangue nele, e sobre ele punha-se uma mesa à qual comiam, e os Schedim ou espíritos de natureza intermédia apareciam e respondiam às suas perguntas, mesmo sobre o futuro. Os Judeus tinham a prática de tatuar certos nomes ou imagens nas suas mãos pelos quais entravam em rapport com estes espíritos, e usavam muitas cerimónias mágicas para os mesmos propósitos. Punham em fuga bestas ferozes pela proferição do nome sagrado, e curavam muitos ferimentos e doenças por meio de magia.' (Maimónides em Abodah sarah 12, Absch: 11 Abth.)

Pelo Monen, produziam o que os Escoceses chamam glamour, fazendo coisas imaginárias parecerem reais; mas esta ilusão não resistia ao teste da água. (Trakt. Sanhedrin, fol. 65). No Sohar ensina-se que, na hora da morte, um Ruach ou espírito superior é impartido aos homens do que o que tiveram em vida, pelo qual veem o que nunca viram antes; veem os seus amigos e parentes falecidos. (Maichi, fol. 218.; Trumah, fol. 141). Os Judeus, contudo, acreditavam que a alma não era totalmente separada de toda a conexão com o corpo, mas que o Habal de Garmin, o corpo elementar, ou o que os Alemães chamam o Espírito-Nervo, permanecia no túmulo incorruptível, até à ressurreição, quando era reunido à alma.

Que este Habal de Garmin tinha toda a forma do corpo, e era o corpo real da ressurreição. Que tinha uma certa consciência, e passava o tempo em sonhos agradáveis, a menos que perturbado pela proximidade de algum corpo maligno ou hostil. Daí a necessidade de enterrar amigos juntos, e inimigos longe uns dos outros. Daí o desejo daqueles que se amam de descansar juntos na terra. (Nakanti, fol. 66). A alma, no outro mundo, é mantida em conexão com este corpo elementar no túmulo pelo Zelem ou sombra em que está envolvida, o veículo dos filósofos gregos.

Todas as almas devem passar por uma condição de purgatório; quando as almas mais puras passavam para o Gan Edin ou paraíso subterrâneo, até à ressurreição geral, e as impuras para o lugar de purgatório e castigo adicionais. No meio, entre o mundo exterior e G'hinham ou inferno, jaz a região dos espíritos dos elementos, ou da natureza (Sepher Makiäl, fol. 12).

A estes espíritos dos elementos, ou Schedim, sem dúvida São Paulo alude onde, na nossa tradução vaga da passagem, falando dos poderes espirituais contra os quais temos de contender, nomeia entre eles maldade espiritual em lugares altos, mas que deveria ser traduzido as espiritualidades ou espíritos de maldade nas regiões superiores τὰ πνευματικὰ τῆς πονηρίας ἐν τοῖς ἐπουρανίοις: que os Franceses traduziram mais corretamente, 'les esprits malins qui sont dans les airs,' e Lutero 'den bösen Geistern unter dem Himmel.'

Como era no mundo antigo tanto entre nações cultivadas como incultas, assim é na era presente. Encontramos a mesma fé em ambas as classes de poder espiritual, em bom e mau, e em artes mágicas por toda a parte, e mesmo entre nações que parecem ter tido, durante eras, nenhum intercâmbio com o Velho Mundo - nomeadamente, as da América. Locke diz, 'Encontramos, por toda a parte, não outras ideias dos poderes e operações do que chamamos espíritos do que aquelas que tiramos da ideia das nossas próprias espíritos, ao refletirmos nas operações das nossas próprias almas, e as notarmos cuidadosamente.

Sem dúvida, os espíritos que animam os nossos corpos possuem um grau muito inferior; daí a crença em naturezas espirituais superiores e mais poderosas, melhores ou piores, operando na terra, ser muito natural à alma humana.' Encontramos estas ideias na Gronelândia, onde, segundo os missionários Kranz e Egede, os habitantes prestam pouca atenção ao bom Pirksama; significando, na sua língua, Ele lá em cima; porque sabem que ele não lhes fará mal, mas adoram zelosamente o poder mau, Angekok, de quem os seus sacerdotes, homens-medicina e conjuradores também são nomeados; e todas as operações dos magos são supostas tornarem-se eficazes pela cooperação de Angekok e dos seus espíritos inferiores.

Assim na Gronelândia, também, existe esse dualismo amplamente difundido. Encontramos, novamente, muito da mesma classe de ideias e práticas em Kamchatka, segundo Pallas, Kraschininikow, e outros. Assim também entre os Samoiedos e Siberianos. Herr von Matjuschkin, que acompanhou o Coronel Wrangel na expedição ao Polo Norte em 1820, dá-nos uma conta notável das incantizações dos Schamans no norte da Ásia. Estes homens entram numa dança selvagem, na qual atiram as cabeças de um modo maravilhoso, de vez em quando parando para tomar alguma bebida estupefaciente.

Finalmente caem em inconsciência, seguida de convulsões e gemidos, e uivos selvagens. Os Schamans então fitam de modo selvagem e terrível, e neste estado são-lhes postas perguntas. Matjuschkin diz que em Alar Süüt, a um dia de viagem de Werschojansk, viu um Schaman que, neste estado, respondeu-lhe a perguntas sobre os seus amigos distantes, que depois descobriu serem bastante verdadeiras. O Schaman possivelmente não podia saber nada dele ou dos seus amigos. Ao acordar, como todos os clarividentes, não sabia nada do que se tinha passado.

Na 'História das Missões dos Irmãos Evangélicos entre os Índios Delaware e Iroquois' de Loskiel, aprendemos que estes, bem como as tribos Illinois e Hurons, e outros nativos norte-americanos, não só acreditavam em espíritos bons e maus, mas também nas operações sobre o homem através de artes mágicas e terapêuticas. Em outra parte destes volumes, dei relatos particulares de tais coisas entre os Ojibbeways, de Schoolcraft e Kohl; outros dos Mexicanos, Peruanos, Caribes, etc.

Tal é a fé na magia e no poder demoníaco também, segundo o Padre Antonio Zuchelli e outros escritores, entre os Africanos do Congo e Loango, que prestam particular reverência a um bode preto; tal também entre os negros Mandingo; segundo Campbell e outros viajantes missionários, entre os do Sul da África, os Bosquímanos, os Namaquas, etc. Na Guiana Holandesa, diz Howe, os nativos acreditam na existência de uma hoste de

espíritos malignos subordinados que produzem trovões, tempestades, terremotos e doenças.

Estes chamam Yowahoos (provavelmente a origem do nome de Swift, Yahoos), e buscam, pela magia, conquistá-los, de modo a torná-los inofensivos para eles. Os nativos da Califórnia mantêm a mesma fé. Os Koschimer, no norte da Califórnia, declararam aos missionários que o supremo bom Deus, aquele que vive, criou um grande número de espíritos subordinados que se afastaram dele e agora estão em hostilidade contra ele, e nos atormentam. Em suma, a fé é universal, e Home, Lord Kaimes, diz verdadeiramente, nos seus 'Esboços da História do Homem', que a fé em espíritos bons e maus misturados entre povos selvagens e incultos é uma e a mesma com a sua fé na magia.

Um célebre poeta alemão expressou igualmente bem este grande facto:

> Ein alter Stamm mit tausend Aesten,
> Die Wurzeln in der Ewigkeit,
> Neigt sich von Osten hin nach Westen
> In mancher Bildung weit und breit.
> Kein Baum kann blüthenreicher werden,
> Und keines Frucht kann edler seyn,
> Doch auch das Dunkelste auf Erden
> Es reift auf seinem Zweig allein.

Sobre esta persuasão cosmopolita e inerradicável foi gradualmente erigido o sistema artístico de magia, que ainda não perdeu o seu domínio mesmo sobre as nações mais cultivadas. Quem foi o descobridor original dela? Adão, Enoque, Set, Abraão, Salomão, Zoroastro, Hermes Trismegisto, ou algum outro personagem mais remoto e misterioso segundo teorias egípcias ou indianas? A todos estes a ciência foi atribuída, e Plínio diz-nos que um certo grande mago, Osthanes, a trouxe da Ásia para a Grécia. Mas a nenhum destes deve a sua origem; ela reside nos próprios fundamentos da mente humana.

Dada a convicção da existência de poderes espirituais e poderosos exercendo a sua influência sobre os homens, a tentativa de encontrar meios de propiciar esses poderes, e de cooperar com eles para a restrição e subjugação de uma secção ou da outra deles, é uma certeza. Como há poderes espirituais bons e maus, assim a arte de invocá-los logo se dirigiu naturalmente para o bem e o mal; a μαγεία e a γοητεία. Cícero deriva o nome de magia dos Persas.

Magi augurantur atque divinant. Sapientum et doctorum genus Magorum habebatur in Persis (De Div. i. 41, 46). Assim também Apuleio.

Si quidem Magia id est, quod Plato interpretatur θεῶν θεραπείαν, si, quod apud plurimos lego, Persarum lingua Magus est, qui nostra sacerdos; sin vero more vulgari eum isti proprium Magum existimant, qui communione loquendi cum diis immortalibus ad omnia, quæ velit, incredibili quodam vi cantaminum polleat (De Magia, 30).

"Se, de fato, magia é aquilo que Platão interpreta como 'culto dos deuses';
se, como leio em muitos autores, na língua dos persas 'mago' é aquilo que entre nós chamamos de sacerdote; mas, se, de acordo com o costume popular, eles pensam que o verdadeiro mago é aquele que, por meio da comunicação com os deuses imortais, tem, para tudo o que quiser, um incrível poder de encantamentos..."

Suidas diz-nos a diferença exata entre μαγεία e γοητεία. Sem dúvida, a palavra é de origem meda ou antigo persa; Meh, ou Megh, significando algo grande, excelente e reverenciado; e os Magos dos Persas, Medos, Caldeus e Indianos, sendo a sua classe mais alta de filósofos religiosos. Mog é ainda a palavra persa, e Mogbed, o seu sumo sacerdote, como o sumo sacerdote dos Parsees em Surat é chamado Mobed.

Quando a magia chegou à Grécia, encontrou uma mitologia essencialmente construída sobre os elementos da natureza, e, portanto, essencialmente congenial a ela. Na Caldeia já tinha sido combinada com a astrologia, ou com os poderes supostamente presidindo sobre as estrelas.

Os Gregos já tinham descoberto mais desses poderes secretos da natureza, eletricidade, magnetismo, mesmerismo, clarividência através de meios de vapores particulares ou manipulações, que supomos serem descobertos apenas pelos modernos, e assim deram um significado e uma força às suas ideias de magia, que a levaram à sua mais alta perfeição. (Ver 'História da Magia' de Ennemoser).

Os Gregos transmitiram-na aos Romanos. Que alguém se refira às passagens em Homero e nos tragediógrafos gregos, em Virgílio, Horácio, Ovídio, Propertius e outros, onde a magia é mencionada, e às suas célebres feiticeiras, Medeia, Circe, Erechtho, Canidia, etc.; e então pelo menos verão qual era a opinião popular da arte, e daquelas mulheres como comandantes e compelidoras dos deuses, como governantes sobre o destino e os homens. Vemos na Bíblia exemplos impressionantes da arte como existia no antigo Egito; e mesmo após a era cristã, os Neo-Platonistas, e, na verdade, algumas classes de Cristãos, eram profundamente devotados a ela.

O Cristianismo, no todo, a partir do seu conhecimento mais alto e mais puro, deve necessariamente rejeitá-la; no entanto, encontrou o seu caminho na igreja através da prática do exorcismo, empregado em imitação de Cristo, para expulsar demónios. As fórmulas da igreja, à medida que o tempo avançava, tornaram-se cada vez mais cerimoniais, e aproximando-se em caráter, pelo menos, à Magia Branca, em oposição à Magia Negra, ou Arte Negra, na qual o apelo era feito a demónios para assistir na obtenção de tesouros escondidos, aquisição de honras, riqueza e outras vantagens mundanas, ou na qual os nomes sagrados de Deus e Cristo eram blasfemamente usados para os mesmos fins baixos.

No que veio a ser chamado Pneumatologia Occulta et Vera, todas as formas de adjuração e conjuração foram estabelecidas. O exorcista devia, num quarto bem lavado e limpo, ou sob o céu aberto, tendo na manhã anterior lavado bem o corpo todo, entrar num círculo, mas não antes da meia-noite. Deve estar recém e puramente vestido numa espécie de sobrepeliz, tendo uma banda consagrada caindo à frente, pendurada do pescoço, e escrita com caracteres sagrados.

Deve usar na cabeça um boné alto e pontiagudo de linho fino, na frente do qual está fixada uma etiqueta de papel, tendo escrito nela em Hebreu o santo nome TETRAGRAMMATON: um nome que não deve ser pronunciado. O chão deve ser purificado de toda impureza, e bem fumigado. Deve fumigar o nome sagrado no seu boné, cujas letras devem ser escritas com uma pena nunca antes usada, mergulhada no sangue de uma pomba branca.

Quando o exorcista deseja libertar um espírito miserável que assombra algum local por causa do seu tesouro escondido, recomenda-se que leve um ou dois outros indivíduos, devidamente purificados, para o círculo com ele; de modo que, enquanto ele exorciza o espírito, os outros possam fazer dois tipos diferentes de fumo, um para atrair o espírito, e o outro para afastá-lo, ou quaisquer espíritos malignos, quando necessário.

Devem cada um carregar um pedaço de giz, e nos quatro exteriores do círculo desenhar tantos pentáculos. Um dos associados deve segurar numa mão um copo de água benta, na outra uma taça contendo o sangue misturado de um cordeiro preto, não com um ano de idade, e de uma pomba branca, não com dois meses de idade. O exorcista deve segurar na mão direita um crucifixo, e quatro velas de cera devem ser acesas dentro do círculo; o bastão Caroli estando no centro. Devem então aspergir o sangue e água misturados ao redor do círculo, e, ajoelhando-se, cada um deve benzer-se na testa, na boca e no coração, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O exorcista então faz uma oração pelo sucesso da sua tentativa. Mal isto estará feito quando os espíritos malignos começarão a atormentar a alma infeliz que buscam libertar; e a adjuração deve recomeçar, dizendo: 'Todos os bons espíritos, louvai o Senhor connosco.' A isto a pobre alma suspirará e queixar-se-á, e dirá: 'Comigo também.' O incenso deve ao mesmo tempo ser agitado, e os associados repetir 'Amém!' a todas as orações do exorcista, que são feitas em sucessão.

A pobre alma alcança o exterior do círculo, mas os seus carcereiros seguram-na firmemente, e quando o exorcista lhe ordena partir para o seu repouso eterno, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, os demónios erguem um grito horrível de corvo, coaxam como rãs, e voam como corvos ao redor das cabeças dos exorcistas, mas eles devem confiar no nome e presença de Deus.

Os demónios tentarão todos os tipos de ilusões para os desviar da guarda, mas eles não devem alarmar-se. Devem ter três pedaços de pão, e três pedaços de papel, nos quais o nome de Jesus está escrito, e no instante em que os demónios são compelidos a entregar no círculo o tesouro, o exorcista deve colocar um pedaço de pão e o papel inscrito sobre ele, para que não seja levado novamente, ou trocado por algo mais, como será o caso se isto não for feito prontamente.

Então o exorcista deve abjurar os espíritos malignos e príncipes do inferno, Acheront, Ashteroth, Magoth, Asmodi, Beelzebub, Belial, Armagmon, Paymon, Eggson, com os seus subordinados e ajudantes, e todos os espíritos presentes, guardiões e almas danadas, no nome todo-sagrado poderoso Jehovah, Adonay, Elohah, Saday e Sabaioth, que é e foi o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, que apareceu face a face com Moisés no Monte Sinai, que habitou no Urim e Thummim - para partir, e isso na força de Tu Hagiu, Hagiotatu, que os santos anjos adoram no céu com cânticos e gritos de 'Santo! santo! santo! Senhor Deus de Sabaioth!' E como os espíritos rebeldes deixaram os seus lugares no céu, nunca para retornar, assim estes maus evacuarão a terra em nome de Jesus, Amém!

Então as almas danadas atirarão na cara do exorcista que ele é um pecador, e em nenhuma condição para forçar o tesouro deles, e zombarão e insultá-lo; mas ele responderá que todos os seus pecados são lavados no sangue de Cristo, e ordenará que partam como fantasmas amaldiçoados e moscas danadas, e, embora ainda resistam, o exorcista proferirá novas orações e banimentos em todos os nomes santos, benzendo-se a si e aos seus companheiros, que deverão, durante o mesmo, fazer novo fumo consagrado, e ele apontará para os pentáculos e extáculos descritos em papel com vários caracteres sagrados, e adicionará a última adjuração nos

nomes sagrados: Hel, Heloym, Sotter, Emmanuel, Sabaioth, Agla, Tetragrammaton, Agyros, Otheos, Ischyros, Athanatos, Jehovah, Va, Adonai, Saday, Homousion, Messias, Eschereheye, Pai incriado, Filho incriado, Espírito Santo incriado, Cristo vence, Cristo reina, Cristo triunfa.

Ainda novas adjurações e orações são necessárias antes que os espíritos amaldiçoados renunciem à pobre alma e partam; mas o exorcista adiciona novas e mais terríveis adjurações, e bane-os, como cães do inferno amaldiçoados, para florestas escuras e poços fétidos, e para as inundações furiosas do inferno, pelo nome de Cristo e todos os Evangelistas. Ele ergue a cruz diante deles, e novas e mais fortes fumigações são feitas até que sejam compelidos a partir, e a pobre alma atormentada é confortada em nome do Salvador, e consignada aos cuidados de bons anjos, e o tesouro resgatado, claro, é assegurado para a igreja, e então tudo é concluído por hinos de louvor e o canto do Salmo xci.

Certos dias são estabelecidos no calendário da igreja como mais favoráveis para a prática do exorcismo; e, se os demónios forem difíceis de expulsar, recomenda-se um fumo de enxofre, assafétida, fel de urso e arruda, o qual, presumia-se, superaria em fedor mesmo os demónios.

MAGIA NEGRA

Como o seu nome importa, a Magia Negra, ou a Arte Negra, era uma maquinaria construída para compelir os demónios, pelo poder dos nomes divinos, a submeterem-se ao mago, e fazerem a sua vontade para todos ou qualquer dos seus propósitos terrestres; trazer-lhe dinheiro, torná-lo bem-sucedido no amor ou na guerra, ou em qualquer outra ambição. É uma arte das mais blasfemas, presumindo usar os nomes mais sagrados para os propósitos mais profanos.

Que os nomes divinos alguma vez conferissem tal poder, é absurdo supor; mas é certo que os demónios, sob aparência de compulsão, estão mais do que prontos a responder a tais invocações, e que a magia infernal é um poder real, e fez coisas estranhas.

O mago e os seus companheiros, se levasse alguns, entravam num círculo de nove pés de largura, inscrito ao redor com os nomes e cruzes intervenientes - Elohim + Adonay + El Zebaoth + Agla + Jehovah + Alpha + Omega + On. On significa a palavra Oum, dita no Talmude ser a palavra omnipotente, pela pronúncia da qual Deus criou o mundo. O mago vestido como o exorcista, em boné pontiagudo e longa veste, com sinais mágicos no boné, e um escapulário lançado sobre a veste, portando também caracteres mágicos, segura uma vara de aveleira descascada, na qual

estão escritos, no sangue de uma pomba branca, Jesus Nazarenus Rex Judeorum.

A conjuração não deve ocorrer antes da meia-noite, e se numa casa, as portas ou janelas devem ficar abertas, sem mais pessoas na casa do que as engajadas no negócio. É mais seguramente realizada ao ar livre, em florestas solitárias, campos ou prados. O fumo usado deve ser de papoila, cicuta, coentro, salsa e sementes de açafrão. A conjuração deve ocorrer numa quarta-feira ou sexta-feira, e numa casa sagrada a Mercúrio ou Vénus.

MAGIA NEGRA

O mago leva consigo os sinais e selos dos espíritos que deseja comandar, pois os selos e sinais de todos eles são desenhados. Estes ele coloca perto do fogo que faz no círculo, e bate neles com a sua vara de aveleira; e, se não aparecerem, começa a queimá-los, ao que se tornam obedientes. À medida que ele e os seus assistentes entram no círculo, dizem: Harim, Karis, Astecas, Enet, Miram, Baal, Alisa, Namutai, Arista, Kappi, Megrarat, Sogisia, Suratbala. Então os sinais dos espíritos invocados são exibidos, e os seus nomes pronunciados. Mas não só os nomes dos espíritos convocados, mas todos os nomes sagrados são invocados.

Aqui está uma conjuração do espírito-príncipe Aziel - 'Eu te conjuro, Aziel, por estas palavras de poder - Mongrad, Gratiel, Lalelai, Emanuel, Magod, Vagod, Saboles, Sadai, Ai, Sadoch, Oseoth, Mayne, Lalli, que me tragas tanto dinheiro quanto desejo, em boa moeda e ouro inalterável; e ordeno-te que faças isto no poder de Tetragrammaton, Agla, Ephbiliaon, Sia, Osion, Zellianole, Elion, e, desce a mim: aparece-me em forma amigável diante do meu círculo, e traz o que exijo de ti, Azil, em nome de Jesus. Amém!'

Quando a conjuração tiver sucesso, louvores são cantados a Deus, igualmente ímpios. As maldições mais frightful eram amontoadas sobre a cabeça de Lúcifer, o príncipe dos demónios, se ele não compelisse Aziel a aparecer na forma de um rapaz de doze anos, e fazer tudo o que era requerido dele, trazendo uma soma específica, 299.000 ducados, em moeda pagável mas ouro inalterável. Se a última condição não fosse imposta, o ouro seria, na manhã seguinte, encontrado dissolvido em folhas murchas, ou mesmo esterco de cavalo.

O mago, enfrentando o diabo, dizia que punha o pé no limiar do inferno, e o compeliria pelo nome de Cristo e o selo de Salomão a obedecer, ou amontoaria sobre ele as mais inimagináveis dores e tormentos aos quais o inferno mais quente pareceria brando. Este espécime da arte infernal pode bastar. Volumes inteiros, quase bibliotecas, existem dela em todas as

línguas antigas, mas especialmente em Árabe e Latim, bem como em todas as línguas modernas.

Entre os mais célebres professores da arte, muitos dos quais deixaram tratados dela, mais ou menos brancos ou negros, estão Herpentil, Cormeyther, Psellus, Albertus Magnus, Roger Bacon, Tritthemius, Cardan, Pomponazzi, Cæsalpinus, Campanella, Gaffarelli, Pignatelli, Robert Fludd, Casper Pucer, John Dee, Ægidius Gutmann, Heinrich Runath, Jacob Horst, Paracelsus, Cornelius Agrippa of Rhettersheim, Dr. Faustus, etc., etc. Nos vários departamentos da magia, a astrologia estava profundamente entrelaçada; grande poder era atribuído a amuletos, selos, diagramas astrais e outros; raízes mágicas, ou a raiz da primavera, ou mandrágora, da qual pequenas imagens eram feitas, e pretendia-se terem crescido naturalmente, que eram chamadas Alrunes ou Alrouns.

Nos tempos antigos, a erva moly, serpentes, hiénas, etc., desempenhavam um grande papel; e em tempos posteriores, os corações de toupeiras e de cães pretos eram supostos possuir grandes virtudes mágicas. Nos tempos das bruxas, uma lontra branca desempenhava um grande papel. Esta lontra branca podia, no entanto, só ser obtida pronunciando treze palavras: Studi, Hadi, Hanadmæ, Comdardne, Kuker, Lice, Unhollzæ, Erns, Lucan, Curide, Sagina, Sagine, Kati, Ecknealy, Trinery; que o diabo dizia preferir estar no inferno mais quente do que ouvir.

As palavras, na verdade, são quase tão bárbaras como aquelas que Suidas nos diz que as mulheres e crianças milesianas cantavam à sua deusa para se livrarem da peste: Bedu, Zaps, Chthon, Plectron, Sphinks, Knaxzbi, Clithüptäs, Phlegmos, Dro-oops! Tendo obtido a lontra branca, podes andar invisivelmente a pé ou a cavalo, passar por portas fechadas; terás todo o mundo no teu poder; magistrados e juízes decidirão a teu favor: e só tens de desejar riqueza, honra, ou qualquer outra coisa, para tê-la. O Hipericão, ou erva de São João possuía poderes maravilhosos, como a antiga Aglaophtis, o que quer que isso fosse, e a erva Osyris mencionada por Plínio, Ælian e outros.

Com a história maravilhosa dos belos jardins erguidos por magia por Albertus Magnus, para o entretenimento de Guilherme Conde da Holanda em Colónia, com frutos maravilhosos e flores tropicais, cenários e clima no meio do inverno, o leitor está familiarizado. Tais eram as noções de poder mágico nessa era! Os professores das ciências ocultas, como Albertus Magnus, Paracelsus, Agrippa, etc., não só acreditavam em influências astrais operando na terra, mas tinham uma perceção de potências secretas na natureza física, que desde então foram provadas realidades pelas descobertas de eletricidade, magnetismo, a força ódica, mesmerismo, etc.

Os astrólogos e alquimistas foram pais adotivos das ciências mais atuais, astronomia e química. Em ambas estas, como na influência da lua sobre as marés, nas recentes descobertas nas propriedades dos raios solares, e os desenvolvimentos variados da química, eles já estavam em contacto com factos que não tinham os instrumentos e a ciência moderna para trazer à luz da demonstração.

Assim esbocei de uma vez um outline da magia, a sombra assombrando o curso do espiritualismo, para que não tenha mais ocasião de me deter nela, exceto talvez numa mera referência passageira. Aqueles que desejarem informar-se mais sobre a magia judaica, podem consultar o Talmude e a Cabala, com o livro Shemhamphorash fundado na última, impresso em 1686 por Andreas Luppius de Wesel; o Shemhamphorash não sendo o nome sagrado, mas a descrição e significado dele. (Ver 'Kabbalah' de Rosenroth, e a Introdução à 'História da Filosofia Hebraica' de Budeus; Biblioth. Ratlin. de Paxtorf p. 48; ou Biblioth. Orient. i. 33 de Hottinger).

Ao contemplar mesmo a magia menos ofensiva, mesmo aquela tão usada pela Igreja Católica na Idade Média em casos de exorcismo, ficamos impressionados com a queda awful da simples sublimidade da teurgia dos tempos do Evangelho, quando Cristo e os seus apóstolos 'ordenavam aos espíritos imundos e eles saíam das suas vítimas. Na sua melhor forma a magia é uma invasão revoltante do poder sagrado do sobrenatural na igreja; na sua forma mais escura é concretamente diabólica. No entanto, não faltaram jornais que repetidamente convidavam espiritualistas a esta prostituição de um poder divino, para prever o vencedor do Derby, ou para permitir a especuladores sórdidos fazer transações lucrativas na bolsa de valores.

CAPÍTULO II

O SOBRENATURAL NA IGREJA GREGA E OUTRAS IGREJAS ORIENTAIS

Talvez, com a exceção do Protestantismo, não haja uma fé registada na história do mundo, que não se tenha apoiado em revelações sobrenaturais, e estas as mais brilhantes e frequentes na proporção em que nos aproximamos das eras primitivas.

Dr. J. J. GARTH WILKINSON.

Há uma grande diferença entre a filosofia e outras artes; e uma ainda maior entre essa filosofia em si que é de contemplação divina, e aquela que tem em vista as coisas aqui em baixo. A filosofia divina é muito mais alta e mais corajosa; busca um âmbito maior, e insatisfeita com o que vê, aspira ao conhecimento de algo maior e mais belo, e que a natureza colocou fora da nossa vista. Uma só nos ensina o que é feito sobre a terra; a outra revela-nos aquilo que é realmente feito no céu. Morais de Sêneca. Mal é necessário produzir evidência do espiritualismo da Igreja Grega; pois foi por seis séculos idêntica à Igreja Romana, e ao separar-se, fê-lo politicamente e não polemicamente.

Os dogmas da Igreja Grega continuaram, e ainda continuam, os mesmos em todos os essenciais exceto no que diz respeito ao procedimento do Espírito Santo, e ao rejeitar o purgatório - sem, no entanto, rejeitar expressamente o estado intermédio. Todos os historiadores dos primeiros seis séculos são os historiadores da Igreja em geral, até essa altura incluindo Roma, Grécia e Síria; todos eram Sírios ou Gregos. Eusébio foi o Bispo de Cesareia na Síria. Sócrates era natural de Constantinopla; foi educado em Constantinopla; começou a sua carreira lá como pleiteador especial, e, ao retirar-se da prática, empregou-se em escrever a sua história. Sozomeno era um Sírio, nascido na Palestina, educado em Berito, a moderna Beirute; e depois mudou-se para Constantinopla. Teodoreto era um Sírio; foi educado sob o célebre Crisóstomo, Patriarca de Constantinopla, e ele próprio viveu a maior parte da sua vida em Antioquia. Evágrio também era um Sírio de Antioquia. Assim, pelos primeiros seis séculos a doutrina e prática das Igrejas Romana, Grega e Síria eram idênticas. Os seus historiadores eram, como observei, Sírios ou Gregos, e todos estão repletos de milagre.

Sem sobrecarregar a minha página com exemplos volumosos da continuação desta fé tanto na Igreja Grega como Síria, posso referir-me às obras de viajantes recentes, onde a mesma crença e prática são mostradas permanecer. Nas Igrejas Sírias, quer Nestoriana, Maronita ou Jacobita (esta

última professando ser a igreja dos judeus primitivos no tempo do nosso Salvador), encontramos as liturgias cheias de expressões da presença e ação de seres espirituais, tanto bons como maus. Na liturgia Jacobita encontramos o diácono dizendo: 'As portas do céu estão abertas, e o Espírito Santo desce sobre estes mistérios para os cobrir.

Estamos no lugar dread, cercados de querubins e serafins! Irmãos e companheiros somos feitos nas vigílias e serviços de anjos e espíritos, que são chamas de fogo' ('Igrejas Sírias' de Etheridge, p. 202). Como a Igreja Romana, esta Igreja ora à 'Sagrada Virgem', a Mãe de Deus', e pelas suas intercessões. Ao contrário das Igrejas Protestantes, ela e as outras Igrejas Sírias preservam distintas no seu evangelho, o sheul e o gihana, o scheol e gehenna das Escrituras originais Hebraica e Grega, o hades, ou estado intermédio e inferno.

Na passagem nos Evangelhos onde o nosso Salvador vem caminhando sobre a água, o Sr. Etheridge traduziu verdadeiramente a palavra φάντασμα, um espectro, e não um espírito, como os nossos tradutores fizeram; o termo mostrando que os Judeus nessa época entendiam perfeitamente a teoria de fantasmas. O sacerdote ora por 'Aqueles que por espíritos malignos são perseguidos e atormentados.' 'Para serem defendidos de todo ataque e violência de demónios' (Ibid. p. 208). Ele ora pelos 'exorcistas' e outros que adormeceram.

A liturgia Nestoriana representa o povo como se aproximando, 'com milhares de querubins e miríades de serafins para santificar, adorar, confessar e glorificar o Senhor de todos' (Ibid. p. 222). Ele chama o povo a unir as suas vozes às de serafins e arcanjos, e glorifica Deus porque, através das Suas misericórdias, 'os nascidos da terra têm comunhão com os espirituais' (p. 227). Ora para ser libertado do maligno e das suas hostes; e dá graças porque 'homens mortais, fracos por natureza, são habilitados a santificar o Seu nome com as hostes celestiais.' A liturgia Maronita aproxima-se ainda mais da Católica Romana, como o seu sistema na multidão de mosteiros. (Ver 'Pesquisas Cristãs' de Jowett.) Isto é, como se poderia esperar em igrejas fundadas por Tomé o Apóstolo; Tadeu, que 'realizou sinais e maravilhas entre eles'; São Pedro, Crisóstomo, Jerónimo, Leão, Inocêncio e outros fundadores e construtores da igreja em Antioquia; Nestório, Inácio, Serapião, Babylas o Mártir, e Jacob Zanzala, o consolidator da Igreja Jacobita.

É o que se poderia esperar de igrejas que tiveram Eusébio, Sozomeno e Teodoreto como historiadores; que tiveram Efrém de Edessa, o famoso Solitário, José o Vidente, de Nisibis, no século sexto; Gregório Bar-Hebræus, o cronista de santos e patriarcas, no século treze, e das quais

procederam Simeão o Estilita, e Cosma o seu biógrafo. As mesmas causas tornam desnecessário o nosso deter-nos no espiritualismo da Igreja Grega. Ela preserva toda a sua fé em milagres derivada da sua origem comum com a Igreja Romana.

As obras de viajantes mostram isto amplamente, e as 'Viagens na Grécia' de Miss Bremer, acabadas de publicar, registam a sua presença num festival da Igreja Grega, onde uma imagem milagrosa, encontrada por meios milagrosos, estava a ser exibida. Isto foi na ilha de Tenos. A igreja tinha sido construída em 1821, em consequência do sonho de um mestre-escola bêbado, que declarou que a Pan-Hagia, ou Sagrada Virgem, lhe tinha aparecido num sonho, e revelado que, se cavassem nas fundações do antigo templo de Poseidon, encontrariam uma imagem dela. Ninguém deu atenção ao homem ou ao seu sonho até que uma doença contagiosa irrompeu em 1821, quando começaram a sério a escavar por esta imagem prometida. Logo chegaram a uma abóbada semi-ruína de uma igreja cristã, e, ao remover o entulho, descobriram uma pequena imagem da Anunciação da Virgem.

A imagem foi levada em procissão solene pela ilha, e afirma-se que a pestilência foi imediatamente detida. Afirma-se ainda que a descoberta da imagem ocorreu no mesmo dia em que a independência grega foi alcançada, assim elevando a bandeira da Cruz sobre o Crescente. Uma igreja foi, portanto, erguida no local onde a imagem foi encontrada, e o aniversário foi instituído para os Cristãos tanto das Igrejas Oriental como Ocidental se reunirem lá, e todos os anos celebrarem o evento. Miss Bremer viu os sacerdotes tocarem nos olhos de um jovem nobre com a imagem, que, disse ela, era evidentemente antiga.

O jovem era completamente cego, e tinha vindo de muito longe na esperança de restauração da sua vista pela operação, mas que não teve efeito. Números de outras pessoas afligidas com diversas queixas estavam a aglomerar-se na igreja para buscar alívio da imagem, e o povo afirmava que muitas curas eram feitas através dos seus meios. Ela encontrou, no entanto, um sacerdote que expressou descrença em quaisquer milagres, e em tais mãos nenhum milagre era muito provável de ser realizado. Ainda assim, o modo da descoberta da imagem, e o uso feito dela, testemunham a crença professada da Igreja Grega na sua antiga doutrina de poderes milagrosos. O Dr. Thompson, que foi Missionário Americano na Palestina por vinte e cinco anos, diz: 'O exorcismo de demónios e espíritos malignos ainda é praticado, e com muitos ritos supersticiosos e poderes mágicos; mas isto é tão comum em todas as igrejas antigas que não precisa de

ilustração.' Há muitos que pretendem descobrir ladrões e bens roubados por encantamentos e outros meios.

'Vimos como o Sr. Salt do Cairo recuperou a sua prata. Ele diz quais os meios pelos quais os encantadores de serpentes agem com impunidade, e pelos quais pessoas manuseiam escorpiões vivos, e até os colocam nos seus peitos sem medo ou dano, ainda são um segredo. Ele adiciona que frequentemente viu rapazinhos colocarem escorpiões nos seus peitos, não obstante serem os mais malignos e irascíveis de todos os répteis.

Ele nota o cavalgar de dervixes sobre rapazes deitados lado a lado no chão, sem receberem qualquer dano material; e a prática é chamada Dousch, e é acompanhada por uma multidão de cerimónias mágicas. Ele cita o relato de ver na tinta nas mãos de rapazes no Egito como dado por Lane; diz que encontrou ingleses e outros gentlemen que testemunharam coisas igualmente espantoso através do mesmo célebre mago, Abd el Kader el Mugraby, e dá-nos a fórmula de invocação de Mugraby:

> Turshoon, Turyooshoon, descei,
> Descei; estai presentes.
> Para onde foram
> O príncipe e as suas tropas?
> Onde estão el Ahhmar,
> O príncipe e as suas tropas?
> Estai presentes,
> Vós servos destes nomes.
> E esta é a remoção; e removemos de ti o véu, e a tua vista hoje é penetrante: correto, correto.

O Dr. Thompson perguntou a um mágico em Sidon se Turshoon e Turyooshoon lhe eram conhecidos e empregados por ele; e ele disse que sim; e o Dr. Thompson acrescenta: - Em resumo, todo este assunto está envolvido em não pequeno mistério. Exerce uma influência prodigiosa na sociedade oriental, e sempre exerceu, e merece um exame minucioso.

Os rapazes evidentemente veem exatamente cenas como as que são descritas nas histórias mais selvagens das "Mil Noites"; e espero que esta mesma arte estivesse em maior perfeição então do que agora, e que as criações gorgeosas dessa obra fossem, em muitos casos, meras imagens verbais tiradas do espelho de tinta ('The Land and the Book', pp. 157-159).

O Dr. Thompson também diz que os povos do Oriente acreditam que espíritos ou jins vigiam tesouros escondidos na terra. Numerosas pessoas estão continuamente empregadas na busca de tesouros escondidos, e muitos gastam o seu último tostão na busca. Têm a noção de que os povos

das nações ocidentais têm conhecimento dos sinais pelos quais esses tesouros são descobertos, e dos feitiços pelos quais os espíritos que os guardam são vencidos; e, portanto, seguem os ingleses que visitam as ruínas de antigas cidades e edifícios, acreditando que estão à procura de tesouros escondidos, e nenhum argumento os pode convencer do contrário. Frequentemente oferecem-se para se associar a eles na perseguição.

Vou aqui dar um exemplo notável de profecia que teve lugar, não precisamente na Igreja Grega, mas na região da sua prevalência. O Dr. Wolff menciona nas suas viagens que, estando em Alepo em 1822, na casa de John Barker, Esq., cônsul-geral britânico de Alepo e Antioquia, estava a indagar sobre Lady Esther Stanhope. 'Ela está louca sem dúvida', disse o Sr. Barker; e contou-lhe, como prova disso, que ela mantinha na sua casa um cavalheiro francês de nome Lustenau, que fora outrora general de Tippoo Sahib na Índia, e que era considerado um profeta.

Ele declarara a Lady Esther o dia e a hora precisos da fuga de Napoleão de Elba. O Sr. Barker então, na presença de M. Lesseps, M. Derche, o seu intérprete, e M. Maseyk, o cônsul holandês, leu uma carta de Lady Esther, datada de abril de 1821, suplicando-lhe que não fosse para Alepo ou Antioquia; pois M. Lustenau declarara que ambos esses lugares seriam destruídos por um terramoto em cerca de um ano.

O tempo estava quase a chegar, e M. Derche disse que ela recentemente o advertira para não ir para Alepo, pois seria destruído por um terramoto em menos de uma quinzena. Estes senhores divertiram-se muito com a profecia ao jantar. Poucos dias depois, Wolff deixou Alepo à tarde, e acampou nessa noite na estrada para Latakia no deserto, perto da aldeia de Juseea. Enquanto os habitantes de Juseea falavam com Wolff e as pessoas do seu pequeno acampamento, sentiram os primeiros movimentos de um terramoto. Num instante, a aldeia de Juseea desapareceu, sendo engolida pela terra aberta, e o trovão como de canhão veio de longe.

Choque após choque sucedeu-se, e de repente vieram tropas de árabes selvagens e beduínos, voando pelas planícies nos seus cavalos aterrorizados, e com os capuzes dos seus mantos longos com capuz puxados para baixo, gritando, enquanto fugiam uns após os outros, 'Isto é de Deus! Isto é de Deus!' Pois, diz o Dr. Wolff, os povos do Oriente vão sempre à causa primordial em tudo - a Deus mesmo. Não se detêm, como os europeus, invariavelmente nas causas secundárias, mas referem tudo de imediato ao Governador do mundo.

Wolff enviou imediatamente um mensageiro expresso para Alepo ao Sr. Barker. Ele encontrou toda Alepo, Antioquia, Latakia, Hums e Haina destruídas pelo terramoto, com todas as aldeias num raio de vinte milhas, e

que 60.000 pessoas haviam sido mergulhadas de uma vez numa eternidade terrível! O próprio Sr. Barker escapara milagrosamente rastejando, com a sua mulher e filho de seis anos, de debaixo das ruínas da sua casa!

Entre os que pereceram nas ruínas de Alepo estava Ezra de Piccitto, um judeu espanhol, o cônsul-geral austríaco da Síria. Era um homem detestado pelas suas tiranias pelos habitantes de todas as nações. Cem dias antes do terramoto, ele enviara um súbdito austríaco para fora da cidade em ferros. Um turco que ouvira falar disso perguntou calmamente a M. Maseyk para contar cem nas contas que segurava; pois, disse ele, 'no centésimo dia a partir deste ato de tirania, Ezra de Piccitto morrerá.'

Este era, de facto, o centésimo dia, e, enquanto M. Maseyk contava a nonagésima nona conta, veio o terramoto, e Piccitto foi morto. Isto contou M. Maseyk ao próprio Dr. Wolff. Muito pouco se pode encontrar nos escritores da Igreja de Inglaterra sobre as Igrejas Orientais quanto à sua crença no milagroso. Passam por cima disso, pois eles próprios não acreditam nisso, como matéria que ninguém se importa de saber. Sem isso, porém, nenhuma obra sobre essas igrejas tem realmente muito valor, e, portanto, os volumes de Etheridge, Appleyard, etc., são de pouca utilidade na tentativa de chegar a uma visão sólida das Igrejas Grega, Síria e Russa.

Nas 'Lectures on the Eastern Church' do Dr. Stanley, encontra-se algumas ligeiras alusões ao assunto; mas é aos escritores nativos que devemos recorrer para informação real. Nos historiadores nativos, já encontramos matéria abundante sobre este tema. Podemos agora colher as poucas leves espigas de facto que Stanley nos oferece. Ele assegura-nos, no entanto (e isto inclui todo o resto), que a teologia do Oriente não sofreu nenhum processo de sistematização. As suas doutrinas permanecem no mesmo estado rígido mas indefinido em que foram deixadas por Constantino e Justiniano (p. 35).

São, de facto, as mesmas que vimos em Eusébio, Sócrates, Sozomeno e Evágrio. Uma expectativa geral, diz ele, prevalece de que, por algum processo desconhecido, as almas dos simples serão purificadas antes de passarem para a presença divina; mas isto nunca foi consolidado numa doutrina de purgatório. Não: a crença no estado intermédio, como vemos no evangelho sírio, foi deixada como existia ali e entre os judeus. Hades não foi convertido em Geena, nem metamorfoseado num purgatório pagante. Na p. 46, o Dr. Stanley diz de passagem:

'Lembrem-se que Athos pode gabar-se das suas imagens e fontes milagrosas, não menos que Rimini ou Assissi.' Falando da fé muçulmana, diz ele: 'A santidade do homem morto é atestada pelos mesmos meios que nas Igrejas Orientais em geral, a suposta incorruptibilidade do cadáver. A

intercessão de um santo bem conhecido é investida de potência peculiar' (p. 278). A excitação frenética das antigas religiões orientais, diz Stanley, ainda persiste nos seus representantes modernos.

As loucas brincadeiras dos peregrinos gregos e sírios foram suficientemente contadas. Isto é, há mais vida e fé ativa nessas religiões do que no protestantismo moderno. Eles, diz-nos ele, afirmam que Santo André plantou primeiro a cruz nas colinas de Kieff, e predisse que uma grande cidade e muitas igrejas surgiriam ali. O Dr. Stanley cita Sir Jerome Horsey, que escreveu em 1570. 'Vi este impostor ou mágico, Nicolas de Rokoff, uma criatura imunda; andava nu tanto no inverno como no verão.

Suportava tanto o calor extremo como a geada; fazia muitas coisas através das ilusões mágicas do diabo; muito seguido, elogiado e renomado tanto pelo príncipe como pelo povo. Fez muito bem', etc. (p. 333). Falando do cerco do Mosteiro de Troitza perto de Moscovo, em 1613, diz ele: 'Pinturas rudes ainda representam, em estranha confusão, a mistura de artilharia e aparições, monges combatentes e fantasmas combatentes, que repeliram os assaltantes polacos das muralhas da fortaleza sitiada' (p. 342).

Na história do Patriarca Russo, Nicon, em 1667 (principalmente tirada de Mouravieff), no seu exílio para o mosteiro de Therapontoff, nas margens do Lago Branco, quando fechado à noite numa casa vazia no fundo de um inverno russo, uma velha mulher subiu por uma porta de alçapão, e assegurou-lhe que lhe fora mostrado a sua vinda num sonho, e ordenado que providenciasse todas as coisas necessárias para o seu conforto.

Por tais interposições repetidas, a sua jornada terrível foi tornada toleravelmente fácil. Quando estava prestes a morrer, um dos seus piores inimigos, o Arquimandrita Sergius, foi advertido disso num sonho, e levado a encontrá-lo, e implorar o seu perdão (p. 377). Pedro o Grande, na sua carreira reformadora, declarou que não teria falsos milagres atribuídos a imagens sagradas (p. 407).

Estas ligeiras passagens mostram que o Dr. Stanley poderia ter-nos contado mais do que contou tanto da fé das Igrejas Russa e Oriental no milagroso, como dos abusos dessa fé que o clericato introduziu na Igreja Grega assim como na Latina; pois em ambas há o verdadeiro e o falso, como em tudo o mais na terra. Voltemo-nos agora para os historiadores nativos da Igreja Grega, e encontramos em pleno o que Stanley e outros escritores da Igreja Anglicana apenas insinuam. As asserções do milagroso estão em quase todas as páginas. Da Igreja Grega como ainda existe no Oriente, dei tantas provas quantas o meu espaço permite.

Em Platon e Mouravieff, os historiadores da Igreja Russa, um patriarcado da Grega, elas são tão abundantes, que me limitarei a Mouravieff, pois ele é do nosso tempo. Ele diz: Quando a Igreja da Geórgia, agora, há pouco tempo, se tornou uma porção integral da Igreja e império russos, depois de ter estado sozinha, cortada e isolada de todas as outras igrejas desde o quarto século, não se encontrou que tivesse surgido no curso de mil e quinhentos anos a mais ligeira diferença entre elas em doutrina - não, nem mesmo em cerimónias; mas concordavam em todos os pontos connosco e com os outros tronos ecuménicos de Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, e com as outras igrejas dependentes do primeiro delas na Moldávia, Valáquia, Sérvia, Montenegro, Transilvânia, Ilíria, e numa palavra, em toda a Eslavónia (Prefácio p. 4).

Isto é decisivo quanto à crença continuada em todas as coisas que citei dos seus antigos historiadores, alcançando não até ao quarto século, como aqui notado, mas ao sétimo.

Esta asserção é plenamente apoiada pelo Rev. R. W. Blackmore, o tradutor de Mouravieff, licenciado do Merton College, Oxford, e capelão em Cronstadt da Companhia Russa. No seu prefácio, diz ele: 'Esta história exibe o espetáculo instrutivo de uma igreja que, desde a sua primeira fundação, reteve fielmente esse credo que lhe foi entregue no início; que não alterou as suas doutrinas, ou os seus serviços, os seus ritos, cerimónias, ou disciplina, e muito ligeiramente o seu governo interno (e isso mais na forma do que no espírito), por quase novecentos anos, durante os quais o clero e os leigos tiveram livre acesso às sublimes liturgias de São Basílio e São Crisóstomo na sua língua nativa.

A sua hierarquia e sacerdócio apostólicos, recebidos primeiro da Grécia, venerou-os através de todos os períodos da sua história igualmente, e preservou-os com o máximo cuidado em toda a sua integridade. Sempre fundou na sua sucessão ininterrupta do trono patriarcal de Constantinopla e dos próprios apóstolos, a sua pretensão à autoridade divina no ensino e administração do sacramento', etc. (Prefácio do Tradutor, p. xiv.)

Em conformidade, ao longo da sua história, encontramos M. Mouravieff e a sua igreja reconhecendo os metropolitas Pedro, Aleixo e Jonas, como 'fazedores de maravilhas' (p. 303). Diz-nos que o seu 'anjo' é a frase costumeira na Rússia para o santo padroeiro em cujo nome alguém é batizado; mas que também acreditam em anjos da guarda designados para cada pessoa batizada (p. 360). A igreja conta, como os seus principais guardiães e intercessores, um número considerável de santos (p. 81).

A Igreja Russa acredita firmemente nas doutrinas das santas Ícones (imagens de santos e da Virgem), em relíquias, no sinal da venerável cruz,

da tradição, do mistério do mais puro sangue e corpo de Cristo, da invocação de santos e anjos, do estado das almas após a morte, e das orações pelos defuntos (p. 273). No tempo de Pedro o Grande, a Igreja Anglicana solicitou ser admitida à unidade com a Igreja Ecuménica, e desejou que o patriarca russo transmitisse a sua oração a Constantinopla; mas os prelados russos, tendo consultado, recusaram, porque a Igreja Anglicana renunciara hereticamente às tradições dos Pais, à invocação de santos, e à reverência pelas Ícones - imagens sagradas (p. 287).

Advertências recebidas em declarações divinas e proféticas por prelados eminentes, assim como casos de cura milagrosa nos túmulos, ou das orações de homens santos, o sorteio bem-sucedido colocado no altar, e provas semelhantes de intervenção espiritual, encontrar-se-ão numerosamente ao longo de Mouravieff; e com isto posso concluir a ampla substanciação da minha asserção da crença universal pela igreja cristã nos poderes divinos e imperecíveis dessa igreja - o Protestantismo sozinho tendo caído dessa fé.

Quem não deve lamentar que uma igreja que tanto fez para purificar o Cristianismo das falsidades e corrupções que nele se infiltraram, tenha sido levada pelo arqui-inimigo a cair num erro que fez muito mais do que neutralizar esses grandes benefícios, tenha lançado as bases de uma incredulidade que, sob o nome de filosofia, vai como uma podridão seca através das madeiras de todo o templo da fé religiosa?

CAPÍTULO III

O SOBRENATURAL NA IGREJA VALDENSE.

Moti milhier d'angels seren en sa compagnia;
Tuit faren festa e auren grant alegria
Del cavalier vittorios, compli de vigoria,
Que vence lo demoni cum tota sa baglia.
Lo novel Confort.

Antigo Poema Valdense, A.D. 1100.

OS Vaudois ou Valdenses forneceram um tópico de muita contenda aos escritores eclesiásticos. Alguns afirmaram que eles foram uma igreja desde os dias dos apóstolos, continuando puros em doutrina e em constante oposição a Roma; outros que datam apenas do século XII, e originaram com um certo Peter Waldo de Lião.

Alguns declararam que eram apenas um ramo dos Albigenses, e descendentes dos Maniqueus, que apareceram em Albi, perto de Toulouse na Provença, no século XII; mas a simples verdade parece ser que eram desde o tempo do Papa Silvestre, cerca de A.D. 314, quando as corrupções da igreja se tornaram óbvias, através de ser constituída uma igreja estatal. Nesse período, sendo membros puros da igreja, tornaram-se um partido protestante; mas não foram por muito tempo depois absolutamente separados da Igreja Romana, e assim formando uma igreja ou seita separada. Protestaram contra a assunção de poder mundano pelo Papa; declararam Roma a verdadeira Babilónia, e o Papa Anti-Cristo; declararam que apenas aqueles que liam e seguiam o Evangelho eram a verdadeira Igreja de Cristo; que não havia posições na igreja exceto bispos, padres e diáconos.

Protestaram contra a missa e as suas cerimónias como condenáveis, e contra todas as tribos de monges e freiras; contra bênçãos e consagrações; contra todos os juramentos e peregrinações; contra o purgatório, que declararam uma invenção para ganho; contra a confissão aos padres; contra todas as pinturas e imagens nas igrejas; contra o jejum de quarenta dias, e jejuns em geral; contra a extrema-unção; contra invocações de santos, e orações pelos mortos.

De facto, eram na sua crença e prática estritamente primitivos. Sendo violentamente perseguidos pela Igreja Papal em consequência, retiraram-se para as fortalezas dos Alpes Piemonteses, e aí mantiveram-se contra os seus inimigos. No início do século XII, tornaram-se conspícuos pelo simples facto de que o Papismo se tornara então poderoso e extremamente dominador, e estava determinado a esmagar todos os que diferiam dele,

onde quer que pudessem ser encontrados. Daí as terríveis perseguições que continuaram, não só contra eles, mas contra os Albigenses em França, os Cevenóis, os Huguenotes, e os Lollards, e reformadores sucessores em Inglaterra e em toda a parte.

Os Valdenses tiraram o seu nome dos vales em que viviam; foram primeiro chamados Vallenses, ou Valdesi, ou Vaudés, de acordo com a prevalência da pronúncia francesa ou italiana. A Igreja Papal esforçou-se por acumular sobre eles, de acordo com o seu costume para com todos os que considerava hereges, as calúnias mais baixas. Foram representados como monstros, tendo quatro fileiras de dentes, cabelo como feras selvagens, como sendo viciados nos hábitos mais vis, e rebeldes contra a magistratura e a santa igreja.

INúmeras autoridades, no entanto, tanto de amigos como de inimigos, como as de De Thou, Claudius, Seyssel, Coggeshall, Gerard, e outros tendo oportunidades de conhecimento pessoal, pronunciam o seu caráter de piedade e pureza do tipo mais admirável. Eram, de facto, entre os primeiros protestantes, muito antes dos tempos de Huss, Wycliffe e Lutero, e continuam assim até hoje. Durante o Protetorado, Cromwell interferiu para travar as terríveis perseguições deles pelo seu governante, o Duque de Saboia; e Milton não só escreveu cartas flamejantes em nome de Cromwell ao Duque de Saboia, a Luís XIV de França, e aos Estados da Holanda; mas também compôs esse nobre soneto em seu favor, começando –

Vinga, ó Senhor, os Teus santos massacrados, cujos ossos
jazem branqueados nas montanhas alpinas frias.

Cromwell não se satisfez com escrever e ameaçar, mas enviou Sir Samuel Morland ao Piemonte para usar esforços pessoais em favor dos Valdenses, e para aliviar as suas necessidades. Morland recolheu vinte e um volumes de MSS. relativos à história e doutrinas deste 'Israel dos Alpes', que foram depositados na Universidade de Cambridge; mas destes, sete dos volumes mais importantes foram abstraídos pelos católicos durante o reinado de Jaime II, e estão perdidos para sempre. Morland, no entanto, fez bom uso deles na sua 'History of the Church in Piedmont', e dele, Perrin, Brez, Leger (que era pastor nos vales no século XVII), de Henry Arnaud (que também morreu pastor da colónia de Würtemburg dos Valdenses em 1721), derivamos uma história impressionante deste nobre povo, cujas características e condição foram tornadas mais recentemente familiares ao público britânico pelo Rev. Prebendary Gilly de Durham, e aos estrangeiros pela 'Geschichte der Ketzer' de Hahn, e 'Histoire des Vaudois' de Muston.

Peter Waldo, que foi em vão avançado para a honra de ser o fundador deste povo no século XII, era, sem dúvida, um homem que visitara as montanhas valdenses e trouxera dali a fé para o seu lugar nativo, Lião - donde obteve, claro, o sobrenome Waldo ou Waldensis, e donde as doutrinas do seu protestantismo alpino se espalharam pelo sul de França. Nos escritos dos Valdenses, encontramos pouca menção de milagres. Eram demasiado opostos ao ensino de Roma, demasiado receosos dos seus dogmas para tocar muito em milagre, sabendo que Roma era, nessa altura, demasiado apta a misturar fábula com a verdade.

Não é, portanto, nos seus escritos que devemos procurar milagre, tanto como na sua história. Essa história foi uma de perseguição continuada por quatro longos séculos, e de frequentes livramentos de um tipo tão impressionante que os narradores deles são compelidos a exclamar que são divinos. As perseguições, que haviam parado por algum tempo, foram renovadas em 1400 com fúria aumentada. Em 1487, o Papa Inocêncio VIII emitiu uma bula contra eles, e o seu legado com 18.000 homens, fornecidos pelo Duque de Saboia e o Rei de França, cometeram muitas atrocidades horríveis nos vales de Lucerna, Angrogne, e outros lugares.

Em 1550, a Marquesa de Saluzzo, Margaret de Foix, perpetrou uma quantidade monstruosa de obra do diabo nos seus territórios. Francisco I de França, tornando-se senhor do Piemonte em 1534, continuou esta obra do diabo em nome de Deus. Isto foi perpetrado nos seus próprios súbditos quando o Duque Emmanuel Philibert recuperou as suas propriedades, sob um certo Conde da Trindade - de todos os homens; e prosseguiu sob as instigações do Papa, e de uma sociedade fundada em 1650 para a propagação da fé e extirpação da heresia, até 1658, sob tais horrores de extermínio; os seus vales desolados com fogo e espada, mulheres desonradas, rasgadas com espadas, crianças espetadas em lanças e arremessadas pelas rochas abaixo, etc., que Cromwell e outros príncipes protestantes foram compelidos a interferir.

Estas intervenções, no entanto, produziram pouco efeito. Victor Amadeus II, o seu soberano, incitado por Luís XIV de França, perseguiu-os ainda com ferocidade horrível. Nestas guerras de extermínio, este povo cristão realizou feitos que não se assemelham a nada senão aos atos maravilhosos dos judeus sob a orientação direta de Deus. Numa ocasião, apenas dezassete homens, dos quais só seis estavam armados com fundas, repeliram inimigos cinquenta vezes mais numerosos.

Defenderam o pequeno vilarejo de Rora, consistindo em apenas cinquenta casas, por algum tempo contra o ataque combinado de 10.000 homens, e, quando já não capazes de resistir a esta força esmagadora, fizeram boa a

sua retirada. Noutra ocasião, sendo compelidos a marchar de noite, tiveram de envolver os seus guias em lençóis brancos para os discernirem, e desta maneira prosseguiram ao longo das faces dos precipícios mais pavorosa, e carregando os seus feridos a cavalo ao longo deste caminho terrífico; no entanto, todos escaparam em segurança.

Quando, de dia, viram por que lugares péssimos haviam passado, ficaram aterrorizados com a vista, e Leger, o seu pastor, diz que qualquer um que não tivesse estado na travessia trataria todo o relato como uma ficção. Frequentemente conseguiram sair das rochas e cavernas em que os seus inimigos se esforçavam por sufocá-los com fumo de palha molhada ou mato queimado, ou queimá-los vivos nos seus refúgios, e persegui-los de cabeça para baixo para as planícies, até que as tropas francesas e saboiardas declararam que deviam ser ajudados por Deus.

Mas em abril de 1686, o poder unido de França e Saboia fez um tremendo assalto ao infeliz povo, e tão completamente os conquistou que, após dois dias de luta dura e desigual, os Valdenses depuseram as armas e suplicaram misericórdia. Catorze mil deles, diz Arnaud, o seu galante líder e pastor, foram lançados nas prisões, que estavam abarrotadas com eles, e ali, afirma ele, não menos de 11.000 pereceram de frio, de calor, de fome, de sede, e de todas as misérias que os acompanham. Apenas 3.000 dos 14.000 saíram vivos. Aqueles que se recusaram a submeter-se dispersaram-se pela Suíça e os estados protestantes da Alemanha - Wurtemberg, Durlach, Hesse Darmstadt e Brandeburgo.

Havia um pequeno bando de menos de novecentos homens que determinou regressar e lutar o seu caminho para as suas próprias montanhas - este era encabeçado por Henri Arnaud, o seu pastor. Na noite entre 16 e 17 de agosto de 1689, atravessaram o lago de Genebra em barcos, e começaram uma marcha que, a todo o cálculo humano, só podia ser uma para a destruição certa. Tinham de atravessar montanhas cobertas de neve, e percorrer passagens através de um país fervilhante de tropas hostis, francesas, suíças e saboiardas católicas.

Se escapassem, havia pelo menos uma marcha provável de quinze dias, e uma hoste de inimigos inveterados para os receber. Arnaud, ao rever esta marcha maravilhosa, tão admirável, embora não tão longa, como a retirada de Xenofonte, não pode deixar de exclamar em espanto: 'O Eterno serviu-se, não de um homem versado na arte da guerra, mas de um pobre ministro que nunca fizera guerra senão a Satanás, para fazer aparecer tanto melhor a sua força e o seu poder.

E no entanto, vistes este homem, sob os estandartes celestes, abrir o seu caminho por toda a parte, fazer prisioneiros condes, barões, gentis-homens,

advogados, síndicos, castelãos, monges, padres e outros, quase ao número de 67, que levava consigo para contemplar as maravilhas que a verdadeira fé é capaz de operar, e para serem ao mesmo tempo as testemunhas oculares da boa ordem que mantinha na sua tropa, não tendo tomado nada em toda a parte por onde passou que não o tivesse pago; e enfim, com apenas dez pistolas, penetra com toda a sua tropa até aos vales, no Canaã que procurava, e onde ao chegar, não lhe restava mais que meio luís.'

Expressa o seu espanto por não ter caído nas mãos dos suíços católicos, que estavam à espreita para o prender e levar a Constança, para o queimar como os austríacos queimaram Huss e Jerónimo de Praga. Igual espanto como conseguiram forçar passagens contra inimigos incontáveis onde uns poucos centenas de homens poderiam ter desafiado milhares. Como, com um pequeno bando, coberto apenas de farrapos, e subsistindo do alimento mais escasso e miserável, abriu o seu caminho através das bandas vitoriosas recentes de França, Suíça e Saboia. 'Não é maravilhoso', pergunta ele, 'que tal punhado de homens famintos, poucos dos quais alguma vez haviam manejado uma espingarda, forçasse a passagem da ponte de Sababertran contra 2.500 homens bem entrincheirados, matando 600 deles, e perdendo apenas catorze ou quinze, dos quais mais de oito foram baleados pela inexperiência dos seus camaradas?

Quem é tão obtuso', pergunta ele, 'que não veja que só Deus poderia dar a vitória a um mero punhado de homens, sem dinheiro e quase sem armas, contra o Rei de França, perante quem toda a Europa tremia, e cuja bandeira o Papa abençoara em certa segurança de triunfo? Quem poderia ser estúpido o suficiente para atribuí-lo à natureza, e não a uma providência divina, que os povos dos vales não tivessem no verão ceifado as suas colheitas, mas encontrassem, ao regresso ao vale de São Martinho, pão, vinho, carne, arroz, legumes, farinha, milho, cortado e não cortado, os seus jardins em bom estado, e uma colheita abundante de castanhas e uvas; e, além disso, que o milho que não puderam cortar a tempo, foi preservado sob a neve, através de um inverno longo e duro, até ao janeiro, fevereiro, e mesmo maio seguintes, sem se estragar?

Pode alguém acreditar que cerca de 367 pessoas do vale de Balsill tivessem sido capazes, com uma dieta de ervas, feijões e água, e deitadas na palha, de resistir a 10.000 franceses e 12.000 piemonteses, que os haviam sitiado, não só com abundância de armas, munições, provisões e tudo, e que haviam trazido mulas carregadas de cordas para os enforcar, e tivessem feito isto por qualquer outro poder senão o poder direto de Deus, que é o Rei dos reis, e zeloso da Sua honra? Que os Valdenses lutassem mais de dezoito batalhas contra essas hostes fervilhantes que haviam penetrado nos seus vales, e destruíssem mais de 10.000 delas na sua

marcha de nove dias, no entanto perdessem apenas cerca de setenta deles próprios?

E que, por fim, o seu governante não natural fosse compelido a buscar a ajuda dos mesmos homens que assim caçara, cujos campos e casas queimara, e que entregara como presa aos comissários franceses e papais?' Este último evento foi ocasionado pelos franceses e Amadeus II virem a contenda aberta e guerra. Assim, o miserável duque buscou humildemente a estes seus súbditos ultrajados para o salvar dos mesmos cães do inferno que soltara sobre eles. Assim, este desprezível duque publicou à pressa um édito em maio de 1694, pelo qual restaurou os Valdenses em toda a sua propriedade e direitos, e deu-lhes plena liberdade de religião.

Então, queixosamente disse-lhes que, se fossem leais ao seu duque como haviam sido ao seu Deus, ele os amaria e acarinharia como queridos filhos. O povo leal juntou-se ao seu estandarte, ajudou-o a repelir o seu inimigo mais formidável, e foi imediatamente recompensado pela sua conduta galante sendo privado novamente de todos os direitos; e todos os que não eram nascidos nos vales foram ordenados, sob pena de morte, a abandoná-los em dois meses. O número destes ascendia a 3.000. Foram expulsos na condição mais destituída, e o nobre Arnaud ofereceu-se para os liderar para países protestantes.

Marcharam para Genebra, e daí para a Prússia, Hesse Cassel, Hesse Darmstadt, Würtemberg, e outros estados, onde terras e aldeias lhes foram atribuídas, e aí permanecem, como colónias valdenses, até hoje. Por muitos anos receberam uma considerável mesada de dinheiro da Inglaterra, o Governo Inglês pagando também anualmente 250 libras para o sustento de treze pastores nos vales do Piemonte. Arnaud recebeu uma pensão da Inglaterra, e foi feito coronel do exército britânico por Guilherme III. Morreu à cabeça da colónia de Würtemberg em 1721. É só em tempos muito recentes que os Valdenses receberam tratamento decente do seu próprio Governo, mas a sua fé está agora a revolucionar rapidamente o norte de Itália. Tal era o espiritualismo dos Valdenses.

Bem podia Arnaud declarar que as interposições de Deus em seu favor eram 'não só extraordinárias, mas mesmo sobrenaturais'. Bem pode Leger, o seu historiador ('Histoire des Eglises Evangéliques Vaudoises') declarar as suas livranças como 'as mais milagrosas'. Numa ocasião, diz ele, foram levados em grande número dos seus campos de colheita, e lançados em diferentes prisões, mas os seus inimigos, para o seu espanto ilimitado, logo os encontraram todos em liberdade novamente, igualmente para o espanto dos cativos eles próprios, que nada sabiam da prisão dos seus

companheiros em lugares diferentes ao mesmo tempo, e foram libertados novamente 'milagrosamente', e de uma maneira maravilhosa.

«Existe uma seita que não se denomina pelo nome de nenhum homem, que pretende estar na linha direta da sucessão apostólica, e embora seja rústica e iletrada, no entanto, contende que nós estamos errados e que só ela está certa»; e ele acrescenta no verdadeiro espírito dos padres católicos de hoje, como expresso em relação ao Espiritualismo: «Deve derivar a sua origem do diabo, uma vez que não há outra extração que lhe possamos atribuir» (Sermo sup. Cant. 66).

Qual era a sua fé, o grande Bernardo poderia ter lido na «Nobla Leyçon», o poema que expõe as suas doutrinas, e existente pelo menos quarenta anos antes. Este povo, cuja origem foi assim caridosamente atribuída a Satanás, está agora a ser considerado como favoritos especiais da Igreja de Inglaterra, e arrancou de um dos seus membros, William Stephen Gilly, Prebendário de Durham, de outra forma tão ignorante do miraculoso, esta frase: «Foi a vontade de Deus que eles fossem deixados como um remanescente, porque estava escrito nos conselhos do céu que eles continuariam como um milagre da graça e providência divinas» («Waldensian Researches», p. 289).

CAPÍTULO IV
O SOBRENATURAL ENTRE OS CHAMADOS HEREGES E MÍSTICOS DA IDADE MÉDIA

Esse efeito, essa luta sanguinária com que a humanidade, lutando, por assim dizer, contra si mesma, apodera-se uma a uma das verdades mais necessárias, a má graça com que isso é feito, e a incapacidade de não fazer de outra forma, indicam duas coisas ao mesmo tempo; a primeira, que o homem não pode passar sem a verdade; a segunda, que ele não está em comunhão com a verdade. Mas a verdade é uma, e todas essas verdades sucessivamente descobertas são apenas partes, ou diversas aplicações dela.

VINET'S Vital Christianity, p. 72.

Spricht man aber, wie jetzt die Zeiten laufen, solche Worte aus, sogleich wird aus der Ferne dumpfer, immer näher kommender Schall der Lärmtrommel vernommen; wie der Staub auf den Wegen, so wird ein zahlreich Volk vom geschlagenen Wirbel aufgerührt; Väter und Alterväter

und ihre Kinder und Kinders Kinder kommen in Hast herbeigelaufen, alle rufend: Mystik, Aberglauben, Pfaffentrug, Mönchbethörung, nieder mit der Mystik.

Die Christliche Mystik von J. GÖRRES, i. 1.

Mas se, como os tempos correm, alguém profere tais palavras, imediatamente ouvimos de longe o som abafado, mas cada vez mais próximo, do tambor de alarme; como a poeira nas estradas, assim um povo numeroso é agitado pelo rufar batido; pais e avós e os seus filhos e netos vêm correndo apressadamente, todos gritando: Misticismo! Superstição! Engano de padres! Ilusão de monges! Abaixo o misticismo!

ALÉM dos valdenses, havia números de outros chamados hereges, assim chamados pela Igreja Romana. Em todas as épocas da igreja, esses chamados hereges abundaram, desde os mais antigos maniqueus, pelagianos e montanistas até aos flagelantes e anabatistas da Vestfália. A ideia que números de escritores empregaram para explicar essas manifestações, de que elas resultam de mera ilusão, de imaginações excitadas e alucinações, é a mais superficial das ideias; o resultado da mais profunda ignorância da alma humana. A causa assumida é totalmente inadequada à produção dos efeitos; é uma tentativa de elevar uma fonte mais alto que a nascente.

Nas piores dessas demonstrações, coisas foram feitas e profecias enunciadas que nada além de um poder espiritual, vendo mais longe do que o homem vê, poderia originar. Não é propriedade da doença e da ilusão lançar verdades, e verdades muitas vezes enterradas na profundidade de anos e distâncias. Produzi demasiados exemplos de tais coisas surgindo do Espiritualismo mais desordenado em todas as épocas e em todos os países, para tornar necessário reproduzi-los aqui. Até os tolos, assim chamados, muitas vezes surpreenderam os chamados mais sábios e sóbrios homens com os seus lampejos de conhecimento sobre-humano. Tomemos tempos antigos ou modernos, encontramos o mesmo.

Nicetas Coniates relata na sua vida de Isaac Ângelo que, quando o imperador estava em Rodosto, pagou uma visita a um homem chamado Basílico, que tinha a reputação de possuir a faculdade de ver o futuro, mas que era de outra forma considerado por todas as pessoas sensatas como um tolo. Basílico recebeu o imperador sem qualquer marca particular de respeito, e não deu resposta às suas perguntas. Em vez de fazer isso, caminhou para o retrato do imperador, que estava pendurado no aposento, riscou os olhos com o seu bastão, e tentou bater no chapéu da sua cabeça.

O imperador despediu-se, considerando-o um tolo perfeito. No entanto, tudo o que Basílico insinuou veio a acontecer. O imperador foi deposto numa rebelião, e o seu irmão Aleixo, colocado no trono, furou-lhe os olhos. Claus, o bobo da corte em Weimar, irrompeu uma vez na sala do conselho, enquanto o conselho estava reunido, exclamando: «Aí estais todos, consultando, sem dúvida, sobre assuntos muito importantes; mas ninguém pensa no incêndio em Colmar, nem em como apagá-lo!» À chegada do correio, verificou-se que nesse momento um incêndio alarmante grassava em Colmar.

Como é que esses tolos chegavam a um conhecimento que nenhum dos sábios podia pretender? Dizer que era o resultado da sua tolice seria confundir todas as ideias humanas; era claramente nenhuma ilusão em nenhum dos casos, não era alucinação, mas a receção de um facto de alguma fonte espiritual, tão certa como a da mais ortodoxa profecia. E o que é curioso, os sãos e os eruditos recebem precisamente os mesmos oráculos súbitos e infalíveis.

Em Perugia em 1616, diz Bodin Angevin no seu «Démonomanie des Sorciers», um padre de nome Jacques, um dia, enquanto celebrava missa, virou-se para o povo, e em vez de dizer «Orate, fratres!», exclamou: «Orate pro castris ecclesiæ, quæ laborant in extremis.» «Orai pelo exército da igreja, que está em perigo extremo.» E, no momento em que falava, o exército em questão foi derrotado a cerca de vinte e cinco léguas de Perugia.

Foi em circunstâncias semelhantes que Apolónio de Tiana, no meio de uma lição em Éfeso, anunciou a morte de Domiciano em Roma.

Até no que parece doença, os pacientes falam coisas que nenhuma doença pode ensinar. Nas Epístolas de São Cipriano encontramos Fermiliano escrevendo-lhe que, quando todos os fiéis fugiram na perseguição de 260 d.C., uma mulher apareceu subitamente que caía em acessos de êxtase, nos quais se mostrava uma profetisa maravilhosa. Ela não só predizia coisas extraordinárias que se realizavam, mas fazia coisas maravilhosas e realizava verdadeiros milagres. Mas esses Padres não imaginavam tolamente que o seu estado anormal era mera doença, ou que milagres feitos e profecias verdadeiras podiam resultar de alucinação, que a ilusão podia ser o pai da verdade. Eram incapazes de tal lógica superficial; atribuíram imediatamente os efeitos a espíritos, e a mulher afirmava a mesma coisa.

Nas «Cartas Pastorais» de Jurieu, temos um relato extraordinário de uma jovem rapariga entre os protestantes do sul de França, que tinha cerca de dezassete anos de idade, e era conhecida pelo nome de Pastora de Cret.

Ela caía frequentemente em êxtases e convulsões, e num sono profundo acompanhante, no qual proferia as predições mais impressionantes e reais; e embora fosse mal educada e falasse um patoá miserável no seu estado de vigília, nesses sonos falava excelente francês. Não se recordava de nada do que dissera depois de acordar.

Era uma clarividente, exibindo os fenómenos exatos dos clarividentes de hoje. Era uma mística, de acordo com a classificação de Görres, da ordem inferior ou natural, distinguida da classe superior de misticismo, a revelação espiritual que ascende acima de todas as causas naturais, e está em comunhão com espíritos purificados, não com espíritos inferiores, mas com o próprio Deus, ou os mais altos e santos dos Seus anjos.

Fernelius dá o relato de um jovem cavalheiro que foi atacado por convulsões que lhe vinham várias vezes ao dia. À medida que esses acessos prosseguiam, ele tornava-se muito clarividente neles; começava a falar em latim e grego, embora fosse totalmente ignorante de grego. Lia os pensamentos de todos à sua volta, e repreendia os médicos pela sua ignorância da sua doença e pelos seus remédios absurdos. Afirmava que um espírito lhe dava o conhecimento e a linguagem que claramente não tinha de nenhuma fonte natural; no entanto, os magnetistas satisfazem-se que o magnetismo explicará tudo.

Na verdade, que o magnetismo pode ensinar um homem num momento não só a compreender, mas a falar latim e grego. Em dezenas de casos, tais pacientes falaram línguas eruditas; nos casos de bruxaria houve abundância de tais instâncias. Se esta explicação for verdadeira, porque não introduzem os magnetistas o magnetismo imediatamente nas nossas escolas clássicas, e poupam aos nossos pobres rapazes um mundo de trabalho crucificante? Se a ilusão pode ensinar línguas, porque não introduzem os nossos sábios literários e científicos a ilusão nas escolas, que é obviamente um professor muito mais eficiente do que todos os mestres comuns juntos?

Que importa por que meios os nossos filhos são dotados do domínio completo dos clássicos, quer seja por magnetismo ou ilusão, ou alucinação, se estes podem dar isso numa hora o que o Dr. Birch e o Rev. Prosódia Long Labour levam sete anos a fazer em Harrow ou Eton? É espantoso encontrar pessoas que têm explicações tão fáceis e prontas de efeitos maravilhosos, não se dando ao trabalho de nos dar a vantagem prática das suas descobertas.

Encontramos os meios aparentemente mais ridículos produzindo fins mais surpreendentes. A sobrinha de Pascal foi indubitavelmente curada de uma doença de outra forma incurável pelo toque de um espinho chamado santo;

alguns dos casos de outra forma mais incuráveis foram curados imediatamente ao limpar com um guardanapo trazido do túmulo do Abade Paris, como as pessoas foram curadas por guardanapos e lenços tirados do corpo de São Paulo. Cotton Mather no seu «Magnalia Christi Americana», diz que nada era tão comum para o antigo conjunto de quacres como proselitizar pessoas meramente ao acariciar ou soprar sobre elas.

Era o mesmo no mundo pagão; causas aparentemente triviais ou tolas produziam efeitos fora de toda a proporção com elas. Os lapões, de acordo com Olaus Magnus, caíam no sono após certas cerimónias, quando requeridos para obter informação exata de lugares ou países distantes, e, após talvez vinte e quatro horas de tal sono profundo, acordavam, assegurando aos inquiridores que tinham estado no lugar, visto as pessoas requeridas, e trazido certa informação, que raramente, se alguma vez, se encontrava falsa.

Eliano, no seu «Variæ Historiæ», &c., diz que a célebre Aspásia tinha, quando muito jovem, um tumor no rosto que se estendia abaixo do queixo, e a desfigurava completamente. O seu pai recusou pagar a soma exigida pelos médicos pela sua cura, e Aspásia, numa agonia de angústia, retirou-se para o seu quarto, lamentando o seu destino; adormeceu, e sonhou que uma pomba lhe aparecia, assumindo gradualmente a forma de uma mulher, que lhe mandava ter bom ânimo: desprezar os médicos, e pulverizar e aplicar o pó das rosas numa das grinaldas penduradas na estátua de Vénus, e seria curada. Ela assim fez, e não só foi curada, mas tornou-se gradualmente tão bela que encantou todos os homens, e tornou-se Rainha da Pérsia.

Que diremos, então, a todas essas coisas que estão espalhadas densamente por toda a massa da história e literatura, sagrada e profana, cristã e pagã? Se, repito, a teoria de serem ilusões, ou de que doenças podem fazer essas maravilhas e inspirar profecias; se a imaginação, esse recurso querido de tantos soi-disant filósofos, pode efetuá-las, em nome do bom senso, porque não abandonam a ciência e a física e anos duros de estudo, e se entregam à imaginação, e à ilusão e à doença, que, de acordo com a sua própria demonstração, são muito mais potentes do que a saúde e a razão, a filosofia e a ciência? Mas eles não recorrem a essas agências, tão prontamente e continuamente invocadas, para os ajudar nas suas dificuldades; e nunca o farão, simplesmente porque sabem, nas suas próprias almas, que são meros enganos trazidos para ocultar a sua ignorância.

Devemos, portanto, olhar para alguma outra e realmente adequada causa dos fenómenos sempre recorrentes, sempre em expansão, chamados

milagrosos. E isso traz-nos de volta à velha e única causa paramount – espírito operando sobre espírito encarnado em matéria. «Aquilo que nasce do espírito é espírito: aquilo que nasce da carne é carne», disse Cristo a Nicodemos; mas esse grande mestre em Israel achou difícil compreender isso. Como os pais de Israel, diz o Dr. Ennemoser, os novos pais não tomam de bom grado conhecimento de coisas que não fazem parte da sua fé, e que estão fora do seu horizonte, quer se trate de coisas temporais ou celestiais.

Devemos, portanto, deixar os novos pais, os Nicodemos de hoje, e extrair de toda a história uma causa mais potente do que as suas causas para desvendar o mistério do milagre que surge de novo e de novo nas sucessivas gerações tão seguramente como o sol nasce e os ventos sopram.

Encontramos, então, um grande poder espiritual, a Lex magna do universo, tão fixa, e permanente, e omnipotente como a lei da gravidade específica em si, operando na mente humana em todas as épocas e países, e sob toda a variedade de circunstâncias. Nenhuma força humana pode suprimi-la, embora possa distorcê-la. Ela surge como luz e escuridão, com traços de bem e mal. Ergue-se em profetas e guerreiros inspirados, sublime, clara como o sol, e irresistível como os seus raios. Fala, e épocas distantes ouvem-na; age e a natureza recebe a impressão dos seus golpes. Deus desce e empunha poder infinito, apóstolos e mártires seguem e triunfam sobre reis e hierarquias, sobre mente e matéria, mesmo na sujeição e na morte. Igrejas surgem, e mesmo na sua corrupção e orgulho inumano operam sinais e maravilhas. Elas pisam o espírito puro e a consciência pura; endeavouram esmagar toda a oposição à sua jactante vontade própria por fogo e masmorras e armas desoladoras; e a mesma potência espiritual irrompe nas formas variadas de heresia, de doutrinas condenáveis e mesmo de diabrura confessada.

O grande poder espiritual é um poder residindo em agentes bons e maus, em Deus e nas Suas hierarquias, no diabo e nas suas legiões. O combate do pecado e da alma prossegue para sempre, e exibe os seus efeitos sobre toda esta bela mas assombrada por serpentes e manchada de sangue terra. Onde a fé e a religião triunfam, os malignos e invejosos espíritos das trevas procuram minar e corromper. Empurram a prosperidade para o orgulho e despotismo, para a sensualidade e voluptuosidade, tendendo para a podridão.

Despertam o veneno da vingança nos poderes que mudaram de santos para profanos, para apagar os fogos de denúncia e reforma, que começam a acender-se debaixo dos seus pés, para esmagar as almas mais puras que

clamam por Deus e verdade. Daí surgem seitas e heresias; daí o místico incensado por denúncia ultrajante avança para declarações perigosas, para paradoxos dos quais se desenvolvem falsidades licenciosas tão seguramente como o fungo se desenvolve da fermentação da madeira em decomposição.

Não se pode travar a operação invencível desta Lex magna do universo. Irromperá sempre e de novo, através da crosta seca da sociedade petrificada, como inundações subterrâneas irrompem a cobertura de gelo de rios congelados. Irromperá em bem ou mal, em verdade ou fanatismo. Está lá, poderoso, vasto, indomável, difundido por todas as coisas, através da mente e da matéria tão universalmente como o princípio elétrico. Quer se note ou não; quer se repudie, ignore, ou trate como doença e ilusão, aparecerá entre vós como uma aparição inevitável, rindo das vossas teorias, derrubando as vossas filosofias, e estilhaçando as vossas igrejas.

Deve e exercer-se-á em total desprezo de dogmas eruditos, de credos da igreja; não se importa se é negado ou admitido; mas, na proporção em que é coagido ou reconhecido, produzirá bênçãos ou monstruosidades. Como os gases represados do interior do mundo, fará sentir-se em terramotos morais, ou mostrar-se-á em vulcões flamejantes de crime e fanatismo, se não puder fluir livremente através de fissuras e poros da terra, e frutificar as raízes de árvore e erva. Assim tem sido sempre, desde os dias dos maniqueus até aos dos mórmones.

Quer seja bem ou mal, é tudo Espiritualismo, e é importantíssimo que os homens reconheçam a sua natureza real; e, em vez de troçarem dele, esforçarem-se por abrir os olhos da multidão para discernir também essa natureza; ensiná-los que está à sua volta tão certo como Deus e o diabo existem, e operam despercebidos à nossa volta e dentro de nós; que podemos abrir as nossas almas a um ou ao outro para o nosso infinito dano ou vantagem; mas que, quer cultivemos ou rejeitemos, este grande princípio eterno nos seus elementos conflituosos operará sobre nós quer queiramos quer não.

Podemos virar as costas ao sol, isso não impedirá que ele brilhe: podemos fechar os olhos à tempestade, mas isso não prenderá os ventos nem deterá o relâmpago bifurcado. O bem e o mal estão postos diante de nós, podemos escolher qual queremos; o Espiritualismo está sobre nós, podemos ter o seu bem ou mal; não podemos, por qualquer abjuração dele, isentarmo-nos das suas influências, mais do que podemos do tempo trazendo idade e morte.

Vejamos agora o progresso deste grande poder em e à volta das igrejas durante as épocas precedentes à Reforma. Além dos albigenses, que foram tão terrivelmente perseguidos e exterminados nos séculos XII e XIII, o sul

de França tinha também os seus valdenses, ou Pobres de Lyon, os seguidores de Pedro Valdo; chamados também Insabbatati, ou pessoas usando sabots ou sapatos de madeira, nos quais se diz que tinham o sinal da cruz para os distinguir de outros camponeses, não da sua fé. Estes também tiveram as suas perseguições abundantes.

Estes tinham sido precedidos pelas seitas de Pedro de Bruys, de Henrique, de Eudo de Stella da Bretanha, e Tranchelin de Utrecht nos Países Baixos, no século XII. Todas essas seitas eram igualmente opostas às corrupções da Igreja de Roma, embora diferindo em muitos pontos umas das outras. A maioria delas rejeitava jejuns, confissões sacerdotais, juramentos, purgatório, absolvição sacerdotal, a autoridade do papa, o celibato do clero, a extrema-unção. Muitos delas negavam a liceidade das punições capitais e da guerra por cristãos. Todos eram espiritualistas, sustentando que o antigo poder do cristianismo permanecia entre os verdadeiros discípulos.

De caráter especialmente assim eram os Apostólicos, que podem ser considerados como uma secção dos valdenses franceses, embora surgindo em Itália. O fundador desta seita foi Gerardo Segarelli de Parma, que a instituiu em 1260, que daí se espalhou para França, Espanha, Alemanha e Inglaterra. Segarelli foi queimado pela sua heresia em 1300; mas o seu lugar foi suprido pelo seu discípulo Tode Dolcino de Novara, que espalhou a fé no Tirol e Dalmácia, e foi também morto pelas autoridades papais em 1307. Nas suas doutrinas condenavam as corrupções da Igreja de Roma, e declaravam que a Igreja de Cristo na sua pureza possuía o poder dos apóstolos, e o espírito de profecia e de revelação. Que juramentos, perseguições e assunções papais são pecados mortais; o Evangelho é o único credo dos verdadeiros crentes.

Aliados aos Apostólicos são os Begardos e Beguinas, que, no entanto, tiveram a sua origem no século XI, e espalharam-se pelos Países Baixos, Alemanha, França e outros países. Foram assim chamados do antigo termo saxão beggen, o mesmo que o alemão beten, rezar; eram assim literalmente irmãos orantes. Viviam em grandes casas chamadas beguinages, embora não ligados por qualquer juramento, ou pertencendo a qualquer ordem monástica particular. Havia também associações de mulheres que viviam juntas da mesma maneira.

Algumas destas permaneceram na Igreja Romana, e continuam até ao presente dia; outras foram pronunciadas heréticas, e foram exterminadas ou dispersadas. Destas surgiram duas grandes seitas, os Irmãos e Irmãs do Espírito Pleno ou Fratricelli, e os Irmãos e Irmãs do Espírito Livre, dos quais os Lollards eram um ramo. Os Irmãos do Espírito Pleno prevaleceram principalmente no sul de França, Itália e Sicília. Parecem ter-se

amalgamado em grande grau com os Terciários, ou Franciscanos. Como os Franciscanos, ligavam-se à obediência, castidade e pobreza. Negavam que o papa, ou qualquer outro poder da igreja tivesse qualquer direito de interferir com as suas ordenanças, ou de absolver qualquer deles dos seus juramentos.

Acreditavam que a reforma da igreja devia proceder deles; que um novo derramamento do Espírito Santo teria lugar sobre eles, tão grande e abundante como o primeiro; e que através deles o mundo seria eventualmente convertido, e tão cheio de amor que os fiéis excederiam mesmo os apóstolos em virtude e graça. Que eles tinham, no entanto, a lutar a grande luta com o Anticristo, como fora revelado a São Francisco.

Os Irmãos e Irmãs do Espírito Livre parecem ter surgido em Colónia em 1210. Amalrico de Bena foi nomeado como o seu fundador por Gieseler; mas Hahn acha isso improvável e não demonstrado. Amalrico, no entanto, sustentava as noções místicas panteístas depois atribuídas a Eckhardt, que inquestionavelmente pertencia a este corpo. Acreditava na perfectibilidade do homem pela união com Deus e o Espírito de Cristo, e que nenhuma felicidade era possível exceto através desta união – um genuíno budismo cristão, que partilhava com os antigos anacoretas, e também com São Paulo.

Mas esta doutrina não era sustentada por ele, como por demasiados dos Irmãos e Irmãs do Espírito Livre, como uma garantia para todo o tipo de licenciosidade. Esta seita tornou-se mais proeminente quase trinta anos depois – nomeadamente, em 1238, quando Alberto Magno a notou em Colónia. Em 1261 excitaram vários conventos e mosteiros na Suábia a quebrar as suas regras, como inconsistentes com a liberdade espiritual. Em 1292, sob o nome geral de Begardos e Begardas, os seus procedimentos foram condenados, e em 1306 o Arcebispo de Colónia emitiu um édito contra eles. Acusou-os de pregarem que Deus Ele mesmo, algum dia, cessaria de existir; que qualquer um estava em liberdade de abandonar a sua esposa para seguir Deus mais estritamente; mas que, como aqueles que eram abençoados pelo Espírito de Deus não estavam mais sob a lei, estavam em liberdade de indulgir os seus apetites como quisessem, ou como Hudibras o expressa: –

> Pois os santos podem fazer as mesmas coisas pelo
> Espírito em sinceridade,
> Que outros homens são tentados a fazer,
> E por instância do diabo fazem;
> E no entanto as ações serem contrárias,
> Assim como os santos e os ímpios variam.

Pediam «pão em nome de Deus», e eram, portanto, apelidados de «Pão-por-Deus». Usavam um vestido particular e tinham um sistema particular de vida associada. Se levavam a sua licenciosidade tão longe como os seus inimigos papais afirmavam, pode, em muitos casos, ser bem duvidado. Mas é provável que houvesse alguns deles que usavam a sua liberdade cristã num sentido genuíno como uma liberdade em Deus; uma liberdade, através do poder do Seu Espírito, do vício e das tentações ao vício; e outra e uma grande secção que eram levados pelos seus desejos a torcer a doutrina de São Paulo, de que aqueles que estão em Cristo não estão mais sob a lei, numa assumida carta para a comissão de qualquer crime que fosse.

Estes declaravam que o homem, tornando-se perfeito, podia fazer qualquer coisa sem fazê-la pecaminosamente – um sofisma que só o diabo e a carne podiam tornar possível. Uma grande dose de licenciosidade teria passado nessa época corrupta com a igreja, mas como esses Begardos e Irmãos das Bandas Livres se punham a denunciar os sacramentos do romanismo, foram ferozmente assaltados pelas suas autoridades, e muitos deles foram queimados nos diferentes países para os quais se tinham espalhado – Saxónia, Hesse, Turíngia, os Países Baixos, &c.

Apelaram ao papa em Avinhão, João XXII, mas ele confirmou os decretos contra eles, e condenou vinte e seis artigos de opinião do famoso Mestre Eckhardt de Colónia. Eckhardt reclamará novamente a nossa atenção particularmente, mas agora podemos seguir o Espiritualismo desordenado desta seita até às suas questões mais distantes.

A grande sede da seita permaneceu em Colónia, mas os seus arcebispos continuaram tal guerra contra eles que, cerca de 1357, fugiram dessa cidade e espalharam-se pelo norte da Alemanha. Aí, em Constança e nos Países Baixos, em França e Saboia, foram perseguidos, e muitos homens famosos e professores queimados. Bulas foram emitidas pelo Papa Urbano V, Bonifácio IX e Gregório XI contra eles, nas quais tanto Begardos como Begins ou Swestronæ Conventualæ, Irmãs Conventuais, foram pintados nas cores mais negras. Seitas ainda mais heréticas surgiram deles, como os Luciferistas, Adamitas, Turlupinos, &c. Os Luciferistas sustentavam que Lúcifer, após a sua batalha com Miguel o arcanjo, foi restaurado ao céu e a toda a sua glória: os Adamitas sustentavam a mesma doutrina, e todas essas seitas sustentavam que a Virgem Maria não era um objeto de adoração, e que a Igreja de Roma era uma igreja caída.

Os Lollards eram frequentemente confundidos com estes, mas injustamente. Adquiriram o nome de Lollards da palavra flamenga lollen ou lullen, cantar num tom abafado sussurrante, como faziam ao enterrar aqueles que morriam da peste em Antuérpia, em 1300.

Tendo a licença sido levada ao extremo pela secção selvagem dos Irmãos do Espírito Livre, surgiu outra moda de pessoas, os Penitentes, que declaravam que Deus estava irado com os pecados do mundo, e devia ser apaziguado. Para efetuar este objeto, começaram um sistema das mais surpreendentes autocastigações. Consideravam a grande peste que devastou tanto a Europa como a Ásia em 1348, como o sinal manifesto da ira de Deus, e a partir desta data começaram a sua terrível disciplina.

Eles andavam seminus até à cintura, flagelando-se com chicotes de arame enquanto corriam cobertos de sangue, e ao mesmo tempo cantando o hino do juízo final, «Dies iræ, dies illa»; chorando e gemendo lastimosamente ao mesmo tempo. Obtiveram os nomes de Cruciferi, Crucifratres, Flagellatores, Verberantes, Pusserer ou Büsser. Declararam que um anjo lhes havia trazido uma carta ordenando essas autoflagelações, e publicaram essa carta, uma de comprimento considerável. Um exército de Flagelantes apareceu em Avinhão e chamou o Papa Clemente VI para se submeter à mesma disciplina; mas ele não só recusou, como ordenou que cessassem as suas procissões sob pena de excomunhão.

Mas a bula papal não deteve os Flagelantes, nem toda a severidade da Inquisição. Espalharam-se pela Itália, onde 70 000 apareceram de uma vez, incluindo nas suas fileiras príncipes, bispos, clérigos de vários graus e monges. Bonifácio IX mandou prender o seu líder e queimá-lo vivo, e eles foram dispersos pela força principal. Mas outros exércitos apareceram na Alemanha, onde ocorreram outras queimas, e novas dispersões pela força. No início do século XV, Vicente Ferreri, um dominicano espanhol de grande popularidade, liderou uma grande tropa de Flagelantes através da Espanha, França e Alta Itália, e esta manifestação extraordinária não desapareceu totalmente da Europa até 1481, tendo durado 132 anos.

Contemporâneos dos Flagelantes eram os Dançantes. Apareceram em 1374 no Reno e nos Países Baixos, e continuaram até 1418 ou a maior parte de meio século. Apareciam como os antigos Bacantes, seminus e com grinaldas na cabeça – impulsionados, dizem os antigos escritores, e atormentados por demónios. Não só ao ar livre, mas em igrejas e casas, dançavam as suas danças selvagens, homens e mulheres; e nos seus hinos usavam nomes de demónios até então inéditos. Resultou uma licenciosidade enorme desta mania de dançar, e, como era atribuída à possessão por demónios, aplicava-se diligentemente o exorcismo, e invocava-se a ajuda de São Vito, famoso pela dança, pelo princípio homeopático, para a pôr fim.

Os dançantes, como as outras seitas, clamavam alto por uma nova igreja, uma igreja do espírito. Outras seitas, como os Pastorells, que duraram

setenta anos ou mais da mesma era, juntavam-se ao clamor pela remoção da igreja corrupta e por uma nova; e faziam o seu melhor para derrubar a Igreja Romana matando os padres e saqueando os mosteiros, e só foram subjugados pela soldadesca. Entretanto, enquanto os poderes demoníacos assim tiravam vantagem da condição e da dominação coerciva da igreja, para impelir os homens a um delírio de pecado e blasfémia, misturado com clamores por uma nova ordem de coisas; uma nova ordem surgia silenciosamente nas almas dos homens que buscavam o reino dos céus, não de fora, mas, como Cristo lhes havia ensinado a buscá-lo, de dentro.

A hierarquia papal foi subitamente tomada de consternação ao saber que o renomado Mestre Eckardt se havia juntado à seita dos Irmãos do Espírito Livre e se tornara, nas palavras de Schmidt, no seu «Studien und Kritiken», o seu amicus et patronus. Eckardt, o célebre professor de Aristóteles e Platão, doutor em teologia, outrora professor desta ciência em Paris, e agora Provincial dos Dominicanos em Colónia, não só se havia juntado a esta seita herética, mas havia apresentado vinte e seis proposições, não só afirmando, mas desenvolvendo ainda mais as suas doutrinas. Estas Henrique, o Arcebispo de Colónia, condenou; e, ao apelarem os Irmãos para o Papa João XXII, então em Avinhão, ele confirmou a condenação, por um édito em A.D. 1330, das primeiras quinze como heréticas, e de duas outras além das vinte e seis, também atribuídas a Eckardt.

Antes da emissão deste édito, Eckardt havia revogado as suas proposições e estava morto. As proposições, no entanto, foram aceites pelos Irmãos, e, como vimos, algumas delas distorcidas para os seus próprios fins corruptos pelos selvagens e sensuais. As proposições do Mestre Eckardt eram, em substância, as seguintes: – Perguntado por que Deus não criara o mundo mais cedo, respondeu: «Deus não pôde produzir o mundo no início porque uma coisa não pode agir até ser; donde, assim que Deus foi, criou o mundo; e daí podemos inferir que o mundo era eterno.

Deus não pode estar sem o mundo: é o Seu outro eu, e eterno com Ele. Deus gera o Seu Filho continuamente, pois gerar o Seu Filho é proferir o Seu poder criador; e Ele fala todas as coisas n'Ele. Todas as entidades criadas, do anjo mais alto à aranha mais humilde, são uma na primeira origem das coisas. Aqueles que não amam honra, nem utilidade, nem devoção interior, nem recompensa, nem o reino dos céus – daqueles de quem todas estas coisas se foram – ainda assim Deus tem honra, e eles pagam-Lhe o que é Seu. Pensei ultimamente se seria bom desejar ou aceitar algo de Deus; e ainda estou ansioso por deliberar seriamente sobre isto; porque, se aceito de Deus, coloco-me debaixo d'Ele como servo ou escravo, e Ele mesmo se torna um Senhor sobre mim pelo próprio ato de dar; e assim não devíamos estar na vida eterna. Como no sacramento o

pão é totalmente mudado no corpo do nosso Senhor, assim serei mudado n'Ele, pois Ele opera em mim o Seu próprio ser, o mesmo e não meramente semelhante. Tudo o que Deus Pai deu ao Seu Filho unigénito na natureza humana, deu-o tão plenamente a mim; tudo o que as sagradas Escrituras dizem de Cristo, dizem de todo homem bom e divino.

Os homens perguntam: Como pode o homem trabalhar com Deus as obras que Ele fez há milhares de anos? e não entendem que na eternidade não há nem antes nem depois; e portanto, tudo o que Deus operou há milhares de anos, e ainda opera, não é senão uma obra na eternidade; e assim o homem que está na eternidade opera todas estas obras, pois é um com Deus e o mesmo. Eu estou em Deus; portanto, aquele que não toma estas obras de Deus, não as toma de mim. Não posso ser excluído delas; ou Deus, com quem sou um, deve ser excluído. O Pai não descansa, portanto é de necessidade que o Filho nasça em mim; Ele opera e esforça-se em mim em todos os tempos, para que eu seja como o Filho para Ele.

O homem que existe em Deus conforma-se à vontade de Deus; ele não quer que seja de outra forma, pois o que é de Deus é a vontade de Deus. Algumas pessoas jejuam, outras comem; algumas vigiam, outras dormem; algumas oram, outras estão em silêncio; mas aqueles que praticam a devoção interna derivam mais vantagem num momento do que através de todas as obras externas que podem operar.

Quod bonus homo est unigenitus Filius Dei. Homo nobilis est ille unigenitus Filius Dei, quem Pater eternaliter genuit.

Ou, como Deus produz o Seu Filho em mim, eu mesmo sou esse Filho e nenhum outro. Deus gera o Filho na alma da mesma maneira como O gerou na eternidade, e não de outra forma. Deus é um em todos os modos e segundo toda a razão, e sem distinção; pois aquele que vê coisas não vê Deus. Deus é um, sem número e acima do número, sem intelecto e acima do intelecto. Nenhuma distinção pode ser compreendida em Deus. Todas as criaturas são absolutamente nada. Não digo que sejam pequenas, ou que não sejam, mas são um absoluto nada.

Há algo na mente que é incriado e incriável; se toda a mente fosse tal, seria totalmente incriada e incriável, e isto é o intelecto. Deus não é nem bom, nem melhor, nem o melhor. Aquele que diz que Deus é bom, faz-lhe tanta injustiça como dizer que o branco é preto». Dou estas proposições porque, não só uma grande escola teológica foi baseada nelas, chamada os Amigos de Deus, mas porque tiveram, e continuam a ter, uma profunda influência na metafísica teológica. Hegel afirmou nas suas «Lições sobre Religião» que o Mestre Eckardt havia penetrado nas profundezas da filosofia religiosa; e Martensen, nas suas Obras, e Baur, no «Anuário de Tubinga» de 1843,

declararam que ele não era só o pai do misticismo alemão, mas por antecipação, da especulação teológica moderna. Destas proposições vemos de imediato que a de Eckardt era uma mente da natureza metafísica mais intensa; e tais mentes amam empurrar proposições psicológicas profundas para o paradoxo absoluto; e, ao procurar sondar os abismos do pensamento, emergem nos antípodas, envoltos nas teias de aranha do incompreensível, e tisnados com as chamas inferiores da blasfémia. Assim, pelo menos, Eckardt aparecerá à mente religiosa geral.

No entanto, nos seus sermões explicava estas proposições de modo a privá-las de muito da sua audácia chocante; e observar-se-á que limitava a sua operação declarando que quem quer que se torne um com Deus, conforma, por consequência, a sua vontade à vontade de Deus. Convinha aos sensuais ultrapassar esta limitação, e daí a pior porção dos Irmãos do Espírito Livre render as doutrinas de Eckardt assim: – Tornando-nos um com Deus, somos investidos com a liberdade de Deus. Para Deus todas as coisas são lícitas, e, portanto, para nós que estamos em Deus e um com Ele, todas as coisas são lícitas.

O Mestre Eckardt diz que não pode haver distinção ou diferença de coisas para Deus, todas são uma; portanto, não há distinção ou diferença de coisas para nós, todas são uma para nós. E havia três ou quatro proposições incluídas entre as condenadas pelo papa, tão ultrajantes, que Martensen e outros imaginam que foram introduzidas por inimigos que as consideravam os resultados legítimos das suas proposições. Nomeadamente, os artigos quarto, quinto e sexto, que afirmam que em toda obra, boa ou má, Deus é igualmente glorificado. Que quem vitupera Deus O louva; e quanto mais vitupera, e maior o pecado, mais O louva.

E novamente, o décimo quinto, décimo sexto e décimo sétimo, que afirmam que se um homem comete mil pecados, se tal homem estiver devidamente disposto, não deve desejar não os ter cometido, e que esta é a verdadeira penitência. Que Deus não considera particularmente as ações externas. Que um acto externo não é propriamente bom, nem divino; nem é, propriamente falando, originado por Deus.

Se, no entanto, estas proposições são realmente parte das de Eckardt, como contendem Mosheim, Ullmann, Hase, Gieseler, Baur, Schmidt, Thomson e outros teólogos alemães que são, o resto são suficientemente ousadas e perigosas para repelir a generalidade dos leitores do seu ensino.

No entanto, despidas das suas dialécticas mais extravagantes, provavelmente não significavam mais, na mente de Eckardt, do que esse budismo cristão comum a todos os místicos, e que, de facto, é fundado no ensino de Cristo e de São Paulo: – Que a alma pode tornar-se tão purificada

que não retenha nada senão o que é absolutamente divino, absolutamente aquilo que trouxe de Deus, e leva de volta para Ele. Que nesta unidade pura e perfeita de natureza com Deus, adquire a perfeita liberdade de Deus. Que esta liberdade não é uma liberdade para cometer pecado, como os sensuais a interpretam, mas é uma perfeita liberdade e liberdade de todo pecado e poder do pecado. Que não pode fazer nada senão o que é puro e santo, porque nada lhe resta senão o que é puro e santo. Está nesse estado ao qual o budista aspira, e ao qual os solitários da igreja primitiva aspiravam, e para o qual as suas vitórias sobre toda tendência carnal eram a preparação e as avenidas.

Esse estado que Cristo descreveu quando disse que o Pai estava n'Ele, e Ele no Pai; e no qual os discípulos também estariam n'Ele e no Pai, e Ele e o Pai estariam neles, e que seriam todos um. No qual São Paulo disse que quando Cristo tivesse posto todas as coisas debaixo dos Seus pés, incluindo a morte e o pecado, renderia o reino a Deus, e Deus seria tudo em todos.

É este estado no qual a natureza de Deus se torna a natureza de todas as almas vivas, do qual todo pecado e fragilidade e tendência ao pecado e fragilidade são expurgados; uma condição de santidade, poder e perfeição perfeitos e ilimitados, para a qual todos os aspirantes earnest, Pagão ou Cristão, um Sócrates, um Platão, um Buda, São João, um Simão Estilita, um Fénelon, um Fox, um Wesley ou um Swedenborg, em todas as épocas e regiões, se esforçaram e sofreram, percorrendo os caminhos rugosos da vida em lágrimas, em martírio diário, em vergonha e perseguição; mas ao mesmo tempo em alegria e triunfo, muito para além da conceção da alegria e dos triunfos do mundo – vendo diante deles, e acima deles, e dentro deles esse Paraíso de Deus há muito fechado da nossa visão pelas nuvens da paixão mortal, mas nunca perdido da memória e das esperanças do mais abjeto – essa terra natal em que Deus havia caminhado com Adão, e ainda caminha com os santos – a terra da liberdade divina, que é o amor mais divino; é este estado que o Mestre Eckardt realmente procurava designar, embora o seu génio especulativo o levasse a tropos e figuras tornados inadequados pelas suas ânsias mais intensas.

Assim Suso, o seu discípulo admirador, o leu; assim Tauler de Estrasburgo, Henrique de Nördlingen, Rulman Merswin de Estrasburgo, e outros, o leram; e sobre estas interpretações purificadas surgiu, com estes grandes homens, a Sociedade dos Amigos de Deus. Estes Amigos de Deus, como os Metodistas do presente dia, não abandonaram a sua união com a igreja a que pertenciam; procuravam apenas organizar uma associação para conforto e força mútuos, não fundar uma nova seita herética. Procuravam imitar Cristo, e restaurar a pureza original da igreja. A sua oposição não era

à igreja em si, mas à corrupção das suas doutrinas e à imoralidade do clero. O seu zelo não era derrubar a constituição orgânica do Catolicismo, mas pela purificação dele e pelo conforto para o povo em geral. Estavam como um elo médio entre a igreja e os Valdenses, e no seio dos Valdenses também surgiu outra Sociedade dos Amigos de Deus, à cabeça da qual estavam Nicolau de Basileia, que foi eventualmente queimado como herege em Viena; Berthold von Rohrbach, morto em Speir; e Martinho de Mainz, que também foi queimado em Colónia em 1393.

Nenhum destes rejeitava totalmente as doutrinas do Catolicismo. Honravam altamente a Virgem, mas rejeitavam o culto das imagens; alguns frequentavam a missa, mas contendiam que os leigos podiam celebrá-la tão licitamente como o clero. Pregavam e escreviam livros na língua materna, e assim estendiam vastamente o círculo das suas operações. Em estreita ligação com estas associações, estava outra chamada a Irmandade dos Winkelers, uma palavra alemã indicando trabalhadores em cantos, ou em lugares secretos. Röhrich, nos seus «Amigos de Deus», diz que estes Winkelers, ou confessores do povo, não estavam localizados meramente em Estrasburgo, ou eram os líderes da associação ali meramente; mas eram missionários, levando uma vida errante, instruindo indivíduos à medida que os encontravam, e confirmando na fé aqueles já convertidos.

Eram homens de vida irrepreensível e moral estrita, permanecendo solteiros não por noção da santidade do celibato, mas para se dedicarem mais inteiramente aos seus deveres. Da impressão de um chamamento divino direto, suportavam as durezas de uma vida de abnegação, que frequentemente terminava por uma morte violenta. Eram doze, segundo o número dos Apóstolos, e eram considerados pelos seus seguidores como os únicos padres genuínos. Eram sustentados pelas contribuições da associação; e quando vinham entre os irmãos crentes, eram recebidos como hóspedes por aqueles de propriedade. Outros davam-lhes dinheiro, que eles distribuíam.

Quando um novo Mestre era necessário, era eleito de jovens de moral pura. Para esta escolha solene toda a comunidade se reunia, e sentando-se em círculo à volta do Mestre proposto, cada um dava o seu julgamento se ele era de vida pura e digno de se tornar Mestre. Após inquéritos apropriados e respostas satisfatórias, o jovem era desejado levantar-se, e era exortado a levar uma vida casta e a permanecer voluntariamente pobre; ao que ele se comprometia solenemente a nunca abandonar a fé. Assim se tornava Mestre, e era saudado como tal.

A partir deste tempo não devia prosseguir nenhum outro negócio, nem seguir nenhum ofício; devia viver exclusivamente a vida de um professor; e

não possuir propriedade, mas subsistir das oferendas dos irmãos e irmãs. Havia não só Mestres mas Mestras, que eram escolhidas da mesma maneira; mas dos seus deveres particulares não temos informação certa. Na ausência de um Mestre, um da comunidade oferecia exortações; e as reuniões eram muito mais frequentes quando os Mestres estavam ausentes do que quando presentes, mas quando um Mestre chegava entre eles, a ocasião era celebrada por uma festa geral e regozijo.

Os Winkelers não guardavam nenhum feriado sagrado, exceto o Natal, a Páscoa e o Pentecostes; quanto aos dias de Maria e dos Apóstolos, não os consideravam. Não tinham fé no purgatório. Tomavam o sacramento nas igrejas; mas sustentavam que uma igreja material não era igreja, e que podiam confessar-se uns aos outros, e que onde quer que estivessem, podiam orar e ser ouvidos de Deus. Quanto às missas, esmolas públicas, orações e canto pelos mortos, consideravam-nas de nenhum proveito real; nem punham fé na água benta, nem na bênção de carnes, bolos, velas, etc. Destes Winkelers, que eram regulares Protestantes, não menos de oitenta foram condenados à morte na fogueira em Estrasburgo em 1222, juntamente com o seu Mestre, João.

Mas, antes de fechar este capítulo, devemos olhar mais de perto para os Amigos de Deus, e especialmente para Tauler, Nicolau de Basileia e Rulman Merswin. Muita luz foi lançada sobre as vidas e caracteres destes grandes homens pela descoberta de um grande volume em folio encontrado nos arquivos de Estrasburgo, e outrora pertencente ao convento dos Cavaleiros de São João nessa cidade. O leitor inglês foi familiarizado com o conteúdo deste volume por Miss Susannah Winckworth na sua «Vida e Sermões do Dr. John Tauler». O folio descoberto contém a correspondência de Nicolau de Basileia com Rulman Merswin, que estabeleceu uma companhia de Amigos de Deus no convento dos Cavaleiros de São João numa ilha no Reno, chamada o Gruenen-Woerth ou Prado Verde. Nele foram encontrados as cartas e experiências religiosas de Tauler, Nicolau e Merswin até 1382.

E são notáveis. A figura central é Nicolau de Basileia, que, embora apenas leigo, havia, com os seus amigos piedosos, entrado num curso de reforma religiosa que ameaçava revolucionar todo o Papado. Era, portanto, necessário que este trabalho fosse levado a cabo com todo o segredo possível, ou as suas vidas teriam sido cortadas muito curtas. Atacavam as corrupções rank da igreja, e mesmo o seu saber, se não baseado nos ensinamentos diretos do Espírito Divino. Nicolau, portanto, surge, de vez em quando, como uma aparição de alguma cena oculta, donde vê os movimentos do mundo. Não usa nome em tais ocasiões senão o «Homem do Oberland», e, a sua missão cumprida, retira-se novamente para o seu

abode invisível, que é conhecido apenas pelos seus quatro amigos íntimos. Assim temos ele surgindo subitamente em Estrasburgo para a conversão de Tauler.

O Dr. John Tauler era um pregador erudito e eloquente dessa cidade. A sua pregação excitava a admiração do país ao longe. Nicolau de Basileia veio ouvi-lo. Tendo-o ouvido, desejou confessar-se a ele; mas na sua confissão Tauler é tomado de espanto com as suas palavras. Diz a Tauler que veio realmente, não tanto para ouvi-lo como para mostrar-lhe que ainda não se qualificara para pregar. Que para fazer isso eficazmente e aceitavelmente para Deus deve primeiro esvaziar-se de todo o seu mero saber humano e autoconhecimento, e, como uma criança, sentar-se e aprender de Deus, cujo Espírito numa hora lhe ensinará mais do que todas as escolas numa vida inteira. Tauler é tocado com a verdade disto; deseja que Nicolau o ponha no caminho deste novo ensino, e aqui o Homem começou a ensinar o Mestre. Logo se vê qual é o verdadeiro mestre em Deus; e Tauler, em espanto e humildade, lança-se aos pés da cruz, e por dois anos, renunciando a toda pregação, submete-se à tutoria do Espírito Santo em solidão, leitura do Evangelho e oração. Mais uma vez surge um homem novo e muito mais maravilhoso. Os seus sermões têm uma vida e fogo neles como nunca haviam sido testemunhados por qualquer um dessa época. Homens e mulheres eram abatidos sob o seu ministério às dezenas, e jaziam por horas como mortos, mas só para reviver para uma vida mais genuína. Desse dia John Tauler tornou-se um grande nome na igreja de Cristo, e permanece assim nesta idade.

Rulman Merswin era um mercador rico de Estrasburgo que se retirou de uma vida mercantil para uma religiosa. Ele, também, tornou-se conhecido do «Homem do Oberland», e, como para Tauler, foi uma nova era para ele. Tornou-se inspirado com o verdadeiro espírito dessa religião real e interior que de imediato reduz toda a riqueza mundana ao seu lugar próprio, o de tornar os homens não nominais, mas cristãos reais. Fundou o convento da Ordem de São João, como um asilo para pessoas piedosas como ele mesmo, que não estavam ligadas por qualquer juramento, mas viviam juntas para o benefício da edificação mútua; buscando não conselho de homens, mas do Espírito de Deus; e, enquanto o tivessem, indiferentes se fluía através de padre ou leigo. De facto, uma sociedade dos Amigos de Deus, baseada na declaração de Cristo, de que aqueles que eram os Seus discípulos genuínos não eram mais os Seus servos, mas os Seus amigos. Rulman, como Tauler, permaneceu em correspondência estreita mas secreta com o «Homem do Oberland» até à sua morte; sem dúvida ativamente empenhado com estes grandes e misteriosos homens em

espalhar o conhecimento da verdade do Evangelho através de países ao longe e ao largo.

Nicolau de Basileia e os seus amigos predisseram a morte de Gregório XI, que ocorreu no tempo predito – nomeadamente, na quarta semana da Quaresma, 1378. Previram também o grande cisma no Papado, que começou no ano seguinte. Tão profundamente estava Nicolau preocupado com as corrupções vergonhosas da igreja e da corte papal, que no seu septuagésimo ano, no ano 1376, levando um fidedigno «Amigo de Deus» consigo, foi a Roma, e, numa entrevista pessoal com Gregório, advertiu-o dos problemas vindouros, e da sua própria morte, se não começasse uma reforma real e varredora. O papa recebeu esta missão com bondade, mas não lucrou com ela, e morreu como haviam predito. Muitos fenómenos espirituais maravilhosos e revelações são relatados como atendendo as reuniões destes Amigos de Deus, que, depois disto, partiram por caminhos diferentes para França, Alemanha, Itália, Hungria e outros países para prosseguir o trabalho de reforma do Evangelho. Caíram em martírio honrado em lugares diferentes; Nicolau ele mesmo em Viena, em França, como já dito, quando tinha cerca de noventa anos de idade. Muitas senhoras eram membros distinguidos da Sociedade dos Amigos de Deus, e entre elas preeminente Inês, Rainha da Hungria, a viúva do Rei André; e as irmãs Cristina e Margarida Ebner, ambas freiras.

Para uma narrativa muito interessante dos «Amigos de Deus», veja a «Revista Espiritual» para 1862, Números de Maio e Agosto. Tais eram as várias seitas anunciando a queda da Catolicidade corrupta; bons e maus, todos clamavam por uma nova ordem de coisas. Os bons entravam profundamente nos arcanos da vida cristã na alma; os maus eram impulsionados, como por espíritos desordeiros e sensuais, para crimes e heresias rabiosas. O verdadeiro e o falso igualmente mantinham a doutrina da agência espiritual, e ambos bons e maus a exemplificavam nas suas ações. Havia uma raiva e um orgasmo correndo através de todos os assuntos mortais claramente tirando fogo de fontes mais profundas do que meras paixões mortais.

O poder de Deus, há muito negligenciado e ultrajado na Igreja Romana, tinha-a partido e deixado aberta ao vício, luxo, libertinismo, e uma terrível luxúria de domínio e destruição. Roma havia flagelado, martirizado e caluniado os fiéis. O diabo havia mostrado ao Salvador todos os reinos do mundo, e oferecido se Ele se curvasse e o adorasse. A oferta foi declinada. Mas foi novamente feita aos professados vigários do Salvador na terra, e o dom fatal havia sido aceite. A igreja abandonou Cristo e a sua pobreza, e aceitou poder temporal, e estado real em vez de apostólico. O vírus demoníaco no dom logo operou.

A igreja tornou-se secularizada. Em vez de pobreza, riqueza; em vez de nenhum lugar para pousar as cabeças, os pontífices e cardeais, e muitos um prelado orgulhoso e abade mitrado, pousavam as suas em almofadas de seda em palácios. Em vez de serem chamados perante reis e magistrados por causa de Cristo, sentavam-se como reis e julgavam os Seus honestos seguidores. Pelos próprios lugares que os dois partidos ocupavam, era claramente indicado quais deles eram os discípulos a quem Cristo havia prometido o reino dos céus com perseguições. Em vez de jejuns vinham festas, em vez de serem rodeados por doentes buscando ser curados, eram rodeados por guardas marciais, e sentavam-se em banquetes à direita dos reis. Apesar de todos os avisos de Cristo, o mundo os tinha e o diabo.

Enviavam os seus exércitos e exterminavam povos inteiros que demandavam servir Deus na antiga simplicidade. Sob Simão de Montfort, o legado papal, devastavam a Provença, expulsavam Raimundo, o soberano legítimo, usurpavam as suas terras e assassinavam os seus súbditos. Exterminavam toda a Boémia Cristã, pela mão do seu agente sombrio, Fernando II da Áustria. Devastavam as montanhas dos Cevennes com fogo e espada, e a sua Inquisição em Itália, Espanha e outros países, tornava inferno e Romanismo sinónimos. Por todo o lado as chamas de mártires queimados, por todo o lado os seus instrumentos de tortura, por todo o lado a sua arrogância, e insolência, e sensualidade, proclamavam que o dom do diabo havia feito o seu trabalho, e que Satanás reinava no nome ultrajado de Cristo. As próprias celas de freiras, testemunhas terríveis da insurreição da natureza contra o religiosismo espúrio, eram declaradas pavimentadas com os esqueletos de crianças assassinadas.

Lutero, na sua «Conversa de Mesa», p. 307, diz que o Papa Gregório, que confirmou o celibato, ordenou que uma lagoa de peixes em Roma, perto de um convento de freiras, fosse limpa. A água sendo drenada, foram encontrados no fundo mais de seis mil crânios de crianças, que haviam sido atiradas à lagoa e afogadas. Acrescenta que no seu próprio tempo, ao removerem-se os fundamentos de um convento em Neinburg na Áustria, revelações semelhantes foram feitas. O trabalho do dom do diabo de domínio temporal foi igualmente eficaz sobre o povo em geral. Expulsos de todo conhecimento pessoal do evangelho, haviam crescido brutos como as bestas que tendiam.

O espiritualismo da igreja tornara-se o espiritualismo de demónios, e rioteava em milagres mentirosos, e forçava, pela sua repressão de ferro da consciência, uma colheita abundante de heresias e uma colheita sanguinária de martírio. Milhões de almas gemendo clamavam: «Até quando, ó Senhor!» Os tempos estavam maduros, e os corações violados

dos homens estavam maduros para a grande catástrofe de retribuição. O avatar da reforma veio por fim pelo peso natural da podridão na hierarquia apostólica, e pelos esforços misturados de Huss e Wycliffe, de Lutero e o coroado Balaão da reforma – Henrique VIII de Inglaterra, que pretendendo o trabalho dos demónios da luxúria e assassínio, fez o trabalho de Deus. Era a era do reavivamento, o memorável século XVI. A Reforma havia chegado.

CAPÍTULO V

O ESPIRITUALISMO DE LUTERO E DOS PRIMEIROS REFORMADORES

O sistema cristão do mundo espiritual e material manteve-se inabalável durante 1500 anos. De repente, o monge Copérnico surgiu! Com uma mão poderosa, afastou o globo do centro da criação, fixou o sol no seu lugar e ordenou ao primeiro que fizesse o circuito do último num ano, e girasse sobre o seu eixo em vinte e quatro horas. Por esta descoberta afortunada, muito do que era incompreensível tornou-se inteligível, e muito do que era inexplicável, demonstrável.

O papa e o clero ficaram consternados com isso.

Ameaçaram com maldições e excomunhões; mas Copérnico já se tinha escapado deles, a terra estava agora em movimento, e nenhuma anátema era capaz de deter o seu progresso.

Mas o protestantismo não se contentou com isso; foi mais longe. Promulgou o dogma de que não existiam coisas como aparições ou um estado intermédio. Lutero e os seus confederados renunciaram a toda a pretensão ao governo do mundo invisível; extinguiram os fogos do purgatório e alargaram os limites do Inferno, adicionando-lhe o Hades. Já não se acreditava num estado intermédio de purificação, mas toda a alma partida entrava no seu lugar de destino, ou o céu ou o inferno. Pressentimentos, visões e aparições eram considerados ou como engano, ilusão e imaginação; ou, onde os factos não podiam ser negados, como obra do diabo e dos seus anjos. Pelo seu decreto de que os piedosos eram imediatamente após a morte recebidos no céu, e os ímpios lançados no inferno, a porta foi fechada contra o regresso dos espíritos partidos a este mundo.

Encorajados por isso, os filósofos físicos muito em breve promulgaram a doutrina de que não havia nada no mundo senão matéria e as suas

propriedades. Mergulharam na matéria e, não encontrando nada pelos seus testes senão matéria, declararam que não havia poderes senão os que eram materiais. Mas Leibnitz era um tropeço para os filósofos físicos; pois insistia em coisas como princípios de indivisibilidade e harmonia predeterminada, etc.

PNEUMATOLOGIA DE STILLING, p. 15 a 22.

No extrato acima, Stilling descreveu corretamente o progresso da infidelidade e do materialismo modernos a partir do ato do protestantismo na Reforma. Encontrando a herança do Senhor invadida por um crescimento rampante das ervas daninhas do diabo na forma de milagres fictícios, esqueceram-se de consultar a recomendação do Senhor, tão conspicuamente dada no Evangelho, de deixar as ervas daninhas crescerem com o trigo até à colheita final, para que não arrancassem o trigo juntamente com elas. Para se livrarem dos falsos milagres, arrancaram os verdadeiros; e para prevenir o regresso dos falsos, determinaram extirpar o próprio princípio da fé no milagroso, apesar de todo o mundo, com os seus cinco mil e quinhentos anos de factos milagrosos, protestar contra uma rejeição tão insana das suas leis. Apesar das palavras claras de Cristo e dos Seus apóstolos, de que o milagre era o património da igreja cristã; e de que a marca do verdadeiro discípulo seria que estes sinais seguiriam os que cressem. Em meu nome expulsarão demónios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes mortíferas, e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; imporão as mãos sobre os doentes, e eles ficarão curados (Marcos xvi. 17, 18).

(Estou ciente de que uma cópia recentemente descoberta do Evangelho de S. Marcos foi encontrada sem estas palavras; mas será de admirar que um rolo de pergaminho tão podre como um charuto velho faltasse um versículo ou dois no final? Mesmo que esta cópia estivesse em bom estado, não poderia anular a evidência de cópias igualmente antigas e autênticas. O Evangelho Sírio, que esteve nas mãos da Igreja Síria desde o tempo dos apóstolos, tem a passagem completa.) Apesar de volumes de história autêntica por homens de caráter indubitável narrando idades de tais factos, anteriores às corrupções de Roma. Foi um ato fatal, e sendo em oposição aberta à natureza e à história, estava certo de produzir as consequências mais deploráveis.

Mas o protestantismo não carrega sozinho a culpa; a Igreja de Roma, pelo seu tráfico descarado em milagres e nos fogos do purgatório em idades posteriores, levou os protestantes a esta reação exagerada. Roma causou o dano que o protestantismo, na sua indignação justa mas mal considerada, perpetrou. Quando o domínio do diabo está em perigo, ele raramente falha

em encontrar uma armadilha para os seus oponentes. Neste caso, eles pensaram em cortar-lhe as asas cortando o milagre, e ele recomendou-lhes, como uma medida admirável e infalível, cortar as próprias raízes da fé nele, e eles caíram na armadilha satânica. Não é por nada, diz Lutero, que o diabo anda à solta há milhares de anos.

Tão profundamente Lutero estava assustado com o próprio nome de milagre, que não o admitia, ou mesmo falava dele como existente na igreja, se pudesse evitá-lo. Lutero, diz Michelet, não gostava de ouvir ninguém insistir nos milagres. Olhava para eles como uma classe de provas muito secundária. No entanto, admitia-os continuamente, se estivessem apenas ligados ao diabo. Observou que Cristo uma vez apareceu na terra visivelmente, mostrou a Sua glória e, de acordo com o propósito divino de Deus, terminou a obra de redenção e a libertação da humanidade.

Não desejo que Ele venha mais uma vez da mesma maneira, nem que me envie um anjo. Acrescentou que não desejava visões ou revelações. E aqui temos essa ideia errada adotada tão geralmente pelo protestantismo, e que provou ser, de facto, um erro mortalíssimo, nomeadamente, que milagres e revelações uma vez feitos serviriam para sempre. Que a evidência dada numa época servirá para uma época muito distante. O tempo mostrou a falácia desta ideia. Mostrou que a evidência, como todas as outras coisas na terra, desgasta-se e perde a sua vida. É precisamente neste terreno que o materialismo erróneo do dia presente repousa.

A evidência dos milagres antigos está tão distante que as pessoas negam que alguma vez existiu, e nada senão novos milagres, esses milagres que Cristo prometeu até ao fim do mundo, e que teriam sido o companheiro constante da igreja, se os homens tivessem retido a sua fé, pode renovar essa fé. Mas mais sobre isso daqui a pouco.

Lutero, no entanto, foi forçado a admitir que os anjos estavam a vigiar e a proteger; mas desejava que os seus seguidores não se preocupassem com a maneira como isso era feito: Deus tendo-o dito, era certo. Os anjos, disse ele, estão todos em armas, estão a vestir as suas armaduras e a cingir as suas espadas. Não desejando dons exteriores de milagres para si mesmo, acrescentou, contudo: Não, no entanto, que eu derrogue os dons dos outros, se por acaso a alguém, além das Escrituras, Deus revelar algo por sonhos, por visões ou por anjos. Além disso, acreditava firmemente que foi incitado ao seu ataque ao Papado por inspiração divina direta, e muitas vezes falava coisas profeticamente sobre Carlos V., sobre os assuntos da Alemanha e do protestantismo, e disse: Estou certamente de opinião de que falo estas coisas no Espírito.

Acreditando, então, em inspiração espiritual direta, na probabilidade de que espíritos, visões e anjos pudessem aparecer a outros, porque é que Lutero não desejava que eles lhe aparecessem a ele? Foi porque este homem de coração robusto, que não temia o diabo, como demasiados de hoje, tinha medo do ridículo e da crítica. Confessou que, se Deus lhe desse a graça de operar milagres, os papistas diriam imediatamente que o diabo os fazia por ele. Tinha ridicularizado tão amargamente e insultado tão de coração os católicos pelos seus milagres fabricados, que agora tinha medo de ter o poder de operar verdadeiros, para que não retaliassem. Temos um exemplo notável disso dado por Seckendorf no seu Comment. de Lutheranismo.

Certas pessoas trouxeram a Lutero uma rapariga de dezoito anos, dita possuída pelo diabo. Ora, Lutero acreditava firmemente na possessão, mas tinha medo de usar o exorcismo pela razão acabada de dar. Diz ele: Os homens são possuídos de duas maneiras, corporalmente e espiritualmente. Os possuídos corporalmente são loucos, a quem ele tem permissão para vexar e agitar, mas não tem poder sobre as suas almas. Os ímpios, que perseguem a verdade divina, são possuídos espiritualmente. Homens como Anás, Caifás, Juliano o Apóstata; o papa, os seus cardeais, bispos e padres que perseguiam o protestantismo, acreditava que eram possuídos espiritualmente, e não seriam libertados por quaisquer meios humanos. Tinha também a noção de que não podemos expulsar demónios com certas cerimónias e palavras como Jesus Cristo, os profetas e os apóstolos fizeram. Tudo o que podemos fazer é, em nome de Jesus Cristo, orar ao Senhor Deus, pela Sua infinita misericórdia, para libertar as pessoas possuídas.

E acrescenta que, se isso for feito com fé, será eficaz. Mas não podemos de nós mesmos expulsar os espíritos malignos, nem devemos sequer tentar. Nestes comentários, o grande Reformador, no que diz respeito aos apóstolos, faz uma distinção sem diferença; pois os apóstolos foram assegurados por Cristo de que os demónios não saíam sem oração e jejum. Os apóstolos nunca pretenderam expulsar demónios por si mesmos, mas pelo poder conferido de Deus. Mas Lutero estava, sem dúvida, a pensar nas formas verbosas de exorcismo empregadas pelos romanistas.

A jovem rapariga em questão sendo trazida perante ele, ordenou-lhe que repetisse o Credo dos Apóstolos, mas ela parou no nome de Jesus Cristo e não o pôde pronunciar. Sobre isso, Lutero disse: Conheço-te, Satanás; queres que se comece o exorcismo com grande ostentação; mas não farei tal coisa. No dia seguinte, ela foi trazida para a igreja enquanto Lutero pregava, e após o serviço para uma pequena capela. Foi atirada ao chão em convulsões, e Lutero pousou a mão na sua cabeça, e repetiu sobre ela o

Credo, o Pai-Nosso e as palavras de João: Aquele que crê em mim, as obras que eu faço ele também as fará, e maiores obras do que estas fará.

Estas palavras, pensar-se-ia, poderiam ter inspirado Lutero com uma fé mais ousada no poder delegado de Cristo; e se o tivessem feito, teria salvo o protestantismo de uma perda terrível de potência divina, e de um longo reinado escuro de esterilidade racionalista. No entanto, orou a Deus com o resto dos ministros da igreja, para que por amor de Cristo expulsasse o diabo da rapariga. Tocou-lhe então com o pé, dizendo: Diabo orgulhoso, queres de facto que eu proceda agora contra ti com grande ostentação, mas não farei tal coisa. Conheço que a tua cabeça está esmagada, e que jazes prostrado aos pés do nosso Senhor Jesus Cristo! Depois afastou-se, e a rapariga foi levada para casa dos seus amigos, que depois escreveram que ela não foi mais atormentada pelo espírito.

Noutra ocasião em Eisenach, uma mulher era vítima de horríveis convulsões, das quais nenhum médico a podia curar; pois, diz Lutero no seu Tischreden, era obra direta do diabo. As suas mãos e pés estavam dobrados na forma de chifres, a sua língua estava seca e áspera, e o seu corpo muito inchado. Lutero visitou-a e disse: Deus te repreenda, Satanás, e te ordene que sofras que esta, Sua criatura divina, esteja em paz. Orava então pela sua libertação do demónio, e a mulher disse: Ámen. Nessa noite, pela primeira vez em longo período, desfrutou de um sono refrescante, e acordou de manhã perfeitamente bem.

Assim, é claro que Lutero era um espiritualista genuíno, não ignorando o lado divino dele, como o nosso clero e literatos fazem agora, mas apenas com medo de se lançar ousadamente na sua prática por temor desse espantalho, a crítica. A sua esposa ocasionalmente via visões, e Lutero acreditava plenamente nelas. Na noite anterior à morte da sua filha Madalena, que morreu aos catorze anos, Madame Lutero num sonho viu dois belos jovens virem ter com ela e pedirem a sua filha em casamento. Ao contar o sonho a Melâncton de manhã, ele disse que os jovens eram os anjos vindo levar a querida virgem aos verdadeiros nupciais do reino celestial. Madalena morreu nessa tarde. Lutero também tinha as suas próprias visões.

Diz que, numa ocasião, viu dois sinais no céu. Um era o arco do céu repousando sem qualquer suporte visível; e os homens de hoje, disse ele, tentavam em vão descobrir onde estavam os suportes, e agarrá-los com as mãos, se pudessem: mas sentia uma convicção de que nunca seriam capazes de o fazer. Depois viu debaixo de si uma ponte arco-íris sustentando os céus, e viu que Deus podia fazer mesmo uma linha aérea ligeira cumprir a Sua vontade e sustentar todo o firmamento se necessário.

Noutra ocasião, diz: Na última Sexta-Feira Santa, estando na minha câmara em oração fervorosa, contemplando comigo mesmo como Cristo meu Salvador na cruz sofreu e morreu pelos meus pecados, apareceu de repente na parede uma visão brilhante do nosso Salvador Cristo, com as cinco chagas, olhando fixamente para mim, como se fosse o próprio Cristo corporalmente.

À primeira vista, pensei que era alguma visão celestial, mas refleti que devia ser uma ilusão e malabarismo do diabo, pois Cristo aparece-nos na Sua palavra, e numa forma mais humilde e modesta; por isso, falei à visão assim: Evita-te, diabo maldito! Não conheço outro Cristo senão Aquele que foi crucificado, e que na Sua palavra nos é pintado e apresentado. Por isso, a imagem desapareceu, mostrando claramente de onde veio.

É bastante aparente que Lutero estava tão possuído da ideia do diabo que, se Cristo lhe tivesse aparecido, como fez a S. Paulo, ou a S. João nas Revelações, teria dito: Afasta-te, Satanás! e perdido o benefício da visão. Este era o lado fraco de Lutero. O diabo, imaginava ele, estava tão furioso com a sua guerra ao Papado, que o assombrava dia e noite de uma maneira mais vingativa. No Tischreden ou Tischreden de Lutero, escrito e publicado pelos seus amigos, temos algumas dezenas de páginas relatando as aparições pessoais do diabo a Lutero, e das suas conversas com ele, e as desobediências do Reformador contra ele. Lutero via diabos em tudo. Via-os em tempestades, em doenças, em calamidades.

Muitos diabos estão nos bosques, nas águas, nos desertos, e em lugares escuros e pantanosos, prontos a ferir e prejudicar as pessoas; alguns estão também nas nuvens espessas e negras, que causam granizo, relâmpagos e trovões, e envenenam o ar, os pastos e os terrenos. Quando estas coisas acontecem, então os filósofos dizem que é natural, atribuindo-o aos planetas, e mostrando, não sei que razões para tais infortúnios e pragas que se seguem.

Vejo-o ali, não muito longe, soprando as bochechas até ficarem todas vermelhas, soprando, e soprando, e soprando contra a luz: furioso, louco; mas o nosso Senhor Jesus Cristo, que, no início, lhe deu um bom golpe na sua bochecha inchada, ainda o combate vigorosamente, e combatê-lo-á até ao fim das coisas. Um dia, quando havia uma grande tempestade fora, Lutero disse: É o diabo que faz isto; os ventos não são nada senão espíritos bons ou maus. Ouvi como o diabo está a soprar e a bufar! (Tischreden, 219.)

O diabo atormenta os trabalhadores nas minas, e muitas vezes faz-lhes pensar que encontraram novas veias, e eles trabalham e trabalham, e resulta tudo uma ilusão. Lutero pegando numa lagarta, disse: É um

emblema do diabo no seu andar rastejante, e ostenta as suas cores na sua tonalidade mutável. Sustento, disse ele, que Satanás produz todas as maleitas que afligem a humanidade, pois ele é o príncipe da morte. Tinha crença absoluta na realidade da bruxaria. A bruxaria é o trabalho próprio do diabo, com o qual, quando Deus permite, não só fere as pessoas, mas as destrói; pois neste mundo somos como hóspedes e estranhos, corpo e alma lançados sob o diabo.

Ele é deus deste mundo, etc. Idiotas, coxos, cegos, mudos, são homens em quem demónios ignorantes se estabeleceram; e todos os médicos que tentam curar estas enfermidades, como se procedessem de causas naturais, são ignorantes cabeças-duras, que nada sabem sobre o poder do demónio. Em muitos países há lugares particulares para os quais os diabos recorrem especialmente. Na Prússia há um número infinito de espíritos malignos. Na Suíça, numa alta montanha, não longe de Lucerna, há um lago que chamam Lago de Pilatos, que o diabo fixou como uma das principais residências dos seus espíritos malignos, e estão lá em números terríveis. Em Poltersberg, há um lago similarmente amaldiçoado.

Se atirares uma pedra para dentro dele, surge imediatamente uma tempestade medonha, e todo o distrito vizinho treme até ao centro. São os diabos mantidos aí prisioneiros, que ocasionam isto (Tischreden, 212). Lutero atribuía atos diretos de violência e rapto aos diabos. Satanás uma vez tentou matar o nosso prior, atirando-lhe uma peça de parede em cima, mas Deus salvou-o milagrosamente. Em Sassen, o diabo levou, na última Sexta-Feira Santa, três palafreneiros que se tinham dedicado impudentemente a ele. etc. etc.

Agora ninguém nos dias de hoje precisa de ser dito que Lutero atribuía ao diabo em muitas ocasiões as simples operações da natureza, e ninguém é chamado a acreditar que o diabo atirava paredes, provavelmente podres pelo tempo, ou voava com palafreneiros ímpios. O facto era que a abertura de Lutero às influências espirituais foi tornada unilateral pelo seu horror de ser acusado pelos papistas de fazer os milagres sagrados, que neles ele tinha atribuído a diabolismo ou truque. Todo o peso do seu espiritualismo foi assim lançado para o lado demoníaco, e nesse lado tornou-se exagerado. Via diabos onde estavam tão frequentemente, que por fim via-os em aparências e causas onde não estavam.

É um dos maiores avisos contra rejeitar fenómenos por preconceito, e não pesar bem ambos os lados, e assim chegar a um conhecimento bem equilibrado das coisas. Fechando a mente ao lado justo do espiritualismo, abriu-a não só ao mal palpável perto dele, mas ao vago e escuro para além.

Havia, sem dúvida, na experiência de Lutero, uma mistura do real e do irreal, o irreal surgindo desta unilateralidade fixa.

As aparições pessoais palpáveis do diabo a Lutero estão entre as passagens mais curiosas da sua vida. Toda a gente está familiarizada com o facto de ele atirar o tinteiro à cabeça do diabo enquanto interrompia a sua tradução da Bíblia no castelo de Wartburg, e muitos, como eu, viram a marca reputada na parede. A maneira matter-of-fact em que relata estas ocorrências é divertida. Quando, em 1521, ao deixar Worms, fui feito prisioneiro perto de Eisenach, e conduzido ao meu Patmos, o castelo de Wartburg, morei longe do mundo na minha câmara, e ninguém podia vir ter comigo, senão dois jovens, filhos de nobres, que me serviam as refeições duas vezes por dia. Entre outras coisas, tinham-me trazido um saco de nozes, que pus numa arca na minha sala de estar.

Uma noite, após me ter retirado para a minha câmara, que ficava ao lado da sala de estar, ter apagado a luz e entrado na cama, pareceu-me de repente que as nozes se tinham posto em movimento, e saltando no saco, e batendo violentamente umas contra as outras, vinham para o lado da minha cama para fazer ruídos contra mim. No entanto, isto não me fez mal, e adormeci. Pouco depois fui acordado por um grande ruído nas escadas, que soava como se alguém estivesse a atirar cem barris uns atrás dos outros escada abaixo. No entanto, sabia muito bem que a porta no fundo das escadas estava trancada com correntes, e que a porta em si era de ferro, de modo que ninguém podia entrar.

Levantei-me imediatamente para ver o que era, exclamando: És tu? Pois bem, que assim seja! (querendo dizer o diabo) e recomendei-me ao nosso Senhor Jesus Cristo, e voltei para a cama. A mulher de John Berblibs veio a Eisenach. Suspeitava onde eu estava, e insistiu em ver-me; mas a coisa era impossível. Para a satisfazer, removeram-me para outra parte do castelo, e permitiram-lhe dormir no apartamento que eu ocupara. Durante a noite, ouviu tal alvoroço que pensou que havia mil diabos no lugar (Tischreden, 208).

Uma vez, diz ele, no nosso mosteiro em Wittenberg, ouvi distintamente o diabo fazendo ruído. Estava a começar a ler os Salmos, após ter celebrado matinas, quando interrompendo os meus estudos, o diabo veio à minha cela, e aí fez ruído atrás do fogão, como se estivesse a arrastar alguma medida de madeira pelo chão. Como descobri que ia começar de novo, reuni os meus livros e entrei na cama. Outra vez durante a noite, ouvi-o acima da minha cela, caminhando no claustro, mas como sabia que era o diabo, não lhe prestei atenção, e adormeci.

É muito certo, diz Lutero, que quanto a todas as pessoas que se enforcaram ou se mataram de qualquer outra maneira, é o diabo que lhes pôs a corda ao pescoço, ou a faca à garganta. Se pudéssemos ver para quantos anjos um diabo dá trabalho, desesperaríamos. Há, segundo Lutero, três coisas de que tem medo, o ridículo, a palavra de Deus e os cânticos sagrados. Diz que muitas vezes o fez fugir chamando-lhe Santo Satanás! e dizendo-lhe que, se o sangue de Cristo derramado pelo homem não for suficiente, era melhor que orasse por nós.

As nossas canções e salmos vexam-no e entristecem-no muito. No entanto, Lutero tinha a ideia mais profunda do intelecto do diabo e do poder de razão. O diabo, é verdade, não é exatamente um doutor que tirou os seus graus, mas é muito erudito, muito perito apesar de tudo. Não tem andado no seu negócio durante milhares de anos por nada (Tischreden, 224). Conheço o diabo perfeitamente bem; tem-me pressionado tantas vezes que mal sabia se estava vivo ou morto. Às vezes, atirou-me a tal desespero que nem sabia que havia um Deus, e tinha grandes dúvidas sobre o nosso querido Senhor Cristo. Mas a palavra de Deus restaurou-me rapidamente (Tischreden, 12).

É maravilhoso, diz Bossuet, ver como gravemente e vividamente descreve o diabo vindo ter com ele a meio da noite, e acordando-o para disputar com ele: como descreve de perto o medo que o tomou; a transpiração que o cobriu; o seu tremor, o sentimento horrível do seu coração durante a disputa; os argumentos prementes do diabo, não deixando repouso à sua mente; o som da voz poderosa do maligno, e o seu método avassalador de disputa, onde pergunta e resposta vinham imediatamente uma sobre a outra. Senti, conta-vos ele, senti como é que as pessoas muitas vezes morrem subitamente para o amanhecer. É que o diabo pode vir e estrangular os homens, se não com as suas garras, pelo menos com os seus argumentos prementes (Variations de l'Eglise, ii. 206).

O caso imediatamente referido é o grande argumento dado por Lutero no seu tratado De Missa Privatâ et Unctione Sacerdotum, e citado longamente na Vie de Martin Luther de Audin. Lutero, segundo este famoso colóquio, tinha celebrado missa privada quase todos os dias durante quinze anos. O diabo, como Lutero supunha que o espírito era, começou por lançar uma dúvida se a hóstia e o vinho eram realmente o corpo e o sangue de Cristo, e se não tinha todo esse tempo estado a adorar meramente pão e vinho. Censurou-o por colocar a Virgem Maria e os santos antes de Cristo, e assim degradando e desonrando Cristo.

Em segundo lugar, por ter abusado da instituição da missa usando-a privadamente, contrário ao seu propósito ordenado, e assim cometido sacrilégio como sacerdote consagrado. Apoioava os seus argumentos pelas

referências mais apropriadas às Escrituras. Repreendeu-o por privar o povo do sacramento, tomando os elementos apenas ele mesmo; ao passo que era claro que Cristo pretendia que todos os Seus seguidores participassem do Seu sacramento. Pôs em questão a sua própria consagração como sacerdote, por ter feito contrário à instituição de Cristo, e, dizendo-lhe que, nesse caso, tinha celebrado missa sem devida autoridade, e ao mesmo tempo retido o sacramento do povo.

Censurou-o como ímpio por esta conta; que na missa faltava o fim, o desígnio, o fruto, os usos para os quais Jesus Cristo estabeleceu o sacramento — que devia ser comido e bebido por todo o rebanho. Que não era aí que Jesus Cristo era Ele mesmo tomado no sacramento, mas que não era pretendido que um sacerdote tomasse o sacramento ele mesmo, mas o tomasse com toda a igreja. Com estes e muitos outros argumentos, o espírito pressionou o assunto sobre Lutero, atirou-o à mais profunda aflição, e convenceu-o tão completamente da pecaminosidade das missas privadas, que nunca mais as praticou.

E aqui podemos perguntar se este poderoso espírito era, como Lutero supunha, o diabo, ou um diabo? É provável que o diabo, se Lutero estivesse na prática de uma iniquidade, viesse e o raciocinasse para fora dela? Todos os argumentos do espírito são sãos e escriturais, e convencem o Reformador. É essa a linguagem ou o objeto de um diabo? Pelo contrário, toda a cena, e todos os sentimentos, vão provar que o espírito era um grande bem como um espírito poderoso; mas que Lutero, do seu capricho de que todos os espíritos que lhe apareciam eram diabos, não podia acreditar em nada mais.

Muitos leitores, no entanto, moverão a questão anterior, e duvidarão se Lutero realmente viu e conversou com espíritos; se não estaria sob uma mera ilusão da sua imaginação excitada. Nesse ponto, eu próprio teria duvidado também, se não tivesse visto tantas coisas de natureza semelhante nos últimos anos, e isso apenas em comum com alguns milhões de pessoas. Lutero, sem dúvida, era um grande e aberto médium. Isso era essencial à sua grande missão. Chamar a um homem um grande reformador religioso é o mesmo que chamá-lo um grande médium espiritual.

Sem esta mediunidade, esta comunicação, íntima e duradoura, com o mundo espiritual, com o Espírito Santo e os Seus santos anjos, um homem não pode reformar nada; é uma coisa morta, e não pode emitir nova vida e sentimento ao mundo. Que Lutero viu e conversou com espíritos, bons e maus, não pode haver dúvida; mas pode haver tão pouca dúvida de que recebeu histórias de tais coisas de outras pessoas com demasiada credulidade. Tão pouca dúvida pode haver de que o seu horror de cair nas

práticas que condenara nos romanistas usurpara tão completamente a sua mente que para ele todos os espíritos que vinham eram diabos para a sua imaginação, embora eles, como no caso da missa, o acusassem de erro, e o convertessem à verdade. Mas se Lutero, coração de carvalho como era, não podia ver em espíritos manifestando-se a ele nada senão demónios, era um espiritualista completo, não só numa fé mais positiva neles, mas também no poder dos ministros cristãos para os expulsar, na verdade da bruxaria, e na inspiração sensível do Espírito Santo nos verdadeiros pregadores do evangelho.

Os seus contemporâneos e coadjutores, se não tinham convicções mais vigorosas do que ele em agências espirituais, tinham uma fé mais equilibradamente equilibrada nelas. Melâncton, como vimos, acreditava no sonho de Madame Lutero dos anjos vindo pela alma da sua filha. Mostrou a sua crença firme em interposições angélicas em várias outras ocasiões. Relata um caso em que foi testemunha ocular. Um homem erudito e santo, chamado Simon Grynæus, indo de Heidelberg para Speir, desejava ouvir um certo pregador nessa cidade, que, no seu sermão, deixou cair algumas proposições erróneas de doutrina papista, muito depreciativas da majestade e verdade do Filho de Deus; com o que Grynæus, não pouco ofendido, pediu conferência rápida com o pregador, e, expondo-lhe a falsidade e o perigo das suas doutrinas, exortou-o ao abandono destas opiniões erradas. O pregador deu boas palavras e boa aparência a Grynæus, e desejando conferência mais distante e particular com ele, cada um transmitiu ao outro os seus nomes e alojamentos.

Grynæus, ao regressar aos seus alojamentos, relatou a conferência àqueles que estavam à mesa com ele — Melâncton era um. Presentemente, Melâncton foi chamado para fora da sala para falar com um estranho, que acabara de chegar. Um homem grave idoso de boa aparência, e ricamente ataviado, à maneira de um amigo, disse-lhe que dentro de uma hora viriam certos oficiais como do Rei dos Romanos, para prender Grynæus, e levá-lo para a prisão: desejando que Melâncton ordenasse a Grynæus com toda a velocidade possível que fugisse de Speir.

Dito isto, o velho desapareceu da sua vista. Melâncton regressou aos seus companheiros, e relatou-lhes o que vira e ouvira. Apressou a partida de Grynæus, que mal se tinha embarcado no Reno, quando foi ansiosamente procurado nos seus alojamentos por oficiais romanos. Este digno divino, como é denominado pelo Bispo Hall, no seu Comentário sobre Daniel, relata estes factos, e reconhece a providência de Deus em enviar o Seu anjo para resgatar o Seu súbdito fiel.

É relatado por Leckendoye, com autoridade de Solomon Glasse, Superintendente-geral de Gotha, que Melâncton foi chamado da beira da morte pelas orações de Lutero. Lutero chegou, e encontrou Filipe prestes a dar o último suspiro. Os seus olhos estavam fixos, a sua compreensão quase desaparecida, a sua fala falhara, e também a audição; o seu rosto caíra; não conhecia ninguém, e cessara de tomar sólidos ou líquidos. Diante deste espetáculo, Lutero enche-se da maior consternação, virando-se para a janela, invocou devotissimamente a Deus. Depois disto, tomando a mão de Filipe, e sabendo bem qual era a ansiedade do seu coração e consciência, disse: Tem bom ânimo, Filipe; não morrerás.

Enquanto ele profere estas coisas, Filipe começa, por assim dizer, a reviver e a respirar, e, recuperando gradualmente as forças, é por fim restaurado à saúde.' Melanchthon, escrevendo a um amigo, disse: 'Eu teria sido um homem morto, se não tivesse sido chamado de volta da morte pela vinda de Lutero.' Uma detenção semelhante na vida de Myconius pelas orações de Lutero está registada, e que seis anos depois Myconius, estando novamente à beira da morte, enviou uma mensagem a Lutero pedindo-lhe desta vez para não o deter com as suas orações. Melanchthon reconhece plenamente a realidade das aparições e menciona um caso ocorrido na sua própria família. Diz que a irmã do seu pai apareceu ao marido depois da morte e conjurou-o seriamente a orar por ela.

João Calvino não era de um temperamento para imaginar coisas infundadas ou meramente etéreas. A sua mente severa, empenhada em estabelecer as doutrinas mais severas mesmo pela aplicação do fogo a teólogos recalcitrantes, como no caso de Servet, não era uma que originasse ou se deleitasse em sonhos de meras fantasias espirituais, no entanto Beza, que o conhecia melhor do que ninguém, sendo o seu colega em Genebra, tanto na igreja como na universidade, diz-nos que ele considerava as maravilhas satânicas como sobrenaturais e reais, não meras ilusões.' Diz que ele tinha um genuíno espírito de profecia e previu eventos que se cumpriram integralmente. Tinha o ouvido espiritual aberto para ouvir sons bastante além do alcance do sentido exterior. 'Uma coisa,' diz Beza, 'não deve ser omitida.

Em 19 de dezembro de 1562, Calvino, deitado na cama doente de gota, sendo o dia de Sabbath, e o vento norte tendo soprado fortemente durante dois dias, disse a muitos que estavam presentes: "Verdadeiramente, não sei o que se passa, mas pensei esta noite que ouvi tambores de guerra batendo muito alto, e não me consegui convencer de que era assim. Vamos, portanto, à oração; pois certamente algum grande negócio está em curso." E nesse dia foi travada uma grande batalha entre os guisianos e os protestantes, não longe de Paris, notícias das quais chegaram a Genebra

dentro de um ou dois dias.' Para evidência abundante de tipo semelhante, veja 'Histoire de la Vie, &c., de Calvin' de Audin e 'Leben Johann Calvins' do Dr. Paul Henry.

Quanto ao próprio Beza, ele dá-nos a sua opinião sobre estes assuntos: De acordo com o julgamento justo de Deus, concede liberdade ao espírito, não é difícil para os espíritos malignos usar mal um cadáver; e para o propósito de enganar alguém, falar nele, exatamente como usa as línguas de demónios vivos. Assim também ocorre frequentemente em histórias profanas que brutos, e até ídolos, falaram; o que, na verdade, não deve ser rejeitado como falso.' E nas suas Notas ao Novo Testamento (Mateus iv. 24), diz: 'Não faltam pessoas para quem demónio ou diabo não significa nada mais do que loucura; isto é, uma doença natural, e uma que pode ser curada pela física. Tais pessoas, no entanto, são refutadas tanto por histórias sagradas como profanas, e pela experiência frequente.'

Wolfgang Musculus, um dos mais firmes reformadores continentais, originalmente um monge de Lorraine, mas depois professor de divindade em Berna, e um grande discípulo de Lutero, nos seus Comentários às Escrituras, mantém o caráter espiritual do cristianismo inabalavelmente. Falando de demónios, diz: 'Estes espíritos malignos espreitam em estátuas e imagens, inspiram adivinhos, compõem oráculos, influenciam o voo das aves, perturbam a vida, inquietam o sono, distorcem os membros, quebram a saúde, atormentam com doenças.' De facto, ele acreditava tanto nas histórias de todas as nações gentias como nas dos judeus e do cristianismo também.

Aproximando-nos mais de casa e abrindo a vida do grande Reformador da Escócia, encontramos o mais severo de todos os religionistas severos, João Knox, afirmando: 'Não ouso negar, para não ser injurioso ao doador, que Deus me revelou segredos desconhecidos ao mundo; sim, certas grandes revelações de mutações e mudanças onde não se temia tais coisas, nem ainda apareciam. Não obstante estas revelações, abstive-me de cometer qualquer coisa por escrito, contente apenas por ter obedecido à ordem Daquele que me mandou clamar.' O 'Truth-seeker', no 'Spiritual Telegraph', chamou a nossa atenção para a seguinte passagem na 'Life of Knox' de McCrie: 'Não se pode negar que os contemporâneos de João Knox consideravam estas revelações como procedentes de um espírito profético, e atestaram que receberam um cumprimento exato.

A maneira mais fácil de sair deste delicado assunto é descartá-lo de uma vez e sumariamente pronunciar que todas as pretensões a premonições extraordinárias, desde a conclusão do cânone da inspiração, são injustificadas, e que devem, sem exame, ser descartadas e tratadas como

fantasiosas e visionárias. Mas duvido muito se este modo de determinar a questão faria justiça ao assunto. Um inquiridor prudente não estará disposto a reconhecer como preternatural tudo o que outrora foi considerado nessa luz, e estará em guarda contra as ilusões da imaginação quanto às impressões que podem ser feitas na sua própria mente.

Mas, por outro lado, há perigo de cair no ceticismo e de estabelecer princípios gerais que podem levar-nos obstinadamente a contestar a verdade dos factos melhor autenticados e a limitar as operações da providência divina. Que houve instâncias de pessoas terem tido pressentimentos quanto a eventos que depois aconteceram a si próprias e a outros, há, penso, a melhor razão para acreditar. Os esprits forts que riem da credulidade vulgar e exercem a sua engenhosidade em explicar tais fenómenos por princípios ordinários, ficaram extremamente perplexos com alguns destes factos – muito mais perplexos do que confessaram – e as soluções que deram, em alguns casos, são tão misteriosas como qualquer coisa incluída na intervenção de espíritos inferiores ou em intimações preternaturais e divinas.'

Estas passagens nos reformadores e teólogos escoceses são muito importantes. Mostram-nos que o modo fácil de afastar toda a crença em fenómenos espirituais modernos – o de aceitar como facto, mesmo contra as pilhas mais enormes de evidência, que os milagres cessaram com a era apostólica e fizeram o trabalho da credulidade cristã para sempre – tinha sido aplicado a estas cabeças colossais e lógicas do Norte Britânico, e falhara em impressioná-las. Com a cautela natural dos escoceses, estavam prontos a pesar e examinar escrupulosamente todas as coisas extraordinárias apresentadas à sua atenção, mas não estavam prontos a atirar ao vento a solene garantia do homem mais capaz e consciencioso, o líder e remodelador da sua era, ao pedido de cada cético superficial.

João Knox, não poupando nenhum costume, nenhum preconceito, nenhuma obra do homem que julgasse não baseada na verdade ou na sabedoria, que derrubou torres como derrubou encenações papistas, no entanto poupou os factos e intimações que lhe vieram como vieram aos profetas e mártires antes dele; e não só assumiu ousadamente a inspiração no seu próprio caso, mas no caso do seu predecessor George Wishart e de outros. 'Órtodoxos, órtodoxos, que acreditam em João Knox,' diz o agudo Truth-seeker, 'e todos os outros a quem possa concernir, ponham estas palavras no coração e ponderem-nas bem.'

Knox, diz o Sr. Boys, nas suas 'Proofs of the Miraculous Faith and Experience of the Church of Christ in all Ages', proferiu predições tão particulares nos seus detalhes, e mesmo em relação a pessoas particulares,

que não podiam ser resolvidas em nenhum princípio em meras inferências ou prognósticos sagazes. Disto o Sr. Boys dá várias instâncias, adicionando que Knox declarou que Wishart, Grindal e outros homens piedosos entre os reformadores falavam por revelações especiais coisas que iriam acontecer. Afirmou também que mesmo aquele 'príncipe cego, Jaime da Escócia, teve certas visões espirituais que 'homens de bom crédito ainda podem reportar.' As seguintes passagens na história de Knox, também trazidas pelo Truth-seeker, são extremamente impressionantes e marcantes: -

Enquanto George Wishart estava tão ocupado com o seu Deus na pregação e meditação, o Cardeal (Beatoun) traçou um plano secreto. Fez escrever-lhe uma carta, como se tivesse sido do seu amigo mais familiar, o Laird de Kinnye, desejando-lhe com toda a diligência possível que viesse até ele, pois fora atingido por uma doença súbita. Entretanto, o traidor providenciara sessenta homens com jaquetas e lanças, para ficar de emboscada a uma milha e meia da cidade de Montrois para o seu despacho. A carta chegando às suas mãos, ele apressou-se no início, pois o rapaz trouxera um cavalo, e assim com alguns homens honestos passou para fora da cidade. Mas de repente parou e, movendo-se um espaço, regressou; ao que eles se admirando, disse: "Não irei, sou proibido por Deus, estou assegurado de que há traição. Deixai alguns de vós irem àquele lugar e dizerem-me o que encontram." Feita a diligência, encontraram a traição como era; o que sendo mostrado com expedição ao Sr. George, ele observou: "Sei que acabarei a minha vida nas mãos daquele homem sedento de sangue; mas não será desta maneira."

Subsequentemente Wishart foi apreendido e morto pelas maquinações do seu inimigo, o cardeal, de acordo com a sua própria profecia. O cardeal esteve presente na morte do mártir, repousando preguiçosamente, com outros prelados, em ricas almofadas, postas para a sua acomodação na janela de uma torre, de onde a execução podia ser vista. A seguinte é a narrativa disso da "Biographia Scotiana": "Sendo levantado dos joelhos, foi amarrado ao poste, clamando com voz alta: 'Ó Salvador do mundo, tem misericórdia de mim! Pai do Céu, recomendo o meu espírito nas Tuas santas mãos.'

Sobre o que o executor acendeu o fogo, e a pólvora que estava presa ao seu corpo explodiu. O capitão do castelo, percebendo que ainda estava vivo, aproximou-se e pediu-lhe que tivesse boa coragem; ao que o Sr. Wishart disse: 'Esta chama alcançou o meu corpo, mas não amedrontou o meu espírito; mas aquele que dali me contempla com tal orgulho, dentro de poucos dias jazerá no mesmo de modo tão ignominioso como agora é visto repousar orgulhosamente.'"

'Algumas semanas depois disto o castelo foi surpreendido, e o cardeal morto, e o seu corpo foi suspenso da janela de onde testemunhara o martírio de Wishart, cuja predição foi assim cumprida.'

Assim os chefes principais do protestantismo no estrangeiro, e mesmo na Escócia, embora protestando contra as corrupções e o abuso da doutrina do sobrenatural por Roma, parecem longe de terem abandonado a sua fé nele, e ainda se encontravam a exercer o espírito de profecia, o espírito de exorcismo, e a receber inspiração continuada da Cabeça Divina da igreja cristã.

CAPÍTULO VI

O SOBRENATURAL E A IGREJA DE INGLATERRA

Uma certa classe adere firmemente aos artigos de fé da Igreja Protestante, e enquanto acreditam em todas as aparições do mundo invisível que são relatadas na Bíblia, rejeitam tudo desta natureza subsequente aos tempos dos Apóstolos; e quando factos inegáveis são aduzidos, atribuem-nos a uma ilusão de Satanás e dos seus anjos, em vez de detratarem qualquer coisa do seu sistema.

Pneumatologia de Stilling, Introdução, p. 3.

Ich bin der Geist der stets verneint.
Eu sou o espírito que sempre nega.

Mefistófeles em Fausto.

Agora aparece claramente à luz de Cristo, que o homem da terra perdeu totalmente o seu instinto divino, o seu conhecimento sensível e sensível da Divindade, bem como o da sua própria humanidade natural; vivendo unicamente para a vã imaginação da sua razão natural. –

Hiel, antigo escritor alemão.

Este desprezo prévio ao exame é um vício intelectual, do qual as maiores faculdades da mente não estão livres. Não sei, na verdade, se os homens das maiores faculdades não são os mais sujeitos a ele.

Evidências de Paley, p. 357.

Do que precedeu, aparece que os grandes atores na Reforma em todos os outros países, embora protestando contra os abusos da doutrina do sobrenatural na igreja, não pretenderam negar a sua existência. Coube à Igreja de Inglaterra dar este passo em oposição à evidência universal e à prática do homem em todos os países e em todos os tempos. Assumiu o

caráter que Goethe conferiu a Mefistófeles, o do espírito que para sempre nega. Foi um ato tão oposto a toda a filosofia como a toda a história.

Destruir a fé no intercâmbio perpétuo e sensível de espírito com espírito, quer no corpo quer fora do corpo, era dar a mentira a uma hoste de grandes e bons homens através de mil e quinhentos anos; minar todo o crédito histórico e entronizar esse materialismo sneering e impotente, que em consequência se espalhou pelo mundo e infetou toda a ciência, todo o sentimento, toda a religião com a podridão seca da alma, da qual o púlpito não se pode libertar mais do que a mera cadeira científica.

Fazemos maravilhas na descoberta material; não fazemos nenhuma em psicologia, porque mal acreditamos na alma. Ouvimos em sermões frases sonoras sobre as operações do Espírito Divino, e ainda ouvimos nas Homilias da Igreja de Inglaterra palavras como estas no Pentecostes: -

O Espírito Santo declara-Se sempre pelos Seus dons frutuosos e graciosos, nomeadamente pela palavra da sabedoria, pela palavra do conhecimento, que é o entendimento das Escrituras; pela fé ao fazer milagres, pela cura dos doentes, pela profecia, que é a distribuição dos mistérios de Deus; pelo discernimento de espíritos, diversidades de línguas, e assim por diante. Todos os quais dons, como procedem de um Espírito e são dados separadamente ao homem de acordo com a distribuição mensurável do Espírito Santo; mesmo assim levam os homens, e não sem boa causa, a uma admiração maravilhosa do poder de Deus.'

Avowais semelhantes são feitos na segunda parte desta Homilia e na Homilia para o Domingo de Rogation. Nas cópias antigas do Livro de Oração Comum não abreviado, anteriores a 1721, encontra-se um reconhecimento ainda mais distinto de dons milagrosos. Tais palavras, na verdade, encontram-se nesse livro: mas quando as vemos realizadas? Quando nos levam a esta admiração maravilhosa do poder de Deus?

Há quanto tempo estes milagres foram feitos pela igreja que professa crença neles no seu Livro de Oração Comum? Há quanto tempo os dons de cura foram exercidos apostolicamente pelos seus ministros? Há quanto tempo expulsaram espíritos malignos? Há quanto tempo profetizaram como uma função da fé cristã, ou praticaram o discernimento de espíritos? Nunca como igreja, na maioria destes departamentos, desde que foi uma igreja.

Como é isto então? Todas as outras ramas da igreja cristã, exceto o protestantismo, sempre fizeram e ainda fazem profissão de acreditar e praticar estes dons do Espírito Santo, mas a Igreja de Inglaterra, e a mesma mortidão passou por prestígio e contacto aos Dissidentes, teve um credo espiritual mas nenhuma prática espiritual desde que assumiu a posição de

igreja. Daí que os católicos sempre declararam que a fé protestante não é uma fé verdadeira; pois está desprovida do grande critério de Deus, a existência de milagre nela. Daí que os católicos sempre declararam que o protestantismo 'é apenas uma via escorregadia para o Deísmo, e o protestantismo provou demasiado plenamente a verdade da acusação.

Olhai para cima! Lançai os olhos ao largo sobre o protestantismo e contemplai os enxames de racionalistas que acreditam pouco, e de materialistas que nada acreditam! Vede clérigos que leem as Homilias sobre milagres e cura de doenças pela imposição de mãos apostólicas, e que escrevem em 'Essays and Reviews' para vos assegurar que pensam tudo isto disparate e impossível pela ordem natural fixa das coisas. Perguntai aos clérigos mais crentes quando leram tais palavras, assim que saírem das portas da igreja, se acreditam nelas, e sorrirão à vossa simplicidade. O quê então? É isto uma hoax nacional solene? Devemos aplicar ao anglicanismo o epíteto de uma sham majestosa e dispendiosa? E no entanto, entre a não-crença na vida sobrenatural atual e prática na igreja e esta fraseologia dura, onde está o refúgio?

Olhai ao largo ainda sobre milhões de protestantes, da Igreja e Dissidentes, que semanalmente tiraram o seu pábulo espiritual das despensas espirituais secas destes púlpitos; - estão vivos, ou são autómatos ambulantes de morais mortas e fé mais morta? Se acreditam na existência de milagres e no discernimento de espíritos e na cura de doenças por meios espirituais e nas revelações de mensagens espirituais dos mortos sagrados, porque perseguem ou sneeram aqueles cuja fé vital e credo isto é?

Olhai ainda para diante e contemplai os professores eruditos de artes e ciências com as almas todas encolhidas pelo processo exsiccante desta casa de secagem anglicana, e cujos olhares e palavras são da ordem mais pura de desinteressante, capites-mortuum homens - da terra, terrenos. No entanto, todos, ou muitos destes homens, professam acreditar no Evangelho e nas Homilias da igreja e pensam-se cognoscentes das exigências da lógica, e, no entanto, declaram positivamente no mundo a sua descrença em doutrinas fora da hora do serviço da igreja que afirmam solenemente nele. Tais são os crescimentos fungosos de sistemas que afirmam e negam alternadamente aos domingos e nos dias de semana.

Mas nesta profundidade de inconsistência há ainda uma profundidade mais baixa. A Igreja Inglesa retém nas suas fórmulas de culto vestígios vários da verdade evangélica de milagre; mas os seus bispos sistematicamente negaram o credo que foram nomeados para ensinar, e alguns deles, aos quais chegarei imediatamente, escreveram contra todo o milagre desde os dias dos apóstolos com um zelo e um sucesso que fizeram maravilhas de

desolação espiritual e forjaram as armas mais cortante do descrente. Desde os primeiros dias da Igreja Anglicana, os seus grandes dignitários e grandes escritores teológicos tomaram o máximo de que todos os milagres cessaram; e seguiram-se uns aos outros neste papagaio-rote com uma fidelidade mais maravilhosa e mais infiel.

E ao dizer isto, permita-se-me adicionar que é proferido sem espírito de hostilidade a estes prelados e outros escritores. Eram homens profundamente sinceros nas suas visões; muitos deles grandes e bons homens; homens prontos a dar as suas vidas pela sua fé, e alguns dos quais deram as suas vidas por ela. O seu erro nesta cabeça era, portanto, o mais a lamentar; e ao falar de tais homens e doutrinas, a clareza das nossas palavras deve ser desculpada pelos interesses sagrados da verdade.

O ARCEBISPO CRANMER, na própria fundação da Igreja Reformada Inglesa, tomou o grito da não-necessidade de milagre adicional. 'Alguns há agora que perguntam porque os homens não operam milagres agora?' E responde: 'Se fores fiel, como deves ser; se amares Cristo como Ele deve ser amado, não precisas de milagres, pois sinais são dados a descrentes, e não aos fiéis.'

Mas dizemos precisamente assim; e porque não são então dados sinais aos descrentes? Cristo deu-os aos descrentes do Seu tempo e assim fez crentes deles. Não foi enviado, disse Ele, aos que estavam sãos, mas aos que estavam doentes; e os doentes destes dias, os descrentes, pedem sinais, e porque não os hão de obter, como os descrentes de outrora? É Deus respeitador de pessoas? Mas Cranmer ainda não estava tão endurecido na crença não-milagre como os seus seguidores.

Tinha plena fé em milagres operados pelo diabo. Cita muito dos Pais - Lactâncio, Crisóstomo, Cirilo, Ireneu, Cipriano, Agostinho, Jerónimo, Scapulensis, etc. para mostrar o que fizeram entre eles e entre os pagãos, nos oráculos e ao realizar muitas maravilhas. Fantasmas também, diz, apareceram; mas pensa com Crisóstomo que as inumeráveis deceções do diabo trouxeram tanta fraude à vida do homem que, por essa causa, Deus fechou o caminho; nem permite que nenhum dos mortos venha novamente aqui para contar o que se faz lá, para que por esse meio ele traga todas as suas astúcias e subtilezas' ('Unwritten Verities', vol. iv. das Obras de Cranmer, p. 203).

Assim, diz, quando ouvis a alma de um homem morto clamar 'Sou a alma de tal um, não deveis acreditar que é a alma desse homem, mas de um diabo. No entanto, não nos diz porque Deus permitiria ao diabo enganar-nos, quando fantasmas não são permitidos fazê-lo. Depois relaxa um pouco

e, depois de nos dar alguns milagres papistas 'sham', dá-nos o que acredita serem 'reais'. 'Uma coisa estranha é ouvir das maravilhosas trances e visões da Senhora Ann Wentworth de Suffolk, que contou a muitos homens os segredos dos seus corações, que pensavam que nenhum homem lhes poderia ter dito, exceto Deus só. Cortou estômagos em pedaços e fê-los inteiros novamente, e causou que diversos homens que falaram contra as suas ilusões enlouquecessem completamente. Todas as quais coisas foram provadas e abertamente por ela confessadas como feitas por necromancia e engano do diabo.'

De tudo isto pareceria que Cranmer pensava que Deus cessara de operar milagres para convencer e salvar homens, mas que permitia ao diabo operá-los para enganar e destruir homens. No entanto, como outros dos nossos antigos divinos, deve ter tido melhores noções quando saiu das suas dogmas eclesiásticas; pois numa carta escrita da Áustria a Henrique VIII, fala de ter visto uma grande estrela flamejante, chamada cometa. Isto foi em outubro de 1532. Outros, diz, relatam terem visto outros fenómenos estranhos, mas ele só vira o 'cometa'; e adiciona que 'Deus sabe o que estes sinais predizem, pois não aparecem levemente, mas contra alguma grande mutação.' Assim, afinal, acreditava em Deus enviando sinais maravilhosos, o que é apenas outra frase para acreditar em milagres.

O contemporâneo de Cranmer, esse bom, simples de coração, alma honesta BISPO LATIMER, a cujo nome todo o coração se acende com um brilho de afeto quente, que velho patriarca belamente e de maneira curiosa, consistente inconsistente era ele! Tinha a sua teoria não-milagrosa tão leviana como Cranmer e mantinha-a com a mesma encantadora inconsequência. 'E porventura alguém dirá: "Como acontece que não há milagres feitos nestes dias por tais que são pregadores da palavra de Deus?" Respondo, a palavra de Deus já está confirmada por milagres: em parte pelo próprio Cristo e em parte pelos apóstolos e santos. Portanto, os que agora pregam a mesma palavra não precisam de milagres para a confirmação dela; pois a mesma já está suficientemente confirmada' (vol. i. 161).

Assim, estes dois grandes fundadores da Igreja Reformada de Inglaterra, porque os papistas os provocavam por não terem milagres e serem portanto um mero cisma herético, em vez de buscarem ao Fundador Divino do Cristianismo para lhes confirmar o Seu favor de poderes milagrosos, adotaram a teoria conveniente mas mortal de que os milagres cessaram. Teria sido em vão perguntar-lhes exatamente quando cessaram ou onde

estava a autoridade dos Evangelhos para o seu cessarem de todo; tinham a sua resposta tranquila e encontrais a maioria dos antigos divinos repetindo-a. Mas o que é mais singular e o que não parecem ter visto é que a maioria deles ao mesmo tempo que mantinha esta noção teórica mantinha a prática de acreditar em interferências milagrosas em seu próprio benefício.

O procedimento era inconsistente, mas a sua experiência privada era muito mais próxima da verdade do que o seu credo público ou eclesiástico. Voltemo-nos, portanto, para a Vida de Latimer. O seu biógrafo diz - Durante o reinado de Eduardo VI, Deus não só lhe deu abundantemente do Seu Espírito, mas também pelo mesmo Espírito profetizou ardentemente todos esses tipos de pragas que depois se seguiram; tão claramente que, se Inglaterra alguma vez teve um profeta, ele poderia parecer ser um' (p. xxi).

Assim, de acordo com o seu biógrafo, foi milagrosamente dotado no momento em que negava milagres. Adiciona que sempre profetizou a sua própria morte por martírio. Nos seus sermões, o bom bispo cita continuamente milagres e demora-se com grande vigor no facto de os judeus terem sido expulsos pelas armas pelo Imperador Adriano, quando, em desafio da profecia, se reuniram de todos os países para se reassentarem em Jerusalém. Cita, longamente, e comenta zelosamente a dispersão milagrosa dos judeus novamente por fogo e terramoto, quando Juliano o Apóstata os convocara para reconstruir o templo em Jerusalém.

Gostava de introduzir histórias nos seus sermões das aparições pessoais do diabo. Numa ocasião, deu uma bofetada na cara de um homem por não se ter curvado ao nome de Jesus, dizendo que, se Cristo tivesse tomado sobre Si a natureza de diabos como fizera a do homem, eles O teriam reverenciado mais do que os homens fazem. Noutra ocasião, relatou esta anedota: - O diabo veio para tomar a alma de um alemão ao partir do corpo e, tirando um livro, começou a fazer um catálogo dos seus pecados, ordenando ao homem doente que os confessasse; mas o homem respondeu que Deus prometera que, se os seus pecados fossem como escarlate, Ele os tornaria brancos como neve. O diabo passou isso por alto e pediu-lhe que continuasse. Sobre isto o homem disse que "o Filho de Deus apareceu para que pudesse destruir as obras do diabo", e nisto o diabo desapareceu e a alma do homem escapou para Deus.' É claro que o credo do honesto Latimer sobre milagres era novo e que o esquecia completamente quando se aquecia nos seus sermões ou louvava Deus na sua vida privada pela Sua interferência milagrosa em benefício do homem.

O JUDICIOSO HOOKER era mais judicioso do que estes dois nobres velhos mártires no seu credo e mais escritural. A sua mente colossal não podia ser envolvida nas novas teias de aranha da nova teoria protestante sobre

milagres. Admite a permanência contínua do seu operar na igreja de Cristo. Os homens podem ser extraordinariamente, mas permitidamente, admitidos de duas maneiras com funções espirituais na igreja. Uma é quando o próprio Deus os levanta de Si mesmo, cuja labuta Ele usa sem requerer que o homem os autorize; mas então Ele ratifica o seu chamamento por sinais e tokens manifestos do céu; e assim, mesmo aqueles que não acreditaram no ensino do nosso Salvador, reconhecem-No como um mestre legítimo enviado de Deus.

"Tu és um mestre enviado de Deus, de outro modo ninguém poderia fazer aquelas coisas que fazes" (João iii. 2). Lutero raciocinou razoavelmente, portanto, ao declarar que o Senado de Müllhouse faria bem em perguntar a Muncer de onde recebera poder para ensinar, quem o chamara; e, se a sua resposta fosse que Deus lhe dera a sua carga, então requerer das suas mãos algum sinal evidente disso para satisfação do homem, porque assim Deus costuma quando Ele próprio é o autor de algum chamamento extraordinário.' ('Ecclesiastical Polity', iii. 23.)

Falando da frase de Santo Agostinho de que 'tais dons não foram permitidos durar sempre para que os homens não crescessem frios com a sua commonness', contende que as palavras de Agostinho, declarando que o uso vulgar desses milagres então expirara, não são prejuízo para as graças extraordinárias semelhantes observadas mais raramente em alguns, quer então quer em tempos posteriores' (ii. 340).

Diz: 'Os anjos assemelham-se a Deus no seu desejo incansável e mesmo insaciável de fazer todo o tipo de bem aos homens por todos os meios.' 'Os paynims,' diz, 'chegaram ao mesmo conhecimento da natureza dos anjos; Orfeu confessando que o trono flamejante de Deus está rodeado por aqueles anjos mais industriosos, cuidadosos de como todas as coisas são realizadas entre os homens.'

Σῷ δὲ θρόνῳ πυρόεντι παρεστᾶσιν πολυμόχθοι
*Αγγελοι , οἵσι μέμηλε βροτοῖς ὡς πάντα τέλειται.

"E junto ao teu trono ardente estão postados os Anjos laboriosos,
a quem cabe zelar para que tudo se cumpra para os mortais."

Os anjos caídos, diz, 'estão dispersos, alguns no ar, alguns na terra, alguns na água, alguns entre os minerais, em covis e cavernas que estão debaixo da terra, labutando para obstruir e, se possível, destruir as obras de Deus. Que eram os dii inferi dos pagãos, adorados em oráculos, em ídolos, alguns como deuses domésticos, alguns como ninfas,' &c.

'Os anjos,' diz Hooker noutro lugar, 'são espíritos imateriais e intelectuais. Em número e ordem são grandes, poderosos e reais exércitos, desejando bem a todas as criaturas de Deus, mas especialmente aos filhos dos homens; no semblante da cuja natureza, olhando para baixo, contemplam-se a si próprios abaixo de si mesmos; além do que, os anjos têm connosco aquela comunhão que o Apóstolo aos Hebreus nota, e em consideração à qual não desdenham professar-se nossos companheiros de serviço. E daqui surge outra lei, que os liga a obras de emprego ministerial.'

O BISPO HALL DE NORWICH, esse excelente poeta, como Hooker, vindicou a existência de milagre na Igreja Protestante. Escreveu um tratado expresso sobre 'O Mundo Invisível', no qual mantém todas as doutrinas dos tempos primitivos. Na sua secção sobre 'Aparições e as Formas Assumidas de Espíritos Malignos', diz que, embora muita fraude tenha sido misturada tanto na atuação como na relação de tais coisas, negar a verdade de todas seria tão tolo como negar que homens viviam nessas eras antes de nós. Adiciona que, aplicando poderes ativos a sujeitos passivos, podem produzir efeitos maravilhosos, como seria fácil mostrar em volumes inteiros, se necessário, da história e experiência.'

'Tão certo como vemos homens, tão certo estamos de que homens santos viram anjos.' Invoca os anjos guardiães em vários lugares de modo muito sentido e diz que, sabendo que os seus olhos estão nele, anda cuidadosamente mas confiantemente. Fomos levantados,' continua, 'de doença mortal, quando todos os auxílios naturais nos abandonaram? Os anjos de Deus foram os nossos médicos secretos. Tivemos intimações intuitivas da morte de amigos ausentes, que nenhuma inteligência humana nos mandara suspeitar, quem senão os nossos anjos o fizeram? Fomos preservados de perigo mortal, que não podíamos dizer como pela nossa providência evitado, os nossos guardiães invisíveis fizeram-no.'

O Padre Costerus, a quem viu em Bruxelas, disse que teve uma disputa com ele e acusou a Igreja Anglicana de não possuir um milagre. 'Quando,' diz, 'respondi que na nossa igreja tínhamos provas manifestas da ejeção de diabos por jejum e oração.' Há um único bispo ou sacerdote da Igreja de Inglaterra que ousaria agora dizer tanto? Certamente o Dr. Hook, atual Deão de Chichester, não é tal homem; pois nas suas 'Lives of the Archbishops of Canterbury', diz: 'Longe de esperar um milagre, estamos obrigados a rejeitá-lo se oferecido.'

Na sua própria Vida, o Bispo Hall nota várias intervenções milagrosas ou providenciais. A sua mãe, a quem por piedade compara a Mónica, mãe de Santo Agostinho, e outras mulheres famosamente boas, 'teve,' diz, 'muita aflição de um corpo fraco e de um espírito ferido; as agonias das quais

contava frequentemente com muita paixão, professando que as maiores doenças corporais eram apenas como picadas de pulga para esses escorpiões.'

Mas teve um sonho, no qual um médico apareceu e assegurou-lhe que seria imediatamente curada e que tinha agora o último ataque dela. Este sonho relatou no mesmo dia ao Dr. Gilby, o seu ministro paroquial, que respondeu que acreditava que o sonho era divinamente enviado e provaria verdadeiro; o que, diz o bispo, foi o caso. 'Pois Deus,' adiciona, 'embora ordinariamente mantenha o caminho comum dos Seus procedimentos, por vezes, nas aflições dos Seus servos, vai por caminhos incomuns ao seu alívio.'

O Bispo Hall considerava que Deus ordenava continuamente os eventos da sua vida, contrariamente às determinações dele próprio e de outros. Acreditava que a sua mulher lhe fora apontada pelo instrumento de Deus. O seu pai, apesar das suas reclamações, destinara prendê-lo por alguns anos a um certo mestre-escola em vez de deixá-lo ir para a universidade. Atirou-se em oração sincera a Deus e, no último momento, contrariamente a todas as expectativas, os planos do seu pai foram desfeitos e foi para a universidade. 'Certamente nunca em toda a minha vida,' diz, 'me rolei mais claramente na providência divina do que fiz neste negócio. E sucedeu em conformidade' (vol. i. 14).

Quando lhe foi dado o living de Halstead em Suffolk, encontrou lá John Lilly, suposto ser o dramaturgo e autor de 'Euphues, the Anatomy of Wit.' 'Euphues and his England,' &c., tão usado por Walter Scott no seu romance 'The Monastery' e também parodiado por Shakspeare em 'Love's Labour Lost,' &c. Este Lilly era ateu, muito witty e não só annoyou o Sr. Hall, mas fez-lhe muito mal com Sir Robert Drury, o seu patrono. Orou a Deus sinceramente para tê-lo removido por algum meio e, contrariamente a todas as aparências, isso aconteceu em breve. Na sua viagem aos Países Baixos, diz que foi libertado de ladrões pela mão manifesta de Deus. De facto, o bom bispo, e tão bom poeta, toda a vida acreditou na proteção e orientação imediata da Providência e que por esta foi levado de pequenos começos à sua estação final de influência e importância. Nada pode ser mais diametralmente oposto do que a descrença fria e dura no sobrenatural da igreja de hoje e a fé cordial viva de homens como Hall, Hooker e Butler na sua 'Analogy'.

O ARCEBISPO TILLOTSON no seu sermão sobre 'O Julgamento dos Espíritos' diz que os milagres são reconhecidos por toda a humanidade como um testemunho suficiente para qualquer pessoa ou doutrina de que provêm de Deus, desde que a doutrina em questão não seja contrária às do

evangelho ou ao senso comum e ao senso moral da humanidade. Ele não argumenta, como Farmer e outros, que os magos egípcios realizaram apenas milagres aparentes. Ele acredita que Deus permite ao diabo fazer milagres até certo ponto, e cita os casos em que tanto Cristo como os apóstolos supõem um falso Cristo ou falso profeta a operar verdadeiros milagres para dar crédito às suas doutrinas.

Os apóstolos nas suas epístolas abundam com a afirmação de poderes sobrenaturais do diabo; confirmando assim plenamente o lado obscuro, bem como o luminoso, do espiritualismo. Nos seus sermões sobre a alegria no céu pelo arrependimento de um pecador (Lucas xv. 7), e noutro sobre a natureza e o emprego dos anjos (Hebreus i. 14), ele fala de forma mais completa sobre o intercâmbio contínuo dos anjos com os homens para a sua proteção e vantagem. Que eles são os grandes ministros de Deus aqui em baixo, diz ele, tem sido a tradição constante de todas as épocas, e é claramente afirmado pela Escritura. Eles não estão mais mortos ou ociosos do que estavam no tempo de Jacob, ou no do nosso Salvador, e tanto os bons como os maus espíritos estão cada um à sua maneira ocupados à nossa volta.

O BISPO STILLINGFLEET na sua 'Origines Sacræ' diz: 'Estabeleço isto como uma base certa de que um poder de milagres não é constante e perpetuamente necessário em todos os que podem gerir os assuntos do céu aqui na terra, ou que agem em nome de Deus no mundo. Quando a doutrina da fé está uma vez estabelecida em registos sagrados, e a revelação divina dessa doutrina suficientemente atestada por um poder de milagres nos reveladores dela, que necessidade ou pretexto imaginário pode haver concebido para um poder de milagres, especialmente entre aqueles que já reconhecem a revelação divina da Escritura?' (vol. i. 109).

Esta é a velha canção, introduzida na Reforma Inglesa, com a qual os prelados procuraram evadir as objeções de Roma, e que se revelou uma doutrina tão fatal para a igreja. Que dizer daqueles que não reconhecem já a autoridade divina das Escrituras? Quanto à necessidade ou pretexto imaginário para um poder de milagres, isso, como eu disse, existe nos milhões que abandonaram o Cristianismo expressamente porque ele já não opera aqueles milagres que representa terem sido operados pelos seus fundadores há 1860 anos. Stillingfleet prossegue dizendo: 'Fazer com que um poder de operar milagres resida constantemente na igreja de Deus é pôr Deus sob essa necessidade de que a natureza comum está livre — nomeadamente, de multiplicar coisas sem causa suficiente para elas, e deixar a fé do homem parada quando Deus deu testemunho suficiente para ela se apoiar.'

O teste de se é suficiente, e de se é multiplicar coisas sem causa suficiente, no entanto, é precisamente se as causas dadas produzem os efeitos requeridos. Neste caso, o efeito requerido é a fé dos homens no Cristianismo, e a resposta é óbvia de que este efeito não é produzido pelo registo de milagres que se diz terem ocorrido há quase 2.000 anos. Stillingfleet argumenta longamente sobre estas premissas; mas sendo as premissas em si mesmas infundadas, o raciocínio não tem valor. Ele defende que, se os milagres fossem uma ordem permanente na igreja, não haveria fé.

Mas eu digo, pelo contrário, que eles não poderiam ser operados sem fé; e não se segue que os milagres devam ser vulgarizados, mas, existindo na igreja, devem, de tempos a tempos, em grandes ocasiões, em eras de grande ceticismo, ser renovados para a renovação da fé. Ele diz que, se os milagres fossem uma regra permanente por muito tempo, sempre que acontecessem cessar, 'os homens abandonariam a sua fé concernente ao Evangelho.' Isto é precisamente o que eles fizeram. Os milagres, de acordo com a história da Escritura, foram a regra desde a fundação do mundo até ao estabelecimento do Cristianismo: e, de acordo com a Igreja Católica, desde então; mas os Protestantes tendo rejeitado a crença neles, centenas de milhares — não, milhões — abandonaram toda a fé no Cristianismo e na Bíblia, declarando que todos os milagres da Bíblia são mitos, ou meras ocorrências naturais metamorfoseadas na descrição delas.

Ele diz que os falsos milagres de Roma produziram ateísmo. Verdadeiríssimo os falsos milagres, mas isso não é argumento contra os verdadeiros. O que produziu a renúncia a todos os milagres pela Igreja Protestante? O ceticismo e racionalismo mais radicais e mais difundidos, como os últimos oitenta anos da Alemanha, e o veneno alemão agora revendido em Inglaterra como novo, testemunham demasiado bem. Para os espiritualistas que veem milagres todos os dias, que simplórios parecem estes Ensaiístas e Críticos!

O BISPO BEVERIDGE nos seus sermões apoia tudo o que foi dito pelos prelados já citados sobre a realidade dos anjos ministrantes e demónios ministrantes perpetuamente à nossa volta; e que os demónios podem fazer milagres, contrariamente à opinião de Farmer, Douglas e outros. Ninguém, diz ele, que acredita na palavra de Deus pode duvidar de que os falsos Cristos e falsos profetas deviam realizar sinais e prodígios reais e não meramente aparentes. Ele afirma que podemos ver espíritos por uma forte fé espiritualmente. 'E embora nunca os possamos ver com os nossos olhos corporais, exceto se assumirem, como por vezes fazem, uma forma corporal, no entanto eles são sempre tão evidentes para a nossa fé como qualquer coisa pode ser para a nossa visão.

Na medida,' acrescenta, 'em que temos mais causa para acreditar na palavra de Deus do que nos nossos olhos corporais.' Nada pode ser mais explícito do que isto. Esta é precisamente a doutrina dos espiritualistas, confirmada pelo facto de os espíritos terem, em numerosas instâncias, assumido uma forma corporal, ou uma objetividade igualmente tangível para os sentidos.

O bispo acredita plenamente que milagres podem ser realizados para introduzir doutrinas falsas, e observa justamente que Cristo nos avisou sobre isso; e nenhum aviso pode ser mais importante; pois as manifestações recentes não mostram nada mais fortemente do que o facto de os espíritos maus serem extremamente prontos a introduzirem-se a si mesmos e as suas mentiras em manifestações espirituais reais, e a inculcarem noções perniciosas.

Sendo avisados, no entanto, todos os espiritualistas cristãos dirão com São Paulo: 'Ainda que um anjo do céu pregasse qualquer outro evangelho além do que Cristo e os Seus apóstolos pregaram, seja maldito.' É preocupação dos espiritualistas abraçar todas as vantagens da comunhão, ensinamentos e fortalecimento de bons espíritos, e rejeitar e desprezar todos os esforços dos maus.

O BISPO BUTLER, na sua célebre 'Analogia da Religião, Natural e Revelada', &c., dá uma teoria luminosa de milagres existentes na natureza: — Tomando em consideração a religião, ou o sistema moral do mundo, então vemos razões particulares distintas para milagres; para fornecer à humanidade instrução adicional à da natureza, e para atestar a verdade dela. E isto dá uma credibilidade real à suposição de que poderia ser parte do plano original das coisas, que houvesse intervenções miraculosas. Então os milagres não devem ser comparados a eventos naturais comuns, ou a eventos que, embora incomuns, são semelhantes ao que experimentamos diariamente, mas aos fenómenos extraordinários da natureza.

E então a comparação será entre a presunção contra milagres, e a presunção contra tais experiências incomuns, suponha-se como cometas, e contra haver tais poderes na natureza como magnetismo e eletricidade, tão contrários às propriedades de outros corpos não dotados desses poderes,' &c. (Parte ii. c. ii. 366).

O BISPO SHERLOCK pensa que a criação do mundo, e a sua manutenção diária, são os maiores de todos os milagres. Como Tillotson, ele não duvida de que poderes miraculosos sejam conferidos tanto a bons como a maus espíritos por Deus. No seu décimo discurso ele afirma que tais poderes são permitidos a espíritos maus para o castigo dos homens, para enganar homens maus por falsas aparências; mas que este poder é controlado pelo

poder de Deus de acordo com a Sua vontade. Ele não tem dúvida alguma de que Deus, que nomeou as leis da natureza, pode dirigir essas leis como Lhe aprouver; e que ao falar de 'um curso estabelecido da natureza', não podemos atar-Lhe as mãos.

No seu vigésimo primeiro discurso ele fala num tom perfeitamente católico, e reivindica poder sobrenatural para o cristão real. O cristão apenas de todos os homens pretende poder e força sobrenaturais, e um conhecimento íntimo com o Espírito de Deus. ' Acrescenta que, embora o cristão ' se vanglorie de mais do que força humana, no entanto como por vezes afunda abaixo do caráter e dignidade até de um homem! ' Diz que as vidas dos cristãos dos nossos dias não correspondem aos múltiplos dons e graças concedidos a eles. '

Que isto levou os incrédulos a tratar os dons espirituais como não sendo dons ou poderes reais; mas ele reafirma que as graças do Espírito são as armas do cristão, com as quais ele deve entrar nas listas contra os poderes das trevas, e são uma indicação certa para nós de que Deus pretende chamar-nos à prova e exercício da nossa virtude; por que outro motivo nos dá Ele esta força adicional? Provavelmente Sherlock não esperava grande exibição exterior de força sobrenatural, mas ele acreditava plenamente na existência desses poderes sobrenaturais como herança do cristão; e no seu próprio terreno não poderia negar que, em ocasiões requeridas, esses poderes pudessem ser mais notavelmente chamados; pois considerava o grande tropeço moderno — o curso estabelecido da natureza — como nenhuma dificuldade com Aquele que fez esse curso.

Estes podem servir como exemplos dos nossos principais e primeiros bispos e pais da Igreja Anglicana, da fé relativa ao poder de operar milagres do Cristianismo. Os extratos poderiam ser tirados de todos os prelados e teólogos anteriores com o mesmo resultado. Alguns deles, como Hall, Hooker e Sherlock, seriam encontrados retendo a velha fé católica nesse assunto, embora num tom suave e moderado; mas a maior parte deles, como Cranmer e Latimer, repudiando todos os milagres desde a era apostólica, embora admitindo-os nas suas próprias vidas e experiência. Até ao tempo de Sherlock, os prelados e clero da Igreja Anglicana ocupavam uma espécie de terreno intermédio sobre o assunto; todos acreditavam firmemente na presença e serviços de anjos ministrantes, e a maioria deles de demónios ministrantes na sua atualidade; todos estavam, mais ou menos, prontos a receber demonstrações espirituais se elas viessem, ou a reiterar a sua fórmula assumida de que os milagres eram desnecessários, e o seu dia passado — se não viessem.

Foi um período em que os grandes escritores, não pertencendo oficialmente à igreja, ainda retinham uma grande convicção da verdade sobre este assunto; nem pensavam, como o Times dos nossos dias, que, numa crítica à 'Vida de Irving' de Mrs. Oliphant, 14 de outubro de 1862, afirmou que sendo a nossa uma era mecânica requeremos uma religião mecânica! Milton, Bacon, Sir Thomas Browne, Cudworth, e outros homens de primeira linha, eram espiritualistas declarados. Quantas vezes foram citadas as linhas de Milton, afirmando que 'Milhões de criaturas espirituais andam pela terra Invisíveis, tanto quando acordamos como quando dormimos.' Mas não é apenas na sua poesia, da qual 'Paraíso Perdido' e 'Paraíso Reconquistado' são substancialmente e essencialmente espirituais; nas suas obras em prosa ele declara a mesma crença, como mostrarei no capítulo dos Poetas. Bacon, a grande mente perspicaz do seu tempo, e o pai da filosofia prática moderna, é mais explícito em enunciar o seu espiritualismo.

No prefácio à sua 'Grande Instauração', que incluía tanto 'A Dignidade e Avanço da Aprendizagem' como o 'Novum Organum', ele ora a Deus para que nos seus labores 'o que é humano não colida com o que é divino; e que quando os caminhos dos sentidos são abertos, e uma maior luz natural estabelecida na mente, nada de incredulidade e cegueira para com os mistérios divinos surja; mas antes que o entendimento agora esclarecido, e purgado de toda vaidade e superstição, permaneça inteiramente sujeito aos oráculos divinos, e ceda à fé as coisas que são da fé' (Edição de Bohn, prefácio, p. 9).

Quanto à indagação sobre a natureza e ser dos espíritos, e mesmo de espíritos maus, que nos espiritualistas é tão frequentemente comentada como perigosa e mesmo ímpia, Bacon fala muito confiantemente e muito diferentemente: — 'Quanto à natureza dos espíritos e anjos, isto não é nem ininvestigável nem proibido, mas em grande parte acessível à mente humana, por causa da sua afinidade. Somos, de facto, proibidos na Escritura de adorar anjos, ou de entreter opiniões fantásticas sobre eles de modo a exaltá-los acima do grau de criaturas, ou a pensar neles mais alto do que temos razão; mas a indagação sóbria sobre eles, que ou ascende a um conhecimento da sua natureza pela escala de seres corpóreos, ou os vê na mente, como num espelho, não é de modo algum tola.

O mesmo deve ser entendido de espíritos revoltados ou impuros; a conversa com eles, ou usar a sua assistência, é ilícito; e muito mais adorá-los ou idolatrá-los de qualquer maneira; mas a contemplação e conhecimento da sua natureza, poder e ilusões, aparece da Escritura, razão e experiência, como não sendo pequena parte da sabedoria espiritual. Assim diz o apóstolo: "Não ignoramos os seus estratagemas" (2 Cor. ii. 11).

E assim é tão lícito na teologia natural investigar a natureza de espíritos maus, como a natureza de venenos na física, ou a natureza do vício na moral' ('Avanço da Aprendizagem', 121-2).

Ao rejeitar as 'meras leviandades', como ele lhes chama, da Astrologia, Bacon parece inferir o resultado real ocasionalmente dela de predições verdadeiras à causa atribuída por mim numa porção anterior desta obra. As operações celestiais,' diz ele, 'não afetam todos os tipos de corpos, mas apenas os não sensíveis, como humores, ar e espíritos' (Ibid. p. 130). Ele avisa-nos contra permitir que os nossos sentidos obstruam a nossa perceção espiritual. 'O sentido,' diz ele, 'assemelha-se ao sol, que mostra o globo terrestre, mas oculta o celestial; pois assim o sentido descobre coisas naturais, enquanto fecha o divino' (p. 31). Isto deveria tornar os meros filósofos físicos mais modestos do que geralmente se mostram em ditar dogmaticamente sobre o espiritual; de acordo com o seu próprio grande líder, o divino sendo fechado neles como consequência natural das suas constantes pesquisas nas regiões do sentido.

Ele dá-lhes outro aviso de que os seus ditos sobre assuntos espirituais são completamente inúteis, e melhor omitidos; pois diz: 'Se falámos a verdade,

Não cantamos para surdos,
respondem todas as florestas;

a voz da natureza clamará por isso, embora a voz do homem a negue' (p. 149). No seu capítulo sobre o 'uso da razão na religião', ele não só reconhece mistérios espirituais, mas aconselha-nos como agir em relação a eles. Encontramos que o próprio Deus condescende à fraqueza da nossa capacidade, e abre Os seus mistérios de modo que possam ser melhor compreendidos por nós, inoculando, por assim dizer, As suas revelações nas noções e compreensões da nossa razão, e acomodando

As suas inspirações à abertura do nosso entendimento, como uma chave ajustada para abrir a fechadura. Embora, neste respeito, não devamos falhar a nós mesmos; pois como Deus faz uso da nossa razão nas Suas iluminações, assim devemos nós igualmente exercitá-la de todas as maneiras, a fim de nos tornarmos mais capazes de receber e imbuir mistérios, desde que a mente seja alargada, de acordo com a sua capacidade, à grandeza dos mistérios, e não os mistérios contraídos à estreiteza da mente' (p. 371). Assim é outra dica útil para os nossos homens físicos atuais, que estão sempre a tentar reduzir todos os mistérios à miserável estreiteza das suas próprias mentes.

Ele afirma a realidade de inspiração direta e imediata: 'As águas puras da divindade são tiradas e empregadas quase da mesma maneira que as águas naturais das fontes; nomeadamente, primeiro, ou recebidas em

cisternas, e daí derivadas através de diferentes tubos, para o uso mais cómodo dos homens; ou segundo, imediatamente despejadas em vasos para ocasiões presentes' (p. 373). No seu 'Novum Organum', ele dá, por antecipação, uma resposta àqueles objetores que rejeitam o espiritualismo porque não veio numa forma mais agitada e ruidosa.

Agora, em todas as obras divinas, os menores começos levam seguramente a algum resultado, e a observação em assuntos espirituais de que "o reino de Deus vem sem observação", prova-se também verdadeira em toda grande obra da Providência Divina; de modo que tudo desliza calmamente sem confusão ou ruído, e a matéria é realizada antes que os homens pensem ou percebam que foi começada' (p. 426). Ele ao mesmo tempo reconhece a eficácia da fé em nos permitir tornar cognoscentes de objetos espirituais: — 'Pois o homem, pela queda, perdeu ao mesmo tempo o seu estado de inocência, e o seu poder sobre a criação, ambos os quais podem ser parcialmente recuperados mesmo nesta vida, o primeiro pela religião e fé, o segundo pelas artes e ciências' (p. 567). Os espíritos leves, e soi-disant homens de ciência de hoje, deveriam ou renunciar à autoridade tão vangloriada de Lord Bacon, ou pagar algum respeito aos seus ensinamentos.

Ainda mais plena e explícita era a crença no espiritualismo de Sir Thomas Browne, que viveu cerca de meio século depois de Bacon, e era considerado um dos pensadores mais capazes do seu período. Na sua 'Religio Medici', ele diz muito espiritosamente: 'Aqueles que, para refutar a sua incredulidade, desejam ver aparições, sem dúvida nunca verão nenhuma. O

diabo já os tem numa heresia tão capital como a bruxaria, e aparecer-lhes seria apenas convertê-los' (p. 90). 'Quanto a espíritos, estou tão longe de negar a sua existência, que poderia facilmente acreditar que não só países inteiros, mas pessoas particulares, têm os seus anjos tutelares e guardiães. Não é uma opinião nova da Igreja de Roma, mas uma velha de Pitágoras e Platão. (Ver "A Apostasia dos Últimos Tempos" de Mede.)

Não há heresia nisso, e se não manifestamente definido na Escritura, no entanto é uma opinião de bom e salubre uso no curso e ações da vida de um homem, e serviria como hipótese para resolver muitas dúvidas das quais a filosofia comum não oferece solução. Agora, se demandais a minha opinião e metafísica das suas naturezas, confesso-as muito superficiais; a maioria delas são de modo negativo, como o de Deus; ou comparativo, entre nós mesmos e criaturas companheiras. Pois há, nisto, uma escada universal, uma escala manifesta de criaturas, subindo não desordenadamente ou em confusão, mas com um método e proporção

atraente (p. 95). Acrescenta: — 'Acredito que eles têm um conhecimento expontãneo, e sobre o primeiro movimento da sua razão, fazem o que não podemos sem estudo e deliberação.

Que conhecem coisas pelas suas formas, e definem por diferença especial o que descrevemos por acidentes e propriedades, e portanto, probabilidades, tais como podem ser demonstradas a eles. Que têm conhecimento, não só das formas específicas mas numéricas de indivíduos, e entendem por que diferença reservada cada hipóstase singular, além da relação da sua espécie, se torna o seu eu numérico. Que como a alma tem o poder de mover o corpo que informa, assim há uma faculdade de mover qualquer coisa embora não informe nenhuma, e sobre restrição de tempo, lugar e distância; mas aquela mão invisível que levou Habacuc à cova dos leões, ou Filipe a Azoto, infringe esta regra, e tem uma transmissão secreta com a qual a mortalidade não está familiarizada.

Se eles têm aquele conhecimento infinito pelo qual, como em reflexão, veem os pensamentos uns dos outros, não posso perentoriamente negar que tenham grande parte dos nossos. Aqueles que, para refutar a invocação de santos, negaram que eles tenham qualquer conhecimento dos nossos assuntos aqui em baixo, procederam demasiado longe, e devem perdoar a minha opinião até que eu possa responder completamente àquele pedaço da Escritura: "Na conversão de um pecador os anjos no céu regozijam"' (p. 97). Sir Thomas não só acreditava que os anjos estavam intimamente familiarizados com os nossos pensamentos, mas que lhes estamos grandemente endividados pela comunicação dos seus: — 'Nunca poderia passar aquela sentença de Paracelso sem um asterisco ou anotação; Os nossos bons anjos revelam muitas coisas àqueles que buscam nas obras da natureza.

Penso que muitos mistérios atribuídos às nossas próprias invenções têm sido as revelações corteses de espíritos; pois aquelas nobres essências no céu têm um olhar amigável para as suas naturezas companheiras na terra, e, portanto, acredito que aqueles muitos prodígios e prognósticos ominosos que antecedem a ruína de estados, príncipes e pessoas privadas, são as premonições caritativas de bons anjos, que inquiridores mais descuidados chamam apenas os efeitos do acaso e da natureza' (p. 92). Nem Sir Thomas foi singular na sua crença. Colquhoun chamou a nossa atenção para um número de tais casos. Um dos papas perguntou a Guido Reni: 'Em que céu olhaste quando pintaste este anjo?' — a Madona.

Rafael disse de si mesmo e das suas produções: 'Uma certa ideia surge na minha mente; a esta me agarro firmemente, e esforço-me por realizá-la, despreocupado com o seu valor artístico.' Numa das suas cartas diz: 'O

mundo descobre muitas excelências nas minhas pinturas, de modo que eu mesmo frequentemente sorrio quando descubro que obtive êxito tão bem na realização das minhas próprias conceções casuais. Mas todo o meu trabalho tem sido realizado, por assim dizer, num sonho agradável; e enquanto o compunha, sempre pensei mais no meu objeto do que na maneira de representá-lo.

Que tenho uma certa maneira de pintar, como todo artista geralmente tem a sua própria. Isto parece ter sido originalmente implantado na minha natureza; não o atingi por meio de labuta severa, e tal coisa não pode ser adquirida por estudo.' Dannecker, o escultor alemão, obteve a ideia do seu Cristo num sonho após longos e infrutíferos esforços para realizá-lo nas suas horas de vigília. Lucrécio e Tasso, bem como Lee o dramaturgo, Babœuf e muitos outros poetas, compuseram algumas das suas peças mais finas no que eram chamados ataques de insanidade. Coleridge recebeu 'Kubla Khan' num sonho. Platão no seu 'Ion' diz: 'Poetas verdadeiros falam não por arte, mas como pessoas inspiradas e possuídas.'

Kant, o grande metafísico alemão, na sua 'Antropologia', declara o talento em parte inato, em parte adquirido por exercício, mas o génio inteiramente intuitivo. Schiller declara nas suas Cartas que as suas ideias não eram suas; fluíam para ele independentemente das suas faculdades intelectuais, e vinham tão poderosamente e rapidamente que a sua única dificuldade era apreendê-las e escrevê-las depressa o suficiente. Goethe tem algumas afirmações semelhantes, e todos se recordarão das linhas de Shakespeare concernentes ao 'olho do poeta num frenesi fino rolando', e da Rainha Mab correndo pelas cabeças dos mortais no seu sono. Mozart diz, falando do seu modo de compor as suas célebres peças musicais: 'Quando estou de bom humor, e enxuto — por exemplo, quando viajo numa carruagem, ou caminho, talvez durante a noite quando incapaz de dormir, pensamentos fluem para mim mais prontamente, e, por assim dizer, num fluxo.

De onde vêm e como, não sei, e não tenho controlo sobre eles. Aqueles que me vêm retenho na minha cabeça, e canto-os para mim mesmo, como outros, pelo menos, me disseram. Se permaneço firme e ininterrupto, por vezes uma coisa, por vezes outra, vem à minha cabeça para ajudar a fazer um pedaço de confeitaria, de acordo com as regras do contraponto, e o tom dos diferentes instrumentos musicais, &c.

Agora isto aquece a minha alma, desde que não seja perturbado. Então o meu trabalho mental torna-se gradualmente cada vez mais estendido, e espalho-o mais longe e mais claramente, até que a peça realmente se torne na minha cabeça quase pronta, mesmo se for de comprimento considerável; de modo que posso examiná-la em espírito com um olhar, como se visse

diante de mim uma bela pintura ou uma pessoa bonita; e ouço-a na imaginação, não em porções separadas, mas, por assim dizer, tudo junto como um todo. Agora isto é uma festa. Todos os meus sentimentos e composição vão dentro de mim apenas como um sonho vivo e delicioso. Mas ouvir tudo isto junto é o melhor.'

O leitor recordar-se-á, numa parte anterior desta obra, da menção de um clérigo agora vivo, que ouve continuamente música fina, e anotou alguma dela — frequentemente, como Mozart, quando anda ou viaja em carruagens — cuja mulher também a ouve, quando ele se coloca em rapport com ela segurando-lhe a mão; duas das suas irmãs também ouvem música continuamente, embora vivendo à distância, e peças inteiramente diferentes. Nem são estes casos inteiramente isolados. Há muitos casos registados de música espiritual sendo ouvida, especialmente antes da morte, tanto pelos moribundos como por outros.

'O teu pai morrerá,' disse uma velha enfermeira a um cavalheiro, visitando o seu pai em doença extrema; 'pois ouvi música procedendo do seu corpo todo o dia de ontem. Era música celestial; ele é um bom homem, e fará um bom fim.' Um caso muito extraordinário de música, tocada num piano fechado, e ouvida por uma família inteira, é relatado por um ministro Dissidente de Yorkshire, no 'British Spiritual Telegraph' (vol. iii. 281).

Nada é tão comum como ouvir pessoas dizerem: 'Uma ideia veio à minha cabeça.' Como ou de onde não sabem ou se preocupam em indagar; mas muitas das mais finas descobertas vieram desta maneira misteriosa; o único mérito do recetor sendo tê-las trabalhado. Para regressar, no entanto, a Sir Thomas Browne. Ele era de opinião que havia um Espírito universal, comum ao mundo inteiro. Era a opinião de Platão e dos filósofos herméticos. Se houver,' diz ele, 'uma natureza comum que une e ata os indivíduos dispersos e divididos numa espécie, por que não pode haver uma que os una a todos?

No entanto, estou certo de que há um espírito comum que joga dentro de nós, mas não faz parte de nós, e isso é o Espírito de Deus, o fogo e centelha daquela nobre essência que é a vida e calor radical dos espíritos, e daqueles essências que não conhecem a virtude do sol, um fogo bastante contrário ao calor do inferno. Este é aquele calor gentil que pairou sobre as águas, e em seis dias chocou o mundo. Esta é aquela irradiação que dissipa as névoas do inferno, as nuvens de horror, medo, tristeza, desespero; e preserva a região da mente em serenidade. Qualquer que não sinta o vento quente e a ventilação gentil deste espírito, embora eu sinta o seu pulso, não ouso dizer que vive; pois verdadeiramente sem isto para

mim não há calor sob o trópico, nem qualquer luz, embora eu more no corpo do sol' (p. 93).

Sir Thomas declara a sua firme crença em milagres passados e presentes. Não podemos,' diz ele, 'negá-lo se não pusermos em questão aqueles escritores cujos testemunhos não controvertimos em pontos que favorecem as nossas próprias opiniões' (p. 81). Assim também na p. 83, e noutros lugares. Os demónios, afirma ele, não estão meramente debaixo da terra, mas andam sobre ela, e estão sempre a procurar invadir 'aquela essência imutável, aquela divindade traduzida e colónia de Deus, a alma.'

Já citei a firme crença de John Locke e Dr. Ralph Cudworth em milagres e fenómenos espirituais. No mesmo período tínhamos Sir Matthew Hale no banco, um juiz tão completo espiritualista, notado pela sua crença em bruxaria. Havia um Bispo de Gloucester que acreditava em e colecionava relatos de tais coisas, e que nos deixou os relatos extraordinários de um intercâmbio com espíritos fornecido pelo Rev. Arthur Bedford de Bristol, e da aparição à filha de Sir Charles Lee. Havia o excelente Bispo Ken, que foi expulso do seu bispado pelos seus escrúpulos de consciência, que orava: — '

> Ó que os teus anjos enquanto durmo,
> À volta da minha cabeça vigília mantenham:
> O seu amor angélico instilem,
> Parem toda a avenida do mal.
> Que ensaiem alegrias celestiais,
> E pensamento a pensamento comigo conversem.'

Entre os nossos antepassados colocando demasiado stress em evidência sobrenatural, e a era presente esforçando-se por explodir e desprezar inteiramente eles, o mundo parece dificilmente alguma vez ter chegado a uma compreensão correta. Espírito é certamente algo que não entendemos nas nossas presentes circunstâncias confinadas; e como não entendemos completamente a coisa, assim nem podemos distinguir a sua operação. No entanto, apesar de tudo isto, ele conversa aqui — está connosco e entre nós — corresponde, embora sem corpo, com os nossos espíritos: e esta conversa dá-se não só por um modo invisível, mas para nós inconcebível.'

Tal comunicação ele acredita ocorrer por dois modos; primeiro, por conversa imediata pessoal e particular; 'e, segundo, por aqueles espíritos

agindo à distância tornando-se visíveis, e as suas ações percetíveis, em tais ocasiões como acharem conveniente, sem maior familiaridade com a pessoa.' Era a sua convicção de que Deus postou um exército destes espíritos ministrantes à volta do nosso globo 'para estarem prontos em todos os eventos para executar As suas ordens, e fazer A sua vontade; reservando ainda para Si enviar mensageiros expressos de grau superior em ocasiões extraordinárias.'

'Estes,' acrescenta, 'podem, sem qualquer absurdo, ser supostos capazes de assumir formas, conversar com a humanidade por voz e som, ou por avisos privados de coisas, impulsos, pressentimentos, receios, e outras comunicações impercetíveis às mentes dos homens, como Deus, o seu empregador, possa dirigir. Mas sobre o poder do homem para controlar, ou comunicar à sua vontade, com tais seres espirituais, ele entretém dúvidas, e protesta gravemente contra os atos de conjuração.

Seguem-se, também, a passagem curiosa e algo comovente em que De Foe explica a força dessas crenças nele, pelo volume habitual das suas experiências diárias. «Eu acredito firmemente», diz ele, «e tive testemunhos tão convincentes disso, que teria de ser um ateu convicto se não o fizesse, que existe uma conversa de espíritos – refiro-me aos desencarnados – e aos que estão encarnados na carne. De onde vêm todos esses avisos privados, impulsos fortes, alegrias involuntárias, tristezas e pressentimentos apreensivos sobre coisas que nos atendem imediatamente, e isso nos assuntos mais importantes das nossas vidas? Que existem tais coisas, penso que não preciso de me esforçar para provar; e acredito que elas são, a seguir às Escrituras, algumas das melhores e mais inegáveis evidências de uma existência futura. Seria interminável encher este papel com os testemunhos de homens eruditos e piedosos; e eu poderia adicionar-lhes um volume das minhas próprias experiências, algumas delas tão estranhas que chocariam a vossa crença, embora eu pudesse produzir provas que convenceriam qualquer homem.

Tive, talvez, uma maior variedade de mudanças, acidentes e desastres na minha curta e infeliz vida do que qualquer homem, pelo menos do que a maioria dos homens vivos; no entanto, nunca tive qualquer mal ou desastre considerável a atender-me, mas, dormindo ou acordado, tive aviso disso antecipadamente, e, se eu tivesse escutado esses avisos, acredito que poderia ter evitado o mal. Que nenhum homem pense que isto é uma brincadeira.

Eu reconheço seriamente, e acredito, que a minha negligência de tais avisos tem sido o meu grande prejuízo; e desde que deixei de os negligenciar, tenho sido guiado a evitar armadilhas postas para a minha

vida, sem outro conhecimento delas do que por tais avisos e advertências: e mais do que isso, tenho sido guiado por eles a descobrir até o facto e as pessoas. Tenho testemunhas vivas a produzir a quem contei os pormenores no próprio momento, e que ficaram tão afetadas por eles que me pressionaram a evitar o perigo, a retirar-me, a manter-me vigilante, e coisas semelhantes.»

Essas experiências de De Foe têm sido tanto as de bons homens, em todos os tempos, e que as registaram, que é extraordinário que alguém não esteja tão assegurado da sua realidade a ponto de as tratar como lugares-comuns. Elas abundam não só na história dos santos católicos, mas nas memórias dos Covenanters, dos Friends e dos Methodists; e dificilmente se pode encontrar uma pessoa sincera de qualquer sexo, ou de qualquer país, que não nos conte algo do género da sua própria experiência.

Encerrando este período, e cerca de meio século após De Foe, temos Sir William Blackstone, o grande comentador legal, a afirmar ousadamente a mesma fé, e era preeminentemente ousado nele, pois De Foe havia notado as disposições crescentes da época para explodir todas essas noções. Ele diz: «Negar a possibilidade, ou melhor, a existência real da bruxaria e da feitiçaria, é ao mesmo tempo contradizer categoricamente a vontade revelada de Deus em várias passagens tanto do Antigo como do Novo Testamento;» acrescentando «a coisa em si é uma verdade à qual todas as nações do mundo deram testemunho,» etc.

Tal era o estado da fé no sobrenatural desde a Reforma até ao final do século XVII, e mesmo, em alguns casos, estendendo-se a um período considerável depois. Apesar da doutrina estabelecida pelos pais da Igreja Anglicana, muitas grandes mentes agarraram-se carinhosamente à crença espiritual que era tão antiga e tão ampla como o mundo. Encontrámo-la na Igreja, encontrá-la-emos entre os Nonconformistas e os Dissenters; encontrámo-la também nas mentes líderes da filosofia, literatura e direito. Mas esta fé estava a extinguir-se rapidamente, e tornou-se fraca e diluída no século XVIII. Hobbes, Toland, Collins, Wollaston, Bolingbroke e Hume apareceram sucessivamente, e foram lançadas as bases de uma nova era que secava a alma. O «Leviathan» de Hobbes foi publicado em 1650, a meio do século XVII, e os ensaios infiéis de Hume apareceram cerca de meados do século XVIII. David Hume não só nos soprou o seu vírus entorpecedor do espírito na sua «Enquiry concerning Human Understanding,» 1752, e na sua «Natural History of Religion» pouco depois, mas trouxe para atuar sobre a sua época o de Spinoza, pela sua tradução do grande cético «Tractatus-theologico-politicus,» sem o seu próprio nome nem o do autor, em 1765.

Houve mais de cem anos de ataque constante ao Cristianismo, e a fé pública sofreu um eclipse crescente e muito óbvio. Alguns poucos dos nossos grandes líderes literários fizeram uma espécie de última defesa em prol do miraculoso. Warburton, Douglas e uma hoste de outros entraram em campo contra Hume, mas foi só para defender milagres aceites porque eram antigos. De Foe foi um dos primeiros, e Blackstone um dos últimos, que tomaram uma posição ampla. Sir Richard Steele, Addison e Dr. Johnson deram o seu testemunho; mas foi só incidentalmente e relativamente a um único departamento do maravilhoso – o das aparições.

A evidência de Addison ocorre no «Spectator,» e depois de ridicularizar alguns dos absurdos presságios do dia, diz então: «Ao mesmo tempo, penso que uma pessoa que assim se aterroriza com a imaginação de fantasmas e espectros é muito mais razoável do que aquela que, contrariamente ao relato de todos os historiadores, sagrados e profanos, antigos e modernos, e às tradições de todas as nações, acha a aparência de espíritos fabulosa e infundada. Se eu não pudesse entregar-me a este testemunho geral da humanidade, deveria às relações de pessoas particulares que agora vivem, e nas quais não posso desconfiar em outros assuntos de facto. Poderia aqui adicionar que não só os historiadores, aos quais podemos juntar os poetas, mas também os filósofos da antiguidade favoreceram esta opinião.»

Johnson foi uma das poucas pessoas que não se persuadiram de que o fantasma de Cock-Lane era uma artimanha inteligente, e a evidência mostra que ele tinha toda a razão. No seu «Rasselas,» ele também ventila a sua opinião de que os fantasmas eram substantivos e factos provados mil vezes: «Que os mortos», diz ele, «não são mais vistos, não me comprometo a manter contra o testemunho concorrente e universal de todas as épocas e de todas as nações.

Não há povo, rude ou culto, entre os quais aparições dos mortos não sejam relatadas e acreditadas. Esta opinião, que talvez prevaleça tão longe quanto a natureza humana se difunde, só poderia tornar-se universal pela sua verdade; aqueles que nunca ouviram falar uns dos outros, não teriam concordado numa história que nada além da experiência poderia tornar credível. Que seja duvidada por caviladores isolados pode enfraquecer muito pouco a evidência geral; e alguns que a negam com as suas línguas confessam-na pelos seus medos.»

Boswell, na sua «Life of Johnson,» também introduz o assunto das aparições por ocasião de um jantar no General Oglethorpe's, a 10 de Abril de 1772, no qual Johnson disse que Mr. Cave, o editor do «Gentleman's Magazine,» lhe assegurou que tinha visto um fantasma. Goldsmith, que

estava presente, afirmou que o seu irmão, o Rev. Mr. Goldsmith, tinha visto um, e o General Oglethorpe, que Prendergast, um oficial no exército do Duque de Marlborough, contou aos seus irmãos oficiais que Sir John Friend, que foi executado por alta traição, lhe tinha aparecido e dito que ele morreria num certo dia. Nesse dia teve lugar uma batalha, mas quando terminou e Prendergast estava vivo, os seus irmãos oficiais troçaram dele e perguntaram-lhe onde estava agora a sua profecia?

Prendergast respondeu gravemente: «Eu morrerei apesar disso;» e pouco depois veio um tiro de uma bateria francesa, à qual a ordem para a cessação do fogo não tinha chegado, e matou-o no local. Oglethorpe acrescentou que o Coronel Cecil, que tomou posse dos bens de Prendergast, encontrou no seu livro de bolso um memorando contendo os pormenores da intimação da sua morte no dia especificado, e que ele estava com Cecil quando Pope veio indagar sobre os factos do caso, que tinham feito grande ruído, e que foram confirmados pelo coronel.

A um ponto tão fino tinha descido a crença no miraculoso, ou sobrenatural, para o final do século XVIII. Homens literários podiam apenas, e com evidência instantânea e inquestionável, conceber a atualidade de um fantasma. O veneno de Spinoza, Hobbes, Toland e Hume, tinha sido, e era amplamente a materializar a mente humana, e tinham surgido, ou estavam prestes a surgir, três campeões cristãos do miraculoso, na medida em que era veneravelmente antigo e bolorento, que, sob o pretexto de defender esta antiga fé, fizeram mais para destruir a fé em milagres no todo, do que toda a tribo de infiéis de um olho só que alguma vez escreveu.

Eles forjaram armas na bigorna da ortodoxia, que os infiéis têm manejado com muitos um exultante Io Pean! e mergulharam-nas num veneno que levava o nome de um antídoto patenteado para todos os venenos anteriores, que se tornou a vida demoníaca desse velho monstro infidelidade na sua nova pele lisa de Racionalismo. Esses três campeões, hábeis em golpes de costas, foram Middleton, Farmer e Douglas, Bispo de Salisbury, que inauguraram o último e culminante período de descrença em tudo o que não pode ser sentido e manuseado e levado ao mercado – aquele em que vivemos.

CAPÍTULO VII

CONDIÇÃO MATERIALIZADA PRESENTE DA IGREJA DE INGLATERRA E DA OPINIÃO GERAL

O Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não O vê; nem O conhece. –

João xiv. 57.

Porquê? Porque não o procuraram pela fé, mas, como se fosse, pelas obras da lei; pois tropeçaram nessa pedra de tropeço. –

Romanos ix. 32.

Au reste, c'est une grave erreur de croire que ces miracles bibliques sont des phénomènes tout à fait exceptionnels: les miracles ont eu lieu plus souvent qu'on ne pense; mais les hommes de nos jours, plongés dans le matérialisme, ont perdu le sens, la faculté de les observer. –

Aliás, é um grave erro acreditar que esses milagres bíblicos são fenômenos totalmente excepcionais: os milagres aconteceram mais frequentemente do que se pensa; mas os homens de hoje, mergulhados no materialismo, perderam o sentido, a faculdade de observá-los.

LE BARON DE GULDENSTUBBE, Pneumatologie Positive.

Nas ciências, também é considerado como propriedade aquilo que foi transmitido ou ensinado nas universidades, e se alguém avançar algo novo que contradiga, talvez ameace derrubar, o credo que durante anos respeitámos, e transmitimos aos outros, todas as paixões se levantam contra ele, e todos os esforços são feitos para o esmagar. As pessoas resistem com todas as suas forças; agem como se nem ouvissem nem pudessem compreender: falam da nova visão com desprezo, como se não valesse a pena nem mesmo uma investigação ou uma consideração; e assim uma nova verdade pode esperar muito tempo antes de poder abrir caminho. –

GOETHE, Conversations with Eckermann.

A «Free Enquiry into the Miraculous Powers which are supposed to have subsisted in the Christian Church from the Earliest Ages through several centuries,» pelo Dr. Conyers Middleton, foi publicada em 1749. O «Treatise of Human Nature» de Hume precedeu-a onze anos, e pode supor-se que influenciou grandemente o seu tom. Nesta obra, o Dr. Middleton empreende o que ele justamente chama uma tentativa, não só nova, mas contrária à opinião geral do mundo cristão: nomeadamente, que os milagres cessaram

com os apóstolos, e foram apenas ocasionais entre eles. Foi uma tentativa, de facto, não só num homem só para contradizer a opinião da igreja cristã em todas as épocas, mas a evidência de toda a humanidade. Foi, para dizer o mínimo, um exemplar inigualável de presunção humana. As declarações de Cristo de que os Seus seguidores fariam obras maiores do que Ele fez; que seria o teste de crença real na Sua igreja que sinais seguiriam essa crença; e que este Seu poder e presença atenderiam os Seus seguidores sempre até ao fim do mundo, não valiam nada para este cristão singular.

Quanto ao testemunho universal dos Pais, e assim para baixo das diferentes ramas da igreja cristã, o Dr. Middleton ao mesmo tempo e ousadamente declarou todos esses Pais, e todos os seus sucessores que afirmaram a existência de milagres nas suas diferentes épocas, como mentirosos descarados. Ele declara os Pais, um e todos, como tendo sido homens crédulos, astutos ou intencionados: homens de tal carácter, que nada se poderia esperar deles que fosse cândido e imparcial, nada além do que uma compreensão astuta pudesse fornecer para confirmar esses preconceitos com os quais aconteciam possuir, especialmente quando a religião acontecia ser o assunto.»

Quanto a todas as nações pagãs, ele incluiu-as na mesma denúncia arrebatadora, e declarou todas as declarações relativas aos oráculos, às profecias e aos milagres ocorridos entre elas, como tendo sido forjadas e impostas ao público! Numa palavra, toda a humanidade foi declarada mentirosa, todos os maiores filósofos, santos, mártires, heróis e dignos de todas as épocas e nações no mundo e o Dr. Middleton era o único homem merecedor de crença. Isso era abertamente a sua afirmação. Muitos loucos disseram coisas tão absurdas antes, mas então foram tratados como loucos.

Middleton e Hume, que afirmaram a mesma coisa – nomeadamente, que nenhuma quantidade de evidência o satisfaria do que não queria acreditar – sozinhos foram permitidos, embora mantendo a linguagem da insanidade, a passar por homens sãos. A tal ponto levou Middleton a sua presunção doentia que, quando lhe recordaram a evidência para muitos dos eventos miraculosos das primeiras épocas da igreja sendo do tipo mais perfeito, ele cortou a matéria curta na sua vindicação do seu livro dizendo: «Para cortar, portanto, todos os raciocínios e inferências sobre eles, que se entenda que negamos os factos.» Aqui todas as pessoas razoáveis e sãs o deveriam ter deixado.

Se o Dr. Middleton escolhesse manter uma opinião oposta a toda a história, e caluniar todos os maiores homens de todas as épocas como mentirosos e patifes astutos, ele deveria ter sido olhado exatamente como era,

enlouquecido com uma mania. Mas a sua teoria adequava-se demasiado bem ao materialismo crescente da época. Ele próprio morreu no ano seguinte, mas havia muitos espíritos infiéis prontos para se apoderarem da doutrina do teólogo nominalmente cristão para destruir o Cristianismo no todo. Se o doutor tivesse realmente alguma fé no Cristianismo, o que é grandemente duvidável, deve ter sido muito cego para não ver que a crença que ele recusava a todo o mundo além, outros a negariam, com bases igualmente boas, a Cristo, aos apóstolos e a todos os profetas antes deles. O seu exemplo era uma boa defesa para qualquer homem que se erguesse como o único homem verdadeiro, e todo o mundo além como mentirosos.

O seu caso foi rapidamente tomado por Hugh Farmer, e recomendado aos seus amigos os Dissenters. Este Hugh Farmer, que foi consultado pelo Dr. Doddridge, Dr. Lardner e outros oráculos Dissenting em tais pontos, escreveu uma obra sobre a Credibilidade dos Milagres, na qual ecoou a apologia de Middleton para tal composição. «Muitos,» diz ele, «estão prontos a reconhecer que uma opinião não é, portanto, falsa, porque contradiz opiniões recebidas.» E acrescenta: «Não é a linguagem da probidade mas da política que sempre desencorajou todas as indagações após a verdade, e ainda continua a parar o seu progresso no mundo.»

Procedendo a exercer este direito indubitável, Farmer começou num tom muito mais liberal do que Middleton. Ele reconhece milagres não como violações das leis da natureza, mas como supersedendo, ou controlando, certas leis conhecidas por leis superiores. Ele nega que qualquer base possa ser mostrada para supor que Deus está limitado a um curso fixo de ação e às presentes leis da natureza (p. 26).

Ele toma a ideia do Bispo Butler de que interposições ocasionais poderiam ser projetadas desde o início sobre uma previsão de uma ocasião justa para elas, e em vez de argumentar qualquer mudança, ou qualquer inconsistência no Todo-Poderoso, ser apenas a execução, na estação pré-determinada, dos Seus conselhos eternos e imutáveis (p. 32). Esta é a ideia tão habilmente ilustrada por Babbage pelas operações e variações premeditadas nas operações da sua máquina calculadora.

Rousseau, assim como Butler, no entanto, na sua «Lettres écrites de la Montagne,» disse isto mais distintamente antes de Farmer – nomeadamente, «Que poderia estar no poder de uma lei desconhecida, em certos casos, mudar o efeito de tais como eram conhecidas.» E o Dr. Watts nos seus «Philosophical Essays on Various Subjects» (p. 132), embora com um objetivo muito diferente, afirma o mesmo princípio, que o Espírito Todo-Poderoso que chamou o universo material à existência, pode pôr as várias partes dele em movimento como Lhe apraz;» isto é, que Ele reservou certas

leis à Sua própria vontade, para variar o curso ordinário da natureza como Lhe parecer conveniente, e para propósitos especiais: e o grande erro dos anti-miracleistas é o de supor que estão familiarizados com todas as leis de Deus, quando são totalmente ignorantes de milhares delas.

Farmer tendo tomado tal base liberal, começou, no entanto, rapidamente a estreitá-la aos seus reais propósitos. Ele mostrou-se tão decidido contra qualquer influência ou fenómeno sobrenatural procedente de qualquer ser exceto Deus, como Paley fez depois dele. Ele não permitirá que demónios possam produzir quaisquer efeitos miraculosos. Ele corta todos os milagres professados do paganismo, dos Pais e da Igreja Romana, no exato tom de Middleton. Ele vai sobre a base de que, se espíritos podem realizar milagres, e alterar ou impedir o curso da natureza, devem ser deuses; como se Deus não pudesse, e não permite uma certa latitude de ação, e uma certa quantidade de poder tanto a anjos bons como maus, ainda assim todos restringidos dentro do círculo dos Seus próprios propósitos. As declarações mais claras da Escritura não provam obstáculo aos sofismas sobrepostos do digno teólogo. Ele trata os decretos de Moisés contra a bruxaria como apenas dirigidos contra bruxaria fingida.

Os magos que são positivamente declarados terem feito milagres semelhantes aos de Moisés, e terem produzido rãs e serpentes, e transformado água em sangue, são representados como apenas fazendo os espetadores acreditar nisso; e que não puderam suceder com os piolhos porque eram tão pequenos que requeria um olhar tão próximo para os ver, que a impostura se tornou evidente! Nunca um homem com um hobby o cavalgou tão completamente para o ridículo.

Ele trata a Bruxa de Endor, e todos os espíritos mentirosos nos profetas, os demoníacos no Evangelho, e as declarações do próprio Salvador concernentes aos falsos Cristos e falsos profetas por vir, e todas as afirmações claras dos apóstolos quanto à existência e ação de demónios, da mesma maneira. De facto, o que há que um homem inclinado a um propósito não explique? Ele contende que os demónios não podem fazer tais milagres na terra porque estão todos acorrentados em cadeias de escuridão até ao último dia. Neste ponto, no entanto, é claro que ele não convenceu os pregadores; pois o seu grande e perpétuo tema é que o diabo e os seus anjos andam constantemente pela terra e nos tentam.

A estes campeões insidiosos de milagre sucedeu John Douglas, D.D., Lord Bispo de Salisbury, com o seu «Criterion or Rules by which the True Miracles recorded in the New Testament, are distinguished from the Spurious Miracles of Pagans and Papists,» 1807. O veneno infiel emitido neste país pelos homens já nomeados, tinha agora viajado para a

Alemanha e França. Na Alemanha tinha produzido os Illuminati, e estes através de Mirabeau, na sua visita como espião do governo a Berlim, tinham comunicado aos infiéis de França o que chamavam o seu sistema para a aniquilação do Cristianismo.

Este sistema foi adotado com avidez pelos infiéis de França, Voltaire e os Encyclopædists, que antes mantinham apenas uma espécie de guerra de guerrilha sobre ele; e agora tinha viajado de volta para Inglaterra de França com efeito maravilhosamente aumentado sob a excitação da revolução francesa. Havia uma nova atmosfera para um novo campeão trabalhar, e Douglas portanto saiu com um ar mais ousado e mais dogmático. Ele professou combater David Hume, mas na realidade lutou mais vigorosamente do seu lado. Ele estabeleceu os seguintes axiomas: 1. Que devemos suspeitar como falsos, milagres afirmados que não são publicados no tempo e no lugar onde se diz terem ocorrido. 2. Que devemos suspeitá-los de serem falsos, se, no tempo quando e no lugar onde se diz terem ocorrido, poderiam ser supostos passar sem exame.

Pela sua aplicação destes dogmas, ele pensa que se livra de toda a circunstância miraculosa exceto na era apostólica. Com os do Antigo Testamento ele não se preocupa; toma a sua autoridade como dada. Ele então esforça-se por persuadir o leitor de que, por estes testes, defende e fortalece os milagres da era apostólica, enquanto destrói todos os outros. Mas o leitor é imediatamente atingido pela falácia óbvia destas regras. Ele vê de imediato que são espadas de dois gumes, que, se permitida a sua operação legítima, cortariam todos os milagres da Bíblia tão perfeitamente como quaisquer outros.

Sabemos que nem um único Evangelho foi publicado no tempo e no lugar onde os eventos que celebram se diz terem ocorrido. O Evangelho de S. Mateus é o único que se diz ter sido escrito na Judeia, e ter sido publicado cerca de oito anos após a morte de Cristo, no ano quarenta e um. Essa é a data mais precoce assumida, mas outros fixam a data muito mais tarde. Assim, mesmo a data do único Evangelho publicado na Judeia é uma matéria de incerteza.

O de S. Marcos diz-se ter aparecido dois anos após o de S. Mateus, e ter sido publicado não no lugar onde os milagres foram feitos, mas em Roma. S. Lucas diz-se ter escrito o seu Evangelho no ano sessenta e um – isto é, vinte e sete anos após a morte de Cristo – e que foi publicado em Roma ou na Grécia. Aqui, novamente, o lugar de publicação é totalmente incerto. O Evangelho de S. João diz-se ter sido publicado não mais cedo do que o ano noventa e sete, ou sessenta anos após a morte do Salvador, e ter sido publicado em Éfeso.

Assim, de acordo com a regra do bispo, os Evangelhos têm apenas uma reivindicação tênue ao crédito; pois nenhum exceto o de S. Mateus foi publicado no lugar onde os eventos ocorreram, e nenhum de todo no tempo. Verdade, os eventos do Evangelho tiveram uma notoriedade comum no tempo, suficiente para satisfazer pessoas razoáveis, mas o autor não permite tal evidência noutros casos.

Devemos ter tudo a preto e branco, e sob estas condições exatas, ou devemos rejeitar a crença no que quer que seja miraculoso. Agora, quanto aos Evangelhos, as próprias datas atribuídas para o seu aparecimento são apenas presumidas. Não são atestadas na evidência positiva de contemporâneos; repousam nas tradições da igreja. Mas este tipo de evidência ele recusa à Igreja de Roma, e a todo o mundo pagão.

Ainda mais completamente as regras de Douglas varreriam através do Antigo Testamento. Pois quem dirá quando e onde muitos dos eventos miraculosos que abundam nas suas páginas foram escritos ou publicados? Quem dirá quando os livros iniciais foram escritos que registam as aparições de anjos a Abraão, Isaac e Jacob? Ou o grande milagre da arca; quando foi escrito pela primeira vez que o Senhor estendeu a sua mão e fechou Noé dentro?

Se Moisés escreveu estes livros, como geralmente se diz, o registo destes milagres deve ter ocorrido muito tempo após a sua ocorrência e numa região muito distante. Poderíamos perguntar o mesmo dos próprios milagres de Moisés no Egito. Quem dirá quando ele os escreveu, ou onde? Seria igualmente difícil atribuir o tempo, lugar e autor da maioria dos livros subsequentes do Antigo Testamento; e no sistema de crítica do bispo, todos devem passar por nada.

Mesmo onde há evidência direta e imediata contemporânea de um milagre, e onde, portanto, ele deveria, nas suas próprias bases, aceitá-la, o bispo escorregadio encontra alguma saída do pau bifurcado. De facto, a única ideia que podemos ter do Bispo Douglas é a de uma enguia raciocinante. Hume, entre as poucas contas miraculosas que admite possuírem forte evidência, seleciona a do Imperador Vespasiano curando duas pessoas por agência miraculosa. «Um dos milagres melhor atestados em toda a história profana,» diz Hume, no seu «Essay on Miracles» (p. 192, 193), «é aquele que Tácito relata de Vespasiano, que curou um cego em Alexandria por meio da sua saliva, e um coxo por um mero toque do seu pé, em obediência a uma visão do deus Serápis, que lhes havia ordenado recorrer ao imperador para as suas curas miraculosas e extraordinárias.

A história pode ser vista nesse fino historiador, onde toda a circunstância parece adicionar peso ao testemunho. A gravidade, solidez, idade e

probidade de tão grande imperador, que, através de todo o curso da sua vida, nunca afetou esses ares extraordinários de divindade assumidos por Alexandre e Demétrio. O historiador, um escritor contemporâneo, notado pela candura e veracidade, e além disso o maior e mais penetrante génio talvez de toda a antiguidade, e tão longe de qualquer tendência para superstição e credulidade, que jaz sob a imputação contrária de ateísmo e profanidade.

As pessoas do testemunho das quais ele relatou os milagres, de carácter estabelecido para julgamento e veracidade, como bem podemos supor, testemunhas oculares dos factos, e confirmando o seu veredicto após a família Flaviana ter sido despojada do império e não poder mais dar qualquer recompensa como preço de uma mentira.» Hume diz verdadeiramente, «nenhuma evidência pode ser suposta mais forte.» Mas como estes milagres são contrários à teoria de Douglas, embora precisamente de acordo com as suas regras, ele não está em perda para razões para os rejeitar. Eles poderiam, diz ele, ter sido contrafeitos; foram, provavelmente, montados para favorecer uma velha superstição e para lisonjear o imperador; nem aparece que os olhos do cego estavam inteiramente destruídos.

A espada de dois gumes é aqui usada da forma mais perigosa; pois estes são os mesmos argumentos avançados contra os milagres de Cristo por céticos. Não lemos que o homem dito ter nascido cego tivesse os olhos totalmente destruídos; eles poderiam, dizem caviladores, ter estado apenas cobertos com uma película que a argila poderia remover; o todo poderia ter sido montado para favorecer a nova religião. Não, somos assegurados pelos judeus que a ressurreição de Lázaro foi montada, e que Cristo nunca ressuscitou, mas foi roubado pelos seus discípulos, etc. Tais espíritos determinados «que sempre negam,» são campeões fatais da causa que esposam. Quando o advogado de qualquer coisa estabelece as suas próprias regras de argumento, e as abandona, arruína a sua própria causa. Deixa de ser um raciocinador; torna-se um mero sofista.

O Dr. Douglas não nega assumidamente todo o milagre subsequente aos apóstolos. Pelo contrário, culpa o Dr. Church por afirmar tal opinião; mas rapidamente procede a depreciar os milagres dos Pais dos primeiros três séculos, dizendo que eram chiefly aqueles de curar doenças que, talvez, admitiam remédios naturais, e de exorcizar espíritos que, provavelmente, não eram espíritos de todo; e termina reproduzindo o axioma protestante, que milagres foram dados pelo Céu para atestar a autoridade daqueles primeiros separados para ensinar essa religião, e que uma vez ensinada, o propósito foi respondido, e cessaram de ser necessários.

Ele não se compromete a dizer que o miraculoso cessou com os apóstolos, mas acredita que cessou com os discípulos imediatos de Cristo, o que é precisamente o que culpa no Dr. Church. Os factos apelados como milagres, mesmo durante as duas primeiras épocas, diz ele, «são de um tipo tão ambíguo que, concedendo que aconteceram, restará ser decidido por uma consideração das circunstâncias atendendo à performance deles, se havia qualquer milagre no caso de todo.»

Agora, vimos a confiança com que Tertuliano apelou ao público para provas do poder universal dos cristãos do seu tempo – o terceiro século – para expulsar demónios. Ele próprio cita instâncias semelhantes de Justino Mártir para o final do segundo século (Cohortatio ad Græcos, p. 45). Duas outras passagens do mesmo tipo das «Dialogues with Trypho» de Justino, pp. 247 e 311; do Apelo de S. Cipriano a Demetrianus, o Proconsul da África,» sec. 12, com uma confiança igual à de Tertuliano; de Minutius Felix, p. 30 («De Errore prophan. Relig.»); e de Lactâncio, «De Justitia,» lib. v. c. 12; onde todos declaram que os demónios saíam com gemidos e gritos de tormento, confessando com vozes humanas a sua natureza. Ele cita também da «Defence of Christianity against Celsus» de Orígenes, onde diz (p. 62, ed. sp.) que desde que Jesus veio, os judeus cessaram de ter quaisquer profetas; mas que os cristãos continuaram a receber inspirações; que curas eram realizadas em nome de Jesus (p. 80); que alguns cristãos, invocando o nome de Deus e Jesus, eram capazes de curar os doentes (p. 124); e outros expulsavam demónios (p. 133); que sempre podiam fazer isto, mesmo os homens mais simples, e que este poder era chiefly exercido por leigos (p. 335). Não, ele cita Orígenes para mostrar que Esculápio, um pagão, tinha feito curas apelando aos seus deuses (p. 124); e também Atanágoras para o mesmo propósito, que diz que os cristãos geralmente admitiam que tais curas eram feitas por apelo a divindades pagãs – isto é, a demónios.

Agora, isto é confirmar as afirmações tanto de cristãos como de pagãos em prova de milagres; um facto que, como mostrei amplamente, todas as nações e todas as épocas reclamam. Ele então retira-se para a negação de que os cristãos das primeiras três épocas podiam realizar os milagres mais altos de ressuscitar os mortos, como os apóstolos fizeram. Mas se podiam realizar milagres de todo, a questão é concedida do poder permanecendo durante esse período na igreja. Ele nota, no entanto, algumas reivindicações ao mais alto grau de poder, mas apenas para as raciocinar afastadas, e podemos selecionar um caso para mostrar a maneira em que o bispo podia forçar um ponto. Ele cita Ireneu, como dado por Eusébio (lib. v. c. 7. p. 127). «Os hereges estão longe de serem capazes de ressuscitar os mortos, como o nosso Senhor os ressuscitou, e como os apóstolos e muitos

dos pagãos os ressuscitaram pelas suas orações. Mas frequentemente, em alguma ocasião necessária, pelas orações de toda a igreja do lugar, oferecidas com muito jejum, o espírito retornou ao corpo morto, e um homem foi devolvido às orações dos santos.»

No momento atual, data de 04 de agosto de 2025, no final do segundo e no início do terceiro século, o bispo esforça-se por persuadir-se de que isso não se aplicava ao tempo do escritor, mas a um tempo passado. Nada me parece tão positivo como o facto de a matéria se referir à experiência própria do escritor. Mas, novamente, Eusébio cita Ireneu no mesmo lugar. Aqueles que são os verdadeiros discípulos de Jesus fazem, em Seu nome, conceder bênçãos a outros por um poder recebido Dele; pois alguns expulsam demónios, outros têm conhecimento do futuro e veem visões; outros, ainda, curam os doentes pela imposição das mãos.

Além disso, observei já que os mortos foram ressuscitados e viveram muitos anos entre nós. Isto seguramente é claro o suficiente. Ireneu não só, falando do que se passava no seu próprio tempo, diz que os mortos eram então ressuscitados, mas que tinham vivido muitos anos entre nós, καὶ νεκροὶ ἠγέρθησαν, καὶ παρέμειναν σὺν ἡμῖν ἱκανοῖς ἔτεσι.

Mas o bispo não deveria ter parado aí na sua citação; pois Ireneu continua: «Que direi eu? Os dons são inumeráveis com os quais Deus enriqueceu a sua igreja em todo o mundo, e por virtude dos quais, em nome de Cristo crucificado sob Pôncio Pilatos, a igreja todos os dias faz muitos prodígios para o bem das nações; nem fraudulentamente, nem em qualquer respeito de lucro e ganho para si mesma, mas concedendo tão livremente como Deus lhe concedeu as Suas graças divinas.» É tão claro de tudo isto como qualquer linguagem o pode tornar, que, no segundo e terceiro séculos, a igreja é declarada por Ireneu possuir não só o poder abundante de curar os doentes e expulsar demónios, mas de ressuscitar os mortos. Os católicos, como vimos, declaram que estes poderes nunca cessaram; e não pode haver dúvida de que continuaram enquanto permaneceu fé cristã e religião vital suficientes para os comandar; e que onde estes existem, ainda permanecem.

Mas a renúncia prática do bispo ao seu próprio princípio, de que os milagres podem ser testados no tempo e lugar onde são exibidos, torna-se mais forte à medida que ele desce para os nossos próprios tempos. Outro caso aduzido por Hume, e declarado por ele como igual em evidência aos milagres do cristianismo, é o das manifestações notáveis no túmulo do abade Paris, no cemitério de St. Mèdard em Paris. Este abade Paris era um jansenista. Morreu em 1727, e diziam-se ser realizados milagres no seu

túmulo. Estes cresceram tanto que em 1731 toda a cidade de Paris estava em fermento sobre eles.

O cemitério estava lotado da manhã à noite por doentes rezando por alívio. Para pôr fim à multidão e ao tumulto, o magistrado principal, provavelmente por instigação dos jesuítas, que estavam profundamente exasperados com estes sucessos dos seus rivais, os jansenistas, ordenou que todo o acesso ao túmulo fosse fechado. Voltaire diz que visitou o lugar e encontrou inscrito por algum gracejador na parede do cemitério:

De par le Roi,-defense à Dieu
De faire miracles en ce lieu.

E acrescenta: «O que é mais surpreendente é que Deus obedeceu!» Mas isto, como muitas das afirmações de Voltaire, não era verdade. Os milagres continuaram a ser realizados perto do túmulo tanto como sempre durante vinte anos; e, de facto, mais ou menos até ao tempo da revolução.

O bispo Douglas visitou Paris em 1749, isto é, dezoito anos depois, e foi-lhe dito que ainda continuavam, especialmente entre os Convulsionários. Os jesuítas não omitiram nenhum esforço para lançar descrédito sobre estes milagres; e o arcebispo de Sens escreveu uma obra para os desmentir ou raciocinar contra eles; mas, quando ele e todo o corpo de jesuítas fizeram o seu melhor, foram compelidos a confessar que muitos deles eram reais, mas procedentes do diabo. Hume, nos seus «Ensaios Filosóficos» (p. 195), diz: «Certamente nunca houve um número tão grande de milagres atribuídos a uma pessoa como aqueles que ultimamente se dizia terem sido operados em França no túmulo do abade Paris. A cura dos doentes, dar audição aos surdos e visão aos cegos eram falados por toda a parte como os efeitos do santo sepulcro. Mas o que é mais extraordinário, muitos dos milagres foram imediatamente provados no local, perante juízes de crédito e distinção inquestionáveis, numa era erudita e no teatro mais eminente que agora existe no mundo.

Nem é isto tudo; uma relação deles foi publicada e dispersa por toda a parte; nem os jesuítas, embora um corpo erudito, apoiados pelos magistrados civis e inimigos determinados dessas opiniões em cujo favor os milagres se dizia terem sido operados, foram alguma vez capazes de os refutar ou detetar distintamente.» Claro que Hume não acreditava neles, porque estava comprometido com a «impossibilidade absoluta de eventos milagrosos»; mas tal é, admite ele, a evidência histórica. O Dr. Middleton, o autor do «Inquérito Livre», declara que a evidência destes milagres é plenamente tão forte como a dos milagres registados pelos primeiros Pais da igreja.

Poderia ter dito imensamente mais forte, vendo que estavam a ser feitos perante toda a Paris no momento exato em que escreveu o seu livro, e tinham então continuado durante dezoito anos. Douglas estava em Paris nesse mesmo ano (1749), e no entanto não encontramos que se deu ao trabalho de os ver ele próprio. Middleton e Farmer poderiam ter ido e examinado-os por si mesmos. Mas um dos fenómenos mais extraordinários no mundo é que os mesmos homens que mais firmemente negam milagres, e que até escrevem grandes livros contra eles, nunca dão um único passo para uma investigação pessoal sobre eles. Um caricaturista célebre disse-me que ia escrever um livro contra o Espiritualismo e ilustrá-lo.

Eu disse: «Claro que viste muito dele.» «Oh não», disse ele, «nada de nada; e não verei nada até ter terminado o meu livro!» «Que os declamadores», escreveu o Dr. Middleton, com base na autoridade dos Pais, «produzam, se puderem, qualquer evidência dos milagres primitivos metade tão forte como o que se alega para os milagres do abade Paris; ou se não puderem fazê-lo, que nos deem uma razão pela qual devemos receber uns e rejeitar os outros» (p. 226). E qualquer um poderia ter retorquido contra ele: Os milagres no túmulo do abade Paris estão tão plena e publicamente atestados como qualquer dos milagres do cristianismo; foram tão testados e opostos, e estão a atuar agora - não há 1749 anos. Dai-nos uma razão pela qual devemos receber uns e rejeitar os outros.

Com afirmações tão fortes da excelência da credibilidade destes milagres, como age então o bispo? As suas regras de teste estão todas cumpridas. São provados por milhares no local e no momento, e não passaram sem a máxima questão e exame. Admite-os, portanto? De modo nenhum. Isso teria posto fim ao seu livro, como o meu amigo o caricaturista temia que, se examinasse o Espiritualismo, o seu livro fosse posto fim. O objetivo em ambos os casos era manter uma teoria cega e fazer um livro, não ser convencido. Ousou o bispo dizer que as suas regras não tinham sido observadas e que estes milagres não foram examinados no momento e tornados conhecidos no local? Pelo contrário, reprova um escritor por afirmar que não foram examinados no momento, o Dr. Dodwell, na sua «Resposta Livre» ao «Inquérito Livre», afirmou que estes milagres não foram investigados no momento; que o Tribunal de Paris e os jesuítas tinham medo de uma investigação completa.

No entanto, o próprio Dodwell, que poderia ter ido a Paris e resolvido o assunto por inspeção ocular, nunca parece ter pensado em tal coisa; tão mais fácil é sentar-se e escrever sem qualquer investigação nas estatísticas do seu assunto, mas o bispo mostrou o absurdo das afirmações de gabinete de Dodwell. Diz que «Muitas investigações livres foram feitas sobre eles; como as cartas pastorais dos arcebispos de Paris, de Embrun, de Sens, de

muitos outros bispos, uma inundação de panfletos de eclesiásticos privados e as controvérsias repetidas nos "Journaux de Trevoux" e outros periódicos, provam suficientemente.» Mostra que o prefeito de Paris e os jesuítas teriam ficado apenas demasiado contentes em detetá-los e expô-los. Como lidou então o bispo com eles?

Em primeiro lugar, esforça-se por destruir o crédito do historiador mais distinguido deles, M. de Montgeron. Diz que Montgeron, quando foi testemunhar os milagres, era um infiel confirmado e tinha sido um homem muito dissoluto. Que, sendo grandemente impressionado pela fervura das orações dos doentes aí reunidos, caiu de joelhos e rezou que, se o santo tivesse influência com o Todo-Poderoso, Ele iluminasse o seu entendimento e lhe mostrasse a verdade. Que imediatamente as razões mais fortes pela verdade do cristianismo fluíram para a sua mente, e que, sob a influência dessas impressões, permaneceu de joelhos durante quatro horas, sem ser minimamente perturbado por tudo o que se passava à sua volta. Isto, pensa o bispo, é prova suficiente de que Montgeron era um entusiasta e que portanto as suas revelações não são dignas de crédito.

É uma coisa singular que a «resposta à oração», tão insistida por todos os divinos, seja aqui, por um prelado inglês, tornada causa suficiente para desacreditar um homem. O que M. Montgeron realmente era veremos em breve. Mas o bispo poderia ter poupado a sua tentativa de remover o valor das declarações de Montgeron; pois já nos tinha assegurado que os milagres não repousavam apenas na sua relação, mas também na de arcebispos, bispos, clérigos, jornalistas e inumeráveis panfletos do tempo. O seu esforço seguinte é mostrar que as curas poderiam ter sido efetuadas por meios naturais.

Essa questão também veremos em breve decidida, embora, se tivesse sido o facto de os casos serem curáveis por meios naturais e no entanto curados instantaneamente por oração no túmulo do abade, o milagre não seja menos um milagre. Estas curas no túmulo do abade Paris foram um assunto muito difícil para o bispo; e ele não só empregou 120 páginas de um volume de apenas 416 em laborioso esforço para os desmentir, mas ficou tão pouco satisfeito com o resultado que retorna uma e outra vez ao assunto até ao fim do volume; e, afinal, passou com uma mera alusão, talvez, aos casos mais extraordinários, os dos Convulsionários. Veremos que Paley nota estes, mas satisfaz-se com a ligeira observação de que a natureza das doenças convulsivas não era então compreendida; nem o são agora, se estas fossem doenças naturais.

Mas como os esforços do bispo de Salisbury para enfraquecer o poder destes milagres fornecem o desafio mais ousado e descarado de, talvez, a

evidência mais pública e mais completa que está registada em toda a literatura, pretendo aqui dar uma visão mais inteira de todo o caso do que se encontra, exceto na própria obra volumosa de Montgeron. Apresentará um exemplo sempre memorável da obstinação inveterada e da teimosia que possuem os homens determinados a não serem convencidos. Não há exemplo similar desde os dias do nosso Salvador, quando Ele realizou os Seus magníficos prodígios perante os ouvidos selados e os olhos endurecidos dos escribas e fariseus.

CAPÍTULO VIII

OS MILAGRES NO CEMITÉRIO EM PARIS EM 1731

E SUBSEQUENTEMENTE

CARRÉ DE MONTGERON era o filho único de Guy Carré, Mestre de Pedidos sob Luís XIV, e chamado Montgeron da sua principal propriedade; a sua mãe era filha do marechal de campo Diery. Sendo rico e mimado em tudo, Carré de Montgeron cresceu um homem muito dissipado, entregando-se a toda a sensualidade dessa corte e tempo. Para sufocar as repreensões da sua consciência, esforçou-se assiduamente por se convencer da filosofia infiel então entrando rapidamente em voga, e conseguiu fazer de si pelo menos um deísta determinado. Apesar da sua vida licenciosa, mantinha-se bem com as classes superiores e tornou-se membro do Parlamento.

Nesta época, a grande contenda entre os jesuítas e os jansenistas grassava. Os jesuítas haviam sido durante muito tempo todo-poderosos. Rodeavam o trono de França em enxames, e Luís XIV era completamente o seu escravo. Pela sua influência, foi levado a perseguir toda a aparência de protestantismo e toda a reforma na igreja. Foi levado a destruir o florescente convento e escolas de Port Royal, de onde muita luz sob célebres professores jansenistas se espalhava por toda a França. E devastou o país dos Cevennes com fogo e espada, para esmagar os protestantes. Como os jansenistas pregavam e ensinavam a necessidade da graça divina para uma conversão completa e da pureza de vida e pensamento, tornaram-se intoleráveis para os jesuítas, que, pelo contrário, ensinavam os princípios mais frouxos e mais acomodatícios. Apelaram a Roma contra os jansenistas como hereges no seio da igreja, e Roma, sempre pronta a esmagar a heresia, emitiu bula após bula para servir os propósitos malignos dos jesuítas. Os jesuítas haviam redigido um conjunto de opiniões da obra póstuma de Jansen, que declaravam heréticas, e todos os bons católicos eram obrigados a assinar uma condenação delas.

Os jansenistas recusaram e foram portanto expostos às mais terríveis perseguições por instigação dos jesuítas. A bula de Inocêncio X de 1653 foi posta em fresca operação pela célebre obra de Quesnel, em 1698, intitulada «Observações Morais sobre o Novo Testamento», que expôs as doutrinas baixas do jesuitismo. Em 1709, o convento de Port Royal foi destruído, como disse, com circunstâncias de horror inigualado, e os professores e freiras jansenistas dispersos.

Em 1713, apareceu a bula de Clemente XI chamada «Unigenitus», e pela resolução despótica do regente Orleães de que a bula deveria ser obedecida, foi também chamada a «Constituição». E como os jansenistas apelaram contra ela para um concílio geral, embora em vão, foram chamados Apelantes. Muitos outros católicos, desgostados com esta bula, recusaram igualmente a submissão, e os católicos de França foram divididos em dois grandes partidos, Constitucionários e Apelantes.

Por algum tempo, os jesuítas triunfaram pela sua influência tanto em Roma como na corte de França, pelas suas artes insidiosas e pela sua política implacável; mas a verdade e o poder surgiram na pessoa de Blaise Pascal, e as suas «Cartas Provinciais», pela sua veia de espírito e raciocínio invencível, desmascararam-nos completamente perante o mundo inteiro e nunca cessaram na sua operação até que a supressão da ordem foi efetuada e foram sucessivamente expulsos de todos os países da Europa. Em 1713, diz M. de Montgeron, a aparência da «Constituição» deleitou-o grandemente. Não era, nessa época, um teólogo muito profundo, mas podia perceber que esta bula «condenava os principais fundamentos da igreja cristã; donde tirou a inferência de que aqueles que a emitiram pensavam secretamente como ele; e que a sua religião era apenas um manto de política».

Assegurou-se de que todos os Constitucionários eram deístas; e assim continuou, confirmado no vício, até 1731. Nessa época começou a ouvir falar dos milagres que se realizavam no cemitério de St. Mèdard; durante algum tempo riu-se deles; depois desdenhou-os, mas continuavam a vir com tal força e de tais lados que o assustaram e o encheram de medo de que, afinal, a religião cristã fosse verdadeira. Resolveu ir ele próprio ver o que realmente se passava; consultar ao mesmo tempo os médicos mais célebres e não poupar esforços para descobrir se verdade ou impostura estavam no fundo do assunto. A consequência foi, diz ele, que ao entrar no cemitério foi impressionado por um sentimento de respeito ao ver os rostos das pessoas aflitas aí reunidas, nunca tendo antes visto em quaisquer rostos tal devoção real, compunção e fervor, nem tendo ouvido orações proferidas com tal ardor. Em breve caiu de joelhos na borda do túmulo, cobrindo o rosto com as mãos, e rezou nestas palavras: «Ó tu por cuja

intercessão se publica que milagres são realizados, se for verdade que uma parte de ti ainda sobrevive à tua morte e que tens influência com o Omnipotente, tem piedade da minha cegueira e obtém para mim, em misericórdia, a dissipação da minha escuridão.»

A partir desse momento, diz ele, um fluxo de pensamentos desenvolveu-se na sua mente, que o manteve de joelhos durante quatro horas, embora pressionado e quase pisado pelas multidões à volta, mas sem ser capaz de perturbar as suas reflexões. Toda a sua vida pareceu passar, coisas que havia completamente esquecido surgiram perante ele e encheram-no de horror e espanto. Nunca, diz ele, havia perdido a crença na existência de um Deus; mas era de um Deus que não se interessava pelos homens, a quem considerava apenas como máquinas, organizadas apenas para a vida presente.

Agora via a sua loucura e a loucura de imaginar que os judeus acreditariam em historiadores e profetas que haviam traçado um caráter mais nada lisonjeiro deles, os haviam acusado de tantos crimes e denunciado tantas calamidades sobre eles, se não soubessem que os livros em que haviam registado essas coisas eram verdadeiros. Parecia-lhe igualmente absurdo imaginar que os apóstolos não eram sinceros, que recomendavam apenas aos primeiros cristãos simplicidade, sinceridade e candura, e que lhes proibiam, com severidade terrível, entregar-se à falsidade. A porção dos mentirosos, diz São João no Apocalipse, xxi. 8, será no lago que arde com fogo e enxofre.

Os espetáculos que viu completaram o efeito destas novas reflexões. Ia dia após dia e convenceu-se das curas instantâneas, surpreendentes e perfeitas que continuamente se realizavam neste túmulo. Toda a Paris, toda a França, estava em alvoroço com isso. Os jesuítas e o clero em geral estavam furiosos com o facto de milagres ocorrerem no túmulo de um jansenista e exerciam todos os meios para lançar ridículo e descrédito sobre esses prodígios, mas em vão. Os casos eram em centenas; ocorriam em todas as classes, mesmo nas ligadas à corte, quando o rei, nas mãos dos jesuítas, poderia a qualquer momento esmagar com ruína total aqueles que afirmavam a verdade dos milagres, muito mais aqueles que procuravam beneficiar-se deles.

No entanto, pessoas de todas as classes foram compelidas a admitir a verdade dessas coisas. Os médicos mais célebres, que haviam pronunciado a incurabilidade dos seus pacientes, deram honradamente certificados do facto e pronunciaram as curas não só além do alcance da ajuda humana, mas, em muitos casos, a restauração de membros feridos e deteriorados, «criações reais». Pode parecer aos protestantes, endurecidos por um longo

curso de educação contra milagres, extraordinário que tais milagres aparecessem no túmulo de um jansenista. O vento sopra onde quer, e a providência de Deus é igualmente independente, embora raramente sem um significado não longe de buscar. Os jesuítas, crescidos pelos seus atos a grande poder, manejavam as próprias prerrogativas do trono; haviam minado durante muito tempo o fundamento de toda a religião real pelas suas princípios podres e pela sua ambição egoísta; os jansenistas eram os proclamadores de morais puras e de uma vida vital e amor de Deus na alma.

O papado havia posto o seu selo de sanção nos jesuítas, e Deus agora avançava para desmascarar, marcar e destruir eles. A sua raiva e malícia perante a evidência do poder divino aparecendo entre os seus oponentes levou-os a resistir e depreciar o que todo o povo, alto e baixo, via ser real; e assim destruíram o seu próprio prestígio e prepararam o caminho para a sua própria queda. O abade Paris havia sido confessadamente um homem de piedade eminente e genuína e compaixão pelos pobres e sofredores, e era, como parecia, em testemunho do seu cristianismo real e da fé pura e amor genuíno dos seus companheiros professores, que os pobres e aflitos recorrendo ao seu túmulo encontravam o poder de Deus procedendo dele.

A convicção de Montgeron do seu deísmo e dos seus pecados neste túmulo, produzida pela visão dos suplicantes e pelo resultado das suas orações, o bispo inglês, como observámos, atribui a entusiasmo e ao espírito de um visionário. Pelo mesmo princípio, São Paulo, na sua prostração pela luz e forma de Cristo no caminho para Damasco, deve ser pronunciado um entusiasta e um visionário. Pelo mesmo princípio, os apóstolos, que, quando receberam o Espírito Santo, permaneceram juntos num lugar cantando e louvando Deus, eram entusiastas e visionários.

O bispo inglês colocou-se imediatamente do lado dos jesuítas - um espetáculo singular para um prelado protestante - e resolveu negar e depreciar estes milagres; e o seu livro permaneceu o grande livro-texto das nossas universidades sobre o assunto, e todos os nossos divinos nacionais foram devidamente doutrinados com ele. Estou obrigado a afirmar e mostrar que o termo mais suave para o «Critério» do bispo Douglas é um livro infame, repleto das falsidades mais pavorosas escritas perante a massa mais notável, mais irrefutável de evidência oficial e outra, talvez alguma vez reunida. M. de Montgeron, tendo observado com grande interesse o progresso das curas diariamente ocorrendo no cemitério de St. Mèdard e tendo lazer, paciência e influência, embora fosse membro do Parlamento, conselheiro privado e magistrado, não temia qualquer dano ou desgraça que o seu testemunho à verdade delas pudesse ocasionar-lhe.

O arcebispo de Paris tomou o lado dos jesuítas e saiu com uma carta pastoral em que coletou todo o ridículo e negação de hearsay destes milagres. Quem ler o «Critério» do bispo inglês pode ver o curso tortuoso, indireto e infundado que o arcebispo francês tomou; pois o bispo inglês copiou servilmente as suas histórias e os seus argumentos. Montgeron, no entanto, não deixou escapar o arcebispo e os seus zelosos coadjutores, os jesuítas. Selecionou das centenas de casos de curas através da mediação do abade Paris - alguns publicados, mas mais inéditos - nove casos em que as doenças ou ferimentos haviam sido de caráter tão agravado e haviam sido tão amplamente e inegavelmente atestados por evidência médica e outra, e haviam por essas circunstâncias ou pela posição social dos sujeitos sido tornados tão universalmente conhecidos, que não havia chance de os oponentes escaparem à verdade.

Relativamente a estes casos, Montgeron coletou, com indústria infatigável, toda a evidência de médicos e cirurgiões da mais alta eminência, de magistrados, notários públicos, clérigos, bispos e arcebispos, bem como de cortesãos na corte hostil e das próprias partes e dos seus amigos. Quaisquer falsidades e calúnias emitidas pelo arcebispo de Sens e os seus aliados jesuítas relativamente a esses casos, ele caçou e expôs na evidência mais autêntica e inoponível. Tudo isto escreveu cuidadosamente num volume quarto grosso, intitulado «La Vérité des Miracles opérés par l'Intercession de M. de Paris, demontrée contre M. l'Archevêque de Sens. Ouvrage dedié au Roi par M. de Montgeron, conseiller au Parlement.»

Este livro, depois sucessivamente alargado e continuado de 1737 a 1741 em quatro volumes quarto e contendo uma vasta coleção de testemunhos oficiais e pessoais à verdade de cada caso em cada particular, apresentou-o pessoalmente ao rei e, após uma receção aparentemente graciosa dele, foi preso na mesma noite por lettre de cachet (carta selada) e lançado na Bastilha pelo ato. Na sua dedicação ao rei diz que tem acima de uma centena de tais casos, completamente atestados, e que há uma abundância de outros que foram realizados sob os olhos de toda a Paris.

Que há números de ateus, deístas, pessoas ímpias e pecadores escandalosos, cujos corações eram tão imaplacável e insensíveis como pedras, que, pelos milagres que testemunharam, foram convencidos, convertidos e penetrados pela majestade de Deus e que não podem cessar, por língua e pena, de publicar o que viram. Acusa ousadamente o clero principal e aqueles ligados à bula do Papa, que, encontrando que não podiam negar a verdade (tendo descoberto que cada vez que o tentavam eram contraditados pela notoriedade das circunstâncias), haviam exercido toda a sua autoridade em toda a parte para destruir o éclat dos eventos e haviam esforçado por terror suprimir as provas deles.

Que não haviam hesitado em usar o nome de sua majestade para este fim. Que clérigos da mais alta eminência e piedade haviam sido expulsos das suas igrejas e os seus paroquianos deixados à ignorância e negligência por ousarem afirmar a verdade; enquanto números de homens que desgraçavam o seu ofício sagrado pelos seus vícios permaneciam em favor e paz. Os casos apresentados por De Montgeron são os seguintes:

1. O de Dom Alphonse de Palacios.
2. O de Marguerite Thibault.
3. O de Marie Anne Couronneau.
4. O de Marguerite-Françoise du Chesne.
5. O de Philippe Sergent.
6. O de Pierre Gaultier de Pezenas.
7. O de Louise Coiren.
8. O de Marie Carteri.
9. O de Louise Hardouin.

Vejamos alguns particulares de alguns destes casos. Dom Alphonse de Palacios era um jovem nobre, filho de Dom Joseph de Palacios, conselheiro de estado e de finanças do rei de Espanha. Estava em Paris para obter, se possível, alívio para o seu olho direito.

O olho esquerdo havia perdido completamente em 1725; todo o interior dele havia sido destruído por uma fluxão seguida de inflamação. Um golpe recebido no olho direito em 1728 tornara-o cego durante oito dias e permanecera desde então muito fraco e era ameaçado pela perda total por uma causa que fazia progresso constante. O nervo ótico do olho esquerdo estando murchado, o nervo do direito, estando ligado a ele, começara também a murchar. Um novo acidente em 1731 produziu inflamação, que foi controlada por algum tempo; mas a visão do olho agora continuava a desaparecer rapidamente.

Após consultar em vão diferentes oculistas, foi levado a Auteuil ao célebre M. Gendron. Esse senhor, após examiná-lo cuidadosamente, pronunciou o caso completamente incurável e que ele devia perder totalmente a visão. O jovem, numa declaração escrita por ele próprio, descreve o seu olho como parecendo mais uma amora esmagada do que um olho. Era uma peça de inflamação sanguínea e o menor raio de luz caindo sobre ele dava-lhe a agonia mais intolerável; de modo que era obrigado a sentar-se em quartos escurecidos com o olho cuidadosamente vendado. Durante sete dias precedendo o milagre havia estado totalmente cego.

Ouvindo falar das curas maravilhosas no túmulo do abade Paris, ansiava por tentar o efeito de uma visita; mas o alto cargo do seu pai em Espanha,

um país tão sob a influência da terrível Inquisição, e a crença nesse país de que a bula do Papa contra os Apelantes era um julgamento infalível, tornava-o uma experiência muito arriscada. A sua agonia e a perda de visão, no entanto, levaram os seus atendentes e o seu tutor, o célebre M. Rollin, a consentir. A experiência foi bem-sucedida. Recebeu imediatamente a visão perfeita do olho direito e podia olhar com ele diretamente para o sol e ler com o conforto mais perfeito.

Dois dias depois, foi a Auteuil e apresentou-se a M. Gendron, que exclamou ao vê-lo no máximo espanto: «Que lhe aconteceu? O seu olho parece perfeitamente bem!» Ao ouvir o que se passara, M. Gendron declarou que M. Paris havia feito aquilo que nem ele nem qualquer outro homem no mundo poderia ter feito, que era um milagre genuíno. Dom Alphonse redigiu, antes da sua partida, uma declaração completa dos factos em espanhol e também depositou com o notário público uma cópia francesa dela, feita por ele próprio na presença do notário do Sieur St. George e uma dúzia de outras pessoas.

O notário registou-a devidamente no seu livro e vinte e dois clérigos de Paris apresentaram esta declaração ao arcebispo de Sens. Esse prelado, que poderia ter-se informado de todo o assunto junto de Dom Alphonse e de todos à sua volta, mas não o fez, declarou toda a declaração uma teia de falsidades, de duplicidade, impostura e mentira. Depois espalhou que Dom Alphonse havia assinado esta declaração sem a ler. Não parou aí, mas declarou que havia havido uma defluxão no olho de Dom Alphonse, mas que havia sido curada naturalmente e que M. Jeoffroy havia realizado esta cura.

Ao ser comunicada esta declaração a M. Jeoffroy, ele deu a resposta brusca por escrito: «Nunca conheci M. de Palacios antes de a sua cura ser falada e portanto não poderia ter sido curado por mim.» Esta declaração foi depositada com o notário público M. Raymond. Expulso deste ponto, o arcebispo de Paris veio em seu auxílio e na sua última ordenança publicada contra os milagres fez um extrato de um prétendu procès (suposto processo) verbal feito em Espanha, que insinuava que o pobre jovem Dom Alphonso, por fim sucumbindo às ameaças da Inquisição, havia assinado uma declaração negando o milagre.

Surpreendeu os leitores que tal ato da Inquisição estivesse nas mãos do arcebispo de Paris, pois tais atos permanecem nas do secretário da Inquisição. Mas como o arcebispo afirmou que havia depositado o ato nas mãos do seu registador, foi feita aplicação a ele para o ver; mas, para o ainda maior espanto dos inquiridores, respondeu que nenhum tal ato havia alguma vez sido depositado com ele, mas que poderia estar com o

secretário do arcebispo. Sendo feita aplicação a esse senhor, respondeu que o tinha, mas não lhe era permitido mostrá-lo. A conclusão natural era que não existia.

Mas se existisse, apenas provaria que Dom Alphonse havia assinado um papel sob compulsão. M. Rollin, o tutor do jovem em Paris, havia recebido uma carta de Dom Joseph, o seu pai, expressando a sua alegria e espanto ilimitados pela sua cura. Mas sabia-se que, durante alguns anos, a Inquisição havia ameaçado a ruína da família se Dom Alphonse não assinasse tal papel. O seu pai, a sua mãe, todos os seus parentes, haviam-no instado da maneira mais veemente; no entanto, resistira e cartas, durante esses anos, haviam sido recebidas dele por M. Linguet, o sub-regente do Colégio de Navarre, e outros senhores, afirmando o quanto era perseguido por causa da sua recusa em negar a verdade da sua cura milagrosa; como todas as vantagens mundanas lhe eram cortadas pela sua persistência; mas expressando a sua determinação de manter a verdade, pois devia a sua cura a Deus.

Em setembro de 1734, veio também uma carta aos amigos de Dom Alphonse em Paris de M. Courcelles, de Rennes, que o havia visto em Madrid e o encontrou numa espécie de cativeiro na casa do pai, mas declarando que a sua cura era tão permanente como havia sido milagrosa. Tal era o espírito de vingança em que o arcebispo de Sens prosseguia a sua oposição a estes milagres jansenistas, que expulsou M. Linguet do seu posto de sub-principal do Colégio de Navarre por declarar esta cura um milagre e arruinou-o totalmente.

No entanto, M. Linguet não só continuou a manter isto, mas após a sua expulsão publicou uma conta dela. Entre os nomes distinguidos publicamente atestando esta cura milagrosa estão os de M. Gendron, o eminente oculista, que também, numa longa carta, dá todos os particulares ao bispo de Montpellier; M. Pirrault, governador e preceptor dos dois filhos de Dom Joseph Palacios; M. Linguet, do Colégio de Navarre, e M. Linguet, um médico atendendo Dom Alphonse em Paris; os dois cirurgiões célebres Demanteville e Souchay; Sir Edward Aston, o filho de Lord Aston, que fez uma deposição pública do seu conhecimento do caso tanto antes como depois da cura; M. Rollin, reitor da Universidade de Paris; M. Roulié des Filtières, que o levou a M. Gendron em Auteuil, e muitos outros; como pode ser visto por referência a Montgeron.

Tomemos agora o sexto caso, porque é outro caso de cegueira. Pierre Gaultier era aprendiz de um seleiro em Pezenas, uma aldeia de Languedoc. Quando criança, a varíola havia deixado duas cicatrizes opacas na pupila do olho esquerdo, que obstruíam parcialmente a sua visão. Em 1732, ao

tentar soltar um nó em algum arreio, o nó cedeu inesperadamente e o seu furador mergulhou no seu olho. Perfuro até à retina e deixou-o totalmente cego desse olho e com visão muito defeituosa no outro. Todo o médico a quem foi mostrado pronunciou o caso perfeitamente desesperado. Foi aconselhado a ir a Paris e visitar o túmulo de St. Mèdard pelo seu confessor.

Fê-lo e regressou perfeitamente curado do olho que havia sido perfurado pelo furador, mas com as duas cicatrizes ainda restantes no olho esquerdo. Os jesuítas, tendo muita influência nesse quarto, estavam todos em armas; e os seus aderentes declararam que não era milagre ou as cicatrizes teriam sido removidas do olho esquerdo. O arcebispo de Sens havia derramado muito ridículo sobre a cura do olho de Dom Alphonse porque o que havia sido totalmente destruído durante anos não havia sido recriado. Dom Alphonse sentia ser um grande milagre ter um restaurado. Neste caso os médicos foram consultados; e declararam que, se as cicatrizes tivessem sido removidas do olho esquerdo, teria sido um milagre incontestável.

Pelo conselho do seu confessor, Gaultier foi mais uma vez a Paris, visitou e rezou no túmulo e regressou perfeitamente livre das cicatrizes e com apenas uma ligeira marca onde o furador havia entrado no olho direito. O pai de Gaultier, que era padeiro do exército, agora exigia os seus serviços em Itália. Mal se foi embora, os jesuítas e os assumidamente incrédulos propagaram o relatório de que a cura não era real e que o bispo de Montpellier o havia escondido em alguma solidão para que não se soubesse. Ora o bispo havia, como um homem sensato, investigado o caso convocando Gaultier, os seus pais e vizinhos, bem como os médicos que o haviam atendido durante a sua cegueira do acidente; e encontrando tudo verdadeiro como declarado, havia escrito ao arcebispo de Sens para o assegurar disso.

O arcebispo agora respondeu, repreendendo o bispo por fazer uma declaração falsa. O bispo, um homem do caráter mais nobre e calorosamente estimado na sua diocese, fez inquérito sobre Gaultier e em breve teve atestações satisfatórias de que a solidão em que estava escondido era o meio do exército em Itália - uma solidão de quarenta mil homens, a quem, com o seu pai, estava a ajudar a fornecer pão! Ao regresso de Gaultier do exército com um par de olhos excelentes, os jesuítas indignados obtiveram uma ordem para a sua prisão - pelo crime, na realidade, de ser curado por milagre.

Escapou, mas foi apanhado; e enquanto os soldados o marchavam para o escritório do intendente, a sua avó gritou nas ruas: «Que é tudo isto? Não gostam que o meu neto tenha sido curado por milagre; mas não alcançarão

o seu fim. Enquanto Deus preservar a minha vida, proclamá-lo-ei por toda a parte, que o seu olho foi arrancado por um furador e que foi curado pelo abade Paris.» Os jesuítas, no entanto, tendo-o uma vez nas suas garras, pressionaram-no com promessas e ameaças; a menor das quais era que seria encerrado para a vida numa masmorra; e o pobre rapaz consentiu em assinar um papel de que não estava realmente curado; que via apenas muito indiferentemente; e que M. Carisol, o seu confessor, e M. Milhau, o padre da oratória, o haviam contratado para afirmar que havia sido curado pelo abade de Paris.

Este é o terreno em que o imparcial bispo de Salisbury afirma que Gaultier, afinal, não foi curado! Mas qual era o facto? O seu pai apareceu perante o intendente em grande indignação, declarando que o seu filho via tão bem como qualquer deles e que havia sido ameaçado na sua negação do milagre pelos jesuítas. Deu ao intendente as provas mais convincentes de tudo isto; e o intendente entregou-o imediatamente ao seu pai. Os jesuítas enfurecidos escreveram então ao cardeal Fleury, o ministro, e obtiveram a demissão de M. Carisol e M. Milhau das suas igrejas, na representação de que haviam cometido uma impostura sacrílega.

O povo, em grande dor pela perda dos seus clérigos, aos quais estavam extremamente apegados, e o bispo de Agde, que conhecia o seu valor, escreveram a Fleury, afirmando a sua inocência e a cura inquestionável de Gaultier; e foram restaurados; o bispo dando a M. Carisol uma comissão para pregar o Advento em todas as paróquias da sua diocese. Os ministros expulsos regressaram entre a jubilante exultação do seu povo; e o jovem, agora livre do terror dos jesuítas humilhados, declarou abertamente as terríveis ameaças que haviam usado e as lisonjas que lhe haviam aplicado para o levar a fazer uma confissão falsa.

O caso de Philippe Sergent merece alguma atenção. Este homem era um cardador de lã, que se tornara tão paralisado em todos os membros, que já não podia trabalhar no seu ofício, mas fora admitido no Hôtel-Dieu, sendo declarado incurável por todos os médicos que o viram. As suas pernas haviam perdido o uso; e quando tentava mover-se com muletas, elas eram suspensas em talas e correias. Os seus amigos, ao ouvirem falar do milagre no túmulo do Abade Paris, obtiveram a sua alta do hospital.

Ele chegou ao túmulo com a ajuda de um carroceiro, e foi instantaneamente curado, saltando e cantando o Te Deum sobre o túmulo. Para espanto de todos, ele andou por aí mostrando-se no Hôtel-Dieu, e onde quer que fosse conhecido, e depois ocupou uma cave húmida, onde recomeçou o seu ofício. A sua mulher suplicou-lhe que abandonasse o lugar, cujas paredes frequentemente escorriam com humidade; mas ele insistiu em permanecer

ali nove meses, sem sofrer qualquer mal. Durante este tempo, uma pessoa visitou-o, apontou-lhe as suas circunstâncias miseráveis, e ofereceu-lhe cem pistolas para assinar um papel declarando que nunca fora curado.

Ele rejeitou a oferta com indignação; mas a partir desse momento foi perseguido pelas mais inveteradas perseguições. Foi obrigado a deixar Paris; mas por todo o lado os Jesuítas tinham os seus emissários nos seus calcanhares. Perseguiram-no sucessivamente de Reims, Dinant, Namur, Mons e Liège. Regressou a Paris; e, para pôr fim às mentiras dos Jesuítas, escreveu o relato completo da sua condição paralítica e da sua cura, e depositou-o num escritório público. As provas, com os depoimentos dos médicos, são todas dadas por Montgeron.

Os casos das Senhoritas Thibault e Courronneau são dos mais extraordinários: as mais terríveis complicações de paralisia e hidropisia, casos mais publicamente conhecidos, declarados pelos médicos mais célebres como absolutamente incuráveis, no entanto perfeitamente e rapidamente curados por visitas ao túmulo. Como toda a narrativa destes casos, com todas as provas oficiais, se encontra em Montgeron, limitar-me-ei a estender a minha atenção com algumas frases sobre os casos de Marie Carteri e Louise Coirin.

O da Senhorita Carteri era uma doença das glândulas lacrimais, em que os ossos do nariz foram parcialmente consumidos por cárie, e declarado absolutamente incurável. Ela não só foi curada, mas o osso destruído foi reposto; e metade do seu corpo — morto, por assim dizer, em paralisia por mais de doze anos — perfeitamente restaurado ao vigor. As atestações destes factos por médicos e funcionários públicos em Nanterre, o seu lugar de residência, e em Paris, são perfeitas.

Este é precisamente um caso semelhante ao da Senhorita Perryer, a sobrinha do célebre Pascal, como já relatado; e, o que é mais extraordinário, essa cura foi efetuada simplesmente ao limpar os olhos com um guardanapo que fora colocado sobre o túmulo, pois ela estava demasiado doente para ser levada até lá. Aqueles que riem disto podem ao mesmo tempo rir de São Paulo, que enviou guardanapos e lenços do seu próprio corpo para o mesmo fim.

A Senhorita Coirin estava afligida, entre outras maleitas, com um cancro no seio esquerdo durante doze anos. O seio foi destruído por ele, e desprendeu-se em massa; o eflúvio do cancro era horrível, e todo o sangue do sistema foi declarado infetado por ele. Todos os médicos declararam o caso absolutamente incurável, no entanto por uma visita ao túmulo ela foi perfeitamente curada, e o que era mais espantoso o seio e o mamilo foram inteiramente restaurados, com a pele pura e fresca, e livre de qualquer

vestígio de cicatriz. Este caso era conhecido pelas pessoas mais altas do reino.

Quando o milagre foi negado, a Senhorita Coirin foi a Paris, foi examinada pelo médico real, e fez uma deposição formal da sua cura perante o notário público. A Senhorita Coirin era filha de um oficial da casa real, e tinha dois irmãos ao serviço da pessoa do rei. Entre os clérigos que afirmavam a verdade da cura estava o Padre de Lespin, um apoiante da bula do Papa, a pessoa nomeada pelo Arcebispo de Paris para substituir o cura de Saint-Étienne-du-Mont em Paris, que foi expulso por resistir à bula. Os testemunhos dos médicos são do tipo mais decisivo.

O Senhor Gaulard, médico do rei, depôs oficialmente que 'restaurar um mamilo absolutamente destruído, e separado do seio, era uma criação real, porque um mamilo não é meramente uma continuidade dos vasos do seio, mas um corpo particular, que é de uma organização distinta e peculiar.' O Senhor Souchay, cirurgião do Príncipe de Conti, não só pronunciou o cancro incurável, mas, tendo examinado o seio após a cura, foi por si mesmo ao notário público, e fez uma deposição formal 'que a cura era perfeita: que cada seio tinha o seu mamilo na sua forma e condição natural, com as cores e faculdades próprias dessas partes.'

Tais são também os testemunhos de Seguier, o cirurgião do hospital em Nanterre; do Senhor Deshieres, cirurgião da Duquesa de Berry; do Senhor Hequet, um dos cirurgiões mais célebres em França; e números de outros, bem como de funcionários públicos e pessoas da maior reputação, universalmente conhecidas; todos cujos depoimentos são oficialmente e integralmente dados em Montgeron.

Suponhamos que qualquer ou todos estes casos tivessem sido curáveis por meios ordinários, apesar desta prova insuperável de que eram todos de outra forma — o que então? Como já disse, após terem sido tentados em vão pelos médicos mais célebres, e depois curados instantaneamente através da oração, seriam milagres ainda assim.

Ninguém supõe que a mãe da mulher de Pedro, que estava doente de febre, era incurável, e no entanto ninguém se aventuraria a negar que a cura instantânea por Cristo era milagrosa. É a falha de todos estes caviladores, que os seus argumentos estão continuamente a fazer incisões profundas na substância dos Evangelhos.

Tais são estes casos que o Bispo de Salisbury, em 'The Criterion', se aventurou a cavilar e negar. No local, apenas cinco anos depois, ele foi apenas entre os inimigos Jesuítas; fechou os olhos cuidadosamente a estes documentos públicos, e decidiu em conformidade. Sobre fundações tão

podres e fraudulentas foi construído o livro que foi aceite pelas nossas universidades como autoridade completa sobre estes reputados milagres; sobre tal autoridade procedeu Paley, e assim o nosso clero nacional foi regularmente educado para manter um conjunto das declarações mais desonestas e vergonhosas sobre a questão do milagre.

Quem negará a que extensão enorme a conduta do Bispo Douglas danificou a fé nacional? Podemos afirmar com segurança que, se a prova publicamente produzida sobre este assunto e ocasião não é completa, então a prova é absolutamente inútil em qualquer caso, e nunca precisa ser referida. Podemos bem ver por que os Jesuítas, homens que não hesitam em qualquer fraude para alcançar os seus fins, vendo o seu ofício em perigo, deviam violentamente, e em desafio de toda a prova, persistir em denegrir estes milagres; mas por que um bispo inglês, nascido e educado numa religião que não tem fundamento senão o do milagre, devia, perante esta massa irresistível de prova, juntar-se aos Jesuítas, aceitar as suas histórias infundadas, e retalhá-las como verdade, só pode ser explicado pelo facto de que a Igreja de Inglaterra se comprometeu com uma teoria anti-milagre e, portanto, anti-evangelho, e está determinada a mantê-la a todo o custo.

Os casos dos Convulsionários, como são chamados — pessoas que, no progresso destes milagres, caíram em convulsões — assemelham-se em alguns pontos a muitos casos entre os recentes reavivamentos, mas excedem-nos no maravilhoso. Montgeron, no entanto, dá as provas mais completas da sua realidade; e mesmo o Bispo Douglas admite que muitos destes pacientes eram invulneráveis ao fogo! Muitos deles eram mulheres fracas, que recebiam golpes nos seus peitos, enquanto jaziam no chão, que em qualquer estado normal os teriam reduzido a geleia; no entanto elas só expressavam prazer nisso. Uma pessoa, como atestado por números, jazia sobre uma estaca robusta fixada no chão, e com oito ou dez polegadas de altura, pontiaguda, e tinha meia dúzia de pessoas de pé sobre o seu peito, mas sem a estaca perfurá-lo ou feri-lo. Montgeron diz que Jane Moulu, uma rapariga de vinte e dois ou vinte e três anos, de pé ereta, com as costas contra uma parede, recebeu sobre o seu estômago e barriga cem golpes de um martelo, pesando de vinte e nove a trinta libras, que foram administrados por um homem muito forte.

A rapariga declarou que só podia ser aliviada por golpes muito violentos. E o próprio Carré de Montgeron tendo-lhe dado sessenta com toda a sua força, a mulher achou-os tão ineficazes, que fez com que o martelo fosse colocado nas mãos de um homem ainda mais forte, que lhe deu mais cem golpes. Para testar a força dos golpes, Montgeron experimentou-os contra uma parede de pedra. Ao vigésimo quinto golpe,' diz ele, 'a pedra sobre a

qual eu batia, que fora abalada pelos esforços precedentes, soltou-se; tudo o que a retinha caiu do outro lado da parede, e fez uma abertura de mais de meio pé de tamanho.'

Sobre outros Convulsionários era colocada uma prancha, e tantos homens subiam para cima dela quantos podiam ficar de pé, até as convulsões serem aliviadas. Montgeron diz que viu uma rapariga assim pressionada sob um peso suficiente para esmagar um boi. O autor dos 'Vaens Efforts', um inimigo dos convulsionistas, corrobora esta declaração. O Doutor Bertrand declara-os estranhos e inconcebíveis, mas demasiado bem atestados para serem disputados. O Senhor de Montegre declara a prova tão completa, e tão autêntica, como para excluir toda a dúvida racional; mas os atos públicos preservados nos arquivos são as melhores provas.

Boyer, um autor contemporâneo, diz que estes Convulsionários podiam ver perfeitamente com os olhos vendados. ('Coup d'Œil sur les Convulsions': Paris, 1733.) O autor de 'Lettres sur l'Œuvres des Convulsions', e muitos outros testemunhos, dizem o mesmo. Taste, um declarado inimigo dos Jansenistas, declara que vira Convulsionários que adivinhavam os pensamentos dos outros, e exibiam um conhecimento de coisas impenetráveis a toda a subtileza humana. O Doutor Bertrand, embora oposto a eles, admite o mesmo.

La Taste, Boyer, e o autor das 'Lettres sur l'Œuvres des Convulsions', todos atestam que os Convulsionários falavam em línguas que nunca haviam aprendido, cantavam canções em línguas desconhecidas dos presentes, e que uma mulher compreendia coisas dirigidas a ela em hebraico, grego e latim. Eles, de facto, recebiam essas comunicações espirituais tão frequentes entre médiuns. Deve entender-se, no entanto, que estas pessoas convulsionadas eram assim afetadas por espíritos maus ou desordenados, e vinham ao túmulo do Abade para obter alívio, que não obtinham exceto com grande dificuldade.

A tentativa de designar as convulsões como efeitos naturais é fútil, pois nenhuma causa natural poderia permitir que carne e sangue resistissem aos golpes que demoliam uma parede de pedra, e à pressão monstruosa descrita.

CAPÍTULO IX

O SOBRENATURAL
E A IGREJA DE INGLATERRA CONTINUADO

A Verdade é uma suplicante, que, de pé perante o limiar, está para sempre a pressionar em direção à lareira, da qual o pecado a baniu. Ao passarmos e repassarmos perante essa porta, que ela nunca abandona, essa figura majestosa e melancólica fixa por um momento a nossa atenção distraída. Não fomos capazes de repudiar inteiramente a verdade; ainda retemos alguns fragmentos desconexos dela; o que da sua luz o nosso olho enfraquecido pode suportar; o que dela é proporcionado à nossa condição. O resto rejeitamos ou desfiguramos — retemos apenas o nome das coisas que já não possuímos. —

'Vital Christianity' de Vinet.

O BISPO DOUGLAS, tendo tratado as declarações práticas e oficiais de Montgeron com tal inverdade inigualável, prossegue para as curas maravilhosas do Senhor Valentine Greatrakes, de Affane, no condado de Waterford, Irlanda. O Senhor Greatrakes era um cavalheiro protestante, que fora tenente no regimento de cavalaria do Conde de Orrery, mas retirara-se para a sua propriedade ancestral em Affane, e era escrivão da paz para o condado de Cork, registador para plantações, e justiceiro de paz.

Numa carta ao Honorável Robert Boyle, ele afirma que, no ano de 1662, teve um impulso, ou forte persuasão na sua mente, para o qual não podia dar conta, de que o dom de curar o mal do rei lhe fora conferido. Mencionou-o à sua mulher, mas ela pensou ser uma imaginação estranha. A Senhora Greatrakes, no entanto, atuara, como muitas senhoras então faziam, como médica rural para os seus humildes vizinhos, e um arrendatário do irmão de Robert Boyle, o Conde de Burlington e Cork, trouxe o seu filho até ela.

A Senhora Greatrakes encontrou-o muito afligido com o mal do rei no pescoço e rosto, e disse ao marido, que respondeu que ela agora veria se era uma mera fantasia que o possuía. Ele impôs as mãos sobre as partes afetadas, orou a Deus para o curar, em poucos dias encontrou-o maravilhosamente melhorado, e numa segunda aplicação foi perfeitamente curado. Continuou esta prática por três anos, não se metendo com quaisquer outras maleitas; mas a febre tornando-se frequente na vizinhança, sentiu-se impressionado para a curar, e conseguiu, para o seu espanto.

Agora estendeu a sua prática a todos os tipos de queixas, e curou grandes números, mas não todos. Diz que várias pessoas foram trazidas até ele que tinham toda a aparência de estarem possuídas por demónios mudos, surdos e falantes, e ele expulsou-os, apesar da sua resistência violenta. Nomeia o Prefeito de Worcester, o Coronel Birch, o Major Wilde, e, na York House, em Londres, Sir John Hinton, o Coronel Talbot, e muitos outros, como testemunhas de tais exorcismos.

A sua fama espalhou-se por toda a Irlanda, e em 1666 o Conde de Orrery persuadiu-o a vir para Inglaterra, para curar Lady Conway de uma dor de cabeça obstinada. O seu plano era puramente apostólico; punha as mãos sobre as partes doentes, e orava a Deus para curar o sofredor, e quando isso acontecia, dava graças a Deus por isso. Nunca aceitou qualquer remuneração pelos seus casos. Era notável que no caso de Lady Conway não pudesse fazer nada, mas durante a sua estada em Ragley, a sede de Lord Conway, onde permaneceu um mês, impôs as mãos sobre mais de mil pessoas do campo ao redor, e realizou muitas curas maravilhosas.

O Bispo de Dromore esteve lá a maior parte do tempo, e presta testemunho das suas curas maravilhosas. 'Vi,' diz o bispo, 'dores fugirem estranhamente perante as suas mãos, até as ter expulsado do corpo; nebulosidade esclarecida, e surdez curada pelo seu toque. Vinte pessoas, em várias ocasiões, em ataques de mal caduco, foram, em dois ou três minutos, trazidas a si mesmas, de modo a dizerem onde estava a sua dor, e então ele perseguiu-a até a ter expulsado em algum ponto extremo.

Chagas correntes do mal do rei foram secadas, e inchaços foram levados a supuração pela sua mão; chagas graves, de muitos meses, em poucos dias curadas, obstruções e bloqueios removidos, nós cancerosos dissolvidos no seio,' etc. Tudo isto o bispo pensou 'extraordinário, mas não milagroso.' O que, de facto, poderia um bispo da Igreja de Inglaterra permitir-se confessar milagroso? O bispo, se tivesse testemunhado os milagres de Cristo, teria seguramente lembrado que ele era 'um sumo sacerdote,' e tomado bom cuidado para não admitir que algo era um milagre.

Em Worcester, o sucesso de Greatrakes foi igualmente notável, e por ordem de Lord Arlington, secretário de estado, veio à corte. Então alugou uma casa em Lincoln's-Inn-Fields, e por muitos meses continuou lá, realizando as curas mais extraordinárias. Como foi assaltado, como era de esperar, por todo o tipo de calúnias, especialmente dos médicos, publicou uma conta, antes de deixar Londres, de todos os que curara, com os nomes e residências dos indivíduos.

Além disto, os homens mais distintos, médicos e outros, atestaram, de conhecimento pessoal, a realidade das suas curas. Entre estes estavam o

célebre filósofo Robert Boyle, Sir Nathaniel Holbatch, Sir John Godolphin, Sir Abraham Cullen, Sir Charles Doe, o Coronel Weldon, o Vereador Knight, Flamstead o astrónomo, o Doutor Cudworth, que atestou a cura do seu próprio filho; Nathaniel Hobart, Mestre em Chancelaria, etc. Entre os médicos que prestaram testemunho inequívoco a estas curas estavam Sir William Smith, o Doutor Denton, o Doutor Fairclough, o Doutor Jeremiah Astel, etc. Entre os divinos, além do Bispo de Dromore, o Doutor Whichcote, atestando o seu próprio caso; o Doutor Wilkins, depois Bispo de Chester, o Doutor Patrick, depois bispo; o Doutor George Eames, etc.

John Doe, o filho de Sir Charles Doe, relata que por três ou quatro anos fora afligido por uma dor de cabeça obstinada e violenta, que resistira a todos os meios prescritos pelos médicos; que esta era acompanhada por hemorragias no nariz; que, ao ouvir que o Senhor Greatrakes estava na casa do Lord Mayor, foi até ele e suplicou-lhe que tentasse aliviá-lo; que Greatrakes lhe perguntou onde estava a dor, e, sendo informado, impôs a mão no lugar, sobre o qual ela imediatamente fugiu para outro lugar, e Greatrakes impondo a mão lá, em duas sessões expulsou-a completamente do seu corpo; e que continuou para sempre livre dela.

Agora, como lidou Douglas com estes casos? Claro, precisamente como com os do Abade Paris. Quando afirmara com firmeza o que todas as grandes autoridades médicas de França, incluindo os médicos reais, haviam distintamente negado, que esses casos eram curáveis; quando impudentemente — nenhuma outra palavra expressará o facto — afirmara que chagas cancerosas que haviam destruído os próprios ossos do palato e nariz — que paralisia de membros, que desafiara todo o poder e ciência da medicina — eram curáveis; e que um olho furado por uma sovela podia ser, por meios ordinários, restaurado, não havia dificuldade alguma com os casos de Greatrakes.

É verdade que o Deão Rust disse que o vira curar imediatamente, pela sua saliva e um toque da sua mão, casos de escrófula que por anos haviam desafiado todos os médicos; inchaços cancerosos nos seios de mulheres; dispersar nódulos e tumores duros de uma vez; curar chagas ulcerosas de longa data; curar surdez, coxeira, nebulosidade da vista; banir epilepsia, e fazer com que crostas que cobriam todo o corpo, e que por muitos anos haviam sido contadas incuráveis, se desprendessem e desaparecessem, deixando a pele sã e saudável. Tais coisas no tempo do nosso Salvador, ou na Igreja primitiva, ou na Igreja Romana em qualquer tempo, teriam sido reconhecidas como manifestações da mão de Deus em resposta à fé e à oração.

Se eram milagres ou não, não valeria a pena disputar até termos estabelecido a definição precisa e o significado de um milagre: mas é certo que alguns dos atos do nosso Salvador, que os mesmos divinos reclamam como milagres, não eram mais do que alguns de Greatrakes podem ser afirmados sem profanação, pois ambos eram as obras graciosas de Deus. O caso da mãe da mulher de Pedro, já notado, os de vários coxos e leprosos curados por Cristo, seriam, se curados por Greatrakes, pronunciados por esses divinos da Igreja de Inglaterra 'algo extraordinário, mas nenhum milagre.'

Os Mesmeristas e Magnetistas de hoje pensam que a sua agência favorita é a causa todo-suficiente. Era, dizem eles, um poder mesmerico. Verdade, mas quem deu a Greatrakes esse poder? Ele diz que veio com uma estranha impressão na sua mente, de repente, de que 'tal poder lhe fora conferido.' Este poder manifestou-se precisamente como o poder de Cristo e dos Apóstolos, e foi exercido da mesma forma, com fé e oração.

A oração era a parte cardinal do sistema de Greatrakes. A forma de palavras que ele usava,' diz o Deão Rust, 'é "Deus Todo-Poderoso cure-te pela Sua misericórdia;" e se os pacientes professam qualquer benefício, ele manda-lhes dar louvor a Deus, e isso, tanto quanto posso julgar, com uma devoção sincera.' De facto, Greatrakes era guiado por impressão espiritual, exatamente como os Amigos sempre professaram ser guiados.

E agora, não deve toda a gente admitir que estes grandes opositores de todos os milagres exceto os de Cristo e dos seus discípulos imediatos, em todos os seus argumentos contra tais milagres como os do Imperador Vespasiano, do Abade Paris, e de Greatrakes, estavam a usar a espada de dois gumes da sofística? Que o que destruía a autoridade de um devia destruir a do outro? De facto, estes são os mesmos argumentos usados, segundo Orígenes, por Celso e outros contra o Cristianismo.

São precisamente os mesmos argumentos que Paulus, Strauss, e os Racionalistas geralmente empregam contra todos os milagres do Antigo e Novo Testamento. Nada pode ser mais claro do que Valentine Greatrakes era um médium espiritual muito poderoso, o poder sendo anunciado a ele por uma inspiração espiritual, e exercido por ele no método apostólico real, em oração e fé e ação de graças a Deus pela sua ajuda misericordiosa; e não pode haver dúvida de que todos os seus pacientes, se tivessem a fé necessária, teriam sido curados.

Selecionei o Bispo Douglas, o autor de 'The Criterion', como o espécime mais completo desta classe de céticos; mas as mesmas características percorrem um numeroso conjunto dos seus contemporâneos, os Doutores Dodwell, Chuch, Berrington, etc., Farmer, Paley, e outros. Quanto a

Douglas, Farmer e Middleton, a minha convicção é que eles não acreditavam realmente em milagre algum, nem os do Antigo nem os do Novo Testamento, mas não tinham a coragem de o admitir. Se acreditavam neles, deviam estar cegos de facto para não verem que os seus argumentos iam realmente destruir toda a fé neles, e que estavam a fornecer armas à infidelidade mais completa.

Tal cegueira não é provável em homens tão astutos: e o Deísmo não descobrira então o novo manto do Racionalismo sob o qual minar o milagroso da Bíblia. Se vivessem agora, seriam todos 'Essayists and Reviewers'.

Quanto a Paley, era da mesma escola cortada e seca que Douglas; admitindo livremente o milagre sob as capas da Bíblia, mas desviando-se complacentemente fora dela. Ele percorre exatamente o mesmo terreno. 'Uma vez acreditar que há um Deus,' diz ele, 'e os milagres não são incríveis.' Ele não vai com o Bispo Butler, e diz que os milagres são apenas uma ordem superior da natureza, mas contenta-se em dizer 'atribuímos milagres à volição da Divindade.' Ele canta a velha canção do cuco da Igreja Inglesa, que 'tendo agradado à Divindade conceder uma atestação milagrosa do Cristianismo, ele deixou-o trabalhar o seu caminho pacientemente na base dessa prova.

Que isto era uma espécie de fermento para fermentar a fé universal, etc. ('Evidences', p. 392.) Trata os casos do Abade Paris exatamente como Douglas; não, pior, pois com uma ignorância mais desprezível num escritor sobre 'Evidências Cristãs', faz a afirmação monstruosa de que de todos os milhares de doentes, enfermos e pessoas com doenças que visitaram o túmulo, houve apenas nove curas professadas pelos milagres; e isso perante a declaração de Montgeron, de que acima de cem casos foram cuidadosamente registados e atestados, e muitos centenas bem conhecidos, embora não escritos.

O leitor está agora na posse dos factos reais, e pode estimar adequadamente a veracidade de Paley; mas se houvesse apenas nove curas reais, elas precisam de explicação. Ele admite que havia algo realmente extraordinário, embora misturado com muita fraude.' O leitor pode agora julgar de que lado estava a fraude, e isso no testemunho publicamente registado de melhor autoridade do que Paley, nomeadamente, os eminentes cirurgiões e médicos que haviam atendido os casos, e pronunciado-os absolutamente incuráveis, e no dos depoimentos de numerosos testemunhas do mais alto escalão e caráter, feitos perante os notários públicos. Se havia realmente algo extraordinário, isso também precisa de explicação.

Mas o pobre Paley também se chocou contra os pretensos do magnetismo animal, trabalhando sobre as imaginações dos seus pacientes,' etc. Aqui o seu anotador recente, o Arcebispo Whateley, teve de corrigi-lo: 'Na época,' diz ele, 'em que Paley escreveu, ele não tinha meios de saber que os relatórios dos médicos franceses, aos quais alude, são outros senão cuidadosamente e candidamente feitos. O tempo desde então trouxe muita verdade à luz sobre o assunto, e os inquiridores mais diligentes e imparciais têm, por vários anos, estado convencidos de que embora, como era de esperar, muitos casos de imposição e ilusão tenham ocorrido, um agente real, poderoso e útil foi descoberto.'

E assim o Tempo estará continuamente a trazer muito à luz.' Agora trouxe à luz as conclusões do comité de vinte médicos vienenses sobre a Força Odílica; e assim os escritores, nas suas julgamentos apressados sobre novas descobertas, encontrarão trabalho para os seus comentadores num dia posterior. Que livros terão de ser revistos sobre o Espiritualismo! Que notas de correção de erros eruditos a serem anexadas aos filósofos dogmaticamente precipitados! No entanto, isto nunca ensinará melhor aos homens eruditos. Eles sempre zombarão do novo e maravilhoso, e os tempos posteriores terão de zombar deles.

O Bispo Douglas cometeu um erro tão ridículo, nas suas observações sobre o Metodismo, como Paley fez sobre o Mesmerismo. Era a prática da Igreja, no seu tempo, reprimir todo o entusiasmo, e reduzir a temperatura espiritual dessa comunidade ao ponto de congelação, como o único ponto respeitável. Tais fenómenos,' diz Douglas, falando de espirituais, 'são, creio, extremamente comuns entre os fanáticos Metodistas, como eram entre os seus predecessores, os profetas franceses.' E este era o entusiasmo, o fanatismo, que estava precisamente na altura a despertar centenas de milhares de almas do transe mortal gelado no qual a teologia anti-milagre lançara a igreja inglesa.

Pelos seus frutos os conhecereis.' Douglas, quando capelão no exército, ficou escandalizado por uma mulher de soldado ser afetada como aquelas nos reavivamentos modernos, embora ela própria insistisse que era sob impulso divino. Diz ele, 'Os diários e outras obras de Wesley e Whitfield fornecem um número inconcebível de fenómenos sobrenaturais mais comuns entre os seus seguidores iludidos.' 'Mas como os escritos destes senhores,' acrescenta ele estranhamente, 'estão já quase tão esquecidos como se nunca tivessem sido publicados, e podem ser difíceis de encontrar, o leitor terá satisfação completa consultando esse excelente tratado, "The Enthusiasm of Methodists and Papists Compared", no qual a tolice e o absurdo são tão claramente apontados,' etc.

O Metodismo era o bête noire do público nesse dia, como o Espiritualismo é neste. Seria bastante mortificante para o Bispo de Salisbury, se ele desse uma espreitadela entre nós agora, encontrar-se muito mais esquecido do que Wesley ou Whitfield são, ou alguma vez foram susceptíveis de ser. É este entusiasmo desprezado, estes fenómenos desprezados, que provaram ser o sal preservador do Metodismo, e que infundiram através dele alguma vida e espírito retornantes na própria Igreja.

Foi o Metodismo que, deste lado do canal, se ergueu para contrariar a infidelidade de França do outro. O diabo de um lado, e Deus do outro, estavam a produzir cenas de excitação wondrous mas muito diferentes. E não é menos curioso, que enquanto o Metodismo despertava a massa do povo da apatia mortal de um cristianismo meramente nominal, a Igreja e os Dissidentes de Inglaterra estavam todos os dias a estreitar os fundamentos da pouca fé que restava, negando toda a vida sobrenatural, e assim pavimentando o caminho para essa filosofia calosa, sem alma e sem raízes chamada Racionalismo, que agora se avivou entre o clero do Estado, e reduziu Cristo de uma entidade histórica a um mero 'ideal', ou abstração metafísica.

Poderíamos prosseguir as nossas notas sobre a opinião moderna dos Homens da Igreja sobre o milagre com as palestras do Bispo Marsh de Peterborough, da 'History of the Jews' de Milman, e de Hook, o atual Deão de Chichester, nas suas 'Lives of the Archbishops of Canterbury'. Após ler as explicações de Dean Milman sobre os fenómenos exibidos por Moisés no deserto aos filhos de Israel, deixa-se realmente de maravilhar com a declaração do divino escocês, Doutor Geddes, que disse que Moisés fez uma fogueira no topo do Monte Sinai, e soprou uma trombeta no fumo, e que era o único mistério que atendia à entrega da lei.

Quanto ao Doutor Hook, ele é quase tão explícito. Diz ele, 'Parece-me inconsistente com os princípios da nossa santa religião esperar a realização de milagres sob a dispensação cristã. De acordo com a economia de meios que vemos em todas as obras do Criador, os milagres não seriam permitidos ocorrer se não absolutamente necessários; e os milagres não podem ser necessários a uma igreja que possui uma Bíblia completa. Eles só foram empregados como as credenciais dos mensageiros de Deus, e este emprego já não é requerido, quando, longe de esperar qualquer mensagem fresca, estamos obrigados a rejeitá-la se oferecida.'

Pensar-se-ia, da afirmação do Doutor Hook, que já não eram necessários quaisquer 'mensageiros de Deus'. O que, então, chamam o doutor e todos os seus colegas clérigos a si mesmos? Já não são enviados mensageiros de Deus aos pagãos? Não são as preponderantes milhões da terra ainda

ignorantes de Cristo, ou rejeitando-o quando pregado a eles? Não são os milagres tão necessários aos missionários agora como eram na era apostólica? O Doutor Arnold parecia pensar que eram. Fazem os pregadores de hoje convencer e converter todos os pagãos no estrangeiro, e os contraditores em casa, sem eles? Alguma vez serão capazes de o fazer?

Pelo contrário, não foram milhares e centenas de milhares de volta, e continuam a voltar, ao racionalismo, deísmo e ateísmo? Não cessaram de acreditar nesta 'Bíblia completa', por causa disto mesmo, nomeadamente, que os milagres — ditos na sua época frequentes, e pertencentes a toda a era anterior — já não aparecem? E não é esta uma plea razoável para descrer? E podem estes milhares e centenas de milhares perdidos ser recuperados por meras palavras — por algo curto de milagre? Não se gasta a prova, como tudo o mais, e requer renovação?

Não são os milagres bastante necessários agora, para restaurar a fé na Bíblia, como outrora foram para dá-la? Não está a própria igreja do doutor, apesar da jactância da eloquência de si mesmo e dos seus pares, a desmoronar-se rapidamente e a vir ao chão através desta falta de vida milagrosa, que ele e eles tão firmemente resistem e desavindam? Não é a queda da sua própria bela torre da catedral, em consequência da remoção dos seus antigos suportes interiores, típica daquilo que deve acontecer na igreja humana em si de causas espirituais equivalentes?

Mas aqui chegámos à condição espiritual do Protestantismo, e especialmente do Protestantismo Britânico, e devemos tomar a nossa visão final dele. Qual é essa visão? É uma — quer na Igreja ou entre os Dissidentes, pois o espírito da Igreja filtrou-se em todos os fundamentos circundantes do Dissenso — de absoluta abnegação dos grandes dons de Cristo à sua Igreja, de poder espiritual, sobrenatural; e de uma consequente mortandade, profissão exterior, e incapacidade para restringir a infidelidade, muito menos para aniquilá-la. E é maravilhoso que assim seja?

Poderia possivelmente ter sido de outra forma, quando toda a presente geração — o nosso clero, os nossos legisladores, os nossos estadistas, os nossos escritores públicos e professores, todos os que se combinam para originar a opinião pública — foram educados nas obras de Douglas e Paley como livros de stock universitários — quando todos foram nutridos e construídos nesta condição de mente dura, exterior, descrente, não espiritual e terrena? Que resultado é este para o pobre Protestantismo se gabar!

Erguer-se como um fragmento isolado em oposição solitária a todo o universo, passado e presente, limitando as operações de Deus na sua

Igreja. Erguer-se entre as eras como uma coisa fora de articulação, como uma excrescência no bom crescimento do mundo — como uma anomalia, não em harmonia com qualquer era que a precedeu, e, portanto, um aborto. Uma condição da humanidade que se lançou inteiramente no seu intelecto e no seu génio em física, e fez maravilhas na ciência material e invenção, mas à custa da divindade interior.

É algo saber que este estado de coisas é o resultado direto do excesso unilateral do Protestantismo; o excesso de reação contra a milagre-mongery Papista, em primeiro lugar, e em segundo, como a vacinação igualmente direta de descrença do vírus dos escritores infiéis do nosso próprio país, de França e Alemanha. É patente a toda a observação que o progresso da infidelidade na literatura, e o progresso do sentimento anti-milagre na igreja, foram pari passu (em pé de igualdade); que a Igreja Inglesa e o Dissenso Inglês agora estão rasgados da antiga Anglicana e da Igreja Primitiva, na fé no sobrenatural; e que não são os espiritualistas que são os hereges, mas as classes clericais, científicas, materialísticas e semimaterialísticas de hoje.

Nós erguemo-nos, e erguer-nos-emos, pela fé toda-antiga na presença divina e no ministério sempre ativo dos anjos de Deus. E este grande e impressionante facto da apostasia espiritual do Protestantismo deve ser conhecido e insistido. Pois, a menos que esta condição de mente seja destruída por um melhor tom de educação, pelo reavivamento da vida apostólica entre nós, o mal não pode parar aqui, mas produzirá ainda mais dano psíquico, mais efeitos destruidores de almas.

Deixemo-nos, então, não mais piscar o grande facto de que a mente clerical e científica do dia presente está numa condição dissoluto, degradado, materializada e aleijada, derivada de viés educacional, e de uma era recente de filosofia céptica, em harmonia com nenhuma era desde a fundação do mundo. Não está em harmonia com as mentes dos grandes homens que se erguem ao longo de todo o curso do tempo, no grande planalto da história, nos cumes mais altos do intelecto e génio.

Não está em harmonia com uma única página da revelação divina no Antigo ou Novo Testamento. Não está em harmonia com a mente de Cristo, dos Apóstolos, dos Pais, das outras igrejas existentes, de qualquer dos grandes mestres das nações Gentias; de Confúcio, Zoroastro, Pitágoras, Platão, Cícero, Séneca ou Tácito; de Dante, ou Tasso, ou Petrarca; de Lutero ou Melâncton, de Newton ou Bacon, de Pascal ou Fénelon, de Hooker ou Sherlock ou Tillotson; de Baxter ou Doddridge; de quase todos os heróis falecidos do dissenso; de Fox ou Wesley.

Está fora de articulação, doente e paralítica. Está derrubada pelo mesmo orgulho que derrubou Lúcifer e os anjos, e se alguma vez recuperar esta

sublime harmonia com todas as essências espirituais e toda a grandeza histórica, e se tornar capaz de tomar a vanguarda na marcha da verdadeira descoberta, deve prostrar o seu orgulho no pó. Deve depor a sua presunção altiva e ofuscante aos pés da Cruz, e vir a Cristo numa sábia humildade; desejando que os seus olhos espirituais, bem como os físicos, sejam abertos, e que todas as revelações da filosofia mental sejam feitas para sempre aos bebés e lactentes.

Mas como virá isto a acontecer nas igrejas de Estado? Pois esta é a maneira como as religiões de Estado são feitas. Um credo é adotado, artigos de fé são preparados e jurados, e a partir desse momento o subscritor rendeu a liberdade do Evangelho, e tornou-se escravo de um sistema. Já não pode ir à Bíblia com mãos e faculdades livres. Está preso por um credo; está envolto da cabeça aos pés nas malhas inquebráveis de artigos.

Até aqui irás e não mais além,' diz o fiat da Igreja.

Os credos são os pesos de chumbo que os homens cadáveres mortos usam
Quando são enterrados de navios solitários no mar,
Carregados com os quais nunca mais se erguem!

Uma das reflexões mais apavorantes que a mente humana pode fazer é o modo de fabrico das religiões nacionais. Veja, em Inglaterra, a Igreja, com quase todos os seus benefícios, nas mãos do Governo e da aristocracia.

Os candidatos aos seus cargos sobem, misturados com aqueles que se tornarão os distribuidores das suas honras e das suas substancialidades, às escolas nacionais, Westminster, Eton, Harrow, Rugby, etc. Ali são preparados com uma fundação pagã para um ministério cristão. Por dezasseis ou dezassete anos são mergulhados em línguas pagãs, história pagã, poesia e filosofia até ao queixo. São ensinados a olhar para as universidades da Igreja, e a preparar-se para elas. No devido curso marcham para lá; assimilado implicitamente o seu espírito, os seus dogmas, os seus cânones e os seus artigos.

São moldados e construídos no molde da Igreja e do Estado, e ai dele que se aventura a assumir qualquer outro molde ou tom! Pouco importa, de facto, qual é o material de que as religiões nacionais são erigidas: podem ser madeira, ou pedra, ou ferro; podem ser Maometana, Pársi, Copta ou Hindu; a educação é a argamassa, e no momento em que esta se fixa e endurece, o edifício é imutável. Pode ser destruído, nunca pode ser remodelado sem uma demolição inteira. A salvação pode vir aos indivíduos

através de uma independência cristã — com Deus todas as coisas são possíveis — mas de onde virá para as igrejas?

De onde e como virá a Igreja de Inglaterra, assim construída com a argamassa de tal educação, tornar-se emancipada? Com tais objetos, tais incentivos, tal sistema, como virá o seu clero alguma vez a tornar-se um milagre em si mesmo, e romper as suas construções para a liberdade da fé, para o único evangelho do milagre e da verdade? Há agora uma luta a decorrer no seu interior, mas é uma luta de interesses, e dogmas, e credos, que lhe rasgam as vísceras, e abalam os seus próprios fundamentos.

No entanto, não desesperemos. Amid este caos, este furacão de paixões mundanas, escutamos, não em vão, a voz pequena e tranquila do poder Divino e da ressuscitação. A palestra do Bispo Marsh tirou do Senhor Penrose um 'Tratado sobre a Prova dos Milagres das Escrituras'. Neste ensaio o Senhor Penrose defende habilmente a continuação dos milagres, e mesmo por espíritos maus: uma visão, diz ele, plenamente apoiada tanto pelo nosso Salvador como por São Paulo. Histórias do maravilhoso, argumenta ele, devem ser recebidas com uma suspeita apropriada; mas isto não nos deve levar a rejeitar todas tais contas com base na improbabilidade.

Nada parecia tão estranho aos Judeus como os atos de Cristo; e vastos números deles nunca puderam acreditar neles. Satisfazer esse ceticismo demasiado longe, diz ele, é cair na sofística perniciosa de Hume, que, afirma ele, certamente foi culpado de um desprezo ruim ao extremo pela lógica ao afirmar que, porque muitas contas de eventos milagrosos foram falsas, nenhuma pode ser verdadeira. Ele trata a rejeição de todas as contas de tais coisas pelos Pais, pelos Católicos, e outros, como uma assunção insolente de falsidade universal contra eles, e mantém que uma cautela prudente contra receber demasiado prontamente as narrativas de tais coisas nunca nos pode excluir do benefício de qualquer prova que possa ser produzível em seu favor.

O ensaio do Senhor Penrose chamou um nobre campeão no Reverendo C. W. Le Bas, reitor de São Paulo, Shadwell, um prebendário de Lincoln, e antigo principal do Colégio de Haileybury. O Senhor Le Bas escreveu um artigo elaborado sobre a obra do Senhor Penrose, no 'British Critic', de Janeiro de 1827, que depois ampliou, e publicou num volume separado (Murray, 1828). Neste pequeno livro habilmente razoado, o Senhor Le Bas desenvolve a ideia do Senhor Penrose da probabilidade da continuação dos milagres, com muitas belas cadeias de pensamento.

Ele ridiculariza da forma mais feliz o amor pelo maravilhoso nos antagonistas dele. Nenhuma classe, defende ele, é tão crédula como os

oponentes da credulidade, e nenhuma é tão avessa a qualquer trabalho real de exame de prova. Eles preferem, diz ele, suportar um mês na roda de pisar Brixton, do que meia hora do verdadeiro esforço de pensar. Ele trata a incredulidade excessiva dos nossos dias como uma doença. ‘Existe uma certa classe de doenças — tétano, etc. — que acometem o corpo humano, pelas quais os músculos são levados a um estado de rigidez e contração tão inflexíveis que resistem a qualquer força que se tente aplicar para os contrariar.’

Este estado de força e tónus, diz ele, por mais estranho que pareça, os médicos atribuem a alguma debilidade geral da constituição do paciente; e ele atribui a doença da incredulidade obstinada a uma rigidez mental semelhante, pouco compatível com uma verdadeira robustez de espírito. ‘Mas seja como for’, continua ele, ‘a existência de tais casos é demasiado notória. Há pessoas, infelizmente, que têm o poder de fechar o rosto como pedra diante da prova de qualquer proposição que vá contra os seus preconceitos, ou que desperte para uma resistência ativa certos elementos peculiares da sua composição mental. Com indivíduos desta classe, a demonstração matemática provavelmente seria inútil.

Como disse Cudworth, é credível que, se houvesse qualquer interesse de vida, qualquer apetite ou paixão, contra a verdade mesmo dos teoremas geométricos — como o de um triângulo ter os seus três ângulos iguais a dois ângulos retos —, pelos quais o juízo dos homens pudesse ser ofuscado ou influenciado, apesar de toda a demonstração, muitos permaneceriam céticos em relação a eles.’ (Prefácio de Cudworth.)

E acrescenta Le Bas: ‘Se a proposição pitagórica, por exemplo (Euclides I. 47), impusesse aos matemáticos o preceito pitagórico de uma estrita dieta vegetal, que estudante carnívoro de geometria conseguiria chegar ao fim do primeiro livro de Euclides? Ou se pudéssemos conceber que a doutrina das Fluxões tivesse, de alguma forma, sido combinada com a obrigação de se abster do consumo de vinho, alguém acredita que poderia ter conquistado o seu presente e incontestado lugar no mundo científico? Não teríamos ainda hoje muitos analistas sedentos a protestar que estavam sob absoluta incapacidade de compreender ou aceitar o sistema?’ Ele pensa, tal como o Sr. Penrose também, que possa haver muitas mentes demasiado embrutecidas no sentido, muitas demasiado viciadas pelo prazer, e outras demasiado presunçosas e arrogantes para serem capazes de perceber ou adotar qualquer proposição contrária à opinião comum.'

O Senhor Le Bas cita, com muita aprovação, visões em plena concordância com as suas próprias, da Palestra Bampton do Doutor Goddard: 'As Condições Mentais Necessárias a uma Devida Investigação da Prova

Religiosa Declaradas e Exemplificadas' (1824); e depois acrescenta: 'Se nos perguntarem por que temos uma tendência para a aquiescência implícita em atestações sobrenaturais, a resposta é que estamos assim constituídos que tal é a nossa natureza — que a nossa disposição para repousar em tal testemunho é exatamente tanto um dos fenómenos da criação como qualquer das propriedades físicas da matéria, que é uma qualidade última da qual não pode haver apelo.'

Acrescenta que 'nenhumas circunstâncias podem ser concebidas suficientes para aniquilar em nós a tendência para tal confiança;' que 'o ceticismo excessivo é um estado de mente não natural, provocado por um curso de disciplina perversa e prejudicial, e provado ser assim pelo mal-estar que certamente inflige; e que a verdade é que, de todas as aberrações do entendimento, o ceticismo é ele próprio, talvez, a pior.' O reaparecimento de tais homens, e tais sentimentos como estes, são as luzes brilhando sobre o longo deserto invernal escuro do Protestantismo, que nos asseguram que ainda haverá uma primavera, e que não está longe.

Foi com muito prazer que, no sermão do Bispo de Londres perante a Associação Cristã de Jovens Homens, na Igreja de Santo André, Holborn, em 1859, li estas palavras: 'Como em todas as outras ocasiões em que o Espírito de Deus procurou manifestar-se, houve alguns que zombaram, e disseram estes homens estão cheios de vinho novo Na nova dispensação, após Cristo ter vindo à terra, haveria uma efusão geral e universal do Espírito. Em todas as escrituras proféticas há alusões a esta efusão geral do Espírito. Na efusão de dons há duas classes de dons, os ordinários e os extraordinários.

Sem dúvida há grandes mudanças ... ... ainda por vir Qualquer que seja o resultado do estado presente e futuro das coisas, qualquer que seja o resultado do recente reavivamento religioso na América, ainda assim todos não podem deixar de ser lembrados da necessidade de uma efusão adicional do Espírito de Deus.' Os princípios assim proclamados por Penrose, Le Bas, Goddard, e o Bispo de Londres, levados legitimamente a cabo, abarcam toda a fé do Espiritualista. Que revelações sobre-humanas são uma parte da natureza, tanto como a matéria é uma parte da criação: que tanto espíritos bons como maus podem fazer tais: e que devemos usar as nossas faculdades, ou, melhor, o nosso sentido espiritual, para decidir a que classe pertencem.

Desde a data da maioria destas publicações a Associação Espiritual de Cambridge, chamada em brincadeira o Clube Fantasma de Cambridge, e incluindo muitos dos membros mais distintos dessa universidade, clérigos e professores de alta nota, e um ou mais bispos, foi estabelecida para

investigar a existência de fenómenos espirituais, e já decidiu sobre a realidade de aparições. Os homens distintos que constituem esta sociedade dão peso às suas decisões, e formam um contraste agradável com o mais recente surto de Racionalismo Alemão na Igreja. São sinais de vida restante no velho toco preso de ferro na relva.

Ainda mais encorajador é o facto de que vários clérigos examinaram seriamente as reivindicações do Espiritualismo, e abraçaram-no como uma grande verdade. Entre estes podemos colocar o Reverendo Doutor Maitland, F.R.S., F.S.A. Num ensaio intitulado 'Ciência e Superstição', o Doutor Maitland, num estilo agudo e lacerante, ridiculariza a cobardia moral de tais homens como Faraday e Sir David Brewster. Estes são os homens, diz ele, que nos dizem que apenas os homens científicos são capazes de observar factos, no entanto quando Sir David Brewster estava presente quando uma mesa subiu no ar, disse 'Parecia subir;' isto é, não sabia se subia ou não.

E Faraday, quando informado de que o seu teste para o girar de mesas falhara, pois mesas subiam diariamente no ar, não ousou aventurar-se a ir ver por si mesmo. São estes, pergunta o doutor, os homens cujas observações devemos depender? Diz-lhes que o Espiritualismo não pode ser assim eliminado. Um homem não pode sair e pôr o pé sobre ele, como se fosse uma aranha.' De facto, o estado presente do Protestantismo, oposto, como é, a toda a história do homem, e às promessas mais claras e preciosas do Evangelho, sendo fora da natureza, deve necessariamente ter um fim, pois

> Embora a palavra escrita não nasça mais,
> A revelação espiritual ainda prossegue,
> Evoluindo toda a perfeição.

É tempo alto, portanto, de protestar contra o Protestantismo, e de voltar ao Evangelho na sua plenitude e vida não cortada. Rezemos, portanto, diariamente neste sentido

> Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.

CAPÍTULO X

O ESPIRITUALISMO NA AMÉRICA DO NORTE

Οὐ γάρ τι νῦν γε κἄχθες, ἀλλ᾽ αἰεί ποτε Ζῇ τοῦτο, κοὐδεὶς οἶδεν «ξ ὅτου φθάνῃ.

Sófocles.

Pois isto não é uma questão de hoje Ou de ontem, mas tem sido desde todo o tempo, E ninguém nos disse de onde vem, ou como.

QUANDO o Espiritualismo, por quase cem anos, se exibira na Alemanha sob uma variedade de fases, e alistara na sua causa alguns dos seus filósofos e sábios mais distintos, como narrei no meu segundo capítulo, fez uma nova e ainda mais geral aparição no hemisfério Ocidental.

Originou-se na visita ordinária do que os Alemães haviam denominado um Polter-Geist, ou fantasma batente; mas ou o temperamento do público Norte-Americano era mais favorável ao seu rápido desenvolvimento, ou o tempo chegara no esquema geral da Providência para uma prevalência mais plena e decidida da ação espiritual; pois espalhou-se com rapidez quase de relâmpago, assumiu formas novas e surpreendentes, e estabeleceu-se rapidamente como um facto grande e significativo nas convicções de mais de três milhões de pessoas de todas as classes, profissões e persuasões.

O meu esboço da história deste desenvolvimento nos Estados Unidos deve, necessariamente, ser ligeiro; os seus detalhes enchem vários grandes volumes, e podem ser procurados na história destes eventos de Capron, em 'Pegadas na Fronteira de Outro Mundo', pelo Honorável Robert Dale Owen; nas obras do Professor Hare, do Juiz Edmonds, do Governador Talmadge, do Reverendo Adin Ballou; de J. P. Davis, o relatório recente sobre o Espiritualismo Americano pelo Senhor Benjamin Coleman, a 'Revista Espiritual Inglesa', e muitas outras fontes.

O local em que o evento originário do movimento Americano teve lugar é assim descrito pelo Senhor Dale Owen, que o visitara: 'Fica, não longe da cidade de Newark, no condado de Mayne, e estado de Nova Iorque, uma habitação de madeira — uma de um aglomerado de pequenas casas como ela própria, mal merecendo o título de aldeia, mas conhecida sob o nome de Hydesville; sendo assim chamada após o Doutor Hyde, um velho colono, cujo filho é o proprietário da casa em questão.

Tem um andar e meio de altura, virada a sul; o andar inferior consistindo, em 1848, de dois quartos de tamanho moderado abrindo um para o outro; a leste destes um quarto de cama e uma despensa, abrindo para o mesmo quarto: juntamente com uma escada entre o quarto de cama e a despensa, levando da sala de estar para o meio-andar acima, e da despensa para baixo para a cave.' Tal era a humilde morada onde o grande movimento espiritual Americano começou. Um Senhor Michael Weekman, parece, ocupara a casa cerca do ano de 1847, e fora perturbado por certos batimentos, para os quais não conseguia encontrar explicação.

No dia 11 de Dezembro desse ano, o Senhor John D. Fox, de Rochester, um respeitável agricultor, mudou-se para esta casa, enquanto outra no campo estava a ser construída. A sua família consistia em si mesmo, na sua mulher, e seis filhos; mas apenas os dois mais novos estavam a ficar com eles nessa altura — Margaret, de doze anos, e Kate, de nove anos. Parece que a família da Senhora Fox havia há muito evidenciado poder mediúnico. Ela era de descendência francesa, e o marido de alemã, o nome original sendo anglicizado de Voss para Fox. A avó da Senhora Fox fora possuída de segunda visão, e via frequentemente funerais, enquanto vivia em Long Island, antes de realmente ocorrerem.

A sua irmã, Senhora Elizabeth Higgins, tinha poder semelhante. Quando as duas irmãs residiam em Nova Iorque, e estavam prestes a fazer uma viagem por água, Elizabeth Higgins disse uma manhã que não deviam ir por água, mas por terra, pois vira toda a viagem num sonho, no qual não haviam sido capazes de obter alojamento numa certa taberna nos bosques, a dona da casa jazendo morta na casa. A Senhora Fox respondeu que isto mal podia ser assim, pois o Senhor Mott, o proprietário, perdera a mulher no ano anterior.

Mas tudo se passou como ela sonhara. O proprietário casara-se de novo, e a sua segunda mulher jazia então morta, impedindo o seu entretenimento. Todas as circunstâncias da viagem foram exatamente como sonhadas. Assim abertos a impressões espirituais os Foxes entraram na casa em Hydesville, e desde o próprio começo foram perturbados por ruídos, mas a princípio atribuíram-nos a ratos e camundongos. No mês de Janeiro de 1848, no entanto, os ruídos assumiram o caráter de batimentos distintos à noite nos quartos de cama, soando por vezes como do porão abaixo, e assemelhando-se ao martelar de um sapateiro. Estes batimentos produziam um movimento trémulo, desde então bastante familiar aos espiritualistas, na mobília, e mesmo no chão.

Os ruídos aumentavam noturnamente, e ocasionalmente ouviam passos nos quartos. As crianças sentiam algo pesado, como de um cão, deitar-se

sobre os seus pés quando na cama, e Kate sentia, como que, uma mão fria passada sobre o seu rosto. Por vezes as roupas de cama eram puxadas. Ao longo de Fevereiro, e até meados de Março, as perturbações aumentaram. Cadeiras e a mesa de jantar eram movidas dos seus lugares.

O Senhor e Senhora Fox, noite após noite, acendiam uma vela e exploravam toda a casa em vão. Os batimentos eram feitos nas portas enquanto eles estavam perto delas, mas ao abri-las subitamente ninguém era visível. Depois descobriu-se que o Senhor e Senhora Weekman, durante dezoito meses que ocuparam a casa, tiveram exatamente a mesma experiência quanto aos batimentos, o som de passos, e a impossibilidade de apanhar alguém numa porta, que era subitamente aberta por eles no instante mesmo dos batimentos sobre ela. Os Foxes estavam longe de ser supersticiosos; e ainda esperavam alguma explicação natural, especialmente porque as perturbações sempre ocorriam à noite. Mas no dia 13 de Março de 1848, as coisas assumiram um novo aspeto.

Esse dia, que foi frio, tempestuoso e nevoso, foram visitados pelo seu filho David da sua quinta, a cerca de três milhas de distância. A sua mãe relatou-lhe as suas perturbações, ao que ele sorriu, e disse, 'Não digam uma palavra a nenhum dos vizinhos sobre isso. Quando o descobrirem, será uma das coisas mais simples do mundo.' E nesta crença regressou a casa. Mas os batimentos eram invulgarmente altos. A cama das crianças fora movida para o quarto dos pais para lhes dar confiança, e foram-lhes dito para ficarem quietas, mesmo se ouvissem ruídos. Mas mal a Senhora Fox se deitara, quando os ruídos se tornaram violentos, e as crianças gritaram, 'Aqui estão eles de novo!'

Sentaram-se na cama, e a Senhora Fox levantou-se e chamou o marido. Ele experimentou as janelas para ver se eram abaladas pelo vento, e enquanto o fazia a pequena viva Kate observou que os batimentos no quarto respondiam exatamente ao ruído feito pelo pai com a janela. Aqui ela estalou os dedos e exclamou, 'Aqui, velho Pé Fendido, faz como eu faço!' A criança evidentemente ouvira sugerir que era o diabo quem fazia os ruídos, e se assim era, era um diabo obsequioso, pois imediatamente respondeu ao desafio. Isto atraiu imediatamente a atenção. Kate Fox fez o mero movimento com o polegar e o dedo, e os batimentos seguiram regularmente o pantomima, tanto como quando ela fazia o som. Descobriu que, o que quer que a coisa fosse, podia ver bem como ouvir. 'Só olha, mãe!' disse ela, juntando o polegar e o dedo como antes.

O batimento seguiu. 'Isto imediatamente,' diz o Senhor Owen, 'prendeu a atenção da mãe. "Conta dez," disse ela, dirigindo-se ao ruído. Foram dados dez golpes distintamente. "Que idade tem a minha filha Margaret?" Doze

golpes! "E Kate?" Nove! "E o que pode tudo isto significar?" era o pensamento da Senhora Fox. Mas a pergunta seguinte que pôs parecia refutar essa ideia "Quantos filhos tenho?" perguntou em voz alta. Sete golpes. "Ah!" pensou ela, "pode equivocar-se às vezes." E depois em voz alta, "Tenta de novo!" Ainda o número de batimentos foi sete.

De repente, um pensamento cruzou a mente da Senhora Fox. "Estão todos vivos?" perguntou ela. Nenhuma resposta. "Quantos estão vivos?" Seis golpes. "Quantos estão mortos?" Um único golpe; ela perdera um filho. Depois perguntou se era um homem? Nenhuma resposta. Era um espírito? Bateu. Depois perguntou se os vizinhos podiam ouvi-lo, e uma Senhora Redfield foi chamada, que apenas riu da ideia de um fantasma; mas foi logo tornada séria por ele a corrigir também quanto ao número dos seus filhos, insistindo que tinha mais um do que ela própria contava. Ela também perdera um; e quando se lembrou disto, desfez-se em lágrimas. Os espíritos sempre contam todas as crianças, quer chamadas mortas ou vivas, como ainda vivas. Admitem nada como a morte.' O Senhor Owen, ao relatar estes factos, enquanto dá crédito justo a Kate Fox por observar a inteligência da causa batente, não esquece que tal facto fora frequentemente observado antes, mas nunca fora seguido.

É à Senhora Fox, mais do que à sua filha, que estamos endividados por o seguir. O Senhor Owen refere as respostas por batimentos elicitadas pelo Senhor Mompesson em 1661, e por Glanvil e a família Wesley. Mas houvera tal prova de inteligência espiritual muito mais cedo do que isso. Em Rushton-hall, perto de Kettering, em Northamptonshire (como notado em 'Notas e Perguntas', vol. viii. p. 512), isto ocorreu a Sir Thomas Tresham, como aparece por uma das suas cartas.

Enquanto o seu servo Fulcis lhe lia na 'Resolução Cristã' após o jantar no ano de 1584, ao começar a ler o tratado de 'Prova de que há um Deus', houve três batimentos altos como se fosse com um martelo de ferro, para grande espanto de Sir Thomas e dos seus dois servos presentes. No famoso caso da casa assombrada do Senhor Mompesson em Tedworth em 1661, como detalhado por Glanvil, foi logo observado que, ao bater ou chamar qualquer melodia, seria exatamente respondido por tamborilar.

Quando pedido por um cavalheiro presente para dar três batimentos, se o tamborilador o pusera, deu os três batimentos e não mais. Outras perguntas foram postas, e respondidas por batimentos exatamente; e isso na presença de Sir Thomas Chamberlain, de Oxford, e muitos outros. O próprio Glanvil diz que, sendo-lhe dito que imitaria ruídos, arranhou no lençol da cama, cinco, depois sete, depois dez vezes, e retornou exatamente o mesmo número de arranhões cada vez. Melâncton relata que em Oppenheim, na

Alemanha, em 1620, a mesma experiência de bater e ter os batimentos exatamente respondidos pelo espírito que assombrava uma casa, foi tentada com sucesso.

O Doutor Henry More relata que na casa de Sir William York, em Leasingham, em Lincolnshire, em 1769, um espírito imitava todos os sons feitos pelos servos e operários. No famoso caso Wesley, a assombração da casa do pai de John Wesley, a Reitoria em Epworth, Lincolnshire, em 1716, e por dois meses depois, o espírito costumava imitar o batimento do Senhor Wesley no portão. Respondia ao Amém nas orações. Emily, uma das filhas, batia, e respondia-lhe.

O Senhor Wesley batia um pau nas vigas da cozinha, e batia de novo, em número de golpes e em volume exatamente respondendo. Quando a Senhora Wesley pisava, batia em resposta. Agora é maravilhoso, após estes e muitos outros tais casos, que os batimentos não fossem melhorados em diálogo por pergunta e resposta. O cavalheiro em Tedworth, que pôs uma pergunta direta sobre o tamborilador, e foi diretamente respondido por batimentos afirmativos, estava no limiar mesmo da descoberta, se tivesse prosseguido as suas indagações.

Mas o seguir foi deixado à acuidade Americana. O que é ainda mais maravilhoso é que a descoberta de discursar com espíritos por meio do alfabeto também tivesse sido deixada para esta época. Ao fazer perguntas ao fantasma, foi sucessivamente verificado por batimentos responsivos que se afirmava um espírito, e o de um homem assassinado nessa casa quatro ou cinco anos antes. Então um vizinho de nome Duesler perguntou-lhe para bater o seu nome na repetição do alfabeto, e isto foi realizado.

Aqui o caminho para o diálogo pleno estava a olhar as pessoas na cara, no entanto dizem-nos que foi apenas na sugestão de Isaac Port, um membro da Sociedade de Amigos, quatro meses depois, e em Rochester, que o alfabeto foi tentado para comunicação plena e regular. E, no entanto, como vimos, o uso do alfabeto fora bem conhecido para este fim 1484 anos antes, nomeadamente no reinado do Imperador Valens, A.D. 364.

Não, pareceria ter sido conhecido muito mais cedo; pois o pêndulo-espírito, consistindo num anel no fim de um fio, segundo o Professor Kieser, foi usado no antigo serviço de Hidromancia. O Professor diz que Numa Pompílio assim o usou em augúrio. O anel neste uso é suspenso sobre uma taça de água de modo a não tocá-la, e na pronúncia de certo encanto o fio agita-se e bate num círculo de letras na borda da taça, assim soletrando a resposta. Casaubon diz que o pêndulo não serve sem o encanto, isto é, a invocação dos espíritos. Houve muitos casos do uso bem sucedido do pêndulo-espírito nos tempos modernos.

Veja a 'Revista Espiritual', vol. ii. p. 249, para a experiência do Doutor Eymard, de Lanchatre, em França, que o pronuncia 'movido por um agente invisível e inteligente.' Veja também uma experiência semelhante pelo Senhor Welton, numa comunicação da Senhora Welton, na 'Revista Espiritual', i. 142. Assim, no entanto, em Rochester, na América do Norte, foi redescoberto o emprego do alfabeto em conversar com espíritos, para cima de 2.500 após o seu uso familiar por Numa Pompílio, e quase 1.500 anos após o seu uso notório no reinado do Imperador Romano Valens.

E tal é a profunda ignorância da história nos nossos dias que os nossos homens literários chamam este conhecimento antigo um novo truque! Os vizinhos sendo chamados pelos Foxes nesta memorável noite do 31 de Março de 1848, cresceram para uma multidão de setenta ou oitenta pessoas. Números de perguntas foram postas ao espírito, que respondeu, por batimentos, que era FENÓMENOS NO DOUTOR PHELPS'. 175 o de um vendedor ambulante que fora assassinado pelo então inquilino, John C. Bell, um ferreiro, pela sua propriedade. Que o seu nome era Charles B. Rosmer, e que o seu corpo fora enterrado na cave por Bell. A criada vivendo com os Bells nessa altura, Lucretia Pulver, deu prova de que fora subitamente mandada embora na altura em que o vendedor estava lá, e mandada chamar de volta depois; encontrara o chão da cave escavado, e que Bell depois reparara o chão durante a noite.

O vendedor nunca mais fora visto depois; e ao escavar o chão, a mais de cinco pés de profundidade, foram encontrados os restos de um corpo humano. A sensação produzida pela publicação destes eventos foi imensa. A família Fox tornou-se o centro de indagações infindas. Margaret, a mais velha das duas jovens raparigas, indo numa visita à sua irmã casada, Senhora Fish, em Rochester, os sons foram com ela, como se tivessem sido empacotados entre as suas roupas. Foram convocadas reuniões públicas, e comités foram nomeados para examinar os fenómenos.

Logo houve muitas asserções de que as pequenas raparigas, as Foxes, eram impostoras, e produziam os sons com os joelhos e articulações dos dedos dos pés; mesmo uma das suas parentes, uma Senhora Culver, declarou que Kate Fox lhe ensinara como era feito. Mas as declarações da Senhora Culver não resistiram ao teste de indagação cerrada. As pequenas raparigas foram submetidas a um comité de senhoras, que as despiram, deitaram em almofadas, e vigiaram de tal modo que não podiam possivelmente fazer quaisquer sons com joelhos ou dedos dos pés sem descoberta; ainda assim os sons continuaram, em paredes, portas, mesas, tetos, e não só onde as Senhoritas Fox estavam, mas em dezenas de outros lugares.

Os espíritos, tendo encontrado um modo de se fazerem ouvir e compreender, pareciam determinados a serem ouvidos para algum propósito. Fizeram os seus batimentos na casa de um Senhor Grainger, um cidadão abastado de Rochester, onde não havia Senhoritas Fox. Apareceram na de um Doutor Phelps, em Stratford, Connecticut, um homem do mais alto caráter pela inteligência e valor; frequentemente cortavam em pedaços as roupas de um dos seus rapazes; atiravam abaixo vidros, porcelana, tesouras de vela, castiçais, ou arremessavam-nos contra as janelas.

Ele abriu a sua casa à observação e indagação de todos os visitantes, mas ninguém conseguia explicar o que assim destrutivamente se passava. Diz ele 'Vi coisas em movimento mais de mil vezes, e na maioria dos casos onde não existia poder visível pelo qual o movimento pudesse ser produzido. Foram partidos das minhas janelas setenta e um vidros, mais de trinta dos quais vi partidos perante os meus próprios olhos.' Mas em toda a parte as manifestações não eram tão maliciosas. Assumiam as formas de batimentos, mas de batimentos sob grande variedade de fases. No exterior e interior de uma porta ao mesmo tempo, ou simultaneamente em portas opostas, no chão, nas paredes, tetos, em mesas, cadeiras, no interior de armários e gavetas, nas costas da grelha quente do fogo, nas páginas de livros que as pessoas liam, nas pessoas das próprias pessoas. Indivíduos foram rapidamente descobertos como médiuns, ou pessoas através da cuja atmosfera os espíritos eram capazes de mostrar o seu poder.

Onde estas pessoas estavam presentes, mesas e cadeiras e outra mobília eram movidas, erguidas do chão; e em alguns casos, tão poderosamente, que seis homens adultos foram conhecidos por serem carregados à volta de um quarto numa mesa, cujos pés não tocavam o chão, e que nenhuma outra pessoa tocava. Campainhas de mão subiam, voavam pelos quartos, e tocavam, como parecia, por si mesmas. Pessoas tornaram-se media de todos os tipos: musicais, de escrita, de desenho, de cura. Isto é, pessoas que não sabiam música tinham um poder involuntário de tocar música excelente num pianoforte; outros pianos tocavam por si mesmos.

Pessoas não familiarizadas com desenho desenhavam esboços impressionantes ao meramente pousar as mãos no papel. Outras escreviam mensagens dos espíritos, comunicando inteligência de amigos falecidos, que enchiam os seus amigos de espanto. Círculos eram encontrados em toda a parte para receber as suas manifestações; e, tão cedo como 1852, apenas Filadélfia contava 300 círculos, e em 1853, havia 30.000 media nos Estados Unidos.

Não se suponha que tudo isto decorreu sem oposição. Pelo contrário, todo o velho fermento Protestante foi dreadfully violado por esta demonstração extraordinária. A imprensa, o púlpito, a cadeira científica, estavam todos em agitação contra isso. Foi denunciado como impostura, embuste, imbecilidade cega, vil superstição; e pelos religiosos, por outro lado, como demonismo e feitiçaria downright. Não importa, os seus factos maravilhosos estavam abertos a quem quisesse vê-los, e as pessoas acreditavam nos seus próprios sentidos mais do que nas sátiras selvagens da tolice erudita.

O Reverendo W. R. Hayden, escrevendo em 1855, disse, 'Há oito anos curtos, não se conhecia um único indivíduo nos Estados Unidos como espiritualista: nesta data 2.500.000, numa estimativa moderada, professam ter chegado às suas convicções de comunicação espiritual, de experiência pessoal. A taxa média de aumento tem sido 300.000 por ano.' Em dois anos mais encontramos declarado nos 'Jornais Espirituais' da América, que o número de espiritualistas convertidos era para cima de três milhões, um número igual aos membros unidos de todas as trinta mil igrejas Americanas; ultrapassando de longe as conquistas do Luteranismo ou Metodismo nos seus períodos Augustanos. Entre estes estavam estadistas, membros do congresso, embaixadores estrangeiros, juízes dos tribunais superiores, clérigos em grande número, advogados, médicos e professores.

Entre eles estavam o Juiz Edmonds; o Doutor Hare, o grande eletricista; um bispo Protestante; os Professores Bush e Mapes, de Nova Iorque; e Channing, de Boston. Uma nova classe de mestres surgira entre eles, nomeadamente, oradores em transe, que professavam falar de inspiração direta; e eminentes entre estes estavam a Senhora Cora Hatch, a Senhora Henderson, e a Senhorita Emma Hardinge, uma inglesa.

Os seus discursos eram representados como no mais alto estilo de eloquência; que tinham não menos de 500.000 ouvintes aos Domingos, e que centenas saíam sem conseguir entrar, embora os maiores salões nas maiores cidades fossem contratados para esta nova classe de pregadores. A literatura já se tornara volumosa, o Senhor Partridge, de Nova Iorque, tendo sozinho publicado quase cem volumes. Havia vinte jornais e periódicos devotados à causa. Em proporção ao espalhamento e sucesso do Espiritualismo eram os esforços das mentes estereotipadas para o explicar. Com o religionista estereotipado era simplesmente ilusão profana, ou agência diabólica, pois alguns chegavam tão longe; com o comum das pessoas era 'tudo tolice e disparate', infatuação, e uma epidemia.

Com o homem literário estereotipado era imaginação, pois é maravilhoso o que pode ser atribuído à imaginação quando necessário. Com o científico era ou impostura pura ou meramente impressão subjetiva. Um Doutor

Rogers acertou numa teoria que, por um tempo, foi considerada esmagadora. O Barão Reichenbach trouxera em auxílio dos fisiologistas a sua força odílica, uma mera modificação do magnetismo ou eletricidade, ou ambos, segundo a sua própria asserção, mas exibindo poderes peculiares.

Como atribuía a isso grande parte da ação do cérebro, o Doutor Rogers imediatamente investiu-a com o poder de originar um tipo espúrio de pensamento, independente da mente do indivíduo. Isto chamou ele ação cerebral reflexa. Agora, supunha que a odílica tinha o poder de deitar a mente a repousar, de a colocar num tipo de estado dormente, e depois de lançar certas 'influências mundanas' no cérebro, que eram refletidas, como de um espelho, de volta, e saíam através dos órgãos da fala, embora a mão na escrita ou desenho como uma espécie de imagens ou fantasmas de pensamento — meros reflexos, no entanto, destas 'influências mundanas'.

Por um alongamento de imaginação, concebeu o cérebro de um homem nesta condição a entrar em rapport com o cérebro de outro, e os dois a receberem conjuntamente e refletirem de volta através dos órgãos dos dois, estas influências mundanas', como um estereoscópio une duas imagens separadas numa. A teoria explicativa era muito mais complexa e inexplicável do que a simples conceção de um espírito impressionando e falando através de uma mente em plena consciência. Faltava também verdade filosófica no fundo da teoria; embora seja verdade que a mente pode e leva a cabo uma espécie de consciência secundária inferior, ou habitual, de modo que observação exterior, falar, atuar, vão, ao mesmo tempo, em andar, ou mesmo falar, enquanto se pensa intensamente num tópico. Esta consciência é um ato da mente, e não meramente do cérebro.

O cérebro como matéria simples não pode ter ação exceto a que recebe da mente, quer a do próprio indivíduo ou de outra mente, encarnada ou desencarnada, atuando sobre ele. Que 'influências mundanas', ou ideias estranhas, errantes, flutuantes, entrassem em contacto com o cérebro de uma pessoa, queira ou não, e aí se moldassem em ordem e ideias inteligíveis, e processos de raciocínio, e declarassem factos conhecidos de ninguém presente, por vezes ocorrendo no momento do outro lado do globo, por vezes não para ocorrer por anos, era uma teoria mais maravilhosa e incrível, além de contrária a toda a nossa consciência e experiência, do que uma centena de tais teorias como a de simples impressão espiritual.

Faltava, além disso, explicar este grande e persistente facto, que nenhuma destas 'influências mundanas' refletidas, estas ações cooperantes de cérebros mutuamente biologizados, estes manes errantes, ou espíritos brincalhões de matéria-pensamento não apropriada no ar, alguma vez se

moldassem na declaração de que eram odílica, od, ou qualquer outra esquisitice, mas em todos os casos e lugares, em todos os tempos e sob todas as circunstâncias, em milhares e dezenas de milhares, e milhões de casos, que eram espíritos, e nada mais.

A uniformidade, sempre recorrente, sempre existente, destas impressões e factos, era, por todas as regras de lógica e filosofia, uma prova triunfante, incontestável da sua própria verdade. Um Professor Mahan seguiu o Doutor Rogers neste esforço para transformar o cérebro humano num monstro Frankenstein, autónomo, impiedoso, uma sombra lidando apenas com sombras; fantasmagórico, no entanto sem qualquer fantasma. Entre os homens eruditos e científicos que se ergueram preeminentemente acima dos preconceitos da sua casta, e ousaram olhar os fenómenos na cara, e aplicaram-lhes os verdadeiros testes de prova, estavam o Professor Hare e o Juiz Edmonds.

O Doutor Hare era o químico e eletricista prático mais famoso dos Estados Unidos. Nasceu em Filadélfia em 1781, e morreu aí a 18 de Maio de 1858, claro aos 77 anos. Aos vinte anos era membro da Sociedade Química de Filadélfia, e aí fez a sua primeira e mais importante descoberta, o maçarico oxi-hidrogénio, que levou à descoberta da célebre Luz Drummond. Por meio deste aparelho, foi o primeiro capaz de tornar a cal, magnésia, irídio e platina fusíveis em qualquer quantidade considerável, e talvez o primeiro a obter cálcio num estado metálico puro, e estrôncio sem liga de mercúrio. Anunciou primeiro que o vapor não é condensável quando combinado com partes iguais do vapor de carbono. Inventou o parafuso de válvula ou parafuso de forca, por meio do qual se faz comunicação perfeitamente estanque ao ar entre cavidades em peças separadas de aparelho.

Fez melhorias na pilha voltaica, que permitiram aos químicos Americanos aplicar com sucesso os poderes intensos de pares voltaicos estendidos muito antes do uso geral de combinações semelhantes na Europa. Em 1816 inventou o calorómetro, uma forma de bateria pela qual uma grande quantidade de calor é produzida com pouca intensidade.

A perfeição destas formas de aparelho foi reconhecida por Faraday em 1838, que as adotou em preferência a quaisquer que pudesse conceber (Investigações Experimentais, 1124, 1132). Foi com estas baterias que a primeira aplicação de eletricidade voltaica à detonação sob água foi feita. Isto foi em 1831, sob a direção pessoal do Doutor Hare. Em 1818 o Doutor Hare fora nomeado Professor de Química na Escola Médica da Universidade da Pensilvânia, e ocupou este posto até 1847 com distinta habilidade, isto é, por vinte e nove anos, quando se demitiu.

A 'Ciclopédia Americana' descreve-o como um orador frequente em reuniões públicas; e em conversa, especialmente quando assumia um caráter argumentativo, discorria com grande habilidade. Os seus traços externos estavam em harmonia com a força e massividade do seu intelecto. A sua estrutura era poderosa e notável pelo seu desenvolvimento muscular, e o seu peito era grande e bem formado.' O Juiz Edmonds, que o conhecia, diz: — 'Era um homem excelente, e todos os que o conheciam o amavam pela sua pureza, simplicidade e candura.'

Acrescenta que a sua coragem surgia do facto de que não sabia o que era ocultar ou disfarçar a verdade. Tal era o homem que, quando o Espiritualismo se forçou à sua atenção, o recebeu, como outros homens científicos, como uma mera ilusão dos sentidos. Leu a explicação de Faraday, e pensou que era convincente. Um Senhor Holcomb, de Southwick, Massachusetts, repetira as experiências de Faraday, e escreveu-lhe para dizer que evidentemente falhavam; que ele próprio vira instrumentos musicais tocados sem quaisquer mãos a tocá-los, e artigos pesados movidos sem qualquer causa visível.

O Doutor Hare respondeu que ainda concordava com Faraday; mas, ao contrário de Faraday, quando informado de tais factos, determinou testá-los também. Introduziu-se portanto a uma senhora, uma médium célebre, e observou cuidadosamente os fenómenos. Quando viu mesas e outros artigos movidos, e comunicações inteligíveis dadas através de batimentos, pôs-se ao trabalho e inventou maquinaria, para cortar toda a comunicação direta entre a médium e os resultados. Continuou as experiências por dois anos com indústria infatigável, engenhosidade e cuidado.

Os detalhes delas podem ser vistos na sua obra sobre Espiritualismo: 'Investigação Experimental de Manifestações Espirituais.' O resultado foi uma massa avassaladora de factos, demolindo completamente a teoria de Faraday. As demonstrações eram matematicamente corretas e precisas; primeiro, de um poder além do humano, ou de qualquer agência mundana conhecida; segundo, de inteligência não derivada de mentes no corpo. Aqui, então, foi um grande passo ganho: os fenómenos eram reais, e não reconciliáveis com qualquer teoria física. A pergunta seguinte para se satisfazer era se procediam de espíritos distintos desencarnados. Para decidir este ponto, o Doutor Hare adotou este plano.

Gradualmente tornara-se ele próprio desenvolvido como médium; e, sentando-se à sua própria mesa, recebia frequentemente comunicações assumidamente do seu pai e de uma irmã falecida. Um dia, ao espírito chamando-se a sua irmã se apresentar à sua mesa, como manifestado

através de batimentos, disse-lhe que desejava que ela lhe fizesse um pequeno serviço. Ela respondeu que o faria se estivesse no seu poder.

Estava então numa visita em Cape May, a cerca de cem milhas de Filadélfia; e pediu-lhe para ir a Filadélfia, e desejar à Senhora Gourlay, a médium, obter do Doutor Gourlay, o marido dela, chamar num certo banco e perguntar ao empregado de notas uma pergunta quanto à passagem de uma conta, e trazer-lhe a resposta até às três e meia. O espírito prometeu, e esteve ausente por meia hora; mas regressara então com a resposta. O Doutor Hare não fez outra comunicação à Senhora Gourlay sobre o assunto; mas no seu regresso a Filadélfia, em cerca de quinze dias, perguntou à Senhora Gourlay se recebera alguma mensagem dele durante a sua ausência.

Ela disse sim, e sob circunstâncias muito extraordinárias. Estava a receber uma comunicação da sua mãe espírito, quando a comunicação parou subitamente, e o espírito-mensageiro dele deu a comissão. Foi atendida pelo Doutor Gourlay, e a resposta retornada a ele pelo espírito. O Doutor Hare foi então ao banco, e ascertou do empregado de notas que o Doutor Gourlay chamara no dia nomeado, fizera uma pergunta, e recebera a resposta, que fora retornada ao Doutor Hare pelo espírito-mensageiro. O Doutor Hare ficou assim assegurado de que tivera um espírito-mensageiro real, e ficou perfeitamente satisfeito.

Mas outras dúvidas tinham de ser destruídas nele pelo Espiritualismo. Fora toda a vida um infiel determinado, descrendo em Deus, na imortalidade da alma, e na revelação. Dissera ao Juiz Edmonds que coligira e publicara passagens ofensivas da Bíblia para impugnar a validade da assim chamada revelação; que poria abaixo também o Espiritualismo, que reivindicava ser uma revelação. Tendo-se convencido, no entanto, do seu primeiro erro quanto ao espírito, as suas indagações adicionais convenceram-no da verdade da revelação cristã, e pouco tempo antes da sua morte chamou o Juiz, e disse que a sua irmã, que estava morta há muitos anos, viera a ele, e tão completamente se identificara a ele, como para o convencer de que era ela própria, e que ainda vivia. Razão assim: 'Se ela vive, eu também viverei, e há uma imortalidade; se uma imortalidade, deve haver — há um Deus. Mas,' disse ele, 'Juiz, não paro aí, acredito na revelação, e numa revelação através de Jesus de Nazaré. Eu sou um cristão.'

Uma grande resposta ao cui bono. Ao falar da conversão do Professor Hare ao Cristianismo, o Juiz Edmonds diz, 'Na introdução ao meu segundo volume de "Espiritualismo" publiquei umas vinte cartas de diferentes pessoas, mostrando que os escritores destas cartas eram apenas alguns da longa lista de tais conversões.' O próprio Professor Hare, na sua obra, diz

que vinte e cinco mil pessoas foram convertidas do ateísmo e deísmo ao Cristianismo, apenas nos Estados Unidos, no seu tempo. O Doutor Gardner, de Boston, vai mais longe no 'Banner of Light', e diz, 'Milhões no nosso país tornaram-se, como eu, convencidos da imortalidade da alma, que eram céticos antes da interposição da comunhão espiritual.'

Que assim chamada Igreja Cristã de hoje pode produzir tal testemunho à sua vida espiritual? Como o Professor Hare determinou explodir as imposições do Espiritualismo por indagação científica, assim fez o Juiz Edmonds pela acuidade da sagacidade legal. Temos isto na sua própria prova: 'Entrei na investigação, originalmente pensando ser uma decepção, e pretendendo tornar pública a minha exposição dela. Tendo, das minhas pesquisas, chegado a uma conclusão diferente, sinto que a obrigação de tornar conhecido o resultado é igualmente forte; portanto é, principalmente, que dou o resultado ao mundo.

Digo principalmente, porque há outra consideração que me influencia, e essa é o desejo de estender aos outros um conhecimento que estou consciente de que não pode deixar de os tornar mais felizes e melhores.' O Juiz nasceu em Hudson, E.U., em 1790. Recebeu uma educação clássica, e entrou no estudo da lei no seu décimo oitavo ano. Entrou no escritório de Martin Van Buren, o Ex-Presidente, em 1819, e em 1820 começou a prática na sua cidade natal.

Ele editou um jornal durante algum tempo e tornou-se oficial na milícia. Por graus sucessivos, tornou-se senador de Columbia, membro do Senado do Estado, Presidente do Senado, comissário das tribos indígenas, inspetor da prisão em Sing-Sing, Juiz de Circuito, Juiz do Supremo Tribunal, Juiz do Tribunal de Apelações, etc.

Ao declarar a sua convicção da verdade do Espiritualismo, foi atacado por tal vitupério e calúnia que renunciou ao seu cargo de juiz, e antes de regressar à sua prática na barra, que o costume do seu país permitia, fez uma viagem de dois meses para corajosamente dar palestras e difundir a sua nova fé. Foi de Boston no leste até ao Mississippi no oeste, tão a sul como o Rio Ohio e tão a norte como Milwaukie, no Lago Michigan. Diz que nesta viagem encontrou o Espiritualismo tão geralmente difundido, e cada espírita, qualquer que fosse a sua opinião anterior sobre o assunto, tão invariavelmente um homem anti-escravatura, que declarou ao regressar que o Espiritualismo provaria o golpe mortal da escravatura; que quase decidiu a eleição presidencial em 1856 e decidiu-a completamente em 1860.

Se isto for correto, o Espiritualismo originou o presente terrível conflito nos Estados Unidos, para terminar nos propósitos de Deus, sem dúvida; mas o quê, quem o dirá ainda? Na barra, o Juiz Edmonds, apesar do seu

Espiritualismo, rapidamente ascendeu a uma prática de primeira ordem, e há algum tempo foi eleito por homens de todos os partidos para o cargo de Registador de Nova Iorque, uma das posições mais importantes e responsáveis ao dispor do povo.

Esta posição recusou-a respeitosamente. Podemos completar o esboço do digno juiz pelo testemunho de uma testemunha muito competente, o Hon. N. P. Tallmadge, antigo Senador dos E.U.A. e Governador do Wisconsin: Conheci-o como um homem de educação clássica acabada, um advogado profundo, astuto nas suas investigações e na análise de testemunhos, insuperável em opiniões legais e no desempenho dos seus altos deveres judiciais; e, acima de tudo, conheci-o como um homem de integridade irrepreensível e o último a ser enganado por uma impostura ou levado por uma ilusão.

O juiz conta-nos que primeiro voltou a sua atenção para as batidas, mas depressa as encontrou a aparecerem tão longe dos médiuns, por vezes nos topos das portas e em todas as partes das salas onde os médiuns nunca tinham estado antes e onde não podiam alcançar; aparecendo em todos os momentos, viajando em carruagens, em caminhos-de-ferro ou em momentos em que as mãos e os pés do médium estavam todos presos.

Depois de depender dos meus sentidos, diz ele, quanto às diversas fases dos fenómenos, invoquei a ajuda da ciência e, com a assistência de um excelente eletricista e da sua maquinaria, e de oito ou dez pessoas inteligentes, educadas e perspicazes, examinei o assunto. Prosseguimos as nossas inquirições durante muitos dias e estabelecemos para a nossa satisfação duas coisas: primeiro, que os sons não eram produzidos pela agência de qualquer pessoa presente ou perto de nós; e, segundo, que não surgiam à nossa vontade. Isto foi agir de uma maneira racional e de senso comum, muito diferente da conduta cobarde de homens científicos e eruditos em Inglaterra, que, depois de darem uma olhadela ao Espiritualismo e de o acharem muito abalador para a sua filosofia, se contentaram em observá-lo à distância.

No decurso destas investigações, o juiz viu uma grande variedade de fenómenos físicos. Entre outros, uma mesa de mogno, com apenas uma perna central e com uma lâmpada acesa em cima, erguida do chão pelo menos um pé, apesar dos esforços dos presentes, e abanada para trás e para a frente como se abana um copo na mão, e a lâmpada manteve o seu lugar, embora os seus pingentes de vidro tilintassem. A mesma mesa inclinou-se com a lâmpada em cima de tal modo que a lâmpada teria caído se não fosse detida por algo mais do que a sua própria gravidade; e uma sineta de jantar, retirada de uma prateleira alta num armário, tocou sobre as

cabeças de quatro ou cinco pessoas nesse armário, depois tocou à volta da sala sobre as cabeças de doze ou quinze pessoas na sala de trás, foi depois levada através das portas dobráveis até à extremidade mais distante da sala da frente e depois largada no chão.

De tais coisas, diz ele, viu centenas de casos, e tais coisas são agora tão familiares que não precisam de ser citadas. Procedeu ao exame dos fenómenos superiores - comunicações de amigos falecidos, perguntas muitas vezes postas apenas mentalmente e respondidas abertamente pelo alfabeto. Ele próprio se tornou um médium de escrita e desenho. Encontrou os seus pensamentos mais íntimos lidos e declarados pelos espíritos. Ouviu os médiuns usarem palavras gregas, latinas, espanholas e francesas, quando sabia que eram completamente ignorantes de qualquer língua exceto a sua própria.

Ouviu conversas em línguas estrangeiras e desconhecidas por aqueles não familiarizados com nenhuma delas. Dirigiu um pedido através de um jornal público, The Banner of Light, para casos bem atestados de pessoas que falavam ou escreviam línguas que nunca tinham aprendido, a serem dados com nomes de pessoas e lugares, para que pudessem ser escrutinados e provados; e nas suas Letters on Spiritualism dá, além de outros casos sob a sua própria observação, vinte e quatro cartas de diferentes pessoas fidedignas, com nomes e datas, detalhando instâncias muito extraordinárias de tais casos.

Nos seus Spiritual Tracts, Tract No. 6, dá muitos outros exemplos de tais casos em pessoas bem conhecidas, ocorrendo na presença de si próprio e de outros, cujos nomes são dados, e entre aqueles que assim falavam, a sua própria filha e uma filha do Governador Tallmadge. Estes Tracts e Letters podem ser obtidos de Mr. Pitman, No. 20 Paternoster Row, por alguns xelins, e qualquer um pode assim examinar estas declarações por si mesmo. Em suma, o Juiz Edmonds tornou-se completamente convencido, como qualquer pessoa deve tornar-se que segue um curso honesto e de senso comum semelhante, quando o assunto de inquirição é um facto.

A sua filha, que durante muito tempo foi grandemente avessa ao Espiritualismo, tornou-se pela força de evidência irresistível também convencida; tornou-se uma médium notável, frequentemente falando línguas que nunca tinha aprendido; e tanto o pai como a filha permaneceram firmes e ativos promotores da verdade. O juiz perdeu a sua esposa há alguns anos, mas depressa recebeu mensagens dela, e regista do Espiritualismo que há nele aquilo que conforta o enlutado e cura o coração partido; aquilo que suaviza a passagem para a sepultura e rouba à morte os seus terrores; aquilo que ilumina o ateu e não pode deixar de

reformar o vicioso; aquilo que anima e encoraja o virtuoso no meio de todas as provações e vicissitudes da vida; e aquilo que demonstra ao homem o seu dever e o seu destino, deixando este último não mais vago e incerto.

O Professor Hare e o Juiz Edmonds podem ser tomados como exemplos de uma grande classe dos eruditos e científicos na América, entre eles o Governador Tallmadge, os Professores Mapes e Gray, homens de grande eminência e reconhecimento universal. O Rev. Adin Ballou deixou as suas opiniões num admirável pequeno trabalho sobre o assunto, e muitos outros escreveram volumosamente em sua defesa. Theodore Parker, o célebre ministro unitariano, embora não um espírita professo, deu este testemunho aos espíritas: Este partido tem uma ideia mais ampla e profunda do que a católica ou protestante, nomeadamente, que Deus ainda inspira os homens tanto como sempre; que Ele está iminente em espírito e no espaço.

Mas isto não foi o caso com todos os eruditos e científicos. Muitos deles atacaram o Espiritualismo com uma acrimónia crescente, igual a quaisquer tais exibições melancólicas em Inglaterra. Em Buffalo, os Drs. Schiff, Richmond e outros professaram ter examinado e exposto as fraudes dos médiuns; mas foram respondidos e expostos eles próprios. Em Boston, o Dr. Gardner desafiou os Professores Felton, Gordon e Dwight do Harvard College, Cambridge, e outros dessa universidade que tinham feito ataques violentos ao Espiritualismo nos jornais, a nomear um comité de doze homens desinteressados em junho de 1857, para testar a médium, Mrs. R. M. Henderson.

Este comité reuniu-se por vezes durante três semanas, os professores tentando vários truques, mostrando qualquer coisa menos um espírito justo, e redigindo um relatório de que os factos não eram reais, e no entanto que eram prejudiciais à moral! Os mesmos Professores expulsaram um Mr. Willis do colégio por ser um médium declarado. O intrépido Dr. Gardner convidou um comité de cavalheiros da imprensa para fazer um exame semelhante, sendo Mrs. Brown e Miss Kate Fox as médiuns, e muitos destes cavalheiros relataram que os resultados eram genuínos e satisfatórios.

Novamente, o Dr. Gardner convidou o governador, o conselho e a legislatura de Massachusetts para um exame público das reivindicações do Espiritualismo, sendo Mrs. Ada Coan a médium. Foi nomeado um comité de membros da legislatura e foram dados mais de trinta testes inteligentes de presença espiritual. No final, o comité declarou a sua crença de que as demonstrações foram conduzidas da maneira mais justa possível, não havendo nem conluio nem fraude. O mundo religioso não omitiu examinar as reivindicações do Espiritualismo. O Rev. Charles Beecher, numa reunião

regular da Associação Congregacional de Nova Iorque e Brooklyn, foi nomeado para investigar as Manifestações Espirituais.

Deve ser tido em mente que ele é o pastor de uma igreja ortodoxa regular. No seu relatório elaborado, feito após um exame mais cuidadoso e laborioso destes fenómenos, assume a hipótese de que os espíritos só podem obter acesso através de condições odílicas preparadas; que este era o modo de comunicação pelos antigos profetas, e substituir qualquer outra teoria corta pela raiz grandes porções das Escrituras. E acrescenta: Sempre que as condições odílicas estão certas, os espíritos não podem ser mais reprimidos de comunicar do que a água de jorrar pelas fendas de um dique. Mr. Beecher conclui dizendo:

Qualquer lei fisiológica que explique os fenómenos odílicos em todas as idades, no final inevitavelmente se estenderá pela Bíblia, onde trata dos fenómenos da alma e do corpo como mutuamente relacionados, agindo e reagindo. Uma grande porção da Bíblia, as suas profecias, êxtases, transes, teofanias e angelofanias, estão mais ou menos tingidas com características odílicas. A fisiologia, a antropologia da Bíblia é altamente odílica e deve ser estudada como tal. Como tal, será encontrada em harmonia com os princípios gerais da experiência humana em todos esses assuntos, em todas as idades.

Se uma teoria for adotada em todo o lado exceto na Bíblia, excluindo a intervenção espiritual por canais odílicos in toto e explicando tudo fisicamente, então as capas da Bíblia provarão ser apenas barreiras de cartão. Tal teoria varrerá o seu caminho pela Bíblia e a sua autoridade, a sua inspiração plenária, será aniquilada. Por outro lado, se a teoria da intervenção espiritual através de canais odílicos for aceite na Bíblia, não pode ser aí encerrada, mas deve varrer o seu caminho pelo vasto domínio das superstições populares, como são chamadas, separando o elemento de verdade no qual essas superstições se baseiam e afirmando a sua própria supremacia autoritária.

Opiniões semelhantes foram declaradas pelo Rev. Henry Ward Beecher, um dos pregadores mais vigorosos e eloquentes da América. Num sermão sobre Efésios i. 13, 14, declarou que frequentemente estivera nesse estado que nos liga a outra vida mais elevada. Uma dessas aberturas ocasionais para o outro mundo; um estado no qual o mundo invisível é mais potente e real do que o mundo visível; e no qual vemos através do corpo e discernimos a substância das verdades eternas. As discussões entre os espíritas e anti-espiritualistas da América têm sido infinitas; e muitos dos opositores mais violentos, nos últimos anos, reconheceram a sua conversão completa à verdade que tão energicamente tinham desprezado.

Entre as diversas formas de manifestação espiritual nos Estados Unidos, além das físicas já faladas, as mais intelectuais de escrita espiritual, desenho espiritual e execução de música são muito notáveis. Em alguns destes casos, a escrita e o desenho eram feitos através das mãos de médiuns, noutros sem qualquer mão humana, diretamente por agência espiritual e na presença de numerosos testemunhas de alto caráter. Espécimes destes podem ser vistos pelo leitor inglês na English Spiritual Magazine (vol. ii., a partir de p. 432) e em vários intervalos desde então. Estes são professados terem sido feitos na presença de Mr. Benjamin Coleman de Londres, Juiz Edmonds, Mr. Gurney e outros.

O relato do Espiritualismo na América, por Mr. Coleman, publicado na Spiritual Magazine e até certa data republicado por Mr. Pitman, 20 Paternoster Row, contém algumas das declarações mais espantosas sobre o assunto alguma vez tornadas públicas. Na Spiritual Magazine, de tempos a tempos, são ainda publicados cartas de um distinto cavalheiro de Nova Iorque, nas quais a aparição frequente da esposa falecida do cavalheiro e do Dr. Franklin a ele, e de outros amigos bem conhecidos, são inquestionavelmente inigualáveis nos anais do maravilhoso.

Fac-símiles de cartas escritas pela senhora falecida são dados e é solenemente declarado que as testemunhas não só viram, mas tocaram nestes espíritos e manusearam as roupas e o cabelo de Franklin. Vi algumas das cartas eu próprio e comparei-as com as cartas da senhora enquanto no corpo, e a identidade da caligrafia é perfeita. Algumas das demonstrações musicais têm sido de caráter extraordinário, mas são atestadas por demasiadas e capazes testemunhas para serem desacreditadas.

Entre estas estão as dos chamados Davenport Boys e das Salas de Koons em Ohio. Os Davenport Boys, crianças de uma família desse nome em Buffalo, foram declarados serem os médiuns de uma banda de espíritos musicais, dos quais King, o espírito de um índio, era o líder. Temos relatos das visitas a estes rapazes por Mr. Partridge, editor, Nova Iorque, Dr. Halleck, Professor Mapes, Mr. Miltenberger e Mr. Taylor. Declaram que ao serem introduzidos na sala encontraram, numa mesa no centro, uma guitarra, pandeireta, trombeta falante, sino e cordas. Na extremidade mais distante da sala sentavam-se os dois rapazes médiuns.

As mãos destes rapazes foram seguramente amarradas, assim como os seus pés, e foram amarrados à parede. A sala foi escurecida e instantaneamente os instrumentos voaram pela sala, tocando sobre as cabeças dos ouvintes e frequentemente tocando-lhes; King frequentemente falando através da trombeta. Ao restaurar a luz, os rapazes foram

encontrados firmemente amarrados como no início. Numa instância, o Cleveland Plaindealer diz, os céticos não só amarraram os rapazes aos bancos com as mãos atrás deles, mas colocaram-lhes algemas de ferro e trancaram-nas.

A música prosseguiu da mesma forma. Novamente, as chaves que trancavam as algemas foram colocadas no alto numa caixa e os espíritos foram desejados a alcançá-las e destrancar as algemas. Foi feito instantaneamente. Mr. Partridge perguntou aos espíritos porque não atuavam em plena luz; responderam porque isso prejudicaria os médiuns, retirando-lhes demasiada força. Mr. Partridge, enquanto ouvia a música, encontrou-se subitamente amarrado de mãos e pés e com a corda à volta do pescoço, de uma maneira mais intrincada; e tão rapidamente desamarrado. Mr. Coleman, na p. 443 da Spiritual Magazine (vol. ii.), dá-nos um relato da visita do Professor Mapes aos Davenport Boys que concorda com todos os outros.

O Professor Mapes, diz-nos Mr. Coleman, é um dos intelectos mais poderosos da América, um filósofo químico profundo, que, como o Dr. Hare e o Juiz Edmonds, lutou com o Espiritualismo na esperança de expor uma impostura; mas foi impulsionado, passo a passo, da sua posição original para uma crença completa. Como Hare, até aos quarenta e cinco anos de idade, era um materialista. Mr. Coleman dá-nos a visita do Professor Mapes às Salas de Koons, que concorda inteiramente com as de Mr. Partridge e outros.

Este Mr. Koons era um agricultor, vivendo numa cabana de toros entre as montanhas de Ohio, no distrito de Milford, Condado de Athens, vinte e cinco milhas a norte de M'Connelsville, quarenta e duas milhas de Lancaster e sessenta e sete de Columbus. Nenhum homem, diz Mr. Partridge, alguma vez viajou por um país tão montanhoso em qualquer outro lugar; e, quando se chegava à vizinhança de Koons, encontrava-se a essência das colinas personificada; não havia tal coisa como um local plano para colocar uma casa.

No entanto, de centenas de milhas à volta, as pessoas acorriam para aí para testemunhar a cena extraordinária e ouvir o estranho toque espiritual que se realizava diariamente. Koons tinha construído uma cabana de madeira para este propósito, no centro da qual estava uma mesa com uma estrutura ou suporte em cima, no qual penduravam vários instrumentos musicais; dois violinos, uma guitarra, um banjo, um acordeão, uma trompa francesa, uma trompa de lata, um tambor pequeno, um sino de chá, um triângulo e uma pandeireta. Koons e o seu filho Nahum pegaram nos seus violinos e afinaram-nos.

As persianas foram fechadas; e, no relato de um Mr. John Gage, Koons disse então: Bem, King, estás aqui! pois o espírito de King, o índio, era também mestre de banda aqui. No momento em que Koons e o seu filho começaram, todos os instrumentos atacaram e tocaram com tal poder e energia que era realmente alarmante. Toda a casa estava a tremer e a vibrar em perfeito compasso com a música; e eu sabia que nenhuma mão mortal segurava os instrumentos.

A pandeireta fazia círculos rápidos na sala e era batida com tal violência que parecia que devia ser despedaçada; e voava de lugar para lugar, de modo que pensei que me ia atingir. Tambor, harpa, acordeão, trompa francesa, todos tocavam juntos e uma voz estranha, sobrenatural cantava em concerto com a música. Entre as melodias havia uma conversa através das trompas e estas circulavam pela sala sobre e à nossa volta ao mesmo tempo. Koons entregou aos espíritos algum fósforo num pedaço de papel, com o qual o tocador de pandeireta esfregou as mãos, de modo que se tornaram visíveis e podiam ser vistas a rodopiar a pandeireta sobre as suas cabeças com uma rapidez, aqui e ali, como flashes de relâmpagos ou mais como o tremeluzir de uma luz refletida da água num espelho do que qualquer outra coisa. A mão brilhante dava golpes causando um batimento sensível onde tocava e também escreveu-lhes uma longa carta.

Os visitantes todos apertaram as mãos aos espíritos. Os relatos de Mr. Partridge e do Professor Mapes são precisamente semelhantes. O professor diz que na exibição dos Davenport Boys conversou meia hora com John King, que falou através de uma trombeta. Apertou-lhe a mão e recebeu um aperto mais poderoso. Os seus amigos Dr. Warren e Dr. Wilson e outros estavam com ele e todos experimentaram as mesmas coisas. Outro dos fenómenos americanos foram os Kentucky Jerks. Estes são descritos pelo Rev. Jacob Young na sua Autobiografia.

Viu-os tão cedo como em 1804. Estes parecem ter sido de um tipo muito desordenado. Um Mr. Doke, um clérigo presbiteriano, foi primeiro acometido pelos jerks, que o puxavam de um lado para o outro de uma maneira mais extraordinária, muitas vezes quando no púlpito, e o faziam gritar alto e correr para fora do púlpito para os bosques, gritando como um louco. Quando o ataque acabava, regressava calmamente ao seu púlpito e terminava o serviço. As pessoas eram muitas vezes acometidas em hotéis e à mesa, ao levantar um copo para beber, atiravam o licor ao teto; as senhoras à mesa do pequeno-almoço eram subitamente compelidas a atirar o seu café para o alto e frequentemente quebrar a chávena e o pires.

As longas tranças de cabelo então usadas pelas costas das senhoras estalavam como chicotes. Alguns atribuíam a causa ao diabo, alguns a uma

fonte oposta. Um certo clérigo jurou que o pregaria para baixo; mas foi acometido no meio da sua tentativa e tornado tão ridículo que se retirou de mais atenção. Reuniões de acampamento eram acometidas por isso e centenas eram afetadas pelos jerks simultaneamente. Era visto por muitos como um julgamento pela imoralidade da época. Aqueles singulares povos os Shakers ou Shaking Quacres, que têm dezoito comunidades nos Estados Unidos, que mantêm a ordem primitiva das coisas e têm todas as coisas em comum, são espíritas até ao último homem.

Reivindicam a sua origem de John e Jane Wardley, antigamente Amigos, de Bolton em Lancashire, que se juntaram aos dos Camisards ou Profetas dos Cevennes que vieram para Inglaterra. Em 1758, foram juntados por Ann Lee, a filha de um ferreiro de Manchester, e sendo perseguidos pela multidão, e Ann, que se tornara a cabeça da sociedade e era chamada Mãe Ann, sendo tratada como uma louca e posta num asilo por várias semanas, foram para a América, onde foi revelado a Ann que aumentariam e se tornariam um povo em paz e liberdade.

Chegaram aos Estados em 1774, mas foram a princípio muito pobres e compelidos a separar-se para obter um sustento. Mas em 1776, fundaram um estabelecimento perto de Albany. Depois fundaram outros em New Lebanon, perto de Hudson, e em Hancock. Reivindicam ter desfrutado grandemente os dons apostólicos de cura, de profecia, falar em línguas desconhecidas e cantar canções novas e espirituais. Foram levados pelo Espírito, afirmam, a uma experiência profunda e santa e foram inspirados, não só pelo Espírito Santo, mas por outras inteligências espirituais, com as quais têm comunhão diária e horária.

Em 1856, um deles, chamado F. W. Evans, escreveu a Robert Owen, informando-o de que sete anos antes do advento do Espiritualismo, os Shakers tinham predito a sua ascensão e progresso, precisamente como ocorreram, e acrescentando que a ordem Shaker é o grande médium entre este mundo e o mundo dos espíritos. Continuou: Amigo Robert, parece que agora és um espírita. O Espiritualismo originou-se entre os Shakers da América. Foi também para e entre eles há alguns anos que as avenidas para o mundo espiritual foram primeiro abertas; quando por sete anos em sucessão um reavivamento continuou em operação entre esse povo, durante o qual período centenas de médiuns espirituais foram desenvolvidos através das dezoito sociedades.

Na verdade, todos os membros, em maior ou menor grau, eram médiuns. De modo que manifestações físicas, visões, revelações, profecias e dons de vários tipos, dos quais são mantidos registos volumosos e, na verdade, diversas operações, mas todas do mesmo espírito, eram tão comuns como

ouro na Califórnia. Diz que estas manifestações espirituais eram de três graus distintos. O primeiro sendo para o convencimento completo dos membros juniores; o segundo para o trabalho de julgamento, o julgar e purificar de todo o povo por agência espiritual; e o terceiro, para a ministração de verdades milenares a várias nações, parentescos, tribos e povos no mundo espiritual, que estavam com fome e sede de retidão.

E que o Espiritualismo no seu progresso exterior passará pelos mesmos três graus no mundo em geral, estando apenas ainda no seu primeiro grau nos Estados Unidos. As manifestações espirituais, mantinha, eram a resposta de Deus ao grito dos corações de homens e mulheres earnestos, buscando factos, não palavras, em atestação da Palavra da Vida. O Mormonismo deve ser considerado como uma das fases desordenadas do Espiritualismo americano. Para aqueles que leram ambos os lados sobre o assunto e a história do Mormonismo, pode haver pouca dúvida de que a coisa originou-se em agência espiritual real, mas não do tipo mais puro.

Os Mórmons, um e todos, reivindicam uma origem milagrosa para isso. Declaram que os dons de profecia, de cura, de ver visões estão entre eles; e registam abundantes instâncias de cura das queixas mais violentas, pelas orações da igreja e a imposição de mãos. Orson Pratt, um dos seus grandes oráculos, diz: Acreditamos que onde quer que as pessoas desfrutem da religião do Novo Testamento, aí desfrutam visões, revelações, o ministério de anjos, etc. E que onde quer que estas bênçãos deixem de ser desfrutadas, aí também deixam de desfrutar da religião do Novo Testamento.

Diz: Nova revelação é a própria vida e alma da religião do céu; é indispensavelmente necessária para o chamamento de todos os oficiais na igreja. Sem ela, os oficiais da igreja nunca podem ser instruídos nos vários deveres do seu chamamento. Onde o Espírito de Revelação não existe, a igreja não pode ser confortada e ensinada em toda a sabedoria e conhecimento, não pode ser propriamente repreendida e castigada de acordo com a mente de Deus, não pode obter promessas para si mesmos, mas dependem das promessas feitas através dos antigos.

Sem nova revelação, o povo é como um cego tateando o seu caminho na escuridão total, não conhecendo os perigos que assolam o seu caminho. Sem profetas e reveladores, a escuridão paira sobre o futuro; nenhuma cidade, povo ou nação entende o que os espera. Sem nova revelação, nenhum povo sabe do terramoto que se aproxima, da praga mortal, da guerra terrível, da fome devastadora e dos julgamentos temíveis do Todo-Poderoso que pairam sobre as suas cabeças devotas.

Quando as vozes de profetas e apóstolos vivos não são mais ouvidas na terra, há um fim à perfeição e edificação dos santos; há um fim rápido ao trabalho do ministério; há um fim à obtenção desse conhecimento tão necessário à vida eterna: há um fim a tudo o que é grande, grandioso e glorioso, pertencente à religião do céu: há um fim à própria existência da Igreja de Cristo na terra, há um fim à salvação no reino celestial. Seja qual for o erro e a loucura que haja no Mormonismo, isto pelo menos é verdade genuína e evangélica.

É apenas o que John Wesley tinha dito antes em menos palavras: A causa real pela qual os dons do Espírito Santo não são mais encontrados na Igreja Cristã é porque os cristãos se tornaram pagãos novamente e têm apenas uma forma morta deixada. O seu órgão, o Millennial Star, diz: Os Santos dos Últimos Dias sabem que os anjos aqui conversam com os homens. Sabem que os dons do Espírito Santo são manifestados nestes dias por sonhos, visões, línguas reveladoras, profecias, milagres, curas. Orson Pratt diz, e um tratado publicado pela Igreja dos Últimos Dias, chamado The Book of Mormon confirmed by Miracles, dá numerosas provas da verdade das suas asserções, que quase todos os ramos da igreja foram abençoados por sinais milagrosos e dons do Espírito Santo, pelos quais foram confirmados e sabem com certeza que esta é a Igreja de Cristo.

Sabem que os cegos veem, os coxos andam, os surdos ouvem, os mudos falam, que os leprosos são limpos, que ossos são compostos, que a cólera é repreendida e que as doenças mais virulentas cedem através da fé no nome de Cristo e o poder do Seu Evangelho. Acrescenta que estas coisas não são feitas num canto; estão a ocorrer todos os dias e perante dezenas de milhares de testemunhas. Bem, não há nada a dizer contra isto, a menos que pudéssemos provar que é completamente falso. A doutrina é uma doutrina verdadeira. Toda a igreja, exceto a Igreja Protestante, não só afirma o mesmo, mas reivindica ter ampla evidência disso. A igreja antiga, a romana, a grega, os valdenses, os camisards, os primeiros Amigos, o próprio Lutero e muitos indivíduos mesmo entre os protestantes.

Greatrakes foi um grande curador à moda apostólica. Madame Saint-Amour, que tinha sido educada no romanismo, mas que se tornou uma swedenborgiana, descobriu em 1826 que possuía o mesmo poder de curar doenças que Gassner e Greatrakes, pelo poder do Espírito de Cristo. Era a esposa do Major Saint-Amour e ela própria de alta conexão holandesa; o seu tio, General Drury, sendo comandante na Haia, sob o Stadtholdership e sob Luís Buonaparte, e o seu primo M. Van Mann, ministro da justiça nos Países Baixos. Madame Saint-Amour, no entanto, não hesitou quanto a se devia prejudicar a sua posição mundana.

Foi para Nantes em setembro de 1828 e começou a sua missão benevolente. Depressa se rumoreou que uma senhora tinha chegado de Paris que curava doenças e males crónicos pela oração. Todo o lugar foi lançado num estado de excitação. Alguns declararam que os tempos apostólicos tinham voltado; outros que estes milagres originavam em alguma arte oculta em vez de na religião. Os doentes que foram curados acenderam o entusiasmo daqueles que ainda aguardavam a sua vez. Um aleijado, que tinha deixado as suas muletas com Madame Saint-Amour, apressou-se a prostrar-se no santuário de St. Semilian, exclamando: Ela cura tudo!

Uma criança levada para ela nos braços da sua irmã regressou a casa a pé, seguida por uma multidão, exprimindo o seu espanto pelo milagre. Os passageiros eram parados pela multidão admirada perante a casa de Madame Saint-Amour; havia muita interrogação e respostas eram dadas que atingiam os ouvintes com espanto. As multidões aumentavam; a rua estava completamente bloqueada, de modo que as carruagens não podiam passar. Os próprios degraus até à sua porta estavam apinhados de doentes e mutilados buscando ajuda. Das seis da manhã até à noite, os inválidos permaneciam à espera da sua vez.

Números esperavam toda a noite para estarem entre os primeiros admitidos na manhã seguinte. Onde quer que ela fosse, ficavam no seu caminho como pregados ao chão; estavam confiantes de que se pudessem apenas tocar no seu vestido seriam curados. Muitos chegavam mesmo a declarar que ela era a própria Virgem Maria disfarçada. M. Richer, o célebre editor e comentador de Swedenborg, foi julgar por si mesmo. É bem conhecido que os swedenborgianos são violentamente hostis a qualquer um possuindo dons sobrenaturais exceto o próprio Swedenborg.

Parecem pensar que ele tinha uma patente para milagres e que ninguém deve invadi-la até ao fim do mundo; mas M. Richer ficou espantado com o que viu e honestamente confessou-o. Ouviu Madame Saint-Amour dizer à multidão de aflitos requerentes: Credes em Deus? Credes que Deus, que criou o céu e a terra, tem poder para vos curar? E quando confessavam a sua crença, ela orava para que fossem curados e punha a mão sobre eles.

Viu com espanto as maravilhas que se seguiam: viu-a derretida em lágrimas de alegria e gratidão a Deus no meio dos milagres que Ele operava pelas suas mãos; viu-a testemunhar com êxtase a mudança de dor e sofrimento nos seus pacientes para alívio e força; viu-a lançar-se de joelhos em gratidão muda ao Doador de todo o bem, no meio dos inválidos restaurados à sua volta. Durante três dias a excitação continuou a aumentar. De todos

os lados chegavam os doentes, cheios de espanto pelas relações que ouviam.

Vinham de Tours, Saumur, Rochefort, Angers, Rennes, do Maine e Loire, de Vendée, Morbihan e outros lugares distantes. Pode-se afirmar com segurança que não há um lugar no Departamento Inferior do Loire que não tenha enviado algum paciente para a capital do distrito. Os ricos lutavam para levar Madame Saint-Amour aos seus salões; e para escapar por algum tempo ao esmagamento incessante de pessoas ansiosas à sua volta, aceitava convites para bairros distantes. Mas por toda a parte multidões crescentes vertiam atrás dela e por toda a parte no seu caminho via-se doentes e curiosos que rogavam o favor de lhe dirigir a palavra. Foi em vão que à noite tentava persuadir as multidões a dispersar; permaneciam para assegurar os seus serviços na manhã e podiam-se ver as suas mãos estendidas das janelas para chamar bênçãos sobre a multidão imóvel. Enquanto tentava conduzir, administrava curas das janelas da sua carruagem.

As ruas e portões das casas que visitava eram rapidamente sitiados e quatro sentinelas em cada porta não eram suficientes para manter as pessoas afastadas. Todo o veículo na cidade para alugar era tomado para levar requerentes a ela; multidões de operários abandonavam os seus empregos para a verem. Em todos os círculos ela e as suas curas eram o assunto de conversa; na bolsa, no colégio, nos salões, nas estalagens e em casas privadas; e declarava-se que tais coisas nunca antes tinham sido ouvidas, exceto em livros. Mas de repente descobriu-se pela Igreja que Madame Saint-Amour era uma herege swedenborgiana!

Os padres estavam instantaneamente em armas: uma reunião do clero foi convocada pelo Arcebispo e como os monges de St. Stephen tinham declarado a Colombo que não havia tal continente como a América, o clero de Nantes declarou que estes milagres não eram obra de Cristo mas de bruxaria. As multidões foram informadas de que se Deus enviasse tais milagres seria através de um padre e não através de uma mulher. O grito de heresia e diabrura foi levantado contra ela e Madame Saint-Amour foi depressa compelida a escapar da cidade e distrito.

Madame Ehrenborg, uma senhora sueca que publicou três volumes muito interessantes das suas viagens no continente, quando em Nantes desde que estes eventos ocorreram, foi mostrada o retrato de Madame Saint-Amour e foi assegurada por várias pessoas de caráter mais elevado em Nantes que a narrativa destas curas extraordinárias era perfeitamente correta. Diz-se que Madame Saint-Amour foi juntar-se ao seu filho em Argel.

Para regressar aos Mórmons; reivindicam apenas uma reivindicação cristã geral quanto a milagres e se não tivessem introduzido a poligamia no seu sistema, o mundo teria pouco a imputar-lhes. Isto fazem-no, no entanto, sob precedente patriarcal e com o fundamento de que a autoridade do Antigo Testamento não deve ser impugnada mais do que a do Novo. Perguntam onde, na verdade, a prática é proibida nos Evangelhos? e a isto não é fácil encontrar uma resposta em termos expressos. Todos os zelotas têm uma propensão maravilhosa para recuar para o Antigo Testamento.

Os Covenanters escoceses e os Puritans ingleses apelavam a ele pelo seu mandato marcial. Assim fizeram os camponeses alemães na Bauern Krieg. E podemos perguntar se mesmo a poligamia é pior do que, ou tão má como, esse sistema imoral de assassinato chamado guerra, agora defendido por supostos cristãos em todo o mundo e que, com bandeiras abençoadas pelas igrejas, espalham todos os campos da terra com os corpos dos seus semelhantes? Da minha parte, não sou defensor da poligamia mórmon, mas sou ainda menos admirador do espírito sangrento dos supostos seguidores do Príncipe da Paz.

Acredito que ambos os sistemas originam num Espiritualismo que não é de cima. Sem tal biologização de baixo é tão impossível que o pretenso mundo cristão de hoje pudesse perpetuar o espírito satânico da guerra - esse burlesco sangrento do evangelho da paz - como que os Mórmons pudessem ter crescido em poucos anos de um solitário rapaz do campo, com as suas tábuas miraculosas de ouro e Urim e Thummim, em centenas de milhares ainda a fluir rapidamente das Ilhas Britânicas para o Lago Salgado e constituindo um estado de rápido crescimento que desafia todo o poder da América do Norte.

No que são chamados entusiasmo e fanatismo, há um orgasmo espiritual que inspira, inflama e atrai homens e lhes dá vida e potência, seja para o bem ou para o mal, sem o qual o zelo depressa morreria e a energia do progresso cessaria. Os efeitos só podem igualar as suas causas e mero entusiasmo e fanatismo não são causas adequadas aos vastos resultados do Mormonismo.

São impulsos temporários e evanescentes; a carreira do Mormonismo é algo forte e permanente. Aquilo que atua amplamente e de forma duradoura sobre os espíritos dos homens deve ser espírito e nada menos do que isso. O facto de não ser inteiramente um espírito puro pode torná-lo mais eficaz com a natureza humana impura; e, provavelmente, não pequena parte do sucesso desta manifestação mórmon é que tem muito da verdade cristã misturada com uma especiaria tentadora de demoníaco.

Entre os inumeráveis médiuns que surgiram na América, além daqueles médiuns de transe e de palestras já referidos, os três mais notáveis, ou mais familiares deste lado do Atlântico, são Daniel Dunglas Home, Andrew Davis Jackson e Thomas L. Harris. Todos estes são perfeitamente distintos no caráter da sua mediunidade e no campo das suas missões espirituais. Mr. Home é um exibidor do que são chamados fenómenos físicos, mas que são agências espirituais atuando sobre a matéria.

Através dele foram dadas batidas e feitas comunicações de amigos falecidos; mesas foram erguidas no ar ou moveram-se por si mesmas, como se flutuassem de um lugar para outro no aposento; a sua mão foi tomada por influência espiritual e comunicações rápidas foram escritas de um caráter surpreendente para aqueles a quem eram dirigidas. Mãos espirituais apareceram, que foram vistas, sentidas e reconhecidas frequentemente por pessoas presentes ou por aquelas de amigos falecidos; sinos foram erguidos e tocados à volta de uma sala; pessoas nas suas cadeiras foram subitamente transportadas de uma extremidade de uma sala para outra, flutuando como se pairassem através de uma sala perto do teto.

Números de tais factos estão registados no British Spiritual Telegraph e na Spiritual Magazine, bem como na Cornhill Magazine, com os nomes e testemunhos de testemunhas bem conhecidas. Tais manifestações foram feitas em muitas das casas da nossa nobreza principal, ministros do gabinete e gente nobre, nos palácios de quase metade dos principais monarcas na Europa. Eu próprio fui testemunha de muitos destes fenómenos através de Mr. Home. O facto de a imprensa inglesa ter feito um grande clamor contra a verdade destas declarações não é prova de que não ocorreram, mas apenas da ignorância espantosa da imprensa de que toda a história abunda com tais factos; que em todos os tempos foram fenómenos familiares, atestados pelos homens mais célebres; e que nos últimos quinze anos foram tão comuns na América que convenceram 3.000.000 de pessoas.

Na América, todos estes fenómenos exibiram-se com força muito maior do que aqui. A missão de Mr. Home parece ter sido ir adiante e fazer o trabalho preliminar de restaurar a fé pelos milagres exteriores. Até que essa fundação fosse lançada não poderia haver fé em esforços mais elevados e mais psíquicos. Ele era o arauto de verdades mais interiores. Por uma notável dispensação, como os apóstolos de outrora, foi tomado da classe que não tinha poder em si mesma, para que todo o poder pudesse ser visto vir de cima. Ele era, embora de antiga e aristocrática descendência, dos Homes da Escócia, um pobre rapaz escocês adotado na América. Enquanto ainda criança, o poder espiritual manifestou-se nele para o seu próprio terror e aborrecimento.

Batidas vinham à sua volta na mesa ou secretária onde se sentava, nas cadeiras ou paredes da sala. Mobília movia-se e era atraída para ele. A tia, com quem vivia, consternada com os fenómenos e considerando-o possuído, mandou chamar três clérigos para exorcizar o espírito; mas como não o puderam fazer, atirou o seu fato de domingo e roupa branca num embrulho pela janela do quarto e empurrou-o para fora de portas. Assim foi Daniel Dunglas Home, com a idade, creio, de dezoito anos ou por aí, lançado como um jovem sem lar num mundo sem amigos. Mas o poder que estava sobre ele ergueu-lhe amigos e enviou-o para ser o plantador do Espiritualismo por toda a Europa.

Por circunstâncias que nenhum homem poderia ter concebido, tornou-se hóspede do Imperador dos Franceses, do Rei da Holanda, do Czar da Rússia e de muitos príncipes menores. A narrativa destes eventos encontra-se em numerosos artigos em jornais e nos Jornais Espirituais da América, França e Inglaterra. Mr. Home regressou desta viagem missionária não premeditada entre principalidades e poderes, dotado de competência e carregado de testemunhos de agradecimentos e aprovações de imperadores, reis e rainhas. Nas Tuileries, numa ocasião, quando o imperador, a imperatriz, uma distinta senhora e ele próprio apenas estavam sentados a uma mesa, uma mão apareceu, pegou numa pena e escreveu, num caráter forte e bem conhecido, a palavra NAPOLEÃO.

A mão foi então sucessivamente apresentada aos vários personagens do grupo para beijar. Não é meu negócio aqui detalhar a longa e bem substanciada série de circunstâncias sobrenaturais que acompanharam a carreira de Mr. Home. Elas formariam um volume por si mesmas e ouvi que é intenção de Mr. Home registá-las ele próprio. A minha preocupação é apenas notar o seu lugar na história do Espiritualismo, como o arauto de uma restauração vindoura da fé na união indissolúvel do natural e do sobrenatural, de espíritos desencarnados e encarnados, que o Protestantismo, no que o Rev. John Henry Newman chama o seu desenvolvimento sombrio, destruiu por um tempo.

Mr. Home não assumiu qualquer outro caráter senão o de lançador de fundações. Não pretendeu à enunciação de visões meramente espirituais. Não veio como o profeta, mas apenas como o vidente. E o seu trabalho não foi menos importante ou menos valioso. Sem a pedra fundamental não pode haver edifício. Sem fé, a promulgação de verdades sublimes e espirituais cairia morta sobre almas mortas. Elas seriam como os raios do sol não caindo sobre a terra sólida e responsiva, mas sobre a vacuidade estéril. Em vão a escada de Jacob teria convidado os anjos, que saem de corpos temporários para subi-la ao céu, se o seu pé não estivesse assente na terra. Homens afundados na sua condição espiritual à terra devem ter

manifestações da terra primeiro para os despertar. Por esta razão, as manifestações físicas tão desprezadas e ridicularizadas vieram primeiro, como as únicas adaptadas ao estado físico degradado dos homens, muitos deles ao mesmo tempo imaginando-se peculiarmente esclarecidos e refinados.

Foi verdadeiramente dito por Abraão a Dives que era inútil enviá-lo aos seus irmãos, porque eles, sem dúvida, estavam numa condição em que um ressuscitando dos mortos não seria para eles uma mensagem adequada ou eficaz. Uma cadeira de madeira dançando ou uma mesa de dinheiro erguendo-se perante os seus olhos sórdidos falaria coisas muito mais inteligíveis. O ofício de Mr. Home foi o primeiro grande e necessário ofício de despertar; como o vigia clamando a hora que se aproxima da manhã do homem recomposto, ele fez muito e resta muito ainda por fazer.

Mas talvez nada ligado a Mr. Home tenha dado evidência mais profunda da verdade e tendências dos efeitos consoladores e divinos do Espiritualismo do que as circunstâncias que acompanharam o falecimento da sua mais interessante esposa. Mrs. Home, que era uma senhora russa de alta família, morreu com apenas vinte e dois anos. Desde o momento em que lhe foi anunciado que a sua doença, tuberculose, estava além da cura, não exibiu alarme ou arrependimento perante a perspetiva da morte. Tinha aprendido, pela convicção da verdade das visões do seu marido, que a morte era apenas aparente.

Havia muito que estava em comunicação diária com os espíritos dos seus amigos falecidos; e a vida prestes a abrir-se perante ela era certa e bela além da conceção. Além disso, a Igreja Grega, na qual fora educada, sempre reconheceu o Salvador menos como o Crucificado do que como o Ressuscitado, o triunfante sobre o sofrimento e a morte; e a sua fé e sentimento estavam em alegre acordo com isso. O Bispo de Perigeux, em França, perto do qual lugar morreu, e que lhe administrou o último sacramento, observou que embora tivesse estado presente em muitos leitos de morte para o céu, nunca vira um igual ao dela. Pode o fim de qualquer espírita cristão genuíno ser de outra forma?

O ofício de Andrew Jackson Davis, o próximo homem típico, foi diferente. Foi o do vidente e do escriba. A província de Mr. Home não era escrever mas atuar: a de Mr. Davis foi entrar mais espiritualmente no mundo espiritual e escrever e publicar o que lhe foi revelado. Mr. Davis não só deu a conhecer as suas revelações interiores, mas escreveu a sua própria vida sob o nome de The Magic Staff. Como Mr. Home, Davis foi tomado da classe da humanidade nua; da dos seres humanos isolados na sua mera

natureza humana, não apoiados, não recomendados pelas circunstâncias adventícias de educação, riqueza ou ligações.

O trabalho que tinha de fazer era ser conspicuamente o trabalho do seu Criador e desenvolvendo-se das faculdades e inspirações de espírito invisível. Os seus trabalhos e dotes eram do grande armazém do mundo da alma e não das manufaturas, escolas ou cofres dos homens. Andrew Jackson Davis nasceu em 1826, em Blooming Grove, Condado de Orange, Estado de Nova Iorque. Era um de seis filhos de um tecelão e sapateiro de aldeia muito pobre. Ambos os pais eram iletrados, mas da mãe parece ter herdado a faculdade clarividente.

Recebeu apenas cinco meses de escolaridade na escola da aldeia e foi impossível ensinar-lhe qualquer coisa aí. Depois foi, como rapaz, empregado sucessivamente num moinho de farinha, numa loja e numa quinta. Durante as suas horas solitárias nos campos via visões e ouvia vozes. Os pais mudaram-se para Poughkeepsie e foi aprendiz de sapateiro. Tornou-se então o clarividente de um conferencista mesmerista e nesta situação excitou admiração pelas revelações que fez e adquiriu o nome de o Vidente de Poughkeepsie.

Isto foi em 1843, cinco anos antes dos batimentos de Rochester serem anunciados. No seu estado clarividente Davis não só declarou que o poder de ver e curar doenças era dado; mas prescreveu para dezenas que vinham com mais sucesso, declarando os seus sintomas de uma maneira que surpreendia os pacientes e igualmente vários médicos competentes que assistiam às sessões. Na sua Harmonia descreveu as cenas maravilhosas abertas perante ele nesta condição. A sua clarividência foi avançada para clarciciência.

Contemplava todas as naturezas essenciais das coisas; via o interior dos homens e animais tão perfeitamente como o seu exterior; e descrevia-os em linguagem tão correta que os tecnólogos mais capazes não o podiam superar. Indicava os remédios adequados para todas as queixas e as lojas onde eram obtidos. A vida de toda a natureza aparecia exposta perante ele; e via os metais na terra como chamas vivas e luzes e chamas emanando de todas as porções da estrutura viva dos homens e animais. As regiões mais distantes e as suas várias produções estavam presentes perante ele.

Tudo lhe aparecia, como a todos os clarividentes, revestido da sua atmosfera peculiar; não só formas vivas, mas cada grão de sal ou areia, os ossos e tendões mais minúsculos, substâncias minerais e terrosas, tinham esta atmosfera colorida. Como George Fox e Swedenborg antes dele, declarava que toda a criação lhe estava aberta; que via os nomes de todas as coisas nas suas naturezas, como Adão os via. Via como cada animal

representava algumas uma ou mais qualidades dos homens e os seus vícios ou virtudes, exatamente como Fox e Swedenborg tinham afirmado e dava mesmo nomes gregos e latinos às coisas, enquanto no seu estado ordinário nem sequer podia escrever ou falar inglês decente.

Estes factos são atestados por médicos eminentes cujos nomes foram publicados por eles próprios. Neste estado teve a sua visão de The Magic Staff, como se fosse uma vara de ouro que lhe foi dito para pegar, para tentar andar com ela, apoiando-se nela e crendo nela; e na vara estava escrito o lema da sua vida: Em todas as circunstâncias mantém uma mente equilibrada.

Nesta vara, diz-nos, continuou a apoiar-se. Em 1845 proferiu 157 palestras em Nova Iorque enquanto no estado clarividente. Estas foram para dar uma nova Filosofia do Universo e foram publicadas num volume chamado Nature's Divine Revelations, perfazendo 800 páginas. Edgar A. Poe e o Professor Bush estavam entre os seus ouvintes admirados e este último atestou que aquelas partes das palestras que ouviu foram fielmente transferidas para o livro. Desde então Mr. Davis tem sido um escritor muito volumoso, como a sua Great Harmonia em 5 volumes, The Philosophy of Special Providence, The Philosophy of Spiritual Intercourse, The Penetralia, The Present Age and Inner Life e The Magic Staff testemunham. Além disso edita o Herald of Progress. Mr. Coleman descreve-o como um homem de desenvolvimento exterior substancial bem como interior.

Fiquei, diz ele, agradavelmente surpreendido ao encontrá-lo brilhante, ativo e solidamente inteligente, sem nada do místico sonhador. A sua aparência pessoal é extremamente prepossessora, com uma testa maciça e formada de forma mais intelectual, nariz proeminente, cabelo preto comprido e barba profusamente fluente. Disse a Mr. Coleman que passa metade do seu tempo no jardim, a outra metade no estudo e visita o seu escritório na cidade apenas um dia por semana, quando vê todo o tipo de inquiridores e ainda prescreve espiritualmente e gratuitamente. Uma das características do Espiritualismo de Mr. Davis é que não é cristão, mas simplesmente teísta. Isto, sem dúvida, pertence ao seu lugar na ordem progressiva de desenvolvimento.

Está nas mãos de espíritos pagãos ou melhor panteístas e representa o antigo ciclo filosófico pagão. Mr. Home representa o ciclo patriarcal anterior onde milagres exteriores apareciam como uma porção natural da vida. Isto pode ter por objeto atrair e reintroduzir às relações espirituais aquelas grandes massas da sociedade que a negação do Protestantismo e o intenso egoísmo dos cristãos nominais afastaram do Cristianismo e fizeram dele apenas outro nome para sacerdócio e ambição mascarada. Embora para

nós possa ser um ciclo insatisfatório, para outros, arrastados pela religião negativa para a Ciméria do ceticismo, pode ser uma gradação reconciliadora.

E consequentemente da esfera de Davis desenvolveu-se Harris, que passo a passo ascendeu à região mais elevada do Espiritualismo cristão. Encontramos que Mr. Harris, maravilhosamente atraído pelas Divine Revelations of Nature de Davis, se tornou um dos seus discípulos mais entusiásticos. Mas não era o lugar onde devia ficar. O cristão deve desenvolver-se do ciclo pagão. Nas suas inspirações espirituais anteriores Harris tornou-se um médium poético e ditou épicos inteiros, sob a suposta influência de Byron, Shelley, Keats, Pollok, etc. Quem quer que fossem os espíritos poéticos que infundiram esses poemas, são espécimes de poesia da mais alta ordem. Falando do Lyric of the Golden Age, Mr. Brittan, o editor, diz, e não mais elogiosamente do que justamente: Este lirismo tem escassamente menos do que grandeza miltoniana.

As partes descritivas são maravilhosas como ilustrações da extensão da nossa linguagem. Taxaria severamente as capacidades da mente mais dotada cunhar apenas a sua fraseologia, que, no entanto, não é forçada nem rebuscada, mas natural, fluente e melodiosa como um riacho de vale. Mas a maneira instantânea pela qual estes poemas - um volume inteiro de 300 ou 400 páginas de cada vez foram produzidos é ainda mais espantosa do que o seu alto mérito em si. Mr. Brittan diz-nos que o Lyric of the Golden Age (381 páginas) foi ditado por Harris e escrito por Mr. Brittan em noventa e quatro horas.

De maneira semelhante foram produzidos o Lyric of the Morning Land e outros volumes. Na produção de poesia não conhecemos feitos semelhantes. Mas o progresso de Harris para uma oratória inspiracional é ainda mais surpreendente. Reivindica, abrindo o seu ser interior, receber influxo de intuição divina em tal abundância e poder que remove o cérebro e produz as mais espantosas correntes de eloquência. Atribui este poder recetivo e comunicativo a uma respiração espiritual interna correspondente à respiração natural externa.

Como os pulmões corporais absorvem e respiram ar, assim, defende, os pulmões espirituais inspiram e respiram a aura divina, refluente com o pensamento mais elevado e o sentimento mais puro, e isso sem qualquer labor ou prova de cérebro. Swedenborg ensina o mesmo mistério e também católicos de temperamento devocional. Görres, na sua Christliche Mystik, afirma que esta respiração vital, no entanto, desce no ser humano através da coroa da cabeça e reemerge por aí e está em íntima conexão com os

raios e círculos de luz vistos nas cabeças dos santos (vol. ii. p. 330, Innere Begründung der Lichterscheinungen).

Seja qual for o processo, aqueles que ouviram Mr. Harris durante a sua visita a este país em 1860 tiveram provas abundantes dos magníficos resultados. Os seus sermões extemporâneos foram a única realização perfeita das minhas conceções de eloquência; ao mesmo tempo plenos, não forçados, jorrando, ilimitados e absorventes. Eram encarnações triunfantes de poesia sublime e de uma teologia severa, implacável, mas amorosa e ardente. Nunca desde os dias de Fox os disfarces da sociedade moderna foram tão implacavelmente rasgados e a distância terrível entre o céu real e o seu presente falso tornada tão chocantemente aparente.

Que o pregador era também o profeta foi mais claramente proclamado pela sua súbita pressa em regressar a casa, declarando que lhe fora revelado que os infernos mais profundos foram soltos na América. Isto foi antes da rutura pública entre Norte e Sul ter ocorrido; mas logo se seguiu, apenas demasiado profundamente para demonstrar a verdade da intimação espiritual. Nestes três médiuns típicos foram designados os três estágios do Espiritualismo: - o patriarcal ou preparatório, o Pagão e o Cristão.

No caráter geral do Espiritualismo Americano exibiu-se, em traços igualmente inconfundíveis, a condição social e espiritual anterior desse país. Aqueles que pensavam que uma dispensação do mundo invisível devia ser toda de natureza divina horrorizaram-se ao perceber que participava largamente de uma natureza oposta, o demoníaco. Isso era uma expectativa fora da natureza em si, contrária à história do mundo, na qual o mal sempre veio em perseguição ao bem. Nunca, em qualquer era do mundo, a atividade demoníaca abundou tanto como no advento cristão.

É um truísmo banal que onde Deus derrama o Seu Espírito mais abundantemente é logo abundantemente encontrado pelos sopros do inferno. O Espiritualismo Americano, portanto, embora tenha mostrado traços divinos e produzido efeitos cristãos profundos e sérios, trazendo de volta grandes números do ateísmo e deísmo ao Cristianismo, também mostrou largamente traços de uma natureza inferior e mais repulsiva. E isto deve inevitavelmente ter resultado da condição das igrejas aí anterior a esta avatara, como descrito por viajantes americanos e europeus. A maldição da escravatura entrou nos vitais mais profundos da vida moral do país, Norte como Sul.

Um viajante inglês, Mr. W. Robson, de Warrington, há quatro ou cinco anos, escrevendo ao Boston Liberator, disse - Em Inglaterra há uma espécie de vida sonâmbula nas igrejas, tomada por longos hábitos de pensamento por saúde e vigor; mas convosco, na América, é a vida fétida da casa mortuária,

a podridão repugnante da corrupção, que é tomada pela mesma coisa. Connosco há um reconhecimento formalístico geral da verdade e no tipo de vida vegetativa baixa encontrado nas igrejas não há tanto visível satânico e diabólico que se possa pegar e agitar nas suas faces para os despertar e alarmar: mas aqui a própria irmandade do homem é negada e escarnecida, a verdade divina jazendo na base de uma humanidade derivada de Deus e da necessidade de salvação cristã rejeitada com escárnio.

Como a Igreja de Inglaterra é responsável pelo espírito de guerra que prevalece, tendo-o santificado pelos seus Te Deums, jejuns e ações de graças, assim as igrejas na América são responsáveis pela escravização de quatro milhões da raça africana. O Dr. Channing diz: A escravatura não poderia existir uma hora se não fosse apoiada pelas igrejas americanas! Outro escritor diz: Oitocentos ministros no Sul são proprietários de escravos. O número de escravos detidos por membros da igreja é incrível e é um facto que de 20.000 clérigos, Norte e Sul, não há uma vintena de defensores consistentes da liberdade. É literalmente uma igreja de cães mudos que não ousam ladrar.

Esta terrível conspiração contra a humanidade aparecerá mais claramente por referência às principais organizações de teologia ortodoxa. A Sociedade Americana de Tratados é a sociedade mais rica na América, com um rendimento anual de 400.000 dólares, um exército de 500 homens, 300 dos quais trabalham nos Estados do Sul e Sudoeste, realizando 14.000 reuniões de oração anualmente, distribuindo milhões de tratados e periódicos, denunciando zelosamente os pecados de dançar, quebrar o sábado, dormir na igreja, ler romances; mas nunca, durante os trinta e três anos da sua existência, proferiu uma palavra ou publicou uma linha contra a opressão, injustiça, roubo e vilania praticados sobre o negro.

Tornaram heresia negar a doutrina da Trindade; depravação total, miséria eterna para todos os que não reconhecem a sua teologia; mas nenhuma heresia vender crianças pequenas por ganho, anular a relação matrimonial, fazer mercadoria da imagem de Cristo. A União Americana de Escola Dominical, uma organização para fornecer escolas dominicais com livros religiosos, com grandes recursos, nunca dá o mais leve testemunho contra esta soma de todas as vilanias. Numa ocasião, tendo reimpresso um tratado inglês, The Life of Joseph, uma menina perguntou a um professor da escola qual era a diferença entre vender José e vender Cato ou Pompeu.

O alarme foi dado e o livro foi suprimido e depois reimpresso sem a cena da venda! A uma pedrada de onde estou a escrever, diz este autor, há uma Biblioteca Estatal Congregacional do Sul, contendo 2.000 volumes, mas nem um volume contra a opressão. A Sociedade Americana da Bíblia

emprestou a sua influência para construir o poder escravo ao recusar duas vezes uma doação de 5.000 dólares, apresentada a eles pela Sociedade Anti-Escravatura Americana, com a condição de que, na distribuição da Bíblia, os escravos fossem incluídos.

O Conselho de Missões Estrangeiras, os Livro Metodista e Uniões de Escola Dominical, as casas editoras Presbiteriana e Episcopal, todas estão imersas no mesmo pecado piscante de acovardar-se perante a escravatura e permitem aos seus membros da igreja deter escravos. Num tal estado de sociedade, de cobardia moral e hipocrisia flagrante, os espíritos do mal certamente se apoderariam destas partes podres e nelas se deleitariam.

Daí, no surto do Espiritualismo, tais membros, afundados nesta profundidade mais baixa de corrupção espiritual, serem instantaneamente possuídos por espíritos de tom semelhante. Daí, nas fileiras do Espiritualismo e médiuns espirituais, aparecerem tais pessoas que se apresentavam meros ateus, deístas, pagãos, sem credo senão a infidelidade. Semelhante atrai semelhante; e espíritos do seu carimbo reivindicavam parentesco com aqueles, envolviam-nos e ensinavam-lhes as doutrinas dos infernos ou das regiões dúbias e intermédias. Como o Shaker W. F. Evans disse - Estes são levados a julgamento, pois a sua vida interior foi tornada manifesta pelos espíritos que os reivindicavam e os doutrinavam.

Isto era inevitável, pois aqueles que esperavam que todo o ensino do mundo invisível fosse verdadeiro eram tão ignorantes da condição real do mundo espiritual como aqueles que, vendo o mal, denunciavam tudo como mal. Como toda esta história mostrou, o bem e o mal emitem igualmente do mundo espiritual e todos devem fazer a sua eleição. Como no Cristianismo, assim no Espiritualismo, a batalha do céu e do inferno prossegue para sempre. Ai daqueles que se aliam ao um! - bem para aqueles que, por oração e fé, buscam o apoio e ensino do outro, isto é, do Espírito Santo e dos seus anjos ministradores.

Na América, a maldição da escravatura - que assim corrompeu fearfully as igrejas e enviou a sua mancha para os vitais mais íntimos da sociedade - trouxe a sua terrível retribuição nesta guerra fratricida presente, repleta dos seus horrores gigantescos. Como Harris foi avisado, os infernos mais profundos estão aí soltos em verdade e pode haver pouca dúvida de que os espíritos que infestavam muitas das regiões do Espiritualismo Americano, promulgando desprezo pelo Cristianismo e emitindo os vapores fétidos de uma vulgaridade baixa e venenosa que encheram muitos dos jornais espirituais americanos, são os mesmos que agora se deleitam no sangue de irmãos e infetam os bosques do Sul com as relíquias mutiladas das suas vítimas.

Por outro lado, uma grande porção dos espíritas americanos, como Hare e Edmonds, Harris, Owen, Newton e outros, fizeram uma nobre defesa do Cristianismo e os efeitos purificadores do melhor Espiritualismo estão a tornar-se mais visíveis. O Juiz Edmonds diz-nos que até ao último homem os espíritas americanos declararam contra o crime monstruoso da escravatura; Hare há muito disse que o Espiritualismo aí converteu 25.000 infiéis; e o escritor que tenho citado diz:

O Espiritualismo baniu o ceticismo e a infidelidade das mentes de milhares, confortou o enlutado com consolações angélicas, ergueu o infortunado, o proscrito, o ébrio, retirando o aguilhão da morte que manteve a humanidade sob perpétua escravidão pelo medo - de modo que a morte é agora, para os seus milhões de crentes, O servo amável e gentil que destranca, Com mão silenciosa, a porta circundada de flores da vida, Para nos mostrar aqueles que amámos. E não pode haver dúvida de que esta operação purificadora e cristianizadora é a grande missão do Espiritualismo sob a Providência, embora para a mente secularizada e paganizada, endurecida em mero convencionalismo eclesial, curvando-se apenas ao deus deste mundo, possa vir com buscas, fogos devastadores, com um horror de grande escuridão e com abalos da terra e das suas instituições desafiadoras do céu.

CAPÍTULO XI

O ESPIRITUALISMO EM INGLATERRA

Então clamaram com voz alta e taparam os ouvidos.

Atos vii. 57.

É divertido ver como os argumentos e posições de ambos os lados, que foram todos percorridos por nós há dez ou doze anos, são agora reproduzidos convosco e com tão forte semelhança que quase se poderia falar de plágio.

JUÍZ EDMONDS de Nova Iorque, numa carta, 12 de outubro de 1861, sobre as Discussões Espirituais em Inglaterra.

O ESPIRITUALISMO em Inglaterra, na sua fase mais física, é uma reprodução mais fraca do Espiritualismo na América. Isto é tão muito o caso que, se não tivesse desenvolvimentos próprios, seria suficiente simplesmente notar o facto e prosseguir. Tudo o que ocorreu em relação a

batidas e obter inteligência pelo alfabeto, ao erguer e mover de mesas, cadeiras e outros artigos de mobília, ao flutuar de pessoas, à aparição de mãos espirituais e mesmo formas espirituais, ao toque de sinos e tocar em instrumentos e fenómenos semelhantes, ocorreram, no todo, com mais força na América do que aqui.

Vimos mesas muitas vezes erguidas por poder invisível do chão; vistas darem respostas a perguntas erguendo-se e afundando no ar; vimo-las no ar manter o tempo pelos seus movimentos a uma melodia tocando num piano; vistas deslizarem pelo chão de uma sala, deitando-se quando tocadas e recusando fazer qualquer coisa durante uma quinzena seguida, mas assim rastejar pelo chão sempre que tocadas.

Ouvimos sinos tocar no ar e vimo-nos assim tocando moverem-se à volta de uma sala; vimos flores quebradas de plantas e levadas a diferentes pessoas sem qualquer mão visível; vimos instrumentos musicais tocarem melodias corretas aparentemente por si mesmos e mesmo erguerem-se, colocarem-se na cabeça de uma pessoa e aí, logo acima dela mas não tocando-a, tocarem uma melodia bem conhecida em estilo fino.

Ouvimos predições notáveis dadas através de médiuns e que se cumpriram literalmente; ouvimos descrições maravilhosas de cenas no mundo invisível feitas por pessoas em transe clarividente, que requereriam o génio imaginativo mais elevado para inventar ou encarnar em palavras; vimos escrita feita por lápis colocados em papel no meio do chão, não ao alcance de qualquer pessoa presente e inumeráveis tais coisas; mas todas estas foram feitas com mais força e perfeição, em centenas e milhares de casos, através de um curso de quinze ou dezasseis anos anteriormente na América.

Creio que nenhuma pessoa viu em Inglaterra uma grande mesa com seis pessoas adultas em cima flutuar através de uma sala sem tocar no chão; no entanto tais coisas foram feitas repetidamente na América. Com a exceção da destruição em pedaços da mesa do Dr. - num asilo de lunáticos em Kent, uma mesa feita para resistir aos esforços de maníacos e que resistira a todos com sucesso, não conheço qualquer feito físico dos espíritos em Inglaterra igual aos comuns na América e mesmo aí foi através da mediunidade de Mr. Squire, um americano. Veja a Spiritual Magazine, vol. i. p. 161, para o relato do Dr. deste caso interessante, o doutor até então tendo sido um oponente violento e descrente destes fenómenos.

Todos os grandes médiuns físicos foram americanos ou da América. Mrs. Hayden em 1852 foi, creio, a primeira que introduziu os fenómenos em Inglaterra, depois Mr. Home em 1855 e Mr. Squire em 1859. Além destes houve visitas feitas pelo Dr. Randolph, um médium de transe; Dr. Redman;

Mr. Harris, poético, pregador e médium de transe e alguns outros, um ou dois dos quais foram médiuns reais mas do lado errado do Espiritualismo.

O Espiritualismo, no seu último desenvolvimento em Inglaterra, veio, pois, claramente da América mas não produziu aqui, mesmo nos seus missionários americanos, efeitos físicos de modo algum iguais aos que, por todos os atestados, foram comuns nos Estados Unidos. Talvez a destruição da mesa do Dr. R-- através de Mr. Squire em fevereiro de 1860 seja a aproximação mais próxima do vigor da teurgia americana. Na atmosfera inglesa e na mente inglesa a agência espiritual encontrou um princípio mais resistente do que no Novo Mundo.

Provavelmente a nossa atmosfera mais densa, menos elétrica e magnética no caráter e as nossas diferentes condições telúricas são menos favoráveis à transmissão de impressões espirituais, mas mais provavelmente o obstáculo principal reside no tom indurado e materializado da mente inglesa. Os americanos são conspicuamente um povo mais nervoso e excitável do que nós. Cresceram rapidamente sob novas influências climáticas, nova mistura de sangue e idiossincrasias internacionais.

Mostraram um génio singular para invenções mecânicas e uma audácia aproximando-se da imprudência em inaugurar novos esquemas sociais, novas organizações religiosas e vastos planos de domínio político. As suas mentes, como as suas instituições, cresceram com uma rapidez de crescimento assemelhando-se à das selvas tropicais e têm, em consequência, maior abertura e recetividade. Quanto a nós, nos últimos dois séculos, temos sofrido um duplo processo de indução. O comércio e a abjuração protestante de relações espirituais têm mutuamente feito o trabalho de petrificação e ossificação internas sobre nós. O eclesialismo estatal - minando a vitalidade da nossa consciência, embotando a nossa sensibilidade religiosa e substituindo ambição secular e orgulho hierárquico pelo puro amor de Cristo e das almas - entregou-nos, as vítimas demasiado dispostas da cupidez comercial.

Estes, insensivelmente mas rapidamente atuados pelo progresso maravilhoso da ciência física, expansão colonial, imensidade manufatureira e os seus fluxos confluentes de riqueza, luxo e aspiração social e a nossa literatura e teologia saturadas com importações estrangeiras de filosofia infiel e semi-infiel, produziram uma condição de mente e opinião geral mais destrutiva a uma fé saudável do que qualquer período do mundo, o mais pagão ou mais corrupto, alguma vez viu. É notório que igrejas estrangeiras veem e sentem no Anglicanismo um tom duro, não espiritual, dominador e mundano que as atinge com espanto.

Por estas causas, a imprensa e o púlpito ingleses limitaram-se a repetir a oposição ao Espiritualismo que a América já havia demonstrado, mas com uma pugnacidade adicional e com uma ausência absoluta de originalidade. Recomeçaram o ataque, que acabara de terminar na América após um combate de dez anos, como se tivesse surgido aos seus olhos um fenómeno totalmente novo.

Que havia sido familiar a todas as épocas e nações; que nessas épocas e nações precisamente os maiores homens e as maiores mentes haviam demonstrado a sua realidade; que os maiores historiadores e filósofos haviam descrito todas as suas formas e resolvido todos os seus diagnósticos; que a Bíblia, o Novo Testamento, a Igreja, em todos os períodos e em todos os países, estavam inundados com ele; e que na Alemanha, nos últimos cem anos, se havia imposto à atenção e à convicção de muitos dos seus principais filósofos, passou quase despercebido na América.

Mas ainda mais extraordinário era ver que, além de tudo isto, na América todos os argumentos contra ele haviam sido exauridos em dez anos de conflito, e quando três milhões de convertidos haviam sido o resultado imponente, tudo se perdeu para o público educado inglês como se nunca tivesse existido. Os nossos homens de letras e clérigos pareciam ter estado profundamente adormecidos durante esta longa e feroz batalha, e quando chegou a sua vez, apenas se ergueram e, recolhendo as armas abandonadas dos jornais americanos, voltaram a percorrer todos os velhos argumentos, sem adicionar um único novo.

O Juiz Edmonds, no lema deste capítulo, registou o espanto da América perante a imitação gasta inglesa do ataque nos Estados Unidos. O Professor Hare disse, há muito tempo, enquanto observava a luta desigual na própria América: «O homem mais sábio que fala na ignorância fala tolamente aos ouvidos daqueles que percebem a sua ignorância.» Nesta luz ridícula devem ter aparecido os nossos escritores de jornais e periódicos ao povo da América, que durante dez anos lutara a mesma batalha e exaurira toda a aljava de objeções. Que figuras devem ter feito os nossos Faradays e Brewsters aos olhos de uma população inteira familiarizada com os factos que eles negavam como com o seu pão de cada dia.

Os pormenores da oposição destes eminentes homens passo por alto, pois serão em breve dados pelo Sr. Home numa memória de si próprio. Outra característica notável deste assalto inglês ao Espiritualismo foi que, onde os oponentes não tomavam emprestados argumentos americanos gastos, pilhavam aqueles que os antigos pagãos romanos haviam lançado contra o Cristianismo. Quando chamavam aos espíritas impostores e trapaceiros,

todas as pessoas bem lidas viam que estavam a roubar as armas de Juliano o Apóstata, que chamava a São Paulo

τὸν πάντας πανταχοῦ τοὺς πώποτε γόητας καὶ ἀπατεῶνας ὑπερβαλλόμενον Παῦλον

(um sujeito que superava todos os outros, como enganador, por truques que realizava através de magia, Apud Cyril 1. 3).

Quando escarneciam os espíritas com a estupidez da sua crença, apenas imitavam novamente Juliano, que costumava escarnecer os cristãos por terem estupidamente elevado o filho de um carpinteiro a um Deus. Quando queriam termos de ridículo, iam a Tertuliano buscar o escárnio usado pelos pagãos contra a fé cristã. «E aqui dirão: "E quem é este Cristo vosso, com o seu conto de maravilhas? É ele um homem de condição comum? É ele um mágico? Foi ele roubado da sua crucificação? Do sepulcro pelos seus discípulos? Está ele agora no inferno?

Não está ele no céu? E vir depressa dali também com um tremor de todo o universo, com um estremecimento do mundo, e o lamento de todos os homens, salvo os cristãos, como o Poder de Deus, e o Espírito de Deus, e a Palavra, e a Sabedoria, e a Razão, e o Filho de Deus?"» A 'Evangelical Quarterly Review' não podia aceitar o Espiritualismo porque era «demasiado indigno para uma revelação espiritual de Deus». A observação foi simplesmente roubada a Lactâncio, que a cita como usada contra o Cristianismo. No 4.º livro, 22.º capítulo das 'Divine Institutions' desse pai, sobre 'True Wisdom and Religion', temos as palavras exatas:

'Negant fieri potuisse, ut natura immortali quidquid decederet. Negant denique Deo dignum, ut homo fieri vellet, seque infirmitate carnis oneraret, ut passionibus, ut dolori, ut morti seipsum subjiceret, quasi non facile illi esset, ut citra corporis imbecillitatem se hominibus ostenderet, eosque justitiam doceret (si quidem id volebat) majore auctoritate, ut professi Dei,' &c.

«Eles negam que seja possível a um imortal despojar-se da sua natureza imortal. Negam que seja digno de Deus tornar-se homem, e carregar-se com a infirmidade da carne, e sujeitar-se às suas paixões, à sua miséria e à sua morte. Como se não tivesse sido fácil para Ele, sem a fraqueza do corpo, mostrar-se aos homens, e ensinar-lhes a justiça, se Ele o desejasse, com maior autoridade como Deus confessado.»

Os pagãos continuam a argumentar que Deus teria assim dado um prestígio mais elevado aos preceitos celestiais, e poderia tê-los imposto pelo poder divino. Porque, então, não veio Ele, como Deus, para os ensinar? Porque deveria vir de uma forma tão humilde e imbecil que fosse desprezado pelos

homens e sujeito a castigo? Porque deveria expor-se à violência de mortais miseráveis? Porque não repelir as mãos dos homens pelo Seu poder, ou escapar-lhes pela Sua divindade? Com que frequência tivemos de ouvir esta classe de argumentos emprestados. Porque, diziam os pagãos eruditos, não veio Deus como Deus? Porque, dizem agora os anti-espiritualistas, não vêm os Seus anjos abertamente como anjos?

Porque se confinam a modos de comunicação tão estranhos aos sábios agora, como o modo de vir de Cristo era aos sábios então? E durante todo este tempo, em Inglaterra, milhares e dezenas de milhares sentavam-se diariamente nas suas famílias e círculos de amigos íntimos, e testavam calmamente, e como pessoas de senso comum, esses anjos no seu próprio modo de advento, e encontravam-nos reais. E tanto na América como aqui, bem como na maioria das nações continentais, este modo privado tem sido o grande modo de investigação e convicção. Nem um homem em cem alguma vez viu um médium público.

Os médiuns públicos, na realidade, apenas inauguraram o movimento: foi, por necessidade, levado adiante pela prática privada e familiar. Nesta prossecução doméstica do Espiritualismo, igualmente inacessível ao vulgar feiticeiro e ao impostor interessado — onde cada pessoa desejava apenas a verdade, e muitos deles uma verdade religiosa profunda — a segunda etapa do desenvolvimento espiritual, a mais interior e intelectual, foi alcançada por uma comunidade muito grande.

Pois há, de facto, uma secção muito grande da sociedade que está farta de mera profissão vazia, ou ainda mais desgostada com o engano sombrio do ceticismo, e que tem ansiado há muito por alguma revelação das esperanças imortais dos anos anteriores em alguma forma substancial e inconfundível. Encontraram isto nas visitas diárias dos seus amigos partidos, vindo até eles com todas as suas antigas identidades de alma, de gosto, ou memória comum de incidentes alegres ou confiantes, de anúncios de verdade cristã, e da felicidade prometida por Deus.

Ouviram repetidamente as palavras dos seus amados, convidando-os a ter coragem, pois não havia morte, nem lugar para a escuridão ou a morte; mas que ao seu redor caminhavam os seus assim chamados partidos, prontos a ajudá-los e confortá-los na sua peregrinação terrena, e a recebê-los numa existência imediata e muito mais gloriosa. Esse grande grito que, num momento ou noutro, ascendeu do coração humano universal, por uma garantia positiva e pessoal da realidade das promessas cristãs, e da reunião de amigos amados, subia dos seus; e sentiam quão comparativamente pequeno é o valor de todas as evidências dadas a outros, e especialmente ao mundo antigo, comparado com uma tal evidência para si próprios.

Todas as almas humanas sentiram isto; todas clamaram: «Até quando, ó Senhor, continuarás a ser para mim um Deus que Te escondes?» A Sra. Crawford, na 'Metropolitan Magazine', em 1836, conta-nos que o então Lorde Chedworth era um homem que sofria profundamente de dúvidas sobre a existência da alma noutro mundo; e que tinha um amigo, muito querido para ele, tão cético como ele próprio. Enquanto uma manhã relatava à sua sobrinha, Miss Wright, ao pequeno-almoço, que o seu amigo lhe aparecera na noite anterior, exatamente como aparecia em vida, e lhe dissera que morrera nessa noite às oito horas, e que havia outro mundo, e um Deus justo que julga todos — e enquanto Miss Wright ridicularizava a ideia da aparição — um criado montado subiu a avenida trazendo uma carta anunciando o facto da morte súbita do seu amigo no momento indicado pelo espírito.

A Sra. Crawford acrescenta: «O efeito que teve na mente de Lorde Chedworth foi tão feliz como permanente; todas as suas dúvidas foram imediatamente removidas, e para sempre.» A tal certeza, e conforto para uma mente única torturada com dúvidas, qual é o valor da mais fina escrita cética que alguma vez foi escrita? Conta-se-nos que o Rev. J. H. Tuttle, pastor de uma igreja universalista líder na América, ao receber mensagens convincentes de parentes falecidos, exclamou:

«Que coisa gloriosa é saber que vamos viver pela eternidade.» Tinha pregado esta doutrina ao seu povo durante muito tempo, apoiando-a com muitos argumentos esplêndidos da Escritura e da razão, mas agora sabia-o, e sentia-o como uma coisa muito diferente. Zschokke, à morte do seu pai, implorou-lhe de joelhos, e numa agonia de lágrimas, que reaparecesse para ele. Shelley, o poeta, no seu 'Hymn to Intellectual Beauty', uma das suas composições muito iniciais, conta-nos que vagueava por igrejas e ruínas para implorar a um fantasma que lhe aparecesse, mas em vão:

While yet a boy I sought for ghosts, and sped
Through many a listening chamber, cave and ruin,
And starlight wood, with fearful steps pursuing
Hopes of high talk with the departed dead.
I called on poisonous names with which our youth is fed:
I was not heard: I saw them not.
Enquanto ainda menino, procurei fantasmas e corri
Por muitas câmaras silenciosas, cavernas e ruínas,
E florestas ao luar, com passos temerosos, perseguindo
Esperanças de grandes conversas com os mortos que partiram.
Invoquei nomes venenosos com os quais nossa juventude é alimentada:
Não fui ouvido: não os vi.

Mas embora Shelley não pudesse encontrar nenhum fantasma então, encontrou-o em vida posterior, e o primeiro de que ouvimos pareceu enviado para responder às suas indagações juvenis: «Uma noite», diz Lady Shelley, nas suas 'Memorials of Shelley', «ouviram-se altos gritos vindos do salão. Os Williamses saíram apressadamente do seu quarto alarmados. Shelley também tentou alcançar o local, mas desmaiou à porta.

Entrando no quarto, os Williamses encontraram Shelley a olhar horrivelmente para o ar, e evidentemente num transe. Acordaram-no, e ele relatou que uma figura envolta num manto veio ao seu leito e acenou-lhe; seguiu-a até ao salão, quando ela ergueu o capuz do seu manto, ejaculou "Siete sodisfatto?" — está satisfeito? — e desapareceu.» Novamente: «Depois do chá», diz o Sr. Williams no seu Diário, «enquanto caminhava com Shelley no terraço, e observava o efeito do luar nas águas, ele queixou-se de estar invulgarmente nervoso, e parando subitamente, agarrou-me violentamente pela mão, e olhou fixamente para a espuma branca que quebrava na praia aos nossos pés. Observando-o sensivelmente afetado, perguntei se estava com dor; mas ele apenas respondeu:

"Lá está novamente! lá!" Recuperou após algum tempo, e declarou que vira, tão claramente como me via então, uma criança nua — Allegra, que morrera recentemente — erguer-se do mar, e juntar as mãos, como se em alegria sorrindo para ele.» Lorde Byron também, nas suas cartas a John Murray, diz que, poucos dias antes do fim trágico de Shelley, ele e outros viram-no distintamente caminhar para um bosque, embora soubessem que ele estava na altura a várias milhas de distância. Encontramos o mesmo anseio irrompendo dos corações de bispos piedosos como Heber, homens destinados a confortar os outros com as garantias do futuro.

«Não sei», diz ele, «na verdade, quem pode saber? se os espíritos dos justos alguma vez têm permissão para pairar sobre aqueles que amaram mais ternamente; mas se tal permissão for dada — e quem pode dizer que é impossível? — então deve diminuir grandemente o sentido doloroso de separação que mesmo as almas dos justos podem supor-se sentir.»

Mas com que agonia mais impetuosa este grito por evidência espiritual irrompeu da alma veemente de Burns: «Será possível que, quando renunciar a este ser frágil e febril, me encontre em existência consciente?

Quando o último suspiro de agonia tiver anunciado que não sou mais para aqueles que me conheceram, e os poucos que me amaram; quando o corpo frio, rígido, inconsciente, fantasmagórico for entregue à terra, para ser presa de répteis repugnantes, e tornar-se com o tempo um torrão pisado, estarei ainda quente na vida, vendo e sendo visto, desfrutando e sendo desfrutado?

Vós, veneráveis sábios e santos flamens, há probabilidade nas vossas conjeturas, verdade nas vossas histórias de outro mundo para além da morte, ou são todas visões sem base e fábulas fabricadas?

Que ideia lisonjeira é um mundo vindouro. Oxalá Deus eu o acreditasse tão firmemente como o desejo ardentemente!» E o que deveria ter impedido esta evidência divina e positiva de visitar a alma de Burns, como visitou bardos e profetas de outrora — na voz ainda pequena do Espírito Santo, suave como o sussurro de um zéfiro, mas distinta e certa como uma nota de trovão, ou na voz ou forma de algum querido partido — senão a geada da morte de um credo que exilara todas tais visitações? Enquanto os homens clamavam em desespero por este alimento natural da alma, por esta comunhão superior necessária à vida do espírito como o ar é à vida da matéria, o demónio da infidelidade ceifava-os complacentemente para o seu sombrio celeiro.

O autor inteligente de 'The Apocatastasis, or Progress Backwards', um livro americano, diz:

«Para não falar de teorias pantéistas mais antigas e homens pantéistas, como Spinoza, Hobbes, &c., ou da prole ateísta da Alemanha, não sem a sua influência, direta ou indireta, agora e aqui: não temos, no nosso próprio tempo e língua, escritores populares de talentos mais elevados, que com poder amplo, profundo e insidioso, subvertem os fundamentos de toda a responsabilidade humana apropriada? Pois o panteismo, e as "Leis Eternas", conhecem ou ensinam apenas a responsabilidade apropriada aos animais. Espalhada e temível para a humanidade nos homens é esta influência.

Testemunha, como um único espécime dela, em "The Life" do pobre Sterling, uma alma capaz da vida e desenvolvimento espiritual mais verdadeiro e pleno, perecendo nas dobras serpentinas da sofística ateísta, como uma besta infeliz no abraço da anaconda.» É ao pisar sob os pés este vampiro horrível da alma, a Infidelidade, ao restaurar as ruínas de uma fé divina, por evidência direta e diariamente repetida, que o Espiritualismo em Inglaterra alcançou até agora o seu maior triunfo.

Quem poderá expressar a consolação, a paz profunda e assegurada e a alegria que espalhou ao seu redor, onde as formas frias das igrejas, e o bronze soante e os címbalos retumbantes de pregadores materializados, haviam falhado? Roubando calmamente de lareira em lareira, sem pretensão, sem ostentação, subiu das camadas médias da vida às regiões aristocráticas mais altas, e desceu às moradas mais humildes dos homens trabalhadores. Sentou-se com os membros tristes e desconcertados de cada fração insensata de uma ortodoxia, que rejeitava o milagre numa

obstinação cega, e enviou-os rejubilando na queda do Materialismo, esse reinado, como o Barão Guldenstubbe o chama, de Satanás par excellence. Enquanto homens, sábios na sua própria presunção, e demasiado presunçosos para examinar, escreviam violentas filípicas contra ele, viam e ficavam satisfeitos.

E no séquito deste poder readmitido seguiam dons cheios de interesse, graça e fresca garantia. Em Inglaterra, o Espiritualismo foi mais geralmente recebido num espírito religioso do que na América. É raro encontrar qualquer dos seus discípulos pagãos, como tantos americanos se gabaram de ser, de modo que numa altura os espíritas americanos se separaram em espíritas cristãos e não cristãos. Houve um número considerável aqui que o perseguiram mais como um divertimento do que, como é, um grande e solene agente para a derrubada da Infidelidade; mas a maioria percebeu plenamente a sua natureza mais elevada e sagrada.

Nas obras e periódicos que apareceram na sua defesa, este espírito mais nobre foi quase universalmente conspícuo. Com a melhor parte do Espiritualismo americano manteve o ritmo nas suas operações legítimas. Aqui, como lá, trouxe de volta números de homens do ateísmo, ou de uma condição pouco melhor ou mais confortável. Digo isto com base no conhecimento real de tais casos. Grandes números de espíritas ingleses desenvolveram-se em médiuns de escrita e desenho, e alguns destes já alcançaram uma excelência muito além de qualquer coisa neste departamento, tanto quanto posso aprender, ainda testemunhada na América. Posso referir, em prova desta afirmação, aos desenhos a aguarela de Lady Ellis; aos de Sra. William Wilkinson, que foram vistos por muitas centenas de pessoas ligadas à arte e à literatura; e aos desenhos a lápis da minha filha, Sra. Watts.

Da minha própria pequena experiência neste ramo da arte espiritual, já falei. Na mediunidade musical, notei numa página anterior um exemplo muito notável. Lemos nos jornais espíritas da América de senhoras que têm o hábito de ver espíritos como veem pessoas, desde a infância. Isto é plenamente confirmado por casos semelhantes familiarmente conhecidos por mim neste país. Dois em particular, Sra. N- e Miss A-, são bem conhecidos num círculo muito amplo, no qual deram durante anos tais provas diárias desta faculdade, que nenhum facto é mais completamente estabelecido.

Foi à Sra. N- que o espírito do Capitão Wheatcroft apareceu em Londres na mesma noite em que apareceu à sua própria esposa em Cambridge, e informou-a de que fora morto nesse dia diante de Lucknow, e que o seu corpo ainda não estava enterrado. «A coisa que usei», disse ele, «ainda não

está enterrada.» Todo o caso é relatado pelo Sr. Owen no seu 'Footfalls'. A circunstância fora relatada pela Sra. N-- a mim próprio, antes de o Sr. Owen tomar o assunto. Ver-se-á, na narrativa do Sr. Owen, que o regresso dos mortos no assalto a Lucknow não concordava, na data da morte do capitão, com a da aparição. Para ambas as senhoras, a aparição foi a 14 de novembro de 1857; o regresso indicava a morte a 15. Se o regresso estivesse correto, o espírito deve ter aparecido no dia antes da sua partida.

O solicitador da família do capitão comunicou esta discrepância ao War Office, e pediu que se fizesse referência a Lorde Clyde quanto à correção da data neste caso. Isto foi feito, e Lorde Clyde respondeu que a data estava correta — a morte ocorreu a quinze. Aqui o fantasma e o War Office estavam em desacordo, mas uma carta subsequentemente recebida de um irmão oficial provou que o fantasma estava certo, e o War Office, em consequência, corrigiu a sua data. Estes fantasmas, por mais visionários e irreais que algumas pessoas os considerem, podem em ocasião mostrar-se mais exatamente precisos do que as pessoas no corpo. Poderia relatar muitos provas igualmente curiosas da validade das afirmações da Sra. N-- neste ponto. Uma pode bastar.

A primeira vez que esteve na minha casa, disse que via o espírito de um jovem de pé perto de um do grupo. Descreveu-o tão exatamente, que imediatamente o reconhecemos. Era uma pessoa que a Sra. N nunca vira ou ouvira falar. Nenhum comentário foi feito mais, mas numa visita subsequente, para testar o assunto, produzimos um número de retratos em miniatura dos nossos amigos de dias passados, sem referir de todo à visão anterior da Sra. N do espírito. No momento em que pousou os olhos num dos retratos, pôs o dedo nele, dizendo: «Esse é o jovem que vi aqui.» Era de facto a pessoa que descrevera.

Miss A é também uma das senhoras que viram as aparições de Squire e Dame Children, em Ramhurst, em Kent, cujos pormenores são também dados pelo Sr. Owen no seu 'Footfalls'. Estes pormenores eram também bem conhecidos por mim antes de o Sr. Owen tomar o assunto, e descobriu, por uma visita a Ramhurst e ao British Museum, em consequência, factos relativos a Squire Children e à sua família conhecidos apenas em Ramhurst através das aparições, a memória da família lá tendo quase totalmente desaparecido. Entre os pormenores comunicados a Miss A por Squire Children estava a data da sua morte, que o Sr. Owen, após muita busca no departamento de MS. do British Museum, encontrou ser perfeitamente correta.

Entre os médiuns espíritas mais notáveis dos tempos modernos está Elizabeth Squirrell, cujas revelações ocorreram antes de o Espiritualismo,

na sua atual avatara em Inglaterra, ter tido lugar. Elizabeth Squirrell pode ser dita a Vidente de Shottisham, como a Sra. Hauffe foi a Vidente de Prevorst. Há uma semelhança notável nos seus casos. Ambas tiveram os seus corpos tão enfraquecidos pela doença, e o seu sistema nervoso tão excitado, que a vida espiritual interior predominava sobre a vida corporal exterior; a comunhão com o mundo espiritual foi aberta, e tornaram-se não só clarividentes do que as rodeava, mas proféticas do que se aproximava. Ambas foram caluniadas e acusadas de impostura, e ambas encontraram algumas pessoas candidatas prontas a examinar minuciosamente os seus casos, e assim tornaram-se testemunhas da honestidade das acusadas, e da natureza extraordinária das suas visitações.

A principal diferença foi que Madame Hauffe sucumbiu às suas queixas; Elizabeth Squirrell, segundo entendo, recuperou em grande medida das suas. Elizabeth Squirrell nasceu em Shottisham, em Suffolk, a cinco milhas de Woodbridge e treze de Ipswich, em 1838. O seu pai parece ter estado no comércio lá, e era filho do falecido ministro batista de Sutton, uma aldeia vizinha. Aos três anos de idade caiu numa doença grave, que provavelmente lançou as bases da sua futura doença, embora recuperasse a saúde, e durante vários anos costumasse caminhar três milhas diariamente para a escola e de volta, seis milhas no total. Parece ter sido no seu décimo segundo ano que foi subitamente atacada pela doença na escola, e este ataque cresceu cada vez mais complicado durante anos.

Primeiro experimentou uma fraqueza nas costas, uma dor severa e pressão na cabeça, depois ataques epilépticos violentos, contrações espasmódicas, paralisia dos membros, e eventualmente perda de poder para engolir, trismo, que continuou vinte e uma semanas, e finalmente perdeu a vista e a audição. O seu sentido de olfato desapareceu no nariz, mas podia inalar odores pela boca. Todos os seus sentidos, exceto o tato, foram encerrados, e jazia numa condição mais enfraquecida e sofrida. Médico após médico foi chamado, que atribuíram a sua queixa a tantas causas quantos os médicos; ossificação do coração, água no cérebro, um tumor, e assim por diante. Foi enviada para o hospital em Ipswich, e regressou pior; o seu caso foi declarado desesperado.

Em breve se espalhou que esta pobre rapariga, quando tinha cerca de catorze ou quinze anos, perdera todo o poder para engolir, e vivera sem tomar qualquer alimento durante vinte e cinco semanas. A coisa foi negada, embora haja numerosos casos do género registados, entre eles o célebre de Englebrecht; houve uma grande afluência de pessoas para ver o caso, e seguiu-se um alto clamor de impostura. Tanto ela como os seus pais foram acusados de estarem em conluio para enganar, com o propósito de obter dinheiro. Foram nomeados três comités separados de vigilantes.

O segundo, no qual havia vários clérigos, imaginou ter descoberto fraude, e dissolveu-se discutindo entre si, e espalhando os relatórios mais danosos. Um terceiro e ainda mais rigoroso vigilância de doze pessoas foi nomeado, que relataram, cada um assinando a sua própria declaração, todos afirmando inequivocamente que nenhum alimento poderia possivelmente ter sido tomado durante catorze dias de vigilância, dia e noite, os pais sendo excluídos do quarto.

Todos declararam a sua convicção de que tanto pais como criança eram pessoas honestas, conscienciosas, e que a própria Elizabeth não só era inocente de todo o engano, mas era uma rapariga muito sinceramente religiosa e altamente dotada. Vários médicos de caráter mais liberal visitaram-na, e, após exame e inquérito cuidadosos, confirmaram esta opinião. Entre estes o Dr. Johnson, de Umberslade, publicou uma visita muito interessante a ela. O Dr. Garth Wilkinson e o Dr. Spencer T. Hall, ambos senhores bem familiarizados com tais casos, deram opiniões decididas sobre a verdade da sua condição extraordinária.

Alguns clérigos foram igualmente justos, e entre eles o Rev. W. A. Norton de Alderton. Mas isto não impediu a Sociedade Batista em Stoke-Green, Ipswich, de expulsar tanto pais como filha, porque afirmavam que Elizabeth vivera durante mais de um quarto de ano sem tomar sustento; e ainda pior, porque afirmava que vira anjos e espíritos partidos.

De facto, a pobre rapariga tornara-se um sujeito completamente clarividente. Via espíritos à sua volta, entre eles o seu anjo da guarda; e no seu sono mesmérico via a sua própria condição interna, a sede e natureza das suas queixas, e podia distintamente, nestes sonos, predizer a abordagem de maior doença, ou de alívio — quando seria capaz de engolir novamente, e quando ocorreria um regresso da sua incapacidade para engolir. No seu estado acordado, não sabia nada do que vira ou dissera no seu sono mesmérico; e os seus atendentes sabiamente não lhe comunicavam isto, para que pudessem julgar da sua veracidade e consistência. No seu sono mesmérico, falava da sua condição acordada como de outra pessoa, como se dois espíritos ocupassem um corpo, um dormindo enquanto o outro acordava, e vice-versa.

Chamava sempre à sua condição acordada 'O meu acordar', e dizia: 'O meu acordar está muito doente — muito doente mesmo;' ou 'O meu acordar' sofrerá assim e assado; mas acrescentava sempre: 'Não sabe disto, e não lhe digam, pois isso o afligiria.' Os atendentes encontravam sempre os seus prognósticos ocorrer à letra, e exatamente quanto ao tempo. A minha nota deste caso extraordinário deve necessariamente ser breve, mas toda a conta dele foi publicada por um dos vigilantes, e pode ser obtida de Simpkin

e Marshall. Tratamento mesmérico e homeopático eventualmente restaurou-a. Uma das ocorrências mais notáveis que teve lugar durante a sua doença foi o toque de um copo de vidro, que fora colocado na mesa perto dela com flores.

Este toque chamou primeiro a sua mãe ao quarto, que supôs que a filha o tocara com algo suave, mas ela negou-o, e a mãe vigiando-o, em breve ouviu-o tocar novamente da mesma maneira musical. Muitas outras pessoas então, de tempos a tempos, testemunharam-no, e encontraram que tocava sempre quando conversavam sobre assuntos espirituais e elevados, como em confirmação do que era dito. Uma pessoa que foi orar junto dela ouviu-o mais de cinquenta vezes, e geralmente quando assim ocupado, e declarou que as suas emoções ao ouvi-lo eram indescritíveis.

Em várias ocasiões tocou em notas agudas quando era necessária assistência, pois Elizabeth estava sujeita a desmaios, e a sua mãe correndo numa ocasião, encontrou-a numa condição tão insensível, que estava convencida de que sem ajuda instantânea teria morrido. Em breve se disse que o som vinha de uma harmónica que ela ocultava na cama, mas foi amplamente provado que o toque começara muitas semanas antes de obter a harmónica, e acima de quarenta pessoas ouvindo o copo tocar quando isso não podia ser o caso.

Ela própria observa bem que nenhuma vantagem terrena era a ganhar fingindo que o copo assim sobrenaturalmente tocava, pois era certo ser ridicularizado; mas acrescenta: 'Decidiu muitas suspeitas incertas, dissipou muitos medos, e anunciou inconfundivelmente a presença de algum enviado espiritual.' E o que em tudo isto é tão barbaramente obsceno e ímpio? Não está escrito no Antigo Testamento: 'O anjo do Senhor acampa ao redor daqueles que O temem?' E não está escrito novamente no Novo Testamento: 'Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para ministrar?' &c.

Uma das características mais satisfatórias deste caso é o brilho e inteligência desta jovem sofredora de quinze anos. Com apenas uma educação simples de aldeia, escreve com um espírito, um vigor, um bom senso sólido, que poucas pessoas possuem em qualquer tempo de vida. Como a Vidente de Prevorst, escreveu bastante poesia, e num veia muito doce e genuinamente poética. Um eminente cirurgião de Londres, que desceu para a ver, diz com muita verdade: 'Sou bastante da opinião de que Elizabeth Squirrell possui um génio extraordinário para os seus anos, e que tudo o que diz transborda de tanto bom senso, bom gosto e genuína piedade, que tudo o que profere merece ser preservado.

Os seus poderes de vista e audição estando obliterados, claro que deseja manter comunhão consigo própria, e isto constitui um novo estado de existência.' Acrescenta: 'É muito vergonhoso que as pessoas prejulgam este caso. Confesso que desci com uma impressão, e regressei com outra.' Mas nem todos foram tão autoconfiantes ou tão caritativos como este médico liberal. Os pais de Elizabeth foram arruinados no seu comércio, e compelidos, pelo espírito perseguidor daqueles ao seu redor, a mudar-se para Ipswich para tentar ganhar a vida. Parece que Elizabeth esteve desde então em Londres, procurando sustentar-se como costureira: ao indagar por ela, entendi que fora novamente para o campo.

Casos semelhantes de clarividência extrema abundam, onde as partes, quando no sono, e com olhos vendados, podiam ver tudo ao seu redor, mesmo a habitações distantes, e podiam ler qualquer coisa escrita a uma distância considerável; mas poucos casos foram tão completos como o de Elizabeth Squirrell, que, em cegueira real, possuía esta maravilhosa faculdade de vista. A literatura do Espiritualismo inglês já conta com várias obras de mérito sólido, e que podem ser estudadas por inquiridores com grande vantagem.

Não é necessário fazer mais do que mencionar os títulos destas obras, que podem ser obtidas através de qualquer livreiro dos editores em Londres. 'Night-side of Nature' da Sra. Crowe; a sua tradução da 'Seeress of Prevorst', e a sua obra subsequente sobre o próprio Espiritualismo, foram repetidamente referidas nesta obra, e fortemente recomendadas ao leitor. O seu 'Night-side of Nature' é uma das obras mais bem raciocinadas na língua sobre o assunto. Há um pequeno volume do Sr. Rymer sobre o Espiritualismo, contendo alguns dos primeiros ocorrências a respeito dele em Inglaterra, pois foi um dos primeiros convencidos.

O Sr. Andrew Leighton editou uma edição de xelim da obra de Adin Ballou sobre 'Spirit Manifestations', e prefaciou-a com uma introdução muito excelente. 'New Theory of Apparitions' do Sr. Newton Crosland, e 'Light in the Valley' da Sra. Crosland, devem ter uma leitura cuidadosa. São muito importantes, e só saíram demasiado cedo, o assunto sendo então quase totalmente desconhecido, exceto por mero e absurdo relato.

Os pequenos volumes do Sr. William Wilkinson sobre 'Spirit Drawings', e sobre os 'Revivals', não podem ser deixados por ler por quem quiser informar-se completamente sobre estes assuntos. São escritos de forma capaz e filosófica, e recomendo particularmente à atenção do leitor o capítulo no último sobre os 'Dynamics of Prayer'. Para alguns dos fenómenos mais extraordinários, de facto, os mais extraordinários do Espiritualismo recente, o leitor deve ir ao 'Spiritualism in America' do Sr.

Benjamin Coleman, sendo o relatório do que o Sr. Coleman viu numa visita aos Estados Unidos em 1861, feita com o propósito expresso de examinar os factos e condição do Espiritualismo lá.

Uma pequena obra chamada 'Angel Visits', de Miss Helen Faucit, apresenta ao leitor a experiência de um indivíduo sobre o assunto. As 'Confessions of a Truth Seeker' estão cheias de conhecimento de história espiritual, e os argumentos dos oponentes são tratados de uma maneira muito feliz. 'Natural and Supernatural' do Sr. John Jones é um armazém de conhecimento muito curioso sobre o assunto. 'Footfalls on the Boundary of Another World' do Sr. Dale Owen são demasiado bem conhecidos para precisar de menção.

O Sr. Barkas, de Newcastle-on-Tyne, acrescentou ultimamente outra obra sobre o assunto, de muito interesse. Àqueles que quiserem familiarizar-se com os factos e argumentos do Espiritualismo inglês, preciso apenas dizer que estes podem ser encontrados nos 'Yorkshire and British Spiritual Telegraphs', durante vários anos, agora descontinuados, e no 'Spiritual Magazine', em publicação corrente. A maioria ou todos estes podem ser obtidos no Sr. Pitman, 20 Paternoster Row. E isto é tudo o que agora parece necessário dizer sobre o Espiritualismo inglês. Fazendo o seu caminho calmamente mas firmemente — já permeando mais amplamente as fileiras da literatura e ciência do que muitos dos seus professores acham prudente confessar — já contando com muitos clérigos de um credo ou outro, que acham necessário evitar o martírio aproximando-se dele como Nicodemos fez a Cristo; o tempo não está longe em que assumirá um aspeto mais amplo e aberto.

Os estragos da infidelidade com as suas muitas faces ou antes máscaras, estão a tornar-se tão temíveis, e mostram-se tão desenfreadamente nos próprios penetrais da Igreja Estabelecida, que deve haver um remédio, ou o dia da segunda vinda de Cristo pode ser declarado próximo; pois em breve não restará fé na terra, exceto no redil católico romano que ainda precisa de purgação vigorosa, e nisto a igreja crescente do Espiritualismo, que abre os braços ao evangelho em todos os seus investimentos originais de poder, natural e sobrenatural.

Distintos homens da Igreja parecem tornar-se cada vez mais sensíveis a isto. Já registei palavras notáveis do Bispo de Londres, proferidas num Aniversário de uma Associação de Jovens, e encontramo-lo novamente, num sermão pregado na Abadia de Westminster, conforme relatado no Times, dizendo: «A lição especial ensinada pelo sonho de Jacob era que Deus controlava constantemente os nossos pensamentos, e que estávamos

constantemente em ligação com o mundo dos espíritos, enquanto pensávamos estar longe entre coisas mundanas.

Suplicava àqueles cujos pensamentos se voltavam para o céu, que não os reprimissem; pois podiam estar certos de que eram iluminados pela mesma presença gloriosa que animara Jacob no deserto.» E encontramos o Rev. E. Bickersteth declarando que «Nenhuma parte da verdade divina pode ser negligenciada sem perda espiritual; e é demasiado evidente que as doutrinas profundas e misteriosas da revelação respeitantes a espíritos malignos e bons espíritos foram demasiado desconsideradas na nossa época.»

Encontramos Hallam na sua 'Literature of Europe' (vol. i. 275-6), afirmando a mesma coisa, e que «uma indiferença a este conhecimento de coisas invisíveis, ou um desespero prematuro de o atingir, pode ser considerado uma indicação de alguma deficiência moral ou intelectual, alguma escassez de devida proporção de mente.» Temos o atual Deão Trench, nas suas 'Notes on the Miracles', declarando firmemente que «O verdadeiro milagre declarando a doutrina do milagroso é uma natureza superior e mais pura descendo do mundo de harmonias não perturbadas para este nosso mundo que tantos desacordos abalaram e perturbaram, e trazendo-o de volta novamente, embora seja apenas por um momento profético, à harmonia com aquela superior.»

Afirmar isto como uma natureza é afirmá-lo como perpétuo, e, portanto, pertencendo tanto ao agora como ao então. Encontramos o Rev. Professor Kingsley defendendo o milagre com igual firmeza, e afirmando que «a única dificuldade reside nas visões superficiais e sensuais da natureza do racionalista;» com muito mais do género no seu 'Westward Ho!' e outras obras. Encontramos o Rev. F. D. Maurice num dos seus recentes 'Tracts for Priests and People', perguntando porque as coisas verdadeiras nos Evangelhos não deveriam ser verdadeiras nos dias da Rainha Vitória? Estes são todos sintomas de uma necessidade fortemente sentida no eclesiasticismo do dia. NOTA.

Enquanto isto vai para a imprensa, um fenómeno de um género mais extraordinário mostrou-se na América. O Sr. Mumler, um fotógrafo de Boston e um médium, ficou espantado, ao tirar uma fotografia de si próprio, ao encontrar também ao seu lado a figura de uma jovem rapariga, que imediatamente reconheceu como a de uma parente falecida. A circunstância causou uma grande excitação. Números de pessoas acorreram aos seus aposentos, e muitos encontraram amigos falecidos fotografados consigo. O assunto foi testado de todas as maneiras possíveis, mas sem deteção de qualquer impostura. Uma conta dos pormenores encontrar-se-á no 'Spiritual

Magazine' de dezembro de 1862, e de janeiro do presente ano, e espécimes destas fotografias espíritas são agora publicados pelo Sr. Pitman, Paternoster Row.

CAPÍTULO XII

A OPOSIÇÃO A FACTOS NOVOS

Vertentem sese frustra sectabere canthum, Cum rota posterior curras, et in axe secundo.

Assim traduzido por Dryden Thou, like the hindmost chariot-wheels, art curst, Still to be near but never to be first.

PERSIUS.

Será bem aqui dedicar um capítulo a alguns desses numerosos factos que deveriam atuar como um aviso aos oponentes para não se enforcarem como obstrutores da verdade aos tempos futuros. Será bem empregado se salvar apenas uma criatura razoável de adicionar o seu nome ao longo catálogo daqueles que, enquanto pensam estar a fazer serviço a Deus, estão meramente a perseguir a Sua verdade. O Criador do homem, Aquele que conhece todas as molas e movimentos do coração humano, quando Estava em Cristo na terra, disse aos Seus mensageiros das Suas grandes novas verdades: «Eis que vos envio como cordeiros entre lobos» (Lucas x. 3). Esta é a Sua anúncio das consequências inevitáveis da missão da verdade até ao fim do mundo. A perseguição é a herança eterna da verdade. Há uma inimizade mortal à verdade no espírito do mundo, que nenhum conhecimento, nenhuma experiência, nenhuma tolice infinitamente repetida alguma vez curará. O mundo odeia novas verdades, como a coruja e o ladrão odeiam o sol. A mera iluminação intelectual não pode reconhecer o espiritual. Como o sol apaga um fogo, assim o espírito apaga os olhos do mero intelecto.

A história deste ódio à verdade é a mesma no mundo pagão e no cristão. Sócrates, Pitágoras, e muitos outros, caíram sob ele. Mas é mais notavelmente demonstrado na história de Cristo e da Sua igreja. Os judeus, as classes educadas dessa época, que haviam estudado os profetas, e levado as instituições de Moisés à máxima perfeição, ainda faltando a visão espiritual, quando Cristo veio coberto com todos os sinais da história profética, não O puderam ver. Mas o que fez a Cristo e aos Seus apóstolos, fizera há muito antes. Ridicularizou a construção da arca por Noé durante cem anos, até que o dilúvio veio, e varreu todos os escarnecedores.

Tornou a vida de Moisés durante quarenta anos um tormento, e após mil milagres no deserto. Causou que os pagãos assassem, fervessem e cortassem em pedaços os primeiros cristãos. Nem foi menos operativo entre os primeiros cristãos eles próprios. Ridicularizaram as descobertas da ciência, como os científicos ridicularizaram o seu Cristianismo. No seu vigésimo quarto capítulo, 'De Antipodibus, de Cœlo ac Sideribus', Lactâncio ri-se da noção de haver tais coisas como antípodas, mostrando assim que a teoria da rotundidade da terra e de antípodas era sustentada, como sabemos que era, por Macróbio, Plínio o Jovem, Cleómenes, e outros.

Lactâncio diverte-se bastante com a ideia de 'homines quorum vestigia sint superiora quam capita;' cujos calcanhares estão mais altos do que as cabeças. É possível, pergunta ele, para 'fruges et arbores deorsum versùs crescere? pluvias et nives et grandinem sursùm versùs cadere in terram?' isto é, para frutos e árvores crescerem para baixo! chuvas, e neve, e granizo caírem para cima para a terra! para campos, e mares, e cidades, e montanhas pendurarem de cabeça para baixo? A razão, diz ele, pela qual chegaram a ideias tão absurdas foi que viam o sol e a lua sempre a pôr-se num lugar, e sempre a nascer noutro, e não conhecendo o mecanismo pelo qual eram transportados quando fora de vista, pensavam que os céus deviam ser redondos, e, portanto, a terra também devia ser redonda.

Não, segundo ele, haviam mesmo feito um orrery.*

Itaque et aëreos orbos fabricati sunt, quasi ad figuram mundi eosque cælarunt portentosis quibusdam simulacris, quæ astra esse dicerunt.'

Assim a terra era, segundo estes filósofos (alguns deles do primeiro século da era cristã, provavelmente ainda mais cedo), redonda, e os planetas eram representados o mesmo, e como circulando à sua volta. Então seguia o que Lactâncio considerava uma noção muito monstruosa.

(NT: Planetário mecânico)

Si autem rotunda etiam terra esset, necesse esse, ut in omnes cæli partes eamdem faciem gerat; id est, montes erigat, campos tendat, maria consternat. Quod si esset, etiam sequebatur illud extremum, ut nulla sit pars terræ quæ non ab hominibus, cæterisque animalibus incolatur. Sic pendulos istos Antipodes cæli rotunditas adinvenit.

Isto é, se a terra fosse redonda, seguir-se-ia de necessidade que apresentaria em toda a parte a mesma face aos céus; elevaria as suas montanhas, estenderia as suas planícies, difundiria os seus mares. E se isto fosse, então esta condição extrema seguir-se-ia também, que não haveria parte da terra que não pudesse ser habitada por homens e outros animais. E assim a rotundidade da terra é feita para introduzir antípodas pendentes!'

Mas se perguntardes, diz o nosso erudito Pai cristão — e era um homem muito erudito da sua época, e travou batalhas capazes com os pagãos e as suas mitologias — como todas estas coisas são impedidas de voar da terra redonda, e cair nas regiões inferiores do espaço, dizem-vos que é uma lei da natureza que as substâncias mais ponderáveis tendem para o centro, e estão unidas ao centro como vedes os raios numa roda giratória; enquanto as substâncias mais leves, como nuvens, fumo e fogo, são levadas do centro, e sobem para os céus.

Seguramente, se não temos aqui gravidade específica, logo após a era cristã, estamos nas saias dela.

Quod si quæras ab iis, qui hæc portenta defendunt, quomodò non cadunt omnia in inferiorem illam cæli partem; respondent, hanc rerum esse naturam, ut pondera in medium ferantur, et ad medium connexa sint omnia, sicut radios videmus in rota; quæ autem levia sunt, ut nebula, fumus, ignis, à medio deferantur ut cælum petant.'

"Mas se perguntar àqueles que defendem esses prodígios como não caem todas as coisas para aquela parte inferior do céu, eles respondem que essa é a natureza das coisas: que os corpos pesados são levados para o centro, e que tudo está ligado ao centro, como vemos os raios numa roda; enquanto as coisas leves, como a névoa, a fumaça e o fogo, são afastadas do centro, como se buscassem o céu."

Lactâncio não pode, diz ele, explicar as pessoas continuarem a defender tais absurdos, exceto que, uma vez adotando premissas erradas, estão certas de continuar a mantê-las; embora pense que os filósofos por vezes estão conscientemente a gracejar, e só o fazem para mostrar a sua engenhosidade e espantar as pessoas. Quando os eruditos riem de Lactâncio, reflitam por um momento que o Espiritualismo pode ser tão verdadeiro agora como que o mundo era redondo, e que havia antípodas no seu tempo. O mesmo espírito perseguiu através de toda a Idade Média os filhos da luz, pela sua grande instituição, a Inquisição, fornecida com toda a espécie de maquinaria para esmagar, queimar, torturar e despedaçar a verdade. Lutou desesperadamente contra a Reforma, e derramou toda a sua fúria sobre Huss, Jerónimo de Praga, os Lolardos, Valdenses, Huguenotes, sobre Fox, sobre Wesley, e sobre todo o reformador religioso.

Colocou-se no caminho mesmo do progresso físico, e riu. É o Louco e o Alguazil de toda a época, mesmo ao progresso físico. Todos conhecemos as histórias de Galileu, de Harvey e Jenner; estão gastas de tanto as erguer como avisos. Pôs Solomon de Caus no Bicêtre como louco por afirmar o poder do vapor. O 'Edinburgh Review' apelou ao público para pôr Thomas

Gray numa camisa de forças, porque afirmava que devia haver caminhos de ferro.

Gall diz que tal foi o seu tratamento por introduzir a frenologia, que não poderia ter vivido através dele, se não tivesse sido apoiado por um homem que conhecia o valor da ciência, e que os eruditos mesmo não refrearam as suas piadas e troças prematuras até terem feito alguma pesquisa. Um escritor no 'Homœopathic Review' diz: «No século XVI, o parlamento francês proibiu solenemente o uso de antimónio como medicamento, e a Faculdade de Paris não só proibiu o emprego de todos os remédios químicos, mas não permitiu que fossem mencionados em teses e exames.

No mesmo século, a descoberta das válvulas nas veias por Amatus Lusitanus foi negada e ridicularizada pelos principais anatomistas do dia: enquanto as descobertas posteriores de Harvey foram tratadas como loucura. No século XVII a profissão médica foi despertada para fúria pela introdução da Casca Peruana. Este remédio não foi trazido através dos portais do colégio; e a nova descoberta, para usar as palavras de Boniland, teve de ser "batizada na tribulação". Os médicos de Oliver Cromwell permitiram que ele morresse de febre intermitente em vez de administrar o específico odiado. No mesmo século, o Presidente do Colégio de Médicos prendeu o Dr. Groenvelt por ousar prescrever cantáridas internamente.

No século XVIII Jenner foi ridicularizado, lampoonado e excluído das honras e privilégios do Colégio de Médicos porque defendia a vacinação. No século XIX, a descoberta de Laennec foi, por um tempo, escarnecida pelas autoridades médicas. "Não tenho", observou um professor com escárnio, "um ouvido suficientemente fino para ouvir a erva crescer:" e num banquete médico, uma espécie de jantar da Associação Médica do dia, foi proposto testar as qualidades dos vinhos percutindo as garrafas.

Se passarmos da medicina para a ciência geral, como o volume transborda de histórias de oposição cega a tudo o que envolve uma mudança de opinião.» O escritor cita então o caso de Galileu, tão bem conhecido, e de Colombo, ridicularizado e repelido pelos homens eruditos de Génova, Portugal e Espanha, e então, tendo provado a verdade da sua teoria de outro continente, morrendo de coração partido entre o ódio e a inveja daqueles que temiam a convicção. De Franklin, erguendo bravamente o seu para-raios entre os escárnios dos seus concidadãos, e não só assim, mas entre os da Royal Society de Londres.

O Dr. Ashburner, no 'Spiritual Magazine', chamou a atenção para o seguinte facto no 'Manual of Electricity' de Lardner, na 'Cabinet Library', i. 47. Quando estes e outros papéis, propondo que uma barra de ferro fosse erguida a uma grande altura no ar, para conduzir eletricidade das nuvens para a terra,

por Franklin, ilustrando visões semelhantes, foram enviados para Londres e lidos perante a Royal Society, diz-se que foram considerados tão selvagens e absurdos que foram recebidos com riso, e não foram considerados dignos de tanta atenção como para serem admitidos nas "Philosophical Transactions".

O Dr. Fothergill, que apreciava o seu valor, não permitiu que fossem assim sufocados e enterrados. Escreveu um prefácio para eles e publicou-os em Londres. Subsequentemente passaram por cinco edições!' O escritor cita então o caso de Perdonnet, o engenheiro, ganhando o caráter de louco ao predizer numa palestra na Ecole Centrale, o sucesso dos caminhos de ferro. Acrescenta: 'Então não temos algumas histórias agradáveis dos académicos franceses, — os Sir Benjamin Brodies do dia — a crême de la crême dos filósofos? Em 1805 Napoleão o Primeiro dirigiu-se à Academia para saber se vapor concentrado, segundo o processo de Fulham, podia propelir uma embarcação.

A questão foi respondida por uma explosão de riso, e o imperador ficou extremamente mortificado por ter mostrado a sua ignorância. O mesmo corpo de filósofos rejeitou a proposição de iluminar por gás como uma impossibilidade; e anos depois, Arago foi recebido com explosões de riso desprezivo quando quis falar de um telégrafo elétrico, os seus eruditos companheiros declarando a ideia perfeitamente utópica. A estas instâncias poderia ter adicionado o ridículo e perseguição de Hahnemann, pela introdução da homeopatia, e de Reichenbach, pela descoberta da força odílica.

É uma curiosidade da ciência que Benjamin Franklin, que ele próprio experimentara o ridículo dos seus compatriotas pelas suas tentativas de identificar o relâmpago e a eletricidade, tivesse sido um do comité de savans em Paris em 1778, que examinou as pretensões do mesmerismo, e o condenou como charlatanice absoluta! Esta opinião foi secundada por outra comissão, que começou as suas sessões em fevereiro de 1826, e continuou os seus trabalhos durante cinco anos.

O relatório da comissão, no entanto, recomendou que apenas médicos devessem ser permitidos praticar mesmerismo, esquecendo que foram homens não médicos que forçaram a ciência sobre os homens médicos. O Sr. Rich observa astutamente que assim que a Igreja reconhecer o mesmerismo, e acreditamos o Espiritualismo também, considerará então muito apropriado que apenas clérigos os pratiquem. O 'Scottish Review', num artigo capaz, há alguns anos, recordou aos seus leitores que o estabelecimento da Royal Society foi oposto porque se afirmava que 'a filosofia experimental era subversiva da fé cristã.'

O mais velho Disraeli mostra que telescópios e microscópios foram a princípio denunciados como 'inovações ateístas, que pervertem o nosso órgão da visão, e fazem tudo aparecer numa luz falsa.' No clamor contra Jenner, a Sociedade Anti-Vacinação, em 1806, execrou a vacinação, como uma horrível tirania 'para forçar doença sobre os bebés inocentes dos pobres — uma violação grosseira da religião, lei, moralidade e humanidade.' Foi declarado por homens eruditos que tornaria as crianças 'com cara de boi', que já havia sintomas de brotarem chifres em crianças, e que teriam as faces de vacas e os mugidos de touros! Foi declarado uma invenção diabólica de Satanás, uma tentação da Providência, e era feitiçaria prática e ateísmo.

Quando máquinas foram inventadas para joeirar milho, um clamor terrível foi levantado na Escócia, que era uma tentativa ímpia de suplantar os ventos de Deus, e levantar um vento do diabo. Um clérigo escocês recusou a santa comunhão a todos que usavam esta máquina 'do diabo'. Os leitores de 'Old Mortality' recordarão a indignação da honesta Mause Headrigg, ao seu filho Cuddie ter 'de trabalhar num celeiro com uma máquina nova-fangled para separar o milho da palha, assim impiamente,' disse a alarmada Mause, 'contrariando a vontade da Divina Providência, levantando vento para uso particular da vossa senhoria por arte humana, em vez de o solicitar por oração, ou esperar pacientemente qualquer dispensação de vento que a Providência estivesse satisfeita em enviar sobre as colinas de pastagem.'

Quando uma rota foi descoberta através do Istmo do Panamá, um padre chamado Acosta, em 1588, declarou que isso também era uma resistência à Divina Providência e às Suas barreiras finitas, que só poderia ser seguida por pragas e maldições. Quando garfos foram introduzidos em Inglaterra, foram denunciados pelos pregadores, que declararam ser 'um insulto à Providência não tocar na nossa carne com os nossos dedos.' A abolição da escravatura foi tratada da mesma maneira por muitas pessoas religiosas, como uma tentativa ímpia de pôr de lado a maldição sobre Cam e a sua posteridade; e argumentos semelhantes ainda são usados contra as tentativas de converter os judeus, um povo, diz-se, rejeitado pela sua rebelião e crucificação de Cristo.

Há uma grande classe de pessoas no presente dia que pode, com muito proveito, digerir esta lista de factos. Após lê-la, ninguém se sentirá obrigado a adicionar o seu nome ao catálogo de obstrutivos fanáticos.

CAPÍTULO XIII

OS IRMÃOS FILADÉLFICOS

... Semearam-se as sementes de coisas Divinas em corpos mortais. Pode ser uma questão se tal homem vai ao céu, ou o céu vem a ele; pois um bom homem é influenciado pelo próprio Deus, e tem uma espécie de Divindade dentro dele.

SENECA Morals, Le Strange's Translation, p. 159.

Trouxemos a 'History of the Supernatural' até ao nosso próprio tempo. Mas há muitas emanações incidentais dela jazendo, por assim dizer, fora do nosso trilho, e, no entanto, essenciais a uma visão panorâmica completa dela. Estas tentarei agora, em alguns capítulos concisos, trazer à tona; confinando-as a ocorrências desde a Reforma. Um dos objetos mais antigos que corteja a nossa atenção é uma espécie de associação protestante dos 'Amigos de Deus', sob o nome de

OS IRMÃOS FILADÉLFICOS

Esta sociedade foi fundada por Pordage, um clérigo que foi privado do seu benefício sob a Comunidade das Nações (commonwealth), e estudou medicina, e praticou-a como médico até à sua morte, em 1698. Poderia ser chamado o Böhme inglês, a quem estudara e admirara. Escrevia claramente e com grande força. A sua obra principal, 'The Divine and True Metaphysic', está em três volumes. Os membros principais da sua sociedade eram Thomas Bromley, Edward Hooker, Jane Leade, Sabberton, e outros.

Costumavam reunir-se para culto no número de vinte pessoas ou assim, e, segundo as suas contas, tinham aparições maravilhosas, ou reais, de espíritos bons e maus. Algumas das de Pordage serão pensadas muito extravagantes por muitos; mas se admitirmos aparições de todo, será difícil prescrever-lhes as formas e circunstâncias precisas em que virão, especialmente se forem más.

Muito debate tem tido lugar nos últimos anos sobre a circunstância de fantasmas aparecerem no próprio vestuário que costumavam usar na terra, e retendo a moda de épocas atrás; e muitos pensaram ser uma razão muito boa para negar aparições de todo por causa disto, dizendo que poderiam acreditar num espírito, mas não no espírito de um casaco. Mas isto é apenas dizer que somos ignorantes dos hábitos e dotações do mundo espiritual.

Quando espíritos aparecem, é necessário que sejam capazes de se identificar; e, por quaisquer meios, evidentemente têm o poder. O Professor

Hare diz que possuem um poder de vontade muito transcendendo a nossa conceção mais elevada, e que é uma porção de poder criativo, conferido por Deus aos espíritos, para os tornar capazes de executar as Suas comissões. A faculdade, que nós próprios possuímos, de criar ou receber da criação de espíritos, nos nossos sonhos, as imagens mais vivas de lugares, coisas e pessoas, é uma parte desta faculdade maravilhosa.

Quando, portanto, lemos as estranhas relações de Pordage, é apenas necessário lembrar esta potência espiritual; e, na história dos santos, temos exemplos abundantes de apresentações de seres maus igualmente extraordinárias. A primeira destas ocorreu a Pordage em 1651. Enquanto dormia na sua cama, foi despertado pelo violento abrir das suas cortinas; e viu, de pé diante dele, a figura de uma pessoa chamada Eberhard, a quem conhecera bem.

A figura foi vista muito distintamente pela luz do fogo no seu quarto; e, após ficar algum tempo, retirou-se por uma porta lateral. Pordage, parece, estava acostumado a aparições; por isso virou-se e adormeceu novamente. Mas uma segunda vez foi despertado, e viu uma figura gigantesca de pé com uma árvore arrancada ao ombro, e uma enorme espada na mão. Como sentiu que isto era uma coisa má, determinou combatê-la; e, saindo da cama, atacou a figura com uma bengala. Chama-lhe um conflito mágico; pelo qual quer dizer a magia divina, ou poder, que o Cristianismo dá a espíritos bons sobre maus.

A sua luta, diz ele, durou meia hora, quando o gigante desapareceu. Mal se foi, no entanto, quando ele, ou outro espírito, regressou na forma de um dragão alado, que encheu metade do seu quarto, e, enquanto lutava com ele, respirou chamas sobre ele, pelas quais caiu num desmaio; mas uma mão invisível ergueu-o, e continuou a luta até à manhã. Pordage declara que a sua esposa foi testemunha de todas estas batalhas, e das formas, tão claramente como ele próprio; e tal era a opinião da veracidade de Pordage, que mesmo os seus oponentes não duvidavam que ele acreditasse ter visto e feito isto.

Pordage relatou tudo no dia seguinte aos membros da sua sociedade; pouco depois do qual tiveram visões muito vivas do inferno e do céu, que apareceram diariamente a quase todos os membros durante um mês. Pordage relata que nestas visões, que, diz ele, viam tanto interiormente com os olhos do espírito, como exteriormente com os olhos do corpo, contemplavam o Príncipe das Trevas, e almas danadas na forma de homens, passar em grande procissão em carros de nuvens, e rodeados por espíritos menores em enxames.

Os espíritos que puxavam estes carros estavam na forma de dragões, tigres, ursos, e outras bestas. Viram incontáveis multidões deles, como um exército, que ficava fora, enquanto outros entravam pelo vidro para o quarto. Quando fechavam os olhos viam estas visões exatamente o mesmo. A verdadeira causa de ver, diz ele, estava na abertura dos seus olhos interiores e da união divina do interior e exterior visão num perfeito uno.

Viram que vidro, paredes, portas trancadas, não formavam obstáculo à sua entrada ou saída, e que podiam mudar as suas formas à vontade, quer para as de homens ou bestas. Isto continuou durante semanas; e alguns dos membros receberam muito dano à sua saúde pelos fedores e eflúvios infernais. Durante todo este tempo, quer juntos ou sozinhos — quer de dia ou de noite — ficavam enjoados e desgostados por um gosto detestável de enxofre misturado, fuligem e sal, e sentiam feridas e estocadas contínuas, e ardor, como de setas envenenadas e os ferrões de escorpiões. Mas o que era mais notável, os demónios pintaram no vidro das janelas e nos ladrilhos da casa toda a espécie de figuras extraordinárias de homens e animais, que pareciam continuamente mover-se, como se vivos. Nos ladrilhos da lareira haviam desenhado os dois hemisférios da terra cheios de homens e bestas, que também pareciam mover-se.

Quando a visitação terminou, tentaram lavá-los, mas encontraram-nos indelével, e só puderam livrar-se deles partindo-os com um martelo. O assunto causara uma grande sensação pública, e números de pessoas, magistrados e outros, fizeram um exame particular das circunstâncias, e provaram a verdade delas. Estas declarações, extraordinárias como são, foram, em muitos pormenores, corroboradas por eventos de hoje.

No caso de Mary Jobson, de Sunderland, publicado pelo Dr. Reid Clanny, médico do Duque de Sussex, o sol e a lua, e outras coisas, foram pintados no teto em cores, que o seu pai caiou uma ou duas vezes, mas ainda assim vinham através, e foram vistos por centenas de pessoas, vários médicos entre eles, e só puderam ser destruídos por fim destruindo o gesso. Os poderes maravilhosos de representação e apresentação em formas variadas é um dos factos mais notáveis e melhor atestados do Espiritualismo moderno.

Escrita espírita e desenhos espíritas agora existem em abundância. Da primeira, o Barão Guldenstubbe, de Paris, possui mais de mil espécimes, e publicou fac-símiles de alguns deles, na sua obra 'Pneumatologie Positive'. Estes serão notados mais adiante.

JANE LEADE

Entre os membros mais distinguidos da Irmandade Filadélfica estava Jane Leade, uma senhora de uma família titulada de Norfolk, casada com o seu primo, William Leade. Era uma mulher de educação realizada e caráter intelectual. Após a morte do seu marido, disse que tivera uma visita do seu espírito, e a partir dessa altura retirou-se do mundo elegante, e dedicou-se à vida religiosa, e juntou-se à sociedade de Pordage, na cuja família vivera algum tempo.

Fala, como ele, do poder mágico possuído por cristãos crentes, mas esta chamada magia é claramente nada mais que o poder teúrgico possuído pela Igreja num estado de fé viva. Diz, nas suas numerosas escritas, que chega o tempo em que haverá na terra uma comunidade dos iluminados e santificados, que viverão como realmente renascidos no mundo de Deus e dos anjos. Que a mais elevada realização da divina Sophia, da qual fala continuamente, é a posse do poder mágico que emana de Deus, e é comunicado por Ele àqueles que estão dispostos a recebê-lo.

«Perguntam-me», diz ela na sua 'Revelation of Revelations', «o que é este poder mágico? Respondo, é uma verdade maravilhosa penetrando na alma daqueles que o recebem, transpassando a vida interior e mudando o sangue, numa luz fluindo e vivificante semelhante a chama. É o poder de Deus na pessoa de Cristo e da Virgem, e, num espírito virginal puro, é o poder penetrante e dominante de Deus, e que por graus, como uma raiz espiritual, continua a espalhar-se, e a passar para outros.» 'Este poder', diz ela novamente, 'coloca aquele que o possui na condição de exercer poder sobre os vários departamentos da criação, sobre plantas, animais, minerais, de modo que quando muitos trabalham juntos neste poder, a natureza será remodelada num estado paradisíaco, e os chamados milagres dos tempos antigos serão novamente operados como nada extraordinário.'

'Como chegamos a este poder? Através do novo nascimento e através da fé, isto é, através da concordância da nossa vontade com a vontade Divina, que, como São Paulo diz, torna tudo obediente a nós. Isto é precisamente o que o nosso Tennyson diz, que 'a nossa vontade nunca é tanto nossa como quando é de Deus.' Jane Leade viveu até à idade de oitenta e um anos, altura em que a Sociedade atingira cem membros, incluindo homens eruditos e profissionais, advogados, clérigos, médicos, mercadores, &c.

As suas escritas foram publicadas em doze volumes, e traduzidas para alemão por um dos seus admiradores, Loth Vischer, de Amesterdão. As principais destas são 'The Revelation of Revelations', 'The Laws of Paradise', 'The Wonders of God's Creation revealed to the Authoress;' e 'The Theologia Mystica'.

ANTOINETTE BOURIGNON

Esta senhora pode ser classificada com a Sociedade Filadélfica, pois as suas visões eram precisamente as mesmas, embora fosse católica. Nasceu em Ryssel, na Flandres, em 1616. Desde a sua mais tenra infância mostrou uma aversão inconquistável à sociedade ordinária do mundo, e uma atração inconquistável ao retiro religioso e sentimento. À medida que crescia os seus pais determinaram casá-la com algum homem de posição, na cuja casa seria obrigada a misturar-se na sociedade do mundo. Mas resistiu firmemente a todas tais ofertas, e desejou entrar num convento, ao qual os seus pais não consentiram. Arranjou o seu gabinete privado como uma pequena capela, onde tinha o seu altar e os seus livros religiosos. Ali declarou que tivera uma manifestação espiritual que determinou o seu curso futuro de vida.

Após a morte dos seus pais, que foi durante os seus anos iniciais, abriu a escola de senhoras de que falei, e onde o ataque de bruxaria irrompeu entre as suas alunas, quando a escola estava no auge da popularidade; pois Antoinette Bourignon era uma mulher de muito talento e realização. O segredo disto pode encontrar-se na inimizade de St. Saulieu, um padre capuchinho, que professara desejar abrir uma escola de rapazes no seu plano, e através dos seus meios obteve o dinheiro necessário. Tendo obtido isto, achou conveniente guardá-lo para os seus próprios propósitos, e ofereceu abandonar a sua ordem e casar com Antoinette.

Horrorizada com a sua vilania, rompeu toda a amizade com ele. Os jesuítas então esforçando-se por obter a direção espiritual da sua escola, e sendo também rejeitados, o capuchinho e os jesuítas combinaram para a expulsar pelo estratagema relatado. A sua escola sendo tomada posse pelas autoridades, para evitar mais perseguições fugiu. Viveu depois na Holanda, em Hamburgo, e noutros lugares na Alemanha. Ali continuou a difundir as suas ideias religiosas tanto pela sua conversação como pela sua pena. As suas obras são inúmeras: 'The Light Risen in Darkness', 'The Light of the World', 'An Admirable Treatise of Solid Virtue', &c.

A desgraça de Antoinette Bourignon foi as suas atrações como mulher de educação, talento e sentimento profundo, de modo que os seus admiradores, em vez de auxiliar nas suas visões, estavam continuamente a apaixonar-se por ela, e a querer casar com ela. Todas tais propostas rejeitou, tendo apenas um grande objeto, a devoção a e promoção da religião vital. O célebre Poiret foi tão longe como separar-se da sua própria esposa, e então ofereceu a sua mão a ela, que rejeitou como de costume. O grande naturalista, Swammerdam, foi um dos seus discípulos mais zelosos.

Morreu em 1680, no mesmo ano que Swammerdam, aos setenta e quatro anos.

Os seus escritos haviam excitado uma grande sensação, especialmente na Alemanha, e os seus prosélitos e inimigos eram igualmente zelosos. Foi denunciada como sabelliana, origenista e gnóstica; mas parece ter sido simplesmente uma mulher que tinha uma perceção e amor tão claros do espiritual, isto é, Cristianismo vital, que nada mais tinha encanto para ela. As suas escritas são excelentes, e mostram que obtivera a verdadeira visão do Cristianismo e do mundo. Quando criança, costumava implorar aos seus pais que a levassem para onde os cristãos viviam, não sendo capaz de reconciliar as ações daqueles ao seu redor aos preceitos cristãos. Ela diz que derivou todo o seu conhecimento do Espírito de Deus falando ao seu espírito. Não demonstra espanto diante da escuridão do chamado mundo cristão, mas afirma que este ainda ficará mais escuro, pois Cristo disse que não viria antes que fosse meia-noite.

Ela viu e soube que o cristianismo era uma realidade espiritual; que o mundo espiritual era tão objetivo quanto o mundo exterior para o olho desvelado e a alma plenamente desenvolvida; e ela estava na mesma condição e categoria que a longa linhagem dos chamados místicos, que se estende por todas as épocas do mundo — uma classe de pessoas supostamente vivendo em meio a meras imaginações, mas que encontraram uma veracidade substancial; pois nenhuma imaginação vazia pode satisfazer almas de sentimentos profundos e visão penetrante, por anos e por toda a vida.

Christina Poniatowski e Anna Maria Fleischer

Durante a Guerra dos Trinta Anos, como em todos os tempos de problemas e agitação, apareceram muitos médiuns, que poderiam ser classificados com os Irmãos Filadelfianos. Entre eles estavam Kotter, Plaustrar, Felgenhausen, Warner, Reichard, Drabieides e outros. As mais notáveis eram três senhoras: Eva Margarete Frolich, esposa de um coronel sueco, Anna Maria Fleischer e Christina Poniatowski. Christina Poniatowski, filha de um nobre polonês, anunciou a derrota da Áustria e de Wallenstein, por meio de Gustavo Adolfo, e levou sua profecia a Wallenstein, mas foi impedida de encontrá-lo, entregando-a apenas à sua esposa.

“Comenius”, diz Wallenstein, “embora grande crente em astrologia, se divertiu bastante com a carta de Christina, dizendo que o Imperador recebia cartas de Roma e Constantinopla, mas ele recebia do céu.” Contudo, em 11 de dezembro de 1628, ela viu, em uma visão, Wallenstein caminhando em um manto ensanguentado, tentando escalar as nuvens por uma escada que quebrou, e ele caiu na terra vomitando sangue, fumaça e veneno, e um anjo

proclamou sua destruição certa. Isso ocorreu em 1634, quando ele foi assassinado em Egra.

Christina Poniatowski depois foi acometida de uma febre, morreu aparentemente, e permaneceu como morta por muitas horas, até que reviveu e viveu, casou-se e desfrutou de boa saúde por muitos anos.

Anna Maria Fleischer era uma senhora de Freyberg que, quando estava em seu êxtase profético ou clarividente, era erguida no ar, flutuando às vezes de um a quase nove metros de altura. Isso é relatado por Andreas Moller, o superintendente de Freyberg, e por Corrodi, um homem nunca acusado de superstição. Anna Fleischer costumava dizer que um menino, em trajes brilhantes, frequentemente lhe aparecia, mas sempre com vestes da época, motivo pelo qual os "sábios" diziam que não poderia ser um anjo. Ele anunciava que a licenciosidade e a usura do tempo, a embriaguez e a destruição de tanto cereal para a fabricação de aguardente trariam consigo a ira de Deus, guerra, peste, carestia e mudança nas condições religiosas. Aqueles que ouviam tais coisas riam, mas os acontecimentos vieram, e em horrores indizíveis.

CAPÍTULO XIV

O ESPIRITUALISMO ENTRE OS DISSENTES

Uma indiferença a este conhecimento das coisas invisíveis, ou um desespero prematuro de o atingir, pode ser considerado um indício de alguma deficiência moral ou intelectual, alguma escassez de proporções devidas da mente. –

Literatura da Europa de HENRY HALLAM, vol. i. pp. 275, 6.

Estamos intimamente convencidos de que o triunfo final do Espiritualismo trará consigo o restabelecimento completo da autoridade da Sagrada Escritura, esta palavra de Deus que encerra a mais alta sabedoria revelada aos homens pela disposição dos anjos do Eterno. –

BARÃO GULDENSTUBBE, Pneumatologia Positiva.

Embora os Dissentes tenham absorvido em demasia o terrível desperdício que devastou o Protestantismo, no entanto, não faltaram muitos dos seus maiores homens que, de tempos a tempos, prestaram testemunho irrestrito e eminente à realidade do espírito e das influências espirituais. Estes homens honestos e clarividentes tomaram a mesma posição que o Professor Hare tomou mais recentemente - que mesmo o departamento

desprezado das aparições fornecia provas mais substanciais da imortalidade da alma do que todos os raciocínios dos filósofos.

Mesmo os argumentos mais elevados de Platão não passavam de meras suposições de uma vida após a morte, mas o mais simples fantasma era uma prova positiva disso. 'Como', pergunta Hare, 'é que os teólogos, pelo menos, não conseguem ver, se os filósofos científicos e naturais não o fazem, o imenso, o importantíssimo valor do espiritualismo como arma contra o ateu e o deísta?

Uma vez provado que os fenómenos do espiritualismo são reais, o cético e o ateu perdem todos os argumentos em que se baseiam. Se for admitido que os espíritos realmente nos visitam, e o provam tanto movendo a matéria como mostrando uma inteligência espiritual, termina toda a argumentação. Estes são factos, e ocupam o seu lugar de forma inamovível no centro da arena do positivismo.

Podem negar o que é relatado apenas com base no testemunho de homens de há quase 2.000 anos, mas não podem negar o testemunho de homens agora vivos aos milhares e às dezenas de milhares. Não podem negar o testemunho de todos os seus sentidos, e do seu entendimento. O grande triunfo do Cristianismo vem então, como deve vir, do positivismo do espiritualismo. Prova o Cristianismo por analogia; adiciona uma nova e invencível força a todas as provas históricas e morais dele.'

'A filosofia positiva de Comte', diz Hare, 'afinal, é meramente negativa. É admitido por Comte que nada sabemos das fontes ou causas das leis da Natureza: que a sua origem é tão perfeitamente inescrutável que é inútil gastar tempo em qualquer escrutínio para esse fim. Trata o recurso à Divindade como causa, como uma mera abstração, tendente a confortar a mente humana antes de ela se ter familiarizado com a ciência, e destinada a ser posta de lado com o avanço da ciência positiva.'

É claro que a sua doutrina o torna abertamente um ignorante completo quanto às causas das leis, ou aos meios pelos quais são estabelecidas, e não pode ter outra base senão o argumento negativo acima exposto, ao objetar aos factos apurados em relação à criação espiritual. Assim, enquanto permite ao ateu o seu domínio material, o espiritualismo erguerá dentro e acima do mesmo espaço um domínio de uma importância tanto maior quanto a eternidade é para a duração média da vida humana, e quanto as regiões ilimitadas das estrelas fixas são para a área habitável deste globo.' (p. 26.)

Este era o ponto forte que as mentes mais capazes dos dissentes viram desde o princípio, e que os levou a aceitar provas de aparições, e provas

derivadas de sonhos realizados, mesmo onde não se importavam em enfrentar o saduceísmo da época raciocinando muito sobre o assunto. Entre os primeiros e mais francos dos Não Conformistas que derivaram um grande argumento para a imortalidade da alma desta fonte, estava o venerável Richard Baxter. No seu 'Repouso Eterno dos Santos' introduziu um tratado regular sobre aparições, e também escreveu uma obra expressa sobre o assunto, apenas alguns meses antes da sua morte, chamada 'A Certeza do Mundo dos Espíritos plenamente evidenciada por Histórias Inquestionáveis de Aparições e Feitiçarias, Operações, Vozes, &c.; provando a Imortalidade das Almas, a Malícia e Miséria dos Diabos e dos Danados, e a Bem-Aventurança dos Justos. Escrito para a Convencimento de Saduceus e Infiéis.'

Como as suas observações sobre este tema no 'Repouso Eterno dos Santos' foram escritas quase quarenta anos antes, mostra quão assentado era o princípio da agência sobrenatural na sua mente. Atribui como razão para a obra, que apesar das suas fortes convicções religiosas da verdade do Evangelho, da imortalidade da alma, &c., no entanto o diabo de vez em quando infundia dúvidas muito desconfortáveis na sua mente, e que encontrava todos os auxílios confirmadores úteis; e entre os de categoria inferior, aparições e outras manifestações sensíveis da existência certa de espíritos invisíveis, e especialmente que tais evidências eram boas para aqueles que eram propensos a julgar pelo sentido. O que o fortalecia devia fortalecer os outros, e por isso recolheu tais relatos, e não para agradar aos homens com a estranheza e novidade de tais histórias.

O espiritualismo de Baxter no seu 'Repouso Eterno dos Santos' encontrar-se-á na segunda parte, e aqueles que possam estar inclinados a tratá-lo como um sonhador fariam melhor em ver primeiro o que os maiores escritores do seu tempo e desde então disseram dele. O Dr. Kippis, na 'Biographia Britannica', faz uma estimativa muito elevada dele. Job Orton, nas 'Memórias de Doddridge', coloca-o acima de Rowe, Henry, Doddridge e Watts; e Orme diz que Baxter teria posto o mundo em chamas enquanto Orton acendia um fósforo.

Addison e o Dr. Johnson pronunciam os mais altos encómios sobre ele. Johnson diz que as suas obras são todas boas. Grainger, na sua 'História Biográfica', diz: 'Homens do seu tamanho não podem ser desenhados em miniatura;' e Wilberforce, embora a Igreja de Inglaterra tivesse expulsado Baxter, insistiu em ainda reclamá-lo como 'um dos seus mais altos ornamentos.' O Arcebispo Usher e o Bispo Wilkins, os Drs. Barrow, Manton, Bates, e outros grandes Eclesiásticos, rivalizam em elogiá-lo, e o Hon. Robert Boyle não menos.

Ele assegura-nos que não aceitava histórias de aparições sem uma investigação apropriada. 'Sou', diz ele, 'tão desconfiado como a maioria em tais relatos, e creio que a maioria deles são conceções e ilusões; no entanto, tendo sido muito diligentemente inquisitivo em todos os tais casos, recebi testemunho indubitável da verdade de tais aparições; alguns da boca de homens de honestidade e piedade indubitáveis, e alguns dos relatos de multidões de pessoas, que ouviram ou viram. Se fosse adequado aqui nomear as pessoas, poderia enviar-vos aos que ainda vivem, pelos quais seríeis tão plenamente satisfeitos como eu; e a casas que foram tão frequentemente assombradas com tais terrores, que os habitantes sucessivamente foram testemunhas disso.'

Ele mostra-nos que batidas eram conhecidas nos seus dias, isto é, antes de 1691. 'Há agora', diz ele, 'em Londres, um homem compreensivo, sóbrio, piedoso, muitas vezes um dos meus ouvintes, que tem um irmão mais velho, um cavalheiro de posição considerável, que tendo outrora parecido piedoso, nos últimos anos cai frequentemente no pecado da embriaguez. Ele aloja-se muitas vezes longamente aqui na casa do seu irmão, e sempre que está bêbado, e se dorme sóbrio, algo bate à cabeceira da sua cama, como se alguém batesse num lambril.

Quando mudam a sua cama, segue-o. Além de outros ruídos altos em outras partes onde ele está, que toda a casa ouve, vigiaram-no muitas vezes, e mantiveram as suas mãos para que não o fizesse ele mesmo. O seu irmão contou-mo muitas vezes, e trouxe a sua mulher, uma mulher discreta, para atestá-lo; que afirma, além disso, que enquanto o vigiava, viu os seus sapatos, debaixo da cama, serem levantados, e nada visível a tocá-los. Trouxeram o homem mesmo a mim, e quando lhe perguntámos como ousava pecar novamente após tal aviso, não tinha desculpa. Mas sendo pessoas de qualidade, por algumas razões especiais de interesse mundano, não devo nomeá-lo.'

Aqui temos todas as características de um médium no século XVII. Os ruídos apareciam onde ele estava. Suspeitavam dele de os fazer, como suspeitam agora dos médiuns, e seguravam-lhe as mãos para que não o fizesse, no entanto era feito na mesma, e os seus próprios sapatos quando debaixo da cama eram levantados.

Baxter cita 'O erudito, piedoso Zanchius, De Potentia Daemonum', e mostra dele que mesmo demónios são provas valiosas de vida espiritual. Não tira nenhum argumento contra o espiritualismo, como os ilógicos religiosos de hoje, mas vê que eles confirmam a religião. 'Zanchius', diz ele, 'admira que alguém deva negar que haja tais espíritos, como pelos efeitos são chamados bruxas ou fadas; isto é, tais como exercem familiaridade com

homens, e, sem ferir os corpos dos homens, vêm a eles e os perturbam, e, por assim dizer, brincam com eles. Poderia', diz ele, 'trazer muitos exemplos de pessoas ainda vivas que têm experiência destas em si mesmas; mas não é necessário nomeá-las, nem, na verdade, conveniente. Mas daqui, aparece que há tais espíritos no ar, e que quando Deus os permite, exercem o seu poder nos nossos corpos, ou para desporto ou para ferir.'

Mas nem Zanchius nem Baxter encontram qualquer argumento nestes graus inferiores de espíritos para denunciar o espiritualismo por completo. Pelo contrário, fundam grandes argumentos no facto. Tendo', observam, 'não só a certeza da palavra de Deus, mas a experiência diária do homem, para a sua existência, encontram utilidade nisso.' Estes diabos confirmam a nossa fé em Deus, nos bons anjos do reino dos céus, nas almas bem-aventuradas, e em muitas coisas mais que a Escritura entrega. Muitos negam que a alma do homem permaneça e viva após a morte, porque não veem nada sair dele senão o seu fôlego; e chegam a essa impiedade que riem de tudo o que se diz de outra vida. Mas não vemos os diabos; e é mais claro que o sol que este ar está cheio de diabos; porque, além da palavra de Deus, a experiência em si o ensina.

Baxter sabia tão bem como nós que esta fé era a fé de todas as épocas e nações. Gregório, Ambrósio, Agostinho, Crisóstomo, Nicéforo, &c., fazem menção frequente de aparições, e relatam as várias histórias ao pormenor. Podeis ler em Lavater de Spectris, várias outras relações de aparições, de Alexandre ab Alexandro, Baptista Fulgósio, e outros. Ludovico Vives "De Veritate Fidei" diz que entre os selvagens na América, nada é mais comum do que ouvir e ver espíritos em tais formas tanto de noite como de dia.

O mesmo testemunham outros escritores desses índios; assim diz Olaus Magnus dos islandeses. Cardano de Subtilit. tem muitas tais histórias. Assim Johan. Manlius em Loc. Common. Collectan. de Malis Spiritibus et de Satisfactione. Sim, o piedoso, sóbrio Melancthon afirma que tinha visto alguns tais visos ou aparições ele mesmo; e muitas pessoas credíveis da sua amizade lhe disseram que não só os viram, mas tiveram muita conversa com espíritos.'

De Lavater de Spectris, dá, com base no testemunho de muitas pessoas diferentes, relatos com todas as características fixas de tais coisas. De pessoas que tiveram as roupas da cama puxadas; outras que sentiram algo deitado na cama; outras que o ouviram andar no quarto por eles, falando, ou gemendo, e passando para dentro e para fora através de portas trancadas. Outras pessoas sob influência espiritual falavam grego e latim; e viam o que se passava a distâncias incríveis.

Assim o honesto Baxter confirma épocas anteriores e subsequentes por um testemunho inteiramente de acordo com os delas; nem porque sente o mal pronuncia tudo mau, mas racionalmente infere que porque há mal, deve haver bem também, pois tal é a evidência de toda a natureza, toda a história, e toda a revelação.

Uma descoberta curiosa é feita ao lê-lo. Incorreu, diz ele, em 1655, no conhecimento incómodo de um Clement Writer, de Worcester, um infiel; e, para refutar os seus argumentos, escreveu a sua 'Irracionalidade da Infidelidade'. Nisto encontramos que o grande argumento de David Hume, que lhe deu tanta notoriedade, e o caráter de tanta acutilância lógica - nomeadamente, que um milagre é incapaz de tal prova de testemunho humano como para o tornar digno de crença - era, na realidade, de Clement Writer mais de cem anos antes.

As palavras de Writer são - Qualquer realidade que pudesse ter pertencido aos milagres de Cristo, não pode ser provada de modo a obrigar-nos.' A ideia é idêntica, e priva Hume de toda a originalidade neste assunto; enquanto fornece um argumento essencial para a recorrência perpétua de milagres. A ideia tornou-se o dogma corrente de todo infiel, ao qual os fenómenos espirituais são as únicas respostas válidas.

A Baxter devemos adicionar o seu célebre contemporâneo, Bunyan. É um facto notável, e credível para o espiritualismo, que os autores de duas das obras mais universalmente populares nesta ou em qualquer língua - 'O Progresso do Peregrino' e 'Robinson Crusoe' - estavam ambos profundamente enraizados nesta fé. Nessas narrativas encantadoras, que foram as terras maravilhosas de todas as crianças desde que foram escritas - que foram lidas com o mesmo entusiasmo em todas as línguas, e pelos detentores de todos os credos, e das quais a beleza nunca desvanece, e o amor nunca declina, mesmo com os anos declinantes - temos as conceções de dois dos espiritualistas mais decididos que já viveram.

Eram demasiado ousadamente honestos para negar as solenes garantias dos intelectos líderes dos tempos passados; estavam demasiado intimamente familiarizados com a alma e os arredores da humanidade, para não ver e sentir a ação perpétua do mundo invisível no invisível dentro de nós. De Foe escreveu uma obra expressamente sobre o assunto; John Bunyan escreveu uma que é inteiramente uma composição espiritual. O seu peregrino é alguém que parte deste mundo para o mundo vindouro inteiramente na fé de Cristo e dos Seus milagres. É conduzido e defendido por anjos; e quer pise o Vale da Sombra da Morte, entre os abismos de Satanás, e picado pelas setas de Apolião, ou suba as Montanhas Deleitáveis, e tome vistas encantadoras para a terra de Emanuel, sabe que

todas estas coisas são realidades, e não meros sonhos e alegorias. O próprio modo pelo qual 'O Progresso do Peregrino' é comunicado, marca-o como intromissão espiritual. Como Rafael, Coleridge, com o seu Christabel, Schiller, segundo a sua própria confissão, e muitos outros, ideias não suas caíram sobre ele. Enquanto estava, de facto, ativamente empenhado em escrever algo mais, o ídolo do 'Peregrino' apresentou-se - atravessando o seu trem normal de pensamento - e levou-o para uma nova e mais maravilhosa via:

> Agora quando pela primeira vez peguei na minha pena na mão,
> Assim para escrever, não entendia
> Que faria um pequeno livro
> De tal modo; não, eu tinha empreendido
> Fazer outro, que, quando quase feito,
> Antes de estar ciente, este comecei.

Precisamente à maneira da sugestão espiritual; o plano inteiro da sua obra não lhe foi revelado de uma vez; a matéria foi-lhe dada por graus:

> E assim foi: Eu escrevendo do caminho
> E raça dos santos neste, nosso dia do evangelho,
> Caí subitamente numa alegoria
> Sobre a sua jornada, e o caminho para a glória,
> Em mais de vinte coisas que anotei.
> Feito isto, vinte mais tinha na minha coroa;
> E elas começaram novamente a multiplicar-se
> Como faíscas que das brasas do fogo voam.

Os biógrafos de Bunyan foram extremamente zelosos de qualquer imputação de um empréstimo da ideia do 'Peregrino' de qualquer autor anterior. Que tinha havido um número de tais obras, e quase sob o título exato, é notório. Tão cedo como no século XIV, Guilherme de Déguilleville, um padre da Abadia Real de São Bernardo, em Chagles, escreveu o seu 'Romance dos Três Peregrinagens', no qual um peregrino parte na mesma jornada para o céu, é conduzido por uma bela mulher chamada Graça de Deus, e encontra inimigos, perigos e triunfos semelhantes.

A segunda parte deste 'Progresso do Peregrino' foi traduzida para inglês, e impressa por Caxton, como a Peregrinação da Alma, em 1483, da qual tivemos ultimamente uma versão belamente ilustrada. Depois havia o 'Peregrino da Perfeição', escrito por Guilherme Bond, um monge do Mosteiro de Sion, e impresso em 1526, por Wynkyn de Worde. Em 1627 Boécio Adam Bolswaert publicou em Antuérpia um Progresso do Peregrino,

numa série de gravuras, nas quais o Pântano do Desespero, o Vale da Sombra da Morte, e a Feira da Vaidade são claramente discerníveis. Este 'Progresso do Peregrino' foi rapidamente republicado em francês, espanhol, holandês, e outras línguas, muito antes de Bunyan nascer. Havia, além disso, em inglês, dez anos antes do de Bunyan, 'A Parábola do Peregrino', por Simão Patrick, Bispo de Ely. Ainda mais cedo (nomeadamente, em 1591), 'A Peregrinação para o Paraíso', por Leonardo Wright; em 1613, 'A Jornada do Peregrino para o Céu', por Guilherme Webster; 'A Passagem do Peregrino para Jerusalém', 1659, e outros.

Assim a ideia, e mesmo os traços principais, de um 'Progresso do Peregrino' eram suficientemente familiares para terem passado entre as pessoas de inclinação religiosa, e eram tais como eram muito prováveis de o terem feito, e de terem tomado profundo hold nas suas mentes. Se Bunyan não tivesse lido efetivamente nenhum deles, poderiam ter vindo, como os 'Meninos do Bosque' e coisas afins, oralmente à lareira doméstica, e apoderado da sua imaginação juvenil na sua forma mais insinuante.

É, portanto, tão provável que Bunyan tivesse assim sugado, pela lareira doméstica, ou em algumas das rondas de latoeiro do seu pai, nas quais o acompanhava, a ideia do Peregrino, que as suas experiências espirituais posteriores e leitura das Escrituras o tornaram mais querido; como é certo que lançou no seu Peregrino um tom muito mais elevado e uma originalidade mais brilhante do que distinguia qualquer dos seus predecessores. Mas este tom e originalidade fascinante, assegura-nos ele, veio subitamente, não sabia como, à sua mente, quando ocupado por outro tópico. Donde?

E se o autor desencarnado das 'Três Peregrinações', ou da 'Peregrinação da Alma', tivesse, com um alcance de visão mais elevado e mais amplo, um conhecimento mais perfeito, reunido no mundo espiritual em si, assim derramado esta versão enobrecida e consumada da sua obra no cérebro de Bunyan, dando-lhe uma nova e eterna carreira na terra, tornando-a um novo missionário de Deus no mundo da provação?

Isto, dir-se-á, é uma teoria que rouba os homens de originalidade, e os torna meros médiuns, não os autores das suas escrituras. Mas o que são os homens mais brilhantes senão tais médiuns? Donde vêm a originalidade e novas emoções intelectuais? dos homens, ou de cima? Há alguma coisa que possuímos, espiritualmente ou intelectualmente, que não venha de Deus, descendo através da cadeia dos Seus anjos? Poderíamos tão bem dizer que todo fruto ou produto da terra não vem primeiro do sol na sua luz e calor vivificantes. Nenhum homem poderia ser tão pronto como Bunyan a esvaziar-se da originação de qualquer coisa grande e gloriosa, e a atribuí-la

ao Poder que fez o padrão de todas as coisas vistas aqui em baixo, primariamente nos céus.

Não só nas suas escritas - nenhuma das quais tem qualquer semelhança em originalidade e beleza fresca com o 'Progresso do Peregrino' - mas na sua pregação, Bunyan atribui distintamente a vida e poder motive à agência espiritual. Diz ele, 'Tenho com sobriedade considerado que o Senhor, mesmo na minha infância, me assustou e aterrorizou com sonhos.' Assim sonhou sonhos expressamente enviados de Deus. Mas não só isso, mas todos os passos pelos quais foi tirado da sua maldade, como um pobre latoeiro mal-ensinado e desmoralizado, acostumado ao máximo grau de profanidade e crime, sentiu serem da mão direta de Deus.

Todas as horríveis tentações, e assaltos aterrorizantes e persuasões ao desespero e à autodestruição, sabia demasiado bem serem obra de diabos reais, e não meras imaginações ou ideias abstratas de 'mal personificado'. Eram para ele tão reais e substanciais como os fez ao seu Peregrino. A experiência de Cristão era inteira e absolutamente a sua própria. Sabia que a voz que por fim atingiu a sua consciência, e deteve a sua carreira de crime, era uma voz real do céu, e não uma fantasia.

Mas no mesmo dia, enquanto estava no meio de um jogo de gato, e tendo-o atingido um golpe do buraco, mesmo quando ia atingi-lo uma segunda vez, uma voz subitamente disparou do céu para a minha alma, e disse, "Deixarás os teus pecados e irás para o céu, ou terás os teus pecados e irás para o inferno?" Nisto fiquei num espanto excessivo. Portanto, deixando o meu gato no chão, olhei para o céu, e foi como se tivesse, com os olhos do meu entendimento, visto o Senhor Jesus olhando para mim, como estando muito quente desapontado comigo, e como se Ele me ameaçasse severamente com algum grave castigo por estes e outros práticas ímpias.'

Ele estava a jogar ao gato num domingo.

Todos estão familiarizados com a longa e agonizante luta espiritual de Bunyan antes de emergir num sentido pleno do perdão e aceitação Divinos; e aqueles que consideram estas como os meros efeitos de uma imaginação excitada, ainda têm de aprender uma psicologia sã e prática. Era uma escolaridade necessária para produzir um grande e efetivo professor do processo de regeneração Cristã. Ouviu, ocasionalmente, tais vozes inconfundíveis dos guardiães e treinadores espirituais de Deus na vida celestial, 'que uma vez', diz ele, 'acima de todas as restantes, virei a cabeça sobre o meu ombro, pensando certamente que algum homem atrás de mim a meia milha, me tinha chamado.'

Acrescenta, 'Vi e senti que foi enviado do céu para me despertar.' A voz, sem dúvida, era tão real como a que veio à criança Samuel no Templo; e a sugestão do diabo era tão real e mais aparentemente compulsória. 'Estava preso nas asas de um vento', diz ele, 'que me levaria a disparar algum pensamento horrível blasfemo ou outro contra Deus ou Cristo Seu Filho, e as Escrituras.' Tão poderoso era o poder mau que se esforçava por varrê-lo nas asas do vento para o mal, que diz, 'Às vezes chutava; gritava e chorava; e estas coisas não me faziam abrandar o choro.' Sentia a presença espiritual do diabo ao seu lado. 'Pensei', diz ele, 'que o sentia atrás de mim, puxando as minhas roupas.'

Há muitos, hoje em dia, que sentiram os puxões reais de espíritos, tanto bons como maus. Eu mesmo, há alguns anos, poderia ter considerado esta impressão de Bunyan uma fantasia estranha; agora vi demasiado para pensar que o seu ser um simples facto seja algo extraordinário. Nestes aspetos as experiências de Bunyan assemelham-se grandemente às de Lutero; e nenhum destes homens de alma forte e honesta eram o que se chama racionais o suficiente para restringir tais fenómenos primeiro à Bíblia, e depois explodi-los por completo.

Como Lutero, Bunyan atribuía a influências demoníacas tempestades, naufrágios, pragas, e afins. Tinha, por vezes, visões mais esplêndidas e vivas, e revelações interiores da graça Divina. O seu trabalho ministerial era mostrado por impressão. 'Observei que, onde tinha um trabalho a fazer para Deus, tinha primeiro, por assim dizer, o ir de Deus sobre o meu espírito, para desejar que pregasse ali. Também observei que tais e tais almas em particular foram fortemente postas no meu coração, e fui agitado para desejar a sua salvação; e que estas mesmas almas foram, depois disto, dadas como frutos do meu ministério.'

Embora Bunyan e os Amigos não se pudessem entender um ao outro, neste aspeto estão de um testemunho. Quando no seu julgamento, tinha palavras diretas de Deus postas na sua boca, como Cristo tinha prometido aos Seus seguidores. 'Digo que Deus trouxe as palavras, pois não tinha pensado nelas antes; foram postas evidentemente perante a minha mente.' Os juízes, como os nossos homens mundanos-sábios agora, atribuíam a sua fé a 'Belzebu, ao espírito da ilusão, e ao diabo.'

Bunyan tinha uma firme crença em juízos divinos, e interposições diretas para a defesa do povo de Deus, e punição aberta para os seus perseguidores; e regista muitos casos curiosos destes. Tal era a filosofia de John Bunyan, que a aprendeu da sua Bíblia enquanto caminhava com a sua trouxa de latoeiro através de campos e caminhos à volta de Elstow, ou jazia prisioneiro na cadeia de Bedford, doze longos anos por causa da

consciência. Não eram fantasias que o armavam para toda esta endurance, quando poucas palavras de mansidão complacente o teriam posto em liberdade. Não eram fantasias que lhe permitiram sacrificar todo o gozo terreno, fazer batalha robusta com Papa e Pagão, e mostrar-nos o caminho para derrubar o Castelo da Dúvida.

Num 'Relato da Paróquia de Aberystwyth', por Eduardo Jones, impresso em 1779, encontramos os argumentos de Baxter das provas da imortalidade da alma também usados pelo autor, que era um ministro Independente. Apreendi de forma justa', diz ele, 'que uma relação bem atestada de aparições e agências de espíritos no mundo é um grande meio para prevenir as infidelidades capitais do Ateísmo e Saduceísmo, que ganham muito terreno em alguns países; pois no País de Gales, onde tais coisas aconteceram muitas vezes, e ainda acontecem em alguns lugares, embora raramente agora, mal encontramos alguém que questione o ser e aparição de espíritos.'

O Sr. Jones, como a maioria dos galeses, tinha tido experiências deste tipo próprias. Diz que, quando rapaz muito jovem, indo com a sua tia, Isabel Rogers, cedo de manhã, mas após o nascer do sol, viu, perto da casa do seu pai em Pen-yrKeven, a semelhança de um curral de ovelhas, com uma porta para o sul, e sobre a porta, em vez de um lintel, o ramo seco de uma árvore. Pessoas saíam, todas vestidas num traje antigo, os homens com gravatas brancas, e uma mulher bela com um chapéu alto e casaco vermelho, a quem pareciam honrar.

Pensou que o ramo sobre a porta era de aveleira, e todos ao passarem por baixo dele faziam uma reverência. O rosto belo e bem formado da mulher, diz, ainda permanecia muito claro na sua memória. Diz que tais aparições eram comuns à volta de Havodavel e Kevenbach, e que as pessoas de Monmouthshire chamavam às Fadas, Bênçãos da Mãe e Povo Belo do Bosque, embora não fossem espíritos abençoados.

O Dr. Doddridge tinha uma forte fé numa revelação por sonhos, e o Rev. Samuel Clarke relata um que fez uma impressão maravilhosa sobre o Doutor. Neste sonho imaginou que via a Morte e a passagem do seu espírito para o mundo invisível. Foi encontrado por um homem velho e conduzido a um palácio, mais belo do que qualquer coisa que tivesse visto na terra, e foi dito que era a sua residência presente. Quando olhou à volta num nobre salão, viu uma taça dourada sobre uma mesa, com as figuras em relevo de uma videira e cachos de uvas sobre ela. Esta, foi dito, era a taça na qual o Salvador bebeu vinho novo com os Seus discípulos no Seu reino. Ouviu então uma batida à porta, e foi dito que era o sinal da abordagem do seu Senhor, e destinado a prepará-lo para a entrevista.

O Salvador entrou então, e atirou-se aos Seus pés e foi levantado por Ele, e foi apresentado com a taça, da qual bebeu. Quando o Senhor o deixou, olhou novamente à volta do apartamento, e, para o seu espanto, viu que estava pendurado à volta com as pinturas de toda a sua vida, nas quais nada de importante foi omitido. Viu então como tinha sido conduzido e protegido por agências divinas e angélicas, e a alegria assim difundida por ele era inconcebível. Ao acordar, as impressões continuaram tão vívidas, que lágrimas de alegria correram pelas suas faces, e disse que nunca, em qualquer ocasião, se lembrava de ter sentido sentimentos de devoção, amor e gratidão igualmente fortes.

O Dr. Isaac Watts, um grande homem entre os Dissentes, autor de um sistema de lógica, mas melhor conhecido de todos pelos seus hinos religiosos, não só defendeu fortemente o facto das aparições, mas escreveu um ensaio para provar um estado separado da alma entre a morte e a ressurreição geral. Nisto diz, 'A multidão de narrações que ouvimos em todas as épocas de aparições de espíritos ou fantasmas de pessoas partidas desta vida, dificilmente pode ser toda ilusão e falsidade.

Algumas delas foram afirmadas aparecer em ocasiões tão grandes e importantes como podem ser iguais a tal evento invulgar; e vários destes relatos foram atestados por testemunhas de sabedoria, prudência e sagacidade, sob nenhumas perturbações da imaginação, que podem justamente exigir crença.' Cita, em confirmação de tal teoria, a aparência de Cristo caminhando sobre a água, quando os Seus discípulos O tomaram por um espírito, as aparências de Cristo após a Sua ressurreição, e outras passagens escriturais. Pensa que a aparência de aparições é uma forte prova de um estado intermédio, de onde podem retornar para fins divinos especiais.

A célebre Condessa de Huntingdon, uma filha do Conde de Ferrers, que se tornou uma grande discípula e patrona de Whitefield, que era o seu capelão, era uma firme crente em agências espirituais. Foi uma das pessoas mais enérgicas e notáveis do seu tempo. Após a morte de Whitefield, tomou a gestão dos seus convertidos, fundou escolas e colégios, e construiu capelas; de modo que a sociedade adquiriu o nome de Sociedade da Senhora Huntingdon. Na sua 'Vida', em 2 vols. 8vo. pelo Rev. Alfredo New, encontramos abundantes evidências de espiritualismo.

O seu marido, o Conde de Huntingdon, que era notável por raramente ter consciência de sonhar, sonhou uma noite que a Morte, na semelhança de um esqueleto, apareceu aos pés da sua cama; e, após estar um pouco, destapou as roupas da cama no fundo, rastejou pela cama acima, e deitou-se entre ele e a sua senhora. Sua senhoria contou o seu sonho de manhã à

condessa, que afetou fazer pouco dele; mas o conde morreu de apoplexia cerca de quinze dias depois, no quinquagésimo ano da sua idade (vol. i. 74).

Na mesma obra, uma circunstância muito extraordinária é registada como ocorrendo a Whitefield. Ao tomar o seu texto, numa reunião ao ar livre em Yorkshire - Está ordenado aos homens morrerem uma vez, &c. - um grito teve lugar na audiência; e o Sr. Grimshaw apressou-se a dizer-lhe que uma pessoa tinha caído morta. Após pausar um momento, repetiu novamente o texto; e outro grito seguiu do local onde a Senhora Huntingdon e a Senhora Margarida Ingham estavam; e foi anunciado que o anjo destruidor tinha levado outra alma.

Cerca de três anos antes, a Condessa de Huntingdon foi estabelecer uma congregação em Brighton, uma senhora, que vivia na vizinhança da cidade, sonhou que uma senhora alta, cujo vestido notou particularmente, viria a Brighton, e seria o meio de fazer muito bem ali. Um dia aconteceu encontrar sua senhoria na rua; e, fixando os olhos nela, exclamou, 'Ó senhora, veio!'

A Senhora Huntingdon, surpresa com a singularidade de tal endereço de uma estranha completa, pensou a princípio que a mulher estava perturbada. 'O que sabe de mim?' perguntou a condessa. 'Senhora', respondeu a pessoa, 'Vi-a num sonho há três anos, exatamente como aparece agora:' e relatou então todo o sonho. Uma amizade surgiu entre elas; e a Senhora Huntingdon foi feita instrumental na sua conversão. A senhora morreu cerca de um ano depois, em plena certeza de esperança, através de Jesus Cristo (vol. i. 313).

Em 1763 a condessa perdeu a sua filha, Senhora Selina Hastings. Durante a sua doença, a Senhora Huntingdon tinha todos os dias muitas promessas dadas da bondade de Deus para com a sua filha, todas as quais interpretou no sentido carnal, como os Judeus, e pensou que a sua filha recuperaria, e faria bem novamente. Por este meio foi maravilhosamente apoiada, e os seus espíritos mantidos até ao fim. E quando o Senhor a deixou ver que as coisas eram intencionadas de outra forma do que pensava, então Ele preparou para ela uma fresca fonte de conforto' (vol. i. 333).

O Sr. Romaine, que relata isto, não nos diz como a Senhora Huntingdon recebeu estas garantias; mas é provável que fosse pelas Sortes Bíblicas, que encontramos, de um grande humorista da sua fé, o Sr. Berridge, vigário de Everton, Cambridgeshire, estava em uso entre eles. Ele informa-nos que procurara direção quanto a tomar uma esposa, ajoelhando-se, orando, e depois abrindo a Bíblia, e assim fora repetidamente determinado contra isso. Diz, 'Este método de procurar inteligência Divina é muito escarnecido por professos frívolos, que andam à larga, e não desejam esse doce e

secreto acesso ao assento da misericórdia, que os bebés do reino encontram.

Durante os últimos doze anos tive ocasião de consultar o oráculo três ou quatro vezes em assuntos que pareciam importantes e duvidosos, e recebi respostas plenas e claras. Não era esta a prática da igreja judaica? e podemos pensar que Deus negará essa direção à igreja Cristã que concedeu livremente à judaica? Não é o acesso ao assento da misericórdia mais livre e aberto do que antes? Creio que casos perplexos são muitas vezes enviados de propósito para nos ensinar a inquirir do Senhor. Ao deixar os oráculos de Deus, fazemos um oráculo do homem; e somos propriamente castigados pela nossa tolice. Onde está a fé? Enterrada sob montanhas, e não as removendo.

No entanto, esta inquirição oracular não deve ser feita em ocasiões leves e triviais, e, muito menos, com um espírito leve e trivial. Quem consulta o oráculo corretamente, entrará na inquirição com a mesma solenidade com que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos; nem deve isto ser feito senão num dia alto: não em ocasiões triviais, mas em preocupações muito importantes. E quem assim consulta a Palavra de Deus como o seu oráculo, com um desejo sincero de conhecer e fazer a vontade de Deus, creio que receberá a informação' (vol. i. 389).

Diz que as pessoas receberam respostas às suas primeiras inquirições, e nunca depois, porque perguntaram de meras matérias triviais; e que, embora Deus esteja disposto a ser consultado, não está disposto a ser brincado.

Para o fim da vida da Senhora Huntingdon, o Senhor Douglas, um papista vivendo em Bruxelas, convidou-a a visitá-lo ali, prometendo-lhe muito sucesso entre os Católicos. A Senhora Huntingdon, sempre pronta a espalhar o evangelho, aceitou o convite, e mandou preparar uma nova equipagem para a viagem, mas sendo obrigada a parar em diferentes lugares em Inglaterra no caminho para Dover, nos assuntos das suas capelas, deu tempo para chegarem cartas de Bruxelas, informando-a que o convite do Senhor Douglas era um complô para a assassinarem ali, bem como qualquer dos seus pregadores que a pudessem acompanhar.

Ela atribuiu apropriadamente este atraso oportuno como uma interposição direta da Providência. Como Stilling, e Müller de Bristol, teve frequentes instâncias de tais interposições. Um cavalheiro que a assistia na gestão da Capela de Spafields chamou um dia à sua casa para expostular com ela pela impropriedade de entrar em compromissos para outra capela na metrópole, sem ter os meios de os cumprir honrosamente. Antes de ele deixar a casa chegaram as suas cartas.

Ao abrir uma o seu rosto iluminou-se, e as suas lágrimas começaram a correr. A carta era para este efeito: - Um indivíduo que ouviu dos esforços da Senhora Huntingdon para espalhar o evangelho, pede a aceitação do cheque anexo, para a assistir na louvável empreitada.' O cheque era por quinhentas libras, a soma exata pela qual estava comprometida. 'Aqui', disse ela, 'toma-o, e paga pela capela, e não sejas mais descrente, mas crente!' (vol. ii. 508).

O falecido Sr. Priestly, visitando-a poucos dias antes da sua morte, ela disse, 'Não posso dizer-vos em que luz vejo agora aquelas palavras, "Se um homem me ama, guardará as minhas palavras, e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada." Ter nesta sala tal companhia, e ter tal perspetiva eterna, vejo este sujeito agora numa luz impossível de descrever' (vol. ii. 510).

Após a sua morte, a Senhora Anne Erskine tomou o seu lugar na gestão da sociedade, e declarou a sua experiência das mesmas provisões oportunas que a Senhora Huntingdon recebera - numa ocasião, num momento de máxima necessidade, e quando os fundos necessários não podiam ser esperados de qualquer quarto particular, uma senhora chamando e apresentando-lhe £500. Esta Senhora Anne predisse a sua própria morte. Ao ir para a cama disse, 'O Senhor revelar-se-á a mim amanhã,' e na manhã seguinte foi encontrada aparentemente num sono calmo, mas na verdade morta na sua cama.

A Senhora Huntingdon gastou mais de £100.000 nos seus labores religiosos, e não só estabeleceu os colégios de Trevecca no País de Gales, e de Cheshunt, perto de Londres, mas construiu com os seus próprios fundos numerosas capelas em diferentes partes do reino. Foi o meio não só de introduzir a religião entre os pobres, mas também entre os ricos e titulados. A sua sala de visitas estava lotada de aristocracia, onde Whitefield e por vezes Wesley pregavam a eles.

Entre os ouvintes estavam o Senhor Chesterfield, o Senhor e Senhora Dartmouth, Bolingbroke, a Duquesa de Bedford, o Senhor e Senhora Dacre, Senhores Townshend, Northampton, Tavistock, Lyttelton, Trafford, Edgecombe, e muitos outros; as Duquesas de Hamilton, Richmond, &c. - de facto, multidões inteiras de nobreza. Entre aqueles que vieram dentro do seu círculo, estavam Pope, Akenside, Drs. Watts e Doddridge; Blair, autor de 'O Túmulo'; Col. Gardiner; o pai de Godwin era um dos seus pregadores, e assim o avô da Sra. Shelley; Romaine, Toplady, Fletcher de Madeley, Venn, João Newton, Dr. Haweis, e muitos outros clérigos do Estabelecimento, Rowland Hill, &c., eram da sua sociedade; e quase toda a

cidade e aldeia do País de Gales dá testemunho do efeito extenso dos seus labores nas capelas de Calvinistas-Metodistas.

Foi a primeira a originar a inquirição nos abusos das caridades escolares de Inglaterra pela sua restauração bem-sucedida da escola e hospital de Repton, em Derbyshire, a atividade reformada; e o Senhor Chesterfield, um juiz de caráter humano, deixou a sua declaração, que possuía uma das mentes mais equilibradas, sagazes e masculinas que jamais encontrou.

Mas a história de uma pessoa de nome similar, mas de origem plebeia mais humilde, não é muito menos notável do que a da condessa. Guilherme Huntington era filho de um pobre trabalhador agrícola em Kent, e nasceu em 1744. Os seus pais eram os mais pobres dos pobres, e a sua infância passou em fome e adversidade; mas desde os seus primeiros anos teve as convicções mais fortes da providência sempre presente de Deus, e aprendeu a lançar-se inteiramente no Seu cuidado, e cresceu para ter uma firme fé que seria sempre provido. Chamava a Deus o seu banqueiro, e escreveu a sua autobiografia, chamando-lhe 'O Banco da Fé'.

Nisto relata as ocorrências mais extraordinárias, pelas quais lhe foi prometido alívio das suas dificuldades, e que promessas foram sempre cumpridas, embora muitas vezes no último momento, e após as provações mais severas da sua fé. De um pobre rapaz de servir, no entanto, no Esquire Cook's, cresceu gradualmente para um carregador de carvão, e recaiu em deísmo. Casou-se, retornou à sua vida religiosa, foi viver para Sunbury, juntou-se aos Calvinistas Metodistas, e tornou-se um pregador.

A princípio, as suas pregações eram apenas em lugares obscuros, mas o seu ministério alargou-se tanto que veio a manter um cavalo, estendeu os seus labores a Londres, cresceu muito popular, e finalmente casou-se com a viúva de Sir Jaime Sanderson, Aldeão de Londres, e passou a última parte da sua vida como homem de riqueza. Para uma ideia plena do espiritualismo de Huntington, o leitor deve referir-se ao seu 'Banco da Fé', ou a um relato condensado dele na 'Revista Espiritual, vol. i. 77. A sua vida é uma série de sonhos, profecias, e previsão, mas, acima de tudo, notável pelas intimações prevalecentes de ajuda que viria de tempo a tempo, e que veio infalivelmente, provando não só uma providência geral mas particular e diretamente interferente.

Entre instâncias recentes de crença espiritual, podemos selecionar a admissão dela pelo Rev. Isaac Taylor, o célebre autor da 'História Natural do Entusiasmo', 'A Teoria Física de outra Vida', &c., um dos raciocinadores mais capazes do nosso tempo. Falando de comunicações dos falecidos aos vivos, diz, 'A suposição de haver uma persuasão universal totalmente infundada, não só na sua forma e adjuntos, mas na sua substância, faz

violência aos princípios do raciocínio humano, e claramente é de consequência perigosa.'

Noutro lugar afirma a sua crença literal das possessões demoníacas do Novo Testamento, recusando reduzi-las a meras doenças. Não podemos negar a sua realidade sem destruir por completo a autoridade das Escrituras. As narrações do evangelho nestes casos são de um tipo não para ser disposto pela hipótese de acomodação; mas são de uma compleição histórica clara, tal que, se forem rejeitadas como falsas, estamos obrigados a retirar a nossa confiança por completo dos repórteres, como testemunhas competentes e confiáveis de factos.'

Outra grande autoridade entre os Independentes é o Dr. João Campbell, o ministro da Capela do Tabernáculo, Finsbury, e editor do 'Estandarte Britânico', &c. Com essa vigor maciço que distingue o seu estilo, durante as controvérsias quanto ao espiritualismo em 1852, entregou no 'Estandarte' este veredicto em novembro desse ano: - Uma filosofia orgulhosa de ceticismo ímpio, claro, derrama desprezo sobre todos tais factos e circunstâncias alegados. Que muita credulidade, alguma superstição e ilusão, e, pode ser, alguma astúcia e impostura egoísta, possam ter-se misturado com tais coisas, sentimos impossível negar; mas que o todo prove ilusão é mais do que estamos preparados para conceder.

Junto com a triste massa de moeda falsa, estamos fortemente inclinados a crer que havia uma porção daquela que era genuína. Não vemos razão para começar com isso como um primeiro princípio, que tais coisas são impossíveis, desnecessárias, e, portanto, não existentes. Somos por vezes confrontados com a questão de a quem é que beneficia (cui bono)? Negamos a nossa obrigação, como condição de fé racional, de provar o proveito. Pode existir onde não o vemos, e ter fins importantes a realizar com os quais estamos desconhecidos. Concebemos que o que foi nas épocas precedentes às dos apóstolos, e o que ocorreu nos seus dias, pode ocorrer novamente.'

Uma grande massa de declarações corroborativas poderia ser tirada de escritores e pregadores Metodistas, mas, como tratarei separadamente de Wesley e dos seus seguidores, reservarei estes casos para esse capítulo.

Talvez deva colocar o testemunho da Sra. Schimmelpenninck aqui; pois, como foi educada uma Amiga, seria difícil na sua vida posterior apropriá-la estritamente a qualquer igreja particular. Na sua 'Autobiografia' dá muitas provas da sua fé no intercâmbio espiritual. No seu primeiro volume (p. 225), diz,

'A conexão entre o mundo visível e invisível é uma das maiores de todas as questões, e deve permanecer sempre um sujeito de preocupação mais profunda, especialmente para o homem regenerado.' Acrescenta que nada senão uma queda num estado mais grosseiro e mais material, pode aniquilar esse interesse. Quanto a todos aqueles que desdenhou esta crença entre os seus contemporâneos, diz, 'No fim de sessenta e cinco anos, todos aqueles dos cujos lábios ouvi o sentimento aprenderam que é o mundo invisível que constitui a única realidade, e que esses interesses prementes que outrora conceberam como realidades vívidas, provaram ser as sombras passageiras.'

Regista uma providência notável ocorrendo à sua tia, Senhora Watson, pela qual salvou a vida do seu marido enviando um barco numa tempestade para salvar uma pessoa em perigo num rochedo isolado, sem saber quem era, mas que provou ser o próprio Sir Guilherme Watson. Defende zelosamente os milagres. Declara a criação o maior dos milagres permanentes. Diz, 'Aprouve a Deus criar o homem com sentimentos morais,' e pergunta 'se não seria a maior das improbabilidades, que, tendo concedido a ele este dom, não lhe proporcionasse meios para o seu exercício num objeto verdadeiro.

Mas como pode este objeto ser conhecido senão por uma revelação da mente de Deus de Deus Mesmo? E como pode essa revelação ser dada de Si Mesmo a uma criatura formada à imagem da Divina Trindade, sem uma revelação que fala com uma voz tripla ao seu ser triplo? Ao espírito do homem pelo Espírito Divino; aos sentidos do homem pelos sinais exteriores de poder, e ao seu entendimento por deduções de ambos? Sendo este o caso, a realidade de uma comunicação por milagres aos sentidos do homem envolve não maior improbabilidade do que o facto de que Deus devesse ter dado ao homem uma revelação de todo' ('Vida', p. 219).

A Sra. Schimmelpenninck, na sua autobiografia, dá-nos também o sonho notável e aparição do Sr. Petty, o filho do Senhor Shelbourne, com autoridade do Dr. Priestley, que era bibliotecário do Senhor Shelbourne na altura. O Sr. Petty sonhou que cavalgava num estranho, escuro, velho carro para High Wickham, que era o lugar de sepultamento dos Shelbournes, e, ao ser carregado para fora (pois era fraco), viu que o carro parecia um carro fúnebre, e havia uma longa fila de carros de luto atrás dele. Era apenas um jovem, com menos de vinte, e imaginou que prognosticava a sua morte. O Dr. Priestley esforçou-se por persuadi-lo da fantasia; como o Senhor Shelbourne, no entanto, estava fora de casa, pensou melhor enviar pelo homem médico, que ordenou ao Sr. Petty não sair de portas por qualquer motivo, pois o tempo estava frio, sendo janeiro, e o seu peito fraco.

O homem médico, chamando um ou dois dias depois, ficou surpreendido ao ver o Sr. Petty vir correndo pela entrada da casa ao seu encontro, desrespeitando a sua proibição. Antes de o alcançar, no entanto, desapareceu atrás de alguns arbustos, e o doutor, pensando que o eludia para evitar ser repreendido, seguiu para a casa, onde aprendeu, para o seu espanto, que o Sr. Petty acabara de expirar, não tendo saído da casa de todo.

O Dr. Priestley, que pensou que os ruídos na casa do Sr. Wesley, em Epworth, tinham sido o resultado de algum truque, parece ter sido diferentemente impressionado por estes eventos. A Sra. Schimmelpenninck diz que este relato não só lhe foi dado pelo Dr. Priestley, mas foi confirmado a ela muitos anos depois pelo Dr. Allsop de Calne, o homem médico que atendeu o Sr. Petty na ocasião.

Fecharei este capítulo com as observações de outro Unitário distinto - uma classe de doutores da igreja, talvez, mais afastada do que mesmo a Igreja de Inglaterra da impressão espiritual. O Sr. Teodoro Parker diz do espiritualismo: 'Deixai que outros julguem os méritos e defeitos deste esquema - ainda não organizou uma Igreja - no entanto, em todas as épocas, desde as mais antigas, os homens mais ou menos livremente expuseram as suas doutrinas. Encontramos estes homens entre os desprezados e abandonados; o mundo não estava pronto para os receber.

Foram apedrejados e cuspidos em todas as ruas do mundo. Os "piedosos" queimaram-nos como odiadores de Deus e do homem; os maus chamaram-lhes maus nomes e deixaram-nos ir. Serviram para carnear as espadas da Igreja Católica, e alimentar os fogos dos Protestantes, mas chamas e aço não os consumirão; a semente que semearam é viva em muitos corações - a sua memória abençoada por tais que vivem divino. Estes são os homens a quem o mundo abre larga a boca, e tira a língua, e solta o seu riso impertinente; mas vão em frente, a esperança perdida da raça; mas a Verdade põe uma parede de fogo à volta deles, e segura o escudo sobre as suas cabeças no dia da aflição.

A batalha da verdade parece muitas vezes perdida, mas é sempre ganha. Os seus inimigos apenas erigem o andaime sangrento onde os obreiros de Deus sobem e descem, e, com mãos divinas, constroem mais sabiamente do que sabem. Quando o andaime cai o templo aparecerá.'

Assim as mentes líderes de todas as classes de Dissentes admitiram a verdade do espiritualismo; quanto maior a mente mais pronta a sua convicção, mais cândido o seu testemunho.

CAPÍTULO XV

GEORGE FOX E A SOCIEDADE DOS AMIGOS (QUACRES)

Chamavam-se a si mesmos pelo nome agradável de Amigos; os piedosos chamavam-lhes, os Filhos da Luz; a sorte mais baixa, tremendo à Luz, chamava-lhes Tremedores. –

GERARDO GROESE.

Existem tratados sobre o entendimento humano e a natureza do homem que teriam uma reivindicação muito mais justa ao seu alto posto e celebridade, se, em todo o enorme volume, pudesse ser encontrada tanta plenitude de coração e intelecto quanto transborda em muitas páginas simples de George Fox.

— Coleridge, Biographia Literaria

Este homem, o primeiro dos Tremedores, e de ofício sapateiro, foi um daqueles a quem, sob forma mais rude, a ideia Divina do universo se agrada em manifestar-se; e através de todos os cascos de ignorância e degradação terrena, brilha em indizível terrível, indizível beleza nas suas almas; que, portanto, são justamente considerados profetas, possuídos por Deus. –

THOMAS CARLYLE.

Henrique VIII, que estabeleceu a Reforma em Inglaterra, morreu em 1546; George Fox, o primeiro da Sociedade dos Amigos, nasceu em 1624, e em 1646, exatamente cem anos após a morte do reformador real, enquanto caminhava em direção a Coventry, foi tomado de uma súbita admiração de como todos eram ditos cristãos, tanto protestantes como papistas, e de que se dizia que todos os verdadeiros cristãos deviam ter nascido de novo, e assim passado da morte para a vida, facto que ele achava difícil de acreditar de muitos dos seus contemporâneos. Na verdade, quanto mais o honesto George meditava sobre este assunto, mais se admirava; pois, seguramente, de todos os relatos que temos da condição do cristianismo genuíno, havia muito pouco dele naquela época.

Condição religiosa da época.

O protestantismo, apadrinhado, senão introduzido, pela realeza em Inglaterra, tinha, sob a pressão do Estado, assumido uma forma muito estranha. Refreado, forçado e contrariado pelos caprichos reais e régios, tornara-se uma coisa muito híbrida e atrofiada. Renunciara voluntariamente a muitos dos dons da igreja de Cristo, como os de curar pela imposição das

mãos, profetizar e operar milagres, tendo assim amputado vários dos seus próprios membros; e esta circunstância, cooperando com o remendo real da fé, fizera maravilhas em introduzir uma espécie estranha de religião, morte-em-vida. Tendo abandonado toda a fé no sobrenatural, muito poucas pessoas acreditavam na ação do Espírito Santo sobre o espírito do homem. Nada trouxe tanto ridículo sobre os Amigos como a sua afirmação de que eram movidos pelo Espírito.

Tornou-se um modo comum de zombaria dizer que “o Espírito move-os”. Ainda hoje se considera espirituoso dizer que “o Espírito os move”. Quanto ao nascer de novo, no tempo de George Fox era ridicularizado por bispos e clérigos como o auge do absurdo. Ser cristão era ir à igreja, dali passar à taberna, beber e praguejar ruidosamente; e ser herege era ir a uma capela dissidente, designada pela lei como “conventículo”, e ser multado em vinte libras por isso. Tal era a condição a que o protestantismo legal e régio reduzira este país em cem anos.

Não precisamos tomar apenas o testemunho de George Fox e dos Amigos neste ponto. Richard Baxter foi contemporâneo de Fox, e também clérigo da igreja legal. Na vida do venerável Richard, escrita por Orme, declara-se que “antes ou por volta do tempo em que Richard nasceu, 1615, ocorreu uma mudança importante em seu pai. Isto foi efetuado principalmente pela leitura das Escrituras; pois não tinha o benefício da associação cristã, nem da pregação pública do evangelho. Na verdade, este último privilégio dificilmente podia ser gozado naquele condado – Shropshire.

Havia pouca pregação de qualquer tipo, e essa pouca era mais calculada para prejudicar do que para beneficiar. Em High Ercall, o seu lugar de residência, houve quatro leitores no espaço de seis anos, todos eles ignorantes, e dois deles homens imorais. Em Eaton-Constantine, também lugar da sua residência e propriedade hereditária, havia um leitor de oitenta anos, Sir William Rogers, que nunca pregava, tendo contudo dois benefícios eclesiásticos a vinte milhas de distância um do outro. Perdendo a vista, repetia as orações de cor, mas para ler as lições empregava um trabalhador braçal num ano, um alfaiate noutro; e por fim o seu próprio filho, o melhor ator e jogador de todo o país, recebeu ordens e supriu um dos seus lugares.

Dentro de poucas milhas havia quase uma dúzia de outros ministros da mesma descrição; pobres leitores ignorantes, e a maioria deles de vida dissoluta. Três ou quatro que eram de carácter diferente, embora todos conformistas, eram objeto de escárnio e ódio popular, como puritanos. Onde tal era o carácter dos padres, não devemos admirar-nos que o povo fosse devasso e desprezador dos que eram bons. A maior parte do Dia do Senhor era passada pelos habitantes da aldeia a dançar em volta de um mastro de

Maio, junto à porta do Sr. Baxter, para não pequena aflição e perturbação da família" (p. 2, "Vida de Baxter", do Rev. William Orme).

"Dos seis aos dez anos de idade, Baxter esteve sob quatro sucessivos curas da paróquia, dois dos quais nunca pregaram, e os dois que tinham mais instrução entre os quatro embebedaram-se até à miséria, e então deixaram o lugar. Aos dez anos foi levado para a casa do pai, onde o velho cego Sir William Rogers, de quem já falámos, era pároco. Um dos seus curas, que sucedera a uma pessoa expulsa por se descobrir que oficiara com ordens forjadas, foi o principal mestre-escola de Baxter. Este homem fora escrivão de advogado, mas a bebida forte expulsou-o dessa profissão, e tornou-se cura por um pedaço de pão.

Pregou apenas uma vez no tempo de Baxter, e estava bêbedo! De tal homem, que instrução se podia esperar? Quão desolado devia ser o estado do país para que tais homens fossem tolerados como ministros ou professores! O seu instrutor seguinte, que muito o estimava, diz-nos ele, era um homem grave e eminente, e esperava ser feito bispo.

Contudo, também ele o desapontou, pois durante nada menos que dois anos nunca o instruiu uma hora sequer, mas passou o tempo, na maior parte, a falar contra os facciosos puritanos. No seu estudo, lembrava-se de não ter visto nenhum livro grego senão o Novo Testamento; o único Padre era Agostinho, *De Civitate Dei*; havia algumas obras comuns em inglês, e, durante a maior parte do ano, o pároco estudava os *Sermões de Bispo Andrew*" (p. 3).

Quando Baxter voltou a retomar os seus labores em Kidderminster, 1646 – o mesmo ano em que George Fox abriu os olhos ao estado das coisas ao seu redor – encontrou um vigário ignorante, e, numa capela da paróquia, um velho cura tão ignorante como ele, que durante muito tempo vivera de dez libras por ano e das taxas por celebrar casamentos ilícitos. Era também bêbedo e insultuoso, e o escárnio do país. "Não sabia", diz Baxter, "como impedi-lo de ler, embora julgasse ser pecado tolerá-lo em qualquer ofício sagrado.

Obtive um aumento para o lugar, e um pregador honesto para os instruir, e deixei que este escandaloso sujeito conservasse o seu antigo estipêndio de dez libras sem nada; contudo nunca consegui impedi-lo de se impor ao povo para ler, nem de celebrar casamentos ilícitos, até pouco antes de a morte o chamar a contas. Examinei-o sobre os pontos familiares da religião, e não me pôde dizer metade do que já ouvi uma criança dizer. Estes dois nesta paróquia não eram todos: numa das paróquias vizinhas, chamada 'the Rock', havia duas capelas, onde o pobre cura ignorante de uma ganhava a

vida a cortar achas, e o outro a fazer cordas. As suas capacidades estavam à altura dos seus estudos e ocupações" (p. 101).

Enquanto cem anos de cristianismo legal tinham levado a Igreja estabelecida a tal estado, podemos supor que havia pessoas à procura de algo mais satisfatório, pois a Bíblia fora posta em liberdade entre eles, por tradução, para fazer a sua obra eternamente revolucionária – "virando o mundo de pernas para o ar"; e Baxter diz-nos que havia cinco seitas no seu tempo, os Vanistas, ou seguidores de Sir Harry Vane, os Seekers, os Ranters, os Behmenistas e os Quacres. Não nos deteremos na descrição honesta de Richard sobre estas seitas, pois se não for mais correta do que a que dá dos Quacres, não tem grande valor. Podemos voltar-nos para George Fox, porém, e encontrá-lo-emos a confirmar o estado geral da religião no país, tal como dado por Baxter.

George Fox nasceu em Drayton, Leicestershire, em Julho de 1624. Os seus pais eram da Igreja de Inglaterra; o pai era tecelão, e o próprio George foi posto como aprendiz de sapateiro que comerciava em lã e gado. George não parece ter-se ocupado muito da sapataria: encontrava mais prazer em cuidar das ovelhas e nas operações agrícolas. Foi cedo visitado por convicções religiosas, e procurou iluminação junto do clero à sua volta. Não era provável, porém, que tais ministros como os descritos por Baxter lhe fizessem muito bem. Caiu em grande angústia de espírito, e caminhava muitas noites sozinho em grandes tribulações e tristezas espirituais. O clérigo da sua paróquia, um tal Nathaniel Stevens, em vez de lhe comunicar luz espiritual, extraía de George, e costumava fazer os seus sermões a partir do que ouvira dele em conversas.

George, por isso, foi a um sacerdote antigo em Mansetter, em Warwickshire, e esforçou-se por aprender dele as causas do seu desespero e tentações, mas esse "sacerdote antigo" não teve melhor conselho para lhe dar do que "tomar tabaco e cantar salmos". Mas George respondeu que não era amante de tabaco, e quanto a salmos, não estava em estado de cantar. Então o sacerdote disse-lhe que voltasse outra vez, e então lhe diria muitas coisas.

Mas quando George voltou o sacerdote estava zangado e mal-humorado, pois as palavras anteriores de George o haviam desagradado; e foi tão indiscreto que o que George lhe contara das suas tristezas e dores contou-o de novo aos seus criados, de modo que chegou às moças do leite, e custou-lhe ter aberto a mente a tal pessoa; e viu que eram todos míseros consoladores. Então soube de um sacerdote que vivia perto de Tamworth, que era tido por homem experiente, e foi até ele, mas achou-o como um casco vazio e oco. Ouvindo depois falar de um Dr. Cradock, de Coventry, foi

também a ele, e perguntou-lhe de onde vinham as tentações e o desespero, e como as tribulações se produziam no homem? Ora, enquanto caminhavam juntos no jardim do Dr. Cradock, aconteceu que George, ao virar-se, pôs o pé na beira de um canteiro, o que perturbou tanto aquele mestre como se a sua casa tivesse ardido, e assim todo o discurso se perdeu, e George partiu em tristeza, pior do que estava quando chegara, vendo que não encontrava ninguém que pudesse alcançar a sua condição.

Depois disto, foi ter com um tal Macham, um sacerdote de alta reputação, e este, não mais hábil do que os outros, quis receitar a George alguma medicação e sangrá-lo. Mas não conseguiram tirar-lhe uma gota de sangue, nem dos braços nem da cabeça, estando o seu corpo, por assim dizer, ressequido de tristezas, mágoas e tribulações, que eram tão grandes sobre ele, que desejara nunca ter nascido, para não ver a vaidade e a maldade dos homens; ou que tivesse nascido cego, para que nunca as visse, e surdo, para que nunca tivesse ouvido palavras vãs e ímpias, ou o nome do Senhor blasfemado" (Sewel, *História do Povo Cristão em zombaria chamado Quacres*, vol. i., pp. 8-12).

Felizmente para George Fox, foi desviado de procurar auxílio espiritual em todos esses "cascos vazios" para o verdadeiro meio: a sua Bíblia e a oração solitária e fervorosa por iluminação Divina. Retirava-se para os campos e passava dias e noites inteiros a ler e a orar dentro de uma árvore oca. Ali encontrou o que divinamente está prometido: que aos que batem se abrirá; que os que buscam ensino espiritual do próprio Espírito Divino o encontrarão.

A sua escuridão, as suas dúvidas, o seu desespero, dissiparam-se gradualmente, e chegou a ver a "verdade" desdobrada ao seu entendimento, pura e livre de todos os enfeites escolares. Nunca, desde a proclamação original do evangelho aos simples pescadores da Galileia, a sua nobre realidade fora tão completamente manifestada. Veio-lhe límpida, sem ser obscurecida ou impedida por quaisquer noções ou convencionalismos preconcebidos ou previamente inculcados. No seu carvalho oco não havia "razões reais" para deturpar a verdade de Deus, nem lógica académica para a restringir; pura e sem adulteração, brotava da Mente Divina como as águas da fonte de Siloé, que corriam velozes junto ao oráculo de Deus.

Veio em toda a sua augusta mas simples grandeza, e Fox, uma alma da têmpera mais honesta e intrépida, abraçou-a com aquele amor e fé que estão prontos não apenas a morrer por ela, mas a sofrer todo o desprezo e injustiça por ela enquanto vivos. Lord Macaulay, na sua *História de Inglaterra*, tratou Fox como um fanático ignorante, pouco melhor que um

idiota. Foi o único juízo a que tal homem como Macaulay podia chegar. Fox devia ser um idiota para um homem como Macaulay, e Macaulay devia ser um idiota para ele. Macaulay era essencialmente um homem exterior, mundano, entregue ao whiguismo e bem considerado pelo mundo; e em verdade teve a sua recompensa. Fox era o exato antípoda de tal homem. Fox não era tolo; pelo contrário, era um homem que, embora destituído de muita educação humana, possuía um entendimento vigoroso, um poder de razão contra o qual a retórica florida de Macaulay não teria mais hipótese do que os sofismas dos mais hábeis homens do tempo: juízes, oficiais, clero, estadistas, do próprio Cromwell, como se pode ver pela sua história.

Macaulay, com o seu mero mundanismo, não podia compreender um homem do calibre intelectual de Fox mais do que a subtileza de um macaco pode compreender a maciça sagacidade de um elefante. Um era toda conveniência superficial, o outro toda verdade interior; um sem raiz no solo eterno do princípio, o outro todo coração e princípio; um adorando no altar da popularidade e da vantagem pessoal, o outro adorando apenas o eternamente verdadeiro, o eternamente santo, e desprezando todo o lucro ou glória temporária que pudesse interpor-se na sua luta de vida e morte em direção a ele.

Tais homens hão de permanecer mais tempo do que sóis e sistemas permaneçam; enquanto as verdades forem verdades, e os egoísmos forem egoísmos, idiotas, irredutíveis idiotas uns para os outros; com esta diferença, que Fox teria podido ver através de Macaulay de um relance, enquanto Macaulay nunca poderia sondar a profunda grandeza de Fox.

A religião de Fox tornou-se, como a dos primeiros apóstolos, uma religião na qual a verdade espiritual valia por tudo, as considerações mundanas, as reservas mundanas, o cálculo mundano de vantagens, por nada. Com ele tudo era para Deus e para a insuperável verdade; tudo para o homem e a sua eternidade, sem qualquer tentação do homem como criatura de um dia que concede favores ou louvores.

A montanha, erguendo-se na vastidão e solidez da natureza, nada sabe da ovelha que nela pasta, ou da borboleta que esvoaça sobre a sua erva, e estas não podem compreender a montanha sólida e perdurável. Quando puderem compreender-se mutuamente, então Fox e Macaulay compreender-se-ão, e não antes.

Fox foi desenvolvido na mais alta fase do espiritualismo, a da comunhão direta com a Mente Divina, pelos mesmos meios pelos quais os apóstolos e santos em todas as idades foram desenvolvidos e batizados nela: abrindo as suas almas, em solidão e oração, à Alma Eterna, numa sublime e inflexível integridade. Nesta silenciosa e perfeita dedicação às suas

infiltrações, numa heroica submissão às suas fundições e modelações, encontrou que todas as cascas exteriores das teorias humanas, a sombra exterior da autoindulgência, da sinceridade, dos apetites próprios e da sabedoria própria, caíam, e uma sabedoria e força puras, calmas e resplandecentes se erguiam em clara visão, e o faziam um homem livre do universo, triunfante sobre o orgulho, a paixão e o desejo temporal no poder e na unidade de Deus.

Agora tinha rapidamente de desaprender o que aprendera nos ensinos estabelecidos da época. Enquanto caminhava num campo, numa manhã de Primeiro-Dia, foi-lhe descoberto ao entendimento que ser educado em Oxford ou Cambridge não era suficiente para fazer de um homem um ministro de Cristo. Admirou-se disto, porque era a crença comum do povo; mas apesar disso, tomou isto por uma revelação Divina, e admirou a bondade do Senhor, acreditando agora que os ministros comuns não eram tais como pretendiam ser. Isto fez com que não tivesse mais vontade de ir à igreja, como era chamada, ouvir o sacerdote Stevens, acreditando que daí não poderia tirar proveito; e por isso, em vez de ali ir, ia para o pomar ou para os campos, sozinho, com a sua Bíblia, que estimava acima de todos os livros, procurando assim ser edificado na solidão.

Com isto, os seus familiares ficaram muito perturbados; mas ele perguntou-lhes se João, o Apóstolo, não dizia aos crentes que “não necessitavam de que homem algum os ensinasse, senão conforme a unção os ensinava”. E embora soubessem que isso era Escritura, e que era verdade, ainda assim afligia-os, porque ele não queria ir ouvir o sacerdote com eles, mas separava-se do seu modo de culto; pois agora via que um verdadeiro crente era outra coisa diferente do que eles supunham; e que ser formado nas universidades não qualificava um homem para ser ministro de Cristo. Assim viveu sozinho, não se unindo a ninguém, nem sequer aos dissidentes, mas tornou-se um estranho para todos, confiando inteiramente no Senhor Jesus Cristo.

Fox, na verdade, achava-se como Abraão, chamado a sair da casa do pai e da parentela, de todos os antigos ensinos, associações e noções, pois fora designado como um daqueles que têm de revitalizar a Igreja e reconduzi-la à sua fé e poder originais. Tinha de partir, com a Bíblia na mão e o fogo de Deus na alma, para reconduzir os homens das formas fixas e rituais mortos à simples religião da Bíblia: e é a Bíblia, em tais mãos, que tem continuamente de lutar contra as meras formalidades humanas e conchas mortas de profissão. Foi isto que produziu todas as mudanças e reformas que até hoje surgiram na Igreja Cristã. Derrubou o paganismo – separou a cristandade papista – arruinou o monaquismo neste país – destruiu-o em Espanha. Os católicos eram mais profundos em sabedoria mundana do que

a Igreja de Inglaterra: sabiam que era um inimigo, e trataram-no como inimigo; mantiveram-no dominado e fora de vista enquanto puderam. Henrique VIII e Isabel foram mais sábios neste ponto do que os seus sucessores.

Henrique promulgou um Ato, em 1539, chamado “O Estatuto Sangrento”, no qual decretou que “nenhuma mulher, artífice, aprendiz, jornaleiro, lavrador ou trabalhador deveria ler o Novo Testamento, sob pena de morte”; e Isabel era igualmente contrária a isso. Não queria que o povo lesse de todo, não fosse tornar-se menos submisso. Não gostava sequer de pregações, não fosse que os perniciosos princípios do cristianismo por elas se espalhassem; três ou quatro pregadores por condado, declarou, eram mais que suficientes.

Tal foi a política da Igreja Católica, e dos fundadores astutos da Igreja Inglesa; mas agora a Bíblia fora deixada andar por toda a terra, o camponês aprendera a sentir-se homem, e o homem criatura imortal – filho de Deus – herdeiro de direitos preciosos e esperanças imperecíveis; um ser demasiado digno para ser calcado pelo orgulho sacerdotal, ou roubado pelas pretensões sacerdotais. Foi porque os camponeses da Escócia, em cada vale montanhoso e cabana da planície, tinham escutado os temas animadores e as preciosas promessas da “grande Bíblia da lareira”, que se ergueram e resistiram aos sangrentos emissários da igreja. E agora, por toda a Inglaterra, em cidade e aldeia, em campo e floresta, a grande carta do homem era estudada, e estava pronta nas mãos do “homem de coiro” para derrubar tudo quanto se opusesse à liberdade de espírito e à independência de propósito.

Entre esses espíritos inquiridores, ou Seekers, como eram chamados, George Fox avançou, em 1647, dirigindo o seu primeiro percurso a Nottinghamshire e Derbyshire. Durante todo este tempo, nunca se uniu a profissão de religião alguma, mas entregou-se ao dispor do Senhor; tendo abandonado não só toda má companhia, mas tendo-se também despedido do pai e da mãe, e de todos os demais parentes; e assim viajou de um lado para o outro como um estranho sobre a terra, na direção para onde sentia o coração inclinar-se, e quando chegava a uma cidade, admirava-se, porque era a crença comum do povo; mas apesar disso, tomou isto por revelação Divina, e admirou a bondade do Senhor, acreditando agora que os ministros comuns não eram tais como pretendiam ser.

Isto fez com que não tivesse mais vontade de ir à igreja, como era chamada, ouvir o sacerdote Stevens, acreditando que daí não poderia tirar proveito; e por isso, em vez de ali ir, recolhia-se ao pomar ou aos campos, sozinho, com a sua Bíblia, que estimava acima de todos os livros,

procurando assim edificar-se na solidão. Com isto, os seus familiares ficaram muito perturbados; mas ele perguntou-lhes se João, o Apóstolo, não dizia aos crentes que “não necessitavam de que homem algum os ensinasse, senão conforme a unção os ensinava”. E embora soubessem que isso era Escritura, e que era verdade, ainda assim se afligiam, porque ele não queria ir ouvir o sacerdote com eles, mas separava-se do seu modo de culto; pois agora via que um verdadeiro crente era outra coisa do que eles supunham; e que ser formado nas universidades não qualificava um homem para ser ministro de Cristo.

Assim viveu sozinho, não se unindo a ninguém, nem sequer aos dissidentes, mas tornou-se um estranho para todos, confiando inteiramente no Senhor Jesus Cristo. Tomou um quarto para si mesmo, e demorava-se às vezes um mês, às vezes mais, às vezes menos, num lugar, para que, sendo um jovem tenro, não fosse prejudicado por conversas demasiado familiares com os homens” (Sewel, vol. i. p. 15).

Fox, na verdade, achava-se como Abraão, chamado a sair da casa do pai e da parentela, de todos os antigos ensinos, associações e noções, pois fora designado como um daqueles que têm de revitalizar a Igreja e reconduzi-la à sua fé e poder originais. Tinha de partir, com a Bíblia na mão e o fogo de Deus na alma, para reconduzir os homens das formas fixas e rituais mortos à simples religião da Bíblia; e é a Bíblia, em tais mãos, que tem continuamente de lutar contra as meras formalidades humanas e conchas mortas de profissão. Foi isto que produziu todas as mudanças e reformas que até hoje surgiram na Igreja Cristã. Derrubou o paganismo — neste país…

Assim como tinha abandonado os sacerdotes da igreja estabelecida, deixou também os mestres separados, porque via que não havia nenhum entre eles que pudesse falar à sua condição. E quando todas as suas esperanças neles e em todos os homens se foram, então ouviu, segundo ele próprio relata, uma voz, que dizia: “Há um, sim, Cristo Jesus, que pode falar à tua condição.” Tendo ouvido isto, o seu coração saltou de alegria, e foi-lhe mostrado porque não havia ninguém sobre a terra que pudesse falar à sua condição, a saber, para que pudesse dar somente ao Senhor toda a glória.

Achava-se agora num progresso contínuo de ensino espiritual por revelação interior. Aprendeu experimentalmente que Cristo é a luz que verdadeiramente ilumina todo o homem que vem ao mundo, e isto tornou-se doutrina tão fundamental sua, que o povo que se juntava à sua volta foi a princípio chamado “Os Filhos da Luz”. Contudo, era um leitor assíduo das Escrituras, que falam amplamente de Deus e de Cristo, ainda que O não conhecesse senão por revelação, conforme Aquele que tinha a chave lha

abria. George estava no mais alto estado de mediunidade e de espiritualismo, isto é, em comunicação direta com o Espírito de Deus, e os seus seguidores cultivaram esta mais alta condição e sobre ela edificaram todo o seu sistema, prestando pouca atenção à condição secundária das ministrações através de anjos, que tem sido a dispensação mais particular desta era mais material.

Ainda assim, veremos que ele e os seus Amigos se mostraram discernidores de sonhos, expulsadores de espíritos malignos, curadores em nome de Cristo e preditores de acontecimentos, etc. Possuíam muitos dos dons da verdadeira Igreja, ainda que desejassem sobretudo andar no poder imediato do Espírito Divino, e chamar todos os homens a esta comunhão como fonte de todo o ensino e edificação cristãos. Tanto era assim, que foram acusados de não acreditar no Cristo exterior, que morrera em Jerusalém, porque ensinavam que a morte exterior de Cristo ali e então pouco valeria sem a vida interior e o poder perpetuamente vivificante e reformador do Seu Espírito. Esta absurda calúnia foi até reiterada em nosso tempo, como o foi pelo honesto mas mal informado Richard Baxter.

O Rev. Robert Philip, nas suas vidas de Whitefield e de Bunyan, e o Dr. Wardlaw, de Glasgow, repetiram a calúnia, quase não permitindo que os Amigos fossem tidos por cristãos por essa razão, sendo a simples verdade que, ao mesmo tempo que plenamente acreditavam e proclamavam a sua crença no Cristo exterior, foram os primeiros a chamar a atenção para a grande doutrina da sua vida interior e regeneradora na alma, então tida como mito, mas agora, pelos Quacres, de novo admitida em geral. Nos Artigos e Homilias da Igreja de Inglaterra, de facto, esta doutrina existia, mas nesse tempo deixara de existir na crença do clero, e era continuamente ridicularizada por eles quando afirmada pelos Amigos.

Entre o povo a quem Fox se dirigia havia alguns que acreditavam muito em sonhos; mas ele ensinou-os a fazer uma distinção muito necessária entre um tipo de sonhos e outro. Disse-lhes que havia três espécies de sonhos: a multiplicação de negócios produzia sonhos; havia sussurros de Satanás nas horas da noite, e havia também falas de Deus ao homem em sonhos — factos amplamente confirmados pelo espiritualismo moderno. Entre as suas contínuas aberturas espirituais, teve várias precisamente do género das que mais tarde foram dadas a Swedenborg.

Em Nottinghamshire aprouve ao Senhor mostrar-lhe que as naturezas daquelas coisas que eram nocivas exteriormente estavam também interiormente, nas mentes dos homens ímpios; e que as naturezas de cães, porcos, víboras, e as de Caim, Ismael, Esaú, Faraó, etc., estavam nos corações de muitas pessoas. Mas, como isto o entristecia, clamou ao

Senhor, dizendo: “Porque hei de ser assim, visto que nunca tive propensão para cometer esses males?” E interiormente lhe foi respondido: “Que era necessário que tivesse sentido de todas as condições; como poderia de outro modo falar a todas as condições?”

Viu também que havia um oceano de trevas e morte, mas com ele um oceano infinito de luz e amor, que se derramava sobre o oceano de trevas, em tudo o que percebia o infinito amor de Deus” (Sewel, vol. i. p. 18).

E diz ainda: “Vi o que não tinha fim, e coisas que não podem ser proferidas; e da grandeza e infinitude do amor de Deus, que não pode ser expresso por palavras; e fui conduzido através do próprio oceano de trevas e morte; e o mesmo poder eterno de Deus que me conduziu através dessas coisas foi o que depois abalou a nação, sacerdotes, professores e povo. E vi a seara branca, e a semente de Deus jazendo espessa sobre o chão, como nunca o trigo, que era semeado exteriormente, e nenhum para a recolher, e por isso chorei com lágrimas.”

O abalo que veio por meio de Fox, de sacerdotes, povo, oficiais, magistrados e letrados, foi uma grande revolução, pouco entendida no presente. Ultimamente tem-se falado muito da extinção do Quakerismo, e vários livros têm sido escritos para mostrar as suas causas; mas aqueles que tal supuseram pouco sabiam o que o Quakerismo era ou é. Não é uma religião de chapéus e casacos, mas de grandes princípios do Novo Testamento, que naquele tempo estavam calcados aos pés.

Fox prosseguiu num processo de revelação até ver todo o vasto desígnio do evangelho na sua grandeza e plenitude. Chegou a desprezar todas as meras formas exteriores e a agarrar os princípios interiores e eternos da verdade cristã — **A VERDADE**, como a denominava enfaticamente. Isto consistia na doutrina de que Cristo é a Palavra, a Luz e o Consolador, que ilumina todo o homem que vem ao mundo, e guia a toda a verdade. Que, abrindo os nossos corações a este Mestre Divino sempre presente, temos toda a verdade nos “dois grandes livros de Deus, a Bíblia e a Natureza”, abertos para nós.

Que em Cristo nascemos de novo como novas criaturas, e somos formados em homens perfeitos em Cristo Jesus. Como Wesley, acreditava na possibilidade de alcançar a perfeição nesta vida, e na perceção da aceitação de Deus, veio a protestar contra todos os estabelecimentos estatais de religião, que a religião de Cristo é livre e autossustentada. Que se opõe de modo absoluto a todo o despotismo no credo ou na política; a toda a usurpação das liberdades pessoais dos homens; a toda a concessão e receção de títulos de honra e lisonja mundanas. Recusava, por esta

razão, prestar o que chamava homenagem do chapéu, tirando-o diante das pessoas, e usar “você” a uma única pessoa.

Todas estas coisas, afirmava, provinham do orgulho e de um amor-próprio e vaidade desmedidos, e quão verdadeira era esta afirmação via-se pelo ressentimento e pela perseguição que a recusa delas ocasionava. Rejeitou o batismo pela água e o Sacramento da Ceia do Senhor como formas não essenciais, sendo o batismo do Espírito o verdadeiro e essencial batismo; e que, se comemorássemos a Última Ceia, embora apenas recomendada aos discípulos imediatos de Cristo, deveríamos também lavar os pés uns aos outros, como cerimónia mais estritamente ordenada.

Ensinava que os dízimos eram anti-cristãos, tanto os dízimos como aqueles a quem eram dados, tendo terminado com a tribo de Levi. Mostrava a impropriedade de chamar “igreja” ao que era apenas o lugar de reunião da igreja, e chamava-os geralmente de “casas de torre sineira”. Nunca houve tal despojamento da velha casca apodrecida do eclesiasticismo, tão completo regresso à nua verdade do evangelho.

Um tal sistema não podia deixar de atrair sobre si uma tremenda tempestade de perseguição, e toda a história da Sociedade dos Amigos até ao Acto de Tolerância de Guilherme III é uma história de perseguições tão horríveis e implacáveis como jamais caíram sobre qualquer corpo cristão de qualquer igreja que se chamasse a si mesma cristã. A história desses terríveis “sofrimentos” enche um volumoso fólio. O *Five Mile Act*, o *Conventicle Act* e o Juramento de Fidelidade e Supremacia foram feitos meios de esfolar os Amigos em massa.

Fox e os seus discípulos não podiam prestar juramento algum, vendo que Cristo dissera de modo mais explícito: “De maneira nenhuma jureis”; e, portanto, esse juramento tornou-se-lhes um laço contínuo. Fox tinha já vastos números de sérios indagadores de todas as classes a afluírem a ele, e como declaravam que o evangelho devia ser pregado livremente — “de graça recebestes, de graça dai” — o clero viu que, se isto tivesse êxito, o seu ofício estaria perdido para sempre.

Portanto, clero, magistratura e soldados lançaram-se sobre estes modernos apóstolos, “que transtornavam o mundo”, e foram despojados e lançados em prisões aos milhares. Fox, e quase todos os seus eminentes seguidores, passaram muitos anos em cárceres, tais covis de imundície, inclemência e maldade, que hoje nos espantam só pela descrição — 2.500 Amigos estavam presos ao mesmo tempo, e 369 morreram ali! Em Bristol, a dada altura, todos os Quacres adultos estavam na prisão por causa da sua fé, e as crianças continuavam ainda a reunir-se, apesar das pancadas e insultos dos perseguidores, que lhes batiam no rosto, como costumavam fazer às

mulheres, a quem arrastar pelos cabelos era um expediente favorito, ou beliscar-lhes os braços até ficarem negros, e picá-las com alfinetes e agulhas grossas. Quando isto não bastava, desterravam-nas para as colónias e plantações de açúcar, e vendiam-nas como escravas, onde as suas doutrinas depressa se espalhavam, e a perseguição se tornava tão acesa como em casa, especialmente na Nova Inglaterra, onde os famosos *Pilgrim Fathers* excederam todos os outros em multas monstruosas, açoitamentos de mulheres de cidade em cidade, cortes de orelhas e enforcamentos! Essas pessoas, que haviam fugido de Inglaterra sob o pretexto de escapar à perseguição religiosa, tornaram-se os mais selvagens perseguidores, mostrando que o seu apregoado amor da liberdade religiosa não passava de egoísmo condensado.

Durante todo esse tempo em casa (isto é, durante trinta anos), os Amigos foram despojados dos seus bens pelos dispositivos das leis acima mencionadas, os delatores recebendo um terço do espólio. Cobravam-lhes dez libras por assistirem a uma reunião dos Amigos, e vinte libras se abrissem a boca para se defender, sob o pretexto de que pregavam! As suas casas de reunião eram demolidas — as de Londres, por Sir Christopher Wren! Arrancavam-lhes até as camas de debaixo, e o corpo de uma mulher foi tirado da sepultura. De 1655 até ao fim dessa perseguição, meio milhão em dinheiro ou bens lhes foi arrancado.

Um clérigo disse que preferia ver todos os Quacres enforcados do que perder um tostão por causa deles. Os delatores viviam regaladamente à sua custa. Entravam livremente nas suas casas, guardavam as chaves das portas nos bolsos e declaravam que comeriam do melhor e beberiam do mais doce, e que esses patifes de Quacres haviam de pagar tudo. Quando se queixaram ao arcebispo Sancroft dessas vilanias, este respondeu friamente: “É preciso madeira torta para construir um navio!”

O modo como os estudantes de Oxford se comportaram nessa época merece registo: “Os estudantes de Oxford atacaram duas mulheres Amigas, que se atreveram a pregar na cidade e a aconselhar esses jovens à emenda de vida. Arrastaram essas mulheres para a bomba de água do St. John’s College, bombearam-lhes água pelo pescoço e boca até ficarem quase mortas; depois ataram-nas braço com braço, e arrastaram-nas desumanamente pelo colégio, e através de uma poça de água; e finalmente lançaram uma delas, Elizabeth Fletcher, uma jovem, sobre uma lápide para dentro de uma sepultura, com tal violência que morreu em consequência. Então esses estudantes religiosos — isto foi em 1658 — esses profetas embrionários da nação, entraram numa casa de reunião e puxaram um Amigo pelos cabelos para fora.

O próprio procurador agarrou John Shackerly pelos cabelos e arrastou-o para fora da casa de Richard Bettin, e expulsou violentamente outros. Por várias vezes os escolares atiraram pedras e lama aos Amigos, arrombaram portas e janelas, levaram a chave, entalaram ganchos no buraco da fechadura, arrancaram parte do alpendre, entraram na reunião e viraram os bancos em que os Amigos estavam sentados; montaram às cavalitas de homens e mulheres como cavalos bravos; trouxeram pólvora e foguetes, acenderam-nos, encheram a sala de fumo e até debaixo das roupas das pessoas, quase incendiando a casa e arruinando gente; e dispararam balas entre os Amigos para lhes rebentar os olhos; saltando e berrando como taberneiros, gritando: “Dai-nos cerveja e tabaco!”

E os académicos entravam na reunião, entre o povo de Deus, e pediam raparigas ou prostitutas, como vadios que frequentam casas de má nota; e traziam cerveja forte para a reunião, e brindavam aos Amigos, e, porque estes recusavam beber, lançavam-lha ao pescoço, às roupas e golas, cantavam cantigas vis, praguejavam e juravam. Muitas vezes entravam nas reuniões soprando e bufando com cachimbos de tabaco na boca, praguejando, jurando e batendo os pés, fazendo tremer a casa, e insultavam as mulheres com excessos indescritíveis.

E os escolares entravam na reunião para representar Tobias e o seu cão; e um deles dividia a sua porcaria em usos e pontos, ao modo dos padres; e outro levantava doutrinas de um caldeireiro e sapateiro, e muitos mais atos ímpios, por zombarias, escárnios e linguagem obscena; e esses escolares eram tão desavergonhados que, depois da reunião, entravam por força, tiravam a comida da mesa, levavam o pão e o caldo do pote, como cães gulosos, lambendo-os; roubavam e levavam os livros dos Amigos. Um Amigo arrastaram-no para dentro do John’s College; lançaram-lhe cerveja em cima, bateram, beliscaram-no, até perder os sentidos; depois espetaram-lhe alfinetes na carne, mantendo-o ali a troçar, perguntando-lhe: “Se o Espírito não o movia agora?”

“Mas estou cansado”, diz Besse, “de transcrever as suas abominações, e cessarei com esta observação, que, embora severa, é justa e natural — a saber, que se esses escolares tivessem sido expressamente educados para ministros do diabo, não poderiam ter dado provas mais seguras do seu adestramento” (*Besse’s Sufferings of the People called Quacres*, i. 565).

Estas são características singulares do estado da igreja nacional e das suas universidades no tempo de George Fox, e do que as pessoas então sofreram por espiritualidade. Nós, espiritualistas de hoje, andamos de chinelos de seda, e somos deixados em paz com uma ou duas zombarias inofensivas. Tendo mostrado o que Fox e os Amigos sofreram pelo

espiritualismo, podemos novamente voltar a alguns outros traços do seu carácter peculiar.

O poder manifestado durante algumas reuniões era tal que a casa parecia tremer, e, numa ocasião, um clérigo correu para fora da igreja, não fosse ela cair-lhe na cabeça. Foi em Ulverstone, mas o fenómeno era frequente. Em 1648 George Fox teve uma "abertura", como Swedenborg narra de si mesmo: "A criação foi-me aberta; e foi-me mostrado como todas as coisas receberam os seus nomes, segundo a sua natureza e virtude.

E fiquei em dúvida se devia praticar a medicina para o bem da humanidade, vendo que a natureza e virtude das criaturas me eram assim reveladas pelo Senhor." Diz que o Senhor lhe mostrou que os fiéis seriam conduzidos ao estado em que Adão estava antes da queda, quando as naturezas de todas as coisas eram, pela unidade divina, conhecidas pelo homem, e assim chegariam a conhecer a unidade oculta no Ser Eterno.

Foi-lhe mostrado que as profissões de medicina, teologia e direito estavam todas destituídas do verdadeiro conhecimento e sabedoria necessários a essas profissões, e que nada senão essa iluminação divina podia trazê-las a isso. Foi-lhe mostrado, todavia, que o seu labor não devia ser físico mas espiritual. Foi nesse tempo que sentiu uma certa certeza da sua aceitação por Deus.

Em Mansfield Woodhouse encontrou-se manifestado nele o dom evangélico de comando sobre espíritos desordenados. Havia uma mulher perturbada sob os cuidados de um médico, estando amarrada e com os cabelos soltos. O médico tentava sangrá-la, mas não lhe saía sangue.

Fox pediu que a desatassem, e então ordenou-lhe em nome do Senhor que ficasse quieta; e isto teve tal efeito que ela se acalmou, a mente serenou, ficou boa e converteu-se à sua doutrina, permanecendo perfeitamente sã até à morte. Pouco depois, em Twycross, curou uma pessoa doente pela oração: "Havia nessa vila um homem importante, que há muito jazia doente e fora desenganado pelos médicos; Fox foi visitá-lo no seu quarto; e, tendo-lhe dito algumas palavras, sentiu-se movido a orar junto ao leito, e o Senhor foi rogado, de modo que o enfermo foi restituído."

Um caso ainda mais notável é registado por ele no seu *Diário*: "Algum tempo depois fui a uma reunião em Arnside, onde estava Richard Myer, que há muito tinha um braço paralisado. Senti-me movido pelo Senhor a dizer-lhe, diante de todo o povo: 'Põe-te de pé'; e ele levantou-se, estendeu o braço que estivera tolhido por longo tempo e disse: 'Seja sabido por todos vós, povo, que hoje estou curado.' Contudo, os seus pais mal acreditaram; mas, terminada a reunião, levaram-no à parte, tiraram-lhe o gibão, e então

viram que era verdade. Pouco depois veio à reunião de Swarthmore e ali declarou como o Senhor o curara."

Estas curas pelo poder do espírito Fox considerava apenas como objetos incidentais da sua missão; mas desejaríamos ter o registo particular de outras, pois que as houve, e numerosas, segundo o seu relato. "Muitas coisas grandes e maravilhosas foram operadas pelo poder celestial naqueles dias; porque o Senhor descobriu o seu braço omnipotente e manifestou o seu poder para espanto de muitos, pela virtude curativa do qual muitos foram libertos de grandes enfermidades, e os demónios tornaram-se sujeitos ao seu nome, de que se poderiam dar exemplos particulares além do que esta era incrédula é capaz de receber ou suportar."

Ainda assim temos um número considerável de exemplos do poder curativo de Deus exercido na história inicial dos Amigos. Em Ulverstone, Sawtrey, o juiz de paz, lançou o povo sobre George Fox, que o espancaram tão terrivelmente com varapaus que caiu sem sentidos no campo para onde o tinham arrastado; mas, recobrando-se de novo e sendo fortalecido por poder imediato, levantou-se e, estendendo os braços, disse em alta voz:

"Batei outra vez, aqui estão os meus braços, a minha cabeça e as minhas faces." Então um pedreiro deu-lhe um golpe tão forte nas costas da mão com a sua régua, que ficou muito contusa, e o braço tão entorpecido que não o conseguia recolher, de modo que alguns do povo clamaram: "Estragou-lhe para sempre a mão." Mas ele, sendo preservado pelo amor de Deus, ficou firme, e depois de algum tempo sentiu um poder extraordinário de fortalecimento, de tal modo que instantaneamente recuperou o vigor da mão e do braço" (Sewel, i. 77).

No tratamento feroz que os primeiros Amigos recebiam, muitas vezes eram feridos de forma tão desesperada que, em qualquer ideia comum, nunca poderiam recuperar; mas dão contínuo testemunho de uma cura sobrenatural. Miles Halhead, um dos seus pregadores, "foi tão espancado e maltratado em Skipton que foi dado por morto; contudo, pelo poder do Senhor foi curado de todos os seus ferimentos; e dentro de três horas estava são e vigoroso de novo, para espanto dos que assim o maltrataram, e para a convicção de muitos" (Ibid. p. 91).

Pouco depois o mesmo intrépido soldado de Cristo foi atacado por uma turba em Doncaster, instigada de novo pelo padre; foi outra vez derrubado e espancado, como se supunha, até à morte. À noite, porém, entrou numa capela e, tão cheio de nódoas como estava, pregou, e no fim do sermão "o Senhor restituiu-lhe a saúde de todos os seus ferimentos" (p. 93). William Dewsbury, outro eminente ministro Quacre, foi atacado em Coldbeck, e quase morto pela turba; mas foi curado da mesma maneira assombrosa" (p.

96). Barbara Blaugdone, uma mulher ministra da maior coragem, foi tão cruelmente açoitada em Exeter por pregar, que o sangue lhe corria por toda a espalda; mas ela apenas cantava durante a operação, de modo que o furioso meirinho descarregava com toda a força para a fazer gritar, mas em vão; pois, diz o historiador, “foi fortalecida por um poder incomum e mais que humano.” Depois declarou que o seu sentir estava acima de todo o sofrimento.

Outra prova da existência do espiritualismo cristão entre os primeiros Amigos era o seu poder de ver no estado interno das pessoas, e muitas vezes de antever, por esse meio, calamidades prestes a acontecer-lhes. Barbara Blaugdone, já mencionada, tendo uma “preocupação” — isto é, uma impressão — na mente, de falar ao Lorde-deputado da Irlanda acerca da perseguição dos Amigos, tentaram enganá-la.

Como não conhecia nem a pessoa do deputado, nem as das principais figuras em volta dele, quando foi introduzida na sala de receção um indivíduo apresentou-se como sendo o deputado. Ela ficou em silêncio, e, estando a sala cheia de gente, perguntaram-lhe porque não dava a sua mensagem ao lorde. Ela respondeu: “Quando vir o vosso lorde, então lhe darei a minha mensagem.” O seu monitor interior assegurava-lhe que aquele não era o deputado. Pouco depois ele entrou e se sentou, e ela imediatamente o abordou sobre o assunto da sua preocupação.

George Fox, encontrando-se com James Nayler, um dos ministros da sociedade, “foi tomado de receio acerca dele — um pressentimento de alguma grande calamidade que estava prestes a acontecer-lhe.” Da vez seguinte que o viu, foi na prisão de Exeter, em consequência de alguns actos fanáticos que se tornaram de notoriedade nacional, e de que se falará adiante.

George Fox, indo a Hampton Court falar com o Protetor Cromwell acerca das perseguições dos Amigos, encontrou-o a cavalo no parque de Hampton Court, e, antes de chegar junto dele, disse que percebia sair-lhe um sopro de morte, e, chegando a ele, parecia um homem morto. Depois de lhe falar das perseguições dos Amigos, pediu-lhe que fosse a Hampton Court no dia seguinte; mas, indo lá, achou-o demasiado doente para ser visto, e em um ou dois dias morreu — 3 de Setembro de 1658.

Inumeráveis exemplos desta clarividência poderiam ser dados, mas acrescentarei apenas que o célebre Robert Barclay, autor da *Apologia*, numa carta a Heer Adrian Paets, embaixador holandês em Espanha, em 1676, entre outras características do Quakerismo, dá algumas explicações notáveis deste sentido interior. “Esta operação divina e sobrenatural na mente do homem é um verdadeiro e gloriosíssimo milagre, que, quando é

percebida pelo sentido interior e sobrenatural, divinamente despertado na mente do homem, persuade de tal modo evidente e claramente o entendimento a consentir na coisa revelada, que não há necessidade de um milagre exterior."

Acrescenta que a voz de Deus na alma é tão convincente como a verdade do ser de Deus, de quem procede (Sewel, ii. 252). "Não é menos absurdo exigir de Deus, que é um espírito puríssimo, que manifeste a sua vontade aos homens pelos sentidos exteriores, do que exigir de nós que vejamos sons e ouçamos luzes e cores; pois, como os objetos dos sentidos exteriores não devem ser confundidos, mas cada objeto deve ter o seu sentido próprio, assim se deve julgar dos objetos interiores e espirituais, que têm o seu sentido próprio, pelo qual são percebidos.

E dizei-me, como manifesta Deus a sua vontade sobre factos, quando envia os seus anjos aos homens, visto que os anjos não têm sentidos exteriores, ou, pelo menos, não tão grosseiros como os nossos? Sim, quando os homens morrem e comparecem perante o tribunal de Deus, quer para vida eterna quer para morte, como podem saber isso, tendo deposto os corpos e com eles os sentidos exteriores? Todavia, esta verdade de Deus é uma verdade de facto, como é a verdade histórica do nascimento de Cristo na carne" (Ibid. p. 253). De tudo isto Barclay concluía que a alma tinha os seus próprios sentidos, tão distintos dos sentidos exteriores como os sentidos naturais se distinguem uns dos outros pela sua diferença específica, e que é por meio desses sentidos que Deus, espírito, se dirige diretamente à alma humana.

Robert Barclay teve um pressentimento do assassínio do arcebispo Sharpe. É assim registado por seu filho, Robert Barclay, de Urie: — "No terceiro dia de Maio, ao regressar de Edimburgo na sua carruagem, o arcebispo Sharpe foi assassinado; sendo muito notável que, alguns dias antes do assassínio, Robert Barclay, indo numa viagem às reuniões anuais em Edimburgo, em companhia da irmã da sua esposa, e indo ambos a cavalo, ao passarem pelo *East Ferry*, junto à igreja que pertencia ao arcebispo, mesmo no fim da cidade, ouviram um ruído uivante e aterrador, que os deixou assombrados.

Ao que mandaram o criado espreitar pela janela da igreja, que nada então pôde perceber; mas, mal voltou para junto deles, o ruído recomeçou, e continuou até se afastarem de alcance. Este relato deram-no logo depois, e ela repeti-lo-ia na minha presença, há poucos anos, a uma companhia que a visitava em sua casa em Newcastle, composta de Quacres e outros. Refiro isto como facto, sem mais reflexão."

Os primeiros Amigos declaram em muitos lugares que ouviam vozes interiores tão claras e distintas como as exteriores. A esposa de Miles

Halhead, que muito se opusera a que ele deixasse tanto a sua casa para viajar no ministério, escreveu-lhe finalmente: “Na verdade, marido, tenho algo para te dizer. Uma noite, estando deitada, chorando e lamentando-me com lágrimas nos olhos, ouvi uma voz que dizia: ‘Porque estás tão descontente acerca do teu marido? Eu chamei-o e escolhi-o para a minha obra, e a minha destra o sustentará.’ Continuava a dizer que, se ela se conformasse, abençoaria a ela e aos filhos por causa do marido; se não, traria sobre ela uma grande cruz. Isto alarmou-a, mas não a curou, e o seu único filho foi-lhe logo depois tirado pela morte. Então viu a cruz ameaçada, e submeteu-se à vontade de Deus” (Ibid. i. 92).

Marmaduke Stevenson, um dos Amigos enforcados pelos *Pilgrim Fathers*, diz que ouviu uma voz distinta dizendo: “Eu te ordenei profeta para as nações.” Catherine Evans, que com a sua companheira Sarah Cheevers foi lançada na Inquisição de Malta, ouviu uma voz dizendo: “Não morrereis!” e nessa voz confiaram serenamente, e, depois de muitos sofrimentos e ameaças, saíram salvas. Quando chegaram navios ingleses e se fizeram esforços pela sua libertação, a voz disse distintamente que ainda não podiam ir; e assim, apesar de todos os esforços nesse tempo, aconteceu.

As visões eram tão frequentes entre eles como as vozes. George Fox diz que, subindo ao cimo do Pendle Hill, em Yorkshire, o Senhor se lhe abriu e lhe mostrou um grande povo a ser reunido por aquelas partes, e especialmente em Wensleydale e Sedberg. “Vi-os em vestes brancas, vindo pela margem de um rio para servir o Senhor.”

Catherine Evans, já mencionada, enquanto na Inquisição em Malta, e ameaçada de ser queimada viva com a sua companheira, e sendo mantida durante vários dias em suspense sobre esse assunto, viu “num sonho uma grande sala, e uma grande fogueira na chaminé; e contemplou um sentado na cadeira junto ao fogo na forma de um servo, a quem tomou por o Filho Eterno de Deus.

Do mesmo modo viu uma criança muito amável e bem parecida, sentada numa cadeira oca sobre o fogo, não parecendo ter mais de nove meses, e sem roupas senão um pouco de linho fino sobre as partes superiores, e o fogo ardia em volta dela, mas a criança brincava e estava alegre. Ela quis então pegá-la, com receio de que fosse queimada, mas aquele que estava na cadeira mandou-a deixá-la.

Então, virando-se, viu um anjo, e aquele que estava na cadeira disse-lhe para pegar a criança, o que ela fez, e viu que não sofrera mal algum; e então, despertando, contou o seu sonho a Sarah, e pediu-lhe que não temesse, visto que as hostes celestiais assim as acompanhavam” (Sewel, i. 406). Daniel Baker, um ministro que foi a Malta para obter a libertação

destas senhoras, teve mostrado em sonho um monte onde deveria dar um testemunho; ao chegar a Gibraltar, viu que era precisamente esse o monte, e, embora o capitão do navio não consentisse que fosse a terra, os navios foram retidos ali sem vento até que lhe permitiram ir e entregar a sua mensagem, e no dia seguinte levantou-se vento favorável, e a frota partiu.

Quando os Turcos faziam grandes progressos contra a Áustria, George Fox viu uma visão do Turco repelido, e disse aos seus amigos que assim aconteceria; e em poucos meses, contra toda a expectativa geral, sucedeu. James Nayler, avisado pelo que lhe acontecera, advertia os Amigos a provarem as suas visões, etc., pela prova interior do Espírito Divino. “Se te aparecerem vozes, visões e revelações, não te alimentes delas, mas permanece na luz e sente o corpo de Cristo, e com isso receberás fé e poder para julgar cada aparência e espíritos, o bem para reter e obedecer, e o falso para resistir.” Sábio conselho, e o mesmo do apóstolo João.

Outro dom da Igreja, o espírito de profecia, foi liberalmente conferido a Fox e aos Amigos. Em Gainsborough, tendo um homem proferido uma acusação muito falsa contra Fox, este chamou-lhe Judas, e anunciou que o fim de Judas seria o seu. Pouco depois, o homem enforcou-se, e um estaca foi-lhe cravada na sepultura. Em Swarthmore, anunciou a Sawtrey, o magistrado perseguidor, que Deus lhe encurtara os dias, e que não poderia escapar ao seu destino. O homem afogou-se. Um destino semelhante anunciou a outro perseguidor, o coronel Needham, cujo filho lhe pediu que o cortasse fora, e que o enviou prisioneiro a Cromwell.

Needham foi enforcado como um dos juízes de Carlos I. Barbara Blaugdone, estando encarcerada numa prisão abominável em Dublin, escreveu ao juiz Pepes, que injustamente condenara muitos dos Amigos, que o dia da sua morte estava próximo — Deus o chamava a prestar contas. Na noite após a sua saída da prisão, o juiz, segundo a sua predição, morreu de apoplexia no leito. Uma certa mulher entrou uma vez no parlamento com um cântaro na mão, que, quebrando diante deles, lhes disse que assim seriam despedaçados, o que sucedeu pouco depois.

Thomas Aldam, um ministro entre os Amigos, que em vão protestara contra as perseguições sob Cromwell, tirou o chapéu, rasgou-o em pedaços diante dele, e disse-lhe que assim seria o governo arrancado dele e da sua casa. George Bishop, ministro, numa carta datada de 25 de Setembro de 1664, ao rei e às duas câmaras do parlamento, predisse claramente a peste de Londres, que rebentou em Dezembro desse mesmo ano, e levou cem mil pessoas. Esta carta entregara-a tanto ao rei como aos membros do parlamento. Como é curta e decidida, convém citá-la inteira:

“Ao Rei e a ambas as Casas do Parlamento, assim diz o Senhor: — Não vos intrometais com o meu povo por causa da sua consciência para comigo, e não os banis da nação por causa da sua consciência; porque, se o fizerdes, enviarei sobre vós as minhas pragas, e sabereis que Eu sou o Senhor!”

Escrita em obediência ao Senhor pelo seu servo, George Bishop; Bristol, 25 do Nono Mês, 1664.

George Fox predisse a desolação de Londres alguns anos antes de o incêndio acontecer; mas dois dos seus discípulos predisseram-no depois ainda mais distintamente. Thomas Briggs percorreu Cheapside e outras ruas pregando arrependimento aos habitantes, e declarando, como Jonas em Nínive, que, se não se arrependessem, Londres seria destruída. Thomas Ibbit, de Huntingdonshire, veio a Londres poucos dias antes do incêndio da cidade, e, como foi relatado por uma testemunha ocular, ao chegar, apeou-se do cavalo e desapertou as roupas de modo solto, como se tivessem sido vestidas apressadamente, ao saltar da cama.

Assim andou pela cidade no sexto dia, o dia da sua chegada, e também no sétimo dia da semana, pronunciando juízo de fogo que devastaria a cidade. Nas noites desses dias, alguns dos seus amigos reuniram-se com ele para indagar acerca da sua mensagem e do chamado para pronunciar esse iminente juízo; e no seu relato não era mais particular nem claro, senão que disse que, havia já algum tempo, tivera visão disso, mas que retardara vir declará-lo como lhe fora ordenado, até sentir, como expressou, o fogo no seu próprio seio; e essa mensagem ou visão foi logo tristemente confirmada, o incêndio durando quase quatro dias, e destruindo treze mil e duzentas casas.”

Rebentou a 2 de Setembro de 1666, precisamente no dia seguinte ao segundo anúncio de Ibbit. Tão assombrado ficou o profeta com o pronto e terrível cumprimento da predição, que quase perdeu a própria vida nele, ficando em Cheapside diante das chamas com os braços estendidos, até que Thomas Matthews, com outros, o arrancou dali.

Predições mais impressionantes, completas e terríveis do que estas raramente se encontram nas próprias Escrituras. É igualmente notável que quase todos os principais perseguidores dos Amigos pereceram por juízos súbitos e horríveis. Um tal Barlow, pregador em Exeter, que se fez advogado, enriqueceu com os despojos nos dias de Oliver, mas depois empobreceu de súbito. Muitos dos perseguidores na Nova Inglaterra, um dos quais, quando um Amigo citou S. Paulo, “Porque em Deus vivemos, nos movemos e existimos”, respondeu irreverentemente: “E assim também cada gato e cão”, foram visivelmente castigados pela sua crueldade anterior.

Endicot, o governador, morreu de uma doença hedionda, e o seu fedor era tão repugnante antes de morrer que quase ninguém lhe podia chegar perto.

O major-general Adderton, que escarneceu de Mary Dyer quando ia ser enforcada, e que, advertido dos juízos de Deus por outro Amigo, respondeu: “Mas os juízos ainda não vieram”, foi morto por uma queda de cavalo, e ficou um espetáculo horrível. Norton, o clérigo, um dos mais ferozes perseguidores, morreu subitamente, soltando um gemido e dizendo: “O juízo do Senhor está sobre mim.” Bellingham, governador depois de Endicot, enlouqueceu, e morreu furioso.

Sewel diz que se relatava que uma maldição repousava de longo tempo sobre os arredores de Boston, e que, perguntando-se a pessoas que bem conheciam a vizinhança, a notícia foi confirmada. Que num raio de vinte milhas em torno de Boston nenhum trigo crescia até à perfeição. Ora os insetos o destruíam, ora outras coisas, até que os lavradores, desesperando, deixavam o campo ao abandono; mas para além desse circuito, tingido com o sangue dos Quacres, a terra era das mais férteis.

O coronel Robinson, da Cornualha, um dos piores perseguidores, que costumava chamar outros juízes para o acompanharem a caçar fanáticos, foi morto pelo seu próprio touro, enquanto George Fox estava por aquelas terras. Uma senhora Quacre, tendo a sua criada consigo, pregou em Dieppe, mas foi cruelmente maltratada pela turba. Um tal Mr. Dundas conduziu-as ao alojamento de um escocês, mas este fechou-lhes a porta na cara; levou-as então para a sua própria hospedaria, mas a dona da casa recusou-lhes entrada.

Por fim, conseguiu embarcá-las. Mais tarde notou duas coisas: que o escocês que lhes fechara a porta morreu dentro do ano, e a casa da sua senhoria, que lhes recusara entrada, ardeu. Um navio carregado de Quacres, desterrados para as plantações britânicas na América, nunca conseguiu lá chegar, mas, depois de vaguear de porto em porto, desembarcou-os na Holanda, de onde regressaram ao seu país. Henry Marshall, sacerdote de Crosthwaite em Westmoreland, perseguidor amargo dos Amigos, caiu das escadas e morreu de fratura do crânio. Christopher Glin, sacerdote em Butford, outro perseguidor, ficou cego de repente no púlpito, e permaneceu assim para o resto da vida.

A estes casos específicos Sewel acrescenta: “Muitos outros dos perseguidores, juízes, delatores e outros, chegaram a fim miserável; alguns sendo tirados desta vida por morte súbita ou antinatural, e outros por doenças longas, enquanto alguns que, por rapina, muito tinham ajuntado, caíram em grande pobreza e mendicidade, cujos nomes poderia escrever e mencionar, bem como tempo e lugar, e entre eles alguns eclesiásticos

rapaces, que chegaram a um triste fim; mas evito diligentemente particularizar tais casos, para evitar a aparência de rancor e inveja. Alguns deles significaram por si mesmos o terrível remorso de consciência que sentiam por terem perseguido os Quacres, de tal modo que rugiam na sua dor roedora, misturada com desespero, sob as graves penas que sofriam no corpo" (vol. ii. 237).

Como é costume em todos os tempos de grande desenvolvimento espiritual, o diabo conseguiu meter-se para ter parte nele. No lado escuro do espiritualismo levantaram-se Lodovick Muggleton e o seu coadjutor John Reeves, que se declararam as duas testemunhas de que fala o Apocalipse xi. 3. Reeves morreu cedo, mas Muggleton viveu bastante tempo, e publicou um número de escritos do mais selvagem e blasfemo carácter, e teve seguidores chamados Muggletonianos.

Professava ter sido enviado pelo Espírito Santo, e pronunciava condenação eterna sobre os Quacres, declarando que "nenhum Espírito infinito de Cristo, nem nenhum deus os poderia deter da sua sentença e maldição." Que a ele tinham sido dadas as chaves do céu e do inferno, e que fora posto acima de todos os outros deuses e espíritos infinitos quaisquer", etc. etc.

Os Amigos combateram esta efusão saída do inferno; mas o que os magoou muito mais profundamente foi o rebentar de um espiritualismo desordenado dentro do seu próprio seio. Vimos que George Fox fora impressionado com um sentimento de algo instável e doentio na condição espiritual de James Nayler, um dos mais dotados e intelectuais ministros da sociedade. Esse James Nayler era natural de Ardesley, perto de Wakefield, em Yorkshire, que, à data da sua falta, mal contava quarenta anos.

Era filho de um homem de algumas propriedades de terra; recebera boa educação inglesa; fora Independente na religião, e quartel-mestre na tropa do general Lambert, mas dispensado por motivo de saúde fraca. Parece ter sido de temperamento sensível e altamente poético, e assim sujeito a deixar-se arrebatar pelos entusiasmos do tempo. Foi convencido do Quakerismo por George Fox em Wakefield, em 1651, quando tinha cerca de trinta e cinco anos. Estando a lavrar no campo, disse que ouvira uma voz ordenando-o a sair da casa paterna, e com ela viera a promessa de que o Senhor estaria com ele: sobre o que se alegrou imensamente por ter ouvido a voz de Deus, a quem desde criança professava e procurava servir.

Tentou pôr-se em missão, mas faltou-lhe a coragem, e disse que a ira de Deus pesava tanto sobre ele, que se tornou um espanto, e julgava-se que morreria. Mais tarde foi, e achou-se, dizia, provido de maneira maravilhosa de dia para dia. Seguiu então para Londres, e pelo brilho da sua pregação

causou imediatamente grande sensação. Excitou particularmente a admiração de certas mulheres entusiásticas, Martha Simmons, Hannah Stranger e Dorcas Erbury, que se entregaram a lisonjas extravagantes para com ele, chamando-o Filho Eterno da Justiça, Príncipe da Paz, etc. Foi culpa de Nayler consentir tais expressões, atribuindo-as, não a si próprio, mas a Cristo dentro dele. Esta parece ter sido, através das mais negras horas da sua aberração, a sua real ideia; nunca por um momento imaginou ser ele próprio Cristo, mas agir no poder do Salvador interior, e a homenagem como dirigida a esse Salvador. As palavras e conduta das mulheres, porém, admitiam pior sentido, e Nayler foi repreendido pelos Amigos por lhas permitir.

Neste estado, Nayler desceu ao Oeste de Inglaterra, e entrou em Bristol com um certo Thomas Woodcock indo à frente descoberto, e essas mulheres espalhando-lhe lenços e véus no caminho, e clamando: "Santo, santo, ao Senhor Deus dos Exércitos!" Foram todos presos e lançados em cárcere. De Bristol foram levados a Londres, e o caso tornou-se objeto de inquérito parlamentar. É circunstância notável que quase todo o labor de uma sessão foi a discussão do caso de Nayler.

Um comité de toda a casa reuniu doze vezes, manhã e tarde, sobre isso; pois enquanto um simples encarceramento de alguns meses bastaria para trazer Nayler e os seus insensatos sequazes a juízo, havia um partido predominante dos mesmos Independentes duros e perseguidores que tinham fornecido à América os seus *Pilgrim Fathers* perseguidores, e esses não se satisfizeram sem alguma feroz exibição de crueldade. Não havia prova de que Nayler tivesse jamais proferido uma só palavra blasfema. Pelo contrário, quando interrogado se era o Cristo, negava-o enfaticamente e constantemente, dizendo apenas que sustentava, segundo o Novo Testamento, que Cristo estava nele, e que, segundo S. Paulo, era réprobo se assim não fosse. Estas são as palavras do seu exame perante o magistrado:

— *Justice Pearson.* — "Está Cristo em ti?"
— *Nayler.* — "Eu dou testemunho d'Ele em mim; e se O negasse diante dos homens, Ele me negaria diante do meu Pai que está nos céus."
— *Justice Pearson.* — "Espiritualmente, quer dizer."
— *Nayler.* — "Sim, espiritualmente."
— *Justice Pearson.* — "Está Cristo em ti como homem?"
— *Nayler.* — "Cristo enche todos os lugares e não está dividido: separai Deus e homem, e já não é Cristo."

Tal foi sempre a linguagem de Nayler; nunca dela se apartou: estava perfeitamente claro e ortodoxo na fé neste ponto; a sua falta foi deixar-se

levar a exaltação pessoal pelas lisonjas dos seus seguidores, e não reprovar nem rejeitar a linguagem blasfema deles. Houve também acusações de conversas criminais com algumas daquelas mulheres; mas nunca foi provado, e ele indignadamente o negou. De facto, Nayler era homem simples mas imaginativo, e levado pelo astuto tentador a aceitar as lisonjas insanas das mulheres pelo obscurecimento do seu juízo. Mas blasfemo não foi ele.

Havia geral persuasão disso, e numerosas petições foram apresentadas ao parlamento, e ardentes rogos a Cromwell por pessoas de outras persuasões, para que fosse tratado antes como sob ilusão passageira que como blasfemo. Mas Cromwell estava nas mãos dos ministros Independentes, sobretudo Reynolds, Griffith, Nye, Caryl e Manton. Não quis intervir eficazmente, e o parlamento, depois de violentos debates, condenou-o a ser açoitado por Londres e por Bristol, a ser posto no pelourinho, marcado com “B” de blasfemo na testa, e a ter a língua trespassada com ferro em brasa.

Toda essa diabólica sentença foi executada com o mais horrível rigor, apesar das mais veementes reclamações do público. Nayler sofreu o castigo com paciência estoica, e na subsequente solidão da prisão chegou à mais sincera penitência pela sua loucura, escrevendo aos Amigos, reconhecendo-a e solicitando-lhes perdão. A conduta dos Amigos, na ocasião, foi generosa e justa; pois, embora o caso fosse de molde a prejudicar profundamente a sua causa, nunca acusaram James Nayler de mais que uma sujeição temporária às ilusões de Satanás, e tornaram a recebê-lo em plena simpatia e afeição.

Mas a dor da sua queda afundara-se-lhe profundamente na alma; viveu apenas mais quatro anos, em humor de comoventíssima penitência, humildade e ternura de espírito. As circunstâncias do seu fim são singularmente patéticas. Ia a caminho do norte, em direção à sua terra natal, quando, perto de Huntingdon, foi assaltado na estrada e deixado amarrado. Provavelmente recebeu então ferimentos fatais; pois, sendo levado para casa de um Amigo perto de King’s Rippon, morreu em poucas horas, pelo fim do ano de 1660, com quarenta e quatro anos.

Cerca de duas horas antes da morte falou, na presença de várias testemunhas, estas palavras — palavras que exprimem mais vividamente e ternamente a natureza sofredora e divina da verdade cristã, segundo a minha ideia, do que quaisquer outras em todo o âmbito da literatura religiosa:

“Há um espírito que sinto, que não se deleita em fazer mal algum, nem em vingar qualquer agravo; mas que se deleita em suportar todas as coisas, na

esperança de gozar o seu próprio no fim. A sua esperança é sobreviver a toda a ira e contenda, e cansar toda a exaltação e crueldade, ou o que quer que seja de natureza contrária a si. Vê o fim de todas as tentações. Como não traz mal em si, assim não concebe nenhum em pensamento de outrem. Se é traído, suporta-o; pois o seu fundamento e nascente são as misericórdias e o perdão de Deus. A sua coroa é mansidão, a sua vida é amor eterno e sincero, e toma o seu reino com súplica, e não com contenda, e guarda-o com humildade de espírito. Em Deus só pode alegrar-se, ainda que ninguém mais o atenda, nem possa possuir a sua vida. É concebido em tristeza, e dado à luz sem ninguém que dele se compadeça; nem murmura com dor e opressão. Nunca se alegra senão pelo sofrimento, pois com a alegria do mundo é assassinado. Achei-o só, estando abandonado. Tenho nele comunhão com aqueles que viveram em covas e lugares desertos da terra, que pela morte alcançaram esta ressurreição e vida santa eterna."
— *James Nayler*

Paz às brandas manes de James Nayler! mais feliz e mais invejável na sua queda do que os seus bárbaros inimigos no seu dia de triunfo; pois ele encontrou nisso o que as suas almas selvagens jamais conheceram: a paciência imortal e o perdão imortal de uma alma terna, batizada no sofrimento, e ressuscitada com Cristo no espírito de um amor perfeito e infinito.

Este artigo, pela abundância e grandeza do seu material, estendeu-se de tal modo que devo terminá-lo abruptamente. O sistema dos Amigos era inteiramente tão espiritual que não podiam fazer um único movimento religioso sem guia espiritual. Eram compelidos a abster-se de toda a manufatura exterior de ministros; só Deus podia fazer e habilitar tais.

Eram compelidos a abster-se de todas as formas, fórmulas, rituais e cerimónias. Apenas podiam sentar-se juntos, e procurar e receber os ministérios do Espírito Divino. Como esse Espírito é prometido a todos os que sinceramente o buscam, não podia haver exceções das suas operações e dons. Como Deus não faz aceção de pessoas, assim não podia haver diferença de graus e títulos na igreja, salvo tais quais Ele individualmente pusesse sobre os seus membros. Os Amigos não podiam orar nem pregar sem imediata influência do Espírito de Cristo.

Por muito que desde então a Sociedade tenha mudado, por muito que desde então tenha perdido, por muito que tenha arrefecido no seu zelo e se tenha conformado ao espírito do mundo; por muito que o crescimento da riqueza a tenha corrompido, nunca abandonou a sua fé na natureza puramente espiritual da sua jurisdição. Aqueles que de tempos recentes a

têm visto relaxar certas austeridades, abandonar certas formas de vestuário, abrir-se a vistas mais liberais da arte e da ciência, e da vida social, e que imaginaram que o dia do Quakerismo se aproximava do fim, nunca estiveram mais enganados. Sendo o Quakerismo simplesmente e unicamente o Cristianismo primitivo, nunca pode extinguir-se. Como nunca pôde ser circunscrito dentro dos limites de uma seita — George Fox nunca quis que o fosse — assim a seita dos Quacres pode perecer, mas os seus princípios hão de permanecer eternamente.

Os proclamados por Fox e pelos seus Amigos têm agora saído deles para todos os corpos do mundo cristão. A doutrina da influência imediata do Espírito de Deus, da anti-cristandade da guerra, da escravidão, do orgulho da vida, da vacuidade e morte de todas as meras formas eclesiásticas; as doutrinas do verdadeiro batismo sendo o batismo do Espírito, da verdadeira Ceia do Senhor sendo o alimentar diário do pão da vida, que, como o maná no deserto, se estende cada dia diante de cada alma. Estas doutrinas saíram, ou estão a sair, da Sociedade de Fox, para nunca mais cessar até alcançarem os confins da terra.

Nunca corpo cristão algum se aferrou tão firmemente ao seu estandarte de verdade contra o escárnio e as escárnios do mundo. Firmes na sua fé, terrores nenhuns, nem os da morte, os podiam atemorizar por um momento. Quando todas as outras seitas cediam, eles mantinham-se imóveis, até ao mais pequeno iota da convicção conscienciosa, e foram os primeiros a arrancar ao governo os direitos de casar e enterrar, e isenções de juramentos, com outros privilégios. Deram ao testemunho cristão uma marca mais varonil. O próprio nome de Quacre tornou-se a mais alta das troças; pois eles nunca tremiam diante do que quer que homem ou tirano pudesse infligir-lhes. Os que assim os apelidaram é que eram, na verdade, os Quacres.

Esta elevada e inteiramente espiritual natureza do Quakerismo tem-se mostrado em todos os períodos da sua existência até hoje. Poderia trazer um volume inteiro de exemplos da ação dos Amigos sob imediata direção espiritual. William Penn, fundando a Pensilvânia, mostrou a sua confiança prática nas doutrinas do Novo Testamento.

Quando todos os outros colonos declaravam que os índios americanos não eram de confiança, quando Cotton Mather, um ministro dos *Pilgrim Fathers*, os declarava filhos do diabo, e que, se tivesse uma pena feita de espinho de porco-espinho e mergulhada em *aquafortis*, não poderia descrever toda a sua diabólica essência; quando eram caçados por assim chamados cristãos com cães de presa, e exterminados a fogo e espada, Penn foi ter com eles desarmado, em bondade cristã, e fez aquele tratado justo com eles que

Voltaire diz ter sido o único tratado alguma vez feito sem juramento, e o único nunca quebrado.

Devo, porém, remeter o leitor para as vidas e obras dos Amigos de todos os tempos, para bastas manifestações espirituais. Casos de ministros, no seu pregar, terem estados particulares de súbito comunicados, e de prevenirem suicídios e outros crimes, são frequentes.

Providências extraordinárias e livramentos de perigos iminentes são de comum registo entre os Amigos. John Roberts, de Cirencester, era consultado pelos vizinhos sobre o desaparecimento de gado, etc., e, após breve silêncio, invariavelmente lhes dizia onde os achariam. Veja-se também as vidas de John Woolman, David Sands, de Stephen Grellet, ministro que conheci, e cujas memórias foram recentemente publicadas; de Elizabeth Fry, ou, na verdade, a vida de quase qualquer dos ministros e homens eminentes entre eles em todos os tempos.

Como denominação alguma de cristãos jamais voltou tão plena e firmemente à prática e condição primitivas da Igreja cristã, assim nenhuma recebeu mais brilhantes e convincentes provas de que o evangelho em que confiavam não é fábula engenhosamente urdida. As promessas de Cristo de poderes sobrenaturais à sua Igreja foram firmemente acreditadas e plenamente demonstradas entre os Amigos.

CAPÍTULO XVI

MADAME GUYON E FENELON

Sempre que pode haver UMA IGREJA que não seja uma igreja de dons? Nenhum homem pode fazer-se a si próprio; ainda menos pode uma igreja. O ESPÍRITO em toda a sua universalidade é o dom professado da Nova Jerusalém; o Espírito a entoar todos os louvores, a erguer todas as mãos em oração, que expulsa todos os demónios; a abençoar todos os labores; a curar todas as dores; a acelerar todas as artes, a perfurar todos os véus, e a captar o reflexo do seu Senhor em todas as ciências; a abrir o céu e a santificar a terra; o Espírito para fazer mais do que pode ser escrito, é a oferta do Senhor à Sua Igreja eterna.

O DR. GARTH WILKINSON.

Abre a tua alma a Deus, ó homem, e fala Através das tuas faculdades desdobradas com Ele Que nunca, salvo através de faculdades da mente Falou aos Pais.

Idade de Ouro, de HARRIS'S.

A história e opiniões de Madame Guyon e do Arcebispo de Cambray são tão bem conhecidas que não precisamos entrar nelas com grande extensão. Todo o mundo sabe que a espiritualidade da sua religião foi a causa de todas as suas perseguições e infortúnios. Madame Guyon adotara as opiniões e sentimentos dos primeiros cristãos em vez dos da Igreja Romana. Essa religião não era uma mera coisa de hierarquias humanas ou instituições políticas, mas um ato e hábito da alma, no qual entrava em comunhão com o Rei e Salvador das almas, e era e só podia ser sujeita a Ele sozinho.

É verdade que os Pais e os primeiros ascetas tão louvados pela igreja mantiveram precisamente as mesmas visões; mas isso foi antes de a igreja estabelecer o seu despotismo, e depois era demasiado tarde para depreciar os Pais e os reclusos. É verdade que números de homens santos e mulheres santas da igreja, como S. Bernardo, S. Francisco de Sales, S. Francisco de Assis, e números de outros; e que ainda mais numerosas santas fêmeas, como Stas. Teresa, Catarina de Siena, e muitas mais, mantiveram as mesmas opiniões, e foram na realidade canonizadas por elas; mas estes santos e santas as mantiveram submissamente à hierarquia papal em mosteiros e conventos, e em plena deferência a confessores e superiores.

Madame Guyon, por outro lado, não hesitou em colocar as monições e demandas do Espírito Santo acima das monições e demandas de qualquer

autoridade humana. Reclamou uma certa independência de opinião que não pode ser admitida na Igreja Romana, onde o direito de opinião privada foi tão absolutamente extinto. Este foi o grande segredo das suas perseguições, e das de Fenelon, que concordava com ela inteiramente na sua fé. Jeane-Marie Bouvèries de la Mothe nasceu em Montargis, em 1648. A sua família era de distinção considerável, e casou aos dezasseis anos com o célebre M. Guyon, que devia a sua posição e fortuna ao empreendimento bem-sucedido do canal de Briare.

Aos vinte e oito ficou viúva, com três crianças muito novas. Já era notável pela sua piedade profunda e ardente, e pelas suas obras de benevolência. Ao encontrar o Bispo de Genebra em Paris, em 1680, ele persuadiu-a a instalar-se em Gex, e assumir a gestão de uma instituição para a educação de jovens senhoras protestantes. Em Gex encontrou o Padre Lacombe, que conhecera em Paris, que mantinha as suas próprias visões religiosas, e que agora foi nomeado superior da instituição. Fortaleceram-se grandemente mutuamente na sua fé e zelo religiosos.

Os parentes de Madame Guyon, alarmados com um tom de mente certo de a meter em problemas com os dignitários e padres ortodoxos, e ao professarem medos sérios de dano às fortunas dos seus filhos por causa disso, Madame Guyon, influenciada por um respeito mais real pelos seus filhos do que provavelmente sentiam os seus zelosos parentes, concordou em entregar o cuidado destes a eles, e, para mostrar o seu desinteresse, ao mesmo tempo entregou o que se chama a tutela (garde noble) destes filhos, o direito de gozar o seu rendimento até serem maiores. Este rendimento ascendia a 40.000 libras, ou cerca de 1.600 libras por ano, uma receita bonita nesse período em França.

Ela deixou-se com uma provisão muito modesta; mas em breve descobriu, como é demasiado comum com as instituições católicas, que esta em Gex queria que resignasse este modicum em seu favor. Ela recusou a proposta. Isto, claro, ressentiu-se, e Madame Guyon achou necessário retirar-se. O Padre Lacombe deixara a instituição antes, e tornara-se o diretor de um convento de freiras Ursulinas em Thonon, no Chablais; e para lá se dirigiu. Depois removeu-se para Verceil e Turim. Em todos estes lugares propagou zelosamente, como um dever de consciência, as suas visões religiosas: e isso com a aprovação calorosa de vários bispos e pessoas distintas. Em 1687 regressou a Paris, e publicou duas obras, Moyen court et facile pour faire Oraison, e L'Explication mystique du Cantique des Cantiques.

Entretanto o Padre Lacombe publicara a sua Analyse de l'Oraison mentale, e Harlay, Arcebispo de Paris, depressa os denunciou como heréticos; e Lacombe foi preso e enviado prisioneiro para o castelo de Lourdes, nos

Pirenéus, onde permaneceu dez anos. Madame Guyon também foi presa e confinada num convento na Rue St. Antoine. Mas as suas grandes amigas Madame Maisonfort, a Duquesa de Bethune, e a Duquesa de Beauvilliers, apelaram à todo-poderosa amante de Luís XIV., Madame Maintenon, e conseguiram interessá-la tanto em Madame Guyon que ela foi depressa libertada, teve várias entrevistas com a amante real, e ganhou tanto o seu favor que foi introduzida por ela ao seu convento aristocrático em St. Cyr para inspirar as freiras com a sua devoção. Isto, que parecia no momento um grande triunfo, provou, como era certo que acontecesse, a fonte de todos os males e problemas de Madame Guyon, e, ao mesmo tempo, de todos os de Fenelon.

O Arcebispo de Paris, e Desmarais, o Bispo de Chartres, depressa estiveram junto da Maintenon para apontar as heresias de Madame Guyon, e essa alma fria e política imediatamente alarmou-se, e apontou inúmeras heresias nas obras que antes admirara intensamente. Trazer a Maintenon contra ela era o mesmo que trazer contra ela Luís, a ferramenta devota dos Jesuítas, e todo o bando de bispos cortesãos. O Bispo de Chartres expressou o seu espanto ao encontrar uma mulher a misturar-se com assuntos da igreja, e a sentar-se, por assim dizer, com autoridade oficial e infalível (ex cathedra), para ensinar um sistema de espiritualidade que, disse ele, embora falsamente, ela teve a audácia de originar.

Madame Guyon não só foi prontamente expulsa de St. Cyr, mas as freiras receberam ordem de deixar de ler qualquer coisa dela, e recomendou-se que as suas doutrinas não fossem faladas, nem mesmo aos seus pais espirituais. O Cardeal Noäilles, posteriormente Arcebispo de Paris, e, muito mais fatalmente, o célebre Bossuet, Bispo de Meaux, declararam-se contra ela. Madame Guyon exigiu que comissários, metade eclesiásticos, metade leigos, fossem nomeados para inquirir sobre a ortodoxia dos seus escritos e a pureza da sua conduta, que também foi acusada. Nomeou-se a comissão, mas só de eclesiásticos, consistindo em Bossuet, Noäilles, e M. Tronson.

Em vão Madame Guyon protestou, estes eclesiásticos sentaram-se durante seis meses em Issy sobre os seus escritos e conduta. Foram compelidos finalmente a admitir Fenelon; mas, como não conseguiam concordar, Bossuet e Noäilles eles próprios emitiram uma condenação não só dos escritos de Madame Guyon, mas do Guia Espiritual de Molinos, da Prática Fácil de Malaval, e da Análise da Oração Mental por Lacombe. Fenelon, no entanto, prevaleceu sobre Bossuet para dar a Madame Guyon um testemunho mais decidido e honroso da perfeita pureza e propriedade da sua conduta. Durante esta investigação Madame Guyon, pelo conselho de Bossuet, retirara-se para o mosteiro da Visitação em Meaux.

Era o plano de Bossuet mantê-la lá sob a sua autoridade, e assim suprimir a sua atividade religiosa; mas, ao receber uma absolvição tão completa do seu carácter moral, ela imediatamente saiu de Meaux, tão resolvida como sempre a propagar o que acreditava ser a verdade eterna confiada a ela de Deus. Este passo espantou e confundiu grandemente Bossuet, e ele não perdeu tempo em conseguir prendê-la, através da influência da amante real, e lançá-la na prisão de Vincennes.

Entretanto, Harlay estava morto, e Noäilles, o coadjutor fraco e ferramenta fácil de Bossuet, tornou-se Arcebispo de Paris. A Maintenon, portanto, desejou que ele perguntasse o que gostaria que se fizesse com Madame Guyon, os seus amigos, e papéis. Primeiro entre estes amigos insinuados estava Fenelon, agora tornado Arcebispo de Cambray, para grande desgosto, em segundas pensamentos, tanto de Luís como da sua amante. Bossuet agora tornou-se o inimigo mortal tanto de Madame Guyon como de Fenelon, expressou o seu êxtase com a prisão de Madame Guyon, e profetizou que este mistério seria agora expulso do seio da igreja. Deste momento Bossuet aparece como o perseguidor feroz e implacável, e fica em pavoroso contraste com a piedade de Madame Guyon e a nobre mansidão de Fenelon.

Madame Guyon foi sujeita a um exame cerrado pelos seus inimigos dentro das paredes da prisão de Vincennes; mas ela manteve firmemente a verdade e o carácter evangélico das suas opiniões, e defendeu o Padre Lacombe como um homem mais santo e inofensivo. Fenelon teve a ousadia de escrever à Maintenon, ao declarar que as doutrinas sustentadas por Madame Guyon eram precisamente as sustentadas por Angely de Foligny, S. Francisco de Sales, S. Francisco de Assis, Sta. Teresa, Sta. Catarina de Siena, e Sta. Catarina de Génova. Mostrou que nem Bossuet nem Noäilles estavam de modo algum familiarizados com o assunto que empreenderam condenar. Isto era especialmente verdade de Bossuet, que estava nesta mesma altura ocupado a ler, pela primeira vez, os escritores cujas opiniões estavam de acordo com as de Madame Guyon.

A consequência dos novos estudos de Bossuet apareceu numa obra chamada uma Relação do Quietismo. Fenelon condenou-a como jesuítica, e elaborou a sua admirável Explicação das Máximas dos Santos sobre a Vida Interior. Esta obra célebre, amplamente mostrando que as doutrinas tão firmemente condenadas por Bossuet e o seu clã eram as doutrinas de todos os Pais mais célebres da igreja, despertou o ódio ardente de Bossuet, e ele resolveu não só a destruição de Fenelon, mas da sua protegida Madame Guyon. A última foi consignada à Bastilha, e Bossuet instigou Luís XIV., através da sua amante, a arruinar Fenelon. Esse cristão gentil e humilde foi, consequentemente, banido para a sua diocese na Flandres Francesa, e

todo o esforço foi feito para induzir o Papa a condenar as suas máximas dos santos.

O Papa foi lançado na maior perplexidade. O livro era notoriamente baseado nas doutrinas dos maiores Pais e fundadores da igreja; condená-lo era condená-los. Aguentou o mais tempo que pôde; mas, compelido a mover-se pelo poder do rei francês, que era continuamente esporeado pela sua amante e os seus ferozes bajuladores, os padres, encabeçados por Bossuet, nomeou por fim uma comissão numerosa de cardeais para examinar o livro; mas metade decidiu de um modo, metade de outro.

Bossuet tinha o sobrinho constantemente na Corte Papal para vigiar e urgir os procedimentos; e, quando toda a sua malícia parecia desesperada, conseguiram que Luís XIV. escrevesse uma carta mais ameaçadora ao Papa. Não satisfeito com isto, Bossuet obteve, através do rei, uma condenação do livro, pela Sorbonne enquanto perante o Papa. Alarmado com as ameaças de Luís de França, o Papa consentiu em condenar o livro; mas fê-lo nos termos mais gentis, ao evitar pronunciá-lo herético, e ao mesmo tempo a escrever a Fenelon para o assegurar do seu profundo afeto e veneração pelo seu carácter.

Fenelon, um verdadeiro filho da igreja, submeteu o seu juízo privado ao juízo da Santa Sé, tanto quanto se curvou à censura; mas ainda declarou que considerava esta sentença dirigida contra a sua demonstração imperfeita das doutrinas, não contra as doutrinas em si, que mantinha serem a verdade sã e imutável.

Ninguém simpatizou mais sinceramente com Fenelon e lamentou mais profundamente as perseguições vergonhosas de Fenelon, do que o Duque de Borgonha, o seu aluno real, a quem treinara de um rapaz mais insolente e ingovernável para um príncipe nobre e realizado. Herdeiro do trono, desconsiderou a ira do avô, e visitou o arcebispo na sua diocese distante. Nada excedia o desapontamento de Bossuet com a brandura da censura papal, e com a nobre resignação de Fenelon. Longe de o esmagar, o procedimento elevou-o a uma popularidade sem exemplo. No meio destes ataques sobre ele apareceu a sua famosa obra Telémaco, e voou por toda a Europa, ao despertar em todos os países do mundo a admiração mais arrebatadora do seu autor.

Ao mesmo tempo, Fenelon vivia no meio do seu povo, como um pai comum à sua diocese, ao exibir um dos exemplos mais vivos de genuína sabedoria e benevolência cristãs que o mundo alguma vez viu. Os inimigos triunfantes, os Holandeses e Alemães, que Luís invadira e pilhara há tanto tempo, agora sob o comando capaz de Marlborough, com um exército inglês, e o Príncipe Eugénio, aproximavam-se diariamente das fronteiras de França, e

humilhavam o orgulhoso rei francês. Mas entre a retribuição despejada sobre a sua cabeça, tiveram cuidado de isentar o território de Cambray da mais pequena violência.

O carácter universalmente amado e venerado de Fenelon era o seu paládio, e todo o desejo dele era lei para os vencedores. Tais honras, consequência direta da grandeza cristã de Fenelon, eram fel e veneno para a mente maliciosa de Bossuet; e, para completar a sua mortificação, Fenelon saiu com uma resposta à sua Narrativa do Quietismo de tal eloquência e esplendor irresistíveis, como atraiu os aplausos mais rapturosos, não só de toda a França, mas de toda a Europa. Bossuet não viveu muito sob a popularidade sempre crescente do homem que laborara tão feroz e longamente para esmagar, e que ousara, apesar da sua sublime gentileza, denominá-lo uma fera feroz, e acusá-lo de ser outro Montano com a sua Priscila.

Tanto Fenelon como Madame Guyon viram-no expirar alguns anos antes deles; uma a sair da Bastilha para passar o resto dos seus dias em paz e felicidade piedosa em Blois, perto da filha; o outro a adormecer gentilmente entre o seu povo entristecido, um dos exemplos mais eminentes de um verdadeiro discípulo de um Salvador gentil, sofredor e benevolente, que o mundo ainda viu. E quais eram as doutrinas que atraíram sobre estes distintos amigos cristãos esta tempestade de perseguição dos padres e poderes políticos desse dia? Eram quase as mesmas que a igreja primitiva sustentava; que Cristo ensinou, e que os Amigos sustentam agora: que a essência da religião consiste não em cerimónias e dogmas, mas em andar em comunhão estreita e em humilde docilidade com Aquele que disse: "Se alguém me ama, guardará as minhas palavras; e o meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada."

Era uma crença de que esta visitação do Filho e do Pai está aberta a toda a alma que busca; e que nesta morada divina com ela, eles lhe ensinarão toda a sabedoria celestial; e edificá-la-ão em toda a verdade, e para a vida eterna. Que através desta comunhão de Deus oferecida a todo o filho de Adão, esse estado de coisas virá a passar quando os homens não mais buscarão aos homens, não mais dirão cada homem ao seu irmão: "Conhece o Senhor; pois todos O conhecerão desde o menor até ao maior." Era este conhecimento e comunhão que Madame Guyon ensinava e experimentava, e que os padres e bispos viram, se permitido prosseguir, poria em breve fim ao seu ofício, e, portanto, os fez começar a clamar ruidosamente: "Grande é Diana dos Efésios!"

Madame Guyon foi uma das médiuns escreventes mais distintas que alguma vez viveram. Declarou que o que quer que escrevesse não procedia

dela própria, mas era dado através da sua mão pelo Espírito Santo. Estava igualmente aberta ao influxo divino em todos os seus pensamentos. Esse influxo era a vida e substância da sua religião. Na linguagem de Wordsworth:

> Em tal acesso de mente, em tal hora alta
> De visitação do Deus vivo,
> O pensamento não era; no gozo expirou.

As seguintes passagens da sua autobiografia são Quakerismo essencial, tão essencialmente a doutrina de Swedenborg, de Harris, de Wordsworth, de mil almas visitadas por Deus de homens e mulheres santos, como são essencialmente a forma mais elevada de espiritualismo. Durante a minha doença extraordinária o Senhor ensinou-me gradualmente que havia outra maneira de conversar entre almas inteiramente Suas, do que pela fala. Aprendi então uma linguagem que antes me era desconhecida.

Gradualmente percebi, quando o Padre Lacombe entrava, que não podia falar mais, e que se formava na minha alma o mesmo tipo de silêncio para com ele como se formava nela com respeito a Deus. Compreendi que Deus queria mostrar-me que os homens nesta vida podiam aprender a linguagem dos anjos. Fui gradualmente reduzida a falar-lhe só em silêncio. Foi então que nos entendemos em Deus, de uma maneira inexprimível e toda divina. No início isto fez-se de uma maneira tão percetível - isto é, Deus penetrava-nos com Si próprio - de uma maneira tão pura e doce, que passámos horas neste silêncio profundo, sempre comunicativo, sem sermos capazes de proferir uma palavra.

Foi nisto que aprendemos, pela nossa própria experiência, as operações da palavra celestial para reduzir as almas à unidade consigo própria, e a que pureza se pode chegar nesta vida. Foi-me dado comunicar deste modo a outras almas boas, mas com esta diferença, que nada fazia senão comunicar-lhes a graça com que se enchiam, enquanto perto de mim, neste silêncio sagrado, que infundia nelas uma força e graça extraordinárias, mas nada recebia delas; enquanto, com o Padre Lacombe, havia um fluxo e retorno de comunicação de graça, que ele recebia de mim, e eu dele na maior pureza. Aqui vemos as mesmas leis de mediunidade a operarem no elemento divino, como no mesmérico.

Madame Guyon, como o vaso mais cheio de vida divina, que chama graça, comunicava isto às almas menos desenvolvidas à sua volta. Percebia a virtude sair dela como Cristo fez quando tocado na terra; mas com o Padre Lacombe, um espírito tão ricamente desenvolvido e carregado de vida, não sentia mero efluxo, mas fluxo e refluxo, como de um mar divino. Todos

aqueles, continua ela, que são os meus verdadeiros filhos, sentem-se atraídos nas suas mentes de uma vez para continuarem em silêncio quando comigo; e tenho a mesma tendência para lhes transmitir em silêncio o que Deus me dá para eles. Neste silêncio descubro as suas necessidades e falhas, e comunico-lhes em plenitude abundante, de acordo com as suas necessidades.

Quando uma vez provaram deste modo de comunicação, todo outro se torna pesado para eles. Quanto a mim, quando uso a fala, ou a pena, com almas, faço-o só por causa da sua fraqueza, e porque ou não são puras o suficiente para a comunicação interior, ou porque é ainda necessário usar condescendência, ou para a regulação de assuntos exteriores. Foi neste silêncio inefável que compreendi a maneira pela qual Jesus Cristo Se comunicava aos Seus amigos mais familiares, e a comunicação de S. João, quando encostado ao peito do Seu Senhor na ceia da Páscoa.

Não era a primeira vez que se sentara assim, e era porque era o mais próprio para receber essas comunicações, ao ser o discípulo do amor. Comecei a descobrir, especialmente com o Padre Lacombe, que a comunicação interior se prosseguia, mesmo quando ele estava longe, tão bem como quando perto. Às vezes o nosso Senhor fazia-me parar curto no meio das minhas ocupações, e era favorecida com tal fluxo de graça, como o que sentia quando com ele - o que também experimentei com muitos outros, embora não no mesmo grau; mas mais ou menos ao sentir as suas infidelidades, e ao conhecer as suas falhas por impressões inconcebíveis, sem alguma vez me enganar nelas.

Foi pela experiência e pelo ensino desta grande doutrina de Cristo e da Igreja inicial que Madame Guyon, Fenelon, Padre Lacombe, Michael Molinos em Espanha, e os Amigos em Inglaterra, foram tão furiosamente perseguidos por pessoas que traziam o nome exterior de cristãos sem conhecimento da sua vida interior. E quão pouco os professores religiosos de hoje entendem este desenvolvimento espiritual, pelo qual as almas se abrem ao impulso da vida espiritual à sua volta, pelo qual Deus e os seus espíritos ministradores podem operar sobre e comunicar com elas, e pelo qual a riqueza do mundo invisível se torna acessível a espíritos encarnados.

Pelo qual, como George Fox disse, "os Estados podem ser discernidos", e "o guia infalível" ser seguido tão confiantemente como uma criança segue a mão guia de um pai; um estado no qual Wordsworth diz do seu Vagabundo:

> Não respirou graças, não proferiu pedido,
> Raptado em comunhão ainda que transcende
> Os ofícios imperfeitos de oração e louvor,
> A sua mente era uma ação de graças ao Poder

Que o fez; era bem-aventurança e amor!

CAPÍTULO XVII

OS PROFETAS DOS CEVENNES

Eles, os Cevennois, tinham muitos entre si que pareciam qualificados de uma maneira muito singular para serem os mestres dos restantes. Tinham uma grande medida de zelo sem qualquer instrução; mal tinham qualquer educação. Falei com a pessoa que, por ordem da rainha, me enviou entre eles para conhecer o estado dos seus assuntos. Li algumas das cartas que trouxe deles, cheias de um zelo sublime e piedade: ao expressarem uma coragem e confiança que não podiam ser intimidadas. –

Testemunho do Bispo Burnet aos Profetas dos Cevennes. –

Os Seus Próprios Tempos, vol. iv. p. 159.

Na maioria das nossas histórias inglesas deparamo-nos com noções leves e passageiras de certas insurreições nos Cevennes, uma região montanhosa do sul de França, contra a opressão de Luís XIV., às quais alguns auxílios de dinheiro, armas e homens, foram enviados pelo governo da Rainha Ana, mas que nunca alcançaram os insurretos em questão. Estes insurretos eram Protestantes, e, portanto, considerados dignos das simpatias dos Protestantes; mas aprendemos pouco de tais histórias dos resultados desta simpatia.

Descobrimos, no entanto, que um número desses insurretos se dirigiu a este país. Que professavam ser profetas; ser divinamente inspirados pelo Espírito Santo, e ser habilitados pelo Espírito Divino a realizar atos milagrosos, como os membros da igreja primitiva. Esta pretensão, aprendemos, imediatamente assustou e indignou a Igreja Inglesa desse dia, tanto Estabelecida como Dissidente; um grito alto ergueu-se contra estes Protestantes franceses como fanáticos.

O Bispo de Londres chamou a atenção da Igreja Francesa no Savoy para eles; a Igreja Francesa convocou-os perante o seu consistório, e os profetas rejeitaram a sua autoridade, ao declararem que não tinham mestres senão Deus. Isto tornou o clamor contra eles selvagem. O Dr. Edmund Calamy, um grande divino não conformista, cujo nome seria mais corretamente soletrado Calúnia, na indignação de uma divindade fóssil, que nega a posse da vida espiritual que Cristo prometeu à sua Igreja, e que a Igreja uma vez teve, mas renunciou por si própria, e recusa aos vizinhos, pregou poderosamente e amargamente contra estes pobres refugiados estrangeiros, por ousarem ter o espírito e as obras vivas do Salvador.

Apresentou o seu livro, chamado um Caviat, à rainha, ao chamar ruidosamente pelo castigo e expulsão destes blasfemadores. Consequentemente, os infelizes Cevennois foram denunciados, postos no pelourinho e ficaram muito contentes em escapar desta terra de tolerância alardeada.

Havia, no entanto, certos cavalheiros que se deram ao trabalho de inquirir por si próprios sobre a história real, vidas e opiniões destes homens infelizes, estes que buscavam pão e proteção dos Ingleses, e receberam não meramente uma pedra, mas muitas pedras e ovos podres. Estes cavalheiros, entre os quais estavam Sir Richard Bulkeley e o Sr. Lacy, cavalheiros de fortuna e posição, chegaram à conclusão de que os objetos deste clamor terrível eram homens simples, honestos, piedosos, e na posse de todos os dons espirituais a que reclamavam. Sobre isso imediatamente soou no exterior que Sir Richard Bulkeley era um homemzinho torto, a quem os profetas prometeram tornar, através do espírito, tão alto e direito como um álamo, e coisas ainda mais estranhas foram preditas do Sr. Lacy, o outro grande defensor dos Cevennois.

Agnes Strickland, na sua História das Rainhas de Inglaterra, relata todos estes rumores (on dits) solenemente, e acusa estes cavalheiros de encorajarem alguma "porcaria como o mesmerismo moderno!" Pobre Agnes! Infelizmente para estas aspersões sobre os campeões dos infelizes Profetas dos Cevennois, temos o testemunho do Bispo Burnet, citado acima; e encontramos o Dr. Josiah Woodward, um clérigo de alta posição na Igreja Estabelecida, na mesma altura em que escrevia contra os Cevennois, ao declarar os cavalheiros que os defendiam como homens de carácter tão alto que não podem por um momento ser suspeitos de encorajarem impostura; ao acrescentar a sua crença na sinceridade dos infelizes Cevennois eles próprios, embora não credite a sua inspiração assumida, mas a tratá-los como entusiastas sinceros, a quem os cristãos ingleses deviam piedade e enviar para casa nas suas montanhas, em vez de os perseguirem.

Ainda mais infelizmente para as calúnias amontoadas pela divindade doutrinal dura do tempo sobre estes pobres Protestantes franceses e os seus defensores, olhámos para os relatos dados deles por Sir Richard Bulkeley e o Sr. Lacy, e encontramos estes as relações de homens calmos, racionais e religiosos, com toda a marca de procederem de cabeças lógicas sãs e corações honrosos. No Relato Imparcial dos Profetas, por Sir Richard, dá-nos o modo pelo qual foi trabalhar para saber tudo sobre eles. Inquiriu se os fenómenos que apresentavam procediam de artifício, doença, delusão satânica, ou o Espírito Santo de Deus? Se estas pessoas tinham quaisquer

motivos de ambição, ganho, ou desejo de se servirem ao embrulharem-nos com os nossos inimigos?

Mais uma vez, tentou se podia reconciliar estes fenómenos com frenesi ou loucura; com melancolia entusiástica, ou convulsões epiléticas? Mas foi expulso de todas tais explicações pelo sentido sóbrio, saúde sã, piedade genuína, e veracidade simples destas pessoas. Encontrei-os, diz ele, não homens de consciências impiedosamente endurecidas, como deviam ter sido, para professarem ser atuados pelo Espírito Santo, como os Profetas fizeram, quando sabiam o contrário; mas homens de vidas e conversa sóbrias; homens de bom carácter; cristãos piedosos e devotos, e com o temor de Deus perante os olhos.

Encontrou-os a possuir um espírito extraordinário de oração e louvor a Deus; os dons de profecia, de exortação, de discernir espíritos, de línguas, da ministração do mesmo espírito a outros; e algum penhor do dom de cura; tudo o que eram provas que o Espírito Santo deu nos tempos dos Apóstolos; e estas sendo evidências brilhantes de ser de Deus, não ousei, diz ele, de algumas pequenas nuvens que de vez em quando parecem ao nosso entendimento escurecer o seu lustre, concluir que Deus não estava nele, ou ousar, na minha luz fraca, determinar o que o Todo-sábio e Todo-incontável quer ou não quer fazer a nós, que somos piores que o pó perante ele.

Tais eram as luzes cruzadas que brilharam sobre mim das declarações opostas do tempo, quanto a estes Profetas, que, do tom natural e honesto do bravo Sir Richard, homemzinho e torto como era, mas com uma alma evidentemente tão alta e direita como um álamo, me levaram fortemente a suspeitar que as histórias do Dr. Edmund Calúnia e Companhia eram justamente tais como assediam o Cristianismo, e todo o novo desenvolvimento do Cristianismo, nas pessoas de Lutero, Fox, Swedenborg, Whitefield, Wesley, e outros. Virei-me para inquirir o que os nossos escritores ingleses, historiadores, ou viajantes tiveram a dizer sobre eles desde então, mas pouco luz pude encontrar entre eles. O Rev. Sr. Smedley, na sua História da Religião Reformada de França, de facto, trata-os no verdadeiro espírito incrédulo da ortodoxia, como fanáticos; pessoas ignorantes, desarranjadas pelo entusiasmo, etc.

O tom desta ortodoxia de casca dura não me parecendo capaz de explicar os maravilhas que não só Bulkeley e Lacy, mas os numerosos testemunhos que depuseram à verdade das suas relações, perante os magistrados em Inglaterra, ousadamente afirmaram, como dado no Clamor do Deserto, e o Teatro Sagrado dos Cevennes, ambos publicados em Londres na altura, virei-me para as autoridades francesas.

Para a História das Igrejas do Deserto de Coquerel, História dos Pastores do Deserto de Peyrat, História do Fanatismo de Bruey, Memórias de Jean Cavallier, História dos Camisards, As Cartas de Flèchier, para Louvreleuil, Lebaume, Court; Cartas de Racine, e para outros, amigos e inimigos, e que cena rebentou sobre mim! Que cena de tirania e perseguição, sublime nos seus próprios horrores!

Que cena de heroísmo, de devoção, de fé bíblica e espiritualismo bíblico, numa raça simples de montanheses! Que cena de glórias e sofrimentos operados pela demoníaca de reis e padres, e o braço nu do Todo-Poderoso, estendido em toda a majestade dos tempos antigos entre um povo simples e pisado! A terra tem poucas tais histórias; demos um breve relato dela.

A história dos esforços da Igreja Papista para pisar toda a verdadeira Cristandade, uma Igreja que se chama a Igreja do Senhor, no entanto a fazer a obra mais decidida do diabo, nunca foi igualada pelas barbaridades de qualquer nação pagã. Se tivéssemos uma história do inferno, o que poderia ser senão uma história na qual aqueles que ainda retivessem quaisquer traços do céu, seriam atormentados por toda a invenção imaginável de crueldade, na qual toda a fúria demoníaca seria exercida para esmagar a última centelha de fé e virtude?

Tal é a história da grande heresia romana; o anticristo de Paulo, se alguma vez houve um, na qual dragonadas, inquisições, queima de pessoas vivas, e quebra delas em cremalheiras e rodas, esmagamento delas com botas de ferro, e as torturas mais esquisitas de todo o tipo, figuram de idade em idade. Nós, neste país, tivemos a nossa parte desta diabrura, da qual o próprio Tofete poderia ter aprendido lições frescas de tormento, durante os dias da sanguinária Maria e dos Stuarts papistas; mas o que foi o destino da Inglaterra, neste respeito, para o das nações continentais, onde a grande delusão ainda reina na escuridão e força? Os Albigenses e Valdenses deixaram uma história medonha da crueldade exterminadora de Roma contra o evangelho de Cristo.

O Protestantismo foi literalmente e totalmente extirpado na Boémia e Morávia pela extirpação da população. Atravessei as planícies melancólicas desses países, e a maldição da fúria aniquiladora de Roma parece ainda pairar sobre eles. Que horrores foram perpetrados na Estíria, no Palatinado, na Flandres, em Espanha e Itália! Em alguns destes países o papismo totalmente queimou e cortou aos pedaços o Protestantismo com os seus fanáticos (mirmidões) ditos inquisidores, alguazis, jesuítas, padres e soldados. Mas em nenhum país o reinado da tirania intelectual, de uma guerra medonha e implacável sobre o Protestantismo, durou tanto tempo, e apresentou tantos horrores, como em França; e por esta simples razão, que

o governo nunca conseguiu destruir totalmente o remanescente dos mártires de Deus.

Não precisamos contar a longa história dos Huguenotes, nem recordar a noite de S. Bartolomeu. Henrique IV. assinou o bendito édito de Nantes, e Luís XIV. revogou-o. Então rebentou, com fúria renovada, toda a alma assassina de Roma. Então novamente os pobres Protestantes foram caçados, arruinados, presos, assassinados por padres, bispos, maires, intendentes e soldadesca, ao comando de um homem que os historiadores se deleitaram em louvar como Le Grand Monarche, o grande Luís Quartorze, um dos monstros mais devasso, sem princípios, de alma de tigre, e terríveis que alguma vez se sentou num trono, e fez guerra a todos os direitos da Europa; - o exterminador do Protestantismo, o desolador de todas as nações vizinhas.

Que o Palatinado queimado e requeimado; que a Flandres desolada, e as carnificinas cometidas sobre os seus súbditos piedosos e simples do sul de França, para sempre o marquem como o monstro que era, e amontoem vergonha sobre as cabeças dos seus bajuladores e tolos! Em poucos países há uma região mais bela do que a da Provença e Languedoque no sul de França. O Viverais, os Cevennes, Rouergue, Gevaudan, e as regiões adoráveis em que se erguem Montpellier, Nismes, Uzes, St. Hippolite, e Somiere. Um país de antigas montanhas vulcânicas, antigas florestas, torrentes rápidas, e vales elísios; um país regado pelo soberbo Ródano, o Gardon, e o Ardêche.

Este paraíso de um país, habitado por uma raça brava e simples, descendida de sangue romano, das antigas colónias de Nismes e Narbona, foi o que Luís XIV. e o seu ministro brutal, Louvois, especialmente soltaram a tempestade da sua raiva perseguidora. O único crime do povo era que não queriam adorar Deus de acordo com os ritos dominadores e supersticiosos de Roma. Por isto, este monarca muito louvado, politicamente cego como era sectário e implacável, destruiu ou espalhou por todas as nações em redor, QUINHENTOS MIL dos melhores e mais devotos súbditos que algum rei teve, com todos os seus ofícios, a sua engenhosidade, e a sua indústria.

Entre estes, também, estavam alguns que subiram a alta eminência nos exércitos inglês e outros, e lutaram contra os tiranos. Tais foram Schomberg e Ruvigny, generais do nosso Guilherme III., que se tornaram respetivamente Duque de Leinster e Conde de Galway. Mas foi principalmente sobre o povo do Viverais, e acima de tudo sobre os dos Cevennes, que lançou a sua vingança desoladora. Ordenou-lhes altivamente que assistissem à missa, e se conformassem ao papismo.

Recusaram firmemente. Marchou então exércitos para os compelir, ou para os extirpar. Em 1685 teve lugar a revogação do Édito de Nantes. Ao encontrar que nem soldados nem prisões, nem a violência selvagem de padres e magistrados, tinham qualquer efeito em derrubar as igrejas protestantes, Luís determinou banir todo o pastor protestante do país. Se já são imbecis, disse ele, deixai-os ficar e apodrecer; se são de mente vigorosa, expulsai-os!

Consequentemente, viu-se a visão mournful de todo o ministro compelido a deixar os seus montes nativos e o seu rebanho. Mas o povo choroso não quis ser deixado para trás. Mil quinhentos e oitenta pastores deixaram para sempre o solo de França, seguidos até às fronteiras pelos olhos vigilantes de soldados e polícia. Estes bons homens espalharam-se por toda a Europa; e, ao vir o seu povo atrás deles, estabeleceram novas igrejas.

Entre eles estavam alguns homens muito eminentes: Claude, Dubosc, Dumoulin, Jurieu, Abadie, Beausobre, Lenfant, Pajon, Bayle, irmão do lexicógrafo; o mundialmente renomado Saurin, Basnage, Tronchin, Ancillon, Constant, Candolle, etc. Destes, Claude e Saurin instalaram-se na Haia, Dubosc em Roterdão, Ancillon em Berlim. Os seus rebanhos abandonaram as casas e o país, e apressaram-se atrás deles no exílio voluntário. Entre estes estavam 15.000 cavalheiros e 2.300 anciãos.

Surgiram em silêncio, diz Peyrat, e partiram em multidões; homens, mulheres, crianças – uma multidão desolada. Escaparam-se secretamente dos telhados paternos, das aldeias nativas; e em pequenos grupos procuraram fugir do país. Os condutores de mulas, embora proibidos sob penas severas, ousaram a empreitada por bom pagamento, e guiaram-nos por caminhos pouco frequentados até às fronteiras mais próximas.

Os fugitivos disfarçaram-se de condutores de mulas, ou de vendedores ambulantes, ou de mendigos; senhoras, cujos sapatos de cetim nunca antes tocaram a relva, andaram quarenta ou cinquenta léguas em tamancos de madeira, como camponesas; e senhores carregaram pacotes ou empurraram carrinhos de mão, para escapar ao conhecimento das guardas nas fronteiras. Em breve, a evacuação do país tornou-se tão alarmante – pois a revogação do édito privou dois milhões de pessoas da proteção das leis – que Luís emitiu as ordens mais rigorosas para que nenhum protestante recebesse permissão para sair do país.

O marechal Montrevel, o comandante militar dos Cevennes, publicou-as lá. Toda a pessoa que saísse do país sofria confiscação de toda a propriedade. Toda a pessoa que tentasse fazê-lo, embora em vão, sofria a mesma confiscação, e recebia condenação, se homem, às galés para toda a vida; se mulher, à prisão perpétua. Se ficassem no país, recebiam proibição de

vender a propriedade real durante três anos, ou a pessoal em absoluto, sob as mesmas penas; e, assim pregados aos lugares nativos, todos ficavam sujeitos às mesmas penas se frequentassem lugares de culto protestantes, ou dessem qualquer assistência a protestantes arruinados ou famintos. Assim entregues como presa aos padres, informadores e soldados, confiscação e galés, ou morte, recebiam denúncia contra todos os capitães que ousassem levá-los para fora por mar.

Toda a população protestante do sul encontrava-se agora à mercê da espada e do saqueador. As casas deles sofriam pilhagem e incêndio, as colheitas sofriam destruição, e eles próprios recebiam empurrões para as galés aos milhares, até que estas não pudessem conter mais; e então as prisões enchiam-se até ao excesso – e que prisões! Eram poços e masmorras que pululavam de vermes, e répteis gerados pela sujidade; abismos não visitados pelo sol!

As infelizes pessoas não podiam ficar de pé, sentar-se, ou deitar-se. Desciam para estas profundezas horríveis com cordas, e subiam apenas para receber flagelação, mutilação, dilaceração no potro, ou quebra viva na roda. Muitos, após algumas semanas de confinamento, saíam destes infernos sem cabelo e sem dentes! Carne putrefacta e lixo de gado atiravam-se para estes poços como alimento deles. Rebolavam-se em charcos de impureza; os corpos inchavam; as peles descascavam como papel molhado; eram, na verdade, cadáveres vivos.

Por fim, para desobstruir estes infernos de horror e contágio, Luís recebeu obrigação de embarcá-los em transportes podres para a América, indiferente se chegavam a terra ou ao fundo do oceano. Mas como o uso mais ativo e impiedoso do fogo, espada, pilhagem, potro, tortura, enforcamento, e assassínio nestas prisões-abatedouros, não podia dobrar estes pobres, mas bravos cristãos, Montrevel, o general, e Baville, o intendente, determinaram devastar o país dos Cevennes, e exterminar todo o protestante. Dividiram, portanto, todo o território em secções, e distribuíram a cada secção a sua tropa de soldados, que foram trabalhar para destruir toda a casa, devastar com fogo todo o campo, e matar todo o homem, mulher, e criança que pudessem encontrar.

Deixaram apenas algumas cidades, para onde os católicos pudessem fugir até que o massacre ficasse completo. Empurrados por estas medidas impiedosas à rebelião, os cevennois levantaram-se e defenderam-se. Subiram para as montanhas, e para as florestas, armazenaram o grão e provisões em cavernas enormes, e todo o homem, que tinha qualquer tipo de armas, tornou-se soldado. No entanto, que punhado contra uma hoste!

O cálculo mais alto dá apenas 3.000 cevennois em armas ao mesmo tempo; alguns autores declaram que nunca houve mais de 2.000; enquanto as tropas do rei, disciplinadas nas grandes guerras do tempo, e a milícia, ascendiam a 60.000 homens, comandados pelos melhores generais de França. Mas o punhado de bravos montanheiros, confiantes em Deus, determinou não morrer mansamente. Elegeram líderes, e precipitaram-se sobre os inimigos, dispersando-os e matando-os de modo admirável. Uma das primeiras tentativas consistiu em resgatar um número de infelizes irmãos e irmãs e filhos das mãos do abade Chayla, o prior de Laval, arcebispo dos Cevennes, e inspetor de missões no Gevaudan. Este homem tinha uma multidão de padres à volta dele, e perseguiam os protestantes impiedosamente. As caves do palácio de Chayla enchiam-se de vítimas, que ele e os padres torturavam diariamente.

Às vezes corriam de uma para outra batendo-lhes com paus até ficarem sem fôlego. Esticavam-nos no potro; inventavam novos modos de tortura. Faziam-nos fechar as mãos sobre brasas ardentes; enrolavam os dedos em algodão oleado, e ateavam-lhe fogo. Atavam as mãos e pés das vítimas, e erguendo-as, mergulhavam-nas no chão de cara. Atavam-nas na forma de animais de quatro, e mantinham-nas durante dias nessa postura constrangedora, incapazes de olhar para cima. As vítimas só podiam escapar, os homens com dinheiro, as mulheres com perda da honra.

Por fim, o povo indignado marchou sobre ele, exigiu a libertação das vítimas, e como ele e os ímpios coadjutores apenas responderam com tiros sobre eles, irromperam, queimaram a casa sobre a cabeça dele, mataram-no, e levaram os prisioneiros, cantando um hino de triunfo. Então ergueu-se o sangue dos oprimidos por longo tempo, e a guerra continuou durante dez anos. Terríveis foram os feitos dos sessenta mil soldados com todos os massacres, as dragonadas, as conflagrações, os potros, os cadafalsos, e os enforcamentos.

Terríveis e maravilhosos foram as retaliações dos pequenos 2.000. Os limites de um único capítulo proíbem-me de seguir o curso desta história maravilhosa, mais maravilhosa, mais desesperada, e mais triunfante do que a dos covenantes escoceses. É uma história de volumes, não de um capítulo. Mas o que nos concerne consiste em que a fonte dos triunfos e dos feitos que ressoaram pela Europa foi o espiritualismo – espiritualismo do mais exaltado, do mais bíblico, e do mais inédito carácter.

Espiritualismo que exige para os factos registados o máximo alongamento da fé, mas atestado por uma nuvem de testemunhas, inimigos assim como amigos, tal como nenhuma história, a mais universalmente aceite, pode superar em peso, em números, em ascendência, ou em fiabilidade. Quando

os infelizes povos se viram empurrados ao desespero, quando os cães de caça do despotismo, e os cães do inferno do Anticristo os rodearam com fogo e artilharia, com milhares esmagadores, e com carnificina diária e insaciável, então clamaram poderosamente a Deus, e Deus veio visivelmente ao socorro deles. Receberam um poder e uma paixão extraordinários de inspiração. Agitavam-se e transfiguravam-se com isso, como os clarividentes se movem. Então irrompiam em profecias; em declarações de confiança em Deus; em exortações à oração e à renovação de vida.

Prediziam tudo o que se mostrava necessário para a segurança e o sucesso deles. Revelava-se imediatamente a alguns deles onde o inimigo marchava contra eles e em que números, e assim estavam sempre prontos para surpreendê-los e derrotá-los. Toda a ação recebia regulação pelos oráculos, que nunca falhavam. Se deviam lutar ou fugir, esconder-se ou avançar, recebia indicação clara. Se um traidor surgia entre eles, recebia indicação imediata; se os inimigos planeavam meios para a destruição deles, viam-nos como se presentes, e ouviam o discurso deles.

Homens, mulheres, e crianças falavam, sob inspiração, não no patoá ordinário, mas no francês mais puro; crianças de apenas doze meses e menos, que nunca antes usaram a fala, falavam para o espanto de centenas presentes, e as palavras de tais crianças recebiam aceitação implícita como as dos mais velhos e sábios entre eles. Estes factos surpreendentes permanecem no testemunho de números, e alguns deles de mais alto grau e fama. Não se mostra possível entrar nestes detalhes aqui; todos recebem declaração plena nas obras a que me referi; e mostram a verdadeira fonte do triunfo incomparável do pequeno bando dos cevennois durante anos sobre os poderosos exércitos de França.

A partir do momento em que qualquer homem recebia a influência do espírito, observava-se que se tornava um homem novo, qualquer que tivesse sido a vida anterior, e nada podia seduzi-lo da pureza de vida e da devoção à causa. O espírito, dizem alguns destes heróis eles próprios, inspirou todas as manobras militares, e animou a coragem dos chefes na batalha. Não tinham conhecimento de guerra, nem de qualquer outra coisa. Tudo lhes recebia doação milagrosa. O espírito encorajou os soldados, diz o senhor Fage no ‘Theatre Sacré’. Quando prestes a entrar na batalha, e o espírito disse, ‘Não temas nada, meu filho, eu te guiarei, eu estarei contigo’: Precipitei-me na confusão (mêlée) como se estivesse vestido de ferro; como se as armas do inimigo fossem de lã.

Felizes nas palavras de Deus, os nossos pequenos rapazes de doze anos, golpeavam à direita e à esquerda como homens valentes. Aqueles que não

tinham espadas nem espingardas faziam maravilhas com golpes de bastão, ou de clava. As balas assobiavam à volta das nossas orelhas como granizo, mas de modo inofensivo. Cortavam os nossos bonés e casacos, mas não faziam mal. Cavallier diz que frequentemente as encontravam nas camisas, achatadas, mas sem fazer ferida.

Aqueles a quem o espírito dizia de antemão que cairiam iam resignadamente ao martírio; os restantes lutavam com confiança segura de segurança, e declaravam com Cavallier que frequentemente encontravam as bolas achatadas entre as camisas e a pele. Este era o grande segredo desses prodígios de valor que espantaram toda a Europa, e confundiram os mais experientes dos generais reais. Os sofrimentos dos cevennois, no entanto, mostravam-se terrificantes. Quatrocentas cidades e aldeias reduziam-se a cinzas, e todo o país durante vinte léguas ficava um deserto. Mas os protestantes caçados fizeram terríveis represálias. Destruíram toda a cruz, imagem, e símbolo do papismo que se aproximavam, impuseram contribuições pesadas, e mataram um terço do exército real. E tudo isto realizou-se por pobres camponeses e artesãos simples.

Todo o movimento mostrou-se puramente entre o povo. Receberam orientação e instrução de nenhum da nobreza; estes escaparam para o estrangeiro, ou eram quase totalmente católicos; Rowland, o comandante-em-chefe, era um viticultor; Cavallier, o grande guerreiro, o David do exército, que era um rapaz imberbe quando se apresentou como profeta e líder, e tinha apenas dezanove anos quando terminou a carreira nos Cevennes, era um camponês e padeiro. Catinat era um vigilante de cavalos nas colinas de Vivens. Seguier, Castanet, Saloman, Ravanel, e La Belle Isabeau, a profetisa, eram todos cardadores de lã.

Elie Marion era o único de uma família de grau superior. No entanto, todos estes conduziram a parte do comando e da gestão dos assuntos gerais, com uma habilidade e sucesso que espantaram além de toda a medida os opositores de alta nascença e realizados, e cobriram-nos com derrota contínua. Estes, não auto-instruídos, mas instruídos por Deus, conduziram os assuntos civis da comunidade, de uma população expulsa das casas, reduzida à mendicidade, e a perigo diário da natureza mais assustadora; atirada, na verdade, para as mãos num gigantesco massa de desamparo e miséria, com a mesma sagacidade brilhante com que fizeram a guerra.

Cuidaram de trazer do inimigo provisões e roupas abundantes; gado, ovelhas, milho, e vinho. Construíram vastos armazéns de munições, e de todos os suprimentos necessários, em cavernas nas colinas, e nas profundezas das florestas. Aquartelaram-se a si próprios e ao povo dependente nos castelos e palácios (chateaus) dos inimigos. Tinham

hospitais e retiros para os feridos e inválidos, e compensavam a falta de habilidade cirúrgica, em muitos casos, com cuidado terno e engenho nativo. No entanto, tinham cirurgiões entre eles também.

Os grandes líderes dos camisards, como se chamavam – de Camis, o nome dialetal para uma camisa, porque se serviam de camisas limpas onde quer que fossem, ou, mais provavelmente, da blusa preta que vestiam, para que não se vissem facilmente à distância, donde se chamavam Os Fantasmas Invisíveis – eram Rowland e Cavallier. Rowland Laporte era um homem de cerca de quarenta anos; sedado, pensativo, e dotado de capacidade para gerir os assuntos gerais. Pela sabedoria e prudência dele, tudo se mantinha em ordem, e cada um se encaixava no lugar.

A vigilância providencial dele, sob a orientação imediata de uma Providência superior, inspirava confiança, e difundia ordem e harmonia por toda a comunidade camisard. Ele, assim como cada comandante, era um profeta ou médium, e exortava, e orava, e profetizava nas assembleias. Estas assembleias realizavam-se ao ar livre, às vezes nas clareiras das florestas, às vezes nos pátios dos velhos palácios (chateaus).

Para elas o povo, homens, mulheres, e crianças, corriam, no meio do perigo, das florestas e esconderijos, carregando as bíblias, resgatadas das chamas das casas em chamas, e escutavam atentamente as palavras dos inspirados, e os hinos de fé e triunfo, até que os homens, mulheres, e crianças se tornavam capazes dos feitos mais surpreendentes. Cavallier era o grande génio, o grande herói dos camisards. Jovem como era, de baixa estatura, de rosto simples, claro, e rubicundo, e com o cabelo longo a ondular sobre os ombros, era capaz de levar consigo os espíritos de todos à volta, tanto quando proferia uma arenga inspirada como quando os levava à batalha.

À direita dele cavalgava sempre o gigantesco e intrépido Ravenel, com a barba espessa e cabelo selvagem, à esquerda o irmão mais novo Daniel, um mero rapaz, num belo cavalo jovem. À frente da cavalaria precipitavam-se para as planícies, e espalhavam terror entre soldados, padres, e a população católica. Tinham, através de inspiração, conhecimento dos movimentos dos inimigos, e armavam emboscadas para eles, e derrubavam-nos com matança surpreendente. Cavallier tinha um toque do herói de romance nele. Vestia-se a si próprio e aos seguidores como soldados reais, e assim obtinha admissão nos castelos e fortes, jantava com os comandantes, e depois surpreendia-os ao prendê-los, levá-los para fora das fortalezas, e atear fogo a estas.

Entrava nas cidades disfarçado, e tornava-se mestre de todos os projetos dos oficiais do rei. O povo concebia por ele a admiração mais entusiástica.

Olhavam para ele como, sob Deus, o grande libertador, e isto, por fim, levou à queda dos camisards. Começaram a confiar mais nos instrumentos do que no Deus que os fez. Os chefes vestiram-se com os uniformes esplêndidos dos oficiais do rei mortos. Adornaram-se com correntes de ouro, e anéis de rubi e diamante. Cavallier, Rowland, Ravenel, Abraham Mazel, e os restantes, podiam ver-se com chapéus largos e plumas, e casacos escarlates, montados nos cavalos orgulhosos.

Cavallier montava um nobre cavalo branco que pertenceu ao coronel La Jonquiere, e que levou depois consigo para a guerra em Espanha. Viviam nos castelos e chateaus de nobres antigos, e chamavam-se duques e condes; mas os seguidores persistiam sempre em chamá-los simplesmente irmãos. Rowland intitulava-se Duque dos Cevennes, e declarava o país dele, conquistado pela espada. Tinham, embora ainda piedosos e bravos, esquecido em parte a rocha de onde foram talhados, e a glória partiu. Luís, ao encontrar que os generais sucessivos e exércitos sucessivos nada valiam, enviou contra eles o subtil Villars, que depois lidou com Marlborough nas planícies de Flandres.

Villars compreendeu em breve que talvez pudesse extirpar toda a raça por uma vasta luta e um tremendo massacre, mas que nunca os poderia subjugar. Tentou arte e lisonja. Convidou Cavallier para o encontrar e deu reféns pela segurança dele. Encontraram-se em Nismes, e que cena foi essa! O povo afluiu de todas as cidades circundantes, de aldeias e quintas, para contemplar o herói dos Cevennes.

Amontoaram-se em milhares densos e ansiosos sobre milhares, beijando os pés e as vestes dele, enquanto cavalgava orgulhosamente no corcel branco, com o pequeno grupo de camisards a abrir caminho com as espadas, e Ravanel e o jovem Daniel a cavalgar de cada lado dele. O orgulhoso marechal e Cavallier encontraram-se nos jardins do velho mosteiro dos franciscanos; e o brando e polido general real derramou o veneno subtil da lisonja no ouvido do jovem montanheiro.

Falou da fama que conquistou amplamente pelo mundo; do desejo do rei de o tornar comandante de um regimento dos bravos camisards, para lutar, não contra ele, mas contra os inimigos dele. Ofereceu liberdade de consciência, embora não liberdade para ter igrejas, aos bravos protestantes dos Cevennes. Cavallier exigiu outras garantias e privilégios; mas Villars disse-lhe que a bondade do rei e a palavra do rei eram as melhores garantias para súbditos leais; e o jovem fraco, fraco sem o guia espiritual, caiu. Assinou o contrato, e assinou-o sem consultar o chefe – Rowland.

Quando Cavallier regressou às colinas para proclamar a conquista da liberdade de consciência, e para chamar consigo o regimento de heróicos

camisards para campos de glória distante, que recepção foi essa! Que cena selvagem e temerosa! Que liberdade? Que segurança? exigiu o indignado Rowland. Não: a menos que os camisards tivessem liberdade para adorar Deus, não em buracos e cantos, não apenas em desertos e cavernas, mas nas próprias igrejas, com todos os direitos e garantias de cidadãos, viveriam e morreriam com as armas nas mãos.

Um grito terrível e um uivo de fúria, misturado como com o rolamento do trovão e o sibilo de serpentes, irrompeu à volta do jovem espantado dos frenéticos camisards. Traidor! Traidor! e não Libertador e Salvador, precipitou-se dos pulmões dos milhares de camisards enfurecidos – dos homens que liderou por tanto tempo à batalha, e que não temiam morte ao comando dele.

Em vão explicou e raciocinou; não o ouviam, até que Rowland disse, Embora não possamos concordar com o nosso irmão iludido, não nos separemos em ira, e abraçou-o. Então os corações de todos os soldados amoleceram um pouco, ao pensarem nos velhos tempos; e quando o campeão de coração ferido disse, Que aqueles que me amam me sigam, quarenta saíram das fileiras e seguiram-no. Quarenta apenas que agora o amavam! Quarenta apenas que seguiram a bandeira dele como a bandeira de Deus de vitória certa! Quarenta apenas de todos aqueles que viram as maravilhas do braço jovem dele, e precipitaram-se na batalha mais quente à voz da trombeta dele, seguiram agora em silêncio o herói melancólico e o jovem Daniel; pois o gigantesco Ravanel – fiel até este momento a Deus e a Cavallier – permaneceu agora firmemente fiel apenas a Deus.

Acenou a espada veementemente, e gritou com os soldados camisards, Viva a espada do Eterno! Viva a espada do Eterno! Essa foi a queda dos camisards. A glória dos Cevennes, e a guerra maravilhosa sob as bandeiras do Todo-Poderoso, e os exércitos visíveis dos anjos – visíveis aos profetas nas horas de êxtase – terminou. Do ano 1701 a 1705 foi o período da revelação mais maravilhosa, e conflito, e vitória. Cavallier e o pequeno grupo – melancólico, e ominoso de mal feito com boa intenção, e de mal a vir – receberam envio sob guarda para Versalhes.

Cavallier recebeu indicação, numa das horas iluminadas dele, de que falaria com o rei; e falou com ele, e ousadamente e eloquentemente, pelos povos oprimidos das montanhas dele, e do belo sul; mas descobriu rapidamente que falava apenas a um velho e inchado fanático, rodeado pelas influências mais corruptas e sacerdotais – um escravo sensual e dominado por padres – embora o monarca nominal de França. Quando lhe lembrou o tratado feito com o marechal Villars, numa voz de trovão mandou-o calar; e o camisard soube então que recebeu traição.

Alguma voz amiga sussurrou-lhe agora para fugir, antes que a Bastilha o fechasse a ele e ao grupo para sempre. Mas não se destinava à Bastilha, mas à fortaleza de Brisac, que o rei traiçoeiro destinou para eles; no caminho, cavalgaram na noite, e alcançaram a fronteira e a segurança. A história subsequente de Cavallier mostrou-se mais afortunada do que a do recente irmão chefe. Foi para a Holanda, e, ao recolher um regimento de refugiados protestantes franceses, lutou galantemente na Sabóia, e em Espanha, contra o perseguidor Luís.

Na batalha de Almanza, o regimento de camisards, ao encontrar-se face a face com um dos velhos regimentos de Montrevel, que ajudou a devastar os Cevennes, os inimigos amargurados – compatriotas, mas católicos e protestantes – precipitaram-se uns sobre os outros com baionetas fixas, e, sem disparar um tiro, lutaram com tal fúria que apenas trezentos de ambos os regimentos, segundo o duque de Berwick, ficaram vivos. Depois disso Cavallier veio para Inglaterra.

A fama mundial dele deu-lhe alta distinção, e levou à riqueza. Casou, na Holanda, com uma filha da famosa Madame Dunoyer, de Nismes, e por esse casamento tornou-se sobrinho de Lachaise, o confessor perseguidor de Luís XIV, e, nominalmente, cunhado de Voltaire! Escreveu as Memórias, e tornou-se o Governador de Jersey, cargo que ocupou até à morte, que ocorreu em Chelsea, em 1740. Mas mostrou-se feliz como próspero? Quando o apresentaram na Corte, a Rainha Ana perguntou-lhe se o Senhor ainda o visitava, como fez nas montanhas nativas; e o chefe ex-camisard rico e afortunado (?) irrompeu em lágrimas, baixou a cabeça, e ficou silencioso!

Os restantes líderes camisards recusaram quaisquer compromissos – recusaram o tratado ilusório e em breve violado. Mas o encanto quebrou-se; o Espírito Divino, que brilhou em glória não nublada sobre eles, velou-se em grande medida, se não se retirou. A confiança recebeu um choque pela deserção de Cavallier, e a suspeita e a fraqueza infiltraram-se. Rowland, o bravo, o bom, e o sábio, tornou-se, na própria imaginação, o Duque dos Cevennes, e gabou-se de o conquistar pela espada. Em breve recebeu permissão para cair nas mãos de um traidor, e recebeu morte, ao defender-se galantemente contra uma força emboscada e esmagadora. Não havia mais qualquer cabeça, qualquer centro de união.

Cada chefe comandava a própria secção independente de camisards, que lutavam bravamente, mas recebiam subjugação. Alguns renderam-se com a condição de receberem permissão para sair do país; outros receberam captura e morte com torturas horríveis, ao manterem-se sem sono, ou quebrados, polegada por polegada, na roda. Com os líderes todos idos, o

pobre povo sofreu uma condição de opressão triste. Não se pagava respeito ao tratado; e permanece uma longa história de guerras e violência esmagadora até ao surto da Revolução.

Não existe história tão triste como a dos protestantes do sul de França até 1787, quando Luís XVI recebeu obrigação de passar um édito de tolerância muito gabado, mas lastimável. O édito concedeu o mero direito de culto, e legitimou casamentos entre protestantes; mas excluiu-os rigorosamente do exercício de toda a função civil, judicial, ou política, e sujeitou-os à dominação da igreja estabelecida, que perpetrou sobre eles cem anos do martírio mais cruel, e ainda os olhava com olhos de lobo que ainda lambe os maxilares sangrentos.

Mostra-se um facto singular que não se deveu ao assim chamado cristianismo do país, mas que era, na verdade, a falsificação do diabo dele, que os protestantes franceses deviam a liberdade, a restauração aos direitos humanos – mas à Infidelidade; ao ceticismo e ateísmo que as ternas misericórdias do soi-disant cristianismo geraram; ao nojo, universal e inexprimível em França, que as opressões e supressões, as masmorras, os potros, os fogos, a insolência e a escuridão do Anticristo criaram, e que, ao cooperar com e encorajar o despotismo político, evocou a tempestade da indignação nacional, que destruiu tanto trono como altar.

Lê as palavras altivas do édito emancipatório de Luís XVI de 1787: ‘Pour cette grâce royale, vous serez assujettis au service de l’état et à l’entretien de la religion catholique, seule dominante; mais du reste, vous demeurez à jamais exclus de toutes fonctions d’administration, de judicature, d’enseignement, et privés de tout moyen d’influence dans le royaume. En un mot, vous n’obtiendrez de nous ce que le droit naturel ne nous permet pas de vous refuser.’ Mas Voltaire deu o sinal, e magistrados, filósofos, e homens literários tornaram-se os órgãos da tolerância, os ecos da voz poderosa de Ferney.

Tolerância era a palavra de ordem universal: procuradores gerais, Rippert de Montclar, Servan, la Charlotais, exigiram-na do parlamento; Turgot e D’Alembert, em jornais e panfletos; Fenouillot de Falbaire, no teatro, no drama dele ‘O Criminoso Honesto’; Paris, França, exigiram-na em trovão. A nova filosofia penetrou por todos os poros da sociedade superannuada, e decompô-la totalmente, como o ar decompõe um cadáver. Não foi monarquia, não foi cristianismo, mas a Assembleia Nacional, que proclamou a liberdade da mente; e, no entanto, mostra-se notável que essa Assembleia elegeu, como um dos primeiros presidentes semanais, um pastor da Igreja do Deserto, um filho dos mártires dos Cevennes, Rabaut Saint Etienne!

E quando as masmorras do Anticristo se abriram, encontraram nelas multidões de seres miseráveis cuja visão poderia extrair lágrimas de um Calígula. As vítimas da igreja santa e infalível, principalmente mulheres, sobrecarregadas com a ideia de libertação, caíram aos pés dos libertadores, e puderam expressar as sensações apenas com suspiros e lágrimas. Muitas delas tinham oitenta anos de idade; uma, de cinquenta e três anos, passou trinta e oito na prisão!

Marie Durand, irmã do mártir desse nome, recebeu lançamento na masmorra aos cinco anos de idade, e passou toda a vida lá! O conflito ardente dos profetas dos Cevennes teve por fim o triunfo. Este foi o resultado das inspirações e martírios dele. Os poderosos caíram, mas os fracos, poderosos em Deus, permaneceram – o protestantismo sobreviveu a todas as dragonadas. Na revogação do Édito de Nantes, os protestantes de França calculavam-se em dois milhões; calculam-se agora em três milhões, após os números enormes que receberam destruição, ou que emigraram para a América, para o Cabo da Boa Esperança, e para a maioria dos países da Europa.

Concluímos a nossa história, diz Peyrat, por uma observação que é a conclusão natural e consoladora. Consiste em que o resultado desta dragonada gigantesca – desta opressão política – foi quase nulo. Que a maior ferida dada ao protestantismo francês foi a expatriação de meio milhão dos filhos dele; no entanto permanecem não menos em número. Os Cevennes deram ao mundo uma grande e salutar lição. Provaram que o apostolado da espada mostra-se impotente para converter almas; e que, para triunfar sobre um despotismo o mais colossal, basta ao povo mais fraco sofrer em silêncio e esperar.

Felizes os que creem, que amam, e que esperam. E o quadro que ele traça destes espiritualistas camisards, tão tarde como 1840, mostra-se belo. Os turistas que hoje atravessam estas montanhas, ao ponderarem nos eventos trágicos de que foram o teatro, admiram com um espanto involuntário o profundo sossego – a serenidade de espírito destas populações hospitaleiras. As calamidades não deixaram uma partícula de ressentimento nas almas delas, para amargurar as tradições piedosas e marciais que contam ao estranho. Os vestígios de perseguição desapareceram tão completamente do solo como dos corações, apenas os habitantes de alguns cantões não reconstruíram as igrejas – continuam a cultuar no deserto.

Quantas vezes, nas minhas andanças, ouvi subitamente erguer-se ao longe uma salmodia, simples, grave, e algo monótona, mas de carácter profundamente religioso, que os ventos me trouxeram através das florestas, misturada com o murmúrio de torrentes, e o tilintar dos sinos dos rebanhos

e manadas. Apressei-me para ela, e em breve descobri, nas saias da floresta, ou em algum prado, duzentos ou trezentos fiéis a escutar, em absorção piedosa, as palavras do pastor, estacionado numa rocha ao pé de algum carvalho antigo, que o cobria com os ramos.

Ah! quão insípida se torna toda a forma de culto após essa adoração no deserto; no meio dessa natureza viva que mistura a voz majestosa com os hinos do homem; sob um céu cujas profundezas transparentes permitem ao espírito místico captar vislumbres do invisível. A emoção duplica-se quando o deserto, como o Champ Domergue, é um local consagrado pelas orações e combates dos antepassados. O pastor lá, o ministro de Vialas, é o descendente do patriarcal Elie Marion. Os jovens catecúmenos carregam os nomes de guerreiros e mártires; pois as famílias religiosas, os descendentes dos camisards inspirados, permanecem ainda quase inteiras. Os Seguiers permanecem nas aldeias perto de Magestavols.

A posteridade de Castanet, sob o nome de Mallaval, descendida pela linha feminina, habita ainda a cabana desse chefe em Massavaque. Os Mazels são uma tribo populosa. Os Maurels, descendidos da irmã de Catinat, são pequenos proprietários, agricultores, e tanoeiros em Caila. Os Cavalliers, prósperos também, deixaram Ribaute; mas o tronco dos Laportes – a família de Rowland – de que um rebento se transplantou para St. Jean-du-Gard, floresce ainda na casa ancestral de Massoubeyran; e o mais jovem destes rebentos recebeu o nome do ilustre tio-avô, o general camisard,

ROWLAND LAPORTE.

Os camisards que alcançaram este país, e entre eles, o bravo Elie Marion, o outro Cavallier, e números além, estavam prontos para confirmar a verdade das relações mais surpreendentes que se encontram nas histórias destes cevennois, com o sangue. Para testemunhos abundantes do tipo mais inatacável, o leitor pode referir-se às ‘Cartas Pastorais’ do celebrado Jurieu, impressas A.D. 1688 e 1689; aos tratados dos senhores Benoist, Brueys, o Marquês de Guiscard, e o senhor Boyer; às cartas do senhor Caledon, Madame Verbron, o Marquês de Puysegur; e aos testemunhos em forma de vinte e seis testemunhas oculares e auriculares, durante a estada em Londres, sob juramento perante Sir Richard Holford e John Edisbury, Esq., mestres em Chancery, em 1707, nomeadamente: Senhores Daudy, Facio, Portales, Vernett, Arnassan, Marion, Fage, Cavallier, Mazel, Dubois, Madame Castanet, Madame Charras, e outros; todos camisards distinguidos nesta grande luta, e cujos descendentes no dia presente contam com orgulho a parte deles nestes eventos surpreendentes, e mantêm a veracidade deles.

O senhor Brueys, na ‘História do Fanatismo’ dele, admite que são factos provados em julgamento, e tornados autênticos por muitos decretos do parlamento de Grenoble, pelas ordens dos intendentes, por julgamentos ou sentenças judiciais, por procedimentos verbais, e outras provas justificadoras. ‘Católicos de bom senso’, admite o senhor Brueys, ‘não sabem o que pensar destas coisas; e o único modo de sair da perplexidade consiste em atribuir os milagres ao diabo, ou à força surpreendente do entusiasmo.’

O último argumento seria igualmente fatal aos milagres católicos. Mas recebe-se garantia, por autoridade não menor do que a do ‘Athenæum’ de Londres de 26 de Março de 1859, num artigo sobre ‘Dez Anos de Mulheres Italianas’ de Trollope, de que nenhuma quantidade de entusiasmo explica tais fenómenos. ‘Necessita-se algo mais potente do que tudo isto. Existe uma agência sobrenatural e espiritual que o senhor Trollope não leva em conta. O elemento religioso envolve-nos a todos; “está à volta do nosso caminho e da nossa cama”; todos vivemos no limiar do mundo invisível; cada vez que um homem se ajoelha em oração, na igreja ou na câmara, dirige-se à “presença terrível de um poder invisível”.

Santa Catarina habitava no coração desse grande mistério; homens e mulheres ordinários vivem no presente visível, e não habitam “em mundos não realizados”; no entanto os grandes movimentos que agitaram os corações dos homens como árvores das florestas por um vento forte, tiveram a origem num entusiasmo fanático, ou numa ideia religiosa; dizemos fanático, porque expressaríamos a devoção veemente, absorvente a uma ideia mais forte do que o homem próprio, que seria sanidade se não fosse INSPIRAÇÃO.

Homens e mulheres levados, arrebatados numa ideia religiosa, têm todas as pequenas esperanças, medos, e motivos, e interesses próprios, que tornam os homens covardes e inconstantes, queimados deles; a crença na sabedoria e ajuda que vêm de cima, dá-lhes essa vontade inteira e perfeita que não tem falha de dúvida para macular a unidade dela. Uniram-se a uma força não própria, e TRANSCENDENDO todos os obstáculos humanos; e “trabalha neles poderosamente para querer e fazer”, como um deles expressa.

Este misticismo não se mostra suscetível a quaisquer “leis da razão correta”; apela ao instinto religioso profundo, que é o sentimento mais forte na natureza do homem, e subjaz a todas as diferenças de clima e raça, e “faz de um sangue todas as nações da terra”. Catarina tinha este entusiasmo religioso; tinha essa fé que podia operar milagres e remover montanhas.’ Esta é uma confissão franca de um jornal que, em tantas

ocasiões, ridicularizou qualquer ideia do sobrenatural. O que Catarina de Siena fez, os camisards, pelo mesmo poder sublime e omnipotente, fizeram num grau ainda mais elevado. O número dos profetas, diz Brueys, um inimigo deles, era infinito; havia muitos milhares deles.

Algumas das coisas feitas, e plenamente registadas e atestadas, como já dito, tanto em histórias como perante autoridades públicas, superam toda a crença ordinária. Mulheres derramavam lágrimas de sangue, e homens colocavam-se em grandes pilhas de madeira, como os mártires, e estas recebiam fogo, de modo que as chamas se encontravam sobre as cabeças deles; e, no entanto, saíam, quando toda a madeira queimava até cinzas, ilesos. O lugar, tempo, e testemunhas destes factos recebem declaração, e uma selecção deles pode ver-se no 'Spiritual Telegraph' para 1859, p. 236.

Após o julgamento desta provação em Clary, um dos profetas e líderes deles, na presença do coronel Cavallier, e milhares de espectadores, em Serignan, em Agosto de 1703, o povo irrompeu num canto simultâneo de uma versão francesa do Salmo 104: Bénis le Seigneur, ô mon âme! Seigneur! maître des dieux, roi de l'éternité, Sur ton trône éclatant, ceint d'un manteau de flamme, Tu règnes; couronné de gloire et de beauté! Mesmo os historiadores destas cenas, que assumem o terreno de imparcialidade, e as relatam com as qualificações, 'como acreditavam', 'como afirmam', 'como pensavam', encontramos continuamente a esquecerem-se, e a irromperem na admissão mais ampla da própria fé nestas maravilhas.

Assim Peyrat, na 'História dos Pastores do Deserto' dele, iv. 179, usa linguagem com que concluirei este capítulo. 'Desde Voltaire, mostra-se difícil, em França, falar de profecias e prodígios, sem receber sobrecarga com sarcasmo e ridículo. No entanto, o êxtase é uma condição incontestável e real da alma. Fenomenal hoje, era comum na infância da raça humana: nos primeiros dias do mundo, quando Deus amava conversar com o homem na inocência dele, no solo virgem da terra.

Era uma espécie de sexto sentido, uma faculdade pela qual Adão contemplava o invisível, conversava face a face com a Sabedoria Eterna, e, como uma criança com a mãe, vivia com o Criador nos deliciosos bosques do Éden. Mas após a queda, o céu fechou-se, Deus raramente desceu entre a raça perdida; a essência divina do homem retirou-se dele, e o dom profético recebeu concessão apenas a intervalos a mensageiros extraordinários, carregados com palavras de ameaça mais frequentemente do que as de amor.

Todas as nações primitivas, índios, persas, fenícios, gregos, latinos, celtas, escandinavos, tiveram os iogues, os magos, os videntes, os hierofantes, as

sibilas, os druidas, os bardos e escaldos, a viver em solidão, a proclamar o futuro, e a comandar os elementos. A Escritura, por assim dizer, não passa da história dos profetas hebreus, defensores da lei mosaica, e mestres do povo de Israel. A aparição milagrosa deles mostrou-se irregular até Samuel, que os uniu num corpo, e estabeleceu a escola sagrada dos profetas no Monte Najoth.

Quando os judeus se tornaram infiéis à instituição mosaica, o juiz democrático, ao conceder relutantemente o desejo deles, deu-lhes, como contrapeso à realeza, a escola dos profetas, que se tornou uma espécie de tribunal teocrático. Os profetas, na verdade, aparecem sempre na Bíblia como os tribunos divinos do povo, perpetuamente em conflito com os reis, que depunham e matavam, e que os perseguiam e exterminavam em retorno.

O gigante dos profetas hebreus era Elias. O tisbita parece ter tido para alma o próprio relâmpago de Jeová. Nas cavernas do Carmelo, onde vivia como uma águia, na presença do mar, e acima das nuvens, o terrível profeta vigiava ao mesmo tempo sobre Jerusalém e Samaria. Para atestar a missão divina dele, o Senhor deu-lhe império sobre os elementos. À voz dele o sol consumia a terra, as nuvens erguiam-se do mar, o fogo descia do céu sobre o altar, e devorava o sacrifício. A missão dele terminada, o profeta ascendeu a Jeová num carro de fogo puxado pelos corcéis da tempestade. Elias compreende em si toda a poesia gigantesca e sombria das idades heroicas dos judeus.

A Reforma derramou no mundo moderno, como uma inundação, o génio hebreu e a civilização do Oriente. Roma, ao selar a Bíblia, fechou as fontes dela. Sob a vara de Lutero, que feriu a rocha, o fluxo divino jorrou impetuosamente. As nações modernas, desmaiando da peregrinação tempestuosa através das idades médias, precipitaram-se nestes lagos de vida. Mergulharam neles, revivificaram-se, purificaram-se, como pássaros que, após calor tórrido, bebem e lavam-se nas fontes. Nesta regeneração universal, nasceram de novo semi-israelitas. Herdeiros do povo de Deus, que eles próprios se rejeitam no presente, desfrutam hoje das leis deles, dos costumes, das frases, dos nomes, dos hinos, dos símbolos, até à própria profecia, e às visões extáticas em que Deus apareceu aos patriarcas nos desertos da Ásia.

As revoluções dos protestantes elevaram a fé deles, que, nos fogos tempestuosos a que se sujeitou, por vezes transbordou todos os limites, ao erguer-se como vapor para as nuvens, e descer em tormentas. A Reforma alemã produziu os anabatistas e a Guerra dos Camponeses; a Reforma inglesa, os puritanos; e a Revogação do Édito de Nantes, os camisards.’

CAPÍTULO XVIII

OS WESLEYS, WHITEFIELD, E FLETCHER DE MADELEY

Todos não podem deixar de se lembrar da necessidade de uma efusão adicional do Espírito de Deus. –

O BISPO DE LONDRES, 1859.

A minha crença séria ascende a isto – que impressões preternaturais recebem comunicação por vezes a nós para fins sábios, e que espíritos partidos recebem permissão por vezes para se manifestarem.

SOUTHEY'S Colloquies.

E o que se mostra mais estranho nesta estranha cabeça consiste em que, qualquer barreira que a razão erga contra tal crença, existe algo ainda mais estranho em favor dela, que aqueles neguem quem quiser.

LORD BYRON.

A rapidez com que a religião vital morre, sob maquinaria política para a perpetuar, manifesta-se de modo mais impressionante na nossa própria história desde a Reforma. Vimos qual era a condição dela cem anos após Henrique VIII, apesar dos marteladas e maquinações desses pedreiros e carpinteiros reais da igreja, os Tudors e os Stuarts. Fox e os amigos dele, Baxter e Bunyan, reviveram a vida dela por algum tempo; mas a temperatura religiosa caiu rapidamente de novo até ao tempo de Wesley e Whitefield, e qual era então, Watson, na admirável crítica dele à 'Vida de Wesley' de Southey, conta-nos.

Não só caiu prostrada ela própria, mas puxou para baixo a força vital divergente (vis vitæ) com ela. 'O corpo do clero', diz ele, 'nem conhecia nem se importava com sistemas de qualquer tipo; num vasto número de instâncias eram imorais – frequentemente grosseiramente assim. A populaça em grandes cidades mostrava-se ignorante e profligada; os habitantes de aldeias adicionavam, à ignorância e profligação, maneiras brutais e bárbaras. Um exemplo mais impressionante da deterioração rápida da luz e influência religiosas num país mal ocorre, do que no nosso da Restauração até ao surgimento do metodismo. Afetou não só a igreja, mas as seitas dissidentes em grau não ordinário.

Os presbiterianos começaram o curso deles através do arianismo até ao socinianismo, e aqueles que mantinham as doutrinas de Calvino tinham, em demasiadas instâncias, por um curso de plantação em estufa, deleitou-as nos erros fatais e repugnantes do antinomianismo. Havia exceções; mas

este era o estado geral de religião e moral no país, quando os Wesleys, Whitefield, e alguns espíritos afins saíram para sacrificar facilidade, reputação, e mesmo vida própria, se necessário, para produzir uma reforma' (p. 129). Toda a tentativa sucessiva para quebrar este torpor religioso, para renovar a vida cristã no público, recebeu oposição violenta da igreja estabelecida. Vimos como tratou Fox e os amigos dele, como tratou Baxter e Bunyan; temos agora de ver como saudou o sopro de vida espiritual de Wesley, Whitefield, e os contemporâneos deles no século dezoito. Que tais homens recebessem escárnio, deturpação, e perseguição, constitui a prova direta da grande necessidade da aparição deles.

Dizer que um homem é um reformador religioso consiste em dizer que é um espiritualista. Nada além de uma 'nova efusão do Espírito Divino' pode despertar vida nos ossos secos da profissão defunta, nas massas congelantes do materialismo e degradação mundana. Wesley, Whitefield, e os apóstolos companheiros, produziram uma mudança maravilhosa no carácter religioso da idade deles, e deixaram traços duradouros e benéficos dos labores deles na mente pública. Despertaram mesmo a igreja estagnada que os abusou e rejeitou. Uma nova e louvável atividade mostrou-se visível desde então no estabelecimento.

Exerceu um controlo moral maior sobre o clero, e entrou numa competição zelosa com dissidentes pela educação do povo; mas, de novo, esta mesma atividade degenerou numa condição mórbida, sem reivindicações a um carácter espiritualista genuíno. Corre descontroladamente para dois extremos: um de formas e rituais, tendendo para o exterior; o outro de racionalismo infiel. Entre estes procuramos em vão o antigo espírito do evangelho, que reivindica ousadamente a herança de poderes apostólicos, e trabalha nessa sombreação do Espírito Santo que fez os pregadores poderosos de todos os tempos, e pode sozinho causar que as águas da vida eterna jorrem das rochas frias do nosso mundo calculador diário.

O formalismo e o aprendizado da mera letra que mata, que são as grandes características do nosso tempo, devem perecer em alguma nova 'efusão do espírito', ou o cristianismo deve perecer totalmente. Este estado híbrido é, pelas leis da natureza, um estado estéril, e tende à morte. Mas o plano da Providência não pode receber impedimento pelo egoísmo e grosseria de homens e instituições deles; novos e inesperados surtos da força invisível das idades ocorrerão, e no meio das nuvens e ventos sibilantes que os acompanham, anunciarão novas fontes espirituais.

Encorajemos a fé ao reviver as circunstâncias do advento desprezado mas triunfante do metodismo. John Wesley recebeu berço no próprio domicílio do sobrenatural; espíritos assombradores rodearam o travesseiro da

infância dele, e caminharam ao lado dele nas rondas de rapaz de escola. Os eventos extraordinários que ocorreram na casa paroquial do pai dele em Epworth, em Lincolnshire, e que receberam atestação não só pelo senhor Wesley e senhora Wesley, mas por cada membro da família que se encontrava presente na altura, adquiriram uma notoriedade mundial; e seria tão fácil negar a existência da família Wesley própria como negar estas manifestações.

Nenhum caso de perturbação espiritual recebeu prova tão completa, e isso por tal número de pessoas de educação e livres de superstição. Temos os relatos escritos em narrativas e cartas do próprio senhor Wesley, o pai de John Wesley, e titular de Epworth, que manteve um diário regular das ocorrências; da senhora Wesley, em quatro cartas aos filhos, que se encontravam na altura na escola em Westminster e na Charterhouse; em cartas de seis das senhoritas Wesleys aos irmãos. Temos o relato escrito do reverendo senhor Hoole, o vigário de Haxey, uma paróquia adjacente, que recebeu chamada do senhor Wesley para ouvir os ruídos; e o relato de Robin Brown, o criado homem, numa carta a John Wesley.

Todas estas evidências encontrar-se-ão longamente nas notas ao primeiro volume da ‘Vida de Wesley’ de Southey. Contentar-me-ei, portanto, com copiar a narrativa de John Wesley destas perturbações baseada nestes documentos e em inquéritos pessoais no local. Esta narrativa recebeu publicação por ele na ‘Arminian Magazine’: Quando era muito jovem, ouvi várias cartas lidas, escritas ao meu irmão mais velho pelo meu pai, a dar conta de perturbações estranhas que ocorreram na casa dele em Epworth, em Lincolnshire.

Quando desci para lá, no ano 1720, inquiri cuidadosamente sobre os particulares. Falei a cada uma das pessoas que se encontravam então na casa, e anotei o que cada uma podia testemunhar do conhecimento próprio. A soma disto foi esta:

A 2 de Dezembro de 1716, enquanto Robert Brown, o criado do meu pai, se sentava com uma das criadas, um pouco antes das dez da noite, na sala de jantar, que se abria para o jardim, ambos ouviram uma batida à porta. Robert levantou-se e abriu-a, mas não pôde ver ninguém. Rapidamente bateu de novo e gemeu. ‘É o senhor Turpine’, disse Robert; ‘tem a pedra, e costuma gemer assim.’

Abriu a porta de novo, duas ou três vezes repetidas. Mas ainda sem ver nada, e um pouco espantado, levantaram-se e subiram para a cama. Quando Robert chegou ao topo das escadas do sótão, viu um moinho de mão, que se encontrava a pouca distância, girado muito rapidamente. Quando relatou isto, disse, ‘Nada me vexou senão que estava vazio.

Pensei, se estivesse cheio de malte, poderia moer o coração dele por mim.' Quando se deitou, disse que ouviu, como se fosse, o gluglu de um peru, perto da cabeceira; e em breve depois, o som de alguém a tropeçar nas botas e sapatos dele; mas não havia nenhum lá; deixou-os em baixo.

No dia seguinte, ele e a criada relataram estas coisas à outra criada, que riu de coração, e disse, 'Que par de tolos sois! Desafio a coisa a assustar-me.' Após bater a manteiga à noite, colocou a manteiga na bandeja, e mal a levou para a leitaria, ouviu uma batida na prateleira, onde várias tijelas de leite se encontravam, primeiro acima da prateleira, depois abaixo. Pegou na vela, e procurou acima e abaixo; mas incapaz de encontrar nada, atirou manteiga, bandeja e tudo, e fugiu pela vida. Na noite seguinte, entre as cinco e as seis horas, a minha irmã Molly, então com cerca de vinte anos de idade, sentada na sala de jantar, a ler, ouviu como se a porta que levava ao hall se abrisse, e uma pessoa a entrar que parecia ter um roupão de seda, a farfalhar e arrastar. Parecia andar à volta dela, depois para a porta, depois à volta de novo; mas não pôde ver nada.

Pensou 'Não significa nada fugir: pois seja o que for, pode correr mais depressa do que eu.' Assim levantou-se, colocou o livro debaixo do braço, e afastou-se devagar. Após o jantar, sentava-se com a minha irmã Sukey, cerca de um ano mais velha do que ela própria, numa das câmaras, e, ao contar-lhe o que aconteceu, ela fez pouco disso; ao dizer-lhe, 'Admiro-me que sejas tão facilmente assustada: gostaria de ver o que me assustaria.' Presentemente começou uma batida debaixo da mesa; pegou na vela e olhou, mas não pôde encontrar nada. Então o caixilho de ferro começou a chocalhar, e a tampa de uma panela de aquecimento.

Depois o trinco de uma porta moveu-se para cima e para baixo sem cessar. Levantou-se de um salto, saltou para a cama sem se despir, puxou as cobertas sobre a cabeça, e nunca se aventurou a olhar até à manhã seguinte. Uma noite ou duas depois, a minha irmã Kitty, um ano mais nova do que a minha irmã Molly, esperava como de costume, entre as nove e as dez, para levar a vela do meu pai, quando ouviu alguém a descer as escadas do sótão, a andar devagar por ela, depois a descer as escadas principais, depois a subir as escadas de trás, e a subir as escadas do sótão; e a cada passo parecia que a casa tremia de cima a baixo.

Exatamente então o meu pai bateu; entrou, pegou na vela dele, e foi para a cama o mais depressa possível. Na manhã, contou isto à minha irmã mais velha, que lhe disse, 'Sabes que não acredito nada destas coisas; por favor deixa-me levar a vela esta noite, e descobrirei o truque.' Assim pegou no lugar da minha irmã Kitty, e mal levou a vela ouviu um ruído em baixo.

Desceu apressadamente as escadas para o hall, onde o ruído se encontrava, mas então estava na cozinha, onde batia no interior do biombo.

Quando contornou, batia no exterior, e assim sempre no lado oposto a ela. Então ouviu uma batida à porta da cozinha de trás; correu para ela, destrancou-a suavemente, e quando a batida se repetiu abriu-a subitamente, mas nada se via. Assim que a fechou a batida começou de novo; abriu-a de novo, mas não pôde ver nada. Quando foi fechar a porta, empurraram-na violentamente contra ela; deixou-a abrir-se, mas nada apareceu. Foi de novo fecha-la, e empurraram-na contra ela; mas colocou o joelho e o ombro na porta, forçou-a a fechar, e virou a chave. Então a batida começou de novo, mas deixou-a continuar, e subiu para a cama. No entanto, a partir desse tempo convenceu-se totalmente de que não havia impostura no assunto.

Na manhã seguinte, a minha irmã ao contar à minha mãe o que aconteceu, ela disse, ‘Se ouvir algo eu própria, saberei como julgar.’ Em breve, ela (Emily) pediu-lhe para vir ao quarto das crianças. Veio, e ouviu no canto do quarto como se fosse o balanço violento de um berço; mas nenhum berço se encontrava lá há alguns anos. Convenceu-se de que era preternatural, e orou fervorosamente para que não a perturbasse na câmara dela nas horas de retiro, e nunca o fez. Pensou agora que se mostrava apropriado contar ao meu pai; mas ele ficou extremamente zangado e disse, ‘Sukey, envergonho-me de ti; estes rapazes e raparigas assustam-se uns aos outros, mas és uma mulher de senso, e devias saber melhor. Não ouça mais disso.’

Às seis da tarde, teve orações familiares como de costume. Quando começou as orações pelo rei, uma batida começou à volta do quarto, e uma batida trovejante atendeu o Amém. O mesmo ouviu-se a partir deste tempo todas as manhãs e noites, enquanto a oração pelo rei se repetia. Como tanto o meu pai como a mãe se encontram agora em descanso e incapazes de se magoar com isso, penso que o meu dever consiste em fornecer ao leitor sério uma chave para esta circunstância.

O ano antes de o Rei Guilherme morrer, o meu pai observou que a minha mãe não dizia Amém à oração pelo rei. Disse que não podia, pois não acreditava que o Príncipe de Orange era rei. Jurou que nunca coabitaria com ela até que o fizesse. Então pegou no cavalo e partiu, nem ouviu nada dele durante um ano. Então regressou e viveu com ela como antes, mas temo que o juramento dele não recebeu esquecimento perante Deus.

Ao receber informação de que o senhor Hoole, o vigário de Haxey, um homem eminentemente piedoso e sensato, podia dar-me alguma informação adicional, caminhei até ele. Disse, ‘Robert Brown veio ter

comigo, e disse-me que o teu pai desejava a minha companhia. Quando vim, deu-me conta de tudo o que aconteceu, particularmente a batida durante as orações familiares. Mas nessa noite, para a minha grande satisfação, não tivemos batida alguma. Mas entre as nove e as dez uma criada entrou, e disse, “O velho Jefferies vem” – esse era o nome de um que morreu na casa. “pois ouço o sinal.”

Disso, informaram-me, ouvia-se todas as noites cerca de um quarto antes das dez. Era para o topo da casa no exterior, no canto nordeste, a assemelhar-se ao ranger alto de uma serra, ou melhor ao de um moinho de vento, quando o corpo dele se vira, para mudar as velas ao vento.

Então ouvimos uma batida sobre as nossas cabeças, e o senhor Wesley, ao pegar numa vela, disse, “Vem, senhor, agora ouvirás por ti próprio.” Subimos as escadas; ele com muita esperança, e eu, para dizer a verdade, com muito medo. Quando entramos no quarto das crianças, batia no quarto ao lado; quando estávamos lá, batia no quarto das crianças. E continuou a bater, embora entrássemos, particularmente na cabeceira da cama, que era de madeira, na qual a senhorita Hetty e duas das irmãs mais novas jaziam. O senhor Wesley, ao observar que se afetavam muito, embora adormecidas, a suar e a tremer excessivamente, ficou muito zangado, e, ao puxar uma pistola, ia disparar no lugar de onde o som vinha. Mas agarrei-o pelo braço, e disse, “Senhor, convence-se de que isto é algo preternatural.

Se assim, não pode magoá-lo; mas dá-lhe poder para magoá-lo.” Então aproximou-se do lugar, e disse, severamente, “Tu demónio surdo e mudo, por que assusta estas crianças que não podem responder por si próprias? – vem a mim no meu estudo, que sou um homem.” Instantaneamente bateu a batida dele, – a batida particular que sempre usava no portão – como se despedaçasse a tábua, e não ouvimos mais nessa noite.

Até essa altura, o meu pai nunca ouvira a menor perturbação no estudo dele; mas na noite seguinte, ao tentar entrar no estudo dele, do qual ninguém tinha chave senão ele próprio, quando abriu a porta empurraram-na para trás com tal violência que quase o derrubou. No entanto, empurrou a porta aberta, e entrou. Presentemente houve uma batida primeiro num lado, depois no outro; e, após algum tempo, no quarto ao lado, no qual a minha irmã Nancy se encontrava. Entrou nesse quarto, e, ao continuar o ruído, adjurou-o a falar, mas em vão.

Então disse, “Estes espíritos amam a escuridão, apaga a vela, e talvez fale.” Fez assim, e repetiu a adjuração; mas ainda houve apenas batida, e nenhum som articulado. Sobre isto disse, “Nancy, dois cristãos superam o diabo. Ide todos para baixo; pode ser que quando estiver sozinho tenha coragem para falar.” Quando ela partiu, veio um pensamento, e disse, “Se

fores o espírito do meu filho Samuel, peço-te que batas três vezes, e não mais."

Imediatamente tudo ficou silencioso, e não houve mais batida nessa noite. Perguntei à minha irmã Nancy, então com cerca de quinze anos, se não teve medo, quando o meu pai usou essa adjuração? Respondeu que teve medo triste de que falasse quando apagou a vela; mas não teve medo algum durante o dia, quando andava atrás dela, enquanto varria as câmaras, como fazia constantemente, e parecia varrer atrás dela. Apenas pensou que poderia fazê-lo por ela, e poupar-lhe o trabalho. Por esta altura toda a minha família acostumou-se tanto a estes ruídos que lhes davam pouca perturbação. Uma batida gentil na cabeceira da cama começava geralmente entre as nove e as dez da noite.

Então diziam comumente uns aos outros, "Jeffery vem; é tempo de ir dormir." E se ouviam um ruído durante o dia, e diziam à minha irmã mais nova, "Ouve, Kezzy, Jeffery bate acima", ela corria escadas acima, e perseguia-o de quarto para quarto, a dizer que não desejava melhor diversão. Algumas noites depois, o meu pai e mãe acabavam de ir para a cama, e a vela não se levou, quando ouviram três golpes, e um segundo, e um terceiro três, como se fosse com um grande bastão de carvalho, golpeado sobre um baú que se encontrava ao lado da cama.

O meu pai levantou-se imediatamente, vestiu o roupão, e ao ouvir grandes ruídos em baixo, pegou na vela, e desceu; a minha mãe caminhou ao lado dele. Enquanto desciam as escadas largas, ouviram como se um vaso cheio de prata se derramasse sobre o peito da minha mãe, e corresse tilintando até aos pés dela. Rapidamente após houve um som, como se uma grande bola de ferro se atirasse entre muitas garrafas debaixo das escadas; mas nada sofreu dano. Em breve após o nosso grande cão mastim veio e correu para se abrigar entre eles.

Quando as perturbações continuavam costumava ladrar, e saltar, e morder, num lado e no outro, e isso frequentemente antes de qualquer pessoa no quarto ouvir ruído algum. Mas após dois ou três dias costumava tremer e rastejar antes de o ruído começar; e por isso a família sabia que se aproximava, nem a observação falhou alguma vez. Um pouco antes de o meu pai e mãe entrarem no hall, pareceu como se um carvão muito grande se atirasse violentamente para o chão, e se despedaçasse todo; mas nada se via.

O meu pai então gritou, "Sukey, não ouves isso? Todo o estanho se atira pela cozinha." Mas quando olharam, todo o estanho permanecia no lugar. Então houve uma batida alta à porta de trás. O meu pai abriu-a, mas não viu nada. Então estava na porta da frente. Abriu essa, mas ainda foi trabalho

perdido. Após abrir primeiro uma, depois a outra várias vezes, virou-se e subiu para a cama. Mas os ruídos mostraram-se tão violentos por toda a casa que não pôde dormir até às quatro da manhã. Vários senhores e clérigos aconselharam agora fervorosamente o meu pai a deixar a casa; mas respondeu constantemente, “Não; que o diabo fuja de mim; nunca fugirei do diabo.”

Mas escreveu ao meu irmão mais velho em Londres para descer. Preparava-se para o fazer, quando veio outra carta, a informá-lo de que as perturbações terminaram após continuarem a melhor parte do tempo, dia e noite, de 2 de Dezembro até ao fim de Janeiro.

Nesta súmula por John Wesley, omitem-se vários incidentes curiosos que ocorrem nas declarações dos outros membros da família. Na conta do Wesley mais velho, o ruído de esmagar as garrafas debaixo das escadas ouviu-se antes pela senhorita Emily Wesley; e na mesma conta menciona-se o som de dança numa câmara forrada que se encontrava vaga e trancada.

O vigário arranjou um mastim robusto para vigiar fora da casa, para se certificar de que os ruídos não constituíam truque por qualquer pessoa viva lá. Diz que, quando uma das filhas dele bateu, o espírito respondeu do mesmo modo. O ruído de dinheiro atirado para baixo, diz, três das filhas dele também ouviram num tempo diferente. Acrescenta que figuras se viram por diferentes membros da família, como de um coelho ou texugo, mas indistintas.

Nas próprias memoranda de John Wesley, diz que o ruído frequentemente se acompanhava por um levantamento do vento, e o assobio dele à volta da casa. Não movia nada, mesmo quando fazia toda a casa tremer, exceto os trincos das portas.

Qualquer ruído de qualquer outro tipo que se fizesse, a nota oca morta dele ouvia-se claramente acima de tudo, e nenhum deles podia imitá-lo. Parece não ter sido um espírito mau; pois cessou de bater quando o senhor Wesley, ao temer que o filho Samuel estivesse morto, lhe pediu para bater três vezes se fosse o espírito dele; e após a senhora Wesley desejar que nunca a perturbasse nas devoções dela, nunca o fez.

O senhor Wesley não sabia, como se sabe bem agora, que se mostra muito difícil para um espírito falar audivelmente aos que se encontram no corpo, e que bater constitui o modo mais fácil pelo qual os espíritos podem comunicar. Se tivesse acertado no método de questioná-lo pelo alfabeto, poderia em breve aprender o objeto das visitas dele. Na carta da senhora Wesley ao filho John, diz que no início pensou que os ruídos procediam de

ratos, e, como um vizinho assustou ratos ao soprar uma trompa, mandou soprar uma durante meio dia; mas a partir desse tempo os ruídos, que se ouviram apenas à noite, ouviram-se noite e dia por toda a propriedade.

Quando pisava, repetia o número exato de pisadas debaixo dos pés dela; quando a pequena Kezzy, de apenas seis ou sete anos, pisava, fazia o mesmo. Pode imaginar-se bem que sensação estas ocorrências estranhas fizeram nas mentes dos rapazes na escola. Existem cartas de quase toda a família a John, e também ao irmão mais velho Samuel em Westminster. Embora o pai lhe escrevesse toda a conta, insistiu que todas as irmãs lhe enviassem as contas próprias. Na verdade, Samuel, que depois se opôs tão firmemente às reformas religiosas dos irmãos, era talvez o mais curioso de todos sobre este assunto.

E aqui pode observar-se que, embora esta visitação continuasse apenas dois meses, recebe-se garantia por John Wesley de que estas batidas se ouviram pela mãe dele muito antes na mesma casa, e que nunca falharam em vir antes de qualquer infortúnio sinal, ou doença de qualquer da família. Nenhum infortúnio particular parece ter seguido esta manifestação. John Wesley, ao ter tal prova inquestionável de agência sobrenatural na própria família na juventude dele, manteve firme a fé nele através de toda a carreira notável dele, e registou numerosas instâncias de tal agência direta tanto nos Diários dele como na Arminian Magazine.

Não se mostra necessário aqui traçar o grande progresso de John e Charles Wesley, e os contemporâneos deles, na maravilhoso revivalismo de religião no século dezoito, não só na Grã-Bretanha, mas nos quartos mais distantes do mundo. Toda essa grande história permanece registada por penas mais capazes, e nos milhões de homens e mulheres que agora andam na luz agradável e no sentimento feliz que espalharam. Apenas observarei que, como todas as outros revivalismos, encontrou a tempestade do diabo, que bate nas cabeças dos emissários de Deus, apenas para os impulsionar e às opiniões deles mais longe e mais largo, e para os fixar mais fundo na terra batida e encharcada pela tempestade.

Da igreja a que estes devotados homens de Deus pertenciam, e dentro da qual reluziriam o fogo sagrado no altar, experimentaram o tratamento mais selvagem e insultante. O pequeno nó de estudantes que se encontravam na Universidade de Oxford para o propósito de melhoria religiosa – que viviam por regra, e tomavam o sacramento semanalmente – receberam marcação rápida para ridículo e perseguição. Apelidaram-nos sacramentarianos, bigotes da Bíblia, traças da Bíblia, o Clube Santo, ou o Clube Piedoso. Entre os membros principais deste Clube Piedoso, que começou com dois ou três, e em breve cresceu para sete, e depois para quinze, estavam John e

Charles Wesley, George Whitefield, e Hervey, depois autor das ‘Meditações’.

Quando Whitefield se juntou a eles, diz que todos os estudantes o atacaram, e trataram-no como um sujeito muito estranho. As vidas e maneiras dos estudantes nessa altura eram tais como Butler, na ‘Analogia’ dele, as descreveu, grosseiras e viciosas; e como Cowper acabava de as descrever,

> Uma dissolução de todos os laços seguiu-se:
> Os freios inventados para a boca de expressão obstinada
> De juventude teimosa quebraram-se; ferrolhos e barras
> Enferrujaram por desuso; e portões maciços
> Esqueceram o ofício, ao abrirem com um toque;
> Até que as togas por fim se encontram mero fingimento;
> O boné com borla, e a banda elegante, uma piada,
> Uma zombaria do mundo.

Tal era a condição dos profetas embrionários da nação. Que tais filhos de Belial insultassem e abusassem dos revivalistas metodistas era natural; mas as autoridades da universidade eram igualmente hostis a eles. Uma aparência de religião real dentro da universidade era tão estranha e fora do lugar que eles realizavam reuniões para consultar como isso devia ser suprimido. Em Whitefield, após deixar a universidade, ao regressar a Oxford para pregar, ele encontrou todas as igrejas fechadas contra ele. O vice-chanceler veio pessoalmente à casa onde ele exortava e dirigiu-se a ele assim: 'Tem o senhor um nome em algum livro aqui?' 'Sim, senhor', disse eu; 'mas pretendo retirá-lo em breve.'

Ele respondeu: 'Sim, e era melhor que se retirasse também, ou de outra forma eu o porei atrás das grades! Que pretende com isso de andar por aí e alienar as afeições das pessoas dos seus pastores próprios? As suas obras estão cheias de vaidade e nonsense! Pretende ter inspiração! Se alguma vez voltar desta maneira entre estas pessoas, eu o porei primeiro atrás das grades, e estes o seguirão' ('Vida de Whitefield', por Philip, p. 106). Tanto os Wesleys como Whitefield, embora ministros regularmente ordenados da Igreja, em breve encontraram todos os púlpitos fechados contra eles; até mesmo o da sua terra natal e paróquia, que o seu pai ocupara durante tantos anos, foi recusado a John Wesley. O Bispo de Bristol desejou que Wesley saísse da sua diocese, onde não tinha comissão para pregar e onde, consequentemente, Southey diz, 'não tinha nada que fazer'.

Mas tanto os Wesleys como Whitefield sustentavam que tinham uma comissão da Cabeça da Igreja para pregar em qualquer lugar do mundo.

Perguntavam, como os apóstolos, se deviam obedecer a Deus ou ao homem? Quando as igrejas se fecharam contra eles, disseram-lhes que era irregular pregar tanto ao ar livre como numa casa particular.

O chanceler da diocese de Bristol mostrou a Whitefield os cânones que o proibiam. Tais irregularidades não eram adequadas a um ministro da Igreja Estabelecida; eram apenas adequadas a Cristo e aos Seus apóstolos, que pregavam tanto em casas particulares como fora de portas, em qualquer lugar onde pudessem salvar almas.
Impulsionados a seguir a prática do Fundador da igreja cristã, daquele que disse: “Ide pelos caminhos e atalhos e forçai-os a entrar”, o sucesso foi maravilhoso, e a fúria do clero, bispos, magistrados e multidões, ilimitada. Os dias dos Quacres voltaram.

Os líderes e ministros metodistas eram vaiados, apedrejados, cuspidos, xingados e jogados em tanques de cavalos por tentarem reacender a religião no país. Foram denunciados como papistas, jesuítas, sedutores e acusados de trazer o Pretendente (ao trono). Em Chelsea, a multidão jogou fogos e bombas na reunião; em Long Lane, quebraram o telhado com grandes pedras; John Nelson, um dos pregadores, foi forçado a alistar-se como soldado e, ao recusar-se, foi jogado na prisão; multidões eram reunidas ao som de cornetas; janelas eram destruídas; casas, arrombadas; bens, destruídos; homens, mulheres e crianças eram espancados, apedrejados e arrastados pelas valetas; até mulheres grávidas eram violentadas, correndo risco iminente de vida e para vergonha da humanidade.

John Wesley por pouco não perdeu a vida em Birmingham, Charles em outro local, e Whitefield em Oxminton Green, na Irlanda. Alguns pregadores não escaparam: como o pobre Thomas Beard, companheiro de prisão de Nelson, morreram na prisão ou devido aos maus-tratos cruéis. Mas a perseguição só produziu seus efeitos habituais. O sucesso dos metodistas tornou-se estupendo. O fogo de Deus parecia acompanhá-los, e pessoas eram convertidas aos milhares e dezenas de milhares.

Havia grandes diferenças entre os talentos naturais desses homens. Whitefield era todo impulso e oratória; não fazia esforço — provavelmente não tinha mesmo o talento — necessário para organizar um grande corpo religioso. Pregava como se energias do céu o movesse, como relâmpagos, e as pessoas corriam atrás dele em multidões, sendo convertidas aos milhares. Mas o que lhe faltava em poder organizativo logo foi compensado pela condessa de Huntingdon, que deu forma orgânica ao grupo Whitefieldiano ou igreja Calvinista-Metodista,

que era da mesma linhagem original do Duque de Wellington (veja ‘Vida de Wesley’, de Southey, vol. I, pág. 40), ele possuía muitas das qualidades daquele grande general. Era eminentemente calmo, firme e dotado de um extraordinário gênio organizador. Ele aperfeiçoou um esquema de governo eclesiástico notável, por reunir todas as qualidades capazes de atrair as pessoas e mantê-las ligadas quando já atraídas. Aproveitava o material necessário para tal organização onde quer que o encontrasse; e uma de suas primeiras conexões foi com a sociedade dos Morávios, de quem tomou emprestado as “Festas do Amor”, as reuniões de classe e todos aqueles mecanismos que fazem com que cada homem e mulher tenha um papel em seu sistema — em contraste direto com o sistema da Igreja da Inglaterra, onde o clero é tudo e o laicato nada.

Ele não apenas consultou o Conde Zinzendorf sobre esses pontos, como também visitou pessoalmente o principal assentamento dos Morávios em Herrnhut, na Saxônia, e lá estudou suas instituições religiosas. Ao mesmo tempo, seu irmão Charles, que não era apenas um pregador capaz e um conselheiro sábio e bondoso, mas também um excelente poeta, compôs muitos hinos admiráveis para a sociedade. Assim surgiu o Metodismo, tanto arminiano quanto calvinista, que prestou tão grandiosos serviços à religião em diversas partes do mundo; e o que nos importa saber é que tudo isso foi realizado por meio de um espiritualismo dos mais marcantes e declarados.

Disse que os Wesleys sempre conservaram a fé em aparições espirituais, que aprenderam de forma tão impressionante sob o teto paterno. Quanto à crença direta em milagres e intervenções da Providência, eles encontraram isso em William Law, o grande discípulo de Jacob Böhme, com quem mantiveram comunhão próxima, e nos Morávios, que eram cheios dessas convicções. A ‘Vida de Wesley’, de Southey, nesse e em outros aspetos, é um dos livros mais interessantes — pelo menos na terceira edição; pois Southey enviou um exemplar de sua obra a Coleridge, que fez anotações à margem ao longo da leitura e, após sua morte, deixou o volume para Southey. Essas notas foram incluídas pelo filho de Southey na terceira edição.

Coleridge, que às vezes também se inclina a zombar do sobrenatural, não permite que Southey o faça; em todas as ocasiões em que o “high-churchism” (defesa da alta igreja anglicana) do poeta laureado se manifesta, Coleridge o interrompe, perguntando continuamente: “Robert Southey não sabe disso?” e “Robert Southey não sabe daquilo?” Em todos esses casos, ele se torna o mais firme defensor da veracidade das visões de Wesley.

Durante minhas leituras, cheguei a imaginar que havia feito uma grande descoberta — a saber, que somente o protestantismo, dentre todas as

igrejas, cristãs ou pagãs, rejeitava o sobrenatural; mas Coleridge já havia feito essa descoberta antes de mim e, em uma nota à obra 'Wesley' de Southey, a apresenta: "Não posso esquecer que essa opinião de uma diferença essencial, da diversidade entre estes (os milagres dos Evangelhos) e os milagres dos dois ou três primeiros séculos, e a ideia de que o poder miraculoso foi retirado da igreja após a morte dos apóstolos, são restritos aos protestantes e, mesmo entre eles, são relativamente recentes" (vol. I, p. 253). Southey reclama que certas palavras de Wesley são fanáticas, e então Coleridge pergunta: "Robert Southey não percebe que são exatamente as palavras dos apóstolos?" Em outro trecho: "Robert Southey se lembra de que as palavras em itálico são fielmente citadas dos Artigos da Igreja?" (vol. I, p. 245).

Quando Southey pensa que uma mulher que Wesley considerava possuída estava apenas fingindo, Coleridge cita várias autoridades sobre casos semelhantes, além do que Treviranus disse a si mesmo em Londres: "Vi o que tenho certeza que não acreditaria se me contassem, e, por isso, não posso esperar nem desejar que você acredite apenas pela minha palavra" (vol. I, p. 258). Quando Wesley afirma os maravilhosos poderes da fé verdadeira, Coleridge acrescenta: "A fé é tão real quanto a vida; tão concreta quanto a força; tão eficaz quanto a vontade. É a física do ser moral, assim como é a física ou moral do zoo-físico" (vol. II, p. 82).

Quando Southey trata os fenômenos físicos do metodismo como resultado de doenças corporais (pois ele era muito ignorante sobre a ciência mesmerista), Coleridge exclama: "Ai de nós, o que mais — ou pior — poderia dizer um jovem infiel recém-saído das aulas de algum anatomista ou fisiologista espirituoso, do que desejar ver "o amor de Deus e o forte desejo de salvação" representados como meros sintomas e causas de uma doença física?

Ah, estou praticamente inclinado a enviar este meu exemplar da obra dele, com as anotações, a R. Southey, pois meu coração dá testemunho de que ele não ofende de propósito (vol. II, p. 165)." E ele de facto enviou.

A pregação tanto dos Wesley como de Whitefield produziu aqueles sintomas de agitação violenta, convulsões e semelhantes, que têm aparecido nos recentes reavivamentos, e que, de facto, foram comuns a todos os grandes avivamentos em todas as épocas desde que, nos dias dos Apóstolos, o povo clamava: "Que faremos para ser salvos?" e desde que os demónios lançavam as suas vítimas por terra e as despedaçavam, antes de as abandonar. Se considerarmos as convulsões e prostrações, os espumar e gritos, como os sofrimentos da natureza sob a ação do Espírito omnipotente de Deus, e a resistência do diabo, relutante em largar as almas dos homens, nada há de anómalo ou extraordinário nestes fenómenos,

tantas vezes ridicularizados ou criticados. Tais foram os efeitos da pregação dos Amigos de Deus na Idade Média, dos Lollardos, Puritanos, Covenanters, Camisards, dos primeiros Quacres, e assim sucessivamente até aos nossos dias — e, sem dúvida, tal voltará a acontecer vezes sem conta até ao fim do mundo.

Na “Historical Collections” de Gillie encontramos precisamente estes fenómenos a ocorrer, na mesma época, em 1750, na Escócia e Holanda, tal como tanto se admirou entre os primeiros metodistas e depois. “Poucos domingos passavam sem que alguns se convertessem visivelmente, ou sem que provas claras do poder de Deus acompanhassem a sua palavra: sim, muitos eram tão tocados no coração que, pelo terror, o espírito os convencia do pecado ao ouvirem a palavra, caíam por terra e eram levados para fora da igreja; depois tornavam-se os cristãos mais sólidos e animados” (“Religious Movements in Scotland”, 1750).

Assim foi introduzida aquela dispensação incomum do Espírito, que eles não esperavam; pois, finalmente, a pregação do evangelho começou a ser acompanhada de tão assombroso poder, que vários eram levados a clamar em voz alta, com muitas lágrimas, sob a dolorosa consciência da sua aflição e miséria. Os aflitos e de coração partido eram levados a casa do Sr. Kuyper, que, ao conversar com eles, logo percebia que o Espírito Santo, pela palavra, começara uma obra de convicção neles.

O Sr. Kuyper, vendo as coisas assim, começou a alimentar alguma esperança; contudo, ficou atónito, debatendo-se com dúvidas e receios, por ver tantas pessoas tão estranhamente afetadas. As suas dúvidas e receios tiveram este bom efeito: tornaram-no muito cuidadoso e circunspecto ao examinar todas estas manifestações, e comparando-as com a palavra do Senhor. No dia seguinte, houve um abatimento e espanto quase universais entre os habitantes da vila.

O Sr. Kuyper foi de manhã cedo às casas dos que sabia estarem despertos e aflitos, e o trabalho era tanto que pediu a alguns cristãos privados que fossem visitar outros; estiveram ocupados o dia todo, de casa em casa. Desde esse dia, a obra aumentou além de qualquer descrição; não há forma de a pintar com verdade, foi um comentário perfeito ao segundo capítulo dos Atos. Os zombadores ridicularizavam, mas multidões sentiam-se tocadas no coração e clamavam: “Que devemos fazer?” (Ibidem, “Affairs in Holland”, 1750).

Na visita de Whitefield a Cambuslang, em 1742, no meio de conversões numerosas e rápidas, afirma-se que as agitações convulsivas visíveis que as acompanhavam excederam tudo o que até então se observara.

Wesley curava os doentes pela oração e imposição de mãos. Ele e outros reuniram-se em oração sobre um homem que não se esperava que sobrevivesse até à manhã; estava sem fala, sem sentidos e sem pulso.

Antes de terminarem, os sentidos e a fala voltaram-lhe. Recuperou, e Wesley diz que quem quiser atribuir o facto a causas naturais, tem liberdade para o fazer; mas ele diz que foi o poder de Deus (vol. ii, p. 385). Wesley acreditava em sonhos e impressões de carácter vívido e peculiar. John Nelson sonhou que Wesley vinha sentar-se ao seu lado da lareira e dizia certas palavras. Quatro meses depois, pela primeira vez, Wesley veio, sentou-se como ele vira no sonho e disse exatamente aquelas palavras. Nelson parece ter experimentado a respiração interior descrita por Swedenborg e Harris.

"A sua alma", disse ele, "parecia respirar a sua vida em Deus, tão naturalmente como o seu corpo respirava no ar comum." Wesley acreditava, com Lutero, que os demónios provocavam doenças, males físicos, tempestades, terramotos e pesadelos. Que epilepsia e loucura eram frequentemente causadas por influência demoníaca. Declarava que, se deixasse de acreditar em bruxaria, teria de abandonar a Bíblia. Quando lhe perguntaram se já tinha visto algum fantasma, respondeu: "Não; nem nunca vi um assassínio; mas infelizmente sou forçado a crer que ocorrem assassínios quase todos os dias, num lugar ou noutro."

Warburton atacou a crença de Wesley em curas milagrosas e expulsão de espíritos malignos; mas Wesley respondeu que estava obrigado a acreditar no que vira com os seus próprios olhos; o bispo podia acreditar ou não, como quisesse. Wesley regista a cura instantânea de uma mulher chamada Mary Special, de cancro em ambos os seios. Southey cita os relatos sobre Thomas Walsh, um dos pregadores wesleyanos, que se assemelham muito aos dos santos católicos. Por vezes era encontrado em tal estado de êxtase que parecia ter deixado de respirar; havia algo como um resplendor no seu rosto, e outros sinais pareciam atestar a sua comunhão com o mundo espiritual.

Mas o facto pelo qual Southey mais critica Wesley é a sua fé em aparições. Sobre este ponto, Watson defende-o habilmente; e, com as suas palavras, posso concluir as minhas sobre Wesley: "Quanto à erudição e aos grandes e variados talentos do Sr. Wesley, Southey é justo; mas ataca aquilo a que chama a sua 'voraz credulidade'. Ele deu crédito e repetiu histórias de aparições, feitiçaria e possessões tão absurdas e monstruosas, que podiam enjoar o mais ávido pela maravilha; e isto quando a crença, da parte dele, era puramente gratuita, sem qualquer outro motivo que não fosse o prazer de acreditar.

Sobre a questão geral das aparições sobrenaturais, pode observar-se que Wesley podia pelo menos invocar autoridades para a sua fé tão elevadas, tão numerosas e tão eruditas como quaisquer dos nossos modernos céticos para as suas dúvidas. É só nos tempos modernos que este tipo de incredulidade surgiu, à excepção dos sofistas das seitas ateias da Grécia e Roma, e dos saduceus entre os judeus. A descrença, tão comum hoje em

dia entre livres-pensadores e semi-pensadores nestes temas, coloca-se, portanto, com poucas excepções, em oposição à crença dos eruditos e dos simples de todas as épocas e nações, civilizadas, semi-civilizadas e selvagens, em todos os cantos do mundo. Vai mais longe: coloca-se em oposição às Escrituras, das quais toda a crítica, ousada, subtil, profana ou absurda, jamais conseguiu expurgar aparições, possessões ou feitiçarias.

Opõe-se ao testemunho que, se bem que fraco e insatisfatório em muitos casos, noutros é tal que ninguém, em qualquer outro assunto, recusaria dar-lhe crédito; ou, recusando-o, tornar-se-ia alvo de justo ridículo. É certo que houve muitas imposturas; é certo que muitos foram enganados; e que todas essas narrativas devem ser sujeitas a um rigoroso escrutínio antes de merecerem o nosso crédito, deve ser insistentemente afirmado. Mas até a impostura e o erro pressupõem uma opinião prévia favorável ao que é fingido ou confundido; e se apenas um relato em vinte, ou cem, repousar sobre provas credíveis e for corroborado por circunstâncias em que, pela sua natureza, não pode haver erro, há suficiente para perturbar a tranquilidade e abalar o sistema de todo o corpo dos incréus.

Cada época tem os seus perigos. Em tempos antigos, o perigo era acreditar em demasia; na nossa época, a propensão é para acreditar de menos. A única posição que um cristão pode adotar com segurança nestas questões é que os argumentos a priori dos incréus filosóficos quanto ao “absurdo” e “impossibilidade” destas coisas nada valem, pois as Escrituras estabeleceram o facto de terem ocorrido e não dão a mínima indicação de que em qualquer tempo devam deixar de ocorrer. Tais visitas sobrenaturais são, portanto, possíveis; e onde são relatadas, devem ser cuidadosamente examinadas, nem aceites precipitadamente, nem rejeitadas de forma demasiado dura.

Um filósofo arguto e excelente dos tempos modernos chegou à mesma conclusão (Andrew Baxter, na sua “Enquiry into the Nature of the Human Soul”, no ensaio sobre a filosofia do sonho). Apesar de Δεισιδαιμονία, ou medo de espíritos, ter sido abusado por pessoas vãs ou fracas, e levado a extremos, talvez, por homens astutos e interesseiros, a filosofia mais rigorosa não justifica que seja completamente rejeitado. Que seres subordinados nunca sejam autorizados ou incumbidos de ser ministros da vontade de Deus, é um ponto difícil de provar” (“Observations on Southey’s Life of Wesley”, de Watson, p. 189-193).

Já apresentei provas do espiritualismo de Whitefield. Ele tinha uma crença profunda na ação imediata e miraculosa do Espírito Divino. Quando o bispo Warburton ridicularizou a sua crença na inspiração imediata e declarou que "toda a influência que ultrapasse o poder humano é milagrosa, e, por isso, já não deve ser acreditada, estando a igreja perfeitamente estabelecida", Whitefield remeteu-o para o Catecismo, onde se diz à criança que não pode fazer o que lhe é pedido a não ser pela graça especial de Deus; e

perguntou-lhe se, quando ordenava ministros, não dizia: "Confias que és movido interiormente pelo Espírito Santo?

Então recebe o Espírito Santo." Embora para o bispo, como para os ensaístas e críticos de hoje, estas palavras se tenham tornado meras fórmulas, para Whitefield eram verdades vivas e sagradas. Ele via efeitos maravilhosos produzidos pela sua pregação e atribuía-os ao poder divino. O seu biógrafo afirma: "Ele percebeu que a presença divina podia ser esperada sempre que a glória divina fosse buscada" ('Vida' por G. Philips, p. 76).

"Quantas vezes fomos preenchidos como se fosse com vinho novo; quantas vezes os vi dominados pela presença divina!" (p. 78.) "Maus mestres que dizem que não devemos receber o Espírito Santo!" (p. 85.) "Não queremos dizer que o Espírito de Deus se manifeste aos nossos sentidos, mas que pode ser sentido pela alma tão realmente como qualquer impressão sensível feita sobre o corpo" (p. 88). "Na minha oração, o poder de Deus desceu e foi fortemente sentido.

Nos meus dois sermões houve ainda mais poder" (p. 295). "Senti uma vida divina distinta da minha vida animal" (p. 321). Isto foi quando sofria dores físicas atrozes; e declara que essa vida divina suspendeu todas as dores e lhe permitiu sair para pregar. "Uma corrente de influência divina acompanhou por toda a parte a sua pregação" (p. 408). Foi apenas um poder assim que podia produzir os efeitos que se seguiram a Whitefield.

Na América, Whitefield foi com William Tennant, que certa vez esteve em transe durante três dias e só foi salvo de ser enterrado vivo pelo seu médico. Para os prodígios desse transe, veja-se a tradução de Howitt da "História da Magia" de Ennemoser, ii. 429. Tennant perdeu completamente a memória durante muito tempo após esse transe. Quando as agitações provocadas pela sua pregação eram, como o espiritualismo de hoje, atribuídas pelo clero ao diabo, Whitefield respondia: "Não é uma temeridade espantosa, sem investigação nem prova, declarar como obra do diabo algo que, pelo que sabem, pode ser obra do Espírito infinitamente bom e santo?" (p. 300).

Durante algum tempo, diz Whitefield, era constrangido, quisesse ou não, ao rezar pelo rei, a dizer: "Senhor, cobre a sua cabeça no dia da batalha." Acrescenta que não sabia que o rei tinha ido para a Alemanha, até ouvir falar da batalha de Dettingen, e que o rei tinha estado nela. Então percebeu porque fora levado a rezar assim. O modo como tal doutrina da oração era vista pela igreja da época fica claro pelo facto de, em 1763, seis estudantes terem sido expulsos de St. Edmund's Hall, em Oxford, por rezarem e lerem as Escrituras. Alguns deles foram ainda acusados de terem exercido ofícios manuais antes de entrarem na universidade. Foram recebidos no Colégio de Lady Huntingdon, em Trevecca, no País de Gales: Whitefield e Lady

Huntingdon não se tendo esquecido de que "o Filho do Carpinteiro" era o chefe da sua religião.

Um nobre colaborador de ambos, Wesley e Whitefield, foi Fletcher de Madeley. O Sr. Fletcher era suíço de nascimento, e o seu nome verdadeiro era Jean Guillaume de la Fléchère; mas, ao chegar a Inglaterra, anglicizou-o para John Fletcher. Descendia de uma família nobre do Pays de Vaud, e foi educado para o ministério; mas, não podendo subscrever a doutrina da predestinação, resolveu procurar ascensão como soldado da fortuna. Diversas circunstâncias impediram-no, e veio para Inglaterra, tornando-se preceptor na família do Sr. Hill, de Fern Hall, em Shropshire. Ali recebeu a ordenação como ministro da Igreja de Inglaterra, e foi-lhe atribuída a paróquia de Madeley, em Shropshire, graças à influência do Sr. Hill.

O rendimento era pequeno e as pessoas, principalmente mineiros de carvão e operários de forjas, eram extremamente rudes e ignorantes. Durante algum tempo, as suas tentativas de reforma religiosa encontraram grande violência e perseguição, tanto da parte deles como de magistrados e clérigos vizinhos; mas o espírito afável e verdadeiramente cristão do Sr. Fletcher, e a sua calorosa benevolência, conquistaram-lhe a afeição e veneração de toda a região. Nunca a religião de Cristo se mostrou de forma mais bela e amável do que na prática e ensino de John Fletcher, de Madeley. Casou com Miss Bosanquet, senhora de ilustre família londrina, que, tendo tido experiências religiosas e espirituais semelhantes às dele, o acompanhou de perto em todos os esforços religiosos e de caridade; de tal modo que os seus nomes se tornaram familiares, não só no seu meio, mas para o grande público.

Quando os seguidores de Wesley e Whitefield se separaram por causa das grandes doutrinas de Calvino e Armínio, bem como por alguns pontos menores, John Fletcher foi, por necessidade, com Wesley, pois não podia aceitar a predestinação; mas manteve também uma amizade calorosa por Whitefield e Lady Huntingdon. O espiritualismo de Wesley era de carácter multifacetado, o de Whitefield mais concentrado no poder imediato do Espírito Santo na pregação; já o de Fletcher combinava a fé de Whitefield com uma confiança ainda mais marcada nas providências divinas.

A sua vida regista muitos exemplos notáveis disso. Como já referi, esteve decidido, em jovem, a ser soldado. Foi a Lisboa e tornou-se capitão de voluntários dos seus compatriotas, com destino ao Brasil, contra a vontade dos pais. Mas, na manhã da partida do navio, a criada deixou cair a chaleira, escaldando-lhe a perna, e ele não pôde embarcar. O navio partiu sem ele e nunca mais foi visto ("Vida", p. 10).

Tinha, como tantos outros, o hábito de ler na cama até ficar com sono. Uma noite sonhou que a cortina, a almofada e o gorro estavam todos a arder, mas que o fogo se extinguia sem lhe causar dano. De manhã, encontrou a

cortina, a almofada e parte do gorro queimados. O seu hinário também ficou parcialmente queimado, e assim foi conservado por Mrs. Fletcher. Não perdeu um só cabelo da cabeça.

Atribuiu a extinção das chamas a um mensageiro de Deus (p. 26). Noutra ocasião, tencionava, num domingo à noite, ir a Madeley Wood catequizar, mas foi chamado de urgência para enterrar uma criança, e esse atraso impediu o plano perverso dos mineiros. Tinham levado um touro ao local da pregação e acordaram entre si puxar o pastor do cavalo e soltar-lhe os cães, como diziam, “para atazanarem o pároco”; mas, como Fletcher demorou muito a chegar, o touro quebrou as amarras e dispersou os mineiros bêbedos, e a pregação decorreu em paz (p. 73).

Relata ainda que um homem, tendo jurado nunca entrar na igreja enquanto ele fosse ministro, Fletcher lhe disse que se preparasse para entrar aos ombros dos vizinhos, se não fosse pelos seus próprios pés; e ficou surpreendido ao saber que, a partir de então, o homem, então de perfeita saúde, definhou rapidamente, tendo de ser sepultado precisamente no local onde esta conversa teve lugar (p. 79).

Contou a John Wesley como, certa vez, tomando banho no Reno, foi arrastado pela corrente e puxado para debaixo de um moinho. Bateu numa das estacas e perdeu os sentidos; ao recobrá-los, encontrou-se na margem, cinco milhas abaixo do local onde entrara, mas sem qualquer dor ou fadiga. Um cavalheiro, entre outros que o viram desaparecer sob o moinho, disse que esteve vinte minutos debaixo de água. Alguns dirão: "Mas isso foi um milagre!" "Sem dúvida", observa Wesley. Não foi um evento natural, mas uma obra acima do poder da natureza, provavelmente pelo ministério de anjos (p. 7).

Enquanto presidiu ao colégio de Trevecca, o Sr. Fletcher fez muitas viagens. Um dia, ao atravessar uma ponte de madeira a cavalo, a meio da travessia esta cedeu. As patas dianteiras da égua afundaram-se no rio, mas o corpo manteve-se sustentado pela ponte. Assim ficou imóvel como se estivesse morta, até ele passar por cima do pescoço e tirar as bolsas, onde estavam vários manuscritos que muito lhe custaria perder. Depois tentou levantá-la, mas ela não se mexeu até ele passar para o outro lado da ponte. Assim que ele pôs o pé em terra, ela começou a agitar-se. Imediatamente o resto da ponte desabou, levando-a consigo para o rio. Mas logo ela subiu à tona, saiu a nado e veio ter com ele (p. 83).

Incidentes como estes, o professor frio e lógico de um cristianismo tradicional, sempre a lutar contra a vitalidade do evangelho, explicará tranquilamente como meras coincidências; mas os primeiros líderes do metodismo, a meu ver, atribuíram-nos com mais justeza a atos providenciais no caso dos servos de Deus. Há muitos outros episódios nas vidas dos primeiros metodistas que relatam revelações e impressões espirituais que

meros teóricos tratariam como fantasias ou entusiasmo. Todos os cristãos vivos, porém, de qualquer igreja, consideraram-nas tão reais como quaisquer outras circunstâncias das suas vidas. A linguagem dos primeiros metodistas é notavelmente semelhante à dos primeiros Quacres em muitos aspetos. Dizem constantemente que se sentem “impressionados” desta ou daquela forma.

Mr. Fletcher conta que, numa ocasião, estando perfeitamente acordado, teve uma visão muito clara e palpável de Cristo na Cruz. Noutra ocasião, ouviu uma voz divina falar-lhe "com um som indizivelmente solene". Noutra, teve, como Moisés, uma descoberta sobrenatural da glória de Deus, e um inefável colóquio com Ele; se no corpo ou fora do corpo, não sabia. Muitas impressões da presença do Espírito Santo foram sentidas por ele de modo extraordinário.

Numa noite escura e chuvosa, estando ele fora numa viagem de pregação, Mrs. Fletcher teve subitamente uma visão do marido a ser projetado pela cabeça do cavalo, que caíra. A cena era clara aos seus olhos. Encomendou-o a Deus, e imediatamente sentiu paz na alma. Quando finalmente chegou, pediu água para se lavar e contou exatamente o que ela vira (p. 338).

Certa manhã, o Sr. Fletcher saiu para visitar um clérigo de grande piedade. Após caminhar várias milhas, viu uma multidão à porta de uma casa e soube que uma pobre mulher e o filho estavam a morrer. A mulher tinha tido um parto recente e parecia próxima da morte; e o estado do bebé, que sofria convulsões da cabeça aos pés, não era melhor. O quarto estava cheio de pessoas. Falou-lhes do poder de Deus para perdoar pecados e ressuscitar mortos; e rezou para que Ele salvasse os sofredores e os presentes.

Enquanto rezava, as convulsões da criança cessaram, e a mãe ficou calma, depois alegre, depois forte. As pessoas ficaram maravilhadas e mudas, quase sem sentidos! Enquanto estavam assim, retirou-se silenciosamente. Quando recobraram a consciência, ele já tinha desaparecido. Muitos perguntaram: “O que poderia ter sido?” Alguns diziam: “Certamente foi um anjo” (p. 290).

Certa vez, Mr. Fletcher foi tomado por uma estranha confusão. Ao subir ao púlpito, esqueceu-se por completo do sermão e até do texto, e pensou que teria de descer sem dizer palavra. Mas ao ler a primeira lição, o terceiro capítulo de Daniel, que narra os três jovens lançados na fornalha ardente, abriu-se-lhe a boca e pregou sobre o tema de modo extraordinário até para si próprio.

Acreditou que havia ali alguma razão, e pediu que, se alguém se sentisse visado, lho comunicasse. Na quarta-feira seguinte, foi informado de que um talhante ameaçara cortar a garganta à mulher se ela continuasse a ir à

igreja de Mr. Fletcher. Nesse domingo, ela esteve cheia de medo, mas decidiu, mesmo assim, ir. O marido disse que, se fosse, não lhe cortaria a garganta, mas que aqueceria o forno e a atiraria para dentro assim que chegasse a casa.

O sermão era singularmente aplicável ao caso dela; ganhou coragem e acreditou firmemente que também ela seria libertada da fúria selvagem do marido. Quando abriu a porta, para seu espanto, o marido estava sentado num estado de ânimo notavelmente pacífico, e no domingo seguinte acompanhou-a à igreja, recebendo o sacramento. Mr. Fletcher acrescenta que as boas impressões do homem não permaneceram, mas que ele próprio percebeu porque lhe tinha sido retirado o sermão (p. 336).

Como muitos homens de bem, este eminente servo de Deus teve um claro anúncio da sua morte iminente por impressão interior. A sua esposa escreve: “Há cerca de dois meses, veio ter comigo e disse: ‘Meu amor, não sei porquê, mas tenho uma estranha impressão de que a morte está próxima de nós, como se viesse por um golpe súbito sobre um de nós, e isso faz com que toda a minha alma se concentre em oração para que estejamos preparados.’” O pressentimento não tardou a cumprir-se. Ele planeava uma viagem a Londres, mas, durante a oração, ao procurar esclarecimento sobre o assunto, a resposta foi: “Não para Londres, mas para a tua sepultura.” Foi tomado de arrepios no púlpito, e ao regressar a casa comentou que apanhara frio. Era o início da sua última doença.

Assim eram os primeiros fundadores do metodismo. Homens que restauraram a religião de uma forma notável e a uma escala esplêndida, afirmando ousadamente a vitalidade presente e eterna do poder e dos dons divinos da igreja. O seu sucesso foi prova da verdade da sua doutrina. Ao obedecerem a essa doutrina, tornaram-se testemunhas dela para o mundo moderno, como os apóstolos o foram para o mundo antigo. Neste facto reside um grande motivo de reflexão; um aviso para todos os que professam qualquer vertente do cristianismo, para deixarem o seu antigo espírito operar.

CAPÍTULO XIX
BÖHME, SWEDENBORG E IRVING

Estou familiarizado com mistérios sagrados, que o próprio Senhor me revelou e explicou; e que li nas tábuas do céu.

O Livro de Enoque, p. 164.

Agrupo estes três espiritualistas apenas por conveniência. Böhme e Swedenborg têm características em comum, mas diferenças ainda maiores; Irving é mais um franco admitente do espiritualismo e da mediunidade do que propriamente um médium. Todos provocaram igualmente o espanto e o ridículo daqueles doutrinados a permanecer imóveis, e todos deixaram marcas mais ou menos profundas, mais ou menos extensas na substância da vida humana. “Só Deus”, diz Michelet, “é suficientemente Deus para proteger aquilo que não é senão o próprio pensamento de Deus.”

O eloquente Vinet também diz: “Nenhuma experiência impede que tais verdades sejam combatidas, e que os seus primeiros testemunhos passem por loucos. À frente de cada um desses movimentos que promoveram a elevação da raça humana, o que vemos? Aos olhos do mundo, loucos. E o desprezo que atraíram pela sua ‘loucura’ foi sempre proporcional à grandeza da sua empresa e à generosidade das suas intenções. Os verdadeiros heróis da humanidade foram sempre coroados por esse insultuoso epíteto.

E o homem que hoje, num entusiasmo piedoso ou ainda mais para agradar ao mundo, celebra esses homens cuja glória está em terem ousado desprezar o mundo, teria, durante as suas vidas, talvez, sido associado aos seus perseguidores. Ele honra-os, não porque sejam dignos de honra, mas porque os vê honrados. Os seus pais mataram os profetas, e ele, seu filho, subjugado pela admiração universal, constrói os túmulos dos profetas” (“Cristianismo Vital”, de Vinet).

Há uma pequena vila mercantil na Alta Lusácia, chamada Old Seidenburg, distante cerca de duas milhas e meia de Görlitz, onde vivia um homem chamado Jacob e a sua mulher, Ursula. Eram gente das mais pobres, mas de comportamento sóbrio e honesto. No ano de 1575 tiveram um filho, a quem chamaram Jacob. Este foi o iluminado Jacob Behmen, o filósofo teutónico, que Deus suscitou no período mais apropriado, tanto quanto ao milénio como ao século, para revelar o fundamento do mistério da natureza e da graça, e abrir as maravilhas da sua sabedoria.

A sua educação foi compatível com a riqueza da família; o seu primeiro emprego foi o cuidado do gado comum, entre os outros rapazes da aldeia. Quando cresceu, foi posto na escola, onde aprendeu a ler e escrever, e de lá foi posto de aprendiz de sapateiro em Görlitz. Tendo cumprido o tempo de aprendizagem, em 1594 casou-se com Catarina, filha de John

Hunshman, cidadão de Görlitz, e teve dela quatro filhos, vivendo no estado matrimonial durante trinta anos. Em vida, destinou os filhos a diferentes ofícios honestos. Adoeceu na Silésia com uma febre ardente, contraída por beber demasiada água, e, a seu pedido, foi levado para Görlitz, onde morreu em 1624, com cerca de cinquenta anos de idade, e foi enterrado no cemitério da igreja.

Tal é o resumo da vida de Jacob Böhme, prefaciado nas suas obras, que constituem quatro volumes de grande formato. Seguem-se mais alguns pormenores que mostram Jacob como um grande médium espiritual. Quando era ainda aprendiz, estando o mestre e a patroa ausentes, entrou na loja um estranho de semblante venerável e sério, embora mal vestido, que, pegando num par de sapatos, quis comprá-los.

O rapaz, ainda pouco mais alto que a vassoura da loja, não se atrevia a marcar preço, dizendo que o patrão e a patroa não estavam e que ele não podia vender nada sem ordem. Mas o estranho, insistindo muito, ele acabou por oferecê-los a um preço que, se recebesse, não teria prejuízo, pensando assim livrar-se do importuno. O velho pagou, levou os sapatos e afastou-se um pouco, onde, parando, com voz alta e insistente, chamou: “Jacob, Jacob, vem cá fora.”

O rapaz, ouvindo a voz, saiu assustado, espantado por o estranho o tratar pelo nome próprio; mas, refazendo-se, foi ter com ele. O homem, com rosto severo mas amistoso, fixando nele uns olhos vivos e brilhantes, tomou-lhe a mão direita e disse: “Jacob, tu és pequeno, mas serás grande, e te tornarás outro homem, alguém que o mundo há de admirar. Sê, pois, piedoso, teme a Deus e venera a Sua palavra. Lê com diligência as Sagradas Escrituras, onde terás conforto e instrução. Pois terás de suportar muita miséria e pobreza, e sofrer perseguição; mas sê corajoso e persevera, pois Deus ama-te e é-te favorável.” E, apertando-lhe a mão, olhou-o de novo com olhos vivos e afastou-se.

Esta profecia impressionou profundamente Jacob e permaneceu no centro das suas preocupações. Algum tempo depois, estando com o mestre no campo a tratar de negócios, foi, segundo as suas próprias palavras, “envolvido por uma luz divina durante sete dias, e permaneceu na mais alta contemplação e reino de alegrias.” Tornou-se tão sério no seu comportamento, e repreendia tanto os que o rodeavam como o próprio mestre pelas palavras indecorosas e blasfemas, que se tornou alvo de escárnio; o mestre acabou por o libertar do contrato, para se ver livre das suas repreensões.

Aos vinte e cinco anos, voltou a ser “envolvido pela luz divina, e preenchido com o conhecimento celeste, de tal modo que, saindo ao campo, para um relvado perto do Neys-gate de Görlitz, ali se sentou; e, observando as ervas

e a relva, pela luz interior, via as essências, usos e propriedades de cada uma, revelados pelas suas linhas, formas e marcas."

O leitor lembrar-se-á aqui das experiências semelhantes de George Fox e Swedenborg, bem como do capítulo de Henry More no seu "Antídoto contra o Ateísmo", sobre as marcas das plantas. Böhme viria depois a escrever um livro sobre este tema, chamado "Signatura Rerum; ou, A Assinatura de Todas as Coisas; mostrando o sinal e o significado das várias formas, figuras e formas das coisas na criação; e qual é o princípio, a ruína e a cura de tudo; abrangendo todos os mistérios."

Diz-se que, enquanto estes mistérios o atravessavam, vivia em grande paz e silêncio, raramente falando do que lhe acontecia até 1610, quando foi novamente tomado pela luz, e os mistérios passaram por ele como um rio; então escreveu a sua "Aurora, ou o Vermelhidão da Manhã", uma obra volumosa, que é uma descrição do princípio da criação, da introdução do mal, e da condição dos homens sob o mal; "tudo", diz ele, "descrito a partir de um fundamento verdadeiro no conhecimento do Espírito, e pelo impulso de Deus."

Descreve o modo de escrever como "vindo e indo como um aguaceiro súbito", e então a pena movia-se com tal pressa que muitas palavras ficavam com letras em falta, e às vezes apenas uma letra maiúscula para uma palavra inteira. Diz: "Nada posso escrever de mim mesmo, mas como uma criança que nada sabe ou entende, que nada aprendeu, mas apenas aquilo que o Senhor Se digna de conhecer em mim, segundo a medida que Ele próprio manifesta em mim."

Mas, neste estado, diz, "vi e conheci o Ser de todos os Seres, o Byss e o Abismo, e a geração eterna da Santíssima Trindade, a origem e descida do mundo e de todas as criaturas pela sabedoria divina. Conheci e vi em mim os três mundos: o divino, o angélico e o paradisíaco; e o mundo sombrio, a origem da natureza do fogo; e, depois, o mundo externo e visível, procriação ou nascimento exterior do mundo interior e espiritual. E vi e conheci toda a essência operante, no mal e no bem, e a origem e existência de cada um deles; e também como o seio fecundo da Eternidade os produziu."

Diz que teve uma visão completa do universo, como num caos, onde todas as coisas estão contidas e envoltas; mas era impossível explicar o que via, até que isso se foi abrindo nele, gradualmente, como numa planta nova; e este processo, afirma, durou doze anos. Os livros que escreveu são, principalmente, "Aurora", "Os Três Princípios da Essência Divina", "O Tratado da Encarnação", "A Signatura das Coisas", "Os Seis Grandes Pontos do Grande Mistério", "O Magnum Mysterium, uma explicação do Génesis", além de numerosos tratados menores, cartas, etc., num total de trinta e dois volumes.

O leitor poderá interrogar-se como é que um homem de tão escassa educação na língua natal utiliza aquelas frases latinas e gregas que surgem continuamente; mas é dito que as colhia dos eruditos, especialmente de químicos, que afluíam de toda a parte após a publicação da “Aurora.” Mas isto não explica tudo; pois encontramos termos como Mercurius, in ternario sancto, e semelhantes, na própria “Aurora.”

Estas expressões, no entanto, aumentam com a sucessão dos seus livros, e pode dizer-se que a obscuridade também aumenta com elas. Nenhuma das suas obras é, embora ele próprio a considerasse talvez a mais imperfeita, tão inteligível como a “Aurora.” Esta obra, mal foi publicada, trouxe-lhe uma tempestade de perseguição. Richter, o principal clérigo de Görlitz, atacou-a do púlpito; e incitou os magistrados de tal modo contra ele que foi banido da cidade e citado para Dresden, onde foi examinado por vários doutores em teologia e professores de matemática na presença do Eleitor da Saxónia, sendo honestamente ilibado.

Não parece que alguma vez tenha regressado a Görlitz, exceto para morrer; pois sabemos que, pouco depois do regresso de Böhme a Görlitz, morreu o seu adversário, o pastor primarius Gregory Richter, e Böhme sobreviveu-lhe apenas três meses e meio. Quando a hora da sua morte se aproximou, chamou o filho Tobias e perguntou-lhe se ouvia aquela música maravilhosa. O filho disse: “Não.” “Abre então a porta, para ouvires melhor.” Perguntando que horas eram, disseram-lhe que eram duas. “A minha hora ainda não chegou; três horas mais, e será o meu tempo.” Quando esse tempo chegou, despediu-se da mulher e do filho e, abençoando-os, disse: “Agora vou para casa, para o Paraíso.” Pediu então ao filho que o virasse; feito isto, suspirou profundamente e partiu.

O novo primarius recusou-se a sepultá-lo, mas o seu colega, Magister Elias Theodore, foi obrigado pelos magistrados a pregar o sermão fúnebre, e os restantes clérigos foram também obrigados a comparecer. Theodore declarou que preferia ter caminhado cem milhas a pregar o sermão fúnebre de Böhme. Tal era a hostilidade do clero ao sapateiro teólogo, que parecia tê-los ultrapassado largamente na própria ciência deles. Os amigos ergueram uma cruz no seu túmulo; os inimigos cobriram-na de lama e destruíram-na. Mas durante todo esse tempo, sábios e pessoas de várias profissões afluíam de todas as partes da Alemanha para conversar com Böhme, e os seus escritos foram reimpressos e lidos extensivamente na Rússia, Suécia, Polónia, Dinamarca, Países Baixos, Inglaterra, França, Espanha, Itália, e até em Roma, bem como na Alemanha.

Um médico erudito da Silésia, Balthasar Walter, viajou pelo Egipto, Síria e Arábia para recolher informação original sobre a antiga sabedoria mágica; mas regressou com poucos frutos da sua expedição e grande desilusão. Tornou-se inspector do laboratório químico de Dresden. Visitou Böhme e,

depois de conversar com ele, declarou ter encontrado, numa pobre casa na Alemanha, aquilo que procurara em vão no Oriente.

Foi Walter quem deu o nome de “Philosophus Teutonicus” a Böhme, e é provável que tenha sido por ele, e pelas discussões sobre os escritos de Paracelso (ainda que Böhme diga nunca ter lido os escritos de outros), que se expliquem muitos dos principais termos gregos e latinos usados por Böhme. Walter também recolheu, de várias universidades, quarenta questões sobre a natureza da alma, consideradas impossíveis de responder. Submeteu-as a Böhme, que lhes respondeu na sua obra “Resposta a Quarenta Questões sobre a Alma”. Na resposta à primeira questão surge o globo filosófico, ou Olho Maravilhoso da Eternidade, ou Espelho da Sabedoria, que contém em si todos os mistérios, com a sua explicação.

Os escritos de Böhme encontraram admiradores entusiastas em todas as épocas desde então. O jovem Richter, filho do seu perseguidor, querendo escrever uma defesa do pai, leu Böhme e ficou tão impressionado com a verdade das suas ideias que exclamou: “Ó pai, que fizeste tu?”, tornando-se depois um zeloso editor e defensor dos escritos de Böhme. George Fox leu-os e elogiou-os; houve inúmeras edições em várias línguas, algumas chegando a dez volumes. Pordage escreveu bastante a explicá-los. Carlos I elogiou-os; Charles Hotham, fellow de Peter House, foi um fervoroso admirador de Böhme e, em 1646, publicou um tratado sobre a sua filosofia, pelo qual foi expulso da universidade.

Foram encontrados excertos entre os papéis de Isaac Newton, e Law supõe que retirou deles algumas das suas teorias. Mas nenhum discípulo se igualou ao zelo e à dedicação do Rev. William Law, autor de “A Chamada Séria”, na explicação e recomendação da teologia de Böhme. E então, em que consiste essa teologia? Temo que poucos, hoje, tenham coragem de atravessar os quatro imensos volumes em que ela está contida — ou, melhor, soterrada — para a extrair. É sem dúvida uma mina de grandes e valiosas verdades; mas estas estão tão sobrecarregadas de massas de entulho caótico, cascalho, terra e escórias, que quanto mais se avança, maior se torna a confusão e o desespero.

Jacob Böhme parece-me um homem com uma lanterna a vaguear por um denso nevoeiro. De facto, tem luz consigo, mas está tão envolta na névoa que geralmente só serve para mostrar que há luz no coração do nevoeiro, e nada mais. Podemos, contudo, discernir isto: ele ensina que o mundo exterior é uma emanação do mundo interior ou espiritual. Antecipou assim Swedenborg na doutrina das correspondências, tal como São Paulo antecipou ambos ao declarar que tudo na terra é feito segundo o modelo das coisas do céu. Böhme defende que Adão, antes da Queda, estava no Paraíso, ou estado intermédio; e que nesse estado o seu corpo pouco diferia em qualidade do espírito. Se tivesse permanecido nesse estado, os

homens teriam descendido dele sozinho, sem mulher, que seria supérflua; os seus descendentes procederiam uns dos outros em sucessão, tal como os pensamentos fluem de um homem. Sustenta que só depois da Queda é que os ossos de Adão e Eva se tornaram sólidos e a sua carne grosseira e corruptível. A sua teoria é que o homem, afastando-se de Deus, perdeu a vida divina na alma, e toda a comunicação entre ele e o Criador ficou quase perdida. Para reabrir o contacto entre a divindade e a alma humana, a segunda pessoa da Trindade fez-se homem.

Isto, afirma ele, está expresso pelo apóstolo ao dizer "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo", e defende que este é o verdadeiro sentido da redenção. Seria útil, para a literatura teológica, algum defensor de Böhme dar-nos um resumo claro das suas doutrinas, despojado da linguagem alquímica e da verbosidade interminável. O Dr. Hamberger tentou isso em alemão, e um breve resumo do ensino de Böhme é apresentado por Ennemoser, no segundo volume da sua "História da Magia", a partir da p. 297 da tradução de Howitt.

Na sua teoria da criação, Böhme dá uma origem muito diferente aos anjos da que dá Swedenborg. Swedenborg diz que todos os anjos e espíritos foram originalmente homens, ou seres encarnados, nalgum mundo. Böhme, pelo contrário, diz que foram criados de imediato como essências puramente espirituais: "Deus, em Seu mover, criou os santos anjos, de uma só vez, não de matéria estranha, mas de Si mesmo, do Seu próprio poder e sabedoria eterna" ("Aurora", p. 44; ver também p. 237).

Tanto Böhme como Swedenborg afirmam escrever por inspiração de Deus, mas ambos não podem estar certos simultaneamente. Estas discrepâncias ensinam-nos que, ao admitirmos a iluminação divina de homens como Böhme e Swedenborg, devemos lembrar-nos de que eram homens, e suscetíveis à influência de espíritos menores, mesmo pensando estar apenas sob a influência do Altíssimo. O espiritualismo moderno demonstrou como os espíritos de defuntos são ansiosos e ambiciosos por comunicar as suas teorias preferidas; e, usando o saudável direito de julgamento privado, podemos acreditar que aquilo que estes e outros médiuns nos apresentam provém, muitas vezes, de fontes que eles, na altura, pouco suspeitavam. Certamente, muito do que Böhme escreveu parece ter sido ditado por espíritos de antigos alquimistas e escolásticos.

As suas teorias da produção dos mundos e criaturas, pelo que chama Salitter ou Sal Nitrun — isto é, nitro — e pelo enxofre e mercúrio, e da entrada dessas substâncias na própria natureza de Deus, são demasiado absurdas e repugnantes para necessitarem do atual avanço da química analítica para se lhes provar o disparate. Diz-nos, com efeito, que não há realmente enxofre em Deus, mas que ele é gerado a partir d'Ele ("Aurora", p. 14). A imprecisão dos termos de Böhme é tão grande quanto a sua estranheza. Descreve algo, por vezes, de um modo, e noutra altura de

modo completamente diferente. Prolonga-se sobre as qualidades ou princípios que existem em Deus e, procedendo d'Ele, influenciam toda a natureza — o frio, o quente, o amargo, o doce, o ácido, o adstringente, o salgado, etc.

Uma qualidade, diz ele, é "a mobilidade, fervura, surgimento e impulso de uma coisa." Esta palavra qualidade deriva-a do alemão "Qual", dor, e este, por sua vez, de "Quelle", fonte ou nascente. Mas sobre o tema das derivações podemos ter uma boa noção do estilo de Böhme, e bastará uma pequena passagem para ilustrar: Mercurius, diz ele, é o som ou tom de todas as qualidades na natureza, e esta é a sua análise da palavra:

"Compreende corretamente o modo de existência deste Mercurius. A palavra MER é, primeiro, a atração forte, azeda, dura; pois nesta palavra ou sílaba MER, expressa pela língua, percebe-se que há uma vibração, proveniente da dureza, e compreende-se também que nela está o travo amargo; pois a palavra MER é áspera e trémula, e cada palavra é formada ou moldada a partir do seu poder ou virtude, e expressa o que quer que a virtude faça ou sofra. Compreende-se que a sílaba CU é o esfregar ou inquietação do travo amargo, que faz com que a dureza não esteja em paz, mas se eleve; pois essa sílaba pressiona com força do coração para fora da boca.

Tal sucede também na Prima Materia, ou primeira matéria, no espírito; mas a sílaba CU, tendo uma pressão tão forte do coração, é logo apanhada pela sílaba RI, e todo o entendimento muda para ela. Isto significa, e é, a roda amarga e pungente na geração, que se ergue e gira tão rapidamente quanto um pensamento. A sílaba US é, ou significa, o clarão de fogo, que a matéria acende na feroz rotação entre a dureza e a amargura, onde se pode ver claramente, na palavra, como a dureza se assusta e como o poder ou virtude se enfraquece e esmorece; contudo, o travo e a roda continuam no clarão, e saem pelos dentes fora da boca, onde então o espírito assobia como fogo a acender-se, e ao voltar fortalece-se na palavra" ("Aurora", c. i, 11).

De igual modo é a análise da palavra "enxofre" (sulphur), de SUL, que é a alma de uma coisa, e PHUR, que é a beleza ou bem-estar de uma coisa. Phur é também, segundo ele, a Prima Materia. Há uma feroz luta na emissão destas sílabas do espírito para o coração, do coração para a boca, como a própria batalha do caos, mas seria demasiado longo citar tudo; fica apenas uma pequena parte: "Pois a dureza é tão dura como pedra, e a amargura precipita-se e enfurece-se como uma roda a quebrar-se, que parte a dureza e incita o fogo, de modo que tudo se torna num estalido terrível de fogo, e se eleva; e a dureza ou adstringência parte-se, fazendo com que a acidez escura se assuste e recue, tornando-se fraca ou quase morta, tornando-se ténue e cedendo.

Mas quando o forte clarão de fogo brilha de novo sobre a acidez e encontra a dureza tão ténue e vencida, então fica ainda mais assustada; pois é como se se atirasse água ao fogo, que faz um estalido. E a dureza inflama-se e grita, etc. Aqui nota-se, o grito ou estalido do fogo acende-se na angústia do espírito do enxofre, e depois o grito eleva-se triunfante, e a dureza ou espírito do enxofre é suavizado pela luz, etc., etc." ("Aurora", c. ii, 14).

Tais são exemplos das análises ou explicações de palavras por Böhme. E se assim é com as palavras, imagine-se como serão as descrições das coisas ao longo de quatro volumes imensos. Estes certamente pouco se assemelham ao estilo do Novo Testamento, que é o exemplo máximo de clareza, brevidade e simplicidade. São grandes volumes de nevoeiro que espíritos nebulosos e vaporosos lançam à volta daquela lanterna de verdade que vemos Böhme transportar.

No entanto, de tempos a tempos, a névoa dissipa-se, e vemos factos claros ou quase claros. Ele não encontra distância na natureza espiritual. Os pés significam perto e longe, pois as coisas próximas e distantes são uma só para Deus; mas o homem, esteja onde estiver, na natureza não está nem perto nem longe, pois em Deus tudo é uma só coisa. Ele avisa-nos que a sua linguagem é figurada: "Assim é também com o Mercurius. Não penses que há qualquer bater, percutir, soar ou assobiar, ou rodar na Divindade, como quando alguém pega numa grande trombeta e sopra para a fazer soar. Ó, não, homem meio-morto, anjo, não é assim, mas tudo se faz e consiste no poder."

Böhme diz-nos que, quando a inspiração o deixava, não conseguia compreender os próprios escritos. Não é provável que venha a ser melhor entendido pela generalidade dos leitores. Na sua mais elevada e verdadeira clarividência, viu e deixou pérolas de verdade que, nos seus estados mediúnicos mais baixos, sufocou sob o seu imenso espírito de nevoeiro, e só podem ser encontradas e recolhidas por aqueles que, pelo amor à verdade, estejam dispostos a penetrar nesses densos nevoeiros e colher delas para benefício geral. Que teve grandes e genuínas iluminações espirituais, é inquestionável; que teve igualmente grandes e confusos períodos de nevoeiro, é igualmente claro, e ninguém é chamado a valorizar as suas névoas ao mesmo nível que o seu sol.

Emanuel Swedenborg, que surgiu na Suécia em 1688, ano da nossa revolução política e sessenta e quatro anos após a morte de Böhme, foi um homem em condições de vidência muito diferentes de Böhme. Böhme era um pobre sapateiro de pequena estatura, sem educação, obrigado a recolher toda a inteligência da inspiração. Nestas circunstâncias, não admira que as suas comunicações se tornassem trabalhadas, nebulosas e prolixas ao passar por uma mente naturalmente pobre em vocabulário. No entanto, apesar da perseguição, demonstrou a mansidão e gentileza de um

grande cristão, enquanto os seus inimigos eruditos mostraram o contrário, insolência e orgulho vingativo.

Swedenborg abordou a sua tarefa de vidente munido de todas as vantagens de uma educação académica. As ferramentas da linguagem e da ideia estavam preparadas para o seu uso espiritual graças à longa prática em temas científicos e filosóficos. Vê-se o efeito disto no estilo muito mais simples de Swedenborg. Enquanto Böhme é laborioso e nebuloso, Swedenborg é perspicaz e, por assim dizer, mecânico. Embora trate dos temas mais interiores e das cenas do mundo invisível, parece construir a sua obra, por assim dizer, tijolo a tijolo, linha sobre linha, traço sobre traço, como se estivesse a lidar com os assuntos mais exteriores e materiais. É essencialmente fatual ao apresentar ao leitor os temas mais sobrenaturais.

Daí o espanto das pessoas que estiveram habituadas a uma teologia que deixa tudo no mundo futuro vago e impalpável, que faz da nossa futura morada “uma terra de trevas, e da sombra da morte, sem ordem, e onde a luz é como a escuridão” (Jó 10:22), ao encontrarem em Swedenborg uma representação desse mundo desconhecido tão semelhante ao nosso. Encontram nele um mundo de mares e montanhas, de cidades e de homens e mulheres com todos os hábitos, aspirações e afetos da humanidade; onde todos continuam ocupados em algum trabalho para o bem geral, e onde todos estão ao mesmo tempo a aprender e a ensinar—aprendem daqueles que vieram antes ou ascenderam a uma sabedoria superior, e ensinam aqueles que acabam de chegar, ou que chegaram numa condição de grande ignorância e pobreza espiritual.

E, no entanto, assim deve ser se este mundo for uma emanação daquele; se as coisas aqui foram feitas segundo os modelos nos céus. Swedenborg, pela sua educação prévia (que ele considerava inteiramente preparatória para o seu papel de vidente e mestre), tornou-se, portanto, um instrumento mais eficaz nas mãos divinas, e, nos seus numerosos escritos (que, embora difíceis em certos pontos, pela própria natureza dos seus temas, são claros como o diamante quando comparados com os escritos de Böhme), estabeleceu um sistema de teologia que está gradualmente a remodelar os antigos sistemas; e, a partir de púlpitos e livros, tanto em prosa como em poesia, onde o leitor menos suspeita, está a dar forma e substância às visões populares sobre a condição e o mundo dos desencarnados. Quantos dos nossos pregadores mais populares de diferentes denominações estão atualmente a divulgar o swedenborguismo! Quantos dos nossos escritores e poetas filosóficos fazem o mesmo, e passa por originalidade! Quanta quantidade de swedenborguismo existe em “In Memoriam”.

> Quão puro de coração e são de cabeça,
> Com que afetos divinos e audazes
> Deveria ser o homem cujos pensamentos sustentassem
> Uma hora de comunhão com os mortos!

Mas é de facto o swedenborguismo e o espiritualismo que se encontram em todas as teologias modernas que ensinam a possibilidade de tal contacto e o encorajam. Quantas verdades swedenborguianas são absorvidas pelo público poético em “Aurora Leigh” e tomadas como ideias originais de Mrs. Browning, para divertimento do cavalheiro americano que lhe emprestou as obras de Swedenborg e assim a doutrinou na sua filosofia. Como Swedenborg surge novamente nestes versos:

> Ó Deus, cuida de mim!
> Perdoa-me e envolve-me num amor infinito,
> Que me preenche e inspira, Teu filho,
> E deixa que o Teu desígnio em mim prossiga
> Revelando o homem ideal em mim;
> Que, sendo muito maior do que aquilo que me tornei,
> Não posso compreender. Sou Teu, não meu.
> Um dia, completado segundo a Tua intenção,
> Poderei dialogar contigo;
> Pois a Tua ideia, dotada de um eu,
> Deve ser una com a mente de onde nasceu,
> E apta para conversar contigo sobre os Teus pensamentos.
> Guia-me, ó Pai, segurando-me pela mão.
> Não pergunto para onde, pois deve ser sempre para diante.
>
> GEORGE MACDONALD

É assim que o espírito de Swedenborg, seja por assimilação direta ou por ação reflexa daqueles que dele bebem em segredo, está a dar substância, forma, força e cor ao mundo da alma. Já não se ensina os homens a imaginar o espírito humano como algo escondido algures no corpo físico, empoleirado, como um pássaro, no cérebro, ou simplesmente sentado na glândula pineal; uma coisa a ser enterrada no corpo a apodrecer por milhares de anos até à ressurreição geral—um vapor, uma centelha, um germe de vida, uma ideia, algo quase nada, mergulhando numa longa escuridão e esquecimento até voltar à luz. Estão a aprender, através de Swedenborg e do espiritualismo, que o espírito é o verdadeiro homem, o corpo apenas um invólucro temporário. Que o céu, até então tão distante, está agora à mão de semear.

O corpo cai, e estamos no meio do mundo espiritual, naquele estado que a nossa purificação ou impureza aqui preparou para nós. Mais uma vez, liberto dos mitos e fraudes egoístas do purgatório papal, ressurge o estado intermédio entre nós e o céu supremo, e a escada de Jacob da progressão ascendente eleva-se ao mais alto empíreo, sustentada pela certeza de um avanço infinito rumo à glória e bem-aventurança de Deus. Mais uma vez, os espíritos dos que partiram “entram pela porta aberta” e afirmam a natureza imortal do amor; mostram-nos que nos esperam e cuidam de nós; e as legiões de anjos da guarda, em que os cristãos acreditam como figura

poética, saem do seu ocultamento, rodeiam as nossas mesas e difundem o seu calor celeste pelos nossos lares.

Pelas revelações silenciosamente, quase inconscientemente difundidas de Swedenborg, a morte perdeu os seus terrores; pois deixou de existir realmente, e a dúvida, esse terrível tormento das almas modernas, está a desaparecer perante o conhecimento positivo da natureza imortal do homem. E tudo isto é feito não pela introdução de novas verdades, mas trazendo-nos de volta às verdades simples e concretas da Bíblia, que teorias espúrias trataram como meras frases em vez de realidades substanciais. E tudo isto está a acontecer não graças à seita dos swedenborguianos, que, como todas as outras seitas, procura fechar a porta que o seu apóstolo abriu. Dizem-nos que apenas Swedenborg percorreu os reinos invisíveis e que ninguém deve ousar segui-lo. E isto dizem-no perante o próprio Swedenborg.

O homem foi criado de tal modo que, durante a sua vida na terra entre os homens, pudesse, ao mesmo tempo, viver no céu entre os anjos, e, durante a sua vida entre os anjos, pudesse, ao mesmo tempo, viver na terra entre os homens; para que o céu e a terra pudessem estar juntos e formar um só; os homens sabendo o que há no céu, e os anjos o que há no mundo (“Arcana Coelestia”, 1880). Isto, diz Swedenborg, é a condição do homem em geral, não apenas dele ou de qualquer outro indivíduo. As doutrinas de Swedenborg, de facto, como as de Fox, nunca foram destinadas à esfera restrita de uma seita, mas à humanidade em geral; e entre a humanidade estão a fazer mais para restaurar a substância e a semelhança do cristianismo do que qualquer outro mestre desde os tempos apostólicos.

As provas da vidência de Swedenborg já as apresentei no segundo capítulo, ao citar o testemunho de Kant. Pouco mais é necessário dizer aqui sobre ele. Nasceu em Estocolmo, na Suécia, sendo o segundo filho do Dr. Jasper Swedberg, Bispo de Skara, que foi autor prolífico em vários temas, e homem de grande talento e influência, descendente de uma família mineira do Stora Kopparberg, ou grande montanha de cobre. A sua mãe era também filha de Albrecht Behm, Assessor da Junta Real das Minas. Assim, nasceu e cresceu entre assuntos mineiros, e ele próprio, mais tarde, tornou-se também Assessor Real das Minas.

Alterou o nome de Swedberg para Swedenborg, assim como Burns, o poeta, alterou o seu nome de Burness. Recebeu uma educação muito completa na grande Universidade de Upsala, e tornou-se tão íntimo da língua latina que escreveu nela todas as suas obras. Aperfeiçoou-se através de viagens extensas, e por toda a parte fez amizade com homens célebres, especialmente aqueles distinguidos em matemática, astronomia e mecânica. Carlos XII nomeou-o Assessor Extraordinário das Minas. Continuou a escrever inúmeras obras sobre ciência e artes. Sobre “Álgebra”, o “Sistema Decimal”; sobre o “Movimento e Posição da Terra e

dos Planetas"; sobre "Docas, Comportas e Salinas"; sobre os "Princípios da Filosofia Natural"; "O Principia, Primeiros Princípios das Coisas Naturais", que, de facto, visava traçar um verdadeiro sistema do mundo. Seguiram-se "Esboços de uma Argumentação Filosófica sobre o Infinito"; "Dissertações sobre a Fibra Nervosa e o Fluido Nervoso"; depois uma grande obra sobre a "Economia do Reino Animal". Depois dedicou-se ao estudo da anatomia e de todo o sistema do corpo humano.

Mas isto foi apenas uma introdução e qualificação para o objetivo de investigar a alma. Tendo feito isto, escreveu uma obra sobre o Culto e o Amor de Deus, como resultado dos seus estudos e a conclusão dos seus outros trabalhos.

A segunda parte desta obra incluía uma investigação sobre a natureza da alma e do intelecto; mas aqui, quando julgava ter terminado esta parte do trabalho, percebeu que estava apenas a começar. Todos os seus trabalhos e investigações tinham estado a convergir para um desenvolvimento de que não tinha qualquer indício. Subitamente, estando em Londres, ocupado com a publicação desta obra, teve uma visão do Senhor, e os seus olhos foram abertos para ver o mundo espiritual. Isto, diz ele, ocorreu em 1743; quando tinha cinquenta e cinco anos. Dedicara-se à escrita sobre as ciências naturais, afirma ele, durante cerca de trinta anos, e a partir desse momento abandonou-as totalmente, dedicando-se ao estudo do sobrenatural e à explicação das Escrituras, por meio dessas experiências, durante mais trinta anos, até aos oitenta e quatro anos de idade. Diz que, então, "Deus abriu a minha visão para o mundo espiritual, e concedeu-me o privilégio de conversar com espíritos e anjos." O Senhor, foi-lhe revelado, preparou-o para elucidar o sentido espiritual da palavra. Durante muitos anos antes de a sua mente ter sido assim aberta, e de lhe ser possível falar com espíritos, teve sonhos que lhe indicavam os assuntos sobre que escrevia, alterações de estado enquanto escrevia, e uma luz peculiar nos seus escritos.

Depois, muitas visões de olhos fechados; luz dada milagrosamente, espíritos a influenciá-lo sensivelmente como se apelassem ao sentido corporal, tentações de espíritos malignos quase o esmagando com horror, luzes de fogo, palavras proferidas ao amanhecer, e muitos eventos semelhantes ("Diário", 2951). Afirma que nele se abriu uma respiração espiritual interior, e o seu espírito respirava diretamente a atmosfera divina do Espírito Santo. Considera isto essencial a um estado perfeitamente espiritual, e que ocorre em todos os apóstolos e pessoas santas que vivem e agem sob inspiração imediata. Já vimos que pessoas do antigo mundo pagão ocasionalmente entraram no mundo espiritual, como Epiménides e Hermótimo, que, ao regressar, relataram o que tinham visto; mas a condição de Swedenborg era diferente e superior à deles. Durante a ausência dos seus espíritos, os seus corpos ficavam como mortos, mas Swedenborg

podia entrar no mundo espiritual e ainda assim parecer presente e agir neste.

No entanto, não alcançou de imediato o pleno usufruto destes dois estados, nem o poder de passar voluntariamente de um para o outro. Rapidamente começou então a produzir, tendo em conta a natureza colossal das obras, os seus trabalhos espirituais. Primeiro surgiu o “Arcana Coelestia”, ou exposição do sentido espiritual dos livros do Génesis e Êxodo, composto por oito volumes em quarto. Seguiu-se toda uma biblioteca de volumes, entre os quais se destacam “O Juízo Final e Destruição da Babilónia”; “O Céu e o Inferno”; “O Cavalo Branco do Apocalipse”; “Os Planetas do Sistema Solar e seus Habitantes”; “A Nova Jerusalém e a sua Doutrina Celestial”; vários outros volumes sobre a Nova Jerusalém; sobre o “Amor Divino e Sabedoria Divina”; sobre a “Providência Divina”; o seu “Diário”, publicado postumamente; o “Deleite da Sabedoria”; “Sobre o Amor Conjugal”, etc., sobre a “Interação entre a Alma e o Corpo”; o “Apocalipse Revelado e Explicado”; a “Verdadeira Religião Cristã”, etc. Nestes trabalhos espirituais anuncia frequentemente grandes verdades científicas, que agora, de tempos a tempos, se provam tais.

É agora considerada uma descoberta surpreendente dos Professores Kirchoff e Bunsen terem encontrado ferro no corpo do Sol, ao traçarem os seus efeitos nos raios solares. Swedenborg já afirmava este facto há um século. Os homens de ciência pedem continuamente aos espiritualistas que anunciem antecipadamente factos naturais desconhecidos. Este é um caso entre muitos em que Swedenborg o fez, e muito antes de Swedenborg, Anaxágoras já afirmava que o Sol era uma grande massa mineral.

Muitas destas obras foram traduzidas para francês e alemão, assim como para inglês, estas últimas publicadas pela Sociedade Swedenborguiana. Podem ser lidas, e são agora amplamente lidas, e as suas verdades ensinadas, como disse, por homens de quem pouco se suspeitaria. Os púlpitos tanto da Igreja como dos dissidentes estão a ser invadidos por Swedenborg. Existem também excelentes e concisas biografias suas em inglês, da autoria do Dr. Wilkinson e do Sr. William White.

Concluirei citando uma ou duas passagens da primeira. “Visitante do mundo espiritual, Swedenborg descreveu-o em cores vivas, e parece que nada tem a ver com o que as épocas modernas têm suposto. Segundo alguns, trata-se de um ponto de abstração, intenso em fé salvadora, e outras coisas de termos. Só alguns dos poetas mais antigos—excetuando sempre a Bíblia—o apresentaram com algum grau de realidade, como algo amplo para a humanidade. Aí, Swedenborg concorda com eles, apenas sendo de uma forma ainda mais sublimemente familiar no que toca ao nosso futuro local de habitação.

O mundo espiritual é o mesmo velho mundo de Deus numa esfera superior. Colina e vale, planície e montanha, são aí tão visíveis como aqui. A diferença evidente está na multiplicidade e perfeição dos objetos. O mundo espiritual é natureza essencial, e espírito para além disso. Os seus habitantes são homens e mulheres, e as suas circunstâncias são sociedades, casas e terras, e tudo o que lhes pertence. O fundamento comum não necessita de ser removido para suportar as coisas que o olho não viu, nem ouvido ouviu, nem o coração humano concebeu. Pedra e madeira, pássaro e animal, mar e céu, são conhecidos que encontramos na esfera espiritual, na nossa última maturidade ou angelitude, tal como no alvorecer dos sentidos, antes de se ganhar a sepultura" (p. 96).

E ainda: "O nosso capricho da nobreza abstrata dos espíritos recebe aí um rude choque. As almas dos nossos pais não são melhores do que nós; não menos medíocres, nem menos corporais, e as suas ocupações são muitas vezes mais indignas do que as nossas. Grande parte dos seus atos lê-se como relatos policiais. Até os anjos são apenas homens bons numa esfera favorável; não os devemos adorar, pois não o merecem; no máximo, são dos nossos irmãos os profetas. É tudo muito realista, a morte não altera as substâncias. Os mesmos problemas repetem-se após ela, e o homem é deixado para os resolver. Só o bem e a verdade prosperam. Não há descanso para além do túmulo, senão na paz de Deus, que já era repouso antes dele" (p. 146).

O espiritualismo confirma uniformemente estas ideias, especialmente quanto às regiões intermédias. E também, que "a alma terrena permanece presa ao solo e gravita para a terra, arrastando a corrente das afeições impuras contraídas no mundo; espíritos assombram os seus antigos lugares, presos por ideias imortais. Ódio e vingança, orgulho e luxúria persistem no seu alastrar canceroso, e vão desgastando as cordas incuráveis do coração. A infidelidade nega Deus mais no espírito e no mundo espiritual; sim, apostada na morte, ignora a eternidade no estado eterno, com ranger de dentes e horríveis contrações, e a prova do espírito e da vida imortal está mais distante do que nunca."

Uma lição terrível. Por outro lado, nas melhores regiões, "funções nobres são atribuídas a seres finitos, como assistir ao nascimento dos recém-falecidos no estado espiritual, educar crianças falecidas e espíritos simples, governar o sono e infundir sonhos, e tantas outras tarefas indefinidas, que constituem um departamento dos deveres da raça humana transposta para a esfera da indústria espiritual. Pois o céu é o grande operário; os momentos do eterno Sábado são atos de obras, e quanto mais destas se possam confiar a homens e anjos, mais real é a criação, porque coopera com Deus" (p. 157).

Uma verdade séria é declarada por Swedenborg no seu "Diário": que todas as confirmações em matérias de teologia ficam, por assim dizer, coladas ao

cérebro, e dificilmente podem ser removidas; e, enquanto permanecem, as verdades genuínas não encontram lugar." Isto é algo que tantas vezes observei neste trabalho—a dificuldade de apagar dogmas educativos e modos de pensar, por muito errados que sejam. Refere também o grande facto tão constantemente mostrado pelo espiritualismo: que, no contacto espiritual, o semelhante atrai o semelhante, e que a condição espiritual de um homem pode ser conhecida pelos espíritos que a ele se dirigem, isto é, habitualmente; pois os maus espíritos também procuram enganar e confundir os bons, especialmente na sua entrada inicial nas condições espirituais, para os afastar delas. Estes são repelidos por oração e fé. Quanto a ver e comunicar com espíritos, Swedenborg diz que é a condição natural do homem, perdida apenas pelo seu estado grosseiro e degradado. A análise da história de Swedenborg leva o seu biógrafo a observações que milhares fazem hoje em dia:

"Nada é mais evidente atualmente do que o facto de que os homens de ciência temem uma grande quantidade de factos importantes. Todos os factos espirituais, dos quais há muitos em todas as épocas, são denunciados como superstições. As histórias de espíritos mais bem atestadas não são bem recebidas pela cortesia científica que tira o chapéu a um novo inseto ou a um novo alcaloide vegetal. A ciência de peruca grande comporta-se pior com os nossos antepassados do que com a nossa bicharada. A evidência sobre assuntos espirituais é tida como impertinente pelos eruditos; tão receosos são, e tão morbidamente temerosos de fantasmas. Se não tivessem medo, investigariam; mas a natureza é para eles um cemitério, no qual assobiam melodias secas para ganhar coragem. Deviam recorrer a Swedenborg, que fez dos próprios fantasmas uma ciência.

Tal como está, afirmamos que não há classe que siga tão pouco as suas próprias regras de experiência e indução sem preconceitos, nem tão pouco respeito mostre pelos factos, como os homens de ciência de cabeça dura. São suficientemente atentos a uma classe de factos que ninguém valoriza—insetos, aranhas, fósseis; mas perante aqueles factos claros que homens e mulheres comuns, em todos os tempos e lugares, consideraram cheios de interesse, admiração ou importância, mostram ouvido mouco e coração insensível. A ciência, assim, falha a sua missão, que é dar-nos, pelo conhecimento, um retrato do mundo, e antes de mais daquele que está mais próximo e é mais caro à alma" (p. 258).

Edward Irving, que provocou tanto entusiasmo e tanto ridículo há cerca de trinta anos, ao permitir manifestações apostólicas na sua congregação—isto é, falar em línguas e curar doenças de outro modo incuráveis pela oração e fé em Cristo—apresenta uma fase de carácter completamente diferente de Böhme ou Swedenborg. Não era o vidente nem o médium, mas apenas um ministro do evangelho que reconhecia, onde ocorriam, factos evangélicos.

Nisto foi ainda mais meritório, pois, não experienciando em si mesmo, mas apenas vendo nos outros esses dons, aceitava-os sem dificuldade como genuínos. Fora educado, no seu país natal, Escócia, na seita mais rigorosa do farisaísmo caledónio; mas era, no entanto, tão cristãmente liberal que lhe foi difícil obter uma chamada para exercer o ministério.

O Dr. Chalmers acabou por reconhecer os seus talentos extraordinários e grandes poderes espirituais, tornando-se seu assistente na igreja de St. John, em Glasgow. De Glasgow foi chamado para ser ministro do Caledonian Asylum em Cross Street, Hatton Garden. A popularidade das suas pregações tornou-se tal que a igreja se enchia domingo após domingo, com pessoas de todas as classes, desde a Família Real para baixo. Juízes, ministros de estado, nobres, e senhoras da mais alta posição e moda, homens de letras e teólogos notáveis, acotovelavam-se nas multidões crescentes, afastando a sua congregação regular com a sua presença entusiasta. Tornou-se necessário construir uma igreja maior, e esta ergueu-se em Regent Square, a um custo de 15.000 libras, no ano de 1827.

O Sr. Drummond e os chamados “Profetas de Albury”, assim denominados por se reunirem na propriedade do Sr. Drummond em Albury, Surrey, tinham agora aderido à sua congregação e trouxeram riqueza consigo. Estes senhores foram apelidados de profetas porque, sendo vinte ou trinta, se tinham unido para estudar as Escrituras, especialmente no que diz respeito aos dons espirituais do cristianismo. Três anos após a edificação da nova igreja em Regent Square, Irving e os seus amigos foram surpreendidos com a notícia de que, em Port Glasgow, Escócia, tinha ocorrido uma manifestação de falar em línguas desconhecidas. Dizia-se que mulheres religiosas falavam como os apóstolos no Pentecostes. Enviou um ancião para avaliar o fenómeno, que deu bom parecer; e ao regressar, sua esposa e filha foram encontradas sob essa influência.

O assunto foi tratado com muito cuidado e em privado; e verificou-se que o discurso não era mero disparate, mas ordenado e harmonioso, embora incompreensível para todos. Contudo, segundo a ordem da igreja primitiva, verificou-se que o que um dizia em língua desconhecida, outro interpretava em inglês simples, embora não conhecesse a língua, mas recebesse o mesmo conteúdo do espírito. Em Outubro de 1830, contudo, uma mulher da congregação irrompeu em plena assembleia, mas foi rapidamente levada para a sacristia, onde transmitiu a sua mensagem. A partir daí, essas manifestações tornaram-se públicas e frequentes, causando grande sensação na opinião pública, e todo o tipo de pessoas acorreu à igreja para as presenciar.

Contrariamente às deturpações que em todas as ocasiões extraordinárias se fazem, estas manifestações foram declaradas por Irving, na “Fraser’s Magazine”, por Mr. Wilks, seu primeiro biógrafo, e pela “Morning Watch”, revista trimestral criada para registar e explicar esta dispensação, não só

como ordeiras, mas cheias de eloquência quando interpretadas, e embora frequentemente proferidas em tom elevado, eram marcadas por uma grandeza e musicalidade de entoação que lembrava mais um canto nobre do que uma oratória. Irving disse que lhe recordavam os antigos cantos catedralescos, remontando aos dias de Santo Ambrósio.

Todos os que falaram afirmaram ser movidos e conduzidos por um poder sobrenatural. Irving diz: “Quem falava em línguas na igreja não fazia senão proferir palavras desconhecidas para si e para todos, sendo por isso necessário outro com o dom de interpretação. Enquanto o orador dizia as palavras desconhecidas, o seu significado surgia no coração do intérprete, e as palavras próprias vinham-lhe aos lábios. Mas ele estava, todo o tempo, tão ignorante das palavras estrangeiras como quem as proferia e quem as ouvia. Era um dom espiritual, e não um ato de tradução de uma língua para outra.”

Mas não só línguas desconhecidas, mas línguas conhecidas (hebraico, grego, espanhol e italiano, entre outras) foram faladas corretamente por pessoas que naturalmente nada sabiam delas. O espírito de profecia manifestou-se, e a primeira visita da cólera foi claramente predita, e chegou no verão seguinte. Mais ainda, muitas pessoas foram curadas pela oração e imposição de mãos. Muitos casos estão registados. Miss Fancourt, filha de um clérigo, era uma inválida sem esperança há oito anos.

Tinha curvatura da coluna, alargamento de uma clavícula, doença em quase todas as articulações, e estava totalmente incapaz de andar. Os médicos tinham tentado todos os remédios possíveis. Sofrera verdadeiramente “muitas coisas de muitos médicos”: vesicatórios, sanguessugas, setões, sangrias, cáusticos, banhos de mar e quentes; mas tudo em vão, e os médicos declararam o caso tão orgânico que não havia esperança. Pela oração do Sr. Greaves, membro da congregação de Irving, foi subitamente e perfeitamente curada. O pai atestou publicamente a cura perfeita; ela própria fez o mesmo no “Christian Observer”, afirmando ter ficado completamente direita, as clavículas iguais, e perfeitamente saudável. Uma Mrs. Maxwell, coxa há vinte e quatro anos, e cujo caso também fora declarado sem esperança, ficou de repente perfeitamente sã. Uma menina de cerca de onze anos, com coluna curva e joelho doente, também considerada incurável pelos médicos, foi perfeitamente curada por oração fervorosa. Estes e outros casos semelhantes foram atestados pelas próprias pessoas, médicos e clérigos, e como de costume foram negados sem critério, ou declarados como de outra forma curáveis, mesmo contra a opinião dos próprios médicos.

Estas circunstâncias eram apenas aquelas que a Igreja Católica tem registado em todas as épocas, e continua a registar. Eram as mesmas que ocorreram a Gassner, a Valentine Greatrakes, às pessoas junto ao túmulo do Abade Paris, aos Cevenóis, a Swedenborg, à vidente de Prevorst, e a

milhares de outros. Swedenborg declarou que havia uma linguagem espiritual; a vidente não só afirmou o mesmo, como a falou e escreveu. O que espantou as pessoas no tempo de Irving é precisamente, nas suas várias formas, o que tem ocorrido desde então em todo o lugar onde o espiritualismo se manifestou.

Os registos deste volume mostram que, na América, Alemanha, França, Inglaterra e outros países, pessoas falaram, sob influência espiritual, tanto línguas conhecidas como desconhecidas. (Ver “Cartas do Juiz Edwards”). Todo o espiritualista viu escrita espiritual, que só certos médiuns podem ler, mas que é tão peculiar e marcada por tais características que, uma vez vista, é instantaneamente reconhecida, venha de onde vier. Já vi tal escrita vinda da Índia, com uma relação inconfundível com o que vi escrito por médiuns aqui, e com a escrita da vidente de Prevorst. A mesma lei aplica-se ao desenho espiritual. Onde quer que seja feito, ou por quem seja, embora variando em cada caso, para o olhar familiarizado com o desenho espiritual ele identifica-se imediatamente.

Vi desenhos espirituais feitos por uma pessoa na Austrália que nunca ouvira falar de espiritualismo ou de influência espiritual, mas que, totalmente ignorante na arte do desenho, seguiu apenas o impulso na mão, executando o que qualquer espiritualista que os visse logo reconhecia como sendo desenho espiritual e nada mais.

As leis da vida e ação espiritual são hoje tão bem conhecidas que todos os movimentos entre os irvingitas se apresentam aos iniciados como simples e naturais. Houve até membros da própria congregação de Irving que pensaram que algumas das inspirações eram satânicas, e o próprio Irving foi lançado em dúvida e ansiedade por algumas delas. Estavam, na verdade, certos; nenhuma inspiração divina pode ocorrer sem que a satânica tente insinuar-se para confundir e, se possível, destruir a verdadeira influência. Isto não deveria tê-los surpreendido. É por isso que o apóstolo advertiu a igreja primitiva a não acreditar em todos os espíritos, mas a prová-los.

Os falsos são rapidamente reconhecidos pelos seus frutos, mas esses frutos podem ser amargos; são prontamente sentidos à luz da orientação e experiência divinas, mas essa experiência implica prejuízos anteriores, e as pessoas sofrem devido à ignorância perpetuada sobre o assunto pela falácia protestante. O grande erro dos irvingitas, ou, como agora se denominam, a Igreja Católica Apostólica, foi supor, como os swedenborguianos, que estas manifestações lhes eram enviadas exclusivamente e, portanto, imediatamente as encerraram numa comunidade. Este, no entanto, foi o seu infortúnio, resultado dessa forçada ignorância protestante. Não sabiam que são dons divinos da Igreja no seu todo, e que devem ser deixados livres por toda a Igreja universal do homem universal. O vento e o Espírito sopram onde querem, e não podem ser

cercados como os sábios de Gotham esperavam cercar o cuco. Desde que o Salvador os enviou à terra, têm aparecido, ora aqui, ora ali, sempre que o coração humano ansiava pelo Consolador; sempre que o dragão da infidelidade procurava engolir a fé; sempre que o homem, libertando-se das amarras e andaimes de meras teorias eclesiásticas, abria a alma à sua receção.

E se o homem, petrificado pela educação espiritual protestante, pudesse acreditar em algo espiritual, a existência destes mesmos fenómenos, numa sequência de quase dois mil anos, em todas as igrejas exceto na sua própria, e entre os homens mais ilustres dos anais da religião e filosofia, apresentar-lhe-ia um corpo de provas que, pela profundidade do fundamento, pela largura da base, pela solidez da superestrutura de factos acumulados, ultrapassa qualquer outra questão humana. No entanto, Edward Irving foi expulso do púlpito entre chacotas e risos, e a sua vida foi abreviada pela tristeza, apenas por ter recebido um legítimo dote da Igreja cristã, como cabia a um ministro da Igreja.

CAPÍTULO XX
OS IRMÃOS MORÁVIOS OU UNITAS FRATRUM

Um bando de irmãos no deserto.

JAMES MONTGOMERY.

Uma religião que devesse parecer razoável a todo o mundo, não poderia ser a verdadeira. A verdadeira religião deve, ao surgir entre os homens, ser de todos os lados saudada com a acusação de loucura que o Cristianismo enfrentou tão nobremente.

VINET.

Este corpo religioso, com o qual Wesley esteve originalmente muito ligado, é, acima de tudo, uma igreja espiritual. Tal como os Quacres, todas as suas instituições assentam na crença na influência contínua e imediata do Espírito Divino. Lançam sortes nos momentos mais importantes da vida, na plena convicção de que serão espiritualmente guiados para o melhor. A sua história abunda em providências especiais e exemplos da sua fé na perpetuação do poder sobrenatural do Cristianismo. Descendem da igreja primitiva e dos valdenses, e contam João Huss e Jerónimo de Praga entre os seus mártires.

Os seus bispos, já em 680, eram esperados no sexto concílio de Constantinopla, mas recusaram comparecer por se oporem ao culto de

imagens. Alguns dos valdenses apareceram na Boémia, em 1176, e uniram-se a eles na resistência contra as tentativas de os submeter ao jugo da Igreja de Roma. As mais terríveis perseguições e extirpações de ambos, na Boémia e Morávia, foram movidas pelos poderes católicos, e, reunindo-se a outros irmãos de igual fé, alteraram o nome de Fratres, como primeiro adotaram, para Unitas Fratrum, ou Unidade dos Irmãos.

Já em 1467 elegiam os seus ministros por sorteio. Após muitas provações e dispersões pela Polónia, Prússia e outros países, uma emigração da Morávia, sob a liderança de Christian David, um carpinteiro descendente de uma nobre linhagem de mártires, foi recebida pelo Conde Zinzendorf numa nova propriedade adquirida por este na Alta Lusácia. Estabeleceram-se num local elevado e agreste chamado Hutberg, perto das aldeias de Bertholdsdorf Superior e Inferior, na estrada de Löbau a Zittau. Foi ali que Christian David cravou o machado numa árvore e exclamou: “Aqui encontrou o pardal casa e a andorinha ninho para si; até os teus altares, Senhor dos Exércitos!”

Foi assim que fundaram o seu povoado e o chamaram Herrnhut, ou Vigia do Senhor. Muitos irmãos vieram depois da Morávia e da Boémia, tornando Herrnhut o principal centro. Não foi fácil aos irmãos escapar dos seus tiranos na Morávia.

Aqueles que tentavam dispor secretamente dos seus bens ou levá-los consigo em carroças eram quase sempre detidos, saqueados e levados de volta; mas os que “nada procuravam senão a salvação das suas almas e, por isso, abandonavam os bens, pais ou filhos, amigos e parentes, eram muitas vezes libertados das suas cadeias de modo maravilhoso, saltando de altas prisões sem dano, passando pelas guardas sem serem descobertos em pleno dia, ou fugindo e escondendo-se deles” (Crantz, “História dos Irmãos”, p. 108).

Christian David acreditava ter uma chamada divina para libertar os irmãos oprimidos da Morávia, e fez muitas viagens com esse propósito, arriscando tanto a liberdade como a vida; mas, segundo Crantz, teve êxito “em meio a espantosos exemplos de protecção divina”. Durante uma dessas visitas de Christian David e Melchior Nitschmann, os irmãos em Herrnhut, num determinado dia, caíram de joelhos a rezar pela sua segurança. Nesse mesmo momento, os dois anciãos ausentes sentiram-se tão fortemente e de modo tão peculiar afectados que também caíram de joelhos, rezando em lágrimas.

Ao regressarem, informaram-se sobre o que acontecera em Herrnhut a 13 de Agosto e souberam não só dessa oração por eles, mas também de que a sua própria prece, no mesmo momento, fora quase com as mesmas palavras (Crantz, p. 117). De Herrnhut rapidamente se espalharam por várias partes da Alemanha, Inglaterra e Dinamarca, e as suas missões chegaram à Gronelândia, Índias Ocidentais, Labrador, Cabo da Boa

Esperança, Guiné, América do Norte e do Sul, Índias Orientais e quase todo o mundo.

O Conde Zinzendorf tentou convencê-los a unir-se à Igreja Luterana, mas eles lançaram a sorte e saiu o texto: “Assim, pois, irmãos, estai firmes e guardai as tradições que vos foram ensinadas” (2 Tessalonicenses ii, 15). Tal era a fé dos Irmãos Unidos no tempo de Zinzendorf, que Crantz relata o seguinte facto como prova: “Ouvi falar de uma circunstância muito particular, evidentemente dirigida pela Providência, ocorrida nessa ocasião. O conde, tendo lançado alguns papéis que já não serviam ao fogo, todos se consumiram, exceto um pequeno bilhete, onde estava escrito o texto do dia 14 de Fevereiro: ‘Escolheu-nos para sua herança a excelência de Jacob, a quem ama’ (Salmo xlvii, 4, versão luterana), sob o qual estava o velho verso luterano:

Ó, faze que nas tuas chagas vejamos

O nosso perdão e eleição livre.

Todos os irmãos e irmãs que viram esse bilhete, o único entre as cinzas, ficaram cheios de alegria infantil” (p. 180).

De facto, preservaram uma fé apostólica em milagres, dons espirituais, impressões espirituais e actos especiais da Providência a favor dos seus servos.

O próprio Zinzendorf diz: “Devo este testemunho à nossa amada igreja: que nela se manifestam poderes apostólicos. Temos provas inegáveis disso na inequívoca descoberta de coisas, pessoas e circunstâncias que humanamente não poderiam ser conhecidas; na cura de males incuráveis, como cancros e tuberculose, quando o doente estava nas agonias da morte—tudo pela oração ou por uma só palavra.”

O que dizer quando igrejas e pessoas de todas as confissões concordam em afirmar estes factos? Enumera várias outras circunstâncias sobrenaturais e diz que os irmãos e irmãs confiavam inteiramente em Cristo para fazer o que Ele havia graciosamente prometido, sempre que lho pediam em oração. Os seus missionários, como Brainerd e Hans Egede, relatam muitas providências maravilhosas a seu favor entre povos selvagens, não só de homens mas também de animais.

Numa ocasião, uma enorme serpente caiu sobre um deles enquanto dormia debaixo de uma árvore, enrolou-se duas vezes à volta da cabeça e pescoço, apertando com toda a força. Recordando, contudo, a promessa do Senhor de que os seus discípulos pegariam em serpentes e elas não os fariam mal, sentiu-se fortalecido para arrancar a serpente e lançá-la fora.

Durante as guerras na Alemanha, foram muitas vezes saqueados e por vezes as suas casas incendiadas pelos exércitos em luta; mas as suas vidas eram maravilhosamente preservadas, e muitas vezes os bens também. Há exemplos disso em Neusalz, na Silésia, em 1759, quando foram milagrosamente salvos dos russos, e de novo em Rücksdorf, em 1760, do mesmo inimigo. Numa ocasião, quando o Conde Zinzendorf viajava, estava prestes a deitar-se numa casa de amigos, quando uma impressão irresistível o levou a prosseguir viagem e, mal partiu, o teto do quarto onde iria dormir caiu.

David Nitschmann, de uma família muito distinta entre os irmãos, e David Schneider, estando presos na Morávia, uma noite sentiram que deviam fugir. Sem saber como, de repente encontraram os ferros soltos nas mãos e as duas portas entre eles e a rua abertas. Escaparam para a Silésia. Tanto o Conde Zinzendorf como a Condessa Zinzendorf, naquela clarividência espiritual que é outro nome para profecia, previram e anunciaram claramente importantes acontecimentos das suas vidas. Nas vidas dos Nitschmann, Spangenberg, Dober, Steinmetz e outros, numerosos acontecimentos extraordinários são relatados como factos perante os quais os cristãos não deviam surpreender-se.

Talvez nunca um povo inocente tenha passado por tantas calúnias dos seus irmãos protestantes por causa da sua fé simples; talvez nunca tão poucos tenham enviado tantos missionários devotados. A maioria das suas congregações são congregações peregrinas, prontas a oferecer-se para os serviços mais distantes e perigosos para a conversão de almas. Talvez nenhum povo tenha renunciado tão completamente aos prazeres e ao apego ao mundo. Os seus povoados são lugares de silêncio e repouso admiráveis. Numa visita a Herrnhut, em 1841, encontrámos o povoado numa região alta e fria, as matas que outrora o cobriam agora extintas pelo labor humano, e grupos singulares de rochas emergindo dos campos cultivados em formas piramidais.

O horizonte é delimitado, em diferentes lados, pelos Riesengebirge, ou Montes Gigantes, e pelas colinas da Suíça Saxónica. Mas só ao percorrermos o lugar por completo começámos a descobrir o seu grande encanto. Chegando aos bosques ainda existentes, trilhos arborizados, jardins, o encantador, embora formal, cemitério, ao Hutberg ou Colina da Vigia, e vendo ao redor os campos sorridentes e o povo laborioso, e o vale onde, entre hortas e pomares, ficam as populosas e pitorescas aldeias de Great Hennersdorf, Hennersdorf e Bertholdsdorf, começámos a sentir que era mais no espírito e nas instituições do lugar do que no seu aspecto exterior que residia o seu carácter singular.

Foi um prazer especial pisar o solo onde este nobre e unido grupo de cristãos se constituiu em povo devotado à grande causa da civilização cristã; onde afirmaram a grande verdade cristã de que não devemos viver só para nós, mas para Deus e o próximo; onde viveram e amaram,

cresceram e prosperaram; de onde enviaram para todo o mundo os mais pacientes e bem-sucedidos trabalhadores; e onde, tendo gloriosamente cumprido o seu trabalho, depuseram os corpos cansados, partindo para a eterna Unitas Fratrum.

Mas que silêncio repousava sobre o local, mesmo em meio a toda a sua ativa indústria! É maravilhoso que, de dentro dessa calma profunda, tantos indivíduos enérgicos tenham partido, e ainda partam, para todos os cantos do mundo; que de um centro que parece ser o próprio centro dos domínios do repouso, tanta vida irradie até aos confins da terra. Eles próprios chamam-lhe Vida na Quietude. Todo o modo de ser e de estar do povo nada tem a ver com as paixões e agitações deste mundo, mas já está envolto no espírito e consciência de outro.

Um digno velho oficial, o Major von Aderkas, que ali encontrámos, disse sorrindo: “Tive uma existência tempestuosa e atribulada, e ansiava por um porto mais calmo; e, graças a Deus, encontrei-o, e desfruto-o do fundo da alma; e aqui terminarei os meus dias com gratidão. Mas muitos vêm para cá, e, ao princípio, ficam impressionados com o sossego do lugar e, pensando que nada seria tão agradável como passar aqui a vida, tentam, mas normalmente acham que um mês é suficiente.

Não, Herrnhut não é lugar para quem não se tenha verdadeiramente desmamado do mundo, nem tenha chegado, através de dificuldades e traições, a um cansaço duradouro dele.” Para os próprios herrnhutenses, no entanto, o seu trabalho diário, os encontros religiosos e sociais, as horas de oração e de canto, e o cumprimento dos seus deveres para com a comunidade, são prazeres mais que suficientes. De tempos a tempos, também realizam reuniões para a leitura de cartas das suas diferentes estações missionárias espalhadas pelo mundo; e são momentos de grande interesse.
Fomos conduzidos pelo venerável Bispo Reichel através dos vários departamentos da instituição, pela casa dos irmãos, pela casa das irmãs, pela igreja, pelas salas de jantar, de convívio, de música, que eles muito cultivam, e também pela residência episcopal em Bertholdsdorf.

Assistimos a um dos seus encontros de canto na sala onde fazem os seus ágapes – as Agapai dos primeiros cristãos – e visitámos as suas escolas de rapazes e raparigas. Soube-se que, em 1823, tinham dezasseis estabelecimentos na Alemanha, dezassete em Inglaterra, um na Escócia, quatro na Irlanda, cinco na Suécia, um em Zeist na Holanda, um na Rússia e mais de vinte na América do Norte.

Os habitantes destes povoados ascendiam então a cerca de 17.000, e ainda assim este pequeno e pacato grupo, nas suas diversas missões – na Gronelândia, Labrador, América do Norte, entre os índios, nas Índias Ocidentais, América do Sul, África do Sul e entre os calmucos das estepes da Rússia asiática – contava nada menos que 30.000 convertidos.

Procurámos com interesse o local onde Christian David cortou a primeira árvore. Está agora assinalado por um monumento de granito com esta inscrição: “Am 17 Januar 1722 wurde an diese Stelle zum Anbau von Herrnhut der erste Baum gefällt” (Salmo lxxxiv. 3). “A 17 de Janeiro de 1722 foi, neste local, para a edificação de Herrnhut, derrubada a primeira árvore.” A citação dos Salmos é: “Bem-aventurados os que habitam na tua casa; louvar-te-ão perpetuamente.”

Mas todo o salmo adapta-se singularmente às condições, fé e sentimentos do pequeno grupo no monte. O monumento fica perto da estrada principal, e ainda está no bosque, que é propositadamente preservado. Aqui só foram construídas cabanas temporárias, a aldeia propriamente dita situou-se a algumas centenas de metros do local. Aqui, portanto, estamos tão imersos no bosque como os primeiros colonos.

Agradáveis caminhos, traçados com bom gosto, espalham-se em todas as direcções por entre estes bosques a partir de Herrnhut; de modo que tanto visitantes como habitantes podem ainda hoje desfrutar de uma impressão muito vívida do cenário tal como apareceu aos primeiros colonos. Igualmente interessante é o Friedhof, ou cemitério. Fica numa encosta elevada acima da aldeia, sendo muito visível pela sua extensão e forma. Tem vários hectares, é quadrado e cercado por uma sebe alta, ou melhor, por uma parede verde e aparada de carvalhos. Sobre a entrada está inscrito:

> Christus ist auferstanden von den Toten;
> Er ist der Erstling worden unter denen die da schlafen.

(“Cristo ressuscitou dos mortos; Ele tornou-se o primogénito entre os que dormem.”)

Dentro do Friedhof, ou Pátio da Paz, como os alemães costumam chamar aos cemitérios, ou frequentemente Gottes Acker, o Campo de Deus, há avenidas também de carvalhos e, em cada canto e no fim de cada avenida, um caramanchão da mesma árvore. O local é de uma limpeza notável. Não há túmulos de família separados; todos são enterrados em filas regulares, conforme morrem, e em cada sepultura jaz uma simples laje com uma inscrição, com um efeito muito melhor do que os cemitérios comuns, carregados de montes de pedra pesada e, apesar de todos os esforços em contrário, pouco agradáveis.

A única excepção a esta regra é feita para a família do fundador. No centro das quatro avenidas principais está uma fila de oito túmulos-mesa maciços. São os túmulos do Conde Zinzendorf e da sua família e amigos imediatos, os primeiros fundadores e defensores da comunidade de Herrnhut. Os dois túmulos centrais pertencem ao Conde e à Condessa Zinzendorf. À direita estão Sophia Theodora, Condessa de Reuss, prima muito querida do Conde

Zinzendorf e esposa do seu amigo Conde Reuss, que aqui terminou os seus dias; Elisabeth von Watteville, filha do Conde Zinzendorf, e Frederick Rudolph, Barão von Watteville, seu marido.

À esquerda, Anna Nitschmann, segunda esposa do conde; Frederick von Watteville, seu velho amigo e primeiro civil sénior do local; e, por fim, Benigna Justina von Watteville, filha do conde, casada com Johannes, filho adoptivo do Barão Watteville, um dos amigos mais próximos e ativos do conde. Muitos antigos servidores e contemporâneos, bem conhecidos dos leitores da história da fundação do povoado, jazem ao redor, e entre eles o patriarca Christian David.

Logo acima do Friedhof, no cume da elevação, ergue-se, sobre um dos singulares grupos de rochas que tanto marcam esta paisagem, uma espécie de templo ou casa de vigia. Este é o Hutberg, ou Colina da Vigia. Deste edifício, avista-se toda a região ao redor, com várias montanhas erguendo-se em diferentes direcções, entre elas o alto e notável pico chamado Die Sächsische Krone – a Coroa da Saxónia. Aqui, também, descendo em todas as direcções desde este ponto, estende-se a nobre propriedade concedida pelo Conde Zinzendorf à comunidade, com Herrnhut, branca no meio dos seus jardins, bosques originais, vale aprazível e uma cadeia de aldeias, Bertholdsdorf com a sua casa de direção e a bela avenida de árvores que liga Bertholdsdorf a Herrnhut.

Assim é Herrnhut, a tranquila mas ativa colónia principal de uma das comunidades mais notáveis, quer pelo seu completo renúncio ao mundo e aos seus desejos, quer pela fé sóbria mas inabalável na comunhão com o mundo espiritual, quer pelos milagres de civilização que, por essa concentração e força espiritual, realizaram de polo a polo, por mero punhado de gente simples, piedosa e incansável.

Tal como Swedenborg, o Conde Zinzendorf passou muito tempo em Inglaterra. Fez quatro ou cinco viagens para cá e viveu longamente aqui, tendo tido residências sucessivas em Red Lion Square, Bloomsbury Square, Londres; Lindsey House, Chelsea, antigamente propriedade do Duque de Lancaster, que comprou; e uma casa de campo, Ingatestone Hall, a cerca de trinta e cinco quilómetros de Londres. O seu único filho que chegou à idade adulta, Christian Renatus Zinzendorf, um excelente jovem, morreu em Londres, estando sepultado em Chelsea. O interesse suscitado por este corpo primitivo trouxe consigo muitas calúnias vindas dos seus inimigos alemães. Um tal Herr Rimius, Conselheiro Áulico do Rei da Prússia, publicou um ataque infame contra eles, que teve o cuidado de dedicar ao Arcebispo de Cantuária. Isso levou a investigações, e as investigações ao conhecimento do verdadeiro valor cristão dos Irmãos.

CAPÍTULO XXI
UM CAPÍTULO DE POETAS

«Que é aquilo, doce pai, a que não posso
Proteger o rosto, por mais que me valha?»,
Disse eu; «e parece vir ao nosso encontro?»
«Não te admires se ainda te ofusca
A família do céu», respondeu-me ele.
«É um mensageiro que vem convidar-te a subires.
Em breve ver essas coisas
Não te será penoso; mas tornar-se-á deleite,
Na medida em que a natureza te dispôs a sentir.»

A Divina Comédia de Dante, Purgatório, canto XV

Toda a poesia genuína é, por natureza, espiritual: entre os antigos, vates e poeta eram sinónimos. Se se responder que o que os poetas escreveram sob invocação das Musas, ou de outros poderes, foi para si mesmos, na maioria das vezes, conscientemente e assumidamente fábula e ficção, pode-se dizer, em resposta, que, nessa forma de fábula, tentaram enunciar verdades eternas e, nas próprias máquinas das agências sobrenaturais adoptadas, reconheceram a fé dos seus predecessores. Campbell definiu a poesia neste princípio:

Pois a canção é apenas a eloquência da verdade.

No recolhimento dos seus aposentos, e sob as suas mais autênticas influências, todos os autores, em prosa ou poesia, são espiritualistas. Nada seria mais fácil do que demonstrar isto, recorrendo às páginas de cada homem e mulher que escreveu com suficiente energia para captar o espírito da sua época. Já demonstrei o genuíno espiritualismo dos poetas clássicos da antiguidade: se percorrermos a literatura de qualquer país moderno, encontraremos os melhores autores a afirmar impressões espirituais na mente durante as horas de composição.

Já mencionei a confissão de Schiller; e nas conversas de Eckermann com Goethe, e na autobiografia de Goethe, temos declarações repetidas da crença desse poeta na ação sobrenatural. Ele relata a presciência constante do seu avô, que sabia, muito antes, o que havia de acontecer, mesmo quando os acontecimentos pareciam contrariar as suas intuições internas. Assim poderíamos passar pelos grandes escritores da Alemanha, Escandinávia, França e de todos os outros países. Rousseau estava cheio dessas convicções; e talvez nenhum homem tenha estado mais sob influência direta dos espíritos.

O espaço só me permite referir o espiritualismo de alguns dos principais poetas de Itália e do nosso país como exemplo, e, ao dizer poetas, o mesmo se aplica a todos os escritores de prosa e a artistas. Já citei as

“Confissões de Rafael”, e a ele poderiam juntar-se Miguel Ângelo e outros grandes artistas italianos. Existem factos absolutamente espantosos deste género na vida de Benvenuto Cellini. No nosso próprio país, e mesmo no nosso tempo, as confissões involuntárias dos nossos romancistas, mesmo daqueles que professam troçar do espiritualismo, são extraordinárias.

Entre eles, Charles Dickens brincou com o espiritualismo como um gato com um rato; este tema exerce sobre ele um fascínio notável. Ao longo da sua vida literária, introduziu o maravilhoso e o fantasmagórico nos seus romances, e, nos últimos anos, nos seus periódicos, ora ataca o espiritualismo, ora apresenta exemplos bem documentados dele. Publicou relatos de aparições, garantindo conhecer as pessoas que as testemunharam e que não só eram perfeitamente lúcidas, mas absolutamente dignas de confiança.

A ele devemos a primeira publicação das experiências extraordinárias do artista Mr. Heaphy. Quando esquece o mundo crítico e cético, o fantasma dos homens de letras, e se entrega à força das suas convicções privadas, ouvimo-lo a usar esta linguagem: “É coisa requintada e bela na nossa natureza que, quando o coração é tocado e amolecido por alguma felicidade tranquila ou sentimento de afeto, a memória dos mortos venha sobre ele de modo tão poderoso e irresistível. Parece quase como se os nossos melhores pensamentos e simpatias fossem encantamentos, graças aos quais a alma é capaz de manter uma certa e misteriosa comunicação com os espíritos daqueles que amámos em vida. Ai de nós!

Quantas vezes e por quanto tempo estes anjos pacientes pairam à nossa volta, esperando o feitiço que tão raramente se profere e tão depressa se esquece!” Miss Brontë é ainda mais decidida: “Para além desta terra, e para além da raça dos homens, há um mundo invisível e um reino de espíritos. Esse mundo está à nossa volta, pois está em todo o lado; e esses espíritos vigiam-nos, pois são incumbidos de nos guardar”, etc. Faz-se ouvir uma voz a uma distância impossível segundo a acústica natural, e afirma que, embora estranho, é verdade.

Miss Mulock descreve os seus amigos espiritualistas como pessoas de bom coração, mas com pouca cabeça, e depois enche os seus volumes de todo o género de espiritualismo. Tais são as incoerências de mentes num penoso dilema entre a sua educação e a força inerradicável da natureza. O profundo interesse que Sir Edward Bulwer Lytton sempre demonstrou pelos fenómenos espirituais tornou-se bem conhecido de todos. Mas, destas considerações gerais, volto ao meu objetivo imediato.

Os grandes poetas de Itália são, pela sua religião, necessariamente espiritualistas. São ensinados pela Igreja Católica e Infalível a crer plenamente na ação na terra de poderes espirituais, sagrados e infernais, e que se manifestam em todas as formas de intervenção divina e de magia. Dante faz-se conduzir pelo inferno, purgatório e paraíso por espíritos de

defuntos—por Virgílio, através dos dois primeiros reinos; por Beatriz, pelo último.

Toda a estrutura e substância do seu grande poema, a “Divina Comédia”, é espiritual, e, não tivéssemos outras provas da crença mais poética de Dante, poderíamos seguramente afirmar que o seu conhecimento dos assuntos espirituais lhe foi comunicado espiritualmente, sendo as leis da vida espiritual que ele comunica, na sua maioria, de acordo com revelações ainda mais modernas. Seria louvável que alguém bem versado na poesia de Dante nos desse uma demonstração elaborada disto, à qual só posso aludir. Ele declara a grande lei da comunicação espiritual, porém, no Paraíso, de forma mais do que poética, como verdade filosófica:

> Funções sublimes às substâncias puras foram dadas,
> Quando primeiramente criadas; a estas foram conferidos poderes
> Para executar na terra a vontade do céu.
> À matéria foi destinado o grau mais baixo,
> As naturezas compostas ficaram no meio,
> Sujeitas a laços que ninguém pode quebrar.
>
> (Tradução de Wright, Paraíso, c. xxix)

Isto é notavelmente confirmado por todas as experiências do espiritualismo moderno. A doutrina dos anjos da guarda não é mais plenamente confirmada do que a comunicação direta entre espíritos encarnados e desencarnados, só podendo dar-se sob leis fixas e zelosamente guardadas. São essas leis que as experiências espirituais atuais tornam cada vez mais claras, sendo a ignorância delas responsável pelos constantes desenganos das mentes céticas e por muitas desilusões de pessoas bem-intencionadas.

Nas obras em prosa de Dante, o “Convito” e a “Monarquia”, há numerosas declarações da sua fé e conhecimento em espiritualismo. Na “Monarquia”, diz: “Ao primeiro tipo de felicidade chegamos pelos estudos filosóficos, continuando-os pela prática da virtude moral e intelectual; ao segundo, chegamos por meio de escritos espirituais, que ultrapassam a razão humana.”

E ainda: “Deus faz, e fará, muitas coisas por meio dos anjos, que o Vigário de Deus, o sucessor de São Pedro, não pode fazer” (Livro III). No “Convito”, diz: “Oh, felizes aqueles poucos que se sentam àquela mesa onde se come o pão dos anjos.” (Trat. I, c. 1) E ainda: “A vida do meu coração—isto é, do meu homem interior—costuma ser um pensamento secreto, um pensamento que se eleva a Deus—ou seja, contemplo em pensamento o reino dos céus.”

Mas é na “Vita Nuova” que ilustramos a sua vida futura. (Trat. c. ii. 8.) Encontramos Dante a ter visões. Esta faculdade parece ter-lhe vindo da

mãe. Boccaccio, na sua biografia, diz: “Pouco antes do nascimento de Dante, a sua mãe teve em sonho a visão do que seria o seu futuro filho, desconhecido então tanto para ela como para os outros, mas agora manifesto para todos pelo resultado.

A gentil senhora, em sono, imaginou-se debaixo de um grande loureiro, que crescia numa campina verde junto a uma fonte copiosa: e aí deu à luz um filho, que, alimentado apenas pelos bagos caídos do loureiro e com as águas da fonte límpida, parecia em pouco tempo tornar-se um pastor, que se esforçava ao máximo por alcançar as folhas da árvore cujo fruto o alimentara. No meio desses esforços, pareceu-lhe cair, e, ao levantar-se, já não era homem, mas tinha-se tornado um pavão. Com esta mudança, ficou tão maravilhada que acordou, e pouco tempo depois deu à luz um filho, que, com o consentimento do pai, foi chamado Dante, e merecidamente; Dante sendo abreviatura de Durante, que significa duradouro, persistente.”

Na “Vita Nuova”, ele conta-nos que, tendo recebido uma amável saudação de Beatrice Portinari, a jovem por quem se apaixonara, “abandonei a companhia como que embriagado; e, recolhendo-me ao meu quarto, sentei-me a meditar sobre esta dama tão cortês. Durante a meditação, veio sobre mim um doce sono, no qual me apareceu uma visão maravilhosa.

Parecia-me ver no meu quarto uma nuvem vermelha como fogo, no meio da qual discernia a figura de um homem cujo aspeto causava temor ao observador e que, maravilhosamente, se mostrava pleno de alegria. Falou de muitas coisas, poucas das quais compreendi; mas entre elas estava: ‘Ego dominus tuus’—‘Eu sou o teu senhor’. Nos seus braços parecia ver uma figura adormecida, nua salvo um leve manto vermelho-sangue—mas, olhando melhor, vi que era a minha senhora de felicidade, que se dignara falar-me no dia anterior. Numa das mãos ele parecia segurar algo em chamas, dizendo: ‘Vide cor tuum’—‘Eis o teu coração’.

Após algum tempo, pareceu-me que ele acordava aquela que dormia e, com a sua arte, forçava-a a comer aquilo que ardia na sua mão—e ela fez isso com hesitação e temor. Pouco depois, a alegria dele converteu-se numa lamentação amarga. Chorando, abraçou-a, e, com ela, subiu ao céu.”

Dante perguntou aos amigos o significado desta visão tão real, e vários escreveram-lhe explicações segundo os seus diferentes pontos de vista—entre eles o seu querido amigo Guido Cavalcanti, num soneto começado por “Vedesti al mio parere ogni valore”—mas só o tempo foi verdadeiro intérprete, e rapidamente, pois Beatrice morreu aos vinte e quatro anos.

Assim como Dante acreditava na comunicação dos espíritos, parece que, após a sua morte, teve ele próprio de a realizar. Boccaccio relata o facto na sua “Vida de Dante”, e foi reproduzido em várias memórias sobre ele; entre outras, numa prefaciada à edição da “Divina Comédia” por Palma de Nápoles, em 1827. Os treze últimos cantos da “Commedia” estavam

desaparecidos, e todos os esforços da família e dos amigos de Dante para os descobrir foram vãos. Diz Boccaccio: “Jacopo e Piero, filhos de Dante, eles próprios habituados a escrever versos, foram muito instados pelos amigos a fazerem o possível por completar a obra do pai, para que não ficasse inacabada, quando Jacopo foi surpreendido por uma visão extraordinária (sendo ele bem mais zeloso nisso que o irmão), a qual não só lhe tirou da cabeça essa ideia atrevida, mas lhe mostrou onde estavam os treze cantos que até aí tinham procurado em vão.

Um digno cidadão de Ravenna, de nome Pietro Giardino, que fora durante muito tempo discípulo de Dante, contou que, cerca de oito meses após a morte do mestre, numa noite pouco antes do amanhecer, Jacopo, filho de Dante, foi a sua casa e lhe disse que, pouco antes, vira Dante, o pai, em sonho, vestido com roupas resplandecentes e com uma luz pouco comum no rosto, e que, ao perguntar à aparição se ainda vivia, lhe foi respondido: ‘Sim, vida real, não como a tua’. Então, perguntou-lhe ainda se tinha terminado o poema antes de passar para a verdadeira vida e, em caso afirmativo, onde estava o resto, que ninguém tinha conseguido encontrar.

Em resposta, ouviu: ‘Sim, terminei-o’; e então pareceu-lhe que o espírito o tomou pela mão e o levou ao quarto onde costumava dormir em vida e, tocando numa das divisórias, disse: ‘O que tanto procuraste está aqui’, e com isso Dante e o sonho desapareceram. Declarou então que não conseguiu repousar mais até ir contar a Giardino o que vira, para que juntos pudessem ir ao local indicado—que lhe ficou firmemente gravado na mente—para ver se a informação vinha realmente de um espírito ou se era uma ilusão.

Por isso, embora ainda não fosse dia, levantou-se e foram ambos ao lugar indicado, onde encontraram umas tapeçarias fixas na parede e, levantando-as um pouco, viram na parede uma abertura que nunca antes tinham notado, e dentro dela descobriram uns manuscritos quase apodrecidos pela humidade do tempo; e, limpando-os cuidadosamente e lendo-os, encontraram os treze cantos tão procurados. Entregaram-nos depois a Messer Cane della Scala, como o próprio autor costumava fazer, que os juntou ao resto da obra, e assim o trabalho de tantos anos ficou finalmente completo.»

O próprio Boccaccio era um profundo crente no espiritualismo. As histórias do Decameron abundam em provas do amor pelo maravilhoso, e onde esse amor existe há sempre, em maior ou menor grau, fé. No entanto, ele retirou essas histórias, não da fantasia, mas da crónica de Helinandus, publicada em 1212, como factos, mudando apenas os nomes das pessoas e dos lugares. Podia, por isso, acreditar e relatar a aparição de Dante como um acontecimento real. A mudança da sua própria vida foi provocada por uma mensagem profética.

Em 1359, Boccaccio foi ao encontro de Petrarca em Milão, e, no regresso, declarou que Petrarca o aconselhara seriamente a abandonar os prazeres mundanos e a fixar as suas afeições nas coisas do alto. Em 1361, Petrarca escreveu-lhe dizendo que fora incumbido por Pietro Petroni da Cartuxa—um homem célebre pela sua piedade e pelos milagres que lhe eram atribuídos, e que falecera em Maio desse ano—para lhe transmitir que, entre as coisas que lhe ficaram impressas no espírito no leito de morte, estava a de que a Boccaccio não restariam muitos anos de vida e que faria bem em abandonar a poesia.

Este facto, mais detalhadamente relatado por Manni e pelo Abade de Sade, teve tal efeito na mente de Boccaccio que ele decidiu não só abandonar a poesia, como desfazer-se de todos os seus livros e renunciar a todo o estudo profano. Petrarca aconselhou-o sabiamente de que não era de todo necessário renunciar a toda a literatura culta, muito menos despojar-se de todos os seus livros, mas fazer bom uso deles, como os mais santos padres e doutores da Igreja fizeram em todas as épocas.

Nem a vida nem os escritos de Boccaccio, até este momento, tinham sido propriamente recomendáveis, como o Decameron demonstra suficientemente; mas ele adotou então o hábito clerical e iniciou o estudo da literatura sagrada, no qual, porém, fez tão poucos progressos que acabou por abandonar também esse caminho. Neste episódio vemos uma prova da fé espiritual de Petrarca, assim como da de Boccaccio. Na verdade, Petrarca estava profundamente imbuído de fé nos poderes espirituais da Igreja.

Nos grandes poemas de Ariosto e Tasso, os elementos do sobrenatural chegam ao delírio. Anjos e arcanjos, profetas, magos e demónios são os agentes ativos dos acontecimentos celebrados. Tudo isto assentava em história, tanto sagrada como profana, e não só era usado como mecanismo, mas era realmente acreditado por estes mestres-poetas. As primeiras palavras de Tasso, na “Jerusalém Libertada”, são espiritualistas:

Manda a Tortosa Dio l'Angelo.

Na tradução de Wiffen:

Deus a Tortosa envia o seu anjo;

um início adequado para um dos mais exuberantes exemplos de sobrenaturalismo em qualquer língua. Nem mesmo em Milton—que era fervoroso admirador de Tasso, e amigo do melhor amigo de Tasso, o Marquês Manso—os conflitos entre Divindade e Demónio, entre arcanjos e arqui-inimigos, são mais abundantemente, ousada e vigorosamente apresentados. Assim como Júpiter, desde o Olimpo, olha para a terra em Homero, assim o Pai Eterno em Tasso. Da mesma forma que um envia Mercúrio, assim o Deus cristão envia o Arcanjo Gabriel em auxílio dos seus.

O Príncipe das Trevas reúne os seus poderes no mundo inferior para resistir às hostes da Cruz; Belzebu aparece, tal como os antigos deuses, armado em campo de batalha; a fúria Alecto insufla as chamas infernais da discórdia; e então o Arcanjo Miguel é incumbido de derrotar os poderes diabólicos. Mas esses poderes reaparecem sob a forma de magia. Os jardins encantados de Armida, a floresta espectral onde serpentes demoníacas e feras ferozes vagueiam, e onde cada árvore é animada pelo seu espírito, são familiares ao leitor. Passemos isso por fábula e consideremos o poeta na sua própria vida e experiência. O que ele cantou, ele também viveu e acreditou. Viu e falou com espíritos, e o mundo considerou-o louco. Era louco do mesmo modo que milhões hoje o são, como também o foram profetas e apóstolos.

Hoje está plenamente aceite, por todos os que examinaram cuidadosamente o caso, que Tasso era tão são, ou mais, do que aqueles que o condenaram ao hospital de Santa Ana em Ferrara. Foi política daquele mais vingativo e implacável dos tiranos, Afonso, o pequeno duque de Ferrara, marcar Tasso como louco, por este ter ousado apaixonar-se pela sua irmã, Leonora d'Este. Essa irmã poderia ter casado com algum duque ou príncipe abastado, uma insignificância dourada e pomposa do seu tempo, e de quem nada mais se ouviria falar.

Mas que um homem cujo principado se estenderia por toda a eternidade, e que marcaria com brilho até a mais ínfima coisa de estado que dele se aproximasse, se apaixonasse por ela, era uma ofensa só expiável pelo tratamento mais vergonhoso e detestável jamais infligido ao génio pelas mãos da insignificância mimada.

Os homens de inteligência que conseguiram aceder ao grande poeta—onde, entre insanos ululantes, e na mais vil miséria e desprezo, ele passava os dias, enquanto editores de toda a parte se enriqueciam com direitos de autor saqueados e o torturavam com edições bárbaras do seu poema mais nobre—declararam unanimemente que ele estava perfeitamente são; mas que, não sendo louco, tinha sofrido o suficiente para enlouquecer qualquer um.

Manso, o mais generoso e fiel dos seus amigos, que o conheceu intimamente nessa época e depois, afirma-o perfeitamente são de espírito; e, no curto período de vida que lhe restou após os sete anos de detenção no manicómio, período que passou em honra entre papas, cardeais, príncipes, nobres e homens de génio de todas as espécies, ninguém se mostrou mais equilibrado.

Que era inquieto e nervoso era consequência do prolongado e cruel tratamento, proveniente de muitas causas e de muitos homens, agindo sobre um temperamento tão sensível como só poderia gerar a "Jerusalém Libertada". Era negócio do venal Serassi—instrumento dos Estes, e que,

como apontou o meu velho colega Jeremiah Wiffen, elegante tradutor da "Jerusalém", dedicou o seu trabalho a essa Maria Beatriz d'Este que nem sequer permitiu que o nome de Tasso permanecesse associado a uma ópera sua representada diante dela, obrigando o empresário a substituí-lo pelo de Lope de Vega!—procurar perpetuar o estigma de loucura que o pequeno déspota de Ferrara lhe colara.

Manso e, depois, os biógrafos italianos—em Inglaterra, Milman e Wiffen—explanaram suficientemente essa calúnia.
No seu "Embaixador", Tasso apresenta um diálogo entre si e um espírito, que, porém, diz ser apenas imaginado; mas, na sua cela de Santa Ana, assegura-nos que era visitado, incomodado e pilhado por espíritos malignos, sobretudo por um a que chama Folletto, ou Duende. Diz-nos também que era roubado pelos guardas quando estava ausente do quarto, mas afirma com igual certeza que era roubado pelos espíritos estando ele presente.

Chamas, diz, entrelaçavam-se e enrolavam-se pelas paredes escuras da sua prisão; faíscas de fogo pareciam saltar-lhe dos próprios olhos; formas sombrias de ratos e outros animais obscuros deslizavam pelo tecto do quarto, onde não podiam existir. Ruídos estranhos, assobios, toques e badaladas de sinos e relógios perturbavam-no. Cavalos pisavam-no, monstros davam-lhe marradas na cama. Tudo isto, claro, foi atribuído ao seu delírio, mas sem dúvida resultou do facto de, pelas torturas mentais provocadas pelo tratamento escandaloso, ter sido elevado àquele estado em que o espírito manifesta os seus poderes, toma contacto com o mundo espiritual e entra em surpreendente relação com ele.

As suas cartas, luvas e dinheiro eram tirados de caixas fechadas quando não estava mais ninguém presente, e lançados pelo quarto. Para proteger o dinheiro, mandou-o para fora da prisão a um amigo. Os livros eram atirados das estantes, um pão era-lhe arrancado das mãos, e um prato de fruta, que oferecia a um jovem polaco, era-lhe tirado.

"Deus sabe", diz ele, "que não sou mago nem luterano, que nunca li livros heréticos, nem os que tratam de necromancia, nem qualquer arte proibida; contudo, não me consigo defender de homens ladrões quando estou ausente, nem do diabo quando estou presente." Para o consolar, conta que teve uma visão da Virgem Santíssima e que, quando tão doente se encontrava que já não podia suportar remédio algum, rezou fervorosamente a ela e foi instantaneamente curado. Registou essa cura milagrosa num soneto que começa por:

Egro io languina, e d'alto sonno avinta.

Após a libertação do manicómio, e vivendo com Manso na sua propriedade perto de Bisaccio, Tasso participou em todos os passatempos dos que o rodeavam. Manso, numa carta, diz: "O Senhor Torquato tornou-se um

grande caçador, e triunfa sobre toda a aspereza da estação e do campo. Quando os dias são maus, passamo-los, e as longas horas da noite, a ouvir música e canções; pois um dos seus maiores prazeres é escutar os improvisadores, cuja facilidade de versificação ele tanto inveja.

Às vezes também dançamos com as raparigas daqui, o que muito o diverte; mas principalmente sentamo-nos à lareira a conversar, e muitas vezes caímos em discurso sobre esse espírito que, diz ele, lhe aparece." Seja sério ou alegre, esse espírito aparecia-lhe com frequência, e muitas vezes mantinha longos diálogos com ele. Manso procurou convencê-lo de que era imaginação, mas Tasso insistia que era tão real quanto eles próprios, um espírito cristão, e que Manso admite lhe deu grande consolo e conforto.

Para convencer Manso da realidade do espírito, Tasso pediu-lhe que estivesse presente num desses encontros. Manso diz que viu Tasso dirigir-se a um objeto invisível, escutar a resposta, e depois responder ao que parecia ter-lhe sido dito. Refere que os discursos de Tasso "eram tão sublimes e maravilhosos, tanto pela elevação dos temas como por certo modo invulgar de falar, que, elevado acima de mim próprio numa espécie de êxtase, não ousei interrompê-los."

Tasso ficou, porém, desapontado por Manso não ter visto nem ouvido o espírito—o que não deveria tê-lo surpreendido, depois do que ele próprio afirma: para ver espíritos, o olho humano tem de ser purificado, ou os espíritos têm de se revestir de matéria. Esta é a lei hoje aceite para tais casos de aparição. Aqueles que os veem têm de ser médiuns—ou seja, ter os olhos espirituais abertos—ou os espíritos têm de se manifestar em matéria percetível ao olhar exterior. Tasso não pensou que Manso podia não estar no estado clarividente em que ele próprio estava; e Manso, totalmente ignorante dessas leis psicológicas, só podia supor que Tasso lidava com uma ideia subjetiva.

Contudo, Manso sentiu evidentemente a presença do espírito, pois foi elevado por ela a uma espécie de êxtase, e confessa que os colóquios espirituais de Tasso "eram mais suscetíveis de afetar o seu próprio espírito do que de dissipar a verdadeira ou imaginária convicção de Tasso."

Para as dezenas de milhares que hoje estudaram praticamente essas fases da psicologia, toda a experiência de Tasso é simples e concordante com factos conhecidos, colocando o grande poeta na vasta classe dos que foram tidos por visionários precisamente porque eram mais clarividentes e realistas do que os seus vizinhos de olhos empedernidos. Talvez o próprio Tasso não compreendesse a verdadeira natureza dos improvisadores cuja facilidade poética tanto o surpreendia. A improvisação não é senão um modo de mediunidade.

Esta classe de poetas extemporâneos, que de repente se lançam em versos sublimes e maravilhosos, são frequentemente conhecidos, no seu

quotidiano, por mentes banais e pouco inspiradas. São apenas as flautas e trombetas por onde poetas espirituais vertem, para a ocasião, a música e eloquência de outros mundos. Voltando aos nossos próprios poetas, poderíamos reunir provas desde Chaucer a Shakespeare, mas é em Milton que encontramos uma confissão mil vezes citada, sobre os milhões de seres espirituais que percorrem o ar, tanto quando estamos acordados como quando dormimos.

No “Paraíso Perdido”, ensina doutrinas que Swedenborg depois ensinou, e que hoje são aceites por milhares: a alma, entregando-se a prazeres sensuais nesta vida, torna-se tão grosseira que dificilmente se eleva depois dela. Milton pensa que poderá chegar um tempo em que, pelo crescimento em pureza espiritual, o corpo seja quase inteiramente refinado. Rafael diz:

> Chegará talvez o tempo em que o homem
> Com anjos participará, e encontrará
> Alimento adequado, sem excesso ou carência;
> E desses nutrimentos corporais, talvez,
> Os corpos se tornem por fim todo espírito,
> Aprimorados pelo tempo, e alados, subam
> Eterizados como nós; ou, se preferirem,
> Aqui ou em paraísos celestiais residam.

Porém, durante longos séculos, outra condição era de esperar após a queda:

> Mas quando a luxúria,
> Por olhares impudicos, gestos lascivos e palavras torpes,
> Mas sobretudo pelo ato vil do pecado,
> Deixa entrar a corrupção nas partes internas,
> A alma coagula-se pela infeção;
> Materializa-se e embrutece até perder por completo
> A propriedade divina do seu ser original.
> Tais são as sombras espessas e sombrias,
> Vistas em abóbadas funerárias e sepulcros:
> Demorando-se e sentando-se junto à cova recém-aberta,
> Como se recusassem a deixar o corpo que amaram,
> E se ligaram, pela sensualidade carnal,
> A um estado degenerado e degradado.

Na sua prosa, Milton sustenta o mesmo: não são as Musas, diz ele, mas o Espírito Eterno, que assiste com toda a palavra e conhecimento, e envia os seus Serafins com o fogo sagrado do altar para tocar e purificar os lábios de quem Ele quiser.

Deixo a outros a tarefa de recolher, ao longo da vasta linhagem dos nossos poetas religiosos—Quarles, Herrick, Herbert, Cowper, Keble, bem como

Tennyson, Mrs. Browning, Philip Bailey, e outros—os inúmeros espiritualismos dispersos pelas suas obras. Há abundância deles nos "Pensamentos Noturnos" de Young. Vejamos um exemplo:

> Amigos feridos
> São anjos enviados como mensageiros de amor;
> Por nós sofrem, e por nós morrem.
> E morrerão, sofrerão em vão?
> Seremos ingratos, e perturbaremos as suas sombras vigilantes
> Que esperam a revolução no nosso coração?
> Devemos nós desprezar o seu apelo silencioso e suave,
> O seu conselho póstumo e a sua oração piedosa?

Entre os muitos testemunhos semelhantes em Mrs. Hemans, toma também este:

> Disseram-te que, da fronteira invisível,
> O caminho escuro nunca permitiu regresso?
> Que tudo aquilo por que as lágrimas se comovem com a vida fugiu?
> Que o amor terreno é impotente sobre os mortos?
> Não acredites nisso.

Já citei a confissão sincera de Southey sobre a sua crença em fantasmas; os indícios do espiritualismo de Byron e Shelley; e quanto a Coleridge, embora num lugar diga ter visto demasiados fantasmas para acreditar neles, noutro vemo-lo a contar seriamente uma história de fantasmas nas suas 'Table-Talk', que aparece no segundo volume da 'Spiritual Magazine', p. 229. Quanto ao seu contemporâneo, Rogers, considera o espiritualismo "um novo modo de sentir", "esse misterioso guia,"

> Esse oráculo dado ao homem por misericórdia,
> Cuja voz é verdade, cuja sabedoria vem do céu.
>
> (Poemas de ROGERS, "The Voyage of Columbus")

Sir Walter Scott, independentemente do vasto uso que faz do folclore das aparições tanto em prosa como em poesia, condena o preconceito estreito que não o pode aceitar. Diz ele: "Falamos de um povo crédulo sem nos lembrarmos que existe uma vulgar incredulidade, que, em assuntos históricos, como em religiosos, acha mais fácil duvidar do que examinar, e procura arrogar-se o crédito de um esprit fort, denegrindo tudo o que ultrapassa a compreensão muito limitada do cético"

(Introdução a "The Fair Maid of Perth").

No primeiro capítulo desta obra, apresentei alguns exemplos do espiritualismo de Wordsworth, e como as suas afirmações a esse respeito são ousadas e extraordinárias, termino este capítulo com ele.
Abre a terceira parte de “Peter Bell” com estas notáveis estrofes:

Ouvi falar de um, alma gentil,
Embora dada à tristeza e à melancolia,
E posso garantir a veracidade do facto.
Numa noite, ao lume de uma vela,
Este homem lia no seu quarto:
Inclinando-se como tu ou eu nos inclinaríamos
À noite sobre qualquer livro piedoso,
Quando de repente uma escuridão cobriu
A página alva sobre a qual lia,
E fez o bom homem olhar em redor.
As paredes do quarto estavam negras por todo o lado,—
E voltou ao seu livro novamente;
A luz tinha deixado o pavio do bom homem,
E formou-se sobre o papel
Em grandes letras, brilhantes e claras!

O livro piedoso estava-lhe na mão,
E na página, mais negra que carvão,
Apareceu, posta de modo estranho,
Uma palavra que, até ao fim dos seus dias,
Perturbou a alma gentil do bom homem.
A palavra fantasmagórica, bem visível,
Jamais lhe saiu dos lábios;
Mas ele dizia, pobre criatura suave,
Que lhe trouxe à luz muitos pecados
Das profundezas do seu coração.
Terríveis espíritos! Para atormentar os bons,
Porque vagueais tão longe do vosso caminho,
Desordenando cor, forma e estatura!
Deixai que os bons sintam a alma da natureza,
E vejam as coisas como são.
Conheço-vos, potentes espíritos! bem.
Como, com sentimento e senso,
Jogando, governais inimigos e amigos,
Subjugados à vossa vontade para fins temíveis—
E digo-o com reverência!
Mas se vos pudesse dar um conselho,
A vós que, no temor, tanto amo,
Afastai-vos dos homens de virtude pensativa,
Terríveis seres; e mostrai o vosso poder
Em corações como o de Peter Bell.
Muitas vezes senti a vossa presença

Na escuridão e na noite tempestuosa;
E bem sei que, se necessário for,
Podeis manifestar a vossa agência
Quando a terra está calma e o céu brilhante.
Vinde então do mundo caprichoso,
Daquele mundo poderoso em que habitais—
Vinde, Espíritos da Mente! e tentai
Esta noite, sob o luar,
O que pode ser feito com Peter Bell.

E acrescenta:

Houve um tempo em que toda a humanidade
Ouvia com fé sincera
As línguas melodiosas versadas no mistério.

Nos seus “Ecclesiastical Sketches”, soneto XVIII, diz:

Morte, trevas, perigo, são o nosso lote natural,
E maus espíritos podem acompanhar-nos na caminhada
Tanto quanto os mais sábios sabem ou compreendem.
Que os bons espíritos possam, livres, entoar um cântico
De elevação; que os seus odores flutuem
Em redor destes convertidos; e as suas glórias se misturem,
Ofuscando as velas nocturnas, ou o brilho
Do meio-dia. E não duvides de que cordas douradas
De boas obras, misturando-se com as visões, elevam
A alma a mundos mais puros.

O que Wordsworth ensinou em poesia, afirmou também na vida real. Mr. e Mrs. Wordsworth, regressando de Cambridge, onde tinham visitado o irmão do poeta, Dr. Wordsworth, Mestre do Trinity College, relataram-nos este episódio. Um jovem, recém-chegado para se matricular em Trinity, trouxe uma carta de apresentação para o Dr. Wordsworth, e ao apresentá-la, perguntou se o mestre lhe poderia recomendar quartos confortáveis. O Dr. Wordsworth indicou-lhe alguns então vagos, e o jovem aceitou-os.

Passados alguns dias, ao vê-lo, o Dr. Wordsworth perguntou-lhe se estava satisfeito. Ele respondeu que os quartos eram muito cómodos, mas que se via obrigado a deixá-los. O Dr. Wordsworth perguntou porquê, ao que o jovem respondeu que talvez lhe parecesse fantasioso, mas os quartos eram assombrados. Que, todas as noites, era acordado por uma criança que vagueava pelos quartos, a gemer, e, estranhamente, com as palmas das mãos viradas para fora. Procurou nos quartos, encontrou-os sempre fechados por dentro, e nada senão uma aparição poderia vaguear assim.

O Dr. Wordsworth disse-lhe, então, que seria sincero: aqueles quartos tinham sido repetidamente abandonados por estudantes que afirmavam o mesmo, mas, tendo plena confiança na sua veracidade e discernimento, queria ver se ele confirmava a história, não tendo tido qualquer informação prévia. Relato o episódio de memória, após o passar de bastantes anos, mas creio ser substancialmente correcto. Se o jovem agradeceu ao doutor tal recomendação de alojamento, não ficou registado.

CAPÍTULO XXII
ASSUNTOS DIVERSOS

Recolhei os fragmentos que restam, para que nada se perca. Evangelho de São João, vi. 12. Agora percorremos todas as épocas e todos os países, e encontramos a fé e os factos do sobrenaturalismo a existir em todas as classes de homens – nos filósofos mais elevados como nos indivíduos mais simples; na verdade, são os filósofos mais elevados e os apóstolos mais ilustres da religião que foram os defensores mais ousados e firmes deles.

É na história judaica, de onde extraímos a nossa fé espiritual, que o sobrenaturalismo reina supremo. Dos cumes de Ararat, de Carmelo e de Sinai, ele desce sobre nós em glória deslumbrante; irradia as tendas e as sombras de palmeiras dos antigos patriarcas; do Deserto da Arábia, de todas as cidades, planícies e rios da Judeia, ele chega até nós na forma de maná imperecível e espalha-se diante de nós com os cachos da videira, com os cestos empilhados de figos e romãs.

A história do nosso Salvador é um grande fulgor do milagroso; é a herança prometida aos seus apóstolos e discípulos até ao fim dos tempos. Todas as igrejas cristãs a reclamam, todos os renovadores das glórias desbotadas da nossa fé a recebem de novo. Ridicularizada e desprezada pelos Terræ Filii em todas as épocas, ela continua a viver independentemente deles. Onde quer que a literatura se estenda, ela marca a página apesar de toda a oposição: onde quer que o homem viva com a natureza instruída ou não instruída, ela vive com ele. Com os Platos, os Sócrates, os Aristóteles, os Sénecas, Tácitos e Cíceros da Antiguidade – com esses homens adorados pelos seus intelectos poderosos pelos eruditos de todas as épocas subsequentes, ela era ela própria uma hóspede e um poder adorado.

Na nossa busca por ela, não tivemos de espreitar em matagais e cantos obscuros para a encontrar, de a perscrutar como a um objeto minúsculo na erva alta; encontrámo-la a vir como legião e em batalha em todas as estradas principais; encontrámo-la entronizada em todos os templos; sentada à porta de todos os salões de estado, de todas as cabanas e de todas as tendas dos nómadas. Ela impôs-se à nossa atenção em vez de ser procurada, e tão prolíficas são as suas colheitas perenes que nos vimos

obrigados a armazenar apenas um dízimo magro dela nos nossos celeiros históricos. Este volume é apenas o resultado de uma espiga colhida aqui, de um grão apanhado ali; para declarar de forma justa os seus factos seria necessário escrever bibliotecas.

E, no entanto, é esta a coisa de que duvidamos e que negamos nos dias de hoje! Chegámos à prova do provérbio de que não vemos a floresta por causa das árvores! Se não a vemos, deve ser porque ela é demasiado colossal no seu volume para entrar na nossa visão mesquinha. Estamos na situação da mosca em São Paulo, que não compreendia a totalidade de uma única pedra, quanto mais de toda a estrutura. Se ela não for visível para nós, deve ser que este nosso país é verdadeiramente aquela Cimmeria sombria que os antigos acreditavam que era.

No entanto, ao longo de todo o curso do nosso progresso, jaziam pedras e madeiras de verdade, não facilmente redutíveis ao nosso plano; de uma forma ou carácter que não se enquadravam imediatamente na nossa linha de muro; no entanto, fragmentos verdadeiros e mercadorias para outros templos da Verdade noutros termos, séries e classes de factos que exigiam uma disposição própria. Aqueles das épocas passadas devem ficar até que algum construtor mais poderoso passe e os recolha; mas há alguns do nosso tempo, ou do que acabou de passar, que devem pelo menos ter uma alusão aqui.

Embora estes traços e factos não se enquadrassem plenamente no meu plano de história, podem ser aqui catalogados, embora não possam ser detalhados de forma justa.

O departamento das aparições sozinho é um dos mais volumosos, e isso com base em evidências que resistiram a todos os esforços, por mais violentos que fossem, para as desalojar. Entre as de tempos recentes que se fixaram com uma pertinácia invencível na fé popular está aquela que advertiu Lord Lyttleton, num sonho, do dia e da hora da sua morte, cuja verdade foi atacada em vão. Igualmente bem atestada é a do predecessor num benefício eclesial do professor de Königsberg, como relatada pelo conde Falkesheim a Sir Nathaniel Wraxall, que revelou um duplo assassínio pelo pastor do benefício.

Aquela que apareceu ao Dr. Scott na Broad Street, em Londres, e o enviou a descobrir as escrituras de propriedade de um cavalheiro em Somersetshire, que de outra forma teria perdido a sua propriedade num processo judicial com dois primos. Aquela que expulsou Lady Pennyman e a sua família de uma casa em Lisle, no início da Revolução Francesa, é bem autenticada e bem conhecida. Aquela que anunciou à filha de Sir Charles Lee, em Waltham, em Essex, a três milhas de Chelmsford, a sua morte nesse dia às doze horas, e que ocorreu então, é relatada por um bispo de Gloucester.

A de Dorothy Dingle, relatada pelo Rev. Mr. Ruddle, um clérigo de Launceston na Cornualha, ocorrida em 1665, é bem conhecida. Ainda mais célebre é a de Lord Tyrone a Lady Beresford, para a advertir contra um casamento muito miserável, e para prever o casamento da filha dele (de Lord Tyrone) com o filho de Lady Beresford, e a sua própria morte aos quarenta e sete anos. Como prova da realidade desta visita fantasmagórica, o espírito pegou no pulso da senhora, que ficou marcado de forma indelével, de modo que ela usava sempre uma fita preta sobre ele. Esta fita preta esteve antigamente na posse de Lady Betty Cobb, em Marlborough Buildings, Bath, que durante a sua longa vida esteve sempre pronta a atestar a verdade da narração, assim como se diz que estão, até à presente hora, toda a família Tyrone e Beresford.

A história de Old Booty, do diário de bordo do capitão Spinks, mestre de um navio mercante, e que foi confirmada pelos capitães Spinks e Barnaby e os seus homens, em tribunal em Westminster, em 1687, no reinado de Jaime II, perante o Chefe de Justiça Herbert e três outros juízes, é familiar a todos. Pouco menos conhecida é a relação de uma aparição por Sir John Sherbrooke e o general Wynyard no estrangeiro, sendo a aparição a de um irmão do general Wynyard, então em Inglaterra.

O irmão, soube-se no devido curso do correio, morreu exatamente nessa hora; e Sir John Sherbrooke depois dirigiu-se a um cavalheiro em Piccadilly, pela sua forte semelhança com a aparição, que se diz ter sido um irmão gémeo do falecido. Em algumas narrativas deste caso, o cavalheiro não é apresentado como um irmão gémeo, mas como alguém que se assemelhava notavelmente a ele. Os factos principais em todas as versões são os mesmos. A aparição ao Dr. Donne da sua esposa viva, quando ele estava em Paris, representando a morte do seu filho, é relatada por Izaak Walton, na sua 'Vida de Donne', como narrada pelo próprio Dr. Donne.

A aparição do pai do duque de Buckingham, advertindo o filho do seu destino iminente, é bem conhecida e bem atestada. Baxter relata vários casos como comunicados a ele em primeira mão. Todos estes são publicados em uma variedade de obras, mas a maioria deles pode ser encontrada reunida na edição de Bohn da 'História da Magia' de Ennemoser. O Sr. Dale Owen registou vários casos bem comprovados de aparição no seu 'Pegadas na Fronteira de Outro Mundo'; entre outros, um ocorrido à minha própria mãe, fornecido por mim mesmo, e bem conhecido na família.

Na 'Revista Espiritual' encontram-se vários casos de ocorrência recente, entre eles um ocorrido a uma senhora em Yorkshire, confirmado, mediante pedido, por ela própria; e no mesmo número, a salvação de um navio por um sonho do capitão, também confirmado, mediante pedido, por ele mesmo (vol. i. 551). No segundo volume da 'Revista Espiritual' há também dois casos ocorridos a Hugh Miller, extraídos da sua autobiografia. Mas de todos os casos de aparição de tempos antigos ou modernos, nenhum está melhor

autenticado do que o do capitão Wheatcroft, que caiu no assalto a Lucknow em 1847, como relatado pelo Sr. Owen no seu 'Pegadas', e numa página anterior desta obra.

O coronel Swift, antigo guardião das Joias da Coroa na Torre, relata, nas 'Notas e Consultas' de 8 de setembro de 1860, uma aparição singular testemunhada por ele mesmo e pela família em outubro de 1817, no seu quarto nessa antiga fortaleza, famosa por tantos assassinatos reais e execuções reais e aristocráticas; e acrescenta que, pouco depois, um sentinela de serviço à porta do escritório das joias ficou tão assustado por uma aparição que morreu. No terceiro volume da 'Revista Espiritual' encontra-se um relato meu da aparição de luzes e espíritos numa cabana perto de Ilam, em Staffordshire, chamada Clampsin-the-Wood, durante mais de cinquenta anos, e até ao ano presente, quando a família que nela vivia a abandonou. Os fenómenos eram familiares a toda a vizinhança.

O próprio Clamps viveu lá cinquenta anos, gostava das aparições e chamava-lhes as suas luzes gloriosas. Os seus sucessores viram-nas da mesma forma. Estas são aqui notadas, além de vários casos já relatados nesta obra. Na verdade, nada é mais universal do que as aparições. A Associação de Cambridge para a Investigação Espiritual, familiarmente chamada o Clube dos Fantasmas, composta por membros eminentes da universidade, declarou que as suas pesquisas cuidadosamente conduzidas sobre o tema das aparições os levaram a considerar tais aparições como um facto estabelecido.

Um membro desta associação informou o Sr. Dale Owen de que recolheu 2.000 casos de aparições: e o Dr. Garth Wilkinson diz verdadeiramente, na sua 'Vida de Swedenborg': 'A experiência mais baixa de todos os tempos está repleta de intercâmbio espiritual já; o homem acredita nele nos seus medos e esperanças, mesmo quando a sua educação é contra isso; quase todas as famílias têm as suas lendas; e nada além da falta de coragem para as divulgar impede que este sobrenaturalismo forme uma biblioteca por si só.' Esta foi também a confissão sincera de Kant; e devo dizer que nunca encontrei uma família que, quando os seus membros abriam os corações sobre o assunto, não se descobrisse ter os seus factos ou conhecimento deste tipo.

Mesmo enquanto declaram que não acreditam neles, quantos indivíduos curiosamente asseguram que os factos são como os relatam. Acreditados pela natureza, desacreditados pela educação, e no entanto verdadeiros apesar de tudo! Tal é o lamentável vai-e-vem da mente induzido pela teoria da moda e pelo terror da superstição imputada. As declarações positivas, por pessoas muito credíveis, de assombrações, são igualmente numerosas. Além daqueles casos extraordinários, já notados como testemunhados pelo Dr. Kerner na Alemanha, e outros, dados no 'Pegadas' do Sr. Owen, os do célebre Fantasma de Cock-lane e do Tambor de Tedworth, embora muitas

vezes declarados como ilusões ou imposturas, nunca foram provados como tal.

O Dr. Johnson foi muito ridicularizado por acreditar neste fantasma; mas ele parece ter tido excelentes razões para a sua crença. Ele fez uma investigação minuciosa do assunto; pisos e lambris foram arrancados, mas nenhum truque descoberto, embora a busca tenha sido feita sob a supervisão do Dr. Johnson, do bispo Percy e de outros cavalheiros. Declara-se que o fantasma apareceu a três pessoas diferentes; e a pobre rapariga através da qual ele fazia as pancadas – uma criança de apenas treze anos – foi testada de todas as formas, e com mãos e pés amarrados, da suposição de que ela fazia os ruídos ela própria; mas em vão: os ruídos continuaram, e isso em quartos diferentes, e até em casas diferentes.

Que tal engano fosse levado a cabo por uma família, sobre a qual só trazia perseguição, o pelourinho e a ruína, era demasiado absurdo para a crença de qualquer um exceto os assim chamados incrédulos. A rapariga era simplesmente um médium; e todos os fenómenos estavam de acordo com leis agora perfeitamente familiares. Uma análise capaz do caso é dada na 'Revista Espiritual', ii. 73. O tambor de Tedworth é igualmente célebre, e igualmente claro, à luz da experiência moderna, como tendo sido um caso de boa-fé de agência espiritual. Foi levado a cabo na casa do Sr. Mompesson, um cavalheiro e magistrado de Tedworth, em Wilts, para o seu grande incómodo e prejuízo, mas demasiado claramente para ele algo além de impostura.

Na verdade, todos os fenómenos eram precisamente tais como ocorreram, nos dias presentes, em dezenas e centenas de casos em Inglaterra e na América – luzes, pancadas, movimento de móveis, respostas a pancadas por contra-pancadas, e abundância de tais coisas, que se tornaram agora os lugares-comuns mais absolutos. Toda a narrativa pode ser vista no 'Sadducismus Triumphatus' de Glanville, e um bom resumo dela no segundo volume da 'Revista Espiritual', p. 18, por TruthSeeker. Quanto às pancadas, parece não ter havido época nem país sem elas. Aubrey diz que ouviu pancadas na sua cama – ouviu-as alguns dias antes de o pai morrer – e relata outros exemplos. Melancthon diz que Lutero foi visitado por um espírito que se anunciou ao bater à porta. Tendo morrido um burguês de Oppenheim, ouviram-se ruídos e pancadas na casa, e ao ser perguntado se era ele, para fazer três pancadas distintas; isso foi feito.

Passaram doze meses antes que os ocupantes da casa compreendessem e satisfizessem as suas demandas, quando ele se foi embora; uma abordagem próxima da descoberta da comunicação com espíritos por pancadas, em 1620, que não foi plenamente feita na América até 1846. Calmet, no seu 'Mundo Fantasma', diz que M. de St. Maur foi assombrado por pancadas, assim como por outras manifestações, e, por fim, por uma voz distinta. O Sr. Sargent encontrou pancadas e manifestações

semelhantes entre os índios das Montanhas Rochosas, e em extensos países, onde foram testemunhadas durante épocas.

Muitos dos nativos declararam que as respostas eram as de 'espíritos mentirosos', um facto só demasiado bem reconhecido na Europa, e onde quer que o espiritualismo exista. Beaumont, nas suas 'Colheitas de Antiguidades', publicadas em 1724, afirma a sua crença no sobrenatural em todos os seus poderes, e menciona pancadas aí (p. 202). Há uma casa em Londres na qual, nos últimos três anos, se ouviram e ainda se ouvem pancadas quase contínuas contra o lambrim por cima, e por vezes um ruído como o de contar dinheiro, e de homens a serrar, para grande perturbação dos habitantes, e muitas vezes se viram luzes como relâmpagos; e a pessoa que aluga esta casa disse-me que, quando se mudou para dezoito milhas de Londres, as pancadas a seguiram.

Glanville, esse campeão firme da ação espiritual, dá relatos mais antigos de pancadas. Ele diz que houve tais, e uma mão vista na casa do velho Gast, em Little Burton, em 1677. As pancadas eram na cabeceira de uma cama, e a mão foi vista a segurar um martelo, que fazia os golpes. Little Burton fica perto de Leigh, em Somersetshire. Em 1679 também se ouviram pancadas na casa de um Sr. Lawrence, nos Little Minories, em Londres. Os nossos tempos não têm a experiência exclusiva nem mesmo das pancadas; e o bispo Heber diz que as evidências de tais coisas que Glanville dá são mais fáceis de ridicularizar do que de refutar.

Um médico italiano assegurou ao Sr. Elihu Rich que foi testemunha ocular da seguinte circunstância, que ocorreu numa fogueira de acampamento, onde uma das selas pesadas usadas pelos cavaleiros das pradarias foi trazida para a frente, e o dono dela, apenas pelo contacto dos dedos, a fez saltar como uma bola de borracha indiana do chão, até que finalmente saltou para o dobro da altura de um homem. Isso ocorreu no campo aberto, para espanto dos espectadores, de uma sela a galopar sem cavalo.

Mas não só no continente americano as influências espirituais se excitam tão facilmente; um Sr. Wolf, de Athens, nos Estados Unidos, escreve: 'Vi espíritos, falei com eles e apertei-lhes as mãos tão real e substancialmente como um homem aperta a mão de outro' – um facto que números agora podem confirmar. O mesmo cavalheiro diz que não só viu escrita direta de espíritos feita, mas viu a mão a fazê-la. Nos nossos dias, nenhuma assombração foi mais notável do que as da casa na Moagem de Willington, entre Newcastle-on-Tyne e North Shields. Entre a linha férrea que corre entre esses lugares e o Rio Tyne situam-se, num vale, algumas cabanas, uma casa paroquial, e uma moagem a vapor de farinha e casa do moleiro; estes constituem o lugarejo de Willington.

Esta moagem pertencia aos Srs. Unthank e Procter, e o Sr. Joseph Procter residia na casa junto à moagem. Ele é membro da Sociedade dos Amigos, e, quando estes eventos chegaram ao meu conhecimento, era um

cavalheiro no auge da vida, e a sua esposa era uma senhora inteligente da família dos Carrs, os célebres fabricantes de bolachas de Carlisle. Soube que esta família muito respeitável e bem informada, pertencente a uma seita de todas as outras mais acostumada a controlar, a regular e até a suprimir a imaginação – as últimas pessoas no mundo, como pareceria, a serem afetadas por meros terrores imaginários – foi perseguida durante anos pelos ruídos e aparições mais extraordinários.

Dizia-se que as figuras vistas eram de um homem vestido de padre e de uma mulher de cinzento, e sem olhos. Que estas figuras andavam frequentemente pela casa, e que o homem era por vezes visto a deslizar para trás e para a frente, a cerca de três pés do chão, ao nível do fundo da janela do segundo andar; por vezes na janela propriamente dita, em parte dentro e em parte fora do vidro, bastante luminoso, e a difundir um brilho à sua volta. Esta figura, que passava pelo nome de Old Jeffery, o mesmo que o fantasma nos Wesleys, foi vista por várias pessoas, e em circunstâncias que excluíam toda a possibilidade de ser produzida, como foi sugerido, por uma lanterna mágica.

Além disso, dizia-se que vários ruídos se ouviam por vezes, e copos e outros artigos na mesa eram levantados e pousados de novo sem qualquer causa visível. Fui ainda informado de que o Dr. Drury, de North Shields, se ofereceu para vigiar na casa, a fim de se convencer da verdade destes relatos; que o fez, em companhia de um amigo, e ficou tão terrivelmente assustado pela aparição da figura feminina que desmaiou, e ficou, durante um tempo considerável, extremamente doente. Acrescentava-se que uma narrativa destes eventos e circunstâncias foi publicada pelo Sr. Richardson, de Newcastle, num panfleto, e depois repetida no 'Livro de Mesa do Historiador Local'.

Estando numa viagem pelo norte em 1845, passei na loja do Sr. Richardson pelo panfleto. Ao recebê-lo, fiz uma observação jocosa sobre o fantasma; mas fui gravemente assegurado por ele de que não era assunto para brincadeira, mas um que foi amplamente provado como perfeitamente verdadeiro por muitas pessoas mais inteligentes daquela cidade e vizinhança, e provou uma causa séria de incómodo para o Sr. Procter e a sua família, que fizeram tudo o que puderam para impedir a circulação do relato, pois lhes trazia tantos inquiridores curiosos.

Ao ler o panfleto, encontrei nele uma carta do Dr. Drury ao Sr. Procter, detalhando os pormenores da sua visita terrível e, como se provou para ele, séria. O meu espaço não me permite dar todos estes pormenores: podem ser lidos no Livro de Mesa mencionado; no 'Jornal de Howitt' de 1847; e no 'Lado Noturno da Natureza' da Sra. Crowe. Uma coisa, no entanto, deve ser notada, que é que um dos primeiros anúncios da presença do fantasma foi uma 'pancada, como de alguém a bater com os nós dos dedos entre os pés deles'. Isto foi frequentemente ouvido pela família, e também um batimento pesado, como com o pilão de um calceteiro.

O Dr. Drury diz, na sua carta ao Sr. Procter, que ninguém foi à casa mais descrente do que ele: e o Sr. Procter, na correspondência, diz que tem 'trinta testemunhas de várias coisas, que não podem ser explicadas de forma satisfatória por outro princípio senão o da agência espiritual'. Eu próprio desejava extremamente passar uma noite na casa, e, se possível, ver o fantasma, apesar da catástrofe do Dr. Drury. Para esse fim, visitei-a, mas encontrei a família partida para Carlisle. O capataz e a esposa, no entanto, mostraram-me a casa, e confirmaram tudo o que ouvi do seu conhecimento pessoal, como assuntos demasiado palpáveis e positivos para serem questionados, tanto como que a casa existia e a moagem moía.

Depois vi a Sra. Procter, os seus amigos, irmãos e irmãs em Carlisle, que todos confirmaram a história em todos os pormenores; alguns deles tiveram experiência muito séria da aparição, e uma das senhoras, em consequência, durante a sua estadia, mudou-se para a casa do capataz para dormir, recusando passar outra noite na casa propriamente dita. Todos estes pormenores podem ser lidos no 'Lado Noturno da Natureza', como copiados do meu relato pela Sra. Crowe; e como confirmados de novo a ela pelo próprio Sr. Procter. Depois de suportar estes incómodos das aparições durante muitos anos, o Sr. Procter, receoso do efeito dos muitos fenómenos estranhos nas mentes dos filhos, abandonou a casa e mudou-se para North Shields, e subsequentemente para Tynemouth.

Por uma correspondência entre ele e um cavalheiro católico que inquiria sobre estes assuntos, apenas há um ou dois anos, parece que as assombrações nunca o seguiram para nenhuma das novas residências. Que, embora ainda aparecessem ocasionalmente na casa antiga, agora transformada em habitações para o pessoal da moagem, eles não se importam com elas. O Sr. Procter acrescenta que uma senhora, uma clarividente, estranha à vizinhança, ao ser posta no estado clarividente, e ao ser pedida para ir a esta moagem, descreveu o padre e a senhora de cinzento; e acrescentou que o padre recusava permitir que o fantasma feminino confessasse um crime mortal cometido nesse local há muitos anos, e que esta era a causa perturbadora da pobre mulher; representações bastante de acordo com as impressões daqueles que viram repetidamente os fantasmas.

A publicação destes ocorridos trouxe ao Sr. Procter um número extraordinário de cartas de diferentes partes do país, e de pessoas de diferentes classes, algumas delas de muita propriedade, informando-o de que elas e as suas residências eram, e tinham sido durante anos, sujeitas a visitas de carácter precisamente semelhante. Ocorridos semelhantes tinham lugar na mesma época em Windsor, Dublin, Liverpool, Carlisle e Sunderland. No 'Lado Noturno da Natureza' da Sra. Crowe, encontra-se também o relato das assombrações de uma casa antiga em Cheshunt, pertencente a Sir Henry Meux. Este relato foi tomado da relação do Sr. e Sra. Charles Kean por um editor bem conhecido, e eu próprio ouvi os

mesmos pormenores do mesmo ator popular. Esta casa foi tomada pelo Sr. Chapman, o cunhado da Sra. Kean. Era grande, e tinha uma quantidade considerável de terra anexa.

O aluguer invulgarmente baixo pelo qual foi oferecida induziu o Sr. Chapman a tomar um arrendamento dela. Por causas plenamente detalhadas pela Sra. Crowe, foram logo, no entanto, compelidos a abandoná-la, e então souberam que muitos outros foram forçados à mesma necessidade antes. Mantiveram a causa da remoção em segredo, e conseguiram vender o arrendamento a um clérigo que mantinha uma escola. Ele, por sua vez, foi compelido a abandonar a casa pelas mesmas causas, e durante anos ficou vazia. Recentemente foi em parte demolida e reconstruída, e parece que esta alteração quebrou o feitiço espiritual, pois agora está habitada e relatada como livre de assombrações. Um caso de possessão moderna foi publicado há algo mais de trinta anos pelo Rev. James Heaton, ministro wesleyano.

O sujeito era um rapaz, que, sob a influência suposta demoníaca, corria pelo rodapé do quarto com a máxima rapidez, onde no seu estado ordinário não encontrava espaço para se manter de pé por um momento. Os ministros wesleyanos usaram muitas orações para exorcizar o demónio; com que sucesso não me lembro; pois, tendo apresentado o volume a Sir Walter Scott para uso numa proposta segunda edição da sua Demonologia, nunca mais vi uma cópia dele. Ainda está, pelo que sei, na biblioteca de Abbotsford. Casos de inspiração profética súbita ocorrem, aqui e ali, nos dias presentes. Quando a Srta. Bremer esteve em Roma em 1858, antes de a Revolução Italiana ter eclodido, foi residir durante algumas semanas no Convento do Sacré Cœur, em Roma, a fim de ter uma ideia viva da vida conventual.

Ela dá esta cena: - Ontem à noite o espírito profético caiu sobre a Irmã Genevieve, sob a influência do qual, erguendo-se à sua plena altura, ela, com os braços erguidos, previu a queda do poder temporal do Papa, guerra, derramamento de sangue e grandes revoluções, mas das quais a Igreja Católica sairá renovada, vitoriosa, pobre, mas santa e poderosa como nos tempos mais antigos ('Suíça e Itália', p. 220). Uma profecia singular para uma freira, desde então, em grande medida cumprida, e provavelmente para o ser completamente. Uma profecia muito notável por um Amigo americano, Joseph Hoag, das cisões sucessivas nessa e noutras sociedades religiosas; do estranho surto dos Maçons; e, por fim, da guerra civil americana, foi impressa e circula entre os Amigos há muitos anos. A 'Vida de Joseph Hoag', contendo estas profecias, pode ser obtida do Sr. Alfred Bennett, 5 Bishopsgate Without.

SEGUNDA-VISTA

O curioso livro de noventa e sete páginas chamado o 'Comunidade Secreta', escrito pelo Rev. Robert Kirk, ministro de Aberfoil, em 1691, e do qual

apenas cem cópias foram publicadas pelos Srs. Longmans em 1815, dá muito a mesma conta do que são chamadas as superstições das Terras Altas como encontramos em várias outras obras escocesas, e especialmente no 'Ilhas Ocidentais' e 'Viagem a St. Kilda' de Martin. Ele diz-nos que as criaturas chamadas faunos, elfos, fadas, brownies, e semelhantes, são as formas sob as quais os ancestrais das pessoas de diferentes países aparecem ocasionalmente.

A sua vestimenta e fala são como as das pessoas e do país onde viveram; assim são vistos a usar xadrezes e vestes variegadas nas Terras Altas da Escócia e suanocks na Irlanda. Os próprios demónios conjurados em qualquer país respondem na língua do lugar. O autor pensa que o facto de as pessoas, ao deixar as Terras Altas, geralmente perderem a faculdade da segunda-vista, prova que estes espíritos, onde quer que sejam encontrados, e sob qualquer forma que apareçam, são Demones Loci, e nunca deixam os seus países próprios.

Como se menciona em Daniel que o Príncipe ou Anjo da Pérsia resistiu ao anjo que veio ao profeta, assim é possível que todas as nações tenham os seus príncipes espirituais, supervisores e atendentes sobre elas. Assim os lares*, e lemures, e penates da Grécia e Roma; as ninfas e faunos, os sátiros e vários espíritos, dos tempos e países clássicos; os Nacken (espíritos aquáticos) e alves ou elves, da Europa do Norte; os cobolds e espíritos das minas na Alemanha; os genii e peri do Oriente – são todos desta classe, e provavelmente espíritos ancestrais.

**(NT: Lares e lemures, eram os espíritos sobrenaturais conforme designados na Roma antiga. Os cobolds era a designação que recebiam na Alemanha. Alves, ou elves, era a designação empregue no caso dos elfos, igualmente na Alemanha. Os genii, eram os mesmos, chamados na Pérsia e no Médio Oriente.)*

Esta é uma ideia aparentada à de quase todas as nações do mundo, que basearam universalmente as suas mitologias no culto dos mortos, e tem uma coincidência muito curiosa com a experiência do espiritualismo moderno, onde os espíritos ancestrais estão sempre a vir à frente para notar. Neste volume e no seu apêndice, por Theophilus Insulanus, há numerosas recitações de Duplos, ou Co-Walkers, de espectros ou aparições, de procissões fúnebres, tropas e batalhas, naufrágios e assassinatos, vistos de antemão.

Alguns dos videntes herdam a faculdade; outros adquirem-na por cerimónias particulares. O dom é geralmente melancólico; e aqueles que o possuem livrar-se-iam dele com prazer. Alguns possuem-no jovens, e perdem-no ao crescer; outros adquirem-no apenas quando de idade madura. O Sr. Kirk, embora ministro, era de opinião que a vidência não é de modo algum má. Quando se tornam participantes deste conhecimento curioso pela primeira vez, diz ele, são postos num transporte, êxtase, e

espécie de morte – como despojados dos corpos e de todos os sentidos; mas não ocasiona 'nenhum torcimento ou tensão no entendimento'; e ele testemunha que eles são, 'na maior parte, pessoas candidas, honestas e sociáveis'. Como exatamente estas são as condições da clarividência!

A faculdade da segunda-vista é, na verdade, clarividência produzida pelas condições das montanhas e ilhas. São os resultados de influências elétricas e magnéticas que prevalecem aí preeminentemente, como prevalecem nos Alpes Suábios, na Alemanha, e em muitas outras regiões montanhosas. São notáveis entre os Drusos do Líbano. O Sr. Kirk acrescenta que a bondade das vidas dos videntes, como a dos antigos videntes e profetas, é a melhor prova da sua missão. Um dos modos dos videntes das Terras Altas e Ilhas Ocidentais, diz ele, em adivinhar o futuro, era olhar fixamente para a omoplata de uma ovelha, cabra, etc.

Esta é a mesma classe de operações que a de olhar para espelhos, ou para uma superfície preta, ou para tinta, como os Egípcios, e akin à cristalografia; ou ver imagens na unha de um rapaz. O tratado de Theophilus Insulanus, que é publicado separadamente, assim como anexado ao 'Comunidade Secreta', consiste em 119 secções, cada secção das quais inclui um facto em segunda-vista. Estes factos são apoiados por nomes de todos os lugares e pessoas introduzidos, e fornecem uma coleção notável de instâncias de vidência.

Entre estas está uma que anuncia a morte de Jorge II, com as suas circunstâncias atendentes, por John Macleod, da Ilha de Skye, e a visão notável da morte do arcebispo Sharpe, por Robert Barclay, de Urie, na Escócia, já dada sob o cabeçalho 'George Fox e os seus Amigos'. Insulanus defende zelosamente a faculdade da segunda-vista em bases morais, religiosas e históricas, com abundância de provas tanto das Escrituras como da literatura clássica; e ele, em 1762, chegou à mesma conclusão que os espiritualistas dos dias presentes, que os videntes não veem os objetos observados com o olho exterior, mas com o interior: e isto, diz ele, é o mais certo, porque os videntes, depois de ficarem cegos, viam pela segunda-vista tão claramente como antes.

Ele argumenta que todos os que negam este poder de visão espiritual e presciência, não só negam a verdade dos maiores homens de todos os países e épocas, mas enfraquecem os próprios fundamentos da revelação escritural. Quanto àqueles cavalheiros incomuns e fantasiosos', diz ele, 'que nem acreditam num estado futuro de recompensas e punições, nem que são do posto que detêm na criação, eles são verdadeiramente de lamentar, e de permitir que sejam o que escolhem. Sob esta categoria devemos sempre incluir aqueles adeptos em ciência que se refinam até à infidelidade; são os incómodos da sociedade, e a desgraça da natureza humana; que se trazem ao nível das bestas brutas que perecem!

Felizes, na verdade, seriam eles, se conseguissem nessa metamorfose gabada!' Mas a porção mais valiosa do 'Comunidade Secreta' é a carta de Lord Tarbot ao Hon. Robert Boyle, o filósofo, porque contém relações do seu conhecimento e experiência pessoal. Ele diz: 'Ouvi muito, mas acreditei muito pouco na segunda-vista; no entanto, ao ser assumida por vários de grande veracidade, fui induzido a inquirir sobre ela no ano de 1652, estando então confinado a residir no norte da Escócia pelos usurpadores ingleses.'

Entre as diferentes fases do fenómeno que ele dá, há uma que concorda notavelmente com a experiência dos espiritualistas de hoje – nomeadamente, que os videntes não podiam facilmente dizer que espaço de tempo interviria entre a aparição e o evento predito. Todos os espíritos parecem ter pouca ideia de tempo. No entanto, ele diz que os videntes por hábito adquirem uma impressão da proximidade ou distância provável do evento pressagiado. Em casos de morte prefigurada, a pessoa vista morrerá mais cedo ou mais tarde, conforme a mortalha em que aparece envolva mais ou menos do corpo.

Se fechar sobre a cabeça, a morte ocorrerá de imediato, ou já ocorreu a uma distância. Os factos de segunda-vista vistos por Lord Tarbot são demasiado volumosos para o meu espaço, mas foram tais como devem ter convencido qualquer homem razoável. Um do seu próprio séquito que era vidente, ao entrar numa casa onde deviam ficar toda a noite, recuou subitamente com um grito alto, dizendo que via um cadáver a ser levado da casa, e que alguém morreria ali muito em breve, e suplicou ao seu senhorio para não se alojar ali. Lord Tarbot entrou, e, não encontrando ninguém doente ali, determinou ficar. Antes de partir no dia seguinte, no entanto, o proprietário, um highlander saudável, morreu de apoplexia.

Em todos os casos encontrou o vidente perfeitamente correto, embora muitas vezes nas circunstâncias mais improváveis. Além das obras de Martin, já mencionadas, o leitor encontrará muitos factos extraordinários de segunda-vista nas obras de Stewart e Grant, sobre as 'Terras Altas', e na literatura da Alemanha e Dinamarca, onde também prevalece. O que se chama a Epidemia de Pregação na Suécia, que eclodiu em 1842, particularmente nas províncias de Kalmar, Wexio e Jön Kopping, foi, na verdade, um Reavivamento, apresentando muito os mesmos sintomas que foram exibidos nos Reavivamentos Americanos, e desde então neste país e na Irlanda, e para uma visão completa dos quais o excelente trabalho do Sr. William Wilkinson sobre o assunto pode ser estudado.

Assemelhava-se às demonstrações entre os primeiros Amigos, os primeiros Metodistas, as dos Cevenóis, e forte excitação religiosa em diferentes épocas e países desde o primeiro reavivamento no dia de Pentecostes até agora – fortes convulsões, clamores sob o sentido do pecado, prostração, tremores, e muitas vezes transe. O relato completo dela, como traduzido pela Sra. Howitt, da declaração do bispo de Skara ao arcebispo de Upsala

pode ser lido no segundo volume da 'História da Magia' de Ennemoser, p. 503, e um bom resumo dela na 'Revista Espiritual', iv. 544.

O clero sueco tratou-a como uma doença, e repreendeu-a e medicou-a, e por fim teve o prazer de a ver passar. O bom bispo pergunta a si mesmo se as impressões religiosas produzidas estavam de acordo com as noções estabelecidas das operações da graça no coração, e pensa que não, porque a pessoa excitada, imediatamente após começar a tremer, experimentava 'uma paz, alegria e beatitude indizíveis'.

Poderia ter sido suposto que a paz e a alegria no Espírito Santo eram sinais de convicção cristã, mas o bispo sustenta que estes deviam brotar de um sentido de fé recém-nascida através da graça expiatória, e eles eram, pelo contrário, de uma certa influência imediata e milagrosa de Deus. O que as noções de graça expiatória possam ser na Suécia não pretendo compreender, mas uma influência imediata e milagrosa de Deus que produz paz, alegria e beatitude teria sido indubitavelmente entendida como os efeitos da graça divina no tempo de Cristo e dos apóstolos.

O bispo admite, também, que neste estado as pessoas eram dotadas de uma eloquência maravilhosa e de uma pureza de linguagem muito acima da sua condição e conhecimento ordinários. Havia uma graça no seu modo, uma beleza santa nos seus rostos que o espantava. Mesmo as crianças falavam, diz ele, em linguagem que, num estado normal, lhes teria sido impossível. Sob o ministério de uma destas crianças inspiradas, toda a assembleia sentava-se no silêncio mais profundo, e muitos choravam.

Os jovens andavam a cantar o que se chamam hinos de Sião; e, o que é mais importante, o bispo admite que isso sempre produzia um estado de espírito religioso, fortalecido pelas operações aparentemente milagrosas no interior; que nenhum desordem ou impropriedade de qualquer tipo ocorria, e que enviava multidões à igreja que nunca lá iam antes, reclamava muitos do erro dos seus caminhos e produzia efeitos duradouros nas mentes de muitos pecadores endurecidos. A estranheza de chamar tal dispensação uma doença faz com que se tome consciência de forma chocante do tipo estranho e factício que o cristianismo moderno deve ter-se tornado, quando olha para o aspeto da sua própria mãe e a chama louca.

Que diferença há entre as ideias de tais bispos e clérigos formados na escola que diligentemente suprimiram este movimento, e as das pessoas que pensavam que os apóstolos estavam bêbados no Pentecostes?

OS SINOS DE BEALINGS

Na terça-feira, 2 de fevereiro de 1834, os sinos na casa do major Moor em Great Bealings, perto de Woodbridge, começaram um toque inexplicável sem qualquer agência visível, que continuaram quase todos os dias, mais ou menos, até 27 de março, ao todo cinquenta e três dias. Ao regressar da

igreja no domingo à tarde, no referido 2 de fevereiro, foi informado pelos dois únicos criados deixados na casa, um homem e uma mulher, de que o sino da sala de jantar, na qual ninguém estava, tocou três vezes distintas. No dia seguinte o mesmo sino tocou várias vezes, a última na presença do major, e embora ninguém estivesse ao alcance do puxador do sino.

À tarde, todos os sinos na cozinha, uma fila de nove, tocaram violentamente. Enquanto o major observava os sinos, cinco deles tocaram de novo tão violentamente que ele diz que não se admiraria de os ver partidos das suas fixações. Para encurtar a história, estes toques continuaram, durante todo o tempo mencionado, a intervalos, embora todos os meios fossem usados para descobrir a causa. Às vezes os nove tocavam juntos, às vezes cinco, às vezes apenas um. Numa ocasião um deles foi atirado contra o teto e arrancou o cal.

Todos os sinos tocaram numa altura ou noutra exceto o sino da porta da frente, que pendia na fila entre os cinco que muitas vezes tocavam juntos e os nove. Alguns outros sinos estranhos, perfazendo doze, também tocaram. O major Moor reuniu todos os criados para se certificar de que nenhum deles tocava os sinos, e os sinos tocaram na cara deles tão alegremente como sempre. Ao publicar um relato do incómodo no 'Jornal de Ipswich', recebeu várias cartas que sugeriam que havia ratos ou ratazanas nas paredes, ou criados maliciosos, ou alguém em conluio com os criados; mas ele tomou medidas para averiguar se tais causas existiam e convenceu-se de que não.

A sua carta, no entanto, trouxe vários relatos de toques semelhantes e outras assombrações. Como o Sr. Procter, de Willington, ele tocou num lugar sensível e descobriu que não estava de modo algum sozinho na sua perseguição. Foi informado de toques e outros ocorridos estranhos numa casa em Kent; em Chesterfield em Derbyshire; em Earl Street, Westminster; em Ramsgate; em Aldborough em Suffolk; em Cambridge; em Chelmsford; no Hospital de Greenwich; em Lark Hall, Burrowdown, Northumberland; em Oxford; em Prestbury perto de Cheltenham; em Sevenoaks; no Presbitério de Sydersterne, Norfolk; em Stapleton Grove, Gloucestershire; em Clewer, perto de Windsor; em Ipswich, e noutros lugares, cujos nomes as partes assombradas recusaram publicar.

Quase todos estes lhe foram relatados como confirmados mediante pedido por cavalheiros e senhoras de fortuna, por clérigos e oficiais. Uma senhora em Suffolk, que vivia numa casa de campo, deu-lhe relatos repetidos dos sinos deles que tocavam antes da morte do pai dela, embora todos os meios fossem tomados para detetar qualquer pessoa envolvida num truque e para decidir que não podiam ser ratazanas nas paredes. O Sr. William Felkin, desde então prefeito de Nottingham, enviou ao major notícia do toque dos sinos em Rose House, Chesterfield; e o Sr. Ashwell, o habitante, um cavalheiro literário e científico, confirmou o relato mediante pedido direto a ele.

Ele disse que mandou cortar os fios e no entanto os sinos tocaram tão depressa como sempre. Fixou um sino na frente de uma parede sem fio e ele começou a tocar imediatamente. Em Earl Street, Westminster, a criada entrou em convulsões com o toque misterioso. Um dos casos mais extraordinários foi o no Hospital de Greenwich, no quarto do tenente Rivers. O major Moor pôs-se em comunicação com o tenente Rivers e no seu pequeno livro chamado 'Sinos de Bealings' publicou o relato do próprio tenente. Estes sinos foram vigiados dia e noite; todas as pessoas foram excluídas dos aposentos onde estavam os puxadores dos sinos, exceto o sineiro e os assistentes dele, que vigiavam. Eles ainda tocaram, mas neste caso quando o sineiro cortou os fios eles pararam de tocar, mas assim que ele os reuniu de novo eles tocaram outra vez.

Os vizinhos foram admitidos para ver o toque e exercer a engenhosidade na descoberta da causa, mas em vão. Todos os sinos tocaram exceto o sino da porta da frente e para impedir que isso ocorresse o tenente Rivers amarrou o puxador do sino. Enquanto observava a alguns amigos que esse nunca tocava, ele imediatamente começou um bom repique e com isso o toque cessou completamente. Os sinos nos aposentos de outro oficial foram tocados de modo semelhante durante uma semana.

O toque nos aposentos do Sr. Rivers continuou apenas quatro dias. O major Moor visitou o hospital e percorreu os quartos com o tenente e a Sra. Rivers, que declararam o toque ainda inexplicável. Em todos estes casos, exceto onde os fios foram cortados e os sinos ainda continuaram a tocar, ratazanas ou criados ou outras pessoas maliciosas podiam ainda ser suspeitas, mas os sinos em vários casos que ainda tocavam na cara dos donos das casas sem quaisquer fios punham estas suspeitas fora de questão.

Um cavalheiro disse ao major que na casa do pai dele, os sinos que tocavam assim sem causa aparente, o pai dele fixou um sino sem fio a uma parede e ele tocou e o piano na sala começou a tocar por si só. Nem eram os toques tudo: em muitos casos havia pancadas e outros ruídos misteriosos. O Rev. Sr. Stewart, o titular de Sydersterne, perto de Fakenham, Norfolk, diz numa carta ao major: 'Os nossos ruídos são de carácter mais grave. Sucessões rápidas de pancadas, gemidos, choros, soluços, arranhões repugnantes, pisadas pesadas e pancadas trovejantes em todos os quartos e passagens afligiram-nos aqui durante um período de quase nove anos, durante a ocupação da minha cura.

Eles ainda continuam para incómodo da minha família, alarme dos meus criados e fuga ocasional de alguns deles; e consigo traçar claramente a existência deles neste presbitério a um período de sessenta anos passados.' O Sr. Stewart acrescenta que não tem dúvida de que, se pudesse ter o testemunho dos predecessores dele, conseguiria traçar o incómodo muito mais para trás. Em 1833 e 1834, diz ele, mantiveram casa

aberta para permitir que pessoas respeitáveis conhecidas deles ou apresentadas a eles satisfizessem a curiosidade; mas a bondade deles, diz ele, foi abusada, as motivações deles mal interpretadas e até os caracteres deles difamados.

Portanto fechámos as portas e elas permanecem hermeticamente seladas. Há vários outros casos dados no pequeno volume do major Moor, ao qual já me referi. O major está ansioso, ao longo de todo o texto, para negar qualquer crença em que as causas sejam sobrenaturais, embora pense que sejam pré-naturais; e com esta fina distinção deixa-se nessa curiosa equilíbrio de mente induzido pela educação moderna em que um homem, professando não saber o que fazer dela, espera escapar à acusação de superstição. Entre os MÉDIUNS que apareceram antes de o espiritualismo ser muito ou nada falado em Inglaterra há dois que não devem ser ignorados nesta história: são Mary Jobson e Elizabeth Squirrel.

MARY JOBSON, DE SUNDERLAND.

O caso desta menina, de treze anos de idade, filha de John e Elizabeth Jobson, de Sunderland, foi dado a conhecer pelo Dr. Reid Clanny, F.R.S., médico ordinário do falecido duque de Sussex e médico sénior da Enfermaria de Sunderland. Ocorreu em 1839 e o Dr. Clanny só tomou conhecimento dele por acidente ao ter de ir à casa por outros negócios. A menina estava então na fase final da doença dela; mas o Dr. Clanny viu e ouviu vários fenómenos notáveis na presença dela e teve a candura de inquirir minuciosamente sobre todas as circunstâncias extraordinárias do caso, a justiça de acreditar na evidência inatacável de numerosas outras testemunhas assim como dos sentidos dele e a ousadia de as publicar.

Um dos factos mais notáveis do caso é que tantos médicos admitiram convicção plena da verdade das manifestações – nomeadamente dois médicos e três cirurgiões. As testemunhas ao todo ascendem a dezasseis. Doutor após doutor foi chamado – a criança sofria de dor e pressão na parte de trás da cabeça e de turvação da vista. Aplicaram-lhe sanguessugas, vesicatórios, purgantes, mas tudo sem produzir qualquer alívio; seguiram-se convulsões; chamaram-se novos doutores; aplicaram-se novos vesicatórios e medicamentos.

Durante vinte e três semanas isto continuou; os doutores sucessivos pronunciaram a queixa dela hidropisia no cérebro, um abcesso, uma contração – em suma, os doutores estavam totalmente confundidos e a pobre criança tornou-se cega, surda e muda. Ainda assim um Sr. Ward queria outro vesicatório e novo medicamento quando pancadas estranhas na cabeceira da cama começaram a ser ouvidas, uma voz vinda da cabeceira da cama ou da criança num tom e modo totalmente diferentes dos dela mandou-os dispensar os doutores que não lhe podiam fazer bem e que a cura seria realizada por um milagre.

Temos a declaração direta do pai que ouviu as pancadas e a voz mas depositou mais fé nos doutores do que nelas. Ele insistiu em pôr o vesicatório mas as pancadas e outros ruídos tornaram-se tão violentos que foram compelidos a retirá-lo de novo quando cessaram. O pai diz que enquanto velava por ela ouvia pancadas altas, choques de armas, pisadas de passos – embora nenhuma pessoa pudesse ser vista – e a música mais doce por vezes. A voz ordenava muitas vezes que se deitasse água no chão e ela era deitada ali em salpicos por mãos invisíveis.

A mãe e outra irmã e muitos vizinhos viram e ouviram coisas semelhantes – portas a abrir e a fechar, passos a subir as escadas mas ninguém visível e as portas todas encontradas fechadas. Os Srs. Embleton, cirurgiões, e o assistente deles Sr. Beattie ouviram as mesmas coisas e o Sr. R. B. Embleton anotou uma mensagem da voz. Um sol e uma lua belamente representados foram pintados no teto após o modo das cenas de Pordage: todos os viram, os doutores assim como os vizinhos. O pai que não estava então convencido lavou-os com cal mas eles reapareceram através dela e o Dr. Clanny viu-os ainda ali após a recuperação da criança – pois ela recuperou e subitamente em 22 de junho de 1840 após uma doença de quase oito meses.

Ela continuou bem mas frequentemente continuava a ouvir música doce por vezes e o Dr. Drury que a visitou várias vezes após a recuperação maravilhosa dela ouviu-a também. Muitos outros fenómenos como a remoção de canecas e outros artigos ocorreram; mas podemos encerrar esta nota com o testemunho do Sr. Torbock: 'Tive em diferentes tempos e lugares conversas longas e muito sérias com quase todas as pessoas que deram testemunho deste caso milagroso e estou bem assegurado de que são pessoas conhecidas como religiosas e fidedignas; e além disso que cumpriram fielmente o dever delas nesta importante questão entre Deus e o homem.'

O Dr. Clanny não escapou à quantidade inevitável de ridículo e perseguição pela publicação deste caso; mas reimprimiu-o numa segunda edição e afirmou que as vistas dele permaneciam inalteradas e que nada abalara as provas de qualquer destes factos extraordinários.

CURA POR MEIOS ESPIRITUAIS

No preâmbulo de um estatuto de Henrique VIII de Inglaterra no ano de 1511 declara-se que ferreiros tecelões e mulheres ousadamente e habitualmente se encarregam de grandes curas e coisas de grande dificuldade nas quais usam em parte feitiçaria e bruxaria.

PREGADORES ADORMECIDOS

Uma classe particular de tais clarividentes são pregadores adormecidos. Houve muitos tais. No reinado de Jaime I um Richard Haddock de New

College Oxford que praticava medicina aí e era igualmente ignorante de latim e grego assim como de divindade caíra no hábito de pregar no sono durante o qual não só espantava os ouvintes pela profundidade e eloquência dos discursos dele mas pelas citações precisas das línguas eruditas. Depois – o que é quase invariavelmente o caso com clarividentes – ele não sabia nada do que dissera ou fizera no sono e não conseguia pronunciar uma palavra das línguas clássicas.

O homem foi mandado chamar à corte e primeiro ouvido no sono e depois examinado pelo rei que lidou com ele no modo habitual de esperteza imaginada até se convencer de que o homem assumira esta peculiaridade para atrair atenção; e atormentou e interrogou cruzado o pobre homem até o persuadir a confessar que assim era. A profundidade do rei no entanto não tentou resolver o mistério de um homem falar grego e latim que não sabia nenhum: e é provável que com as questionações subtis dele misturasse promessas mais persuasivas de modo a dar-se crédito por sagacidade invulgar pois mandou o homem de volta a Oxford e logo depois deu-lhe preferência na Igreja mandando-o ordenar para o efeito – um modo singular certamente de punir impostura religiosa.

O 'Republicano' um jornal de Cadiz Ohio Estados Unidos da América declara que a Sra. Burney uma membro altamente respeitável da Igreja Presbiteriana pregou um sermão num estado de sono com meia hora de duração a cada outro domingo às dez horas durante dezoito anos. Acrescenta que os sermões dela são excelentes e abundam em citações escriturais; e que quando acorda não sabe nada do que disse. Homens médicos observaram o caso dela e decidiram que não há engano nisso mas que supera a compreensão deles.

Na 'História e Antiguidades dos Estados do Norte da América' de Barber há um relato de outra senhora a Srta. Rachel Baker do Estado de Nova Iorque que de 1812 a 1816 quase todas as noites ao retirar-se para descansar caía num sono peculiar no qual passava por um curso regular de exercícios religiosos começando com oração depois dando um sermão e concluindo de novo com oração. Durante este tempo o corpo não tinha mais movimento do que uma estátua. Os discursos dela eram pronunciados excelentes e eram por vezes embelezados com metáforas finas descrições vívidas e citações poéticas.

Durante todo este período a saúde dela era extremamente boa; os amigos dela no entanto não estavam à vontade com isso e mandaram os homens médicos destruir esta lucidez espiritual por meio de ópio e outros narcóticos. Southey na 'Vida de Wesley' dele fala de manifestações semelhantes e pela ignorância dele da ciência mesmeriana trata-as como assumidas. Ele diz que um homem nesta condição conseguia tornar-se rígido como uma barra de ferro de modo que nenhuma força o conseguia dobrar. Nenhum homem conseguia tornar-se assim mas a catalepsia fá-lo regularmente; mas disto Southey não tinha conhecimento.

Estas conclusões precipitadas dos eruditos que no entanto não entendem tudo recordam-nos algumas observações excelentes de um escritor na 'Revista de Blackwood' de junho de 1850: Pareceria realmente como se necessitássemos de algum novo apóstolo da caridade pois praticamente ela desapareceu entre nós. Porque é que quase invariavelmente pomos as piores construções na conduta dos nossos vizinhos? Porque buscamos com tal avidez espantosa inferir culpa de circunstâncias equívocas e rejeitamos com uma certa diabolicidade de propósito toda a matéria atenuante?

Esta é uma característica muito comum mas muito má da época em que vivemos. Os homens falam num orgulho desprezivo de fenómenos que não entendem e o progresso da ciência lança esse desprezo de volta sobre eles mesmos. Entre os exemplos de ouvir música na aproximação da morte nenhum é mais comovente do que o do infeliz Delfim de França filho de Luís XVI. Toda a gente está familiarizada com o tratamento atroz desta pobre criança pelos revolucionários. Nas últimas horas dele Gomin um dos atendentes dele ao vê-lo calmo imóvel e mudo disse-lhe Espero que não estejas com dor agora? Oh sim ainda estou com dor mas não quase tanta – a música é tão deliciosa. Ora não havia música para ser ouvida; nenhum som de fora podia penetrar no quarto onde o jovem mártir jazia a expirar. Gomin espantado disse-lhe

De que direção ouves esta música?

De cima.

– Há muito que a ouves?

Desde que te ajoelhaste.

Não a ouves? Escuta! escuta!

E a criança com um movimento nervoso ergueu a mão trémula ao abrir os grandes olhos iluminados por deleite extático. O pobre guardião dele relutante em destruir a última doce ilusão pareceu escutar. Após alguns minutos de atenção a criança começou de novo os olhos dela brilharam e ela exclamou em êxtase intenso De entre todas as vozes distingui a da minha mãe. Lasne um dos outros guardiões veio para substituir Gomin. Sentou-se perto da cama e o príncipe olhou para ele longamente e com um olho fixo e sonhador. Ao fazer um leve movimento Lasne perguntou-lhe como se sentia e o que gostaria.

Achas que a minha irmã poderia ter ouvido a música? disse a criança.

Quanto bem lhe teria feito! Lasne não conseguiu responder. O olhar angustiado do rapaz moribundo virou-se ansiosamente e perscrutador para

a janela. Uma exclamação de alegria escapou dos lábios dele. Depois disse olhando para o guardião dele Tenho algo para te dizer.

Lasne aproximou-se dele e pegou na mão dele. O pequeno prisioneiro encostou-se ao peito do guardião que escutou mas em vão! Tudo foi dito. Deus poupara ao jovem mártir a última convulsão mortal de angústia. Deus guardara para Si o conhecimento do último pensamento dele. Lasne pôs a mão sobre o coração da criança. O coração de Luís XVII cessara de bater. A hora era um quarto depois das duas da tarde. Este relato dos últimos momentos do Delfim foi tomado dos lábios destes guardiões dele quando eram velhos cada um com oitenta anos de idade. De Lasne em 1837 e de Gomin em 1840. (A Vida Sofrimentos e Morte de Luís XVII por A. de Beauchesne.)

ESCRITAS DIRETAS DE ESPÍRITOS

Uma das manifestações espirituais mais surpreendentes dos dias presentes é a de escrita direta de espíritos. Muitos médiuns escreveram assim como desenharam sob a influência de agência espiritual nas mãos deles; mas números também testemunharam papel e lápis colocados a uma distância de todos na companhia e escrita então e ali feita por inteligência invisível.

O barão Guldenstubbe um nobre sueco que vive em Paris publicou uma obra sobre este assunto Pneumatologia Positiva. Nessa obra dá sessenta e sete fac-símiles de escritas feitas em papel perante testemunhas de alta reputação sem que qualquer pessoa se aproximasse delas. São em várias línguas antigas e modernas. Entre as pessoas que testemunharam estas operações espantosas estavam o príncipe Leonide de Galitzin de Moscovo; o príncipe S. Metschersky; o Sr. Ravené sénior de Berlim; o Dr. Georgii um discípulo de Ling o poeta e fisiologista sueco então residente em Londres; o coronel Toutcheff; o Dr. Bowron de Paris; o Sr. Kiorboé um artista distinto de Paris residente na 43 Rue de Chemin de Versailles; o coronel Kollman de Paris; o barão de Vorgts-Rhetz; e o barão de Uexkull.

O conde d'Ourches que testemunhou escritas semelhantes a serem feitas colocou papel ele próprio no quarto dele em igrejas em túmulos e nas margens acima dos monumentos de Pascal e Racine no cemitério de Montmartre e obteve comunicações diretas em escrita do carácter mais notável. Desde então diz-se que o barão Guldenstubbe aumentou a coleção dele de tais espécimes para muitas centenas todos feitos sob tal observação que impedia qualquer conluio. O Sr. Dale Owen fez duas visitas a Paris para ser testemunha ocular deste fenómeno e passou na minha casa antes do regresso dele à América para me mostrar os resultados. Como eu não estava em casa deixou um bilhete a dizer que fora extremamente bem-sucedido.

Esta manifestação é outra confirmação da ocorrência antiga de tais coisas. Tendo eu próprio testemunhado algumas das manifestações recentes sou

obrigado a creditar as do passado. A primeira destas em registo é a escrita da Lei Mosaica pelo dedo de Deus no Monte Sinai. A segunda creio eu é a escrita na parede da sala de banquetes de Belteshazzar em Babilónia quando a mão que escreveu era visível para toda a corte. Mas tanto a história profana como a da igreja têm asserções do mesmo facto. No quinto século Sinésio o bom bispo de Cirene relata-se ter sido acusado de desfalcar trezentas libras de ouro confiadas a ele por Evágrio o filósofo para os pobres. Num sonho Evágrio apareceu ao bispo e assegurou-lhe que escrevera uma quitação e que seria encontrada na mão dele no túmulo dele. Sinésio acreditando plenamente no sonho chamou os filhos de Evágrio e contou-lho.

Eles então em espanto confessaram que o pai deles lhes ordenara pôr a conta do dinheiro no túmulo dele e enterrá-la com ele. Todos procederam ao túmulo abriram-no e encontraram a conta plenamente quitada na mão do filósofo acrescentando também que Jesus Cristo lhe pagara como o bispo prometera. Casos semelhantes são registados pelos antigos historiadores eclesiásticos mas devemos passá-los para vir a tempos mais modernos.

Em 'Notícias do Mundo Invisível' p. 119 o seguinte relato é citado do Dr. Moore: Na parte norte de Inglaterra creio Lancashire (pois tive a história de um clérigo desse condado) o ministro antes de começar a ler as orações na igreja viu um papel no livro dele que supôs ser os proclamas de casamento. Abriu-o e viu escrito numa mão clara e distinta palavras com o seguinte teor: João P. e Jaime D. assassinaram um homem viajante roubaram-no dos efeitos dele e enterraram-no no pomar de --. O ministro extremamente sobressaltado perguntou ao sacristão apressadamente se colocara algum papel no livro de orações. O sacristão declarou que não; mas o ministro prudentemente escondeu o conteúdo do papel pois os dois nomes de homens aí contidos eram os do sacristão e do coveiro da igreja. O ministro então foi diretamente a um magistrado contou-lhe o que acontecera e tirou o papel para o ler quando para grande surpresa dele nada apareceu nele; era um pedaço de papel branco em branco!

O juiz acusou o ministro de capricho e fantasia e disse que a cabeça dele devia certamente estar perturbada quando imaginou tal conteúdo estranho num simples pedaço de papel. O bom clérigo viu claramente a mão de Deus nesta questão e por súplica fervorosa prevaleceu com o juiz para conceder o mandado dele contra o sacristão e o coveiro que foram detidos por suspeita e confinados e examinados separadamente; quando muitas contradições apareceram nos exames deles pois o coveiro que mantinha uma taberna admitiu ter alojado tal homem na casa dele e o sacristão disse que esteve nessa noite no coveiro e nenhum tal homem lá estava.

Pensou-se apropriado revistar as casas deles nas quais foram encontrados vários pedaços de ouro e bens pertencentes a homens que viajavam pelo país; no entanto deram uma conta tão tolerável deles que nenhuma prova positiva pôde ser feita até que o clérigo ao recordar que o papel mencionava

o corpo morto enterrado em tal pomar – uma circunstância que antes lhe escapara da memória. O lugar foi revistado e o corpo foi encontrado; ao saber do qual o coveiro confessou o facto acusando o sacristão como cúmplice dele e ambos foram consequentemente executados. Um caso ainda mais curioso esteve na minha posse há algum tempo e que entendo que provavelmente será publicado na íntegra na obra esperada do Sr. Dale Owen.

O relato derivava de autoridade direta tendo sido escrito na altura pelo ministro do lugar uma testemunha ocular da circunstância. No reinado de Carlos II – não me recordo da data precisa – um laird de Redcastle nas Terras Altas da Escócia ficou espantado com o recebimento de cartas escritas numa mão totalmente desconhecida para qualquer um nessa parte do país e sem assinatura no entanto detalhando os assuntos mais privados de todos os vizinhos dele ao redor. Depois estas cartas foram deixadas na casa dele ou postas em secretárias sob fechadura e chave e quando o laird não lhes prestava atenção eram penduradas em árvores no jardim – contendo a conversa mais secreta dele e da esposa no quarto privado deles.

Numa ocasião foi-lhe dito que no dia seguinte encontraria um documento que lhe dizia respeito de perto na gaveta secreta do gabinete dele onde guardava os papéis mais privados dele. Ele revistou imediatamente o gabinete tirou todos os papéis da gaveta secreta e convenceu-se de que nenhum tal documento lá estava então. Colocou imediatamente uma guarda no gabinete para impedir que alguém se aproximasse dele; mas na manhã seguinte um papel foi pendurado numa árvore no jardim dizendo que encontraria o documento prometido no gabinete. Abriu-o e encontrou o documento entre os papéis na gaveta secreta. Mais do que isso o filho dele estranhamente afetado e suposto enfeitiçado pelos espíritos foi enviado para algum lugar de águas distante.

Na ausência dele uma destas cartas misteriosas informou o laird da melhoria da saúde do filho dele anunciou a recuperação rápida dele através da ajuda deles mesmos – os espíritos – e quando regressaria a casa. Na viagem o filho e o tutor dele foram assombrados por estes espíritos que à noite na estalagem deles deitaram todo o dinheiro dos bolsos deles sobre a mesa e penduraram as roupas deles no topo do quarto.

Todos os esforços para exorcizar estes espíritos revelando-se inúteis um amigo astuto aconselhou o laird a não ler as cartas mas a pô-las imediatamente no fogo dizendo que os espíritos eram tão sensíveis ao desprezo como os homens e se assim tratados desistiriam em breve o que se provou ser o caso. Podemos encerrar este capítulo com um facto relatado na vida de George Washington Walker um membro da Sociedade dos Amigos que há alguns anos visitou a África do Sul com James Backhouse e outro amigo. Em Clumber em Albany estavam na casa de um colono piedoso chamado Richard Hulley. Ele contou-lhes que ao ir numa

ocasião buscar mel para um amigo doente caiu de uma árvore partiu duas costelas e foi acometido de trismo.

Desesperaram da vida dele e não estando de modo algum em paz na consciência dele caiu em grande agonia e orou intensamente por perdão e restauração. Enquanto fazia isto sentiu uma forte certeza de que estava curado. Isto foi confirmado por uma voz espiritual; ergueu-se encontrou as costelas partidas dele perfeitamente recolocadas e sãs. Para espanto dele estava perfeitamente bem e o efeito disto fora uma condição permanente de gratidão e piedade – outra prova da fé contínua dos Amigos na ajuda espiritual e das operações dela em todos os quadrantes do globo.

CAPÍTULO XXIII

CONCLUSÃO

Esta é a vossa hora e o poder das trevas.

São Lucas xxii. 53.

Posso agora finalmente lembrar ao leitor o que na verdade todo o progresso desta história lhe mostrou que a evidência sobre este assunto é tão volumosa que nenhuma obra não nem uma dúzia de grandes volumes a poderia conter. Quanto mais avancei mais como muitas vezes tive de admitir fui compelido a selecionar e rejeitar. De todos os lados vinham factos a jorros.

Homens de todas as nações e todas as religiões de todos os graus de educação e todos os ranks de intelecto pressionavam como testemunhas como se reivindicassem como tais. No coração e na alma da humanidade a grande verdade revela-se enraizada inextricavelmente com as raízes da vida e de toda a consciência. Provou-se o que comecei por chamar Lex Magna uma grande lei da criação. Já não é o que os incapazes quero dizer aqueles tornados incapazes de julgar e admitir evidência a chamariam de bom grado a crença de uns poucos indivíduos fracos ou visionários; podemos pronunciá-la ousadamente a fé de toda a raça o contrário sendo apenas as exceções.

Os maiores nomes na história do intelecto e da realização humana são os nomes proeminentes nesta fé cardinal. A lista destes nomes e as provas do facto em extenso fariam um grande volume por si só. Devemos continuar a numerar os príncipes e chefes da mente através de todos os tempos. Como os clãs de Scott vêm eles em tropel sobre as colinas --

Ainda a reunir enquanto derramam
Uma voz mais alta uma maré mais forte.

Mas é preciso admitir que, em nenhuma época, os efeitos anestesiantes de uma educação materialista foram tão evidentes como na presente. É uma coincidência curiosa que, ao sentar-me para escrever as últimas palavras desta obra, tenha ocorrido uma circunstância que demonstra isto de forma singular; mostrando que a mentalidade científica está a perder rapidamente a capacidade de aceitar até os factos mais físicos, se tiverem algo de maravilhoso.

No Anexo Oriental do Edifício da Grande Exposição encontra-se um espécime de carvão contendo uma cavidade, da qual se diz ter sido retirado um sapo, e o sapo também está exposto. O sapo e o carvão provêm das minas do Sr. John Russell, Newport, Monmouthshire, e têm suscitado grande curiosidade entre os visitantes.
No 'Times' deste mês de Setembro de 1862, o Capitão Buckland, filho do falecido Deão de Westminster, o conhecido geólogo, acusou numa carta os diretores da Exposição de permitirem a exibição de uma grosseira impostura e recomendou que este sapo e o pedaço de carvão fossem expulsos da Exposição.

Alegou ser absolutamente impossível que qualquer sapo ou rã pudesse ter suportado o calor e a enorme pressão associados à formação das camadas de carvão, a uma profundidade superior a cem jardas, para não falar dos milhares, talvez milhões de anos, durante os quais teria continuado a viver encerrado no carvão. Não só o Capitão Buckland declarou tudo isto uma grosseira impostura; citou ainda a opinião consolidada do seu pai sobre o assunto, e o Professor Owen, numa nota que lhe dirigiu, apoiou-o firmemente na afirmação de que tal coisa era impossível.

Buckland e Owen, ambos grandes autoridades em História Natural, fizeram troça da situação, sugerindo que o 'Froggy' teria caído no poço ou descido com a maquinaria, acabando por rastejar para um buraco no carvão. O repórter do 'Times', com aquele apetite com que a imprensa actual sempre aproveita oportunidades para negar o maravilhoso, também declarou tratar-se de 'uma enorme farsa'.

Agora, quaisquer que fossem os méritos do caso individual na Exposição, tudo isto era tão flagrantemente contrário a dezenas de casos registados de sapos e rãs encontrados em pedra, carvão e no interior de árvores sólidas, com datas, nomes e locais das pessoas que testemunharam os factos, que ficava-se curioso por saber se ninguém contradiria esta nova doutrina ex cathedra. A 20 de Setembro apareceu uma nota do Sr. John Scott, Depósito de Carvão de Lillesball, Great Western Railway, Paddington, relatando dois desses casos de testemunhas vivas.

Um deles era da sua própria esposa, que estava preparada para afirmar que viu um dos operários do seu pai, há muitos anos, abrir um pedaço de carvão e descobrir no seu interior um sapo ou rã de tamanho moderado, não sabia dizer qual dos dois, vivo e ainda capaz de se mexer, e recordava-

se distintamente da forma oval e superfície lisa onde o animal tinha estado deitado.

Em segundo lugar, declarou que Samuel Goodwin, um pedreiro, que conhecia há vinte e cinco anos e que é pessoa de confiança, declarou o seguinte: Quando trabalhei na pedreira de Kettlebrook com Charles Alldridge, serrámos uma pedra com cerca de quatro pés de espessura, completamente sólida, e no meio estava um sapo do tamanho do meu punho, e um buraco com cerca do dobro desse tamanho. Retirámos o animal, que viveu cerca de meia hora e depois morreu. Trabalhámos a pedra e ela foi usada como plinto na Câmara Municipal de Birmingham.

Outro correspondente afirmou que conhecia um pedreiro que encontrou um sapo no que se chama Rowley-rag, uma pedra dura com que se pavimentam as ruas de Birmingham; e um terceiro, que um sapo foi expulso de um grande pedaço de carvão posto ao lume, que rebentou com um estrondo, sem dúvida devido à expansão do ar na cavidade onde o sapo estava. Outro correspondente declarou ter sido informado em Chillingham de que um sapo foi encontrado encerrado no mármore maciço de uma lareira no castelo local, residência de Lord Tankerville.
Logo após estas cartas no 'Times', um amigo recortou o seguinte parágrafo do 'Stamford Mercury'. Não sei a data exacta do jornal, mas foi-me entregue a 31 de Outubro de 1862.

ENCONTRADO SAPO NUMA PEDRA

Na manhã da última segunda-feira, enquanto os operários do Sr. Wm. Wartnaby, de Little Gonerby, estavam a escavar o solo no pátio da cervejaria de Mr. J. B. Burbidge & Co., cervejeiros, em Spittlegate, para fazer uma cave, um dos homens, que usava uma picareta numa camada de pedra, a uma profundidade entre sete e oito pés da superfície, partiu uma pedra na qual estava embutido um sapo vivo, numa cavidade pouco profunda. O Sr. Wartnaby e três dos seus operários estavam na escavação e ele próprio retirou o sapo da sua cavidade.

O animal ficou ferido numa das pernas traseiras, junto à articulação com o corpo, devido ao golpe da picareta que abriu a pedra, mas sobreviveu e mexeu-se até à manhã seguinte. Tanto a pedra como o sapo estão preservados. Poderão ser fornecidos mais pormenores posteriormente, pois foi feita uma investigação muito rigorosa sobre as circunstâncias; mas nenhum facto pode ser mais plenamente ou certamente estabelecido por prova humana do que este, digam os céticos o que disserem sobre o assunto. Só se pode supor que este antiquíssimo habitante da Terra surgiu de propósito para reavivar a recente discussão sobre ele e a sua morada pétrea…

A 23 de Setembro, outro correspondente recordou ao editor do 'Times' que os anteriores não informaram o público do que já tinha sido feito do outro

lado do Canal sobre este mesmo tema, ou seja, testar as afirmações feitas há séculos de que os sapos podem viver numa cavidade fechada à luz e ao ar. Disse que M. Seguin tentava há vários anos verificar isso, e, agindo como todos os homens práticos devem fazer, prendeu vinte sapos, cada um em um bloco separado de gesso, e depois de doze anos abriu os blocos e encontrou quatro dos sapos vivos. Repetiu depois a experiência, e está previsto que a segunda série de blocos seja aberta na presença da Academia.

Quatro sapos sobreviveram doze anos neste confinamento. Não nos dizem em que altura do ano M. Seguin os enclausurou. Provavelmente, se isto foi feito no momento em que estavam prestes a hibernar, quando o seu estado físico é preparado pela natureza para tal cessação da respiração, mais — talvez todos os vinte — teriam sido encontrados vivos. Humboldt assinala que os sapos, ao sair do sono de inverno, conseguem permanecer oito vezes mais tempo debaixo de água sem se afogarem do que conseguem mais tarde na primavera; e não resta grande dúvida de que, no momento de entrar em hibernação, poderiam ser encerrados hermeticamente sem grande prejuízo para a sua vitalidade.

Quantos pereceram ao serem sepultados no carvão e noutras camadas, em proporção aos que sobreviveram, não temos modo de saber, mas provavelmente a maioria pereceu. Na experiência de M. Seguin, um quinto sobreviveu doze anos, e se doze anos, porque não doze mil, se não houver influência de decomposição?

Ouvi falar de uma pedra que terá estado, provavelmente durante centenas de anos, como esfera no pilar de um portão de uma antiga mansão, caindo e partindo-se, e, no centro, ao abrir-se, apareceu um sapo vivo no seu buraco. Ora, todos os naturalistas, e milhares de outras pessoas, sabem que sapos e rãs, como tartarugas, serpentes, arganazes e toda a tribo de insetos que se enterram na terra ou se ocultam em lugares secretos, onde passam o inverno sem comer, enterram-se no solo ou na lama no fundo de poças e valas para passar o inverno.

Durante seis meses, estão, por assim dizer, selados hermeticamente, muitos deles em invólucros de lama sólida, impedindo toda a possibilidade de respiração, e saem na primavera frescos e ativos. Víbora, quando jovens, foram encerradas, excluídas de tudo exceto ar, e cresceram e prosperaram com esse aparente magro alimento; aliás, dois cerastes, uma espécie de serpente egípcia mencionada pelo Dr. Shaw, viveram cinco anos numa garrafa bem rolhada, sem nada na garrafa senão uma pequena quantidade de areia. Quando as viu, tinham acabado de mudar de pele e pareciam tão vivas e ativas como sempre.

Há alguns anos, vi em Farnsfield, em Nottinghamshire, uma vala que estava a ser completamente limpa e escavada. Parecia ter-se enchido de terra e

lama compacta devido a anos de negligência. No fundo de mais de um pé de lama, tão compacta como manteiga, sobre a terra firme por baixo, encontrava-se uma camada regular de rãs. Foi um espetáculo espantoso! Dezenas de rãs, que, ao serem retiradas com a lama compacta — salvo aquelas que foram cortadas ao meio pela pá — acordavam rapidamente e saltavam para procurar novos abrigos. Se estas rãs podiam sobreviver seis meses neste invólucro quase sólido de lama viscosa, porque não seis ou qualquer número de anos?

Na minha obra “Dois Anos em Vitória”, relato que o Dr. Valentine, de Campbell-Town, Tasmânia, um naturalista experiente e homem de indubitável veracidade, me contou que, tendo recolhido alguns “hair-worms” (vermes finos) numa taça com água, os manteve durante algum tempo no seu laboratório; que depois os colocou num armário e se esqueceu deles. Três anos depois, precisando de uma taça para qualquer finalidade, e ao ver aquela no armário, tirou-a. Observando no fundo o que lhe pareceu um bolo de lama seca, passou o dedo uma ou duas vezes sobre aquilo, e como parecia lama seca, deitou água por cima e deixou dissolver. Ao regressar ao quarto, ficou espantado ao ver vários vermes finos na taça, ativos e vivos, e então lembrou-se do episódio de os ter colocado ali três anos antes.

Este facto é apoiado pelo Dr. Braid, que diz haver criaturas incapazes de migrar que, nos verões intensos dos climas tórridos, são preservadas por um estado de torpor provocado pela falta de humidade, os seus corpos secando devido ao calor excessivo. Este é o caso dos caracóis, que se diz terem sido reanimados com um pouco de água, após terem permanecido secos e dormentes durante quinze anos. O “vibris tritici” também foi restaurado à vida, depois de estar em torpor e aparentemente morto durante cinco anos e oito meses, simplesmente por ser embebido em água.

Alguns pequenos animais microscópicos parecem ter sido mortos e revividos uma dúzia de vezes, secando-os e depois voltando a aplicar-lhes humidade. Isto verifica-se de modo notável no caso dos “wheel-animalculi”; e Spallanzani afirma que alguns animalculos foram recuperados com humidade após um torpor de vinte e quatro anos. Segundo Humboldt, uma multidão de insetos microscópicos é levantada pelos ventos a partir das águas em evaporação. Imóveis e aparentemente mortos, flutuam na brisa, até que o orvalho os faz regressar à terra nutriente, rebentando o tecido que envolve os seus corpos transparentes e insuflando nova vida e movimento em todos os seus órgãos.

Humboldt acrescenta ainda que alguns grandes animais são lançados em morte aparente pela falta de humidade. Afirma que tal acontece com o jacaré e a jiboia durante a estação seca nas planícies da Venezuela, e com outros animais noutras partes. (Ver “Visões da Natureza”, de Humboldt, e “Hibernação Humana”, de Braid). Nesta última obra, são apresentados indícios de que este poder vital existe até no homem, sendo entre outras

provas, apresentado o grande caso de Lahore, do enterro e ressurreição do Fakir, testemunhado por Sir Claude Wade.

Todos estes factos apontam para a grande conclusão de que, se animais podem viver durante anos excluídos do ar, em substâncias sólidas, porque não haveria isto de suceder nas entranhas da terra, por qualquer número de anos? Enquanto a organização destes seres se mantiver preservada de danos por ação externa, porque não hão de continuar a reter o princípio vital por qualquer período de tempo, por mais imenso que seja? Os factos indubitáveis já apresentados provam que sim, e talvez o mais extraordinário desses factos ainda esteja por ser apresentado.

O Rev. Richard Cobbold, ao assistir às palestras do célebre geólogo Dr. Edward Daniel Clarke, escreveu a seguinte carta, mais tarde publicada, à sua mãe, a falecida e ilustre Sra. Elizabeth Cobbold, de Holy Wells, perto de Ipswich. A carta tem data de Caius College, Cambridge, 14 de Fevereiro de 1818:

“Devo aqui mencionar um dos espécimes mais interessantes que hoje nos foram apresentados. O que pensas, mãe, de um animal que vive agora à face da Terra, e que muito provavelmente é antediluviano? A tua primeira reação será: ‘Oh! tal coisa é impossível!’, e certamente eu próprio teria pensado o mesmo. Mas se tivesses ouvido o Dr. Clarke expressar a sua crença neste caso, com termos tão firmes e animados como eu hoje ouvi, terias ficado com a mesma impressão de confiança neste facto que eu agora tenho.

Um clérigo, amigo do Dr. Clarke, escavava uma pedreira de giz na sua propriedade. Um dia visitou os operários e deu ordens para que, caso encontrassem fósseis, os preservassem. Enquanto lá estava, viu-os extrair vários fósseis de equinodermes e de lagartos do género tritão.

Ora, presta atenção: um bloco de pedra de giz foi trazido de uma profundidade de quarenta e cinco braças desde a superfície da terra, o qual, ao ser partido, apresentou o curioso fenómeno de três criaturas inteiras que, ao serem extraídas do giz e colocadas sobre uma folha de papel pardo, foram deixadas ao sol enquanto o doutor e o seu amigo foram ver os trabalhadores. O sol incidia plenamente sobre elas. Quando regressaram, para seu espanto, viram que estavam a dar sinais de vida. Pelo calor do sol, foram de facto reanimadas.

Os senhores levaram-nas para casa, pensando que seria de extrema importância consegui-las preservar vivas. Duas delas morreram, estas foram apresentadas diante de nós, mas uma, colocada em água tépida, foi perfeitamente restaurada à a
tividade. Saltou e retorceu-se, estava tão bem como se nunca tivesse estado em torpor. Tornou-se tão ativa que saltou do recipiente onde estava

para o relvado do jardim, e escapou-se, pelo que, com toda a probabilidade, há agora um animal a viver sobre a terra que existia antes do dilúvio!

Para que não houvesse dúvida, o Dr. Clarke e o seu amigo fizeram grandes despesas a recolher tritões de várias partes do reino, mas nenhum se assemelhava a estes. São de uma espécie totalmente extinta, nunca antes conhecida. O Dr. Clarke tinha particular gosto em referir isto, pois esperava divulgar a informação por todos os países."

O facto de os tritões, como as rãs, serem animais anfíbios poderá talvez justificar o seu poder de reter a vida desta maneira extraordinária. Contudo, se alguém quiser ver esta questão completamente resolvida por factos inquestionáveis, só tem de consultar as obras do eminente naturalista Gosse.

Que homens como o Professor Owen, famosos como naturalistas fisiológicos, perante tantos factos como estes, e provas como as do Dr. Clarke e M. Seguin, sem falar de centenas de outras pessoas respeitáveis, neguem tais poderes à natureza — uma natureza cheia de maravilhas, quando a olhamos com atenção, nos instintos, modos de vida e transformações dos insetos, nos hábitos e funções das aves e animais maiores, no crescimento, nas propriedades mortíferas ou benéficas, nas glórias e essências das plantas — é uma triste prova do avanço dessa paralisia da fé nas operações de Deus na criação, que está a arruinar rapidamente a mente humana.

Se este espírito continuar, a alma do homem em breve terá sofrido uma gangrena mortal em todas as suas mais nobres faculdades, e deixará de ser outra coisa senão mecânica. Os seus triunfos nesse sentido parecem acontecer à custa de todas as faculdades e perceções mais elevadas. A própria Natureza é um conjunto de milagres, mas, todos os dias, aqueles cujo ofício é desenvolvê-los e demonstrá-los estão a negar até esses milagres. O Dr. Garth Wilkinson, na sua obra "O Corpo Humano em ligação com o Homem", afirmou bem: "Em nenhuma ciência o estado atual do conhecimento se manifesta de modo tão evidente como em fisiologia; em nenhuma é tão clara a escrita na parede.

Grande é o banquete dos professores aqui; mas Mene, Mene, Tekel, Upharsin, brilha mais que os seus candelabros." Os próprios professores reconhecem a vastidão do domínio que têm de percorrer, mesmo no seu próprio campo. O Dr. Carpenter diz: "Da maior parte da criação organizada, pouco se sabe com certeza. De nenhuma espécie — nem sequer dos nossos mais comuns animais nativos, nem mesmo do próprio homem — pode o nosso conhecimento ser considerado mais que imperfeito."

Contudo, ao perseguirem este tipo de conhecimento, os homens de ciência deleitam-se em obliterar os antigos marcos à medida que avançam. Se agora já não conseguem apreender factos como a tenacidade da vida nos

répteis, quão longe estarão de poder compreender os factos da vida espiritual?

Mal fora refutada com factos a negação da existência de sapos e rãs em pedra, carvão, etc., quando um escritor, assinando-se 'Y', negou de forma veemente, no *Times*, a evidência do fenómeno chamado "Fogo-fátuo" — o *ignis fatuus*. No entanto, as provas da sua ocorrência frequente não tardaram a ser apresentadas, especialmente pelo Dr. Phipson, autor de *Phosphorescence, or Emission of Light by Minerals, Plants and Animals*, que, a 4 de Novembro, não só demonstrou que os tinha visto ele próprio, como citou Beccaria, Humboldt e outros grandes naturalistas e filósofos naturais, em casos bem autenticados dessa luz, que parece ser apenas gás hidrogénio carbonatado, produzido pela decomposição de matéria vegetal em lugares pantanosos, em estado de ignição. O que se seguirá? Esperará o espírito restritivo da fé desta época que acreditemos que não há sol nem lua — que são apenas ilusões populares?

Mas ainda não chegámos ao fim deste processo de petrificação mental. Cristo disse: "Quando vier, encontrará fé na terra?" A inferência óbvia das suas palavras é que encontrará pouca; e a profecia, no seu rápido cumprimento, é uma das provas mais luminosas da veracidade da sua religião. Tudo o que sucedeu a Cristo, na sua missão divina, sem dúvida tipifica o que deve suceder à sua igreja. Ele foi "conduzido ao deserto para ser tentado pelo diabo"; e cada seguidor seu, e toda a sua igreja, têm de passar por esta provação.

Assim como foi rejeitado pelos grandes e doutos, também a sua igreja o será. Assim como teve de reconhecer "a hora e o poder das trevas" e de passar pela agonia e pelo suor de sangue, assim a sua igreja também terá de o fazer. Assim como foi julgado e condenado pelas autoridades deste mundo, também a sua igreja o será, enquanto os escribas e fariseus clamam incessantemente: "Crucificai-o!" Assim como foi executado em ignomínia, e até na deserção dos poucos amigos que lhe restavam, assim será a sua igreja. Mas, no momento dessa consumação, o feitiço satânico será quebrado, a terra será obscurecida, mas as rochas do orgulho intelectual endurecido serão fendidas, e o véu será rasgado, permitindo que o olho humano veja a vida espiritual além.

Assim como Cristo andou na Terra na sua missão aberta durante três anos, poderá ser necessário que percorra a Terra na sua igreja durante três mil anos, cumprindo nela o ciclo das suas dispensações prefiguradas. Mas ninguém pode deixar de ver a tendência determinada do percurso do mundo para esse cumprimento. O púlpito, cada vez menos espiritual, encontrar-se-á totalmente incapaz de enfrentar uma imprensa cada vez mais infiel. Na verdade, o púlpito e o trono episcopal já, neste país, ultrapassam a imprensa em infidelidade. Neste preciso momento, o Bispo de Natal publica um livro em que declara ter abandonado a história bíblica e prognostica que, dentro de cinco anos, nenhum jovem da Igreja de Inglaterra manterá fé nela.

Este bispo não se envergonha de admitir que chegou a esta condição humilhante pelas questões que lhe foram colocadas por selvagens africanos. Não seria isto de prever, quando a Igreja de Inglaterra, aquando da sua fundação, abandonou a certeza evangélica de que os milagres deviam acompanhar em toda a parte os verdadeiros ministros de Cristo? Como pode qualquer missionário converter os pagãos se vai ter com eles sem as credenciais celestiais, os poderes de fazer milagres, pelos quais os primeiros apóstolos convenceram e converteram os gentios? Uma igreja neste estado é um Sansão eclesiástico privado das suas tranças. Em vão esperamos de uma igreja assim desvirilizada a vida que deve converter o mundo.

E onde está agora a jactância favorita da igreja anglicana de que, tendo o cristianismo sido uma vez provado por milagres, essa prova seria suficiente para todo o sempre? Eis a resposta do Bispo Colenso: verificou que tal não basta para os kafres (infiéis) argutos. Recusam aceitar o cristianismo, exceto nas mesmas condições em que o mundo antigo o aceitou — acompanhado por aquelas evidências sobrenaturais que proclamavam a sua divindade. Têm razão, e o protestantismo está errado, e terá de ir à escola dos espiritualistas se não quiser cair em ruína total.

A hora e o poder das trevas avançam de forma portentosa.

O triunfo da incredulidade, gerado por uma união antinatural entre o protestantismo sem espírito e a filosofia de espírito demoníaco, tornar-se-á terrível para lá do que se pode conceber. A grande batalha do Armagedom terá de ser travada. Esses horrores agora tão debilmente tipificados pelo conflito assustador na América — o abandono de uma juventude de concórdia; a mão do irmão tingida do sangue do irmão; a sede de domínio tornada monstruosa; o brado da liberdade já não ouvido; o despotismo mais hediondo a espalhar-se sobre a terra descristianizada.

Os homens, tendo alcançado a sua grande esperança de extinguir a vida de Cristo, encontrar-se-ão, como Jean Paul no seu sonho, numa “horrorosa grande escuridão”, procurando por todo o universo um Poder divino, fraternal e paternal; buscando um Salvador, cada homem da sua própria alma assombrada de dores, e da ferocidade sem lei do seu vizinho. Essa será a hora das trevas após a crucificação final do nosso Salvador na sua igreja. Rezemos para que essa hora, e o reinado de infidelidade que a precede, sejam breves, pois, como o Salvador previu, se não forem abreviados, “nenhuma carne será salva”.

O triunfo da infidelidade só pode curar-se a si mesmo, no horror sombrio e no caos aterrador da sua própria experiência. Rezemos, então, para que este segundo caos sinta rapidamente o grande Espírito pairar sobre ele e o faça regressar à luz e à ordem. Que as provas espirituais do Evangelho nos sejam enviadas de forma mais palpável e abundante; pois a falta de

milagres embotou todas as armas lógicas da igreja protestante, pela sua renúncia voluntária aos dons espirituais de Cristo. No regresso deste espírito e manifestação de vida reside a única esperança, o único recurso da igreja cristã.

Rezemos, então, todos nós, para que o saudável equilíbrio da mente humana possa ser restaurado. Que sejamos dotados do vigor de julgamento necessário para pesar e distinguir o falso do verdadeiro, para reconhecer os factos naturais e espirituais, cada um no seu devido lugar; e assim evitar a superstição, por um lado, e o erro, muito pior, da incredulidade, por outro. Em suma, que o homem recupere da paralisia do seu intelecto nas suas regiões mais espirituais, e, mais uma vez, como as grandes mentes de todos os tempos, volte a possuir toda a amplitude da sua natureza, exercendo as faculdades naturais e espirituais na perfeição do seu ser. Jurieu, nas suas 'Cartas Pastorais', disse bem: "Há tempos em que os homens acreditam em tudo; neste em que agora estamos, não acreditam em nada." Ele considera que deve haver um equilíbrio, e que ao menos os homens deveriam acreditar em alguma coisa.

Que ser supersticioso é fraqueza, mas ser cético é ainda mais fraco, sendo a disposição mais fatal e deplorável do mundo. Que o facto de os historiadores não terem sido todos infalíveis não é razão para os tratarmos a todos por mentirosos; e se não o são, então a abundância de factos registados por eles prova a verdade da revelação. Desde os tempos de Jurieu, os céticos levaram as suas dúvidas históricas até ao âmago das Escrituras; e hoje vemos esses térmitas materialistas, com o traje de clérigos estabelecidos, munidos de sanção nacional, e sustentados no (…) quando a pregação é entregue ao cuidado de tais desgraçados tão pouco cristãos como tu."

Assim, do extremo da incredulidade irrompe a voz de uma convicção melhor, e a fé de todos os verdadeiros homens é justificada. O vigoroso e nobre poeta americano Whittier já o disse — O sobrenaturalismo de todos os países não é senão a exageração e deturpação de factos reais. Uma grande verdade subjaz-lhe. É a própria natureza a repelir as calúnias do materialista e a reivindicar o seu direito a um espírito informador e diretor de tudo — a expressão confusa e incoerente do seu protesto eterno contra "o tolo" que disse no seu coração: "não há Deus."

Esse equilíbrio da mente humana, cuja restauração se reclama com tanta urgência, Isaac Taylor, na sua obra 'Physical Theory of Another Life', diz que terá de chegar como uma necessidade moral. Ele diz: "Apesar dos preconceitos de todo o género, vulgares e filosóficos, os factos, de qualquer classe e tendência que sejam, acabarão por merecer a devida atenção como matéria de ciência — e pode prever-se a época em que uma reação completa se processará, e os verdadeiros princípios do raciocínio virão a abranger um campo imensamente mais vasto do que aquele que pode ser medido pela mão e pelo olho humanos" (p. 257).

Portanto, quaisquer que sejam as profundezas de incredulidade a que esta época ainda possa descer, nas palavras daquele poeta espiritual, e sofredor espiritual, William Cowper:

Assim para o céu tudo tende.
Pois tudo foi outrora perfeito,
e tudo há de, por fim, ser restaurado.
Assim Deus o determinou; pois de outro modo,
nas suas obras desonradas, ele próprio sofreria
desonra, e seria ofendido sem reparação.

FIM